

CAPA



**VI CONGRESSO
LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS
SOCIOCULTURAIS DO ESPORTE
ESPORTE, EDUCAÇÃO E SOCIEDADE:
DESDOBRAMENTOS E DEBATES
SOCIOLÓGICOS
10 ANOS**

patrocinador
CAPES

patrocinador
FAPESP

patrocinador
ALESDE
Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte

patrocinador
USP
FEESP
Sesc

CONTRACAPA / INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS

REALIZAÇÃO | REALIZATION | REALIZACIÓN



IDEALIZAÇÃO | IDEALIZATION | IDEALIZACIÓN



APOIO | SUPPORT | APOYO



SUMÁRIO

EIXO TEMÁTICO 1: ESPORTE E EDUCAÇÃO.....	9
LA CONVIVENCIA COMO CATEGORÍA ASOCIADA AL DEPORTE SOCIAL.....	9
CICLISMO URBANO E PROCESSOS EDUCATIVOS: CICLOATIVISMO COMO PRÁXIS DE LIBERTAÇÃO.....	23
¿SE ENSEÑAN LOS DEPORTES A TRAVÉS DE SU LÓGICA INTERNA? AVANCES EN LA INVESTIGACIÓN.....	39
A EVOLUÇÃO DOS PROJETOS SOCIO ESPORTIVOS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.....	47
PEDAGOGIA DO ESPORTE E PROJETOS SOCIOESPORTIVOS: IMPACTOS E REPERCUSSÕES NA FORMAÇÃO DISCENTE, DOCENTE E NA CULTURA ESPORTIVA EM UMA CIDADE NO INTERIOR DA BAHIA.....	63
LA CONVIVENCIA ESCOLAR EN CUATRO INSTITUCIONES DE BOGOTÁ Y SU PERCEPCIÓN FRENTE AL DEPORTE Y LA ACTIVIDAD FISICA.....	79
A PERCEPÇÃO DA CHEGADA DA IDADE NA CARREIRA ESPORTIVA NA GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA DE PORTUGAL.....	86
O FUTEBOL E A ESCOLA: DIFERENÇAS DAS FRÁTRIAS EM PROJETOS.....	89
"DO "TACO/BETS" AO BEISEBOL: UMA PROPOSTA DE ENSINO DO BEISEBOL FUNDAMENTADA NA METODOLOGIA DO TEACHING GAMES FOR UNDERSTANDING (TGFU)".....	91
FUTEBOL DE BOTÃO E CULTURA MAKER: POSSIBILIDADES DE DIÁLOGOS E APRENDIZAGENS.....	92
INCLUSÃO NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA É POSSÍVEL: PERSPECTIVAS DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA FÍSICA.....	94
O SENTIDO DA ESCOLARIZAÇÃO PARA JOVENS ATLETAS DE FUTEBOL E SEU CLUBE FORMADOR.....	95
CONTO TERESINHA E GABRIELA NA PERSPECTIVA DE CORPO E EDUCAÇÃO.....	98
PROJETOS ESPORTIVOS E ESCOLARES DOS ALUNOS ATLETAS DO GEO - GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO: ESCOLA VOCACIONADA PARA O ESPORTE DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.....	102
FORMAR PELO FUTEBOL COM BOLA NOS PÉS E LIVRO NAS MÃOS.....	104
PROGRAMA CEU OLÍMPICO, INICIAÇÃO ESPORTIVA E RESPONSABILIDADE SOCIAL.....	106
DESCOBRINDO O GOSTO PELO ESPORTE NA INFÂNCIA: REFLEXÕES ACERCA DA PRÁTICA ESPORTIVA POR CRIANÇAS ENTRE 6 E 10 ANOS.....	108
CORPO, ESCOLA E POLÍTICAS PÚBLICAS: O QUE RESTA?.....	112

EIXO TEMÁTICO 2: ESPORTE, COMUNICAÇÃO E MÍDIA.....114

OS MODELOS COMUNICACIONAIS DE LOUIS QUÉRÉ E SUA INFLUÊNCIA NO FUTEBOL..... 114

CESTA DE TRÊS: O TWITTER COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO DE MASSA DO BASQUETE FEMININO BRASILEIRO..... 128

PARTICIPAÇÃO FEMININA NO JORNALISMO ESPORTIVO TELEVISIVO: AVANÇO OU RETROCESSO?..... 143

A OBSESSÃO FEMININA PELO CORPO SARADO: UM ESTUDO DE CASO COM FISCULTURISTAS NA REDE SOCIAL INSTAGRAM..... 158

ANÁLISE DA DISTRIBUIÇÃO DE TEMPO DE ADOLESCENTES PARTICIPANTES DE UM PROJETO DE INICIAÇÃO ESPORTIVA..... 175

APLICATIVO DE BATE-PAPO COMO FERRAMENTA DE AÇÕES PEDAGÓGICAS NO BASQUETEBOL..... 177

EIXO TEMÁTICO 3: GESTÃO ESPORTIVA..... 179

CARACTERÍSTICAS DEL DEPORTE EXTRAESCOLAR CHILENO EL CASO DE LA REGIÓN DEL BIOBÍO..... 179

PROGRAMA DE GESTÃO DA QUALIDADE TOTAL EM VENDAS: O CASO DO JUDÔ..... 181

EIXO TEMÁTICO 4: ESPORTE E ÉTICA..... 183

VALORES MORAIS E PEDAGOGIA DO ESPORTE: ESTUDOS NO BRASIL.....183

ACTITUDES HACIA CAMBIOS GENÉTICOS EN POSIBLES FUTUROS DEPORTISTAS DESDE EL PRINCIPIO BIOÉTICO DE LA BENEFICENCIA (HACER EL BIEN)..... 194

DOPING EN TIEMPO PRESENTE: PERSPECTIVA DESDE EL PRINCIPIO BIOÉTICO DE LA NO MALEFICENCIA..... 196

EIXO TEMÁTICO 5: ESPORTE E SAÚDE..... 199

SIGNIFICADO DO CURSO DE PRÁTICAS AQUÁTICAS PARA ALUNOS ADULTOS DO SESC SANTOS..... 199

ESTUDIO PRELIMINAR DE LAS REPRESENTACIONES SOCIALES DEL CONCEPTO DE DOPAJE DEPORTIVO EN ESTUDIANTES DE LA FACULTAD DE EDUCACION FISICA DE LA UPN UN ENFOQUE ESTRUCRURAL.....212

EFFECTOS DE UN ENTRENAMIENTO DE FUERZA VS UNO BASADO EN LA VELOCIDAD MEDIA PROPULSIVA, SOBRE LA CAPACIDAD FUNCIONAL Y LA CALIDAD MUSCULAR EN ADULTOS MAYORES.....	216
FATORES RELACIONADOS À PRÁTICA DE HIDROGINÁSTICA NA UNIDADE SESC CONSOLAÇÃO.....	218
RISCOS FISIOLÓGICOS E OSTEOMUSCULARES EM CORREDORES AMADORES, UM ESTUDO DE CASO SOBRE ALUNOS DO PROGRAMA DE GINÁSTICA MULTIFUNCIONAL DO SESC 24 DE MAIO.....	220
PROCESSO DE APRENDIZAGEM EM PILATES: A “V” DE PILATES.....	222

EIXO TEMÁTICO 6: ESPORTE E GÊNERO.....225

CICLISMO URBANO E GÊNERO: POR UMA EXPERIÊNCIA DA MULHER CICLISTA PEDALANDO NA CIDADE.....	225
ESPORTE E GÊNERO: O CASO DA OLIMPÍADA UNIVERSITÁRIA UFU.....	240
“VAMOS MIGRAR”: NOTAS SOBRE A ENTRADA E A PERMANÊNCIA DE MULHERES LUTADORAS NO UNIVERSO DO MIXED MARTIAL ARTS.....	260
MULHERES NO MUNDO DO FUTEBOL: REPRESENTAÇÕES.....	272
EL ROL DE LA MUJER EN EL DEPORTE NACIONAL. EL CASO DE LA REGIÓN DEL BIOBÍO.....	287
MULHERES NOS ESPORTES DE COMBATE: UMA LUTA CONTRA A DISCRIMINAÇÃO DE GÊNERO.....	289
FUTSAL FEMININO: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO POR MEIO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO NO IFSP - CÂMPUS SERTÃOZINHO.....	291
.....ESPORTE E GÊNERO: PRÁTICA E REFLEXÃO PARA A AUTONOMIA E DESCONSTRUÇÃO DE RÓTULOS CULTURAIS CRIADOS NO UNIVERSO ESPORTIVO.....	293
PRECONCEITO DE GÊNERO: PERCEPÇÕES NO FUTSAL FEMININO UNIVERSITÁRIO.....	295
CORRIDA DE MONTANHA E A PRESENÇA FEMININA.....	297
FUTEBOL AMADOR COMO “PRÁTICA DE RESERVA MASCULINA” NA CIDADE DE SANTANA DO CARIRI, CEARÁ.....	299

EIXO TEMÁTICO 7: ESPORTE E INCLUSÃO SOCIAL.....301

O TRABALHO DAS ASSISTENTES SOCIAIS JUNTO ÀS FAMÍLIAS DOS ALUNOS DA ASSOCIAÇÃO LUTA PELA PAZ.....	301
A VISÃO DOS PAIS/RESPONSÁVEIS SOBRE O PROGRAMA FORÇAS NO ESPORTE NA MARINHA DO BRASIL.....	315

FUNDAÇÃO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO SPORT CLUB INTERNACIONAL (FECI) E SEUS PROJETOS SOCIAIS: UMA PARTIDA DE COMPROMISSO COM A RESPONSABILIDADE SOCIAL, ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO SOCIAL.....	335
A INCLUSÃO SOCIAL NA PERCEPÇÃO DE GESTORES MUNICIPAIS DE ESPORTE E LAZER.....	348
NOTAS SOCIOANTROPOLÓGICAS SOBRE MINORIAS NO ESPORTE.....	350
CEFAN ROMPENDO O TEMPO COMO MODELO NO ATENDIMENTO AS CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM VULNERABILIDADE SOCIAL: “COLÔNIA DE FÉRIAS” E “PROGRAMA FORÇAS NO ESPORTE”	352
IMPLEMENTAÇÃO DA GINÁSTICA PARA TODOS EM ONGS: A TUTORIA COMO ESTRATÉGIA PARA AS ADEQUAÇÕES A DIFERENTES CONTEXTOS SOCIAIS	354
RUÍDOS DE UM CORPO DANÇANTE NO SILÊNCIO DO CÁRCERE.....	356
A 'CAPOEIRA' COMO FORMA DE EMPODERAMENTO FEMININO NA PRISÃO.	358
RETOS Y SENTIDOS DEL DEPORTE SOCIAL EN COLOMBIA.....	359
ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO INTERDISCIPLINAR EM PROJETOS SOCIAIS QUE UTILIZAM ESPORTE E CULTURA COMO MEIO PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO.....	361
EIXO TEMÁTICO 8: ESPORTE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA....	363
ASPECTOS DAS ARTES MARCIAIS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: ALÉM DA LUTA.....	363
A REINVENÇÃO DO TEMPO NO PROCESSO DE TRANSIÇÃO DE ATLETAS CONVENCIONAIS PARA O MOVIMENTO PARAOLÍMPICO.....	376
A IMPORTANCIA DA ATIVIDADE FÍSICA PARA OS PORTADORES DE DEFICIÊNCIA FÍSICA.....	385
ALIVE AND KICKING PROJECT.....	387
EIXO TEMÁTICO 9: ESPORTE E POLÍTICAS PÚBLICAS.....	388
NO CAMINHO DO ESPORTE EDUCACIONAL: ENTRE AÇÕES, PARCERIAS E DISPUTAS.....	388
A TEORIA DA MODERNIZAÇÃO REFLEXIVA E SUAS APROXIMAÇÕES COM A ANÁLISE DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE ESPORTE NO BRASIL.....	401

IMPLEMENTACIÓN DE LA LEY DE DISCAPACIDAD Y POLÍTICA NACIONAL DE ACTIVIDAD FÍSICA Y DEPORTE 2016-2025: LA EXPERIENCIA DE DEPORTISTAS AMATEUR CON DISCAPACIDAD VISUAL EN CHILE.....	411
EMENDAS INDIVIDUAIS E O ORÇAMENTO ESPORTIVO NO BRASIL.....	417
INFLUÊNCIA DAS ENTIDADES NA FORMAÇÃO DE ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO: CASO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA BRASILEIRA.....	419
EFEITO RELATIVO DA IDADE EM ATLETAS BRASILEIROS DE TAEKWONDO: UMA ANÁLISE A PARTIR DO PROGRAMA BOLSA ATLETA.....	421
AS CARACTERÍSTICAS DE DISTRIBUIÇÃO DE BOLSAS POR IDADE NO PROGRAMA BOLSA-ATLETA.....	423
OS CLUBES ESPORTIVOS COMO PARCEIROS DO GOVERNO FEDERAL NO DESENVOLVIMENTO DA NATAÇÃO BRASILEIRA.....	426
POLÍTICAS DE ESPORTE NO BRASIL: UMA REORIENTAÇÃO DO OLHAR AO FENÔMENO.....	428
DIAGNÓSTICO QUANTITATIVO E QUALITATIVO DOS PROJETOS DE INICIAÇÃO ESPORTIVA E TREINAMENTO ESPORTIVO OFERECIDOS PELO GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS DE 2011 A 2018.....	430
AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE ESPORTE IMPLEMENTADAS EM GOVERNOS IDEOLOGICAMENTE DISTINTOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO ESTADO DA BAHIA (1991-2018).....	431
EIXO TEMÁTICO 10: ESPORTE E VIOLÊNCIA.....	433
VIGIAR E PUNIR O TORCEDOR: UMA REFLEXÃO SOBRE AS TECNOLOGIAS DISCIPLINARES NO CONTEXTO DO FUTEBOL BRASILEIRO E CHILENO....	433
AGUANTE, FUTBOL Y RESILIENCIA.....	447
EIXO TEMÁTICO 12: ESTUDOS OLÍMPICOS.....	448
A INFLUÊNCIA DOS JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016 NA PRÁTICA DA ATIVIDADE FÍSICA: O CASO DOS ESPECTADORES DOS JOGOS DE FUTEBOL DO ESTÁDIO MINEIRÃO EM BELO HORIZONTE.....	448
A INVISIBILIDADE DO HOMEM TRANS NOS ESPORTES DE ALTO RENDIMENTO.....	462
DO QUE ESTAMOS FALANDO QUANDO FALAMOS EM EDUCAÇÃO OLÍMPICA?	472
SKATE RUMO AOS JOGOS OLÍMPICOS PELO OLHAR DE SANDRO DIAS.....	487
MEGAEVENTOS ESPORTIVOS E DIREITOS HUMANOS: COMO A COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO 2014 IMPACTOU AS COMUNIDADES ATINGIDAS PELAS OBRAS DO EVENTO EM PORTO ALEGRE?.....	496
O IMAGINARIO ESPORTIVO E CULTURA CONTEMPORÂNEA.....	510

LEVEL UP DOS JOGOS OLÍMPICOS COM E-SPORTS.....	523
REVISITANDO A QUESTÃO DA RAÇA: POR UMA 'CRÍTICA DA RAZÃO NEGRA' NO ESPORTE BRASILEIRO.....	532
EDUCAÇÃO OLÍMPICA - UMA PROPOSTA PARA SIGNIFICAR ESPORTE E EDUCAÇÃO.....	534
EIXO TEMÁTICO 13: ESPORTE, ÓCIO E LAZER.....	536
O LAZER COMO FERRAMENTA PARA A SOCIALIZAÇÃO.....	536
AL VAIVÉN DEL TEJO, ENTRE JUEGO Y DEPORTE: UNA APROXIMACIÓN ETNOGRÁFICA A LA PRÁCTICA DEL TEJO EN BOGOTÁ.....	551
O DESENVOLVIMENTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE ESPORTE E LAZER NO BRASIL: SEMINÁRIOS DO CENTRO MG DA REDE CEDES.....	566
CROSSFIT COMO UMA ALTERNATIVA DE LAZER E SOCIABILIDADE A PARTIR DAS TEORIAS SOCIAIS DE PIERRE BOURDIEU E GEORG SIMMEL.....	568
O LAZER NA EMPRESA E SEUS IMPACTOS NA QUALIDADE DE VIDA E PRODUTIVIDADE DO TRABALHADOR.....	569
EIXO TEMÁTICO 14: ESPORTE E HISTÓRIA.....	573
FÚTBOL, BARRAS BRAVAS Y CONVIVENCIA EN COLOMBIA. INVESTIGACIONES ACADÉMICAS EN LOS ÚLTIMOS 15 AÑOS.....	573
AUTOMOBILISMO ESPORTIVO E IDENTIDADE NACIONAL NO MÉXICO DO SÉCULO XX.....	666
LA IDENTIDAD LIMEÑA POPULAR DEL CLUB ALIANZA LIMA. LIMA, 1927-1936.....	683
DUALISMO CORPO-MENTE NO ESPORTE.....	700
A GINÁSTICA E AS SUAS RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA.....	710
COMPRENDIENDO EL SURGIMIENTO DE LOS CLUBES DEPORTIVOS CHILENOS DESDE UNA PERSPECTIVA SOCIO-HISTÓRICA.....	723
ENTRE AS BRINCADEIRAS E OS ESPORTES: DIVERTIMENTOS NOS RIOS DA CIDADE DE SÃO PAULO (1899-1940).....	726
PRODUÇÃO HISTÓRICA NA REVISTA DA EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE MARINGÁ (UEM).....	728
O TURNEN E A TRAJETÓRIA DE UM GINÁSTA - DEPOIMENTO.....	730
BAISEBOL E SOFTBOL: REFLEXÕES SOBRE O RETORNO OLÍMPICO.....	731
O CICLISMO DE ESTRADA COMO UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: UM OLHAR SOBRE O TOUR DE FRANCE.....	733

COPA DO MUNDO DE 1938: UMA HISTÓRIA DE IDENTIDADE.....	735
RAÇA, CLASSE E PODER: O FUTEBOL EM SÃO PAULO E RIO CLARO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.....	737
OLHAR SÓCIO CULTURAL DAS APRESENTAÇÕES DE GINÁSTICA DE GRANDE ÁREA REALIZADAS NO SLET 2018.....	739
FUTEBOL DE BOTÃO COMO EXPERIÊNCIA DE SUBLIMAÇÃO CIVILIZADORA EM TEMPOS DE COPA DO MUNDO.....	741

EIXO TEMÁTICO 1: ESPORTE E EDUCAÇÃO

LA CONVIVENCIA COMO CATEGORÍA ASOCIADA AL DEPORTE SOCIAL

Victor Hugo Duran

Universidad Pedagógica Nacional (Colombia)

Resumen

La siguiente reflexión surge del proceso de observación de las tesis de grado producidas por la Universidad Pedagógica Nacional (Colombia) en el énfasis de Deporte Social. Cuestiona la forma de inclusión y uso de la categoría de "convivencia" y su construcción académica, en tanto refleja una concepción idealizada, reduccionista y descontextualizada del deporte, recayendo en el activismo metodológico, lo cual es reiterativo en la propuesta de tesis de los estudiantes. Para las reflexiones, se analizaron los documentos de tesis producidos en el énfasis en mención y las respectivas sustentaciones de grado del año 2016 y 2017. Se hace evidente que la categoría de convivencia contempla múltiples connotaciones, por lo cual, se requiere especificar, delimitar y resignificar las categorías del ámbito del deporte social, desde la investigación exploratoria.

Palabras clave: Deporte social, convivencia, investigación.

A convivência como categoria associada ao esporte social

Resumo

A presente reflexão é o resultado dos processos de observação dos projetos finais do Programa de graduação produzidas pela Universidade Pedagógica Nacional (Colômbia) na ênfase dos esportes sociais. Questiona a forma de inclusão e uso da "coexistência" como categoria e sua construção acadêmica, pois reflete uma concepção idealizada, reducionista e descontextualizada do esporte, recaindo no ativismo metodológico, que é reiterativo na proposta final do projeto dos alunos. recaindo no ativismo metodológico, que é reiterativo na proposta de tese dos alunos. Para as reflexões, foram analisados os documentos de tese produzidos na ênfase em menção e os respectivos fundamentos do grau do ano de 2016 e 2017. Torna-se evidente que a categoria de coabitação contempla múltiplas conotações, para as quais é necessário especificar, delimitar e ressignificar as categorias do campo dos esportes sociais, a partir da pesquisa exploratória.

Palavras-chave: Esportes sociais, convivência, pesquisa.

Coexistence as a associated category to social sports

Abstract

The present reflection is the result of the observation processes from final projects of the Bachelor Program in Sport produced by the National Pedagogical University (Colombia) within the emphasis of Social Sports. It questions the form of inclusion and use of "coexistence" as category and its academic construction, as it reflects an idealized, reductionist and decontextualized conception of sport, relapsing into methodological activism, which is reiterative in the students' final project proposal. For the reflections, the documents produced at the emphasis in mention and the respective underpinnings of the degree of the year 2016 and 2017 were analyzed. It becomes evident that the category of cohabitation contemplates multiple connotations, for which, it is necessary to specify, delimit and resignify the categories of the field of social sports, from exploratory research.

Keywords: Social sports, coexistence, research.

Contexto Institucional

En la Universidad Pedagógica Nacional (Colombia), la Licenciatura en Deporte presenta la estructura de los énfasis como lugar para el desarrollo de los proyectos de grado, allí se producen categorías de análisis que sirven de base para acumular conocimientos disciplinares, cumpliendo una doble función: la primera en términos de formación de los estudiantes en una lógica particular de comprender el deporte desde la perspectiva del deporte social, la segunda, como proceso investigativo en el campo disciplinar, en donde cada énfasis profundiza sobre su objeto de estudio y postula sus hallazgos como conocimiento científico y saber acumulado.

Las categorías propuestas suponen una revisión documental sistemática y analítica, lo cual permite al énfasis de deporte social (en adelante, el énfasis), resignificar sus fundamentos epistemológicos y apropiarse de las categorías provenientes de otros campos teóricos, de tal manera que dichas construcciones conceptuales se validen en esta comunidad académica y se consoliden como una estructura robusta y rigurosamente articulada.

La presente reflexión se origina en la participación y escucha atenta de los procesos de sustentación de los trabajos de grado del énfasis en mención, que hacen evidente cierta ligereza en la construcción de conceptos, categorías y metodologías específicas en el deporte social, generando ambigüedades

teóricas para su desarrollo, o en otros casos, recayendo en reduccionismos, e incluso, propiciando miradas superficiales sobre el objeto de estudio del deporte social, el cual debe enriquecerse por las propuestas investigativas de los docentes y estudiantes que conforman este énfasis.

Este escrito en particular pone en cuestión la categoría “Convivencia”, muy utilizada como propósito de las prácticas asociadas al deporte, en los discursos de tesistas, al igual que en los programas gubernamentales en donde el deporte se propone como mediación para lograr transformaciones sociales. (Valdemoros, Ponce, Ramos y Sanz, 2011; Urrea, 2015; Puentes, 2015)

Para ello, se abordará, de manera inicial, algunos aspectos sobre la construcción del concepto de convivencia, las connotaciones e implicaciones del mismo en el contexto social, para cuestionar su uso en el campo educativo y principalmente para problematizar su inclusión en los desarrollos teóricos y metodológicos del énfasis de deporte social y las tesis que de allí se deriven.

“Convivencia”, Una aproximación Etimológica

Según el diccionario de la real academia de la lengua, la convivencia se define en la “Acción de convivir”, es decir, vivir en compañía de otro u otros, en términos etimológicos, la palabra “convivir” deviene del latín convivere, sus componentes léxicos son: el prefijo (con) que refiere a (junto) y la palabra “vivere” cuyo significado incluye el: existir, subsistir, no estar muerto, que en concordancia con su definición, lleva implícita la acción de “vivir con otros”.

Algunas referencias encontradas señalan que la etimología en transcripción española deviene del latín conviventia, participio presente del verbo convivere, que significaría "todo aquello que convive", mostrándose interesante el paralelo entre los conceptos de convidad y convivier, haciendo alusión al convidar, los cuales comparten origen y significado.

Así las cosas, convivir y comer remiten al acto de estar en compañía del otro y compartir, ya sea la vida o en el segundo caso, la mesa, el concepto presenta como significado metafórico profundo, la acción generosa y de absoluta confianza necesaria para convidar al otro a la mesa, de igual forma, la retribución del convidado al aceptar compartir aquello que es íntimo. En términos religiosos, es comprendido desde el concepto de comunión, que

aunque implica de manera literal el compartir las construcciones simbólicas de una tradición en particular asociada a la creencia, refiere al estar con el otro bajo cierta atmosfera de confianza, hermandad, unión, bondad, es decir, comulgar con el anfitrión, comer del mismo plato.

Desde una perspectiva sociológica, la convivencia implica una mirada sobre las relaciones, la coexistencia, vivir en compañía de otros individuos, encontrar la manera de estar juntos, como cuestiona Touraine (2003), porque más allá del estar con otros, sugiere un propósito individual y colectivo, en tanto la convivencia estaría condicionada por la consecución de un carácter pacífico, armonioso y [sereno](#), alejándose totalmente de las disputas, riñas o discusiones entre las personas que conviven, sin embargo, dichas características representan un ideal, o si se quiere una idealización social, una utopía como horizonte de sentido, ¿qué individuos o grupo social tiene la capacidad de habitar en ausencia de diferencias?, cabría entonces la pregunta por su pertinencia de una definición lejana a las condiciones reales de desarrollo de lo humano.

Se estaría entonces, inmersos en la discusión sobre la existencia de puntos intermedios, comprender que el ser humano ha reconocido múltiples manifestaciones de la convivencia (adecuadas y no tan adecuadas), en tanto el ser humano se reconozca en su condición social y gregaria, hará uso de formas de estar con el otro, independiente de las características y valoraciones que le atribuya.

Consecuentemente, los grupos sociales promueven - fundamentalmente- la manifestación de un comportamiento colectivo que permita estar con el otro de manera viable, un claro ejemplo de ello es la reiterativa promoción de la tolerancia como valor, principio o actitud individual, que permite de alguna manera sortear la insoportable presencia del otro.

Por ello, la psicología social ha generado postulados que ubican la convivencia en el campo de la regulación del comportamiento humano, reforzando algunas ideas como: que el ser humano es sociable, que necesita permanecer en sociedad y que la salud mental de un individuo o un colectivo social, se encuentra dependiente de las interacciones que allí se generen.

Así las cosas, la etimología del concepto nos lleva a una idea central, la convivencia implica fundamentalmente el permitir vivir, pues no tendría

ningún sentido sin la existencia del otro, en segunda instancia el poder vivir juntos, como ya se ha señalado, el prefijo “con” así lo requiere, el estar juntos es condición sine qua non, no obstante, parte de las discusiones presentadas en este escrito refieren a un tercer aspecto, y se trata de la pregunta: ¿de qué manera vivimos juntos?

Producción Académica Del Concepto De Convivencia

La investigación vinculada al concepto en cuestión, se orienta hacia la escuela y el ideal de convivencia escolar, la convivencia en el aula (principalmente frente a la relación entre actores educativos); la convivencia comunitaria ligada a problemáticas sociales de acción y participación comunal, prácticas juveniles, seguridad ciudadana y consumos, etc.

De igual manera los antecedentes permiten identificar apuestas metodológicas con distintas medicaciones, todas ellas con la pretensión de potenciar un tipo ideal de convivencia, en este escenario, la práctica deportiva es una de las mediaciones más nombradas y privilegiadas para promover la sana convivencia, sobre todo en contextos y poblaciones consideradas marginales.

Sin embargo, también se identifican dinámicas sociales en donde la convivencia es el producto de la imposición y el control totalitario sobre objetos de posibles conflictos. Según Molina (2005)

Los principales objetos de conflicto que se distinguen en los procesos de resistencia analizados son: (a) el territorio; (b) las políticas económicas; (c) los proyectos de desarrollo; (d) la libertad; (e) la comunicabilidad; (f) el aprovechamiento de la fuerza de trabajo; (g) la formación de proyectos de vida; (h) la gobernabilidad; y, (i) los derechos humanos fundamentales. (P.10)

La historia nacional, ha ejemplificado la manera forzada y totalitaria de gestionar la convivencia, para garantizar control hegemónico sobre los ya mencionados objetos de conflicto, a continuación, tres ejemplos:

Caso 1: La mano negra:

En la década de los 80 (s), Vehículos sin placa se paseaban por barrios marginales, las noches oscuras eran presagio de la desaparición de jóvenes de estratos bajos, habitantes de los barrios periféricos. Bajo el estigma de delincuente y lumpen de la comunidad, eran atrapados por la llamada “mano negra”¹, convirtiéndose posteriormente en un número más del registro de desapariciones forzadas en Colombia.

Lista en mano fueron requeridos y ajusticiados miles de jóvenes colombianos catalogados como escoria social, en aras de la convivencia y con el propósito de mejorar la cotidianidad, ingenuamente se pensó que, la mal llamada limpieza social haría posible el vivir mejor, y en consecuencia, se abrieron las puertas al miedo y al terror, se perdió la libertad.

Según plantean los archivos del centro de memoria histórica:

Durante la década de los ochenta, miembros del Ejército, la Policía, la SIJIN (Seccional de Investigación Criminal) o el extinto F2, participaron directamente en patrullajes, acciones de inteligencia y ejecuciones de exterminio social (CNMH-IEPRI, Entrevista a habitante joven, 2015). Las explicaciones para este actuar difieren, desde afirmar que se producía por iniciativa individual de agentes vinculados a las instituciones antes mencionadas, hasta sugerir que las órdenes venían desde las altas cúpulas, forzando su realización sin uniformes oficiales y con camionetas y motos sin placas o con placas falsas (CNMH-IEPRI, 2015, Entrevista a líder comunal).

La nota distintiva de la primera época fue la circulación de listas con los nombres de las futuras víctimas, procedimiento que se interpreta como el resultado de las labores de inteligencia adelantadas por agentes de la Policía. Lo mismo se afirma de las pintas plasmadas en las paredes de varios barrios, pintadas por la Policía con el objeto de amedrentar la juventud: “Cascadas gratis”, se leía (CNMH-IEPRI, 2015, Entrevista a lideresa comunitaria).

Lo cierto es que en la investigación titulada Hasta encontrarlos: dinámicas y dimensiones de la desaparición forzada en Colombia. Del Centro de Memoria Histórica (CMH, 2016), señala con indignación que desde la década de los 70 y en un periodo de 45 años, 60 mil personas desaparecieron forzosamente.

¹ Manera de referirse a grupos armados, responsables de la desaparición forzada de personas en la comunidad.

Según la investigación, este flagelo se empleó para “castigar, para impedir la organización, para propagar el terror y ejercer control territorial y para ocultar la dimensión de los crímenes cometidos” (p.26).

Sin embargo, este panorama tan sombrío fue orquestado por distintos actores, algunos muy cercanos a la comunidad y que, “con buenas intenciones”, hicieron posible la identificación y posterior desaparición de los señalados, lo cual se lee en un reporte del periódico el tiempo del año 1991, el cual afirma:

La cooperación entre policías y miembros de la comunidad para agenciar el exterminio se hizo corriente. Un habitante afirmó con desparpajo a un medio que en ciertos casos críticos la Policía y la “comunidad” asumían la tarea de vigilancia, pues “vamos a hacer una limpieza para acabar con los expendios de bazuco, aquí hay muchas ollas. Yo hablé con unos de la Policía y la labor es salir de noche a marcar las puertas con un spray” (El Tiempo, 1991, septiembre 1 citado en CNMH, 2015).

No solamente se hacía la operación conjunta, se armaban los perfiles mediante la investigación de los nombres, los horarios de desplazamiento y los datos de la morada de las víctimas: “Era su oficio, se sentaban en los billares a escuchar la gente porque ahí llegaban los pillos a contar lo que se acababan de robar o a venderlo, para luego pasarle el dato a la Policía” (CNMH - IEPRI, 2015, Entrevista a mujer joven). La postración de la justicia y, por su intermedio, del Estado, era total. No se actuaba de manera legal para detener a presuntos delincuentes, pero sí se llevaban a cabo ajusticiamientos extralegalmente.

Tiempos recientes La incursión del paramilitarismo durante la primera mitad de la década del año 2000 relegó a un segundo plano las ejecuciones realizadas por los agentes del Estado. [...] A los policías y agentes de inteligencia se les llama “rayas”. Limpieza social, Una violencia mal nombrada son escasos y nebulosos. Todo lo contrario, sucede tras la desmovilización, cuando acciones atribuidas a agentes de la Policía vuelven a ser visibilizadas: “La última limpieza que hicieron no fueron las bandas, que fue cuando se calmó muchísimo esto, era la Policía” (CNMH-IEPRI, 2015, Entrevista a habitante de la localidad).

Las denuncias se multiplican. Por una parte se le liga al ejercicio sistemático del terror, promovido en ocasiones con personas militares presentes en la zona: “Tú puedes ver el batallón (...) a eso de las tres o cuatro de la mañana entran los policías, la limpieza social y matan al que sea” (CNMH-IEPRI, 2015, Entrevista a habitante de la localidad).

Caso 2: Convivir - por convivencia:

Iniciando la década de los 90 aparece en la escena nacional las llamadas CONVIVIR, que según el decreto Ley 356 de 1994 hace referencia a los “nuevos servicios especiales de seguridad privada” que harían frente a la oleada de actos delictivos generados por la guerrilla en zonas de orden público, en contra de los intereses de ganaderos, terratenientes y empresarios locales.

Parte de los beneficios adquiridos por estas organizaciones, incluía el porte de armas y equipos privativos de las fuerzas militares, todo esto bajo la pretensión de proteger a las comunidades y colaborar con la fuerza pública en la lucha con los grupos al margen de la ley.

No mucho tiempo después de su constitución, las convivir ya generaban controversias a nivel nacional por sus acciones y extralimitación de sus funciones, a nivel internacional la Comisión Interamericana de Derechos Humanos, señalaba con preocupación la estrecha relación entre estos grupos, las fuerzas militares y el paramilitarismo en expansión, quienes son señalados de múltiples asesinatos extrajudiciales y desapariciones forzadas en la población civil.

La desaparición forzada según el centro de Memoria Histórica:

“Empezó siendo una herramienta empleada por agentes del Estado contra activistas asociados a la izquierda y se convirtió en un arma de paramilitares y guerrilleros que afectó a personas de características muy diversas: campesinos, sindicalistas, habitantes de calle”, señala el Informe y agrega que “el Estado no solo tiene la responsabilidad de haber participado como autor o cómplice sino por su incapacidad de cumplir con el deber constitucional de protección”.

Según reveló el Centro Nacional de Memoria Histórica -CNMH- en reciente investigación titulada Hasta encontrarlos: dinámicas y dimensiones de la desaparición forzada en Colombia, entre los años 1977 y 2015 se registraron 60.630 casos de personas desaparecidas en el país. Una cifra que causa escozor si se tiene en cuenta que durante la época de la dictadura de Augusto Pinochet en Chile se registraron 12 mil denuncias de personas desaparecidas, mientras que en Argentina, también durante los años de las dictaduras, cerca de 30 mil personas fueron retenidas y desaparecidas.

Curiosamente bajo el nombre de “convivir” se inició un proceso organizativo cuyo sentido expreso era la colaboración con el estado y protección de las comunidades, el cual se desvirtuó con: la restricción de libertades individuales y colectivas en las comunidades donde hacían presencia para regular el comportamiento de los sujetos, lo cual lleva implícito la aniquilación de todo aquel que fuera percibido como contrario o simpatizante de ideologías distintas, el apoyo y fortalecimiento de los grupos de autodefensa, que junto a los procesos de desaparición forzada, generó, según el CMH, daños sociales, políticos, morales y psicológicos en muchas familias del país, que en algunos casos, ha llegado a ser irreparable.

Caso 3: Los centros carcelarios:

Quienes han estado cercanos a las instituciones carcelarias, tanto en Colombia como en el exterior, dan cuenta de una serie de dinámicas que se establecen como realidad interna, con lógicas y normas de permanencia y subsistencia en donde el poder que se detenta ha de ser el único garante para la obtención del respeto, la lealtad y la obediencia, para mantenerse vivo en un contexto complejo.

Como se hace evidente en las siguientes narraciones que son parte del documento “de las tinieblas hacia la luz, un relato escrito desde la cárcel” crónica de Mercado (2016).

De todas maneras ese no era mi problema —pensaba—. Ya estaba en el patio que me asignaron, el número 4. Fui conociendo a los demás internos en el transcurrir de los días. Ver matar a uno o a otro era pan de cada día, pues allí era todo muy delicado, hasta por una mirada te podías morir. Por eso aprendí a ser cauteloso y astuto, para no tener inconvenientes con nadie, ya que en esa penitenciaría había manes pagando condenas hasta de cien años y aún más. Por ese motivo no les importaba cometer otro delito dentro de la cárcel, ya que sabían que no tenían salidero de allí.

Para ese entonces las instituciones penitenciarias no pertenecían al Inpec, sino a la Dirección General de Prisiones. Los guardias no tenían la calidad profesional de hoy en día. El que quería ser guardia solo tenía que ponerse el uniforme azul y tener un palo

en la mano. Con eso ya era un guardián con el salvoconducto para subyugar, marginar y hasta matar a un interno a punta de garrote. Fue por ese motivo que me tocó luchar en ese mundo de muertos vivientes, donde nadie quiere a nadie.

Yo por lo general fumaba marihuana, lo hacía para estar con los ánimos bien abiertos y también por el inmenso frío que hacía. Para ese entonces un bareto costaba un peso. Eso era delicado porque si tú sacabas fiado un bareto y después no lo podías pagar, te quitaban la vida. Esa era la rutina de todos los días, heridos, muertos, drogas y negocios clandestinos con los guardias. (Mercado, 2016)

Como se puede evidenciar, la cotidianidad en los centros carcelarios como contexto de alta complejidad, se resuelve en la toma estratégica de decisiones, siendo la supervivencia el principal propósito. Quien allí se encuentra, debe interpretar y apropiarse de manera efectiva las dinámicas, normas explícitas e implícitas y formas establecidas; aprender los lenguajes y ritos; compartir los valores y establecer las lealtades necesarias para poder ser y existir, para hacer parte de los procesos internos de convivencia.

Implicaciones Sociales de la Convivencia:

Los casos en mención - aunque cuestionables- nos permiten reflexionar sobre las implicaciones del concepto de convivencia, cada uno de los contextos implica en sí mismo una forma de convivir, una forma de estar con el otro, una dinámica que le permite al sujeto interactuar con el colectivo y tramitar la norma para anclarse al ideal político predefinido por el contexto y los sujetos que allí interactúan.

Cada caso muestra la manera en que las acciones humanas buscan regular las conductas individuales frente al ideal colectivo, pretenden de igual manera, la asimilación de normas configurando ideas de convivencia presentes en la dinámica social y ligadas a los parámetros de la condición humana.

Por ende, la convivencia puede transformarse en un discurso o práctica que difiere radicalmente del ideal ético presente en la coexistencia, y aun así, conservar coherentemente una correspondencia con su definición, para ser más claros, los casos en mención nos enfrentan a construcciones sociales

contextualizadas, en donde se moldean formas particulares de coexistir aun cuando transgreda lo deseable.

Para lograr imponer una idea de convivencia, sectores de la comunidad generaron listas para que grupos armados “limpiaran” al barrio de aquellos miembros que, según su criterio, lesionaban el ideal de coexistencia pacífica; con la bandera de la convivencia, terratenientes, hacendados y empresarios en el territorio nacional, dieron fuerza a milicias privadas de seguridad que llevaron terror y muerte a todos los rincones del país; las acciones de las convivir, las autodefensas y guerrillas Colombianas son intentos por regular el comportamiento de la población civil, la disminución de riñas, problemas entre vecinos, delincuencia común, so pena de ajusticiamiento - de las maneras más brutales y explícitas posibles- constituyéndose en mecanismos de coerción social que instauran un supuesto orden, una tensa calma traducible para algunos como convivencia pacífica.

Desde la idea de convivencia, los contextos carcelarios establecen lógicas internas de coexistencia, en donde se deja claro las relaciones de poder, los mecanismos de solución de conflictos, las prácticas de regulación de la norma implícita, el esquema de lealtades y el establecimiento de límites sobre lo que es permitido en el micro-contexto.

Así las cosas, se puede afirmar que la convivencia no siempre responde a un ideal ético, político y axiológico en las relaciones sociales, puesto que la coexistencia como propósito fundamental puede ser concebida por distintas vías, entre ellas: la vía del miedo colectivo, la coerción y el terror, como bien nos lo enseña la historia de las dictaduras a nivel mundial y los casos en mención que retoman hechos documentados de la historia nacional. En contraposición, surge la vía de la convicción personal y la democracia, donde el acto consiente, el empoderamiento político, la mirada crítica sobre la realidad, la alteridad y el respeto a la diferencia, construyen modelos alternativos de coexistir, muchas veces conflictivos, pero más racionales, de apertura y posibilidad.

En este último escenario (o vía), adquiere protagonismo la institución educativa y ligado a ella, los discursos del deporte y las prácticas deportivas

como mediadores en las relaciones sociales democráticas, participativas, dialógicas, constructivas, de convivencia. Así lo sugiere la formulación de política pública del sector, e iniciativas populares de acción colectiva. La ley general de educación, por ejemplo, postula entre los objetivos centrales del deporte y la Educación Física: “La formación de los valores fundamentales para la convivencia [...] para una sociedad democrática, participativa y pluralista; [...] y El desarrollo de valores civiles, éticos y morales, de organización social y de convivencia humana. (MEN, 1994 art.21)

De igual manera, el plan decenal de educación 2006-2016 también ubica criterios en donde la convivencia adquiere una función central: [...] El camino hacia la consolidación de la paz también exige una educación que contribuya a formar buenos ciudadanos, resolver los conflictos pacíficamente, fortalecer la reflexión y el diálogo, así como estimular la sana convivencia. (P.11)

[...] La construcción de nación y la consolidación de la paz sobre la base de la equidad, la inclusión, así como, el respeto y el cuidado de sí y de los otros requiere una formación que prepare para la convivencia y favorezca la innovación [...] Para ello es necesario promover la creatividad individual y colectiva, el deseo y la voluntad de saber, el pensamiento crítico, el desarrollo de las competencias socioemocionales que requiere la convivencia y una ética que oriente la acción sobre la base de la solidaridad y el respeto mutuo, (p.18)

Es común que se incluya en la formulación de la política pública, tanto en educación como deporte (Quesada, 2015). apartados que sugieren que educación y deporte son mediaciones para la consecución de una sociedad con parámetros éticos para la gestión de la convivencia, una sociedad pacífica y democrática.

El Deporte Social y la Categoría “Convivencia”

Frente a esta serie de ideas, surge la pregunta sobre el lugar del énfasis de deporte social para el análisis e inclusión de la categoría de convivencia, en el desarrollo de sus fundamentos teóricos, nivel de afectación de las distintas problemáticas, contextos y construcciones sociales. Así mismo, se encuentra

abierta la pregunta sobre el verdadero potencial de la práctica deportiva y su capacidad de afectar positivamente los procesos de convivencia social, la validez del uso de la categoría de convivencia y su aporte a la construcción de metodologías de innovación -mediadas por el deporte social- en relación con un ideal de construcción social.

Al hacer la revisión de los documentos de tesis orientados por el énfasis, un número importante incluye la categoría de convivencia, ya sea como mediación, ideal o fin último de un proceso pedagógico mediado por el deporte, no obstante, la revisión del repositorio de Tesis (finalizadas) del énfasis de deporte social, entre el año 2006 y el 2007 arroja un número de tres tesis con referencia directa a la categoría de convivencia, el primero denominado: *Escuelas pedagógicas del deporte, estrategia para la convivencia en comunidades de la upz 71*, el segundo: *La práctica de deportes nuevos como estrategia para la construcción de escenarios de convivencia en la Institución Penitenciaria La Picota de Bogotá*, por último, el documento: *Aproximación a la convivencia de personas privadas de la libertad del Complejo Carcelario y Penitenciario Metropolitano de Bogotá (COMEB) desde el Tchoukball, un deporte para la Paz*.

Estos documentos en particular incluyen un desarrollo limitado de la categoría convivencia con referencias de Rodríguez, 2006 y Arango 2006. Quienes definen la convivencia como: 1. “La acción que se da al momento de estar compartiendo con otras personas en el mismo lugar, respetando las diferencias de los otros, y fortaleciéndose entre todos en busca de un objetivo”. 2. “La capacidad que se tiene para reconocer las diferencias de los demás y poder estar en un entorno común de ambiente armonioso al sobrepasar los conflictos internos que se puedan presentar”. Se asume en ellos una perspectiva idealizada, entendido la convivencia como acción pacífica, armónica y de respeto por la diferencia, que a la luz del contexto penitenciario donde se postulan, pareciera descontextualizado.

En términos metodológicos, los documentos reconocen los límites de la práctica deportiva, en tanto se señala que: El deporte por sí solo no es un medio para la convivencia, logra sus fines a partir de transformaciones

metodológicas y de direccionamiento frente a la práctica. (Rodríguez Y Velásquez, 2016) pero sigue atribuyéndose a su práctica un potencial transformador.

Por otra parte Cáceres y Naranjo, (2016) plantean sin éxito, la construcción de un modelo pedagógico para la convivencia mediado por la práctica deportiva, recayendo nuevamente en la atribución de una capacidad per-se.

Con lo anterior, no se pretende el cuestionamiento de los documentos o metodologías en mención, pero sí, llamar la atención sobre tres aspectos importantes en la construcción teórica del énfasis de deporte social: en primer lugar, la excesiva moralización y atribución de cualidades que se le arrojan al deporte y sus prácticas, desconociendo las múltiples intencionalidades que las orientan, ha de recordarse que en los años 70 y 80, fueron los jóvenes deportista y más talentosos jugadores del barrio, quienes en virtud de sus capacidades físicas eran escogidos para ser entrenados como sicarios; En torno al deporte y sus lugares, se congregan jóvenes consumidores y bandas delincuenciales en zonas deprimidas de la ciudad; retomando las narraciones del centro de memoria histórica, se reporta que en las incursiones y masacres perpetradas por las autodefensas en el territorio colombiano, se hizo común entre paramilitares, el jugar fútbol con la cabeza de las víctimas, y los escenarios deportivos fueron el principal epicentro de los ajusticiamientos (entrevista personal a Torres, 2017)

Aun cuando el discurso del énfasis no lo enuncia, se observa en los trabajos de grado la invisibilización del sujeto pedagógico y su intencionalidad, es él quien dota de sentidos los procesos de interacción con la comunidad y es quien distingue el potencial de impacto, entre las diversas mediaciones, ya sea desde el deporte, las artes, la lecto-escritura, etc. Por lo tanto, no es la mediación en sí misma la que representa un valor o potencial transformador, sino el docente como sujeto pedagógico y sus intencionalidades, para desmontar la hegemonía del deporte como un valor o potencial en sí mismo.

En segundo lugar, la ambigüedad teórica sobre categorías centrales para el énfasis, como convivencia, valores, participación social, resiliencia y democracia, las cuales son reiterativas en el discurso de docentes y de los estudiantes del énfasis de deporte social, tanto en las apuestas metodológicas como en las justificaciones teóricas de los trabajos de grado.

En tercer lugar, la escasa re significación de categorías sociológicas para intencionarlas hacia el campo del deporte, la pregunta sería: de qué manera se comprenden bajo la óptica del énfasis de deporte social, cómo han de reconstruirse o resignificarse para permitir su apropiación en términos académicos y profesionales, frente a cada contexto de implementación.

Por todo lo anterior y con respecto a la convivencia, la intervención del énfasis y las prácticas del deporte social obliga a preguntar, cuál es la convivencia a la cual se está refiriendo, cuál es la intencionalidad del sujeto que media el proceso, de qué manera ha de mediar esos procesos (en términos reales y simbólicos el docente también puede convertirse en una figura impositiva que trunca los procesos de empoderamiento de los sujetos y la coexistencia desde parámetros éticos)

Aportes Metodológicos:

Llevando la discusión al terreno de lo metodológico en la formación de licenciados en deporte con un énfasis en lo social, es importante resaltar los elementos que permiten la construcción de conocimiento y el fortalecimiento de un corpus teórico, en cuanto a la convivencia, se entiende que la categoría vincula tres propósitos fundamentales en los colectivos humanos:

En primer lugar, la convivencia lleva implícita la regulación del comportamiento individual para permitir una construcción colectiva desde distintas tendencias, no obstante, se supone que la educación genera un marco de actuación centrado en la acción ética, axiológica y política del concepto, por lo cual el (con) de con-vivir remite a la garantía de existencia, reconocimiento y potenciación de las capacidades del otro.

En segundo lugar, la coexistencia, conlleva al entendimiento, construcción, ajuste y acatamiento de las normas sociales, a manera de contrato social como lo planteo (Rousseau, 1762), entendido como acuerdo implícito que aceptamos y al cual nos comprometemos de manera voluntaria.

Por último, la importancia de la gestión creativa y propositiva del conflicto, desplazando el imaginario social que sugiere la posibilidad de su terminación definitiva, en contra de las características propias de la condición humana.

Haciendo un paréntesis, es posible no solo comprender, sino integrar la pedagogía del deporte social al tan mencionado proceso de postconflicto, solo si trascendemos el instrumentalismo y reduccionismo teórico y metodológico al que se ha llevado al deporte, para convertirlo en una seria e interesante alternativa con miras a la regulación social del comportamiento, la concertación y el cumplimiento de normas como contrato social y la innovación en las formas de gestión de los conflictos sociales.

Sin embargo, con respecto al énfasis y su consolidación como campo de desarrollo académico desde la Licenciatura en Deporte, existen tareas previas que son importantes de abordar, entre ellas:

1. El inicio de estados del arte sobre aquellas categorías centrales del énfasis de deporte social, en este caso particular la convivencia, convivencia y deporte y para ser más específicos, la relación entre la categoría de convivencia y el deporte en contextos comunitarios.
2. Establecer la relación investigativa, enfoques, criterios, procedimientos e instrumentos que permitan valorar dicha categoría desde perspectivas interdisciplinarias como la sociología, psicología, antropología y la pedagogía, entre otros.
3. Discriminar -investigativamente- los factores que permiten entender de mejor manera la convivencia y sus vínculos con la intencionalidad el énfasis y las metodologías implementadas con perspectiva de innovación. como, por ejemplo:
 - Clima social.
 - Percepción de la convivencia.

- Grado de cohesión de grupos sociales.
- Gestión democrática de normas.
- Habilidades socioemocionales.
- Regulación pacífica del conflicto.
- Aprendizaje de normas sociales.

En tanto no se ha configurado adecuadamente la convivencia como categoría en el contexto del deporte social, es importante que las indagaciones y los procesos de tesis, exploren el campo desde manifestaciones más específicas, como las mencionadas.

4. Desde la didáctica específica, se requiere la diferenciación teórica entre didáctica del deporte con respecto a las didácticas del deporte social, y en este sentido, determinar sus adaptaciones en la implementación, ya sea para favorecer la convivencia, el grado de cohesión social, las habilidades socioemocionales o el aprendizaje de normas sociales, etc.

Referentes Bibliográficos

CÁCERES Y NARANJO (2016). La práctica de deportes nuevos como estrategia para la construcción de escenarios de convivencia en la institución penitenciaria La Picota de Bogotá. Universidad Pedagógica Nacional, Bogotá. Recuperado en:

<http://repositorio.pedagogica.edu.co/handle/20.500.12209/2704>

CENTRO NACIONAL DE MEMORIA HISTÓRICA (CNMH - EPRI), (2015), Limpieza social. una violencia mal nombrada, Bogotá.

CENTRO NACIONAL DE MEMORIA HISTÓRICA (2016), Hasta encontrarlos. El drama de la desaparición forzada en Colombia, Bogotá.

MERCADO (2016). Crónica “de las tinieblas hacia la luz, un relato escrito desde la cárcel” Recuperado en: <https://www.revistaarcadia.com/agenda/articulo/fugas-de-tinta-libertad-bajo-palaba/60670>

MINISTERIO DE DEFENSA (1994). Decreto 356: Estatuto de vigilancia y seguridad privada.

MINISTERIO DE EDUCACIÓN NACIONAL (1994). Ley 115: general de Educación.

MINISTERIO DE EDUCACIÓN NACIONAL (2007). Plan decenal de educación 2006-2016

MOLINA VALENCIA, N. (2005). Resistencia comunitaria y transformación de conflictos. *Reflexión Política*, 7 (14), 70-82.

PUENTES SÁNCHEZ, D. (2015). La reconfiguración de la Seguridad Ciudadana: El caso de la seguridad y la convivencia del fútbol en Colombia. *Revista de Paz y Conflictos*, 8 (1), 241-268.

QUESADA, A. (2015). Deporte Y Política, Una Combinación Que Siempre Va De La Mano. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1 (2), 265-267.

RODRIGUEZ Y VELASQUEZ, (2016). Escuelas pedagógicas del deporte, estrategia para la convivencia en comunidades de la UPZ 71. Universidad Pedagógica Nacional, Bogotá. Recuperado en: <http://repositorio.pedagogica.edu.co/handle/20.500.12209/2695>

ROUSSEAU, J. (1762). *Du Contrat social; ou, principes du droit politique* [*El contrato social; o los principios del derecho político*] (en francés). Marc-Michel Rey

TOURAINÉ, A. (2013). ¿Podemos vivir juntos? México, DF. México. Fondo de Cultura Económica.

URREA R. (2015), La actividad física como factor protector en la convivencia escolar, *Revista Impetus - Universidad de los Llanos - Villavicencio, Meta. Colombia* vol.9 N°1 - año 2015

VALDEMOROS, M., & PONCE DE LEÓN, A., & RAMOS, R., & SANZ, E. (2011). Pedagogía de la convivencia y educación no formal: un estudio desde el ocio físico-deportivo, los valores y la familia. *European Journal of Education and Psychology*, 4 (1), 33-49.

CICLISMO URBANO E PROCESSOS EDUCATIVOS: CICLOATIVISMO COMO PRÁXIS DE LIBERTAÇÃO

Leandro Dri Manfiolete Troncoso

Universidade Estadual Paulista (Brasil)

Luiz Gonçalves Junior

Universidade Federal de São Carlos (Brasil)

Sérgio Alejandro Toro-Arévalo

Universidad Austral de Chile (Chile)

Resumo

O objetivo desta pesquisa foi realizar uma reflexão sobre o fenômeno ciclismo urbano acerca dos processos educativos vivenciados na perspectiva cicloativista. A abordagem metodológica esteve amparada na pedagogia dialógica de *Paulo Freire* com o livro *Pedagogia do Oprimido* (1969) e da ética da libertação de *Enrique Dussel* com os livros *Método para una filosofía de la liberación* (1974), *La producción teórica de Marx: un comentario a los grundisse* (1991), *20 Tesis de Política* (2006) e *Filosofía de la cultura y la liberación* (2006). Este esforço teórico justifica-se no sentido de compreender o ato de pedalar como práxis educativa e política para a consciência do sujeito ciclista que sente o descaso das políticas públicas que favorecem o transporte motorizado. Consideramos que, há potencialidades no campo da Educação para formação da cultura de bicicleta na institucionalidade do diálogo equitativo entre cicloativistas e poder público como compromisso ético, cidadania e direitos humanos.

Palavras-chave: Ciclismo urbano. Processos Educativos. Política Pública. Direitos Humanos.

Ciclismo urbano y procesos educativos: cicloactivismo como praxis de la liberación

Resumen

El objetivo de esta investigación fue realizar una reflexión sobre el fenómeno ciclismo urbano acerca de los procesos educativos vivenciados en la perspectiva cicloativista. El enfoque metodológico estuvo amparado en la pedagogía dialógica de *Paulo Freire* con el libro *Pedagogia do Oprimido* (1969) y de la ética de la liberación de *Enrique Dussel* con los libros *Método para una filosofía de la liberación* (1974), *La producción teórica de Marx: un comentario a los grundisse* (1991), *a 20 Tesis de Política* (2006) y *Filosofía de la cultura y la liberación* (2006). Este esfuerzo teórico se justifica en el sentido de comprender el acto de pedalear como praxis educativa y política para la conciencia del sujeto ciclista que siente el descuido de las políticas públicas que favorecen el transporte motorizado. Consideramos que hay potencialidades en el campo de la Educación para la formación de la cultura

de la bicicleta en la institucionalidad del diálogo equitativo entre ciclosativistas y poder público como compromiso ético, ciudadanía y derechos humanos.

Palabras clave: Ciclismo urbano. Procesos Educativos. Política Pública. Derechos Humanos.

Urban bicycling and educational process: cycloactivism as an liberation praxis

Abstract

The objective of this research was to carry out a reflection about the phenomenon of urban cycling about the educational processes experienced in the cycle - The methodological approach was supported by *Paulo Freire's* dialogical pedagogy with the book *Pedagogia do Oprimido (1969)* and the ethics of liberation of *Enrique Dussel's* with the books *Método para una filosofía de la liberación (1974)*, *La producción teórica de Marx: um comentário a los grundisse (1991)*, *20 Tesís de Política (2006)* e *Filosofía de la cultura y la liberación (2006)*. This theoretical effort is justified in the sense of understanding the act of pedaling as an educational and political praxis for the consciousness of the cyclist subject who feels the neglect of the public policies that favor motorized transportation. We believe that there are potentialities in the field of education for the formation of bicycle culture in the institutionality of the equitable dialogue between cyclo-activists and public power such as ethical commitment, citizenship and human rights.

Keywords: Bicycling. Educational Processes. Public Policy. Human Rights.

Introdução

Este ensaio está situado entre os campos científico e da cidadania participativa a partir da busca existencial em aprofundar reflexões teórico-metodológicas dos conceitos alteridade, conscientização, dialogicidade, humanização e libertação referente à experiência de ser ciclismo urbano no contexto dos processos educativos com a prática social do cicloativismo.

Percebemos no “cara-a-cara” com os motoristas nos cruzamentos viários, principal local de conflitos no trânsito, o sentimento ambíguo de medo e (in)segurança ao trafegar na via pública com possibilidade real de acidente fatal. Nossa crítica epistemológica visa a desconstrução do paradigma biomédico presente de forma hegemônica no pensar-fazer científico e na intervenção profissional da área de Educação Física, “racionalidade universal” ao privilegiar o controle do ‘corpo-objeto’. O contraponto para nós está na

Ciência da Motricidade Humana (Sergio, 1999) que, compreende o ser humano em ação intencional de transcendência e, ademais situado como ‘corpo-próprio’ na relação com outrem, em intersubjetividade, que varia conforme a situação e posição sociocultural do sujeito, ou seja, o ciclismo não apenas performance esportiva ou de exercício físico, quer seja em meio aberto visando exclusivamente lazer ou treino esportivo, ou até mesmo, em meio fechado das academias de ginástica com o “*spinning*”, mas principalmente para legitimar a mobilidade urbana ativa sustentável por bicicleta como exercício da cidadania.

Ao mencionamos que somos ciclistas para outras pessoas e, também cicloativistas, convidamos a coletividade para a reflexão acerca da velocidade de deslocamento do transporte motorizado que causa risco à vida (especialmente acima de 30 km por hora em vias urbanas dos bairros), pois percebemos que a opção pela bicicleta torna-se inviável onde uma possível saída para o problema, seria a conscientização das pessoas no trânsito, que, segundo o Código Brasileiro de Trânsito (Brasil, 1998) e a Política Nacional de Mobilidade Urbana (PNMU) (Brasil, 2012), deve respeitar a hierarquia que privilegia primeiro o pedestre, depois as bicicletas (manter 1,5m de distância do veículo automotor das bicicletas, por exemplo), ou seja, o respeito visa o menor e mais fraco primeiro. Porém, o respeito pela alteridade do motorista para com o ciclista urbano nas ruas realmente se baseia nesse princípio?

Para Toro-Arévalo (2016) a experiência como processo educativo reúne dentro de si um projeto político, epistêmico, ético e cultural. Perguntamos: É possível a humanização pelo uso da bicicleta no espaço urbano? A escolha por pedalar no cotidiano pode ser considerado um momento de libertação?

Compartilhamos nossas reflexões guiadas com as experiências de outros ciclistas em seus deslocamentos cotidianos tendo como respostas às perguntas anteriores de acordo com as leituras realizadas no segundo semestre de 2017 durante as sete aulas da disciplina Práticas Sociais e Processos Educativos II do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (PPGE/UFSCar).

Reflexões Metodológicas

Começamos esta reflexão metodológica a partir da leitura do livro *Pedagogia do Oprimido* (Freire, 1969). Para o patrono da educação brasileira, o aprendizado de dizer a própria palavra através do pensar a existência como esforço totalizador da práxis com efeitos na interioridade dos próprios atos ante a expressão da viver sentindo a ação transformadora frente a dinâmica estrutural opressora, pensamos que o convencimento de que ter um carro é sinal de vida próspera está para a dominação da consciência formadora por uma necessidade fetichizada em obter um veículo motorizado. A partir da referência educação como prática de liberdade, acreditamos que o uso pedagógico da bicicleta serve para exemplificar atitudes cotidianas de conflito no trânsito, o que torna-se uma forma de elucidar problemas complexos para inverter a oposição opressor (motorista com automóvel) e oprimido (ciclista com bicicleta) exaustivamente divulgada na propaganda dos grandes meios de comunicação cuja verdade relativa serve para adaptar os interesses de uma sociedade existencialmente cômoda.

Diante do cenário urbano atual que gera exclusão e violência pela velocidade motorizada nas vias públicas, uma estratégia de pesquisa sensível ao contexto visa a possibilidade de enxergar no trânsito de bicicleta, o corpo encarnado inconcluso e consciente do ser humano contemporâneo preocupado com as mudanças climáticas que, para além do risco de vida em possível acidente, o motorista não quer atropelar o ciclista, mas quando o faz, é sim por pressão da exploração do trabalho de caráter produtivista em seu deslocamento, tanto que a pressa do motorista está em não enxergar nada além dos compromissos imediatos a cumprir cegando para o seu entorno possibilidades alternativas de convivência, por isso, o ciclista é resistente pedalando dada a impossibilidade desse comportamento e, ainda, afirma-se na justiça contra o sistema hegemônico, a sua condição de “ser mais” uma pessoa respeitosa para com o outro na sua liberdade em pedalar contra a generosidade da ordem social que o estimula para o conforto e status do automóvel, incluso reproduzidor de uma ordem social capitalista injusta

simplesmente porque é insustentável as condições de consumo impostas hegemonicamente.

Para nós, um caminho viável para emancipação da consciência crítica está dado pela sensibilidade à insatisfação da cidadania participativa pertinente aos habitantes excluídos do nosso continente latino-americano porque o motorista que não está excluído do sistema e, ainda, muitos ciclistas que pedalam por escolha também não estão, mas se aproximam daqueles que dependem da lógica reprodutivista para sobreviver e, de forma prática, demonstram uma alternativa ética e responsável de consumo da mobilidade. Estes que, providos de bens materiais, aprendem que a cada transposição de uma subida íngreme e toda a força desprendida para tal tarefa, compreendem o significado da energia humana e ensinam para aqueles que se escondem nos círculos de segurança verbalizando uma vocação ontológica mascarada pela sectarização, buscam a possibilidade de expor relações mais autênticas com seu meio social. Para Freire (1969), a passagem nefasta do revolucionário para a figura do reacionário é aqueles que absorve a sombra do opressor como *status quo* que se mostra aos seus pares no auge de sua domesticação, porém, quando tenta doutrinar o oprimido se equivoca numa posição fatalista de compreensão histórica e da realidade própria, fruto de uma consciência estranha ao “ser mais” da resistência humana autêntica. Como exemplo, destaco o momento do ciclista estacionário que usa o equipamento como um rato em laboratório afim de rendimento orgânico. Isto é algo estranho para nós!

Dessa forma, constatamos que alguns aspectos educativos relativos a bicicleta estão fora de lugar na vida social humana, a saber:

a) a grande parcela da população (médias e grandes cidades) pedalam raramente em suas bicicletas e, nesses lugares, ocorre a apropriação do espaço público pelo transporte motorizado individual;

b) a bicicleta na via pública está fora de foco do debate coletivo; a elevada aderência de pessoas que pedalam em bicicletas estacionárias, seja em academias de ginástica como nas residências para nós é estranho;

c) as escolas e universidades, principalmente nos cursos de Educação Física do Brasil, a bicicleta é um artefato inútil;

d) a falácia do lema “esporte é saúde” aplica-se à bicicleta no contexto urbano;

e) as vias específicas para uso de bicicletas nas cidades são pouco valorizadas pelo poder público; a raridade do marketing voltado para o uso de bicicleta e ciclismo diante da enxurrada de simulacro em torno do transporte motorizado individual, também muito se deve ao sistema capitalista fomentar a relação demanda e consumo que estrutura a vida na cidade. Poucas pessoas reconhecem a mobilidade por bicicleta, o que reflete a luta por reconhecimento de respeito, confiança e estima ao ciclista e pedestre nas vias públicas (Honneth, 2003).

Quando há interposição de ideias da ordem biológico e social, acreditamos que, diferente do entender a palavra coletivo, a precipitação pode ser provocada com a imposição da opção de uma consciência doente para com o outro cujo sentido alienante que aloja esta forma de opressão silenciosa transforma-se em um comportamento prescrito, ao passo que a liberdade em si mesma exige do sujeito histórico, autenticidade na sua busca, condição indispensável do movimento do ser humano atento aos detalhes e inconcluso por sua própria condição de estar aberto a novas perspectivas. Por isso, ao viajamos de bicicleta (Gonçalves Junior et. al, 2016) percebemos que as categorias analíticas ‘conhecimentos técnicos específicos’, ‘ciclo-empatia’, ‘negociação’ e ‘fenomenologia do entorno’ são formas de interação geradoras de processos educativos relacionados ao uso da bicicleta, seja por aspectos geográficos no deslocamento com energia humana, muitos dos quais foram possíveis apenas a partir do saber das comunidades locais, bem como situações de abertura ao território que se expõe o ciclista desencadeador de atitudes empáticas entre os membros do grupo e entre eles, bem como entre as pessoas que habitavam os locais percorridos possibilitando uma experiência sensível ao ambiente sociocultural. Ressaltamos que, a experiência do pedalar gera valorização pedagógica de cidadania no território local, ao encarar a rua para além do não-lugar (Augé, 1994), caracteriza

apenas como local de passagem sem possibilidade de relação pessoal para se observar processos educativos de respeito ao outro em convívio, ou seja, o ciclista de obstáculo, passa a ser encarado como aquele que acalma o trânsito, principalmente ao pedestre desprotegido pela solidariedade no compartilhamento do trânsito, o que se caracteriza como um ambiente educacional:

Os processos educativos ocorrem numa relação mútua de aprendizagem e não só quando um ensina ao outro, tendo como pressuposto fundamental o diálogo equitativo e a intencionalidade dirigida para cooperação e superação, o ser mais que demanda autonomia, possibilidade de decisão e transformação, o que permite aos envolvidos compreender em contexto, valores e códigos do grupo, da comunidade e da sociedade refletindo criticamente sobre sua própria condição de pertencimento ao mundo com os outros, educando e educando-se, tornando-se pessoa (Gonçalves Junior; Carmo; Corrêa, 2015, p.176).

Nesses termos, pode-se dizer que o ato de pedalar na cidade é uma motricidade ausente, mas com possibilidade pedagógica emergente (Carmo, 2017) onde a bicicleta antes marginalizada ou vista como brinquedo para crianças, passa a ter relevância social no mundo dos adultos devido a possibilidade de se observar processos educativos de respeito ao outro em diferentes meios de deslocamento na solidariedade em vias urbanas envolvendo o compartilhamento de trânsito objetivando um trânsito mais lento e menos agressivo. A compreensão da metodologia de pesquisa pedagógica parte da premissa que envolve o diálogo para a compreensão do tema gerador que, manifestado do geral ao particular, está situado para o oprimido na busca do “inédito viável” como ao opressor para evitar a “situação-limite”, o que traduzido a nossa discussão, está para o ciclista urbano ter mais caminhos viáveis e seguros de pedalar na cidade e para o motorista, mais estacionamentos e vias para maior fluidez e velocidade de deslocamento.

Para a compreensão da totalidade do mundo-vida através de uma visão contextualizada, a metodologia conscientizadora está situada na apreensão da realidade como abstração através da codificação de sinais opostos que são emanados dialeticamente, ou seja, “parte-se ao todo e volta às partes” no

reconhecimento do sujeito ao objeto em situação. Porém, o tema consciência existe ao humano por fatos concretos, diferente da percepção do tema gerador como captado historicamente cuja investigação perpassa o esforço comum da autoconsciência como ponto de partida para uma ação cultural de caráter libertador em que a aprendizagem transcende os muros do espaço institucional escolar podendo a relação educador-educando ser exposta, como exemplo, no transito do ciclista e sua bicicleta com o motorista e seu transporte motorizado. O tema gerador nesse caso é o risco à vida por acidente de transito referente à coletividade que por falta de acesso ao transporte motorizado ou escolha pela bicicleta, marca a historicidade do fenômeno ciclismo urbano no momento que está vivo diante da possibilidade de impacto violento com o outro protegido pela bolha de metal-plástico. O que marca nessa situação é a velocidade de deslocamento das máquinas nas ruas e avenidas movimentadas acima do permitido e que, nos cruzamentos onde não há sinalização viária, o risco à vida é potencialmente maior ao ciclista e quase nulo se comparado ao motorista, o que caracteriza o respeito à vida em uma situação em que o mais protegido, eticamente deveria visualizar as consequências negativas a um possível acidente frente ao menos protegido.

Aqui, é importante referirmos o Estado como poder hegemônico referência para o debate público caracterizado “educação no transito” através da consciência do outro pela máxima que todos somos pedestres, porém, o ciclista não tem um espaço reservado de forma exclusiva, Assim, o que presenciamos é que pedestre munidos da tecnologia motorizado, esquecem de sua condição natural e pelo fluxo momentâneo acelerado, determinam a ocupação se impondo pela velocidade, o que gera situação de pouca responsabilidade para com o outro, ao passo do direito de ir-e-vir como no dever cidadão de cuidado em si, o que está demonstrado na condição de conforto presenciada por este bem-simbólico que, inclusive modifica a psique humana e, ainda, acentua o comportamento individualizado imperante nas relações sociais do mundo contemporâneo, chegando ao absurdo de um motorista atropelar o ciclista e, ao invés de, prestar socorro após o incidente, foge como um covarde ou, até mesmo, queixa-se da culpa do ciclista por estar

atrapalhando o tráfego e chocar a bicicleta com seu carro bem conservado. Portanto, a urbanização de caráter rodoviarista mudou drasticamente a nossa forma de ser-aí com o outro, assim como o estar no mundo, o que indica a urgência de encarar o trânsito como processo educativo para elevação da consciência para com as consequências negativas, seja para o ambiente físico (poluição do ar e impermeabilização do solo), ambiente social (sociabilidade, motricidade humana), ambiente econômico (mudança da matriz energética) e design urbano (planejamento intersetorial) em busca de reverter o discurso político diante do reconhecimento da equidade como valor para o equilíbrio dos interesses privados na coisa pública, mas também da participação cidadã em todas as instituições para atingir o objetivo de humanizar o espaço público das cidades.

Na terceira aula, realizamos a leitura do capítulo *Superación de la ontología dialéctica - La Filosofía de la liberación latino-americana* está inserida no livro *Método para una filosofía de la liberación* (DUSSEL, 1974). O autor destaca que, para a superação ontológica da dialética hegeliana vigente nas instituições de controle social, está a compreensão do ser-aí no horizonte-mundo através da concepção daquele que pensa manifestado por visão sofista eurocêntrica que domina a sociedade latino-americana que dentro do contexto histórico da racionalidade, um novo momento antropológico-filosófico através de uma descrição de renovação do estatuto ontológico para a revelação do outro explorado em condições metódicas que possibilite a interpretação da palavra provocante do excluído e marginalizado por uma pedagógica analética de libertação metafísica a serviço do valor social da justiça. Dessa forma, a existência percebida por este sujeito desprovido de condições materiais dignas, torna-se a condição de olhar para a realidade e captar na vida em comunidade, a sensibilidade corporal do humano, esta que se mostra verdadeira para o diálogo eu e tu que se mostra ante a exterioridade da razão vivida. Assim, o objeto realidade é a superação da cultura universal capitalista, colonialista e patriarcal que, na escolha por resistir a essa totalidade subjetivizada, enxerga em sua interioridade foco de infinito interesse ético pela existência de si mesmo. Isto se caracteriza no conceito de

alteridade que, compreendendo a realidade como exterioridade, busca na fé antropológica que, mais do que doutrina, se coloca como um caminho de ensinamento do Deus no sentido da existência. Por isso, pensamos que o oprimido está livre do sistema da totalidade onde partindo de sua palavra, revela-se perante outrem confiado em si mesmo por atuar incorporado do logos analético que está justificado simplesmente por almejar a passagem do crescimento desigual para uma totalidade justa servindo-se criativamente.

Quando se diz que andar de bicicleta é um ato consciente, consideramos que esta perspectiva horizonte-mundo de transcendência toda vez que, ao realizar um cruzamento temos o face-a-face com o motorista, enxergamos nele com as mãos em seu volante num semblante estressado ao vivenciar o estar parado com uma máquina em funcionamento expelindo gases tóxicos, às vezes 10 vezes mais pesada que ele e que se põe em sua condição de trabalhador a serviço do capital, ao contrário, muitas vezes, estamos a serviço do fluxo momentâneo de informações a este mundo, mas a materialização do pedalar compartilhando com este sujeito contemporâneo urbano imersos no controle da máquina em interação permanente com nosso corpo-próprio, o que faz de ser essa pessoa em cima da bicicleta, inspirar respeito, confiança e autoestima, queremos explanar para essa consciência que experimente em algum momento compartilhar o trânsito pedalando e, mesmo assim em seu raciocínio dialético, enxergue na minha condição se deslocando com artefato cinco vezes mais leve, a possibilidade dele experimentar essa energia equitativa, fazendo uso de um novo horizonte mundo que, primeira passa pela autonomia pedagógica desse ser na compreensão política no mundo e, também, uma resposta de esperança à vida humana. Pensamos que esse discurso ético cuja sensação de medo, traz uma pulsação, uma vontade de revelação, que de uma situação de negatividade pedalando na chuva e com frio em uma subida, nos comprometemos a ser resistentes inserido no contra fluxo tempo-espaco frente ao modelo hegemônico ressaltando uma das possibilidades de desenvolvimento da liberdade como significado permanente do devir.

Na quarta aula, realizamos a leitura *Arquitetônica de la ética de la liberación* (Dussel, 1995). No contexto de uma ética da vida do sujeito humano, o diálogo para a libertação subentende-se a compreensão da situação histórica do Outro na totalidade, a qual a lógica de pensamento equipara-se a exclusão dos marginalizados e oprimidos. A análise simplista da moral discursiva não preenche os critérios de uma ética material da vida, apenas cumpre à nível formal, uma compreensão limitada do fenômeno da alteridade.

Diante da institucionalização do bem-válido, o autor nos chama a atenção do lugar transcendental dos atores cuja consciência histórica está validada na academia por críticos que discorreram sobre temas contra hegemônicos. O sentido ético da materialidade no mundo-vida é essencial, mas muitas vezes negado enquanto empiricamente comprovável dada a condição de “neutralidade” da universalidade racional do conteúdo científico. Por um direito de argumentação pela voz dos excluídos, o autor nos pergunta: há um princípio material universal?

Quem atua já é reconhecido *in actu* as exigências da possível sobrevivência em uma concreta vida boa (felicidades, valores, compreensão do ser) que comparte com todos aqueles que formam parte de uma comunidade de vida cultural, histórica cuja pretensão de universalidade, torna-se co-solidária com a humanidade como tal (Dussel, 1995, p. 132).

Quanto ao critério sobrevivência, remeto a condição dos ciclistas que se dirigem para o local de trabalho, mas também aqueles que necessitam ser motorista para seu sustento. O fenômeno situado aqui é a condição do trânsito urbano e sua relação entre motoristas e ciclistas que, todos os dias, se matam em um país como o Brasil, que na condição de capital-periférico-subdesenvolvido, convive com mortalidade por acidentes de trânsito das maiores taxas do mundo, o que promove um medo generalizado quanto ao risco de vida no espaço da rua. O desenvolvimento brasileiro foi realizado com a expansão da economia urbana em um tempo relativamente curto, gerando a migração forçada de milhões de pessoas da zona rural para o meio urbano morarem em locais concentrados de pessoas e carros porque o sujeito que mora na periferia e tem de trabalhar no centro, com transporte público de

baixa qualidade e ruas congestionadas de automóveis, uma pequena parcela de aproximadamente 1% da população escolhe a bicicleta para seu deslocamento cotidiano e é aí que começa a sobrevivência do sujeito ciclista trabalhador periférico. Sua vida está permeada pela desigualdade social, seja por ganhar um salário aquém de suas expectativas, mas ainda assim com a bicicleta diariamente consegue sua subsistência e o melhor, uma condição de saúde positiva superior a de muitas pessoas que, por terem melhores condições financeiras, possuem um veículo individual, mas ao realizarem seus deslocamentos sem gasto de energia, acumulam enfermidades crônicas.

Nesse sentido, destaco esse ciclista da periferia que, se mostra como um exemplo de resistência na superação da pobreza humana para uma riqueza política que, na busca por reconhecimento, voltamos para o lugar arquitetônico da alteridade crítica da especificidade da ética da libertação mostrando a verdadeira humanidade do ciclista diferente do sujeito que, em seu veículo, diz respeitar o ciclista com apelos estéticos de adesivos, mas que ao se deslocar em alta velocidade para seus compromissos, causa risco à vida do sujeito histórico que pedala intersubjetivamente clamando a “possibilidade de viver” a ética da vida boa.

Na quinta aula, realizamos a leitura do capítulo *Los grundisse y la cuestión de la dependencia* dentro do livro *La producción teórica de Marx: un comentario a los grundisse* (Dussel, 1991). O autor na obra tem como questão central a dependência devido por esta condição atravessar a totalidade dos discursos tendo como discussão a seguinte hipótese de trabalho: partindo do discurso na relação “capital central-desenvolvimento” - “capital periférico-subdesenvolvido” através das categorias ‘capital em geral’, ‘renda’, ‘salário’, ‘mais-valia’, ‘estado’ e ‘mercado mundial como totalidade concreta’, a crítica situa-se no discurso positivo “capital em geral”, difere tanto capital central como capital periférico, o qual o estado nacional em sua imposição violenta, decide prático-politicamente o modo de produção. A ‘questão da dependência’ passa a ter relacionamento com diferentes espécies concretas do capital, tendo no planejamento discursivo a tarefa de descobrir vinculação constituinte com o subdesenvolvimento, por exemplo, antes onde se explorava

minério havia um sistema econômico próprio como México e Peru no século XVI.

Atualmente, as elites locais periféricas dependentes negam a problemática histórica da escravidão imposta pela oligarquia. Trata-se aqui de delimitar a *differentia specifica* na compreensão do momento essencial da dependência, partindo do espaço-tempo onde o capital central surge como estrutura de apropriação, cercania permite acumulação primitiva, expansão política na distribuição de agentes de produção, acumulação desde o centro à periferia, tendência na organização do mercado mundial, autodeterminação do processo de produção para circulação, historicamente é na Revolução Industrial que surge a mais-valia, permanência da obtenção de mais-valia absoluta para a relativa e diferenças na criação de mercado:

Chamo capital central-desenvolvido aquele que, à nível da produção, integra mais capital constante que variável, obtendo um produto com menor valor. [...] Chamo capital periférico-subdesenvolvido aquele que, à nível de produção, integra menos capital constante com o produto incluso mais valor (transferência de mais-valia) (DUSSEL, 1991, p.385).

Esta condição desigual de estrutura material origina grau de subsunção tecnológica permanente, pois como o desenvolvimento indica tecnologia na composição dos dois capitais, essencialmente como na circulação espacialmente distante à referência do evoluído, gastos com transporte de maquinaria caracteriza relação de dependência por alienação na extração do lucro periférico, porém, no horizonte do capital transnacional, desaparece essa contradição por tratar apenas de recursos, mas como há variação material, o capitalismo nunca irá desenvolver-se relativamente, apenas absolutamente (Brasil exporta commodities, leia-se água e minérios). Marx na distinção da espacialidade nos conceitos 'lugar', 'espaço' e 'situação', a competição entre capitais é estrategicamente desigual para o periférico subdesenvolvido sempre determinado à desvalorização, sendo a única saída ao povo espoliado, a via da libertação pela formação do bloco social que, emergindo à consciência de exterioridade na categoria de sujeito coletivo e histórico com capacidade autoprodutora no modo de apropriação comunitário racional e de justo futuro. Assim como Ivan Illich (2005) no ensaio "Energia e Equidade", acreditamos que a bicicleta é uma econômica pedagógica que gera

valores intersubjetivos no uso da energia humana cidadã se comparado ao processo produtivo de capital global na influência das montadoras transnacionais no uso do transporte motorizado.

Na sexta aula, realizamos a leitura do livro *20 Tesis de Política* (Dussel, 2006) com a discussão centrada principalmente nas teses XV, XVI e XVII. A síntese do campo político como categoria que, para o autor está situado por diversos níveis ou âmbitos em que o sujeito coletivo atua na função de participante que vislumbra múltiplos horizontes práticos dentre os quais se encontram estruturados sistemas ou subsistemas, ou seja, campos que se recortam na totalidade do “mundo da vida cotidiano”. É nesse contexto que a práxis da libertação dos movimentos sociais e políticos anti-hegemônicos indica uma nova totalidade expondo as estruturas hegemônicas dominantes do dito sistema atuando no sentido da transformação institucional consensual de ação política é, no momento inicial, de luta negativa desconstrutiva e, logo após, do momento positivo de construção do novo pela liberação de potencialidades criativas que se legitimam a partir do povo - força invencível da vida que quer viver. Sob a referência dos “*campos chiapanecos*” de liderança obediencial “*desde abajo*” guiada pelo princípio da factibilidade, a imaginação afirmativa de uma estrutura institucional futura a serviço da maioria de estratégia utópica, impossível empiricamente ao começo, mas de capacidade de renovação abrindo espaço para novo pacto social. Á nível concreto, o projeto enuncia-se por transformações factíveis eficazes de participação popular. Aqui se encontra o nível de prudência dos atores políticos visando táticas de mediações discutidas na teoria aplicada na prática de formação dos seus quadros pela formação popular revolucionária ante a democracia liberal de transição na América Latina que gerou a classe política do poder fetichizado. Agora, o valor da vontade-de-vida perpassa na organização da passagem da potência ao protesto, o que acaba por criar funções heterogêneas onde cada membro cumpre responsabilidade diferentes com unidade consensual, remetendo ao exemplo do partido político como uma árvore por ser o lugar onde o representante regenera sua delegação do poder construído na disciplina subjetiva e objetivo-doutrinária na coerência vivida

com os princípios para criar condições de respeito a simetria na participação democrática.

Lembrando que o sistema institucional empírico político vigente exerce o poder hegemonicamente quando a comunidade política o aceita, a realização de reivindicações de diferentes setores sociais, expõe a situação em crise onde os interesses dos oprimidos não cumpridos cobram consciência de sua insatisfação que, ao tornar-se intolerável, produz a irrupção de uma consciência coletiva crítica que se apresenta como dissenso. Remeto ao atropelamento coletivo de 20 ciclistas durante a “*Bicicletada Massa Crítica*” na cidade de Porto Alegre/RS no ano de 2011 e da posterior criação do “Fórum Mundial da Bicicleta” que ocorreu nesta mesma cidade em 2012 e 2013, Curitiba/PR em 2014, Medellín/COL em 2015, Santiago do Chile em 2016 e *Tenochtitlan* (Cidade do México) em 2017 e Lima (Peru) em 2018, evento com discurso crítico negativo do cicloativismo que, reivindica o uso da bicicleta nas cidade em face da crise da “urbanização rodoviarista” e consequente crise do petróleo (transporte motorizado individual como instituição política de caráter fetichista contra-ecológico). Para além da reforma e uma transformação da mobilidade urbana das metrópoles mundiais como nova reprodução material da vida humana, a inovação do modo de deslocamento de pessoas deve-se dar por uma transmutação radical como resposta a interpelação dos oprimidos, pois o automóvel não é para todos e as suas externalidades, desde a produção do artefato a condição existencial voltada para o seu uso, é insustentável produzindo violência civilizacional levando-nos ao abismo necrófilo da velocidade mecanizada da máquina sem freios neutra tecnologicamente.

Na sétima aula, realizamos a leitura intitulada “*Cultura imperial, cultura ilustrada e liberación de la cultura popular*” como parte do livro *Filosofía de la cultura y la liberación* (Dussel, 2006). O texto ilustra a dependência cultural que distingue entre duas civilizações: a civilização europeia que desconhece o solo que pisa e a outra à sombra desta buscando suas últimas realizações. O autor busca desconstruir essa segunda ideia a partir do conceito dependência cultural como anteposição, uma da inteligência e outra da matéria, bárbara, o

que gera uma conciliação que nada mais é do que a lógica de dominação que reduz o ente como coisa, ou seja, o ameríndio é o outro de negatividade metafísica negada, o não-ser, presença da exterioridade como processo de dominação através da alienação em que o sujeito excluído é totalizado posto a serviço do dominador encomenda para mão-de-obra na dialética “senhor x escravo”, gênese do mais-valor colonial base do desenvolvimento central.

A dependência cultural está situada nas relações entre o centro dominante e seus interesses das empresas transnacionais, a oligarquia nacional representada pela burocracia (elite branca, incluso nós incluímos como parte dessa expressão) e a cultura popular do povo da periferia (índio, negro e mestiço). Essa elite oligárquica ilustrada rechaça a figura do analfabeto como subcultura que está institucionalizada, ignora a realidade popular por estar olhando para o centro mundial e nega suas próprias tradições, como por exemplo, a figura do curandeiro e da parteira que, se exercerem seus dons, podem ser taxados como criminosos, daí a alienação do direito enquanto forma de vida alternativa. No contexto de revolução, o autor lança um dos principais problemas latino-americano: o conceito classe está na nação como categoria de horizonte nacional, mas há outros níveis de realização porque a categoria “povo” é de interpretação rica, ampla e ambivalente, mas encarada de forma estritamente técnica pelo ocultamento autêntico do sentido que vêm agregado o significado de exterioridade, ou seja, o oprimido é alienado interiorizando-se na cultura dominante. Também levando em conta a pluralidade de significados da palavra povo, compreendendo o ato de pedalar a partir do usuário da bicicleta “*Monark Barra Forte*” que transporte milhões de pessoas nesse país (lembro da imagem de casal de idosos com o marido levando a senhorinha na garupa) inclusive o modelo com maior número de exemplares no Brasil, ciclistas massacrados pelo transito intenso e a velocidade do transporte motorizado, faz com que essas pessoas que pedalam em uma bicicleta com marcha único, dificultando o pedalar em uma subida íngreme, são resistentes quanto a tradição do pedalar em seu cotidiano, vejo essas pessoas como o exemplo máximo no uso cotidiano da bicicleta, mas que são esquecidos e alienados quanto ao direito de usufruto

do espaço público da rua por políticas públicas que querem mais construir grandes obras viárias para a fruição do transporte motorizado, ações de caráter maléfico que afugentam os filhos desses senhores do Brasil afora que, agora utilizam motocicletas mortíferas dada a condição do motociclista (maior número de acidentes fatais).

Dessa forma, concordamos com Carlsson (2014) da bicicleta como um significante cultural que começa a unir pessoas de diferentes estratos sociais porque sinaliza uma sensibilidade que vai contra as guerras do petróleo e a devastação do meio ambiente provocadas pelas indústrias petrolíferas, ou seja, uma decadência urbana imposta por carros e suas vias, o que vai de encontro a ideia do senso comum de que nossas cidades são apenas de ruas para carros, não são para pessoas, traduzida na infinita expansão monocultural que se espalha pelos bairros de classe média. Por outro lado, essa nova subcultura da bicicleta representa localismo, um ritmo mais humano de usufruto da tecnologia, interação cara a cara, o ciclista precisa olhar no olho do sujeito que está dirigindo um automóvel para ter a certeza de realizar um cruzamento, estar sempre atento em todos os deslocamentos, autossuficiência tecnológica prática dada a simplicidade da mecânica de bicicleta diferente do carro que sempre tem que estar no mecânico especializado, pois assim como entregamos nossa saúde para um médico especialista porque ele sabe das nossas doenças fisiológicas, uso da reciclagem, o ciclista tem noção do que produz e do seu lixo porque está mais conectado com o meio, um meio saudável que favorece a autopropulsão e vistas agradáveis.

Enfim, ponderamos que essas pessoas resistentes conhecem verdadeiramente a realidade no que tange a uma consciência crítica do real vivido e presenciado, mas por não terem voz de comando, continuam suas vidas em meio a loucura do deslocamento das cidades latino-americanas e seus gestores que preferem esquecer que existe esses ciclistas ao privilegiar seus pares motoristas que gozam atrás do seu possante “tirando fina” desses ciclistas a cada ultrapassagem que por não-ser compreendido como

semelhante, está “à margem” social, mas diante dessa totalidade (motorista), realmente quem exclui o outro do mundo da rua?

Considerações Finais

No campo da educação e/ou educação física, destacamos na potencialidade do ato de pedalar como práxis de libertação, a possibilidade de criação de pontos de cultura de bicicleta, no caso, construção de espaço cidadania para pedalar ‘Bicicletaria Cultural’, à exemplo do espaço de mesmo nome situado na cidade de Curitiba, incluso o espaço é sede da CICLOIGUAÇU - Associação dos Ciclistas Urbanos do Alto Iguaçu, organizadora do 3º Fórum Mundial da Bicicleta no ano de 2014, também à frente do estabelecimento foi criada a Praça de Bolso do Ciclista (Santana et.al, 2017). Assim, entendemos que a contribuição da cultura de bicicleta têm caráter de intervenção educativa explícita e intencional que, propõe o diálogo equitativo entre cicloativistas e poder público atualmente enviesado e distante de ser realizado de forma plena, tanto pelo interesse do capital, como também dos escassos canais formais de comunicação, muito pelo baixo interesse da população que vê na bicicleta apenas um instrumento de brinquedo e, na figura dos próprios gestores que, por utilizarem o automóvel predominantemente e, até mesmo por interesses corporativos, estão incapacitados de enxergar nessa urbanidade constituída a condição do outro que pedala compartilhando o espaço da rua. Esta conjuntura política está caracterizado no baixo investimento em políticas públicas de infraestrutura cicloviária.

À nível institucional, destacamos possíveis ações de impacto para a promoção do uso da bicicleta nas cidades. Nos estabelecimentos da rede pública de ensino, a bicicleta deve ser considerada como um processo pedagógico dentro do ambiente escolar, pois muito se ouve sobre os perigos para a criança pedalar no transito compartilhado com o transporte motorizado, mas para além da questão do risco, pensamos que a escola é um eixo estruturante devendo ser um dos principais proponentes por parte do

Estado no incentivo ao uso da bicicleta e que o educador físico torna-se essencial na comunicação sobre a necessidade da prática social do pedalar, seja em relação à saúde relacionada à ecologia da espécie humana como também no papel do cidadão que colabora para com o outro na mobilidade urbana. No Sistema Único de Saúde (SUS), destaca-se a importância do conhecimento pelos profissionais de saúde que trabalham em cada Unidade Básica de Saúde (UBS) uma estratégia de medicina preventiva na conscientização destes para com a população em promover a importância da mobilidade ativa com a organização de passeios coletivos, tanto caminhando como pedalando e, ainda, disponibilizar infraestrutura simples como paraciclos para estacionamento das bicicletas com segurança e vestiários para higienização pessoal.

Entendemos parcialmente as ações melindrosas dos gestores públicos na América Latina, principalmente por a grande maioria utilizarem majoritariamente do automóvel para deslocamento cotidiano, não conseguem raciocinar estratégias de impacto voltadas ao uso da bicicleta, muito por não fazer parte do seu imaginário (por vezes apenas como lembrança de um brinquedo na infância-adolescência) e nem ao menos de seus pares que também dirigem carros. Isto se deve principalmente pela influência do mercado da indústria automobilística que proporciona às prefeituras grande fonte de arrecadação de impostos, além da propaganda massiva nos meios de comunicação em cima desse bem simbólico em que não raro atribui de modo imagético poder e status, o que acaba materializando certo uso e ocupação do solo em obras públicas que favorecem o transporte por meio do automóvel, e não de pedestres, de ciclistas ou por via transportes coletivos. Levando em conta que a maioria dos acidentes de trânsito os motoristas estão presentes, consideramos que, se cada cidadão ao pleitear sua Carteira Nacional de Habilitação (CNH) tenha a oportunidade obrigatória da vivência de ser ciclista em meio ao trânsito, cremos que acarretaria melhor a compreensão deste modal de deslocamento com possíveis benefícios para a mobilidade urbana coletiva, portanto, educação, cidadania e direito humano da população.

Concluimos que, apesar das reivindicações da prática social do cicloativismo por melhores condições para o uso da bicicleta, grande parte dos cicloativistas deixam de alcançar o âmbito político por desconhecerem o aspecto simbólico do efeito blasé (Simmel, 2005) de que, nas grandes cidades, a vida perde sua potência para formas sublimadas de sedentarismo. Diante dessa situação desfavorável, compreendemos que a discussão proposta em audiências públicas para implantação da infraestrutura cicloviária, influencia positivamente tanto na representação institucional como no enfrentamento à indiferença coletiva (de motoristas) aos ciclistas urbanos.

Referências

AUGÉ, M. (1994). **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus.

BRASIL. (1998). **Código de Trânsito Brasileiro (CTB)**. Lei n. 9.503, 23 de setembro de 1997. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. [http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9503.htm]

BRASIL. (2012). **Política Nacional de Mobilidade Urbana (PNMU)**. Lei nº 12.587, de 3 de janeiro de 2012. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. [http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112587.htm]

CARLSSON C. (2014). **Nowtopia: iniciativas que estão construindo o futuro hoje**. Porto Alegre: Tomo Editorial.

CARMO, CS. (2017). **Epistemologia da bicicleta: processos educativos emergentes na prática do pedalar**. Tese (Doutorado em Educação). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

DUSSEL, E. (1974). Superación de la ontología dialéctica. La filosofía de la liberación latino-americana. In: **Método para una filosofía de la liberación**. Espanha/Salamanca: Sigueme.

----- (1995). **Arquitectónica de la ética de la liberación**. In: II Congreso Internacional de Fenomenología, Guadalajara.

----- (1991) Los grundisse y la cuestión de la dependência. In: DUSSEL, E. **La producción teórica de Marx: um comentário a los grundisse**. Espanha: Siglo XXI.

-----, **20 Tesis de Política**. (2006) Mexico: Siglo XXI: Centro de cooperación regional para la Educación de Adultos em America Latina y Caribe.

----- (2006). Cultura imperial, cultura ilustrada e liberación de la cultura popular. In: DUSSEL, E. **Filosofía de la cultura y la liberación**. México: Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM).

FREIRE, P. (1969). **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GONÇALVES JUNIOR, L; CARMO, CS; CORRÊA, DA. (2015). Cicloviagem, lazer e educação ambiental: processos educativos vivenciados na serra da canastra. **Licere**, Belo Horizonte, v.18, n.4, p.173-208.

GONÇALVES JUNIOR L; CORRÊA DA; CARMO CS; TORO-ARÉVALO S. (2016). Diarios de bicicleta: procesos educativos vivenciados en la Ruta de las Emociones. **Estudios pedagógicos**, Valdivia, n.42, n.1, p.323-337.

HONNETH, A. (2003). **Luta por reconhecimento:** gramática moral dos conflitos sociais. Tradução: Luiz Repa. São Paulo: Editora 34.

ILLICH, I. (2005). Energia e Equidade. In: LUDD, N. (Org.) **Apocalipse motorizado:** a tirania do automóvel em um planeta poluído. São Paulo: Conrad.

SANTANA, DT; RECHIA, S; RODRIGUES, EAPC. (2017) As Brechas da Cidade: a Praça de Bolso do Ciclista da Cidade de Curitiba, Paraná. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n.1, p.311-324.

SERGIO M. (1999). **Um corte epistemológico: da educação física à motricidade humana.** Lisboa: Instituto Piaget.

SIMMEL, G. (2005). As grandes cidades e a vida no espírito. **Mana**, São Paulo, v. 11, n.2, p.577-591.

TORO-ARÉVALO, SA. (2016). Prefácio. A princípio foi a experiência... e logo depois veio a relação. In: GONÇALVES JUNIOR, L. **Motricidade.** Experiências de educar e educar-se. São Carlos: EDUFSCar.

¿SE ENSEÑAN LOS DEPORTES A TRAVÉS DE SU LÓGICA INTERNA? AVANCES EN LA INVESTIGACIÓN

Martin Marelli

Universidad Nacional de La Plata (Argentina)

Daniela Negri

Universidad Nacional de La Plata (Argentina)

Jorge Ricardo Saravi

Universidad Nacional de La Plata (Argentina)

Resumen

Este trabajo tiene como propósito presentar los avances de una investigación en curso de desarrollo en el Área de Estudios e Investigaciones en Educación Física (AEIEF), centro perteneciente al Instituto de Investigaciones en Humanidades y Ciencias Sociales (IdIHCS) de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, UNLP. Elaboraremos aquí un primer análisis de las entrevistas desarrolladas, las observaciones y el cruzamiento de éstas en dos de los deportes seleccionados para nuestro proyecto de investigación (Fútbol para ciegos y la Natación). Nuestro interés es analizar si en la ciudad de La Plata, Argentina, se utiliza y se conoce la lógica interna de la práctica que es enseñada y e indagar si estos saberes son aplicados al momento de su enseñanza.

Palabras clave: Lógica interna, Fútbol para ciegos; Natación; Praxiología Motriz.

Os esportes são ensinados através de sua lógica interna? Avanços na pesquisa

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar o progresso de uma pesquisa em andamento desenvolvida na Área de Estudos e Investigaciones en Educación Física (AEIEF), um centro pertencente ao Instituto de Investigaciones en Humanidades y Ciencias sociales (IdIHCS) da Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, UNLP. Vamos esticar aqui uma primeira análise das entrevistas desenvolvidas, das observações e do cruzamento destas em dois esportes do nosso projeto de pesquisa (Futebol para Cegos e Natação). Nós também tentaremos decifrar se, na cidade de La Plata, B.A. Argentina usa e conhece a lógica interna da prática que é ensinada e também, investigar se esse conhecimento é aplicado no momento de seu ensino.

Palavras-chave: Lógica interna, futebol para cegos; Natação; educação física; Praxiologia Motriz.

Are sports taught through their internal logic? Advances in research Abstract

The purpose of this paper is to show the progress of an ongoing research developed in the Área de Estudios e Investigaciones en Educación Física (AEIEF), a center belonging to the Instituto de Investigaciones en Humanidades y Ciencias sociales (IdIHCS) of the Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, UNLP. We will elaborate here a first analysis of the interviews developed, the observations and the crossing of these in two sports of our research project (Football for the Blind and Swimming). We will also try to decipher if, in the city of La Plata, B.A. Argentina internal logic of the practice that is taught is used and known, and also to investigate if this knowledge is applied at the moment of its teaching.

Keywords: Internal logic, Football for the blind; Swimming; physical education; Motor Praxiology.

Introducción

En esta ponencia nos proponemos socializar algunos avances de un trabajo de equipo que se lleva a cabo en el marco del proyecto de investigación titulado “Lógica interna, prácticas corporales y Educación Física” (2015-2018). Nuestro marco teórico es la Praxiología Motriz o ciencia de la acción motriz (Parlebas, 2001), y el objetivo general es “Analizar la lógica interna de las prácticas corporales, indagando en la influencia que ejerce el conocimiento de los aspectos que la componen al momento de su enseñanza en el campo de la Educación Física” (Saraví, 2015:5).

La metodología utilizada en esta investigación es cualitativa, de corte interpretativo, y los instrumentos de recolección de la información seleccionados son entrevistas y observaciones de campo. Actualmente hemos finalizado la etapa de recolección de datos y nos encontramos realizando los primeros cruzamientos y análisis de esta información.

Los deportes analizados y que hemos seleccionado para presentar en este artículo, son la natación y el fútbol para ciegos (²).

En general, la mayoría de los profesores de educación física inician el viaje de la enseñanza sin disponer de fundamentos teóricos y prácticos solventes para responder a las preguntas que tienen lugar en su ejercicio

² En este proyecto de investigación, además de las dos analizadas en este texto, también han sido seleccionadas otras prácticas corporales y deportivas. Nos referimos a: handball, sóftbol, cestobol, taekwondo, canotaje y juegos motores (las cuales no las hemos abordado en esta ocasión por razones de extensión).

profesional. El hecho de carecer de un objeto de estudio propio y original, motiva que la formación recibida haya consistido en una actitud de casi “sumisión” ante muchas disciplinas que, a pesar de ser reconocidas como ciencias básicas y consagradas, devienen periféricas o auxiliares en el conocimiento y uso de las practicas físicas y deportivas ¿Acaso la anatomía, la fisiología o la psicología resuelven realmente los problemas prioritarios con los que se encuentra el profesor de educación física como por ejemplo, tener que organizar situaciones motrices de enseñanza-aprendizaje, modificarlas o secuenciarlas? (Lavega, 2004: 158)

Contestando la pregunta que se formula nuestro colega español Pere Lavega, creemos que la Praxiología Motriz puede aportar las herramientas para mejorar la enseñanza de los juegos y deportes. Es en esa perspectiva que hemos llevado adelante este trabajo de investigación, del cual compartiremos algunos análisis surgidos de nuestras observaciones y entrevistas.

Breve referencia a la metodología utilizada.

Tanto en el caso de la natación como en futbol para ciegos, las prácticas observadas fueron en clubes con perfil de competición. En cuanto a la natación específicamente, en estas clases participaban alumnos de entre 9 y 12 años, y se referían a un nivel de enseñanza y de perfeccionamiento en las técnicas de nado. Por el lado del fútbol, las observaciones se concretaron en prácticas de entrenamiento, con jugadores que se estaban iniciando en el deporte y con otros ya avanzados. La categoría en ese caso, era mayores de 18 años, transitando entre la juventud y adultez muchos de ellos (no se pudieron realizar otro tipo de observaciones ya que en nuestro país existen muy pocas escuelas de iniciación para este deporte).

El eje principal de las preguntas formuladas en las entrevistas giraba en torno a la idea de “lógica interna”. Entendemos este concepto como el “sistema de los rasgos pertinentes de una situación motriz y de las consecuencias que entraña para la realización de la acción motriz correspondiente” (Parlebas, 2001:302); dicho en otras palabras la lógica interna son las características principales de una determinada práctica corporal. La primera parte de la entrevista intentaba conocer acerca de cómo

los docentes de Educación Física y entrenadores entrevistados llegaron a conocer y enseñar el deporte, cuál era su formación académica en general y específica en esa disciplina. En una segunda etapa de la entrevista pasamos a indagar respecto a categorías propias de la lógica interna en relación con la enseñanza de cada deporte en particular. Aquí nuestras preguntas remitían a indagar sobre las relaciones entre participantes, la relación de los sujetos, con el espacio, con el tiempo y con los objetos y-o materiales utilizados para la práctica. Finalmente la entrevista se enfocaba a conocer si el concepto lógica interna era utilizado y en caso de obtener una respuesta afirmativa, como llegó a él, y que conceptos dominaba sobre el tema, además de preguntar si tenía informaciones o conocimientos de la Praxiología Motriz como marco teórico de referencia.

Un análisis investigativo del Fútbol para ciegos.

El fútbol ciego, es la adaptación del fútbol sala para brindar la posibilidad de ser jugado por personas con ceguera. Tal como todos los deportes o juegos y prácticas corporales en general, tiene su propia lógica interna: en este caso un equipo de este deporte se conforma con cinco jugadores de campo, de los cuales cuatro jugadores -de campo-, según el reglamento deben estar dentro del nivel denominado B1 (que es la clasificación de ceguera de más alto grado, más cercana a la ceguera total), y el arquero debe ser una persona no ciega. También se cuenta con guías, en este caso son tres: el arquero, el técnico y el llamador. Cada uno debe estar ubicado en su tercio de cancha. Se juegan dos tiempos de 20 minutos netos, habiendo un tiempo muerto por cada tiempo. La pelota es sonora, siendo la más utilizada en la Argentina aquella que cuenta con seis capsulas de metal compuestas por seis gajos y que por dentro contiene rulemanes, lo cual produce sonido al moverla. Dentro de todas sus reglas, quizás la más importante es que aquella que refiera a que jugador que quiera disputar el balón debe decir en voz alta la palabra "Voy".

La cancha mide 20 metros de ancho por 40 metros de largo y está dividida en tres tercios, los cuales están separados por una línea punteada. Esta línea es la que les permite a los guías saber hasta donde ellos pueden

hablar, es decir que cuando la pelota esté en su tercio, el responsable de ese sector es el que puede/tiene que hablar, y los otros dos guías no pueden dar indicaciones.

Algunos elementos surgidos del análisis de las entrevistas:

Al analizar y comparar las entrevistas hechas a entrenadores de Fútbol para ciego, observamos que algunos son profesores de educación física y otros no, algunos tienen muchos años en este deporte y otros apenas unos pocos. En cuanto a los aspectos constituyentes de la lógica interna podríamos considerar lo siguiente:

Con relación al espacio y tiempo: En algunos casos se entrena en espacios reducidos (por ejemplo, mitad de cancha, es decir 20x20 metros). Dos de nuestros entrevistados nos comentaron que al final de cada práctica se dedica tiempo a un partido del deporte propiamente dicho, en otro caso se menciona que en un solo día, de todos los que se entrena, se realiza partido. Se le suele asignar al match un tiempo que ronda entre un máximo de una hora máximo hasta veinte minutos como mínimo, incluyendo espacio para parar el juego y dar indicaciones.

En relación con la comunicación y contracomunicación motriz³. Durante la entrevistas realizadas estos conceptos no fueron mencionados, pero se dejaron entrever que en algunos de los ejercicios propuestos parecían ser incluidos principios de juegos relacionados a estas situaciones de interacción motriz, tanto de cooperación como de oposición. Como por ejemplo ejercicios de defensa donde uno atacaba y defendían tres, o situaciones de uno versus uno (dando a entender una práctica reducida de este deporte).

Lo que se desprende de la lectura de las entrevistas es que se le asigna mucha importancia a los ejercicios reducidos con relación a la comunicación motriz. En las observaciones se visualizó que estos eran ejercicios de pase -

³ Siguiendo a Parlebas (2001), diremos que la comunicación motriz es una interacción motriz *cooperativa*, directa y esencial, que se puede llevar a cabo por ejemplo mediante la transmisión o pase de un balón (en ese caso de futbol). Y la contracomunicación motriz es una interacción motriz de *oposición*, también directa y esencial, que puede ser por ejemplo una ruptura en las acciones comunicativas de los contrincantes, concretada a través de la intercepción del balón.

recepción, conducción - pase y recepción. Así como también eran mencionados ejercicios únicamente de contracomunicación, como por ejemplo enfrentar al arquero contra un atacante, en un “mano a mano”. Por otro lado, todos los entrevistados coinciden que las ejercitaciones propuestas a sus jugadores, por ejemplo las referidos a la técnica de conducción, generalmente se realizan ante alguien que se opone.

Como dijimos anteriormente, en el fútbol para ciegos participan asimismo los por guías, los cuales influyen mucho en la lógica interna de este deporte. Cada uno de ellos puede hablar, indicando jugadas, desde en su tercio correspondiente. En las entrevistas no fue mencionado nada que tuviera que tenga que ver con el rol de los guías. Por esta razón, aunque es clara su importancia en relación a las acciones de juego, no pudimos identificar que ninguno de los entrevistados pensara ejercitaciones o partes del entrenamiento en relación a su participación.

Algunos elementos de la investigación desde la natación deportiva

Para este estudio fueron seleccionadas algunas pruebas en especial: las carreras individuales de 50 metros, de 100 metros, y de 200 metros; todas ellas en piletas cubiertas. Nuestro análisis nos permite categorizar a esta forma competitiva de la natación como claramente deportiva, y para ellos tomamos como punto de partida el siguiente concepto de deporte: “Conjunto de situaciones motrices codificadas en forma de competición e institucionalizadas” (Parlebas, 2001:105). Las profesoras que llevaron adelante las clases observadas y que luego fueron entrevistadas, tienen título habilitante específico. Una de ellas es Profesora en Educación Física graduada de una Universidad y la otra de Maestra en Educación Física egresada de un Instituto de nivel Superior.

Nuestro objetivo era analizar si en el caso de esta investigación se utiliza y se conoce la lógica interna de la práctica que es enseñada (en este caso la natación), y asimismo indagar si estos saberes son aplicados al momento de llevar a cabo las intervenciones didácticas. Pasamos a continuación a un breve análisis de los datos recolectados en nuestro trabajo de campo.

Relación con sus compañeros y adversarios:

De acuerdo a lo que se desprende de los reglamentos, en las carreras de competición individuales no existe comunicación motriz directa con otros sujetos. Las carreras se realizan en un espacio de acción donde cada practicante se encuentra solo en su andarivel, sin interactuar o relacionarse con compañeros o adversarios. Aquí no hay -o no debería haber de acuerdo a las reglas instituidas-, interacción motriz⁴.

Sin embargo, en todas las clases observadas se compartía un único espacio de práctica, habiendo hasta catorce nadadores en un mismo carril. Además no fueron registradas propuestas o ejercitaciones de competición. Los alumnos nadaban uno atrás de otro, sin tocarse ni interferir físicamente en las acciones motoras del otro.

Asimismo, se observó repetidamente que al llegar al final de cada tramo a recorrer, en la actividad propuesta por la profesora, y antes de volver a salir, los alumnos y alumnas miraban para atrás. Un desafío a partir de esta observación, es intentar precisar por qué lo hacen. Una hipótesis tentativa sería que lo realizan para socializar o para saber “qué distancia le sacó al compañero”, caso en que sí estaríamos hablando de una cierta idea de competición.

Relación con el tiempo:

En los reglamentos de las competiciones el tiempo es cronometrado y es a su vez lo que determina el ganador de la prueba. En las clases y sesiones observadas no hubo en ningún momento registro de tiempo/s. Las consignas dadas por los docentes tenían un metraje a cumplir, el cual era completado a la velocidad deseada por cada participante. En las entrevistas las profesoras hicieron hincapié en que la formación deportiva, en los niveles observados, debe ser mayormente técnica, razón por la cual explican que entonces no exigen intensidades en sus clases.

Los espacios utilizados:

⁴ “Existe interacción motriz cuando, durante la realización de una tarea motriz, el comportamiento de un individuo influye de manera observable en el del otro o varios de los demás participantes” (Parlebas, 2001:269).

Las medidas reglamentarias de las piletas de natación pueden tener 50 metros o 25 metros de longitud, y entre 1,00 y 6,00 metros de profundidad. De acuerdo al reglamento la pileta debe estar dividida en carriles de 2,50 metros de ancho cada uno. El espacio utilizado por cada nadador será únicamente un carril. También se utiliza la plataforma de salida para las pruebas de libre, mariposa, pecho y combinados individual y por equipos. Todas las medidas de estos espacios están estandarizadas y reglamentadas.

En las observaciones realizadas, de los dos natatorios solo uno contaba con las medidas reglamentarias. El espacio utilizado era de solo un sólo carril, en el cual estaban la totalidad de los alumnos. Los cubos de partida solían ser utilizados en algún momento de la clase. De las entrevistas surgió que una profesora notó, que en las competencias participativas que realizan dos veces al año, los alumnos nadaban por el costado del carril; esto la llevó a advertir que la relación con el espacio de nado era errónea. Ella menciona que tuvo que enseñar a nadar en el centro del carril, algo que habitualmente en las clases no sucede porque el espacio es compartido.

El material o materiales utilizados.

Según el reglamento en las carreras de natación no se utilizan materiales. Pero en las clases observadas se detectó el uso de distintos tipos de elementos como por ejemplo tablas, flota-flota, manoplas, aros, todos éstos siempre asociados a trabajos de carácter técnico.

De las entrevistas surge que las profesoras proponen un uso del material de manera frecuente, inclusive una de ellas considera que es imprescindible. Las dos coinciden que el materia utilizado material para el trabajo técnico son los Flota - Flota, Tablas y Manoplas.

Conclusiones

Por muchos matices que se introduzcan, las investigaciones de biología, de psicología o de biomecánica implican casi siempre la mejora en los deportistas (en su córtex; sus neuronas; en sus músculos; sus viseras; sus

tendones; y sus huesos) más que sobre el funcionamiento del juego en sí mismo (Collard, 2004: 140).

Si tenemos en cuenta los avances de distintas ciencias en relación al estudio de los deportes, por qué no tener en cuenta los conocimientos que nos brinda la la Ciencia de la Acción Motriz. Al momento de extraer conclusiones esto sería potencialmente útil para poder enseñarlos de una forma más completa y holística. Desde nuestra perspectiva, consideramos que conocer elementos y conceptos de la lógica interna de cada deporte permitirían a los profesores a cargo de la enseñanza contar con muchas herramientas para que sus deportistas y-o alumnos realicen las acciones con un sentido y no ejecutando meras repeticiones de técnicas sin un objetivo definido.

Los deportes analizados en este trabajo son, diferentes entre sí en cuanto a su lógica interna. Mientras la natación es una práctica psicomotriz que se desarrolla en un medio estable, sin incertidumbre, y que podría ser ubicada dentro de la red estable de comunicación (Lagardera y Lavega, 2003), en cambio el fútbol para ciegos es un deporte sociomotriz, de cooperación-oposición, donde sin bien el medio es estable existe una gran incertidumbre proveniente de las acciones de juego de los adversarios.

A pesar de que en ambos deportes no haya muchos puntos de contacto en lo que concierne a sus rasgos pertinentes, si los hay en cuanto a los resultados obtenidos en nuestra investigación. Por lo observado y analizado hasta el momento, encontramos que no existe una misma lógica interna entre lo que lo que es propuesto por los profesores en las clases y lo que se plantea en esos deportes a la hora de la competición. La brecha es en ese sentido significativa: parecería que los participantes, cuando están aprendiendo y-o entrenando, se encuentran frente a prácticas corporales distintas a aquellas que luego van a realizar en las situaciones competitivas institucionalizadas. En muy pocos casos se puede observar una consonancia entre lo que es propuesto u organizado en las prácticas previas, con lo que luego va a suceder a la hora de la competición. Tanto en la natación como en el fútbol para ciegos, nuestras conclusiones indican que la lógica interna utilizada por el docente está muy alejada de la que se presenta en el deporte competitivo. A

modo de ejemplo de lo relevado en este trabajo de esta falta de correlación, podemos destacar la enseñanza de técnicas de manera descontextualizada y la utilización poco pertinente de los espacios y los materiales.

Nuestro desafío a futuro en esta investigación es encontrar respuestas al porqué estas lógicas son diferentes. Es por ello que algunos de los interrogantes que nos formulamos son: ¿Existe más de una lógica interna en el proceso que lleva desde el aprendizaje hasta el deporte competitivo? ¿Cómo debería o podría proponerse desde lo didáctico el tránsito por ese camino? Los profesores y profesoras, ¿Conocen la lógica del deporte que enseñan? ¿Sería posible delinear nuevos planes de estudio de la carrera de Educación Física teniendo en cuenta estos principios? Esperamos obtener próximamente, a través de un análisis más profundo y una vez finalizado nuestro proyecto, algún acercamiento a respuestas para estas incertidumbres.

Bibliografía

COLLARD, L. (2004). Aplicaciones de la noción de conducta motriz en el entrenamiento deportivo. En LAGARDERA, F. y LAVEGA, P (Eds.). La ciencia de la acción motriz. Lleida: Universidad de Lleida.

IBSA. Reglas de Fútbol Sala. (2014). Reglas de juego de fútbol sala de la federation internationale de football association, adaptadas al fútbol sala de ciegos totales. Edición de la Federación Internacional de Deportes para Ciegos.

LAGARDERA, F. & LAVEGA, P. (2003). Introducción a la praxiología motriz. Barcelona: Editorial Paidotribo.

LAVEGA, P. (2004). Aplicaciones de la noción de conducta motriz en la enseñanza. En LAGARDERA, F. y LAVEGA, P (Eds.). La ciencia de la acción motriz. Lleida: Universidad de Lleida.

PARLEBAS, P. (2001). Juegos, deportes y sociedades: Léxico de Praxiología motriz. Barcelona: Editorial Paidotribo.

PERCIVALE, C. A. (2010). Reglamento y Arbitraje en Natación. Reglamento FINA comentado 2009-2013. Buenos Aires: C.A.D.D.A.

SARAVÍ, J. R. (2015). Lógica interna, prácticas corporales y Educación Física. Proyecto de investigación. AEIEF-IdIHCS (Instituto de Investigación en Humanidades y Ciencias sociales), Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad Nacional de La Plata.

A EVOLUÇÃO DOS PROJETOS SOCIO ESPORTIVOS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Carlos Henrique Dória

Faculdade Mércurio
Universidade Trás dos Montes Alto Douro

Jose Fernandes Filho

Universidade Federal Estado do Rio de Janeiro

Gilson Oliveira Filho

Faculdade Mércurio
Universidade Trás dos Montes Alto Douro
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Universidade Augusto Motta

Sergio Medeiros Pinto

Faculdade Mércurio
Universidade Estacio de Sá
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Resumo

A preparação acadêmica e a experiência prática dos profissionais que militam no esporte, mais especificamente nos projetos sócio esportivos, são de fundamental importância para a evolução da sociedade em questão. No caso do Rio de Janeiro, o esporte tem o seu centro de referência intimamente ligado aos nossos valores sociais e completamente inseridos no contexto sociocultural do nosso povo. Tendo como objetivo deste estudo é identificar os Marcos Históricos endossados pelos artífices do movimento dos projetos sócio esportivos da cidade do RJ e de forma secundária estabelecer uma periodização relacionando as políticas públicas e as ações sociais no Rio de Janeiro. Através da metodologia descritiva e relacional com um levantamento bibliográfico e entrevista com profissionais intimamente ligados ao esporte e as projetos sócio esportivos, relacionando os blocos de conteúdos e períodos, tendo como resultado uma significância estatística nas opções sim.não e sim.dúvida nos conteúdo dos referidos blocos através do teste não-paramétrico qui-quadrado (χ^2). Desta forma, foi possível entender que o processo de evolução dos projetos sócio esportivos favoreceram a introjeção das políticas públicas do esporte e ações sociais no desenvolvimento. Caso já comprovado em determinados períodos como fatores preponderantes na garantia dos valores sociais e seus desempenhos como parte integrante no desenvolvimento da cidadania o qual tantos sinalizam, ficando caracterizado que quanto ao período do Incógnito dos projetos sócio esportivos da cidade do Rio de Janeiro, constatou-se principalmente, que os profissionais do esporte,

unanimemente não discursavam sob a existência dos projetos sócio esportivos. Em relação ao período da Implantação dos projetos sócio esportivos na Cidade do Rio de Janeiro, pode-se afirmar que a maioria concorda com todos os fatos acontecidos nesse período. Sobre o período do crescimento dos projetos sócio esportivos da cidade do Rio de Janeiro, conclui-se que os envolvidos acreditam nas evidências desse período. E um outro fato relevante foi que os profissionais do esporte, concordam com o período da Discordância, fato relatado pelos pesquisados em relação aos projetos, que não tinham um formato globalizado e aconteciam de forma aleatória. Entre as manifestações dos entrevistados no quinto período, está evidente o fato em que se consolida a Fusão do sócio esportivo como proposta indexada pelo estudo em questão. Assim sendo, o estudo possibilita algumas inclusões no referendo histórico relacionando à Periodização da Evolução dos projetos sócio esportivos na cidade do Rio de Janeiro. Os projetos sócios esportivos qualificam a cidade com grande relevância nesses aspectos conforme os períodos relatados que correspondem à sua evolução.

Palavras-chave: Esporte; Políticas Públicas; Projetos Sócio Esportivos.

Ciclismo urbano y procesos educativos: cicloactivismo como praxis de la liberación

Resumen

La preparación académica y la experiencia práctica de los profesionales que militan en el deporte, más específicamente en los proyectos de socios deportivos, son de fundamental importancia para la evolución de esta sociedad. En el caso de Río de Janeiro, el deporte tiene principalmente un centro de referencia estrechamente vinculado a nuestros valores sociales e insertado en el contexto sociocultural de nuestro pueblo. El objetivo es establecer una periodización relacionada con las políticas públicas y las acciones sociales en Río de Janeiro. A través de la metodología descriptiva y relacional con una encuesta bibliográfica y entrevista con profesionales íntimamente relacionados con el deporte y los proyectos de los socios deportivos, relacionando los bloques y periodos de contenido, teniendo como resultado una significación estadística en las opciones sí.no y sí.doubt en el contenido de estos bloques a través de la prueba chi-cuadrado (χ^2). De esta forma, es posible comprender que la evolución de los proyectos de socios deportivos favoreció la introyección de las políticas públicas de actividades deportivas y sociales en el desarrollo. Caso ya probado en ciertos períodos como factores preponderantes en la garantía de los valores sociales y sus actuaciones como parte integral en el desarrollo de la ciudadanía que tantas señales, se destacó que en cuanto al período de ignorancia de los proyectos socios deportivos de la ciudad de Río de Janeiro, se destacó, en particular, que los profesionales del deporte unánimemente, no hicieron sus discursos ante la existencia de los proyectos de los socios deportivos. En relación con el período de Implementación de los proyectos socios deportivos de la ciudad de Río de Janeiro, podemos afirmar que la mayoría está de acuerdo con todos los hechos ocurridos durante este período. Sobre el período de crecimiento de los proyectos socios deportivos de la ciudad de Río de Janeiro, se concluye que los

involucrados creen en la evidencia de este período. Y otro hecho relevante fue que los profesionales del deporte están de acuerdo con el período de Desacuerdo, hecho informado por búsqueda en relación con los proyectos, que no tenían un formato global y que solía suceder en forma aleatoria. Entre las manifestaciones de los entrevistados en el quinto período, es evidente el hecho de que se consolida la fusión de los proyectos de socios deportivos como propuesta indexada por el estudio en cuestión. Por lo tanto, el estudio permite algunas inclusiones en un referéndum histórico relacionado con la Periodización de la evolución de los proyectos de socios deportivos de la ciudad de Río de Janeiro. Los proyectos de socios deportivos califican a la ciudad con gran relevancia en aspectos tales como los períodos reportados que corresponden a su desarrollo. Palabras clave: deportes, políticas públicas, proyectos de socios deportivos.

Palabras clave: Deporte; Políticas públicas; Proyectos sócio deportivos.

Urban bicycling and educational process: cycloactivism as an liberation práxis

Abstract

The academic preparation and the practical experience of the professionals who militate in the sport, more specifically in the sports partner projects, are of basic importance for the evolution of this society. In the case of Rio de Janeiro, the sport mainly has its center of reference closely linked to our social values and inserted in the socio-cultural context of our people. The goal is to establish a periodization relating the public policies and social actions in Rio de Janeiro. Through the descriptive and relational methodology with a bibliographic survey and interview with professionals intimately connected to the sport and the sports partner projects, relating the content blocks and periods, having as a result a statistical significance in the options yes.no and yes.doubt in the contents of these blocks through the chi-square test (χ^2). In this way, it's possible to understand that the evolution of the sports partner projects favored the introjection of the public policies of sports and social activities in the development. Case already proven in certain periods as preponderant factors in the warranty of the social values and their performances as an integral part in the development of citizenship which so many signals, getting featured that as for the period of ignorance of the sports partner projects from the city of Rio de Janeiro, it was noted, particularly, that the sports professionals unanimously, don't made their speeches under the existence of the sports partner projects. In relation to the period of Implementation of the sports partner projects from the city of Rio de Janeiro, we can affirm that most agree with all the facts occurred during this period. About the period of the growth of the sports partner projects from the city of Rio de Janeiro, it is concluded that the involved believe on the evidence of this period. And another relevant fact was that the sports professionals agree with the period of Disagreement, fact reported by searched in relation to projects, who didn't have a global format and used to happen at random form. Among the manifestations of the interviewees in the fifth period, is evident the fact that consolidates the merger of the sports partner projects as proposal

indexed by the study in question. Therefore, the study enables some inclusions in historic referendum relating to the Periodization of the evolution of the sports partner projects from the city of Rio de Janeiro. The sports partner projects qualify the city with great relevance in such aspects as the reported periods that correspond to their development.

Keywords: Sports; Public Policies; Sports Partner Projects.

Introdução

Políticas esportivas para crianças e adolescentes têm sido alvo de organismos públicos, privados e de terceiro setor (BRETÃS, 2007; GUEDES, MELO, 2004; MELO, 2005). Assim, através de diferentes iniciativas, têm surgido em todo o país incontáveis projetos a fim de promover atividades esportivas no contra turno escolar para crianças e adolescentes. Tais iniciativas, nomeadas em sua maioria pelo termo “projetos sócio esportivos”, vêm ganhando destaque na mídia e na sociedade (MELO, 2004; 2005).

Um fator que ajuda a justificar o aumento no número de projetos sócio esportivos é a relação do esporte com a promoção da saúde comprovada por meio de expressivas evidências científicas, quando comparado com outros indicadores de inclusão social, como desempenho escolar e prevenção da criminalidade (RUIZ, 2014).

O esporte participação, ou esporte popular, referenciado por Tubino (2007) como “o princípio do prazer lúdico, tem como finalidade o bem-estar social dos seus praticantes”. Os projetos sócios esportivos da cidade do Rio de Janeiro acreditam que com o esporte popular ou esporte participação, o indivíduo vê um contraponto com os atos infratores. Entretanto, o projeto sócio esportivo da cidade do Rio de Janeiro tem o esporte popular ou esporte participação, como o mais importante, pois fomenta a prática do mesmo, objetivando a construção da cidadania.

O programa de socialização promovido através do esporte pelo Rio de Janeiro nos últimos 20 anos dá sentido ao movimento humano de várias formas, tanto pela cultura, como pelas propostas de construção da cidadania

através dos cursos oferecidos ou pelo esporte como maior promotor da motricidade humana.

Constata-se uma carência de evidências que identifiquem os marcos históricos do surgimento e evolução dos projetos sócio esportivos da cidade do Rio de Janeiro. Portanto o objetivo deste estudo é identificar os Marcos Históricos endossados pelos artífices do movimento dos projetos sócio esportivos da cidade do RJ. Como objetivo secundário de forma secundária estabelecer uma periodização relacionando as políticas públicas e as ações sociais no Rio de Janeiro.

Metodologia

A pesquisa, se caracteriza por um estudo que foi desenvolvido dentro de um modelo de pesquisa qualitativa apoiada sobre técnicas de estudo históricos correlacionais.

a) Seleção dos sujeitos

Os participantes dos estudos são os profissionais que estão diretamente ligados com o esporte e Projetos Sócio esportivos e tenham o conhecimento sobre os períodos dos projetos sócio esportivos. Assim sendo, o critério para a relação dos sujeitos foi intencional, pois deste modo foi possível chegar-se aos objetos de uma ação histórica para o estudo em questão.

Na pesquisa utilizou-se na amostra de 34 (trinta e quatro) profissionais relacionados ao Esporte, onde quatro participaram como júri, e 30 (trinta) que exercem força de trabalho nos projetos sócio esportivos. Os jurados atuaram para posterior confronto entre os seus julgamentos no que tange às respostas obtidas no questionário

Realizaram-se encaminhamentos para a execução da investigação, solicitando aos pesquisadores escolhidos que colaborassem com a pesquisa respondendo o instrumento de coleta de dados.

b) Instrumentação

Portanto, buscou-se no primeiro momento a avaliação do material histórico. Neste sentido, o estudo baseou-se em Flegner(1995) ao relatar que o material histórico deve possuir duas características; onde a primeira é denominada de crítica externa, isto é, quando um documento é genérico. A segunda crítica é reportada pelo autor como sendo a críticas ou moralidade interior. Nela encontra-se a desigualdade, compreendida através da interpretação conveniente dos conceitos antigos interpretados na atualidade, na natureza do conhecimento da época, ambiente social etc. Foi identificado neste momento os marcos históricos de acordo com a presença de documentos e com os depoimentos dos sujeitos participantes do estudo.

Após a realização do primeiro momento, encontrou-se na natureza da pesquisa descritiva a utilização do instrumento de validação da linha de tempo, estipulado no objetivo deste estudo. Assim sendo, optou-se pelo questionário que segundo GIL (1996) é a técnica de investigação com um número de questões que são apresentadas às pessoas para verificar as suas opiniões, crenças e situações vivenciadas etc.

Desta maneira, a utilização do questionário está relacionada às informações que não poderiam ser coletadas de outro modo (FLEGNER *op cit*). Portanto, o referido autor conclui que os questionários, expressando a periodização extraída da linha de tempo procuram expressar informações de eventos, permitindo e investigando o conhecimento através da opinião dos “*experts*”, que são aceitos como autoridades em suas áreas de referência e conhecimento.

c) Processo de validação do instrumento

Elaboradas as perguntas, o instrumento foi submetido a um processo de seleção e validação de conteúdo. Este procedimento foi esclarecido por Richardson (2007) ao afirmar que a pessoa que utiliza ou elabora um instrumento deseja determinar o comportamento de um sujeito em um universo de situações, as quais são colocadas no instrumento. Ela está referindo-se à sua validade de conteúdo. O conteúdo de instrumento (as

perguntas ou itens) é amostra de diferentes situações, e o grau em que os itens representam essas situações denomina-se validação de conteúdo.

Nos blocos de validação, procurou-se estipular através de um resumo das linhas de tempo os períodos neles relacionados que foram: 1º Período: Período incógnito dos Projetos sócio esportivos na Cidade do Rio de Janeiro até 1987; 2º Período: 1987 A 2001 - Período das Implantações dos Projetos sócio esportivos no Rio de Janeiro; 3º Período: 2001 a 2005 - Período do Crescimento dos Projetos sócio esportivos na Cidade do Rio de Janeiro; 4º Período: 2005 a 2006 - Período da Discordância entre os Projetos sócio esportivos no Rio de Janeiro e as ações sociais no Rio de Janeiro; 5º Período: 2006 a 2009 - Período da Fusão dos Projetos sócio esportivos no Rio de Janeiro como uma ferramenta política. No questionário, os blocos foram ordenados e devidamente testados em amostra diferente, visando investigar o conteúdo descrito dos itens, na sua adequação da vinculação aos objetivos propostos. Nesta etapa o instrumento recebeu as alterações necessárias para o seu ajustamento teórico. Foi nesta etapa também que foram acrescentadas perguntas para identificar quais foram as ações sociais presentes em cada período e suas respectivas políticas públicas, visando a elaboração de um quadro que relacionasse estas duas variáveis.

Como as perguntas que identificaram os períodos históricos da linha temporal são de natureza discreta, pois apresentam um nível de mensuração que as categoriza como nominal e categórica e portanto não obedecendo aos parâmetros da distribuição normal, tornou-se necessário a utilização de um teste não paramétrico (TOLEDO e OVELLE, 1983, LEVINE, STEPHAN, KREHBIEL e BERENSON, 2005), optou-se, portanto, por utilizar o teste qui-quadrado (X^2) para identificar diferenças significativas no cruzamento de respostas entre sim e não, sim e dúvida e não e dúvida. O nível de significância almejado nesta pesquisa foi de 0,05. Este teste procura comparar proporções, ou seja, as divergências entre valores observados e esperados para um determinado evento (VINCENT, 1994).

Os dados foram coletados por um dos autores da investigação, no contato direto com os profissionais do esporte que estão ligados aos projetos

sócio esportivos. A respeito da aplicação do questionário de uma forma direta, Richardson (*op. cit.*) afirma que, desta forma, existe menos possibilidade de os entrevistados não responderem o questionário ou de deixarem algumas perguntas em branco. Este autor complementa afirmando que no contato direto, o pesquisador pode explicar e discutir os objetivos da pesquisa e do questionário, responder as dúvidas que os entrevistados tenham em certas perguntas.

Resultados e Discussão

Respondendo ao objetivo, o quadro a seguir identifica os períodos que marcaram a memória social dos projetos sócio esportivo da cidade do Rio de Janeiro, de acordo com duas vertentes: Ações Sociais (AS) e Políticas Públicas (PP). Este quadro ajuda a relacionar o período político com o aparecimento dos projetos sócio esportivos do seu início até 2009.

As AS foram definidas como: campanhas ou movimentos que buscavam a aderência da sociedade às práticas esportivas caracterizando-se como ideias embrionárias no início e se consolidando como projeto sócio esportivo ao fim da linha temporal; por sua vez as PP são as autoridades políticas que medida que tomaram para si a implantação de determinada Ação Social. Nota-se que no quadro a seguir as ações sociais que não se relacionam com nenhuma PP são aquelas que ou se mantiveram por mais de um mandato ou não foram elaboradas por nenhuma PP diretamente.

Quadro 1 - Associação entre as Ações Sociais e as Políticas Públicas vigentes no mesmo período de tempo.

AÇÕES SOCIAIS	POLÍTICAS PÚBLICAS
- Campanha Mexa-se (Rede Globo de televisão)	
Até 1975: antes o governo era regido pelo Estado da Guanabara e do Rio de Janeiro	1975: Prefeito Marcos Tamoio
	1979: Pref. Israel Klabim

	1980: Prof. Júlio Coutinho
	1983: Prof. Jamil Hadaad
	1983: Prof. Marcelo Alencar
1985 - Criação da Sec. de Esportes	
<ul style="list-style-type: none"> - Proj. Recriação - Proj. Cuca Esperta (xadrez) - Ginástica na Praça - Capoeira na Rua - Formação de equipes <ul style="list-style-type: none"> + Futebol + Voleibol + Basquetebol 	1986: Prof. Saturnino Braga - Márcio Guimarães (SMEL) - Sérgio Cabral (SMEL) - Dez/1987, criação da FRE: Pres. Maneco Müller
- Criação da Vila Olímpica da Mangueira	- Senhor Carlos Dória/ Prof. Francisco de Carvalho
<ul style="list-style-type: none"> - Colônia de férias nas escolas e clubes - Proj. Craque do Futuro - Criança esperança 	
	1988: Prof. Jô Rezende
	<ul style="list-style-type: none"> - Sérgio Cabral (SMEL) + Extinção da SMEL - Geraldo M Mourão (SMCTE) - FRE: Pres. Maneco Müller
<ul style="list-style-type: none"> - Proj. Recriação - Proj. Cuca Esperta (xadrez) - Ginástica na Praça - Capoeira na Rua - Formação de equipes <ul style="list-style-type: none"> + Futebol + Voleibol + Basquetebol 	1989: Prof. Marcelo Alencar - Geraldo M Mourão (SMCTE) - Carlos E Novaes (SMCTE) - FRE: Pres. Sérgio Veloso/Raul Raposo
<ul style="list-style-type: none"> - Somente finais de semana Kit Lazer Tapetes florais Feliz Idade - bailes Gincana de Pintura Circo do Carequinha 	1993: Prof. César Maia - Criação da SMEL Secretaria Zélia Abdulmacih FRE: Pres. Mauro Madeira.
<ul style="list-style-type: none"> - Criança futuro - Jogos estudantis - Jogos dos Servidores - Atleta Rio 2000 (patrocínio) - Grandes eventos (patrocínio) - Escolinhas de Praia (patrocínio) - Feliz Idade (bailes e ginástica) - Proj. Vela na Lagoa - Eventos para deficientes uma vez por ano - 1ª Vila Olímpica Maré 	1997: Prof. Luiz Paulo Conde - José Moraes/Sérgio Veloso/Alexandre Furlaneto (SMEL) FRE: Pres. Alexandre Furlaneto/Sérgio Veloso
- CEMS - 11 escolinhas de modalidades Esportivas	

<p>SMEL</p> <ul style="list-style-type: none"> - Vilas Olímpicas (UAGP) - Unidades ativas de pequeno porte - Cidade da Criança - Bolsa esporte - Projeto de vela <p>FRE</p> <ul style="list-style-type: none"> - Projeto MEL - Bola na Cesta - Esporte sem parar - Tai Chi Chuan nas praças - Nadando na Escola - PEPPD - Esporte é lazer na Quinta da Boa Vista - Formação de Campeões 	<p>2001: Pref. César Maia</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ruy César (SMEL) <p>FRE: Luis C Bentes/Carlos A Torres</p>
<ul style="list-style-type: none"> - Vilas Olímpicas (UAGP) - Unidades Ativas de Pequeno Porte (UAPP) - Cidade da Criança - Amigos do agita - Show de Bola - Projeto de Vela - Programa MEL - Bola na Cesta - Esporte sem parar - Tai Chi Chuan nas praças - PEPPD - Agente Jovem (SMAS + Gov. Federal) 	<p>2005: Pref. César Maia</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ruy César/Gustavo Cintra (SMEL) <p>Extinção da FRE Fev/2006</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pres. Sérgio Velloso
<p>- Ações Sociais de cunho religiosos e Sociedades Autônomas.</p>	
<p>- Proj. Rio em Forma</p>	<p>2009: Pref. Eduardo Paes Francisco de Carvalho (SMEL)</p>

Baseado no memorial social, o estudo desenvolveu uma periodização, como embasamento às Ações Sociais e Políticas Públicas, que são a sequência histórica das intervenções para suprir as demandas seguintes em cada recorte histórico.

Primeiro Período - O Incógnito dos Projetos Sócio esportivos na cidade do Rio de Janeiro até 1987

Foi na década de 1970 que surgiram as primeiras políticas públicas de esporte e lazer no país. Primeiro, numa concepção de “reumanização”, ganhando espaço nas agendas públicas e na realização de diversos

seminários, por parte da administração pública. Depois, através do oferecimento de atividades de diversão como passeios ciclísticos, ruas de lazer (fechamento da rua para lazer), e a implementação do programa esportivo para todos proveniente da campanha MEXA-SE, do governo federal (TAVARES & GONÇALVES, *et. al.* 2010).

A conclusão dos itens assinalados nesse primeiro período deu-se em 30 dos entrevistados (100%), na alternativa (sim). Este resultado corrobora com os estudos realizados por vários autores (quais?), não tendo sido encontrado nenhum registro histórico no tocante a projetos sócio esportivos no Rio de Janeiro nesse período, a não ser pela criação da secretaria de esportes pelo Prefeito Saturnino Braga em 1985.

A sociedade ainda procurava alternativas para os problemas sociais e já entendiam que uma das alternativas era o esporte, autores como TUBINO (2007) já definiam o esporte como ferramenta de solução social.

Segundo Período - As Implantações dos Projetos Sócio esportivos no Rio de Janeiro.

No segundo período, dos 30 entrevistados, 27 (90%) assinalaram (sim), por entenderem que este período realmente retrata o período de Implantação. Nenhum dos entrevistados assinalou a alternativa (dúvida) (0%). 3 dos entrevistados (10%) assinalaram a alternativa (não). Desses três, um assinala que o termo correto era ação social. Estipula-se que no período de implantação as ações sociais eram globalizadas fato que atualmente diverge dessa questão tendo em vista que a visão multidisciplinar se refere à ações de saúde, administrativa e de direito, destacaram-se as seguintes respostas em relação a este item: Ação Social; Estipula a criação dos Projetos sociais. Fato que não tem valor nos dias atuais tendo em vista a visão multidisciplinar que o mundo preconiza. Os projetos que surgem nessa época visavam as atividades com idosos que era o projeto Feliz Idade que acontece até os dias atuais, as colônias de férias que já era uma prática comum nas escolas e clubes e também o projeto craque do futuro e as escolinhas de praia que as crianças

tinham contato direto com os jogadores de Futebol visando a criação de um imaginário na criança de um mundo diferente daquele em que elas viviam. Entretanto, pode-se constatar que, dos 90% que assinalaram a alternativa (sim), um deles afirma que, neste período, os termos Projetos sociais só pertenciam aos profissionais da área esportiva, pois era uma tentativa de mudança, pois estes acreditavam que o futuro social estava intimamente ligado ao esporte. Toda essa narrativa anterior contrasta com a realidade encontrada hoje no esporte carioca. Mudanças iniciadas nesta época propiciaram essa mudança de cenário. Em 1988, de acordo com o art. 217 da Constituição Federal, “... é dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada um” (BRASIL, 1988). Ainda confirmando e solidificando essa tendência de mudança de cenário, podemos e devemos citar que “... as políticas esportivas passam a ser alvo dos organismos públicos, privados e de terceiro setor...” Por isso, toda a sistemática do processo será ligado ao esporte esquecendo que as ações sociais tinham um âmbito muito maior.

Terceiro Período - O Crescimento dos Projetos Sócio esportivos na cidade do Rio de Janeiro.

O Estado e a sociedade formam, uma democracia, um todo indivisível. O estado, cuja competência é limite de atuação estão definidos precipuamente na constituição, deriva seu poder de legislar e de tributar a população, da legitimidade que lhe outorga a cidadania, via processo eleitoral. A sociedade, por seu turno, manifesta seus anseios e demandas por canais formais ou informais de contato com as autoridades constituídas. São pelo diálogo democrático entre o estado e a sociedade que se definem as prioridades as quais o governo deve ater-se para a construção de um país mais próspero. (TAVARES & GONÇALVES, *et. al.*, 2010) Nesse período, verificou-se que 28 (93,3%) dos entrevistados assinalaram a alternativa (sim). Somente 2 dos entrevistados, ou seja, (6,7%) sinalizaram (dúvida). Dentre os 28 que assinalaram (sim), um deles afirma que o primeiro Projeto social foi o da Vila

Olímpica da Mangueira, mas, algumas ações sociais surgiam pelo lado público que já entendia que a ação social era uma boa oportunidade para satisfazer as necessidades da população parcerias com empresas, pessoas do ramo artístico e esportivo começaram a endossar essa proposta participando das campanhas através dos espaços publicitários incentivando a população a participarem dessas ações e também surgiram dúvidas sobre outras campanhas como o “mexa-se” na década de setenta o Criança Esperança da Rede Globo que de fato foi uma das primeiras ações de cidadania ligadas às necessidades brasileiras, fato não encontrado em nenhuma das referências consultadas.

Quarto Período - Da Discordância entre os Projetos Sócio esportivos no Rio de Janeiro e as ações sociais no Rio de Janeiro.

Tendo em vista a realização da Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, na cidade do Rio de Janeiro, as discussões sobre políticas públicas de esporte e lazer ganham maior destaque, não só na metrópole, mas em todo o país, uma vez que tal oportunidade, longe de se limitar as questões diretas do tema, representa um impacto de tal ordem regional que inspira a organização específica de estudos, passando pela geografia do esporte e pelo urbanismo olímpico, termos que traduzem o novo cenário de embates ideológicos, derivado da atual condição do esporte no cenário mundial. (TAVARES & GONÇALVES, *et. al.*, 2010). Em relação a esse período, verificou-se que 24 dos entrevistados (80%) assinalaram a alternativa (sim), 3 (10%) assinalaram a alternativa (não) e 3 (10%) assinalaram a alternativa (dúvida), sendo que destes três que assinalaram (dúvida), um afirma que nesta ocasião os Projetos sociais não tinham um formato globalizado, ou seja, aconteciam de forma aleatória cada segmento social elaborava a sua própria ação social estes segmentos fatalmente insurgiam a ação para as suas próprias vontades nós temos como exemplos as religiões os clubes e as sociedades autônomas em geral, fato este não encontrado na literatura pesquisada.

Foi ainda citado pelo entrevistado que os projetos sócio esportivos só tiveram uma validação social a partir do momento que os órgãos públicos

começaram a se preocupar com este segmento e que a Vila Olímpica da Mangueira era uma iniciativa privada com capital externo o que a tornava um macro investidor no âmbito nacional. E é nesta época que toda a América Latina percebe as ações de cidadania brasileiras e procura entender as suas ações para possivelmente implantá-las em seus países. Começa a surgir líderes do próprio povo pois, o mesmo passa a acreditar em todos aqueles que são iguais a eles e começa a ter fé nesse líder, presenteando-lhe com o voto, o voto da salvação, voto de um povo sofrido que luta por mudança.

Quinto Período - Da Fusão dos Projetos Socio esportivos no Rio de Janeiro como uma ferramenta política.

Nesse período, 26 (86,7%) dos entrevistados concordaram que o quinto período é realmente o da Fusão dos Projetos sócio esportivos. Apenas 3 (10%) dos entrevistados não concordaram com esse período e 1 (3,3 %), assinalou dúvida. Evidentemente, esse é o período em que os projetos sócio esportivos se consolidam no Rio de Janeiro. A sociedade hoje entende que as ações sociais são muito importantes para a formação da cidadania do homem moderno, por isso se faz valer dessas ações como ferramenta de ação política fortalecendo cada vez mais a sociedade.

Portanto, avaliou-se que em relação aos percentuais obtidos (90%), ou seja, em 135 dos 150 itens assinalados, os entrevistados concordaram com as afirmativas propostas nos cinco períodos da evolução dos projetos sócio esportivos do Rio de Janeiro.

No âmbito da União, o Ministério do Esporte é responsável por desenvolver o esporte de alto rendimento. Tem a função de criar projetos e ações de inclusão social por meio do esporte, garantindo à população brasileira o acesso gratuito à prática esportiva, qualidade de vida e desenvolvimento humano.

Bracht (2009) coloca que nas relações entre Esporte e Estado, ainda predominam estruturas corporativistas. A interação do Estado com o Esporte

não é popular. Na verdade, as corporações, e muitas vezes órgãos contratados para formular e gerir as políticas de Esporte e Lazer são os mediadores entre a Sociedade e o Estado.

Estudos como os de Furrer (2002), Malfas, Theodoraki e Houlihan (2004), Mol (2010), entre outros, têm sugerido que a competitividade de uma cidade/região é baseada, não só na produção, mas na “reprodução social”. Neste contexto, “reprodução social” se refere às estratégias para a conservação do espaço urbano, reduzindo o tempo de condução, oferecendo transportes públicos de qualidade, proporcionando habitação, melhorando o acesso aos serviços públicos com criação e preservação de empregos na cidade/região.

A cidade do Rio de Janeiro foi sede no ano de 2016 dos Jogos Olímpicos e, para tanto, elaborou um “planejamento estratégico do município”; um documento que leva o adendo de ‘pós 2016’, pois identifica os principais desafios e vantagens competitivas da cidade.

Conforme Garcia (2004) o principal argumento utilizado pelas cidades postulantes a um evento como os Jogos Olímpicos são os benefícios para as comunidades locais, bem como uma ferramenta chave de projeção de cidade e de atração de turistas, o que leva a melhoras estruturais como rede de transporte, moradia, instalações esportivas e novos postos de trabalho.

Como foi observado por Swyngedouw *et. al.* (2003), nos processos de implementação de megaeventos (e/ou grandes projetos), novas formas e/ou instituições de governo têm emergido no cenário político-administrativo. Ou seja, tem sido percebida a emergência de estruturas de gerência e decisão fugazes e/ou transitórias que têm tomado o lugar dos tradicionais setores da administração pública, afetando processos decisórios mais coletivos e democráticos. As ordens de justificação acionadas para a criação de tais estruturas baseiam-se na necessidade de se conferir agilidade dos modos e/ou formas de decisão ligadas aos processos de implantação de grandes equipamentos.

Em junho de 2011 foi criada (pela Lei 5.272 e regulamentada pelo Decreto 34.045) a Empresa Olímpica Municipal (EOM), com duração

estabelecida até dezembro de 2016. A empresa é responsável por coordenar a execução das atividades e projetos municipais relacionados à realização dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016; além de fazer a mediação e integração entre a Prefeitura, os Governos Estadual e Federal, e os diferentes agentes nacionais e internacionais envolvidos no processo de preparação da cidade para a realização destes dois eventos esportivos. Já a Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SMEL) recebe a incumbência de gerenciar, democratizar e disseminar a atividade esportiva na cidade. Os projetos sócio esportivos na cidade do Rio de Janeiro são ferramentas de intervenção na vida dos beneficiados, de forma há transformar, em um indivíduo melhor para a sociedade.

Caracterizado como um Projeto Sócio esportivo, as Vilas Olímpicas implementadas na cidade do Rio de Janeiro, objetivam regulamentar e padronizar o atendimento dos Projetos Sócio esportivos geridos pela SMEL, com intuito de tirar proveito de toda a capacidade e formas de atuação do esporte, inclusive incentivando a detecção e encaminhamento. De acordo com o pensamento de Arroyo (2002), as compreensões das dimensões formadoras diferentes da escolar ajudam a compreender e limitar as mesmas, pois podem acontecer também no trabalho, nos grupos jovens, nas famílias e nas ruas.

As Olimpíadas representam, na atualidade, um catalisador de transformações urbanas das cidades-sede, podendo atuar como um instrumento fundamental do desenvolvimento urbano e político das cidades. O aumento do número de cidades candidatas, a sediar os Jogos Olímpicos, indica que líderes de diversas nações consideram a garantia deste evento uma oportunidade para melhorar os aspectos econômicos e sociais de uma cidade ou região. (MALFAS, THEODORAKI e HOULIHAN, 2004). Como resultado, nas últimas duas décadas têm aumentado a preocupação sobre o impacto das Jogos Olímpicos na vida econômica, social, ambiental e política da região de acolhimento da cidade e do país.

Ribeiro e Lago (2001) apresentaram em seus estudos que os Projetos sócio esportivos da cidade do Rio de Janeiro, possuem um papel muito

importante para os jovens, fato que fez destacar, que locais em vulnerabilidade necessitam de substancial atenção por parte do Poder Público.

Os relatos deste estudo corroboram para compreensão da função assumida pelo projeto sócio esportivo nos cenários das comunidades das Vila Olímpicas e demais comunidades do entorno, efetivando-se como estratégia de combate aos problemas sociais, diminuindo as chances de envolvimento dos participantes com situações consideradas degradantes.

Verificou-se através da confirmação das respostas obtidas na pesquisa sobre a evolução dos projetos sócio esportivos na cidade do Rio de Janeiro, que há um grande desenvolvimento no tocante aos projetos, que se remetem a ilustrar um olhar na direção do comprometimento com o participante e também ao seu entorno como: a sua família, a escola e a comunidade.

As respostas obtidas oferecem indícios de que os projetos sócio esportivos contribuem de forma positiva como um elemento de construção da cidadania pela sua evolução durante o tempo.

Conclusão

Os últimos anos foram prodigiosos para a cidade do Rio de Janeiro por sediar grandes eventos esportivos. O primeiro deles, os Jogos Pan-Americanos de 2007, depois a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. Mas o nível de amparo que a cidade oferece para a promoção da qualidade de vida de seus habitantes, através do fomento à prática regular de atividades físicas, esportivas e de lazer, é refletido em suas políticas públicas, ou seja, a gestão pública equilibrada do esporte/lazer na cidade, deve usar como referência as manifestações educacional, participativa e de rendimento do esporte.

Esse desafio reside no fato de não existir um modelo único que possa ser aplicado à qualquer tipo de sociedade ou cultura.

Os megaeventos possuem impactos importantes no desenvolvimento das sociedades nas quais estão inseridos, seja pela visibilidade que atraem, seja pelos investimentos de longo prazo aplicados com antecedência.

Vários estudos demonstram a importância do esporte na vida das pessoas, principalmente para crianças e adolescentes. Por meio do esporte faz-se possível a integração social, o resgate de valores, entre muitas outras coisas fundamentais para o desenvolvimento integral do indivíduo.

A maior parte dos projetos esportivos está voltada ao trabalho com crianças e adolescentes das classes mais pobres, que muitas vezes encontram-se em situação de risco ou vulnerabilidade social, e, esses projetos, trabalham questões esportivas mas também podem oferecer atividades profissionalizantes e outras que sejam complementares à escola, funcionam como uma alternativa a mais para oferecer melhores possibilidades a esses jovens.

Na sua maioria absoluta, os jovens que buscam por esses projetos estão buscando acima de tudo, melhorar suas condições a fim de futuramente melhorarem suas vidas. É por meio dos projetos que o esporte adota ou assume uma dimensão socializante de promoção da cidadania para àqueles que se encontram abandonados pelo poder público.

Verificou-se através da confirmação das respostas obtidas na pesquisa sobre a evolução dos projetos sócio esportivos na cidade do Rio de Janeiro, que há uma grande desenvolvimento no tocante aos projetos, que se remetem a ilustrar um olhar na direção do comprometimento com o participante e também ao seu entorno como: a sua família, a escola e a comunidade.

As respostas obtidas oferecem indícios de que os projetos sócio esportivos contribuem de forma positiva como um elemento de construção da cidadania pela sua evolução durante o tempo.

Mostrado no capítulo referente aos resultados obtidos, confirmando as informações levantadas na revisão de literatura. As apresentação da análise dos resultados ainda proporcionaram subsídios que apontaram que os projetos sócio esportivos, são instrumentos muito fortes na construção da cidadania. Formando ao longo da vida, evidenciando que é muito mais amplo do que o seu alcance social previsto.

Foi, portanto, elaborado um Modelo de Linha do tempo dos Projetos Sócio Esportivos da Cidade do Rio de Janeiro, que se constituiu dos seguintes períodos:

1º Período: Período incógnito dos Projetos sócio esportivos na Cidade do Rio de Janeiro até 1987.

2º Período: 1987 A 2001 - Período das Implantações dos Projetos sócio esportivos no Rio de Janeiro.

3º Período: 2001 a 2005 - Período do Crescimento dos Projetos sócio esportivos na Cidade do Rio de Janeiro.

4º Período: 2005 a 2006 - Período da Discordância entre os Projetos sócio esportivos no Rio de Janeiro e as ações sociais no Rio de Janeiro.

5º Período: 2006 a 2009 - Período da Fusão dos Projetos sócio esportivos no Rio de Janeiro como uma ferramenta política.

Bibliografia

BRACHT, Valter. Esporte de Rendimento na Escola. *In*; STIGGER, Marco Paulo; LOVISOLO, Hugo (Org.). **Esporte de Rendimento e Esporte na Escola**. 1. ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2009, 11-26.

BRETÁS, A. Onde mora o perigo? Discutindo uma suposta relação entre ociosidade, pobreza e criminalidade. Educação, esporte e lazer. **Boletim**, 09, junho 2007.

FLEGNER, Attila J. & DIAS, J. C. **Pesquisa & Metodologia** - Manual Completo de Pesquisa e Redação. Centro de Capacitação Física do Exercício e F. S. J. UFRJ, 1995.

FURRER, Philippe. Sustainable Olympic Games: A dream or a reality? **Società Geografica Italiana**, Serie XII, Volume VII, 4, 2002.

GARCÍA, B. La dimensión cultural de los macro-eventos em el 2004. **Potenciales y limitaciones para una experiencia sostenible**. Portal Iberoamericano de Gestión Cultural. www.gestioncultural.org, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUEDES, Simoni L. Projetos sociais esportivos: notas de pesquisa. *In*: XII Encontro Regional de História. Rio de Janeiro: 2006. mimeo.

KERLINGER, FRED N. Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais: Um Tratamento Conceitual. 11. ed. São Paulo: EPU. 2010

LEVINE, Stephan. Krehbiel & Berenson. 2005. **Statistics for Managers Using Microsoft® Excel**.

MALFAS, M., E. THEODORAKI, and B. HOULIHAN, Impacts of the Olympic Games as mega-events. **Proceedings of the Institution of Civil Engineers: Municipal Engineer**, 157(3): p. 209-220, 2004.

MANUEL SÉRGIO. Motricidade Humana: Liberdade e Transcendência. **Revista Episteme**, Ano 1, Nº1, Dez/Jan. 1997. p.37-58.

MELO, Marcelo Paula de. **Esporte e juventude pobre: políticas públicas de lazer na Vila Olímpica da Maré**. Coleção educação física e esportes - Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. Lazer, esporte e cidadania: debatendo a nova moda do momento. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 105-122, maio/agosto de 2004.

MOL, A.P.J., **Sustainability as global attractor: The greening of the 2008 Beijing Olympics**. *Global Networks*, 2010. 10(4): p. 510-528.

RIBEIRO L. C. Q., LAGO L. C. A oposição favela-bairro no espaço social do Rio de Janeiro. *São Paulo em Perspectiva*. 15(1):144-54, 2001.

RICHARDSON, R. J., PERES, J. A. S., WANDERLEY, J. C. V., CORREIA, L. M., PERES, M. H. de M. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2011.

RUIZ, Janet. **A literature Review of the Evidence Base for Culture, the Arts and Sport Policy**. Edinburgh, Escócia: Scottish Executive, 2014.

SWYNGEDOUW, E.; MOULAERT, F.; RODRÍGUEZ, A. (Eds.). **The Globalized City: Economic Restructuring and Social Polarization in European Cities**. Oxford: Oxford University Press, 279p, 2003.

TOLEDO, G. L.; OVALLE, I. I. **Estatística Básica**. Atlas, Sao Paulo, v. 2.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte**. 2 edição. São Paulo, editora: CORTEZ, 2007.

PEDAGOGIA DO ESPORTE E PROJETOS SOCIOESPORTIVOS: IMPACTOS E REPERCUSSÕES NA FORMAÇÃO DISCENTE, DOCENTE E NA CULTURA ESPORTIVA EM UMA CIDADE NO INTERIOR DA BAHIA⁵

Diego Alves Ribeiro Queiroz

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (Brasil)

Jose Arlen Beltrão de Matos

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (Brasil)

Cassia dos Santos Joaquim

Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

Leopoldo Katsuki Hirama

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (Brasil)

Resumo

Esta pesquisa tem por objetivo investigar as repercussões provocadas por um projeto socioesportivo de ensino do judô, oriundo da extensão universitária, em uma cidade no interior da Bahia. De abordagem qualitativa, utilizou-se a entrevista semiestruturada, com 71 sujeitos participantes, entre eles alunos, pais e responsáveis pelos discentes e ex-bolsistas do projeto, assim como personagens envolvidos com outras ações que surgiram no município com a mesma modalidade esportiva. Os resultados apontam que os alunos indicaram melhora em suas condutas em diversos aspectos, os ex-bolsistas afirmaram que as atividades do projeto repercutiram de forma positiva e impactante para a formação docente. Finalmente, os personagens responsáveis por outras ações envolvendo o judô na cidade afirmaram que o projeto influenciou na formação e manutenção de tais iniciativas. Desta forma, concluímos que a partir de um mosaico de diferentes personagens o projeto Construindo pelo Esporte repercutiu de forma positiva na cidade contribuindo para a inserção e incorporação de mais um elemento da cultura corporal.

Palavras-chave: Projetos socioesportivos, pedagogia do esporte, extensão universitária.

Pedagogía del deporte y proyectos socio deportivos: impactos y repercusiones en la formación discente, docente y en la cultura deportiva en una ciudad en el interior de Bahia

⁵ O presente artigo é parte do estudo referente ao Trabalho de Conclusão de Curso no curso de Graduação em Educação Física de autoria do primeiro autor, sendo orientado e acompanhado pelos outros autores.

Resumen

Esta búsqueda tiene la meta de investigar las repercusiones provocadas por un proyecto social y deportivo de enseñanza de judo surgido desde la extensión universitaria en una ciudad de interior de Bahia. De enfoque cualitativo, se utilizó la entrevista semiestructurada, con 71 sujetos participantes, entre ellos alumnos, padres, responsables por los discentes y ex becarios del proyecto, así como los personajes involucrados con otras acciones en la ciudad con la misma modalidad deportiva. Los resultados muestran que los alumnos han mejorados en su conducta en diversos aspectos, los ex becarios dijeron que las actividades del proyecto han resonado de manera positiva e impactante para la formación docente. Por fin los personajes responsables por otras acciones que implican el judo en la ciudad declaran que el proyecto ha influenciado en la formación y mantenimiento de tales iniciativas. Concluimos que por medio de un mosaico de distintos personajes el proyecto "Construindo pelo Esporte" resonó de manera positiva en la ciudad contribuyendo para inserción e incorporación de más un elemento de la cultura corporal.

Palabras clave: Proyectos socio-deportivos, pedagogía del deporte, extensión universitaria.

Sport pedagogy and social-sport projects: impacts and repercussions in the student formation, in teacher training and in the sport culture in a town of State of Bahia

Abstract

This research aims to investigate repercussions caused by a social-sport teaching project of judo originated from the university extension in a town of State of Bahia. From a qualitative approach, this research used the semi-structured interview with 71 participants between ex-scholarship students from the project, students and their parents or guardians. We also interviewed people involved with other actions that arose in the town with the same sport modality. Results showed students indicated improvement in their behaviors in several aspects; the ex-scholarship students affirmed project's activities had a positive and impactful repercussion for the teaching training. Finally, people responsible for other actions involving judo declared the project influenced the formation and maintenance of such initiatives. Thus, we conclude from a mosaic of different characters the project *Construindo pelo Esporte* had a positive repercussion in town. It also contributed to the insertion and incorporation of one more element from the corporal culture.

Keywords: Social-sport projects, sport pedagogy, university extension.

Introdução

Esta pesquisa tem por objetivo investigar as repercussões provocadas pelo ensino do esporte em um projeto socioesportivo. Esse tipo de ambiente

ainda é pouco investigado, apesar de seu crescimento e avanços nas intervenções destacadas inclusive na mídia. Maior exemplo deste fato, são atletas brasileiros de alto rendimento, alguns deles medalhistas nas Olimpíadas do Rio 2016, oriundos de projetos socioesportivos.⁶

Tais instituições no Brasil têm seu primórdio no final da década de 1920 e início da década de 1930 (MELO, 2008; YSAYAMA; LINHARES, 2008) e são assim chamadas por utilizarem o esporte como meio educacional (MACHADO et al, 2017), com objetivos de atender populações em condições de vulnerabilidade social, minimizar carências em serviços, especialmente a educação e diminuir a exposição em situações de risco, ocupando o tempo livre dos jovens (ZALUAR, 1994; MACHADO; GALATTI; PAES, 2015).

Em seu percurso histórico, bons e maus frutos foram apresentados pela literatura (HIRAMA; MONTAGNER, 2012) ora demonstrando os avanços tecnológicos educacionais, metodologias de ensino inovadora, com resultados apontados em diversas segmentos da sociedade (VIERA, 2010; CASTRO; SOUZA, 2011; RUFINO; MARTINS, 2011; SQUARCINI et al, 2015; REVERDITO, 2016), ora fazendo seu uso simplesmente para promoção de empresas ligadas a projetos, com ações pontuais, pouco duradoras (ZALUAR, 1994; CORREIA, 2008; HIRAMA; MONTAGNER, 2012) e que não contribuía para alcançar os objetivos que a priori os projetos socioesportivos assumiram.

Em meio a um cenário nacional de constante crescimento de ações como essas, porém com um pequeno número de investigações, neste artigo estudamos o Projeto de Extensão Construindo pelo Esporte que foi parte do Programa Esporte e Lazer: cidadania no campo e na cidade, do curso de Educação Física, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-URFB. Tal projeto foi coordenado por docentes com a participação de discentes voluntários e bolsistas dos cursos de Educação Física e Pedagogia, sendo mais detalhado no tópico sobre a metodologia.

Investigações tendo os projetos socioesportivos como objeto são necessárias para compreender os subsídios teóricos que sustentam suas ações

⁶ Rafaela Silva, medalha de ouro no Judô e Isaquias Queiroz, maior medalhista nacional na mesma edição dos Jogos, no remo.

educativas (MACHADO; GALATTI; PAES, 2015), para a regulação de ações políticas e sociais (AGUILAR; ANDER-EGG, 1995) e para registrar contribuições da prática esportiva para crianças e adolescentes (SANCHES; RUBIO, 2011), de tal modo que reforça a justificativa deste estudo.

O esporte enquanto fenômeno presente na ciência, política, movimentando a economia do mundo inteiro e reconhecido por seu caráter educacional, possuindo tantas finalidades e estando presente nas relações diárias de nossas vidas, se manifesta em diversos cenários de práticas, com personagens variados e significados distintos (GALATTI, 2006). No contexto de iniciação esportiva fora do ambiente escolar, o esporte pode possuir fins educacionais, preocupando-se com a formação integral do sujeito, visando seu desenvolvimento físico, cognitivo e social (GALATTI, 2006). Colaborando com a Galatti (2006), Barbieri (2001, p. 144) afirma que o esporte com objetivos educacionais “tem como seus princípios constitutivos a totalidade, a cooperação, a participação, a coeducação, o regionalismo e a emancipação, e como última finalidade a formação do homem e da cidadania”. Sendo assim, o cenário esportivo estudado se encaixa nesse contexto.

O esporte se constitui ainda como grande facilitador na formação humana de jovens, crianças e adolescentes (GÁSPARI; SCHWARTZ, 2001; LLAMAS; SUÁREZ, 2004; SANMARTÍN, 2004; GALATTI, 2006; SCAGLIA; REVERDITO, 2009; HOLT; KINGSLEY; SCHERERL, 2011; SANCHES; RUBIO, 2011; BENTO, 2013), entendendo se tratar de um fenômeno que tem relação com o desenvolvimento do educando como pessoa, capaz de criar com os outros um espaço humano de convivência desejável (SANTANA, 2003), podendo ainda desenvolver no aluno variados valores, como a responsabilidade, a sinceridade, o diálogo, a confiança, a autoestima, o respeito, a justiça, o compartilhar e a cooperação (SANCHES; RUBIO, 2011).

Realizada a caracterização de projetos socioesportivos e o contexto esportivo, seguimos para a contextualização de projetos de extensão universitária, ambiente desta pesquisa, que junto com a pesquisa e o ensino formam o tripé que compõem as universidades brasileiras a partir da Lei

5.540/68 e surge no século XX no país (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 1987).

Os projetos de extensão que atuam com o esporte enquanto ferramenta educacional oferecem diversas contribuições aos sujeitos participantes, que vão desde a criação de vínculos de pertencimento com o grupo, mudanças de conduta, desenvolvimento de valores morais, diminuição de agressividade, além da oferta de práticas esportivas sistematizadas (GOMES; MATTHIESEN; GINCIENE, 2011; RUFINO; MARTINS, 2011; HIRAMA; MONTAGNER, 2012; PENA et al, 2014; SQUARCINI, 2015; QUEIROZ; HIRAMA, 2016; QUEIROZ, 2017), tratando-se de outro personagem das extensões universitárias, os graduandos percebem contribuições no sentido de colaborar especialmente na constituição da identidade docente (PENA et al, 2014; HIRAMA et al, 2016; QUEIROZ; HIRAMA, 2016.).

Portanto, realizada a contextualização teórica do objeto deste estudo, qual seja, o esporte educacional em projetos socioesportivos no interior da extensão universitária, seguimos para a descrição da metodologia de pesquisa adotada e o detalhamento do projeto Construindo pelo Esporte.

Metodologia

Esta pesquisa se caracteriza por ser qualitativa, privilegiando a análise de ações de um grupo específico e a possibilidade de compreensão dos processos que constituem os sujeitos (MARTINS, 2004.).

O grupo investigado neste estudo trata-se do projeto Construindo pelo Esporte, um projeto de extensão, integrante do Programa Esporte e Lazer: cidadania na cidade e no campo, do curso de Educação Física da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, que ensinou judô para crianças e adolescentes da cidade de Amargosa-BA com faixa etária entre 6 a 18 anos. O projeto teve seu surgimento em 2010 com o Núcleo Barreiros, localizado na zona rural do município e atendeu ao todo 70 jovens. Outro espaço foi montado, Núcleo CFP, localizado no campus da universidade, iniciando suas

atividades em agosto de 2013 e atendeu cerca de 60 alunos. Em sua maioria, nos dois núcleos, crianças e jovens de classe baixa, moradores da periferia e zona rural do município e com raro acesso a espaços de formação fora do escolar. As aulas aconteciam duas vezes por semana, com duração de 1h30m, divididos em turmas por faixa etária. Além das aulas, muitos eventos foram realizados como torneios internos e externos, aulas coletivas unindo os dois núcleos e eventos de arrecadação de verba. As atividades práticas foram interrompidas em abril de 2015 por conta do afastamento dos docentes coordenadores para doutoramento, permanecendo as ações de pesquisa, cujos os achados são destacados neste artigo.

Para coleta dos dados utilizamos a entrevista semiestrutura, pela possibilidade de aquisição de variadas informações referentes aos aspectos da vida social, oferecendo aprofundamento de questões do comportamento humano, proporcionando flexibilidade no momento de interlocução entre os sujeitos, tendo em vista a oportunidade de esclarecimentos das perguntas ao entrevistado e adaptação do diálogo aos contextos e circunstâncias nas quais estão inseridos os personagens da pesquisa (GIL, 2009). A entrevista permite ainda, a captação de expressões corporais, tonalidade e ênfase que são postas no momento de respostas das perguntas (GIL, 2009).

Foram entrevistados 71 (setenta e um) sujeitos, que se dividem em: 40 (quarenta) ex-alunos do projeto; 18 (dezoito) pais ou responsáveis pelos alunos; 9 (nove) ex-bolsistas do projeto, 2 (dois) responsáveis por outros núcleos de judô na cidade, além do coordenador geral dos Jogos Estudantis e uma professora do Programa Mais Educação, ambos do Município.

Após a realização da coleta de dados, utilizamos a análise de conteúdo (BARDIN, 2011) caracterizada por quatro fases: a primeira diz respeito a organização da análise, neste momento os dados obtidos são organizados para a interpretação; a segunda fase trata-se da codificação, na qual, são criadas unidades de registro orientadas pelo tema; a categorização é a terceira fase da análise, nela os resultados são classificados em categorias conforme relevância com o tema da pesquisa e, por fim, a última fase, na qual, se busca a interpretação dos achados.

Resultados e discussões

Conforme orientação teórica adotada neste estudo, posterior a interpretação dos dados criou-se três categorias de discussões: a primeira refere-se as repercussões do projeto na vida dos alunos; a segunda trata-se das contribuições na formação docente dos ex-bolsistas; e a terceira e última categoria denominada de ações multiplicadoras oriundas da extensão universitária, que serão discutidas a seguir.

Repercussões nas atitudes dos alunos

Nesta categoria discutimos as contribuições do projeto Construindo pelo Esporte na vida dos discentes participantes a partir das impressões dos próprios alunos, dos seus pais ou responsáveis e dos bolsistas do projeto.

Quando questionados sobre possíveis mudanças em suas vidas, todos apontaram que houve mudanças significativas após a participação no projeto: diminuição da agressividade; atitudes mais disciplinadas; assunção de valores morais; perspectiva de vida futura; construção de novas amizades.

A agressividade pode ser expressa de diversas formas, seja ela, fisicamente ou por atitudes feitas pelos sujeitos. No projeto a agressividade dos alunos era demonstrada principalmente em seus atos, através da alteração do tom de voz com professores e colegas. Ao constatar tal situação, foram feitas intervenções dentro das atividades a fim de diminuí-la, oferecendo dilemas para que refletissem sobre eles.

Eu fiquei um pouco mais calmo, consegui me concentrar mais em algumas atividades que eu não conseguia, entre outras coisas. (Aluno 1 - Núcleo CFP).

Aprendi a ser uma pessoa melhor, saber lidar com algumas situações que requer uma situação extrema, que requer que eu tenha um bom comportamento. (Aluno - 1 Núcleo Barreiros).

É antes eu brigava por qualquer coisa, hoje não! (Aluno 4 - Núcleo Barreiros)

Na escola eu brigava depois do judô eu não brigava mais. Parei de brigar, parei de “atentar” na escola (Aluno 3 - Núcleo Barreiros).

E depois do judô ele mudou isso, ele aprendeu a dividir mais as coisas com os outros... hoje em dia já “tá” bem... mais tranquilo. Era muito nervoso, muito estressado hoje em dia já “tá” mais tranquilo. (Mãe de aluno - 1 - Núcleo CFP).

Em relação aos professores e bolsistas houve orientação para estarem atentos às atitudes agressivas e mediar tais comportamentos sempre.

E ai quando ele (aluno) chegava pra gritar comigo: (o bolsista dizia) olhe pondere sua voz ai, porque aqui você tem que respeitar todo mundo. (Bolsistas - 4).

Portanto, as intermediações estavam implícitas no cotidiano do projeto, ocupando atenção especial dos responsáveis de cada turma, sendo assim, o ambiente esportivo ofereceu meios nos quais os praticantes puderam expressar sentimentos e ações, que por vezes são depositados em espaços inapropriados. São nas aulas de esporte que os educandos vivem a todo momento situações em que são colocados em conflitos, quer sejam interpessoais ou intrapessoais (SCAGLIA; RERVEDITO, 2009; SACHES; RUBIO, 2011) e são nesses episódios que a atividade esportiva, quando bem mediada, entra em cena, levando em consideração os estímulos no desenvolvimento de boas atitudes, valores e ações que são imersos na sua prática (GASPÁRI; SCHWARTZ, 2001), como, por exemplo, contribuindo na diminuição da agressividade por partes de seus praticantes como demonstrado acima.

Outra contribuição levantada foi uma melhora na disciplina (compromissos com horários e organização das atividades diárias) dos alunos, como apontado pelas mães de alguns discentes do Núcleo CFP.

Ele veio ter uma responsabilidade maior com as questões, principalmente, assim, estudo, ele aprendeu a dividir os horários dele que ele tinha que ir “pro” judô, os horários de fazer as atividades do judô, o momentos que ele tinha para os estudos da escola regular, o momento que tinha que se dedicar pra a diversão, pra o descanso, então ficou uma coisa mais detalhada na vida dele. (Mãe de aluno - 2 - Núcleo CFP)

Então ele passou a ser um a pessoa bem mais organizada. (Mãe de aluno - 3 - Núcleo CFP)

A vivência de regras e obrigações dentro do espaço esportivo, se habilidosamente mediadas pelo professor contribuem para o desenvolvimento dos envolvidos nessas práticas e tais ações colaboram para que os sujeitos se tornem mais autônomos em suas atitudes (SCAGLIA; REVERTIDO, 2009; QUEIROZ; HIRAMA, 2016), no projeto as regras eram formuladas comunitariamente, outras pelos professores, mas, sempre refletidas com o objetivo de estimular a evolução dos alunos.

Caminhando para mais uma repercussão apontada pelos discentes, existia nas atividades do projeto uma cultura de sempre ajudar e respeitar o próximo, quer seja nas atividades relacionadas ao judô ou em atividades cotidianas. A assunção de valores morais pode ser exemplificada a partir do cultivo de princípios no interior do ambiente esportivo, além disso, contribui para o desenvolvimento da cooperação, do respeito ao próximo, da solidariedade, e outros valores, que podem ser transferidos para além do tatame, da quadra, do campo, ou de qualquer local em que ocorre a prática (SANTANA, 2003; SCAGLIA; REVERDITO, 2009; SANCHES; RUBIO, 2011; QUEIROZ; HIRAMA, 2016; HIRAMA, 2018). A afirmação dos autores parece ser confirmada pelos depoimentos colhidos:

Aprendi que a gente deve sempre ajudar o próximo. Se a gente ver que pode ajudar uma pessoa não ficar com as mãos atadas e ajudar. (Aluno 1 - Núcleo CFP).

É eu acho que passei até mais respeito também, é sobre as pessoas, por exemplo, se eu ganhava dela não era pra eu ficar me gabando por ai. (Aluno- 3 - Núcleo CFP).

Sim. Porque a gente tanto que começa a se conhecer mais como também começa a melhorar o diálogo, começa a se respeitar mais, há saber conversar sem ofender. (Aluno 2 - Núcleo Barreiros).

Os depoimentos acima apontam que os alunos perceberam a importância do respeito, cooperação e solidariedade com o próximo. As mudanças que extrapolaram os tatames também foram percebidas pelos responsáveis:

Por que ele ficou mais comportado, aprendeu a respeitar mais a gente dentro de casa, respeitar os outros fora; entender o lado

dos colegas quando “tava” com um problema, ele aprendeu a ajudar os colegas. Às vezes ele via um colega até com tarefa assim, com dificuldade “pra” fazer, ele dizia: “Oh, mãe eu vou lá ajudar”. Ele ia, ajudava a fazer a tarefa, de noite sentava “pra” conversar com os irmãos, até pra o comportamento dos irmãos ele ajudou a mudar dentro de casa. (Mãe do aluno 1 - Núcleo dos Barreiros).

Com relação às perspectivas para a vida, a proposta de continuidade nestes 5 anos de projeto contribuiu para que esses participantes fossem estimulados a perceber que são sujeitos atuantes na sociedade, que podem sonhar e ir além do que sua realidade imediata pode oferecer, como indicam os depoimentos a seguir:

Me ensinou a sonhar, por exemplo, que antes o que eu não tinha era sonho, sonhar em alguma, em ser alguma coisa, em ser um alguém. (Aluno 1 - Núcleo Barreiros)

Ele aprendeu mais a ser objetivo com o que ele quer, a lutar pelas coisas que ele quer. (Mãe do aluno 1 - Núcleo Barreiros)

E depois que ele conheceu o judô, mudou totalmente ele nem quis mais desistir do colégio, ia começou a ir para o colégio e entrar. (Mãe de aluno - 4 - Núcleo Barreiros).

Ter sonhos, metas, objetivos, um projeto de vida tornam as pessoas mais felizes em bons momentos e mais capazes de se restituírem em momentos ruins, se tratando do adolescente, a sua juventude torna-se mais motivada, evitando comportamentos perigosos e estimulando atitudes positivas, como a avidez de se abrir e conhecer o mundo (DAMON, 2009).

As ações duradouras, além de permitir a criação de objetivos a longo prazo pelos alunos, contribuíram também para a construção de laços afetivos entre eles.

Cada dia que passava ficava mais familiarizado, ficava à vontade, conversava, brincava com eles [...] Por que agora a gente passava mais tempo, a gente conversa mais, por que antes era sábado, domingo, raramente, de vez em quando, aí a gente começava a falar, a ser mais próximos (Aluno - 5- Núcleo CFP)

Que na verdade eu conhecia de vista, que depois que a gente começou a fazer judô acabou ficando mais próximo [...] (Aluno 4 - Núcleo CFP).

Acho que com o passar do tempo foi interagido mais, saindo fora do judô, saindo sei lá em grupo “pra” festa coisa que não fazia antes. (Aluno - 1 - Núcleo Barreiros).

A partir dos depoimentos dos alunos e de seus responsáveis é possível afirmar que atribuem ao projeto mudanças nas atitudes, indicando o avanço na personalidade moral e, portanto, assinalando também que a intervenção proporcionou contribuição na formação humana de seus alunos.

Repercussões na formação docente dos bolsistas participantes

Neste tópico discutimos nossa segunda categoria de análise, que trata das contribuições do projeto Construindo pelo Esporte na formação docente dos bolsistas participantes.

Quando questionados os 9 (nove) bolsistas, todos discentes do curso de Educação Física, com tempo de permanência entre um a cinco anos afirmaram que o projeto repercutiu de forma positiva em sua formação docente.

Os depoimentos neste sentido foram divididos em: 1- exercício do planejamento, aplicação e avaliação dos planos de curso e aulas paralelamente à formação; 2- estímulo da pesquisa a partir das indagações da prática; 3- aproximação professor-aluno; 4- a participação no projeto como uma das suas maiores experiências formativas.

Com relação ao exercício do planejamento, aplicação e avaliação dos planos de curso e aulas paralelamente à formação, diversos discentes relacionam a atuação no projeto ao ofício das funções docentes *in loco*, alegando sua importância, diante de situações próprias, mas difíceis de serem confrontadas nos componentes formais da grade curricular.

Essas situações que aparecem que é que faz você buscar mais, “tá” se atualizando, “tá” buscando coisas que você não teve contanto ainda [...]” (Bolsista 1).

Eu aprendi coisas antecipadamente, coisas que eu demorei pra começar a entender, ou ver, nos componentes curriculares eu vi bem antes no projeto. (Bolsista 1).

O estímulo da pesquisa a partir das indagações da prática também foi apontado como uma contribuição das atividades do projeto.

Outra questão também foi a pesquisa né, o projeto nós tínhamos contatos com outros alunos inclusive a outros trabalhos que os próprios bolsistas desenvolviam, então essa questão do grupo de estudos do próprio projeto enfatizou bastante a necessidade que

o aluno tem de ser dentro da universidade um pesquisador. (Bolsista - 2).

Estudos foram incentivados e apresentados em eventos científicos⁷, desta forma, foi possibilitado que o professor fosse capaz de produzir conhecimento a partir da sua experiência prática, assim como defende Pimenta (2006), facilitado pela permanência prolongada em projeto de extensão e por consequência a possibilidade em produzir pesquisas, relatos de experiências e que tal ação contribua na sua prática docente (HIRAMA et al, 2016).

Além disso a disponibilidade de auxílios financeiros para participação em eventos para apresentação de trabalho e o contato permanente com os professores coordenadores que auxiliavam na orientação dos estudos foram fatores que contribuíram para a estimulação das pesquisas pelos bolsistas envolvidos, acarretando em muitos estudos aprovados para apresentação em congressos regionais, estaduais, nacionais e internacionais.

Outra contribuição apontada pelos entrevistados refere-se à relação de aproximação com os alunos do projeto, permitindo que conhecessem a realidade de cada educando, além de tornarem-se referência para esses. O professor assume assim, papel fundamental na formação dos discentes, na sua multiplicidade e complexidade, pois, passa a ser modelo de conduta para seu aluno, deixando marcas significativas no processo de formação do educando (MACHADO, 1995).

Eu tive que me moldar como pessoa também, até pela questão do exemplo. E essa era uma corrente a qual o projeto pregava bastante, a gente ser um exemplo para os alunos, a gente sempre ser uma boa influência para os alunos, e quanto a isso eu tinha esse compromisso para comigo, de ser uma boa influência para

⁷ QUEIROZ, D. A. R.; HIRAMA, L. K.; **Regras de conduta em ambientes formais:** contribuições no desenvolvimento moral de crianças e adolescentes. Congresso Internacional de Pedagogia do Esporte. 2016. Campinas/SP.

SANTOS, G. A.; SANTOS, A.; QUEIROZ, D. A. R.; MATOS, J. A. B.; HIRAMA, L. K. **Atividade de ensino para conceituação das lutas de agarre (projeções e imobilizações).** 5º Congresso Internacional dos Jogos Desportivos, 2015, Belo Horizonte/MG.

[SANTOS, A.](#) [SANTOS, G. A.](#) ; [NASCIMENTO, J. P. R.](#); [MATOS, J. A. B.](#); [HIRAMA, L. K.](#) . **Ensinar a gostar do esporte tornando significativa a prática do judô.** 16º Simpósio Internacional de Atividade Físicas do Rio de Janeiro, 2014, Rio de Janeiro/RJ.

meus alunos, de sempre buscar coisas novas, sempre motivar, sempre estar ensinando de fato. (Bolsista - 3)

Eu acho que é uma das questões mais delicadas que eu acho que a faculdade em si, o curso em si, não ensina né? A gente tenta aprender como lidar assim diretamente com o aluno de uma forma mais individual ou no projeto que sempre tinha, isso era sempre colocado em pauta, essa aproximação, tentar chegar perto do aluno, tentar conhecer um pouco mais o aluno [...]. (Bolsista - 4).

Seguindo para discussão da última contribuição, os graduandos apontam que o projeto serviu como um espaço de laboratório, no qual, eles puderam experimentar, errar e acertar.

Foi meu laboratório né? Onde eu pude iniciar os trabalhos, pude experimentar, pude errar, acertar também. Então, de certa forma dentro da minha graduação foi minha maior experiência. (Bolsista - 3).

Os momentos dedicados exclusivamente para o planejamento das aulas junto com os outros bolsistas e professores, subsidiaram também as oportunidades de discussão dos dilemas ocorridos, compondo o ambiente de laboratório relatado acima.

Além disso, a participação prolongada em atividades de ensino como as dos projetos de extensão oferece condições aos estudantes reverem aquilo que foi feito e realizarem uma análise crítica a fim de alcançar um salto qualitativo na formação docente (HIRAMA et al. 2016).

Ações multiplicadoras a partir da Extensão Universitária

Abordamos no presente tópico a última categoria do estudo, discutindo as possíveis ações multiplicadoras provenientes da extensão universitária. Estudos apontam que as atividades desenvolvidas dentro dos projetos de extensão provocaram ações multiplicadoras oriundas dessas intervenções nas comunidades (DANTAS, 2007; ROCHA, 2007; GAMA, 2016, QUEIROZ; HIRAMA, 2017) todavia a literatura ainda é carente de estudos que tratam desse tema a partir da prática esportiva.

Durante o desenvolvimento do projeto, por volta de 2 (dois) anos após seu início, as primeiras ações com o judô, sem ligação direta com a extensão

estudada, começaram a surgir na cidade: 1- inserção da modalidade como oficina nas escolas da rede municipal de educação a partir do Programa Mais Educação; 2- os Jogos Estudantis incluem a modalidade na sua grade de competições; 3- o trabalho com esse esporte por professores em escolas particulares em Amargosa-BA. Outras ações também foram percebidas logo após a interrupção das atividades do projeto no primeiro semestre de 2015, 4- com o surgimento de novos núcleos de judô na localidade, para tanto, houve a necessidade de investigar se estes fatos tinham relação direta com o projeto o que comprovaria a disseminação da prática no município.

A investigação das referidas ações se tornam ainda mais pertinente quando leva-se em consideração que antes do início do Construindo pelo Esporte não haviam atividades com a modalidade no município, posto isto, entrevistamos dois responsáveis por núcleos de judô na cidade, ambos ex-alunos do projeto, o ex-coordenador dos Jogos Estudantis do município e uma ex-professora que ministrava aulas de judô no Programa Mais Educação, em uma escola da Zona Rural do município.

O primeiro núcleo de judô, sem relação institucional com a universidade, aparece no ano de 2015, a partir da iniciativa de dois ex-alunos do projeto. Suas atividades são desenvolvidas em parceria com uma academia de judô da cidade de Simões Filhos-BA, distante 245km de Amargosa-BA. Indagados se o surgimento do seu núcleo sofre influências das ações do projeto de extensão, um dos responsáveis pelo núcleo responde:

Teve a influência, porque foi através do projeto que eu conheci o judô, que tive a oportunidade de praticar o judô. Ai como eu gostei da prática e me identifiquei com a mesma, eu voltei a treinar e dei continuidade ao judô aqui na cidade. (Responsável por núcleo - 1).

O segundo núcleo tem início no ano de 2016, um ano após a interrupção das ações do projeto universitário e tem suas atividades desenvolvidas através da parceria com uma escola privada. Ao ser questionado se o surgimento do seu núcleo sofre influências das intervenções desenvolvidas pelo projeto, seu responsável afirma:

Sim! Sofre influências que foi o projeto Construindo pelo Esporte, foi uma referência na cidade. Até hoje todos perguntam sobre o projeto, chegam lá (em seu núcleo) falando que: “ah, meu filho treinava na UFRB, mas acabou”. Então foi referência, um diferencial do judô na cidade, para falar a verdade. (Responsável por núcleo - 2).

Outra iniciativa relevante foi o desapontar de 2 (duas) turmas no programa Mais Educação, oferecido pela secretaria municipal de educação da cidade, em escolas da Zona Rural, ambas tinham como responsáveis discentes que participavam do projeto Construindo pelo Esporte. Uma delas, que foi bolsista durante 4 (quatro) anos, afirma que eram desenvolvidas aulas em duas turmas que atendiam naquela localidade 20 (vinte) crianças.

Com relação ao JERMA-Jogos Estudantis da Rede Municipal de Amargosa-BA, o ex-coordenador afirma que a inserção do Judô como parte integrante das competições dos jogos, tem seu início a partir do ano de 2012. Tal inserção é ocasionada a partir das oficinas do Programa Mais Educação citadas anteriormente. O ex-coordenador relata que a modalidade era responsável por colocar uma quantidade relevante de alunos dentro do Jogos Estudantis, e ao ser questionado sobre as possíveis influências do projeto extensionistas nas ações do JERMA, o entrevistado afirma:

Com certeza, com certeza! Porque eu digo isso? Por que se o judô chegou na escola, ele não chegou só por que ele nasceu lá, ele teve um celeiro antes, aí eu entendo esse celeiro com a estrutura da universidade dando suporte a esse projeto. (Ex-coordenador do Jogos Estudantis).

Importante destacar que nas duas últimas edições do Jogos Estudantis (2015 e 2016) estiveram presentes na equipe de coordenação geral e em específico para o desenvolvimento da competição de judô, ex-bolsistas do projeto convidados pela própria secretaria de educação do município, assim, como, dois alunos um do Núcleo Barreiros e outro do Núcleo CFP fazendo parte do grupo de arbitragem das lutas durante os momentos de competições:

Foi solicitado que ele nos ajudasse na questão da arbitragem, na orientação, em ter cuidado com o colega na luta, por mais que seja uma luta, existia sempre esse cuidado de se cuidar do outro que estava lutando, então tivemos alunos do Construindo pelo

esporte que contribuiu bastante nesses Jogos Escolares. (Ex-professora do Programa Mais Educação).

Desta análise percebemos que as ações do projeto Construindo pelo Esporte contribuíram nas repercussões relativas ao judô na cidade, seja sobre a continuidade da oferta da prática esportiva em diversos espaços, como os Jogos Estudantis e o Mais Educação dentro do espaço escolar, ou mesmo, para a ampliação dos conhecimentos acerca dos elementos da cultura corporal.

Conclusões finais

Notadamente o projeto contribuiu de forma significativa a uma parcela de sujeitos, em um município com cerca de 40 mil habitantes, por meio de uma rede de relações orgânicas que envolveu um mosaico de diferentes personagens: alunos, bolsistas, pais e responsáveis, responsáveis por núcleos e cidadãos da cidade. Essas relações orgânicas entrelaçam entre si, como uma teia. Tais contribuições estão resumidas na figura abaixo, criada pelos autores.

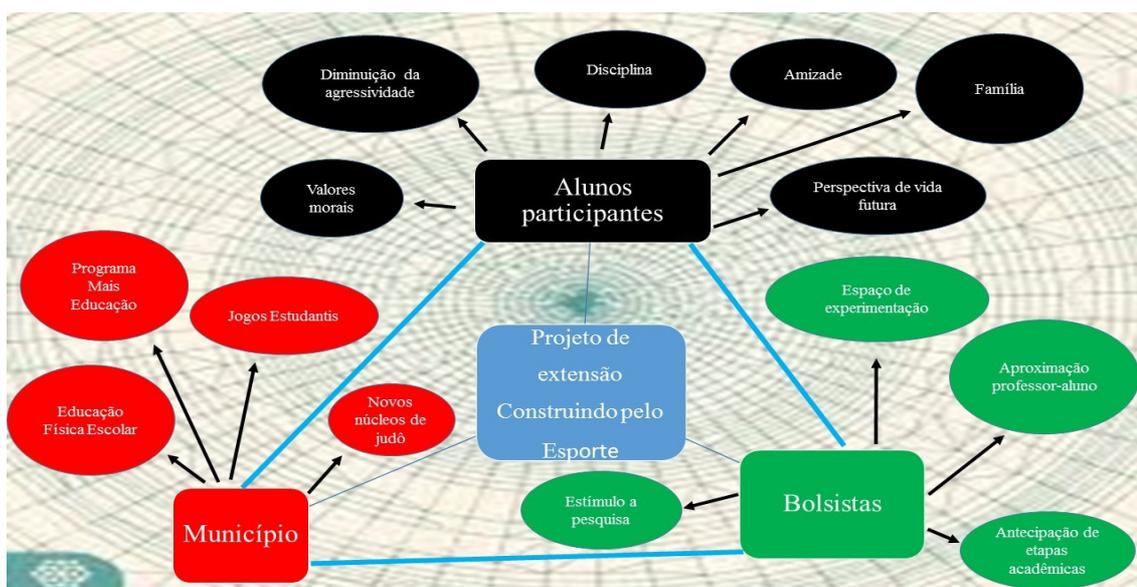


Figura 1: Impressões, influências e desdobramentos a partir do projeto Construindo pelo Esporte

As três categorias estão entrelaçadas entre si e ligadas pelo projeto estudado, no entanto, o impacto na cidade não se resume somente a elas. Para além destas constatações é possível refletirmos sobre suas decorrências futuras, ou seja, trata-se da continuidade dessas repercussões, que poderá se estender por mais tempo e se propagará por outros lugares além desse município, pois entendemos que os valores alcançados pelos alunos os acompanharão ao longo de suas vidas. Conforme percebemos, preceitos decorrentes do projeto de extensão foram inseridos não somente na escola, mas também, em casa, e no seu ambiente de trabalho, se tratando dos bolsistas. A formação outrora adquirida por eles os acompanhará pelos seus espaços de atuação, quanto aos núcleos criados esperamos que se consolidem, que ocorra também a manutenção da modalidade nos jogos escolares e, em acontecendo, conseqüentemente seu trato no interior das escolas, na educação física escolar.

Referências utilizadas

AGUILAR, M. J.; ANDER-EGG, E. (1995). **Avaliação de serviços e programas sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

BARBIERI, C. A. S. (2001). **Esporte educacional**: uma possibilidade de restauração do humano no homem. Canoas: Ed. ULBRA, 2001.

BARDIN, L. (2011). **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENTO, J. O. (2013). **Desporto**: discurso e substância. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física / Unicamp - Centro de estudos avançados, 2013.

CASTRO, S. B.; SOUZA, D. L. (2011). **Significados de um projeto social esportivo**: um estudo a partir das perspectivas de profissionais, pais, crianças e adolescentes. **Movimento** - Porto Alegre, v. 17, n. 4, p. 154-163, out./dez. 2011.

CORREIA, M. M. (2008). **Projeto sociais em Educação Física, Esporte e Lazer**: reflexões e considerações para uma gestão socialmente comprometida. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v.4, n.1, janeiro/junho, 2008.

DAMON, W. (2009). **O que o jovem quer da vida?** São Paulo: Summus, 2009.

DANTAS, S. S. (2007). **A formação/ação multiplicadora da prática infantil:** um estudo de práticas formativas do PIDEPE/RN. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal - SP. 2007.

ENCONTRO DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. (1987). **Conceito de extensão, institucionalização e financiamento.** Universidade de Brasília. Novembro - 1987.

GALATTI, L. R. (2006). **Pedagogia do esporte:** livro didático como mediador no processo de ensino aprendizagem dos jogos esportivos coletivos. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP. 2006.

GALVÃO, Z. (2012). **Educação Física escolar:** a prática do bom professor. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte.** Ano I - Número I, 2012.

GAMA, F. S. O. (2016). **Uma reflexão sobre o curso "Ações multiplicadores:** o museu e a inclusão sociocultural" da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo-SP. 2016.

GASPÁRI, J. C.; SCHWARTZ, G. M. (2001). **Adolescência, esporte e qualidade de vida.** **Motriz.** Vol. 7, n.2. Jul-Dez 2001.

GIL, A. C. (2009). **Métodos e técnicas da pesquisa social.** 6º ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GOMES, A. O.; MATTHIESEN, S. Q.; GINCIENE, G. (2011). **Atletismo para crianças e jovens:** um projeto de extensão universitária. **Rev. Ciênc. Ext.** São Paulo. v.7, n.1, p.6, 2011.

HIRAMA, L. K. (2018). **Valores que o esporte ensina:** intervenções pedagógicas para formação da personalidade moral. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas/SP. 2018.

HIRAMA, L. K.; MATOS, J. A. B.; JOAQUIM, C. S.; MONTAGNER, P. C. (2016). **Extensão universitária e formação do professor de educação física:** contribuições a partir da permanência prolongada. **Rev. Ciênc. Ext.** São Paulo. v.12, n.1, p.28-40, 2016.

HIRAMA, L. K.; MONTAGNER, P. C. (2012). **Algo para além de tirar as crianças das ruas:** a pedagogia do esporte em projetos socioeducativos - São Paulo: Phorte, 2012.

HOLT, N. L.; KINGSLEY, B. C; SCHERER, T. J. (2011). **Benefits and challenges associated with sport participation by children and parents from low-income families.** **Psychology of Sport and Exercise.** Canadá - jun - 2011.

ISAYAMA, H. F.; LINHALES, M. A (Org.). (2008). **Avaliação de políticas e políticas de avaliação:** questões para o esporte e o lazer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LLAMAS, G. R.; SUÁREZ, D. C. (2004). **Los valores en el deporte.** **Revista de Educación:** Madrid/Espanha. 2004.

MACHADO, A. A. (1995) **Interação:** problema educacional. In: DE LUCCA, E. **Psicologia educacional na sala de aula.** Jundiaí: Litearte, 1995.

MACHADO, G. V. (2012). **Pedagogia do Esporte:** organização, sistematização, aplicação e avaliação de conteúdos esportivos na educação

não formal. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

MACHADO, G. V.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. (2015). **Pedagogia do esporte e projeto sociais**: interlocuções sobre a prática pedagógica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2., p. 405-418, abr./jun. de 2015.

MACHADO, G. V.; REVERTIDO, R. S.; LEONARDI, T. J.; GONÇALVES, C. E. B.; PAES, R. R. (2017). **Pedagogia do esporte**: a gestão do esporte em projetos sociais. In: GALATTI, L. R.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C.; PAES, R. R. (Org). **Múltiplos cenários da prática esportiva**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP. 2017.

MARTINS, H. H. T. S. (2004). **Metodologia qualitativa de pesquisa. Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MELO, V. A. (2008). Projetos **sociais de esporte e lazer**: Reflexões, inquietações, sugestões. **en <http://quadernsanimacio.net>**; nº 7; enero de 2008.

PENA, L. G. S.; COSTA E SILVA, A. A.; CAMPOS, L. F. C. C.; GOUVEIA, R. B.; ALMEIDA, J. J. G.; DUARTE, E.; ARAÚJO, P. F.; GORLA, J. I. (2014). **O Rugby em cadeiras de rodas no âmbito da universidade**: relato de experiência da Universidade Estadual de Campinas. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**. São Paulo. Out-Dez - 2014.

PIMENTA, S. G. (2006). **Professor reflexivo**: construindo uma crítica. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Org). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. 4. ed. São Paulo. Cortez. 2006.

QUEIROZ, D. A. R. (2017). **Pedagogia do esporte em projetos socioesportivos**: desenvolvimento de competências e habilidades para além do tatame. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso - Educação Física. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. 2017.

QUEIROZ, D. A. R.; HIRAMA, L. K. (2016). **Regras de condutas em ambientes esportivos**: contribuições para o desenvolvimento moral de crianças e adolescentes. Anais do Congresso Internacional de Pedagogia do Esporte. Campinas/SP. 2016.

QUEIROZ, D. A. R.; HIRAMA, L. K. (2017). **O projeto Construindo pelo Esporte**: um agente multiplicador de novas ações com o judô a partir da extensão universitária. Anais do VI Congresso de Educação Física do Vale do São Francisco. Petrolina/PE. 2017.

QUEIROZ, D. A. R.; HIRAMA, L. K. (2016). **A extensão universitária e suas contribuições na formação docente**. Anais do Congresso Internacional de Pedagogia do Esporte. Campinas/SP. 2016.

REVERDITO, R. S. (2016). **Pedagogia do esporte e modelo Bioecológico de Desenvolvimento Humano**: indicadores para avaliação de impacto em programa socioesportivo. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2016.

ROCHA, L. A. C. (2007). **Projetos interdisciplinares de extensão universitária**: ações transformadoras. Dissertação de mestrado. Universidade Brás Cubas. Mogi das Cruzes - SP. 2007.

RUFINO, L. G. B.; MARTINS, J. C. O. (2011). **Jiu Jitsu brasileiro em extensão**. **Rev. Ciênc. Ext**. São Paulo. v.7, n.2, p.84, 2011.

SANCHES, S. M. (2009). **Prática esportiva e resiliência.** Tese de doutorado - Universidade de São Paulo. São Paulo - 2009.

SANCHES, S. M.; RUBIO, K. (2011) **A prática esportiva como ferramenta educacional:** trabalhando valores e resiliência. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 825-842, dez. 2011.

SANMARTÍN, M. G. (2004). **El valor del deporte em la educación integral del ser humano.** *Revista de educación:* Madrid/Espanha. 2004.

SANTANA, W. C. (2003). **A pedagogia do esporte e a moralidade infantil.** Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2003.

SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S. (2009) **Pedagogia do esporte:** jogos coletivos de invasão. São Paulo: Phorte, 2009.

SQUARCINI, C. F. R.; MARTA, F. E. F.; SILVA, E. C. C.; BARBOSA, F. N. M.; SILVA, T. D.; SILVA, A. L. (2015). **Natação:** reconhecimento do projeto de extensão no interior da Bahia. *Rev. Ciênc. Ext.* São Paulo. v.11, n.2, p.8-20, 2015.

VIERA, L. H. S. (2010). **Estudos sobre a gestão do Programa Esporte e Lazer da Cidade.** Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Viçosa. Viçosa-MG. 2010.

ZALUAR, A. (1994). **Cidadãos não vão ao paraíso.** Campinas, SP: Escuta, 1994.

LA CONVIVENCIA ESCOLAR EN CUATRO INSTITUCIONES DE BOGOTÁ Y SU PERCEPCIÓN FRENTE AL DEPORTE Y LA ACTIVIDAD FISICA

Pedro Nel Urrea Roa

Corporación Universitaria Minuto de Dios (Colombia)

Natalia Andrea Rodríguez

Corporación Universitaria Minuto de Dios (Colombia)

Henry Babativa

Corporación Universitaria Minuto de Dios (Colombia)

María Claudia Vargas

Corporación Universitaria Minuto de Dios (Colombia)

Resumen

Actualmente los ambientes de aprendizaje se afectan por diferentes formas de relacionarse que se dan entre los actores que intervienen en lo educativo; identificar a tiempo las causas y consecuencias en el deterioro de las relaciones posiblemente ayude a mejorar el clima escolar y en torno a ello el proceso educativo de enseñanza aprendizaje de los niños(a) y jóvenes. El Objetivo del estudio fue determinar los factores de protección en la convivencia escolar en 4 instituciones de Bogotá -Colombia, en el año 2016. Participaron 385 estudiantes. Para el desarrollo del estudio se abordó las principales causas del conflicto, la percepción frente a la actividad física, la convivencia y el deporte escolar; dichos aspectos permitieron tener una visión holística de la convivencia para su mejoramiento y en este aspecto particular (relaciones) comprender los dinamos propios que se dan en la escuela y desarrollar estrategias didácticas que favorezcan el clima escolar.

Palabras clave: Educación, convivencia escolar, deporte y actividad física.

Abstract

Currently the learning environments are affected by different ways of relating that are given among the actors involved in the educational; Identify in time the causes and consequences in the deterioration of relationships possibly help Better the school climate and around it the educational process of teaching learning of children and young people. The objective of the study was to determine the factors of protection in the school coexistence in 4 institutions of Bogotá-Colombia, in the year 2016. 385 students participated. For the development of the study, the main causes of the conflict, the perception of physical activity, coexistence and school sport, were tackled; These aspects allowed to have a holistic view of the coexistence for its

improvement and in this particular aspect (relations) to understand the own dynamisms that occur in the school and to develop didactic strategies that favor the school climate.

Keywords: Education, school coexistence, sport and physical activity.

Introducción

Uno de los elementos constitutivos de la escuela es la construcción de la convivencia mediada por las relaciones, las normas, agresiones y factores de protección, constituyen día a día algunos aspectos como elementos importantes del acto educativo. El grupo de investigadores, trato de acercarse a las instituciones y reconocer su realidad, aunque no nos debe causar asombro los comportamientos que se dan entre los individuos, es vital reconocer los comportamientos que se presentan en las instituciones con la idea de explorar las diferentes formas de relacionarse.

En este sentido, el deporte y la actividad se consideran factores de protección que ayudan a la promoción y prevención en los adolescentes es desde ahí donde se buscan reducir factores que afectan como el consumo de alcohol, hasta agresiones de riesgo en esta población. La actividad física y el deporte son un espacio educativo que permiten el desarrollo de una forma más abierta, las relaciones interpersonales en el contexto escolar, tanto entre alumnos como con los profesores, puesto que se logra mostrar de forma franca e inmediata sus habilidades personales y sociales, situación que en otros ambientes educativos es más difícil de manifestar.

La práctica deportiva promueve la construcción personal y social en sí misma, sin embargo aunque puede propiciar valores positivos en los estudiantes también puede promover sus contrarios como agresividad, engaño y protagonismo. Desde esta perspectiva se hace necesario la implementación de estrategias desde la actividad física y el deporte como instrumentos para promover valores positivos favoreciendo la convivencia.

La convivencia escolar

En la sociedad actual se presentan múltiples problemáticas que logran afectar los contextos educativos de los niños y adolescentes, lo que genera preocupación ya que estos están alterando las dinámicas y los procesos de enseñanza-aprendizaje que se construyen en las instituciones educativas, por eso es pertinente realizar una revisión bibliográfica que permita dar cuenta de cómo se está abordando esta situación en el contexto escolar con el fin de identificar, analizar e indagar sobre estrategias construidas desde la actividad física y el deporte. La educación para la convivencia, el aprendizaje y promoción de valores como la tolerancia, la igualdad, el respeto, la solidaridad, la cooperación y la participación, se hace entonces indispensable para conseguir relaciones más positivas y satisfactorias, llevando al bienestar de los estudiantes, favoreciendo el rendimiento académico (Coscojuela, 2010).

En Colombia, en marzo de 2013 fue sancionada la Ley 1620 que creó el “Sistema Nacional de Convivencia Escolar y Formación para el Ejercicio de los Derechos Humanos, Sexuales y Reproductivos y la Prevención y la Mitigación de la Violencia Escolar” cuyo objetivo fue, de una parte, reglamentar la convivencia y los derechos sexuales en los adolescentes.

La práctica deportiva y la realización general de la actividad física, permite no solo el desarrollo físico y capacidades corporales, sino que aporta elementos de carácter axiológico como la disciplina, la confianza y el liderazgo y enseña principios fundamentales como la tolerancia, la cooperación y el respeto.

Es desde ahí, donde el trabajar con la adolescencia de poblaciones vulnerables, se convierte en una oportunidad para el logro de una sociedad mejor es desde ahí, donde el trabajar en esta edad ayuda al afianzamiento y seguridad en la formación del carácter y como la etapa en donde el ser humano entra en un periodo de definición de los valores universales que regirán su actuar, permite afirmar que es justo en esta etapa del desarrollo del individuo en donde los aportes del contexto pueden dar herramientas al individuo a establecer su propia escala de valores y apropiarla para el resto de

su vida. La convivencia escolar desde esta perspectiva no es ajena a los diferentes factores asociados que se dan en la dinámica propia de las personas y de las instituciones en las que se realizó la primera fase de la investigación

La actividad física y el deporte como estrategia para la convivencia

La actividad física como práctica pedagógica, si es de alta calidad es un medio eficaz para transmitir a los niños y jóvenes las habilidades, modelos de pensamiento, conocimientos y valores (Vargas y Orozco, 2004) y dado que se encuentra estrechamente relacionada con el juego y el recreo, ocupa un lugar importante en la vida del niño, ya que le permite conformar y consolidar su proyecto de vida (Jaramillo, 2003). La Actividad Física debe convertirse en una experiencia que surja del individuo lo cual le permite interactuar con los otros y construir lenguajes que se dan en los procesos de socialización. (Correa, 2010). Mediante la construcción de esos lenguajes es que se adoptan nuevas formas de relacionamiento que benefician el desarrollo de los niños(as), adolescentes como actores importantes en la escuela.

La actividad física y el deporte pueden contribuir a la construcción de diferentes acciones que pueden promover la solidaridad, el compañerismo, la tolerancia entre otros elementos axiológicos así mismo, contribuye a aportar elementos fundamentales para el desarrollo intelectual y psíquico, que permanecerán y serán aplicados toda la vida.

La actividad física por tanto es un ambiente privilegiado para el desarrollo de la convivencia por varios motivos: facilita situaciones que favorecen la relación interpersonal entre compañeros y profesores, al desarrollarse en campos abiertos con actividades que ponen en contacto a los alumnos, posibilita el desarrollo del juicio moral porque se presentan situaciones de conflicto dentro de las actividades que exigen un acuerdo entre los compañeros para llegar a una solución; se puede observar con facilidad los aspectos personales del carácter de los alumnos, el profesor puede identificar sus debilidades y fortalezas y así saber donde actuar; finalmente la conexión

con los deportes da un mayor interés con otras materias académicas. (Jiménez 2000).

El docente como actor en la convivencia

El docente juega un papel importante en la transformación del contexto rural y urbano, en la construcción de dinámicas que ayuden a la promoción y prevención a partir de estrategias de intervención y desde la formación de ciudadanía mediante la promoción de valores y la construcción de derechos.

Desde este horizonte, Los contextos escolares presentan distintas forma que representan el resultado de determinadas experiencias, diferentes acontecimientos que son el resultado de las múltiples manifestaciones que se dan en los distintos niveles y entornos donde se desarrollan los individuos, la familia, el barrio; parte de estos comportamientos logran alterar las relaciones de los distintos actores que intervienen en la escuela, los estudiantes, docentes y administrativos, afectando las relaciones entre pares, representado en conductas violentas como agresiones físicas, verbales, sexuales y exclusión de grupos, entre otros (Ortega; Del Rey, 2004). El diagnóstico permite que los docentes construyan elementos transformadores desde el análisis, la reflexión pedagógica y una intervención desde lo disciplinar, acompañadas por distintas líneas de fundamentación conceptual buscando generar cambios en el entorno escolar.

Es así que, no solo depende del contenido del plan de estudios lo que en muchos casos aprneden los educandos, sino la metodología, la didáctica y la evaluación del proceso (Evans, 2001) . "El educador físico debe tener la capacidad de hacer de su práctica un proceso con sentido, que invite al movimiento físico y sensorialmente creativo de sus participantes, que sea un educador inquieto, reflexivo y un crítico constante de su ser y hacer en el área" (Jaramillo, 2003).

Metodologia

El estudio en su primera fase fue cuantitativo, con corte transversal , descriptivo ya que se busco conocer los adolescentes, sus conocimientos y percepción describiéndolos desde sus características. Para el desarrollo de la investigación se tuvo en cuenta la encuesta de convivencia escolar desarrollada por el estudio la convivencia escolar realizado por la Universidad de la Sabana (López de Mesa, Soto, Carvajal y Urrea , 2013).

Resultados

El Objetivo del estudio fue determinar los factores de protección en la convivencia escolar en 4 instituciones de Bogotá -Colombia, en el año 2016. Participaron 385 estudiantes entre los 11 a 18 años. Para el desarrollo del estudio se abordó las principales causas del conflicto, la percepción frente a la actividad física, la convivencia y el deporte escolar; dichos aspectos permitieron tener una visión holística de la convivencia para su mejoramiento y en este aspecto particular (relaciones) comprender los dinamismos propios que se dan en la escuela y desarrollar estrategias didácticas que favorezcan el clima escolar. Dentro de los parámetros a observar están la relación de los adolescentes con los factores de protección en este sentido se tomara como referente los resultados obtenidos a través del instrumento de convivencia escolar y su relación con deporte y la actividad física. A pesar de que existen otras consecuencias, que llevan a estos comportamientos en este articulo se rescatan los factores de protección evidenciados a través de los resultados obtenidos:

- Los Comportamientos agresivos que mas se reconocen están entre la agresión verbal y física, a través de comportamientos causados por golpes, pero el que mas se detalla es el verbal y hablar mal de los demás.
- El consumo de alcohol se da entre los adolscentes de 15 a 17 años, por que quieren o los amigos en este sentido hay una presión grupal;

el consumo de drogas seda mas entre los hombres las drogas , las niñas en similar el alcohol.

- En cuanto al Auto concepto- autopercepción y autoestima son los estudiantes de grado superior , se rescatan que poseen buenas cualidades, se cuidan y buscan tener una buena percepción de los demás.
- A nivel físico la frecuencia Deporte vs Actividad Física (AF), cada semana realizan actividades físicas, lo que se ve reflejado en la clase, se presenta cada semana en los cursos superiores en los hombres hay una mayor AF, por semana los que nunca hacen son las mujeres entre 15 y 18 años.
- Los hombres son los que mas realiza AF, por semana y camina, hace ejercicio, no practica deporte, las clases de educación física se presenta hacia el deporte, las actividades las reconocen a nivel personal y las demás al colegio en el deporte, no son miembros de clubes deportivos.
- Los hombres entre 11 y 14 participan en los clubes deportivos, las mujeres no hacen y presentan mayor agresión adolescencia 15-18 años, aspecto personal, vs actividad física, no pertenecen.
- No realizan actividades de esfuerzo solo en el espacio de la clase.
- La bicicleta es un medio de transporte que les permite llegar a su sitio de estudio.
- El ejercicio es esporádico, no es formativo, el estudiante hace ejercicio en la clase de educación físicá, y la comprende como actividad que ayuda a complementar sus actividades.

Conclusiones

En este sentido se debe reconocer la importancia de la AF y el Deporte como estrategia que ayuda a la adaptación y el desarrollo físico, emocional y social, lo que puede ayudar a la construcción de factores de protección y al desarrollo de buenos hábitos desde la primera infancia hasta la adultez, de ahí que se le debe dar importancia en las instituciones educativas para ayudar a la reducción de factores de riesgo como alcohol, consumo de drogas,

sedentarismo y otros factores que afecten a las poblaciones, de tiene que ato concepto, consumo, formación en actividades.

Lograr desarrollar estrategias de intervención pedagógica construidas a partir de diagnósticos desarrollados en diferentes contextos sociales, para la promoción, la prevención y la reducción de las manifestaciones presentadas representadas en agresiones físicas y verbales que alteran los comportamientos de los actores educativos, así como la reflexión pedagógica desarrollada por los futuros licenciados como la pertinencia y el aporte a la investigación desde su campo de acción.

Bibliografía

Cava, M., Musitu, G. (2003). *La Potenciación De La Autoestima En La Escuela*. Barcelona: Paidós

Chaux, E. (2012). *Educación, Convivencia Y Agresión Escolar* (Primera Ed.). Bogotá: Taurus, Uniandes

Coscojuela, M. (2010), La participación del alumnado en la construcción de las relaciones de convivencia. En J.J.Gásquez y M.C. Pérez (Eds.): *La convivencia escolar: Aspectos psicológicos y educativos*(pp.47-50). Granada: GEU

Coscojuela, M. (2010), La participación del alumnado en la construcción de las relaciones de convivencia. En J.J.Gásquez y M.C. Pérez (Eds.): *La convivencia escolar*:

Evans, J. (2001). *La investigación en la educación física: En busca de comprensión y calidad en la enseñanza*. En J. Devís (Coord.), *La educación física, el deporte y la salud en el siglo XXI* (pp. 111-126). Alcoy: Marfil.

Jaramillo, L. (2003). La escuela, el señor juego y la formación. Un mundo escolar objetivado por el niño y la niña en torno a la clase de educación física. Una mirada desde la formación. *Kinesis, Revista en Ciencias del Deporte, Educación Física y Recreación*, 37, 19-25

Aspectos psicológicos y educativos(pp.47-50). Granada: GEU.

Evans, J. (2001). *La investigación en la educación física: En busca de comprensión y calidad en la enseñanza*. En J. Devís (Coord.), *La educación física, el deporte y la salud en el siglo XXI* (pp. 111-126). Alcoy: Marfil.

Helmsen, J., Koglin, U., & Petermann, F. (2012). Emotion regulation and aggressive behavior in preschoolers: the mediating role of social information. *Child Psychiatry Human Development*, 43, 87-101.

Jaramillo, L. (2003). La escuela, el señor juego y la formación. Un mundo escolar objetivado por el niño y la niña en torno a la clase de educación física. Una mirada desde la formación. *Kinesis, Revista en Ciencias del Deporte, Educación Física y Recreación*, 37, 19-25

Matsudo v.k. y cols(1998). Programa Agita Sao Paulo. Brasil 1998. (Efectos benéficos del ejercicio físico) pag. 15

Moncada, J. (2005). 2005: Año internacional del deporte y la educación física. *Revista Educación*, 29(2), 235-249.

Lopez de mesa, ; CARVAJAL-CASTILLO, César Andrés; SOTO-GODOY, María Fernanda y URREA-ROA, Pedro Nel. **Factores asociados a la convivencia escolar en adolescentes.** *educ.educ.* [online]. 2013, vol.16, n.3, pp.383-410. ISSN 0123-1294

Ortega,R, Cordoba y Ramera. (2004,2008). La convivencia escolar qué es y cómo abordarla. España: Ediciones Novograf

Pinheiro, S. (2006). Informe mundial sobre la violencia contra los niños y niñas. Ginebra: Publicaciones Naciones Unidas.

Prieto, A. (2008). Modelo de la promoción de la salud con énfasis en AF, para una comunidad estudiantil universitaria. Universidad Nacional, pag. 1-15.

Sánchez, A. (2009). Acoso escolar y convivencia en las aulas. Alcalá: Editorial Alcalá.

Tremblay, M., Inman, J. y Willms, J. (2000). The relationship between physical activity, self-esteem, and academic achievement in 12 year old children. *Pediatric Exercise Science*, 12(3), 312-323

Vargas, P. y Orozco, R. (2004). *La importancia de la educación física en el currí- culum escolar.* *Revista Intercedes*, 5(7).

A PERCEÇÃO DA CHEGADA DA IDADE NA CARREIRA ESPORTIVA NA GINÁSTICA ARTÍSTICA FEMININA DE PORTUGAL.

Ivana Montandon Soares Aleixo

Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil)

Myrian Nunomura

Universidade de São Paulo (Brasil)

Resumo

A ginástica artística feminina (GAF) é um esporte exigente e, para alcançar sucesso, tem se exigido o envolvimento precoce e o treinamento intensivo desde a infância. A maioria das ginastas se aposenta antes de atingir a idade adulta. O conhecimento da mudança em relação ao seu corpo, as influências externas do treinamento, do treinador, da família, são fundamentais para o reconhecimento e a compreensão destas mudanças que ocorrem devido às diferentes fases da vida. Objetivo do estudo foi verificar sobre a compreensão das mudanças corporais, do treinamento, e seus fatores com a chegada da idade e sua relação com o prolongamento da carreira. A presente pesquisa foi gerada pelo projeto "Coming of age: Towards best practice in art gymnastics" (Kerr, Barker-Ruchti, Schubring, Cervin, Nunomura, 2015). Foram entrevistadas sete ex-ginastas de alto rendimento de Portugal. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas para a coleta dos depoimentos e, para o tratamento dos dados, a análise temática (Ryan e Bernard, 2000, Braun & Clark, 2006). Desenvolvemos uma perspectiva cultural do desenvolvimento de ginastas e mostramos que a sua própria percepção corporal permitiu que elas compreendessem que a transição da fase de jovem para adultas poderia contribuir no prolongamento de sua carreira. Nos resultados identificou-se a clara percepção das ginastas sobre as mudanças no próprio corpo da idade jovem para madura, que do ponto de vista físico foi o fato mais difícil de gerir. O treinamento como fator de percepção destas mudanças. O apoio familiar contribuiu na transição e na

continuidade da carreira. A experiência de serem ginastas “mais velhas” ajuda a compreender como os contextos particulares acontecem e, assim, desenvolver uma nova fase da carreira. A percepção dos fatores que levaram ao prolongamento na carreira poderia compreender como as práticas de atuação, de organização, de treinamento, na GAF poderiam ser alteradas para produzir ginastas mais velhas, mais saudáveis, encorajadas a refletir sobre suas próprias percepções e os efeitos positivos ao longo da vida. Com o avanço da idade ou à medida que se tornam mais experientes e experienciam diversas circunstâncias.

Palavras Chave: ginástica artística feminina, corpo, prolongamento da carreira.

La percepción corporal de la llegada de la edad en la carrera deportiva en la gimnasia artística femenina de Portugal

Resumen

La gimnasia artística femenina es un deporte exigente y, para lograr éxito, se ha exigido el compromiso precoz y el entrenamiento intensivo desde la infancia. La mayoría de las gimnastas se jubilan antes de alcanzar la edad adulta. El conocimiento del cambio en relación a su cuerpo, las influencias externas del entrenamiento, del entrenador, de la familia, son fundamentales para el reconocimiento y la comprensión de estos cambios que ocurren debido a las diferentes fases de la vida. El objetivo del estudio fue verificar sobre la comprensión de los cambios corporales, del entrenamiento, y sus factores con la llegada de la edad y su relación con la prolongación de la carrera. La presente investigación fue generada por el proyecto "Coming of age: Towards best practice in art gymnastics" (Kerr, Barker-Ruchti, Schubring, Cervin, Nunomura, 2015). Se entrevistó a siete ex gimnastas de alto rendimiento Portugal. Se realizaron entrevistas semiestructuradas para la recolección de los testimonios y, para el tratamiento de los datos, el análisis temático (Ryan y Bernard, 2000, Braun & Clark, 2006). Desarrollamos una perspectiva cultural del desarrollo de gimnastas y mostramos que su propia percepción corporal les permitió comprender que la transición de la fase de joven a adultas podría contribuir en la prolongación de su carrera. En los resultados se identificó la

clara percepción de las gimnastas sobre los cambios en el propio cuerpo de la edad joven a madura, que desde el punto de vista físico fue el hecho más difícil de gestionar. El entrenamiento como factor de percepción de estos cambios. El apoyo familiar contribuyó en la transición y la continuidad de la carrera. La experiencia de ser gimnastas "más viejas" ayuda a comprender cómo ocurren los contextos particulares y, así, desarrollar una nueva fase de la carrera. La percepción de los factores que llevaron a la prolongación en la carrera podría comprender cómo las prácticas de actuación, de organización, de entrenamiento, en la GAF podrían ser alteradas para producir gimnastas más viejas, más sanas, alentadas a reflexionar sobre sus propias percepciones y los efectos positivos a lo largo de la vida. Con el avance de la edad o a medida que se vuelven más experimentados y experimentan diversas circunstancias.

Palabras clave: Gimnasia artística femenina, cuerpo, carrera extendida.

The corporal perception of coming age in the sports career in the women's artistic gymnastics of Portugal

Abstract

Women's Artistic Gymnastics (WAG) is a demanding sport and, to achieve success, early involvement and intensive training since childhood has been required. Most gymnasts retire before they reach adulthood. The knowledge of the change in relation to your body, the external influences of the training, the coach, the family, are fundamental to the recognition and understanding of these changes that occur due to the different phases of life. Objective of the study was to examine the understanding of body changes, training, and its factors with the onset of age and its relation to the prolongation of the career. The present research was generated by the project "Coming of age: Towards best practice in art gymnastics" (Kerr, Barker-Ruchti, Schubring, Cervin, Nunomura, 2015). Seven former high-income gymnasts from Portugal were interviewed. Semi-structured interviews were conducted to collect the statements and, for the treatment of the data, thematic analysis (Ryan and Bernard, 2000, Braun & Clark, 2006). We developed a cultural perspective on the development of gymnasts and showed

that their own body perception allowed them to understand that the transition from the young to the adult phase could contribute to the prolongation of their career. In the results we identified the clear perception of the gymnasts about the changes in the body itself from the young to mature age, which from the physical point of view was the most difficult fact to manage. Training as a perception factor of these changes. Family support has contributed to transition and career continuity. The experience of being "older" gymnasts helps you understand how particular contexts happen and thus develop a new phase of your career. The perception of factors that led to career extension could understand how performance, organizational, and training practices in the GAF could be altered to produce older, healthier, encouraged gymnasts to reflect on their own perceptions and the positive effects over the long run. of life. As you age or as you become more experienced and experience various circumstances.

Keywords: Women's artistic gymnastic, body, extended career.

O FUTEBOL E A ESCOLA: DIFERENÇAS DAS FRÁTRIAS EM PROJETOS

Carlus Augustus Jourand Correia
Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)

Resumo

A hipótese do estudo defende que a estruturação de um projeto familiar focalizado na profissionalização esportiva de um dos filhos ocasiona vivências e estratégias de escolarização diferenciadas entre os mesmos. O objetivo é analisar diferenças de investimentos feitas por familiares sobre as rotinas escolares de filhos inseridos no esporte de alto rendimento, comparando com aqueles que não se inserem nele. Foram analisadas cinco famílias entre 2014 e 2018. A seleção delas foi feita em um único clube carioca na categoria sub-17. Ao selecionar jovens de um mesmo centro de treinamento e de uma mesma categoria buscou-se analisar famílias com atletas em condições de profissionalização semelhantes (EPIPHANIO, 2002). Selecionamos famílias que possuíam irmãos (atleta e não-atleta) ainda inseridos em processo de escolarização durante o desenvolvimento do projeto. Os resultados apontam para estruturação de um projeto futebolístico familiar. O desenvolvimento desse, torna o jovem atleta um elemento central da família. A existência desse conjunto de estratégias caracteriza uma proeminência do filho atleta frente aos outros indivíduos na família. Nas famílias analisadas existem diferenças de tratamentos dados pelos familiares ao filho atleta comparando com o filho não-atleta. Por isso, os irmãos encaram rotinas diferentes, possuem expectativas diferentes, e são cobrados por resultados escolares diferentes. Os irmãos, veladamente, estabelecem entre si disputas no projeto familiar, motivados pelos tratamentos diferenciados. Identificamos que os impactos desses tratamentos diferenciados sobre os filhos é maior quando as distâncias etárias na fratria são menores. Daí que, mesmo diante de momentos

possivelmente semelhantes em investimentos, a socialização dos filhos ocorre de maneira diferenciada. Os resultados vão ao encontro dos estudos de Kidwell (1981) e Romanelli (2013) sobre a constituição dentro da família de perspectivas/tratamentos diferenciados entre os filhos. A pesquisa confirmou tratamento diferenciado nas frátrias. Contudo, os resultados nos permitiram olhar de outra forma sobre o debate, pois tais estudos imputavam destaque à posição do filho dentro da frátria para o direcionamento das ações dadas pela família aos seus filhos. Concluimos que as ações diferenciadas entre os filhos não são provenientes do posicionamento dele na frátria, mas da estruturação do projeto familiar futebolístico. As famílias ao realizarem investimentos diferenciados entre os filhos o fazem a partir das percepções sobre os campos de possibilidades criados sobre eles. Nos núcleos analisados, os filhos atletas e não-atletas estão matriculados na escola, mas os pais exigem dos filhos resultados escolares diferenciados e constroem para eles relações diferentes com a escola. No caso dos filhos não-atletas, em todas as famílias, existia um acompanhamento tanto em casa, quanto na escola. Não abriam mão de cobrar notas acima da média, iam com mais frequência a escola e procuravam dedicar algum tempo aos deveres de casa. Para os filhos não-atletas, a escolarização apesar das incertezas era vista pelos pais como o principal campo de possibilidades, logo aquele a ser incentivado. Propomos que as análises sobre os engajamentos e direcionamentos familiares tenham como fio condutor as oportunidades enxergadas pelas famílias sobre cada filho.

Palavras-chave: Escolarização; Esporte; Família

Referências:

EPIPHANIO, E. H. (2002). Conflitos vivenciados por atletas quanto à manutenção da prática esportiva de alto rendimento. **Revista Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 19, n. 21, p. 15-22.

KIDWELL, J. S. (1981). Number of siblings, sibling spacing, sex, and birth order: their effects on perceived parent-adolescent relationships. **Journal of Marriage and the Family**, Menasha, v. 43, n. 2, p. 315-332.

ROMANELLI, G. (2013). Levantamento crítico sobre as relações entre família e escola. In: ROMANELLI, Geraldo; NOGUEIRA, Maria Alice; ZAGO, Nadir (Org.). **Família e escola: novas perspectivas de análise**. Petrópolis: Vozes. p. 29-60.

"DO "TACO/BETS" AO BEISEBOL: UMA PROPOSTA DE ENSINO DO BEISEBOL FUNDAMENTADA NA METODOLOGIA DO TEACHING GAMES FOR UNDERSTANDING (TGFU)"

Wellington Silva Briza

Serviço Social do Comércio - Sesc (Brasil)

Resumo

Introdução: O Teaching Games for Understanding (TGFU) propõe um agrupamento dos esportes pela lógica do jogo, sendo um dos grupos é formado pelos jogos de rebater. Este grupo aproxima o taco/bets, um jogo popular na cultura brasileira, do beisebol que não é um esporte comum na cultura esportiva brasileira. Objetivo: O objetivo do estudo foi propor o ensino do beisebol fundamentado no modelo de ensino do TGFU, tendo como ponto de partida o conhecimento do jogo de taco/bets. Metodologia: Participaram do estudo 26 alunos de 14 a 16 anos, do Programa Estrelas do Beisebol, desenvolvido na unidade do Sesc Bertioga, litoral do estado de São Paulo. Esta pesquisa-ação foi desenvolvida no período de 10 meses, com 2 aulas semanais com duração de 2 horas/aula. O estudo partiu da aplicação de um questionário para determinar o conhecimento prévio sobre o jogo de taco/bets e do beisebol. As aulas foram desenvolvidas fundamentas no modelo de ensino do TGFU para o desenvolvimento do conhecimento tático, estratégico e técnico do beisebol. Resultados: Verificou-se que 81% dos alunos já haviam jogado taco/bets, enquanto 85% não haviam jogado beisebol. O conhecimento que os alunos possuíam sobre o beisebol era por terem jogado jogos eletrônicos (54%), assistido jogos de beisebol (46%) ou terem assistido filmes ou desenhos que de alguma forma apresentaram o esporte (58%). Iniciamos o projeto com 81% dos alunos conhecendo a lógica do jogo de beisebol, mas sem os conhecimentos táticos, estratégicos e técnicos da modalidade. No final dos 10 meses os alunos desenvolveram um entendimento da modalidade que os

permitiram realizarem bons jogos, explorando todas as possibilidades táticas, estratégicas e técnicas que o jogo de beisebol exigiu. Conclusões: Valorizar o conhecimento prévio do aluno para o desenvolvimento de um plano de ensino facilita a construção do conhecimento tático, estratégico e técnico do jogo. Considerando o princípio de transferência de conhecimento da lógica do jogo proposto no modelo de ensino do TGFU, o jogo de taco/bets possibilita um ponto de partida relevante para o aprendizado do beisebol.

Palavras-Chave: Pedagogia do Esporte, Esporte, Beisebol, Lógica do Jogo, TGFU.

FUTEBOL DE BOTÃO E CULTURA MAKER: POSSIBILIDADES DE DIÁLOGOS E APRENDIZAGENS

Cauê dos Santos Agostini

Universidade Federal de São Carlos (Brasil)

Osmar Moreira Souza Júnior

Universidade Federal de São Carlos (Brasil)

Resumo

Em um período anterior à Copa do Mundo FIFA 2018, uma escola privada do estado de São Paulo iniciou um projeto que tinha o futebol como tema gerador. Esse projeto foi desenvolvido de acordo com princípios da cultura *maker*, movimento associado à ideia da metodologia conhecida pela sigla DIY (“do it yourself”), “faça você mesmo”, em português. Utilizando-se do potencial do futebol na sociedade brasileira, ainda mais evidente em tempos de Copa, a proposta foi pautada em um campo de estudos recentes que tratam a “pedagogia de projetos” e propôs intervenções em que o professor se tornasse pesquisador e o aluno sujeito do processo de aprendizagem, trabalhando com os alunos diversas disciplinas presentes na matriz curricular escolar. Atrelando a temática futebol à ideia de resgatar práticas populares que possibilitem que os alunos construam, de fato, suas ideias, o projeto identificou relevante potencial educativo no futebol de botão. Realizado nos sétimos anos da escola, sendo que para este estudo tenho acompanhado as atividades do sétimo ano C, esse acompanhamento acontece com o menor contato verbal possível com os alunos, porém interagindo quando solicitado. O objetivo principal consiste em analisar o desenvolvimento do projeto, atentando-se aos aspectos ligados à interdisciplinaridade e ao protagonismo dos alunos na construção do conhecimento. As professoras encarregadas pelo projeto ministravam as disciplinas de artes e ciências e, além disso, as duas juntas eram responsáveis pelas aulas da disciplina *maker*. Durante os encontros, elas fizeram com que os alunos vivenciassem a prática

de uma maneira reflexiva, ou seja, jogassem futebol de botão pensando naquilo como um jogo popular e capaz de promover a integração entre as pessoas. Além disso, houve discussões sobre assuntos associados ao futebol em geral, sendo que isso foi importante em um momento inicial, pois os alunos puderam associar muitos aspectos do futebol de campo ao futebol de botão. O presente estudo encontra-se em andamento e atualmente os alunos estão realizando em grupos de cinco pessoas uma tarefa que consiste na criação dos próprios times de botão, portanto, cabe a elas o desafio de pensar em um nome para time e jogadores, desenhar as figuras a serem impressas e coladas nos botões, o mascote e o brasão, sempre tomando as próprias decisões em grupo, mediadas pelas professoras. A próxima etapa é imprimir os botões em uma impressora 3D disponibilizada pela escola. Portanto, fica evidente até essa etapa do processo, o potencial pedagógico do futebol, quando desenvolvido de maneira adequada e efetiva, utilizando-se de princípios como a cultura *maker*, a pedagogia de projetos e a interdisciplinariedade, tornando os alunos mais participativos e expandindo o uso do futebol, devido à influência que o esporte tem na cultura brasileira.

Referências

- SENA, M. T. B. C. (2011). O processo de ensino-aprendizagem a partir de projetos de trabalho em uma abordagem crítica. **X Congresso Nacional de Educação - educere**, Curitiba
- HERNÁNDEZ, F; VENTURA, M.A **organização do currículo por projetos de trabalho: O conhecimento é um caleidoscópio**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

**INCLUSÃO NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA É POSSÍVEL:
PERSPECTIVAS DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA
FÍSICA**

Maria Luíza Tanure Alves

Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

Edison Duarte

Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

José Júlio Gavião de Almeida

Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

Resumo

Professores em aulas de educação física (EF) continuam enfrentando problemas para promover a participação efetiva de alunos com deficiência. Para compreender melhor essas questões, precisamos avançar nas discussões sobre currículos de EF, bem como os valores sobre capacidade e desempenho presentes neste contexto educacional específico. Dificuldades com a inclusão do aluno com deficiência nestas aulas estão associadas mais do que

simplesmente à falta de adaptações nas atividades, mas a valores embutidos nas suas práticas frente à deficiência. O estudo teve como objetivo analisar a inclusão de alunos com deficiência física em aulas de EF por meio de uma análise sociológica sobre currículo, deficiência e EF. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e notas de campo reflexivas. Participaram sete estudantes com deficiência física matriculados em diferentes escolas de regiões urbanas de uma cidade brasileira. As entrevistas foram examinadas pela técnica de análise de conteúdo por dois pesquisadores, com categorização em categorias temáticas. Os resultados revelam valores baseados em práticas esportivas em que o desempenho e a habilidade são priorizados e enaltecidos. A falta de participação foi associada às escolhas e valores curriculares apresentados pelos professores de EF. Desta forma, valores e práticas presentes na aula de EF ainda não permitem a concretização do processo inclusivo de alunos com deficiência.

Palavras-chaves: esporte, deficiência, currículo, aluno com deficiência, educação especial, educação física.

O SENTIDO DA ESCOLARIZAÇÃO PARA JOVENS ATLETAS DE FUTEBOL E SEU CLUBE FORMADOR

Felipe Dias da Silva

Universidade Federal de Goiás (Brasil)

Heitor de Andrade Rodrigues

Universidade Federal de Goiás (Brasil)

Resumo

Este estudo teve como objetivo geral investigar o sentido da escolarização para jovens atletas de futebol e seu clube formador. Por sua vez, os objetivos específicos foram: (1) identificar a visão que os atletas, o treinador e o dirigente possuem sobre a escolarização de jovens atletas de futebol e (2) identificar as possíveis iniciativas formativas que o clube adota para seus jovens atletas. No que tange aos procedimentos metodológicos optou-se por uma pesquisa de natureza qualitativa, do tipo exploratória. Para a coleta de dados optou-se pela técnica de entrevista semiestruturada e a análise dos dados se deu por meio da técnica de análise de conteúdo. Os sujeitos participantes foram seis atletas de futebol da categoria sub-19 de um clube tradicional da cidade de Goiânia-GO, o treinador da respectiva categoria e o diretor das categorias de base do clube. Como principais resultados constatamos que: os jovens atletas se encontram em defasagem escolar no quesito idade-série, atribuem maior valor a formação esportiva e secundarizam a formação escolar no atual momento de suas vidas. Constatamos também que: o treinador, não adota ações concretas que visem auxiliar o processo de escolarização de seus atletas e reconhece a escola como um fim para o desenvolvimento dos atletas dentro dos campos, em um sentido puramente instrumental. Quanto ao diretor: notamos que é o único que reconhece a importância da escola para a vida dos atletas e não, apenas, para satisfazer as suas necessidades imediatas, no entanto, afirma que o clube não contribui no processo de escolarização, pois não adota ações formativas que, porventura, possam contribuir com a educação escolarizada dos atletas.

Portanto, concluimos que tanto os atletas, quanto o clube, mostram-se desinteressados com relação ao processo de escolarização de jovens atletas. Permitindo-nos afirmar que a formação escolar adquire sentido de indiferença tanto para os atletas quanto para o clube.

Palavras chave: Escolarização, Jovens atletas, Futebol, Profissionalização.

El sentido de la escolarización para jóvenes atletas de fútbol y su club formador

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo general investigar el sentido de la escolarización para jóvenes atletas de fútbol y su club formador. Por su parte, los objetivos específicos fueron: (1) identificar la visión que los atletas, el entrenador y el gerente tienen sobre la educación de los jóvenes jugadores de fútbol y (2) identificar las posibles iniciativas de formación que el club adopta para su jóvenes atletas . En lo que se refiere a los procedimientos metodológicos se optó por una investigación de naturaleza cualitativa, del tipo exploratoria. Para la recolección de datos se optó por la técnica de entrevista semiestructurada y el análisis de los datos se dio por medio de la técnica de análisis de contenido. Los sujetos participantes fueron seis atletas de fútbol de la categoría sub-19 de un club tradicional de la ciudad de Goiânia-GO, el entrenador de la respectiva categoría y el director de las categorías de base del club. Como principales resultados constatamos que: los jóvenes atletas se encuentran en desfase escolar en el aspecto edad-serie, atribuyen mayor valor a la formación deportiva y secundarizan la formación escolar en el momento actual de sus vidas. Se constató también que: el entrenador no adopta acciones concretas que visen auxiliar el proceso de escolarización de sus atletas y reconoce la escuela como un fin para el desarrollo de los atletas dentro de los campos, en un sentido puramente instrumental. En cuanto al director: notamos que es el único actor de la investigación que reconoce la importancia de la escuela para la vida de los atletas y no sólo para satisfacer sus necesidades inmediatas , sin embargo, afirma que el club no contribuye en el proceso de escolarización, pues no adopta acciones formativas que, quizá, puedan contribuir con la educación escolarizada de los atletas. Por lo tanto, concluimos que tanto los atletas, como el club, se muestran desinteresados

con relación al proceso de escolarización de jóvenes atletas. Permittiéndonos afirmar que la formación escolar adquiere sentido de indiferencia tanto para los atletas y para el club.

Palabras clave: Escolarización, Jóvenes atletas, Fútbol, Profesionalización.

The sense of schooling for youth football athletes and their training club

Abstract

This study aimed to investigate the meaning of schooling for young soccer athletes and their training club. In turn, the specific aims were: (1) to identify the vision that the athletes, the coach and the manager have regarding the schooling of youth soccer athletes and (2) to identify the possible formative initiatives that the club adopts for its youth athletes . With regard to methodological procedures, a qualitative, exploratory-type research was chosen. For the data collection, the semi-structured interview technique was chosen and the data analysis was done through the technique of content analysis. The participants were six U-19 soccer athletes from a traditional club in the city of Goiânia-GO, the coach of the respective category and the manager of the basic categories of the club. As the main results, we find that: the youth athletes are in a school-age gap in the age-series question, they attribute a higher value to sports training and place second school education in the current moment of their lives. We also found that: the coach, does not adopt concrete actions aimed at helping the schooling process of his athletes and recognizes the school as an end to the development of athletes within the fields in a purely instrumental sense. Regarding the director: we note that he is the only one who recognizes the importance of the school for the lives of athletes and not only to meet their immediate needs , however, he states that the club does not contribute to the schooling process, since does not adopt formative actions that, perhaps, may contribute with the education of the athletes. Therefore, we conclude that both athletes and the club are disinterested in the schooling process of youth athletes. Allowing us to affirm that school education acquires a sense of indifference for both the athletes and the club.

Key words: Schooling, Youth athletes, Soccer, Professionalization.

CONTO TERESINHA E GABRIELA NA PERSPECTIVA DE CORPO E EDUCAÇÃO

Olivia Rall

Universidade de São Paulo (Brasil)

Resumo

De modo a desconstruir os padrões sociais patriarcais ainda vigentes em nossa sociedade, o livro deve ser visto como um importante recurso a ser usado na educação, pois além de proporcionar momentos de prazer e estimular a criatividade, ele é também agente do processo de socialização e formação do indivíduo. Tendo a literatura como aliada na transmissão de ideias e opiniões, é preciso (re)pensar quais modelos de homem e mulher os livros infanto-juvenis veiculam. Rosemberg (1975, p.135) ressalta ainda a importância de questionarmos: “Em que medida os valores e os modelos comportamentais transmitidos nos livros estão de acordo com os objetivos educacionais vigentes? Tais valores e modelos acompanham a evolução da sociedade ou, ao contrário, permanecem estagnados em determinado momento histórico?” Dentro dessa perspectiva que busca problematizar o quê e de que modo os papéis sociais estão sendo representados na literatura, propomos uma análise sobre o conto *Teresinha e Gabriela* inserido no livro *Marcelo, marmelo, martelo* de Ruth Rocha. No conto em questão, as personagens entram em conflito com a própria identidade ao quererem ser uma igual à outra. O dilema é resolvido de forma saudável ao combinarem características escolhidas por elas e ambas virarem amigas. Nesse contexto, o livro também nos permite abordar importantes questões como os estereótipos corporais tidos na época - o livro foi publicado originalmente em 1976 - e que ainda hoje permeiam o pensamento social, tais como: a menina que brinca na rua usa calças compridas, rabo-de-cavalo para o cabelo não atrapalhar, é adjetivada como *encapetada* e *sapeca*, e possui muitos amigos; em contrapartida, a personagem que é mais vaidosa é descrita como “Loirinha, bonitinha, arrumadinha (...) estudiosa, vestida de cor-de-rosa”. (Ruth Rocha, 1976: 29). Para além das descrições físicas das personagens centrais, a

história também nos proporciona pensar no comportamento em grupos e ambientes sociais, tal como a escola. Adentramos aqui na perspectiva do corpo e das suas diversas construções linguísticas possíveis. Por ser uma ponte de ligação do indivíduo com o mundo, a corporalidade se faz central na construção da identidade e da autoestima do sujeito. O corpo é, portanto, tomado como uma ligação entre o indivíduo e o social; estando ele, assim, inserido em regras que asseguram uma normalidade proposta dentro da sociedade. O corpo tido como dócil e útil em Michel Foucault (1987) é utilizado como uma linguagem para caracterizar o processo em que o social molda e constrange a expressão natural do corpo e este, concomitantemente, solidifica o social no modo como se move e projeta as aparências.

Palavras-chave: Livro. Corpo. Identidade.

Referências bibliográficas:

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir:** nascimento da prisão. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

ROCHA, R. **Marcelo, marmelo, martelo.** Rio de Janeiro: Salamandra, 1976.

ROSEMBERG, F. **A mulher na literatura infanto-juvenil:** revisão e perspectivas. Cadernos de pesquisa. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1975.

Tale Teresinha and Gabriela in the perspective of body and education

Abstract

In order to deconstruct the patriarchal social patterns still prevalent in our society, the book should be seen as an important resource to be used in education, because besides providing moments of pleasure and stimulating creativity, it is also an agent of the socialization process and formation of the individual. Having literature as an ally in the transmission of ideas and opinions, it is necessary to (re)think about which models of men and women the children's books convey. Rosemberg (1975, p.135) also emphasizes the importance of questioning: "To what extent do the values and behavioral models transmitted in the books conform to the educational objectives in force? Do such values and models accompany the evolution of society, or do they remain stagnant at a particular historical moment? " Within this

perspective that seeks to problematize what and how the social roles are being represented in the literature, we propose an analysis on the tale *Teresinha and Gabriela* inserted in the book *Marcelo, quince, hammer* of Ruth Rocha. In the story in question, the characters conflict with their identity by wanting to be one equal to the other. The dilemma is solved in a healthy way by combining characteristics chosen by them and both become friends. In this context, the book also allows us to approach important issues such as the body stereotypes of the time - the book was originally published in 1976 - and which still permeate social thinking, such as: the girl who plays in the street wears long pants, ponytail to hair does not disturb, it is adjectival like little devil and playful, and has many friends; in contrast, the character who is more vain is described as "Blonde, cute, neat (...) studious, dressed in pink". (Ruth Rocha, 1976: 29). In addition to the physical descriptions of the central characters, the story also allows us to think about behavior in groups and social settings, just like school.

We come here from the perspective of the body and its various possible linguistic constructions. Being a bridge between the individual and the world, corporality becomes central to the construction of the subject's identity and self-esteem. The body is therefore taken as a connection between the individual and the social; and it is thus inserted into rules that ensure a proposed normality within society. The body considered to be docile and useful in Michel Foucault (1987) is used as a language to characterize the process in which the social shapes and constrains the natural expression of the body, and this concomitantly solidifies the social in the way it moves and projects the appearances.

Key words: Book. Body. Identity.

Cuento Teresinha y Gabriela en la perspectiva de cuerpo y educación

Resumen

De modo que desconstruir los patrones sociales patriarcales aún vigentes en nuestra sociedad, el libro debe ser visto como un importante recurso a ser usado en la educación, pues además de proporcionar momentos de placer y estimular la creatividad, es también agente del proceso de

socialización y, formación del individuo. Con la literatura como aliada en la transmisión de ideas y opiniones, es preciso (re) pensar qué modelos de hombre y mujer los libros infanto-juveniles vehiculan. Rosenberg (1975, p.135) resalta aún la importancia de cuestionar: “¿En qué medida los valores y los modelos conductuales transmitidos en los libros están de acuerdo con los objetivos educativos vigentes? ¿Tales valores y modelos acompañan la evolución de la sociedad o, por el contrario, permanecen estancados en determinado momento histórico?” En esta perspectiva que busca problematizar qué y de qué modo los papeles sociales están siendo representados en la literatura, proponemos un análisis sobre el cuento *Teresinha y Gabriela* insertado en el libro *Marcelo, marmelo, martillo* de Ruth Rocha. En el cuento en cuestión, los personajes entran en conflicto con la propia identidad al querer ser una igual a la otra. El dilema se resuelve de forma sana al combinar características elegidas por ellas y ambas se vuelven amigas. En este contexto, el libro también nos permite abordar importantes cuestiones como los estereotipos corporales tenidos en la época - el libro fue publicado originalmente en 1976 - y que aún hoy permean el pensamiento social, tales como: la niña que juega en la calle usa pantalones largos, cola-de-caballo para el pelo no estorbar, es adjetivada como encapetada y sapeca, y posee muchos amigos; en cambio, el personaje que es más vanidosa es descrito como "Loirinha, bonita, arreglada (...) estudiosa, vestida de color de rosa". (Ruth Rocha, 1976: 29). Además de las descripciones físicas de los personajes centrales, la historia también nos proporciona pensar en el comportamiento en grupos y ambientes sociales, tal como la escuela.

Adentramos aquí en la perspectiva del cuerpo y de sus diversas construcciones lingüísticas posibles. Por ser un puente de conexión del individuo con el mundo, la corporalidad se hace central en la construcción de la identidad y de la autoestima del sujeto. El cuerpo es, pues, tomado como un vínculo entre lo individual y lo social; y, por lo tanto, se inserta en reglas que aseguran una normalidad propuesta dentro de la sociedad. El cuerpo tenido como dócil y útil en Michel Foucault (1987) es utilizado como un lenguaje para caracterizar el proceso en que el social moldea y constreñe la expresión

natural del cuerpo y éste, concomitantemente, solidifica lo social en el modo como se mueve y proyecta apariencias.

Palabras clave: Libro. Cuerpo. Identidad.

**PROJETOS ESPORTIVOS E ESCOLARES DOS ALUNOS
ATLETAS DO GEO - GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO:
ESCOLA VOCACIONADA PARA O ESPORTE DA CIDADE DO
RIO DE JANEIRO.**

Ana Caroline da Silva Vieira
Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar o cenário da dupla carreira no contexto de uma escola vocacionada para o esporte do município do Rio de Janeiro. Considera-se dupla carreira, neste caso, o fato do jovem estar se dedicando a dois meios de formação, um no esporte, outro na escola, simultaneamente. Pesquisas nacionais e internacionais sobre a dupla carreira partem da concepção de que o esporte pode ser um empecilho para a escolarização básica dos estudantes-atletas. No Brasil, a formação de atletas de alto rendimento sempre passou ao largo do sistema educacional, acontecendo prioritariamente nos Clubes comunitários, de modo a conceber de forma desassociada e independente essas duas agências educativas: esporte e escola. Nesse sentido, torna-se importante contextualizar a proposta pedagógica do Ginásio Experimental Olímpico (GEO) para o processo de investimento na formação esportiva e escolar em um mesmo ambiente, visando compreender os elementos que estruturam projetos esportivos e escolares dos estudantes-atletas, ingressos e egressos do programa GEO. A pesquisa está em curso e, até o momento, realizamos uma análise documental, considerando a proposta pedagógica estruturada para o programa GEO dentro da rede das escolas municipais do Rio de Janeiro. Focamos a análise em categorias nos documentos que nos levassem a perceber como a ideia diferenciada do programa GEO poderia mediar a relação e a formação dos projetos de carreira dos estudantes-atletas em dupla carreira. O GEO surge na prefeitura do Rio de Janeiro como proposta de legado educacional das

Olímpiadas Rio 2016, com inauguração da primeira unidade escolar em 2012 e que atualmente totaliza quatro unidades escolares situadas em diferentes regiões da cidade carioca. Inspirado nos modelos de escola vocacionada dos Estados Unidos da América, Cuba e Singapura, a grade curricular do GEO compreende um programa de treinamento para modalidades esportivas, além da educação física escolar, que pode totalizar até 12 tempos de aula na semana em turno estendido às atividades regulares das demais disciplinas. Além disso, o GEO trabalha com aulas diferenciadas, como: aula de Projeto de Vida e Eletivas. Essa metodologia busca consolidar a descoberta de talentos esportivos aliada ao desenvolvimento acadêmico, tendo o esporte como exemplo para a formação de valores, cuja missão é a formação do “aluno-atleta-cidadão”. O Esporte é considerado como eixo central do Projeto Político Pedagógico da escola. Nesse sentido, pensamos que o GEO possa vir a ser uma importante iniciativa para tentar minimizar os impactos da formação profissional no esporte na trajetória escolar do jovem atleta.

Palavras-chave: Escolarização, Atletas, Dupla Carreira, Escolas Vocacionadas.

FORMAR PELO FUTEBOL COM BOLA NOS PÉS E LIVRO NAS MÃOS

José Luiz Correa

Centro Educacional Unificado Sapopemba (Brasil)

Resumo

O futebol faz parte de minha vida há 46 anos (hoje tenho 54 anos). Por viver nesse ambiente por tantos anos, absorvendo vivências diversas, tanto práticas como teóricas, e por tramitar por várias áreas desse esporte, foi se solidificando o desejo de compartilhar as experiências que o futebol me proporcionou, para de alguma forma auxiliar e incentivar principalmente crianças e jovens, procurando contribuir no desenvolvimento e conscientização dos que praticam futebol e daqueles que nele atuam. Então escrevi um livro com o título acima. Prefaciado por João Batista Freire, João Paulo Medina e Paulo Calçade. Esta obra visa provocar algumas reflexões sobre a leitura e a educação no Brasil e sobre nosso futebol, principalmente na formação educacional dos atletas, propondo sua discussão. Também apontamos o Futebol com suas possibilidades e oportunidades, ou seja, ser acessível á pessoas com deficiências, igualdade de gêneros e sua diversidade. E o futebol brasileiro por ser mundialmente reconhecido tem força de derrubar muros e construir pontes para unir os povos e culturas, e através de um trabalho humanitário dar trégua a conflitos e guerras, alcançar pessoas refugiadas, vitimadas por: opressões sociais e ideológicas, catástrofes, etc. Traz também um Projeto Esportivo - Educacional o qual participei, com base no rendimento escolar, já utilizado como piloto há mais de 40 anos, com resultados efetivos e comprovados que pode incentivar na formação educacional daqueles que praticam futebol amador, de base ou profissional. .Se o ser humano e o jogador de futebol em sua infância, adolescência e fase adulta forem formados e desenvolvidos juntos, pode-se alcançar uma boa aprendizagem esportivo-educacional, capaz de influenciar de forma positiva e

significante o meio onde estiverem inseridos. Acreditamos que uma boa formação se constitui de educação seguida de conhecimento, sendo a base do ser humano. Essa educação certamente é conquistada com leitura, e por meio da leitura podemos enriquecer nosso vocabulário, aumentar o conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação e ter senso crítico. A partir dessa educação podemos desenvolver qualidades e competências que nos auxiliam bem em nossa vida social e em diversos ambientes, como família, trabalho e principalmente, para o jogador de futebol, no entendimento e assimilação de um futebol moderno e cada vez mais exigente na compreensão do jogo. Dispomos atualmente de vários meios de comunicação, sobretudo digitais, para interagir e expressar idéias, experiências, conceitos etc. Nesta oportunidade, destacamos o livro, que continua sendo um meio de comunicação eficiente, atual, que transcende gerações e é um dos principais elementos da filosofia abordada nesta obra. Formar pelo futebol: com bola nos pés e livro nas mãos é sim uma filosofia de trabalho necessária para ensinar e aprender mais que futebol, ensinamentos para a vida, e pode sim realizar uma transformação social através de conhecimento, cultura e educação, não só de um indivíduo, mas de um povo e uma nação, contribuindo para um mundo melhor.

PROGRAMA CEU OLÍMPICO, INICIAÇÃO ESPORTIVA E RESPONSABILIDADE SOCIAL

Maria Alice Zimmermann

Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (Brasil)
Universidade de São Paulo (Brasil)

Katia Rubio

Universidade de São Paulo (Brasil)

Resumo

O esporte, enquanto a prática corporal em si e os demais elementos que permeiam essa prática, desde a capacitação de profissionais até a influência que os atletas possuem sobre o comportamento dos entusiastas dessa manifestação cultural, fornece um contexto de potencial educativo e pode ser usado como um instrumento de atitudes éticas e de valores necessários para a vida individual e social. Como fio condutor nas relações interpessoais pode, de certa forma, expor valores e comportamentos significantes para um grupo social, reforçando uma identidade cultural e pessoal. Assim, o esporte fornece um contexto de potencial educativo e pode ser usado como um instrumento de atitudes éticas e de valores necessários para a vida social e individual. A proposta de unir esporte e educação é fundamentada pelo decreto 57.478, os CEUs - Centro Educacionais Unificados da cidade de São Paulo, equipamentos públicos que são compostos por núcleos, unidades educacionais, espaços e territórios de natureza multidimensional, que potencializam a intersectorialidade das políticas públicas municipais por meio do fortalecimento das redes de proteção social e de ações intersecretariais articuladas voltadas ao desenvolvimento educacional, social, cultural, esportivo e tecnológico do território e da cidade. Fortalecer o elo entre esporte e educação é um dos objetivos do projeto CEU Olímpico que consiste em difundir e sistematizar as ações esportivas nos CEUs por meio da oferta de condições adequadas para a prática esportiva de qualidade; valorizando a

formação e aprimoramento técnico dos professores e democratizar o acesso ao esporte educacional de qualidade e à iniciação esportiva como forma de inclusão social, estimulando a participação mais intensa de crianças e adolescentes. O Projeto prevê a formação de turmas específicas de iniciação esportiva nos CEUs, onde os professores responsáveis poderão fazer acompanhamento de equipes de competição em diversas modalidades esportivas em clubes esportivos de destaque a cidade. A participação do professor neste acompanhamento tem propiciado a atualização, a troca de experiências e tem sido “ponte” fundamental para o encaminhamento de alunos que se destacam nos treinos para os clubes e equipes de competição. Mesmo com o objetivo de esporte educacional, a possibilidade de formação das turmas de iniciação esportiva nos CEUs, tem sido essencial para o fomento do esporte nas regiões mais periféricas da cidade. Participam atualmente 45 professores dos CEUs com 850 potenciais atendimentos. O aprimoramento profissional é observado pelo desenvolvimento das modalidades esportivas, algumas regiões da cidade já se destacam pelo entrosamento entre seus professores e a formação de equipes para competições onde os clubes comumente participam.

Palavras-chave: Esporte Educacional- Iniciação Esportiva

DESCOBRINDO O GOSTO PELO ESPORTE NA INFÂNCIA: REFLEXÕES ACERCA DA PRÁTICA ESPORTIVA POR CRIANÇAS ENTRE 6 E 10 ANOS

Vagner Martins Santos Junior
Serviço Social do Comércio - Sesc (Brasil)

Resumo

A partir da experiência como instrutor responsável por uma das turmas de esportes para crianças entre seis e dez anos, na unidade Belenzinho do Sesc, surgiram inquietações acerca da maneira como esse fenômeno social e cultural se aproxima do universo infantil. As inquietações e percepções se concentram em torno de dois eixos: à maneira como as crianças se relacionam com as manifestações esportivas e a maneira como essas experiências esportivas podem influenciar sua formação como sujeitos sociais detentores de senso crítico ou não. 2. O objetivo desse relato é criar campo de discussão e reflexão para famílias, profissionais no âmbito da educação formal e não formal além de fomentar o pensamento crítico acerca da discussão de planos de trabalho, aplicação de métodos e desenvolvimento de estratégias na oferta de práticas esportivas para crianças que já possuem alguma vivência no campo dos esportes ou não. 3. Isso ocorre dentro do ambiente de aula, em instalações esportivas, duas vezes por semana, durante uma hora e meia. Nesse ambiente as crianças participam de experiências lúdicas por meio de jogos e brincadeiras que contenham princípios importantes para o aprendizado futuro de diferentes modalidades esportivas que compõem famílias de jogos tais como: invasão, marcas, rede ou rebater, da natureza, de ritmo e expressão e urbanos. Por meio da observação participativa de dentro do processo pedagógico percebe-se que alunos com ou sem experiência no campo dos esportes recebem algum tipo de influência em suas escolhas, nas opções das experiências que pretendem ter dentro das aulas. Suas experiências sociais dentro do contexto familiar, escolar e de lazer têm valor

significativo em suas escolhas, pensamentos, discursos e atitudes durante as aulas. A maneira como acessam as informações em suas redes sociais de relacionamento, acerca das práticas esportivas, seja pela televisão, pelo professor de educação física da escola particular ou pública que segue determinadas diretrizes pedagógicas e curriculares, seja pela internet, seja pelo familiar mais próximo ou amigo mais querido pode definir quais serão suas preferências. Durante os diferentes jogos propostos em aula, definidos com a participação das crianças em rodas de conversa, percebem-se os diferentes papéis no campo de jogo e no campo social representado por elas já na infância. A manifestação das diferentes representações e construção de imaginários e narrativas em torno de questões, como por exemplo, o convívio com as diferenças, a garantia de direitos simples como o de falar e o de serem ouvidos para e pelo grupo ou a participação efetiva das meninas. 4. É de grande relevância e importância que familiares, educadores e gestores discutam as maneiras pelas quais irão oferecer oportunidades as crianças para que possam gostar do esporte e entender as próprias escolhas. Torna-se necessário uma autoavaliação a respeito das próprias escolhas, seus significados, suas origens além da própria história como sujeito social e de que maneira isso tem impacto na sociedade. Possibilitar a criança uma visão de mundo ampla, abrangente, solidária e ética onde o campo social e o campo de jogo se tornam ambientes democráticos e de fácil acesso.

Palavras-chave: Esporte; sujeito social; Infância;

Discovering the taste for Sport in childhood: Reflections about sports practice by children between 6 and 10 years

Abstract

From the experience as instructor responsible for one of the sports classes for children between six and ten years old, at the Belenzinho do Sesc unit, there were concerns about the way in which this social and cultural phenomenon approaches the infantile universe. Concerns and perceptions center around two axes: the way children relate to sporting events and the way in which these sporting experiences can influence their formation as social subjects with critical or non-critical sense. 2. The objective of this

report is to create a forum for discussion and reflection for families, professionals in the field of formal and non-formal education, as well as fostering critical thinking about the discussion of work plans, application of methods and development of strategies in the provision of practices for children who already have some experience in the sports field or not. 3. This occurs within the classroom environment, in sports facilities, twice a week, for an hour and a half. In this environment, children participate in playful experiences through games and games that contain important principles for the future learning of different sports modalities that make up game families such as: invasion, marks, net or rebate, nature, rhythm and expression, and urban Through participative observation within the pedagogical process, students with or without experience in the field of sports receive some kind of influence on their choices, on the options of the experiences they intend to have within the classes. Their social experiences within the family, school and leisure context have significant value in their choices, thoughts, speeches and attitudes during the classes. The way they access the information in their social networks of relationship, about the sports practices, whether by television, by the physical education teacher of the private or public school that follows certain pedagogical and curricular guidelines, either by the internet, or by the nearest family member or Dearest friend can define what your preferences will be. During the different games proposed in class, defined with the participation of the children in talk wheels, the different roles in the field of play and in the social field represented by them already in childhood are perceived. The manifestation of different representations and the construction of imaginaries and narratives around issues such as living with differences, guaranteeing simple rights such as speaking and being heard for and by the group or the effective participation of girls . 4. It is of great importance and importance for family, educators and managers to discuss ways in which children will be offered opportunities so that they can enjoy the sport and understand their own choices. Self-assessment about one's own choices, their meanings, their origins beyond history itself as a social subject, and how this has an impact on society becomes necessary. To enable

the child to have a broad, comprehensive, supportive and ethical world view where the social field and the field of play become democratic and easily accessible environments.

Keywords: Sport; social subject; Childhood;

Descubriendo el gusto por el Deporte en la infancia: Reflexiones acerca de la práctica deportiva por niños entre 6 y 10 años

Resumo

A partir de la experiencia como instructor responsable de una de las clases de deportes para niños entre seis y diez años, en la unidad Belenzinho del Sesc, surgieron inquietudes acerca de la manera como ese fenómeno social y cultural se aproxima al universo infantil. Las inquietudes y percepciones se concentran en torno a dos ejes: a la manera como los niños se relacionan con las manifestaciones deportivas y la manera como esas experiencias deportivas pueden influenciar su formación como sujetos sociales tenedores de sentido crítico o no. 2. El objetivo de este relato es crear campo de discusión y reflexión para familias, profesionales en el ámbito de la educación formal y no formal además de fomentar el pensamiento crítico acerca de la discusión de planes de trabajo, aplicación de métodos y desarrollo de estrategias en la oferta de prácticas deportivas para niños que ya poseen alguna vivencia en el campo de los deportes o no. 3. Esto ocurre dentro del ambiente de clase, en instalaciones deportivas, dos veces por semana, durante una hora y media. En este ambiente los niños participan de experiencias lúdicas por medio de juegos y juegos que contengan principios importantes para el aprendizaje futuro de diferentes modalidades deportivas que componen familias de juegos tales como: invasión, marcas, red o rebatir, de la naturaleza, de ritmo y expresión y urbano. Por medio de la observación participativa de dentro del proceso pedagógico se percibe que alumnos con o sin experiencia en el campo de los deportes reciben algún tipo de influencia en sus elecciones, en las opciones de las experiencias que pretenden tener dentro de las clases. Sus experiencias sociales dentro del contexto familiar, escolar y de ocio tienen un valor significativo en sus elecciones, pensamientos,

discursos y actitudes durante las clases. La forma en que accede a las informaciones en sus redes sociales de relación, acerca de las prácticas deportivas, sea por la televisión, por el profesor de educación física de la escuela particular o pública que sigue determinadas directrices pedagógicas y curriculares, sea por Internet, sea por el familiar más cercano o el amigo más querido puede definir cuáles serán sus preferencias. Durante los diferentes juegos propuestos en clase, definidos con la participación de los niños en ruedas de conversación, se percibe los diferentes papeles en el campo de juego y en el campo social representado por ellas ya en la infancia. La manifestación de las diferentes representaciones y construcción de imaginarios y narrativas en torno a cuestiones, como por ejemplo, la convivencia con las diferencias, la garantía de derechos simples como el de hablar y el de ser oídos para y por el grupo o la participación efectiva de las niñas . 4. É de grande relevância e importância que familiares, educadores e gestores discutam as maneiras pelas quais irão oferecer oportunidades as crianças para que possam gostar do esporte e entender as próprias escolhas. Torna-se necessário uma autoavaliação a respeito das próprias escolhas, seus significados, suas origens além da própria história como sujeito social e de que maneira isso tem impacto na sociedade. Possibilitar a criança uma visão de mundo ampla, abrangente, solidária e ética onde o campo social e o campo de jogo se tornam ambientes democráticos e de fácil acesso.

Palabras clave: Deporte; sujeto social; la infância.

CORPO, ESCOLA E POLÍTICAS PÚBLICAS: O QUE RESTA?

Gustavo de Almeida Barros

Universidade Federal de São Carlos (Brasil)

Resumo

A pesquisa compõe nossas investigações acerca do pensar as práticas educacionais e o corpo frente à constituição da pedagogia como Saber a partir do século XVIII, operando saberes sobre a instituição escola, atuando através do dispositivo da disciplina sobre as rédeas “Vigiar e Punir” para que se possam produzir corpos dóceis e úteis. Constituindo assim os cidadãos de que a sociedade capitalista tanto precisa. Isto é, corpos que sabem ler e contar, pois assim saberão cumprir ordens e tornar-se-ão consumidores. Estabelecendo assim possíveis correlações com os últimos documentos e leis oficiais da Educação Básica brasileira, recentemente a Base Nacional Comum Curricular. Embora o nosso enfoque seja a Educação Infantil, não poderíamos deixar aqui de mencionar a lei nº 13.415 de 16 de fevereiro de 2017, referente à reforma do Ensino Médio, que encerra a obrigatoriedade das disciplinas de Educação Física, Arte, Sociologia e Filosofia no Ensino Médio, sendo apenas a Língua Portuguesa, Matemática e Língua Inglesa como disciplinas obrigatórias. Que escola - ainda - é essa que não enxerga o corpo e nem mesmo a racionalidade e que também, ao longo da história do pensamento ocidental, subjugou o corpo ao seu bel prazer e necessidades, em seu escopo de conhecimento? O que pode tal escola senão colonizar e sedentarizar o corpo desde sua tenra idade a fim de que, ao se tornarem adultos, sejam dóceis, úteis e saibam cumprir ordens e consumir? Preocupa-nos que constituímos nossa escola, há duzentos anos, como prática de *alfabetização*, que, para com os seus objetivos aqui enunciados, realiza muito bem. Tal pensamento fora herdado pela Educação Infantil, uma vez que em seu primeiro documento oficial, a Base Nacional Comum Curricular, camufla seu caráter conteudista por meio dos Campos de Experiência. A sessão do Ensino Fundamental - Anos Iniciais, da Base Nacional Comum Curricular, apresenta

um agravante que determina que a idade certa para que todas as crianças estejam alfabetizadas no território nacional seja de 7 (sete) anos (segundo ano - Ensino Fundamental), reduzindo assim a idade certa para a alfabetização estipulada pelo Plano Nacional de Educação (PNE) e pelo Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (Pnaic) em 2013 que era de 8 (oito) anos (terceiro ano - Ensino Fundamental). O que nos parece, mediante o cenário atual de 200 anos, é que tais medidas afetarão diretamente a prática da Educação Infantil, tornando-a conteudista. e que em hipótese alguma não se discutiu a ampliação do ensino fundamental em 9 anos com a redução da idade para o seu ingresso. Que para nós não se deu por haver um consenso em sua eficácia, mas apenas como uma política para atender a demanda de criança na escola, ao invés de investir na própria Educação Infantil. Repetimos assim as práticas colonizadoras que silenciam as crianças em nome de uma cultura adultocêntrica, que possa servir o mercado e propagar o sistema, que insiste em enxergar a infância como uma etapa do desenvolvimento humano sem representatividade e voz, como sua etimologia diz: *infans*.

Palavras-chave: Corpo; Escola; Políticas Públicas; Sociologia da Infância

EIXO TEMÁTICO 2: ESPORTE, COMUNICAÇÃO E MÍDIA

OS MODELOS COMUNICACIONAIS DE LOUIS QUÉRÉ E SUA INFLUÊNCIA NO FUTEBOL

Frankes Marcio Batista Siqueira
Instituto Federal de Mato Grosso (Brasil)

Francisco Xavier Freire Rodrigues
Universidade Federal do Mato Grosso (Brasil)

Francioly Marcos Batista Siqueira
Instituto Federal de Mato Grosso (Brasil)

Resumo

A popularização do futebol no século XX e neste início do século XXI chama a atenção dos estudos sociológicos, grande parte do sucesso deste esporte é devido a cobertura midiática não só dos grandes eventos esportivos mais também do cotidiano dos clubes. A partir de um estudo de vários autores, tendo como espinha dorsal os estudos de Louis Quéré, o presente artigo tem a pretensão de discutir o problema do objeto comunicacional enfatizando as correntes epistemológicas e praxiológicas de comunicação, cuja ideia central é buscar o aprofundamento dos estudos midiáticos através das correntes comunicacionais aplicadas ao futebol, para tanto fizemos uma busca histórica da influência da mídia no futebol até a contemporaneidade fazendo uma analogia com os estudos de Quéré.

Palavras-chave: mídia; epistemologia da comunicação; futebol.

Resumen

La popularización del fútbol en el siglo XX y en este inicio del siglo XXI llama la atención de los estudios sociológicos, gran parte del éxito de este deporte es debido a la cobertura mediática no sólo de los grandes eventos deportivos más también del cotidiano de los clubes. A partir de un estudio de varios autores, con la ayuda de los estudios de Louis Quéré, el presente artículo tiene la pretensión de discutir el problema del objeto comunicacional enfatizando las corrientes epistemológicas y praxiológicas de comunicación, cuya idea central es buscar la profundización de los estudios mediáticos a través de las corrientes comunicacionales aplicadas al fútbol, por esta razón

hicimos una búsqueda histórica de la influencia de los medios en el fútbol hasta los días de hoy haciendo una analogía con los estudios de Quéré.

Palabras clave: medios de comunicación; epistemología de la comunicación; fútbol.

Abstract

The popularization of football in the twentieth century and the beginning of the twenty-first century draws the attention of sociological studies, much of the success of this sport is due to media coverage not only of major sporting events but also of the daily life of clubs. Based on a study by several authors, with the help of the studies of Louis Quéré, the present article has the pretension to discuss the problem of the communicational object emphasizing the epistemological and praxiological currents of communication, whose central idea is to seek the deepening of the media studies through the communicational currents applied to football, for this reason we made a historical search of the influence of the media in football until today, making an analogy with the studies of Quéré.

Keywords: media; epistemology of communication; soccer.

Vai começar o jogo:

O século XXI tem apresentado uma mudança nas formas de comunicação, pois a relação entre espaço e tempo foram mudadas ao longo dos anos. A comunicação fora do mesmo espaço e ao mesmo tempo tem afetado a vida no cotidiano das pessoas. Essas mudanças profundas na comunicação têm alterado as experiências dos cidadãos contemporâneos, sendo assim, os modos de lidar com as temporalidades bem como as percepções que temos tem proporcionado a criação de maneiras distintas de interação. Podemos perceber que a inserção desses novos meios de comunicação como a internet, precisam proporcionar uma profunda reflexão nos pensamentos, pois são os meios de comunicação os grandes responsáveis para tornar o futebol um dos esportes mais conhecidos e praticados nos continentes da Terra. As transmissões dos eventos esportivos possuem um grande alcance, uma prova disso são os Megaeventos esportivos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas.

Para desenvolver este trabalho e a relação entre o futebol e a mídia, utilizamos a metodologia descritiva através de uma investigação teórica nos modelos comunicacionais que se diversificam desde o século XX. A partir dos

modelos comunicacionais buscamos a relação com a propagação do futebol não só no Brasil mais também em termos globais e sua importância no mundo contemporâneo. Para se obtivéssemos êxito em nosso estudo buscamos no modelo Epistemológico e praxiológico de Quéré as nossas relações. Por fim analisamos a popularização dos jogadores, dos times e das seleções através dos dispositivos midiáticos de massa.

É fato que a mídia é uma instituição onipresente em nossas vidas. O desenvolvimento dos meios de comunicações tem alterado profundamente as experiências de cada um de nós com relação as novas relações temporais e a percepção do mundo moderno e por conseguinte temos a possibilidade de novos tipos de interações entre os sujeitos.

O interesse é recíproco, pois os clubes através dos meios de comunicação conquistaram mais admiradores e também os meios de comunicação ganharam com essa relação, pois as transmissões esportivas garantem índices maiores de audiência o que atrai patrocinadores (anunciantes) com contratos mais altos.

O texto que por ora escrevemos é baseado na leitura de Louis Quéré, a partir da tradução e interpretação da Vera França, onde o autor promove a contraposição do modelo de comunicação do século XX e as diferenças das formas de comunicação no século XXI. Neste trabalho, um dos pontos a ser destacado é o sucesso do futebol junto ao público e através disto, discutir a potencialidade de uma abordagem comunicacional para refletirmos sobre a relação entre a mídia e a sociedade atual, sabendo que há uma grande complexidade dos processos de comunicação.

Dos primeiros passes transmitidos a atual era digital

A mídia é feita de práticas de comunicação que são construídas por profissionais que nela atuam. Sabendo que o ser humano é resultado de um processo acumulativo de conhecimento e experiências adquiridas pelas gerações anteriores a ele, e através da manipulação feita de forma adequada dessas experiências é que se constroem inovações e invenções. Sendo assim, a

mídia existe graças ao processo de comunicação e do contínuo processo de construção de vida social. A mídia então é um rico e privilegiado espaço onde a sociedade conversa entre si.

A partir dos anos de 1990 o termo “mídia” começou ser amplamente propagado, o termo é empregado não só na comunicação mais em outras áreas de conhecimento. Em nosso senso comum classificamos a mídia como “meios de comunicação de massa”, os meios de comunicação em grande escala surgem com a Revolução Industrial e esses meios alcançaram por sua vez a notícia e a indústria do entretenimento, proporcionando uma expansão do consumo. Gastaldo (2009) ao definir meios de comunicação de massa, escreve:

São veículos de comunicação, tomados como dimensão tecnológica, que, a partir da produção centralizada, veiculam seus produtos de modo “massificado”, isto é, a um público numeroso e indistinto, sem levar em conta a individualidade de cada um dos participantes deste público (geralmente referido pelo termo “audiência”). Exemplos de “mídia” neste sentido, são a televisão, o rádio, o jornal, os outdoors, etc. (GASTALDO, 2009, p. 354).

Os meios de comunicação fazem com que as informações circulem na sociedade. Quando fazemos menção aos meios de comunicação estamos incluindo: a feição, a voz, as mensagens, o textos entre outros. Sendo assim, a rádio, o jornal, o cinema e principalmente a televisão suscitaram a criação do termo “meios de comunicação de massa”.

A mídia produz o que se chama de “cultura de massa”, pois ela constrói expressões, criam-se mitos, dramatizam-se fatos, criam-se significados que são prontamente incorporadas à sociedade. A expressão muito usada para isso é a “indústria cultural” (ADORNO, 1978, p. 287).

Na visão de muitos estudiosos, a mídia e a sociedade correspondem a instâncias dispare, fazendo com que a mídia seja vista como externa a nossa sociedade. No entanto, nosso estudo parte da ideia que a mídia está inserida em nossa sociedade, com isso, a mídia é parte integrante da sociedade e ela é responsável pela circulação de informações e representações.

Ao estudarmos a popularização dos meios de comunicação no século XX a grande novidade era a possibilidade de se comunicar com pessoas e espaços distintos. Essas inovações mudaram as relações de tempo e espaço⁸. Ao escrever sobre isso Thompson nos diz:

Todas as formas de comunicação implicam um certo grau de distanciamento espaço temporal, certo grau de deslocamento no tempo e no espaço. Mas a extensão deste deslocamento varia grandemente, dependendo das circunstâncias de comunicação e de tipo de meio técnico empregado. (THOMPSON, 2011, p. 28).

Essa novidade dos meios de comunicação mudou a indústria e o comércio. Nesse processo a televisão tornou-se vanguarda das mídias, pois tinha o poder de mudar os comportamentos. Saperas (2000) ao abordar sobre a influência da televisão no século XX escreve: “influência notória na vida política ao colaborar na criação da imagem dos líderes políticos e sociais, assim, como dos indivíduos influentes na esfera cultural” (SAPERAS, 2000, p. 31).

Historicamente, o futebol se utilizou da comunicação de massa para alcançar um número maior de interessados nos jogos e também nas notícias tanto do pré-jogo como também do pós-jogo.

No século XX tudo passou a ser mercadoria de consumo e de negócio, com isso as notícias e as coberturas dos jogos de futebol passaram a ser produzidos de forma industrial.

Desde as primeiras décadas do século XX, o futebol tornou-se elemento cultural de lazer e de integração entre as diferentes classes sociais. Foi trazido ao Brasil para ser praticado em clubes fechados de famílias ricas, no entanto logo ganhou apoio popular tornando o esporte das massas e por sua vez criando um “poderoso instrumento de integração social” (HELAL, 1997, p. 25).

Uma partida de futebol envolve muito mais que um simples entretenimento, pois o que está em jogo são valores financeiros, culturais e

⁸ É fato que o conceito de tempo e espaço estão imbricados um no outro pois, como diz Moreira: “Porque não existe tempo fora do espaço, e espaço fora do tempo, uma vez que o real é o espaço-temporal” (MOREIRA, 2010, p. 17)

ideológicos que atraem milhões de adeptos pelo mundo, que nas palavras de Rodrigues (1993, p. 103) dizia: “em futebol, o pior cego é o que só vê a bola”.

As ligas de futebol foram criadas e com elas aumentou o interesse popular em saber dos resultados dos jogos, em saber sobre as novidades dos times que representavam os clubes de esportes.

Os ingressos das partidas começaram a ser cobradas e os recursos eram usados na manutenção dos times. Jogadores até então amadores começaram a ser assediados por outras equipes para trocar de time e com isso as remunerações informais foram crescendo.

Entre as décadas de 1920 e 1930 o futebol deixou de ser amador para ser “profissional” (Rodrigues, 1964) e Salles (2004). No entanto a lei que definiu a profissão de jogador só se deu na década de 1970, com a lei Federal 6.354/1976. Embora na atualidade quase toda ela já tenha sido revogada é importante citar, pois foi através dela que se regulamentou as relações de trabalho entre clubes e atletas. No entanto, desde os anos de 1930 tínhamos jogadores recebendo pelo desempenho em campo.

No começo de 1933 a modalidade esportiva futebol que era apenas uma atividade recreativa no “campo simbólico” (Bourdieu, 1989), começou a ser profissional fato este relevante para o “significado social da prática e consumo do esporte no país” (Lage e Medeiros, 2012).

Como o interesse pelos jogos era crescente foi aberto espaço nas programações de rádio para narração dos jogos, sendo que os registros dão conta de 1931 foi o ano da primeira transmissão radiofônica do país. Uma partida entre a seleção de São Paulo e a seleção do Paraná, jogo realizado no estado de São Paulo. As transmissões foram incrementadas pela participação dos comentaristas que ajudavam nos jogos e também começaram a ter a participação do repórter de campo que alimentava o narrador com informações pertinentes aos jogos. Ribeiro (2007) escreve:

Se no início do século XX Charles Miller batalhou para que notícias do futebol fossem divulgadas pelos jornais paulistanos, Nicolau Tuma, um jovem estudante de Direito, de apenas 20 anos, foi quem convenceu seus patrões da Rádio Educadora Paulista a transmitir na íntegra, pela primeira vez na história do rádio, uma partida de futebol. O jogo escolhido para a

transmissão foi entre as equipes de São Paulo e Paraná, válido pelo Campeonato Brasileiro de 1931. (RIBEIRO, 2007, p. 75).

Com isso, os caminhos da mídia e do futebol se cruzam no mesmo espaço, pois enquanto o futebol usou o alcance da mídia em percorrer o espaço de todo o território nacional para se popularizar, a mídia utilizou de um esporte popular para atingir maiores índices de audiência. Podemos deduzir que foi graças a mídia que o futebol tornou-se o esporte mais admirado e conhecido do mundo.

As transmissões eram feitas em locais improvisados, com isso, eram comuns as várias intemperes nas narrações, onde devido a proximidade do público que assistia os jogos era necessário uma criatividade a fim de transmitir as informações sem ser abafado pelo barulho do público. Um exemplo de criatividade foi o grande compositor e narrador Ari Barroso que percebeu que sua voz era abafada pelos torcedores no momento do gol, diante da dificuldade Barroso estabeleceu que quando a bola balançasse a rede em vez de gritar gol, ele fazia sua gaita e começava a tocar. O ouvinte ao ouvir o barulho da gaita entendia a mensagem de gol. Essa forma de comunicação se mostrou bastante eficiente para a época, a ainda hoje é usada de uma forma mais profissional nas transmissões radiofônicas.

Para os atletas a difusão da comunicação proporcionada pela mídia é fundamental, pois eles podem ser patrocinados por empresas. No período em que o futebol estava na transição entre o amadorismo para o profissionalismo, o papel a mídia foi imprescindível a fim de dar ainda mais popularidade ao futebol e coloca-lo no status de um esporte tipicamente brasileiro.

Um grande exemplo foi o jogador Leônidas da Silva, apelidado de “Diamante negro”, que participou de duas Copas do Mundo, 1934 e 1938. Quando retornou da Copa de 1938, o jogador emprestou seu apelido para a fabricante de chocolate denominada de Lacta, pois a empresa queria atrelar a popularidade do jogador ao seu novo produto. Leônidas foi remunerado embora com valor simbólico, mas que para a realidade da época foi uma quebra de paradigma. Esse exemplo é considerado um dos primeiros passos das ações de mídia e marketing esportivo no Brasil. (REIS, 2013)

Leônidas com seu estilo espontâneo ajudou a marcar a ideia de futebol brasileiro com dribles rápidos, com a “molecagem” que se difundiu pelo mundo. Leônidas foi o maior propagador da jogada chamada de “bicicleta”, onde o estilo elegante e delicado do “Diamante Negro” se impunha nos gramados.

Outro exemplo da relação entre futebol e mídia no período foi a contratação de Leônidas juntamente com outros jogadores negros pelo Flamengo na década de 1930 o que foi tão bem aceito pela população que o time se tornou de forma definitiva um clube de massa, prova disso que é a maior torcida do Brasil.

O exemplo acima mostra que a mídia é fundamental não só para os atletas mais também para os clubes e os contratos são assinados nessa imbricada relação. Estar na mídia envolve muito recurso financeiro, fama e status. É claro que a mídia também ganha com essa relação uma vez que o sucesso dos clubes e dos atletas envolve a criação de fãs, ídolos que irão dar uma grande audiência.

O poder da mídia está diretamente relacionado com a popularização do futebol não só no Brasil, mais também em muitos países do mundo, e a associação entre futebol e mídia teve consequência direta no aumento dos torcedores, na construção desses “ídolos” do futebol, no aumento de cotas dos anunciantes, com isso, assistir um jogo também é receber constantes sugestões de consumo. Aí temos a construção da mediação feita pela mídia no acesso a noção de construção da realidade.

É através da mídia que são criados os símbolos e os meios de comunicação tem uma influência direta sobre a sociedade, influenciando também o futebol.

Os meios de comunicação do século XX deixaram de ser entendidos como apenas canais de informação e passaram a serem vistos como potenciais construtores de conhecimento, responsáveis pelo agendamento de temas públicos e formadores de compreensão sobre o mundo e a política. O senso de patriotismo se tornou vívida no brasileiro através da crônica esportiva aliada

ao futebol. E isso é sentido até hoje quando a relação é Copa do Mundo ou Olimpíadas.

A televisão que é formada a partir da junção dos termos *tele*, que pode ser traduzido do grego como longe, e da palavra *videre*, que em latim significa visão, começou a abrir espaço para o futebol em 1936, onde tivemos a primeira transmissão ao vivo, em uma partida entre Alemanha e Itália. Já no Brasil a primeira partida de futebol se dá em 1955 na transmissão do Clássico Santos e Palmeiras. A forma de transmissão dos jogos pela televisão foram implementadas a partir do modelo das rádios, onde temos um narrador, comentaristas e os repórteres a beira do gramado. (ZIRPOLI, 2010).

Como as imagens eram geradas em preto e branco havia uma dificuldade de distinção das equipes, sendo que a Copa do Mundo de 1970 foi o primeiro evento esportivo transmitido de forma colorida ao país. É claro que na época havia uma limitação da população quanto ao acesso às televisões coloridas, com isso as transmissões públicas só foram 100% coloridas na Copa de 1974. (ZIRPOLI, 2010).

A gravação de sons, imagens e movimento feitos pela televisão, tornou esse meio de comunicação de massa um grande detentor das audiências esportivas.

A partir da Copa do Mundo de 1982, o futebol começou a ser um grande negócio para a televisão brasileira, pois a emissora Globo começou a transmitir os jogos com exclusividade e com isso começou a receber grandes quantidades de anunciantes. (LUX, 2018). Ainda na década de 1980 a tv aberta começou a inserir jogos do campeonato brasileiro ao vivo. Na década de 1990 surgem os canais pagos inteiramente voltados para o futebol, sendo a pioneira o Sportv das organizações Globo e a ESPN Brasil, filial do grupo norte-americano Entertainment and Sports Programming Network.

França (2003) ao estudar os pensamentos de L. Quéré sobre a comunicação de massa nesse período sintetizou que essa comunicação era um “processo de transmissão de informação, marcado pela linearidade, funcionalidade e busca da eficácia, têm recebido reiteradas e severas críticas, no sentido de apontar suas limitações e mesmo entraves (quando não desvios)

ao processo de conhecimento” (FRANÇA 2003, p. 38). Esse modelo de comunicação é chamado de modelo epistemológico ou informacional, no sentido que a preocupação central da comunicação era a transferência de informação sobre o mundo e sobre as pessoas.

No entanto, com o avanço da tecnologia surge o computador e as redes digitais, o que gradativamente tem tornado outros tipos de mídia ultrapassados. A grande novidade dos novos modelos de comunicação refere-se que o modelo antigo era um se comunicando com muitos enquanto que os novos modelos são compostos por muitos interagindo com muitos concomitantemente.

FRANÇA escreve:

Mídia se torna um conceito abrangente, uma expressão que significa várias coisas: instrumento, espaço, sujeito. Funciona como instrumento, ou dispositivo, por meio do qual se pode criar linguagem, formatar e veicular produtos. Constitui também um novo espaço de troca, de convivência, de consulta, de convocação; um espaço de encontro e de circulação como o é a rua, as praças, os estádios, os cafés, os bares. E atua ainda como um novo sujeito - quando percebemos que essa nova instância produz e configura (FRANÇA, 2006, p.81).

O sociólogo francês Louis Quéré estudou essa mudança de paradigma na comunicação do século XX para o século XXI, e ele propôs dois modelos de pensar a comunicação, realizando uma comparação entre os modelos. O primeiro modelo é o “modelo epistemológico ou informacional” e o segundo é o “modelo praxiológico” (QUÉRÉ, 1991). O primeiro modelo consiste na transmissão da mensagem com intencionalidade que o comunicador tem em informar certo conteúdo e a eficiência da comunicação, bem como os processos de produção e interpretação de signos. As representações a que ele se refere são mais fixas e mais fechadas.

Quéré (1991) constrói algumas premissas consideradas básicas no modelo epistemológico e terão papel decisivo na comunicação informacional. A primeira é que a comunicação tem a pretensão de transmitir conhecimento. A segunda consiste que o sujeito é monológico, pois ele “detém” o conhecimento. A terceira premissa tem haver com a subjetividade, pois ela é

algo dado, nossos estados de espírito possuem uma certa essência. E quarta premissa refere-se à aplicação de um esquema dualista à língua.

O modelo de comunicação epistemológico é esmiuçado por Quéré porque este modelo não só influenciou mais ainda influencia muitas pesquisas na área da comunicação. Mas o modelo epistemológico não responde a todos os modelos de comunicação na atualidade, pois estamos em um processo de transição, com rupturas do modelo citado para a consolidação do que Quéré chama de modelo praxiológico (Idem, 1991).

O estudo de um novo modelo se faz necessário, pois temos hoje a necessidade de um paradigma mais consistente e complexo nos estudos comunicacionais. Precisamos buscar uma “realidade comunicativa”, com um processo contínuo, pois o autor dá a comunicação um estatuto transcendental, buscando esquematizar um conceito para dar conta das atuais atividades de organização social.

Sodré (2007) também analisa o processo de criação de “mídias alternativas” e as novas formas de comunicação. Para o pesquisador, a presença da mídia na sociedade modifica o próprio perfil e a natureza da vivência social. Sodré chama de “bios midiático”, que corresponde a “mutação sociocultural centrada no funcionamento atual das tecnologias da comunicação” (SODRÉ, 2007, p. 17).

O século XXI começou com a inovação no futebol com as transmissões em HD, sendo que a final da Copa do Mundo de 2002 entre o Brasil e a Alemanha foi exibida em um cinema na cidade de São Paulo já com a tecnologia high definition. Já a transmissão em 3D foi transmitida pela primeira vez na partida entre Brasil e Portugal na Copa do Mundo de 2010, desta vez em dois cinemas nas cidades, desta vez em dois cinemas nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.

No entanto, as inovações nas transmissões dos jogos não param por aí, pois em 2015, a Google proprietário do YouTube obteve a exclusividade na transmissão da Copa do Rei da Espanha para 17 países dentre os quais o Brasil. A um preço simbólico de R\$ 9,90 por jogo, o YouTube inovou em uma nova forma de transmissão das partidas de futebol.

Quéré ao trabalhar essa transformação na comunicação na perspectiva praxiológica resume o conceito em uma “construção social da realidade”. Queré aponta de forma clara algumas diferenças no modelo de comunicação. França (2003) ao destrinchar esse modelo sintetizou da seguinte a diferença entre os modelos epistemológicos e praxiológicos:

- a) *A natureza da comunicação* - A comunicação deixa de pertencer á esfera do conhecimento, da episteme, do domínio das apreensões constituídas e adquiridas e se insere na esfera da ação, da intervenção e da experiência humana;
- b) *O papel da comunicação* - o modelo informacional atribui á comunicação um papel instrumental e transmissivo; já o modelo praxiológico, a comunicação cumpre um papel de constituição e de organização dos sujeitos;
- c) *A natureza dos sujeitos* - o modelo epistemológico o sujeito é monológico, que fala sem o outro; O modelo praxiológico o sujeito é dialógico que fala não apenas para o outro, mas com o outro;
- d) *O papel da linguagem* - o modelo epistemológico adotaria uma concepção representativa da linguagem. O modelo praxiológico possui uma linguagem subjetiva;
- e) *A relação comunicação e vida social* - o modelo epistemológico, projeta uma dualidade: o mundo e a comunicação. Já o modelo praxiológico a comunicação passa a ser vista como lugar de constituição, momento fundador da vida coletiva; (FRANÇA, 2003, p. 42).

A comunicação na visão de Quéré deixa de ser um processo fragmentado e é “tomada como lugar de constituição dos fenômenos sociais, atividade organizante da subjetividade dos homens e da objetividade do mundo” (FRANÇA, 2003, p. 43).

Claro que o modelo comunicacional está se sofisticando ao longo dos anos, no entanto quando estudamos o modelo epistemológico percebemos que a essência do modelo manteve-se a mesma, que consiste no modelo linear não integrador. A própria ideia de mediação é entendida como uma derivação deste modelo.

No século XXI a linguagem é vista em suas dimensões tanto expressivas como constitutivas. A comunicação é integrante da construção social da realidade, ela não só constrói o mundo mais também as relações entre os mais diversos atores sociais que a compõem. Estes atores se integram em ações

que realizam proporcionando um engajamento que os sentidos e intenções se configuram de forma recíproca. Em outras palavras, “estudar a comunicação não equivale a separar fatos particulares da sociedade (objetos comunicativos), mas apreender o social pelo viés das dinâmicas comunicativas que a constituem” (FRANÇA, 2003, p. 43).

Carmona e Poli (2006) relatam que a evolução dos meios de comunicação tem uma relação direta com grandes eventos futebolísticos, sendo que os autores elencam vários exemplos de inovação tecnológica no futebol. A câmera lenta começou a partir da Copa do Mundo de 1962, o replay no Brasil ficou disponível a partir da Copa de 1970, a transmissão digital é testada na Copa de 1990, na Copa de 2006 as empresas e telefonia da Alemanha começaram a testar as transmissões (CARMONA e POLI, 2006, p. 258). Somados aos exemplos anteriormente citados percebemos que muitas das inovações tecnológicas da mídia estão relacionadas ao futebol.

Cabe ressaltar aqui que o modelo praxiológico de Quéré é fortemente influenciado pelo pragmatismo⁹ o que fundamenta suas ideias. Um exemplo disso é a noção de interação ou transação. A comunicação a relação entre indivíduos distintos e processo de comunicação também ocorre em situações distintas, que é carregada por experiências passadas e para ações subsequentes. O ato comunicativo ocorre através da linguagem colocada em ação por indivíduos. Ao se instalar a interação elas podem evoluir para a formação de públicos que são afetados por aquela ação, que não se forma só a partir de “atos positivos”, pois ela se constitui a partir da afetação que cada indivíduo sofre frente a uma obra ou frente a um acontecimento. França (2006) comenta sobre isso quando diz que “não se trata de atribuir uma dimensão inaugural a cada situação vivida, mas compreendê-la como atualização; viver uma experiência é reagir àquilo vem à luz, a partir dos atributos da situação vivida e com os instrumentos de experiências passadas” (FRANÇA, 2006, p. 82).

⁹ Pragmatismo consiste em uma corrente filosófica também chamada de filosofia da ação, pois tenta compreender as condições de como são criados os pensamentos, sendo que as ideias são vistas como surgindo de uma ação. Essa corrente filosófica foi iniciada por Charles Peirce, nos Estados Unidos, e posteriormente teve continuidade com sociólogos como John Dewey e George Hebert Mead. (JOAS, 1999 p. 135)

Quéré trabalha na perspectiva que a informação não se constrói no âmbito individual, mas sim no coletivo o que ele chama de “realidade intencional”, ou seja, ela é construída através de experiências compartilhadas. O autor destaca o papel do social e das experiências e significados compartilhados na configuração dos públicos, e o autor exemplifica com a história do cego durante a degustação de vinhos, onde a comunicação emerge a partir de um quadro interativo partilhado.

Novamente a relação entre mídia e futebol exemplifica muito bem as ideias de Quéré, pois em 2017 dois clubes do estado do Paraná, o Atlético-PR e o Coritiba não chegaram a um acordo em relação aos direitos de TV e por conseguinte abriram o sinal para a internet na transmissão dos seus jogos pelo YouTube e Facebook.

O jogo entre as duas equipes foi realizado no dia 01 de março de 2017 e teve uma audiência de 3,2 milhões de pessoas (ESPN/UOL). Essa partida tornou-se histórica, pois foi a primeira partida de futebol no Brasil transmitida ao vivo de forma independente.

Os dados da tabela a seguir retratam um resumo dessa partida de futebol:

Indicador	Número de pessoas
Pico de Audiência	190.103
Minutos assistidos	16.826.126
Comentários/Interações	780.840
Reproduções	671.000

Fonte: <http://espn.uol.com.br>

As informações contidas na tabela acima demonstram que a linguagem assume novas dimensões no modelo praxiológico, pois não há mais ordens independentes entre linguagem e mundo real do modelo epistemológico, pois agora a linguagem assume a dimensão expressiva e constitutiva. Compreender a linguagem é de suma importância no atual modelo, pois é através dela que é possível compreender as atividades sociais das quais ela faz parte, as relações entre os sujeitos em uma determinada maneira de viver.

A linguagem nas palavras de Quéré (1991) “é parte integrante na construção da realidade”, pois é através dela que o homem interpreta o mundo, que permite uma experiência simbólica do mundo e é por meio da linguagem que o homem interage com o mundo.

A transmissão de uma partida de futebol através da internet é uma mudança da linguagem comunicacional, pois é por meio da linguagem que o homem demarca sua identidade reconhecendo-se e posicionando-se espacial e temporalmente em relação aos demais seres.

Para L. Quéré as intenções e motivações se modificam na ação e na interação entre os indivíduos. Pois, é na experiência dos sujeitos que a comunicação se realiza, e é a partir desta seara que ela deve ser analisada.

Então para Quéré o que é coletivo é a ação e não o sujeito, pois é a ação que possibilita as pessoas a ocuparem papéis e lugares sociais em determinado contexto. “Se é a ação que é coletiva, e não o sujeito, pode-se inferir que o que define o público é um modo de associação na experiência de uma situação; uma maneira determinada de agir e aguentar junto” (QUÉRÉ, 2003, p. 118). Um bom exemplo dessa ação é a relação entre telespectadores que interagem através dos seus dispositivos móveis, opinando taticamente ou para utilizar a linguagem futebolística, “cornetando” a participação de atletas, técnicos e principalmente do juiz nas partidas de futebol. Essa participação ativa dos admiradores do futebol nas transmissões torna o público cativo dos jogos. É dessa interação que trata os estudos de Quéré.

No modelo praxiológico temos duas esferas conjugadas que correspondem a esfera situacional e a esfera da historicidade, e essas duas esferas possibilita uma compreensão mais ampla da comunicação. Essa conjunção de esferas possibilita avançar no fenômeno comunicacional em suas mais variadas manifestações.

Assim, o modelo praxiológico é um modelo de análise que não existe em si mesmo. Ele é pensado como paradigmático neste sentido. A abordagem esboçada deixa clara uma nova perspectiva para se pensar e enquadrar o social e os estudos da comunicação.

Considerações Finais

Vivemos em tempos midiáticos, e os acontecimentos tomam uma nova dinâmica movida pela celeridade das informações. Figuras políticas, sociais e econômicas surgem com rapidez e se propagam em todos os rincões. A mídia tem colaborado para a ascensão e/ou decadência dos novos personagens. Tudo isso tem acontecido porque o modelo comunicacional tem se transformado com uma celeridade até então nunca vista na história da humanidade.

Bem sabemos que a comunicação é uma atividade organizante da objetividade do mundo e da subjetividade dos sujeitos. Nós somos construídos na relação com o outro no conhecimento e nas diferenças. Com isso a comunicação se dá de forma conjunta em um mundo onde as representações e a realidade não são pré-definidas. A comunicação como vimos no texto é uma grande ferramenta para a “construção da realidade”.

O futebol é integrante da construção social da realidade, sendo um dos responsáveis pela construção do mundo e as relações entre os atores comunicacionais. Os atores por sua vez se engajam em ações que se realizam, e é no engajamento que os sentidos e as intenções se configuram em um processo recíproco de atribuição de intenções. É evidente que não é somente o futebol que possui significados construídos pela mídia. O interesse pelo futebol no Brasil é apropriado pela mídia e pelas suas construções da realidade, as peças de comunicação criam um circuito de produção e consumo que transpõem a cobertura dos jogos, tornando a partir da comunicação o Brasil como “país do futebol”.

O sujeito cartesiano está subentendido no modelo epistemológico. Este modelo consegue explicar certos aspectos do fenômeno comunicacional, no entanto, ele é incapaz de explicar as dimensões culturais e sociais que extrapolam suas dinâmicas.

Para finalizar, acreditamos que o “modelo praxiológico” de Quéré por meio de um diálogo entre tais perspectivas, avança em relação as mesmas e se constitui um caminho relevante de se pensar comunicação na atualidade.

Em um momento em que os pressupostos do século XX estão sendo cada vez mais questionados e as novas formas de pensar bem como os fenômenos sociais são cada vez mais desafiadores.

Bibliografia

ADORNO, T. W. **A Indústria cultural**. In: COHN, G (org.) Comunicação e indústria cultural. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1989.

CARMONA, L; POLI, G. **Almanaque do futebol**. Casa da Palavra: COB, 2006.

FRANÇA, V. R. V. L. QUÉRÉ: **Dos modelos da comunicação**. *Revista Fronteiras*, São Leopoldo: UNISINOS, v. V, n. 2, p. 37-51, dez. 2003.

FRANÇA, V. **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 60-88

GASTALDO, E. **“O país do futebol” mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil**. PortoAlegre- RS, *Revista Sociologias*, ano 11, nº22, jul/dez 2009, p. 352-369

HELAL, R. **Passes e Impasses - futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1997.

JOAS, H. **Interacionismo Simbólico**. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. (Orgs.). *Teoria Social Hoje*. São Paulo: Ed. UNESP, 1999. p. 130-137.

LAGE, M. V. C. e MEDEIROS, R. P. **A regulamentação do futebol profissional Belo-Horizontino: Luta política e significados sociais**. *PODIUM: Sport, Leisure and Tourism Review*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 101-125, jan./jun. 2012.

LUX, A. **Como funcionam os direitos de transmissão de futebol brasileiro e o impacto disso para o torcedor**. <http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/direitos-de-transmissao/>. Acesso em 17/06/2018.

MOREIRA R. **O pensamento geográfico brasileiro - 3. As matrizes brasileiras**. São Paulo. Editora Contexto, 2010.

QUÉRÉ, L. **D’un modèle épistémologique de la communication à um modèle praxéologique**. *Réseaux*, Paris: Tekhné, 46/47, p. 69-90, mar-abril 1991.

_____. **Le public comme forme et comme modalité d’expérience**. In : CEFALÍ, D. ; PASQUIER, D. (Org.). *Les sens du public*. Publics politiques, publics médiatiques. Paris: Presses Universitaires de France, 2003. p. 113-134.

REIS, R. **Pioneiro no marketing no futebol, Leônidas da Silva**. Folha de São Paulo. 13/08/2013.

RIBEIRO, A. **Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil**. 1ª ed.- [S.l.]: Terceiro nome, 2007.

RODRIGUES, N. **A sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RODRIGUES FILHO, M. **O Negro no Futebol Brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira 1964.

RUBIM, A.A. C.; AZEVEDO, F. **Mídia e Política no Brasil**. Lua Nova, São Paulo, n. 43, 1998, p. 189-216.

SALLES, J. G. do C. **Entre a paixão e o interesse - O amadorismo e o profissionalismo no futebol brasileiro**. Tese de Doutorado em Educação Física. Universidade Gama Filho, Programa de Pós Graduação em Educação Física 2004.

SAPERAS, E. **Os Efeitos Cognitivos da Comunicação de Massas**. Lisboa: Edições Asa, 2000.

SODRÉ, M. **Sobre a episteme comunicacional**. *Matrizes*, São Paulo: USP, ano. 1, n. 1, p. 15-26, 2007.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: ed. Vozes, 2011.

ZIRPOLI, C. **A evolução do futebol na TV do Brasil**. <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/esportes>. Acesso em 24/06/2018

CESTA DE TRÊS: O *TWITTER* COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO DE MASSA DO BASQUETE FEMININO BRASILEIRO

Wagner de Alcântara Aragão

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (Brasil)

Resumo

Trata-se de um estudo de caso da utilização da rede social *twitter* pela Liga de Basquete Feminino (LBF) como instrumento para garantir à modalidade a presença nos espaços de veiculação de notícias sobre esporte. Para tanto, a partir da análise dialógica do discurso e da concepção de linguagem dos estudos do Círculo de Bakhtin, averiguamos como, por meio do instrumento já citado, a LBF constrói enunciados de valorização do basquete feminino em circunstâncias de invisibilidade nos meios de comunicação de massa tradicionais. Assim, foram analisadas postagens no perfil da LBF entre os dias 4 de junho e 4 de julho de 2018, período que coincide com o encerramento do campeonato da LBF do referido ano e, além do mais, é concomitante à fase inicial da Copa do Mundo de futebol masculino na Rússia - para a qual todas as atenções do noticiário esportivo brasileiro estão voltadas. Ao todo, foram 65 enunciações (postagens, tuítes) publicadas nesse período, e aqui analisadas. Também foram objeto de análise os principais aspectos da página da LBF no *twitter*, tais como plano de expressão multissemiótico, texto oficial de apresentação e eventual postagem fixada. Constatou-se que a LBF se utiliza do *twitter* tanto como meio de comunicação de massa - jornalístico, sobretudo - como também se posiciona como ator que utiliza a referida mídia como rede social, ao procurar se inserir em conversas cotidianas, inclusive em assuntos que não têm relação direta com o basquete.

Palavras-chave: basquete feminino, rede social, *twitter*, meios de comunicação de massa, análise dialógica do discurso.

De tres puntos: el *twitter* como medio de comunicación de masas del baloncesto femenino brasileño

Resumen

Se trata de un estudio de caso del uso de la red social *twitter* por la liga femenina brasileña de baloncesto (LBF, en la sigla en portugués) como instrumento para garantizar la presencia de los hechos de la modalidad deportiva en los espacios de noticias sobre el deporte. Para ello, con el análisis dialógico del discurso y la concepción del lenguaje de los estudios del Círculo de Bakhtin, investigamos cómo, mediante el instrumento ya citado, LBF construye discurso de apreciación del baloncesto femenino en circunstancias de invisibilidad en los medios de comunicación tradicionales. Así, fueron analizados en el perfil de LBF los posts entre el 4 de junio y el 4 de

julio de 2018, un período que coincidió con el cierre del Campeonato de LBF de ese año y, además, es concomitante a la fase inicial de la Copa Del Mundo de fútbol masculino en Rusia - a la que se han convertido todas las atenciones de las noticias deportivas brasileñas. En total, hubo 65 enunciados (mensajes, tweets) publicados en este período, y analizados aquí. También se analizaron los principales aspectos de la página de LBF en twitter, como el plan de expresión multisemiotico, el texto de presentación oficial y el eventual tweet fijado. Se encontró que LBF utiliza twitter como un medio de comunicación masiva - periodístico, especialmente - y que también se posiciona como un actor que utiliza twitter como una red social, en la búsqueda de estar en conversaciones cotidianas, incluyendo en los asuntos que no tienen conexión directa con el baloncesto.

Palabras clave: baloneso femenino, red social, twitter, medios de comunicación de masas, análisis dialógico del discurso.

Three-points: the twitter used by brazilian women's basketball as a mass media

Abstract

It is a case study of the use of the social network twitter by the Women's Basketball League (LBF, in portuguese) as an instrument to ensure the modality of the presence in the spaces of news broadcasts about sport. To do so, from the Dialogical Analysis of the Discourse and the conception of language of the studies of the Bakhtin's Circle, we investigated how, by means of the instrument already cited, the LBF builds statements of appreciation of women's basketball in circumstances of invisibility into the traditional mass media. For this, posts were analyzed in the profile of LBF between June 4 and 4 July 2018, a period coinciding with the closure of the LBF Championship of that year and, moreover, is concomitant to the initial phase of the World Cup of men's football in Russia - when which all the attentions of the Brazilian sports news are turned. Altogether, there were 65 utterances (posts, tweets) published in this period, and analyzed here. Also analyzed were the main aspects of LBF's page on twitter, such as multisemiotic expression plan, official presentation text and possible postage. It was found that LBF uses twitter as a means of mass communication - journalistic, especially - as it also positions itself as an actor who uses the media as a social network, in seeking to enter into everyday conversations, including in matters that they have no direct connection to basketball.

Keywords: Women's basketball, ocial network, twitter, mass media, Dialogical Analysis of the Discourse.

Introdução: uma contextualização histórica

De acordo com CBB (20..?), ao chegar ao Brasil o basquete desperta inicialmente o interesse das mulheres. A modalidade desembarca no país em 1894, três anos depois de o professor canadense James Naismith ter inventado o jogo, nos Estados Unidos. Coube, porém, ao norte americano Augusto Shaw,

convidado para lecionar no “tradicional Mackenzie College, em São Paulo” (CBB, 20..?), apresentar a novidade em terras brasileiras:

Na bagagem, [Shaw] trouxe mais do que livros sobre história da arte. Havia também uma bola de basquete. Mas demorou um pouco até que o professor pudesse concretizar o desejo de ver o esporte criado por James Naismith adotado no Brasil. **A nova modalidade foi apresentada e aprovada imediatamente pelas mulheres.** Isso atrapalhou a difusão do basquete entre os rapazes, movidos pelo forte machismo da época. Para piorar, havia a forte concorrência do futebol, trazido em 1894 por Charles Miller, e que se tornou a grande coqueluche da época entre os homens. (CBB, 20..?, s/p. Grifo do autor deste artigo)

Apesar da resistência inicial, não tardou para que o basquete passasse a ser praticado pelos homens no Brasil. Tal como no futebol, a partir do final da década de 1950 o basquete masculino brasileiro repercute no mundo, com a conquista dos títulos internacionais mais cobiçados:

Da mesma forma que no futebol, entre os anos 50 e 70 o Brasil encantava o mundo das modalidades esportivas coletivas com um basquete envolvente. Além dos (...) campeonatos mundiais [1959 e 1963], foram uma medalha de prata, em 1954, e outra em 1970; e um bronze em 1978. Sem contar os três bronzes olímpicos: 1948, 1960 e 1964. (ALCÂNTARA ARAGÃO, 2012, s/p)

O basquete praticado por mulheres no Brasil, embora tenha despontado antes que o dos homens, tardou, em relação a eles, a obter prestígio internacional. Ainda assim, em 1971, o basquete feminino brasileiro conquistou uma inédita medalha internacional - o bronze no mundial da modalidade, disputado, por sinal, no Brasil, mais precisamente em São Paulo (ALCÂNTARA ARAGÃO, 2012). Duas décadas depois (idem), a seleção brasileira feminina de basquete conquistava o ouro no Jogos Pan-Americanos de Havana 1991; no ano seguinte, pela primeira vez disputava uma Olimpíada (Barcelona 1992). Em 1994, sagrava-se campeã mundial na Austrália. Nas Olimpíadas de Atlanta (1996) e Sidney (2000), faturava a prata e o bronze, respectivamente (ALCÂNTARA ARAGÃO, 2009). Isso sem contar o bicampeonato mundial interclubes conquistado pela Ponte Preta, em um time

que reuniu as duas principais estrelas do basquete nacional: Hortência e Paula (ALCÂNTARA ARAGÃO, 2014).

Tem-se, pois, um período de praticamente 30 anos em que o basquete feminino brasileiro esteve presente em posição de destaque no cenário internacional. Internamente, também, é o período em que o basquete entre as mulheres mais se expande. Além do bi mundial da Ponte Preta, os torneios de clubes dentro do Brasil (particularmente no Estado de São Paulo) eram destaques na televisão aberta, que transmita os jogos (Bandeirantes, atual Band, e Manchete) e na mídia esportiva impressa (jornal A Gazeta Esportiva, principalmente). As partidas eram disputadas em ginásios lotados:

Foram dois títulos [mundiais] consecutivos [da Ponte Preta]: em 1993, quando derrotou o Parma, da Itália, e em 1994, quando venceu a Unimep, de Piracicaba. Mais do que os dois troféus, a Ponte Preta teve a proeza de reunir as duas maiores jogadoras do planeta, à época. No elenco de 1993, a Ponte Preta contou com Paula e Hortência. Foi a primeira e única temporada em que as duas atuaram juntas, em clube. Aquele *dream team* (sim, era assim chamado) contava ainda com as pivôs argentina Karina e a russa Helena Bounatians, entre outras atletas da seleção brasileira. A Macaca era, para o basquete, o que foi ou é, para o futebol, o Santos de Pelé, Zito, Coutinho e Pepe; o Barcelona de Neymar e Messi. O basquete feminino brasileiro passava pelo seu melhor momento. (ALCÂNTARA ARAGÃO, 2014, s/p).

A partir dos anos 2000, no entanto, o basquete feminino brasileiro gradativamente foi perdendo posto de destaque no cenário internacional. Depois do sétimo lugar no Mundial da China em 2002, ainda conseguiu um quarto lugar nas Olimpíadas de Atenas (2004), posição repetida no Mundial disputado no Brasil, em 2006. Mais adiante, porém, ficou apenas na 11ª colocação nos Jogos Olímpicos de Pequim (2008); dois anos depois, no Mundial da República Tcheca (2010), terminou em nono, mesma posição alcançada na Olimpíada de Londres (2012). No Mundial de 2014 (Turquia), outra 11ª colocação. Na Olimpíada do Rio de Janeiro, em 2016, mesmo jogando em casa a equipe de basquete feminino do Brasil não conseguiu sequer uma vitória, e foi eliminada na primeira fase.

À medida que o desempenho internacional foi decaindo, o espaço no noticiário esportivo nacional foi diminuindo. Contribuiu para essa redução o fim da versão impressa do jornal “A Gazeta Esportiva”, em 2001 (ESPORTIVA, 2015), jornal diário publicado desde 1947 e que realizava significativa cobertura do basquete feminino brasileiro. Por outro lado, é nesse contexto de escassez de resultados e de espaço da modalidade na mídia que é fundada em 2010 a Liga de Basquete Feminino (LBF), “com o propósito de contribuir para o renascimento do basquete feminino e devolver a modalidade ao lugar que sempre mereceu no esporte brasileiro (...) A LBF foi idealizada de acordo com os mais consagrados conceitos de marketing e gestão esportiva” (LBF, 20..?).

Oito anos depois da fundação da LBF, este trabalho busca verificar como, por meio de um de seus instrumentos de comunicação e marketing - perfil na rede social *twitter* - a LBF tem atuado para construir o caminho o qual propôs trilhar, qual seja o de fazer “renascer” o basquete feminino nacional e recolocá-lo em posição de visibilidade e destaque. Na sequência, serão expostas as opções metodológicas e teóricas deste trabalho propriamente dito.

Escopo metodológico e teórico

Metodologicamente, este trabalho se utiliza do estudo de caso, para definição do objeto, e da análise dialógica do discurso, como condutora da averiguação proposta. Quanto ao escopo teórico, temos como basilares a concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin; Poe (2011) sobre as evoluções dos meios de comunicação; Kelner (2001) ao tratar da cultura da mídia, e os apontamentos de Recuero (2011) sobre redes sociais digitais.

Como este trabalho se propõe a analisar a utilização do *twitter* pela LBF, considera-se aqui que os estudos do Círculo de Bakhtin sobre linguagem sejam imprescindíveis para entender como o comunicador em questão, isto é, a LBF, interage institucional e socialmente. E, conforme a concepção bakhtiniana de linguagem, essa interação se viabiliza tão somente por meio dela, a linguagem. Da mesma forma que a linguagem só existe, enquanto

linguagem propriamente dita, quando se estabelecem interrelações sociais entre indivíduos e atores sociais.

Sendo, então, intrinsecamente ligada às interrelações sociais, a linguagem é, para o Círculo de Bakhtin, dialógica, ou seja, constitui-se de tudo o que já foi dito no mundo, e ao mesmo tempo daquilo que se espera ou que pode vir a ser dito. O que se enuncia – uma fala, uma notícia, um aviso, uma mensagem, um vídeo, uma postagem em rede social – de alguma forma é fruto do que já foi pronunciado, ou do que se espera que se pronuncie, ou das reações respostas possíveis a tal pronunciado.

Por essa razão é que Volochínov (2013 [1920-1930]: 171-172) diz que os enunciados são constituídos de duas partes, “uma verbal e outra não verbal”. A parte não verbal diz respeito à dimensão social em que uma palavra é manifesta, como o espaço, o tempo em que essa manifestação se situa; ou ainda o objeto ou tema da enunciação, e a valoração dada pelos interlocutores à referida enunciação. Já a parte verbal se constitui na entonação do enunciado, das palavras selecionadas para compor tal enunciado, e a disposição dessas palavras.

A interrelação entre sujeitos e instituições, e de ambos com a sociedade, é formada também por uma disputa de discursos, chamada por Kellner (2001: 18-19) de “cultura da mídia”. Na visão do autor:

[A cultura da mídia] define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral. As narrativas e as imagens veiculadas pela mídia fornecem os símbolos, os mitos e os recursos que ajudam a construir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos em muitas regiões do mundo de hoje. (KELLNER 2001: 9)

Com as redes sociais digitais, a seara de disputa se acentua. Recuero (2011) conceitua essas redes como espaços mediados por computador pelos quais indivíduos estabelecem laços, interações sociais. Entre a quantidade incalculável de redes sociais digitais sociais está o *twitter*, criado em 2006, por Jack Dorsey, Biz Stone e Evan Williams, como um projeto de uma empresa denominada Odeo (RECUERO, 2011).

As redes sociais digitais surgem após a expansão da internet, e propiciam ampliação não só da produção, como do acesso, da distribuição e do compartilhamento de conteúdo. É algo que, conforme as palavras de Poe (2011), nenhuma outra mídia conseguiu oferecer, e que explica o espetacular sucesso da *web*.

A análise a seguir trata de verificar como a LBF se apropria dessa facilidade comunicacional para reverberar informações sobre o basquete feminino brasileiro. Para tanto, postagens (tuítes) da LBF constituem os enunciados objetos de estudo. Os dados gerados - isto é, as postagens analisadas - referem-se a um período imediatamente posterior ao jogo final do campeonato 2018 da LBF, que se realizou em 3 de junho do mesmo ano, numa tarde de domingo, entre os times do Vera Cruz/Campinas e o Sampaio Correa Basquete. Afinal, com o final da temporada de clubes, e entre o início da pré-temporada e temporada de seleções, a tendência é se tornarem mais raros ou pontuais fatos de relevância jornalística.

Analisamos, assim, os tuítes produzidos pela LBF entre os dias 4 de junho e 4 de julho, postagens essas que alcançaram um total de 65. Os resultados da análise estão na seção a seguir deste trabalho.

O *twitter* da LBF: múltiplas linguagens e discursos

Como vimos, o *twitter* foi criado em 2006. Embora não seja das mais populares redes sociais digitais utilizadas pelos consumidores de internet no Brasil - superada por *facebook*, *whatsapp*, *instagram*, *youtube* e *google+* - é apontado por Secom (2015: 50) como “popular entre as elites políticas e [entre] formadores de opinião”. É, portanto, um instrumento de comunicação social influente, ao ter relevância entre atores sociais cujo discurso detém credibilidade, poder de pautar conversas, discussões, repercussões. Qualquer ator social - um indivíduo, uma personalidade, uma instituição - ao estar presente e atuante no *twitter* tende a obter considerável alcance de suas manifestações. É uma força não quantitativa, mas qualitativa, a qual

entendemos como importante para análise em um trabalho que se propõe a pesquisar a relação esporte e comunicação.

A LBF está no *twitter* desde 2011 - logo, no ano seguinte à fundação da entidade. Seu perfil é o @LBF_Oficial (acessado por <http://twitter.com/LBF_Oficial>). Entre meados de junho e meados de julho, período de visitação frequente do referido perfil para a elaboração deste estudo, a página inicial destacava, em sua imagem de cabeçalho, uma arte multissemiótica constituída de uma fotografia do elenco da equipe de basquete feminino Vera Cruz/Campinas, que recém conquistara o campeonato de 2018 (LBF 2018), sobre efeito gráfico em tom de roxo, cor da logomarca da entidade. Como avatar, isto é, como imagem que identifica o perfil, estava a logomarca da LBF conjugada à logo da Caixa, banco estatal patrocinador do campeonato da Liga.

A “biografia” do perfil é básica: “Twitter oficial da #LBFcaixa” é a expressão de apresentação, seguida da localização (“Americana, Brasil”) e do link para o site (“<lbf.com.br>”). Acompanhe na figura 1:



Figura 0: Página inicial do twitter da LBF. Fonte: <http://twitter.com/LBF_Oficial>

Até 4 de julho de 2018, o @LBF_Oficial contava com 3.390 seguidores, ao passo que seguia 245 perfis. Acumulava mais de 9 mil postagens (tuítes) - uma média de 3,5 por dia (considerando-se os sete anos - 2011 a 2018 - de presença na rede). No período objeto desta análise, como já mencionamos,

foram 65 tuítes em 30 dias - uma média ligeiramente superior a dois por dia; menor, pois, que a média histórica.

Entre os dias 5 e 8 de junho, todas as enunciações (postagens) da LBF em seu perfil no *twitter* trataram da Festa de Premiação da temporada 2018 (ocorrida na noite de 8 de junho). As enunciações se caracterizaram pelo seu caráter multissemiótico, isto é, diversas variações de linguagens - texto verbal escrito, *emoticons*, fotografia, audiovisual (vídeos rápidos) constituindo o conjunto da postagem. Também é evidente o hibridismo de gêneros do discurso - uma mescla entre o discurso típico das notícias em jornalismo e o vocabulário da “praça pública” (BAKHTIN 1993 [1965]), qual seja, aquele coloquial, do cotidiano da rua. Reproduzimos, na figura 2, um desses tuítes com tais características:



Figura 2: Tuíte com características de linguagem do jornalismo. Fonte:
<http://twitter.com/LBF_Oficial>

A enunciação em questão se inicia com um texto verbal escrito com características típicas das chamadas de notícias em sites e outros espaços jornalísticos. Primeiro, uma frase entre aspas, reproduzindo uma fala de terceiro, de impacto (“foi um marco importantíssimo”). Em seguida, a confirmação de se tratar de uma matéria jornalística (“Confira entrevista...”). Ao mesmo tempo, elementos verbo-textuais típicos do *twitter* (o nome do

falante substituído pelo *nickname* na rede social - “@ricardomolina31” em vez de “Ricardo Molina”). E os *emoticons*, uma transposição, para o plano de expressão¹⁰ do *twitter*, da linguagem gestual da fala coloquial, numa conversa física, face a face entre interlocutores.

Outra característica presente na enunciação ilustrada na figura 2, e recorrente em outras postagens no período analisado, é o reenquadramento de falas de terceiros, materializado no *twitter* pelo “RT” (retuíte). A prática do “RT” entre os usuários da referida rede social é uma forma de reverberar o tuíte primeiro, seja para endossar, seja para expor algum paradoxo, incoerência, seja simplesmente para ajudar a fazer circular pela rede aquela informação.

O reenquadramento de uma fala para compor uma nova proporciona o que a concepção bakhtiniana de linguagem define como “heteroglossia dialogizada” dos discursos. Trata-se de uma relação dialógica entre diferentes estratos de linguagem. Bakhtin (2014 [1920-1970]: 74) explica que esses estratos não se restringem apenas a dialetos, como também a “maneirismos de grupos, jargões profissionais, linguagens de gêneros, fala de gerações, das idades, das tendências, das autoridades, dos círculos e das modas passageiras, das linguagens de certos dias e mesmo de certas horas (cada dia tem sua palavra de ordem, seu vocabulário, seus acentos)”.

Tal recurso, ainda conforme o entendimento bakhtiniano, não se limita apenas a uma opção estilística. O reenquadramento da voz de outrem não raro objetiva ressignificar a fala primeira – seja para referendar, reforçar, revalidar o discurso do falante que reenquadra; seja também para alcançar o contrário, isto é, contradizer a fala reenquadrada. O “RT” é uma ferramenta que propicia esses intentos, sobretudo ao possibilitar o retuíte comentado.

Dos 65 tuítes analisados no período selecionado (4 de junho a 4 de julho de 2018), apenas dez foram retuítes – um comentado e nove sem comentários.

¹⁰ Com base em Teixeira (2009), plano de expressão é citado aqui como a apresentação multissemiótica de um enunciado. O plano de expressão é formado por diferentes linguagens que, sincretizadas, constituem a enunciação em seu todo. Uma postagem no *twitter*, por exemplo, é um plano de expressão resultado do sincretismo do texto verbal escrito, de elementos visuais (uma fotografia ou outra ilustração; aspectos gráficos diversos) ou audiovisuais (um vídeo que faz parte da postagem).

Infere-se, assim, que o reenquadramento de voz de terceiros não é recorrente no projeto de dizer da LBF em seu perfil no *twitter*. Acompanhe, na tabela 1, um panorama sobre os retuítes feitos pelo perfil da LBF:

TIPO DE RETUÍTE	SOBRE O QUE FALAM OS RETUÍTES	PERFIS DOS QUAIS SE RETUITOU
SEM COMENTÁRIO DA LBF: 9	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevista com jogadora Thayná, destaque da LBF 2018 • Menciona as craques da LBF 2018 • Os 24 anos do título mundial da seleção feminina, em 1994 • Relações institucionais entre a LBF e a CBB • Destaque às finais da LBF 2018 	<ul style="list-style-type: none"> • @balanacesta (especializado em basquete) • @gazetaesportiva (parceira na transmissão e cobertura da LBF 2018) • @basquetebrazil (perfil da Confederação Brasileira de Basquete) • @ronchi565, analista de basquete • @ignoranciaworld, analista de basquete
COMENTADO PELA LBF: 1	<ul style="list-style-type: none"> • Balanço da LBF 2018 	<ul style="list-style-type: none"> • @gazetaesportiva

Tabela 0: Retuítes da LBF: quantidade e características. Elaboração do autor deste artigo.

Ao debruçarmos sobre as enunciações constituídas desses reenquadramentos representados pelos retuítes, notamos que o objetivo é o de reforçar o discurso de valorização do basquete feminino. São reenquadradas falas (postagens de terceiros) que enaltecem a modalidade - os feitos contemporâneos e os feitos históricos. Como exemplo, uma enunciação que exalta os 24 anos da conquista do Mundial de 1994, pela seleção brasileira. A postagem primeira, feita pelo perfil da CBB, foi retuitada pela LBF, após uma postagem da própria LBF enaltecendo aquele feito, ilustrada na figura 3:



Figura 0: Tuíte que relembra o título mundial do basquete feminino brasileiro. Fonte: <http://twitter.com/LBF_Oficial>

Chama a atenção, de imediato, o plano de expressão intensamente multissemiótico: texto verbal escrito, fotografia, reprodução de imagem de jornal, *emoticons* e *hashtags* formam uma enunciação em que linguagens múltiplas se fundem em uma linguagem única, e típica de redes sociais digitais.

Importante frisar que a análise dialógica do discurso leva em conta fortemente o contexto social em que se dá a fala – afinal, como já dito, uma enunciação é formada por sua parte verbal (palavras escolhidas, estilo de escrita, a entonação das palavras) e a parte não verbal – a dimensão histórico-social em que determinada fala acontece. Ora, em 12 de junho de 2018, quando a LBF se enuncia lembrando a histórica conquista do basquete feminino, estávamos às vésperas da Copa do Mundo de futebol, quando todas as atenções do noticiário esportivo estão voltadas para aquela competição. Mais que isso: no Brasil, as atenções estavam centradas especialmente na estreia da seleção brasileira, que entraria em campo cinco dias depois.

Dessa forma, a enunciação do LBF, fruto de um reenquadramento de outras vezes, de celebração daquele título inédito e até hoje não repetido, dialoga com a incontável quantidade de discursos em circulação naquela véspera de Copa do Mundo. É um recado explícito: “olhem, não é só a seleção de futebol que dá alegrias a seu povo. O basquete feminino também tem um histórico de glórias internacionais. Há 24 anos conquistávamos o mundo com o basquete das mulheres, assim como esperamos conquistar novamente com o futebol dos homens”.

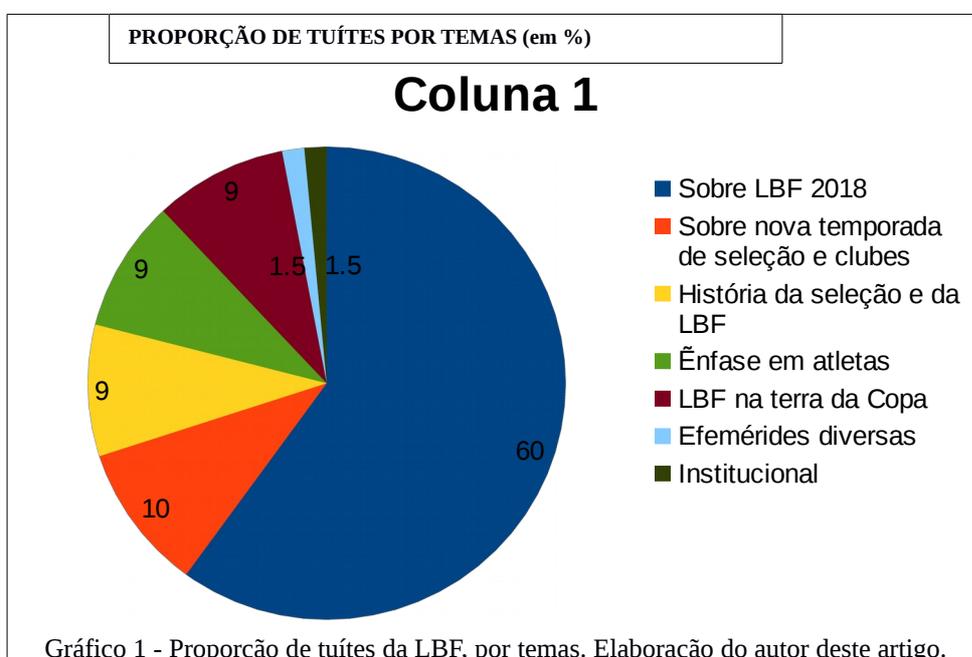
Há ainda um dialogismo explícito com outro auditório social (VOLOCHÍNOV, 2013 [1920-1930]), além daquele em que se discute esporte. É o auditório social constituído dos falantes nas redes sociais digitais que, àquela altura, enunciavam-se em postagens sobre o Dia dos Namorados. Com a *hashtag* #diadosnamorados estariam, entre incontáveis tuítes, a postagem da LBF; apresenta, pois, o basquete feminino e sua conquista a um novo auditório social, ou seja, a um outro grupo de falantes que não necessariamente os debatedores de esporte. Põe a modalidade em visibilidade nessa seara, a dos que estavam conversando sobre o “Dia dos Namorados”. A LBF se insere, se incursa por essa outra conversa.

Importante sublinhar, porém, que não se tratava de uma enunciação desconexa com o tema discutido no auditório social sobre o Dia dos Namorados. O discurso da LBF, na referida enunciação, vai ao encontro do que se fala sobre 12 de junho (data do Dia dos Namorados), ao sublinhar que, coincidentemente, foi nessa data, em 1994, que a seleção feminina subiu ao topo do Campeonato Mundial. “Mais um 12 de junho que nós AMAMOS recordar!”, diz o texto verbal escrito seguido de *emoticons* de coração e carinhas com expressão de amor e paixão. É a heteroglossia dialogizada, mencionada anteriormente, em situação mais evidente.

Essa busca por se integrar a conversas em auditórios sociais diversos é identificada num total de uma série de cinco tuítes que a LBF produziu, intitulada “LBF na terra da Copa”. Constituíram em postagens, com link para matérias no site da entidade, que relacionaram a história do basquete feminino brasileiro à Rússia. São relatos de atletas – em atividade ou não –

que em algum momento atuaram em competições naquele país, como Iziane e Helen Luz.

Ademais os casos ilustrados ou mencionados aqui, as postagens da LBF no *twitter* no período analisado trouxeram diversas outras temáticas. Em maior número, estão as enunciações que fazem um retrospecto da temporada 2018, mas se destacam também tuítes de feliz aniversário a jogadoras. Classificamos os 65 tuítes em sete eixos temáticos, ilustrados cada um como uma cor diferente, no gráfico 1:



O levantamento mostra que, ao menos no período objeto de análise (4 de junho a 4 de julho de 2018), a maior parte (60%) dos tuítes da LBF se referiram ao campeonato da Liga de 2018, que recém havia se encerrado (a final fora em 3 de junho, como já informado). São postagens que falam principalmente da repercussão da partida final (fotos do jogo decisivo; dados estatísticos) e da Festa de Premiação. Neste caso, ênfase às atletas premiadas e aos convidados do evento.

Os demais 40% dos tuítes se distribuem em vários eixos temáticos. Com ligeiro destaque (10% das postagens), enunciações sobre a convocação da seleção brasileira para a temporada internacional do segundo semestre, ou sobre movimentações nos clubes para a temporada 2019. Postagens sobre episódios históricos da seleção e do campeonato da LBF; outras que faziam referência a atletas específicas (sobretudo felicitações pelo aniversário); e o especial “LBF na Copa” (tuítes que falavam de jogadoras brasileiras que já atuaram na Rússia) constituem temas com, cada um, 9% do total das postagens analisadas. Por fim, com 1,5% do total, postagens que tomavam efemérides como gancho (Dia dos Namorados) e, igualmente com 1,5%, tuítes sobre notícias da instituição e seus dirigentes (visitas, relações com a CBB).

Nota-se, pela distribuição temática exposta, um esforço em, inicialmente, colocar em pauta o campeonato da LBF. Entretanto, é de se reconhecer também um empenho em variar os assuntos, de modo a por sob holofotes não só o torneio, como o basquete feminino de um modo geral.

Considerações finais

Como se pode observar, o perfil no *twitter* da LBF - como cogitado no ponto de partida desta pesquisa - de fato funciona não meramente como uma ferramenta de comunicação institucional da Liga. O *twitter* da LBF exerce a função de um meio de comunicação de massa, jornalístico principalmente: um espaço em que se noticiam fatos, dados, acontecimentos do basquete feminino - sejam episódios contemporâneos (o campeonato de 2018), sejam do passado (os 24 anos do título Mundial de 1994).

A linguagem jornalística, ainda que predominante, não é única. Há também tentativas de uso do perfil no *twitter* para a função original dessa mídia digital - isto é, a de exercer o papel de rede social. Exemplo concreto disso está na interação com conversas na rede, demarcadas pela hashtag #diadosnamorados; ou na série especial de tuítes que dialogam com o tema

Copa do Mundo de futebol. Ali se tem a LBF não como gerador e compartilhador de notícias jornalísticas. Tem-se, sim, um ator social fazendo a vez de um falante, um indivíduo comum, sim um ator social fazendo a vez de um falante, interagindo em conversas cotidianas - a efeméride Dia dos Namorados e a Copa do Mundo da Rússia.

A preocupação com a imagem institucional é verificada com o reenquadramento de vozes outras, sempre buscando revalidar, referendar, reforçar o discurso da LBF em prol do basquete feminino. Por meio dos retuítes, a LBF apresenta em seu perfil discursos de atores outros (um veículo de mídia, a Gazeta Esportiva; uma instituição, a CBB) que reforçam todo o projeto e esforço de dizer da própria Liga.

Em todos esses intentos - noticiar o basquete feminino, valorizar sua própria imagem institucional, fazer-se presente em conversas na rede social - a LBF lança mão de planos de expressão multissemióticos. É evidente o explorar de todas as possibilidades de linguagens. O texto verbal escrito, as *#hashtags*, os *emoticons*, as imagens (fotografias, artes, ilustrações diversas), os vídeos rápidos e seus respectivos frames, tudo isso é utilizado simultaneamente para a composição das postagens. As escolhas lexicais também variam entre as dos jargões do jornalismo (“confira entrevista”) aos maneirismos da rede social (palavras em letras maiúsculas para sinalizar uma entonação em volume de som mais elevado, como em “AMAMOS” - ver figura 3).

Mobilizam-se, pois, estéticas e regularidades linguísticas dos mais variados gêneros do discurso nesse processo comunicacional da LBF, pelo *twitter*. É um perfil, na referida rede social, com temática e linguagens diversas, diversificadas. Não esteve entre os objetivos deste trabalho averiguar a eficácia disso - constatar, por exemplo, em que escala essas postagens reverberam e repercutem. Mas, a julgar por essas múltiplas formas de se expressar, por essa amplitude de funções comunicacionais buscadas pela LBF em sua experiência no *twitter*, é possível afirmar que as investidas sinalizam colher bons frutos.

As tentativas se convertem em cestas - de três, inclusive. A LBF logra êxito, pelo twitter, em funcionar como um meio de comunicação de massa, jornalístico; em se expressar construindo uma imagem institucional de organização representativa e defensora dos interesses do basquete feminino brasileiro; e em, lançando mão das ferramentas da referida mídia, em interagir, interrelacionar-se com o público torcedor.

Referências

ALCÂNTARA ARAGÃO, Wagner de. **O time que deu à Ponte Preta os títulos que nenhum outro clube tem.** 2014. Disponível em: <http://brasilobserver.co.uk/macuco/2014/12/03/o-time-que-deu-a-ponte-preta-os-titulos-que-nenhum-outro-clube-tem/>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

_____. **Um final de semana de bola ao cesto.** 2012. Disponível em: <<http://macucoblog.blogspot.com/search?q=basquete+masculino>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

_____. **O dia em que Fidel Castro se rendeu.** 2011. Disponível em: <<http://macucoblog.blogspot.com/2011/08/o-dia-em-que-fidel-castro-se-rendeu.html>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

_____. Para voltar ao mapa-múndi. In: ALCÂNTARA ARAGÃO, Wagner de. **A Argentina ousa.** 2009. Disponível em <<http://macucoblog.blogspot.com/2009/09/argentina-ousa.html>>

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.** Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993 [1965].

_____. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance.** 7ª ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2014 [1924-1970]

CBB, Confederação Brasileira de Basquete -. **O basquete: o esporte no Brasil. 20..?.** Disponível em: <<http://www.cbb.com.br/a-cbb/o-basquete/o-esporte-no-brasil>>. Acesso em: 24 jun. 2018.

ESPORTIVA, Gazeta. **De cara nova, Gazeta Esportiva foca em quatro grandes e vai além dos 90 minutos.** 2015. Disponível em: <<https://www.gazetaesportiva.com/bastidores/de-cara-nova-gazeta-esportiva-foca-em-quatro-grandes-e-vai-alem-dos-90-minutos/>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política sobre o moderno e o pós-moderno.** Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru (SP): Edusc, 2001.

LBF, Liga de Basquete Feminino. **Sobre a LBF. 20..?.** Disponível em: <<http://lbf.com.br/lbf/>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

POE, Marshall. **A history of communications: media and society from the evolution of speech to the internet.** New York: Cambridge University Press, 2011.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SECOM, Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. **Pesquisa Brasileira de Mídia - Hábitos de Consumo de Mídia pela População Brasileira 2015.** Disponível em <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2018.

TEIXEIRA, Lúcia. Para uma metodologia de análise de textos verbos visuais. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia de; TEIXEIRA, Lúcia (orgs.). **Linguagens na comunicação: desenvolvimento de semiótica.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. **A construção da enunciação e outros ensaios.**

PARTICIPAÇÃO FEMININA NO JORNALISMO ESPORTIVO TELEVISIVO: AVANÇO OU RETROCESSO?

Noemi Correa Bueno

Universidade Estadual Paulista (Brasil)

Marta Regina Garcia Cafeo

Universidade Estadual Paulista (Brasil)

José Carlos Marques

Universidade Estadual Paulista (Brasil)

Resumo

Mesmo após o avanço de conquistas femininas na sociedade ocidental, a cultura androcêntrica ainda é presente, influenciando relações sociais, econômicas e políticas (Alvarez, 2002; Bourdieu, 2003; Moreno, 2008). Dentre essas relações, destacamos a esfera esportiva que também consiste em um campo onde se produz e reproduz desigualdades entre gêneros (Birrel, Cole, 1990; Migliaccio, Berg, 2007). Considerando esses aspectos e partindo do pressuposto de que ainda existe uma cultura androcêntrica presente também em jornais esportivos televisivos no Brasil, esta comunicação analisa a presença feminina nesses programas em maio de 2015 e novembro de 2017, com intuito de verificar se existe uma distribuição igualitária entre os gêneros feminino e masculino na ocupação das funções narração, comentário e apresentação; e se houve uma mudança nesse cenário entre os dois períodos selecionados. Para tal, utilizou-se a Análise do Conteúdo de forma a mensurar a quantidade de profissionais homens e mulheres ocupando as funções acima designadas nos programas analisados. Ao final, observou-se que a mulher ainda está pouco presente nesses meios e que não houve um avanço na conquista de espaços das mulheres nesses dois anos, ao contrário, foi constatada uma diminuição de 20% das profissionais.

Palavras-chave: esporte, mulher, jornalismo, televisão.

Resumen

La cultura androcéntrica aún está presente, influyendo en las relaciones sociales, económicas y políticas (Alvarez, 2002, Bourdieu, 2003, Moreno, 2008). Considerando estos aspectos y partiendo del supuesto de que aún existe una cultura androcéntrica presente también en diarios deportivos televisivos en Brasil, esta comunicación analiza la presencia femenina en esos programas en mayo de 2015 y noviembre de 2017, con el fin de verificar si existe una distribución igualitaria entre los géneros femenino y masculino en la ocupación de las funciones narración, comentario y presentación; y si hubo un cambio en ese escenario entre los dos períodos seleccionados. Para ello, se utilizó el Análisis del Contenido para medir la cantidad de profesionales

hombres y mujeres ocupando las funciones arriba designadas en los programas analizados. Al final, se observó que la mujer todavía está poco presente en esos medios y que no hubo un avance en la conquista de espacios de las mujeres en esos dos años, al contrario, se constató una disminución del 20% de las profesionales.

Palabras clave: deporte, mujer, periodismo, televisión.

Abstract

Even after the advancement of women's achievements, androcentric culture is present, influencing social, economic and political relations (Alvarez, 2002, Bourdieu, 2003 and Moreno, 2008). Among these spheres, sport is a field where inequalities between genders are produced and reproduced (Birrel, Cole, 1990; Migliaccio, Berg, 2007). Considering these aspects and there is an androcentric culture also present in television sports newspapers in Brazil, this communication analyzes the female presence in these programs in May 2015 and November 2017, in order to verify if there is an equal distribution between the woman and man in the occupation of the functions narration, comment and presentation; and whether there was a change in this scenario between the two selected periods. For this purpose, Content Analysis was used to measure the number of male and female professionals occupying the functions described above in the analyzed programs. In the end, it was observed that the woman is still not present in these media and that there was no progress in the conquest of women's spaces in those two years, on the contrary, it was observed a decrease of 20% of professionals.

Keywords: sport, woman, journalism, television.

Introdução

Nas últimas décadas, movimentos feministas colocaram em pauta diversas reivindicações de direitos às mulheres nos diferentes segmentos sociais, econômicos e políticos. Muitas dessas reivindicações foram atendidas e o cenário de intervenção para mulheres mudou significativamente nos últimos anos. Entretanto, apesar das diversas conquistas, ainda há vários direitos não conquistados (parcialmente ou em sua totalidade) pelos quais as mulheres ainda têm lutado. Dentre esses, podemos citar a reivindicação a respeito de melhores representações do universo feminino nos meios de comunicação.

Essa reivindicação é coerente com a posição de Pierre Bourdieu (2003), para quem a emancipação feminina ainda não ocorreu totalmente, pois ainda há algumas instituições (como o esporte, o jornalismo, a escola, a igreja, a

família etc.) que promovem práticas androcêntricas, centradas na valorização da figura masculina. De acordo com Bourdieu (2003: 8), o jornalismo e o esporte consistem em duas dessas instituições que mantêm, sutilmente, a relação de dominação genderizada e, por isso, suas estruturas devem ser repensadas a partir de uma visão libertária feminina.

Considerando as reivindicações dos movimentos feministas contemporâneos e esses apontamentos de Bourdieu, este artigo analisa a representação quantitativa de profissionais (comentaristas, narradores e apresentadores) em programas de esportes veiculados na televisão brasileira em 2015 e 2017, a fim de observar se existe equidade ou não na representatividade dos profissionais quanto aos gêneros feminino e masculino e se entre esses dois anos houve alguma mudança de cenário em relação à inserção feminina no jornalismo esportivo presente nas TVs abertas brasileiras.

Este debate é fundamental para fomentar uma reflexão crítica sobre valores misóginos e androcêntricos ainda presentes e disseminados na sociedade brasileira, pois os meios de comunicação possuem responsabilidades no direcionamento de comportamentos e pensamentos, uma vez que produzem e difundem representações sociais. Conforme Assis et al., (2007: 195), os meios de comunicação “servem como monopolizadores do saber, respaldados em um regime de verdade que oferece uma ilusória transparência social em que todos se comunicam com todos”. Dessa forma, “funcionam tanto para forjar a aceitação do *status quo* e a dominação social como para habilitar e encorajar os estratos subordinados a resistir à opressão e a contestar ideologias e estruturas de poder conservadoras” (Freire Filho, 2005: 19).

Dessa maneira, apesar da interpretação final ser de responsabilidade do telespectador, os meios de comunicação possuem um papel importante no fomento de práticas sociais, pois também colaboram com a criação, reforço e/ou destruição de estereótipos e representações de grupos minoritários (Romero, 2004). Assim, a discussão sobre representações e atuações femininas nos meios de comunicação é importante, bem como a relação

dessas mulheres no processo de mediatização dos esportes, pois, a partir disso, é possível avaliar esses meios, verificando se os papéis nessas esferas são distribuídos conforme definições estereotipadas do que significa ser homem e mulher e criando oportunidades de novas possibilidades de atuação das mulheres e dos homens que estejam desvinculados dos antigos padrões androcêntricos.

Considerando esses aspectos, esta análise propõe reflexões a respeito da visibilidade, atuação e representatividade de homens e mulheres, mais especificamente no jornalismo esportivo, verificando se o espaço destinado a eles nos programas de esportes da televisão aberta é igualitário e se tem havido mudanças nos últimos anos.

A inserção feminina no campo esportivo

Para ingressar no campo esportivo (um espaço originalmente masculino), atletas mulheres necessitaram enfrentar dificuldades em relação a estereótipos sexistas, ideologias religiosas e pseudocientíficas (que indicavam a mulher como frágil e que não poderiam se destacar no esporte), questionamentos relativos à sexualidade, violência simbólica e, inclusive, abusos psicológicos e sexuais.

Para Fabiano Young (1988 apud Devide, 2005: 50), essas situações ocorreram porque as mulheres eram compreendidas como corpo-objeto e não corpo-sujeito, e, nesse sentido, discursos pseudocientíficos apontavam que elas possuíam uma natureza incompatível com a prática esportiva. Um exemplo da dificuldade enfrentada por atletas devido essas questões é o que ocorria nos Jogos Olímpicos, nos quais as mulheres precisavam passar nuas por uma banca que examinava e julgava a veracidade da feminilidade. Essas avaliações persistiram até 1968, quando começou a aplicação de testes científicos com esse objetivo (Fausto Sterling, 2001 apud Knijnik, 2010: 54).

Esse tipo de acontecimento ocorria, pois, o esporte era um campo utilizado para reafirmar comportamentos femininos e masculinos, apontando configurações de corpo e forma para cada gênero, de maneira a restringir a

participação de mulheres por meio de discursos androcêntricos e estereotipados a respeito das capacidades e habilidades dessas.

Vale ressaltar que o esporte foi formado por e para homens e em sua origem expressava justamente hábitos que os fizessem afirmar a masculinidade a partir de sua relação com características como violência, força, resistência, agressão, hostilidade e insensibilidade. Assim, ao entrar no campo esportivo, as mulheres precisavam se adaptar às regras masculinas de maneira a “jogar como homens e comportar-se como mulheres” (Knijnik, Souza, 2004: 198).

Dessa forma, o esporte se constituiu como espaço para demonstrações de proezas físicas, que engrandeciam características que eram relacionadas à masculinidade, de maneira a possibilitar que seus participantes pudessem provar seus valores enquanto homens, a partir de um referencial de virilidade e capacidade física. Por isso, a participação feminina não era aceita e nem compreendida, como ficou evidenciado nas primeiras Olimpíadas da Era Moderna, a partir do posicionamento de Pierre de Coubertin (precursor destes jogos), por exemplo.

Na concepção de Coubertin os Jogos Olímpicos serviam para celebrar masculinidade, vigor, combatividade e visibilidade pública através da prática atleta da força, virilidade e coragem. Durante todo o tempo em que esteve na presidência do COI (Comitê Olímpico Internacional), Pierre de Coubertin trabalhou para desencorajar os esportes femininos, apesar de sofrer resistências de outros membros do Comitê que defendiam o direito de participação das mulheres (Turini; Dacosta, 2002). Para Devide (2005: 91), no entendimento de Coubertin, “as atividades atléticas faziam as mulheres parecerem indecentes e grotescas”.

Portanto, a participação das mulheres no início dos Jogos Olímpicos Modernos não era aprovada. O envolvimento feminino era aceito apenas enquanto espectadora, pois as mulheres eram consideradas frágeis e responsáveis pelo cuidado do lar e dos filhos e a prática de esportes poderia prejudicar esses papéis e comprometer as funções maternas. Afinal, as características apontadas necessárias para o esporte como agressividade,

competitividade, força, resistência e objetividade eram relacionadas como características masculinas (Conceição et al., 2004: 139), reforçando um (falso) conceito de inferioridade feminina na prática atlética

Ainda nos Jogos Olímpicos de Seul (1988) havia 7 esportes não permitidos para mulheres (boxe, judô, pentatlo moderno, futebol, polo aquático, levantamento de peso e altura), modalidades que enfatizam o combate corpo a corpo, a agressividade ou propriedades pugilísticas. Já aos homens não era permitida a participação no nado sincronizado e algumas provas na ginástica (como a ginástica rítmica desportiva), modalidades que envolvem graça, beleza e precisão e são consideradas atividades graciosas e decorativas (algumas ainda são exclusivas à participação feminina nos Jogos Olímpicos). Essa diferenciação de oferta de modalidades esportivas para homens e mulheres também consistiu em um mecanismo que reforçou e reproduziu imagens de gênero no esporte (Devide, 2005: 118).

Essas e outras dificuldades pelas quais as atletas tem passado, como, por exemplo, a depreciação da feminilidade ou redução dessas como objetos sexuais, tem dificultado o ingresso das mulheres nesse campo e barrado a resistência feminina aos padrões de gênero tradicionais, mantendo e reforçando valores androcêntricos. Por outro lado, as práticas esportivas podem se tornar em objeto de luta social, pois podem promover a sugestão de uma “natureza potencialmente subversiva das atividades esportivas das mulheres, na medida em que rompem com noções convencionais ou profundamente enraizadas de natureza ou vocação feminina” (Adelman, 2004: 284).

De acordo com Salomé Marivoet (2014), o esporte constitui um espaço socializador da cultura masculina nas sociedades ocidentais, dessa forma, a participação feminina em competições esportivas caracteriza-se como um desafio de superação aos estereótipos tradicionais de gênero, podendo modificar as relações entre os sexos.

Certamente, que a entrada das mulheres no desporto desafiou o universo simbólico da dominação masculina, tanto mais quanto as modalidades praticadas implicarem confrontação, como é o caso justamente do Futebol. Afinal, como podem os homens

afirmarem-se enquanto 'tal' (quando para 'tal' se exige a demarcação do feminino), se as mulheres acedem justamente às práticas que os investem da sua própria identidade masculina. Trata-se, pois, da desnaturalização dos estereótipos tradicionais de gênero, como as feministas críticas têm defendido (Marivoet, 2014: 03).

Por isso, a militância feminina, ao reivindicar direito à igualdade para as mulheres em diversos setores, também deve (e o faz) no campo esportivo, pois esse é de direito também das mulheres e pode romper com preconceitos e estereótipos de gênero, como apontado em estudos realizados, por exemplo, por Birrel e Cole (1990) e Migliaccio e Berg (2007).

Nesse contexto os meios de comunicação também possuem um papel importante, pois, podem disponibilizar espaços mediáticos para as mulheres atletas, apresentando seus desafios, superações e dificuldades na inserção na prática de esportes, ou podem, ao contrário, por meio de representações inadequadas, promover a objetificação do corpo da mulher, reafirmando estereótipos e discursos preconceituosos estabelecidos.

A mulher no jornalismo esportivo brasileiro

Em relação à carreira jornalística, a inserção feminina seguiu as mesmas dificuldades enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho em geral. Ou seja, o ingresso não ocorreu naturalmente, mas após diversas insistências. No entanto, se historicamente o jornalismo era um campo majoritariamente masculino, na contemporaneidade, as mulheres têm conseguido um espaço significativo, onde é possível, inclusive, verificar que o número de mulheres jornalistas ultrapassou o número de homens atuando nessa profissão.

Conforme a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) e o Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina (2015), o perfil majoritário dos profissionais de jornalismo é formado por pessoas solteiras, com até 30 anos, sendo que as mulheres representam 64% desses profissionais, enquanto os homens 36%. Apesar disso e dessa

ocupação feminina no jornalismo, o reconhecimento dos profissionais não é igualitário, já que o salário médio pago às mulheres é menor do que o pago aos homens (65% das mulheres recebe no máximo 5 salários mínimos, enquanto em relação aos homens, 50% desses recebem um valor superior a essa faixa salarial).

Além disso, mesmo sendo maioria no campo jornalístico, as mulheres não consistem a maioria dos jornalistas em todas os setores, sendo o esporte, uma dessas editorias onde a presença feminina ainda é ínfima (como será demonstrado neste artigo). No entanto, apesar dessa pequena participação, estudos históricos (Bueno; Marques, 2017) revelam que a atuação das mulheres nessa área tem aumentado consideravelmente nos últimos anos, havendo, inclusive, nomes femininos de destaque, como é o caso de Renata Fan (da Bandeirantes), Glenda Koslowski (da TV Globo), e, Fernanda Gentil (da TV Globo).

Um dos primeiros registros de uma mulher jornalista atuando nesse campo é de Ana Amélia, que na década de 30 era responsável pela redação de crônicas esportivas, atuando, portanto, no segmento opinativo e não no informativo. De acordo com Regina Ramos (2010: 238), Maria Helena Rangel (com registro profissional de 1948) foi, de fato, a primeira mulher considerada jornalista esportiva no Brasil. Já, conforme matéria redigida pela Faculdade de Artes Alcântara Machado pertencente às Faculdades Integradas Alcântara Machado - FIAMFAAM (2015), foi Germana Garilli a primeira mulher a atuar efetivamente nessa área. Germana Garilli (apelidada de Gegê) escreveu seu primeiro texto em 1962 para a *Tribuna Ituana* e foi reconhecida pela Federação Paulista de Futebol como a primeira mulher a realizar cobertura de futebol em campo.

Ao final dos anos de 1960, destacou-se, ainda outro nome feminino, Marilene Dabus, responsável por entrevistar atletas e jogadores para o *Jornal dos Sports*. E, em 1970, ocorreu o maior marco do pioneirismo da participação feminina no jornalismo esportivo brasileiro: foi lançada em São Paulo a Rádio Mulher, que propunha um programa esportivo inovador, pois era visualizado e protagonizado majoritariamente por mulheres, com uma programação

elaborada por e para elas. A proposta era que todos os profissionais envolvidos nesse projeto fossem mulheres, desde motoristas, repórteres, narradoras até editoras. Foi, inclusive, nesse programa que aconteceu o que foi considerada a primeira narração esportiva elaborada por uma mulher no Brasil, sendo a narradora a jornalista Zuleide Ranieri. Nesse programa também se destacaram Claudete Troiano (repórter e narradora), Jurema Yara e Leilah Silveira (comentaristas), Marli (repórter de campo) e Léa Campos (analista de arbitragem). Vale ainda apontar, que a Rádio Mulher manteve essa proposta até seu fechamento em 1976 (Museu do Futebol, 2016).

Na década de 1980 despontou a repórter esportiva Regiani Ritter, responsável pela cobertura da Copa do Mundo de 1994, tornando-se a primeira mulher a fazê-lo. Sua importância e reconhecimento foi tal que em 2010 a Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo (ACEESP) criou, com o nome da repórter, uma categoria que premeia anualmente um destaque feminino no jornalismo esportivo.

Na televisão (objeto específico deste estudo), as primeiras mulheres a se destacarem foram Claudete Troiano (nos anos de 1980), Mylena Ciribelli (final dos anos 80) e Luciana Mariano (nos anos de 1990). Além dessas, também podemos apontar a jornalista Isabela Scalabrini, que na década de 1980 passou atuar como repórter para o Globo Esporte, sendo considerada a única mulher do departamento de esportes da Rede Globo naquele período. Em relação a sua inserção nesse campo, a jornalista afirmou que: “não pegava matéria do Jornal Nacional e nem pegava futebol. Eu notava que tinha essa resistência mesmo sabe! Uma mulher em campo? O que ela vai poder fazer? Isso demorou bastante, eu entrei em 80, mas só consegui começar a fazer matéria boa, de rede, em 83” (Scalabrini apud Siqueira, 2015: 42).

Ainda na década de 1990, Silvia Vinhas (trabalhando na TV Bandeirantes) foi considerada a primeira mulher a atuar na cobertura de eventos automobilísticos e Ana Cláudia Zimmermann Sachser se destacou como repórter da Rede Globo. Em relação à atuação de Ana Cláudia, Núbia Tavares (2015) apontou que ela teve um valor incalculável,

afinal, o futebol sempre foi tido como coisa de homem. São poucas as que se arriscam no jornalismo esportivo. Segundo, porque as poucas que atuavam normalmente atuavam na apresentação de programas esportivos. E terceiro, porque ser repórter de campo, titular, e ainda por cima na Rede Globo, já é uma tarefa hercúlea para os homens. Mas nada que fosse impossível para uma mulher.

Por fim, ressaltamos ainda a jornalista Renata Fan, considerada em 2007, a primeira mulher na TV brasileira a ser âncora em uma mesa de debates futebolístico. Considerando essa trajetória apontada neste artigo, observamos que a participação das mulheres no jornalismo esportivo brasileiro despontou a partir dos anos de 1970. De acordo com Alzira A. de Abreu e Dora Rocha (2006: 10),

até os anos 60 as mulheres entravam nas redações confirmando o seu papel feminino, ocupando espaço nos cadernos ou nas revistas femininas, nas seções de moda, de receitas culinárias, de conselhos sobre educação infantil e comportamento familiar, ou escrevendo crônicas e contos voltados para o público feminino. Os assuntos 'sérios' eram reservados aos homens.

Com exceção da Rádio Mulher, que possuía quase que exclusivamente mulheres em seu quadro de profissionais (inclusive técnicas e motorista), nos demais casos as participações femininas nesse ambiente ocorreram (e ainda ocorrem) de forma isolada. Na televisão, a inserção feminina foi ainda mais tardia, ocorrendo nas décadas de 1980 e 1990 os três primeiros casos de destaque. Outro fator a destacar foi em relação à participação dessas mulheres e os cargos assumidos por elas, sendo essas majoritariamente repórteres ou apresentadoras, sendo que na contemporaneidade ainda há funções estritamente masculinas no âmbito do jornalismo esportivo na TV brasileira (como veremos a seguir).

Metodologia

Para realização deste artigo, foi utilizada uma pesquisa quantitativa aplicada em programas de esportes veiculados em canais brasileiros de televisão aberta, onde foram enumerados os profissionais femininos e

masculinos (apresentadores, comentaristas e narradores) presentes em cada um dos programas. Para tal, portanto, utilizou-se a metodologia da Análise do Conteúdo com o objetivo de mensurar a presença dos profissionais mulheres e homens. Nossa amostra referiu-se às edições veiculadas em dois momentos distintos: em março de 2015 e em novembro de 2017, sendo que a coleta de dados ocorreu por meio de informações extraídas das páginas virtuais dos respectivos programas e/ou canais.

Para levantamento de dados, foram pesquisados todos os canais da televisão aberta brasileira, sendo eles, em maio de 2015: RIT, TV Aparecida, Bandeirantes, Rede TV, TV Gazeta, TV Record, TV Cultura, Rede Globo, Canção Nova e SBT. Nesses, observou-se que em março de 2015, foram veiculados 24 programas de esportes: RIT Esportes (TV RIT), Brasil Esportes (TV Aparecida), Gol: o grande momento do futebol (Bandeirantes), Jogo Aberto (Bandeirantes), Os Donos da Bola (Bandeirantes), Terceiro Tempo (Bandeirantes), Tudo Azul (Bandeirantes), Band Esporte Clube (Bandeirantes), Futebol 2015 (Bandeirantes), Bola Dividida (Rede TV), Bola na Rede (Rede TV), XFC (Rede TV), Gazeta Esportiva (TV Gazeta), Mesa Redonda (TV Gazeta), Vida de Atleta (TV Gazeta), Super Esporte (TV Gazeta), Esporte Fantástico (TV Record), Cartão Verde (TV Cultura), Auto Esporte (Globo), Esporte Espetacular (Globo), Globo Esporte (Globo), Futebol 2015 (Globo), Corujão do Esporte (Globo) e Treino da Fórmula 1 (Globo). E, em novembro de 2017, foram veiculados 20 programas: Brasil Esportes (TV Aparecida), RIT Esportes (TV RIT), Cartão Verde (TV Cultura), Esporte Fantástico (TV Record), Jogo Aberto (Bandeirantes), Os Donos da Bola (Bandeirantes), Band Esporte Clube (Bandeirantes), Terceiro Tempo (Bandeirantes), NBB Caixa (Bandeirantes), Porsche G3T (Bandeirantes), Super Liga do Vôlei (Rede TV), Super Faixa do Esporte (Rede TV), Série B (Rede TV), Bola na Rede (Rede TV), Mesa Redonda (TV Gazeta), Gazeta Esportiva (TV Gazeta), Globo Esporte (TV Globo), Futebol (TV Globo), Esporte Espetacular (TV Globo), Treino da Fórmula 1 (TV Globo).

Todos os programas acima foram avaliados conforme a proposta apontada referente à análise do conteúdo. Segundo Heloiza Herscovitz (2008),

a análise do conteúdo geralmente é utilizada quando se busca responder uma ou mais das seguintes questões: o que diz os meios de comunicação? Para quem? Em que medida? E com que efeito? No caso do objeto estudado neste artigo, mensurando essa participação, foi possível quantificar os profissionais (comentaristas, narradores e apresentadores) envolvidos na transmissão dos programas esportivos, comparando quantitativamente a participação de homens e mulheres, para verificar se houve um equilíbrio ou uma discrepância na participação desses nesse formato de programa televisivo. Também foi possível comparar o quadro apresentado em 2015 com o apresentado em 2017, observando se nesses dois anos e meio houve alguma mudança significativa em relação à participação feminina nessas funções.

Profissionais nas funções narração, comentário e apresentação nos programas esportivos da TV aberta brasileira

A partir de uma mensuração dos profissionais narradores, comentaristas e apresentadores nos programas dos canais abertos da TV brasileira, constatou-se que em 2015, dos 24 programas vigentes, apenas 11 (47,8%) possuíam os profissionais femininos de comunicação estudados nesta pesquisa (narração, comentário e apresentação), sendo 12 o número de programas que excluíam a mulher desse quadro, ou seja, que possuíam apenas homens nas funções estudadas. Já em 2017, dos 20 programas veiculados, apenas 8 (40%) contaram com ao menos a participação de uma mulher nas edições estudadas nas funções de comentário, narração ou apresentação.

Nesse sentido, observa-se que nesses dois anos e meio, houve uma diminuição dos programas esportivos veiculados na TV brasileira (de 24 programas veiculados em 2015, passou-se a apresentar 20 programas em 2017), da mesma maneira o número de programas com participações femininas também foi reduzido, de 12 em 2015, passamos a ter 8 em 2017 (uma queda que representa 33,33% dos programas).

Outro fator avaliado foi em relação ao número total de profissionais em cada programa transmitido nesses períodos. Assim, ao mensurarmos o número de profissionais mulheres em relação ao número total de profissionais nessas funções, verificamos que essas representaram apenas 22,7% dos profissionais presentes no jornalismo televisivo em 2015, o que contabilizou um total de 15 mulheres dos 66 profissionais nesses cargos.

Em 2017, ao compararmos essa representação feminina em relação ao quadro de profissionais homens, observamos que a invisibilidade foi ainda maior do que a apresentada em 2015, já que dentre todos os profissionais estudados, as mulheres representaram apenas 15,2%, contabilizando 12 mulheres em 79 profissionais narradores, comentaristas e apresentadores.

Além disso, também foram mensurados os profissionais conforme as suas respectivas funções. Em 2015, essas mulheres que representaram 22,7% dos profissionais assumiram exclusivamente o cargo de apresentação, enquanto os homens que representaram 77,3% dos profissionais assumiram os cargos de apresentação, narração e comentário. O mesmo ocorreu no ano de 2017, onde todas mulheres exerceram a função de apresentação e os homens, além dessa função, também, atuaram como comentaristas e narradores.

Ao compararmos os resultados obtidos em 2015 com os de 2017 verificamos um quadro semelhante de participação feminina, conforme pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 1: Tabela comparativa 2015 e 2017: Funções dos profissionais (apresentação, comentário e narração) em programas esportivos brasileiros

	2015		2017	
	♂	♀	♂	♀
Apresentação	18	15	16	12
Comentário	26	0	45	0
Narração	7	0	6	0
Total	51 (77,3%)	15 (22,7%)	67 (84,8%)	12 (15,2%)

Fonte: Elaborada pelos autores.

Conforme Tabela 1, observa-se que as mulheres ocuparam exclusivamente o cargo de apresentação, cuja função consiste em “conduzir o programa e, em alguns casos, mediar entre a instância de enunciação e os telespectadores, capitalizando para si a responsabilidade de proposição,

manutenção, modulação e gradação dos telejornais” (Curvello; Duarte, 2009: 69). Nesse sentido, é importante a credibilidade desse profissional, pois sua imagem está relacionada à confiabilidade das informações que irá noticiar. No entanto, não exige muito conhecimento técnico, pois não interfere apontando novas informações.

Em relação ao comentário, exercido exclusivamente por profissionais do sexo masculino, a função é de “contextualizar a notícia, apresentando uma visão sobre os fatos, com observações e análises que ajudam o cidadão a compreendê-lo e formar uma opinião acerca do assunto. Em resumo, ele deve enriquecer o que está sendo dito sobre determinado tema fazendo conexões entre fatos, agregando informações” (Lemos apud Portal Imprensa, 2017: 01), por isso, é importante que comentaristas tenham um vasto conhecimento do esporte, das equipes e momentos históricos importantes, a fim de promover um debate crítico e inovador.

Já ao narrador (função também exercida exclusivamente por homens) cabe a responsabilidade de “ancorar o programa de aquecimento e relatar o jogo, interagindo com os demais integrantes e com os ouvintes” (Tavares, 2011), por isso, é necessário ter conhecimento a respeito das regras do esporte, bem como ter emotividade na fala.

Nesse sentido, são os narradores e comentaristas responsáveis pelo debate aprofundado sobre a temática, bem como trazer informações adicionais ao telespectador. São os profissionais responsáveis efetivamente pelo debate e produção do conhecimento esportivo no jornal televisivo, cabendo a esses o *ethos* do discurso esportivo.

Como observado na Tabela 1, tanto em 2015 e em 2017, essas funções foram desempenhadas exclusivamente por homens, sendo que nesse período houve um aumento de 73% dos profissionais comentaristas (havia 26 em 2015 e passou para 45 em 2017) e todos esses novos contratados (19 profissionais) foram do sexo masculino.

Observa-se, portanto, que além da baixa participação das mulheres (22,7% em 2015 e 15,2% em 2017), essa participação se restringiu exclusivamente ao cargo de apresentação (em relação às funções estudadas), ou seja, a responsabilidade da mulher foi basicamente de conduzir o

programa, apresentando o que seria veiculado naquela edição. Já aos homens couberam as demais funções como de narração e comentário cuja atuação remete conhecimento da área e confiabilidade do profissional sobre o assunto. Assim, observou-se que à mulher competiu exhibir os conteúdos que seriam aprofundados, debatidos e produzidos por homens, cabendo a esses o efetivo debate e construção do conhecimento a respeito do esporte.

Além disso, considerando as funções de apresentação, comentário e narração, vale ainda apontar que o número de profissionais homens aumentou 31,4% (passando de 51 para 67) enquanto o de mulheres diminuiu 20% (passando de 15 para 12) de 2015 a 2017. Portanto, ao invés de observarmos um progresso na participação feminina no cenário do jornalismo esportivo, acompanhando o progresso de avanço de conquistas de direitos e espaços pelas mulheres, observamos que, nesse ambiente, houve um retrocesso quanto à contratação de novos profissionais do gênero feminino.

Nesses dois anos e seis meses, houve um aumento no quadro de profissionais que atuam como narradores, apresentadores e comentaristas, mas esse aumento foi representado apenas pela contratação de profissionais do gênero masculino.

Outro fator de destaque foi em relação às funções exercidas pelos profissionais, em 2015 a mulher exercia exclusivamente o cargo de apresentadora e em 2017 manteve apenas nessa função, ou seja, não houve redistribuição das responsabilidades exercidas conforme o gênero dos profissionais, cabendo os cargos de narração e comentário a respeito do cenário esportivo exclusivamente aos homens, em ambos os momentos estudados.

Considerações Finais

Apesar das novas conquistas feministas e da inserção de mulheres na esfera pública, a cultura androcêntrica ainda é uma realidade na sociedade contemporânea, afetando relações sociais, políticas, profissionais, econômicas e culturais (Alvarez, 2002; Bourdieu, 2003; Moreno, 2008). Diante disso, movimentos feministas ainda são atuantes, possuindo pautas de

reivindicações voltadas para espaços e direitos ainda não conquistados, como é o caso da revalorização da imagem mediática das mulheres, com representações adequadas e respeitadas, que abranjam a complexidade feminina como sujeito social e suas habilidades e valores. Essas representações adequadas são necessárias, pois os meios de comunicação podem colaborar com a afirmação ou questionamento de valores de gênero (Moreno, 2008).

Considerando essas questões, este trabalho analisou em programas da televisão aberta brasileira, a presença quantitativa de mulheres nas funções de apresentação, narração e comentário, nas edições veiculadas em maio de 2015 e novembro de 2017. O objetivo desta análise foi de verificar, se esses programas ainda consistem em um campo predominantemente masculino, e, portanto, ainda transmitem subjetivamente o conceito de que o esporte consiste em uma atividade de interesse dos homens, mantendo as mulheres excluídas desse campo. Além disso, o objetivo também foi de comparar os dados de dois anos distintos, para verificar se houve um avanço de participação de mulheres nesse cenário, durante os períodos analisados.

Para tal, foi realizada a análise do conteúdo, para contabilizar o número de profissionais (comentaristas, apresentadores e narradores) homens e mulheres nos programas de esportes veiculados na televisão aberta brasileira no período de março de 2015 e de novembro de 2017. Verificou-se que nos 24 programas de esportes veiculados em 2015, havia 66 profissionais com os cargos analisados, sendo que desses, 15 (22,7%) eram mulheres e 51 (77,3%) homens, e, nos 20 programas veiculados em 2017, dos 79 profissionais, 12 (15,2%) eram mulheres e 67 (84,8%) eram homens.

A partir disso, conclui-se que a veiculação do esporte nos meios de comunicação ainda é uma atividade de responsabilidade majoritariamente masculina, já que a participação feminina foi de apenas 22,7% (2015) e 15,2% (2017) referente aos profissionais envolvidos na comunicação da informação esportiva ao telespectador.

Além disso, foi verificado que nesses dois anos e meio não houve contratações significativas de mulheres, repercutindo em uma queda de 20%

das profissionais mulheres entre 2015 e 2017 no quadro profissional referente aos cargos analisados. Esse fato, vai de encontro com a ideia de que as mulheres têm conquistado novos espaços no jornalismo esportivo, já que não foi isso o ocorrido nos programas televisivos analisados.

Nesse sentido, observamos que apesar de a mulher ter conquistado vários espaços considerados historicamente como masculinos, ainda há esferas nas quais a presença masculina ainda é predominante, como ocorre na transmissão de conteúdos esportivos na televisão aberta brasileira. Nesse aspecto, vale ressaltar que tanto o jornalismo como o esporte participam da construção social de gênero, ao representar socialmente e midiaticamente características do que é masculino e feminino, por isso, a importância deste tipo de debate e de novos espaços de atuação para mulheres nesse cenário.

Referências

ABREU, Alzira Alves; ROCHA, Dora. (2006). *Elas ocuparam as redações: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: FGV.

ADELMAN, Miriam. (2004). O desafio das amazonas: a construção da identidade de mulheres como atletas e amazonas do hipismo clássico (salto) brasileiro. In: *O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero e desempenho*. São Paulo: Aleph.

ALVAREZ, A. M. (2002). *O feminismo ontem e hoje*. Lisboa: Ela por ela.

ASSIS, L; CARRIERI, A; CORREA, A; GONTIJO, M; MELO, M. (2007). Soldadinhos-de-chumbo e bonecas: representações sociais do masculino e feminino em jornais de empresas. In: *Revista de Administração Contemporânea*. Curitiba, nº 02. Abr/jun 2007.

BIRREL, S.; COLE, C. L. (1990). *Double fault: Renne Richards and the construction and naturalization of difference*. In: *Sociology of sport journal*, 7(1), p. 1-21.

BOURDIEU, P. (2003). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

BUENO, N. C. (2010). *Jornalismo impresso e relações de gênero: enquadramentos da Folha de S. Paulo e d'O Estado de S. Paulo de um caso de hostilização a uma estudante*. Dissertação de mestrado. Bauru, FAAC/UNESP.

BUENO, N. C.; MARQUES, J. C. (2017). O pioneirismo da participação feminina no jornalismo esportivo brasileiro: foi (e ainda é) preciso suar a camisa. In: *Diversidade, acessibilidade e direitos: diálogos com a comunicação*. São Paulo (SP): Cultura Acadêmica, p. 43-58.

CONCEIÇÃO, Paulo Felix Marcelino; CORTEZ, José Alberto Aguilar; SIMÕES, Antonio Carlos. (2004). *Mulher e esporte de competição e rendimento: as várias fases do social, do biológico e do psicológico*. In: *O*

mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero e desempenho. São Paulo: Aleph.

CURVELLO, Vanessa; DUARTE, Elizabeth Bastos. (2009). Telejornais: quem dá o tom? In: Televisão e realidade. Salvador: Edfba.

DACOSTA, L.; TURINI, M. (2002). Coletânea de textos em estudos olímpicos. Rio de Janeiro: Gama Filho.

DEVIDE, Fabiano P. (2005). Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos. Ijuí: Unijuí.

FENAJ; UFSC. (2016). Quem é o jornalista brasileiro? Perfil da profissão no país. Disponível em:

http://www.fenaj.org.br/reinstitu/pesquisa_perfil_jornalista_brasileiro.pdf.

Acesso em: 25 jan. 2016.

FIAMFAAM. (2016). A crescente participação das mulheres no jornalismo esportivo. Disponível em: <http://www.fiamfaam.br/momento/?pg=leitura&id=5709&cat=1>. Acesso em: 25 jan 2016.

FREIRE FILHO, João. (2005). Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. In: Famecos, Porto Alegre, n. 28, p. 18-29.

HERZCOVITZ, Heloiza G. (2008). Análise de conteúdo em jornalismo. In: Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Vozes.

KNIJINIK, Jorge D.; SOUZA, Juliana S. S. (2004). Diferentes e desiguais: relações de gênero na mídia esportiva brasileira. In: O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero e desempenho. São Paulo: Aleph.

KNIJINIK, Jorge D (Org.). (2010). Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Apicuri.

MARIVOET, Salomé. (2014). Relações de gênero no desporto e no futebol: percursos e tendências. In: II Simpósio internacional de estudos sobre futebol.

MIGLIACCIO, T. A. & BERG, E. C. (2007). Women's participation in tackle football: an exploration of benefits and constraints. In: International Review for the Sociology of Sport, 42(3), p. 271-287.

MORENO, R. (2008). A beleza impossível. São Paulo: Agora.

MUSEU DO FUTEBOL. (2016). Visibilidade para o futebol feminino. Disponível em: <https://www.google.com/culturalinstitute/exhibit/visibilidade-para-o-futebol-feminino/gQuX4AOf?position=120%2C0>. Acesso em: 26 jan 2016.

PORTAL DOS JORNALISTAS. (2016). Regiani Ritter: pioneirismo dentro e fora dos gramados. Disponível em: <http://portaldosjornalistas.com.br/noticias-conteudo.aspx?id=224>. Acesso em: 28 jan 2016.

PORTAL IMPRENSA. (2017). Preparação e tempo de estrada são essenciais para se tornar comentarista esportivo. Disponível em: http://www.portalimprensa.com.br/especialcarreira/mercado_05.asp. Acesso em: 20 ago 2017.

RAMOS, Regina Helena de Paiva. (2010). Mulheres jornalistas: a grande invasão. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Faculdade Cásper Líbero.

ROMERO, Elaine. (2016). A hierarquia de gênero no jornalismo esportivo. Disponível em:

http://www.im.br/site_1/faculdades/educacao_fisica/estudo_muculacao/ANAIS_III_Forum_Mulher_Esporte_Mitos_e_Verdades.pdf. Acesso em 10 abr. 2016.

SIQUEIRA, Shymenne Costa. (2015). Jornalismo Esportivo: a inserção da mulher jornalista no núcleo esportivo das emissoras de TV de Belo Horizonte. Disponível em:

<http://www.convergencia.jor.br/bancomonos/2005/Shymenne.pdf>. Acesso em 28 out 2015.

TAVARES, Mariza. (2011). Manual de redação CBN. São Paulo: Globo.

TAVARES, Núbia (2015). Ana Zimmermann: pioneira no futebol da Globo. Disponível em:

<http://www.papodebola.com.br/papoespecial/20050727.htm>.

A OBSESSÃO FEMININA PELO CORPO SARADO: UM ESTUDO DE CASO COM FISCULTURISTAS NA REDE SOCIAL INSTAGRAM

Tainá Bernardes

Centro Universitário Luterano de Palmas (Brasil)

Irenides Teixeira

Centro Universitário Luterano de Palmas (Brasil)

Resumo

A pesquisa disserta sobre os impactos das influências da mídia sobre a geração fitness no que concerne a percepção corporal das mulheres e a maneira em que se apresentam em rede. Com isso, buscou-se verificar fatores psicológicos desencadeantes e/ou mantenedores por trás da busca feminina pelo corpo perfeito pós-moderno junto ao uso do aplicativo Instagram. Coube aos procedimentos metodológicos uma pesquisa aplicada em campo embasada pelo método dialético com abordagem qualitativa e objetivo metodológico explicativo, cujos procedimentos técnicos foram pautados por uma pesquisa bibliográfica e documental e estudo de caso. Foram analisadas entre janeiro de 2017 a dezembro de 2017 as publicações de dois perfis de atletas femininas do fisiculturismo na rede social Instagram e foi verificado que o aplicativo engloba questões significativas observados na cultura da sociedade pós-moderna. Dessa maneira, este trabalho pretendeu contribuir para a compreensão dos fenômenos e fatores psicológicos atuais que tem influências na percepção corporal e que estão presentes na relação entre o uso do aplicativo Instagram como instrumento de controle midiático e marketing e na constituição das representações socioculturais que provocam os novos formatos de percepção corporal contemporâneo.

Palavras-chave: Instagram. Corpo. Fisiculturismo. Percepção corporal.

La obsesión femenina por el cuerpo sarado: un estudio de caso con fisicoculturistas en la red social Instagram

Resumen

La investigación disserta sobre los impactos de las influencias de los medios sobre la generación fitness en lo que concierne a la percepción corporal de las mujeres y la manera en que se presentan en red. Con ello, se buscó verificar factores psicológicos desencadenantes y / o mantenedores detrás de la búsqueda femenina por el cuerpo perfecto posmoderno junto al uso de la aplicación Instagram. En el presente trabajo se analizaron los resultados obtenidos en el análisis de los resultados obtenidos en el estudio. Se analizaron entre enero de 2017 a diciembre de 2017 las publicaciones de dos perfiles de atletas femininas del culturismo en la red social Instagram y se

verificó que la aplicación engloba cuestiones significativas observadas en la cultura de la sociedad posmoderna. De esta manera, este trabajo pretendió contribuir a la comprensión de los fenómenos y factores psicológicos actuales que tienen influencias en la percepción corporal y que están presentes en la relación entre el uso de la aplicación Instagram como instrumento de control mediático y marketing y en la constitución de las representaciones socioculturales que provocan nuevos formatos de percepción corporal contemporánea.

Palabras clave: Instagram. Cuerpo. Culturismo. Percepción corporal.

Abstract

The research discusses the impact of media influences on fitness generation regarding women's perceptions of the body and how they are presented in a network. Thus, we sought to ascertain psychological triggering factors and / or maintainers behind the female search for the perfect postmodern body along with the use of the Instagram application. Methodological procedures applied to a field research based on the dialectical method with a qualitative approach and explanatory methodological objective, whose technical procedures were guided by a bibliographical and documentary research and case study. Between January 2017 and December 2017, the publications of two profiles of female athletes of the bodybuilding in the social network Instagram were analyzed and it was verified that the application encompasses significant questions observed in the culture of the postmodern society. In this way, this work intends to contribute to the understanding of current psychological phenomena and factors that have influences on body perception and that are present in the relationship between the use of the Instagram application as an instrument of media control and marketing and in the constitution of the sociocultural representations that provoke the new forms of contemporary body perception.

Keywords: Instagram. Body. Bodybuilding. Body perception.

Introdução

Atualmente tem-se a pós-modernidade sendo marcada após a segunda metade do século XX, onde é demarcada por um movimento contra o pós-industrialismo promovendo um sentimento de mudanças socioculturais embasadas pela sociedade de consumo (Lemos, 2013) que tem como referência a felicidade. A noção de felicidade surge como algo que deveria ser livremente oferecido e de forma “mágica” associada à noção de bem-estar.

Então TÜRCKE (2010) agrega a essa noção a filosofia da sensação, ou seja, indivíduos têm buscado estar em evidência, serem notados, e essa busca

pela atenção torna-os os próprios objetos, a partir da busca complementar dessa felicidade desejada. Há um espaço de correlação e dependência entre corpo, meio social e interação social. A linha tênue entre os três elementos funciona como um espelho, sendo refletido o que a educação cultural e social de determinado indivíduo permite. Isso quer dizer que os sujeitos se veem da maneira como aprendem na interação com o mundo e suas educações sobre o assunto (Le Breton, 2006).

Baudrillard (2010) cita o corpo como o próprio objeto digno de investimento pessoal. Tal objetificação torna-se um campo propício à era do consumismo, das influências midiáticas e do culto ao corpo atlético e escultural, o que Guy Debord (1997) denomina como uma sociedade do espetáculo, ou seja, aquela em que se abstém da cultura de uma sociedade e utiliza a representação como instrumento de manipulação dos sujeitos, uma vez que a imagem funciona como um reflexo da sociedade.

Por este motivo, essa pesquisa pretende discorrer sobre a busca pelo corpo sarado por meio do fisiculturismo exposto em rede e, dessa maneira, promover reflexão sobre o que de fato move essas mulheres nesse meio de exaltação do corpo físico por meio de observação das narrativas agregadas ao corpo feminino, o corpo como objeto de desejo e atenção no Instagram e os riscos decorrentes da obsessão do (re)modelamento dos corpos como instrumento de exibição nesta rede social, além da consideração sobre o uso da rede Instagram como meio social de influência sobre a percepção do próprio corpo e aceitação pública.

Segundo Baudrillard (2010) o corpo é entendido como o mais belo objeto de consumo e funciona como um novo modo de socialização, justificando a intenção desse estudo em compreender e explicar como a ascensão da mídia influência o corpo na busca de se enquadrar na “geração *fitness*”. Isso pode ser facilmente percebido atualmente com o avanço das tecnologias na palma da mão, pois, temos a ascensão das mídias sociais de compartilhamento de fotos como a nova cultura a reger o comportamento e o *modus vivendi* dos sujeitos pós-modernos. Para o mesmo autor, isso acontece porque a sociedade pós-moderna é regida por um sistema de compulsão que é

o fantoche das indústrias da moda ditadas por imagens pelas tecnologias de marketing.

Baudrillard (2010) ainda fala sobre o investimento narcísico proveniente de uma relação diferencial, uma vez que o objeto passa a ser valorizado por aspectos não necessários e perde o seu valor de uso vindo a ser a “solução de um conflito social ou psicológico”. Isso acontece porque os aspectos que passam a ser valorizados na pós-modernidade são subjetivos com caráter de prestígio social que se agregam ao produto (que é o corpo) seguindo a lógica formal imposta pela cultura midiática da moda, ou seja, se você não se encaixa nos padrões de beleza postados e compartilhados por imagens nas redes sociais, você provavelmente será “excluído” da sociedade.

Por meio das novas tecnologias científicas, a indústria do marketing introduz os padrões de beleza, gerando uma obsessão pela magreza agora definida como “barriga negativa”, o corpo musculoso, definido e escultural, ‘perfeito’. Samarão (2007) defende a ideia de que o liso, chapado e definido é o novo modelo, sendo que qualquer característica que foge a esse modelo é entendida como sinal de descuido ou preguiça, tornando-se cada vez mais objeto de design na cultura do culto ao corpo.

Sendo o corpo uma matéria finita passível de transformações, Stuart Hall (2014) fala sobre as “políticas de identidade”, ou seja, procuramos identificação e, dessa maneira nos apresentamos ao outro a partir dos nossos referenciais de significação e identificação, configurando-se ao mesmo tempo, como uma tentativa de controle do corpo e do eu. Woodward (1997) diz que a diferenciação é importante para que sejam constituídas as identidades, complementando o pensamento de Hall. Para ele, a identidade depende da diferença para consolidar-se.

Costa (2005) cita que a imagem corporal seria ramificada em três aspectos: intencionalidade, privacionalidade e representacionalidade sendo caracterizada como aspecto mental. Dessa maneira a imagem corporal é intencional, pois para tal precisa-se de um reconhecimento do outro, de um fator externo de referência e que, portanto, implica em uma coerção para que o sujeito se apresente de outras maneiras. É privada porque é simultâneo à

existência e “não existe imagem corporal sem um eu que a reconheça como “sua propriedade”. E é representacional, pois precisa-se reconhecer o eu e o outro e identificar essa diferenciação bem como os elementos descritivos e similares.

Na cultura do culto ao corpo o que é preconizado é uma obsessão pela forma física em busca de uma saúde que, segundo Costa (2005) tem se transformado em uma “verdadeira hipocondria cultural”. Russo (2005) discorre sobre o corpo ideal de determinada cultura concretizado em nosso próprio corpo. Para a autora “corpos que se veem fora das medidas, sentem-se cobrados e insatisfeitos. O reforço dado pela mídia em mostrar corpos atraentes faz com que uma parte de nossa sociedade se lance na busca de uma aparência física idealizada (p.2)”. Há um fator condicionante para a emersão do fenômeno que é a “desorientação pessoal pela perda dos valores tradicionais (Costa, 2005: 131)”.

Para entender melhor tal processo, torna-se importante citar a visão de corpo e o que Freud denomina como a formação do eu. Para a psicanálise freudiana, o corpo sofre influências de várias referências, o que leva a uma tendência ao narcisismo. Isso ocorre porque esse eu seria uma “projeção da superfície corporal” segundo Costa (2005). Portanto,

o eu, na formação narcísica, se auto-percebe como uma *gestalt* contínua, derivada da percepção imaginária do corpo como um envelope fechado. Em outras palavras, a identidade egóica é modelada pela imagem corporal que atende à demanda do outro. O outro - pais, adultos significativos, figuras culturais ideias - atribui ao sujeito uma completude física, emocional e moral proporcional à sua fantasia de perfeição e exige em troca a submissão a este ideal. Uma vez preso na montagem, o sujeito usará a sua imagem corporal para sustentar o interesse do outro por si (Costa, 2005).

Dessa maneira, a aparência física tem se tornado algo tão identitário que se assemelha à uma condição existencial na pós-modernidade. De tal maneira, a prática de exercícios físicos associados a alimentação equilibrada e saudável e/ou o uso de procedimentos estéticos e cirúrgicos permitem o alcance desse ideal de aparência promovendo os ganhos secundários como

por exemplo, autoestima, inserção em grupos socialmente relevantes para si, enfim, ganhos que possibilitem melhora na qualidade de vida individual.

Contextualizando a história do esporte no país, o fisiculturismo feminino no Brasil surge em meados dos anos 1980 através de uma influência americana e suas divulgações em mídia, livros e campeonatos onde, até então, a presença em academias eram predominantemente do público masculino. Em 1986, na terceira competição realizada no país, houve um fato inédito na história do esporte: uma atleta feminina consegue superar e vencer um homem.

No entanto, o público feminino ainda lida com muitos pré-conceitos quando tentam se inserir no campo do esporte e os fatores que provocam reação emocional são variados, como por exemplo: a estigmatização social, o estresse, a ansiedade, a frustração, a saúde (principalmente se a busca pela atividade física foi recomendada como auxílio ou para evitar uma doença). Da mesma maneira, pode ocorrer a reação emocional positiva, como por exemplo: aumento da autoestima, reconhecimento, redução do nível de estresse, aumento da libido e disposição entre outras séries de fatores. Contudo, ambos os fatores podem influenciar no rendimento do atleta caso estejam em excesso.

Com isso Barbanti (1994: 286) fala sobre a importância do treinamento como um evento que visa 'aumentar as capacidades energéticas de um indivíduo para determinada atividade', funcionando como um processo de adaptação aos esforços físicos e psíquicos. Dessa maneira as características psíquicas, como por exemplo, a motivação pode determinar o treinamento do indivíduo.

Com isso, este campo não deixa de ser imprescindível para a psicologia uma vez que aplicada ao esporte, a busca é em direção a entender os aspectos e fatores psicológicos que influenciam no desenvolvimento físico e a relação do esporte e do exercício físico para o desenvolvimento psicológico de uma pessoa, considerando o bem-estar, a saúde e a subjetividade do indivíduo (Weinberg; Gould, 2017).

Metodologia

O estudo pautou-se em uma pesquisa aplicada em campo, uma vez que a partir da temática levantada buscou-se produzir novos conhecimentos para aplicação prática em prol da solução de problemas específicos voltados a uma parte da população: neste caso, ao público feminino. O trabalho foi embasado pelo método científico dialético em uma abordagem qualitativa pretendendo explicar a origem de um determinado fenômeno e as relações e mudanças que tal fenômeno sofreu (Prodanov; Freitas, 2013). Com isso, a pesquisa pautou-se na compreensão dos aspectos da realidade do perfil de duas atletas em rede social e buscou-se explicar as relações do corpo em rede.

Para tal fim, os procedimentos técnicos foram: pesquisa bibliográfica para levantar os materiais já publicados sobre a temática, documental pois foram utilizados materiais os quais não obtiveram análises e estudo de caso uma vez que o foco do trabalho é direcionado aos eventos contemporâneos inseridos na realidade (Prodanov; Freitas, 2013). Portanto, a pesquisa teve como objetivo metodológico explicar sobre os fatores psicológicos determinantes ou associados (contribuintes) às práticas obsessivas do fisiculturismo feminino observados na rede social Instagram bem como a relação com as consequências, buscando seus significados em tais contextos. Ou seja, compreender e explicar como essas atletas têm experimentado e mostrado o corpo, e ainda a relação com as mídias sociais fotográficas.

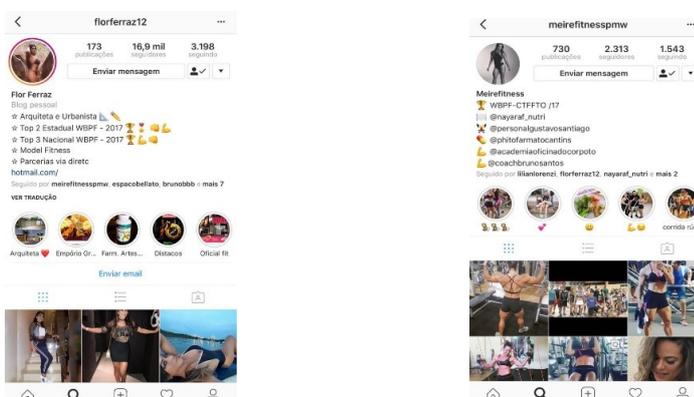
O *locus* da pesquisa foi a Rede Social Instagram (Ig) sendo considerados os perfis de duas atletas femininas do fisiculturismo, tendo sido analisadas as publicações referentes ao ano de 2017. O tipo de amostragem foi por conveniência, ou seja, foram realizados os convites por rede social Instagram e considerou-se aquelas que aceitaram primeiro. A amostra foi composta por duas atletas femininas de fisiculturismo que possuem perfil ativo no Instagram por no mínimo há um ano.

Os perfis de amostra foram compostos por @florferraz12 e @meirefitnesspmw. Essas duas atletas foram escolhidas por estarem participando de competições no ano da pesquisa, aceitarem ter os conteúdos

do perfil da rede social Instagram estudados e se encaixarem nos critérios de seleção. Os critérios de inclusão da pesquisa foram: ser do sexo feminino, ser atleta de qualquer modalidade do fisiculturismo, residir em Palmas-TO, ter um perfil ativo no Instagram há mais de 01 ano e publicar fotos sobre o corpo em seu perfil. O critério de exclusão foi a desistência de participar da pesquisa durante o tempo de coleta de dados. Foram consideradas variáveis neste estudo o tempo e frequência de utilização do Instagram, categoria no esporte fisiculturismo e quantidade de publicações sobre o corpo na rede social.

O perfil de @florferraz12 está ativo desde julho de 2015 e possui um total de 173 publicações e 16,9 mil seguidores.¹¹ Quanto ao perfil de @meirefitnesspmw, participante da pesquisa, está ativo desde outubro de 2014 e possui um total de 730 publicações e 2.313 seguidores. As imagens a seguir mostram o Ig das atletas.

Figura 1 - Ig das atletas



Utilizou-se como instrumento para coleta de dados o app 4K Stogram para fazer os downloads das publicações do perfil das atletas, após isso separou-se as publicações referentes ao ano de 2017 por pastas da seguinte maneira: as fotos em que aparecia com outras pessoas, sozinha e fotos em que não aparecia (outros). Feito isso foi montada uma tabela com todas as fotos, o mês de publicação, curtidas e comentários.

Após a coleta, foram feitas a tabulação dos dados levando em consideração a quantidade de publicações sobre o corpo em seus perfis, a

¹¹ Dados atualizados em abril de 2018.

forma de exposição do corpo nas fotografias e a relação da exposição do corpo com a publicidade. A análise dos dados foi baseada no método da análise do discurso e revisão bibliográfica sobre o assunto.

A análise do discurso proporciona melhor compreensão sobre a relação simbólica entre objeto e/ou fenômeno e sujeito e qual o sentido atribuído a estes (Orlandi, 2001). Foi realizada a análise das publicações nos perfis do Instagram no que compreende o período do ano de 2017 com o intuito de obter dados acerca da influência midiática e percepção corporal e suas repercussões nos comportamentos das mulheres.

Estima-se que a reflexão gerada promova, em algum nível, autoconhecimento, autonomia quando à conteúdos influenciadores em rede e promova questionamentos e discursos sobre a aceitação quanto a imagem corporal. Esses benefícios são retornáveis à comunidade por meio de material que fomente os questionamentos e reflexões quanto a essa realidade e a dura influência da cultura do corpo por imagens em redes de compartilhamento.

Resultados e discussões

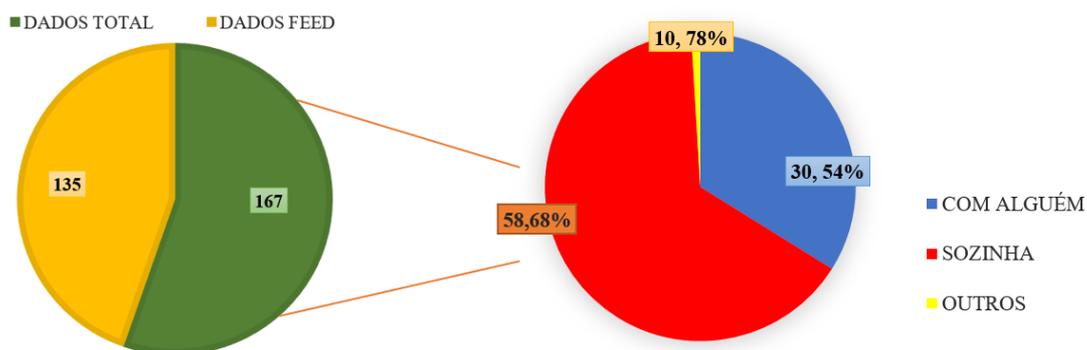
Inicialmente um resultado importante a ser discutido diz respeito as categorias verificadas no perfil de ambas atletas. Foi verificado as publicações no decorrer do ano de 2017 e com isso foram separadas nas seguintes categorias: total de publicações em feed, total de publicações no geral, publicações em que aparece com outras pessoas, sozinha, outros (para aquelas publicações em que elas não aparecem). Das publicações em que aparecem sozinhas criou-se mais três categorias: publicações de rosto (em que aparece até o busto), meio corpo (considerando as que aparecem até o tronco) e corpo inteiro (para publicações em que aparece até, pelo menos, a panturrilha). Das subcategorias meio corpo e corpo inteiro verificou-se ainda a forma como o corpo está apresentado, dentre as subcategorias: trajes íntimos (lingeries, biquínis e afins), trajes esportivos e trajes sociais.

Verificou-se ainda as publicações em que as atletas fazem algum tipo de publicidade de alguma marca, produto ou profissionais e foi dividido em duas

categorias, sendo: publicações de publicidade em que aparece com outras pessoas e em que aparece sozinha. Baseou-se para este último quesito, as publicações em que foram marcados perfil de algum profissional ou marca, ou ainda que a marca estivesse em evidência ou a legenda remetendo a publicidade ou serviço oferecido.

Portanto, obteve-se como os resultados gerais referentes as publicações do ano de 2017 de @florferraz12 um resultado de 135 publicações em seu feed e 167 publicações no total sendo que desse total as publicações em que aparece sozinha correspondem a maior quantidade de fotos e vídeos publicadas, correspondendo a aproximadamente 58,68% do valor total, conforme verificado no gráfico representado em seguida.

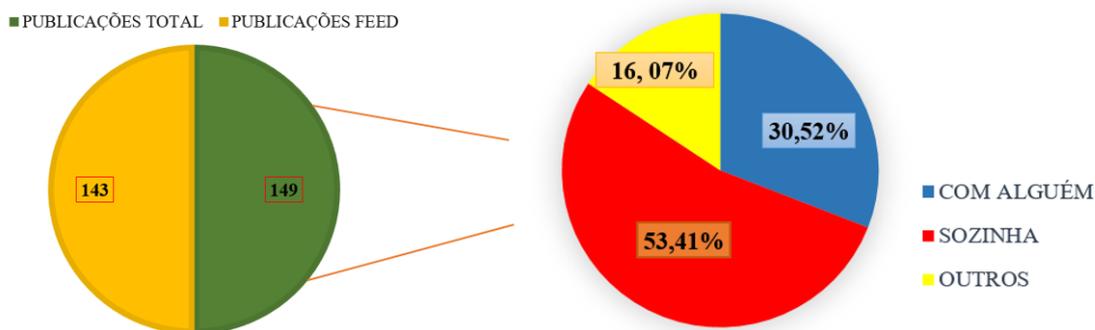
Figura 2 - Resultados quanto ao total de publicações do perfil @florferraz12



Esse resultado também foi verificado no perfil de @meirefitnesspmw, onde verificou-se que de um total de 149 publicações a maior categoria são as que aparece sozinha correspondendo a aproximadamente 53,41% do total, conforme exposto no gráfico seguinte.

Figura 3 - Resultados quanto ao total de publicações do perfil

@meirefitnesspmw



Quando Debord (1997) discorre sobre a sociedade do espetáculo ele diz respeito a valorização que as pessoas tem dado ao seu próprio eu, levando assim a instauração de uma era de valorização ao show do eu onde incentivamos as pessoas a desenvolverem um estado de megalomania digital¹², uma vez que a autoestima apresentada nem sempre é real mas a busca é por algo a mais, pela felicidade prometida, por ser diferente e mesmo que esse ideal seja alcançado, sempre haverá um algo a mais para ser atingido.

Tal fato vai ao encontro do que Goffman (2002) disserta sobre os indivíduos pós-modernos, cujos quais tem se voltado para si mesmos exaltando a valorização pessoal. A maneira como é representado essa valorização do eu é de fato um espetáculo reproduzido ao outro e essa representação e exposição da vida íntima na busca pelo reconhecimento exige cautela. Isso se justifica uma vez que muitas vezes consideramos um perfil, uma vida exposta na rede social e até buscamos nos espelhar na intimidade de outra pessoa, mas por vezes tudo o que é mostrado é apenas um simulacro, ou seja, dados manipulados pelo autor/usuário que mostram, na realidade, uma falácia com a intenção de apresentar ao público um espetáculo de si mesmo a partir daquilo que ele espera que os outros admirem nele.

Isso acontece porque por mais que o indivíduo seja autor, narrador e personagem ao mesmo tempo ele se constitui na relação com o outro, como já

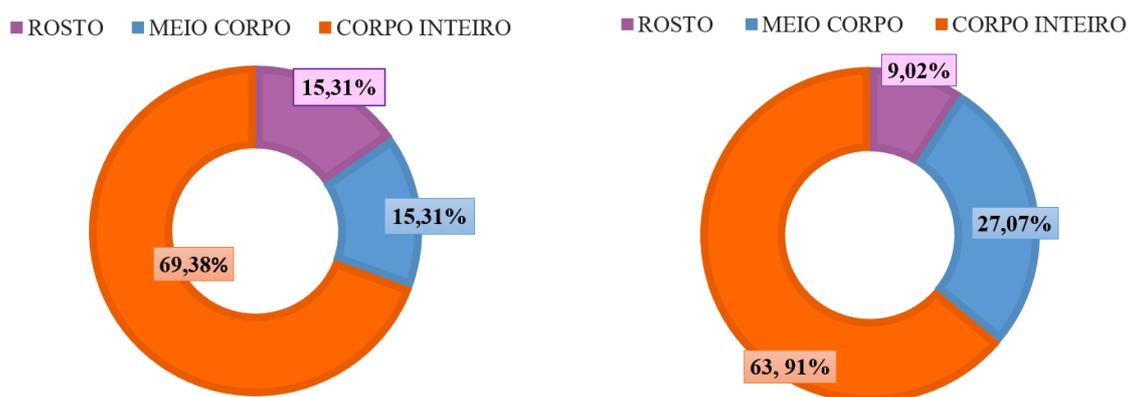
¹² Representação em rede das crenças e valorização exacerbada de um indivíduo em si mesmo e em suas qualidades.

pontuado por Le Breton (2006), e dessa maneira, constituído pela alteridade, a partir do olhar que o outro tem em relação ao estilo de vida, sobre si e sobre os outros, interferindo dessa maneira na subjetividade e na singularidade de cada um.

Com isso, podemos perceber que a relação que um indivíduo possui com a rede social é bem tênue, como pontua Le Breton (2006, p.7), uma vez que as atividades remetentes ao público “envolvem uma mediação da corporeidade” porque permitem que o indivíduo desenvolva a habilidade de percepção e sensação e a partir dessa experiência é que passamos a obter e agregar significados não só ao ambiente e aos outros, mais a nós mesmos.

Em relação ao corpo mostrado em rede, foi verificado também que há uma porcentagem muito maior de imagens mostrando o corpo inteiro do que em outras categorias. Verificando o perfil de @florferraz12 observa-se que das 98 publicações em que aparece sozinha aproximadamente 69,38% mostram o seu corpo inteiro, enquanto que no perfil de @meirefitnesspmw de um total de 133 publicações sozinha aproximadamente 63,91% se referem ao corpo inteiro, como apresentado nos gráficos a seguir.

Figura 4 - Categorias por corpo referente as publicações sozinhas



Tal forma de expor o corpo na rede social gira em torno do discurso estético atual e mais especificadamente, neste caso, da geração fitness, o que nos faz pensar que o discurso de Baudrillard (2010) em que o corpo sofre uma objetificação na pós-modernidade é real. Ninguém se relaciona no mundo

sozinho, e ao se relacionar com outra pessoa nós utilizamos o nosso corpo para alcançar essa finalidade, seja da maneira como for.

O que os autores estudados nesta pesquisa apontam como a utilização do corpo como uma forma de inclusão social é verificado se levarmos em consideração as análises dos dados, uma vez que os maiores índices estão voltados para a exposição de partes do corpo esbelto dessas atletas. Certamente mostrar o corpo faz parte do trabalho das fisiculturistas, mas e do outro lado da tela, qual é a subjetividade do seguidor que assiste ao seu perfil? Na literatura indicada já nos referimos à utilização da rede como forma de representação e identificação e na busca incansável de se encaixar em padrões, de se inspirar a partir da vida de um ator.

Como pontuado por Costa (2005), os sintomas corporais são divididos entre os transtornos da percepção da imagem corporal e entre os abusos na exploração das sensações corporais. Ambos os sintomas são perigosos, pois ao dar ênfase na lógica da geração fitness exposta no Instagram estamos incitando ao desejo pelo que é mostrado disparando uma busca por se encaixar nos padrões expostos, como se estivesse nos assumindo como algo menos interessante.

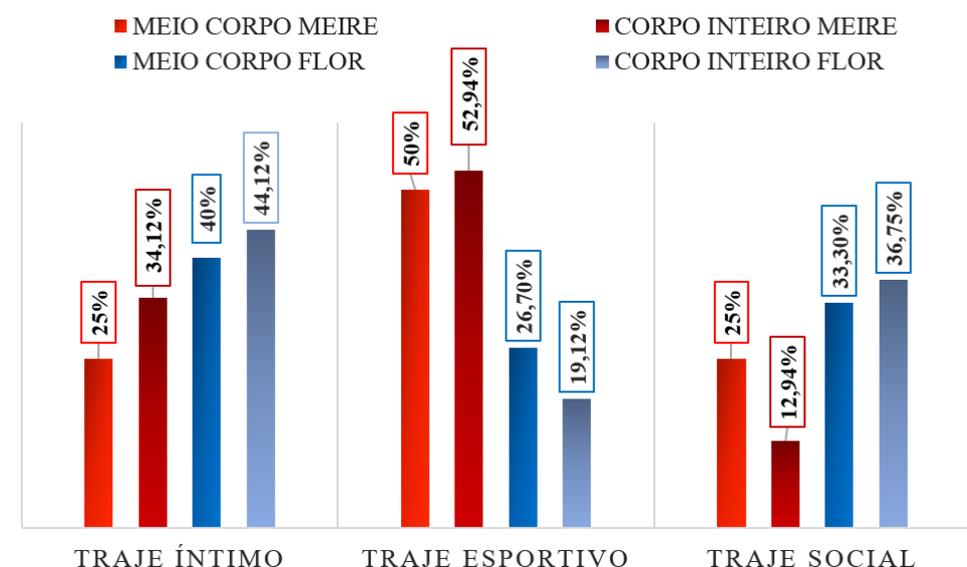
Isso ocorre, pois, estes processos resultam da interação e do ajustamento ao ambiente, sendo que a identidade e o ego serão formulados a partir dos ideais e desejos do outro, ou seja, para atender ao que o outro espera. Os fenômenos psicológicos que podem estar associados a estes transtornos é a ansiedade, stress, a frustração, rejeição, depressão e outros fatores que podem funcionar como disparadores para a busca de tal prática, ou ser uma consequência da prática.

Neste sentido, o corpo virou um objeto relacional que visa justificar o seu uso na mediação de conflitos de socialização e psicológicos uma vez que se busca um reconhecimento social, como dito antes, a busca pelo prestígio. É interessante pensar neste fato e relacioná-lo ao esporte e suas categorias, pois, o fisiculturismo feminino é relativamente novo e é julgado a partir dos olhos de outras pessoas que classificam, consideram e mensuram a beleza e o corpo escultural por categorias. Tudo isso vai ao encontro do que Woodward

(1997) e Stuart Hall (2014) falam sobre a identificação como uma tentativa de controle do corpo e do eu que para as atletas, o esporte pode proporcionar.

Como verificado com os resultados, percebe-se que o maior índice em ambos os perfis está relacionado a exposição do corpo inteiro, no entanto verifica-se uma distorção quanto a categorização por trajes que podem ser conferidos no gráfico 12 a seguir. No perfil de @florferraz12 observou-se que as maiores porcentagens dizem respeito a publicações referentes à trajes íntimos seja de biquínis ou lingerie apontando que 40% das publicações com estes trajes são referentes à meio corpo e em aproximadamente 44,12% mostra-se o corpo inteiro.

Figura 5 - Exposição do corpo nos perfis conforme as categorias



Esse resultado pode ser tão destoante considerando algumas das variáveis, como a idade, estado civil, relação com o esporte e etc, além da posição de @florferraz12 como modelo fitness. Vale ressaltar que o mercado das modelos já incita um estilo de vida de preocupação com a saúde e forma física, de opinião, prestígio e reconhecimento social além de considerar a sexualidade feminina como fator condicionante para aptidão física dentro de um discurso do culto ao corpo perfeito.

Os motivos pelos quais levam uma mulher a se engajar nesse esporte cabem em um novo estudo, entretanto, a representação desse corpo em trajes íntimos em rede pode estar associada a imagem corporal e resultando na construção da identidade de mulher. Embasados pelos anseios narcísicos na tentativa de controle das pulsões o corpo, nesse sentido, está a serviço do outro dentro de um limite entre o psicológico e o fisiológico. A identidade, o eu propriamente dito possui um caráter narcísico voltado as expectativas alheias, ou seja, a identidade é como uma caixa em que a mulher irá colocar recortes dos ideais fornecidos pelos outros que atendem ao seu imaginário de perfeição.

Segundo Costa (2005) ser desejado é algo inerente ao ser humano e é este o maior desejo do eu narcísico, por este motivo mudamos conforme os padrões que estão sendo compartilhados. Por isso as mulheres preocuparam-se mais com o condicionamento físico e por este motivo nos mostramos em rede da maneira como queremos que o outro nos veja, pois precisamos sustentar o interesse do outro por nós mesmos para nos sentirmos completos. Dessa forma, o que é considerado é o feedback, ou seja, o reflexo proveniente dessa relação de alteridade no que concerne ao corpo escultural apresentado.

Muito além da busca pela sensação como descrita por Türcke (2010) que gera um anseio por reconhecimento social, há também a busca pela satisfação como apontado por Costa (2005), ressaltando que a condição da satisfação também é impulsionada pelo reconhecimento do outro como mostrado por Goffman (2002). O esporte em si proporciona aos atletas a condição de bem-estar e de prazer e no fisiculturismo não é diferente, entretanto é um esporte que necessita das concepções do outro sobre beleza e imagem corporal, fomentando dessa forma, a necessidade de mostrar-se e obter aprovação do outro.

Considerando os resultados referentes ao perfil de @meirefitnesspmw verificou-se que a categoria de maior exposição do corpo é em trajes esportivos, onde 50% das publicações estão associadas a meio corpo e aproximadamente 52,94% mostram o corpo inteiro em trajes esportivos. A forma de exposição do corpo em ambiente de academia ou em trajes

esportivos pode estar relacionado exatamente a filosofia da sensação pontuada por Türcke (2010), onde busca-se nas sensações provocadas pelo exercício intenso um controle do corpo ocasionando uma espécie de relaxamento pós atividade, ou pode ser considerado o controle das pulsões na tentativa de controlar o eu.

A filosofia do prazer pontuada por Costa (2005) está relacionada a filosofia proposta por Türcke uma vez que se externaliza nos exercícios físicos resistidos de alta intensidade aspectos psicológicos em desordem como o estresse, como a insegurança, como a dismorfia corporal, a ansiedade dentre outros, que descontados nas cargas do exercício relacionam-se com o prazer extático proposto pelo autor. Ou seja, a busca pelos exercícios físicos de alta intensidade funciona como uma válvula de escape para o indivíduo que evita entrar em contato com os aspectos psicológicos deficitários recorrendo a uma atividade intensa que proporciona alívio para as mazelas, mas não a solução dos problemas.

Já o prazer mítico está relacionado com os ganhos oriundos das atividades, ou seja, o prazer em ver o corpo se esculpando e ganhando formas, o prazer pelo reconhecimento e valorização em rede além do prazer por tornar-se símbolo de desejo e cobiça. Em algum nível esse reconhecimento fará com que o prazer seja duradouro, mas também é perigoso por colocar o direcionamento das expectativas no outro e no que os outros julgam como apropriados ou não. Ambos são perigosos pois envolvem aspectos frágeis ligados a psiquê das mulheres, em especial, uma vez que os padrões são mutáveis e podem gerar sentimentos de não serem capazes de alcançar o lugar social idealizado, além da distorção de ser a causa do desinvestimento do outro.

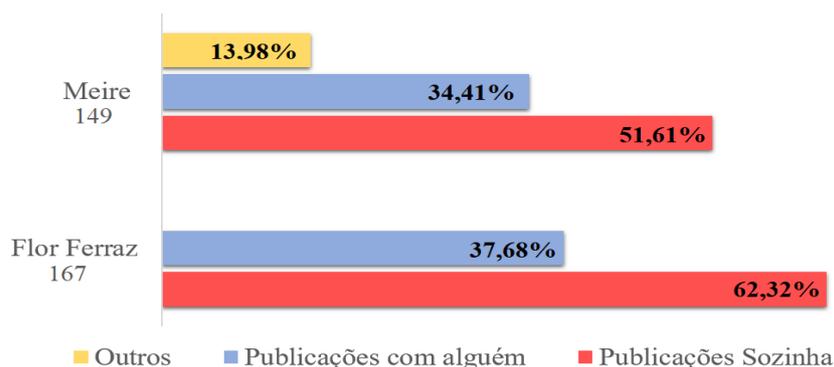
Por estes motivos, o esporte pode ser visto como uma maneira de obter essas sensações, essa busca pela completude e pelo controle de forma a agregar sentido á existência da mulher por consolidar-se como fator de identificação, visto que no contexto do esporte, o (re)modelamento é necessário até para se encaixar em outra categoria.

Portanto pode-se verificar que o discurso de Le Breton (2006) sobre o corpo pós-moderno realmente acontece nas relações. O esporte fisiculturismo precisa de uma dedicação de tempo dos atletas que acabam por corroborar em fazer da vida um projeto de alcance corporal onde paga-se o custo necessário pela obtenção da realização, o que interliga todas as filosofias já descritas anteriormente fazendo da identidade individual o que o autor denomina como um *work in process*. Isso porque a identidade se consolida por meio da interação com o ambiente, ou seja, por meio do olhar do outro sobre as significações corporais a imagem corporal é moldada e avaliada durante todo o curso da vida, onde o ideal presente nos discursos sociais sobressai aos ideais pessoais.

O autor ainda relata sobre a sensação de controle corporal que pode reprimir em seu âmago a busca pelo controle da própria existência, onde o remodelamento do corpo pode simbolizar a reestruturação da identidade.

Nos gráficos seguintes serão apresentados os resultados referentes à utilização do corpo vinculado à publicidade, onde os resultados consideram tanto as publicações de rosto, como meio corpo e de corpo inteiro. Foi verificado no perfil de @florferraz12 que de 167 publicações aproximadamente 62,32% das publicações que remetem a publicidade referem-se as postagens em que aparece sozinha. Enquanto que no perfil de @meirefitnesspmw das 149 publicações no ano de 2017, em aproximadamente 51,61% aparece sozinha.

Figura 6 - O corpo nas publicações de publicidade verificado nos perfis



A mídia tem se empoderado da utilização das tecnologias da informação e da explosão da geração fitness, uma vez que dentro dos aplicativos de relacionamento o perfil das atletas e as consideradas musas fitness funcionam como uma vitrine, pois utilizam do seu corpo escultural para expor serviços, mercadorias e produtos, direta ou indiretamente sem os inconvenientes dos meios midiáticos remotos. Isso acontece porque os espectadores/seguidores se inspiram no modelo de vida exposto e relacionam o uso do produto ao êxito, uma vez que se vê o corpo definido que apresenta-os e subtende-se que se está sendo divulgado o produto certamente tem a aprovação das atletas, além do que a essa altura, os seguidores já são cativados por essas personalidades das redes.

Samarão (2007) fala da influência da publicidade sobre as mulheres e seus corpos, uma vez que fomenta a questão da identidade feminina através dos discursos referentes a aparência. A autora, embasada pelos estudos de Debord e Lipovetsky sobre o assunto, pontuou que a indústria da publicidade viu na figura feminina uma maneira de incitar ao consumo, explorando da sensualidade e beleza. Dessa maneira, se considerarmos os dados, por exemplo, do perfil de @florferraz12 e os dados relacionados ao corpo vinculado a publicidade, percebemos que o corpo sempre está em evidência, e em grande maioria com trajes pequenos, apertados ou íntimos.

A utilização da aptidão física do corpo feminino na rede ocasiona uma valorização aos atributos físicos das brasileiras instaurando um padrão de corpo e de formas delineadas, fomentando o culto ao corpo. Diante disso, a publicidade oferta aos indivíduos vários estímulos para se obter e se

enquadrar do modelo de corpo perfeito que é representado nas imagens veiculadas, por isso o corpo está sempre um processo de (re)modelamento, pois os estímulos oferecidos estão sempre mudando, assim como o padrão do corporal.

O corpo deveria ser vivido de maneira íntima e particular, mais o que tem acontecido é uma exposição do corpo íntimo de maneira compulsiva, seja para sustentar o interesse do outro para si ou para se sentir parte de uma cultura. Tantos estímulos disponíveis na rede, todas as tecnologias que facilitam a modificação corporal, toda a evolução nos saberes sobre o funcionamento do corpo corrobora em um comportamento excessivo, no entanto, todo excesso esconde um déficit.

Diante dos resultados verificados pôde-se concordar que a publicidade vem se consolidando como a nova cultura da sociedade do consumo uma vez que busca e preza pelas imagens provenientes do imaginário social, real ou irreal, mas que sejam objeto de fantasia e desejo dos indivíduos. Dessa maneira se consolida o que Le Breton (2006) afirmava sobre a objetificação do corpo, sendo que o corpo feminino em rede é tanto consumidor como objeto de consumo, uma vez que a representação do corpo esbelto e sarado é assumido como exemplo para ser seguido, o que acaba por corroborar em mais sensações para emitir e consumir.

Considerações finais

Através das análises das publicações do perfil de duas atletas do fisiculturismo e relacionada às análises do discurso, pode-se observar que o aplicativo Instagram engloba questões significativas observadas na cultura da sociedade pós-moderna. Este trabalho buscou-se discutir entre alguns aspectos da sociedade do consumo e do espetáculo por meio da representação do corpo feminino em rede e em que corroboram em uma disfunção psicológica.

A representação simbólica do corpo feminino apresentado no Instagram pode ser percebida a partir do reflexo da percepção corporal que essas

mulheres obtêm de si mesmas através dos estímulos presentes nas publicidades e nos discursos sobre a beleza impregnados nas redes sociais. Através dessa representação simbólica pode-se inferir que tais discursos transformam o corpo feminino em objeto e em mais um produto de consumo, e, portanto, está sempre em construção. Dessa maneira o corpo tem sido construído a partir do imaginário social e para atender a demanda do outro, sendo limitado muitas vezes a um padrão preconceituoso e sexista (Samarão, 2007).

No decorrer do trabalho foi realizado um resgate da história do corpo, a relação do corpo e consumo e a relação do corpo com as práticas do exercício físico. O efeito proveniente dos discursos sobre o que é ser feminina, sobre a beleza feminina e sobre o corpo da mulher são o alicerce para a identidade feminina, ou seja, promovem uma consistência simbólica com relação ao eu social. As imagens do feminino são inerentes ao ser humano e a publicidade aproveitou-se da expansão das redes sociais de compartilhamento e relacionamento para se promover através da representação da mulher, ocasionando uma fusão entre imagem real e simbólica.

A mídia bombardeia as redes com as informações das experiências humanas extremas porque prende a atenção e gera retorno. Acontece que essa abundância de informações condicionam os indivíduos a se comportarem de maneira narcísica em rede, entretanto, o fluxo de compartilhamento e retroalimentação positiva percebido em rede na verdade faz com a insegurança dos sujeitos infle a medida que são expostos a padrões cada vez mais distantes de serem atingidos, ou seja, sentimos como se fossemos fracassados por não conseguir corresponder aos ideias expostos sendo que basta uma pesquisa rápida para nos mostrar incontáveis imagens de pessoas maravilhosas, em forma e sendo sempre aceitas socialmente da melhor maneira possível.

Foi verificado, portanto, no decorrer do trabalho, a relação da imagem com o sentimento de pertença social, uma vez que a imagem se tornou um convite pessoal e promove relação com o mundo, ou seja, funciona como uma ponte que liga o sujeito ao mundo. Além disso, foram verificados que alguns

aspectos psicológicos decorrentes dessas práticas estão relacionados à sentimentos de culpa, ansiedade, insegurança, fracasso, impotência em algum aspecto da realidade e depressão. Vale ressaltar que cabe uma pesquisa mais aprofundada sobre os motivos que levam uma mulher a se submeter às práticas intensivas de treinamento.

Com isso, verificou-se que a percepção corporal ligada às influências das mídias sociais é um assunto emergente da pós-modernidade que pode gerar prejuízos psíquicos aos indivíduos e, portanto, cabe um estudo mais detalhado sobre os fatores por trás da busca do (re)modelamento dos corpos e os sentidos atribuídos a estes. Além disso, estudos referentes ao público masculino nas práticas de exercícios físicos resistidos de alta intensidade também se faz importante, cabendo até um estudo comparativo entre os fatos psíquicos envoltos a essas práticas no que concerne a ambos os sexos.

Referências

- BARBANTI, V. J. (1994). **Dicionário de Educação Física e do Esporte**. São Paulo, Ed. Manole.
- BAUDRILLARD, J. (2010). **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70. (Coleção Arte e Comunicação).
- COSTA, J. F. (2005). **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro, Garamond, 2005.
- DEBORD, G. (1997). **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto.
- GOFFMAN, E. (2002). **A representação do eu na vida cotidiana; tradução de Maria Célia Santos Raposo**. Petrópolis, Vozes.
- HALL, S. (2014). **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Dp&a, 14. ed.
- LE BRETON, D. (2006). **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes.
- LE MOS, A. (2013). **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina.
- ORLANDI, E. P. (2001). **Análise de discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas: Editora Pontes.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. (2013). **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Frevale.
- RUSSO, R. (2005). **Imagem corporal: Construção através da cultura do belo**. 6. ed. Espírito Santo de Pinhal: **Movimento & Percepção**, p. 80-90.

SAMARÃO, L.. (2007). O espetáculo da publicidade: a representação do corpo feminino na mídia. Revista: **Contemporânea**, n.8.

TÜRCKE, C. (2010). **Sociedade excitada**: Filosofia da sensação. Tradução: Antonio A. S. Zuin.[et al.]. Campinas: Ed. Unicamp.

WEINBERG, Robert S.; GOULD, Daniel. (2017). **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**. Trad. Maria Cristina Gularte Monteiro e Regina Machado Garcez. São Paulo. Ed. Artmed, 6ed.

WOODWARD, K. (1997). Identity and difference. In: (org). **Corpo e história**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. (Coleção educação contemporânea).

ANÁLISE DA DISTRIBUIÇÃO DE TEMPO DE ADOLESCENTES PARTICIPANTES DE UM PROJETO DE INICIAÇÃO ESPORTIVA

Amanda Cristina Prates

Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil)

Amanda Durvalina Almeida

Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil)

Flaviane Maia

Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil)

Camila Cristina Fonseca Bicalho

Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil)

Franco Noce

Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil)

Resumo

A adolescência é um período de maturação caracterizada por uma mudança de comportamento do indivíduo que começa a se preparar para as responsabilidades da vida adulta. É uma fase em que as influências sociais e culturais são determinantes para o comportamento do indivíduo. O ambiente esportivo e as mídias sociais influenciam sobre a vida do adolescente. A internet permite ao adolescente vivenciar infindáveis relações, se tornando um local fundamental para convívio, informe e urbanidade. Sendo assim está presente e compõe o desenvolvimento integral do adolescente. Em relação ao papel do esporte, especificamente o de rendimento, é perceptível a demanda do esporte se sobrepondo a outras atividades da vida do atleta, tendo em vista o tempo gasto com treinamento físico e mental para alcançar o melhor da sua performance. Um fator importante para determinar o rendimento dos atletas é a qualidade do sono. Atualmente com o uso computadores, jogos e televisão durante a noite pode acentuar, com o arrasto da hora de dormir, as disfunções no sono. Esse trabalho foi desenvolvido sobre o olhar da divisão de tempo dos atletas de rendimento tendo como fatores principais o tempo gasto com

treinamento, com mídias sociais e qualidade do sono. Assim, como o adolescente que se envolve no esporte de rendimento distribui o seu tempo? Tendo em vista as diversas demandas do esporte, investigou-se a organização do tempo de adolescentes praticante do atletismo. Participaram do estudo 11 atletas, com faixa etária média de 16,2 ($\pm 2,64$) anos, praticantes do atletismo nas seguintes especificidades: 5 no arremesso de peso, 1 velocista, 3 saltadores, 1 lançador de disco e 1 penta-atleta. Todos os participantes declararam não ter nenhum vínculo de trabalho e 05 afirmaram ter concluído os estudos. Os atletas foram convidados a responder sobre como distribuíram o seu tempo ao longo do dia, considerando as 24 horas. A entrevista durou em média 20 minutos. O estudo respeitou as normas do comitê de ética e pesquisa da UFMG (CAAE-91958318.2.0000.5149). Os resultados mostraram que os atletas distribuem em média 9.27 horas com o sono, 2.63 horas com os treinos, 4.18 horas com as mídias sociais e 1.84 horas com a alimentação. Observa-se que a maior parte do dia do atleta é destinado ao sono, seguido pelo tempo gasto com mídias sociais, treinamento e alimentação, respectivamente. O tempo gasto nas mídias sociais é superior ao tempo dedicado aos treinos e alimentação. Esse excesso de tempo gasto com as mídias demonstra um comportamento vicioso dos adolescentes em organizar suas prioridades. Autores afirmam que nessa fase da vida há um uso indiscriminado das mídias sociais, o que pode causar um desequilíbrio para realizar suas tarefas. Observa-se que mesmo quando há o envolvimento com uma atividade esportiva o tempo destinado a mídias sociais ainda é maior. Conclui-se que é necessário realizar um trabalho de conscientização com os atletas a fim de que saibam administrar seu tempo de forma mais produtiva e saudável, assim como uma percepção do modo com que usufruem das mídias sociais em relação às outras prioridades de sua vida.

Palavras chave: esporte, atleta, adolescente.

APLICATIVO DE BATE-PAPO COMO FERRAMENTA DE AÇÕES PEDAGÓGICAS NO BASQUETEBOL

Cristiano Medeiros C. Pires

Serviço Social do Comércio - Sesc (Brasil)

Resumo

Introdução: O programa Sesc de Esportes idealizado para o Sesc São Paulo tem como objetivo principal a educação pelo e para o esporte, partindo desse pressuposto é de suma importância identificar e qualificar as propostas pedagógicas a serem desenvolvidas, incluindo temas que compõe a cultura esportiva do basquete, por meio de estratégias que incluem a utilização da tecnologia como meio facilitador de entendimento de peculiaridades da modalidade. **Objetivo:** Provocar discussões referentes à técnica, tática e crítico social nos alunos do curso de esporte jovem modalidade basquetebol do Sesc Sorocaba e transporta-las para a prática, a fim de solucionar ou auxiliar no entendimento do aluno quanto esporte. **Desenvolvimento:** Foi criado um grupo de bate-papo, composto por 27 adolescentes, um professor e uma estagiária, onde os temas são inseridos no grupo, em forma de vídeos ou textos, sempre antes ou depois das aulas. Através do aplicativo consigo atrair as atenções para a cultura esportiva do basquete e as discussões sobre o assunto são inevitáveis. **Metodologia:** Foi utilizada observação não estruturada, onde é possível identificar através dos comentários nas aulas práticas os temas adicionados no grupo. **Conclusão:** Até o momento fica claro que essa ferramenta pode ser útil nas aulas de esportes, principalmente com temas vistos como “a parte chata da aula” uma vez que os assuntos sobre o basquete na palma da mão acabam despertando o interesse pelo simples fato de estarem ali, as discussões são enriquecedoras e contribuem para o desenvolvimento e aprendizado de todos.

Palavras - chaves: Pedagógica, basquete, esporte.

Aplicación de chat como herramienta de acciones pedagógicas en el baloncesto

Resumen

Introducción: El programa SESC deportivo diseñado con el objetivo principal de SESC Sao Paulo es la educación por y para el deporte, en este supuesto es de suma importancia para identificar y calificar las propuestas educativas a desarrollar, incluyendo los temas que conforman la cultura del deporte baloncesto, por medio de estrategias que incluyen la utilización de la tecnología como medio facilitador de entendimiento de peculiaridades de la modalidad. Objetivo: Provocar debates sobre los aspectos técnicos, tácticos y crítica social en los estudiantes de modo deportivo de baloncesto jóvenes Sesc Sorocaba y transporta a la práctica con el fin de resolver o ayudar en la comprensión del estudiante y el deporte. Desarrollo: un grupo de chat ha sido creado, formado por 27 adolescentes, un maestro y un aprendiz, donde los sujetos se insertan en el grupo, en forma de vídeos o textos, siempre antes o después de la escuela. A través de la aplicación consigo atraer la atención a la cultura deportiva del baloncesto y las discusiones sobre el tema son inevitables. Metodología: Se utilizó observación no estructurada, donde es posible identificar a través de los comentarios en las clases prácticas los temas agregados en el grupo. Conclusión: Hasta el momento, está claro que esta herramienta puede ser útil en las clases de deporte, especialmente con problemas de visado, tales como "la parte plana de la clase" como sujetos de baloncesto de la palma simplemente despertar el interés por el simple hecho que están allí, las discusiones son enriquecedoras y contribuyen al desarrollo y aprendizaje de todos.

Palabras claves: Pedagogía, baloncesto, deporte

Chat application as a pedagogical tool in basketball

Abstract

Introduction: The Sesc program of Sports, designed for Sesc São Paulo, has as main objective the education for and for the sport, starting from this presupposition it is of utmost importance to identify and to qualify the pedagogical proposals to be developed, including subjects that compose the sports culture of the basketball, through strategies that include the use of

technology as a means to facilitate understanding of the peculiarities of the sport. Objective: To provoke discussions regarding technical, tactical and social criticism in the students of the course of sport young basketball modality of Sesc Sorocaba and transports them to the practice, in order to solve or help in the understanding of the student how much sport. Development: A chat group was created, consisting of 27 adolescents, a teacher and an intern, where the themes are inserted in the group, in the form of videos or texts, always before or after classes. Through the app I get attracted to the sports culture of basketball and discussions about it are inevitable. Methodology: Unstructured observation was used, where it is possible to identify through the comments in the practical classes the themes added in the group. Conclusion: So far it is clear that this tool can be useful in sports classes, especially with themes considered as "the boring part of the class" since the subjects about basketball in the palm of the hand end up arousing interest by the simple fact discussions are enriching and contribute to the development and learning of all.

Key words: Pedagogical, basketball, sport

EIXO TEMÁTICO 3: GESTÃO ESPORTIVA

CARACTERÍSTICAS DEL DEPORTE EXTRAESCOLAR

CHILENO.

EL CASO DE LA REGIÓN DEL BIOBÍO

Carlos Matus Castillo

Universidad Católica de la Santísima Concepción (Chile)

Miguel Cornejo Améstica

Universidad de Concepción (Chile)

Daniel Tello Silva

Universidad de Concepción (Chile)

Camilo Vargas Contreras

Ministerio del Deporte de Chile (Chile)

Resumen

El estudio tiene como objetivo principal conocer las características de los servicios de deporte extraescolar de los Departamentos de Educación Municipal de las comunas de la región del Biobío en Chile. La investigación implicó la aplicación de un cuestionario institucional a cada uno de los servicios o áreas de deporte escolar de los Departamentos de Educación Municipal de esa región. El instrumento consideró diez dimensiones, de las cuales para esta comunicación se presentarán resultados de las siguientes: antecedentes institucionales; las relaciones del servicio; la gestión; los recursos económicos; los recursos humanos; las instalaciones deportivas; la oferta deportiva y aspectos de la cultura administrativa. Los sujetos que participaron como informantes fueron 38 coordinadores comunales de educación extraescolar o de deporte escolar, los cuales representaron al mismo número de comunas. Para el análisis de los datos se empleó la estadística descriptiva, se utilizaron estadígrafos de medida de tendencia central, como es el caso de las medias. La información se ha representado mediante gráficos y tablas. Para este tratamiento se utilizaron los softwares Excel (14.0) y SPSS versión 20. De acuerdo a los resultados, se concluye que existe una alta diversidad de nomenclaturas de los servicios deportivos escolares; las relaciones con los stakeholders externos son mayoritariamente positivas y con mucha injerencia en los recursos económicos y en la oferta deportiva; los principales problemas que afectan a estos

servicios son los bajos presupuestos que disponen, la falta de instalaciones deportivas y la motivación para la práctica por parte de los escolares; en todos los cargos y situaciones existe una menor presencia de hombres que de mujeres; la oferta de deportes tradicionales es más frecuente, destacando los de tipo colectivo que los individuales, es el caso del fútbol, el baloncesto y el voleibol; existe una alta presencia de profesores de educación física, tanto en cargos de gestión-dirección como en los de ejecución, a la vez, se observa una importante carencia en formaciones específicas en el ámbito de la gestión y la administración deportiva.

Palabras clave: Deporte extraescolar – escolares – características – Chile – servicio deportivo

PROGRAMA DE GESTÃO DA QUALIDADE TOTAL EM VENDAS: O CASO DO JUDÔ

Rodrigo Guimarães Motta

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Brasil)

Leandro Pereira Lacerda

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Brasil)

Resumo

Introdução: A gestão da qualidade total é uma prática consolidada no campo da administração. Essa forma de trabalhar, que busca o atingimento dos resultados através do cumprimento de processos-chave pré-definidos, teve início com a área de produção e logo se expandiu com sucesso para todas as demais áreas da empresa, inclusive a área de vendas.

Ao adotar esta que é uma melhor prática, a empresa busca um ícone que represente para a organização e em especial para a equipe de vendas o que o programa representa.

Objetivo: Compreender se os programas de gestão da qualidade total se apropriam de alguma temática relacionada ao esporte para engajar sua equipe de vendas e motivá-la para atingir as metas e cumprir os processos-chaves.

Método: Foram selecionadas quinze empresas que possuem o programa de gestão da qualidade total em vendas há pelo menos um ano. Buscou-se identificar se nestas empresas o tema do programa estava relacionado ao esporte e em caso afirmativo quais eram os fatores que faziam com que as empresas focassem determinada atividade. Para tanto, os autores tiveram acesso aos documentos disponibilizados pelas empresas relacionados ao programa e entrevistaram os responsáveis por sua implementação.

Resultados: Das quinze empresas pesquisadas, dez tinham como tema do programa de gestão da qualidade total em vendas o esporte. Todos os temas relacionados ao esporte remetiam aa modalidades de lutas,

principalmente por estas modalidades remeterem a uma cultura guerreira sendo que dentre estas, o judô era a modalidade que mais se destacava, sendo o tema de oito empresas. Estas para optar pelo judô, compararam diferentes alternativas, como animais, militarismo e artes marciais e optaram por artes marciais pela qualidade total estar vinculada a cultura oriental notadamente o Japão. O judô acaba prevalecendo comparado às demais modalidades por ter um caráter formativo e educativo e menos relacionado a violência.

Conclusão: Dentro da amostra pesquisada, pode-se observar a relevância de um tema como o das artes marciais para servir como tema para o programa de gestão da qualidade total em vendas, dado que se espera que essas equipes, além de atingir as metas e cumprir os processos-chave, desenvolvam uma cultura competitiva e guerreira. Dentre as artes marciais, o judô prevaleceu por ser uma luta que forma e educa os cidadãos em geral e no estudo em específico, os executivos de vendas das empresas pesquisadas. Este estudo pode ser complementado por outros que busquem entender como o Judô é utilizado em cada programa, como a equipe se envolve com este tema e quais os resultados motivacionais e práticos obtidos com esta tematização.

Palavras-chave: Gestão da qualidade total; Judô; Vendas.

EIXO TEMÁTICO 4: ESPORTE E ÉTICA

VALORES MORAIS E PEDAGOGIA DO ESPORTE: ESTUDOS NO BRASIL

Leopoldo Katsuki Hirama

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (Brasil)

Cássia Dos Santos Joaquim

Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

Paulo César Montagner

Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

Resumo

A crise nos valores marca a atualidade e torna premente as investigações e propostas educacionais que possam enfrentar a liquidez das relações contemporâneas (BAUMAN, 2001). O esporte como fenômeno de múltiplos sentidos e formas sofre com tais mudanças, mas também é considerado como meio importante na formação da personalidade moral, especialmente de crianças e jovens. Diante deste cenário, este estudo objetiva verificar os estudos brasileiros em pedagogia do esporte relacionados ao desenvolvimento moral. O número reduzido de investigações encontradas denuncia a importância secundária dada ao tema e evidencia a necessidade de maiores estudos, especialmente nas proposições de intervenção.

Palavras-chave: Valores morais, Educação moral, Pedagogia do esporte.

Valores morais y pedagogía del deporte: estudios en Brasil

Resumen

La crisis de valores marca el presente y hace urgentes las investigaciones y propuestas educativas que puedan luchar contra la liquidez de las relaciones contemporâneas (BAUMAN, 2001). El deporte como fenómeno de múltiples significados y formas esta relacionado con estos cambios, pero tambien és considerado como un medio importante en la formación del carácter moral, sobre todo de niños y jóvenes. En este contexto, el presente estudio tiene como objeto verificar el estado del arte de los estudios brasileños en pedagogía del deporte relacionados con el desarrollo moral. El bajo número de investigaciones encontrado en esta área, denuncia la importancia secundaria dada al tema y destaca la necesidad de realizar más estudios, especialmente en las propuestas de intervención.

Palabras clave: valores morales, educación moral, pedagogía del deporte.

Moral values and pedagogy of the sport: studies in Brazil

Abstract

The crisis in values have marked the present and makes the pressing educational investigations and proposals that can meet the liquidity of contemporary relationships (BAUMAN, 2001). The sport as a phenomenon of the multiple meanings and forms suffers from these changes, but is also considered as an important means in the formation of moral character, especially of children and youth. Against this background, this study aims to verify the state of the art of Brazilian studies in sport pedagogy related to moral development. The low number of investigations found denounces the secondary importance given to the subject and highlights the need for further studies, especially in the intervention propositions.

Keywords: Moral values, Moral education, Sport pedagogy.

Introdução

No início do ano de 2015 o site da BBC Brasil (2015) publicou uma entrevista com o seguinte título: “Banido do ciclismo por doping, Lance Armstrong diz: 'Faria tudo de novo.” O ex-atleta havia alcançado fama pelas conquistas no ciclismo, construído imagem de exemplo de superação, vencendo o câncer, e solidariedade, por meio da fundação que criou para combater tal doença. No entanto, em 2012 foi comprovado o uso de anabolizantes pelo atleta, e a vinculação de valores positivos à sua imagem se inverteu, sendo considerado, segundo a Revista Sports Illustrated (2012), o maior atleta antidesportivo daquele ano.

Também em situação envolvendo dopping, procurando se aproximar do contexto brasileiro, é possível citar o afastamento de Anderson Silva, multi-campeão do Ultimate Fight Combat (UFC), por detecção de substâncias proibidas no exame após sua última luta, no início do ano de 2015. O Mixed Marcial Arts (MMA), considerada a modalidade de combate realizada no UFC, é um fenômeno de crescimento altíssimo no mundo esportivo, incluindo o Brasil, no qual, a partir dos atletas pioneiros provenientes do Jiu-Jitsu brasileiro, fomentaram a popularização desta atividade, quer seja como espectadores, praticantes e inclusive, como projeção de futuro profissional, a exemplo do futebol, levando muitos jovens aos treinos exaustivos em toda classe de academia de MMA (Awi, 2012).

Em outra dimensão do esporte encontra-se notícia na internet em site de grande corporação da mídia (Rede Globo, 2012): “Além de abrir portas, esporte ensina valores e lições para as crianças. Para psicólogo, esporte é uma plataforma de inclusão, que ajuda na socialização do indivíduo, ensina a liderar e a trabalhar em equipe.” Na reportagem, o profissional citado é ex-jogador de basquetebol e professor universitário. Criou um projeto esportivo para meninas de escola pública e afirma: “O esporte não tem preconceito, rico ou pobre, negro, branco, não faz diferença na hora que se joga uma bola na cesta”.

Estes exemplos ilustram os possíveis valores que podem ser atribuídos ao fenômeno esportivo no senso comum, assim como a complexidade que alcançou, como afirma o professor Jorge Bento (2006), transformando-se em um fenômeno polissêmico e polimórfico. Tratando-se de valores que o esporte pode estimular, tem-se ainda nestes exemplos situações opostas, ao menos nas mensagens explícitas das reportagens. Nos dois primeiros, a vaidade, a ganância e o orgulho derrotaram o ídolo, no último, a sua prática colabora enormemente para que se desenvolvam valores para uma boa convivência e uma boa vida. Apesar das possíveis críticas sobre a superficialidade e abordagens tendenciosas que as matérias midiáticas podem assumir, elas ditam e reproduzem o entendimento popular, neste caso sobre o alcance do esporte.

Portanto, investigar as possibilidades do esporte na construção da personalidade moral de seus praticantes é tarefa delicada e ampla. Situa-se entre o não se entregar ao que não é ético, não é considerado jogo limpo, e o desenvolvimento de valores morais que contribuem para a formação cidadã do praticante.

Parlebás, citado por Belbenoit (1976), já afirmava que o esporte por si só não é nem bom, nem mau, é o que se fizer dele. Mas então, como fazer dele um bom caminho para a educação em valores? Como fazer com que, segundo o exemplo citado, o esporte não represente preconceito, que inclua, ensine a liderar e a cooperar?

O exemplo do doping reforça que não basta apenas oferecer a prática esportiva para se estimular valores adequados. Parte-se do princípio de que para contribuir para a formação da personalidade moral de crianças e jovens

por meio do ensino esportivo é necessário todo um aparato metodológico intencional que inclui o cenário e todos os seus atores.

O ambiente descrito na última reportagem parece estar de acordo com um senso geral sobre os benefícios que o esporte pode oferecer, especialmente quando se trata de crianças e jovens, contrapondo-se aos tempos de liquidez nas relações vividas contemporaneamente (BAUMAN, 2001). De fato, muitas instituições e programas alegam que se educa para a vida ao aprender as mais diversas modalidades (HIRAMA, 2012), mas existe uma teoria que oriente suas práticas? Qual é o estado atual das pesquisas científicas sobre o tema valores morais e esporte? Quais os meios de acesso a tais estudos?

Diante de tais questionamentos, esta pesquisa tem por objetivo discutir as investigações no Brasil a respeito do tema moralidade e pedagogia do esporte, buscando identificar as características gerais dos estudos, as contribuições mais detalhadas e áreas exploradas.

Metodologia

Este estudo se caracteriza por uma pesquisa bibliográfica que objetiva levantar e discutir os estudos brasileiros que tratem do esporte como promotor de valores morais.

Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica tem sido bastante utilizada quando o objeto pesquisado é pouco estudado, pois possibilita, por meio do levantamento do referencial, um alcance de informações mais amplo, oportunizando a reunião de dados dispersos em muitas publicações (e no caso deste estudo em áreas diversificadas) no sentido de colaborar para a construção conceitual do foco da investigação proposto.

Foram consultadas as bases de dados Scielo, Scopus, Lilacs, Bireme, Web of Cience, Pubmed e os sistemas de bibliotecas das universidades públicas do Brasil: USP, UNICAMP, UFRJ, UFMG, UFPR, UNIFESP, UFRGS, UFSC. As palavras utilizadas para a busca foram: “esporte e valores morais”, “esporte e moralidade”, “esporte e moral” e “esporte e educação moral”. Nos campos de busca a opção foi sempre “todos os campos” para evitar qualquer

restrição. O mesmo procedimento foi seguido com relação ao tipo de material, selecionando “qualquer”. Quanto à língua restringimos as publicações em português ou que fossem estudos publicados em periódicos ou instituições brasileiras. Na consulta não foi definido período de publicação, sendo considerados estudos até o fechamento deste artigo, dezembro de 2017.

Resultados: as pesquisas em valores morais e esporte

Importante destacar que foram consideradas apenas as investigações que tratam especificamente do tema, pois se constatou que muitas publicações abordam a questão moral no esporte, mas de forma ligeira e superficial, em sua maioria seguindo afirmações genéricas de natureza sugestiva, não se configurando propriamente em pesquisas sobre o assunto. Desta forma, o número de publicações levantadas pelos sistemas de busca, que já foi bastante limitado, reduziu-se a poucas publicações relevantes para a temática proposta.

Foram ao todo 101 publicações encontradas em todas as bases de dados citadas anteriormente. No entanto, ao se realizar a seleção dos estudos que tratam especificamente do tema proposto, selecionou-se apenas 11 publicações, sendo 6 artigos (Rubio, Carvalho, 2005; Kobayashi, Zane, 2010; Evangelista et al, 2010; Giannocoro, Silva, 2014; Santos, 2005, Hirama, Montagner, 2016), 1 livro (Beresford, 1994), 1 capítulo de livro (Hirama, Joaquim, 2012) e 3 teses (Santana, 2003; Portela, 1999; Souza, 2002). As outras 92 publicações levantadas pelos sistemas de busca com as palavras-chaves mencionadas anteriormente, demonstraram não ter relação direta com o tema por tratarem da questão da moralidade de forma secundária ou, principalmente, pelo termo “valores” como sinônimo de dados quantitativos.

Ao analisar o conteúdo dos estudos selecionados, foi possível dividir as produções em 3 categorias de objetivos, quais sejam: 1- Determinar o juízo moral de alunos ou atletas; 2- Caracterizar as intervenções de treinadores de esporte para o desenvolvimento moral ; 3- Aspectos filosóficos do esporte enquanto meio promotor da moralidade; 4- Levantamento de impressões de

ex-alunos sobre valores morais apreendidos na experiência esportiva; 5- Propostas de intervenção para o desenvolvimento moral no ensino esportivo. Detalharemos cada categoria a seguir:

1- Juízo moral de alunos e atletas

O juízo moral é uma forma de discernimento racional de como se deve agir. Ele segue uma lógica pessoal para ajustar as ideias em situações de conflito (VIVALDI, 2013). Situações estas, habituais, pois é normal as pessoas se encontrarem diante de dilemas que não podem ser solucionados pela simples adoção de um valor ou norma (PUIG, 1998a), sendo necessário outros dois aspectos para que se alcance níveis mais avançados da moralidade, a compreensão, entendida como “[...] o reconhecimento de particularidades nas situações concretas e a busca por respostas contextuais.” (VIVALDI 2003, p. 53) e a autorregulação, “[...] ferramenta pela qual o indivíduo busca equilíbrio entre os próprios juízos de valores e os juízos desejados socialmente.” (HIRAMA, 2018). Desta forma, avaliar o juízo moral dos alunos ou atletas permite localizá-los nas diferentes fases do desenvolvimento moral e perceber as possíveis atitudes diante dos dilemas morais que encontram no ambiente esportivo.

Este, portanto, foi o objetivo central de 3 artigos (Kobayashi, Zane, 2010; Evangelista et al, 2010; Giannocoro, Silva, 2014), e em 2 teses (Portela, 1999; Souza, 2002), todos apresentando cenários diferentes em cada pesquisa.

Kobayashi e Zane (2010) identificaram a fase de desenvolvimento moral de jovens em conflitos com a lei, inseridos em centro de atendimento socioeducativo. Constatou que os jovens apresentam características de uma moral heterônoma, agindo conforme as regras e suas possíveis consequências.

Evangelista et al (2010) também investigaram o juízo moral, mas definindo as dimensões atitudinais empenho, convenção, trapaça e antidesportivismo como foco do estudo, relacionando com possíveis diferenças de gênero. Como resultado foi divulgado que meninos dão maior ênfase nas

atitudes relacionadas ao empenho e ao antidesportivismo e as meninas à convenção.

Giannocoro e Silva (2014) investigaram o juízo moral de alunos do 9º. ano do ensino fundamental na Educação Física escolar. Apesar de não se tratar de uma pesquisa específica do ambiente esportivo, o dilema moral apresentado para os alunos responderem a entrevista refere-se a uma questão de conflito na prática do basquete, e portanto, foi considerada neste estudo. Aqui também se define uma temática específica para o dilema, a ofensa. Os autores destacaram que a grande maioria dos analisados se encontravam na transição entre a fase convencional A, quando as consequências definem as atitudes, e B, onde as normas determinam as respostas. Uma pequena minoria, menos de 6% se mostraram na fase pós-convencional, quando as atitudes são movidas pelo senso de justiça.

Portela (1999) realizou pesquisa, em sua dissertação de mestrado, para verificar “predisposição racional” de jovens atletas de voleibol de 14 a 16 anos, com relação aos atos morais na vida cotidiana e esportiva. O autor não destaca maiores relações da prática esportiva com os juízos de valores levantados e os atribuídos pelo movimento do *Fair-play*, concluindo que os princípios pregados pelo Olimpismo deveriam ultrapassar a simples confecção de um “manual de instruções com comportamentos estandardizados” (p. 89).

A dissertação de mestrado de Souza (2002) também foi focalizada no juízo moral de jovens praticantes de futebol de dois grupos diferentes, uma equipe de clube participante de campeonatos oficiais e um grupo de escola que faziam da prática um espaço de lazer e socialização. O pesquisador realizou sua investigação no valor da cooperação e identificou semelhanças nos juízos de ambos os grupos, independente das diferenças de cenários e significados da prática esportiva.

2- Intervenções de treinadores de esporte para o desenvolvimento moral

Os estudos em educação moral destacam a importância do professor no processo de construção da personalidade de seus alunos elencando diversas características que devem orientar sua prática: abandonar a transmissão de valores buscando uma relação de construção no cotidiano educacional; tornar-se um "especialista moral" no sentido de ser mais experiente e conhecer os processos da formação da moralidade; estimular constantemente em seus alunos a autonomia nas decisões de dilemas, afastando-se da heteronomia; atuar de forma intencional e planejada também nas questões da moral; e, buscar ele próprio seu desenvolvimento para que se torne uma pessoa de "moral imitável" (Puig, 1998a, p. 232; Lukjanenko, 2001; Vinha, 2000).

Apesar da destacada atenção dada ao docente, ao se aproximar da área esportiva, apenas um estudo se caracterizou por investigar o posicionamento de treinadores ou professores de esporte diante da possibilidade de estimular o desenvolvimento moral de seus alunos/atletas. O estudo de Santana (2004), também dissertação de mestrado, analisou as atitudes de 4 professores em turmas de iniciação de futsal em clubes com jovens de 9 a 12 anos. Apesar de identificados vários momentos de dilemas morais que poderiam ser explorados, no geral os professores demonstraram atitudes que não favoreciam o desenvolvimento da autonomia moral, prevalecendo comportamentos heterônomos de coerção e diretividade.

3- Aspectos filosóficos do esporte enquanto meio promotor da moralidade

Adotando para este artigo os aspectos filosóficos como o conjunto de regras, valores e princípios assumidos e vivenciados em um ambiente educacional, também se encontrou nos referenciais da educação moral sua relevância, enquanto promotor de clima sócio-moral para o desenvolvimento da personalidade. O estímulo pelo diálogo constante, as regras que incitam a democracia, a experiência de dilemas morais e a resolução coletiva de problemas são algumas características defendidas para este ambiente (Puig,

1998a; 1998b; 2000; Martín, Puig, 2010; Goergen, 2005). Neste sentido, 3 estudos apresentaram como referencial teórico estudos filosóficos da moral e ética como um grupo de indicações de princípios a serem seguidos no ambiente do esporte.

Rubio e Carvalho (2005) discutem em seu artigo o *Fair-play*, termo associado ao Olimpismo, como movimento para o desenvolvimento de valores de boa convivência no esporte. Defendem que é necessário a adequação dos princípios do *Fair-play* do início dos Jogos Olímpicos da era moderna para a contemporaneidade, diante de todas as mudanças que o próprio esporte sofreu durante este período.

O artigo de Santos (2005) também discute o desenvolvimento moral a partir dos princípios do *Fair-play*, salientando que as propostas podem ser imediatas, com intervenções diretas como discussões acerca das orientações da Carta Olímpica sobre o espírito desportivo, ou em longo prazo, defendendo a sensibilização dos participantes por meio de vivências relacionadas aos valores deste movimento.

Por fim, o livro de Beresford (1994) discorre sobre a moral, referenciado pelos estudos de Kant, defendendo a determinação de princípios éticos no desenvolvimento moral no meio esportivo. O autor destaca o imperativo categórico como princípio e propõe a apresentação deste relacionado ao ambiente do ensino do esporte. A discussão baseia-se na racionalidade ou consciência do dever moral, buscando a compreensão dos alunos para a constituição de deveres que sejam consensuais, garantindo a igualdade.

4- Valores morais apreendidos na experiência esportiva

Para além da oferta de dilemas morais defendida para o desenvolvimento da personalidade moral, entender e avaliar se valores são incorporados pelos alunos é bastante desafiador para qualquer educador e instituição (Camiré, et al, 2011; Koh, Camiré, 2015). Estudos indicam que respostas imediatas diante de situações morais não necessariamente garantem ou indicam que houve avanço do desenvolvimento moral, o qual,

aliás, se manifesta de forma não linear, em geral com demonstrações de condutas que hora aparentam avanço, hora retrocesso (Piaget, 1991; 1994).

Neste sentido, o estudo de Hiram e Montagner (2016) se propôs a ouvir ex-alunos integrantes de 3 diferentes projetos socioeducativos que seguiram as mesmas bases de intervenção, possuindo como um dos objetivos a atuação no estímulo a valores para uma boa vida. Os participantes foram entrevistados, em média, 10 anos após terem deixado os respectivos projetos e todos afirmaram que valores foram apreendidos no projeto esportivo e se manifestam em suas vidas como adultos como autonomia, superação, busca por conquistar seus sonhos, solidariedade, responsabilidade, indicando que as experiências vividas no ensino do esporte foram significativas.

5- Propostas de intervenção para o desenvolvimento moral no ensino esportivo

Apesar do esporte carregar como um de seus sentidos, o valor de estimular positivamente a formação moral, encontrou-se apenas uma única publicação que apresentou propostas de intervenção por meio do ensino do esporte.

O capítulo de livro de Hiram e Joaquim (2012) apresenta alguns pressupostos a serem considerados para o trato da moralidade por meio do esporte e posteriormente descreve e discute propostas de intervenção em 3 diferentes situações: nas aulas de esportes ou educação física escolar, nas competições e em situações paralelas ao ambiente esportivo.

Discussão

O levantamento dos estudos do esporte relacionados à moralidade demonstrou que ainda é bastante deficitário a investigação no tema diante de um cenário tão emergente e presente na sociedade brasileira. Apesar do Brasil ter sido o centro das atenções recentemente, por conta dos maiores eventos esportivos mundiais, do povo brasileiro, em geral, gostar do esporte,

mesmo que muitas vezes limitados ao futebol, e da população sofrer com escândalos morais de toda espécie, apenas onze estudos encontrados que tratam das possibilidades esportivas no campo da moral denuncia que o universo das pesquisas em ciências do esporte vem negligenciando esta área.

Ainda para dramatizar a situação, destaca-se que, com exceção de 4 artigos e 1 capítulo de livro, os demais estudos foram publicados há mais de uma década, e, portanto, em meio a uma sociedade globalizada na qual as informações ganharam muita velocidade, podem estar desatualizados.

Discutindo o conteúdo dos estudos, verifica-se a ênfase no juízo moral, levantado, de forma geral, por meio de questionários apresentados a partir de um dilema ficcional. No entanto, estudos da área da educação moral (Puig, 1998, 2012) defendem a vivência real de tais situações como estratégia significativa para o desenvolvimento dos valores de convivência, característica não encontrada nos estudos levantados, à exceção de Santana¹⁴, que observa os treinadores em ocorrências reais e Hiram e Joaquim (2012) que propõem atividades para o estímulo de valores morais.

Conclusão

Percebemos que os estudos brasileiros sobre a moralidade no ambiente esportivo se basearam nos aspectos de juízo moral de atletas e discussões filosóficas acerca do tema. Considerando que a área da educação física e, especificamente, o ensino do esporte, é caracterizado pela intervenção, pesquisas que envolvam propostas de estimulação de valores morais a partir da resolução dos problemas reais vividos no ambiente esportivo representam um grande desafio ainda pouco trilhado pelos pesquisadores do Brasil. Questionamentos como: “O que trabalhar para ensinar valores morais? Como estimular a moralidade por meio do esporte? Por onde começo, para onde devo seguir?”, são desafios que, se enfrentados, poderão auxiliar os professores de esportes que estão espalhados pelo país, nos mais diversos cenários, provavelmente pautados na própria vivência e bom senso, na busca pelas mesmas respostas.

Estudos originários de outros países também foram consultados e percebeu-se que investigações desta natureza estão adiantadas diante da fragilidade denunciada neste artigo no cenário nacional. Embora representem possíveis recursos para obter as respostas dos questionamentos anteriores, para a especificidade cultural brasileira, da forma como seu povo entende, vive, valora, enfim, se relaciona com o esporte aliada à diversidade de valores morais que são cultivados, as pesquisas internacionais apresentam limitações, demandando investigações mais aprofundadas que considerem a pluralidade de nosso país.

Referências

ARAÚJO, U. (2000). Escola, democracia e a construção de personalidades morais. In: **Revista Educação e Pesquisa**, vol. 26, n.2, p.91-107. Dez.

AWI, F. (2012). **Teu filho não foge à luta**: como os lutadores brasileiros transformaram o MMA em um fenômeno mundial. Rio de Janeiro: Intrínseca.

BAUMAN, Z. (2001). **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BBC - Brasil (2015). Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/01/150126_lance_armstrong_e_intrevista_rm retirado em 06/04/2015

BELBENOIT, G. (1976) **O desporto na escola**. Lisboa: Estampa.

BENTO, J. (2006). Pedagogia do Desporto: Definições, Conceitos e Orientações. In: TANI, GO et al. **Pedagogia do Desporto**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., pp. 3-97.

BERESFORD, H. (1994). **A ética e a moral social através do esporte**. Rio de Janeiro, RJ: Sprint.

CAMIRÉ, M., FORNERIS, T., TRUDEL, P.; BERNARD. (2011) Strategies for helping coaches facilitate positive youth development through sport. **Journal of Sport Psychology in Action**, 2(2), p. 92-99.

EVANGELISTA, P. H. et al. (2010). Atitudes morais de jovens atletas praticantes de modalidades esportivas coletivas: um estudo comparativo segundo a variável "sexo". In: **Revista Motriz**, no. 16(2), p. 379-386, abril-junho.

GIANNOCORO, L; SILVA, S. (2014) . Argumentos que fundamentam as decisões de pré-adolescentes acerca de um dilema moral em aulas de educação física. In: **Revista Makenzie de Educação Física**, v. 13, n. 1, p. 124-141, ago.

GIL, A. C. (2008). **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo, SP: Atlas.

GOERGEN, P. (2005). Educação e valores no mundo contemporâneo. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 92, p. 983-1011, especial.

HIRAMA, L. K.; MONTAGNER, P. C. (2012). **Algo para além de tirar as crianças das ruas**: a pedagogia do esporte em projetos socioeducativos - São Paulo: Phorte.

HIRAMA, L. K.; JOAQUIM, C. S.; MONTAGNER, P. C. (2016). Deporte y la construcción de la personalidad moral: impresiones de jóvenes em proyecto socioeducativo. **Educación Física y Deporte**, [S.l.], v. 34, n. 2, aug.

HIRAMA, L. K.; JOAQUIM, C. S. ; MONTAGNER, P. C. (2011). Pedagogia do esporte e estimulação de valores humanos: relato de intervenção. In: MONTAGNER, Paulo Cesar (Org.). **Intervenções pedagógicas no esporte**: práticas e experiências. São Paulo: Phorte.

KOBAYASHI, M.; ZANE, V. (2010). Adolescente em conflito com a lei e sua noção de regras no jogo de futsal. **Revista brasileira de educação física e esporte** , São Paulo , v. 24, n. 2, p. 195-204, June.

KOH, K. T.; CAMIRÉ, M. (2015). Strategies for the Development of Life Skills and Values through Sport Programmes: Review and Recommendations.. In: Leng, Ho Keat, and Noah Yang Hsu. **Emerging Trends and Innovation in Sports Marketing and Management in Asia**. IGI Global, p. 240-256.

LUKJANENKO, M. (2001). **A reciprocidade moral**: avaliação e implicações educacionais. 2001, 240p, Tese. (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

MARTÍN, X.; PUIG, J. M. (2010). **As sete competências básicas para educar em valores**. São Paulo: Summus.

PIAGET, J. (1996). Os procedimentos da educação moral. In: PIAGET, J. et al. **Cinco estudos de educação moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 1-36.

PIAGET, J. (1994). **O juízo moral na criança**. São Paulo, SP: Summus.

PORTELA, F. (1999). **Fair play, que fair play?!**: doutrina, ou exercício da moral? 1999, 142f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Gama Filho, Programa de Pos-Graduação em Educação Física.

PUIG, J. M. et al. (2000). **Democracia e participação escolar**: propostas de atividades. São Paulo: Moderna.

PUIG, J.M. (1998a) **A Construção da Personalidade Moral**. Educação. São Paulo, Ática.

PUIG, J.M. (1998b). **Ética e valores**: métodos para um ensino transversal. São Paulo: Casa do Psicólogo.

REDE GLOBO (2012) Disponível em : <http://redeglobo.globo.com/acao/noticia/2012/06/alem-de-abrir-portas-esporte-ensina-valores-e-licoos-para-criancas.html> visitado em 07/04/2015

RUBIO, K.; CARVALHO, A.. (2003). Areté, fair play e o movimento olímpico contemporâneo. **Rev. Port. Cien. Desp.**, Porto , v. 5, n. 3, sept., 2005.

SANTANA, W. (2003). **A pedagogia do esporte e a moralidade infantil**. 146 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP.

SANTOS, A. R. (2005). Espírito esportivo - fair play e a prática de esportes. In: **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. Ano 4, no. 4, p. 13-28.

SI- Sports Illustrated. (2012) Disponível em: <http://www.si.com/more-sports/photos/2012/11/29-0anti-sportsman-of-the-year/1> visitado em [07/04/2015](http://www.si.com/more-sports/photos/2012/11/29-0anti-sportsman-of-the-year/1)

SOUZA, J. (2002). **Jogo e esporte**: um paradoxo moral. 2002, 150 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

VINHA, T. (2000). **O educador e a moralidade infantil**: uma visão construtivista. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2000.

VIVALDI, F. (2013). **Pesquisas empíricas sobre práticas morais nas escolas brasileiras**: o estado do conhecimento. 2013, 224 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

ACTITUDES HACIA CAMBIOS GENÉTICOS EN POSIBLES FUTUROS DEPORTISTAS DESDE EL PRINCIPIO BIOÉTICO DE LA BENEFICENCIA (HACER EL BIEN)

Henry David Caro Romero
Universidad Pedagógica Nacional (Colombia)

Resumen

El objetivo de este artículo, es conocer las actitudes que asumen una muestra de profesionales de áreas relacionadas con la medicina y de otros campos, acerca de cambios genéticos antes del nacimiento en posibles futuros deportistas desde la perspectiva del principio bioético de la beneficencia (hacer el bien). El propósito es doble; primero, se busca identificar similitudes y diferencias en cuanto a su percepción sobre modificaciones genéticas intencionadas desde tres opciones de hacer el bien: *bien como prevención, bien como terapia o bien como realce*. Y, en segundo lugar, se quiere saber si la actitud cambia cuando las preguntas se hacen en tercera persona, como si se tratara de los futuros hijos de “alguien”. O cuando se realizan en primera persona, es decir como si fueran los propios hijos. La metodología, combinó grupos focales, entrevistas semiestructuradas y uso de viñetas representativas. Los resultados frente a la percepción del bien, apuntaron a una aceptación de modificaciones genéticas en terapia y un rechazo hacia la prevención y el realce en profesionales de la medicina. Y una aceptación, del bien como prevención y terapia en los otros profesionales. En cuanto a la posibilidad de realce, fue rechazada por ambos grupos. En alusión a cambios genéticos, para el realce en primera o tercera persona, la desaprobación fue unánime, aunque por diferentes razones. Finalmente, las conclusiones denotan, interés por utilizar de manera prudente la genética en seres humanos y como proyección, ampliar la muestra y generalizar los procesos informativos y deliberativos para toda la sociedad.

Palabras claves: Principio bioético de beneficencia, genética, deporte, prevención, terapia, realce.

Atitudes em relação a mudanças genéticas em possíveis futuros atletas do Princípio Bioético da Beneficência (Fazer o bem)

Resumo

O objetivo deste artigo, é conhecer as atitudes que tomam uma amostra de profissionais aliados às áreas de medicina e outros campos, sobre mudanças genéticas antes do nascimento em atletas a partir da perspectiva do princípio bioético da beneficência (fazer bom). O objetivo é duplo; em primeiro lugar, procura identificar semelhanças e diferenças em termos de sua percepção de modificações genéticas intencionais de três opções de fazer o bem: bem como prevenção, bem como terapia e bem como aprimoramento. E, em segundo lugar, queremos saber se a atitude muda quando as perguntas são feitas na terceira pessoa, como se fossem os futuros filhos de "alguém". Ó quando eles são executados na primeira pessoa, isto é, como se fossem as próprias crianças. A metodologia combinou grupos focais, entrevistas semiestruturadas e o uso de vinhetas representativas. Os resultados a sua percepção do bem, apontaram para uma aceitação de modificações genéticas na terapia e uma rejeição para a prevenção e aprimoramento em profissionais médicos. E uma aceitação, de bem como prevenção e terapia em outros profissionais. Quanto à possibilidade de aprimoramento, este foi rejeitada pelos dois grupos. Em referência às mudanças genéticas, para de aprimoramento de primeira ou terceira pessoa, a desaprovação foi unânime, embora por diferentes razões. Por fim, as conclusões denotam interesse em utilizar de forma prudente a genética em seres humanos e como projeção, ampliar a amostra e generalizar os processos informativos e deliberativos para toda a sociedade.

Palavras chaves: Princípio bioético da beneficência, genética, esportes, prevenção, terapia, aprimoramento.

Attitudes towards genetic changes in possible futures athletes From the Bioethical Principle of Beneficence (doing well)

Abstract

The aim of this article is to know the attitudes assumed by a sample of professionals from areas related to medicine and other fields, about genetic changes before birth in possible future athletes from the perspective of the

bioethical principle of beneficence (making the all right). The purpose is double; first, it seeks to identify similarities and differences in terms of their perception of intentional genetic modifications from three options of doing good: good as prevention, good as therapy and good as enhancement. And, secondly, we want to know if the attitude changes when the questions are asked in the third person, as if they were the future children of "someone". Or when they are performed in the first person, that is, as if they were the children themselves. The methodology combined focal groups, semi-structured interviews and the use of representative vignettes. The results the perception of the good, pointed to an acceptance of genetic modifications in therapy and a rejection towards the prevention and enhancement in medical professionals. And an acceptance, of good as prevention and therapy in other professionals. As for the possibility of enhancement, it was rejected by both groups. In reference to genetic changes, for the first or third person enhancement, the disapproval was unanimous, although for different reasons. Finally, the conclusions denote, interest to use in a prudent way the genetics in human beings and as a projection, to expand the sample and to generalize the informative and deliberative processes for the whole society.

Keywords: Bioethical Principle of Beneficence, genetic, sports, prevention, therapy, enhancement.

DOPING EN TIEMPO PRESENTE: PERSPECTIVA DESDE EL PRINCIPIO BIOÉTICO DE LA NO MALEFICENCIA

Henry David Caro Romero
Universidad Pedagógica Nacional (Colombia)

Resumen

El objetivo de este artículo, es comprender el dopaje desde la perspectiva del Principio Bioético de la No Maleficencia, definido como la obligación moral de no hacer daño o empeorar una situación deportiva desfavorable. Se analiza la filosofía de la Agencia Mundial Antidopaje (AMA) que busca preservar los principios éticos del deporte, mediante tres estrategias: Educación, investigación y penalización. El propósito, es visibilizar los avances de la AMA desde la investigación social, para colmar un vacío en esta área, donde los estudios han resaltado en general, los aspectos punitivos centrados en el Código Mundial Antidopaje. Y desde la bioética, se trata de difundir su filosofía, que también utiliza principios, pero con carácter pragmático orientador, desde procesos de diálogo y deliberación colaborativa, que van reconstruyendo su significado de acuerdo al estado del arte, las condiciones contextuales y la idiosincrasia de los implicados; hecho que puede llegar a cuestionar en ciertos casos: derechos, reglas y deberes establecidos como inmutables. Se inicia, elaborando una caracterización de las investigaciones en ciencias sociales financiadas por la AMA sobre el doping, desde 2014 hasta 2018 para conocer su tendencia, alcances y limitaciones. Luego, se efectúa una revisión del Principio Bioético de la No Maleficencia y su aplicación frente al doping. Finalmente, se analizan los resultados, a partir de la noción de dispositivo de control. La metodología empleada, es cualitativa y combina un estudio bibliométrico con la investigación documental. La proyección, está orientada como un aporte teórico a los estudios socioculturales del doping desde la perspectiva bioética.

Palabras claves: Doping, Principio bioético de no maleficencia, deliberación colaborativa, dispositivo de control.

**Doping no tempo presente:
Perspectiva do Princípio Bioético da Não-Maleficência**

Resumo

O objetivo deste artigo é compreender o doping a partir da perspectiva do Princípio Bioético da Não-Maleficência, definida como a obrigação moral de não prejudicar ou agravar uma situação esportiva desfavorável. A filosofia da Agência Mundial Antidopagem (WADA), que busca preservar os princípios éticos do esporte, é analisada através de três estratégias: educação, pesquisa e criminalização. O objetivo é visualizar os avanços da AMA a partir da pesquisa social, para preencher uma lacuna nesta área, onde estudos destacaram, em geral, os aspectos punitivos centrados no Código Mundial Antidoping. E de bioética, que está se espalhando sua filosofia, que também utiliza princípios, mas com conselheiro de orientação pragmática, a partir de processos de diálogo e deliberação colaborativa, que vão reconstruir seu significado de acordo com a arte anterior, as condições contextuais e idiosincrasias de os envolvidos; fato que pode ser questionado em certos casos: direitos, regras e deveres estabelecidos como imutáveis. Começa por desenvolver uma caracterização da pesquisa em ciências sociais financiada pela AMA sobre doping, de 2014 a 2018, para conhecer sua tendência, escopo e limitações. Em seguida, é realizada uma revisão do Princípio Bioético da Não-Maleficência e sua aplicação contra o doping. Finalmente, os resultados são analisados com base na noção de dispositivo de controle. A metodologia utilizada é qualitativa e combina um estudo bibliométrico com pesquisa documental. A projeção é orientada como uma contribuição teórica para os estudos socioculturais de doping a partir da perspectiva bioética.

Palavras-chave: Doping, princípio bioético da não maleficência, deliberação colaborativa, dispositivo de controle.

**Doping in present tense:
Perspective from the Bioethical Principle of Non-Maleficence**

Abstract

The objective of this article is to understand doping from the perspective of the Bioethical Principle of Non-Maleficence, defined as the moral obligation

not to harm or worsen an unfavorable sports situation. The philosophy of the World Anti-Doping Agency (WADA) that seeks to preserve the ethical principles of sport is analyzed through three strategies: Education, research and criminalization. The purpose is to visualize the advances of the AMA from social research, to fill a gap in this area, where studies have highlighted, in general, the punitive aspects centered on the World Anti-Doping Code. And from bioethics, it is about spreading its philosophy, which also uses principles, but with a guiding pragmatic character, from processes of dialogue and collaborative deliberation, which reconstruct their meaning according to the state of the art, the contextual conditions and the idiosyncrasy of those involved; fact that can come to question in certain cases: rights, rules and duties established as immutable. It begins by developing a characterization of research in social sciences funded by the AMA on doping, from 2014 to 2018 to know its trend, scope and limitations. Then, a revision of the Bioethical Principle of Non-Maleficence and its application against doping is carried out. Finally, the results are analyzed, based on the notion of control device. The methodology used is qualitative and combines a bibliometric study with documentary research. The projection is oriented as a theoretical contribution to the sociocultural studies of doping from the bioethical perspective.

Keywords: Doping, bioethical principle of non-maleficence, collaborative deliberation, control device.

EIXO TEMÁTICO 5: ESPORTE E SAÚDE

SIGNIFICADO DO CURSO DE PRÁTICAS AQUÁTICAS PARA ALUNOS ADULTOS DO SESC SANTOS

Graziela Hígino de Moura

Serviço Social do Comércio - Sesc (Brasil)

Resumo

À medida que realizamos o ato de nadar de maneira consciente, começamos a perceber diferentes possibilidades na interação corpo x água, criando novas relações com o meio. Portanto, é inadmissível que a natação permaneça reduzida a um conceito puramente tecnicista. Reconhecendo as infinitas possibilidades de experiências sensoriomotoras dentro da água, bem como a importância do desenvolvimento integral e harmonioso do aluno, em 2013, iniciou-se um processo de reformulação do formato de ensino da modalidade natação dentro do SescSP. Este estudo teve como objetivo verificar as sensações e impressões dos alunos quanto à prática de diferentes modalidades aquáticas apresentadas dentro do curso do Sesc Santos e se as expectativas dos alunos em relação à prática poderia ser alcançada com uma proposta metodológica que promova a prática variada. Concluiu-se que uma proposta que contemple a multidisciplinariedade pode possibilitar a aprendizagem e aprimoramento da técnica de um gesto esportivo e também torna-se uma oportunidade de os alunos terem contato com o esporte-educação, ajudando-os a ter mais consciência de suas potencialidades, com também oportunizar a vivência de sensações talvez até então nunca vividas.

Palavras-chave: natação; desenvolvimento integral; prática transferível; metodologia.

Significado del curso de prácticas acuáticas para alumnos adultos del SESC Santos

Resumen

A medida que realizamos el acto de nadar de manera consciente, comenzamos a percibir diferentes posibilidades en la interacción cuerpo x agua, creando nuevas relaciones con el medio. Por lo tanto, es inadmisibile que la natación permanezca reducida a un concepto puramente tecnicista. Reconociendo las infinitas posibilidades de experiencias sensoromotoras dentro del agua, así como la importancia del desarrollo integral y armonioso del alumno, en 2013, se inició un proceso de reformulación del formato de enseñanza de la modalidad natación dentro del SescSP. Este estudio tuvo como objetivo verificar las sensaciones e impresiones de los alumnos en cuanto a la práctica de diferentes modalidades acuáticas presentadas dentro del curso del Sesc

Santos y si las expectativas de los alumnos en relación a la práctica podría alcanzarse con una propuesta metodológica que promueve la práctica variada. Se concluyó que una propuesta que contemple la multidisciplinariedad puede posibilitar el aprendizaje y perfeccionamiento de la técnica de un gesto deportivo y también se convierte en una oportunidad para que los alumnos tengan contacto con el deporte-educación, ayudándoles a tener más conciencia de sus potencialidades, con también oportunizar la vivencia de sensaciones tal vez hasta entonces nunca vividas.

Palabras clave: natación; desarrollo integral; práctica transferible; metodología.

Meaning of the course of aquatic practices for adult students of SESC Santos

Abstract

As we consciously swim, we begin to see different possibilities in the body x water interaction, creating new relationships with the environment. It is therefore unacceptable that swimming should be reduced to a purely technical concept. Recognizing the infinite possibilities of sensorimotor experiences within the water, as well as the importance of the integral and harmonious development of the student, in 2013, a process of reformulation of the teaching format of the swimming modality within the SescSP began. This study aimed to verify the feelings and impressions of the students regarding the practice of different aquatic modalities presented within the course of Sesc Santos and if the students' expectations regarding the practice could be achieved with a methodological proposal that promotes the varied practice. It was concluded that a proposal that contemplates the multidisciplinary can make possible the learning and improvement of the technique of a sports gesture and also becomes an opportunity for the students to have contact with the sport-education, helping them to be more aware of its potentialities, with the opportunity to experience sensations that had never been experienced before.

Keywords: swimming; integral development; transferable practice; methodology.

Introdução

A contribuição da prática de exercícios físicos para a saúde está bem documentada na atualidade (Viana, Andrade e Matias, 2010). Acredita-se que o exercício físico influencia diretamente a saúde de seu praticante sendo que, quanto mais ativo, melhor é a sua qualidade de vida. Além disso, quando se analisa as diferenças entre os que praticam exercícios físicos com os que não praticam, não estão apenas os aspectos relacionados à saúde física, mas

também aqueles relacionados aos aspectos psicológicos e aos cognitivos (Silva et al, 2010). Portanto, analisar os benefícios de se ter uma vida ativa apenas por um viés reduz a gama de benefícios que a prática de exercício físico traz.

Além disso, tais benefícios podem ser identificados logo após uma única aula: um estudo feito com mulheres acima de 60 anos analisou os efeitos no humor das praticantes logo após uma aula de Yoga, por meio do preenchimento da escala de humor de Brunel e verificou-se que houve diminuição significativa nos níveis de estresse, fadiga e confusão mental (Moura, 2017). Portanto, se o aluno for capaz de perceber os benefícios imediatos da prática, pode ser possível aumentar as chances deste mesmo aluno voltar para a próxima aula. E com a prática regular, os benefícios serão ainda maiores.

Um estudo feito com 111 idosos participantes de um programa de exercícios físicos teve como objetivo explorar a associação dos fatores motivacionais para a prática de exercícios com a melhora da autoestima. Identificou-se que os idosos com autoestima elevada sentiam-se mais motivados para a prática regular de exercício físico. Ainda no mesmo estudo, identificou-se também que os idosos com tempo de prática superior a 1 ano apresentavam autoestima superior àqueles que participavam do programa há menos de 1 ano. O resultado permitiu sugerir que a autoestima foi um resultado da prática e não um comportamento motivador (Meurer, Benedetti e Mazo, 2010).

Porém, apesar desse quadro ser apresentado diariamente nos meios de comunicação como uma importante solução para muitos males relacionados à saúde, percebe-se que muitas pessoas não conseguem permanecer na prática por longos períodos, abandonando-a. (Santos e Knijnik, 2006).

Portanto, é necessário entender os motivos que levam as pessoas a iniciar a prática e os motivos que levam esses mesmos indivíduos a permanecer nela.

Santos e Knijnik (2006) realizaram um estudo com adultos entre 40 e 60 anos praticantes de atividade física e verificaram, por meio de questionário,

que o prazer na prática e a manutenção da saúde física são os principais motivos para a manutenção de um comportamento ativo.

Alves et al (2007) relataram que os principais motivos para que adolescentes de 13 a 18 anos, praticantes de natação, permanecessem no curso foram pelo bem estar pessoal proporcionado pela prática, diversão, empatia com o professor, além de condicionamento físico e prevenção de doenças.

Adultos de 20 a 45 anos, praticantes de natação, participaram de uma pesquisa e afirmaram que a vontade de aprender a nadar foi o motivo principal para o início da prática. Mais importante do que a indicação médica ou os benefícios estéticos, este mesmo estudo mostrou que os adultos permaneceram na prática porque descobriram gostar da modalidade. (Gomes, 2009).

Nestes estudos, portanto, é possível perceber que os motivos para a manutenção regular da prática transitam entre os aspectos da saúde física e os aspectos da saúde emocional e/ou psicológicos.

Desta maneira, é importante que o indivíduo seja capaz de identificar com qual prática possui maior identificação. Segundo Shaw & D'Angour (2001), "se nossa mente não está engajada no que fazemos, os benefícios do exercício são limitados ou simplesmente não existem".

CORPO X ÁGUA E O ENSINO DA NATAÇÃO

A água não é o ambiente natural em que vivemos, porém o homem possui uma relação próxima com este meio, seja de maneira recreativa, esportiva ou terapêutica.

À medida que realizamos o ato de nadar de maneira consciente, começamos a perceber diferentes possibilidades na interação corpo x água, criando novas relações com o meio. Assim, podemos sentir a água, descobrindo uma relação viva, e que por ser viva, pode ser ressignificada a todo momento, indo além de modelos tradicionais, movimentos determinados e ideias preestabelecidas.

As metodologias tradicionais limitam-se a ensinar apenas os quatro estilos formais, confundindo padrões rudimentares de movimento como erros de execução (Xavier Filho e Manoel, 2002). Considerando o universo de possibilidades motoras dentro da água, para Ferreira e Kleinubing (2003) é inadmissível que a natação permaneça reduzida a um conceito puramente tecnicista. Apesar de alguns estudos terem mostrado melhores estratégias de ensino da natação, ainda existem muitos lugares em que a metodologia tradicional encontra-se enraizada na prática docente.

Fernandes e Lobo da Costa (2006) citam, como exemplo de estratégia muito utilizada, a insistência de alguns professores em utilizar materiais que ajudam na flutuação em estágios iniciais. Para os autores, tal dependência traz uma conotação de que o corpo humano é incapaz de controlar seus movimentos no meio líquido, a menos que ele já domine um dos quatro estilos, ignorando, portanto, os princípios da hidrostática e hidrodinâmica.

Além disso, considerando a importância de o aluno identificar de que maneira seu corpo se relaciona com a água, quando o professor considera imprescindível a utilização de um material flutuante como elemento facilitador, ele pode estar diminuindo as possibilidades cognitivas do aluno identificar sua maneira de se relacionar com o ambiente aquático e principalmente impedindo que o aluno faça os próprios ajustes necessários para que essa relação flua de maneira harmônica. Conseqüentemente, desconsidera-se a diversidade da relação do homem com a água, desconsiderando também a bagagem motora que o aluno traz ao iniciar o curso.

Samulski (2002) afirma que o esporte é uma importante ferramenta para melhorar as relações sociais, a estabilidade emocional, a motivação para o próprio rendimento, autodisciplina e força de vontade. A adesão à prática pode estar sendo influenciada consideravelmente pela mídia, uma vez que ela transforma os eventos esportivos em grandes espetáculos e, de alguma maneira, isso acaba exercendo influência na sociedade. Mais um motivo enfatizando a necessidade de se refletir sobre a natação como uma atividade educativa.

Quando se fala em atividade educativa, se fala em pedagogia. Segundo Libâneo (2007), a pedagogia serve para investigar a natureza, as finalidades e os processos necessários às práticas educativas, sendo que estas não se dão de forma isolada das relações sociais, políticas, culturais e econômicas da sociedade. Para Ferraz (1996), os conhecimentos da motricidade humana devem ser apresentados aos alunos respeitando-se os aspectos de natureza conceitual, procedimental e atitudinal. Portanto, uma pedagogia da natação deve assumir que o aprendizado da natação também tenha esses componentes educativos, apresentados, por exemplo, por meio de conteúdos como história da modalidade, regras e provas de competição, normas de segurança em piscinas, praias e rios, preservação da água, difusão da modalidade pelo mundo e/ou aspectos políticos que possam interferir na vida dos atletas (Fernandes e Lobo da Costa, 2006).

Aliado a isso, além de considerar o conhecimento e as experiências motoras que o aluno traz como sua “bagagem” individual, deve-se entender o modo como ele assimila uma informação e o ritmo de sua aprendizagem. Estudos feitos com crianças com deficiência mostrou que os alunos sentiram-se participantes legítimos da aula de educação física escolar quando as experiências proporcionavam “senso de pertencimento”. Este sentimento estava associado aos dias em que tiveram a oportunidade de participar ativamente das atividades, demonstrando um papel importante no grupo por meio do seu conhecimento individual (Spencer-Cavaliere e Watkinson, 2010; Goodwin e Watkinson, 2000). Ao ampliar as possibilidades motoras na água, indo além da reprodução dos gestos específicos dos 4 nados, permitimos que os alunos reconheçam sua eficiência em gestos que não fazem parte dos nados tradicionais mas que também compõem o universo da relação corpo x água e também podem compor, de maneira rica e prazerosa, o repertório motor.

Correia (2009) apresentou uma proposta para o ensino da natação focado no campo socioeducacional, despertando no aluno uma atitude de análise, de criatividade, de crítica, de consciência, de reflexão e compreensão da realidade que o cerca, desenvolvendo significativamente a autonomia, explorando também as capacidades técnicas e instrumentais, porém não se

limitando apenas à reprodução de gestos, ações e movimentos. Após 8 meses de aula, os professores responsáveis pelo projeto concluíram que a intervenção pedagógica aplicada, pautada no campo socioeducacional, reforçou a cooperação e o coletivismo. Além disso, os alunos passaram a compreender a modalidade como oportunidade para uma prática mais participativa, criativa e prazerosa.

Ferreira e Kleinubing (2003) realizaram um estudo de caso com dois alunos adultos praticantes de natação. Foi aplicado um questionário semiestruturado com perguntas sobre “o que você sente quando está nadando” e “o que você pensa quando está nadando”. Os alunos relataram que durante a prática sentiam prazer e alegria, apesar do cansaço e da dificuldade em realizar certos movimentos. Sendo assim, segundo os mesmos autores, fica evidente que não podemos deixar de pensar na importância do movimento pois a aquisição de habilidade para se movimentar e se deslocar na água com eficiência irá possibilitar ao aluno desde perder o medo como também explorar/criar diversos outros movimentos. Porém, é importante reconhecer a importância da prática em relação aos aspectos socioafetivos. Qualquer método de ensino da natação deve levar em consideração o que o aluno sente e pensa durante a prática. (Shaw & D’Angour, 2001). A aula de natação deve ser a oportunidade de o aluno vivenciar experiências corporais aquáticas e perceber que a água é mais que uma superfície de apoio e uma dimensão: é um espaço para despertar emoções, aprendizados e relacionamentos com o outro, consigo e com a natureza (Fernandes e Lobo da Costa, 2006).

Bayyat, Orabi e Altaieb (2016) verificaram em estudo, realizado com 142 praticantes de natação de várias idades, que a comunicação, a auto-estima e a auto-confiança foram, de todas as habilidades adquiridas, as mais importantes do ponto de vista dos próprios alunos. Isto se deu devido à aplicação de métodos de ensino participativos que incluíram debates, demonstração dos exercícios, jogos e análises de situação.

Tais estudos mostram, portanto, que do ponto de vista do aluno, os maiores benefícios da prática da natação estão relacionados aos aspectos

socioafetivos e psicológicos. Esses modelos de ensino são capazes de proporcionar a aquisição de uma ampla competência aquática como também o desenvolvimento integral e harmonioso dos praticantes. O modelo de ensino tradicional da natação pode tornar a aprendizagem um processo monótono e sem significado para quem aprende e repetitivo e desinteressante para quem ensina (Fernandes e Lobo da Costa, 2006).

PRÁTICAS AQUÁTICAS: O CONCEITO DO NADAR NO SESCSP

As atividades físicoesportivas no SescSP são organizadas pela Gerência de Desenvolvimento Físicoesportivo (GDPE) e visam a estimular a ampliação das experiências relacionadas aos esportes e às atividades físicas, assim como a conscientizar para a importância da continuidade dessas práticas na vida cotidiana, para a melhoria da qualidade de vida e o bem-estar. A autonomia dos participantes, a integração, o respeito à diversidade e à inclusão social, o aprendizado e o desenvolvimento de habilidades corporais e cognitivas são pontos enfatizados. Considerando-se que o Sesc entende os esportes e as atividades físicas como manifestações da cultura, busca-se uma abordagem que permita valorizar os aspectos simbólicos e suas possibilidades de apropriação em cada circunstância. Tal perspectiva pode agregar uma outra percepção sobre o corpo, reconhecendo-o em sua singularidade e na potência de inter-relações do indivíduo com o mundo. Nesse sentido, diante do contexto atual, no qual múltiplos fatores têm contribuído para um aumento nos índices de sedentarismo mundial, as práticas esportivas e corporais são aliadas estratégicas para promover mudanças significativas (SescSP, 2018).

O programa de atividades aquáticas é composto pelos cursos de práticas aquáticas (antigo curso de natação) e hidroginástica, além de atividades recreativas. Este programa enfatiza a segurança do praticante no meio líquido, a aprendizagem do nadar e de outros esportes aquáticos, o condicionamento físico, a recreação e a manutenção do bem-estar.

Em 2013, iniciou-se um processo de reformulação do formato de ensino da modalidade natação dentro da instituição. Até essa data, o conteúdo do

curso era basicamente formado pelo ensino dos 4 nados. Porém, reconhecendo as infinitas possibilidades de experiências sensório-motoras dentro da água, bem como a importância do desenvolvimento integral e harmonioso do aluno, o curso passou a ser chamado de “Práticas Aquáticas” a fim de se relacionar mais claramente com as infinitas possibilidades de movimento na água e a metodologia aplicada no curso passou a utilizar 2 diretrizes: prática transferível e a trama dinâmica da natação.

PRÁTICA TRANSFERÍVEL

Apresentado inicialmente por Garganta (1995), este conceito foi relacionado pelo autor ao ambiente dos esportes coletivos porém, sua pertinência foi reforçada por Schmidt e Lee (1999), quando sugeriram que a prática variada traria benefícios não só à aprendizagem de modalidades esportivas de habilidades abertas (que acontecem em um contexto imprevisível) como também às de habilidades fechadas (que acontecem em ambientes previsíveis), possibilitando assim maior aprendizagem e retenção. Como prática variada os autores consideram a prática de diferentes habilidades em condições próximas à da modalidade em questão. Os mesmos autores afirmam que praticar repetidamente uma mesma habilidade até esta ser desempenhada corretamente não é o caminho mais eficaz para a aprendizagem. Ao analisarmos o ambiente aquático, podemos reconhecer a infinidade de movimentos que podem ser criados e realizados nele. Mesmo se considerarmos apenas os esportes já culturalmente conhecidos, ainda assim percebemos a potencialidade educativa para se relacionar inúmeros movimentos de modalidades esportivas distintas, proporcionando um ambiente multidisciplinar para os alunos e assim, uma prática próxima do conceito de prática variada. Por causa disso, os conceitos dos dois autores citados acima foram relacionados à natação por Canossa et al (2007), que sugerem que qualquer capacidade aprendida na água, em qualquer estágio da sequência de aprendizagem da natação, irá proporcionar ao aluno: o desenvolvimento total do domínio do meio aquático e por consequência, a

melhora da sua competência aquática; a diversidade dos elementos ensinados no curso de natação; maiores possibilidades de continuação da prática mesmo em idades avançadas e uma escolha desportiva consciente, uma vez que o professor apresenta ao aluno o universo de modalidades aquáticas, possibilitando a ele escolher a modalidade com a qual ele mais se identifica.

TRAMA DINÂMICA DA NATAÇÃO

A segunda diretriz utilizada como base para a reformulação metodológica do curso foi a Trama Dinâmica da Natação, apresentada por Catteau e Garoff (1990). Os autores afirmam que o saber nadar deve ser contemplado pelo domínio de 3 itens: equilíbrio, respiração e propulsão, e, por serem interdependentes, devem ser trabalhados de maneira simultânea, ocorrendo, ao longo do curso, destaque alternado de um para o outro. Os três itens, porém, foram categorizados com uma nova nomenclatura e adicionou-se um quarto item, considerando que a nova nomenclatura permitiria melhor entendimento da metodologia da instituição por parte dos professores do curso e englobaria inúmeras modalidades aquáticas. Desta maneira, os 4 componentes são: controle do corpo, controle respiratório, manipulação da/na água, entradas e saídas da/na água.

Podemos perceber que tanto o conceito de prática transferível como a trama dinâmica da natação possibilitam a ampliação de experiências esportivas na água. Desta maneira, não somente o ensino dos 4 nados como também outras modalidades aquáticas como o polo aquático, a natação em águas abertas, o nado sincronizado, surfe, caiaque passaram a compor a lista de conteúdos a serem vivenciados pelos alunos do SescSP.

Devemos considerar também que as diretrizes apresentam-se alinhadas à visão do ensino desportivo dentro do Sesc pois elas contribuem para o desenvolvimento da modalidade como manifestação cultural, possibilitam ao aluno perceber-se como protagonista da prática, potencializam sua relação consigo mesmo e com o mundo, e proporciona uma prática multidisciplinar e

prazerosa contribuindo com a manutenção da prática e conseqüente diminuição dos índices de sedentarismo.

Considerando a importância de estimular os alunos à reflexão em relação à escolha da modalidade (protagonismo) e os aspectos motivacionais relacionados à permanência da prática (autoanálise em relação ao significado da prática) além de possibilitar que o professor conheça os interesses de seus alunos, este estudo teve como objetivo verificar as sensações e impressões dos alunos quanto à prática de diferentes modalidades aquáticas apresentadas dentro do curso do Sesc Santos.

Metodologia

Esta pesquisa caracterizou-se como uma abordagem qualitativa por meio de uma entrevista semi-estruturada. As perguntas foram enviadas por email e as respostas foram enviadas no formato de arquivo de áudio, também por email. Optou-se por esse formato para a coleta de dados pelo fato do autor considerar que os alunos se sentiriam mais a vontade para refletir sobre suas percepções e sensações, além de este tipo de contato mostrar ser bem aceito pelos entrevistados, além de possibilitar maior alcance, baixo custo, facilidade na coleta e tabulação dos dados (Vieira, Castro e Shuch Junior, 2010).

As respostas foram transcritas e analisadas a partir de categorias não apriorísticas, ou seja, as categorias emergiram totalmente de acordo com as respostas dos participantes (Campos, 2004).

As questões norteadoras da entrevista semi-estruturada eram:

- 1) Há quanto tempo você pratica natação?
- 2) Há quanto tempo você frequenta o curso de práticas aquáticas do Sesc?
- 3) Além dos 4 nados tradicionais (crawl, costas, peito e borboleta), qual outra modalidade aquática você já vivenciou nas aulas?
- 4) Qual é o seu objetivo ao frequentar as aulas?
- 5) Como você se sente quando está fazendo as aulas do curso?

O roteiro das questões norteadoras foi estruturado a partir do entendimento de que essas questões permitiriam acesso aos dados necessários para análise dessa temática.

Como critério de exclusão foi estabelecido que os alunos deveriam estar frequentando o curso pelo menos desde março/2017 até março/2018 e ter participado de pelo menos duas atividades das que foram planejadas e desenvolvidas ao longo do ano: surfe, bodyboard, resgate e salvamento na água, natação no mar e polo aquático. Tais dados foram obtidos por meio da pergunta 2 e 3 do questionário. A amostra ficou composta por 8 alunos adultos, sendo 1 aluno e 7 alunas, entre 30 a 50 anos. A participação na pesquisa foi voluntária e todos os participantes concordaram com a participação assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A fim de preservar o anonimato das participantes, utilizou-se a identificação composta por a letra inicial E corresponde à palavra “entrevistado(a)”, um número para diferenciá-los, seguido da identificação do sexo e idade:

1. Participantes da entrevista

Entrevistado	Sexo	Idade
E1	Feminino	47 anos
E2	Feminino	30 anos
E3	Feminino	39 anos
E4	Feminino	42 anos
E5	Feminino	50 anos
E6	Masculino	30 anos
E7	Feminino	39 anos
E8	Feminino	41 anos

2. Número de alunos participantes em cada modalidade ministrada

Modalidades aquáticas	alunos que vivenciaram
Surfe	6
Bodyboard	6
Técnicas de resgate na água	3
Natação no mar	8
Polo aquático	5

Resultados e discussões

Os dados encontrados serão apresentados de acordo com as categorias provenientes da análise. Em seguida, teremos a discussão e a respectiva relação com a literatura.

Após análise das transcrições das gravações, em relação à questão 4, “Qual é o seu objetivo ao frequentar as aulas?”, obteve-se as seguintes categorias:

- a) Aprimorar a técnica da natação
- b) Melhorar a saúde física
- c) Melhorar a saúde emocional
- d) Estar em contato com a água

A categoria da melhora da saúde física foi citada pela maioria dos participantes, sendo 5 alunos. Isso talvez aconteça pelo fato de que os benefícios orgânico funcionais são amplamente difundidos e massificados pela mídia, de que a prática de exercícios físicos faz bem à saúde (Fraga et al, 2013). Os alunos relataram que iniciaram a prática buscando perder peso, melhorar a respiração devido à asma, melhora do condicionamento físico. Porém, é interessante analisar que 3 alunos não citaram como objetivos os aspectos relacionados à saúde física, talvez pelo fato de que tais benefícios já são de conhecimento de todos e que obviamente haverá a melhora com a prática regular. Além disso, aqueles que citaram, relacionaram também como objetivos aspectos relacionados à saúde física ou aprimoramento da técnica.

“Tem o aprimoramento da técnica mas também tem essas atividades diferentes. Eu nunca fiquei tanto tempo num curso de natação... tanto que agora estou há dois anos, sem parar.”

Entrevistado 6.

“Meu objetivo inicial era perder peso mas recentemente eu passei a pensar que além de perder peso, eu quero competir.”

Entrevistado 7

Um entrevistado citou também a busca pela melhora da saúde emocional e três alunos citaram como objetivo a prática da natação e o contato com água, corroborando a afirmação feita por Ferreira e Keinubing (2003), de que não podemos ignorar os aspectos técnicos da relação corpo x água, mas é importante entendermos que as atividades ministradas devem desenvolver o ser humano de maneira integral.

Em relação à questão 5, todas as respostas estavam relacionadas ao bem estar emocional, à sensação de liberdade, relaxamento e melhora da autoconfiança.

“Eu me sinto livre, esqueço totalmente do mundo. Sou só eu e a água.”

Entrevistado 2

“Eu me sinto relaxado porque é um ambiente silencioso. Ouço apenas a minha respiração”.

Entrevistado 6

“Estou me sentindo muito feliz. Fora os amigos que a gente cria pois um ajuda o outro.”

Entrevistado 5

“A natação me traz equilíbrio.”

Entrevistado 4

“Eu me sinto útil, na verdade... porque eu achei que nunca conseguiria chegar onde eu cheguei... nadar sem parar.”

Entrevistado 7

“Apesar da exigência física, tenho sensação de bem estar.”

Entrevistado 3

“O prazer de estar nadando supera qualquer cansaço.”

Entrevistado 1

Fica claro que os aspectos socioafetivos relacionados à prática são importantes para que os alunos reconheçam os benefícios da prática e que de, certa maneira, acabam fazendo com que o esforço inerente à prática de exercício físico faça sentido. Assim como afirma Ferreira e Kleinubing (2003), se a prática tiver uma sensação de tortura ou obrigação, os benefícios serão limitados ou simplesmente não existem.

Conclusão

É preciso que a prática esportiva considere o desenvolvimento do ser humano de maneira integral e harmoniosa, contemplando os aspectos motores, cognitivos e socioafetivos. As metodologias tradicionais já se ocupavam dos dois primeiros aspectos citados porém desconsiderava a importância de se desenvolver boas relações sociais no ambiente da prática esportiva e proporcionar atividades prazerosas aos alunos. A metodologia tecnicista desconsidera o significado que a prática tem para o aluno, preocupando-se apenas na perfeição do gesto a ser executado.

Porém, ao reconhecer-se como um ser dotado de emoções positivas que são despertadas pelo esporte, o ser humano passa a se envolver plenamente na atividade.

Diante disso, sugere-se que a prática esportiva dentro da água passe a ser vista como uma oportunidade de alunos de todas as idades terem contato com o esporte-educação, ajudando-os a ter mais consciência de suas potencialidades, com também oportunizar a vivência de sensações talvez até então nunca vividas.

Referências bibliográficas

Alves, M.L.T.; Duarte, E. (2014). A percepção dos alunos com deficiência sobre sua inclusão nas aulas de educação física escolar: um estudo de caso. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**. São Paulo, 28(2), 329-38, abr./jun.

Alves, M.P., Junger, W.L., Palma, A.; Monteuro, W.D.; Resende, h.G. (2007). Motivos que justificam a adesão de adolescentes à prática da natação: qual o espaço ocupado pela saúde? **Rev. Bras. Med. Esporte**, vol. 13, n. 6, nov./dez,.

Bayyat, M.M.; Orabi, S.M.; Altaieb, M.H.A. (2016). Life skills acquired in relation to teaching methods used trough swimming context. **Asian Social Science**; vol.12; no. 6.

Campos, C.J.G. (2004) Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev. Bras. Enferm.**; 57(5): 611-14.

Canossa, S.; Fernandes, R.J.; Carmo, C.; Andrade, A.; Soares, S.M. (2007). Ensino multidisciplinar em natação: reflexão metodológica e proposta de lista de verificação. **Motricidade**, 3(4): 84-89.

Catteau, R., Garoff, G. (1990). **O ensino da natação**. São Paulo. Manole.

Correia, E.S.R. (2009). Natação: um enfoque educacional. **Estudos**. Goiânia, vol.36, no 9/10, p. 1001 - 1018, set./out.

Ferraz, O. L. (1996). Educação Física Escolar: conhecimento e especificidade - a questão da pré-escola. **Rev. Paul. Educ. Fís.** São Paulo, supl. 2, p. 16-22.

Ferreira, R.J.; Kleinubing, M.C. (2003). Natação: relações do "corpo" com a água... em busca do prazer. **Arq. Ciênc. Saúde**. Unipar, 7(2): 159-166.

Fraga, V.M.; Novelli, M. M. P. C.; Ferreira, S.E.; Oliveira, R.C.de. (2013). Significados da Atividade Física para Mulheres Idosas. **Rev. Bras. Pesq. Saúde**, Vitória, 15(1):59-68, jan-mar.

Garganta, J. (1994). Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: Graça, A.; Kunz, E.; **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí.

Gomes, C.U.B. (2009). **Fatores motivacionais para a aderência e permanência dos indivíduos para praticar natação**. Dissertação para obtenção do grau de mestre. Fundação Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho.

Goodwin, D.L.; Watkinson, E.J. (2000). Inclusive physical education from the perspective of students with physical disabilities. **Adapt Phys Activ Q**. 17: 144-163.

Libâneo, J.C. (2007) Pedagogia e pedagogos: para quê? **Cadernos de Pesquisa**, v.37, n. 131, maio/ago.

Lobo da Costa, P. H.; Fernandes, J. R. P. (2006). Pedagogia da natação: um mergulho para além dos quatro estilos. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp**. São Paulo, V.20, n.1, p. 5-14, jan./mar.

Lotti, A.D.; Oliveira, R.C. (2016). Proposta pedagógica para o ensino da natação a partir do modelo pendular. **Pensar a prática**. Goiânia; vol. 19; no 3; jul./set.

Meurer, S.T.; Benedetti, T.R.S.; Mazo, G.Z. (2011). Teoria da autodeterminação: compreensão dos fatores motivacionais e autoestima de

idosos praticantes de exercícios físicos. **Rev. Bras. De Ativ. Fís. E Saúde**. Vol.16, n.1.

Moura, G.H. de. (2017). Effect of short term Yoga practice on mood state of adult women. Brics Conference of Exercise and Sports Science. Santos, Brasil.

Samulski, D. (2002). Psicologia do esporte. Barueri: Manole.

Santos, S.C.; Knijnik, J.D. (2006). Motivos de adesão à prática de atividade física na vida adulta intermediária I. Rev. Mackenzie de Educ. Fís. E Esporte. 5(1): 23-34.

SescSP: www.sescsp.org.br

Shaw, S.; D'Angour, A. (2001). **A arte de nadar**. São Paulo: Manole.

Silva, R.S.; Silva, I.; Silva, R.A.; Souza, L.; Tomasi E. (2010). Atividade Física e Qualidade de Vida. **Ciência & Saúde Coletiva**, 15(1) 115-120, 2010.

Schmidt, R.A.; Lee, T.D. (1999). **Motor Control and Learning**. A Behavioral Emphasis. U.S.A.: Human Kinetics.

Schmidt, R.A.; Wrisberg, C.A. (2000). **Motor Learning and Performance** (2nd ed), USA: Human Kinetics. 2000.

Spenser-Cavaliere, N.; Watkinson, E.J. (2010). Inclusion understood from the perspectives of children with disability. **Adapt Phys Activ Q**. 27; 275-93.

Viana, M. da S.; Andrade, A.; Matias, T. S. (2010). Teoria da autodeterminação: aplicações no contexto da prática de exercícios físicos de adolescentes. **Pensar a prática**. Goiânia, v. 13, n. 2, p. 1-18, maio/ago.

Vieira, H.C.; Castro, A. E. de; Schuch Junior, V.F. (2010). O uso de questionários via e-mail em pesquisas acadêmicas sob a ótica dos respondentes. **XIII Seminário em Administração da PUCRS**. Rio Grande do Sul. Setembro.

ESTUDIO PRELIMINAR DE LAS REPRESENTACIONES SOCIALES DEL CONCEPTO DE DOPAJE DEPORTIVO EN ESTUDIANTES DE LA FACULTAD DE EDUCACION FISICA DE LA UPN UN ENFOQUE ESTRUCTURAL

Juan Torres

Universidad Pedagógica Nacional (Coloombia)

Yair Porras

Universidad Pedagógica Nacional (Coloombia)

Resumen

El propósito del presente trabajo se enfoca al reconocimiento de las representaciones sociales que sobre el dopaje deportivo evidencia un grupo de estudiantes de la Facultad de Educación Física de la UPN. La importancia de este tipo de investigaciones revela el tipo de prácticas discursivas y significados que los futuros docentes construyen en torno al uso de sustancias prohibidas, sus metabolitos o marcadores, las evidencias sobre el uso de un método prohibido por parte de muchos atletas y los procesos de prevención del dopaje en los diferentes niveles de formación (Abella, 2012). La ruta metodológica de este estudio se basa en el enfoque mixto y el análisis prototípico categorial de las representaciones sociales (Moscovici, 1979), en el que se asume la estructura representacional como un complejo constituido por un núcleo central y un sistema periférico (Abric 2003). El núcleo central de la representación social sobre el dopaje está formado por 5 palabras: mejoría, sustancias prohibidas, ventaja, ayuda y alteración, palabras del dominio cognitivo incluidas parcialmente en la definición de la WADA (2015), en la que el doping se constituye en una infracción por parte de un atleta cuando consume una sustancia, por ejemplo esteroides anabólicos androgénicos, diuréticos o anfetaminas, o usa un método de ayuda en sangre o la terapia génica, acciones prohibidas por la World Anti-Doping Agency (WADA, 2015). En la zona de contraste se encuentran otras palabras que

guardan relación directa con el núcleo central del dopaje: trampa, drogas, rendimiento, ilegal y riesgo. Estas denominaciones reflejan una mirada en torno a la moralidad (trampa), el imaginario general sobre las sustancias químicas usadas (drogas ilícitas), la evaluación de beneficios (rendimiento) y la evaluación del peligro alrededor de su abuso (riesgos) (Petróczi, 2013). Así, las representaciones sociales son parte de un grupo de constructos que nombran, definen y describen la estructura y contenido de los estados mentales (estados cognitivos de base), que orientan las acciones de una persona. Las creencias sobre el Dopaje Deportivo pueden ser descritas como un conjunto de representaciones conceptuales, construidas desde edades tempranas que dan significado a la realidad ambiental, siendo válidas y confiables, ya que involucran un componente valorativo y afectivo, con los cuales construyen un pensamiento personal que guía sus acciones. Se podría afirmar que las creencias sobre el Dopaje Deportivo elaboradas gracias a una tipología asociada a la idea de cuerpo perfecto, o del súper atleta que las personas manejen. Por estas razones se propone el diseño de un programa de Alfabetización científica donde se contemple los resultados del presente estudio y se busque momentos de reflexión donde la decisión del consumo este mediada por la razón y no por la moda.

Palabras Clave: Dopaje deportivo; representaciones sociales; docentes en formación, esquemas cognitivos de base

Preliminary study of the social representations of the concept of sports doping in students of the faculty of physical education of upn a structural approach

Abstract:

The purpose of this paper focuses on the recognition of social representations of sports doping by a group of students from the School of Physical Education of the UPN. The importance of this type of research reveals the type of discursive practices and meanings that future teachers construct around the use of prohibited substances, their metabolites or markers, the evidence on the use of a prohibited method by many athletes and the processes prevention of doping at different levels of training (Abella, 2012). The methodological

route of this study is based on the mixed approach and the categorical prototypical analysis of social representations (Moscovici, 1979), in which the representational structure is assumed as a complex constituted by a central nucleus and a peripheral system (Abric 2003).). The central core of the social representation on doping is formed by 5 words: improvement, prohibited substances, advantage, help and alteration, words of the cognitive domain included in the definition of the WADA (2015), in which doping is constituted in an infraction by an athlete when consuming a substance, for example anabolic androgenic steroids, diuretics or amphetamines, or using a blood-aid method or gene therapy, actions prohibited by the World Anti-Doping Agency (WADA, 2015). In the contrast zone there are other words that are directly related to the central core of doping: cheating, drugs, performance, illegal and risk. These denominations reflect a look around morality (trap), the general imaginary about the chemical substances used (illicit drugs), the evaluation of benefits (performance) and the evaluation of the danger around their abuse (risks) (Petróczi, 2013). Thus, social representations are part of a group of constructs that name, define and describe the structure and content of mental states (basic cognitive states), which guide the actions of a person. The beliefs about Sports Doping can be described as a set of conceptual representations, constructed from an early age that give meaning to the environmental reality, being valid and reliable, since they involve a value and affective component, with which they build a personal thought that guide their actions. It could be said that the beliefs about Sports Doping elaborated thanks to a typology associated with the idea of the perfect body, or the super athlete that people drive. For these reasons, the design of a scientific literacy program is proposed, where the results of this study are contemplated and reflection moments are sought where the decision of consumption is mediated by reason and not by fashion.

Keyword: Sports doping; social representations; teachers in formation, basic cognitive schemes

Estudo preliminar das representações sociais do conceito da dopagem no desporto estudantes da faculdade de educação física abordagem upn estrutural

Resumo:

O objetivo deste artigo é o reconhecimento das representações sociais sobre o doping esportivo por um grupo de estudantes da Faculdade de Educação Física da Universidade Nacional Pedagógica da Colômbia. A importância deste tipo de pesquisa revela o tipo de práticas discursivas e significados que os futuros professores construído em torno do uso de substâncias proibidas, seus metabólitos ou marcadores, evidências sobre o uso de um método proibido por um número de atletas e os processos de prevenção de doping nos diferentes níveis de treinamento. O percurso metodológico guiar este estudo baseia-se na abordagem misto e a análise categórica prototípico de representações sociais, em que a estrutura representativa assume-se como um complexo constituído por um núcleo central e um sistema periférico. O núcleo da representação social sobre doping consiste em 5 palavras: melhoria, substâncias proibidas, chumbo, ajuda e alteração, palavras de domínio cognitivo parcialmente incluídos na definição da WADA (2015), em que o doping constitui violação por um atleta consome quando uma substância, tais esteróides androgénicos anabolizantes, diuréticos ou anfetaminas, ou utiliza um método de auxiliar sangue ou terapia génica, acções proibidas pela Agência Mundial Antidoping (Wada, 2015). Na zona de contraste, há outras palavras diretamente relacionadas ao núcleo central do doping: fraude, drogas, desempenho, ilegal e risco. Estes nomes refletem um olhar em torno da moralidade (armadilha), o imaginário geral sobre produtos químicos usados (drogas ilícitas), avaliação do benefício (performance) e avaliação dos perigos sobre seu abuso (riscos). Como se pode ver, as representações sociais fazem parte de um conjunto de construtos que nomeiam, definem e descrevem a estrutura e o conteúdo dos estados mentais (estados cognitivos básicos), que orientam as ações de uma pessoa. Crenças sobre Doping Deportivo pode ser descrito como um conjunto de representações conceituais, construído a partir de uma idade precoce que dão sentido à realidade ambiental, sendo suficientemente válido e confiável, uma vez que envolvem um avaliativo e componente afetivo, que construiu um

pensamento equipe que orienta suas ações do povo. Pode-se dizer que as crenças sobre o Doping Esportivo, desenvolvidas há muito tempo, são devidas a uma tipologia associada à ideia do corpo perfeito, ou ao super atleta que as pessoas dirigem. Por estas razões, propomos a concepção e implementação de um programa de alfabetização científica que considere os resultados deste estudo e busque momentos de reflexão onde a decisão de consumo seja mediada pela razão e não pela moda.

Referencias bibliográficas

Abella, R. Medellin, J. Los esteroides anabolizantes androgénicos, riesgos y consecuencias, *Rev. U.D.C.A Act. & Div. Cient.* 15 (Supl. Olimpismo): 47 - 55, 2012.

Abric, J. C. (1993). Central system, peripheral system: their function and roles in the dynamic of social representations, *Linz*, v. 2, n. 2, 75-78.

Abric, J.C. (2003). La recherche du noyau central et de la zone muette des représentations sociales. In: ABRIC, J. C. *Méthodes d'étude des représentations sociales*. Paris: Eres, 59-80.

MOSCOVICI, S. (1979) *El psicoanálisis: su imagen y su público*. Buenos Aires: Heumul.

Petróczi, A. (2007). Attitudes and doping: a structural equation analysis of the relationship between athletes' attitudes, sport orientation and doping behaviour. *Substance abuse treatment, prevention, and policy*, 2, 34, 1-15.

Petróczi, A. (2013). The doping mindset—Part I: Implications of the Functional Use Theory on mental representations of doping. *Performance Enhancement & Health*.

EFFECTOS DE UN ENTRENAMIENTO DE FUERZA VS UNO BASADO EN LA VELOCIDAD MEDIA PROPULSIVA, SOBRE LA CAPACIDAD FUNCIONAL Y LA CALIDAD MUSCULAR EN ADULTOS MAYORES

Jairo Alejandro Fernández Ortega

Universidad Pedagógica Nacional (Colombia)

Luz Amelia Hoyos Cuartas

Universidad Pedagógica Nacional (Colombia)

Resumen

Este estudio examina los efectos de dos programas de entrenamiento de fuerza (EF) uno basado en la velocidad media propulsiva (VMP) y otro bajo el método tradicional (%RM), sobre el desempeño neuromuscular y la capacidad funcional de adultos mayores, que se asignaron aleatoriamente en dos grupos: grupo de entrenamiento en velocidad de ejecución (GV, n= 65), grupo de % fuerza (GRM, n=58) Los dos grupos presentaron ganancias significativas, en todas las variables de la capacidad funcional, fuerza y potencia, pero los mayores incrementos los obtuvo el grupo que realizó el entrenamiento con VMP, ($p < 0.001$) contra $p < 0.01$ del GRM. Igualmente se observaron diferencias estadísticamente significativas a favor del GV en las pruebas de agilidad y equilibrio dinámico ($p < 0.05$) marcha estacionaria ($p < 0,05$), sentarse y pararse ($p < 0,05$), velocidad sobre cuatro metros ($p < 0.01$), velocidad sobre seis metros, ($p < 0,01$), y velocidad media propulsiva ($p < 0.01$), y potencia máxima (pico) ($p < 0.01$). Diferencias significativas para el GRM en las pruebas de fuerza máxima de brazos ($p < 0.05$) y de piernas ($p < 0.01$)

Palabras clave: Fuerza, potencia, adulto mayor, capacidad funcional, calidad muscular.

Effects of strength training vs power training, on functional capacity and muscular quality in older adults

Abstract

This study examines the effects of two strength training programs (EF) one based on the average propulsive velocity (MPV) and another under the traditional method (% RM), on the neuromuscular performance and the functional capacity of older adults, which randomly assigned in two groups: training group in execution speed (GV, n = 65), group of % force (GRM, n = 58) The two groups presented significant gains, in all the variables of functional capacity, strength and power, but the greatest increases were obtained by the group that performed the training with VMP, ($p < 0.001$) against $p < 0.01$ of the GRM. Likewise, statistically significant differences were observed in favor of GV in the tests of agility and dynamic balance ($p < 0.05$), stationary walking ($p < 0.05$), sitting and standing ($p < 0.05$), speed over four meters ($p < 0.01$), speed over six meters, ($p < 0.01$), and average propulsive velocity ($p < 0.01$), and maximum power (peak) ($p < 0.01$). Significant differences for the GRM in the tests of maximum arms strength ($p < 0.05$) and legs ($p < 0.01$)

Palabras clave: Strength; power; older adult; functional capacity; muscle quality.

Efeitos do treinamento de força versus treinamento de potência, na capacidade funcional e na qualidade muscular em idosos

Resumo

Este estudo examina os efeitos de dois programas de treinamento de força (EF), um baseado na velocidade propulsiva média (VPM) e outro sob o método tradicional (% RM), no desempenho neuromuscular e na capacidade funcional de idosos, que distribuídos aleatoriamente em dois grupos: grupo treinamento em velocidade de execução (GV, n = 65), grupo de % força (GRM, n = 58) Os dois grupos apresentaram ganhos significativos, em todas as variáveis capacidade funcional, força e potência, mas os maiores aumentos foram obtidos pelo grupo que realizou o treinamento com o VPM, ($p < 0,001$) contra $p < 0,01$ do GRM. Também foram observadas diferenças estatisticamente significativas a favor de GV em testes de agilidade e equilíbrio dinâmico ($p < 0,05$) engrenagem estacionário ($p < 0,05$), sentar e levantar ($p < 0,05$), a velocidade de mais de quatro metros ($p < 0,01$), velocidade acima de seis

metros, ($p < 0,01$), velocidade propulsiva média ($p < 0,01$) e potência máxima (pico) ($p < 0,01$). Diferenças significativas para o GRM nos testes de força máxima dos braços ($p < 0,05$) e pernas ($p < 0,01$).

Palavras-chave: Força; poder; idoso; capacidade funcional; qualidade muscular.

FATORES RELACIONADOS À PRÁTICA DE HIDROGINÁSTICA NA UNIDADE SESC CONSOLAÇÃO

Wladimir Barbosa Reis

Serviço Social do Comércio - Sesc (Brasil)

Nicolas Fraga

Serviço Social do Comércio - Sesc (Brasil)

Universidade de São Paulo (Brasil)

Resumo

O Programa de Atividades Aquáticas do Sesc São Paulo (Sesc SP) oferece diferentes modalidades e vivências em ambiente aquático ao público. Dentre estas, o curso de Hidroginástica da unidade Consolação é oferecido para 8 (oito) turmas no período matutino, 5 (cinco) turmas no período vespertino e 2 (duas) turmas no período noturno e visa melhorar o condicionamento físico e promover a sociabilização por meio de exercícios de força, resistência e flexibilidade. Durante os meses de maio e junho de 2018, foi realizado acompanhamento por um estagiário da turma de Hidroginástica de terças e quintas-feiras, das 15h30min às 16h20min, que tem como responsável um instrutor da unidade Consolação. Neste período, 54 pessoas estavam matriculadas nesta turma. Destas, 39 (72,2%) possuíam Credencial Plena e 15 (27,8%) possuíam Credencial Atividades¹³, sendo 51 (94,4%) mulheres e 3 (5,6%) homens. O estagiário acompanhou as atividades como praticante, bem como dialogando e aprendendo sobre planejamento e execução do curso junto ao instrutor responsável antes e depois das aulas. Registraram-se as impressões e reflexões daquele sobre esta experiência em forma de relatos. Após isso, fez-se leitura investigativa dos relatos para identificar quais componentes da aula se sobressaíam das reflexões do estagiário, que foram: Música, materiais, criatividade e participação do público. As aulas eram acompanhadas por trilhas sonoras diferentes de acordo com o momento da

¹³ A Credencial Plena destina-se aos trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo. A Credencial Atividades destina-se ao público em geral.

aula (aquecimento, parte principal e relaxamento). A utilização de sequências propositas de músicas foi positiva para percepção de rendimento e ânimo geral das pessoas durante as aulas que, por várias vezes, cantavam as músicas enquanto realizavam os exercícios propostos. No decorrer das aulas foram utilizados espaguets, discos, halteres e bolas. A utilização desses materiais ocorreu de acordo com a quantidade de alunos presentes em cada aula, bem como com a possibilidade de variação da complexidade que estes materiais permitiam. A simples junção desses dois elementos (materiais e música) é comum em uma aula de hidroginástica. Porém, a combinação, de modo dinâmico e criativo desses elementos durante as aulas foi perceptível às pessoas participantes, pois, ao final das aulas, o instrutor recebia elogios e sugestões para aprimoramento das aulas. Tais sugestões influenciaram diretamente tanto no planejamento das aulas quanto na escolha das músicas, contribuindo positivamente para o andamento das aulas. Ou seja, a participação do público influenciou diretamente na alteração e exploração de estímulos diferentes, de modo que os alunos se sentiram motivados a continuar frequentando as aulas e realizando as atividades, bem como continuar contribuindo com sugestões para sua própria prática. Nesse sentido, nos aproximamos de Nahas (2006) *apud*. Quadros, Dias e Marques (2012: 338) ao inferir que “independentemente das escolhas feitas, o objetivo geral é manter a mobilidade e a autonomia, realizando atividades que sejam agradáveis e promovam a interação social”, utilizando, em conjunto, o estímulo às capacidades físicas que a prática proporciona. Assim, a organização e execução conjunta dos elementos da aula apresentados foram fundamentais para fortalecer laços afetivos e construir a prática com qualidade atendendo, assim, os objetivos do curso de Hidroginástica na unidade Sesc Consolação.

Referências Bibliográficas

QUADROS, R.B.; DIAS, J.F.S.; MARQUES, C.L.S. (2012). A prática de atividades aquáticas na busca de harmonia biopsicossocial. **Revista Estudos**

Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, Porto Alegre, v.17, n.2, p.333-351.

RISCOS FISIOLÓGICOS E OSTEOMUSCULARES EM CORREDORES AMADORES, UM ESTUDO DE CASO SOBRE ALUNOS DO PROGRAMA DE GINÁSTICA MULTIFUNCIONAL DO SESC 24 DE MAIO

Angela de Souza

Serviço Social do Comércio - Sesc (Brasil)

Emerson Espinoza Terceiros

Serviço Social do Comércio - Sesc (Brasil)

Resumo

Cada vez mais populares as corridas de rua, as corridas cross country, trail e corridas de montanha, são estimuladas com o intuito de incentivo a atividade física buscando reduzir o alto índice de sedentarismo e adquirir um estilo de vida mais saudável, dentre as diversas provas destacamos as corridas em vias urbanas pavimentadas e planas, essa modalidade prevê distâncias de 5km, 10km, 21km e 42km, segundo Sierra et al.(2014), muitos praticantes de exercícios físicos pensando nos benefícios citados acima não pensam na possibilidade de injurias fisiológicas ou até mesmo lesões decorrentes da pratica de exercícios de alta intensidade, por esse motivo é necessária uma investigação médica adequada antes iniciar a pratica de exercícios físicos e orientação profissional física e nutricional adequadas. O programa de ginástica multifuncional (GMF) do SESC 24 de maio atende um público amplamente variados, e dentre o mesmo encontrasse alguns atletas amadores de corridas de rua, dessa forma, o objetivo do presente estudo foi verificar através de entrevista semiestruturada a relação desses atletas com o treinamento na GMF, quais as expectativas com relação ao treinamento, nível de preparação, tipo de orientações e prevalência ou não de lesões. Foram selecionados como sujeitos de estudo de casos alunos do programa de Ginástica Multifuncional do Sesc 24 de Maio, como critérios adicionais foram

estabelecidos: participação frequente em corridas acima destacadas e ser assíduo as atividades na GMF. Com o caráter exploratória da pesquisa os resultados obtidos possibilitaram traçar o perfil desses alunos frente a modalidade e o risco de lesões, foram entrevistados seis alunos, dos quais um realiza prova de montanha e cross country, dois realizam ultra maratona e maratona e três realizam provas de vias pavimentadas de 5Km à 10Km, dentre os entrevistados cinco sujeitos são do sexo masculino e um do sexo feminino a idade varia entre 40 e 60 anos, os relatos demonstraram falta de orientação profissional adequada e baixa compreensão a questões nutricionais e de treinamento, os alunos relataram também os tipos de lesões frequentes, em sua maioria são lesões osteomusculares, frente aos dados sentimos a necessidade de ampliação do estudo para futura pesquisa.

Palavras Chaves: Lesões, Atletas amadores, treinamento.

Referencias

ABBATEMARCO, Justin R; BENNETT, Courtney; BELL, Adrian J; DUNNE, Laura; MATSUMURA, Martin E. APPLICATION OF PRE-PARTICIPATION CARDIOVASCULAR SCREENING GUIDELINES TO NOVICE OLDER RUNNERS AND ENDURANCE ATHLETES. Sage open medicine February 2016.

GHORAYEB; N., COSTA; R.V.C., CASTRO; I., DAHER; D.J., OLIVEIRA FILHO; J.A., OLIVEIRA; M.A.B. et al. Diretriz em Cardiologia do Esporte e do Exercício da Sociedade Brasileira de Cardiologia e da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte. Arq Bras Cardiol,100(1Supl.2):1-41,2013.

GHORAYEB, Nabil; CORAÇÃO DE ATLETA.MODIFICAÇÕES FISIOLÓGICAS X SUPERTREINAMENTO E DOENÇAS CARDÍACAS. Arq Bras Cardiol, São Paulo-volume 64, (nº 2), 1995.

ISHIDA, Jaqueline de Castro; TURI, Bruna Camilo; PEREIRA-DA-SILVA, Márcio; AMARAL, Sandra Lia do. PRESENÇA DE FATORES DE RISCO DE DOENÇAS CARDIOVASCULARES E DE LESÕES EM PRATICANTES DE CORRIDA DE RUA. Rev Bras Educ Fís Esporte, São Paulo; Vol.27 P.55-65, Jan-Mar 2013.

MOURA, CA; PALMA, A; FILHO, PNC; ALMEIDA, MN. CARACTERÍSTICAS ASSOCIADAS AOS CORREDORES DA MARATONA DO RIO DE JANEIRO. Fit Perf J. 2010 jan-mar; vol. 9(1):106-112p.

SIERRA, Ana Paula Rennó; DIOGUARDI, Giuseppe Sebastiano; SIERRA, Carlos Anibal; KISS, Maria Augusta Peduti Dal Molin; GHORAYEB, Nabil; ALTERAÇÃO DE BIOMARCADORES DE LESÃO MIOCÁRDICA EM ATLETAS APÓS A MARATONA INTERNACIONAL DE SÃO PAULO. Rev Bras Med Esporte - Vol. 21, No 3 - Mai/Jun, 2015.

SIERRA, Ana Paula Rennó; BENETTI, Marino; MARIANO, Silvia Gonçalves; BOAVENTURA, Maria Fernanda Curry; SANTOS, Vinicius Coneglian dos; GORJÃO, Renata; SIERRA, Carlos Anibal; GHORAYEB, Nabil; SMITH, Patrícia; BASTOS, Flavia da Cunha; KISS, Maria Augusta Peduti Dal Molin; GERENCIAMENTO DE RISCO EM CORRIDA DE RUA: PERFIL DOS MARATONISTAS EM FOCO. Rev. Intercon. Gest. Desport., Rio de Janeiro, Vol. 4, P. 284-293, dezembro/2014.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. DATASUS. MORBIDADE HOSPITALAR DO SUS: POR LOCAL DE INTERNAÇÃO - SÃO PAULO. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/defthtm.exe?sih/cnv/niuf.def>>. 2010. Acesso em 15 de outubro de 2016 as 10hs00.

SILVA, M.S., SOUSA; M.S. O PAPEL DAS ASSESSORIAS ESPORTIVAS NO CRESCIMENTO DAS CORRIDAS DE RUA NO BRASIL. FIEP Bulletin, 83 Special Edition 2013.

SALGADO, J.V.V.; CHACON-MIKAHIL, M.P.T. CORRIDA DE RUA: ANÁLISE DO CRESCIMENTO DO NÚMERO DE PROVAS E DE PRATICANTES. Conexões, 4 (1):100-9, 2006.

PROCESO DE APRENDIZAGEM EM PILATES: A “V” DE PILATES

Martín Dario Villanueva Alonso
Universidade de São Paulo (Brasil)

Resumo

Pilates melhora a resistência muscular, flexibilidade, equilíbrio e postura. Portanto, este sistema de treinamento é focado na saúde postural. Embora estudos recentes tenham focado os diferentes benefícios dessa atividade física, pouco se sabe sobre a dificuldade de aprender a praticá-la apropriadamente. O objetivo principal do presente estudo foi estudar o tempo de aprendizagem de um gesto técnico, de nível médio, em Pilates denominado "V" Pilates para três grupos de pessoas de três diferentes níveis de habilidades em Pilates: iniciação, intermediário e avançado. O objetivo secundário era descobrir se as tarefas motoras, bem como as adaptações aplicadas durante o treinamento, eram transferências positivas em direção ao gesto técnico final. Vinte e uma mulheres, voluntárias, praticantes de Pilates em um centro de Pilates em Valladolid (Espanha) participaram do presente estudo. Todos eles pertenciam a três classes de diferentes níveis, sendo estes: iniciação, intermediário e avançado. A idade média desses praticantes foi de 54 anos. Um pré-teste, inter-teste e um pós-teste foram realizados para todos os participantes. Os resultados por grupo indicaram que as mulheres do grupo intermediário foram as que aprenderam o gesto técnico mais rápido, sendo as do segundo grupo avançado, enquanto as mulheres do grupo de iniciação foram as que levaram mais tempo para aprendê-lo. As mulheres do grupo avançado foram as que cometeram menos erros, enquanto as do grupo de iniciação tiveram os piores resultados nos três grupos. No entanto, no nível individual, os valores máximos foram obtidos no desenvolvimento da habilidade, com menos falhas, em mulheres de nível avançado, bem como os valores mais baixos em mulheres do grupo de iniciação. Este estudo oferece

evidências de que o processo de aprendizagem da tarefa denominada "V" Pilates requer dois meses de prática para realizá-lo sem erros no grupo de mulheres de iniciação, assim como também determinamos que o grupo intermediário de mulheres obtivesse melhores valores significa que a tarefa que eles usaram é mais adequada ao nível de tarefas com as quais estão acostumados. Outro dos achados do estudo foi considerar que tarefas motoras, como as adaptações que utilizamos, têm servido como transferências positivas na aprendizagem desta tarefa para os três níveis de competência em Pilates.

Palavras-chave: Aptidão física; Terapia por exercício; Exercício; Flexibilidade;

Proceso de Aprendizaje en Pilates: la "V" de Pilates.

Resumen

Con la práctica del Pilates se mejora la resistencia muscular, la flexibilidad, el equilibrio y la postura. Por ello este sistema de entrenamiento está enfocado a la salud postural. Aunque recientes estudios se han centrado en los diferentes beneficios de esta actividad física, poco se conoce sobre la dificultad de aprender a practicarla apropiadamente. El objetivo principal del presente estudio fue estudiar el tiempo de aprendizaje de un gesto técnico, de nivel medio, en Pilates llamado "V" de Pilates para tres grupos de personas de tres diferentes niveles de habilidades en el Pilates: iniciación, intermedio y avanzado. El objetivo secundario fue descubrir si las tareas motrices tanto como las adaptaciones aplicadas durante el entrenamiento eran transferencias positivas hacia el gesto técnico final. Veintiuna mujeres, voluntarias, practicantes de Pilates en un centro de Pilates en Valladolid (España) participaron en el presente estudio. Todas ellas pertenecían a tres clases de diferentes niveles, siendo estos: iniciación, intermedio y avanzado. La edad media de dichas practicantes fue de 54 años. Se realizó un pre-test, inter-test y un post-test a todas las participantes. Los resultados por grupo indicaron que las mujeres del grupo intermedio fueron quienes aprendieron el gesto

técnico más rápido, siendo las del grupo avanzado segundas mientras que las mujeres del grupo de iniciación fueron quienes tardaron más en aprenderla. Las mujeres del grupo avanzado fueron quienes cometieron menos errores mientras que las del grupo de iniciación volvieron a tener los peores resultados de los tres grupos. Sin embargo, a nivel individual, se obtuvieron los valores máximos en el desarrollo de la habilidad, con menos fallos, en mujeres de nivel avanzado así como los valores más bajos en mujeres del grupo de iniciación. Este estudio ofrece evidencia de que el proceso de aprendizaje de la tarea llamada "V" de Pilates exige dos meses de práctica para conseguir realizarla sin errores en grupo de mujeres de iniciación, así mismo, también determinamos que el grupo intermedio de mujeres obtuvo mejores valores medios ya que la tarea que emplearon se ajusta mejor al nivel de tareas que están acostumbradas. Otro de los descubrimientos del estudio fue el considerar que las tareas motrices como las adaptaciones que hemos empleado han servido como transferencias positivas en el aprendizaje de dicha tarea para los tres niveles de competencia en el Pilates.

Palabras-clave: Aptitud física; Terapia por ejercicio; Ejercicio; Flexibilidad;

Abstract

Pilates improves muscle endurance, flexibility, balance and posture. Therefore, this training system is focused on postural health. Although recent studies have focused on the different benefits of this physical activity, little is known about the difficulty of learning to practice properly. The main objective of the present study was to study the learning time of a technical gesture, of medium level, in Pilates called "V" Pilates for three groups of people of three different levels of skills in Pilates: initiation, intermediate and advanced. The secondary objective was to discover if the motor tasks as well as the adaptations applied during the training were positive transfers towards the final technical gesture. Twenty-one women, volunteers, Pilates practitioners in a Pilates center in Valladolid (Spain) participated in the present study. All of them belonged to three classes of different levels, these being: initiation, intermediate and advanced. The average age of these practitioners was 54 years. A pre-test,

inter-test and a post-test were carried out to all the participants. The results by group indicated that the women of the intermediate group were the ones who learned the fastest technical gesture, being those of the second advanced group while the women of the initiation group were the ones who took longer to learn it. The women in the advanced group were the ones who made fewer mistakes while those in the initiation group had the worst results in the three groups. However, at the individual level, the maximum values were obtained in the development of the skill, with fewer failures, in women of advanced level as well as the lowest values in women of the initiation group. This study offers evidence that the learning process of the task called "V" on Pilates requires two months of practice to get it done without errors in the group of women of initiation, likewise, we also determined that the intermediate group of women obtained better values means that the task they usually practise better suited to the level of tasks that they get used to. Another of the findings from this study was to consider that motor tasks such as the adaptations we have used, served as positive transfers in the learning of this task for the three levels of competence in Pilates.

Key words: Physical fitness; Exercise Therapy; Exercise; Flexibility;

EIXO TEMÁTICO 6: ESPORTE E GÊNERO

CICLISMO URBANO E GÊNERO: POR UMA EXPERIÊNCIA DA MULHER CICLISTA PEDALANDO NA CIDADE

Sandra Soledad Troncoso Robles Dri Manfiolete
Universidad Austral de Chile (Chile)

Sergio Alejandro Toro-Arevalo
Universidad Austral de Chile (Chile)

Luiz Gonçalves Junior
Universidade Federal de São Carlos (Brasil)

Resumo

Este relato buscou compreender o fenômeno ciclismo urbano na perspectiva existencial dos estudos sobre gênero em ciência e tecnologia. O interesse foi situar a prática social do cicloativismo a partir de uma viagem de bicicleta realizada no ano de 2016 entre os países *Chile, Peru, Bolívia e Brasil*. No contexto da pesquisa qualitativa em Motricidade Humana, destaque para a intencionalidade das mulheres ciclistas no pedalar pelas vias públicas dentro e fora das cidades. Constatamos que, a cultura patriarcal resultado da velocidade do transporte motorizado determina o baixo índice de mulheres ciclistas na mobilidade ativa, o que pode estar relacionado com a promoção de políticas públicas para o acesso equitativo do espaço público.

Palavras-chave: Ciclismo urbano; gênero; mobilidade ativa; motricidade humana.

Ciclismo urbano y género: por una experiencia de la mujer ciclista pedaleando en la ciudad

Resumen

Este ensayo buscó comprender el fenómeno ciclismo urbano en la perspectiva existencial de los estudios sobre género en ciencia y tecnología. El interés fue situar la práctica social del cicloativismo a partir de un viaje en bicicleta realizado en el año 2016 entre los países *Chile, Perú, Bolivia y Brasil*. En el contexto de la investigación cualitativa en Motricidad Humana, destaca la intencionalidad de las mujeres ciclistas en el pedaleo por las vías públicas dentro y fuera de las ciudades. Constatamos que la cultura patriarcal resultante de la velocidad del transporte motorizado determina el bajo índice de mujeres ciclistas en la movilidad activa, lo que puede estar relacionado con la promoción de políticas públicas para el acceso equitativo del espacio público.

Palabras clave: Ciclismo urbano; género; movilidad activa; motricidad humana.

Urban bicycling and gender: for an experience of bicyclist woman pedaling in the city

Abstract

This essay sought to understand phenomenon urban bicycling in the existential perspective studies on gender in science and technology. The interest situate social practice of cicloactivist from a bicycle trip realized in the year 2016 between countries *Chile, Peru, Bolivia* and *Brazil*. In the context qualitative research in Human Motricity, bicycling women's intentionality to pedal through public inside and outside the cities. We note that patriarchal culture resulting from speed motor transportation determines low rate female cyclists in active mobility, which related promotion of public policies for equitable access public space.

Keywords: Urban bicycling; gender; active mobility; motricity human.

Introdução

Este relato buscou compreender o fenômeno ciclismo urbano na perspectiva dos estudos sobre gênero em ciência e tecnologia. O interesse por desenvolver esta pesquisa está relacionado a três aspectos do meu Mundo-Vida: formação acadêmica em *Pedagogia en Educación Física, Deporte y Recreación* na *Universidad Austral de Chile* (UACH), a experiência em mobilidade ativa por bicicleta com a participação em pedaladas coletivas "*Critical Mass Ride*" (Massa Crítica ou Bicletada) e a realização de uma viagem de bicicleta no ano de 2016 de aproximadamente sete mil quilômetros percorrendo o território da América do Sul pedalando entre os países Chile, Peru, Bolívia e Brasil.

Esta reflexão crítica visa a apreensão da experiência em ser mulher ciclista através da Ciência da Motricidade Humana (SÉRGIO, 1999; SERGIO; TORO AREVALO, 2004), compreende o ser humano em seu 'corpo-próprio' na relação com o outro que varia conforme a situação e posição social do sujeito. Merleau-Ponty (2011) adverte: "não estou diante de meu corpo, eu sou corpo habitado e situado no espaço-tempo, ou seja, parto do corpo-objeto para o corpo-próprio, o corpo encarnado", no qual as "[...] essências, o sentido e a

significação do Mundo e das coisas alcançam-se, tão só, através da percepção”.

Joan Scott nos define a categoria gênero: “(1) elemento constitutivo de relações sociais fundamentadas nas diferenças percebidas entre os sexos (2) forma primária de dar significado às relações de poder”, pois as análises e intervenções devem ter como referência a diversidade social e cultural que constituem as relações de poder entre mulheres e homens (SCOTT, 1995, p.86). Diante disso, compartilhamos da percepção sobre os baixos índices de mulheres ciclistas que pedalam nas cidades, o que pode estar relacionado à exposição do corpo feminino no compartilhamento da via com a velocidade do transporte motorizado. Esta situação visa ilustrar uma corporeidade particular, pois, como o movimento feminista tem demonstrado inúmeras vezes e, em vários contextos da vida social, as mulheres são pouco valorizadas quanto a subjetividade feminina. Perguntamos: **a)** Qual a relação entre mobilidade ativa por bicicleta e gênero? **b)** Porque há poucas mulheres pedalando nas cidades?

Compartilhamos nossas reflexões tendo como possíveis respostas às perguntas anteriores, os estudos sobre mobilidade ativa por bicicleta em relação com o gênero, mas também da participação em 2017 do Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (NEFEF-DEFMH) e no Programa de Pós-Graduação Ciência, Tecnologia e Sociedade (PPGCTS) na disciplina “Tópicos Especiais: Estudos de Gênero em Ciência e Tecnologia”, ambos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Reflexões metodológicas

Esta reflexão metodológica está dividida em quatro tópicos de análise: estudos sobre gênero no campo da ciência e tecnologia, a relação da mobilidade ativa por bicicleta e gênero, os processos educativos e Motricidade Humana e aspectos existenciais do pedalar em uma viagem de bicicleta pelo território sul-americano. Destacamos que o relato está estruturado desde uma

opção fenomenológica (MERLEAU-PONTY, 2006; VAN MANNEN, 2016) com ênfase nos sentidos implantados e construídos durante a viagem tendo como particularidade a vivência feminina.

Estudos sobre gênero em ciência e tecnologia

Na primeira aula “Panorama dos estudos sobre gênero em ciência e tecnologia”, o artigo *The Glass Escalator, Revisited: Gender Inequality In Neoliberal Times, SWS Feminist Lecturer* (WILLIAMS, 2013) identificou duas limitações do conceito “*escada de vidro*”. O conceito em questão está situado nos empregos estáveis que demonstra a desigualdade de gênero nas profissões de Enfermagem, Biblioteconomia, Serviço Social e Pedagogias, além das instituições públicas que, já não caracterizam o mercado de trabalho atual, o que nos indica um argumento atrelado a construção de novos conceitos para analisar a desigualdade de gênero no mercado de trabalho no século XXI.

Na segunda aula, “Feminismo e representações de gênero no universo pop”, o artigo *Teorias de género y cine - Un aporte a los estudios de la representación* (IADEVITO, 2014) investigou a relação entre gênero e cinema expondo as características através de signos e imagens da cultura visual. De modo geral, a palavra gênero acompanha um tipo de mensagem no plano social e subjetivo em que as representações visuais passam adquirir uma presença predominante na vida cotidiana do sujeitos com mais relevância na forma de conhecimento e domínio político do mundo, como exemplo, nos meios de comunicação com as figuras projetadas quanto as narrativas são convertidas em dispositivos para entrega da informação.

Na terceira aula “Políticas Públicas de Gênero”, o artigo “*Desconstruindo gênero em ciência e tecnologia*” (SILVA, 1998) relaciona três temáticas principais: universalidade, políticas de localização e políticas de mudança. A autora nos mostra que, enquanto a universalidade prescreve relações monolíticas de ciência e tecnologia, as perspectivas feministas desafiam a racionalidade hegemônica a partir do saber como construção

social com interesse específico de gênero e classe e, ainda, os projetos de mudança das estruturas de subordinação precisam trabalhar a unidade das categorias. Além disso, devemos ressaltar que as diferenças do ser, fazer e perceber entre homem e mulher estão enraizadas historicamente na biologia, o que produz profundas consequências psicológicas, inclusive afetando o comportamento das pessoas quanto a valores, ideologias e na própria estrutura social.

Sobre essa diferença substancial, destaque para um dado que exemplifica a discussão que a autora propõe a partir do campo científico. Das quatro maiores universidades do estado do São Paulo (UFSCAR, UNESP, UNICAMP e USP) a grande maioria das pesquisas nos últimos anos são coordenadas por homens e que as várias características de desigualdade apontam a mulher dentro de um processo de diferenciação como parte da vida acadêmica, pois aparecemos em estatísticas como menos produtivas, muito por causa das construções sociais de produção científica enquanto produção masculina, portanto, é tempo de mudar a nossa maneira de conceber as desigualdades sociais se temos a intenção de que nossas modificações reflitam na possibilidades femininas de não dominação e cuidado.

Na quarta aula “Indicadores de Gênero em Ciência e Tecnologia”, o artigo *Mapping Gender Differences in Scientific Careers in Social and Bibliometric* (MAHLCK, 2001) nos confirma a presença de diferenças significativas na produtividade científica e tecnológica das universidades italianas entre homens e mulheres. A autora destaca que os fatores psicocognitivo e sociológico afetam a produtividade científica em comparação ao desempenho individual em que cada pesquisador tem sido classificado de acordo com o campo científico de especialização com o objetivo de limitar as inevitáveis distorções de produtividade devido a não-homogeneidade da distribuição de gênero entre os setores. Para a autora, nas últimas duas décadas os problemas das diferenças de gênero em habilidades não indicam diferença entre homens e mulheres, mas oferece uma caracterização pelo tipo da habilidade e contexto da aplicação, ou seja, as diferenças no rendimento científico entre homens e mulheres é importante, mas emergem outras

diferenças que não tem relação direta com o gênero, como por exemplo, o nível de especialização e grau acadêmico onde a especialização acaba por ter influência na produtividade científica, o que implica as mulheres se especializarem menos que os homens, muito pela responsabilidade da família e casa dificultando a carreira acadêmica e profissional.

Mobilidade ativa por bicicleta e gênero

Na segunda parte de nossa análise, destaque para o dossiê “*Mobilidade Urbana y Género*” da Revista *Transporte y Territorio* publicado no ano de 2017. O artigo de apresentação “*Dossier. Movilidad Urbana y Género: experiencias latino-americanas*” (JIRÓN; SINGH, 2017) nos faz uma importante ressalva para observar a mobilidade desde uma perspectiva de gênero como relação social de caráter político, o que expressa e reproduz relações de poder:

La experiencia de la movilidad no es para nada homogénea; sería un error seguir concibiendo al automovilista, peatón o pasajero como un sujeto universal. La edad, nivel socioeconómico o género pueden develar diferencias estructurales (respecto a la accesibilidad, por ejemplo) pero también se develan en la experiencia misma de la movilidad (en el modo en que se vive, percibe y desarrolla dicha práctica) (JIRON; SINGH, 2017, p.1).

Os autores observaram que os principais tópicos de pesquisa em relação a gênero e mobilidade urbana estão relacionadas a violência de gênero e mobilidade, incluindo assédio sexual e abuso no transporte público, usos diferenciados do espaço público - particularmente na utilização de transportes públicos - e andar ou usar o carro e uso de tempo e interdependência (JIRON; SINGH, 2017). Para Cresswell (2010) entender a mobilidade tanto movimento físico como por seus significados, pois as experiências que acontecem nesses contextos, além do potencial desses movimentos, ocorre implicâncias de gênero, como na universidade e poder público e, ainda, apesar da discriminação e da cultura patriarcal, há um aumento da participação de investigadoras científicas e gestoras na área de transporte, o que se traduz em

mais políticas públicas de acesso ao espaço público combatendo principalmente a violência simbólica.

No artigo *“La bicicleta en la movilidad cotidiana: experiencias de mujeres que habitan la Ciudad de México”* (VÁZQUEZ, 2017) buscou interpretar as experiências de mulheres ciclistas que habitam a Cidade do México a partir de nove entrevistas mulheres entre 20 e 50 anos. A autora nos destaca que, apesar de homens e mulheres terem interesses distintos na mobilidade, a questão gênero é crucial e ademais dos esforços da gestão pública para incentivar o uso da bicicleta, fatores como habilidades, conhecimento do uso e organização das atividades diárias influenciam na adesão ao ciclismo utilitário, mas por outro lado, os dados dessas experiências de mobilidade cotidiana possam ser incorporados no planejamento urbano das cidades. Outro dado importante refere-se aos desafios que as mulheres enfrentam ao usar uma bicicleta como meio de transporte relacionados tanto ao medo da cidade como perigoso em vista do assédio da cidade como um espaço masculino além da insegurança em relação às suas capacidades físicas, porém, as entrevistadas tentam romper com esses medos manifestando sentimentos de liberdade e independência em vista do reconhecimento das mulheres quanto ao direito de usar e desfrutar do espaço público para desenvolvimento de seus projetos pessoais e a construção e exercício pleno de sua cidadania.

Em outro artigo do dossiê mencionado *“Mujeres, patrimonio y ciudad: en bici por monumentos y espacios simbólicos de y para ellas en Bogotá”* (BERNAL; GALLEGOS, 2017) estruturado na memória de mulheres ciclistas que participam dos *bicirrecorridos* como instrumento de política pública com foco na identificação de monumentos e espaços visitados na cidade de Bogotá, Colômbia. Os autores nos mostram que promover práticas urbanas de abordagem ao patrimônio material e imaterial, com o uso deste dispositivo de propulsão humana, para o transporte ou como meio de lazer, pode se tornar uma ferramenta alternativa para a apropriação e participação cidadã no reconhecimento da memória da cidade e também de seus habitantes e histórias perdidas no esquecimento do desejo e preconceitos da natureza

patriarcal que escondem outros modos de viver, diferentes do estereótipo existente nos territórios e que a realização desta iniciativa é um convite para reafirmar na cidade através de corporeidade, desempenho e próprias vozes, ou seja, um avanço na construção de cidadanias renovadas, sensíveis e fortalecidas em coerência com as ideias e propostas que as mulheres teceram, na consolidação de sua própria autonomia (BERNAL; GALLEGO, 2017, p.33).

No artigo *“Mulheres, por que não pedalam? Por que há menos mulheres do que homens usando bicicleta em São Paulo, Brasil?”* (LEMOS et.al, 2017), as autores buscam responder a esta pergunta fundamental: porque as mulheres não pedalam na cidade de São Paulo? A partir da coleta de dados realizada pela Associação de Ciclistas Urbanos da cidade de São Paulo (CICLOCIDADE) foi demonstrado que, apesar da diferença de gênero entre os ciclistas, há um aumento considerável na quantidade de mulheres utilizando bicicleta, o que pode estar relacionado aos 400 km de caminhos para bicicleta, além da infraestrutura cicloviária, a maior modificação da história realizada na cidade de São Paulo na última gestão municipal (2013-2016). Estas reflexões mostram que o quadro da adoção da mobilidade por bicicleta pelas mulheres promete mudanças muito dinâmicas e rápidas, frente à visibilidade emergente dos dados e análises que enfocam este grupo, tendo em vista a guinada na política de mobilidade municipal em São Paulo, efeitos que ainda serão sentidos nos próximos anos, das mudanças da mulher frente aos aspectos demográficos e do mercado de trabalho no país e das alterações culturais e morais em curso que pressionam a ideologia fundada na dualidade homem-mulher, com a diminuição das famílias do tipo “casal com filhos” e aumento da diversidade de formatos encontrados, que reinventam a cultura de morar e viver, especialmente na metrópole paulistana (LEMOS et.al, 2017).

Também podemos mencionar o livro *“Mujeres em bici: una expresión de libertad que transcende fronteras”* (ALVARO; ENDARA, 2016) que reúne diversas experiências de mulheres que incentivam umas às outras a utilizar a bicicleta buscando a inclusão social e uma construção de cidadania mais justa com a finalidade de gerar um debate em relação aos desafios, prioridades e perspectivas no uso utilitário da bicicleta. Os autores perguntam: porque a

ênfase nas mulheres? A resposta está situada no pouco interesse das políticas públicas implementadas que deixam de focar no atendimento às necessidades específicas das mulheres para pedalar na cidade e que, apesar da liderança e participação das mulheres ter sido incrementada consideravelmente, sua marginalização da esfera política persiste a nível mundial como resultado de leis, práticas e atitudes discriminatórias e, à nível local, reflete padrão que dificulta a redução das brechas de gênero.

Dias e Rojas (2017, p.4) identificaram cinco elementos essenciais para a formulação de uma política pública de ciclismo urbano para mulheres: promover um padrão de desenvolvimento urbano compacto, diversificado e conectado para favorecer a viagem em transporte público e modos não motorizados; privilegiar a implementação de redes de ciclovias segregadas para um grupo que atribui grande importância para a segurança com a implementação do uso de bicicleta em ruas de baixo tráfego compartilhado com a redução da velocidade do transporte motorizado; implementar políticas que incentivem o ciclismo em um contexto maior de políticas espaciais públicas; promover a intermodalidade proporcionando maior variedade de opções de transporte para a mulher; incluir aqueles que viajam com mulheres, particularmente crianças, nas políticas de promoção de ciclismo com a adaptação de infraestrutura e bicicletas, facilitando acessibilidade aos destinos e promoção da intermodalidade.

Motricidade humana e processos educativos

Nesta terceira parte de nossa análise, ressalva para o Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física da Universidade Federal de São Carlos (NEFEF-UFSCar) com destaque para a tese de doutorado intitulada *“Epistemologia da bicicleta: processos educativos emergentes na prática do pedalar”* quanto a seguinte afirmação: a utilização da bicicleta, no reencontro com o mundo sensível que proporciona, da grande eficiência no deslocamento com base na energia humana e diante da marginalidade representada frente à hegemonia dos transportes individuais motorizados,

possui grande potencial educativo intencionalmente promovido por uma pedagógica (CARMO, 2017, p.27).

Esta pedagógica com a bicicleta que gera processos educativos que, segundo Gonçalves Junior et.al (2015, p.176) ocorrem em uma relação mútua de aprendizagem e não só em uma situação em que um ensina ao outro com o desenvolvimento do diálogo equitativo e a intencionalidade dirigida para a cooperação, a superação, o ser mais que demanda autonomia, possibilidade de decisão e de transformação, condições que permitem aos envolvidos compreender em contexto, valores e códigos do grupo, da comunidade e da sociedade em que vivem refletindo criticamente sobre sua própria condição de pertencimento ao mundo com os outros, educando e educando-se, tornando-se pessoa. Oliveira et al. (2014) destaca a realização de investigações com e não sobre pessoas cuja experiência só é possível através da condição encarnada da existência. Desta construção em um ambiente com justiça social, as práticas sociais decorrem de e geram interações entre os indivíduos e entre eles e os ambientes natural, social, e cultural em que vivem. Desenvolvem-se no interior de grupos, de instituições, com o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar o viver; enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas (OLIVEIRA et al. 2014, p.33).

No contexto da pesquisa qualitativa, conforme Sérgio (1999), entendemos a Motricidade Humana como o “[...] movimento intencional da transcendência” (p.17), no qual o essencial é a experiência originária que motiva as ações empreendidas por alguém. A experiência é ponto de partida e de chegada, pois nossas ações ao mundo se baseiam em nossas vivências anteriores e geram novas experiências. Nas palavras de Sérgio (1999), “O ser humano está todo na motricidade, numa contínua abertura à realidade mais radical da vida” (p.17-18). A motricidade é potência e a passagem de potência a ato é movimento. Nessa perspectiva todo movimento humano é, em si, a materialização de um pré-ato, de uma intenção, de um projeto, e por isso envolve sempre um risco (SÉRGIO, 1999).

Esta interpretação do mundo-vida envolve uma percepção que, para Varela et.al (2005) é considerada uma ação, uma vez que o ser que percebe guia suas ações em sua situação local, no entanto, essa situação muda continuamente decorrente da ação empreendida por quem percebe, assim o ponto de referência para compreender a percepção já não pode ser um mundo pré-dado que existe independentemente do ser que percebe. A percepção, portanto, relaciona-se intimamente com a estrutura sensório-motriz do ser que percebe, ou seja, o modo que ele está corporizado, e é esta estrutura, que também não é pré-dada, quem determina como o ser que percebe pode atuar e ser modulado pelas influências ambientais. Portanto, a percepção é mais que uma propriedade interna que ocorre no preceptor, mas sim uma condição propriamente dita (NOE, 2004).

Quando tratamos de experiência, estamos tratando de Motricidade Humana, que implica necessariamente em experiência motora. Para Merleau-Ponty (2011, p.203), nossa experiência motora não é um caso particular de conhecimento, mas devendo ser reconhecida como originária, pois o corpo é nosso meio geral de ter um mundo, ora se limita aos gestos necessários à conservação da vida e, correlativamente, põe em torno de nós um mundo biológico, mas também brincando com seus primeiros gestos passando do sentido próprio ao figurado manifestado através de um novo núcleo de significação construído por um instrumento que projeta em torno de si um mundo cultural. Reconhecer isso nos obriga a superar a visão de processo educativo como simples transmissão de conhecimento, pois como vimos, o conhecimento não se entrega, não se dá na passividade, ele se origina da relação ser-mundo, ou seja, se dá *no ato*, o que significa adquirir certo estilo de percepção, ampliar e reorganizar o esquema corporal (MERLEAU-PONTY, 2011).

Para Carmo (2017) o grande dilema contemporâneo é que temos sido condicionados a um estilo de vida que envolve uma alienação na utilização de determinados objetos (automóvel), na frequência de determinados tipos de espaço (*shopping*) e na vivência predominante de certo tipo de emoção (medo), e isso tem nos feito encarnar a estrutura de valores sociais de uma

elite política e economicamente dominante, que tem orientado nossa percepção, ou seja, nosso modo de ver, ouvir e agir ao mundo. Não experimentamos ou consideramos o uso da bicicleta como transporte porque ele é intencionalmente tornado uma motricidade ausente, como por exemplo institucional propositado, a falta de políticas públicas que garantam minimamente essa opção modal (CARMO, 2017, p.50).

Segundo Carmo (2017) compreender a pedagogia do capital nos exige tratar do período histórico atual de influência mundial quando consideramos os países do norte e do sul. Partimos de uma perspectiva latino-americana buscando trazer à tona os efeitos decorrentes da modernidade e analisar o processo pedagógico que se instaura desde as práticas sociais dela emergente. Para Dussel (1977) toda a população latino-americana é vista como uma tábula rasa, sem cultura e que, as influências dos grandes centros, cria a necessidade de imitação e consumo dos produtos produzidos pelo mundo desenvolvido:

A “síndrome ideológica” tem um mecanismo próprio: em primeiro lugar os “objetos” que se propõem ao conhecimento do observador (uma bebida n, um cigarro x, um perfume z) são neutros, sem conteúdo ético ou político; quem os usa é mais homem, mais mulher, mais moderno, mais belo. Mas, ao mesmo tempo, vai-se introjetando o projeto do sistema, porque aquele que é mais moderno chega a ganhar mais em seu emprego e a conquistar a mulher mais bonita (o “estar-nariqueza” impõe-se pela propaganda). A competição como única relação e o triunfo do mais forte (como os filmes de cow-boy, ou as histórias do Superman ou Batman), inoculam igualmente um ethos de violência e não de justiça. Desse modo, a população deseja adquirir o que se lhe propõe através dos meios e atitudes que se lhe impõem pedagogicamente. Esta “escola do povo” não está nas mãos dos mestres, ministérios nem Estados neocoloniais, mas é propriedade de grandes empresas multinacionais ao serviço da cultura imperial e em colaboração com a cultura ilustrada das elites neocoloniais (DUSSEL, 1977, p.211).

Na perspectiva apresentada é necessário denunciar essa pedagógica (diferente de pedagogia como ciência do ensinamento e da aprendizagem) imperante no continente latino-americano e, sobretudo, buscar caminhos para superá-la. O colonialismo regeu o primeiro momento da modernidade, porém, seus princípios imperam na organização mundial contemporaneamente pela

colonialidade que, segundo Quijano (2010), é um elemento constitutivo e específico do padrão mundial capitalista cuja pedra angular é a aclassificação social da população mundial e que possui como base padrões de hierarquização racial/étnica oriundo do colonialismo que se mantém por meio de mecanismos de naturalização das instituições que hierarquizam as relações de poder impostas pelos conquistadores, como por exemplo, a imposição cotidiana do automóvel.

Pedalando em território sul-americano

Esta quarta parte de nossa análise parte da perspectiva da autora principal deste ensaio em uma viagem de bicicleta que começou no dia 19 de janeiro de 2016 na cidade de Valdivia, Região de Los Rios, Chile, três dias após terminar o curso de *Pedagogía em Educación Física, Deporte y Recreación* passando pelas cidades de *Temuco, Concepción, Valparaíso, La Serena, Antofagasta, Iquique, Arica*; logo após entrando no Peru por *Tacna*, passando por *Arequipa, Cuzco*, indo visitar o *Parque Nacional de Machu Pichu* e, depois, entrar na Bolívia por Copacabana à beira do *Lago Titicaca*, se dirigir para *La Paz, Cochabamba, Santa Cruz de la Sierra* até cruzar a divisa com o Brasil no estado de Mato Grosso do Sul na cidade de Corumbá, depois em direção a *Campo Grande, Três Lagoas*, entrando no estado de São Paulo por *Araçatuba, Bauru, Botucatu* até chegar em *Piracicaba*, no dia 11 de dezembro com aproximadamente 7000 quilômetros percorridos durante 11 meses.

Para além da descrição geográfica, a ideia de fazer um viagem em bicicleta surge a partir da disciplina “*Atividades Motrizes em Contato com la Naturaleza*” do curso de *Pedagogia en Educación Física, Deporte y Recreación* na *Universidad Austral de Chile* (UACH) que, após cumprir estágio docência com o professor *Otto Luhrs*, apresenta a Roberto, jovem que viajava em bicicleta com a finalidade de chegar ao México e ele me fez o convite de pedalar conjuntamente.

Fazer uma viagem de bicicleta com mínimas condições estruturais, apenas com a ambição de conhecer além do território que passei grande parte

de minha vida é digno de questionamento por muitas pessoas, principalmente da família surpreendidos com a minha decisão. De um ato de loucura, gerou um terremoto de relações afetando o lar e provocando um desequilíbrio emocional com a formação de um ambiente denso de distância, menos diálogo e apreensão como uma espécie de proteção em vista da sociedade como algo negativo e suas consequências da forma de tratar uma mulher “desprotegida” viajando de bicicleta com uma pessoa que acabou de conhecer, porém, estar acompanhada de um homem foi positivo. Foi dessa forma trabalhando o desapego sentindo nesse momento os efeitos da cultura patriarcal carregando a responsabilidade da complexidade fora da vida fora de casa com destaque veemente para o risco de viajar e viver sobre a bicicleta, ainda mais sem apoio financeiro, aspecto chave que condicionou esta trajetória.

Para a grande maioria das pessoas, o dinheiro se impõe e freia muitas iniciativas individuais para buscar realmente novas visões de mundo, barreira na qual me fez reflexionar muitas vezes sobre a possibilidade de continuar, pois era um desafio permanente, porém, a criatividade incutida na capacidade de expressar ante o outro, seja vendendo artesanato nas ruas, parques e praias, também cantando em bares e restaurantes, fazendo faxina e lavando pratos e roupa em troca de alimentação e refúgio, além de trocas, o que gera um diálogo e empatia que, na maioria das vezes, as pessoas não aceitam o objeto oferecido, mas te oferece outras coisas produzindo gratidão frente ao ato de compartilhar.

Quanto à decisão por realizar uma viagem de bicicleta, gerou incômodos em meu círculo familiar quanto à sensibilidade de viver pedalando, os meios de comunicação ajudam a conexão através de fotos e relatos de diferentes experiências, acaba por gerar uma rede que são como ondas de vibração, seja com a simples busca de um lugar para dormir e se alimentar. A vontade de fazer a viagem de bicicleta se manifestava a cada enfrentamento de adversas situações e gerava uma força interior para alcançar as metas que emergia da intuição, como por exemplo, após um dia de sete horas pedalando, cheguei a uma praça de uma cidade grande sem lugar para se hospedar e com fome, entrei para pedir comida em um local e a atendente respondeu o valor do

produto, disse que não tinha dinheiro e sai, porém, fui surpreendida com a solidariedade de outra pessoa, recebi o alimento. Após esse momento, fomos procurar um espaço seguro para armar nosso acampamento e encontramos uma pessoa que nos convidou a dormir em sua casa em vista de que o espaço público era pouco recomendado. Diante destas condições características, passei a compreender melhor o conceito de autonomia, pois a bicicleta ensina a viver o valor da humildade para carregar somente o necessário.

Quando o sujeito se encontra em si mesmo com a bicicleta, compreende que enquanto menos recursos materiais têm, mais tranquilo está, pois além de pouco peso para avançar, percebo o quanto as pessoas no dia-a-dia cotidiano da cidade carregam, como por exemplo, um automóvel, que, ademais de pesar quase uma tonelada, transporta menos de 100 quilos, o que custa a dependência frente a um sistema de consumo agressivo que leva as pessoas a se enfermar dada a ambição de ter a casa mais bonita, o veículo maior, precisamos gastar mais para ganhar e, com isso, gera a frustração com o dinheiro, logo após tem de buscar outro emprego para melhorar a qualidade de vida de nossa família invertendo cada vez mais tempo em trabalhar deixando o ócio criativo e ativo de lado, o que resultando em um círculo vicioso de doença com o tempo passando e ficamos mais velhos com menos mobilidade, a solução mágica na busca de fármacos para aliviar a condição de ser explorado por uma drogaria, o que nos faz colocar em dúvida sobre a nossa existência como coletividade, pois se investe tanto na melhoria das condições de vida humana, mas os casos de doenças crônico-degenerativas e câncer são cada vez mais epidêmicas, maiores incentivos da propaganda midiática para ter em vez de ser, ou seja, devemos trabalhar para uma alimentação e estilo de vida em constante movimento para fluxo corporal.

Compartilhar a estrada com a possibilidade de ter com quem falar, se alimentar, partilhar percepções, pude compreender que todos somos seres únicos, mas com ritmos diferentes independentemente do sexo. No começo da viagem, pedalávamos juntos, mas com o tempo, nos demos a liberdade de cada um seguir o seu ritmo, expressando nossa essência, colocando sobre a bicicleta diferentes culturas, costumes, tradições e crenças que cada ser

individual carrega, aprendizado sobre o outro quanto a paciência e perseverança. Cada lugar foi um encontro particular distinto com pessoas diferentes, mas a principal mensagem entregada associava o meu companheiro como algo sexual, porém, aproveitava para começar um diálogo, o que gerava convites para lares de diferentes pessoas. Sobre esse aspecto da sobrevivência, a gratidão sentida por ser agraciada com um teto, era retribuída com ajudar na limpeza e o que mais fosse necessário. Para muitos, o comum é que as mulheres façam (para meu companheiro também), o que nos mostrava outras maneiras de obter um lugar seguro para dormir sem dinheiro, além de deixar nossas pegadas ecológicas pelo caminho.

Sobre quando a bicicleta se avariava, alguns motoristas paravam preocupados para oferecer ajuda diferente do meu companheiro que não ofereciam ajuda. Quando chegava ao posto de combustível mais próximo, encontrava com algum sujeito que tinha parado anteriormente e me deparava com manutenção técnica da bicicleta, colocavam em dúvida a minha capacidade de solucionar problemas. Na grande maioria dos lugares, percebi que as pessoas abriam as portas de suas casas por ser mulher por reconhecer o semelhante em tal situação adversa, o que associavam muitas vezes a ser sua filha, irmã, sinal de empatia quando esta condição daquela que pedala em uma viagem.

De todo o processo educativo da viagem, o desapego quanto a raspar o cabelo foi um marco desta aprendizagem, com as pessoas olhando de forma diferente, perguntavam se eu era lésbica, fenômeno porta de entrada sobre o que é ser mulher quanto a aparência de ser mulher, padrão de comportamento cidadão normativo, como perguntas se eu sentia falta, principalmente de outras mulheres, ao contrário de sentir água direta na cabeça e não precisar tanto produto químico para lavar o cabelo, uma atitude higiênica e prática para pedalar, inclusive uma decisão objetiva que potencializou minha trajetória.

Considerações finais

Partindo do objetivo deste relato que foi de compreender o fenômeno ciclismo urbano através de uma experiência vivida durante onze meses em uma viagem de bicicleta sob a perspectiva de gênero, realizamos uma revisão da literatura como reflexão metodológica de mulheres cicloativistas que estudam a mobilidade ativa por bicicleta. Justifica-se este estudo a partir da minha experiência como ciclista e que transcendeu para uma viagem de bicicleta sem recursos financeiros tendo oportunidade de perceber diferenças sociais, “sentindo na pele” os efeitos da cultura patriarcal, inclusive em algumas oportunidades sendo molestada e intimidada por homens, o que gerou medo e insegurança. Para Freire (1969) a discriminação da mulher, expressa pelo discurso machista e encarnada em práticas concretas, é uma forma colonial de tratá-la, incompatível com qualquer posição progressista. Nesse sentido, expor esta condição do “ser que pedala” é reconhecer a luta da mulher ciclista por respeito, confiança e autoestima que se configura como dever ético e de justiça social (Fraser; Honneth, 2006) cuja importância está em comunicar esta forma de posicionamento das mulheres acerca da complexidade do pedalar em via pública que, para além do impedimento, um incentivo com foco nas necessidades e desafios.

Levando para a reflexão proposta neste ensaio, a discriminação sendo mulher é latente desde observar a mobilidade desde uma perspectiva de gênero, esta passa ser uma relação social e política que produz relações de poder. Os homens são majoritariamente usuários das vias públicas, as mulheres pouco a pouco mostram mais interesse e participação no transporte porque a cultura patriarcal sobre a mobilidade da mulher fora do lar, influi na escolha da maneira de mobilizar-se, assim as mulheres cada vez mais conduzem veículos motorizado individual, a maioria o utiliza para trasladar a os filhos à escola, médico, mercado, sempre fazendo um serviço para outro. Também a mobilidade potencializa a mulher ao lograr sair de casa, a capacidade de mover-se fora de lar, pode aumentar autoestima, confiança por isso a bicicleta es um aparelho tecnológico interessante, sua história, evoca libertada, autonomia repercutindo em um modo de experimentar a cidade, acedendo a uma nova experiência de vida, a mulher tem que passar muitas

barreiras para utilizar a bicicleta, uma de estas e o tempo, a maioria das mulher dedica mais tempo ao trabalho não remunerado diferente do lar, o que impede muitas vezes de fazer o que deseja. Quando decidimos utilizar a bicicleta muitas pessoas olham como estar sempre correndo o risco, outros falam da coragem, corajosa, mas a maioria encontra legalidade na iniciativa, porém, experimentamos negatividades ao sermos culpadas e questionadas pela escola.

A partir da discussão proposta em relação as diferenças de gênero, podemos concluir que a falta de colaboração e cuidado são resultado da menor produtividade e oportunidades para as mulheres, o que tem impacto na área de produção científica-social-cidadã e que, sendo as mulheres as que mais colaboram para a produtividade dos homens, demonstra-se clara preferência de gênero a momento de eleger sua colaboradora além da participação, presença e distribuição. Em relação ao poder público, acreditamos ser necessária a participação cidadã na mobilidade ativa por bicicleta em vista de propiciar canais de diálogo com a gestão das políticas públicas que favoreçam as ciclistas urbanas quanto ao debate sobre a questão gênero facilitar na organização de ambiente social com o ensino-aprendizagem para mulheres interessadas a pedalar para estimular o uso da bicicleta na cidade.

Referências

ALVARO NP; ENDARA G. **Mujeres em bici**. Una expresión de libertad que trasciende fronteras. Quito: Friedrich-Ebert-Stiftung Ecuador, 2016.

BERNAL MS; GALLEGO LT. **Mujeres, patrimonio y ciudad**: en bici por monumentos y espacios simbólicos de y para ellas en Bogotá. **Transporte y Territorio**, 16 (1): 9-40, 2017.

CARMO CS. **Epistemologia da bicicleta**: processos educativos emergentes na prática do pedalar. Tese (Doutorado em Educação). São Carlos: UFSCar, 2017.

CRESSWELL T. Towards a politics of mobility. *Environment and Planning D. Society and Space*, v. 28, p. 17-31, 2010.

DIAS R; ROJAS F. **Mujeres y Ciclismo Urbano**. Promoviendo Políticas Inclusivas de Movilidad en América Latina. Nova York: Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), 2017. Acesso em: 24-6-2018. Disponível em:

https://publications.iadb.org/bitstream/handle/11319/8652/Mujeres_Y_Ciclismo_Urbano.PDF

DUSSEL E. **Para uma ética da libertação latino-americana: III** erótica e pedagógica. São Paulo: Loyola, 1977.

FRASER N; HONNETH A. **¿Redistribución o reconocimiento?** Un debate político-filosófico. Traducción de Pablo Manzano. Madrid: Ediciones Morata SL, 2006.

FREIRE P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz; CARMO, Clayton da S.; CORRÊA, Denise A. Cicloviagem, lazer e educação ambiental: processos educativos vivenciados na Serra da Canastra. **Licere**, Belo Horizonte, v.18, n.4, p.173-208, 2015.

HALL S. **Film and Theory**. Oxford: Blackwell Publishers, 2000.

HARKOT MK; LEMOS LL; SANTORO PF. Mobilidade e gênero em São Paulo, Brasil: Como a desigualdade de gênero se expressa no espaço urbano através do uso da bicicleta? In: **Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

HUERTA E; GÁLVEZ C. Mujeres En Bicicleta. Imaginarios, prácticas y construcción social del entorno en la ciudad de Sevilla. **Revista de Antropología Experimental**, 16 (7): 111-128, 2016.

IADEVITO P. Teorías de género y cine. Un aporte a los estudios de la representación. **Universitas humanística**, 78 (1): 211-237, 2014.

JÍRON P; SINGH DZ. Dossier. Movilidad Urbana y Género: experiencias latinoamericanas. **Transporte y Territorio**, 16 (1): 1-8, 2017.

LEMO L; HARKOT MK; SANTORO PF; RAMOS IB. Mulheres, por que não pedalam? Por que há menos mulheres do que homens usando bicicleta em São Paulo, Brasil? **Transporte y Territorio**, 16(1): 68-92, 2017.

MAHLCK P. Mapping Gender Differences in Scientific Careers in Social and Bibliometric Space. **Science, Technology & Human Values**, 26 (2): 167-190, 2001.

MERLEAU-PONTY M. **Psicologia e pedagogia da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

----- **Fenomenologia da percepção**. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

OLIVEIRA MW; SILVA PBG; GONÇALVES JUNIOR L; MONTRONE AVG; JOLY IZ. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: OLIVEIRA, MW; SOUZA FR (Org.). **Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p.29-46.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de S.; MENESES, Maria P (Orgs.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez,

p.
2010.

84-130,

SÉRGIO M. **Um corte epistemológico:** da educação física à motricidade humana. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

SERGIO M; TORO-AREVALO SA. Epistemología de la Motricidad Humana. **Revista Motricidad Humana**, nº2; 2004.

SCOTT J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, 20 (2): 71-99, 1995.

SILVA EB. Des-construindo gênero em ciência e tecnologia. **Cadernos Pagu**, 10 (2): 7-20, 1998.

VAN MANNEN M. **Fenomenologia de la práctica**. Popayan: Ediciones Unicauca. 2016.

VAZQUEZ MSPD. La bicicleta en la movilidad cotidiana: experiencias de mujeres que habitan la Ciudad de México. **Transporte y Territorio**, 16 (1): 112-26, 2017.

WILLIAMS CL. The Glass Escalator, Revisited: Gender Inequality in Neoliberal Times, SWS Feminist Lecturer. **Gender & Society**, 27: 609, 2013.

ESPORTE E GÊNERO: O CASO DA OLIMPÍADA UNIVERSITÁRIA UFU

Mariana Oliveira

Universidade Federal de Uberlândia (Brasil)

Aurélio Miguel Costa Barcelos

Universidade Federal de Uberlândia (Brasil)

Raphaela Augusta Alcântara Amorim

Universidade Federal de Uberlândia (Brasil)

Vanessa Matos dos Santos

Universidade Federal de Uberlândia (Brasil)

Elaine Saraiva Calderari

Universidade Federal de Uberlândia (Brasil)

Resumo

Apesar de ser cada vez maior o número de mulheres atletas que disputam campeonatos de grandes escalas, a igualdade parece ser ainda um caminho longo a ser construído e iniciado, obrigatoriamente, a partir das bases. Ainda assim, a mudança tem ocorrido e é preciso documentá-la, problematizá-la e entendê-la com o objetivo de oferecer um panorama histórico da Olimpíada da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). No escopo desse artigo, apresentam-se, para fins analíticos e comparativos (dos anos de 2015-2017), os dados relacionados ao crescimento no número de modalidades disputadas, alunos envolvidos e o desenvolvimento do debate sobre o gênero nesse cenário.

Palavras-chave: Gênero; esporte universitário; mulheres.

Deporte y género: el caso de Olimpíada Universitaria UFU

Resumen

Aunque sea cada vez mayor el número de mujeres atletas que disputan campeonatos de grandes escalas, la igualdad parece ser todavía un camino largo a ser construido e iniciado, obligatoriamente, a partir de las bases. Sin embargo, el cambio ha ocurrido y hay que documentarla, problematizarla y entenderla con el objetivo de ofrecer un panorama histórico de la Olimpíada de la Universidad Federal de Uberlândia (UFU). En el ámbito de este artículo se presentan, para fines analíticos y comparativos (de los años 2015-2017), los datos relacionados al crecimiento en el número de modalidades disputadas, alumnos involucrados y el desarrollo del debate sobre el género en ese escenario.

Palabras clave: Genero; deporte universitario; mujeres.

Sport and gender: the case of Olimpíada Universitária UFU

Abstract

Despite the growing number of female athletes competing in major league championships, equality yet seems to be a long way to be built and started, starting from the bases. Nevertheless, the change has occurred and it is necessary to document, to problematize and to understand it in order to offer a historical panorama of Federal University of Uberlândia's Olympiad (UFU's Olympiad). In the scope of this article, are presented, for analytical and comparative purposes (from the years 2015-2017), the data related to the growth in the number of sports involved, the students involved and the development of the debate about gender in this scenario.

Keywords: Genre; university sport; women.

Introdução

A concepção de mulher como o sexo frágil vem sendo paulatinamente contraposta à ideia de igualdade de oportunidades e condições equânimes para homens e mulheres. Ainda assim, não é raro que estes debates ainda se pautem pelas diferenças entre os papéis do masculino e do feminino, como aponta Pierre Bourdieu (2012: 17) ao dizer que essa divisão de sexos faz parte de uma “ordem das coisas”, podendo ser classificada como natural ao ponto do inevitável. Essa diferenciação entre homens e mulheres está presente em diversos extratos da sociedade, incluindo a temática esportiva, foco deste artigo.

Historicamente a mulher é vista como inferior ao homem nas práticas esportivas, principalmente por um caráter biológico, uma vez que por muito tempo foi-se divulgado que os esportes eram prejudiciais a saúde da mulher, principalmente em relação aos órgãos reprodutores (Romero, 2004). Uma vez provada essa falsa teoria médica, o argumento passou a atingir questões mais subjetivas, como o de que o esporte poderia reduzir a feminilidade, característica primordial da mulher. A passos lentos a sociedade tem caminhado rumo a situações mais igualitárias, mas ainda há uma grande distância a ser percorrida. Nesse sentido, é salutar destacar que as mudanças, para serem efetivas, precisam ser fortificadas em suas bases: é preciso que meninos e meninas sejam capazes de se enxergar como querem ser vistos (e

não apenas como a sociedade e a mídia os retrata). Nesse sentido, é importante que a escola - como instituição socializadora - desempenhe protagonismo nestes debates. Tendo isto como horizonte, este artigo apresenta os progressos ensejados pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) no que se refere à participação das mulheres nas atividades esportivas promovidas pela Instituição entre os anos de 2015 e 2017.

Revisitando aspectos do passado

Embora sejam constantemente confundidos e, em algumas situações, até concebidos como sinônimos, "sexo" e "gênero" são termos distintos. De acordo com Scott (1995), o gênero não se limita à discussão meramente biológica. Nesta perspectiva, a concepção de homem e mulher entra em conexão com a esfera social, prevalecendo o sentido cultural. O gênero aparece, portanto, como algo envolto em relações de poder que se estabelecem na sociedade e que se baseiam, historicamente, nas diferenças entre o sexo feminino e masculino.

O termo "gênero" torna-se, antes, uma maneira de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de idéias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. "Gênero" é segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, "gênero" tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens. (Scott, 1989: 7).

A identidade de gênero é, portanto, uma construção social que está envolta nos jogos de dominância da sociedade que, não raro, desprivilegiam o sexo feminino (Beauvoir, 1944; 1976; 2009). Ao discutir a formação da identidade feminina, a filósofa francesa destaca que as mulheres enfrentam a problemática de serem consideradas "o outro" sexo, algo secundário, frágil e menos importante. Beauvoir destaca a desigualdade, afirmando que a "humanidade é masculina". Segundo ela, o sexo feminino sempre foi dominado

pelo masculino de forma que, “o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo” (Beauvoir, 1976: 10).

Contemporaneamente e, ancorando-se nos estudos da teoria feminista, Butler (2003) desconstrói o conceito de gênero. A autora entende que gênero não decorre do sexo. Gênero é, para ela, *performance*, ou seja, trata-se de algo que pode se manifestar em qualquer corpo, ainda que muitas dessas manifestações sejam socialmente reprimidas. Sobre a discussão acerca do corpo, Butler (2003) compreende que existem três aspectos que devem ser levados em consideração, quais sejam: o sexo anatômico, que estabelece relação com a Biologia; a identidade de gênero, ou seja, a construção social e, por fim, a *performance* de gênero, que se relaciona ao aspecto natureza imitativo de todo gênero.

Quando este debate é deslocado para a discussão sobre o esporte, Romero (2004: 105) destaca que “elas, frágeis, não alcançam resultados semelhantes aos deles, fortes e viris”, essa lógica de exaltação do gênero masculino e rebaixamento do feminino é tema de diversos movimentos de luta por direitos iguais dentro do esporte. Seguindo essa lógica, se tem a campanha: “*Equal play, equal pay*”, lema que representa a luta pela igualdade de remuneração realizado pela Seleção Estadunidense de Futebol Feminino, em 2016. Carli Lloyd, meio-campista e uma das lideranças da campanha, escreveu um artigo para o *The New York Times* contando que a luta não diminui sua paixão de jogar pela seleção de seu país. Usando como argumento sua relevância internacional e o número de títulos que são maiores que o da seleção masculina, as jogadoras buscam a igualdade entre os gêneros “Tem tudo a ver com o que é certo e justo, e com a defesa de um conceito americano fundamental: pagamento igual para jogo igual. Mesmo se você é mulher” afirmou Lloyd.

Jaerger (2006: 200) afirma que “as relações de poder exercidas entre homens e mulheres no campo esportivo, tem se configurado em posições e acessos extremamente desiguais”, o que é facilmente exemplificado olhando o passado. No Brasil, em 1941, o presidente Vargas assinou o Decreto-Lei nº

3.199 que, em seu artigo 54¹⁴, proibia a mulher de qualquer “prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. Essa proibição foi revogada apenas em 1979, mas durante os 38 anos em que vigorou o citado decreto-lei, a mulher brasileira foi proibida de praticar esportes. Atualmente não existe a proibição por lei, mas o preconceito continua enraizado na sociedade. Sob a égide a aparente superioridade do sexo masculino “Homens, e somente eles, ‘naturalmente’, são aptos a fazerem certas atividades; conseqüentemente, as mulheres servem para outras, sendo inaptas para aquelas primeiras” (Knijnik, 2004: 66),

Para além dos imaginados danos físicos que esses esportes poderiam causar, outro perigo se avizinhava: a ‘masculinização’ das mulheres. Termo este que parecia sugerir não apenas alterações no comportamento e na conduta das mulheres, mas também na sua própria aparência, afinal julgava o quão feminina é uma mulher pela exterioridade do seu corpo. (Goellner, 2004: 39-40).

A mulher é classificada como intrusa dentro do que a sociedade chama de espaço masculino, sendo sempre questionada dentro desse ambiente não apenas por sua beleza e feminilidade, “mas também coloca em dúvida a autenticidade do seu sexo” (Goellner, 2004: 40).

O discurso da diferença de gêneros surgiu a muito tempos atrás e, no contexto das competições esportivas, foi reforçado por Pierre de Coubertin, o idealizador dos Jogos Olímpicos modernos, sempre se mostrou contrário a participação feminina nas Olimpíadas. Em 1912 escreveu em um artigo sua opinião sobre uma possível competição com participação exclusiva de mulheres: “Impraticável, desinteressante e não-estética, e não temos medo de dizer, incorreta, seria, do nosso ponto de vista, essa Olimpíada feminina paralela” (Coubertin, 1912: 111). Coubertin, reafirmou seu posicionamento, em 1928, “Quanto à participação das mulheres nos Jogos [Olímpicos], ainda sou hostil. É contra minha vontade que elas foram admitidas em um número grande de provas” (Coubertin apud Boulogne, 2000: 23). As declarações do

¹⁴ Texto original disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 14 jul. 2018.

idealizador demonstram um dos possíveis motivos pelos quais as mulheres só foram consideradas atletas pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) em 1936, em sua décima primeira edição.

Um dado importante a ser destacado é que apenas nas Olimpíadas de Londres, em 2012, as mulheres passaram a poder competir em todas as modalidades olímpicas. Porém, até 2012 as atletas passaram por uma trajetória marcada pela luta e, principalmente, pela resistência contra uma sociedade machista, que classifica o esporte como atividade exclusiva para homens (Coubertin, 1912)). Mesmo com o boicote de Coubertin e de todo o COI, as mulheres só ficaram de fora da primeira edição das Olimpíadas, a de 1896 na cidade de Atenas. Quatro anos depois, em 1900 na França, 22 mulheres conquistaram pela primeira vez a participação nos Jogos, feito essencial como pontapé inicial na história da mulher dentro do esporte. O crescimento na participação feminina na competição pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 1: Participação das mulheres nos Jogos Olímpicos

AN O	PORCENTAGEM DE EVENTOS FEMININOS*	MULHERE S	PORCENTAGE M
1896	0%	0	0%
1900	2,1%	22	2,2%
1904	3,3%	6	0,9%
1908	3,6%	37	1,8%
1912	4,9%	48	2%
1920	5,2%	65	2,4%
1924	7,9%	135	4,4%
1928	12,8%	277	9,6%
1932	12%	126	9%

1936	11,6%	331	8,3%
1948	14%	390	9,5%
1952	16,8%	519	10,5%
1956	17,2%	376	13,3%
1960	19,3%	611	11,4%
1964	20,2%	678	13,2%
1968	22,7%	781	14,2%
1972	22,1%	1.059	14,6%
1976	24,7%	1.260	20,7%
1980	24,6%	1.115	21,5%
1984	28,1%	1.566	23%
1988	30,4%	2.194	26,1%
1992	33,5%	2.704	28,8%
1996	33,8%	3.512	34%
2000	40%	4.069	38,2%
2004	41,5%	4.329	40,7%
2008	42,1%	4.637	42%
2012	46,4%	4.620	44%
2016	47%	5.200	45,6%

* **Incluem eventos mistos**

Fonte: COI, 2016.

Em 1917, a francesa Alice Milliat criou a Federação Esportiva Feminina Internacional (FEFI), com intuito de permitir a participação feminina no

Atletismo. Depois de sua criação, a FEFI organizou três edições dos Jogos Olímpicos Femininos, respectivamente em 1922, 1926 e 1930. Posteriormente, em 1932, também organizou o primeiro Jogos Femininos Mundiais. Devido ao grande sucesso de público e na participação de atletas, o COI começa então a considerar as mulheres como atletas.

A luta pelo direito de competir não se deu apenas no exterior, como já abordado anteriormente, as brasileiras por muito tempo foram banidas da prática desportiva. Mesmo com as proibições, as brasileiras nunca deixaram de participar dos Jogos Olímpicos desde sua primeira aparição, em 1932, essa presença pode ser observada na Tabela 2. Além disso, não só estiveram constantemente representadas como também conquistaram medalhas, sendo as primeiras em Atlanta, 1996. A de bronze pela Seleção de Vôlei de Quadra, que contava com nomes como Fernanda Venturini, Virna e Márcia FU. A pela Seleção de Basquete, liderada por Hortência e por “*Magic*” Paula. E o ouro veio com a dupla do Vôlei de Praia, Jacqueline Silva e Sandra Pires. Outra atleta que obteve destaque na trajetória brasileira foi Maurren Maggi, primeira brasileira a ganhar uma medalha de ouro no salto em distância, sendo a primeira medalha individual da delegação feminina.

Tabela 2: Participação de brasileiras em Jogos Olímpicos

ANO	BRASILEIRAS	ANO	BRASILEIRAS	ANO	BRASILEIRAS
	S		S		S
1932	1	1968	3	1996	66
1936	6	1972	5	2000	94
1948	11	1976	7	2004	122
1952	5	1980	15	2008	133
1956	1	1984	22	2012	123
1960	1	1988	35	2016	209
1964	1	1992	51	-	-

Fonte: Comitê Olímpico Brasileiro (COB).

Mesmo com as conquistas femininas no esporte, as mulheres ainda colecionam eventos que demonstram a desvalorização que sofrem. Um dos grandes exemplos dessa descrença foram as vendas de ingressos das

Olimpíadas do Rio de Janeiro, em que os valores pagos para assistir competições femininas, na maioria dos casos, foram mais barato do que as masculinas. Romero (2004) afirma que:

[...] ao dar cobertura significativamente maior à aparência física e ao comportamento feminino, frequentemente comparando seu desempenho com o dos atletas do sexo masculino, a mídia constrói o esporte a partir da diferença entre gêneros e a hierarquia dos sexos (Romero, 2004: 107)

Criando uma suposta falta de atratividade das categorias femininas, sendo desculpa para outro problema dentro do esporte mundial, a discrepância entre os salários quando comparados por gênero.

A fim de analisar de forma mais quantitativa essa discrepância entre as categorias masculina e feminina, se faz necessário utilizar como base comparativa os dados da pesquisa da *Forbes*, presentes no ranking *The World's Highest-Paid Athletes*, que lista os 100 atletas mais bem pagos de cada ano. Esse ranking analisa o que os atletas ganharam entre 1 junho de 2016 a 1 de junho de 2017, tempo utilizado para cada edição do ranking, que inclui salários, bônus, prêmios em dinheiro, endossos e taxas de licenciamento e comparecimento. Em 2017¹⁵, a única mulher presente no ranking foi a tenista Serena Williams, na quinquagésima primeira posição e recebendo 27 milhões de dólares, cerca de um terço do que recebe por exemplo o primeiro lugar, Cristiano Ronaldo, com 93 milhões de dólares. Um grande agravante apareceu no ranking de 2018¹⁶, onde nenhuma mulher aparece. Outro dado alarmante é que nos mais de 6 anos do ranking nunca uma praticante de esporte coletivo conseguiu entrar no ranking¹⁷. Segundo pesquisa de Fink (1998, apud Souza e Knijnik, 2007: 38), “apenas 15% de toda cobertura esportiva dos jornais norte-americanos eram sobre atletas mulheres, e ainda que apenas 5% da cobertura televisiva eram de mulheres no esporte”. Os motivos ficam claros quando analisamos o repasse de verbas de dois

¹⁵ Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/kurtbadenhausen/2017/06/15/full-list-the-worlds-highest-paid-athletes-2017/#685b7d39d583>>

¹⁶ Disponível em: <<https://www.forbes.com/athletes/list/>>

¹⁷ Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/kurtbadenhausen/2018/06/07/why-no-women-ranked-among-the-worlds-100-highest-paid-athletes/#7f45f1513479>>

campeonatos de basquete americanos: a *Women's National Basketball Association* (WNBA), feminino, e a *National Basketball Association* (NBA), masculino. A WNBA, Liga Estadunidense de Basquete Feminino, recebe 25 milhões de dólares cedendo seus direitos de transmissão jogos, enquanto a *National Basketball Association* (NBA), apresenta uma arrecadação de 2,5 bilhões dólares provenientes da mesma atividade.

Trazendo a discussão para o cenário brasileiro, em 2018 a Caixa Econômica Federal cancelou patrocínio de 10 milhões de reais para Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino¹⁸, esse valor era destinado a empresa Sport Promotion, encarregada de viabilizar as transmissões das partidas. A parceria já durava 5 anos e era destinada para a transmissão de todos os jogos, em contraste com o clube Sport Club Corinthians Paulista que recebeu, somente em 2018, 170 milhões de reais¹⁹ pagos pela Rede Globo a fim de garantir o direito de transmissão dos jogos do time.

Além dos valores dos patrocínios, o valor das premiações em competições femininas também é bastante inferior. O Corinthians, campeão brasileiro de Futebol masculino em 2017 recebeu a quantia de 17 milhões de reais pelo título²⁰, valor 141 vezes maior que a premiação recebida pela equipe feminina do Santos²¹, também foi campeã em 2017, que recebeu apenas 120 mil reais.

Na contramão do mundo as seleções da Nova Zelândia e da Noruega garantiram a igualdade em termos salariais²², prêmios e direitos de imagem para suas seleções masculina e feminina. Além de direitos iguais no deslocamento para jogos, com as jogadoras viajando em classes superiores nos voos de duração superior a seis horas, mesmo tratamento já dado aos homens. É importante ressaltar, que a seleção masculina da Nova Zelândia

¹⁸ Disponível em: <<https://olharolimpico.blogosfera.uol.com.br/2018/05/03/brasileirao-feminino-perde-unico-patrocinador-e-nao-tera-transmissao-na-tv/>>

¹⁹ Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/blogs/blog-do-brasileirao/2018/03/01/brasileirao-2018-cota-de-tv-globo/>>

²⁰ Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/placar/quanto-cada-clube-recebera-por-sua-colocacao-no-brasileiro/>>

²¹ Disponível em: <<https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,brasileirao-feminino-comeca-com-premiacao-140-vezes-menor-que-o-masculino,70001695591>>

²² Disponível em: <<http://esporte.ig.com.br/futebol/internacional/2018-05-08/nova-zelandia-igualdade-salarial.html>>

ocupa a centésima vigésima posição²³, enquanto a feminina ocupa a vigésima colocação²⁴.

Esporte universitário

De uma forma geral, esporte ou desporto

[...] é uma atividade competitiva, institucionalizada, realizada conforme técnicas, habilidades e objetivos definidos pelas modalidades esportivas, determinada por regras preestabelecidas que lhe dá forma, significado e identidade, podendo também, ser praticado com liberdade e finalidade lúdica estabelecida por seus praticantes, realizado em ambiente diferenciado, inclusive na natureza (jogos: da natureza, radicais, orientação, aventura e outros), cuja aplicabilidade pode ser para a promoção da saúde e em âmbito educacional de acordo com diagnóstico e/ou conhecimento especializado, em complementação a interesses voluntários e/ou organização comunitária de indivíduos e grupos não especializados. (Vargas, 2014: 19).

Se formos buscar compreender a vertente esportiva em espaços universitários, encontraremos autores - a exemplo de Georgios Hatzidakis - para quem o esporte universitário pode ser definido, em princípio como “[...] uma forma de esporte institucional que oferece atividade física para os membros da universidade/faculdade. O esporte universitário é um esporte de formação, cuja função principal é social” (Coelho, 1984).

O esporte universitário deu-se junto às primeiras manifestações do esporte nas instituições de ensino superior, que datam no final do século XIX, no *College Mackenzie* em São Paulo, na Faculdade de Medicina e Cirurgia, localizada na Praia Vermelha (Rio de Janeiro), e na Escola Politécnica do Rio de Janeiro 1. As primeiras competições universitárias foram realizadas dentro dos próprios estados, sendo São Paulo e Rio de Janeiro os primeiros a se confrontar.

As primeiras federações foram criadas nos anos de 1933 e 1934, no Rio de Janeiro e em São Paulo, respectivamente. Em 1935, foi realizada em São

²³ Disponível em: <https://www.ogol.com.br/ranking_fifa.php>

²⁴ Disponível em: <https://www.zerozero.pt/ranking_fifa_women.php>

Paulo a I Olimpíada Universitária do Brasil. No ano de 1939, mais precisamente no dia 09 de agosto, se concretizou a fundação da Confederação Brasileira do Desporto Universitário (CBDU), órgão máximo do esporte universitário. Antes disso, a Federação Universitária Mineira de Esportes (FUME), foi fundada em 03 de maio de 1938, filiada a CBDU, declarada entidade de utilidade pública Estadual pela Lei nº 945 de 27 de julho de 1953, e Municipal pela Lei nº 2599 de 25 de maio de 1976 (Moreira, 2016: 57).

A CBDU é constituída por 27 Federações Esportivas Universitárias Estaduais que formam a Assembleia Geral, órgão máximo da Entidade, que elege a diretoria com 10 membros e mandato de quatro anos. O maior evento esportivo promovido pela Confederação são os Jogos Universitários Brasileiros (JUBS).

A literatura sobre as mulheres e as relações de gênero no esporte tem nos mostrado os avanços e os pontos de conflitos antigos e novos.

O caso da Olimpíada Universitária UFU (2015-2018)

A Olimpíada Universitária UFU é um evento esportivo universitário promovido pela Universidade Federal de Uberlândia. As competições são organizadas pela Divisão de Esporte e Lazer Universitário (DIESU) associada a Pró-reitoria de Assistência Estudantil (PROAE) e acontecem desde 2009.

Todos os anos as delegações vinculadas à universidade podem inscrever seus atletas para os jogos que acontecem no segundo semestre do ano no campus Educação Física, localizado na cidade de Uberlândia.

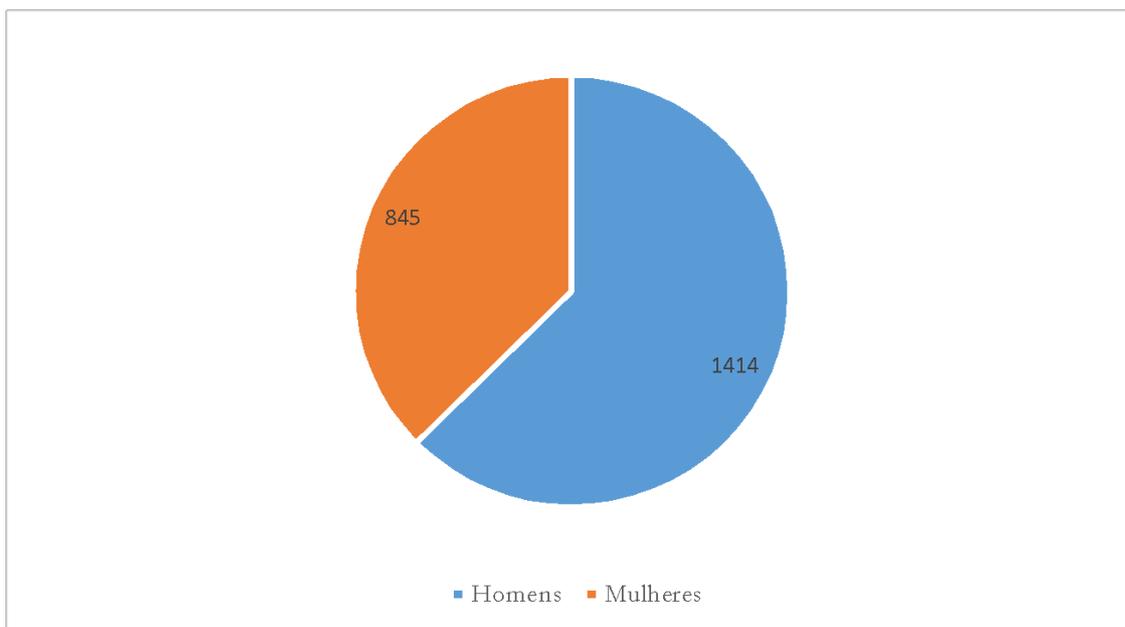
As inscrições para a competição podem ser feitas por meio das Associações Atléticas Acadêmicas, popularmente chamadas apenas de atléticas ou, no caso de o curso não fazer parte de nenhuma atlética, por meio do Diretório ou Centro Acadêmico. A primeira edição dos jogos contou com a participação de 35 cursos distribuídos em 26 delegações, sendo apenas 4 delas oficializadas como atléticas. Com o passar dos anos a grande maioria dos cursos foram se juntando a atléticas e, a partir de 2015, não houveram mais delegações não vinculadas as associações.

Olimpíada UFU 2015

A Olimpíada UFU 2015 contou com a participação de 28 atléticas, com representantes de todos os campi da universidade. Naquele ano foram 12 modalidades disputadas: Atletismo, Basquete, Futebol de Campo, Futsal, Handebol, Judô, Natação, Peteca, Tênis de Mesa, Tênis de Campo, Voleibol e Xadrez.

Competiram naquele ano 2.398 atletas, sendo 1.414 homens e 985 mulheres, como representado no Gráfico 1. As atletas femininas foram apenas 41% do número total de participantes.

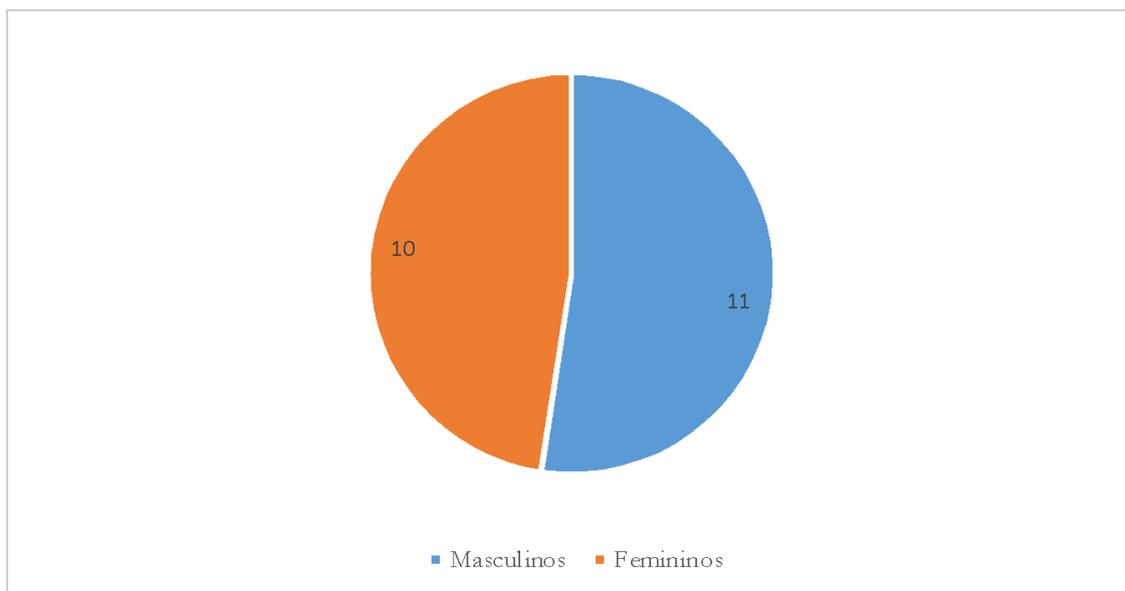
Gráfico 1: Participação na Olimpíada UFU 2015



Fonte: DIESU - UFU

Além disso, o número de modalidades dedicadas aos homens e as mulheres também se mostrou favorável ao lado masculino, somando uma a mais, como pode ser observado no Gráfico 2.

Gráfico 2: Quantidade de modalidades por gênero na Olimpíada UFU 2015



Fonte: DIESU - UFU

Olimpíada UFU 2016

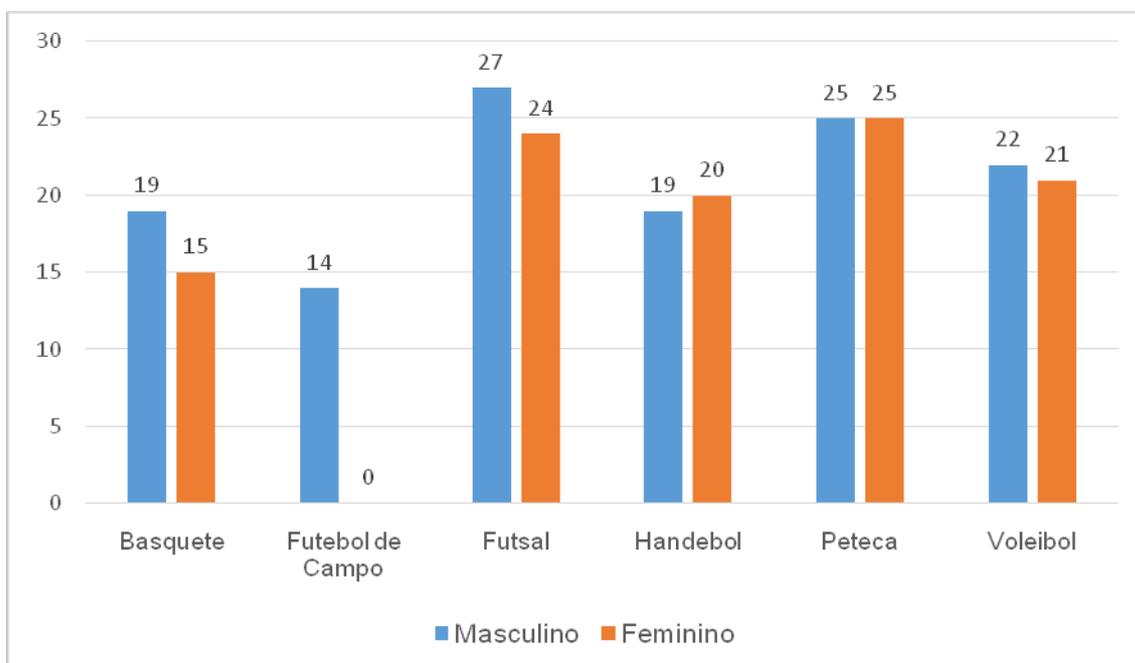
A Olimpíada UFU de 2016 contou com a participação de 27 atléticas representantes de todos os campi da universidade. A única baixa em relação ao ano de 2015 foi a atlética A.A.A. GHPSS do campus Pontal. Em 2016 não houveram modificações em relação as modalidades esportivas, continuando com as mesmas 12 do ano anterior. Com exceção do Futebol de Campo, todas as modalidades contaram com subdivisões feminina e masculina.

Em números gerais, a edição de 2016 da Olimpíada UFU contou com 2.484 inscritos, mas não houve contabilização por gênero.

Nas modalidades coletivas, representadas no Gráfico 3, podemos observar que o número de times femininos foi maioria apenas na modalidade Handebol, com 19 times masculinos e 20 femininos. Além disso, também

constatamos que os números foram iguais na modalidade Peteca, com 25 times para cada gênero.

Gráfico 3: Número de times em esportes coletivos na Olimpíada UFU 2016



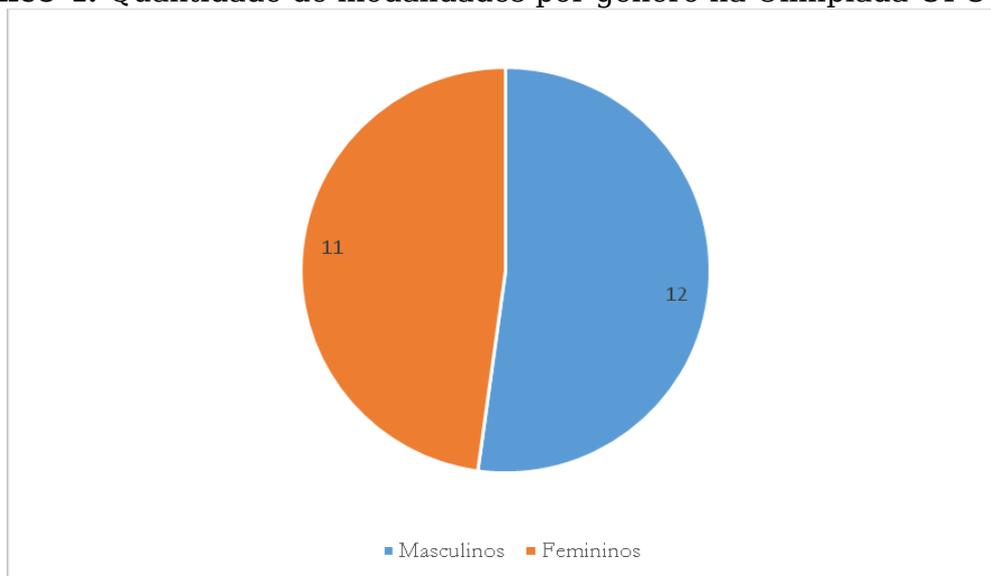
Fonte: DIESU - UFU

No ano de 2016 o único boletim emitido sobre a participação por gênero nas modalidades individuais (Atletismo, Natação, Tênis de mesa, Tênis de campo, Xadrez e Judô) foi o de Tênis de campo, que demonstrou majoritária participação masculina com 36 atletas, enquanto a categoria feminina contava apenas com 25.

O Gráfico 4 apresenta a relação geral de modalidades disputadas divididas por gênero. Considerando esse panorama, no ano de 2016 as mulheres competiram com apenas uma modalidade a menos que os homens.

Quando comparamos os Gráficos 3 e 4, podemos concluir que essa modalidade é o Futebol de Campo, que não apresentou nenhum time feminino.

Gráfico 4: Quantidade de modalidades por gênero na Olimpíada UFU 2016



Fonte: DIESU - UFU

Olimpíada UFU 2017

A Olimpíada UFU de 2017 contou com a participação de 23 atléticas (cujos nomes estão na Tabela 3) representantes de todos os campi da universidade, o número é inferior ao apresentado no ano de 2016 e vai contra o fluxo de aumento no número de associações apresentados desde 2009. Esse fenômeno se dá pela fusão que algumas atléticas operaram na mudança da temporada de 2016 para a de 2017. Duas mudanças relevantes são a união

das atléticas do H, FACED e Ágora que agora formam a Humanas, e da Agronomia com a MVZ, que se tornou Agrárias.

Em 2017 foram 13 modalidades disputadas: Atletismo, Basquete, Futebol de Campo, Futsal, Handebol, Judô, Natação, Peteca, Tênis de Mesa, Tênis de Campo, Voleibol, Xadrez e e-Games Fifa 17. Com exceção do Futebol de Campo, todas as modalidades contaram com subdivisões feminina e masculina.

A Tabela 3 apresenta a participação feminina na edição da Olimpíada UFU de 2017, nela podemos observar que apenas cinco (Fisioterapia, Psicologia, Nutrição, Científica e Enfermagem) atléticas atingem ou passam a marca de 50% de atletas mulheres, sendo o número da Científica um o único realmente equilibrado com 44 participantes, sendo 22 homens e 22 mulheres.

Tabela 3: Participação das mulheres na Olimpíada UFU 2017

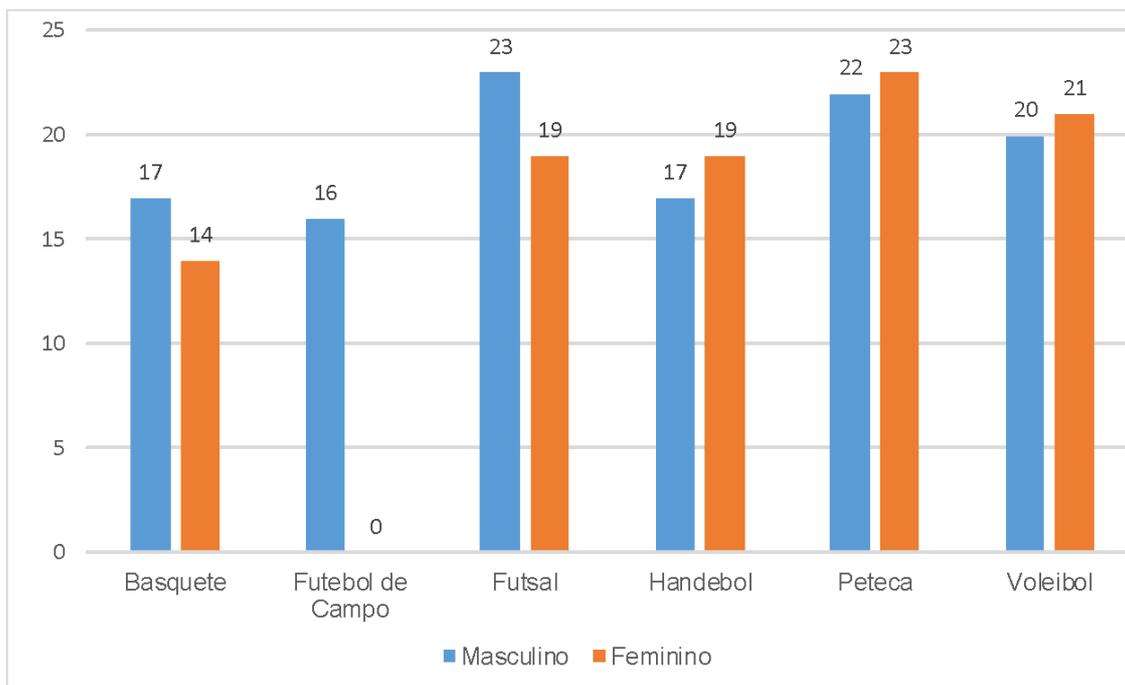
ATLÉTICA (A.A.A.)	PARTICIPANTE MULHERE		PORCENTAGE
	S	S	
Agrárias	160	73	45,6%
Arte	121	60	49,6%
Biologia - Pontal	49	18	36,7%
Biologia UDI	82	32	39%
Científica	44	22	50%
Computação	100	25	25%
Direito	133	56	42,1%
Educação Física	158	62	39,2%
Enfermagem	42	26	61,9%
Engenharias - Pontal	98	34	34,7%
Engenharia UDI	216	87	40,3%
Engenharias e Biotecnologia	57	19	33,3%
Exatas	131	42	32%
Fisioterapia	98	53	54%
Humanas - Pontal	44	11	25%
Humanas UDI	134	57	42,5%
M.R.D - Medicina	169	66	39%
Márcio Teixeira -	70	34	48,6%

Odontologia			
Moca	103	34	33%
Monetária	185	74	40%
Nutrição	53	31	58,5%
Psicologia	71	42	59,1%
XVII de Julho	70	21	30%
TOTAL:		979	41%

Fonte: DIESU - UFU

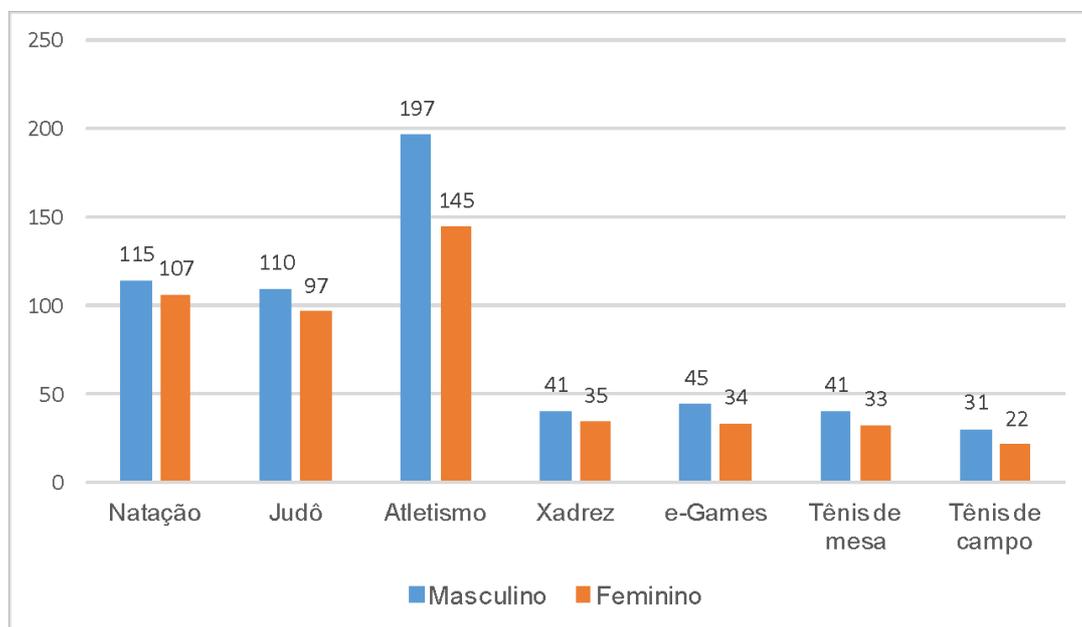
Na divisão interna da competição as modalidades coletivas (Gráfico 5) o Handebol, a Peteca e o Voleibol apresentaram maior número de equipes femininas do que masculinas, sendo no Handebol duas a mais e no restante uma a mais. Nas modalidades individuais (Gráfico 6), nenhuma obteve o equilíbrio ou maioria de participações femininas. O Atletismo apresentou a maior discrepância, com 197 homens e 145 mulheres, uma diferença de 52 pessoas. E a menor foi a do Xadrez, com 41 homens e 35 mulheres, com a diferença de 6 pessoas.

Gráfico 5: Número de times em esportes coletivos na Olimpíada UFU 2017



Fonte: DIESU - UFU

Gráfico 6: Número de participantes nas modalidades individuais na Olimpíada UFU 2017



Fonte: DIESU - UFU

Cenário para a Olimpíada UFU 2018

Acredita-se que o número de atléticas participantes neste ano se manterá o mesmo de 2017, uma vez que até o momento (jul. 2018) não foram apresentados fechamentos, aberturas ou fusões de associações. O campeonato ocorrerá em no mês de Setembro.

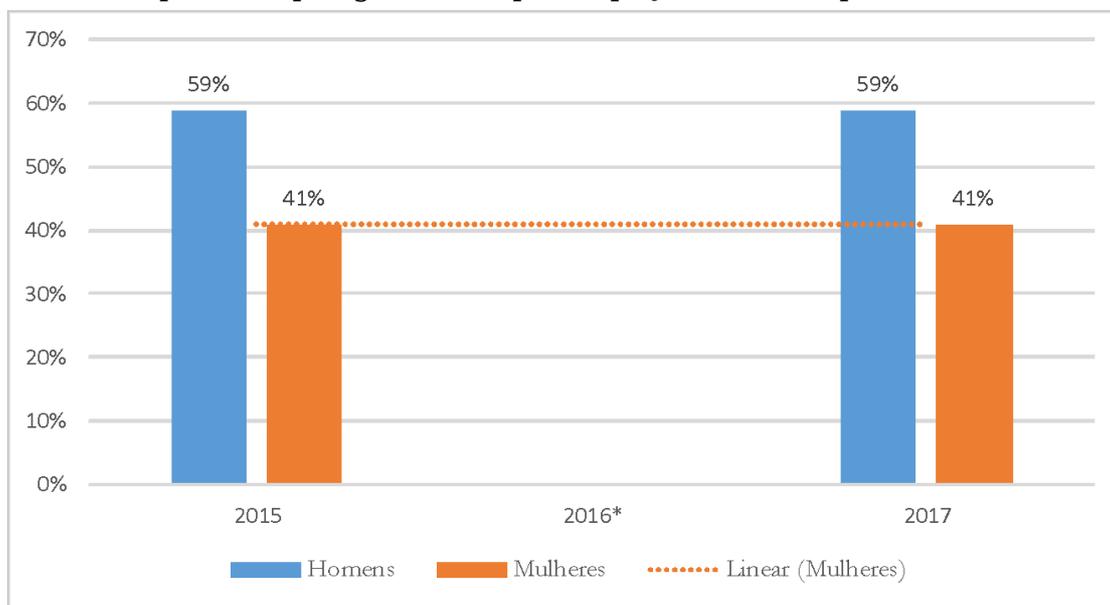
A modalidade Futebol de Campo, que pode ser a considerada a mais problemática quando analisamos a questão do gênero nos últimos anos, continuará acontecendo e as inscrições estarão abertas para times femininos. Segundo a DIESU, o único motivo pelo qual a modalidade feminina não foi incluída nos últimos anos foi a falta de inscrições por parte das atléticas. O restante das modalidades seguirá o mesmo modelo dos anos anteriores, com times ou inscrições individuais nas categorias feminino e masculino.

Considerações finais

A Olimpíada Universitária UFU sofre do mesmo mal que vemos acometer os Jogos Olímpicos e todo o esporte de modo geral: o desequilíbrio em relação a participação de homens e mulheres.

Ao olharmos, por exemplo, uma comparação dos os times em modalidades coletivas, onde em 2017 os times femininos superaram os masculinos em três delas, notamos um aparente aumento na participação feminina nos jogos. Mas na análise do coletivo notamos que esse aumento é apenas uma impressão. Houve sim o aumento no número de mulheres participantes, mas também aumentou a participação masculina, quando observamos a porcentagem geral podemos verificar que tanto em 2015 quanto em 2017 as mulheres foram 41% do total de atletas. Podemos observar essa constância no Gráfico 7.

Gráfico 7: Comparativo por gênero da participação nas Olimpíadas UFU (2015-2017)



* Não existem dados de participação por gênero na Olimpíada UFU 2016

Fonte: DIESU - UFU

Referências

BADENHAUSEN, Kurt. Why no women ranked among The World's 100 Highest-paid Athletes. **Forbes**, 7 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/kurtbadenhausen/2018/06/07/why-no-women-ranked-among-the-worlds-100-highest-paid-athletes/#7f45f1513479>>. Acesso em 12 jul. 2018.

BADENHAUSEN, Kurt. Full list: The World's 100 Highest-paid Athletes 2017. **Forbes**, 15 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/kurtbadenhausen/2017/06/15/full-list-the-worlds-highest-paid-athletes-2017/#73275681d583>>. Acesso em 12 jul. 2018.

BEAUVOIR, S. de. 1944. *Pyrrhus et Cinéas*. Paris: Gallimard.

_____. 1976 [1947]. *Ethics of ambiguity*. New York: Kensington Publishing.

_____. 1980 [1949]. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2 v.

_____. 2009 [1963]. *A força das coisas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BOULOGNE, Y. P. Pierre de Coubertin et le sport féminin. **Revue Olympique**, p. 23-26, fev./mar. 2000.

BOURDIEU, Pierre (2012). **A dominação masculina**. 11^a ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil. 160 p.

BRASIL. Decreto-lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 12 jul. 2018.

BUTLER, J. 1993. *Bodies that matter: on the discursive limits of "sex"*. New York: Routledge.

_____. 1997a. *Excitable speech: a politics of the performative*. New York: Routledge.

_____. 1997b. *The psychic life of power: theories in subjection*. Stanford: Stanford University Press.

_____. 2003 [1990]. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

_____. 2004. *Precarious life: the powers of mourning and violence*. London/New York: Verso.

_____. 2005. *Giving an account of oneself*. New York: Fordham University Press.

_____. 2007 [1990]. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge.

CBDU. **Sobre a CBDU**. Disponível em: <<https://www.cbdu.org.br/a-cbdu/quem-somos/>>. Acesso em 14 de jul. 2018.

COELHO, S. L. **Cópia da palestra proferida em mesa redonda sobre alocação de recursos públicos para o esporte promovida pelo CENDEC - Centro de Treinamento para o Desenvolvimento Econômico**. Rio de Janeiro: CBDU, 1984.

COMMITTEE OLYMPIC INTERNATIONAL (COI). **Fact Sheet: Women in the Olympic Movement**. Jun. 2016. Disponível em:

<https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/Factsheets-Reference-Documents/Women-in-the-Olympic-Movement/Factsheet-Women-in-the-Olympic-Movement-June-2016.pdf#_ga=2.45167780.1673751452.1531503824-157084525.1531503824>. Acesso em: 12 jul. 2018.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO (COB). **Números sobre nossa participação**. Disponível em: <<https://www.cob.org.br/pt/time-brasil/brasil-nos-jogos/fatos-e-numeros-do-brasil-nos-jogos-olimpicos>>. Acesso em 12 jul. 2018.

COUBERTIN, P. de. *Les femmes aux Jeux Olympiques*. **Revue Olympique**, p. 109-111, jul. 1912.

DIVISÃO DE ESPORTE E LAZER UNIVERSITÁRIO (DIESU). **Boletim 1: Olimpíada Universitária UFU 2016**. 10 out. 2016. Disponível em: <http://www.proae.ufu.br/sites/proae.ufu.br/files/media/arquivo/boletim_01_2016.pdf>. Acesso em 12 jul. 2018.

DIVISÃO DE ESPORTE E LAZER UNIVERSITÁRIO (DIESU). **Boletim 2: Olimpíada Universitária UFU 2016**. 18 out. 2016. Disponível em: <http://www.proae.ufu.br/sites/proae.ufu.br/files/media/arquivo/boletim_02_2016.pdf>. Acesso em 12 jul. 2018.

DIVISÃO DE ESPORTE E LAZER UNIVERSITÁRIO (DIESU). **Boletim 1: Olimpíada Universitária UFU 2017**. Disponível em:

<http://www.proae.ufu.br/sites/proae.ufu.br/files/media/arquivo/boletim_01_2017_atualizado_dia_10_0.pdf>. 10 nov. 2017. Acesso em 12 jul. 2018.

DIVISÃO DE ESPORTE E LAZER UNIVERSITÁRIO (DIESU). **Boletim 2:** Olimpíada Universitária UFU 2017. 16 nov. 2017. Disponível em: <http://www.proae.ufu.br/sites/proae.ufu.br/files/media/arquivo/boletim_02_2017_-_atualizado_16-11_0.pdf>. Acesso em 12 jul. 2018.

DIVISÃO DE ESPORTE E LAZER UNIVERSITÁRIO (DIESU). **Boletim 3:** Olimpíada Universitária UFU 2017. 21 nov. 2017. Disponível em: <http://www.proae.ufu.br/sites/proae.ufu.br/files/media/arquivo/boletim_03_21_11.pdf>. Acesso em 12 jul. 2018.

DIVISÃO DE ESPORTE E LAZER UNIVERSITÁRIO (DIESU). **Boletim 4:** Olimpíada Universitária UFU 2017. 28 nov. 2017. Disponível em: <http://www.proae.ufu.br/sites/proae.ufu.br/files/media/arquivo/boletim_04_2017.pdf>. Acesso em 12 jul. 2018.

DIVISÃO DE ESPORTE E LAZER UNIVERSITÁRIO (DIESU). **Balizamento natação masculina Olimpíada Universitária UFU 2017.** Nov. 2017. Disponível em: <http://www.proae.ufu.br/sites/proae.ufu.br/files/media/arquivo/balizamento_masculino_natacao_atualizado.pdf>. Acesso em 12 jul. 2018.

DIVISÃO DE ESPORTE E LAZER UNIVERSITÁRIO (DIESU). **Balizamento natação feminina Olimpíada Universitária UFU 2017.** Nov. 2017. Disponível em: <http://www.proae.ufu.br/sites/proae.ufu.br/files/media/arquivo/balizamento_natacao_feminino_-_atualizado.pdf>. Acesso em 12 jul. 2018.

DIVISÃO DE ESPORTE E LAZER UNIVERSITÁRIO (DIESU). **Balizamento judô masculino Olimpíada Universitária UFU 2017.** Nov. 2017. Disponível em: <http://www.proae.ufu.br/sites/proae.ufu.br/files/media/arquivo/balizamento_feminino_-_atualizado.pdf>. Acesso em 12 jul. 2018.

DIVISÃO DE ESPORTE E LAZER UNIVERSITÁRIO (DIESU). **Balizamento judô feminino Olimpíada Universitária UFU 2017.** Nov. 2017. Disponível em: <http://www.proae.ufu.br/sites/proae.ufu.br/files/media/arquivo/balizamento_masculino_atualizado.pdf>. Acesso em 12 jul. 2018.

ESTADÃO. Brasileirão Feminino começa com premiação de menos de 1% do torneio masculino. **Estadão**, 11 mar. 2017. Disponível em: <<https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,brasileirao-feminino-comeca-com-premiacao-140-vezes-menor-que-o-masculino,70001695591>>. Acesso em 13 jul. 2018.

FINK, J. Female Athletes and the media: strides and stalemates. *Journal of Physical Education, Recreation and Dance*. v. 69, n. 6, p. 37-40, 1998. In: SOUZA, J; KNIJNIK J. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista brasileira de educação física e esporte**. São Paulo, v. 21, n. 1, p. 35- 48, jan./mar. 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16642/18355>>. Acesso em 12 jul. 2018.

FORBES. **The world's highest-paid athletes**. Disponível em: <<https://www.forbes.com/athletes/list/>>. Acesso em 12 jul. 2018.

GOELLNER, S. (2004). Mulher, esporte, sexualidade e hipocrisia. In: **III Fórum de debate sobre mulher e esporte >mitos e verdades<**, São Paulo. Disponível em:

<http://www.im.br/site_1/faculdades/educacao_fisica/estudo_muculacao/ANAI_S_III_Forum_Mulher_Esporte_Mitos_e_Verdades.pdf>. Acesso em 12 jul. 2018.

HATIZIDAKIS, Georgios (2006). Esporte Universitário. In: DACOSTA, Lamartine (org.). **Atlas d o esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Confef. Disponível em: <<http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/72.pdf>>. Acesso em 14 jul. 2018.

IG. Nova Zelândia iguala salário para seleções masculina e feminina e futebol. **IG**, 08 mai. 2018. Disponível em: <<http://esporte.ig.com.br/futebol/internacional/2018-05-08/nova-zelandia-igualdade-salarial.html>>. Acesso em 14 jul. 2018.

JAEGER, A. "Gênero, Mulheres e Esporte". **Movimento**. Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 199-210, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2896/1532>>. Acesso em 12 jul. 2018

KNIJNIK, J. (2004). Rosa versus azul: estigmas de gênero no mundo esportivo. In: **III Fórum de debate sobre mulher e esporte >mitos e verdades<**, São Paulo. Disponível em: <http://www.im.br/site_1/faculdades/educacao_fisica/estudo_muculacao/ANAI_S_III_Forum_Mulher_Esporte_Mitos_e_Verdades.pdf>. Acesso em 12 jul. 2018

LLOYD, Carli. Carli Lloyd: Why I'm fighting for equal pay. **The New York Times**, 10 abr. 2016. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/04/11/sports/soccer/carli-lloyd-why-im-fighting-for-equal-pay.html?_r=2>. Acesso em 12 jul. 2018.

MOREIRA, R. L. (2016). **A Gestão do Desporto Universitário na UFOP:** Da Educação Física Obrigatória no Ensino Superior ao Desporto de Rendimento, a Organização do Desporto Universitário na Perspectiva dos Atletas. Dissertação de Mestrado em Gestão Desportiva. Porto, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PLACAR. Quanto cada clube receberá por sua colocação no Brasileiro?. **Veja**, 02 mar. 2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/placar/quanto-cada-clube-recebera-por-sua-colocacao-no-brasileiro/>>. Acesso em 13 jul. 2018.

PUGLIESI, André. Cota de Globo revela abismo financeiro no Brasileirão; veja quanto seu time ganha. **Gazeta do Povo**, 01 mar. 2018. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/blogs/blog-do-brasileirao/2018/03/01/brasileirao-2018-cota-de-tv-globo/>>. Acesso em 13 jul. 2018.

ROMERO, E. (2004). A hierarquia de gênero no jornalismo esportivo. In: **III Fórum de debate sobre mulher e esporte >mitos e verdades<**, São Paulo. Disponível em: <http://www.im.br/site_1/faculdades/educacao_fisica/estudo_muculacao/ANAI_S_III_Forum_Mulher_Esporte_Mitos_e_Verdades.pdf>. Acesso em 12 jul. 2018.

SCOTT, Joan Wallach. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

SECCHIOLI, Demétrio. Brasileirão Feminino perde único patrocinador e não terá transmissão na TV. **Uol**, 03 mai. 2018. Disponível em: <<https://olharolimpico.blogosfera.uol.com.br/2018/05/03/brasileirao-feminino-perde-unico-patrocinador-e-nao-tera-transmissao-na-tv/>>. Acesso em 13 jul. 2018.

VARGAS, A. (org.) (2014). **Aspectos Jurídicos da Intervenção Profissional de Educação Física**. Rio de Janeiro: CONFEF.

ZERO ZERO. Ranking FIFA. **Zero zero**. Disponível em: <https://www.ogol.com.br/ranking_fifa.php>. Acesso em 14 jul. 2018.

ZERO ZERO. Ranking FIFA Feminino. **Zero zero**. Disponível em: <https://www.zerozero.pt/ranking_fifa_women.php>. Acesso em 14 jul. 2018

“VAMOS MIGRAR”: NOTAS SOBRE A ENTRADA E A PERMANÊNCIA DE MULHERES LUTADORAS NO UNIVERSO DO MIXED MARTIAL ARTS

Leila Salvini

Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Wanderley Marchi Júnior

Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Resumo

Com a proposta de identificar os elementos que possibilitaram e favoreceram a permanência de mulheres lutadoras no universo do Mixed Martial Arts, desenvolvemos a escrita do artigo, tendo como base analítica a obra do sociólogo Pierre Bourdieu e como base de dados, entrevistas semi-estruturadas realizadas com lutadoras profissionais que estavam em diferentes fases de suas carreiras. Inicialmente apresentamos informações sobre a adequação tanto das lutadoras quanto do público consumidor da modalidade e por fim, algumas estratégias de manutenção no universo do MMA articuladas por parte das lutadoras. Foi possível concluir que o processo de entrada das lutadoras se deu principalmente pelo aumento da divulgação da modalidade nos meios de comunicação e conseqüentemente maior número de consumidores. Já a manutenção, está atrelada ao desempenho nas lutas e também aos aspectos financeiros para permanecer treinando e preparando-se para as lutas, tendo em vista que os patrocínios são bastante restritos.

Palavras-chave: Mixed Martial Arts; lutadoras; mulheres.

"Vamos a migrar": notas sobre la entrada y la permanencia de mujeres luchadoras en el universo del Mixed Martial Arts

Resumen

Con la propuesta de identificar los elementos que posibilitar y favorecer la permanencia de mujeres luchadoras en el universo de las artes marciales mixtas, desarrollamos la escritura del artículo, teniendo como base analítica la obra del sociólogo Pierre Bourdieu y como base de datos, entrevistas semiestructuradas realizadas con luchadoras profesionales que estaban en diferentes fases de sus carreras. Inicialmente presentamos informaciones sobre la adecuación tanto de las luchadoras cuando del público consumidor de la modalidad y por fin, algunas estrategias de mantenimiento en el universo del MMA articuladas por parte de las luchadoras. Es posible concluir que el proceso de entrada de las luchadoras se dio principalmente por el aumento de la divulgación de la modalidad en los medios de comunicación y conseqüentemente mayor número de consumidores. El mantenimiento, está vinculado al desempeño en las luchas y también a los aspectos financieros

para permanecer treinando e preparando-se para as lutas, tendo em vista que os patrocínios são bastante restritos.

Palabras clave: Mixed Martial Arts; combatientes; mujeres.

"Let's Migrate": notes on the entry and stay of female fighters in the Mixed Martial Arts universe

Abstract

With the proposal to identify the elements that enabled and favored the permanence of female fighters in the universe of Mixed Martial Arts, we developed the writing of the article, having as an analytical basis the work of the sociologist Pierre Bourdieu and as a database, semi-structured interviews carried out with professional fighters who were at different stages of their careers. Initially, we presented information about the suitability of both fighters and the consumers of the sport, and finally, some strategies of maintenance in the universe of MMA articulated by the fighters. It was possible to conclude that the process of entry of the fighters was mainly due to the increase in the dissemination of the modality in the media and consequently more number of consumers. The maintenance is linked to the performance in the struggles and also to the financial aspects to remain training and preparing for the fights, given that the sponsorships are quite restricted.

Keywords: Mixed Martial Arts; fighters; women.

Introdução

A "febre" do MMA que acometeu diversos países ao redor do mundo abriu espaço para que as mulheres também participassem de eventos e que tivessem um evento que contemplasse somente lutas entre mulheres, o *Invicta FC*. Como já mencionamos anteriormente, tanto as artes marciais, quanto esportes de combate e as lutas, são espaços nos quais a masculinidade é evidenciada, reforçada e ensinada, como bem descreveu Almeida (2016). Para o autor, por meio das falas verbais, gestuais e corporais, a performatividade da masculinidade hegemônica pautada na virilidade e fisicalidade, orientam a movimentação nos espaços de luta, seja na academia ou nos eventos. Ele menciona ainda que ocorre uma adesão de determinados estilos de masculinidade por parte dos agentes que compartilham esses espaços.

Considerando o campo esportivo um espaço potencial para investigarmos relações reproduzidas de outros cenários sociais, a interação e as relações entre homens e mulheres em um *locus* iminentemente masculino

nos chamou a atenção. Tendo em vista as relações de poder que se estabelecem no interior do campo esportivo, destacamos de acordo com Bourdieu (1983), as disputas travadas entre o esporte amador e o esporte profissional e, conseqüentemente, a legitimidade dos corpos que atuam nessas posições. Vale ressaltar que embora o capital físico seja o principal “trunfo” para os agentes do campo esportivo, quando se trata da difusão da modalidade a partir dos meios de comunicação ou da fusão entre o campo esportivo e o campo midiático, o capital físico recebe “valor de mercado” diferenciado em detrimento ao capital corporal cujos agentes demonstram possuir.

Nesse sentido, alegamos que quanto mais próximo às características normativas de gênero for o capital corporal dos agentes, atrelado ao capital físico que lhe confere bom desempenho no campo esportivo, maior será a potencialidade de conversão desses capitais para outros campos, especialmente no que tange os usos mercadológicos dos e das atletas que transitam em diferentes campos emprestando sua imagem para diferentes produtos. Tal qual o exemplo da ex-lutadora de MMA, Ronda Rousey.

Tendo em vista as disputas apresentadas no interior do campo esportivo atreladas ao esporte como forma de distinção, propomos para esse momento vislumbrar as mulheres e o MMA no campo esportivo. A procura das mulheres por academias de lutas, artes marciais e esportes de combate quando feita com o propósito de lazer ou de prática de exercício físico é mais bem aceita nesses espaços do que quando o propósito é tornar-se uma lutadora profissional. O processo de profissionalização de uma lutadora de MMA envolve a inclusão de outras modalidades aos seus treinos, e assim, outros gestos técnicos e todo o aparato de antecipações também é ampliado.

Tendo como objetivo identificar elementos que possibilitaram a entrada e a permanência de mulheres lutadoras no universo do MMA, realizamos seis entrevistas semi-estruturadas com lutadoras profissionais em diferentes fases de suas carreiras, que residem e desenvolvem seus treinamentos na cidade de Curitiba/PR. As entrevistas foram gravadas, transcritas na íntegra e alguns trechos estão descritos ao longo desse texto.

As informações coletadas estão organizadas da seguinte forma: inicialmente apresentarmos os elementos que fizeram com que as mulheres passassem a treinar para esse tipo de competição, como elas veem a presença das mulheres nesses espaços e na sequência, direcionamos nosso foco em identificar quais ações são necessárias para a manutenção/permanência em um espaço que está em ascensão para as mulheres, mas que ao mesmo tempo limita as participações em uma ou duas lutas durante os eventos mistos e ainda apresenta resquícios de preconceito.

A oferta e as necessárias “adequações” da demanda

Tanto a prática quanto o consumo esportivo perpassam pelo que Bourdieu (1983) denomina de oferta e demanda. Que por sua vez, inferem diretamente na forma como os agentes concebem uma nova prática esportiva ou ainda, reproduzem outras já estabelecidas no campo esportivo. É sobre as novas ofertas de práticas esportivas que propomos tratar aqui, especialmente no que tange o público de mulheres lutadoras profissionais de MMA. Nesse contexto é necessário rememorar o que o autor delimita sobre as transformações na oferta e as transformações na demanda.

As transformações da oferta estão vinculadas à possibilidade de imposição de uma nova prática e a conquista de clientela consumidora, já as transformações da demanda são alicerçadas nos gostos e estilos de vida muito relacionados à noção de distinção (BOURDIEU, 1983; 2009). Nesse sentido, o “corpo no esporte” e o “corpo para o esporte” têm sofrido alterações também vinculadas à noção de distinção, pois a configuração corporal com exaltação de músculos e pouca gordura, acrescida do controle alimentar - comuns aos lutadores e lutadoras - vêm sendo adotados por agentes alheias a esse campo, mas muito presentes no campo midiático, televisivo e também das redes sociais. Como é o caso de artistas que utilizam aulas de MMA e Muay Thai como meio de manter a boa forma e a saúde²⁵. A mesma prática também

²⁵ Trazemos como exemplo a apresentadora Sabrina Sato, atualmente com 8,8 milhões de seguidores no Instagram, como forma de ilustrar a prática do Muay Thai por agentes alheios ao subcampo do MMA, mas que por seu capital social, físico e simbólico popularizam essas práticas junto ao público leigo, a associando à manutenção de sua forma física. Que por sua

acontece no universo dos homens artistas, talvez com ainda mais intensidade, mas como uma prática recorrente e há mais tempo “autorizada”. Sobre esse percurso de angariamento de praticantes (demanda) que o MMA vem percorrendo pode ser explicado de acordo com Bourdieu (2004) quando afirma que o capital social atua favorecendo o aparecimento de praticantes modais.

Nesse sentido, podemos inferir que as práticas corporais recreativas vinculadas ao controle alimentar e à “disciplina marcial” assumem atualmente, com o crescimento do consumo de eventos esportivos de combate como o Ultimate Fighting Championship (UFC), um revestimento de distinção, diferente do significado que as mesmas práticas admitem para lutadoras e lutadores profissionais. Tais informações nos levam a entender que houve aumento na demanda de consumidoras desse tipo de prática esportiva, tendo sempre presente a intenção de melhorar o desempenho físico e não se tornar profissional, conferindo à prática significados e pesos diferentes, como ilustra o depoimento da entrevistada 1 ao afirmar que treina por ter “objetivo [competir], não só pra ter um corpinho bonito”.

Quando direcionamos nosso foco de análise para o universo de mulheres que toma essa prática como profissional, também precisamos levar em conta que além das adaptações que o próprio MMA veio sofrendo, os treinos também passaram por remodelações e, conseqüentemente, o capital físico aos poucos foi sendo moldado a fim de atender às novas exigências dessa modalidade que, em termos de multiplicidade de movimentos e golpes, assume um processo complexo de incorporação.

Destacamos que das nossas seis entrevistadas quatro são oriundas do Muay Thai, uma do Kung Fu e outra do Jiu-jitsu. Todas elas passaram a incluir - no início - pelo menos mais uma modalidade para então competirem no MMA. No caso das lutadoras de Muay Thai e de Kung Fu, que é uma luta “em pé”, foram buscar elementos da “luta de chão” por meio dos treinos de Jiu-jitsu e Wrestling. E a lutadora oriunda do Jiu-jitsu, além de praticar Luta

vez, reverte-se em capital econômico. Mais informações e imagens podem ser visualizadas em: <http://entretenimento.r7.com/programa-da-sabrina/fotos/muay-thai-saiba-mais-sobre-a-luta-que-modela-o-corpo-de-sabrina-sato-30102015#!/foto/6>. Acesso em: 29/09/2016.

Olímpica, buscou treinamentos específicos de Muay Thai para começar a competir no MMA.

A fala da entrevistada 2²⁶ ilustra que nos últimos anos, a migração do Muay Thai para o MMA, foi uma escolha em detrimento ao retorno financeiro. Ela nos conta que:

Eu tava lutando bastante Muay Thai e tava ganhando tudo, só que chegou um ponto que a gente viu que o que tava crescendo e o que tava valorizando era o MMA, então a gente teve que usar a inteligência. Muay thai eu amo, adoro, gosto de lutar, só que o que vai ser melhor para o futuro?

Ao apresentar o questionamento “o que vai ser melhor para o futuro?” a lutadora nos oferece indícios de que os eventos de MMA estavam tomando proporções maiores do que aqueles eventos de uma única modalidade, no caso particular os eventos de Muay Thai. Podemos inferir também que uma nova oferta de campeonatos estaria surgindo e que os agentes que antes praticavam uma única forma de luta, arte marcial ou esporte de combate, deveriam passar por um processo de readaptação.

Tal processo pode ser ilustrado no discurso da entrevistada 1²⁷, ao mencionar seu sonho de lutar internacionalmente, e por esse motivo modificou seus treinamentos, não mais unicamente no Muay Thai – modalidade a qual desejava esse combate – mas, no MMA. Ela relata que:

[...] eu sempre fui do Muay Thai [...] quando eu era nova e tinha duas ou três lutas, ele [o professor] fez uma promessa: quando vocês tiverem 22, 23 anos eu vou levar vocês pra lutar fora. Só que com o tempo o que está no ápice é o MMA, começou a crescer muito de uns anos pra cá, então ele falou: **vamos migrar**. Eu sempre treinei Jiu-jitsu, um pouquinho, porque se um dia eu for faixa preta, quero ser faixa preta em pelo menos duas modalidades. Eu treinava Jiu-jitsu por *hobby* e então depois disso passei a treinar mais sério e a incrementar meus treinos.

Ao migrarem de suas modalidades de origem para o MMA as lutadoras passaram por um período de adaptação não somente dos treinos, mas sim, por parte dos seus *habitus* – no sentido *bourdieusiano* – de lutadoras. Pois, uma

²⁶ A entrevistada 2 estreou profissionalmente no ano de 2009.

²⁷ A entrevistada 1 estreou profissionalmente no ano de 2013.

nova construção corporal tanto em termos de capital físico quanto de capital corporal também estava sendo forjada nas e pelas novas técnicas a serem incorporadas. Como também, pela visibilidade e o consumo que o MMA alcança frente às modalidades as quais elas praticavam e disputavam campeonatos. Além dos argumentos mencionados, a entrevistada 3 ressaltou o estranhamento inicial à possibilidade de receber por luta, tendo em vista que sua modalidade de origem é o Kung Fu ela comenta:

Depois de três meses treinando fiz minha primeira luta de Kung Fu. No final de 1998 comecei e como não tinha muita mulher no mundo da luta, no Karate e no Kung Fu tinha mais mulheres do que nas outras. Fui até me formar faixa preta, vim embora pra Curitiba pra dar aula de Kung Fu e depois de um tempo que eu dava aula, o dono da academia me falou: **“você já pensou em sair na mão pra ganhar dinheiro?”** O Kung Fu tem muito essa coisa de fidelidade, você luta pela bandeira da tua academia, mas por dinheiro jamais. Dai estreei no Muay Tai amador. E depois de seis meses eu estreei no MMA profissional em um grande evento.

Sobre os períodos de transição nos treinamentos, a entrevistada 2 menciona que “eu tinha muito medo, como eu tava acostumada a só lutar em pé, o Muay-Thai, o MMA era uma coisa nova pra mim, eu tava insegura”. Esse estranhamento inicial pode ser compreendido a partir dos primeiros combates intermodalidades ou mesmo as competições de Vale-tudo com regras que pouco resguardava a segurança dos lutadores, como também, pela diversidade de golpes que podem ser utilizados pelas adversárias em uma luta de MMA em detrimento a uma luta de Boxe ou Muay Thai, modalidades que ela já havia disputado.

Modificações na oferta de produtos culminam na modificação da demanda de consumidores. Nesse caso, ao apresentar para o público consumidor eventos organizados, com regras que de alguma maneira asseguravam sua integridade física, acrescido da divulgação midiática, os eventos de MMA começaram a “tomar corpo” principalmente na primeira década dos anos 2000. Para Bourdieu (2005) tanto o mercado quanto a oferta e a demanda são construções sociais, as quais dependem de disposições homólogas entre quem oferece determinado produto e quem está disposto a

consumi-lo. De certa forma, tal afirmação oferece subsídios para compreensão do advento do MMA, sobretudo, do advento do MMA por meio da proliferação de eventos de grande porte como foi o *Pride* (direcionado para consumidores com limiar de agressividade maior, tendo em vista o número reduzido de regras) e o UFC (direcionado ao grande público de consumidores e revestido de elementos de distinção pelo formato que assumiu após ser comprado pelos irmãos Fertitta).

Nesse sentido, compreendemos de acordo com Bourdieu (2004c), que os espaços das práticas corporais e esportivas estabelecem homologia com os espaços das posições sociais. Em que, as mudanças das práticas esportivas somente podem ser compreendidas a partir da lógica que visa à manutenção da distância entre as posições sociais. O distanciamento entre as posições sociais podem ser analisadas de diferentes formas, no entanto, vamos seguir nossa análise por duas possibilidades: a partir dos e das agentes enquanto lutadores e também dos e das agentes que são consumidores esportivos.

Rememorando que o distanciamento mencionado pelo autor pode ser identificado no campo esportivo a partir da profissionalização e do amadorismo, ao avançarmos nosso olhar para o subcampo do MMA, não é somente a distância entre os atletas amadores e os profissionais que está em jogo, mas sim, dos atletas profissionais que conseguem manter-se financeiramente a partir de sua profissão e dos atletas profissionais que assumem outros empregos para tal subsídio, mas ainda assim são categorizados como profissionais. A partir dessa realidade, entendemos que a distância entre um agente que está no início da carreira (e ainda luta como amador) e de um agente que embora seja profissional, mas que não sobrevive desse esporte é menor do que a distância entre esse lutador (profissional que precisa de outro emprego para seu sustento) e um agente que luta como profissional e tem patrocínios significativos e/ou recebe remuneração considerável por luta.

É interessante ressaltar que a qualidade de lutador ou lutadora profissional de MMA advém da incorporação dos gestos técnicos das lutas e não da ideia de retirar seu sustento somente das lutas realizadas. As lutadoras

entrevistadas, por terem realizado muitas lutas de suas modalidades de origem como profissionais e em campeonatos de nível nacional realizaram poucas ou nenhuma luta de MMA amador, iniciando suas carreiras já como profissionais, como foi o caso das entrevistadas, 2, 4 e 5. A entrevistada 5 relembra que:

Nessa época de 2010, 2011 começou a popularizar bastante o MMA, não da forma como está agora, mas tinha bastante evento. E da mesma forma que o Muay Thai, eu queria lutar amador e depois profissional, mas luta feminina amadora era muito difícil e como eu já tinha lutas profissionais de Muay Thai então eu acabei estreando direto no profissional.

A entrevistada 6 comenta que via no MMA um desafio pessoal de estar sempre aprendendo uma modalidade diferente, ela relata que em 2015,

[...] eu vi o pessoal treinando Muay Thai na academia que eu faço Jiu-jitsu, e resolvi experimentar. [...] Eu já tava no Jiu-jitsu, já tava no Wrestling, fazendo Submission, falei: deixa eu ver o Muay Thai como é. [...] Fui, fiz umas aulas e gostei. Dai me passou pela cabeça: porque não [lutar MMA]? Falei pro meu colega, arranja uma luta de MMA pra mim, que eu quero fazer e dependendo como for eu quero lutar MMA, quero sentir como é. Treinei um mês de Muay Thai, mal sabia dar um soco apareceu uma luta pra eu fazer e eu fui. Um evento amador em Curitiba, só mulheres lutando. [...] A hora que eu saí do ringue, [pensei] é isso que eu quero fazer.

Já no que tange os consumidores esportivos, também assumem características peculiares e certo distanciamento na estrutura social que ocupam. Pois, temos consumidores de MMA em eventos locais que consistem em agentes que treinam alguma modalidade de luta ou conhecem alguém que realizará alguma luta nesse evento, seus amigos, familiares e colegas de academia. Em eventos maiores, nos quais o valor do ingresso é mais alto, além do público já mencionado, também costumam frequentar os “admiradores” do esporte, que não necessariamente tenham vínculo com academias de lutas, lutadores ou se quer praticam alguma modalidade. São os consumidores esportivos.

Seguindo nessa proposta de análise, Bourdieu (2004; 2009) adverte que seria ingenuidade pressupor que todos os praticantes de um mesmo esporte

lhe conferem o mesmo sentido ou que de fato praticam a mesma prática. Especialmente se vislumbrarmos que diferentes classes também têm expectativas diferentes em relação às práticas esportivas. Cabe-nos ressaltar que tal reflexão abarca principalmente as práticas esportivas que envolvam a manipulação corporal, mas não excluimos dela o consumo esportivo.

Perpassando pelas noções de gosto de classe e estilo de vida propostas por Bourdieu (2009) temos a noção de que as posições que ocupam na estrutura social moldam seus estilos de vida - e também o *habitus* - que se materializam nas preferências dos consumidores. Nesse sentido, podemos compreender a predileção de determinados agentes aos eventos maiores com nuances de espetáculo e distinção, tal qual o UFC. Ressaltamos que o UFC assumiu tal revestimento a partir da compra da organização pelos irmãos Fertitta e o investimento realizado para aproximar as lutas de MMA realizadas em seus eventos aos *shows* ou espetáculos emoldurados por luzes e telões além de serem realizados em espaços físicos que comportassem os espectadores de maneira confortável e segura.

A aproximação entre os campos esportivo e midiático passaram a oferecer ao público até então desconhecido, a figura do lutador de MMA de maneira “repaginada” tal quais os intentos lançados pelo The Ultimate Fighter (TUF) no Estados Unidos. De maneira especial no Brasil essa aproximação se manifestou por meio de programas de televisão com alto índice de assistência e em diferentes canais e horários para ampliar o alcance da audiência, como também, de marcas que visassem atingir outra parcela do público consumidor, como as de cerveja e carros. Por meio dessas informações podemos inferir que se galgava a criação de uma nova demanda de consumidores, para uma também nova - e mais midiática - proposta de esporte, alicerçada tanto no desempenho esportivo dos lutadores e também no poder simbólico dos aparelhos de comunicação, como a televisão e a internet.

Bourdieu (2004, p. 166) denomina poder simbólico como “poder de impor às outras mentes uma visão, antiga ou nova, das divisões sociais da autoridade social adquirida nas lutas anteriores”. Esse poder é conferido a quem profere determinada informação como “porta voz autorizado”, por

compreender que “o poder simbólico é o poder de fazer coisas com palavras”. No presente caso, entendemos que os meios de comunicação assumem esse perfil, em detrimento ao público alvo de consumidores esportivos que visa atingir.

Começar e permanecer lutando MMA

A opinião das lutadoras entrevistadas sobre ser mulher e além de adentrar o espaço do MMA permanecer nele, foi unanime. Elas arguíram como vantagem a pouca concorrência e por isso a possibilidade de ascensão mais rápida na carreira quando comparada à carreira dos homens. A entrevistada 2 descreve que

[...] por serem poucas mulheres que tem a coragem de encarar, foi bom pra mim, pude me destacar mais. Homem tem bastante, mulher foram poucas ali eu consegui ir aparecendo com isso [...]. No começo todo mundo acha que não é esporte pra mulher, mas depois que a gente começa a conseguir conquistar várias coisas e todo mundo vê que não é bem assim.

A opinião da entrevistada 5 vai de encontro ao excerto ilustrado acima, quando ela nos diz:

Quase todas as minhas lutas foram em eventos que foi a única luta feminina. [...] Eu acho muito bom quando a minha luta é a única feminina, porque todo mundo lembra. Todo mundo diz: “a menina que lutou”. Tem um monte de luta masculina e só uma feminina, todo mundo vai lembrar da única luta feminina. Pra mim é bom, melhor que seja assim. [...] Eu acho uma vantagem [ser mulher], porque a concorrência é menor. Para o homem chegar lá no primeiro do *ranking* do país ou do mundo tem muito mais concorrência. Mulheres são menos, a concorrência é menor e por ser algo que muita gente, mesmo hoje em dia, ainda acha estranho [uma mulher lutando], acaba sendo algo marcante, as pessoas lembram mais.

Ao entender que o caminho a ser trilhado pelas mulheres até eventos maiores que conferem visibilidade é mais curto do que o dos homens, a entrevistada 4 relata:

Depois que eu comecei a lutar profissionalmente, a gente começa a perceber que é muito mais rápido pra mulher, o caminho é mais

curto, por não ter tanta mulher se comparado ao homem. Pra homem tem que ter muito mais luta pra chegar a evento grande. Pra mulher, se ela começa a se destacar um pouco já começa a chamar mais atenção.

Ela segue explicando que o processo de manutenção de um cinturão ou mesmo das mulheres em eventos grandes também acontece de maneira diferenciada do que com os homens,

Pra se manter no esporte, a mulher não tem tanta experiência. O homem chega lá e já tá mais maduro, mais consistente. [Para as mulheres] é muito rápido, você tem que aprender as coisas muito mais rápido do que o homem.

Adentrar o subcampo do MMA por parte das entrevistadas aconteceu como uma estratégia para se manterem em atividade no mundo as lutas e também como propósito financeiro. A liberação para a realização de lutas de MMA foi - exceto pela entrevistada 6 - por parte dos professores treinadores, que entenderam que em determinado momento suas alunas/lutadoras estariam aptas a estrear no MMA. Se posicionar nesse subcampo ocorreu em detrimento tanto ao capital físico de cada uma das lutadoras, quanto ao capital social, seja das lutadoras ou de seus treinadores para terem acesso a possibilidade de inclusão de suas lutas nos eventos. No entanto, o ato de permanecer nesse subcampo perpassa entre a possibilidade serem lutadoras, mas também professoras das modalidades, como relata a entrevistada 2:

Eu não consigo viver só da luta, pra mim a luta é um hobby, eu não penso que tenho que ganhar pra me manter. O meu sustento é as aulas, tá dando aula direto. O que eu ganho na luta é um extra. Agora começou aparecer uns patrocínios melhores, eles me ajudam na preparação que a gente tem gasto com suplemento, as vezes tem que pagar um treino extra, um treino específico, material de treino, a alimentação pra luta tem que ta sempre mantendo. [...] Antes a gente só tinha patrocínio pra cada luta, agora a gente fechou semestral. [...] O patrocínio vem em dinheiro, pra gente é bem melhor assim.

Ao permanecerem com o propósito de serem professoras e lutadoras, tem seus recursos financeiros advindos dessas duas frentes. Enquanto professoras, são pagas por seus alunos e pelos donos das academias. Cujo a

entrevistada 2 comenta, aumentaram significativamente nos últimos anos. Para o público de mulheres isso aconteceu a partir da presença de Ronda Rousey nos eventos realizados pelo UFC. A entrada de Ronda Rousey em um evento do porte do UFC promoveu modificações também no que tange o aumento de visibilidade para as mulheres lutadoras de MMA, além de ter ampliado a possibilidade de mulheres utilizarem das técnicas de luta, esportes de combate e artes marciais como uma maneira de manutenção de aspectos relacionados à estética corporal e à saúde:

A entrevistada 2 relata que:

Eu acredito que depois que apareceu a Ronda melhorou bastante. Embora eu não simpatize muito com ela, ela é uma boa lutadora. E o que o mundo vê, eles não querem que só porque a mulher é lutadora ela tem que uma ogra, feia e não se cuida. Ela pode ter uma boa aparência, ela pode se cuidar, ser meiga, tudo e fazer um papel bonito dentro octógono. Então acho que depois que a Ronda apareceu explodiu bastante isso. **Não que não tivesse isso antes, já tinha, sempre teve, as porque o UFC é o maior evento é ele que divulga mais, entrando ela abriu um espaço bem grande pra nós.** Então acho que ela ajudou a dar esse empurrão, porque antes o Dana White nem queria luta feminina.

Vale ressaltar no discurso acima ilustrado, que não quer dizer que Ronda tenha sido uma pioneira ao atrelar aspectos de feminilidade normativa à *performance* do MMA. Mas sim, que o evento no qual ela pode exacerbar tal conjunto de características fez com que os mesmos reverberassem de maneira significativa, impactando também no aumento - mesmo que limitado - das possibilidades de apoio e patrocínios conferidos às lutadoras entrevistadas. Além desse advento, a boa fase da lutadora é importante ao angariar patrocínios ou apoios. Sobre os apoios recebidos, a entrevistada 4 nos conta que recebe em forma de produtos, como a academia que treina musculação, escola de inglês, suplemento alimentar e que não tem prazo para continuar recebendo esses apoios. Além dos produtos já mencionados, as lutadoras também recebem apoio em forma de refeições em restaurantes, de marcas de roupas esportivas, de protetores bucais, dentistas dentre outros profissionais da área da saúde.

Considerações para o fechamento

Por serem agentes recém-chegadas ao espaço do MMA as mulheres assumem nesse contexto uma posição que lhes é particular. Embora, muito se assemelhe e até em partes assumam a postura de reproduzir algumas ações “às sombras” dos homens, por serem considerados agentes nascidos nesse subcampo, a elas são ofertadas diferentes oportunidades, como também, diferentes enfrentamentos que aos agentes legítimos são atenuadas ou inexistentes. Todas essas relações de poder existentes entre agentes recém chegados e agentes já estabelecidos nos campos são acrescidos de elementos como as relações de gênero e o reposicionamento do MMA no cenário esportivo e midiático.

Nesse sentido, o processo de entrada das lutadoras se deu principalmente pelo aumento da divulgação da modalidade nos meios de comunicação e conseqüentemente maior número de consumidores e toda a rede de produtos que são comercializados a partir desse feito. Muito dessa acessibilidade do público consumidor ao universo do MMA se deve ao fato de que a palavra MMA designa atualmente, não é o mesmo que designava no início dos anos 2000. Bourdieu (2004) menciona que as modificações nas práticas esportivas não recaem somente sobre a modificação das regras, mas sim, pelas representações e apropriações dos agentes. No caso do MMA, as modificações nas disposições dos agentes aconteceram em diferentes instâncias e estruturas desse espaço. Desde as organizações esportivas que consolidaram categorias para mulheres, a visibilidade que os agentes midiáticos as conferem, como também, os treinadores e as habilidades físicas que tiveram que ser aprimorada luta após luta, principalmente depois do aumento do consumo de eventos televisionados.

Tais fatos inferiram no início de um processo de espetacularização das lutas de MMA e inculcaram nas mulheres lutadoras de MMA a concepção de um conjunto de disposições para a ação, específicas para esse *lócus*, que agem diretamente na manutenção delas nesse universo, a qual perpassa pelo desempenho nas lutas, pela venda de sua imagem como lutadora, mas

principalmente pelos elementos financeiros, que muitas vezes são empecilhos para um melhor desenvolvimento da carreira esportiva.

Referências

- ALMEIDA, S. C. F. (2016). **Mixed Martial Arts (MMA) no Brasil: masculinidades em disputa**. 2016. 442f. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- BOURDIEU, P. (2009). **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk.
- BOURDIEU, P. (2004) **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense.
- BOURDIEU, P. (1983). **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- ENTREVISTADA 1, **Entrevista** [set. 2015]. Entrevistadora: Leila Salvini. Curitiba, 2015. 1 arquivo .mp3 (26 min e 21 seg).
- ENTREVISTADA 2, **Entrevista** [set. 2015]. Entrevistadora: Leila Salvini. Curitiba, 2015. 1 arquivo .mp3 (60 min e 3 seg).
- ENTREVISTADA 3, **Entrevista** [set. 2015]. Entrevistadora: Leila Salvini. Curitiba, 2015. 1 arquivo .mp3 (120 min e 3 seg).
- ENTREVISTADA 4, **Entrevista** [set. 2015]. Entrevistadora: Leila Salvini. Curitiba, 2015. 1 arquivo .mp3 (23min e 11 seg).
- ENTREVISTADA 5, **Entrevista** [set. 2015]. Entrevistadora: Leila Salvini. Curitiba, 2015. 1 arquivo .mp3 (17 min e 31 seg).
- ENTREVISTADA 6, **Entrevista** [set. 2015]. Entrevistadora: Leila Salvini. Curitiba, 2015. 1 arquivo .mp3 (34 min e 16 seg).

MULHERES NO MUNDO DO FUTEBOL: REPRESENTAÇÕES

**Maria Espirito Santo Rosa Cavalcante
Ribeiro**

Pontifícia Universidade Católica de Goiás (Brasil)

Djalma Oliveira Souza

Pontifícia Universidade Católica de Goiás (Brasil)

Resumo

O artigo propõe a análise historiográfica de obras que contam a história do futebol brasileiro e que meticulosamente relegam, ao longo dos anos, a participação das mulheres dentro e fora de campo. A intenção é trazer à discussão a forma como as mulheres são representadas em várias escrituras: livros, revistas, periódicos, artigos e literatura em geral que tratam do esporte bretão. Atualmente, e quase que unanimemente, as narrativas que conceituam o brasileiro através do futebol, além de apresentarem praticamente sempre a mesma história - Charles Miller e sua volta ao Brasil vindo da Inglaterra - reforçam a ideia de que o futebol tem dono e este dono é o homem; normalmente elas retratam um ambiente cercado de preconceito e exclusão social, que com o passar dos anos tornou-se um portal de explicação do "caráter" do brasileiro. Nesse mesmo caminho de explicação em que o futebol "explica tudo", percebe-se uma total exclusão das mulheres quando o assunto é construir uma narrativa do estado-nação através do futebol. Por meio dessa percepção, o artigo pontua algumas demandas históricas contemporâneas: como entender a democracia, a equidade de gênero, a integração social e a nação brasileira deixando as mulheres de fora?

Palavras-chave: Futebol, mulheres, representações.

Mujeres en el mundo del futbol: representaciones

Resumen

Este artículo propone un análisis historiográfico de obras que cuentan la historia del futbol brasileño y que meticulosamente discriminan, a lo largo de los años, la participación de las mujeres dentro y fuera de la cancha. La intención es traer a la discusión la forma como las mujeres son retratadas en diversos medios escritos: libros, revistas, periódicos, artículos y literatura en general que se ocupan del deporte bretón. Actualmente, y casi de manera unánime, las narrativas que conceptúan al brasileño por medio del futbol, además de casi siempre presentar la misma historia - Charles Miller en su vuelta a Brasil viniendo de Inglaterra - refuerzan la idea de que el futbol tiene dueño y que este dueño es el hombre; ellas comúnmente retratan un ambiente cercado de prejuicio y exclusión social, que, con el pasar de los años, se ha vuelto un portal de explicación sobre el "carácter" del brasileño. En esta misma ruta de explicación en la cual el futbol "explica todo", se percibe una total exclusión de las mujeres cuando el asunto se trata de la construcción de una narrativa del estado-nación a través del futbol. Por medio de esa

percepción, este artículo puntualiza algunas demandas históricas contemporáneas: ¿Cómo entender la democracia, la equidad de género, la integración social y la nación brasileña que deja afuera a las mujeres?

Palabras clave: Fútbol, mujeres, representaciones.

Women in the world of football: representations

Abstract

The article proposes the historiographical analysis of works that tell the history of Brazilian soccer and that meticulously relegate over the years the participation of women on and off the field. The intention is to bring to the discussion the way women are represented in various scriptures: books, magazines, periodicals, articles and literature in general that deal with the sport of Breton. Currently, almost unanimously, the narratives that conceptualize the Brazilian through football, besides presenting almost always the same story -Charles Miller and his return to Brazil from England - reinforce the idea that football has owner and this owner is the man; usually they portray an environment surrounded by prejudice and social exclusion, which over the years has become a portal to explain the "character" of Brazilians. In this same way of explanation in which soccer "explains everything", one perceives a total exclusion of women when it comes to constructing a narrative of the nation-state through soccer. Through this perception, the article points out some contemporary historical demands: how to understand democracy, gender equity, social integration and the Brazilian nation leaving women out?.

Keywords: Football, women, representations.

Introdução

O futebol hoje cantado em versos de samba e rock "em rou", considerado um esporte do "povão" no qual uma bola de meia e alguns tijolos (para as metas) podem significar sua prática, não obstante estabelece distâncias monumentais quando o assunto é a possibilidade de integração entre homens e mulheres.

As discussões em torno da participação das mulheres em todos os níveis da sociedade brasileira quase sempre concluem que elas são vilipendiadas dos mesmos direitos que possuem os homens. É notória a pouca participação efetiva das mulheres em decisões políticas, sociais e culturais. Isso é mais delicado ainda quando se percebe a acentuação dessa exclusão em lugares em que deveriam de fato torná-las explícitas, ou seja, na própria academia.

Historicamente, o preconceito racial e a exclusão feminina podem também ser explicados através da identificação do processo de formação da sociedade Brasileira em que homens (brancos) detentores do poder e assegurados pela religião encrustaram na sociedade a ideia de que as mulheres deveriam ocupar somente os espaços estabelecidos por eles. Podemos certificar essa afirmação através de vários exemplos vividos no nosso cotidiano em que as mulheres²⁸ são violentadas fisicamente, moralmente e psicologicamente.

Historicamente, foram ceifadas das mulheres as possibilidades profissionais de estudo e de liberdade, mas atualmente o feminismo e os estudos de gêneros possibilitaram e abriram caminhos para a superação desse contexto de desigualdade. O futebol não é um caso isolado em que as mulheres são excluídas da possibilidade de sua prática. Podemos perceber que as mulheres além de serem desprestigiadas no jogo, sofrem o mesmo tratamento nas “historiografias”; os *best Sellers*, artigos, obras literárias, notícias de jornais e revistas, destratam e ignoram a existência das mulheres na sociedade brasileira após a chegada do esporte no Brasil.

A interpretação sobre o futebol como uma das marcas do caráter e do povo brasileiros esqueceu de incluir as mulheres. Não se trata de identificar se as mulheres podem jogar ou não. Este artigo abre caminho para pensarmos outras formas de análises de como as mulheres são “tratadas” na prática do esporte. Aqui destacamos as seguintes: a) os poucos estudos da não inclusão das mulheres quando o assunto é conceituar *uma nação* deixando de fora a experiência das mulheres; b) verificar o porquê da falta de incentivos financeiros às mulheres futebolistas; c) o “fenômeno” Marta. Como explicar o fato de ter uma atleta cinco vezes a melhor do planeta e mesmo assim o

²⁸Só em 2013, último ano com dados disponíveis, foram vitimadas 4.762 mulheres. Para se ter uma ideia do que esse volume significa, nesse mesmo ano, 2.451 municípios do Brasil (44% do total de municípios do País) contavam com um número menor de meninas e mulheres em sua população. Os municípios de menor população feminina do País: Borá, em São Paulo, ou Serra da Saudade, em Minas Gerais, não chegam a ter 400 habitantes do sexo feminino. É como se, em 2013, tivessem sido exterminadas todas as mulheres em 12 municípios do porte de Borá ou de Serra da Saudade. Geraria uma comoção, uma repulsa, de alcance planetário. Mas, como essas mulheres foram vitimadas de forma dispersa ao longo do território nacional, reina a indiferença, como se não existisse um problema. (Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil/ 2015)

futebol feminino ficar desprestigiado?; d) o comportamento “machão” dos praticantes do esporte como construção depreciativa das mulheres praticantes do futebol; e) como é praticado o esporte nos campinhos de terra na atualidade, ou, nos muros das escolas?; f) os resultados práticos obtidos após a confecção de leis impostas pelas entidades responsáveis pelo futebol (FIFA, COMEBOL) para a popularização do esporte através das mulheres.

A história do futebol oficial no Brasil relata que os burgueses brasileiros enviavam seus filhos para estudarem na Europa, preferencialmente na Inglaterra, e estes jovens, quando voltavam formados ou não, traziam em suas bagagens algumas novidades. Para Franco Júnior (2007:60) a introdução do futebol no Brasil “... foi atribuída ao jovem paulistano Charles William Miller, filho de um engenheiro escocês aqui radicado. Enviado à Inglaterra com nove anos para completar seus estudos, Miller retornou em 1894 trazendo em sua bagagem um verdadeiro arsenal litúrgico.”

Esses exemplos de história, em que o fato atribuído é condicionado pela ação dos homens, representam muitas vezes a possível explicação dos motivos pela qual a *posse* de determinados acontecimentos faz da historiografia um *lar em que* os homens sentem-se donos do produto, é o caso do futebol. A figura masculina dentro do futebol chega às margens de um endeusamento no qual o craque recebe as glórias e muitas vezes é nomeado como REI, DEUS dos campos, uma espécie de Salvador da pátria. Como diria Nelson Rodrigues, os craques são “Imortais”.

As alegrias e as tristezas dos torcedores/as estão correlacionadas com o desempenho dos craques que com suas fraquezas, seus problemas e frustrações resolvem *tudo* com a bola na rede ou com mais uma conquista. Do outro lado, estão as mulheres que não representam praticamente *nada* no jogo dos cartolas do futebol. Não exercem influências nas decisões políticas do país em proporção à sua representação expressiva de eleitoras. Eventualmente, se houver uma mulher que se destaque no futebol feminino, será renomeada usando o codinome masculino (Marta, a Pelé de saias).

A própria construção dos estádios para que os homens pudessem se esbaldar, se satisfazer e se deliciar, aumentando assim suas glórias, é uma

prova dessa posse autoritária e unilateral. À exemplo disso, podemos constatar que nada foi construído para as mulheres em termos delas usufruírem dos lugares como protagonistas. Os homens acabam sendo uma espécie de donos da bola. A partir dessa lógica de dominação, podemos perceber a exclusão das mulheres na prática e na vivência esportiva futebolística.

Seja dentro ou fora de campo, o futebol é quase exclusivamente masculino. Através de pesquisas, constatamos que até no jornalismo esportivo quase não há espaço para as mulheres; raramente elas são aceitas para exercer esta profissão. Sobre o assunto, Provenzano diz o seguinte:

A participação das mulheres no radiojornalismo esportivo brasileiro teve como uma das primeiras e mais marcantes experiências a equipe formada na Rádio Mulher, em 1971, em São Paulo. “Elas analisavam a beleza dos jogadores, foi Zuleide quem começou a falar das pernas famosas do goleiro do Palmeiras na época, Emerson Leão, a limpeza dos uniformes, e davam um tom sutil às transmissões (PROVENZANO, 2009:6)

Frente ao estudo da historiografia do futebol brasileiro, podemos perceber que grande parte das obras acentuam a ideia de que as mulheres não faziam “parte do plano” no assunto futebol. Uma extensa obra bibliográfica foi lançada no ano de 2013, “O Futebol brasileiro, 1894 a 2013: uma bibliografia”, nele podemos encontrar análises específicas de alguns trabalhos essencialmente masculinos.

A parceria entre a Fundação Joaquim Nabuco e o Ministério da Educação catalogou as principais obras que tratam da história do futebol brasileiro. O autor convidado para essa catalogação foi o pesquisador Túlio Velho Barreto da Fundação Joaquim Nabuco em que trabalha desde 1984.

Esse interessante trabalho bibliográfico divide a historiografia do futebol em três partes. A primeira parte ressalta as obras de produção jornalística desde a chegada do futebol até a atualidade. Em uma segunda etapa, o autor destaca a literatura ficcional dos autores brasileiros, a terceira etapa demarca os estudos acadêmicos. Aqui analisamos especificamente algumas obras de cada uma dessas partes divididas pelo autor, destacamos especificamente a exclusão feminina.

Crônica futebolística

A base de sustentação e pesquisa utilizada para essa primeira parte é a obra de Fátima Antunes “*Com brasileiro, não há quem possa, 2004*”. A autora destaca o que escreviam os três principais cronistas de futebol nos anos quarenta. É destaque para a autora os escritores Mario filho, Nelson Rodrigues e José Lins do Rego. Cabe ressaltar que a autora faz sua apresentação descrevendo suas motivações para a análise futebolística e suas paixões pelo tema. Reforça o “coro” dos que comungam a ideia de que o futebol explica de certa maneira “o brasileiro”, apesar de reconhecer que o futebol é um espaço masculino. Para a autora o futebol promovia “Essa identidade comum, que ultrapassava os limites familiares e alcançava o espaço público, fornecia as bases de um padrão de sociabilidade específico. Tratava-se, na verdade de um código de integração a um determinado sistema social.” (ANTUNES, 2004:17)

Nascido no município de Pilar, Jose Lins do Rego (1901-1957) contribuiu sobremaneira com a literatura brasileira através de seus romances e crônicas. Independentemente de seu estilo literário, seus textos foram fundamentais para o engrandecimento da língua portuguesa. Suas crônicas especialmente buscavam realçar *fatos e cidadãos brasileiros* relacionados com o mundo do futebol. Para Antunes, José Lins do Rego “Via o futebol como um espaço para a promoção da unidade nacional e conseqüentemente de superação das divergências regionais[...]nesse sentido, Zé Lins era um incentivador Incansável do brasileiro à ação e à reversão de um quadro de dificuldades.” (ANTUNES, 2004:118)

O desenvolvimento técnico dos jogadores de futebol foi uma das matérias primas para os cronistas brasileiros, conseqüentemente desenvolveram uma espécie de sentimento em que a *linha* que separava o

futebol da vida social estava agora apagada, não havia mais separação. Através das crônicas, José Lins do Rego fez uma integração entre os que não eram enxergados na sociedade e a classe opressora, dessa forma executou uma possível aproximação entre esses elos conflitantes da sociedade.

Devemos ressaltar que dessa ideia de integração ficavam “dispensadas” as mulheres das *alegrias* do povo brasileiro, das emoções que o futebol proporcionava. Nas narrativas do autor não havia referências ou citação do gênero feminino. Para Holanda (2003:22), “A presença expressiva do futebol no conjunto da vida e da obra de José Lins do Rego contribuiu para pensarmos a possibilidade do estabelecimento de uma ligação entre a questão dos esportes populares e a problemática originária do modernismo.”

Outro autor de destaque nessa fase de análise dos cronistas é o autor Mário Rodrigues Filho (1908-1966), que nasceu na cidade de Recife e que em 1915 desembarcou no Rio de Janeiro com os pais e irmãos. O maior estádio do planeta na época de sua inauguração, o Maracanã, homenageia o habilidoso cronista. De acordo com Pereira (2000:121) ...em 1907 constavam no noticiário dos grandes jornais cariocas 77 clubes de diferentes perfis sociais, em 1915 apareciam 216 só nas páginas o jornal O Imparcial- tendo quase triplicado, em oito anos, o número de clubes futebolísticos no Rio de Janeiro.”

Mário filho atribuía às vitórias da nossa seleção um impulso à “criação” de nossa própria identidade. É claro que não devemos observar a obra do autor de forma isenta de questionamentos e de uma análise mais acentuada da utilização de alguns conceitos por ele empregados. O que se observa nos escritos de Mário Rodrigues filho, um lendário torcedor do Fluminense, é que não há de forma explícita qualquer tipo de referência ao gênero feminino. O autor de uma forma geral engloba homem e mulher em um mesmo espaço no qual apenas os homens recebem os louros da glória “eterna”. Acreditamos que conceituar uma nação através do futebol e interpretar uma identidade nacional sem uma análise que considere a participação das mulheres nesse processo é demasiado incompleto.

Nelson Falcão Rodrigues nasceu no Recife, em 1912. Aos cinco anos, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, onde destacou-se no teatro, no romance e na crônica esportiva. Nelson Rodrigues “O anjo pornográfico” foi um escritor polêmico e autor de muitas frases que marcaram e marcam até os dias atuais o nosso cotidiano.

Os registros históricos destacam que o futebol já era praticado em campos verdes e amarelos do Brasil, quando o Néelson Rodrigues chega ao Rio de Janeiro em 1915, e que já existiam clubes tradicionais como o Vasco da Gama, o Fluminense, o Flamengo, o Botafogo e outros clubes de outras regiões do país. O material resgatado dos jornais *O Globo e Jornal dos Esportes*, entre as décadas de 1950 a 1970, foram materializados em um livro intitulado “Pátria de chuteiras”, lançado em 2012, ano do centenário de nascimento do autor. É uma obra divertidíssima em que o autor especificamente tenta recuperar a autoestima do brasileiro, jogador ou não, após a derrota pelo Uruguai em pleno Maracanã em 1950. Nelson Rodrigues Ao invés de acentuar a derrota, Néelson Rodrigues inverte o discurso dos demais cronistas e torcedores e demonstra que o brasileiro seria capaz, através de seu talento, de superar qualquer adversário e que a derrota, um fantasma, não iria decretar o fim do futebol brasileiro.

Nelson Rodrigues entendia que o futebol seria uma espécie de representação da nação, diante disso aceitar que nossa seleção, nossos jogadores fossem *uns* derrotados antes de entrarem em campo não ajudaria em nada no desenvolvimento do país.

A fé e a crença no brasileiro, adquiridas pelo futebol, deveriam orientar todo um povo na aquisição de autoestima - garantia Nelson. A seleção, lançando mão de uma série de símbolos nacionais, representaria a pátria e, assim, seria capaz de promover um sentimento de união nacional. Pelos feitos da seleção, a nação iria adquirir a autoestima, necessária para o resgate moral do brasileiro. (ANTUNES, 200:264)

Percebemos nas crônicas de Néelson Rodrigues uma quase total ausência da figura feminina em suas linhas escritas. Elas não deixam de ser citadas, porém, apenas como complemento textual. Quando o autor tenta enaltecer o patriotismo brasileiro através do futebol, a figura feminina não entra na

narrativa do escritor já que ele em nenhum momento narra episódios em que as mulheres poderiam ser protagonistas.

Mulheres falam de futebol?

Considerando que poucas mulheres se aventuraram na escrita relacionada ao futebol, este subtópico tem por base o artigo “Mulheres Fora da Área: escritoras “arriscando-se” a dissertar sobre futebol” (2017) dos(as) autores Maria Thereza Oliveira Souza, Larissa Jensen e pelo Doutor em história André Mendes Capraro. Esse artigo faz referências a duas escritoras brasileiras que escreveram sobre as mulheres e o futebol. As vozes das escritoras nomeadas nesse artigo são de Clarice Lispector e de Lya Luft, se destacam pelo fato de que dificilmente temos notícias de mulheres escrevendo sobre o futebol.

Clarice Lispector (1920-1977) nunca manteve uma intimidade com o futebol e o seu contato com o esporte foi promovido pelo cronista Armando Nogueira que lhe solicitou um texto sobre o assunto. Aceito o desafio, a escritora ucraniana escreveu “Armando Nogueira, futebol e eu, coitada.” (2014).

Percebemos ao ler o texto que a escritora levanta algumas questões que devem ser analisadas. O futebol é de fato um esporte viril? Através dessa premissa é possível entender que só os homens devem praticá-lo? Seria esse o motivo das meninas se comportarem como homens? A autora não entender sobre o tema seria uma espécie de normalidade na sociedade futebolística? Clarice Lispector, escritora radicada no Brasil desde 1922, apresenta ao escrever sua crônica um quadro em que ela demonstra o que realmente poderia ser uma espécie de representação da maioria das mulheres brasileiras. Ou seja, pouco contato com o esporte. No decorrer da crônica ela afirma que “*aquele jogo*” era muito violento e que jamais iria praticá-lo. Subtende-se que a autora concebe o futebol como esporte a ser praticado apenas pelo sexo masculino e essa argumentação poderia ser uma das explicações pela desinformação da maioria das mulheres sobre o futebol.

Clarice Lispector incorpora uma construção cultural naturalizada na cultura brasileira, que só recentemente começa a ser desconstruída pelas próprias mulheres com a bola nos pés no chão do campo. Os autores do artigo acima citados salientam que talvez de forma despreziosa a escritora tenha “aberto” uma possibilidade de análise de como era a condição feminina dentro e fora de campo no período da década de sessenta.

Outra autora em destaque é a gaúcha de Santa Cruz do Sul Lya Luft, contista, ensaísta, poetisa, cronista tradutora e romancista. Declara que não frequenta estádios e esporadicamente assiste pela TV a uma partida de futebol, mas periodicamente escreve algumas linhas sobre o assunto. Lya Luft ao mencionar o esporte em suas escrituras não analisa questões técnicas e táticas sobre o jogo, procura analisar questões sociais e o comportamento das pessoas que praticam e das que são apaixonadas pelo esporte.

A autora ao focar as questões humanas do futebol contribui sistematicamente para que façamos uma análise mais profunda sobre as condições nas quais as mulheres estão inseridas no mundo do futebol, deixemos claro que a autora necessariamente não questiona a presença ou ausência das mulheres no esporte, mas aponta caminhos para debates sobre a paixão nacional estritamente cultuada e praticada pelo gênero masculino.

A academia e o futebol feminino

A terceira parte dessa abordagem de produção histórica do futebol brasileiro tem por foco principal dissertar alguns trabalhos acadêmicos relacionados ao tema. Mesmo sendo um esporte com relativo clamor popular o futebol não foi um assunto muito prestigiado pela academia. Durante muito tempo as fontes mais usadas para um saber histórico do esporte estavam quase sempre dependentes as matérias jornalísticas e publicações em revistas. Nelson Rodrigues em uma crônica publicada da década de cinquenta escreveu “nossa literatura ignora o futebol” e complementa “Nossos escritores não sabem cobrar um reles lateral” (RODRIGUES, 1997: 70).

Identificamos que na atualidade os acadêmicos e intelectuais estão pesquisando o tema futebol com mais frequência. Segundo dados do censo 2010 Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), existem hoje 9 grupos e 41 linhas de pesquisa em futebol registrados no Brasil. As pesquisas sobre o futebol normalmente estão relacionadas as áreas de Humanas com destaque à antropologia, às questões históricas, sociais econômicas e políticas, mas também identificamos trabalhos científicos nos cursos de Educação Física e Fisioterapia.

Segundo o sociólogo e jornalista Ronaldo Helal, o tema futebol ganhou mais destaque na academia e começou a ser respeitado a partir da publicação do livro “Universo do Futebol” (1982), organizado pelo antropólogo Roberto da Matta. Predomina nestas obras acadêmicas uma narrativa de *esquecimento* coletivo dos autores sobre a condição das mulheres no mundo do futebol, há e um foco no conceito de nação sempre referenciado no universo masculino como protagonista dos projetos de nação em disputa.

O futebol é também apresentado como o esporte da “união nacional”, da “integração social”, como destaca Marcos Guterman (2009) em seu livro “O futebol explica o Brasil- Uma história da maior expressão popular do país”. Grande parte dessas obras utilizam o conceito de nação como protagonismo dos homens. Leonardo Affonso em sua obra “Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro-1902-1938 (2000), repetidamente menciona os conceitos de nacionalidade, patriotismo, sentimento nacional e identidade sem nenhuma referência de fato às condições das mulheres no que se refere à sua condição de exclusão do campo social, político e desportivo.

Além do enfoque nacionalista que algumas narrativas constroem em torno do futebol, há também a abertura para uma abordagem que enaltece a presença dos negros nos campos de futebol, reiteradas vezes e capítulos após capítulos marcam a participação e o heroísmo dos homens negros. Através desse discurso essa literatura toma para si o poder de conceituar uma realidade de aproximação entre homens negros e homens brancos daí o uso de alguns conceitos como “camaradagem”, “igualdade”, “democracia”, para

indicar a integração que o campo propicia aos homens, independe de sua raça/etnia, classe e religião.

Identificamos uma serie de plataformas digitais produzidas no meio acadêmico que registram e disponibilizam suas pesquisas ao público em geral. São as seguintes: Unicamp: Grupo de Estudos e Pesquisas de Futebol (2001);Unesp Bauru: Grupo de Estudos em Comunicação Esportiva e Futebol (Gecef) (2005);UFMG: Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcida (Gefut) (2006);UFPE: Núcleo de Estudos e Pesquisa em Sociologia do Futebol (2006);UFRJ: Laboratório de História do Esporte e do Lazer (2007);UFC: História e Memória do Futebol (2008);UFPR: Futebol e Sociedade (2008);UFMG: Núcleo de Estudos sobre Futebol Linguagem e Artes (Fulia) (2010).

Temos em vista que há nesses núcleos de pesquisa poucos estudos do futebol em que as mulheres sejam o foco da pesquisa.²⁹ Na contramão do discurso de que na atualidade as mulheres ganharam espaço no futebol, percebemos que dentro das academias ainda há uma relativa timidez em relação a abordagem feminina no esporte.

Encontramos plataformas diversificadas de análises futebolísticas e percebemos que prevalecem os estudos táticos; estudos relacionados aos *fenômenos* (os craques) e aos clubes (institucionais). Os estudos da história do futebol no Brasil baseiam-se muito pelo que foi dito e escrito na região Sudeste. Mais recentemente, outros centros esportivos e torcedores em geral estão viabilizando mais possibilidades de protagonismos do futebol de outras regiões, através de pesquisas acadêmicas e com a criação de sites e páginas nas redes sociais.

Ao viabilizar o conhecimento histórico do futebol através de outros centros esportivos, a história possibilita a abertura de novos debates importantes sobre gênero, sociabilidade, inclusão, técnica e memória. Lembremos aqui da advertência de Howell e Leeworthy (2009:71): “Inadvertidamente, o metropolitanismo, permanece no próprio âmago da história moderna”.

²⁹http://www.fef.unicamp.br/fef/sites/uploads/2017-09-19_anais_tcc_1o_semestre2017.pdf
<http://gecef.blogspot.com.br/>

Futebol feminino, uma história omitida

Ao percorrermos a trajetória histórica identificando os primeiros *toques* na bola dado pelas mulheres podemos desmistificar a ampliação do discurso que o futebol feminino é recente. As primeiras notícias da prática feminina no esporte bretão no Brasil datam de 1913, episódio narrado nas escrituras do historiador José Sebastião Witter: "no Brasil, o primeiro jogo de futebol feminino de que se tem notícia foi disputado em 1913, entre times dos bairros da Cantareira e do Tremembé, de São Paulo. (MAZZONI, 1996:21.)³⁰

A marcação da sociedade machista e paternalista diante das mulheres para que elas não exercessem qualquer tipo de esporte foi quebrada e reestruturada ao longo dos séculos. Criaram leis, Decreto-lei 3.199, que em abril de 1941 instituiu o Conselho Nacional de Desportos (CND). A lei afirmava em seu artigo 54 que "às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país". Lei destituída somente na década de 1980.

Criaram artifícios de difamação em que as mulheres praticantes do esporte eram rotuladas como mulheres "machos". Intensificaram um discurso em que as mulheres não entendiam de futebol e que a sua prática seria apenas diversão. Além de atrelar a beleza física às jogadoras, essa nova fase objetiva vincular elementos relacionados ao capital econômico e cultural, como demonstração de que para essas novas - e bem-queridas - jogadoras, o futebol não é profissão, e sim, diversão. (SALVINI; MARCHI JR., 2013)

³⁰Importante notar que a partida de 1913, apontada por Witter como pioneira, também não escapa à polêmica: recente matéria da *Folha de S. Paulo* apresenta várias versões para o episódio. Segundo a reportagem, alguns periódicos de época afirmavam que as jogadoras seriam homens travestidos de mulher, enquanto outros diziam que o confronto se deu entre um time de mulheres e outro de homens; além disso, há ainda, de acordo com a mesma matéria, divergências entre os historiadores tanto no que diz respeito à data de realização da partida (que teria ocorrido em 1921, e não em 1913) quanto em relação ao seu pioneirismo (pois teria havido outros jogos entre equipes femininas antes de 1913). Cf. ASSUMPÇÃO, J. C. "Homens podem ter disputado o 1º jogo feminino". *Folha de S. Paulo*, 25.05.2003, p.D5.

A primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino organizada pela FIFA foi realizada na China em 1991. Tamanho foi o amadorismo e a falta de investimento, a seleção feminina do Brasil de futebol foi montada às pressas onde segundo Valporto (2006) foi feito um “recrutamento” de jogadoras em que a base dessa seleção estava no Esporte Clube Radar (RJ).

A confederação máxima do futebol, a FIFA promove na atualidade cinco competições de nível internacional para que as mulheres possam participar e demonstrar seus talentos com a bola no pé. Vejamos as supracitadas competições: 1. Copa Mundial Feminina da FIFA, 2. Copa Mundial Feminina Sub-20 da FIFA, 3. Copa Mundial Feminina Sub-17 da FIFA, 4. Torneio Olímpico de Futebol feminino, 5. Torneio Olímpicos Juvenis de Futebol. Ao analisarmos esses certames percebemos que a seleção Brasileira esteve presente em todas as copas do mundo.

O futebol feminino, de fato, apesar de algumas experiências em fins do século XIX, até 1914 o futebol tinha sido exclusividade masculina. Com a guerra, moças de famílias operárias foram trabalhar nas fabricas de munição e, no bojo do processo geral de emancipação das mulheres, apropriaram-se também do futebol. (FRANCO JR, 2007:45).

Os primeiros campeonatos nacionais de futebol feminino no Brasil datam da década de 1980, mas somente na década de 1990 é que os certames ganharam maior visibilidade. Os estados da região sudeste detêm o maior número de títulos dessa competição e podemos explicar em partes essa hegemonia ao fato de que nessa região os times eram tecnicamente organizados, dispunham de patrocínios e principalmente, estão localizados no “centro” esportivo do país. Atualmente 32 equipes disputam o campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, divididas em duas series (A1 e A2). Recentemente (2016) a Confederação Brasileira de Futebol extinguiu a Copa do Brasil que era disputada há dez anos e que contou em sua última edição com 32 equipes. Somente em 2016 é que foi atribuído a uma mulher o comando da seleção feminina de futebol³¹.

³¹Emily Lima comandou o Brasil em 13 jogos, conquistando sete vitórias, um empate e cinco derrotas. Em 10 meses de trabalho à frente da equipe, teve um aproveitamento de 56,4%. Entrou em 2016 saiu 2017

A representação feminine

A ausência das mulheres no mundo futebolístico em uma análise pontual de algumas obras, não necessariamente acadêmicas, aponta indícios de como elas são representadas através de textos e fotografias, salientando dessa forma uma possibilidade de abertura ao debate das diversas formas em que as mulheres ainda são alvos de preconceito, enovelamento e exclusão.

O conceito de representação seguindo a linha de pensamento de Roger Chartier (1990) pontua um recuo da violência física e uma crescente austeridade da violência simbólica, mantendo dessa forma a autoridade masculina sobre a feminina com práticas (sub) conscientes e reforçadas com a anuência das culturas estabelecidas no passado. Complementando essa afirmação, acrescentamos à própria estrutura historiográfica que por meios de uma “tradição inventada”³² institucionaliza uma verdade histórica sem a participação de alguns grupos indispensáveis para a formação de uma sociedade.

Dividimos nosso campo de análise da representação feminina no futebol em duas partes. A primeira parte demonstramos a forma como as mulheres recebem a “permissão” dos homens para participarem do futebol *fora de campo*, enquanto que, na segunda parte investiremos na análise quantitativa de citações das obras analisadas e de que forma elas são apresentadas jogando futebol. Invariavelmente encontramos a presença feminina no mundo do futebol em revistas, jornais, livros, crônicas esportivas, artigos e teses acadêmicas e quando vistas de forma analítica, indicam uma situação de submissão das mulheres aos homens. Representadas sob o *formato de*

Fontes; <https://istoe.com.br/apos-demissao-da-tecnica-emily-lima-rebeliao-atinge-selecao-feminina-de-futebol/> Acesso dia 21/01/18

³²HOBBSAWM, Eric. (1984). “Introdução” In: HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 9-23.

senhorinhas de boa índole que sempre estão ao lado dos seus maridos, as mulheres vivem o futebol fora de campo apenas como figuras coadjuvantes e inexpressivas, disfarçadas com um certo prestígio.

Dona Maria Leite Segurado. Esse símbolo do Goiás, que nasceu na cidade de Goiás no dia 1 de agosto de 1892, foi convidado pelo então presidente esmeraldino, coronel Medeiros, para se engajar no processo de reconstrução do clube. A sua contribuição inicial foi com a lavagem dos uniformes, para o uso dos jogadores, lembrando que seus serviços de lavadeira foram de forma gratuita. (LEAL, 2014:41).

A participação feminina nesse processo de fundação do clube invariavelmente está vinculada às práticas de serviço doméstico, de meras acompanhantes de seus maridos ou simplesmente mestres de cerimônias e entrega de premiações. Percebemos também a restrita participação feminina no mundo futebolístico na revista Sport Ilustrado em que na maioria das vezes elas aparecem como meras agentes de divulgação publicitária de produtos utilizados diariamente pela população. Nas edições dessa revista conseguimos observar as edições dos anos de 1920 a 1956 contemplando as edições 00001 a 00976 (Esporte Ilustrado) que periodicamente publicava as mesmas peças publicitárias.

A permissão dada as mulheres no futebol fora de campo reforça a ideia de como a representação social feminina era fundamentada em princípios arraigados em uma estrutura cultural baseada na permanência de práticas conservadoras.

As representações são variáveis segundo as disposições dos grupos ou classes sociais; aspiram à universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. O poder e a dominação estão sempre presentes. As representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas. (CHARTIER, 1990: 17).

Nesse contexto de impedimento da participação feminina no futebol os homens se cercam de estratégias onde há um fio condutor que determina *quem e quando* pode ultrapassá-lo, as mulheres se vêem com prestígio

aflorado por poderem pelo menos fazer parte do mundo futebolístico, mesmo sabendo que não poderão sair da *pequena área*³³ estabelecida pelos homens.

O discurso de que as mulheres não sabem jogar, que o futebol descaracteriza sua feminilidade e a própria academia que não desconstrói essas naturalizações opressivas, foram fatores possíveis da continuidade desse impedimento fora das regras. Um fator interessante de análise da presença feminina no futebol é a constatação da presença de mulheres nas torcidas. Devemos ressaltar que essa liberdade feminina para assistir aos jogos dentro dos estádios se restringem às mulheres da alta sociedade, que acompanhadas dos maridos poderiam marcar presença nos estádios.

A pesquisadora Leila Salvini e o pesquisador Wanderley Marchi Júnior (2013) destacam um outro aspecto da participação feminina agora dentro de campo, com base nas publicações da revista Placar na década de 1990 concluíram que a exposição das mulheres de forma sensual ajudou a desvincular a ideia de que as mulheres praticantes desse esporte seriam “homossexuais”. O professor Reudesman Ferreira relata em sua extensa obra a História do futebol de cajazeiras-Paraíba:

Mas, tudo tem seu preço, e Dudu, que nos afirmou ser o presidente, e treinador, da seleção, revelou que os treinamentos das meninas eram realizados no estádio Higinio Pires Ferreira a partir das quatorze horas, debaixo do sol e calor efervescente deste nosso sertão, já que, a partir das quinze horas, havia sempre os treinos do futebol masculino com programação estabelecida, mas, elas não reclamavam de nada, as jogadas eram treinadas exaustivamente em cima de muita cobrança, os materiais eram pouquíssimos, uma ou no máximo duas bolas para trabalhar a fundamentação técnica no aprimoramento da condução, domínio e passes de bola e haja paciência. (FERREIRA, 2015:509)

Da mesma forma que quase não havia tempo para as mulheres praticarem o futebol tendo que jogar em um horário delicado para preservação da saúde humana, a citação acima também reflete esse

³³ Em referência as partes do campo de futebol oficial. Pequena e grande área, meia lua e círculo central.

desprestígio feminino. O número de páginas que descrevem a prática futebolística feminina não é de um por cento da obra³⁴.

Analizamos a presença feminina na obra de Hilário Franco Júnior (2007) e percebemos que há uma iniciativa do autor em relatar alguns fatos do futebol em que a mulher esteja inserida. A obra retrata fatos das primeiras jogadoras no século XX (pag. 45 e 203) uma pesquisa sobre torcidas (pag.205) e apenas uma fotografia (pag.237). Outra obra analisada por esse viés quantitativo da presença feminina nas obras sobre futebol foi a de Leonardo Affonso de Miranda Pereira, *Footballmania* (2000): “Uma história social do futebol no Rio de Janeiro 1902-1938.” Nessa obra o autor relata a história da formação do futebol carioca, a formação dos principais clubes do Rio de Janeiro, a inserção do negro nos principais clubes do Brasil e praticamente não cita uma mulher se quer no mundo futebol, as poucas referências são relacionadas às torcedoras, mães que queriam ver seus filhos jogando futebol e casos amorosos e tragédias vividas pelos jogadores com as mulheres.

Com a bola rolando em campo e já no sétimo campeonato sul americano, sete vezes campeãs, a seleção feminina brasileira de futebol vem ganhando admiração, reconhecimento, espaço e respeito público. Muito embora a imprensa nacional se quer tenha dado visibilidade para as conquistas da seleção feminina em suas páginas esportivas, na mesma dimensão que dispensa aos feitos da seleção masculina de futebol, seja campeonato sul americano, seja copa do mundo.

De uma maneira geral o esporte no Brasil não é valorizado, com exceção do futebol masculino. Em algumas categorias a prática esportiva no país é precária, exemplificando, podemos citar nossos pífios resultados em competições em nível internacional e o abandono das arenas e dos projetos elencados antes das olimpíadas no Rio de Janeiro em 2016.

A intenção desse artigo é a de trazer à discussão o tema das mulheres no futebol e provocar uma abertura ao debate sobre as questões como o preconceito, o desprezo, a permanência de ideias arraigadas de valores

³⁴ A obra tem 684 páginas divididas em quinze capítulos, onde somente no capítulo doze com um título “O FUTEBOL FEMININO CAJAZEIRAS” (pag. 505) as mulheres são representadas em apenas seis páginas.

opressivos e naturalizados pela dominação masculina que reforçam as práticas sociais estereotipadas de desigualdade de gênero em diferentes níveis sociais, seja em práticas esportivas e em outras dimensões da vida social, política e cultural.

Acreditamos que a anatomia ditada pela biologia não pode continuar sustentando argumentos estereotipados que favoreçam a dominação do sexo masculino em relação ao sexo feminino seja no mundo do futebol, seja em todos os mundos reais clivados de uma vasta diversidade de gênero, etnia/raça, religião, cultura e gerações.

Referências

ANTUNES, F. (2004). **Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues**. São Paulo: Editora UNESP.

CHARTIER, Roger. (1990). **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertrand.

FERREIRA, Reudesman Lopes. (2015). **História do futebol de cajazeiras**. Gráfica e editora Real

FRANCO Jr., Hilário.(2007).**A Dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Cia das Letras.

FRANZINI, Fábio. (2005). **Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol**. Tese de Doutorado em História Social. São Paulo, USP.

GOELLNER, S. V. (1998). **As atividades corporais e esportivas e a visibilidade das mulheres na sociedade brasileira do início deste século**. Porto Alegre: Movimento.

HOWELL, C.; LEEWORTHY, D. Borderlands.(2009) In POPE, S. W; NAURIGHT, J. (eds.). **Routledge companion to sports history**. New York: Routledge.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. (2003). **O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego / Bernardo Borges Buarque de Hollanda**. Dissertação de Mestrado em História. Rio de Janeiro, PUC.

KNIJNIK, J. D& VASCONCELOS, E.G. **Mulheres Na Área No País Do Futebol: Perigo De Gol**. In: Mulher e Esporte mitose verdades. SIMÕES, A. C. (org). Barueri/ SP: Manole.

LEAL, Francisco.(2014). **Goiás: sob o manto verde do cerrado**. Goiânia: Kelps.

Barreto, Lima. (1920). "Divertimento" . In: **Revista Careta**, 4 de dezembro de 1920.

MAZZONI, Th. (1996). **História do Futebol no Brasil**. São Paulo: Leia, 1950, p.289. WITTER, J. S. Breve História do Futebol Brasileiro. São Paulo: FTD.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (2000). 1968 **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro-1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

PROVENZANO, Bruna. (2009). **A participação das mulheres no rádio jornalismo esportivo no Rio Grande do Sul**. Novo Hamburgo: Centro Universitário Feevale.

QUEIROZ, Raquel de.(2013). **O amistoso**. In: GULLAR, F. et. al. O melhor da crônica brasileira. Rio de Janeiro: José Olympio.

RODRIGUES, N. Mário Filho. (1987). **o criador de multidões**. In: MARON FILHO, O.; FERREIRA, R. (Orgs.). Fla-Flu... e as multidões despertaram. Rio de Janeiro: Europa.

RODRIGUES, Nelson (1997). **Flor de obsessão: as 1.000 melhores frases de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras.

RODRIGUES, Nelson. (2013). **A pátria de chuteiras / Nelson Rodrigues**. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

SALVINI, Leila; MARCHI JR, Wanderley. (2013). "NOTORIEDADE MUNDIAL E VISIBILIDADE LOCAL: OFUTEBOL FEMININO NA REVISTA PLACAR NA DÉCADA DE 1990." In: **Revista Discente do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPR**. v. 1, n. 1, fev. 2013.

VALPORTO, Oscar.(2006). **Atleta, substantivo feminino: as mulheres brasileiras nos jogos olímpicos**, Rio de Janeiro: Casa da Palavra

EL ROL DE LA MUJER EN EL DEPORTE NACIONAL. EL CASO DE LA REGIÓN DEL BIOBÍO

Miguel Cornejo Amestica
Universidade Concepción (Chile)

Daniel Tello Silva
Universidade Concepción (Chile)

Karen Matus Castillo
Universidad Alberto Hurtado (Chile)

Camilo Vargas Contreras
Ministerio del Deporte de Chile (Chile)

Carlos Matus Castillo
Universidad Católica de la Santísima Concepción (Chile)

Resumen

La presente investigación tiene por objetivo estudiar el rol que tiene la mujer en el deporte de la región del Biobío. Para este estudio diversas teorías como la Teoría del Techo de Cristal (Burin, 2008, Car-Ruffino, 1991) y teorías feministas (Madoon y Niebrugge, 1993, Hargreaves, 1993, Puig y Soler, 2004), nos permiten identificar, determinar las causas y efectos que afectan la participación de las mujeres en el deporte. En este contexto hemos determinado algunas variables como: roles, visiones, aspectos facilitadores y obstaculizadores que permiten acceder o no acceder a prácticas deportivas formales, a la participación en la toma de decisiones en deporte. La muestra corresponde a mujeres dirigentas, a deportistas de prácticas sistemáticas, a deportistas de alto rendimiento y de otros informantes claves que están relacionados con deportistas mujeres como lo son entrenadores y profesores varones. Nuestro estudio es de carácter cualitativo y los instrumentos utilizados fueron entrevistas semi estructuradas, focos grupales. Los resultados obtenidos de esta investigación ponen en evidencia las dificultades familiares que presentan las mujeres en el acceso a prácticas deportivas en

igualdad que los varones, en este caso se mantiene el deporte con un sentido machista, donde el varón tiene mayores facilidades que las mujeres. De la misma forma se observa en la toma de decisiones son pocas las mujeres que acceden a dirigir organizaciones deportivas (clubes y otras instituciones deportivas), normalmente ellas tienen un rol de poder inferior en la organización. Al confrontar el marco conceptual y el deporte, esto reafirma los obstáculos y dificultades que deben enfrentar las mujeres en el acceso a una práctica deportiva democrática e inclusiva. En este aspecto se puede observar que las instituciones deportivas públicas y privadas (Organizaciones públicas, federaciones, clubes) hacen los esfuerzos de inclusión de la mujer a través programas y políticas. Sin embargo podemos mencionar que el cambio cultural y una educación no sexista puede ser la vía que permita a la mujer al igual que el hombre acceder a la participación plena en el deporte.

Palabras claves: Mujeres deportistas, dirigentes deportivos, instituciones deportivas públicas y privadas, teoría del techo de cristal.

MULHERES NOS ESPORTES DE COMBATE: UMA LUTA CONTRA A DISCRIMINAÇÃO DE GÊNERO

Fabiana Andreani

Instituto Federal de São Paulo (Brasil)

Juliana Eloi Pires

Instituto Federal de São Paulo (Brasil)

Resumo

As lutas ou esportes de combate são atividades em que a participação masculina se sobrepõe a feminina, seja pela cultura da própria luta ou pelo senso comum de que a fragilidade da mulher não coincide com práticas muitas vezes consideradas violentas. Apesar do reconhecimento da supremacia masculina, uma pesquisa mais aprofundada pode nos mostrar que a discriminação por gênero ultrapassa a visão simplista de exclusão/proibição de participação das mulheres nas lutas unicamente por conta da associação a violência revelando inúmeras situações de estigmas e preconceito. Diante de tais fatos uma proposta de trabalho foi desenvolvida com alunos do ensino médio e teve como intuito promover a reflexão sobre questões de gênero no universo das lutas e dos esportes de combate. A metodologia utilizada foi a pesquisa em sites, periódicos eletrônicos e análise de reportagens, envolvendo 70 alunos do 2º ano do ensino médio de uma escola pública do interior de São Paulo. Dentre os resultados obtidos podemos afirmar que a pesquisa aprofundada fez com que os alunos, por meio de pesquisas e debates, pudessem refletir sobre as inúmeras situações de discriminação enfrentadas pelas mulheres. As situações discriminatórias que os alunos identificaram foram: salários e premiações mais baixas; diferenças em relação à entrada no ringue, os homens, por serem considerados seres superiores entram pelas cordas de cima e as mulheres pelas cordas mais baixas; proibição de lutar e entrar no ringue por ser considerada um ser impuro; inferioridade numérica de mulheres mestres (maior graduação) em relação aos homens; dificuldade

de ascensão feminina por meio das lutas; menor espaço destinado as aparições midiáticas; associação da presença das mulheres nas lutas restrita apenas as questões estéticas (emagrecimento) e não competitivas; número limitado de categorias destinadas as mulheres; enfrentamento de atitudes desrespeitosas, preconceituosas (termos pejorativos); desvalorização das modalidades praticadas por mulheres, falta de incentivo, de garantia e de equidade entre os sexos. Após essa identificação houve discussões e debates em busca de alternativas que pudessem superar os diversos preconceitos e estigmas referentes a participação das mulheres nas diversas modalidades de lutas e foram elencados, como por exemplo: exposição na mídia valorizando as habilidades técnicas e táticas das competidoras e não apenas a estética; igualdade de possibilidade de participação em competições nacionais e internacionais, bem como salários e premiações; obrigatoriedade de um mesmo patrocinador apoiar lutadores de ambos os sexos de forma igualitária; políticas públicas que incentivem e valorizem a participação das mulheres nas diversas lutas. Em nossas pesquisas também constatamos que os esportes de combate adentram a tendência sexista de outras modalidades como o futebol, o golfe, o futebol americano, o automobilismo e o rúgbi, por exemplo. Todavia, os esportes dominados por homens aos poucos veem a representatividade e ascensão feminina aumentar e conhecimentos que nos levem a refletir sobre as inúmeras lutas de resistência das mulheres por reconhecimento e valorização são importantes para superar o atraso histórico determinado pela proibição da atuação feminina em diversos setores sociais, esportivos e econômicos.

Palavras-chave: Esportes de combate; Gênero; Discriminação; Preconceito.

FUTSAL FEMININO: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO POR MEIO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO NO IFSP - CÂMPUS SERTÃOZINHO

Juliana Eloí Pires

Instituto Federal de São Paulo

Fabiana Andreani

Instituto Federal de São Paulo

Jéssica dos Anjos Januário

Universidade Estadual de Campinas

Resumo

Historicamente, a trajetória das mulheres nas práticas esportivas é marcada por desigualdades. O discurso de que a prática do futebol colocaria em risco a integridade física das mulheres e, comprometeria a gestação de uma prole saudável foi preponderante para que elas fossem impedidas legalmente de se inserirem na prática do futebol e, quando de fato puderam, o preconceito e a invisibilidade se tornaram barreiras a serem superadas. Diante deste cenário, o qual também se reproduz nos espaços escolares, o projeto de extensão surge como possibilidade de vivência do futsal para meninas com idade a partir de 10 anos. Para este estudo, foram consideradas as aulas realizadas entre maio e julho. As aulas de futsal aconteceram uma vez por semana com duração de duas horas e além das vivências, debates foram problematizados com o intuito de desvelar as desigualdades ainda reproduzidas na sociedade. Este trabalho, portanto, tem por objetivo refletir sobre a importância de oportunizar a prática do futsal para meninas por meio de um projeto de extensão de uma escola da rede federal do interior de São Paulo. A metodologia utilizada foi a avaliação diagnóstica e observação das vivências nas aulas de futsal. A avaliação diagnóstica foi realizada nas semanas iniciais do projeto por meio de uma conversa, o intuito foi conhecer e identificar como se dava a relação das participantes com o futsal. Os questionamentos que nortearam o diálogo

buscaram evidenciar se as meninas já haviam vivenciado o esporte; a que nível se deram essas experiências; se já sofreram preconceito por manifestarem interesse pela prática do esporte; se já foram incentivadas; e quais as expectativas em relação a participação no projeto. O resultado dessa intervenção desvendou que as vivências do esporte aconteceram, em grande parte, nos momentos de lazer, fora da escola. Além disso, a maioria das meninas nunca havia sido incluída em práticas regulares e sistematizadas, apenas duas meninas disseram ter treinado futsal. Todas as meninas relataram algum tipo de preconceito que sofreram ou presenciaram relacionado à prática do futsal/futebol feminino. Apenas um comentário contemplou o incentivo da prática por parte de amigas/os. Entre as expectativas, foram citadas a vontade de aprender mais sobre futsal; participar de campeonatos; encorajar outras meninas a participarem; e ainda, quebrar preconceitos através da representatividade feminina nas quadras. A partir da observação das aulas, foi possível perceber uma crescente motivação das participantes a medida em que elas se sentiam seguras para realizarem as ações do jogo. Frente a realidade constatada, é possível inferir que o projeto vem ao encontro das necessidades de meninas que buscam se inserir na prática do futsal e que, muitas vezes, tiveram essa oportunidade negada/omitida. Dessa forma, oferecer a prática do futsal feminino é, acima de tudo, um ato político comprometido com o empoderamento feminino, de modo a encorajar meninas a ocuparem não só as quadras e campos, mas todos os espaços sociais que desejarem.

Palavras-chave: Futsal Feminino; Gênero; Preconceito; Empoderamento.

ESPORTE E GÊNERO: PRÁTICA E REFLEXÃO PARA A AUTONOMIA E DESCONSTRUÇÃO DE RÓTULOS CULTURAIS CRIADOS NO UNIVERSO ESPORTIVO

Wellington Silva Briza

Serviço Social do Comércio - Sesc (Brasil)

Erika Ebling

Serviço Social do Comércio - Sesc (Brasil)

Gabriela Rodrigues Alves

Serviço Social do Comércio - Sesc (Brasil)

Joelmir Oliveira Barbosa

Serviço Social do Comércio - Sesc (Brasil)

Resumo

Introdução: A grande questão que envolve o direito a prática esportiva, está relacionada a questões políticas, econômicas, sociais e culturais. Culturalmente o gênero definiu a participação de homens e mulheres em determinadas atividades, no esporte não foi diferente. Historicamente, a prática esportiva foi direcionada aos homens, exigindo um grande esforço das mulheres para conquistar seus direitos no universo esportivo. Objetivo: Entendendo a necessidade de uma intervenção para mudança desta cultura esportiva segregada pelos gêneros, o nosso objetivo é promover a reflexão sobre a relação gênero e esporte, e dar a oportunidade do indivíduo conhecer o esporte como um direito de todos e se reconhecer dentro da prática esportiva. Metodologia: A pesquisa-ação está sendo desenvolvida no decorrer do ano de 2018, com um público formado por 145 crianças (66 meninas e 79 meninos) com a faixa etária de 6 a 10 anos, que participam do Programa Sesc de Esporte do Sesc São Paulo, na unidade de Bertioga. São ministradas 2 aulas semanais com 3 horas/aula, nas quais são realizadas práticas esportivas e reflexões, apresentações de vídeos, atletas contratados para realizar atividades especiais (6 contratações) e competições pedagógicas envolvendo a família (5 encontros). Resultados: Os alunos já conheceram 15 modalidades

esportivas envolvendo modalidades coletivas e individuais, apresentadas pelos professores do Sesc e professores contratados. Realizamos dois encontros das atividades de competições pedagógicas, com as modalidades de atletismo, ginástica acrobática e tag rugby contando com a participação de mais de 100 pessoas por encontro, envolvendo alunos e familiares. Nestes encontros os familiares praticaram uma nova modalidade esportiva, compartilharam momentos de aprendizagem e diversão, e conheceram um pouco mais da realidade das aulas das crianças. Durante os encontros muitos dos familiares relataram que conheciam a modalidade, mas nunca tinham praticado, ou não conheciam a modalidade. Conclusão: As ações desenvolvidas durante as aulas e o ensino de uma modalidade esportiva por aula, contribui para que a criança construa sua autonomia e compreenda a possibilidade da prática de qualquer esporte independente do gênero. Os encontros com os familiares foram importantes para eles conhecerem a realidade das crianças e quebrarem alguns tabus sobre a prática esportiva. Esta variedade de conhecimento permite que as crianças vivenciem êxitos e frustrações, por meio de momentos em que ela possa se identificar com um esporte que lhe proporcione prazer. Assim, a escolha da prática esportiva será feita por suas experiências e não por rótulos culturalmente construídos.

Palavras-chave: Esporte; Gênero; Autonomia.

PRECONCEITO DE GÊNERO: PERCEPÇÕES NO FUTSAL FEMININO UNIVERSITÁRIO

Lucas Isamu Tamashiro

Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

Larissa Rafaela Galatti

Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

Luís Felipe Nogueira Hudson Martins Prado

Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

Flavia Volta Cortes de Oliveira

Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

Renato Francisco Rodrigues Marques

Universidade de São Paulo (Brasil)

Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

Resumo

Introdução: O futsal feminino é uma modalidade que, no Brasil, teve a sua prática recentemente oficializada, já no final do século XX. Por não ser uma prática valorizada, possui poucos estudos apresentados na literatura, assim como acontece acerca do esporte universitário no país. Objetivo: Este trabalho tem como objetivo investigar e descrever como o preconceito de gênero é percebido por atletas praticantes de futsal feminino no contexto universitário. Metodologia: Como método, foi utilizado uma entrevista semiestruturada com dez atletas universitárias, de atléticas dos cursos da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). As entrevistas foram realizadas pessoalmente, sendo gravadas em áudio, e transcritas para análise. Como escolha de método qualitativo de pesquisa, foi adotada a Teoria Fundamentada (STRAUSS; CORBIN, 2008; CHARMAZ, 2009). Resultados: Através das análises das entrevistas, constatou-se que as atletas percebem a existência do preconceito e inclusive, relataram que já sofreram ou presenciaram, em diversos ambientes. Diferenciação entre homens e mulheres foi outro tema que surgiu da análise das entrevistas. Segundo as atletas, prática de futsal e futebol pelas

mulheres ainda causa estranhamento. Acreditam que o esporte feminino é desvalorizado em relação ao masculino e que culturalmente não é esperado da mulher ser jogadora de futsal ou futebol. A percepção do preconceito na faculdade foi outro tema que surgiu dentro deste eixo. As atletas relataram que não percebem a existência de preconceito no ambiente da faculdade. O último eixo destacado, mas não menos importante, foi a percepção das atletas sobre as colegas de time. Todas as jogadoras relataram que enxergam suas companheiras como atletas e que o modo como se comportam dentro de quadra não interfere o seu comportamento extra-quadra. Conclusões: O presente estudo trouxe uma reflexão acerca da percepção do preconceito de gênero no âmbito universitário. A priori, as atletas reconhecem a existência do preconceito no futsal feminino, principalmente pelo fato de serem mulheres e praticar um esporte considerado masculinizado, no qual é nítida a diferenciação existente entre homens e mulheres tanto por parte da sociedade que julga a mulher que joga futebol ou futsal, como pela mídia que tende a explorar a “beleza” das atletas sempre que possível. Esses fatores e a consequente desvalorização feminina nessa modalidade, possivelmente são consequência de uma cultura esportiva no Brasil não espera que uma mulher seja jogadora de futebol. Uma das entrevistadas relatou que no Brasil não é esperado que a mulher pratique futsal pelo fato deste país ser oriundo de uma cultura patriarcal que carrega consigo valores machistas que acabam sendo passadas de geração para geração. Porém no caminho das entrevistas, a maioria das atletas relatou a não percepção da existência do preconceito no ambiente universitário, provavelmente pelo fato de que na universidade as atletas se sintam valorizadas e assim se crie um ambiente favorável para a prática da modalidade. Isso mostra que esse ambiente pode ser propício para a divulgação e prática do futsal feminino.

Palavras-chave: Futsal feminino; Preconceito; Gênero.

CORRIDA DE MONTANHA E A PRESENÇA FEMININA

Denise Rosa Marcelino
Serviço Social do Comércio - Sesc (Brasil)

Resumo

Historicamente, “constituído como um campo privilegiado de competição, demonstração de força e de resistência, o esporte desde seus primórdios foi considerado uma atividade essencialmente masculina” (RUBIO, 2017). Nas diversas modalidades, olímpicas ou não, a presença feminina esteve sempre em segundo plano e, em determinado período no Brasil, negada por lei (BRASIL, 1941).

Já ao nascer, meninas e meninos recebem diferentes estímulos relacionados às construções sociais sobre gênero: para eles são destinadas a bola e a camisa do time de futebol e, para ela, bonecas e miniaturas de utensílios domésticos. Essa diferença de estímulos se faz perceber, posteriormente, nas aulas de Educação Física Escolar, onde o esporte não é preferido pelas meninas enquanto os meninos são presença maciça nos espaços de competição. Muito embora, outros marcadores de segregação também se acumulem sejam eles o nível de habilidade, idade entre outros, como apontam Sousa e Altmann (1999).

Se, desde a infância as mulheres têm pouco espaço no esporte, quando chegam à vida adulta, essa falta de interesse se mantém? Que histórico trazem consigo as mulheres que se dedicam a prática esportiva?

Para além dos esportes olímpicos institucionalizados, onde a história nos mostra que a conquista de espaços para as atletas foi um embate constante e com viés político, afrontando o pensamento masculino e eurocêntrico da competição (RUBIO, 1999; OLIVEIRA, CHEREN e TUBINO, 2008), na atualidade, em esportes não olímpicos, também se percebe a marca da presença feminina demonstrando que elas reúnem em si aqueles adjetivos

que, antes, representavam apenas o masculino: força, resistência, determinação e superação de limites.

Uma dessas modalidades é a corrida estilo *trail*. Embora não haja definições específicas, podemos conceituá-la previamente como uma vertente do atletismo, realizada em ambiente como trilhas e estradas sem pavimento. Além do ambiente de realização, as corridas *trail* se diferenciam da corrida de rua devido a altimetria e aos diversos obstáculos naturais a serem enfrentados, como pedras, raízes, desníveis, calor, frio entre outros, que levam o atleta a estado de cansaço extremo, dependendo da distância que ele escolhe correr. Da mesma forma que os demais esportes, nas corridas *trail* existe exigência de alto condicionamento físico bem como maior preparo psicológico para suportar o longo tempo exposto a esforços. É um esporte de risco.

Observado o crescimento de provas desse tipo e analisando os arquivos de resultados da Ultramaratona dos Anjos Internacional - UAI 235k - que é prova tradicional entre corredores *trail*, organizada pela Ultrarunners Eventos, pode-se perceber aumento significativo da participação feminina no período de 2015 a 2018. Esse aumento auxilia no processo de desconstrução da máxima social de que a mulher é o sexo frágil.

Essa escolha esportiva deixa questões importantes a serem investigadas no que se refere às motivações para a prática, às possíveis barreiras encontradas, às estratégias de inserção (SCHWARTZ et al., 2013) e a construção - ou não - de uma nova corporeidade aliada a prática esportiva.

Esse resumo se pretende ser ponto inicial de investigação da presença feminina nas corridas *trail* e discutir o empoderamento feminino no esporte contemporâneo.

Referências

Brasil. Decreto de Lei nº 3.199. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 14 abr. 1941: Seção 1, p. 7453. Disponível em <http://legis.senado.leg.br/legislacao/ListaTextoSigen.action?norma=528286&id=14271060&idBinario=15709647&mime=application/rtf>. Acesso em 13/07/2018.

OLIVEIRA, G.; CHEREM, E. H. L.; TUBINO, M. J. G. (2008). A inserção histórica da mulher no esporte. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, 16(2), 117-125. Disponível em <file:///D:/Usuario/Documents/A%20inserir%20historica%20da%20mulher%20no%20esporte.pdf>
Acesso em 14/07/2018.

RUBIO, K. **As mulheres e o direito ao esporte.** Disponível em <https://jornal.usp.br/artigos/as-mulheres-e-o-direito-ao-esporte/> Acesso em 14/07/2018.

RUBIO, K.; S IMÕES, A. C. (1999). De espectadoras a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **Movimento**, n.11, p. 50 - 56. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2484>
Acesso em 13/07/2018.

SCHWARTZ, G. M.; PEREIRA, L. M.; FIGUEIREDO, J. DE P.; CHRISTOFOLETTI, D. F. A.; DIAS, V. K. (2016). Estratégias de participação da mulher nos esportes de aventura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 38(2), p.156 - 162. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbce/v38n2/0101-3289-rbce-38-02-0156.pdf>. Acesso em 14/07/2018.

SOUSA, E. S.; ALTMANN, H. (1999). Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, ano XIX, n.º 48, p. 52 - 68. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a04>. Acesso em 14/07/2018

FUTEBOL AMADOR COMO “PRÁTICA DE RESERVA MASCULINA” NA CIDADE DE SANTANA DO CARIRI, CEARÁ

Hytaline Rodrigues da Silva
Universidade Regional do Cariri (Brasil)

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise das manifestações e representações subjacentes da prática de futebol amador da cidade de Santana do Cariri/CE, perfazendo um paralelo com os padrões apresentados pela literatura atual, portanto, como principal aporte teórico para fundamentar a discussão, utiliza-se a produção dos autores: Oliveira (2016); Salvini; Marchi Júnior (2015) e Gonçalves (2002). Como impulso norteador para a presente investigação, apresenta-se o seguinte questionamento: o que ocasionou a supressão da participação feminina na prática de futebol amador da cidade de Santana do Cariri/CE? O objetivo do presente trabalho é investigar e possibilitar a compreensão do fenômeno de evasão feminina do cenário futebolístico da cidade de Santana do Cariri/CE. Na expectativa de tecer considerações que satisfaçam a extensão deste empreendimento, foi observado em campo empírico os seguintes aspectos: a) possibilidade de participação feminina na prática do futebol amador da cidade de Santana do Cariri/CE e; b) percepção de jogadores do sexo masculino sobre a prática do futebol amador como de reserva masculina, sob a hipótese de que este último aspecto tenha, de algum modo, influenciado o fenômeno investigado. Portanto, essa investigação caracteriza-se como sendo um estudo qualitativo com abordagem antropológica. Os dados elementares foram obtidos através de observações sistemáticas de partidas de futebol, e de entrevistas semiestruturadas com trinta e cinco mulheres e vinte e oito adolescentes do sexo feminino residentes em Santana do Cariri/CE. Os dados obtidos foram registrados em diário de campo e a análise desses registros “foi comparativa, visto que tanto procurou comparar os grupos investigados entre si, quanto confrontar as conclusões

obtidas com outras análises e interpretações” (STIGGER, 2005: 81). Os resultados obtidos permitiram a confirmação da hipótese levantada, e podem ser facilmente resumidos à frase: “Futebol é coisa de menino! “. Apesar da aparente recusa a essa concepção socialmente instituída, as participantes do estudo revelaram que o interesse dos grupos femininos sobre a modalidade de futebol parece ter se desvaído, ou melhor, se distraído com o passar dos anos. Os grupos elencaram o fato de que há demanda de funções estabelecidas para essa parcela da população e nela não inclui a possibilidade de participação na prática de futebol, por isso, as adolescentes decidem investir o tempo em questões que demandam menos repulsa às opiniões da sociedade. E por mais controverso que apresente, durante o tempo em que, escondidas no topo de árvores, acompanham os “rachas” aos fins de tarde, acabam por renunciar o interesse em também jogar e aprendem a gostar muito mais de observar. Dessa forma, constatou-se que foi por meio desse contentamento dos grupos femininos que se desenvolveu o hábito de reunir as amigas nos arredores de campos de futebol da cidade. Ou seja, as possibilidades de participação de adolescentes e mulheres na prática de futebol amador da cidade de Santana do Cariri/CE são delimitadas pelas demarcações do campo, pois enquanto os rapazes jogam, as moças observam.

Palavras-chave: Esporte; Gênero; Machismo.

Referências

DAMO, A. S. Monopólio estético e diversidade configural no futebol brasileiro. **Movimento**. Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 129-156, 2003.

GONÇALVES, A. M. A. (2002) **Futebol amador: campo emergente de sociabilidade**. 97 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

OLIVEIRA, F. V. C. (2016) **Participação feminina no futsal escolar de Ribeirão Preto: a perspectivas de jogadoras do ensino médio sobre questões de gênero**. 81 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - USP, Ribeirão Preto.

SALVINI, L; FERREIRA, A. L. P.; MARCHI JR., W. (2014) O futebol feminino no campo acadêmico brasileiro: mapeamento de teses e dissertações (1990-2010). **Pensar a Prática**, Goiânia, v.17, n.4.

SALVINI, L; MARCHI JR., W. (2015) O aprendizado pelo corpo: conceitos de Pierre Boudieu para uma leitura do futebol feminino. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, Sergipe, v. 8, p. 179-181.

SALVINI, L; MARCHI JR., W. (2012) “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Rev. Bras. Educ. Fís. e Esporte**, São Paulo, v. 26, p. 401-410.

SILVA, J. L. F. (2009) **Os significados do futebol amador recifense a partir de sua interdependência com o futebol profissional**. 138 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

STIGGER, M P. **Educação física, esporte e diversidade** / Marco Paulo Stigger. - Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

EIXO TEMÁTICO 7: ESPORTE E INCLUSÃO SOCIAL

O TRABALHO DAS ASSISTENTES SOCIAIS JUNTO ÀS FAMÍLIAS DOS ALUNOS DA ASSOCIAÇÃO LUTA PELA PAZ

Viviane Melquiades de Souza
Associação Luta Pela Paz (Brasil)

Marlucy Francisca Siqueira
Associação Luta Pela Paz (Brasil)

Resumo

Este artigo visa apresentar as experiências vividas pelas Assistentes Sociais no trabalho realizado com as famílias dos alunos que desenvolvem atividades na Associação luta Pela Paz. Assim como descrever seus relatos sobre a influência do esporte na vida de seus filhos. O objetivo deste artigo é apresentar outro olhar sobre a relação esporte e saúde partindo do princípio que a saúde e o esporte caminham juntos com o desenvolvimento social do indivíduo. Partindo desse princípio faremos uma análise dos temas abordados

nos encontramos com as famílias, pontuando as expressões da Questão Social e as Políticas Sociais existentes para responder a estas demandas. Ressaltando o contexto neoliberal e o modo de produção capitalista. Contextualizando com o cenário e realidade destes usuários. Temos consciência de que a Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) na qual é desenvolvida esta atividade é resultado de uma demanda "invisível" e a margem da sociedade e da atuação do Estado.

Palavras-chave: Movimentos sociais, neoliberalismo, capitalismo.

El trabajo de los trabajadores sociales junto a las dos familias solas de la lucha de la Asociación Para la Paz

Resumen

Este artículo pretende presentar las experiencias experimentadas por los asistentes sociales en el trabajo realizado con las familias de los alumnos que desarrollan actividades en la Asociación lucha por la paz. Además de describir sus informes sobre la influencia del deporte en la vida de sus hijos. El propósito de este artículo es presentar otra mirada a la relación entre deporte y salud basada en el principio de que la salud y el deporte van junto con el desarrollo social del individuo. Partiendo de este principio haremos un análisis de los temas discutidos en las reuniones con las familias, puntuando las expresiones del tema social y las políticas sociales existentes para satisfacer estas demandas. Enfatizando el contexto neoliberal y el modo de producción capitalista. Contextualizando con el paisaje y la realidad de estos usuarios. Somos conscientes de que la organización de la sociedad civil de interés público (OSCIP) en la que se desarrolla esta actividad es el resultado de una demanda "invisible" y del margen de la sociedad y del desempeño del estado.

Palabras clave: Movimientos de las Socias; Neoliberalismo; Capitalismo.

The work of social workers with the families of the students of the Association Fight for Peace

Abstract

This article aims to present the experiences experienced by the social workers in the work carried out with the families of the students who develop activities in the association fight for Peace. As well as describing his reports on the influence of the sport in the lives of his children. The purpose of this article is to present another look at the relationship between sport and health based on the principle that health and sport go together with the social development of the individual. Starting from this principle we will do an analysis of the topics discussed in the meetings with the families, punctuating the expressions of the social issue and the existing social policies to meet these demands. Emphasizing the neoliberal context and the capitalist mode of production. Contextualizing with the scenery and reality of these users. We are aware that the organization of Civil Society of Public Interest (OSCIP) in which this activity is developed is the result of an "invisible" demand and the margin of society and the state's performance.

Keywords: Social movements; neoliberalism; capitalism.

Introdução

Todos os homens do mundo na medida em que se unem entre si em sociedade, trabalham, lutam e melhoram a si mesmos. ([Antonio Gramsci](#))

O artigo em questão propõe apresentar as experiências vividas pelas Assistentes Sociais no trabalho com as famílias realizados na Associação Luta Pela Paz e seus relatos sobre a influência do esporte na vida de seus filhos. A Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) em questão está situada no complexo da Maré, na comunidade Nova Holanda.

Assim abordaremos como se deu a construção do trabalho com as famílias e quais os princípios profissionais e metodológicos que norteiam a atuação das Assistentes Sociais neste espaço. Faremos um breve relato sobre como foi constituída a Maré, local na qual a OSCIP está situada, também apresentaremos o que é e faz a Associação Luta Pela Paz, como surgiram os movimentos sociais e as Organizações Não Governamentais, analisando cada questão que nos for apresentada no decorrer deste artigo. Entendendo que o acesso aos direitos é um dever do Estado e que o trabalho oferecido pelo terceiro setor é paliativo e pontual, portanto provisório, e buscando a emancipação destes atores sociais que tem a todo o momento seus direitos violados.

O objetivo do trabalho feito com as famílias dos alunos é levar nossos usuários a buscar a garantia de seus direitos como um dever do Estado. Assim como o objetivo desse artigo é analisar os benefícios do esporte tanto no âmbito fisiológico quanto social dos alunos da Associação Luta Pela Paz. Além de conhecer as famílias que apontaram mudanças comportamentais na vida de seus filhos após serem inseridos na Instituição e por fim, perceber a importância de um trabalho coletivo e multidisciplinar entre família, alunos e instituição.

Como metodologia a ser utilizada para a realização dessa pesquisa analisaremos os relatórios confeccionados no trabalho com famílias; faremos uso de entrevista indireta; e pesquisa bibliográfica. Para alcançarmos nossos

resultados ou chegarmos próximo dele, faremos uma análise bibliográfica sucinta. Contextualizando desde o local de implantação da instituição, bem como se deu o surgimento da mesma. Discorreremos sobre a metodologia e temática utilizada na reunião com as famílias e os depoimentos relatados nas entrevistas.

Em um contexto neoliberal, capitalista com divisão de classes e de criminalização da pobreza. Para falarmos de qualquer intervenção feita por meio das temáticas debatidas em grupo precisamos entender antes disso como se deu a inserção dos movimentos sociais e das Organizações Não Governamentais neste processo de lutas. Falaremos também sobre o projeto ético político do Serviço Social, direitos humanos, enfrentamento da questão social, criminalização dos pobres no contexto da crise do capital e o neoliberalismo. Para isso, faremos uma breve pesquisa bibliográfica sobre estas temáticas e as demais citadas acima.

Visando construir um espaço no qual se trabalhe a emancipação dos atores sociais atendidos e os influenciando a serem cidadãos críticos sem perder os valores morais e éticos, apresentados pelos mesmos nos atendimentos individuais. A equipe de Suporte Social entende que é de fundamental importância pensar em frentes de trabalho que envolva os familiares desses alunos em espaços de desenvolvimento pessoal, social e político que permita a estes uma visão crítica sobre estas problemáticas. Sendo assim, os encontros com os familiares foram pensados para serem realizados mensalmente abordando temáticas de nosso cotidiano de forma a se pensar em alternativas para responder a essas demandas.

Contextualizando, nos anos 1970 e 1980 ocorria no Brasil uma intensa mobilização popular com os movimentos sociais reivindicando necessidades, que pode ser caracterizado como produto das forças de oposição emergentes e não institucionalizadas, voltados para os problemas locais e a necessidade de garantir a sua subsistência (Kleinschmidt; Silva, 1985).

Estes movimentos envolviam três tipos de categorias: movimento operário e sindical, movimentos rurais e movimentos urbanos. Cada um desses movimentos fazia reivindicações dentro da sua esfera e atuação em

busca de melhoria de salário e tempo de trabalho, apoiados por Organizações Não Governamentais, como afirma:

Nos anos 70-80, as ONGs eram instituições de apoio aos movimentos sociais populares, estavam por detrás deles na luta contra o regime militar e pela democratização do país. Ajudaram a construir um campo democrático popular. Nesta fase, as ONGs se preocupavam em fortalecer a representatividade das organizações populares, ajudavam a própria organização a se estruturar, e muitas delas trabalhavam numa linha de conscientização dos grupos de organizações. As ONGs eram suportes para a ação dos movimentos. Eram ONGs cidadãs, movimentalistas, militantes. (Gohn, 2005:89)

As ONGs assumiam o papel de contribuir na melhoria da organização interna e captação de recursos internacionais para os movimentos sociais, porém aos poucos começaram a ocupar o lugar destes nos anos 1990.

Para Gohn (2000), entre 1980 e 1990, diferentes motivos levaram ao enfraquecimento dos movimentos sociais, e estes não lineares entre si: com as mudanças no mundo do trabalho, a reestruturação produtiva ocasionou a diminuição de empregos formais, o aumento das jornadas de trabalho e a instabilidade não permitiram tempo adequado para participação nos movimentos e o enfraquecimento dos sindicatos. No decorrer dos anos 1980, o Estado necessitava se legitimar junto à sociedade e precisava deixar o caráter opressor, por isso, passou a ser interessante dialogar com movimentos sociais.

Pode-se dizer que:

A palavra de ordem destes projetos e programas é ser propositivo e não apenas reivindicativo, ser ativo e não apenas passivo reivindicante. Muitos movimentos se transformaram em ONGs que já os apoiavam. A atuação por projetos exige resultados e tem prazos. Criou-se uma nova gramática na qual a ideia de mobilizar deixou de ser para o desenvolvimento de uma consciência crítica ou para protestar nas ruas. Mobilizar passou a ser sinônimo de arregimentar e organizar a população para participar de programas e projetos sociais, a maioria dos quais já vinha totalmente pronta e atendia a pequenas parcelas da população. O militante foi se transformando no ativista organizador das clientelas usuárias dos serviços sociais. (Gohn, 2005:82-83)

O Estado vem ao longo do tempo favorecendo cada vez mais intensamente a reprodução do capital, onde cria mecanismos de proteção, por meio de subvenções, isenções, concessões e outros benefícios para as organizações privadas sem fins lucrativos. Todos estes métodos visam à sua retirada do cenário no trato com as expressões da questão social.

Após um breve conceito histórico sobre o desenvolvimento e surgimento das ONGs, falaremos a seguir um pouco do projeto ético-político do Serviço Social que nos servirá como base para debater as expressões da questão social no âmbito do Serviço Social trabalhadas nos encontros do trabalho com as famílias.

O projeto ético-político do Serviço Social tem sua hegemonia assumida a partir da década de 1980 do século passado, e ao mesmo tempo tem alimentado o debate no interior da categoria profissional que tange sua fundamentação histórica, teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa. Esses debates tem resultado em abordagens e aproximações com as várias mediações que envolvem a inserção do trabalho profissional e a construção de um projeto de sociedade livre das formas históricas de dominação e de exploração.

A base fundamental deste projeto profissional, em seus aspectos históricos, teóricos e ético-políticos, indica as orientações de valor que se pretende realizar no âmbito do trabalho profissional. O Assistente Social na realização de seu trabalho está comprometido com esse projeto profissional e busca afirmar valores como a liberdade, a democracia, a justiça social, a cidadania, e todos os valores que representam a afirmação de direitos historicamente conquistados e a ampliação do acesso à riqueza socialmente produzida.

Temos vivido crises cíclicas desde as décadas de 1970/1980 até os dias atuais. Enfrentar essas crises diante das mazelas da questão social junto com a ofensiva neoliberal tem sido o maior desafio para os profissionais do Serviço Social.

Crises que demandou do grande capital, medidas de enfrentamento que geraram a necessidade de recomposição e ajuste entre as forças produtivas e

os aparelhos de hegemonia, requerendo nova forma de se reestruturar a produção, flexibilizando, sobremaneira, o mundo do trabalho e a sua divisão social e técnica, implementando mecanismos sócio-políticos que assegurem a sua reprodução.

Estamos vivenciando um cenário de profunda degradação da condição de existência da classe trabalhadora, que se caracteriza pelo ressurgimento e permanência do desemprego em grande escala, destituição da proteção social, alargamento da fome, novo declínio individual e social, arrogância das classes dirigentes e de uma sociedade que se ostenta da riqueza de uns em detrimento da miséria de muitos.

Quando o capitalismo chega à contemporaneidade em crise com o triunfo e a façanha de ter potencializado ao máximo a produção de uma população relativamente supérflua, inflexionada pelas transformações no mundo do trabalho, igualmente a questão social torna-se alvo de novas interpretações (Gomes, 2009).

O atual estágio do capitalismo tem levado às últimas consequências as suas contradições, produzindo um enorme contingente de desemprego sem perspectivas de serem reincorporados ao processo de reprodução do capital. Nesse sentido, os trabalhadores e demais setores subalternizados da sociedade capitalista mergulharam numa “dupla crise” (Antunes, 1995) que atinge a sua materialidade e a sua consciência. A redução quantitativa do operariado urbano industrial, somada à fragmentação e a precarização das relações de trabalho, tem se revelado um obstáculo extremamente poderoso frente às iniciativas de reconstrução da capacidade contestatória das forças sociopolíticas vinculadas ao mundo do trabalho. Essas, quando muito, são impelidas a protagonizarem lutas de caráter cada vez mais defensivo frente à redução dos direitos sociais e da sua capacidade de consumo.

As profundas transformações que marcaram as sociedades contemporâneas a partir de 1980 atingiram todas as dimensões da existência.

O processo de reestruturação econômica trouxe graves consequências com a flexibilização da soberania dos Estados nacionais, com a abertura dos mercados, com elevadíssima concentração de capital, com intensa utilização

de novas tecnologias, com a debilitação dos direitos econômicos, sociais e culturais, a precarização das relações de trabalho, a marginalização e “exclusão social” amplia-se a dissolução das identidades pessoais, com a mercantilização e financeirização da vida. O modelo social implantado utiliza novos mecanismos de controle social e manutenção da ordem neoliberal, resultando em um modelo que produz insegurança e medo.

As transformações impostas pela ordem neoliberal representa um grande desafio para a consolidação e ampliação das conquistas históricas no campo dos direitos humanos, especialmente no que se refere aos direitos econômicos, sociais e culturais, afetando também as práticas de intervenção social a cargo dos profissionais da assistência social.

2 SURGIMENTO DA MARÉ

A favela da Maré teve seu marco inaugural no início da década de 1940 com a chegada das ocupações populares (construções irregulares de moradias, outrora, próxima aos grandes centros industriais). Nos anos 1960, com a remoção de favelas empreendidas pelo governo de Carlos Lacerda³⁵, foi edificado na Maré o Centro de Habitação Provisória (CHP), que servia de local de triagem das famílias removidas de outros espaços. O provisório tornou-se definitivo e assim começou a se construir a favela da Maré que está localizada entre as principais vias de acesso da cidade do Rio de Janeiro que são: Avenida Brasil, Linha Vermelha e Linha Amarela, situadas às margens da Baía de Guanabara conceituada como um dos principais espaços da Zona da Leopoldina.

A Maré Conta com uma população de cerca de 132 mil habitantes, segundo o último censo Maré de 2000. E no ano de 1994 a Maré se estabelece como bairro do município do Rio de Janeiro. O bairro Maré torna-se independente do bairro de Bonsucesso.

³⁵Carlos Lacerda foi jornalista e político brasileiro. Foi membro da União Democrática Nacional (UDN), vereador (1945), deputado federal (1947-55) e governador do Estado da Guanabara (1960-65) - Fundador em 1949 e proprietário do jornal Tribuna da Imprensa e criador, em 1965, da editora Nova Fronteira.

A Maré apresenta-se subdividida em 16 comunidades, são elas: Marcílio Dias, Praia de Ramos, Roquete Pinto, Parque União, Parque Rubens Vaz, Nova Holanda, Parque Maré, Nova Maré, Baixa do Sapateiro, Morro do Timbau, Bento Ribeiro Dantas, Conjunto Pinheiros, Vila dos Pinheiros, Novo Pinheiros (mais conhecido como Salsa e Merengue), Vila do João e Conjunto Esperança. Já que contextualizamos o que é a Maré, espaço onde é localizada a Associação Luta Paz faremos a seguir um breve histórico desta.

2.1 A História da Associação Luta Pela Paz

A Associação Luta Pela Paz é uma OSCIP desde 2010, voltada para os esportes como: o boxe e artes marciais e a educação. Está situada à Rua Teixeira Ribeiro, 900 - Nova Holanda - Maré - Rio de Janeiro/RJ - tel. 3105-5341. A comunidade Nova Holanda é uma das dezesseis comunidades do Complexo da Maré. É cercada por postos de saúde, escolas, creches, igrejas, organizações não governamentais, dentre outras que atendem as necessidades dos usuários da Associação e seu entorno.

Surgiu no ano de 2000, a partir da iniciativa do ex-lutador amador de boxe Luke Dowdney que criou a Luta Pela Paz como um projeto da ONG carioca Viva Rio para atender à população do Complexo da Maré. Luke passou a ver o esporte como um instrumento de superação de barreiras sociais e violência: um meio eficaz de promover ao máximo o potencial da juventude, segundo o mesmo. Diante do crescimento consistente, e com apoio total do Viva Rio, a instituição Luta Pela Paz, foi estabelecida como uma ONG independente (Associação Luta Pela Paz) no Brasil em 27 de dezembro de 2007 e no Reino Unido (Fight for Peace).

Tendo como público alvo - atender usuários com a faixa etária entre 07 e 29 anos, ou seja, aqueles que são qualificados como mais vulneráveis.

Desde que foi fundada, a Associação Luta pela Paz vem desenvolvendo um modelo de prevenção e reabilitação para confrontar o problema da participação de crianças, adolescentes e jovens em crimes e violência armada em comunidades de baixa renda. Nossa estratégia é baseada na metodologia

“Cinco Pilares”, uma abordagem integrada que une todos os serviços e atividades oferecidos pela Luta pela Paz.

As atividades desenvolvidas tanto na academia do Rio de Janeiro quanto de Londres são baseadas no dos “Cinco Pilares”, uma metodologia de projetos e serviços integrados, desenvolvidos pelos jovens e pela equipe, que combina: Boxe e Artes Marciais - Aulas, Treinamento e Competição; Educação e Desenvolvimento Pessoal; Serviços de Apoio aos participantes e seus familiares e Capacitação para acesso ao Mercado de Trabalho formal.

A Luta Pela Paz desenvolve atualmente, os seguintes projetos para nossos membros: Projeto “Atletas da Paz” - voltado para os jovens do esporte; Projeto “Novos Caminhos” - voltados para os jovens da educação e Serviços como: Acompanhamento Individual e Mentores; Oficinas de Educação e Trabalho; Orientação e aconselhamento sobre Carreira Profissional, além de Pronto atendimento a todos os membros, sempre que precisarem.

Na tentativa de diminuir a inserção de crianças e jovens no tráfico, a instituição utiliza boxe e artes marciais combinados com educação e desenvolvimento pessoal, a fim de desenvolver o potencial dos mesmos que vivem em comunidades que sofrem com o crime e a violência. Sabe-se que a inserção de crianças e jovens no crime e na violência é cada vez maior e que é cada vez mais visível para os moradores que circulam pelo espaço territorial da Maré, embora eu não tenha dados estatísticos que comprovem tal fato.

O objetivo do Projeto é atingir o máximo de crianças e jovens possíveis envolvidos ou não com a violência e a criminalidade.

A Associação Luta Pela Paz atende não só os moradores da Maré como de outras comunidades e espaços também.

2.2 Relatos das Experiências das Assistentes Sociais na Associação Luta Pela Paz no Trabalho com as Famílias

No mês de março costumamos abordar temas relacionados ao dia 8 de março (dia Internacional da Mulher). Mas no ano de 2016 fizemos diferente, utilizamos o mês citado para falarmos sobre o local de referência desses usuários. Pois, acreditamos que às vezes residimos num espaço sem sabermos

a história do mesmo. Sendo assim, descreveremos a experiência vivida pela Assistente Social Sandra³⁶.

Sandra acompanha as famílias da modalidade de capoeira e reforço escolar e na reunião ocorrida no mês de março abordou a temática a História do Complexo da Maré. Que tinha como objetivo apresentar para os pais e responsáveis a história de sua comunidade, refletir as lutas, desafios, conquistas e derrotas dos primeiros habitantes dos bairros; a resistência e reivindicações das associações de moradores e as respostas fornecidas pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Criar uma relação de troca de experiências dos moradores, bem como fazer com que se sintam à vontade de expor suas vivências e expectativas com o futuro de seus bairros e da cidade do Rio de Janeiro. Tentar estabelecer uma relação mais confiável com pais e responsáveis e ouvir suas demandas, críticas e sugestões sobre o projeto no qual seus filhos estão inseridos. O material utilizado na atividade deste dia foi - exposição de PowerPoint sobre a História da Maré (surgimento das primeiras comunidades ano e significado de seus nomes, primeiros fundadores, fotos antigas das comunidades e vídeo de um historiador explicando a história da Maré, acontecimentos marcantes, entre outros). Nesta atividade compareceram 12 responsáveis. A análise final da atividade realizada fora a seguinte: *“Analiso a atividade como muito boa, com boa participação dos pais e responsáveis, relatando suas experiências e crítica com relação aos investimentos e iniciativas da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. A abordagem da temática foi importante e vimos que muitos dos que estavam ali não tinham conhecimento sobre a história da comunidade. Entretanto, faltou um pouco de participação dos mesmos com relação às sugestões sobre o envolvimento de seus filhos nos projetos, o que acham? O que deveria mudar? O que gostam e o que criticam, portanto, faltou a avaliação dos pais com relação ao projeto e da Instituição (pequena avaliação de satisfação). O tempo da reunião, 19:30h - 20:30h é pouco para abordar uma temática e envolver a participação, conversa dos pais e responsáveis”*.

³⁶ Sandra Tomé. Assistente Social formada pela Unigranrio em 2008, pós-graduada pela UNISUAM em Serviço Social no Trabalho com famílias em 2015.

A Assistente Social Sandra, procurou enfatizar a importância do que a Comunidade conseguiu construir em questão de serviços, projetos e a visibilidade perante o Estado de intervir em necessidades básicas da população. As conquistas que advindas dos movimentos dos trabalhadores e moradores da Maré são fruto de muita resistência e luta.

No mês de junho, geralmente costumamos abordar a temática sobre trabalho infantil e trabalho sexual infantil. Mas, no ano de 2016 abordamos a temática educação e cidadania devido às demandas que surgiram no decorrer dos atendimentos. Sendo assim, descreveremos a experiência vivida pela Assistente Social Viviane Carmen³⁷.

Viviane Carmen acompanha as famílias da modalidade de judô, boxe (jovens) e competidores e na reunião ocorrida no mês de junho abordou junto com a assistente social Luciana³⁸ que acompanha as famílias da modalidade boxe infantil e alunos do pilar de empregabilidade a temática Educação e Cidadania. Que tinha como objetivo conscientizar os participantes sobre a importância da Educação para a cidadania. A reunião iniciou-se com a apresentação de slides sobre o tema de modo que cada responsável a partir daí pudesse enfatizar a importância da Educação na construção da cidadania; o pensamento transformador de se pensar a educação para a vida toda - não só para o acesso ao mercado de trabalho - e a sua utilização como um poderoso instrumento político. O debate prosseguiu com a abordagem dos seguintes subtemas:

- A importância da educação na vida da comunidade;
- A educação e o mercado de trabalho;
- A educação como um direito previsto na Constituição Federal;
- A importância de se exigir uma educação pública e de qualidade;
- A educação como um instrumento transformador nas nossas vidas;
- O conhecimento como ação reflexiva e crítica;
- A importância de se ocupar os espaços culturais da cidade;

³⁷ Viviane Carmen. Assistente Social formada pela UFF em 2002, pós-graduada pela USP em Violência Doméstica contra a Criança e o Adolescente em 2006. pela UERJ em Gênero e Sexualidade em 2011 e pela FIOCRUZ em Gênero e Sexualidade e os Direitos Humanos em 2015.

³⁸ Luciana Alves Assistente Social formada pela UFRJ em 2016.

- A educação para jovens e adultos através do projeto CEJA;
- Os projetos da LPP relacionados com a educação.

Foi enfatizado que a Educação é um direito fundamental e que ajuda não só no desenvolvimento de um país, mas também de cada indivíduo. Sua importância vai além do aumento da renda individual ou das chances de se obter um emprego. Por isso, acreditamos ter tido êxito ao estimularmos os participantes da reunião a refletirem sobre o presente, para vislumbrarem um futuro que possibilite o acesso à Educação para todos, sem restrições.

A Educação de qualidade é um direito básico porque assegura o cumprimento dos demais direitos. Por meio dela, garantimos nosso desenvolvimento social, econômico e cultural. Reiteramos essa fala aos responsáveis e alunos presentes incentivando-os a ocuparem os espaços culturais e de conhecimento da cidade, como museus, centros culturais, teatros, cinemas, exposições, etc. Imagens didáticas, mais uma vez, nos ajudaram a ilustrar as diversas formas de acessar a Educação, de modo a dar mais veracidade ao que tentávamos exemplificar.

O debate foi concluído pela Assistente Social Viviane Carmen enaltecendo dois projetos da LPP: Novos Caminhos – que ajuda os jovens que estão afastados da escola ou desempregados a se reaproximarem da educação e o Projeto Empregabilidade, um dos pilares da Luta Pela Paz que procura oportunizar vagas de empregos em empresas parceiras.

A avaliação final que se teve foi positiva, tendo em vista a forma como os participantes reagiram à apresentação e como a educação despertou o interesse daqueles que têm o interesse em retomar os estudos, visando uma melhor recolocação no mercado de trabalho.

Dando continuidade as experiências vividas pelas assistentes sociais da Associação Luta Pela Paz, seguiremos com os relatos.

No mês de julho, o tema debatido foi os confrontos armados no Complexo da Maré. Devido às incursões policiais sucessivas que tem acontecido neste território. A técnica responsável e assistente social Viviane Melquiades que acompanha as famílias das modalidades jiu jitsu e taekwondo

deu início a reunião expondo o tema e o colocando para ser debatido pelo grupo.

O debate teve início com o relato da técnica responsável sobre os acontecimentos das últimas semanas no complexo da maré em virtude dos confrontos violentos da polícia, em seguida informou aos responsáveis que quando ocorrer confrontos entre polícia e traficantes no complexo; a instituição não irá funcionar, para segurança dos alunos e funcionários. Logo passou o debate para os responsáveis.

Um dos responsáveis relatou que não assiste reportagem sobre este tipo de assunto, outro responsável relatou que a comunidade da Baixa do Sapateiro até o prezado momento está tranquila, porém, eles evitam transitar nas ruas da comunidade quando há confrontos armados.

Também relataram que a rotina da comunidade é diferente das outras comunidades da maré. Durante o debate, uma responsável relatou que durante uma incursão policial na comunidade, uns grupos de policiais bateram em sua residência perguntando quantas e quais pessoas residiam em sua casa, logo ela respondeu e perguntou aos policiais se eles não queriam entrar para averiguar, eles responderam que não, em seguida ela foi embora e quando voltara para sua residência encontrou os policiais em sua residência, com o susto que levava não esboçou outra reação senão de temor naquele momento.

A advogada Nubia indagou se as incursões policiais estão relacionadas a distintas facções criminais inseridas no complexo da maré? Em seguida relatou sobre as funções específicas de cada segmento que forma a Segurança Pública no estado do Rio de Janeiro, falou sobre a campanha que está sendo realizada em algumas comunidades; a campanha “Somos da Maré”, mostrou o folder que traz alguns números de telefone de alguns setores da segurança pública e da justiça local e relatou os objetivos gerais desta campanha. Também relatou sobre a questão dos direitos civis (ir e vir e a vida) e a violação dos mesmos. Após seu discurso, uma responsável trouxe uma problematização a respeito da realidade e do cotidiano da comunidade, na qual as representantes da instituição ficaram perplexas com as ações dos

traficantes. A mesma apresentou uma crítica a respeito das atitudes dos moradores em relação ao tema e também criticou o discurso de Nubia (advogada), em que a responsável disse: *“seu discurso é muito bonito, mas, demagogo, ele não cabe à realidade em que vivemos”*.

Outro responsável expressou seu relato, dizendo que a Segurança Pública em nosso país é uma instituição falida, não funciona mais e também criticou a Secretaria de Direitos Humanos, quando a mesma age em defesa dos “bandidos”.

A mesma responsável supracitada, relatou outro fato do cotidiano da comunidade, onde os traficantes obrigam os comerciantes a pagarem uma taxa no valor de R\$ 20,00 reais, caso não concordem são expulsos de suas casas.

Por fim, o debate estava muito interessante, mas, em virtude da hora já avançada, o debate chegou ao termino.

Apresentarei a seguir a experiência vivida pela assistente social Marlucy que acompanha os alunos das modalidades muay thay e luta olímpica. Nesta reunião foi apresentada a instituição Luta Pela Paz. O objetivo era mostrar o que a instituição oferece enquanto serviço para as famílias e alunos inseridos na mesma. A reunião foi iniciada com uma dinâmica de integração. Em seguida foi apresentado os 5 valores e os 5 pilares que norteiam a metodologia institucional.

Apesar da pouca participação de responsáveis, os que estavam presentes gostaram de conhecer a trajetória da instituição. Que em pouco tempo já está em 27 países levando a nossa metodologia que começou no Complexo da Maré. E foi falado também sobre a importância deles estarem presente nas reuniões e de seus filhos preservar o ambiente onde eles estão praticando as modalidades esportivas.

2.3 Depoimentos das Famílias sobre a Influência do Esporte na Vida de seus Filhos

Por questão de ética e na tentativa de resguardar os entrevistados utilizaremos nomes fictícios para relatarmos as entrevistas. Entrevista 1: a aluna e responsável por dois alunos da instituição Marta que relatou está inscrita no projeto há mais ou menos sete anos, na modalidade boxe. Quando entrou no mesmo seu objetivo era perder peso e se tornar competidora. Com dois meses praticando o esporte foi convocada a competir. Todavia, para continuar competindo teria que voltar a estudar. A princípio não gostou muito da ideia, no entanto, com o passar do tempo percebeu o quanto a formação escolar era importante. Com o esporte e a educação conseguiu se desenvolver socialmente, passou a ter disciplina. Hoje é uma pessoa comunicativa e sonha em se inserir na faculdade de Educação Física. É espelho para outras mulheres que buscam se inserir em um esporte de luta e para toda a família. Quando o filho mais velho Valter completou sete anos também foi inscrito no projeto. A princípio para ocupar o tempo e a mente, mas com o passar do tempo também começou a competir. Hoje é um adolescente disciplinado e com responsabilidade escolar. O filho mais novo Igor também pratica a mesma modalidade, na qual se inseriu a fim de se socializar com outras crianças. Também com muita disciplina, em uma palavra define o esporte e toda sua trajetória como **SUPERAÇÃO**.

Entrevista 2: a responsável pelo ex-aluno, hoje professor (educador esportivo) João, relatou que o mesmo iniciou no projeto na modalidade boxe aos 10 anos, mas foi o jiu jitsu que o consolidou na instituição até hoje aos 23 anos. João era uma criança sem uma orientação paterna e a responsável observava no comportamento do filho um caminho sem futuro, com possibilidade de inserção no tráfico. Solicitou auxílio do professor de boxe para que essa história tivesse outro final. Junto com as aulas de boxe também tinha as aulas de cidadania que foi fundamental para a formação de seu caráter. Aos 12 anos começou a praticar jiu jitsu e não parou mais. O esporte foi o refúgio e a oportunidade para que o futuro de João fosse diferente. Após entrar no projeto conseguiu concluir os estudos e hoje pensa em cursar a faculdade de Educação Física. O projeto fez dele o homem que ele se tornou. João viu nas dificuldades dos outros uma motivação para valorizar a família

que tinha e fazer a diferença. Hoje além de ser educador esportivo na Luta Pela Paz, criou o seu próprio projeto denominado Recomeçar que existe há 2 anos. Com a possibilidade de oferecer um novo rumo de vida a seus atendidos. Em uma frase a mãe diz: O projeto e o esporte são tudo na vida do meu filho, se o mesmo não existisse meu filho também não existiria mais.

Conclusão

Esses espaços como o desenvolvido com as famílias são fundamentais para troca de experiências e aquisição de conhecimentos. É um espaço de emancipação e reflexão que existe há um ano e que tem dado certo. Neste ano de 2018 estaremos dando continuidade a este trabalho, porque percebemos o quanto é um espaço de fortalecimento e de construção.

Entendemos que o esporte é importante para o desenvolvimento dos alunos, mas também é importante que as famílias entendam isso. Como podemos observar em alguns depoimentos a seguir.

Fizemos uma pequena amostragem porque infelizmente apesar de atendermos diversos alunos há uma grande rotatividade entre eles. Por (N)s questões, alguns começam as atividades para ocupar o tempo, outros porque está desempregado, manter a forma ou perde peso, etc. Enfim, como existem diversas demandas que os inserem ao projeto, muitas ao serem atingidas são abandonadas. Esses alunos que se dispuseram a dar seu depoimento são destaques, além de muitos outros, mas o espaço para discorrer essa pesquisa é muito limitado, mas a mesma não se extingue nesse trabalho.

Bem sabemos que quando se fala em esporte e saúde todos os holofotes se voltam para a parte física que é o corpo, instrumento de uso e prática de qualquer modalidade. O poder biológico, o esporte como método preventivo contra doenças. No entanto, a partir de nossa prática apontamos outro olhar para o esporte, a prevenção da doença a partir do social. Do cuidado, do trabalho multidisciplinar entre família,

aluno, instituições e Estado. Como consta em nossa Constituição Federal de 1988 em seus Direitos Fundamentais, que nos garante os direitos básicos individuais, sociais, políticos e jurídicos que são previstos na mesma. Por norma, os direitos fundamentais são baseados nos princípios dos direitos humanos, garantindo a liberdade, a vida, a igualdade, a educação, a segurança, dentre outros.

Referências bibliográficas

ANTUNES, R. (1995). Adeus ao trabalho? São Paulo: Cortez.

BRITTES, C. M. (2010). Valores, ética, direitos humanos e lutas coletivas: um debate necessário. Brasília: XIII CBAS.

DORNELLES, J. R. W. (2011). Globalização Neoliberal, Direitos humanos e a Violência na Realidade Contemporânea. Direitos Humanos e serviço social: polêmicas, debates e embates. Rio de Janeiro: Lumen Juris; p. 135.

GOHN, M. da G. (2000). Teorias dos movimentos: Paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola.

_____. (2005). O Protagonismo da Sociedade Civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias. São Paulo: Cortez.

GOMES, C. M. C. (2011). O caráter reificado da modalidade de enfrentamento da questão social no campo contraditório de negação e afirmação de direitos. Direitos Humanos e serviço social: polêmicas, debates e embates. Rio de Janeiro: Lumen Juris; p. 95-96 e 100.

_____. (2009). "A valorização da luta por direitos no Serviço Social contemporâneo". Direitos, ética e Serviço Social. Serviço Social e Sociedade. São Paulo: Cortez, nº. 99, jul./set. p. 458-482.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/defaultestudos.shtm, acesso em: mar. 2010.

KLEINSCHMIDT, C.; SILVA, J. M. (1985). Movimento Popular e Serviço Social. Petrópolis: Vozes.

LIMA, S. M.; CORDEIRO, V. B. (2012). Refletindo a Prática Profissional a partir da experiência de trabalho em uma Organização Não Governamental. Rio de Janeiro: ESS/UFRJ (org).

SOUSA, C. T.; OLIVEIRA, B. J. C. (2011). Criminalização dos pobres no contexto da crise do capital: reflexões sobre os seus rebatimentos no Serviço Social. Direitos Humanos e serviço social: polêmicas, debates e embates. Rio de Janeiro: Lumen Juris; p. 114.

A VISÃO DOS PAIS/RESPONSÁVEIS SOBRE O PROGRAMA FORÇAS NO ESPORTE NA MARINHA DO BRASIL

Carlos Eduardo Lima Monteiro

Serviço Social do Comércio - Sesc (Brasil)

Renata de Sá Osborne da Costa

Universidade Salgado de Oliveira (Brasil)

Mauricio Murad Ferreira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Brasil)

Carlos Henrique de Vasconcellos Ribeiro

Universidade Santa Úrsula (Brasil)

Resumo

O Programa Forças no Esporte é um programa o qual tem por objetivo principal atender as crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social através do esporte. O presente estudo tem por objetivo investigar o desempenho da educação física e do esporte voltados a Marinha do Brasil. É uma pesquisa quanti-qualitativa, no qual analisou as respostas dos responsáveis diretos pelos alunos inseridos no Programa. A coleta de dados foi realizada através de um questionário com perguntas fechadas e uma pergunta aberta. Os resultados provenientes da coleta de dados mostraram a importância e a aceitação do esporte. Os dados revelam as seguintes evidências: a) a importância de um projeto social esportivo; b) a influência dos militares; e c) ainda existem crianças e adolescentes carentes de atividades esportivas direcionadas. O resultado indica para um aumento de projetos sociais gerenciados por militares para uma contribuição da demanda da população em situação de risco.

Palavras-chave: Educação Física; Profesp; Vulnerabilidade; Militares.

La visión de los padres / responsables sobre el programa fuerzas en el deporte en la Marina de Brasil

Resumen

El Programa Fuerzas en el Deporte es un programa con el objetivo de atender a los niños en situación de vulnerabilidad social a través del deporte. El objetivo de este estudio es investigar el desempeño de la educación física y del deporte en la Marina de Brasil. Es una investigación cuantitativa, en la cual analizó las respuestas de los responsables directos por los alumnos del Programa. La recolección de datos se realizó a través de un cuestionario con preguntas cerradas y una pregunta abierta. Los resultados de la recolección de datos mostraron la importancia y la aceptación del deporte. Los datos revelan las siguientes evidencias: importancia de un proyecto social deportivo;

Influencia de los militares; Y aún hay niños y adolescentes carentes de actividades deportivas dirigidas. El resultado indica un aumento de los proyectos sociales administrados por militares para una contribución de la demanda de la población en riesgo.

Palabras clave: Educación Física; Profesp; Vulnerabilidad; Militares.

The vision of parentes/guardions about the program forces in sports in the Brazilian Navy

Abstract

The program forces in sports is a program whose main objective is to assist children and young people in situations of social vulnerability through sport. The present study aims to investigate the performance of physical education and sport for the Brazilian Navy. It is a quanti-qualitative research, in which it analyzed the answers of the direct responsible ones by the students inserted in the Program. Data collection was performed through a closed questionnaire and an open questionnaire. The results from the data collection showed the importance and the acceptance of the sport. The data reveal the following evidences: a) the importance of a social sport project; B) the influence of the military; And c) there are still children and adolescents lacking targeted sports activities. The result indicates an increase in social projects managed by the military to contribute to the demand of the population at risk.

Keywords: Physical Education; Profesp; Vulnerability; Military.

Introdução

Muitos projetos sociais, voltados para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, utilizam o esporte com o objetivo de atribuir valores positivos por considerá-lo uma ferramenta atrativa e motivacional.

Utilizar a educação física e o esporte para influenciar crianças e adolescentes aparenta ser uma maneira eficiente de atingir a inclusão, desde que possibilite o acesso e a igualdade a todos.

Para De Azevedo e Gomes Filho (2011: 599), a visão de inclusão deve ser dada através da

concepção de exclusão que enfatiza a deterioração dos laços ou vínculos de interação comunitária ou social, acredita-se que o esporte tenha a potência de contribuir com políticas sociais de inclusão, estimulando o desenvolvimento de uma cidadania “ativa e responsável.

O esporte, por si só, não tem força suficiente para acabar com a desigualdade social. Contudo, contribui, de uma maneira significativa, para uma melhoria na qualidade de vida, na transformação das pessoas e numa sociedade mais homogênea (Nogueira, 2011).

Segundo as Nações Unidas (2003), embora o direito ao esporte e à brincadeira seja reconhecido internacionalmente, na prática esse direito ainda é frequentemente negado. O esporte é um veículo poderoso que deve ser mais explorado, não com a finalidade de criar novos campeões ou de desenvolver o esporte, mas como um meio integrado a outras atividades abrangentes para o desenvolvimento e a paz.

O crescimento de projetos sociais esportivos no Brasil vem ocorrendo de maneira acelerada, realizados por ações governamentais e não governamentais, sendo certo que, em sua maioria, visam ao atendimento a crianças e adolescentes, utilizando-se o tempo ocioso que geralmente se dá no contraturno escolar (De Souza et. al, 2012).

Vianna e Lovisolo (2011), compreenderam que o esporte tem uma grande importância para favorecimento de todos que permeiam para a inclusão social, conseqüentemente essa afirmativa dos autores corroboram para o crescimento dos trabalhos vocacionados a uma população jovem. E ainda, tendem a ser provido por instituições governamentais e empresas que fomentam essa tarefa.

Destaca-se uma das perspectivas citadas por De Souza et. al (2012: 419), que vem sendo debatida pelo meio acadêmico, sobre o que os projetos sociais esportivos têm a intenção de proporcionar através de atividades esportivas,

eles promovem integração social, combate à violência e à criminalidade, disciplinamento, prevenção do uso de drogas, promoção da saúde e construção de um futuro melhor.

O ser social necessita desenvolver valores com base na cultura, na socialização e na saúde. Além disso, aliado à educação física e ao esporte, encontramos diversos exemplos motivacionais de superação das dificuldades, tanto no esporte quanto na vida (Da Silva, 2014).

Entende-se por políticas públicas, ação em que o Estado serve de estruturas adequadas, por meio de ações, metas e planos, no qual tem como foco atingir a qualidade na prestação de serviços para a sociedade e o interesse público, a partir das carências presentes, e ainda por contribuir para a produtividade e de modo conseqüente a reprodução social (Veronez, 2005).

As políticas públicas relacionadas ao esporte e lazer são compreendidas por política setorial, direcionadas ao campo das políticas sociais (De Sousa et. al., 2010). Portanto, são estabelecidos projetos sociais com fins de atender a esta gestão pública.

Contudo, muitos projetos vêm sendo realizados por ações individuais, grupos ou organizações e poucas são as esferas realizadas pelo governo, apesar de se fazerem presentes, mas em escalas inferiores (Da Silva; Da Silva, 2014).

Além disso, Da Silva e Da Silva (2014) apresentam uma ascensão nos projetos esportivos dentro de regiões em situação de vulnerabilidade social por ter resultados satisfatórios contra a violência social, quando entendem que existe uma relação positiva entre o esporte e os locais carentes de acesso à prática esportiva.

É comum o desenvolvimento de programas sociais esportivos para um público carente de acesso à prática regular de atividade física. Entretanto, existe a dificuldade na busca e até mesmo na permanência desta atividade, por ocasião da rotina de vida diferenciada de sua faixa etária, onde a situação econômica e padrões de vida estão fragilizadas, tendem para um distanciamento dessas práticas.

Isso, geralmente ocorre em virtude de crianças e adolescentes, ao invés de realizarem atividades inerentes a sua faixa etária, vêm realizando tarefas domésticas, assumindo o papel de contribuir para a economia (Pereira Alberto et. al., 2011).

Contudo, o esporte vem demonstrando ser uma peça importante para o desenvolvimento da criança e do adolescente. Da Silva (2014) equipara o esporte e a educação por reconhecer que ambas compartilham de um mesmo

objetivo, contribuindo para o desenvolvimento humano e seu relacionamento com a sociedade.

Além disso, o governo vem apoiando essas ações através de incentivos fiscais e recursos financeiros, em consonância ao texto constitucional de 1988, favorecendo o crescimento de projetos sociais, voltados ao esporte educacional (Tubino, 2010)

Segundo Amaral et. al (2014: 30)

uma política de Estado se pauta no ordenamento legal, que prescreve uma política de longo prazo, que não poderá ser mudada conforme a perspectiva ideológica do partido que se encontra no poder. Enquanto política de governo condiz com um conjunto de programas e projetos que são propostos pela sociedade.

De acordo com Parente (2007: 16), o Ministério do Esporte, instituiu o Programa Segundo Tempo (PST) e definiu que

tal programa imbuí-se da tarefa de assegurar que as atividades esportivas e de lazer sejam de acessibilidade de todos os indivíduos em sua infância e juventude, objetivando, assim, contribuir na redução das injustiças, da exclusão e da vulnerabilidade social.

O PST tem como papel fundamental oferecer atividades esportivas para crianças e adolescentes no contraturno escolar. Sendo assim, acredita-se que proporcionar atividades esportivas em horários ociosos contribuirá para obter hábitos saudáveis, conseqüentemente facilitará o distanciamento do convívio com as influências negativas em área de risco social (De Melo; Nunes Dias, 2009).

De acordo com De Melo e Nunes Dias (2009: 22), o PST é fundamentado para

a inclusão pelo esporte tendo como foco a relação social com o corpo e com a diferença, pois historicamente a educação física e o próprio esporte veiculam a ideia de corpo saudável que estimula a noção de eficiência, privilegiando a integridade física e funcional do corpo.

Para ser voluntário e realizar as atividades do PST, é preciso que se adeque a um modelo de convênio realizado com governos estaduais e prefeituras, em parceria com o Ministério do Esporte, por meio de apresentação de pleito pelo conveniente que, após análise e aprovação, pode se tornar um conveniado (Brasil, 2016).

Assim, o PST é um programa governamental que oferece mais um serviço à sociedade, tratando-se de Política de Estado a cargo do Ministério do Esporte, responsável em propor as diretrizes do esporte no Brasil.

A efetivação do Termo de Cooperação Técnica entre os Ministérios, do Esporte e da Defesa, ocorreu para que a Marinha do Brasil (MB), o Exército Brasileiro (EB) ou a Força Aérea Brasileira (FAB), estejam inseridas em atividades destinadas ao esporte e lazer a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

Com isso, foi criado o Programa Forças no Esporte (PROFESP) com apoio do sistema PST, que segundo Correia (2005: 142)

tem como objetivo promover a integração social, a prevenção à doença e à marginalidade e valorização da cidadania, como um processo social de desenvolvimento.

O PROFESP deu início às suas atividades no ano de 2003. E no ano de 2016, tem presentes cerca de dezoito mil crianças vinculadas no Brasil com participação dos militares no desenvolvimento das atividades dentro das instalações esportivas.

A relação do esporte nas Forças Armadas fica a cargo da Comissão Desportiva Militar do Brasil (CDMB). Onde o PROFESP fica sob a responsabilidade do Departamento Desportivo Militar (DDM), que orientam as diretrizes às OMs participantes e mantém o relacionamento direto com o Ministério do Esporte.

O presente estudo tem por objetivo investigar o desempenho da educação física e do esporte voltados a um programa social realizado pela Marinha do Brasil, procurando entender os métodos empregados e os resultados que vêm sendo alcançados dentro do programa, através da avaliação dos pais e/ou responsáveis por menores participantes.

Além disso, tem como escopo colher informações dos pais e/ou responsáveis, se houve alterações de comportamento, evolução no rendimento escolar, melhora na qualidade de vida, e suas expectativas com relação ao projeto.

A contribuição dos pais e/ou responsáveis para nortear esta pesquisa é importante para mostrar o rumo dos projetos sociais das Forças Armadas, voltados ao esporte com seu papel transformador e crítico na vida dos envolvidos.

Esta pesquisa tem como relevância a busca por um melhor atendimento das crianças e adolescentes, através das críticas ao programa desenvolvido e das expectativas idealizadas pelos pais e/ou responsáveis.

O esporte e sua vertente social na Marinha do Brasil

As atribuições do esporte militar estão atreladas a um órgão que remete todas as diretrizes esportivas para as Forças Armadas, inclusive para as Forças Auxiliares, o que é determinado pelo Decreto nº 88.072/83 e é responsabilidade da Comissão Desportiva Militar do Brasil (Correia, 2005).

Certo de que o esporte e a educação física têm relação direta com o meio militar, na preparação do condicionamento físico dos militares, pois é de suma importância que eles estejam em “prontidão” para o uso das suas funções em situações que necessitam de sua *performance* física (Cancelli; Dos Santos, 2012).

Ilustre-se que a Marinha do Brasil apresentou as primeiras manifestações do esporte através das modalidades de esgrima, tiro, hipismo e vela, utilizadas para atividades lúdicas e para a formação da carreira militar (Garrido; Lage, 2005).

Na Marinha, inicialmente, o esporte e a educação física estão voltados para a competição, higiene, saúde e aperfeiçoamento físico. Não obstante, a integração dos militares com a sociedade civil ocorreu através das competições e atividades de lazer.

O Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes (CEFAN) é a referência no cenário esportivo brasileiro, onde são realizadas diversas atividades atinentes a educação física, inclusive para a sociedade civil.

O CEFAN é uma organização centenária, fundada em 25 de novembro de 1915, para que se firmasse o compromisso de uma entidade diretora de esportes navais. Porém, o nome dado a esta instituição, na ocasião, foi “Liga de *Sports* da Marinha”, com a iniciativa de oficiais vocacionados para o esporte na MB (Cancellata et al, 2015).

Através de documentos internos, relatórios, vídeos e reportagens foi possível verificar as condições em que são realizadas as atividades do PROFESP - CEFAN, além de observar a rotina entre os militares e os alunos do projeto.

Segundo Monteiro (2014: 14)

entre seus principais objetivos encontra-se à intenção de promover, para crianças e jovens, por intermédio do esporte, a integração social, a saúde e a prevenção da marginalidade e da violência, valendo-se de mecanismos que tornem possíveis a integração social, a valorização da cidadania, o reforço escolar e alimentar, a inserção no mecanismo do trabalho e a permanência de atividades físicas, na esportividade e no lazer.

O PROFESP-CEFAN teve início em março do ano de 2003, tendo como principal diretriz a democratização do acesso à prática do esporte. E começou o atendimento a 150 crianças e adolescentes, na faixa etária dos 10 aos 17 anos, de ambos os sexos, divididos em dois turnos - matutino e vespertino. Cumpre frisar que se tratam de jovens que devem estar inseridos em ensino regular de uma escola pública e residir nas comunidades situadas próximas à OM (Monteiro, 2014).

As atividades ocorrem semanalmente e são variadas, desde reforço escolar, atividades esportivas, atividades culturais, atividades cívico-militares e atividades socioeducativas, além de receberem refeições, como café da manhã e almoço, para o turno da manhã e almoço e lanche, para o turno da tarde.

A partir de 2009, ampliou-se o número de atendimentos no programa para 200 crianças e adolescentes, seguindo as orientações das atividades,

conforme previsto no planejamento pedagógico do PST. Sendo assim, observou-se a necessidade de realizar parcerias com a finalidade de contribuir com a organização e sistematização do Programa dentro da OM.

Nesse diapasão, no ano de 2010, por intermédio do Termo de Cooperação Nº 0001/2010 junto à Arquidiocese do Rio de Janeiro – Pastoral do Menor, ocorreu o primeiro convênio, vigente até o presente momento, sendo renovado a cada término de contrato.

Apesar de ser uma instituição católica, os atendimentos prestados não são exclusivos a pessoas que possuem a religião católica. Suas atividades são realizadas por programas para atender às necessidades das crianças e adolescentes, e através de parcerias firmam estes serviços (Pastoral do Menor, 2005).

As parcerias são lembradas por Correia (2008) pela importância que têm no desenvolvimento do projeto, em razão de eventuais limitações orçamentárias e sociais que impossibilitem possíveis ações.

Este termo de cooperação proporciona aos alunos serviços de assistência social, psicologia e atuação de agentes comunitários, cujo objetivo é levar apoio para dentro das comunidades, sendo certo que esta participação tem alcance maior do que as atividades realizadas dentro da OM.

Para reter o aluno dentro das atividades e garantir a sua permanência ao longo do programa, depende muito das crenças locais, pois não são asseguradas apenas atividades de esporte e lazer para garantir uma estabilidade no programa (Vianna; Lovisolo, 2011).

Entende-se que a educação física e o esporte, por si sós, como ferramenta de inclusão não são suficientes, em virtude de haver uma necessidade de ter o acesso à realidade local e conhecer a demanda social dos alunos.

No segundo semestre de 2010, o CEFAN reformou suas instalações esportivas, alojamentos e refeitório, tendo em vista o fato de o Brasil ser sede dos 5º Jogos Mundiais Militares (5JMM), realizados no ano de 2011.

As reformas no CEFAN se fizeram necessárias, em função de sediar duas competições nos 5JMM, trazendo como consequência, a revitalização para o

PROFESP-CEFAN que, atualmente, tem a oportunidade de realizar suas atividades em excelentes instalações esportivas.

Em 2012, iniciou-se um projeto de base denominado “Projeto de Detecção de Talentos Esportivos” visando à participação de alunos em eventos esportivos nas modalidades de Levantamento de Peso Olímpico, Boxe, Pentatlo moderno e Atletismo, cujo objetivo era que as crianças pré-dispostas para o esporte vivenciassem o esporte através de competições (Alhadas et. al, 2014).

Observa-se que, neste momento, o PROFESP-CEFAN se afasta do propósito de realizar atividades de inclusão visando à preparação de possíveis atletas que possam despontar em cenário competitivo.

Ao realizar propostas de preparação de talentos esportivos, cria-se uma exclusividade para aqueles alunos que possuem habilidades específicas para treinamentos esportivos, e assim, as atividades inclusivas ficam direcionadas para os que têm potencial.

Segundo De Azevedo e Gomes Filho (2011), o esporte, na visão de Gomes Tubino, possui inúmeras possibilidades de inclusão e tem, como modelo, o esporte-lazer aliado à inclusão. Contudo, compreende que o esporte na vertente de talento esportivo, tange a oferta das oportunidades de viver sob ofício e de maneira consolidada.

A detecção de talentos esportivos na ótica de captar talentos para uma determinada modalidade inicia, a partir do momento da demanda de jovens participantes, conseqüentemente quanto maior o número inserido nas atividades maior serão as chances de uma seleção.

Entretanto, deve se atentar quando a seleção for realizada, e é neste momento onde os não selecionados encontram-se na barreira da exclusão, sendo assim, acreditamos que uma proposta de esporte educativo deva existir para que todos possam usufruir do direito de desenvolver o talento ou até mesmo dar continuidade a prática e o convívio entre os pares.

Mesmo com atenção voltada para detecção de talentos não impediu de prosseguir com as atividades educacionais. Em 2013, houve a iniciativa de

realizar um convênio para oferecer reforço escolar para os alunos do PROFESP-CEFAN, através da Pastoral.

Esta se inscreveu em edital público para oferecer serviços de matemática, português e informática, por intermédio do projeto da Fundação para Infância e Adolescência (FIA).

O objetivo deste projeto é desenvolver a capacitação, em área tecnológica, da informação educacional das crianças e adolescentes, e conta com o propósito de oferecer ao adolescente, oportunidade de inserção qualificada no mundo do trabalho, por meio das articulações e parcerias da Instituição.

Apesar de realizar atividades que visam ao reforço escolar, o PROFESP-CEFAN não possui vínculo com as escolas, apenas para caráter de inscrição no projeto. Pois os participantes devem estar matriculados em sistema de ensino regular para a participação no projeto.

As atividades vêm ocorrendo de forma sistemática ao longo dos anos, distribuídas de maneira em que todos usufruem de todas as atividades oferecidas.

Em 2016, aumentou-se o número de alunos para 350, sendo que destes, 50 estavam destinados ao que fora institucionalizado de PROFESP-ATLETAS, com a intenção de se tornar o Centro Nacional de Identificação e Desenvolvimento de Novos Talentos.

Apesar de ser um projeto voltado ao esporte-educação, o ambiente tem condições de atender aos fins do esporte-rendimento, e de acordo com De Azevedo e Gomes Filhos (2011) todos devem ter oportunidades para um futuro promissor.

Método

A pesquisa está voltada para ciências sociais, cujo enfoque primordial não tem a preocupação com questões numéricas, embora também as considere, e visa principalmente compreender o andamento de um grupo social. No presente caso, houve o cuidado de alinhar também os dados

quantitativos, para assim oferecer mais densidade à pesquisa. Uma estratégia metodológica quali-quantitativa.

O critério utilizado para escolher o campo de pesquisa foi uma Organização Militar da Marinha do Brasil, na qual a educação física tenha uma relação no contexto da proposta da pesquisa e com atuação de, no mínimo, 08 anos no PROFESP. A pesquisa foi então desenvolvida no Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes (CEFAN) da Marinha do Brasil.

O CEFAN é localizado na Avenida Brasil, no bairro da Penha, e os alunos participantes são selecionados através de uma parceria com a Arquidiocese do Estado Rio de Janeiro - Pastoral do Menor. No período da pesquisa, em 2016, o projeto esportivo atendia 350 crianças e adolescentes, de ambos os sexos, na faixa etária de 10 a 17 anos residentes nas comunidades: Acari, Marcílio Dias, Vila do João, Amorim, Costa Barros, Cordovil e Nova Holanda.

Os participantes da pesquisa foram os pais e/ou responsáveis diretos dos alunos do Programa. Eles foram considerados a base para a pesquisa, por serem capazes de fornecer um retorno sensível e verdadeiro, através da percepção de possíveis mudanças de comportamento e da importância dada ao projeto em suas vidas.

Foram investigados 78 indivíduos que residem nas comunidades atendidas pelo programa. A participação dos entrevistados na pesquisa corresponde a um total de 82,98% dos presentes, que responderam o questionário apresentado.

Todos os envolvidos, voluntariamente, participaram de uma palestra sobre a pesquisa, na qual foram apresentados os objetivos e a metodologia do estudo em questão e realizaram a assinatura de termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com a resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. (Brasil, 2012). Este estudo foi realizado de acordo com as normas determinadas pela Resolução do Conselho Nacional de Saúde - CNS 466/12 que atende aos pressupostos da DECLARAÇÃO DE HELSINKI (1975), que trata da pesquisa envolvendo seres humanos (Brasil, 2012). A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética de Pesquisa (CEP) do Hospital Naval Marcílio

Dias, que possui o registro de Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 59111516.2.0000.5256, aprovada pelo número do parecer 1.760.202.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi entregue aos sujeitos da pesquisa. Nele, constaram os riscos a que seriam submetidos, esclarecimentos referentes às questões quanto ao direito à privacidade e à liberdade em desistir no momento em que quisessem.

A pesquisa apresentava o possível risco de levar a um desconforto emocional aos participantes ao responder às perguntas e entrar em contato com possíveis recordações negativas, vivenciadas através do programa, mas possuía benefícios de aperfeiçoar o direcionamento das atividades propostas no projeto, inclusive, proporcionar um melhor atendimento a possíveis anseios e necessidades de pais ou responsáveis e seus dependentes. Observa-se a ponderação entre riscos e benefícios, conhecidos como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos e ainda a garantia de que danos previsíveis serão evitados (Brasil, 2012).

Tendo em vista a necessidade de manter o sigilo dos entrevistados para a discussão e análise dos dados da pesquisa, os nomes dos indivíduos foram ocultados e substituídos por nomes fictícios. Mas no caso da Instituição participante da pesquisa, foi solicitada a autorização para o uso do nome da Instituição.

Estipulou-se que a coleta de dados foi realizada através de um roteiro de questionário com perguntas fechadas e uma pergunta aberta, onde investigou a maneira pela qual o esporte, conduzido pelos militares da OM, é desenvolvido no objetivo do projeto, e se existe uma relação de causa e efeito na realidade dos alunos.

O questionário foi apresentado no dia da reunião de pais e/ou responsáveis dos alunos que ocorreu durante o período letivo. Portanto, pôde obter o maior número de pessoas a serem entrevistadas, em virtude de estarem presentes no mesmo dia e local.

Segundo Lincon e Guba (1985) apud Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1999), para obter uma confiabilidade no processo de pesquisa são necessários alguns critérios, como a credibilidade, transferibilidade, consistência e confirmabilidade.

Diante destes critérios, este estudo visou dar maior consistência aos resultados obtidos na pesquisa, através de interpretações aceitáveis para os entrevistados e possibilidades futuras de transferir os conteúdos para demais contextos.

Segundo Wasserman e Faust (1994) apud Sugahara e Vergueiro (2010), segue na direção da pesquisa de identificação livre, no qual o voluntário se identifica com a opção em que mais se adequa. Entretanto, se fez necessário elaborar uma pergunta aberta para provocar a opção de estarem expressando suas opiniões e, assim, poder realizar uma reflexão sobre o posicionamento dos entrevistados.

Resultados e discussão

Na tentativa de compreender qual atividade existente em que os pais ou responsáveis consideram a mais importante para o desenvolvimento do dependente dentro do programa. Foi questionado sobre qual a preferência dos pais sobre as atividades propostas (Tabela 1).

Tabela 1. Atividade mais importante para o seu filho (a) no projeto.

Respostas	Frequência	%
Esportivas	48	61,5%
Aulas de Reforço Escolar	14	17,9%
Competições	12	15,4%
Ordem Unida	3	3,8%
Reforço Alimentar	1	1,3%
Não responderam	0	0,0%
Total	78	100,0%

Fonte própria

Observa-se a importância de as atividades esportivas serem o principal objetivo do programa e tenderem a ser ferramentas para inclusão social.

Contudo, estas atividades devem ser desenvolvidas através de planejamentos bem direcionados, com objetivos claros e conduzidos por profissionais capacitados a ministrar suas aulas, garantindo o acesso ao esporte a todos os participantes.

Apresentou-se como a segunda opção pelos pais e responsáveis, dentre as mais importantes, a questão do reforço escolar, apesar do projeto ter como objetivo as atividades esportivas como ferramenta de inclusão social. O reforço escolar não consta como atividade obrigatória no escopo do projeto e sim, como alternativa de qualquer organização militar que julgar interessante incluir dentro do seu quadro de atividade.

Uma forma de verificar o grau de satisfação de uma pessoa é quando esta indica o serviço ou o produto, para demais pessoas do seu estreito relacionamento ou para a comunidade em geral. E, ao questionar os entrevistados se já realizaram a indicação do projeto para alguém, 61 entrevistados, ou seja, 78,2% já fizeram tal indicação.

A tabela 2 representa percentualmente os grupos que os 61 entrevistados fizeram a indicação.

Tabela 2. Relevância sobre a indicação do projeto pelos pais.

Respostas	Frequência	%
Amigos	31	50,8%
Outros Familiares	18	29,5%
Irmãos	8	13,1%
Colegas de Escolas	3	4,9%
Comunidade	1	1,6%
Total	61	100,0%

Fonte própria

Os 50,8%, pouco mais da metade, direcionaram a indicação para amigos, acredita-se que a afinidade esteja relacionada, diretamente, ao dia a dia do entrevistado. Interessante registrar que esta relação possivelmente não se encontra dentro da comunidade, espalhada pelo menor percentual respondido, 1,6%.

O projeto tem uma relação direta com o convênio pela Pastoral do Menor, este tem como objetivo atender as demandas dos participantes dentro das comunidades em que residem. Conseqüentemente, entende-se que estes recebem uma assistência extra projeto.

Sabe-se ainda, que os atendimentos ocorrem apenas em comunidades onde encontra-se núcleo da Pastoral do Menor. Sendo assim, nem todas as comunidades usufruem de tal núcleo para realizar tal tarefa, portanto aqueles que não possuem estes serviços não usufruem desse auxílio e até mesmo não conseguem participar do projeto.

Desafortunadamente, nem todos possuem a mesma chance de estar participando ou até mesmo de se beneficiar de alguma atividade oferecida pelo Estado. Daí a necessidade de se realizar políticas públicas direcionadas para uma gestão de atividades esportivas para crianças de diversas regiões ou comunidades.

Para entendermos o que faz com que crianças e adolescentes permaneçam dentro do projeto, na visão dos pais e/ou responsáveis, foi questionado o principal motivo pelo mantêm seus dependentes dentro do projeto, e como opção de resposta foram as atividades físicas, conhecimento da vida militar, manter fora da violência e a possibilidade de inserção ao mercado de trabalho.

A atividade física, com 38,5%, foi apontada como o principal fator para manter os seus dependentes no projeto. Entretanto, 30,8% das respostas foi por mantê-los fora da violência. Esta é uma realidade vivenciada por familiares que estão em situação de vulnerabilidade social, onde existe uma forte aproximação com a violência diária.

Outros dois indicadores citados nas respostas podem ter uma relação direta com o fato de o projeto estar sendo realizado dentro de uma instituição militar, sendo influenciado diretamente com 20,5% de interesse em adquirir conhecimento da vida militar. Outrossim, 10,3% referem-se à possibilidade de inserção do mercado de trabalho, sendo que, destes, muitos estão associados ao trabalho militar.

Segundo Bohoslavsky (1998) e Lisboa (1997) apud De Almeida e Magalhães (2011: 208),

a identidade profissional forma-se através da autopercepção que o indivíduo tem dos papéis profissionais com os quais tem contato ao longo de sua existência, principalmente no que diz respeito às identificações com figuras significativas, como pais, familiares e professores.

Com isso, pode ser compreendida esta relação entre o conhecimento da vida militar e a inserção do mercado de trabalho, por vislumbrar a hipótese de que, por estar fazendo parte do meio, possa estar influenciando, de alguma maneira, os seus dependentes.

Ao interpelar os pais e/ou responsáveis se conseguiram observar quanto a mudanças de hábitos, por conta de estarem participando do projeto, sendo que três categorias foram apresentadas, como mudanças no rendimento escolar, no comportamento e na qualidade de vida. Foi notório que, nas três categorias, há expectativa para uma possível mudança positiva em seus filhos, considerando-se que, ao criar uma relação com o esporte de maneira rotineira e orientada, tudo converge para um amplo favorecimento.

De acordo com a Tabela 3, fica demonstrado o grau de satisfação dos pais e/ou responsáveis.

Tabela 3. Grau de satisfação dos pais e/ou responsáveis sobre o projeto.

Respostas	Frequência	%
Ruim	0	0,0%
Razoável	0	0,0%
Indiferente	0	0,0%
Bom	4	5,1%
Muito Bom	19	24,4%
Excelente	54	69,2%
Não Respondeu	1	1,3%
Total	78	100,0%
Fonte própria		

O grau de satisfação com relação ao projeto foi considerado, de uma maneira geral, grandemente satisfatória por todos os entrevistados. No entanto, as respostas positivas a este questionamento podem ainda estar sendo subavaliadas, em virtude de uma escassez de oferta de serviço de esporte e lazer.

Como demonstra a Tabela 4, poucos têm a oportunidade de participar de outros projetos esportivos, provavelmente por não terem outra prática esportiva, além da que vem realizando no projeto. Ou seja, realizar uma comparação a outro projeto esportivo ou, até mesmo, outra oferta de serviço relacionado ao esporte fica prejudicada, em virtude de a sua maioria não ter oportunidades de realizar atividades de esporte e lazer em outras situações. Desse jeito, fica mais em evidência a falta de serviços à população em situação de risco social.

Tabela 4. Comparação entre práticas esportivas em lazer e projeto esportivo.

Respostas	Pratica outra atividade		Participou de outro projeto	
	Frequência	%	Frequência	%
Sim	19	24,4%	19	24,4%
Não	58	74,4%	57	73,1%
Não Respondeu	1	1,3%	2	2,6%
Total	78	100,0%	78	100,0%

Todavia, a ausência de um comparativo não menospreza a satisfação apontada pelos entrevistados uma vez que o questionário apresentado não desconsiderou demais respostas em que pudessem registrar sua insatisfação. Pelo contrário, demonstra que a escassez de ofertas deve ser levada em consideração para que se amplie mais serviços e que todos estejam assegurados dos seus direitos.

A última pergunta do questionário tinha como meta oferecer alternativa para os entrevistados fazerem qualquer relato sobre o projeto. A maioria aproveitou a oportunidade para declarar seu agradecimento, conforme relatos.

Entrevistados comentaram sobre a importância do projeto e as mudanças de comportamento em seus filhos.

“Para mim está sendo muito gratificante ver meus filhos participarem deste lindo projeto. Vê-los mudarem de comportamento e para melhor é muito importante para mim”. (Entrevistado Alfa)

“Gostaria de agradecer imensamente a toda a equipe pela dedicação e o trabalho realizado. Minha filha foi inserida no projeto no início desse ano e desde então foi nítida e bem rápida a mudança de comportamento, postura e dedicação em relação a toda a sua vida.”. (Entrevistado Beta)

Já os entrevistados abaixo indicaram a importância do projeto na formação do cidadão e na manutenção da criança fora da violência.

“É um incentivo para formar homens e mulheres de bem, tira-las das ruas, do convívio de pessoas com má conduta. Acho o projeto muito importante”. (Entrevistado Charlie)

“Quero parabenizar a todos os colaboradores desse projeto pois muitas crianças estão tendo uma oportunidade de vida melhor, sendo inseridas no esporte, e fazendo com que eles não fiquem ociosos, ficando longe da violência e melhorando muito o comportamento deles em casa”. (Entrevistado Delta)

Conforme mencionado por Mello (2005) apud Nogueira (2011), projetos sociais esportivos pretendem ocupar as lacunas vazias consequentes de um tempo escolar insuficiente. A violência que ocorre no seu cotidiano se torna, então mais distante. Os relatos obtidos fundamentam a questão da ocupação do tempo livre de crianças e adolescentes, através do esporte.

Outra característica importante do projeto é a relação entre os militares e os alunos, conforme demonstram os entrevistados, explicando que o convívio entre eles pode incentivar a busca de uma profissão.

“Gostaria de agradecer pois meu filho agora vem sonhando em ser um militar”. (Entrevistado Echo)

“A minha filha tinha um sonho de entrar para carreira militar especificamente da Marinha, minha filha está muito feliz nesse projeto”. (Entrevistado Foxtrot)

“O projeto é para formar um cidadão, porém acho que poderia se envolver mais com relação a encaminhar para a vida militar para aqueles que querem seguir a carreira”. (Entrevistado Golf)

Apesar de o meio exercer influência sobre as crianças e adolescentes, como a escola e o projeto social esportivo, em virtude do tempo em que estes indivíduos permanecem em grupo, a família continua sendo a principal interferência na escolha da profissão (De Almeida; Magalhães, 2011).

Entretanto, os entrevistados a seguir dizem que seus filhos ainda não manifestaram mudanças no seu dia a dia e solicitam que ajudem a buscar uma transformação.

“É um projeto, só que meu filho ainda não se encontrou, por isso não consegui aproveitá-lo. Por isso continuem lutando para continuar a realizá-lo, pois ajudam na melhoria de crianças”.
(Entrevistado Hotel)

“Ótimo maravilhoso! (mesmo o meu neto não ter melhorado por enquanto, espero)”. (Entrevistado India)

Este relato nos faz compreender que o projeto não está atendendo às necessidades dessas famílias. É preciso investir na solução destas expectativas, pois diante do não aproveitamento destes menores há possibilidades de que fatores como não mudança de comportamento ou afinidade pelo esporte podem ter o afastamento do programa.

Consequentemente, a importância do esporte como inclusão social não atinge a sua plenitude, no qual pode acarreta a privar por uma massa de pessoas e não a individualização de possíveis problemas. Interessante então, se atentar as características individuais para que os beneficiários do programa possam contribuir de forma a universalizar as expectativas.

A fala do entrevistado a seguir demonstra a disponibilidade de poucas oportunidades com atividades esportivas em locais de riscos. As políticas públicas falham no desenvolvimento de atividades esportivas para todos.

“Que esse projeto é muito bom e que gostaria que fosse estendido para outras crianças. Fico muito grato pela minha estar fazendo parte desse projeto e pela atenção dos seus idealizadores”. (Entrevistado Juliet)

Os entrevistados também se preocupam com as questões da qualidade de vida, ou seja, de fomentar um estilo de vida saudável. De acordo com Olinda (2006), além da inclusão social, também deve ser considerada a

questão da saúde das pessoas que vivem em situação de pobreza, através da prevenção de doenças e promoção da saúde.

“Meu filho tem problema com obesidade e os médicos me cobram muito que ele tem que fazer atividade física, perder peso. E sei que ele é meio preguiçoso, gostaria que olhassem por ele”.
(Entrevistado Lima)
“Ele [meu filho] só obteve melhorias na saúde dele”.
(Entrevistado Mike).

Assim, cabe uma reflexão de quanto estão sendo gerados expectativas e, se as mesmas obtêm o retorno necessário para que possam se aproximar a igualdade de uma satisfação e atendimento direcionada a cada beneficiário, bem como a demanda das famílias envolvidas.

Considerações finais

A análise deste trabalho permitiu perceber que o esporte tem grande influência no desenvolvimento de crianças e adolescentes, além de ser uma atividade que pode contribuir para um público que vive em situação de risco social.

Contudo, o esporte não é a única, e nem a exclusiva maneira de se trabalhar a inclusão social. Os projetos esportivos devem buscar meios que possibilitem o acesso a diversas práticas, de acordo com a necessidade do grupo social que está sendo trabalhado.

Compreende-se que o esporte, apenas como uma atividade para inclusão, não garante o sucesso para o distanciamento da violência. Para tanto, se faz necessário que a família seja trabalhada na sua totalidade. Além de outras esferas profissionais que também possam assegurar um bom atendimento para uma necessidade específica do núcleo familiar.

Diante disso, é interessante esclarecer que políticas sociais devem ser institucionalizadas em conjunto com as políticas públicas em gestão esportiva. Conforme, Silva (2012: 33) incita que políticas sociais

correspondem às ações setoriais de uma questão particular da sociedade, que incluem a educação, a saúde, o transporte, o

esporte, o lazer etc. As políticas sociais têm como foco uma questão particular da sociedade em torno de um grupo determinado e na maioria das vezes com o intuito de minimização das desigualdades sociais.

Os resultados provenientes da coleta de dados mostraram a importância e a aceitação do esporte sendo gerido por militares. Com isso, vale ressaltar que, por ter uma aceitação da sociedade, deve-se buscar mais OMs voluntárias para que possam aumentar a oferta de serviços para este público.

Para os pais e/ou responsáveis, o programa contribui com o desenvolvimento dos seus dependentes, inclusive, foi observado que existe um acompanhamento por parte dos responsáveis em obter informações sobre o andamento dos seus dependentes no projeto.

Para pais e filhos o mais significativa é a atividade esportiva, visto que existem outras possibilidades sendo ofertadas. Isso demonstra a importância do esporte. Principalmente, ao relacionar hábitos saudáveis na melhoria da qualidade de vida e nas mudanças de comportamentos.

O esporte, com suas características de desenvolver o ser humano, seja em sua totalidade, seja de maneira individualizada, favorece a crianças e adolescentes que vivem em conflito diário com a violência dentro das comunidades.

O PROFESP CEFAN vem apresentando bons resultados, de acordo com os métodos empregados por esta instituição, confirmados pelo que os pais e/ou responsáveis apontaram na coleta de dados. Está evidenciado, através da importância que os pais dedicam por ter um projeto social esportivo em suas vidas, e considerando que os militares têm uma influência positiva à frente da gestão esportiva.

Ainda, o direcionamento para a profissionalização de crianças e adolescentes foi apresentado nesta pesquisa. E se observou este relacionamento com uma instituição militar, como influência nos pais e/ou responsáveis em orientar seus dependentes, para uma carreira militar ou esportiva.

Acredita-se ser uma preocupação dos pais em procurar direcionar seus filhos para uma profissionalização precoce, como forma de garantir uma

estabilidade econômica, e por achar que proporcionará um distanciamento natural da violência.

As declarações sobre o projeto social evidenciaram a gratidão da sua existência, apesar de este estudo ter apresentado um número crescente de projetos sociais, com fins esportivos, realizados para um público com situação de vulnerabilidade social. Ainda existe uma dificuldade por parte deste público que, nem sempre, tem a oportunidade de participar destes serviços.

Notória foi a carência apontada ao longo desta pesquisa onde fatores, como falta de acesso às atividades esportivas direcionadas, sejam executados por instituições governamentais e não governamentais. Apesar do crescimento destes serviços, ainda não se conseguiu atingir a população que se encontra em situação de risco social, dado o ponto e risco iminente do local ou quanto à oferta a ser realizada para um determinado grupo.

O presente estudo recomenda uma maior ampliação do projeto, bem como de mais OMs, que possam contribuir com a demanda que a população necessita. Contudo, as atividades devem ser direcionadas e controladas.

Recomenda-se ainda, uma aproximação com as instituições de ensino, uma vez que foi apontada como fator que contribui para o sucesso do projeto uma relação com o reforço escolar. Isto pode ser melhor executado através desta conformidade.

É perceptível a importância das Forças Armadas do Brasil para a população e políticas públicas, que devem ser provocadas para que tais programas cheguem em sua plenitude, onde possam atingir a demanda de pessoas com situação de risco social.

Enfim, procura-se, através desta pesquisa, apresentar que o esporte tem um papel fundamental na formação de crianças e adolescentes em situação de risco social. E que as Forças Armadas do Brasil contribuem para esta formação, ao desenvolver projetos sociais.

Referências

ALHADAS, R. L. S.; AVEIRO, C. H. R. R.; JUDICI, N. P. C. (2014). CEFAN/CDM - Podium Naval, Rio de Janeiro, ano 1, n.1, p.14-17, 2014. Programa Forças no Esporte e o Programa Olímpico Marinha do Brasil-

Odebrecht: um modelo que deu certo. Revista do CEFAN/CDM - Podium Naval, Rio de Janeiro, ano 1, n.1, p.18-19.

ALVES-MAZZOTTI, A.; GEWANDSZNAJDER, F (1999). O Método nas Ciências Naturais e Sociais. 2ªed. São Paulo: Thomson.

AMARAL, S. C. F.; RIBEIRO, O. C. F.; SILVA, D. S. (2014). Produção Científico-Acadêmica: Em Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil. Motrivivência. Rev. de Educação Física, Esporte e Lazer, Santa Catarina, v.26, n.42, p.27-40, jun.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. 2012. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2016.

BRASIL. Ministério do Esporte (2016). Disponível em: <http://esporte.gov.br/index.php/institucional/esporte-educacao-lazer-e-inclusao-social/segundo-tempo/orientacoes/como-participar>. Acesso em: 12 mar. 2016.

CANCELLA, K. B.; GARRIDO F. A. C.; ÁVILA, E. B.; SOARES, V. Q.; GROSS, P. S. C. (2015). 100 anos de esporte na Marinha do Brasil: da “Liga de Sports” ao Programa Olímpico. Rio de Janeiro. ed. Agência 2A Comunicações.

CANCELLA, K.B.; DOS SANTOS, L. J. M. (2012). Para o “desenvolvimento físico do pessoal da Armada”, institucionaliza-se o esporte: análises sobre as primeiras aproximações da Marinha do Brasil com as práticas esportivas e o processo de fundação da Liga de Sports da Marinha, Navigator, v.8, n.15, p.101-113.

CORREIA, M. M. (2008). Projetos sociais em educação física, esporte e lazer: reflexões preliminares para um a gestão social. Revista Brasileira Ciência do Esporte, Campinas, v.29, n.3, p.91-105, mai.

CORREIA, R. (2005). Comissão Desportiva Militar do Brasil - CDMB. In: DA COSTA, L. P. Atlas do Esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, p.142-144.

DA SILVA, C. A. F. (2014). Aluno - Atleta - Cidadão: Estudos no Ginásio Experimental Olímpico. Rio de Janeiro: H. P. Comunicação.

DA SILVA, O.; DA SILVA, C. A. F. (2014). Desenho da rede de um projeto esportivo social: atores, representações e significados. Rev Bras Educ Fís Esporte, São Paulo, v.28, n.3: p.415-428, jul./set.

DE ALMEIDA, M. E. G. G.; MAGALHÃES, A. S. (2011). Escolha profissional na contemporaneidade: projeto individual e projeto familiar. Revista Brasileira de Orientação Profissional, São Paulo, v.12, n.2, p.205-214, jul/dez.

DE AZEVEDO, M. A. O.; GOMES FILHO, A. (2011). Competitividade e inclusão social por meio do esporte. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v.33, n.3, p.589-603, jul./set.

DE MELO, J. P.; NUNES DIAS, J. C. N. de S. (2009). Entrelaçamento do Esporte, do Desenvolvimento Humano, da Cultura e da Educação. In: DE OLIVEIRA, A. A. B.; PERIM, G. L. Fundamentos Pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática. ed. UEM, p.17-41.

DE SOUZA, D. L. ; DE CASTRO S. B. E.; MEZZADRI, F. M. (2012). Facilitadores e barreiras para a implementação e participação em projetos sociais que envolvem atividades esportivas: os casos dos projetos Vila na

Escola e Esporte Ativo. Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.26, n.3, p.419-30, jul./set.

GARRIDO, F.; LAGE, A. (2005). O esporte na Marinha do Brasil. In: DA COSTA, Lamartine Pereira. Atlas do Esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, p.131-133.

MONTEIRO, C. E. L. (2014). CEFAN/CDM - Podium Naval, Rio de Janeiro, ano 1, n.1, p.14-17, 2014. A contribuição do CEFAN na qualidade de vida de crianças e adolescentes - Programa Forças no Esporte. Revista do CEFAN/CDM - Podium Naval, Rio de Janeiro, ano 1, n.1, p.14-17.

NAÇÕES UNIDAS. Esporte para o desenvolvimento e a paz: em direção à realização das metas de desenvolvimento do milênio. Nações Unidas, 2003. Disponível em: < <http://www.esporte.gov.br/publicacoes/> > . Acesso em: 20 nov. 2004.

NOGUEIRA, Q. W. C. (2011). Esporte, Desigualdade, Juventude e Participação. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v.33, n.1, p.103-117, jan./mar.

OLINDA, Q. B. (2006) Inclusão social e saúde. Revista Brasileira em Promoção da Saúde, Fortaleza, v.19, n.3, p.123-124.

PARENTE, E. D. (2007). A presença de militares em programas esportivos e de ações sociais: O caso dos Fuzileiros Navais do DF no Programa Segundo Tempo - ME. Brasília: Universidade de Brasília.

PASTORAL DO MENOR. (2005). Disponível em: < <http://www.pastoraldomenor.com.br/apresentacao/quem-somos/> >. Acesso em: 07 de nov. 2016.

ALBERTO, M. F. P. et al. (2011). O trabalho infantil doméstico e o processo de escolarização. Psicologia & Sociedade, v. 23, n. 2, p. 293-302.

SILVA, D. S. (2012). Intersetorialidade, Descentralização e Empreendedorismo na Gestão Pública de Esporte e Lazer no Estado do Espírito Santo. Vitória: UFES-CEFD.

Sousa, E. S. D., et al. (2010). Sistema de monitoramento & avaliação dos programas Esporte e Lazer da Cidade e Segundo Tempo do Ministério do Esporte. Belo Horizonte: O Lutador.

SUGAHARA, C. R.; VERGUEIRO, W. (2010). Aspectos Conceituais e Metodológicos de Redes Sociais e sua Influência no Estudo de Fluxos de Informação. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v.7, n.2, p.102-117.

TUBINO, M. (2010). Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação. Maringá. ed.UEM.

VERONEZ, L. F. C. (2005). Quando o Estado Joga a Favor do Privado: As políticas do esporte após a Constituição Federal de 1988. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

VIANNA, J. A.; LOVISOLO, H. R. (2011). A inclusão social através do esporte: a percepção dos educadores. Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.25, n.2, p.285-96, abr./jun.

FUNDAÇÃO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO SPORT CLUB INTERNACIONAL (FECI) E SEUS PROJETOS SOCIAIS: UMA PARTIDA DE COMPROMISSO COM A RESPONSABILIDADE SOCIAL, ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO SOCIAL

Élida dos Santo

Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional (Brasil)

Drúcila dos Santos Vieira

Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional (Brasil)

Roberta Irigaray Brasil

Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional (Brasil)

Gabriela Macedo

Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional (Brasil)

Ana Maria Froner Bicca

Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional (Brasil)

Resumo

Este artigo tem como objetivo fazer um apanhado, inicialmente, do que tem sido feito, em nível de responsabilidade e impacto social pelas organizações futebolísticas mundiais, bem como, apresentar o trabalho realizado pelo Sport Club Internacional, através da sua Fundação de Educação e Cultura (FECI) e seus projetos sociais: Biblioteca, Educação Integral-Cidade Escola, Interagir e Interabilita, que seguem esta mesma linha de ação social. Dentro disto, especificar o Projeto Interabilita, em que abrange inicialmente três áreas de atuação: Fisioterapia Neurofuncional Pediátrica, Serviço Social e Psicopedagogia. O Interabilita é um trabalho especializado, realizado às crianças e adolescentes Portadores de Deficiência, em que são trabalhados conjuntamente o desenvolvimento neuropsicomotor infantil, a acessibilidade e a inclusão social. Assim, acreditamos que este seja um tripé, ou seja, o princípio fundamental para caminharmos em direção a uma sociedade inclusiva, justa e igualitária.

Palavras-chave: futebol, inclusão social, projeto social.

**Fundación de Educación y Cultura del Sport Club Internacional y sus
proyectos sociales: una partida de responsabilidad social, accesibilidad
e inclusión social, un compromiso con una sociedad igualitaria**

Resumen

Este artículo tiene como objetivo hacer un recogido, inicialmente, de lo que ha sido hecho, a nivel de responsabilidad e impacto social por las organizaciones futbolísticas mundiales, así como, presentar el trabajo realizado por el Sport Club Internacional, a través de su Fundación de Educación y (FECI) y sus proyectos sociales: Biblioteca, Educación Integral-Ciudad Escuela, Interactuar e Interabilita, que siguen esta misma línea de acción social. Dentro de esto, especificar el Proyecto Interabilita, en que abarca inicialmente tres áreas de actuación: Fisioterapia Neurofuncional Pediátrica, Servicio Social y Psicopedagogía. El Interabilita es un trabajo especializado, realizado a los niños y adolescentes portadores de discapacidad, en que se trabaja conjuntamente el desarrollo neuropsicomotor infantil, la accesibilidad y la inclusión social. Así, creemos que este es un trípode, o sea, el principio fundamental para caminar hacia una sociedad inclusiva, justa e igualitaria.

Palabras clave: fútbol, inclusión social, proyecto socialgualitaria.

Foundation of Education and Culture of Sport Club International and their social projects: a match of commitment with social responsibility, accessibility and social inclusion, a commitment with an equality society

Abstract

This article aims to take an initial look at what has been done, in terms of responsibility and social impact by the world soccer play organizations, as well as to present the working carried out by Sport Club Internacional, through its Foundation of Education and Culture (FECI) and their social projects: Library, Integral Education-Cidade Escola, Interagir and Interabilita, which they follow this same line of social action. Within this, we specify the Interabilita Project, which it includes three areas of practice: Pediatric Neurofunctional Physiotherapy, Social Work and Psychopedagogy, initially. Interabilita is a specialized service that carried out Children and Adolescents with Disabilities, which these aspects neuropsychomotor development, accessibility and social inclusion are worked together. Thus, we believe that this tripod is the fundamental principle for moving towards to inclusive, justice and equal society.

Keywords: soccer, social inclusion, social project.

Introdução

Dentro de um contexto histórico, a problemática da “inclusão social” ainda não foi assentada na sociedade. Inicialmente, os portadores de deficiências eram literalmente excluídos da sociedade. Em um segundo momento, esses indivíduos eram segregados da sociedade em instituições de caridade. Já na década de 60, surgiu a fase da “integração social”, onde estas pessoas foram inseridas no contexto de trabalho, educação e lazer. Observou-

se que os portadores de deficiências apenas eram “aceitos”, já que ainda eram vistos como parcialmente capazes de desempenhar funções na sociedade. Atualmente, vivemos numa fase de transição entre “integração social” e a almejada “inclusão social”. De acordo com Sassaki, 1997, a inclusão social refere-se a um processo, onde a sociedade se adapta para poder incluir os portadores de necessidades especiais dentro dos sistemas sociais gerais. De outro lado, estas pessoas se preparam para assumir seus papéis na sociedade e as organizações de esporte tem apresentado um papel relevante, tanto mundialmente, como no Brasil.

RESPONSABILIDADE E IMPACTO SOCIAL DO FUTEBOL MUNDIAL

Nesta visão, a União Europeia de Futebol (UEFA) percebeu que o futebol tem um importante papel social dentro dos países e suas respectivas comunidades, além do aspecto esportivo e competitivo. Assim, a UEFA lançou uma campanha nos anos 2016/2017 de Responsabilidade Social, com o grande objetivo de maximizar o impacto positivo do futebol, promovendo inclusão, diversidade e acessibilidade no futebol (#Equalgame). Através dessa campanha, a UEFA acredita que o futebol possa continuar crescendo e florescendo, ajudando mais pessoas a ter acesso, jogar e se divertir com o futebol (UEFA, 2016). Assim há também, uma grande organização chamada UEFA Foundation for Children, que está comprometida e determinada a cumprir este papel, no ápice da responsabilidade social. Através de seus dirigentes, curadores, e uma diversidade de pessoas, ela participa de variados projetos para comunidade europeia, salvaguardando e promovendo o desenvolvimento das crianças. A UEFA Foundation for Children possui áreas de atuação, nos quais funciona com parceiros envolvidos em ajudar na promoção de saúde e bem-estar das crianças com deficiência; na melhora das condições de vida, dignidade e respeito aos direitos fundamentais das crianças refugiadas; na expressão total do potencial das crianças, através de ações positivas; na promoção do papel educativo e social do esporte para as

crianças; e no apoio aos projetos infantis, fornecendo equipamento e apoio para sua educação.

Nos Estados Unidos, a US Soccer Foundation, serve como o principal braço de caridade do futebol, e está focada na mudança social realizada, através do apoio a programas de desenvolvimento de jovens, baseados neste esporte. Ao concentrar seus programas em comunidades urbanas e carentes, esta organização está comprometida em criar programas seguros e acessíveis que proporcionem resultados de impactos sociais e de saúde. Eles trabalham, desde o seu programa "Passback", que fornece equipamentos de futebol para crianças em todo o mundo, ao programa "Soccer for Success", que em colaboração com organizações baseadas na comunidade, atende crianças em mais de 30 cidades do país, e o "Safe Places to Place", no qual arrumam locais abandonados e transformam em campos de futebol de última geração. US Soccer Foundation ajuda a crescer o futebol, aumentando o seu impacto nas comunidades. É a magnitude do futebol e o seu potencial para ajudar a mudar o mundo fora de ligas profissionais e torneios internacionais (US Soccer Foundation, 2018).

O Streetwise Soccer é também um exemplo de impacto social do futebol, e ele tem como objetivo usar o futebol como uma ferramenta para transformação pessoal e social em escolas e comunidades de "alto risco" em vários municípios da Cidade do Cabo. Assim, eles criaram um programa holístico chamado "COACHING-4-LIFE!". Este programa oferece um trabalho conjunto com os trabalhadores voluntários e treinadores do projeto, usando o futebol como um instrumento para aquisição de foco, motivação e dedicação aos jovens em vulnerabilidade social (Street Wise Soccer, 2016).

Outro exemplo de ação social realizada pelo futebol mundial é o projeto desenvolvido por um menino na Escola Internacional de Genebra (Ecole Internationale de Genève em Genebra, Suíça), na qual cada aluno é obrigado a transformar sua paixão em uma ação ("Change in Action"). Assim, Adam Movahed, de onze anos de idade, criou o "One World Futbols", em que ele arrecada na sua comunidade bolas e uniformes completos de futebol, e após envia para as crianças na Zâmbia (One World Play, 2016).

Entretanto, os clubes de futebol possuem resultados a nível social e em nível de saúde, bem-estar e qualidade de vida que são significativos à população que habita neles. Quanto aos resultados sociais, eles proporcionam um ambiente mais conectado socialmente em todas as faixas etárias; eles são mais úteis para o desenvolvimento de redes sociais; proporcionam maior apoio social dos membros do clube, ajudando estes a desenvolverem habilidades ao tratar com o público, resolver problemas, conflitos, tomar decisões, e lidar com pessoas de diversas origens. Também proporcionam aos indivíduos, particularmente, com idades entre 15 e 24 anos, chances significativamente maiores de garantir emprego, através das redes sociais fornecidas pelo clube. Quanto à imagem dos clubes de futebol em nível de saúde e bem-estar: eles trazem uma ideia de eficácia de saúde e segurança aos jovens; proporciona um nível maior de bem-estar autorreferido, em todas as faixas etárias; quanto aos associados do clube de futebol, eles têm melhores níveis de saúde física e mental na maioria dos grupos; principalmente por pessoas com idade entre 18 e 24 anos.

FUNDAÇÃO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO SPORT CLUB INTERNACIONAL

Nesta mesma ideia hoje muito vigente, a o Sport Club Internacional, foi considerado, em um estudo realizado em 2010, em que foi realizado um artigo para European Association for Sport Manegment Conference 2010 (EASM), o clube que possui todas as credenciais de uma empresa com Responsabilidade Social Corporativa, dentre 52 clubes citados do Brasil, Espanha e Portugal (Campestrini et al, 2010). Um dos itens se destaca por possuir uma Fundação. Assim, a Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional (FECI) é uma organização social não-governamental, sem fins lucrativos, que surgiu como fundação no ano de 1976 por ato do então Presidente Frederico Arnaldo Ballvé, oriundo da união de três departamentos existentes no Clube (o departamento cultural, a biblioteca e o Centro Feminino de Assistência Social), a partir de então atua como entidade autônoma com estatuto próprio e supervisionada pelo Ministério Público. Considerada a mais antiga Fundação

Cultural dos clubes de futebol do Brasil, promove ações de incentivo à educação, cultura e esporte para crianças, adolescentes e suas famílias, consolidando seu trabalho com propostas voltadas para o restabelecimento da cidadania. Tem como missão proporcionar ganhos à comunidade geral sem qualquer discriminação através de projetos sociais, educacionais, culturais e esportivos. Sua visão é ser reconhecida como instituição de referência em ações sociais dentro do terceiro setor. Sua valorização é para o desenvolvimento de ações sociais, educacionais, culturais e esportivas, de qualidade e valorização do nome da instituição. A FECCI tem como Princípios: Ética, Responsabilidade, Perseverança, Flexibilidade, Excelência e Inovação.

Entre seus projetos estão a biblioteca particular, com 82 mil livros de diversos temas, área de estudo e pesquisa, sala multicultural, espaço expositivo, laboratório de informática e auditório com 80 lugares, para eventos (cursos, seminários, workshops, etc.) e os projetos sociais: Projeto de Educação Integral Cidade-Escola, Interagir, e Interabilita (Fundação De Educação E Cultura Do Sport Club Internacional, 2018).

BIBLIOTECA ZEFERINO BRASIL

A Biblioteca Zeferino Brasil do Sport Club Internacional nasceu de um pequeno acervo bibliográfico nos primórdios de 1929. Contudo, sua fundação foi oficializada em 04 de abril de 1944 na gestão do então presidente Sr. Abelard Jacques Noronha tendo como idealizador o Dr. Saul Totta e como paraninfo o historiador e escritor Olyntho Sanmartin. Em 1972 a biblioteca passou ser a primeira biblioteca privada de acesso público e em 23/10/1974, como parte da Divisão Cultural do Sport Club Internacional, foi cadastrada junto ao Conselho Estadual de Cultura. É membro desde agosto de 1991 do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas do Rio Grande do Sul e no ano de 2010 obteve sua inscrição junto ao Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas fornecida pela Fundação da Biblioteca Nacional (Fundação De Educação E Cultura Do Sport Club Internacional, 2018).



PROJETOS SOCIAIS

A FECI está registrada no Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente de Porto Alegre (CMDCA) e no Conselho de Serviço Social de Porto Alegre (CMAS). Alguns projetos sociais desenvolvidos de Responsabilidade Social: Projeto de Educação Integral, Interagir, e Interabilita.

2.1 PROJETO EDUCAÇÃO INTEGRAL CIDADE-ESCOLA

Através da parceria FECI e SMED (Secretaria Municipal de Educação), desenvolve um trabalho de educação em turno integral nas escolas municipais de Porto Alegre, tornando-se referência em educação complementar. Possui conveniamento com 39 escolas, sendo que há 106 educadores contratados, para atender os educandos nas áreas e Formação Pedagógica, Supervisões e Reuniões nas Escolas; Gestão Pedagógica e Administrativa e Financeira. **Público Atendido:** 4.544 (quatro mil e quinhentos e quarenta e quatro) beneficiários.

Local de Atendimento: 39 escolas municipais.



2.2. PROJETO INTERAGIR

O Projeto Interagir atende 204 crianças e adolescentes no turno inverso ao escolar e com certificação de frequência. No turno da manhã são atendidas 75 crianças e adolescentes, e pela tarde são atendidos 129. A faixa etária de 6-11 anos conta, atualmente, com 41 crianças de manhã e 41 na tarde, totalizando 82 crianças. Na faixa etária de 12-14 anos são 27 pelo turno da manhã e 68 no turno da tarde, totalizando 95 crianças e adolescentes. Dos 15-17 anos são atendidos 27 adolescentes no total, sendo 07 pelo turno da manhã e 20 pela tarde. Possui **público atendido de 266** (duzentos e sessenta e seis) beneficiários.



PROJETO INTERABILITA

Compartilhando desta mesma proposta, a Fisioterapia Neurofuncional Pediátrica iniciou suas atividades em setembro de 2009, junto ao Programa

Interagir, pela Fisioterapeuta Élide dos Santos, com um objetivo inicial de estruturar mais um serviço de assistência social especializado e de saúde às crianças portadoras de necessidades especiais, que são mais de 17350 entre crianças e adolescentes somente no Município de Porto Alegre, segundo dados do IBGE, Censo 2010. A principal deficiência, apresentada em todas as faixas etárias é a visual, seguida da deficiência auditiva, nos jovens e nos adultos e idosos, a segunda maior é a motora. O outro intuito foi o de amenizar a demanda de um número grande de crianças que estão nas listas de espera de importantes instituições da capital. Como exemplo disso, temos instituições como a AACD, a Kinder e o Educandário São João Batista, com uma média de 3000 crianças na lista de espera.



2.3.1. Fisioterapia Neurofuncional Pediátrica

Os planos de intervenção em Fisioterapia Neurofuncional, infantil ou adulto trabalham com técnicas baseadas em evidências científicas que constitui no controle dos movimentos pelo Sistema Nervoso Central (SNC) (Bertoldi et al. 2011). O fisioterapeuta que atua nesta área, visa proporcionar ao máximo a independência funcional, através de habilidades motoras, por meios de técnicas e métodos baseado em evidências, que possibilita a realização de movimentos em diferentes tipos de ambientes (Mélo et al. 2017. p.1. Na Fisioterapia neurofuncional infantil, de maneira geral, os exercícios têm como propósito melhorar a funcionalidade, potencializando as capacidades e desempenhos da criança (Mélo et al. 2017. p.53.), acompanhando o desenvolvimento motor compatível com sua idade. Existem

diversos recursos, técnicas e métodos da Fisioterapia Neurofuncional, desde o mais tradicional como a Cinesioterapia, utilizando exercícios com de forma terapêutica, melhorando a função motora, aplicados de acordo com a necessidade de cada indivíduo (Mélo et al. 2017. p.55). A Intervenção precoce também é bastante utilizada, vem a ter como foco a ação direta sobre a criança, com atividades que favorecem seu desenvolvimento motor (Willrich, Azevedo, Fernandes, 2009). Diversos autores ressaltam os benefícios que a intervenção precoce em bebês de risco proporciona , mas para que isso aconteça esta intervenção deve ocorrer logo que os primeiros sinais de atraso no desenvolvimento forem observados, o que resultará em um melhor prognóstico (Pedrazzani, Tudella, Formiga, 2004).O Conceito Neuroevolutivo / Bobath é conceituada como uma das formas mais utilizadas pelos fisioterapeutas, e caracteriza-se em estimulação e facilitação dos movimentos, de maneira a orientar a área lesionada do cérebro a executar as tarefas motoras de maneira mais próxima do desenvolvimento típico (Mélo et al. 2017. p.61).Alguns protocolos de fisioterapia intensiva associada ao uso de órteses dinâmicas em forma de trajes, têm sido indicados neste tipo de tratamento entre eles, o PediaSuit, o TheraSuit, o PinguinSuit, e o AdeliSuit (Mélo et al. 2017. p. 59). As terapias neuromotoras intensivas surgiram da teoria de que a intensidade do treinamento poderia ocasionar maiores ganhos funcionais.(Mélo et al. 2017. p. 58).



2.3.2. Serviço Social

O Serviço Social tem um papel importantíssimo, a fim de analisar, as relações entre Estado, capital e trabalho, no qual é exigido um amplo e profundo conhecimento da teoria, metodologia da sua área, da realidade social, política, econômica e cultural, a fim de que, as políticas construídas para resolver as questões sociais, sejam cumpridas, bem como permite ao Serviço Social criar e desenvolver ações interventivas e transformadoras em conjunto com a população, Estado e às instituições (Aquino; Maciel, 2017). Este trabalho é desenvolvido nos âmbitos de formulação, gestão e execução da política social (Mioto; Nogueira, 2013). Outro trabalho fundamental do Serviço Social é saber agir com todas as características heterogêneas do cotidiano, como a burocracia do Estado, a implementação das políticas sociais e os desvios e dificuldades da “questão social” (Lacerda, 2014). Um exemplo disto é o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), estabelecido pela Lei nº 8069 de 13/07/1990, artigo 11:

§1: A criança e o adolescente portadores de deficiência receberão atendimento especializado.

§2: Incumbe ao poder público fornecer gratuitamente àqueles que necessitarem os medicamentos, próteses e outros recursos relativos ao tratamento, habilitação ou reabilitação.

Assim, o suporte de profissionais do serviço social em instituições de atendimento a portadores de necessidades especiais é imprescindível, quando se visa ao processo de Inclusão Social. A Lei orgânica da Assistência Social (LOAS), nº 8.742, aprovada em 07/12/1993, regula a Política de Assistência Social e inclui como um dos seus beneficiários específicos, a pessoa portadora de deficiência. Estabelece como um dos objetivos da Assistência Social a habilitação e a reabilitação, bem como, a promoção de sua integração à vida social (art. 2º, IV) e implementação do Benefício de Proteção Continuada (BPC). Outro aspecto importante na sua atuação é com relação à acessibilidade, ou seja, é garantir os direitos que todas as pessoas com deficiência tenham acesso aos locais públicos e privados.

2.3.3. Psicopedagogia

A Psicopedagogia atua com o propósito de lidar com os processos de aprendizagem humana e suas dificuldades junto à criança, adolescente, adulto ou instituição, estimulando aprendizagens significativas, de acordo com suas possibilidades. Através da definição de recursos necessários e as atividades a serem desenvolvidas. Segundo Vygostsky e Luria, a deficiência em algum aspecto de aprendizagem cria estímulos para elaborar uma compensação (Milanez, Oliveira; Misquiatti, 2013). De acordo com Relvas (2008), os aspectos anatômicos ou estruturais do Sistema Nervoso central, envolvidos na aprendizagem são importantes para o entendimento do ato de aprender, tanto em condições normais e patológicas, como em interligações neuronais necessárias das células. Assim, a intervenção psicopedagógica é necessária, de forma precoce e requer um trabalho multidisciplinar, com equipe atuando no desenvolvimento da criança ou adolescente, com necessidades educativas especiais, a fim de intervir nos motivos que impedem o sujeito de aprender algo em sentido amplo.

2.3.4. Histórico e Atuação

O Projeto INTERABILITA (Projeto de Fisioterapia Neurofuncional Pediátrica) teve seu início junto ao Projeto social INTERAGIR, desde setembro de 2009, através da Fisioterapeuta Élide dos Santos, a fim de prover mais uma nova oportunidade de serviço às crianças portadoras de necessidades especiais, na cidade de Porto Alegre, devido à demanda de crianças que ficam nas listas de espera de grandes instituições da capital. Desde março de 2011, o projeto INTERABILITA está diretamente vinculado a FECI (Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional). Desde seu início até 2014, este projeto veio sendo desenvolvido pelos profissionais e estagiários de forma voluntária. Hoje atua na busca para mais recursos, a fim de que se implemente a atuação de todos os profissionais de forma remunerada. Em 2018, o Interabilita recebeu a certificação do Conselho Regional de Fisioterapia do Rio Grande do Sul -CREFITO/5.

Assim, o Projeto de Fisioterapia Neurofuncional Pediátrica - INTERABILITA visa fornecer aos portadores de necessidades especiais e suas respectivas famílias, uma atenção multi e interdisciplinar, na prestação de serviços providos de suportes técnicos relativos à Fisioterapia (reabilitação/habilitação das crianças e adolescentes), ao Serviço Social e Psicopedagogia.

Oferecer atendimento de qualidade é nossa missão. Destarte, melhoria no seu desenvolvimento motor, abrangendo a interação com a família, melhoria de sua qualidade de vida, ou seja, promovendo o bem-estar, proporcionando assim, condições de crescimento para o individuo social e participativo.

O INTERABILITA presta uma abordagem qualificada e especializada para disfunções neurológicas, além de promover o bem-estar e melhorar a qualidade de vida dos participantes, bem como a construção da educação de forma participativa e intervencionista e preventiva. Suas atividades, atualmente consistem em avaliação física/funcional, acompanhamento, intervenção, orientação ao cuidador.

Atualmente são assistidas 21 crianças de 1 a 18 anos, com Paralisia Cerebral, Mielomeningocele (UEFA, 2016), Síndrome de Down, Síndrome de West, Portadora de HIV (Street Wise Soccer, 2016), Autismo (One World Play, 2016), Atraso de Desenvolvimento Motor (One World Play, 2015).

Os atendimentos ocorrem todos os dias, de segundas a sextas- feiras das 9 horas às 12horas, e às terças-feiras à tarde, das 13h30min até 18h, no Gigantinho, no 2º andar, junto a Biblioteca da FECCI. Estas crianças são provenientes das Escolas Municipais Especiais (Eliseu Paglioli, Tristão e Lygia Averbuck), da divulgação na revista do oficial do Sport Club Internacional, do serviço no site do Sport Club Internacional e da FECCI, e de encaminhamentos de instituições como AACD e Kinder, provindas do interior do Estado do Rio Grande do Sul.

ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO SOCIAL

Através do Decreto 5.296/2004 que normatiza condições materiais para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida (34). Já a inclusão social é entendida como a participação ativa nos vários grupos de convivência social, é o conjunto de meios e ações que combatem a exclusão aos benefícios da vida em sociedade, provocadas pelas diferenças de classe social, educação, idade, deficiência, gênero (Fernandes; Orrico, 2008). Assim, o Sport Club Internacional, através da reforma do Estádio Beira-Rio, participa destes dois movimentos de acessibilidade e inclusão social. Ele se remodelou e inovou com espaços e equipe de acessibilidade, recebendo pessoas com deficiência, com eventos, como o “Jogo da Acessibilidade”, com a participação de 750 Pessoas com Deficiências (PCDs) convidados de diversas instituições e cidades do Estado do Rio Grande dos Sul; e a participação dos usuários do Interabilita nos jogos e visitas ao Centro de Treinamento.

Conclusão

Portanto, o foco de intervenção para o desenvolvimento dos processos superiores da pessoa com deficiência não é no déficit biológico, mas sim, na aprendizagem sociocultural, no qual, os clubes de futebol estão com este olhar mais atento. Nesta experiência da cultural futebolística e sua visão inclusiva encontram-se os mecanismos importantes para o desenvolvimento de funções motoras e cognitivas, como aquisições motoras, memória lógica, pensamento abstrato. Deve-se lembrar, sempre, que o princípio fundamental da sociedade inclusiva é o de que todas as pessoas portadoras de deficiência devem ter suas necessidades especiais atendidas. É no atendimento das diversidades que se encontra a democracia, e então, sermos intitulados Clube do Povo e Campeão de Tudo.

Referências

- AFL VICTORIA. Disponível em: <<http://www.aflvic.com.au/wp-content/uploads/2015/02/Latrobe-Value-of-a-Community-Football-Club-Final-PDF.pdf>> Acesso em jun. 2018.
- AQUINO M. A. A.; MACIEL F. C. C. (2017). **Direitos Humanos e Cidadania: um Desafio ao Serviço Social**. III Simpósio Brasileiro de Assistentes Sociais.
- BERTOLDI, A. L. S.; ISRAEL, V. L.; LADEWIG, I. (2011). **O Papel da Atenção na Fisioterapia Neurofuncional**. Fisioterapia e Pesquisa, [S.l.], v. 18, n. 2, p. 195-200.
- C.SANT, A. V. (2002). **Desenvolvimento Motor Normal** 3^o. ed. Porto Alegre: Artmed,. cap. 1, p. 13-34.
- CAMPESTRINI, G. R.H et al. (2010). **Análise da Responsabilidade Social Corporativa no Futebol: Comparação Entre Clubes Espanhóis, Portugueses e Brasileiros**. Disponível em: <<https://universidadedofutebol.com.br/analise-da-responsabilidade-social-corporativa-no-futebol-comparacao-entre-clubes-espanhois-portugueses-e-brasileiros/>>. Acesso em: jul.2018.
- COFFITO. Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Disponível em: <https://www.coffito.gov.br>, Acesso em: 14 jul. 2018.
- EFL Trust Futsal. Disponível em: < <https://www.efltrust.com/1-1-million-project-launched-disability-football/>> Acesso em mai.2018
- FERNANDES, E; M;; ORRICO, H.F. (2008). **Acessibilidade e Inclusão Social**. Descubra. Rio de Janeiro.
- FUNDAÇÃO DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO SPORT CLUB INTERNACIONAL. Disponível em: < <http://feci.org.br/site/>> Acesso em abr. 2018.
- GOVERNO FEDERAL: Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm. Acesso em jun. 2018.
- LACERDA L. E. P. (2014). **Exercício Profissional do Assistente Social: da Imediaticidade as Possibilidades Históricas** Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 117, p. 22-44, jan./mar.
- LURIA, A. R. (1981). **Fundamentos de Neuropsicologia**. Editora da Universidade de São Paulo.
- MACIEL, M. R. C. (2000). **Portador de Deficiência. A Questão da Inclusão Social**. São Paulo Perspec. vol.14 no.2 São Paulo Apr./June.
- MADASHI, V.; PAULA, S. C. (2011). **Medidas de Avaliação do Desenvolvimento Infantil: Uma Revisão da Literatura nos Últimos Cinco Anos**. Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, São Paulo, v.11, n.1, p. 52-56.
- MÉLO; R. T. et al. (2017). **Fisioterapia Neurofuncional: Atualização de Intervenções na Infância**. 1. ed. Curitiba, PR: Omnipax, cap. 5.

MILANEZ, S. G. C.; OLIVEIRA, A. U. S.; MISQUITTI, O. (2013). **Atendimento Educacional Especializado para Alunos com Deficiência Intelectual e Transtornos Globais de Desenvolvimento.**

MIOTO, R. C. T. (2013). **Política Social e Serviço Social. Os Desafios da Intervenção Profissional.** R. Katál., Florianópolis, v. 16, n. esp., p. 61-71.

OLIVEIRA, S. M. S.; ALMEIDA, C. S.; VALENTINI, N. C. (2012). **Programa de Fisioterapia Aplicada no Desenvolvimento Motor de Bebês Saudáveis em Ambiente Familiar.** Rev. Educ. Fís/UEM, v. 23, n. 1, p. 25-35.

ONE WORLD PLAY. Disponível em: <<https://www.oneworldplayproject.com/our-social-impact/simple-service-project-idea-students-raising-soccer-balls-zambia/>> Acesso em: mai. 2018.

PEDRAZZANI; E. TUDELLA; E. FORMIGA; R. M. K. C. (2004). **Desenvolvimento Motor de Lactentes Pré-termo Participantes de um Programa de Intervenção Fisioterapêutica Precoce.** Goiânia Rev. bras. fisioter. v. 8, n. 3, p. 239-245.

PORTELLA, F. O.; CARDOSO M. (2009). **Psicopedagogia: Aprendizagem e Interdisciplinaridade.** Redes Editora. Porto Alegre.

RELVAS, M. P. (2008). **Neurociência e Transtornos de Aprendizagem: As Múltiplas Eficiências para uma Educação Inclusiva.** Wlak Editora.

STREET WISE SOCCER. Disponível em: <<http://you2africa.com/streetwise-soccer/>> Acesso em mai. 2018.

SANTOS, D. C. C. (2001) **Desenvolvimento Motor Durante o Primeiro Ano de Vida : Uma Comparação Entre um Grupo de Lactentes Brasileiros e Americanos. Campinas. Tese de Doutorado** (Título de Doutor em Ciências Médicas) Área de Ciências Biomédicas. Universidade Estadual de Campinas. Desenvolvimento da Criança: família, escola e saúde.

STOBAUS, C. D.; MOSQUERA, J. J. M. (2004). **Educação Especial: em Direção à Educação Inclusiva.** 2ª Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS.

TECKLIN, J. S. (2002). **Fisioterapia Pediátrica.** In: Goldberg; Ed Artmed.

UEFA FOOTBALL AND SOCIAL RESPONSIBILITY. Report 2016/17. Disponível em: <https://www.uefa.com/MultimediaFiles/Download/uefaorg/General/02/55/80/23/2558023_DOWNLOAD.pdf> Acesso em Jun. 2018.

UEFA FOUNDATION FOR SOCCER. Activity report 2015/16. Disponível em: <https://www.uefa.com/MultimediaFiles/Download/uefaorg/General/02/43/12/28/2431228_DOWNLOAD.pdf> Acesso em jun. 2018.

US SOCCER FOUNDATION. Disponível em: <<https://ussoccerfoundation.org/>> Acesso em jun. 2018.

WILLRICH; A. AZEVEDO; F. C. C. FERNANDES; O. J. (2008). **Desenvolvimento Motor na Infância: Influência dos Fatores de Risco e Programas de Intervenção.** Revista Neurociências, Porto Alegre.

VILLAS BOAS, B. M. F. (2004). **Portfólio, Avaliação e Trabalho Pedagógico.** Editora Papyrus.

A INCLUSÃO SOCIAL NA PERCEPÇÃO DE GESTORES MUNICIPAIS DE ESPORTE E LAZER

Marco Aurélio Gonçalves Nóbrega dos Santo
Faculdade Estácio (Brasil)

Resumo

Em 2011, o Decreto Lei n. 7529/11 criou a Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social (SNELIS), cujo objetivo foi implantar as diretrizes relativas ao Plano Nacional de Esporte (PNE). A PNE tem entre seus objetivos a democratização e acesso ao esporte; a descentralização das políticas públicas; o fomento ao esporte educacional e de participação; e o desenvolvimento de talentos esportivos (Brasil, 2005). Como princípios e diretrizes que regem sua política, destacamos a universalização e a inclusão do acesso e a promoção da inclusão social. Visando contribuir com as discussões no contexto da gestão do esporte frente as políticas públicas do esporte brasileiro, o objetivo desse estudo foi analisar a percepção de gestores municipais de esporte e lazer no que se refere a inclusão social e o esporte. Nossa pesquisa foi desenvolvida na abordagem qualitativa e descritiva, tendo como base de dados a entrevista semiestruturada. Os dados foram tratados a partir da análise de conteúdo (Bardin, 2011). Os resultados revelaram que dos 12 gestores entrevistados, 09 destacaram que a inclusão social é o principal objetivo frente ao esporte municipal, que essa questão da inclusão deve ser trabalhada nos projetos sociais, que o esporte deve ser aprendido de modo geral contribuindo para o desenvolvimento como um todo. O esporte é uma ferramenta importante, de maneira quase que consensual, serve para tirar as crianças da rua; traz contribuições nas quais as ações, projetos e programas desenvolvidos servem para promover e melhorar a saúde das pessoas bem como elevar a qualidade de vida e ainda que o esporte tem papel importante no aspecto psicossocial de crianças e adolescentes principalmente na prevenção e no combate às drogas. Porém, a compreensão

de inclusão social nos revela uma concepção bastante confusa e, de certa forma, reducionista, passando a ideia de que ela está ligada somente ao papel de incluir as pessoas, principalmente as mais necessitadas, carentes ou aquelas que se encontram em situação de vulnerabilidade social ou situação de risco, mais especificamente as crianças que estão na rua. Nesse contexto, ainda surge a questão da acessibilidade que não se refere apenas à questão historicamente ligada ao atendimento de prioritário às pessoas portadoras de deficiência ou mobilidade reduzida, mas na perspectiva da participação do cidadão em ações, projetos e programas garantidos como direito. Evidenciamos na fala dos gestores que quando se referiram a inclusão social ela está praticamente voltada toda para as crianças e jovens de maneira mais enfática, mais direcionada, desconsiderando os demais membros da sociedade como adultos, idosos, pessoas com deficiência físicas. Isso leva à uma compreensão que a maior atenção e enfoque para se trabalhar o esporte pelos gestores se refere a essa parte específica e de certa forma limitada da população. Compreendemos que aprender o esporte é vivenciar a prática esportiva, realizar e participar de atividades esportivas que direcionem os aspectos de socialização, cooperação, sem ser seletivo, excludente. Ele deve ser oportunizado a todos que gostem ou procurem a prática esportiva sem distinção de raça, gênero, sexo, religião e condição física.

Palavras-chave: esporte; inclusão social; gestão do esporte.

Referências

BRASIL. (2005). Ministério do Esporte. **Resolução nº 5, de 14 de junho de 2005**. Aprova a Política Nacional do Esporte. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, p. 128-132.

BARDIN, L. (2011). **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70.

NOTAS SOCIOANTROPOLÓGICAS SOBRE MINORIAS NO ESPORTE

Wagner Xavier Camargo

Universidade Federal de São Carlos

Resumo

Tempos atuais têm deflagrado certas inconsistências em relação à vida em sociedade, pelo menos na tecnológica e sofisticada sociedade Ocidental contemporânea. Grassam, notavelmente, ondas de conservadorismo político, racismo e xenofobia generalizados, misoginia e machismo sobre mulheres, homofobia e transfobia contra sujeitos LGBTQ+ (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e demais) e, sobretudo, capacitismo oculto em relação a pessoas com deficiência. A favor dessas posturas quase irracionais estão aqueles que acusam o mundo de estar assim devido às “minorias sociais e sexuais”. Este texto pretende tecer notas críticas sobre tais argumentos instituídos no campo esportivo. Nunca se viu e ouviu tanto sobre ofensas contra jogadores negros de futebol, principalmente os que jogam em países ricos de maioria branca do hemisfério Norte. Além disso, mulheres atletas são descreditadas das arenas esportivas por serem consideradas “naturalmente” (entenda-se fisiologicamente) despreparadas, e para as quais implementos devem ser adaptados; na comparação com seus “concorrentes” homens (em geral, musculosos e testosteronados), elas são consideradas, ainda, o “sexo frágil”. Ao lado do racismo e da misoginia, o machismo reina absoluto. É o que sujeitos LGBTQ+ experimentam, literalmente, na carne quando sofrem agressões verbais, físicas e psicológicas - e quando têm suas vidas ceifadas em nome do ódio ao corpo (sexualmente) divergente. Nem movimentos de homens gays no futebol, nem campeonatos esportivos específicos contra-atacam tais posturas e discursos. O “gayzinho”, a “machorra” e “o travesti” ainda figuram como estereótipos de gênero no esporte e são empecilhos no caminho da sociedade de base heteronormativa. E na penumbra dos

preconceitos instituídos repousa o invisível que nem os mais astutos se atentam: o capacitismo! Pessoas com deficiência “devem” se inserir, “devem” praticar esporte para mostrar ao mundo que também “podem” ser diferentes, distintas e “úteis” para a sociedade capitalista. O capacitismo é tão articulado que, frente às mazelas corporais e sociais das pessoas com deficiência, acaba se revestindo de discurso salvacionista. No entanto, cabem especulações de cunho socioantropológico: todos esses grupos conformam-se como “minorias no esporte”? Se sim, eles apenas existem ou resistem? O que os qualifica como “minorias” se, em tomados todos juntos, possivelmente ultrapassam em número o tido como grupo hegemônico? O intuito do presente texto é considerar situações reais, oriundas de etnografias e vivências no campo esportivo, para justamente tecer ponderações críticas a partir dos “outros minoritários” no esporte, principalmente mulheres, negros, sujeitos LGBTQ+ e pessoas com deficiência.

Palavras-chave: alteridade no esporte; minorias sociais e sexuais; antropologia; sociologia

CEFAN ROMPENDO O TEMPO COMO MODELO NO ATENDIMENTO AS CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM VULNERABILIDADE SOCIAL: “COLÔNIA DE FÉRIAS” E “PROGRAMA FORÇAS NO ESPORTE”

Erik Bueno de Avila

Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes (Brasil)

Universidade Salgado de Oliveira (Brasil)

Fernanda dos Santos Guedes Labouriau

Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes (Brasil)

Universidade Santa Úrsula (Brasil)

Resumo

Este trabalho tem por objetivo, demonstrar, mesmo que em épocas distintas, a continuidade das ações sociais positivas voltadas para apoio do desporto e da inclusão social de crianças e adolescentes, na cidade do Rio de Janeiro, bairro da Penha e adjacências, razões pelas quais o Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes - CEFAN foi idealizado e constituído. A pesquisa é baseada em um estudo de caso, com observação *in loco* e análise documental e bibliográfica dos registros e do acervo documental do próprio Centro. Verificamos, portanto que, com o passar dos anos, o CEFAN continuou mantendo as ações de atenção e inclusão social as crianças em condições de vulnerabilidade social com o atendimento nas áreas do desporto, lazer, cidadania e educação, por vezes, em programas e projetos distintos, mas sem perder a essência para qual foi criado. O CEFAN surgiu com dois propósitos básicos, o de abrigar a nova Escola de Educação Física da Marinha, com missão de formar militares em educação física, e, segundo, para receber nas novas instalações, crianças das escolas públicas, servindo como espaço para a educação física escolar. O nascedouro das atividades de atendimento as crianças e adolescentes dentro do Centro estão relacionadas às antigas “Colônias de Férias” realizadas anualmente com a presença das crianças dos militares que serviam aos quartéis do entorno do CEFAN e principalmente às

crianças das escolas públicas. Além das atividades físicas, desportivas e recreativas eram dadas lições de civismo e cidadania, servindo-se ao término das atividades, lanches a todos os presentes, tudo de forma lúdica e prazerosa. O Programa Forças no Esporte - PROFESP é uma vertente do Programa Segundo Tempo - PST, desenvolvido pelo Ministério do Esporte, em sua vertente “militar”, com o apoio de outras entidades, Ministério da Defesa, com o apoio das Forças Singulares, em parceria com o Ministério do Desenvolvimento Social e a Secretaria Nacional de Juventude. O PROFESP/CEFAN reascendeu a “chama” do propósito da existência do CEFAN, no atendimento prioritário às crianças localizadas no entorno de suas instalações, em especial, aquelas em vulnerabilidade social, prestando atendimento no contra turno escolar. O programa democratiza o acesso à prática e à cultura do esporte e promove o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes, oferecendo atividades esportivas educacionais e lazer. Oferece também uma alimentação saudável e de qualidade, reforço escolar, ações cívico-sociais, palestras e campanhas educativas, orientações de civismo, de cidadania e desenvolvimento de habilidades profissionais. O que difere de outros tempos dos atuais é que, atualmente se valoriza e incentiva também a prática e a evolução desportiva, como forma de incentivos àqueles que querem seguir profissionalmente como atletas de alto rendimento. Não obriga o presente trabalho a enaltecer determinado projeto, mas sim, expor as verdadeiras razões pelas quais o Centro foi criado, como, dar ensino de excelência aos seus militares nas áreas de educação física social indispensável às crianças do entorno do CEFAN, sem dissociar ensino prioritário e comprometimento dos militares que aqui servem no atendimento das demandas sociais da sociedade atual, com altíssima qualidade técnica e profissional.

Palavras-Chave: PROFESP; CEFAN; Marinha do Brasil; Colônia de Férias.

IMPLEMENTAÇÃO DA GINÁSTICA PARA TODOS EM ONGS: A TUTORIA COMO ESTRATÉGIA PARA AS ADEQUAÇÕES A DIFERENTES CONTEXTOS SOCIAIS

Bianca Assumpção

Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

Eliana de Toledo

Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

Resumo

Com o aumento dos projetos sociais esportivos em todo o país nos últimos tempos (Melo, 2004; Barbirato, 2005), aumenta também a crença no potencial do esporte e da atividade física como meio de educação, cultura e desenvolvimento humano. A ginástica, por sua vez, mesmo com sua diversidade de áreas, tipos e contextos, parece estar ainda pouco presente como uma possibilidade de prática nesse setor (Assumpção; Toledo, 2017). Assim, este trabalho consiste num relato de experiência, que faz parte de uma pesquisa em nível de mestrado, que abordará uma intervenção com ginástica para todos (GPT) numa Organização Não Governamental (ONG) da periferia da cidade de São Paulo, tendo como objetivo destacar o papel da tutoria (presencial e virtual) como estratégia de formação profissional e de adequação da proposta ao contexto social da ONG em questão. A intervenção ocorreu de Agosto à Dezembro de 2017, e foi estruturada nas seguintes fases: *1 - Curso de capacitação em GPT*: direcionado aos educadores que atuam na ONG, a fim de propiciá-los subsídios teóricos/práticos para a implementação desta prática em sua entidade, com a participação de 6 educadores pertencentes à dois serviços diferentes da ONG Social Bom Jesus (CCINTER Clube da turma e CCINTER Imbé); *2 - Implementação da GPT nas ONGs e Tutoria*: Foi iniciada a implementação da prática nas turmas criadas para esta experiência, sendo que cada educador elaborou e organizou seus conteúdos a partir das características da sua turma. Durante toda a implementação, os educadores

contaram com a tutoria presencial e online (via e-mail e *WhatsApp*) por parte da pesquisadora principal; *(FASE 3) Participação num festival de GPT*: Como fechamento do curso e implementação da GPT, as turmas participaram do Festival de Ginástica para Todos do SESC Bom Retiro, em Dezembro de 2017. Identificou-se que a tutoria, seja ela online ou presencial, se deu desde o primeiro dia de curso por meio de conversas individuais e coletivas no aplicativo *WhatsApp*, ferramenta essa ágil e acessível, que possibilitou diálogos constantes e funcionou como uma rede de suporte entre os professores, tanto para discussão e trocas durante o realização do curso, quanto para se capacitarem e se inspirarem para o prosseguimento do projeto em suas entidades após a finalização do curso, pensando na importância da formação continuada. Perspectivou-se também uma tutoria presencial, para poder colaborar de forma mais efetiva, inclusive trazendo análises e propostas para o desenvolvimento do trabalho coreográfico - característica presente na prática de GPT - pela pouca experiência dos educadores na área da ginástica. Concluímos que a tutoria foi fundamental para a efetivação do processo de implementação da GPT nas ONGs, uma vez que por meio dela foi possível atender às diferentes características históricas e sociais dos educadores, assim como, de suas organizações e dos alunos. De maneira geral, a tutoria se deu como um processo essencial para o empoderamento dos participantes, especialmente por se ater a um olhar para o mundo social e suas diferentes relações.

Palavras chave: ginástica geral; terceiro setor; formação profissional.

Referências:

ASSUMPÇÃO, B.; TOLEDO, E. (2017). A ginástica no terceiro setor: um estudo de caso da REMS (Rede Esporte pela Mudança Social). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 31, p. 29-40.

BARBIRATO, F. R. (2005). **A socialização no contexto de projetos esportivos: um estudo de caso na Fundação Gol de Letra**. Dissertação de Mestrado em Educação. Niterói, Universidade Federal Fluminense.

MELO, M. (2004). Lazer, esporte e cidadania: debatendo a nova moda do momento. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 105-122.

RUÍDOS DE UM CORPO DANÇANTE NO SILÊNCIO DO CÁRCERE

Sonia Chaves Haracemiv

Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Mariáh Marques Cardoso

Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Izabel Cristina Liviski

Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Resumo

O corpo humano é constituído por diferentes partes, cada uma carrega recordações de memórias vividas, que vão deixando marcas através de sensações que são relembradas repetidas vezes. Este resumo está baseado em uma pesquisa de natureza qualitativa, caracterizado pelo tipo etnográfico que se insere na categoria de pesquisa-ação que está sendo realizado com um grupo de internas no Presídio Central do Estado do Paraná, no Brasil. São mulheres em privação de liberdade que apresentam trajetórias de vida de vulnerabilidade social e violação dos direitos humanos que continuam sendo vivenciadas no cotidiano dos presídios femininos. A rotina dentro do cárcere acentua as desigualdades pelas quais a mulheres já vivem em uma sociedade patriarcal, na qual há o contínuo exercício de controle dos corpos femininos. Dentre os fatores que podem influenciar negativamente essas desigualdades, está falta de espaços físicos e espaço-temporal destinados ao convívio e compartilhamento de experiências. Tal configuração impede que as detentas ressignifiquem suas trajetórias pessoais. Como também, contribuem para a perda de autonomia e corte dos laços afetivos extramuros, promovendo a “[...] violência e a despersonalização dos indivíduos” (Onofre, 2014, citado por Souza, 2015: 108). Diante do silêncio, aprisionamento e controles impostos, os movimentos e esforços criativos são limitados, causando desarmonia

corporal, impossibilitando-as de estarem em si e também em relação ao outro (Rennó, 2017). Segundo Souza (2012), os movimentos conscientes ou não, trazem uma série de significados que surgem a partir das vivências individuais de cada indivíduo que são exteriorizadas e expressadas através da linguagem do corpo, e quando “ esta linguagem é compreendida, compreende-se também o corpo; analisando-se o que emana do corpo, percebe-se o que o indivíduo tem a dizer (comunicar) para seus semelhantes” (p.2). No entanto, esses corpos femininos de maneira inquieta, necessitam diluir e deslocar fronteiras com o auxílio da dança, que nesse contexto serve como meio de comunicação e interação entre seus pares. Por meio do ensino da Dança Tribal pretende-se responder a uma problematização de como as mulheres encarceradas expressam as marcas da violência sofridas em suas trajetórias de vida, e da violência simbólica ou não presentemente em seu locus prisional, cujas marcas estão em seus corpos. Utilizando-se de algumas ferramentas teóricas como o conceito de habitus, pretende-se perceber e analisar as relações estabelecidas entre os atores sociais e o meio repressivo em que se encontram. Ao mesmo tempo se busca proporcionar o despertar do sensível e a reeducação desses corpos encarcerados, que podem ser resgatados pelo conhecimento e desenvolvimento estético promovido pela prática da dança. Portanto, esse projeto de pesquisa busca através da prática Dança Tribal, dentro do sistema penitenciário feminino, levar as apenadas a terem maior compreensão não apenas das suas capacidades físicas, mas também como da imagem que fazem de si, quer diante de seus semelhantes, como também à frente de um mundo no qual o corpo tem cada vez menos a necessidade de movimentar-se e de situar-se como um meio de expressão (Souza, 2012). Dando voz às linguagens de corpos que foram silenciados atrás de grades e muros.

Palavras-chave: dança tribal, representações, corpo encarcerado, habitus.

Referências:

RENNÓ, E. (2017). Coreoterapia: terapia com dança. PR – Curitiba: CRMV.

SOUZA, M. N. A. J. (2015). Entre grades e trancas: o currículo da educação de jovens e adultos no conjunto penal de Eunápolis-BA. Dissertação de Mestrado em Educação De Jovens e Adultos - MPEJA. Salvador, UNEB.

SOUZA, J. (2012). A dança como possibilidade de ação educativa libertadora. Anais IX ANPED SUL Seminário de Pesquisa Em Educação Da. Região Sul: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.

A 'CAPOEIRA' COMO FORMA DE EMPODERAMENTO FEMININO NA PRISÃO.

Izabel Cristina Liviski

Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Sonia Chaves Haracemiv

Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Vanisse Simone Alves Corrêa

Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Resumo

Este artigo trata de uma pesquisa de campo sobre a maneira pela qual mulheres privadas de liberdade usam a Capoeira como espaço de lazer, ao mesmo tempo em que se apropriam dessa forma de luta/esporte tipicamente brasileiro como forma de afirmar sua identidade, e resiliência à hostilidade e repressão no ambiente prisional, nas quais elas estão inseridas. A prática da Capoeira no Brasil tem um desenvolvimento histórico ligada aos escravos negros no final do século XVIII, nos estados do Rio de Janeiro e da Bahia, no período conhecido como Brasil Colonial, uma prática em que as mulheres tinham pouco espaço. A inserção atual das mulheres nessa modalidade esportiva tem importantes significados e se aproxima de suas origens, pois a capoeira surgiu como uma forma de resistência à escravidão e como afirmação da masculinidade dos africanos e de seus descendentes. Esta pesquisa, realizada no Complexo Penal de Piraquara, no Paraná, trata da dualidade presente na Capoeira entre mulheres presidiárias: como um movimento com profundas implicações sociais e também de lazer na perspectiva apontada pela teoria figurativa de Norbert Elias e Eric Dunning.

Palavras-chave: capoeira; prisão; identidade; teoria figurativa.

RETOS Y SENTIDOS DEL DEPORTE SOCIAL EN COLOMBIA

Juan Carlos Ibarra Rodríguez

Universidad Pedagógica Nacional (Colombia)

Resumen

Colombia es hoy un país con graves retos sociales, políticos y culturales, fundamentalmente los que le imponen la coyuntura de consolidar la paz y la reconciliación como Ethos o regresar a la época de violencia a la que la quieren someter sectores oscuros de la vida política. En este sentido, ningún estamento de la sociedad está exento de pronunciarse frente a la tensión que surge con el triunfo este año de las elecciones presidenciales y parlamentarias por parte de estos últimos sectores. El deporte como hecho educativo, social, cultural, económico y político; que por su configuración y naturaleza, por el papel preponderante y el reconocimiento que adquiere cada día producto de la difusión a través de los medios de comunicación, se puede convertir en una estrategia que incida, en la transformación y configuración de nuevos imaginarios sobre la cultura o por el contrario convertirse en un elemento utilizado con fines de distracción, estrictamente económicos o de anomia social. En ese sentido hoy se necesita un deporte que cuestione a profundidad los sentidos y fundamentos de orden ontológico y epistémico sobre los que se han construido sus representaciones en Colombia; si en verdad se quiere convertir en un elemento que aporte a construir una nación moderna, un proyecto aún sin terminar de construir. En virtud de lo anterior se requiere de un deporte que responda a la mercantilización con una solidaridad construida con referentes ontológicos para la creación no centrados en la racionalidad y el capital y sí en los seres humanos, sujetos y ciudadanos. Este texto se construye sobre conceptos de autores como Jean Luc Nancy, R. Thomas A. Huamont, J.L. Levet, Cornelius Castoriadis, José Miguel Marinas y Jacques Ranciere. Se busca construir experiencias desde deportes convencionales y no-convencionales. Se exploran metodologías pertinentes en las que a partir

del contacto directo con diferentes realidades, grupos poblacionales, contextos sociales, culturales urbanos, rurales que sean abordables desde la pedagogía y la ética para resignificar sentidos como la competencia, el otro, la convivencia, la participación, la construcción de la democracia y la paz. Esta tarea hace parte del proceso de formación de profesores de deporte del énfasis social, se asume que la función del deporte es de naturaleza crítica y humanística, su compromiso es, en la medida de lo posible, dar respuesta a problemas sociales relevantes en estrecho vínculo con otros sectores. En este proceso se han realizado una serie de experiencias deportivas con grupos de personas mayores, población penitenciaria y carcelaria así como con jóvenes de zonas periféricas en Bogotá, con este último grupo se está construyendo el concepto de “Escuelas Pedagógicas del Deporte” como alternativa a las tradicionales “Escuelas de formación deportiva”, en todas las experiencias se han evidenciado las posibilidades del deporte como factor de construcción social y comunitaria.

Palabras clave: deporte social, convivencia, ontología, creación, sujeto y democracia.

ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO INTERDISCIPLINAR EM PROJETOS SOCIAIS QUE UTILIZAM ESPORTE E CULTURA COMO MEIO PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO

Letícia Molina Rodrigues

Associação Pró-Esporte e Cultura (Brasil)

Livia Mariussi Redigolo

Associação Pró-Esporte e Cultura (Brasil)

Marina de Almeida Borges

Associação Pró-Esporte e Cultura (Brasil)

Ricardo Marinho de Mello de Picoli

Universidade de São Paulo (Brasil)

Rodrigo Lourenço Salomão

Associação Pró-Esporte e Cultura (Brasil)

Victor Cavallari Souza

Universidade de São Paulo (Brasil)

Resumo

Nas últimas duas décadas nota-se um aumento do número de iniciativas e projetos sociais que trazem manifestações como o esporte e práticas culturais como meio de desenvolvimento humano e social. Essas ações, majoritariamente, são viabilizadas através de políticas públicas voltadas às garantias de direitos e que incidem em áreas como a saúde, educação e assistência social. Uma grande dificuldade encontrada tanto em entidades que executam esses projetos quanto das agências de fomento é a sistematização de metodologias e a seleção de indicadores que medem o impacto dessas iniciativas. Para tanto, se faz necessário um trabalho interdisciplinar para obter melhores ferramentas de intervenção e monitoramento dos resultados. O objetivo do trabalho é apresentar as estratégias do método desenvolvido para os projetos que utilizam diversos esportes e a dança como meio para o desenvolvimento humano. Os participantes dos projetos sociais são crianças e

adolescentes de 7 a 14 anos matriculados na rede pública de ensino. Estes projetos são financiados por leis de incentivo nas áreas de esporte e cultura. O método foi elaborado por uma equipe interdisciplinar contendo assistentes sociais, psicólogos(as) e profissionais de educação física que se pautaram nas concepções de cooperação, solidariedade e respeito. A avaliação do método é feita mensalmente pelos professores(as) e bimestralmente pelos alunos(as) de forma qualitativa. Os(as) professores(as) são instruídos(as) a incorporar elementos análogos às vivências socioculturais dos(as) participantes para que a aprendizagem se torne mais efetiva. A fase cronológica e o nível de desenvolvimento motor dos(as) alunos(as) é de fundamental percepção, uma vez que, a aprendizagem para ser concreta precisa da associação a conteúdos já existentes. A aula é pautada em três momentos: o primeiro é a explicação de todo o percurso da aula; o segundo consiste na aula propriamente dita, criada e adaptada pelo(a) professor(a); e no terceiro acontece a reflexão e avaliação sobre os conteúdos aprendidos. Na avaliação dos(as) professores(as), o primeiro e o terceiro momentos são de extrema importância, já que informar os(as) alunos(as) sobre o que será a aula faz com que eles(as) se engajem em cada tarefa, estejam preparados(as) para o decorrer das atividades e apontem possíveis dúvidas sobre os momentos da aula. O terceiro momento tornou-se ainda mais relevante por estimular a reflexão, os(as) alunos(as) se sentem respeitados(as) e incluídos(as) no processo, afinal são eles(as) o alvo da mudança social proposta. Dessa forma, acolher e estimular cada relato, mostrar interesse, dar importância é papel fundamental do(a) professor(a). Este método proporciona indicadores qualitativos nos quesitos respeito, cooperação e solidariedade, além de proporcionar o conhecimento da rede de apoio dos alunos(as) nos momentos de avaliações. Mais do que treinar e desenvolver habilidades motoras e técnicas, a principal tarefa dos projetos sociais é desenvolver a capacidade de resolução de conflitos, promoção de autonomia e criatividade, e isto só é possível ao associarmos esporte e a dança a metodologias que interajam com o meio social vivenciado pelos(as) alunos(as), compreendendo suas dimensões

psicossociais como parte fundamental de suas construções enquanto indivíduos.

Palavra-chaves: Esporte educacional; Práticas culturais; Projetos Sociais; Desenvolvimento Humano; Intervenção Interdisciplinar.

EIXO TEMÁTICO 8: ESPORTE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

ASPECTOS DAS ARTES MARCIAIS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: ALÉM DA LUTA

Vinicius Gomes Oliveira

Universidade de São Paulo (Brasil)

Rafael Orlandini Perrotta

Universidade de São Paulo (Brasil)

Resumo

Este artigo pretende investigar como as artes marciais influenciam positivamente no contexto sociocultural dos praticantes com deficiência, ressaltando as melhorias das capacidades físicas e mentais, abordando a filosofia da luta no sentido visão de mundo, através das formas de agir experimentadas pelas práticas. Arte marcial é um fenômeno que vai muito além do conceito de esporte, filosofia de vida, ou prática de defesa pessoal. Mescla conceitos religiosos, esportivos, educacionais, trazendo ao praticante uma visão de mundo integrada com a maneira oriental de se portar na sociedade. O trabalho apresenta uma revisão bibliográfica que estuda os benefícios das artes marciais orientais, seus ensinamentos e filosofias, para portadores de deficiência. O principal aspecto abordado foi a inclusão sociocultural desses indivíduos dentro do âmbito marcial e a prática como promoção da saúde tanto física, quanto mental e espiritual. Revela-se ao longo do texto significativa relação dos aspectos supracitados na melhoria da qualidade de vida dos indivíduos analisados, em que as artes marciais orientais são alternativas de metodologias para o público portador de deficiência, apesar ainda dos escassos profissionais atuando na área. A importância de um ídolo, alguém de referência em quem se espelhar e seguir, é importante para pessoas que buscam no esporte uma alternativa benéfica para melhora da qualidade de vida. Sendo do alto rendimento ou não, o exemplo de vida estimula e influencia positivamente o comportamento das pessoas ao redor deste círculo de contatos. Especificamente, para portadores de deficiência, é uma ferramenta poderosa para provar que os limites do ser humano muitas vezes são os que cada um escolhe para si, independente de adaptações físicas que são imputáveis pelas ocasiões da vida. Ao final, empreende-se que essas premissas ditas sobre o que a arte marcial oriental possui, tende a ser uma boa ferramenta de auxílio para pessoas com deficiência. Colocando em destaque a questão de superação que elas

possibilitam ao praticante de realizar, assim, trazendo conceitos de vida que não só seriam aplicadas dentro da prática, mas na vida do indivíduo. Como demonstrado, as artes marciais são um importante campo para melhoria de saúde e qualidade de vida para seus praticantes, não importando idade, condição social, valências físicas ou intelectuais. Apesar da falta de metodologias específicas atuais, há um universo a ser explorado e um público que demanda grande atendimento.

Palavras-chave: artes marciais, deficiência e atividade física, filosofia das lutas.

Aspectos de las artes marciales para las personas con discapacidad: además de la lucha

Resumen

Este artículo pretende investigar cómo las artes marciales influyen positivamente en el contexto sociocultural de los practicantes con discapacidad, resaltando las mejoras de las capacidades físicas y mentales, abordando la filosofía de la lucha en el sentido de visión del mundo, a través de las formas de actuar experimentadas por las prácticas. El arte marcial es un fenómeno que va mucho más allá del concepto de deporte, filosofía de vida, o práctica de defensa personal. Combina conceptos religiosos, deportivos, educativos, trayendo al practicante una visión de mundo integrada con la manera oriental de portarse en la sociedad. El trabajo presenta una revisión bibliográfica que estudia los beneficios de las artes marciales orientales, sus enseñanzas y filosofías, para portadores de discapacidad. El principal aspecto abordado fue la inclusión sociocultural de esos individuos dentro del ámbito marcial y la práctica como promoción de la salud tanto física, como mental y espiritual. Se revela a lo largo del texto significativa relación de los aspectos arriba citados en la mejora de la calidad de vida de los individuos analizados, en que las artes marciales orientales son alternativas de metodologías para el público portador de deficiencia, a pesar de los escasos profesionales actuando en el área. La importancia de un ídolo, alguien de referencia en quien se refleje y siga, es importante para personas que buscan en el deporte una alternativa beneficiosa para mejorar la calidad de vida. Siendo del alto rendimiento o no, el ejemplo de vida estimula e influye positivamente en el comportamiento de las personas alrededor de este círculo de contactos. Específicamente, para los portadores de deficiencia, es una herramienta poderosa para probar que los límites del ser humano a menudo son los que cada uno escoge para sí, independientemente de las adaptaciones físicas que son imputables por las ocasiones de la vida. Al final, se emprende que esas premisas dichas sobre lo que el arte marcial oriental posee, tiende a ser una buena herramienta de auxilio para personas con discapacidad. En el caso de que se produzca un cambio en la calidad de vida de la persona, Como se demuestra, las artes marciales son un importante campo para mejorar la salud y calidad de vida para sus practicantes, sin importar edad, condición social, valencias físicas o intelectuales. A pesar de la falta de metodologías específicas actuales, hay un universo a ser explotado y un público que demanda gran atención.

Palabras clave: artes marciais, discapacidade y actividad física, filosofía de las luchas.

Aspects of martial arts for people with disabilities: beyond the struggle

Abstract

This article intends to investigate how martial arts positively influence the sociocultural context of the practitioners with disabilities, emphasizing the improvements of the physical and mental capacities, approaching the philosophy of the struggle towards the world view, through the ways of acting experienced by the practices. Martial art is a phenomenon that goes far beyond the concept of sports, life philosophy, or personal defense practice. It combines religious, sporting and educational concepts, bringing to the practitioner a world view integrated with the Eastern way of behaving in society. The paper presents a literature review that studies the benefits of the oriental martial arts, its teachings and philosophies, for people with disabilities. The main aspect addressed was the sociocultural inclusion of these individuals within the martial sphere and the practice as promotion of physical, mental and spiritual health. Throughout the text, it is revealed a significant relation of the aspects mentioned above in the improvement of the quality of life of the analyzed individuals, in which the oriental martial arts are alternatives of methodologies for the disabled public, in spite of the few professionals working in the area. The importance of an idol, someone of reference in whom to mirror and follow, is important for people who seek in sport a beneficial alternative to improve the quality of life. Whether from high yield or not, the example of life positively stimulates and influences the behavior of people around this circle of contacts. Specifically, for people with disabilities, it is a powerful tool to prove that the limits of the human being are often the ones that each one chooses for himself, regardless of physical adaptations that are attributable to life's occasions. In the end, it is assumed that these assumptions about what Eastern martial art has, tends to be a good tool for helping people with disabilities. Emphasizing the issue of overcoming that they enable the practitioner to accomplish, thus bringing concepts of life that would not only be applied within the practice, but in the life of the individual. As demonstrated, martial arts are an important field for improving health and quality of life for its practitioners, regardless of age, social status, physical or intellectual valences. Despite the lack of current specific methodologies, there is a universe to be explored and a public that demands great attention.

Keywords: martial arts, disability and physical activity, philosophy of struggles.

Introdução

Este artigo pretende investigar como as artes marciais influenciam positivamente no contexto sociocultural dos praticantes com deficiência,

ressaltando as melhorias das capacidades físicas e mentais, abordando a filosofia da luta no sentido visão de mundo, através das formas de agir experimentadas pelas práticas.

Arte marcial é um fenômeno que vai muito além do conceito de esporte, filosofia de vida, ou prática de defesa pessoal. Mescla conceitos religiosos, esportivos, educacionais, trazendo ao praticante uma visão de mundo integrada com a maneira oriental de se portar na sociedade.

O Tai Chi, por exemplo, é uma prática muito indicada para grupos portadores de deficiência, especialmente por não conter exercícios vigorosos, trazendo benefícios para estes grupos populacionais. Para Martin (2002), a incorporação de força, equilíbrio, alinhamento postural e concentração requeridos pelo Tai Chi ajudam deficientes e também idosos a recuperar a mobilidade, prevenindo, inclusive, o risco de quedas.

A demanda destes grupos por programas de saúde aumentou nos últimos anos. A geração denominada “baby boomers”, caracterizada como aquela que nasceu pós segunda guerra mundial, período de grande taxa de natalidade, chegou a velhice ao final do século XX e início do século XXI e naturalmente aumentou demandas por atividades que promovam a saúde. Com dificuldades motoras, osteopenia, a intervenção deve se dar de maneira suave, assim como para alguns grupos portadores de deficiência, (Martin, 2002).

Também o sedentarismo está sendo relacionado ao surgimento de deficiências motoras. Problemas físicos relacionados a falta de atividade física, com dados ainda do final do século XX davam conta de mais de 2 milhões de pessoas nos Estados Unidos com algum distúrbio psicossomático, (Martin, 2002). Estas pessoas geralmente também são acometidas por ganho de peso, insônia, problemas cardíacos, baixa energia e autoimagem negativa. Para o autor, quanto antes o indivíduo se integrar em um programa de exercício físico, melhor será sua recuperação, incluindo bons índices dos marcadores supracitados.

Para indivíduos com deficiência física ou mental, que ficam sedentários e quase nunca saem de casa, o hábito leva a resultados similares. Começam a

ter problemas de locomoção, morbidade, excesso de peso e perda de confiança. De forma geral, perdem muito a capacidade de independência, (Martin, 2002).

De acordo com Martin (2002), muitas pesquisas têm mostrado que estes indivíduos têm ganhos rápidos no que diz respeito a recuperação da mobilidade, melhora da autoestima e independência, quando ingressam em um programa de exercícios regulares. As artes marciais são uma alternativa como qualquer outra, que promovem estes ganhos, com a vantagem de promover em conjunto o bem-estar mental, e a socialização, quando feita em grupos de praticantes com perfil semelhante.

Os benefícios mentais vão além da recuperação de doenças psicossomáticas. Achados de Martin (2002) revelam ganho de valores como respeito ao próximo, humildade, responsabilidade, perseverança e honra. Praticantes de artes marciais, ao exercitarem corpo e mente de forma conjunta, promovem um autoconhecimento de si e do mundo, e, em geral, se tornam mais sociáveis e coletivamente mais adaptados.

Essência das artes marciais

As artes marciais de origem oriental estão atreladas em si uma religião ou uma filosofia, como pode-se usar de exemplo o Judô e Kung Fu (ou Wushu). Em sua essência, que não é somente a técnica de combate que é ensinada dentro de tais artes marciais, e sim algo que vai além e traz ensinamentos para a vida do indivíduo que as pratica.

O Kung Fu (KF) em sua origem tem o Budismo Chinês atrelado a pratica, apesar de não ser necessária a religião para que se possa praticar KF no Brasil. Segundo, Lima (1999) quando se traduz a palavra Kung Fu, se chega em “habilidade em executar alguma coisa”, não ficando restrito a alguma tarefa física, é a sabedoria que advém da experiência de consciência e de situações que se vivem no mundo. Em outras palavras poderia se dizer que é maestria que se tem em realizar algo que advém de uma busca pelo auto aprimoramento e perseverança.

O Judô tem diferença em relação ao KF nesse sentido pois não tem atrelado uma religião que da embasamento ao ensinamento e sim uma filosofia de “caminho” que Jigoro Kano desenvolveu, Maçaneiro (2012). Para Kano o Judô é o aperfeiçoamento físico, mental e moral, com o uso desses poderes para o bem da sociedade, (Kano, 2008).

Outra modalidade de arte marcial é o Tai Chi, sua filosofia de acordo com Kit (2016), diferentemente das outras artes marciais não surgiu com objetivo de matar, como sua origem no Taoísmo com preceitos de amor à liberdade, os mestres tinham o foco em longevidade e saúde. Assim o Tai Chi se manifesta de maneira alegre e espontânea na pratica solitária e treinamento com companheiros.

Existe um comportamento que não pode ser deixado de lado ao falar de artes marciais de origem oriental, além da questão de superação existe um aspecto de comunidade que no KF o termo é Sangha, que segundo Redyson (2013), é um ambiente onde um auxilia o outro, uma comunidade que propaga o bem a beneficio dos seres.

Sendo assim é importante destacar essa relação de comunidade em que as artes marciais orientais aplicam pois, a relações sociais de sujeito que aceita o outro com sujeito tem com objetivo a igualdade, segundo Filho (2014).

Nota-se que nas artes marciais orientais é indissociável os ensinamentos dos movimentos físicos e dos conceitos mentais/espirituais com objetivo de formar “pessoas melhores”. Aqui, ressalta-se o conceito de corporeidade de Marques (2015), que compreende o homem como um ser integral, que se relaciona através do corpo e de sua capacidade cognitiva, em conjunto.

Em síntese pode-se empreender que essas premissas ditas sobre o que a arte marcial oriental possui, tende a ser uma boa ferramenta de auxilio para pessoas com deficiência. Colocando em destaque a questão da superação que elas possibilitam ao praticante realizar, assim trazendo conceitos de vida que não só seriam aplicados na luta, mas na vida do individuo.

Importância da difusão das artes marciais para pessoas com deficiências

As artes marciais cresceram muito desde o início do século XXI. De 2000 a 2004, o número de praticantes nos Estados Unidos cresceu 28%, de acordo com Woodward (2009), e ultrapassaram 6,5 milhões ainda em 2007. Destas, ganham destaque o Karate, Tachwondo, Judo, Jiu-jitsu e os estilos mistos, ou MMA.

Como atividade física, são uma importante alternativa aos exercícios tradicionais rejeitados por muitos, e um aliado poderoso à saída da inatividade. Woodward (2009) mostra que as artes marciais reduzem a morbidade e mortalidade, trazem ganhos para adultos, como melhor capacidade aeróbica, equilíbrio, força, reduz percentual de gordura e melhora a flexibilidade. Até mesmo pessoas mais velhas conseguem ganhos em número de barras fixas executadas, flexões de braço e equilíbrio em um pé apenas, comparado com grupo de controle em um estudo, (Woodward, 2009).

Para a população da terceira idade promove a redução do número de quedas. Nos EUA, em 2005, foram registradas 15.800 mortes em decorrência de quedas de idosos, (Woodward, 2009). Estudos com Tai Chi tem demonstrado um aumento na flexibilidade, equilíbrio e força, até mesmo quando comparado com a ginástica tradicional. Pelos movimentos leves e concentrados, o Tai Chi auxilia na coordenação motora sem causar estresse no sistema músculo esquelético, e por isso pode ser praticado diariamente. Assim como na população idosa, pessoas com deficiência podem colher os benefícios da prática do Tai Chi, adaptado para cada tipo de restrição ao movimento.

Números de 2010 dão conta de que existiam mais de 12 milhões de pessoas nos Estados Unidos necessitando de auxílio para mobilidade, a maioria acima dos 65 anos. Estas pessoas não possuem força funcional para se adaptar a cadeira de rodas e os programas de exercícios físicos disponíveis não são adaptados para quem se encontra nesta condição, (Yong, 2016).

Este estilo de vida sedentário está associado a condições de problemas cardíacos, osteoporosis, complicações respiratórias, infecções urinárias, dor e

depressão. De outro lado, os benefícios físicos e mentais de realizar exercícios é amplamente relatado na literatura, de acordo com Yong (2016).

O Tai Chi está associado em muitas pesquisas a melhoras da saúde geral. Aumenta equilíbrio, previne quedas, aumenta força e está vinculado a melhoria do estado de ansiedade, (Yong, 2016).

O desenvolvimento físico da prática é o principal motivo que leva pessoas com deficiência a procurar uma arte marcial. Em pesquisa, Moreira Antunes (2013), apresenta levantamento onde 39,5% de entrevistados procuram para realização de atividade física, 32,6% para prática de esporte, 21% para defesa pessoal e somente 4,6% para desenvolvimento espiritual.

O número de pessoas com alguma deficiência é estimado em um bilhão no mundo, de acordo com Mocarzel (2016), e em torno de 30 milhões apenas no Brasil. Toda essa população também têm direito a práticas esportivas, prerrogativa da Constituição Federal de 1988 no art. 217, e do Manifesto Mundial da Educação Física, FIEP 200, capítulo XV.

Como pressupõe-se, a maioria dos professores de luta nunca lecionou para alunos com deficiência. Moreira Antunes (2013), aponta para o wushu, prática do kung fu Chinês, em que 58,8% dos entrevistados em sua pesquisa nunca trabalhou com deficientes. No entanto, na mesma pesquisa, os entrevistados se mostraram abertos para a experiência e, o mais positivo, entendem que é totalmente viável a prática por pessoas com deficiência, desde que o professor se especialize e aprenda a trabalhar com as diferentes situações de deficiência.

Um importante aspecto também mencionado por Moreira Antunes (2013) é a falta de metodologias para o ensino deste público em específico. A formação em arte marcial é repassada de maneira tradicional, dentro da academia, de professor para aluno ao longo dos anos. Dessa forma, não há estudos sobre o ensino para pessoas com deficiência. O que ocorre na prática é o empirismo, como no caso do atleta Isha, treinado no Instituto Lohan³⁹, que desenvolve as próprias técnicas e exercícios de fortalecimento de maneira autônoma.

³⁹ Depoimento público disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=xRfSggZHU6U>

Diversos autores apontam os benefícios da prática. Há o ganho de força física enquanto atividade que envolve grupos musculares funcionais, ganho de equilíbrio, agilidade e explosão. Martin (2002) ressalta o aspecto de autoestima e desenvolvimento funcional, que amplia as possibilidades de locomoção nas grandes cidades não adaptadas a pessoas deficientes.

No trabalho de Moreira Antunes (2013), o autor procura sugerir diferentes práticas para diferentes categorias de deficiências, enquadrando metodologicamente o que seria mais adequado a cada indivíduo. Para pessoas com deficiência visual, estão indicadas como práticas Taolu de mãos livres, Taolu com armas, Tuishou e Qigong⁴⁰. Por apresentar riscos de quedas, as práticas devem ser cuidadosamente experimentadas, de forma a permitir a progressão gradual do praticante.

Já pessoas com amputações de membros podem executar as práticas as quais forem possível adaptar o movimento, como por exemplo o Taolu de mãos livres para amputados inferiores e Qigong para amputados superiores. O limite é a capacidade física atual do praticante.

Lesões de medula, por restringirem a mobilidade de forma mais acentuada, impede a execução de vários movimentos e, portanto, condiciona o praticante a práticas mais relacionadas com o bem estar geral, exercícios de alongamento, flexibilidade, respiração. A prática do Qigong pode ser aplicada nestes casos.

Deficientes auditivos podem executar praticamente qualquer prática, Taolu de mãos livres, Taolu com armas, Tuishou e Qigong. Práticas de exercícios de equilíbrio podem ser mais difíceis, como o Sanda e o Shuaijiao. O professor deve sempre olhar para este tipo de praticante enquanto fala, pois a imagem é muito importante na ausência dos sons.

A prática difundida de artes marciais por pessoas com deficiência levará, no transcorrer do tempo, que alunos possam se tornar professores e motivar novos alunos pelo exemplo. Como coloca Moreira Antunes (2013), ao passo que o aluno se torna professor ele incorpora as metodologias que

⁴⁰ Taolu de mãos livres, Taolu com armas, Tuishou e Qigong são práticas sem contato físico com oponentes.

funcionaram, e pode replicar para novas pessoas no futuro, além, de servir de exemplo e motivação para prática de atividade física por parte de deficientes.

Benefícios das artes marciais para portadores de deficiências

Os benefícios para o praticante são da ordem física, social e psicológica. No campo psicológico Moreira Antunes (2013) encontrou benefícios como melhora da autoestima, autoimagem, maior capacidade de concentração, mais autoconhecimento, maior controle mental, mais autoconfiança e autoconceito. No campo físico há melhora da respiração, propriocepção, equilíbrio, redução das limitações funcionais, incremento de força muscular e melhor sono. No campo social melhora a socialização, noção de pertencimento a um grupo, melhor confiança social e mais intensificação da vida social.

Antes, porém, de iniciar a prática, como aponta Moreira Antunes (2013) é importante que o praticante faça uma avaliação física, médica e funcional. Deslocamentos, frenagem, saída e entrada de rampas, capacidade de manter a cadeira em movimento durante o tempo de aula são aspectos a serem observados. Também, os materiais e métodos devem estar adequados ao praticante, de forma a reduzir a possibilidade de lesões e/ou causar frustração por esforço acentuado.

Do ponto de vista esportivo, a estreia das modalidades paralímpicas foi no evento em Roma em 1960, chamado Jogos Paralímpicos. Desde então este evento ocorre em conjunto com os jogos Olímpicos, na mesma cidade e ano. Na estreia, a esgrima com cadeira de rodas já fazia parte, e o Brasil chegou a estar nos lugares mais altos, tendo conquistado uma medalha nos jogos de 2012 em Londres, de acordo com Mocarzel (2016).

Uma referência esportiva brasileira em Jogos Paralímpicos é o judo, organizado para disputa entre pessoas com deficiência visual, onde o país tem tradição de medalhas, tendo conquistado quatro nos últimos jogos no Rio de Janeiro em 2016.

Outros formatos já estabelecidos são citados por Mocarzel (2016), como o karate para cadeirantes e deficientes auditivos e o wushu moderno, para

cadeirantes e portadores de deficiência mental. Estes jogos, apesar de não estar nos Jogos Paralímpicos, são muito válidos para promover saúde e bem-estar, além de servir como exemplo para ingresso de novos praticantes.

De acordo com Martin (2002), as artes marciais são usadas na China desde antes de 2.000 AC, como forma de promover saúde física e mental. O chamado “caminho do guerreiro” era usado para defesa da família e do país. Atualmente já se sabe que os benefícios físicos promovem o envelhecimento com qualidade de vida, a observar a população idosa nos países asiáticos.

O autor destaca na atualidade a divisão entre artes marciais duras e suaves⁴¹. Com a comercialização dos esportes no século XX, se incluindo as artes marciais, as aulas podem ser ministradas para toda a família, crianças, adultos e idosos, incluindo deficientes físicos. Alguns exemplos destas lutas são karate, taekwondo, muaythai, de estilo duro, e taichi e aikido, de estilo suave.

Especialmente o taichi o Martin (2002) destaca como sendo útil aos portadores de deficiência pois mantém mãos, punhos, cotovelos, joelhos, tornozelos e ombros em movimento contínuo e suave. Estes exercícios promovem o aumento da amplitude de movimento, flexibilidade, força muscular e equilíbrio.

Para o público mais jovem, as habilidades e disciplinas treinadas nos Dojo ajudam na socialização e desenvolvimento de problemas de convívio escolar, (Martin, 2002). Não só o treinamento físico é importante, mas principalmente para os jovens, o caminho da disciplina e autocontrole treinado nas academias levam o indivíduo a uma melhor socialização e convívio com os colegas.

Em um trabalho de campo de formato de entrevistas, Martin (2002) coletou informações para responder a questões sobre a prática de artes marciais por pessoas com deficiências, analisando as implicações físicas e mentais associadas. Na coleta, com 16 perguntas online de resposta aberta, os participantes, num total de 12, tinham entre 15 e 54 anos, sendo 55% homens, e todos responderam que tinham grau de disfunção moderado.

⁴¹ Os termos “hard” e “soft” foram traduzidos livremente pelos autores.

O tempo de treinamento também foi perguntado. Todos tinham pelo menos um ano de treinos, sendo que praticavam ao menos duas vezes por semana. A modalidade mais praticada foi o Karate, seguido por Taekwondo e Wushu.

Interessante notar que os alunos praticavam em classes juntamente com alunos regulares, não havendo distinção pelo fato de terem mobilidade comprometida. A adaptação era feita pelos professores com materiais diferentes ou uso de cadeira de rodas.

A pesquisa teve como limitante a falta de avaliação do tempo de prática com os benefícios gerados. Não foi possível saber, portanto, qual o grau de desenvolvimento adquirido com o passar do tempo. Seria interessante fazer nova pesquisa coletando informações como capacidade de força e equilíbrio por arte marcial praticada e tempo de prática. Assim, para um ingressante, seria fácil perceber a demanda física, porcentagem de melhora esperada e tempo de prática necessário. Talvez no futuro a literatura científica possa responder esta e outras questões, relevantes no cenário de formação do professor e do aluno praticante das artes marciais.

Os resultados desta pesquisa mostram que 65% melhoraram o equilíbrio após iniciar as atividades, 45% melhoraram a mobilidade, 45% respiração, 25% propriocepção, 70% força, 50% flexibilidade, 40% concentração, (Martin, 2002). Além disso, 80% dos entrevistados relataram melhora na autoconfiança, 40% indicaram que podiam realizar tarefas como pessoas sem disfunções e 90% indicaram que passaram a ter melhor atitude consigo mesmo e pensamentos mais positivos com relação a vida após iniciar a prática de artes marciais.

Fica claro que há uma melhora significativa na qualidade de vida de pessoas com deficiência que iniciam um programa de atividade física no formato arte marcial. Tanto sob o pondo de vista físico, através da melhora da mobilidade, diminuição dos índices de massa gorda, redução do número de quedas com fraturas, quando do ponto de vista psicológico, social, através dos ensinamentos disciplinares das artes marciais. Ainda não existem programas estruturados no Brasil que atendam a este público, como se viu, o que gera

demanda por formação de professores na área. No entanto, com a disseminação da prática por pessoas com deficiência, a tendência é que se forme professores exemplos no futuro, para criação de programas específicos para pessoas adaptadas.

Diversas práticas podem ser feitas. Artes mais suaves, como Tai Chi, atraem grande parte do público que busca equilíbrio físico e mental. Mas existem interessados também em combates mais fortes, como Karete e Taekwondo, com maior explosão física e demanda muscular.

Em outro estudo Yong (2016) estudou um programa de Tai Chi adaptado a cadeirantes idosos com disfunção sobre capacidades físicas e mentais. Foi formado grupo de controle e foram feitos testes pré e pós programa. Os resultados mostraram uma melhora nas capacidades físicas analisadas. Não houve complicações físicas durante o programa, sendo considerado seguro para este tipo de público alvo.

O exemplo do judô para portadores de deficiência no contexto de alto rendimento

Ter um ídolo, alguém de referência em quem se espelhar e seguir, é importante para pessoas que buscam no esporte uma alternativa benéfica para melhora da qualidade de vida. Sendo do alto rendimento ou não, o exemplo de vida estimula e influencia positivamente o comportamento das pessoas ao redor deste círculo de contatos. Especificamente, para portadores de deficiência, é uma ferramenta poderosa para provar que os limites do ser humano muitas vezes são os que cada um escolhe para si, independente de adaptações físicas que são imputáveis pelas ocasiões da vida.

O Brasil tem um importante caso de sucesso no esporte profissional para portadores de deficiência que é o judô para cegos. A seleção tem grande destaque internacional e ganha campeonatos por onde passa, incluindo quatro medalhas na última paralimpíada realizada no Rio de Janeiro em 2016.

Neste sentido alguns trabalhos têm se dedicado a procurar entender o sucesso deste time e auxiliá-lo na sua busca pela melhoria da performance.

Loturco, et. al. (2017) analisaram a variação da força muscular ao longo de um ciclo de competições, incluindo os Jogos Panamericanos, Campeonato Mundial e as Paralimpíadas de 2016. Como os autores destacam, a diferença entre o judô para pessoas sem e com deficiência é o combate inicial, realizado em pé, onde há demanda maior de capacidade anaeróbica para pessoas sem deficiência, o que provavelmente gera menor força muscular relativa para pessoas com deficiência.

A pesquisa incluiu onze participantes da seleção em um estudo de três anos. Os exercícios utilizados para medição de força foram salto a partir de agachamento em 90º, salto vertical simples, supino reto e remada deitado no banco, com análise do peso total aplicado por massa corporal do participante

Os resultados mostraram que tanto intra ciclo quanto entre ciclo, considerando as três competições, e sendo os jogos paralímpicos o foco principal, a força relativa obteve incremento estatisticamente significativo. Isso mostra a evolução do treinamento ao longo dos três anos objetivando o pico ao chegar nos jogos, e dá feedback aos treinadores de que os resultados em termos de força relativa foram adequadamente construídos.

Dados como estes mostram como se pode evoluir com pesquisas em alto rendimento, mesmo para paratletas, e como é importante o investimento em tecnologias que auxiliam o incremento de performance. Outro importante estudo procurou investigar como é a saúde cardíaca dos atletas de judô paralímpico. Filho, et. al. (2018), examinaram os quatorze atletas da seleção de judô, sendo oito homens e seis mulheres.

Os atletas fizeram exames de imagens e de teste aeróbico. Os resultados mostram que o treinamento promoveu adaptações metabólicas e cardíacas sem disparidade com o que seria esperado em pessoas sem deficiência. O pico de consumo de oxigênio foi dentro do esperado para categoria de atleta, não havendo diferença estatística entre atletas com ou sem deficiência. A saúde cardíaca e adaptação ao exercício físico foram consideradas normais para os participantes.

Conclusões

Trinta milhões de pessoas no Brasil e um bilhão no mundo. Este é o público que deve ser atendido pelos profissionais de educação física que se especializam no atendimento a portadores de deficiências. Este representa um mercado importante na prestação de serviços, e, mais do que isso, uma parcela da sociedade a que o Estado deve atender de forma a promover a saúde e propiciar a prática de atividade física, como garantido em lei.

Dentro desta perspectiva as artes marciais compõem uma importante ferramenta de desenvolvimento corporal integral, pensando corpo e mente. Trabalhando questões filosóficas, disciplinares, de comportamento, visão de mundo e, claro, físicas, promovem saúde e bem-estar de todas as faixas etárias atendidas.

Desde crianças com algum grau de deficiência, que necessitam de contato social, estímulo para prática de atividade física e professores que as deem confiança e motivação, até idosos que apresentam perda de mobilidade, risco aumentado de queda com fraturas, passando pelos adultos obesos com deficiência que apresentam riscos aumentados a saúde, especialmente cardíaca, as artes marciais podem ajudar a restaurar a saúde física, no sentido de ausência de doença, a saúde mental, e a forma de pensar a vida positivamente.

Para isso os exemplos de pessoas com algum grau de deficiência e que praticam esportes pela superação é altamente motivador. Estes ídolos promovem grande adesão e aderência à prática pelas pessoas com quem têm contato. É muito importante continuar investindo no esporte adaptado, portanto, tanto com recursos metodológicos de treinamento como de pesquisa em performance na busca da excelência.

Em suma, como demonstrado, as artes marciais são um importante campo para melhoria de saúde e qualidade de vida para seus praticantes, não importando idade, condição social, valências físicas ou intelectuais. Apesar da falta de metodologias específicas atuais, há um universo a ser explorado e um público que demanda grande atendimento.

Referências

- BRASIL. (1988). **Constituição Federal**.
- FIEP. (2000). **Manifesto da Educação Física**.
- FILHO, J. A. O, et. al. (2018). Athlete's heart in a Brazilian paralympic judo team. Case series study. **São Paulo Medicine Journal**, p. 136-139.
- FILHO, J. S. (2014). **Empatia - Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas**. São Paulo: Edições Loyola.
- KANO, J. (2008). **Energia Mental e Física - Escritos do fundador do judô**. São Paulo: Editora Pensamento.
- KIT, W. K. (2016). **O livro Completo do Tai Chi Chuan**. São Paulo: Editora Pensamento.
- LIMA, L. M. S. (1999). **Caminhando para uma nova(?) consciência: uma experiência de introdução da arte marcial na educação**. Tese de Doutorado. Campinas, UNICAMP.
- LOTURCO, I. et. al. (2017). Performance Changes of Elite Paralympic Judo Athletes During a Paralympic Games Cycle: A Case Study with the Brazilian National Team. **Journal of human kinetics**. v. 60, p. 217-224.
- MAÇANEIRO, G. G. B. (2012). **Do judô ao Grace Jiu-jitsu: a influência do judô kodokan na idealização e no desenvolvimento do Jiu-jitsu brasileiro**. Monografia de graduação. Florianópolis, UFSC.
- MARQUES, R. F. R. (2015). O conceito de esporte como fenômeno globalizado: pluralidade e controvérsias. **Revista Observatorio Del Deporte**. v. 1, p. 147-185.
- MARTIN, R. A. (2002). **The physical and psychological benefits of martial arts training for individuals with disabilities**. Master's thesis. Menomonie, University of Wisconsin-Stout.
- MOCARZEL, R. C. S. (2016). Inclusão de pessoas com deficiência através das lutas e artes marciais. **Revista de Artes Marciales Asiáticas**. v. 11, p70-82.
- MOREIRA ANTUNES, M. (2013). **As artes marciais chinesas para pessoas com deficiência: contextos, dilemas e possibilidades**. Tese de Doutorado em Educação Física. Campinas, UNICAMP.
- REDYSON, D. (2014). Budismo: Da Índia para o mundo. O Buddha, o Dharma e a Sangha. **Rever**. v. 14, n. 1. p. 257-278.
- WANG, Y. T. et al. (2016). Effects of wheelchair Tai Chi on physical and mental health among elderly with disability. **Research in Sports Medicine**, v. 24, n. 3, p. 157-170.
- WOODWARD, T. W. (2009). A review of the effects of martial arts practice on health. **Wisconsin Medical Journal**, v. 108, n. 1, p. 40-43.

A REINVENÇÃO DO TEMPO NO PROCESSO DE TRANSIÇÃO DE ATLETAS CONVENCIONAIS PARA O MOVIMENTO PARAOLÍMPICO

Luciane Maria Micheletti Tonon
Universidade de São Paulo (Brasil)

Katia Rubio
Universidade de São Paulo (Brasil)

Resumo

Estar à mercê do tempo é uma característica inerente ao ser humano uma vez que o tempo em seu passar, tudo transforma e principalmente nos apresenta o inesperado. Nesse sentido encontramos no esporte alguns atletas de alto rendimento, que em plena trajetória de ascensão olímpica se depararam com uma eventualidade, um acidente, ou uma doença degenerativa, que os fez reinventar o tempo como atletas paraolímpicos. Nessa ruptura, deixaram o descontínuo prevalecer. Permitiram que a condição de vida que tinham no passado morresse para que um novo tempo fosse criado. O estudo de caso citado é do remador Jairo Klug, que reinventou seu tempo no esporte após sofrer um acidente de moto e perder parte das funções do braço esquerdo. Através de sua história de vida é possível entender sua transitoriedade de atleta convencional à paraolímpico, bem como compreender até que ponto atletas como ele tiram suas forças do passado para reconstruir suas histórias num futuro não planejado por eles, mas criado pelo próprio tempo. O método utilizado é o de narrativas biográficas. Instrumento pelo qual, o sujeito organiza e narra sua história respeitando a representatividade que ele traz na memória, a partir do convite: “conte-me sua história de vida”.

Palavras-chave: Pessoas com Deficiência; Esportes para Pessoas com Deficiência; Atletas; Remo.

La reinvencción del tiempo en el proceso de transición de los atletas convencionales al Movimiento Paralímpico

Resumen

El estar a la merced del tiempo es una característica inherente al ser humano una vez que el tiempo en su paso, todo transforma y principalmente nos presenta lo inesperado. En ese sentido encontramos en el deporte algunos atletas de alto rendimiento, que en plena trayectoria de ascenso olímpico se encontraron con una eventualidad, un accidente, o una enfermedad degenerativa, que los hizo reinventar el tiempo como atletas paraolímpicos. En esa ruptura, dejaron el discontinuo prevalecer. Permitieron que la condición de vida que tenían en el pasado muriera para que se creara un nuevo tiempo. El estudio de caso es del remero Jairo Klug, que reinventó su

tiempo en el deporte tras sufrir un accidente de moto y perder parte de las funciones del brazo izquierdo. A través de su historia de vida es posible entender su transitoriedad de atleta convencional a la paralímpica, así como comprender hasta qué punto atletas como él quitan sus fuerzas del pasado para reconstruir sus historias en un futuro no planificado por ellos, pero creado por el propio tiempo. El método utilizado es el de narraciones biográficas. Instrumento por el cual el sujeto organiza y narra su historia respetando la representatividad que él trae en la memoria, a partir de la invitación: "cuéntame su historia de vida".

Palabras clave: Personas con deficiência; Deportes para personas con discapacidad; Atletas; Remo.

The reinvention of time in the process of transition from conventional athletes to the Paralympic Movement

Abstract

Being at the mercy of time is an inherent characteristic of the human being since the time in his passing, everything transforms and mainly presents the unexpected. In this sense we find in sports some high-performance athletes, who in the middle of an Olympic ascension trajectory were faced with an eventuality, an accident, or a degenerative disease, that made them reinvent their time as Paralympic athletes. In this rupture, they let the discontinuous prevail. They allowed the living conditions they had in the past to die for a new time to be created. The case study is by rower Jairo Klug, who reinvented his time in the sport after suffering a motorcycle accident and losing part of the functions of the left arm. Through his life history it is possible to understand his transitoriness from conventional to Paralympic athlete, as well as to understand to what extent athletes like him draw their forces from the past to reconstruct their histories in a future not planned by them, but created by the own time. The method used is that of biographical narratives. Instrument by which, the subject organizes and narrates its history respecting the representativeness that it brings in the memory, from the invitation: "tell me your life story".

Keywords: Disabled people; Sports for Persons with Disabilities; Athletes; Rowing.

Introdução

Ao escrever o prefácio da obra "Em busca do tempo perdido" de (Marcel Proust, 1913), Fernando PY destaca uma das maiores preocupações do autor: as questões relativas ao tempo. Segundo PY, Proust considera que o passar dos anos leva tudo de arrasto, modificando, transformando, vencendo e extinguindo todos os sentimentos, paixões, amores, ideias, opiniões e até os corpos. Estas palavras finais, "até os corpos", nos fez voltar atenção a alguns

atletas paraolímpicos, mais precisamente atletas de alto rendimento, que em plena trajetória de ascensão olímpica se depararam com uma eventualidade, um acidente, um tiro, ou uma doença degenerativa, e se recriaram como atletas paraolímpicos.

Estavam eles à mercê do tempo, constitutivo inerente do ser humano. Uma vez que o tempo, como afirma Prigogine (1991), é irreversível e a “flecha do tempo” indica probabilidades e nunca certezas, porque para ele a evolução do universo abriga desvios, flutuações, bifurcações e acontecimentos criadores de novas ordens. Sim, a interrupção da carreira olímpica, a aceitação do fato, a descontinuidade do passado são pontos criadores de novas ordens. Mesma teoria traçada por Bachelard (2002a, 2010b) quando afirma que no fundo temos necessidade de aprender e reaprender nossa própria cronologia atribuindo novidade ao próprio tempo. O autor que defende que a interrupção da trajetória de vida é feita por instantes significativos e criadores, diz que o conhecimento desse instante criador só pode ser encontrado no fluxo de nossa consciência. “Não é o ser que é novo num tempo uniforme, é o instante que, renovando-se remete o ser à liberdade ou à oportunidade inicial ao devir” (Bachelard, 2002: 29). Ele enfoca ainda, ser preciso que a reflexão construa tempo ao redor de um acontecimento, no próprio instante em que o acontecimento se produz. “Parece, com efeito, que o passado leva suas forças para o futuro e parece também que o futuro é necessário para dar passagem às forças do passado e que um único e mesmo impulso vital solidariza a duração”. (Bachelard, 2002:21).

Nessa ruptura, os atletas deixaram o descontínuo prevalecer. Permitiram que a condição de vida que tinham no passado morresse naquele instante para que um novo tempo fosse criado. “O tempo poderá sem dúvida renascer, mas, primeiro terá de morrer. Não poderá transportar seu ser de um instante para outro, a fim de fazer dele uma duração”. (Bachelard, 2010:17).

Tal referência nos dá a possibilidade de desenhar a transitoriedade destes atletas entre os movimentos olímpico e paraolímpico na tentativa de entender até que ponto os atletas referidos tiraram suas forças do passado para reconstruir suas histórias num futuro não planejado por eles, mas criado

pelo próprio tempo? No caso, uma ruptura no fluxo da consciência, em que o filósofo compara com um luto. “Como o luto mais cruel é a consciência do futuro traído e, quando sobrevém o instante lancinante em que um ente querido fecha os olhos imediatamente se sente como que novidade hostil, o instante seguinte assalta nosso coração” (Bachelard, 2002:19).

O autor escreve que não podemos fixar a hora em que o mistério se torna claro o bastante para se enunciar como um problema. “Mas que diferença faz? ” Indaga, dizendo ainda que quer a hora venha do sofrimento, quer venha da alegria, “todo homem tem na vida essa hora de luz, a hora em que ele compreende subitamente sua própria mensagem, a hora em que o conhecimento iluminando a paixão, desvenda ao mesmo tempo as regras e a monotonia do destino, o momento verdadeiramente sintético em que o malogro decisivo, propiciando a consciência do irracional, se torna ainda assim o sucesso do pensamento”. (Bachelard, 2010:12). Segundo ele, o tempo limitado ao instante nos isola não apenas dos outros, mas também de nós mesmos, já que rompe nosso passado mais dileto.

Para concretizar tal teoria, o método utilizado na composição desse artigo é o de narrativas biográficas (Rubio, 2014a, 2016b). Instrumento pelo qual, o sujeito organiza e narra sua história respeitando a representatividade que ele traz na memória, a partir do convite: “conte-me sua história de vida”. Ressalta-se assim a importância da seleção subjetiva daquilo que é recordado pelo narrador e que tem como referência o ambiente vivido. Benjamin (1987) destaca que metade da arte narrativa está em evitar explicações, por isso o respeito ao conteúdo bruto das falas.

“Relatos orais permitem ao pesquisador por meio do som e do tom da fala do entrevistado, da sutileza dos detalhes da narrativa e das várias facetas do fato social vivido, ter acesso aos conteúdos de uma vida que pode ser tomada como individual, mas que carrega consigo os elementos do momento histórico e das instituições com as quais manteve relação”. (Rubio, 2006:21)

Nas narrativas biográficas de acordo com Rubio (2014) e Benjamin (2012) a criação temporal é subjetiva e se desenvolve ao longo da vida do sujeito, levando consigo os registros armazenados na trajetória de sua história

de vida. “As representações verbais da memória permitem a recriação da história do sujeito, favorecendo a elaboração de construções identitárias” (Benjamin, 2012:114). O autor explica que a narrativa traz impressa em si a marca do narrador, como a “mão do oleiro na argila do vaso” (Benjamin, 2012:221).

Neste contexto, é preciso entender que a questão subjetiva se mostra essencial ao se valer da história de vida como um documento. A história narrada é diferenciada pela independência dos suportes probatórios. Como enfatizam Mehy e Holanda (2013): “As incertezas, descartabilidades da referenciação exata, garantem às narrativas decorrentes da memória um corpo original e diverso dos documentos convencionais úteis à história”. (Mehey; Holanda, 2013:34)

Segundo os conselhos dos autores, durante o processo das entrevistas, foram observados: - a escuta dos colaboradores pelo processo dialógico que demanda a existência de pelo menos duas pessoas por vias diretas; a releitura de tudo o que foi registrado; a confrontação com as experiências das pessoas que os rodeiam e por fim, a reunião de elementos disponíveis. “Histórias de vidas são decorrentes de narrativas e estas dependem da memória, dos ajeites, contornos, derivações, imprecisões e até das contradições naturais da fala. Isso talha a essência subjetiva da História Oral de vida”. (Mehey; Holanda, 2013:35). Segundo eles, aqueles que optam pela história oral como algo mais do que simples entrevistas é dado pensar a estruturação de procedimentos capazes de dignificá-la além do possível valor informativo que possa conter.

O remador do tempo reinventado:

Voltando às palavras de Fernando PY (1913) na interpretação de Marcel Proust, há uma ressalva dizendo que com o passar do tempo, o esquecimento e a indiferença sobem das profundezas do indivíduo para destruir tudo aquilo que o ser humano julgara ser eterno e inamovível. Isso porque para ele, o tempo prossegue e em sua tarefa destruidora; “e como recuperá-lo?”. A memória entraria em cena, afinal ela faz ressuscitar o passado. Mas, e quando

não se tem memória? O caminho por certo, não seria recuperar o tempo, mas reinventá-lo.

Chega-se então ao caso estudado nesse artigo, o do remador Jairo Klug. Nascido em São Paulo, capital sempre foi atirado ao esporte. Na adolescência praticou handebol chegando a disputar alguns campeonatos. Aos 17 anos foi convidado pelo irmão, que era estudante da USP para praticar algum esporte oferecido pela instituição à comunidade. Dentre as modalidades que tinham vagas, o remo lhe chamou a atenção. Passou a frequentar as aulas duas vezes na semana. Vendo seu desempenho, o professor José Farah percebeu que ele seria um bom atleta.

“Ele me ofereceu se eu não queria começar competir e eu aceitei”. (Informação verbal, Klug, abril de 2018). Venceu a sua primeira competição paulista. Logo foi convidado pelo Clube Corinthians, o que lhe rendeu uma bolsa de estudos no cursinho. Em 2004, entrou como calouro de Educação Física da Universidade de São Paulo. Época em que também trocou de Clube. Foi para o Esporte Clube Pinheiros, que estava reativando a modalidade. O ritmo de treino aumentou para que ele participasse do seu primeiro campeonato brasileiro e dali surgiu sua convocação para a seleção brasileira de remo. Em 2005 participou Campeonato Sul-americano pela seleção, ainda como reserva; e no final do ano de mais um Campeonato Brasileiro, ficando em segundo lugar. Em 2006, ano que antecedia o Pan-americano, ao sair do barco, rompeu o menisco. Então, com 22 anos, o atleta operou o joelho em julho e em menos de um mês voltou a competir no campeonato brasileiro de agosto, alcançando o terceiro lugar.

Foi convocado para os Jogos Pan-Americanos do Rio, 2007, conseguindo o quinto lugar. No mesmo ano, participou de outro campeonato brasileiro e ficou na segunda colocação. “No ano seguinte, já treinando com mais atletas, pudemos participar de campeonatos com outros barcos maiores e ganhamos o primeiro título do brasileiro no barco Quatro-Sem-Quatro remadores, um remo por pessoa, sem timoneiro, homem que fica no barco para dar a direção” (Informação Verbal, Klug abril de 2018). Em 2009, mais um título do brasileiro com o barco Dois-sem (um remo para cada lado).

O tempo parecia soprar a seu favor, no entanto, na sexta-feira, 15 de abril de 2011, praticamente às vésperas do Pan de 2011, de Guadalajara no México, Jairo despediu-se dos seus amigos depois do treino na raia olímpica para seguir em direção à sua casa no Rio Pequeno. Cinco minutos de trajeto percorrido ele sofreu um acidente de moto. “Eu me lembro de ter despedido do pessoal aqui na raia, subi na moto e cheguei próximo à rotatória da Politécnica (departamento da USP). E depois me lembro de acordar no hospital todo quebrado. Não sei o que aconteceu comigo... No boletim de ocorrência diz que havia no local um caminhão, mas não diz se ele estava envolvido no acidente ou se parou para prestar socorro” (Informação verbal de Klug, abril, 2018).

A ruptura de sua trajetória olímpica, como temos tratado, o fez ter fratura exposta no fêmur da perna esquerda; fratura na tíbia e fíbula da perna direita; braço; úmero; clavícula; escápula; em quatro vértebras e contusão pulmonar. Foi acordado no hospital por uma das companheiras de equipe, que era médica. Ela se incumbiu de contar a ele o que tinha acontecido. Já que a memória de Jairo também foi vítima daquele instante. Ou ela fez questão de esquecer. Recorremos então a Halbwalchs (1990) e Pollack (1989a, 2002b) ao afirmarem que a memória individual sofre interferências das memórias coletivas na medida em que recorre a referentes externos para estruturar-se.

Uma cena de nosso passado pode nos parecer tal que não teremos nada a suprimir nem acrescentar, e que nunca haverá nada de menos nem de mais para compreender. Porém, se encontrássemos alguém que dela tivesse participado ou a tivesse assistido, que a evoque e a relate: após tê-lo ouvido, não teremos mais certeza do que antes que não poderíamos nos enganar sobre a ordem dos detalhes, a importância relativa das partes e o sentido geral do evento; porque é impossível que duas pessoas que viram o mesmo fato, quando o narram algum tempo depois, o reproduzam com traços idênticos. (Halbwalks, 1990:50)

Sabe que tinha um caminhão envolvido e que foi resgatado de helicóptero, levado direto para o Hospital das Clínicas – provavelmente caiu do lado esquerdo. Manteve-se em silêncio nessa hora. “O silêncio na pesquisa não é uma técnica, é como que o sacrifício do eu na entrevista que pode trazer como recompensa uma iluminação para as ciências como um todo” (Bosi,

2003:65). Continuou contando que foram dez dias na UTI e alguns dias na enfermaria com pinos de fixação externa, depois cirurgia de fixação interna e mais vinte e cinco dias, trinta e cinco no total. Depois da alta, cadeira de rodas por dois meses, muleta, colete cervical que já usava nos últimos dias de hospital. Em poucos meses de fisioterapia livrou-se das muletas, dos coletes e já mostrou disposição para retornar aos treinamentos. “O que mais me preocupava era a lesão do nervo radial da mão esquerda, responsável pela extensão do punho e dos dedos. Eu fiz um enxerto, mas não apresentou melhoras e a fisioterapia também não mostrava evolução. O médico dizia que se em um ano não melhorasse nada do enxerto era muito difícil voltar o movimento”. (Informação verbal, Klug, abril de 2018).

O prazo estava acabando, já era março de 2012. Foi aí que se deu a reinvenção do tempo. A hora em Jairo desvendou a monotonia do destino, propiciando a consciência do irracional, como já sugeriu Bachelard. Mesmo sem ter alta, o remador passou a ir diariamente até a USP gastar algumas horas no barco-escola, sem olhar as circunstâncias acreditando que logo estaria treinando. “Eu ainda usando muletas voltei pra raia e ficava ali no barco-escola tentando remar com os movimentos que me eram possíveis. Até que o técnico do remo paraolímpico, o Zé Paulo me convidou a fazer parte da equipe. Nessa hora você não se imagina no meio paraolímpico, mas eu aceitei” (Informação verbal, Klug, abril de 2018).

O atleta passou a treinar com a equipe paraolímpica e foi fazer sua classificação funcional na Copa do Mundo em Munique. Por classificação funcional entende-se que é a estrutura de competição usada no esporte paraolímpico para criar um campo de jogo nivelado. Isso garante, que ganha o melhor atleta (mais habilidoso, apto e tático) e não o atleta com o menor nível de comprometimento (IPC, 2015). “A classificação determina quem é elegível para competir em um paradesporto e agrupa os atletas em classes esportivas de acordo com sua limitação de atividade em um determinado esporte” (Explanatory Guide 2015:2). Por só ter lesão na mão esquerda, Jairo entrou para a classe PR3, ou seja, poderia competir em barco formado por remadores que possuem mobilidade nas pernas, troncos e braços. Existem dois tipos de

barcos: PR3 Quatro Com Misto (PR3 Mix4+), formado por dois homens, duas mulheres e um timoneiro; e PR3 Double Skiff Misto (PR3 Mix2x), formado por um homem e uma mulher (Confederação Brasileira De Remo, 2015). Retomou suas forças de atleta quando foi para as finais, o que lhe valeu a convocação para os Jogos Paralímpicos de Londres, 2012. Conquistou o quinto lugar. Totalmente inteirado no remo paraolímpico, intensificou os treinos para estar devidamente preparado no próximo ciclo paraolímpico. No entanto, o Brasil não conseguiu se classificar para os Jogos do Rio, 2016 por falta de barco da sua categoria.

Sua primeira medalha de ouro paraolímpica saiu então em 2017, no Mundial de Remo, disputado em Sarasota-Bradenton, nos Estados Unidos. O remador fez dupla com a atleta Diana Barcelos e venceram no skiff duplo misto completando os 2.000m em 7mins28s950 e agora segue treinando para Tóquio, 2020.

Considerações

Certeira é a colocação de Bachelard ao dizer que o “luto mais cruel é a consciência do futuro traído”. Porque certamente atletas como o Jairo Klug, que esperavam um futuro promissor na carreira olímpica com pódios e títulos dignos de esforços e treinos diários, veem nessa ruptura do acidente, uma traição. E o luto é um processo sentimental que ocorre quando o ser humano vivencia uma perda relativa e de importância emocional para ele (VIDGAL, 2006). Segundo a autora, o luto é particular e por vezes pode ser vivenciado em silêncio, com a rotina de vida mantida, como trabalho, estudo, amigos, passeios. O que não significa que a pessoa não esteja carregando e elaborando o sofrimento desta perda. Talvez por isso, o remador deixa claro em sua narrativa a ruptura da sua memória entre as duas fases da vida, antes e após o acidente. Ao ouvi-lo pela primeira vez ele encerra a fase de atleta olímpico apenas dizendo “não sei o que aconteceu comigo” e pausa com o silêncio. A vontade enquanto pesquisadora era de estimulá-lo: “você não lembra de nada?” Mas, como já citamos Bosi (2003), o silêncio faz parte da pesquisa.

Todo o restante da narrativa na fase de recuperação hospitalar parte da memória construída pelos amigos e familiares nos faz evocar mais uma vez as palavras de Halbwalchs:

Certamente, eu não teria, na realidade, nenhuma lembrança desse evento, e se me ativesse unicamente à noção histórica à qual me reduzem, a consequência se seguiria: um quadro vazio não pode preencher-se sozinho; é o saber abstrato que interviria, e não a memória. Mas, sem se lembrar de um dia, pode-se lembrar de um período, e não é certo que a lembrança de um período seja simplesmente a soma das lembranças de alguns dias. À medida em que os acontecimentos se distanciam, temos o hábito de lembrá-los sob a forma de conjuntos, sobre os quais se destacam às vezes alguns dentre eles, mas que abrangem muitos outros elementos, sem, que possamos distinguir um do outro, nem jamais fazer deles uma enumeração completa, (Halbwalchs, 1990, p. 49)

O autor coloca que muito de nossas lembranças remontam a períodos onde, por falta de maturidade, de experiência ou de atenção, o sentido de mais de um fato, a natureza de mais de um objeto ou de uma pessoa nos escapavam pela metade. No caso de Jairo, não acreditamos ser falta de atenção e sim pelo trauma que afetou suas lembranças, o que entraria então num estudo de teor psicológico. Enquanto, estudo filosófico ou sociológico podemos nos ater na citação de Bergson (1999), que defende que o passado permanece inteiramente dentro de nossa memória, tal como foi para nós; porém alguns obstáculos, em particular o comportamento de nosso cérebro, impedem que evoquemos dele todas as partes. Foi o que aconteceu com o colaborador desse estudo. O seu passado permanece na sua memória, mas, o acidente em si causou-lhe um obstáculo para esquecer o tempo que não gostaria de ter vivido.

Referências

- BACHELARD G. (2002). **A intuição do instante**. 1ª ed. Campinas: Verus, p.332
- BACHELARD G. (2010). **A intuição do instante**. 2nd ed. R. Castro, ed., Campinas - SP: Versus.
- BENJAMIN, W. (1987). **Obras escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 254 p.

- BENJAMIN, W. (2012). *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, (V1).
- BERGSON, H. (1999) **Matéria e memória**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes.
- BOSI, E. (2003). **O tempo vivo da memória**, São Paulo: Ateliê Editorial.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE REMO (Rio de Janeiro) (Org.). **Categorias de Remos**. (2015). Disponível em: <<http://www.remobrasil.com/remo/categorias-de-remo>>. Acesso em: 11 jul. 2018.
- HALBWALCHS, M. (1990). **A memória Coletiva**. São Paulo: Edições Vértice.
- INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. (Org.). Explanatory guide to Paralympic classification: **Classificação Funcional**. (2015). Disponível em: <https://www.paralympic.org/sites/default/files/document/150915170806821_2015_09_15+Explanatory+guide+Classification_summer+FINAL+_5.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2017.
- MEIHY, J. C. S, HOLANDA, F. (2007). **História Oral: como fazer, como pensar**, São Paulo: Editora Contexto.
- POLLAK, M. (1989) **Memórias, esquecimento, silêncio**. São Paulo: Revista Estudos Históricos.210-212.
- POLLAK, M. (1992) **Memória e identidade social**. São Paulo: Revista Estudos Históricos.
- PRIGOGINE, I. (1991) **El nacimiento del tiempo**. Barcelona: Tusquets editores.
- PROUST, M. (1913). **Em busca do tempo perdido: Do lado de Swann**. Combray: Digital Source, (Volume 1)
- RUBIO, K., (2006). **Medalhistas olímpicos brasileiros: memórias, histórias e imaginário**, São Paulo: Casa do Psicólogo.
- RUBIO, K., (2014). **Preservação da Memória** 1st ed., São Paulo.
- RUBIO, K, (2016). **Narrativas Biográficas: A construção de um método**. Laços. São Paulo.
- VIDIGAL, R. B. (2006) **Luto - Sintomas, Tratamentos e Causas**. Disponível em: <<https://www.minhavidacom.br/saude/temas/luto>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

A IMPORTANCIA DA ATIVIDADE FÍSICA PARA OS PORTADORES DE DEFICIÊNCIA FÍSICA

Rander Junior Rosa

Universidade do Estado de Minas Gerais (Brasil)

Itamar José de Oliveira Junior

Universidade do Estado de Minas Gerais (Brasil)

Resumo

A Educação física contribui para a formação integral dos alunos através das práticas pedagógicas, dessa forma o profissional de educação física sugere alterações em suas aulas para a construção de uma prática voltada a inclusão. O presente estudo teve por objetivo verificar a inclusão de pessoas com deficiência física nas aulas de educação física no ensino regular. A metodologia consistiu em uma pesquisa qualitativa, através de análise bibliográfica centrada nos termos de busca de maneira combinada em citações no resumo ou título nos conceitos da educação física inclusiva e deficiência física, a qual permitiu identificar as dimensões que a intervenção pedagógica da atividade física trás na rotina dos portadores de deficiência física de modo que todos tenham o acesso as aulas. Foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão dos estudos: 1) artigos originais, 2) artigos que tiveram como objetivo investigar o efeito positivo da atividade física para os portadores de deficiência física. Os resultados sugerem, que entre os aspectos sociais houve mudança principalmente nos seus relacionamentos com uma ou mais pessoas nas atividades da vida diária (social, lazer e doméstica), embora muitas ideias já estivessem presentes no trabalho de alguns pesquisadores a importância do apoio do governo, no que se refere a oferecimento de cursos de reciclagem, auxílio técnico pedagógico especializado e estrutura adaptada do espaço físico. No contexto da educação física inúmeras pesquisas apontam o crescimento da obesidade e do sedentarismo, sabendo que a atividade física é a medida mais eficaz para evitar esse mal. O Governo Federal propôs a lei

13.415/17 o fim da obrigatoriedade da educação física no ensino Médio. Sobretudo o país acabou organizar um megaevento esportivo, sediando recentemente os Jogos Olímpicos e destacando o Paraolímpicos, onde muitos atletas com deficiência física puderam participar dos jogos, evidenciando a importância da atividade física na manutenção da saúde e da formação cidadã. Os Jogos Olímpicos, Paraolímpicos e copa do mundo tiveram preceitos ao incentivo da pratica da atividade física por parte dos alunos nas escolas. Portanto, considera que a maioria do investimento público é destinado a eventos esportivos e não nas aulas de educação física. Conclui-se que este estudo mostra que atividade física pode trazer para o portador de limitação física uma melhora na integração social e adaptação a sua condição física. A atividade física para os portadores de deficiência física nas aulas de educação física deve acontecer como um processo natural, sofrendo adaptações necessárias, porém não perdendo de vista o objetivo proposto pela disciplina, considerando os princípios da inclusão.

Palavras chave: Atividade física, Pessoas portadoras de deficiência, Escola inclusiva.

ALIVE AND KICKING PROJECT

Joel Gaillard

University of Lorraine (France)

Abstract

Introduction: A disability constitutes any activity limitation or participation restriction to life in society that a person may undergo in her/his environment, due to a significant, lasting or permanent alteration of one or more functions, be it physical, sensory, mental, cognitive or psychological, due to multiple disability or due to a disabling health condition. Self Determination Theory (SDT) is an approach to human motivation and personality that uses traditional empirical methods while employing an organismic meta-theory that highlights the importance of humans' evolved inner resources for personality development and behavioural self-regulation (Ryan; Kuhl; Deci, 1997). A program of regular physical activity helps people of all ages and abilities. An individual can develop a well-rounded exercise routine regardless of sex, age and mental health condition with the benefits including. Project: Exercise and sports are included in the weekly schedule which E.PSY.ME implements for mental disorders; a program based on the humanitarian values of E.PSY.ME which is aided by the knowledge provided by Sport Psychology and its beneficial impact on people's lives under one shared goal: to make an impact in the lives of young people with mental disorders. Program: a) 3 group-meetings for 4 organized competitive sports; b) 3 group-meetings 3 non-competitive sports; c) 3 group-meetings x 2hrs/meeting+ 2hrs x 1 psychologist x group x 1 report; d) Devise and develop of a questionnaire weighted in SDT + Cohesion theory; e) Putting to practice the techniques and training programs and team goals developed through questionnaire results to achieve stability and avoid drop out; f) 7 observation visits in 7 sports; g) Creating sporting activities among agencies at a regional level and of a potential annual amateur championship. Conclusion : sport sessions started with the claim that the questions of what inclusion in sport means and which steps need to be taken

in order to ensure inclusion in sport. Very first results show that effects are promising for long-term inclusion, because sports sessions at Socio-medical services eliminate certain barriers for sports participation and adding a once-a-week sports session showed already positive effects for the 6 first months.

Key words: disability, accessibility, social exclusion, sport practices, Self Determination Theory

EIXO TEMÁTICO 9: ESPORTE E POLÍTICAS PÚBLICAS

NO CAMINHO DO ESPORTE EDUCACIONAL: ENTRE AÇÕES, PARCERIAS E DISPUTAS

Emilia Devantel Hercules

Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Heitor Luiz Furtado

Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Cristiano Israel Caetano

Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Fernando Renato Cavichioli

Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo identificar e apresentar as ações governamentais federais que permeiam as políticas públicas para o desenvolvimento do esporte educacional e discutir acerca das parcerias com instituições privadas e seus possíveis desdobramentos. Caracteriza-se como um estudo descritivo/exploratório de caráter documental tomando como fonte de pesquisa as leis e os documentos oficiais que estruturam os programas e projetos. Os resultados apontam que é possível identificar alguns programas a nível federal no que concerne ao desenvolvimento do esporte educacional e destaca-se a forte presença das organizações não-governamentais (ONG's) nas dinâmicas do esporte educacional, principalmente a partir da entrada de seus agentes no campo político, marcadamente pelo acúmulo de capital simbólico e esportivo. Percebe-se ainda que esporte educacional é carregado de diferentes concepções e entendimentos nas quais resultam em ações e projetos de diferentes perspectivas. O objeto analisado é complexo e multifacetado e sugere-se novos estudos que busquem compreender estas dinâmicas e disputas no interior deste campo.

Palavras-chave: Esporte Educacional. Políticas Públicas. Organizações Não-Governamentais.

En el camino del deporte educacional: entre acciones, asociaciones y disputas

Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo identificar y presentar las acciones gubernamentales federales que permean las políticas públicas para el desarrollo del deporte educativo y discutir acerca de las alianzas con instituciones privadas y sus posibles desdoblamientos. Se caracteriza como un estudio descriptivo / exploratorio de carácter documental tomando como fuente de investigación las leyes y los documentos oficiales que estructuran los programas y proyectos. Los resultados apuntan que es posible identificar algunos programas a nivel federal en lo que concierne al desarrollo del deporte educativo y se destaca la fuerte presencia de las organizaciones no gubernamentales en las dinámicas del deporte educativo, principalmente a partir de la entrada de sus agentes en el proceso, el campo político, marcadamente por el acumulo de capital simbólico y deportivo. Se percibe además que el deporte educativo es cargado de diferentes concepciones y entendimientos en las que resultan en acciones y proyectos de diferentes perspectivas. El objeto analizado es complejo y multifacético y se sugiere nuevos estudios que busquen comprender estas dinámicas y disputas en el interior de este campo.

Palabras clave: Deporte Educativo. Políticas públicas. Organizaciones no gubernamentales.

In the path of educational sports: between actions, partnerships and disputes

Abstract

The present work aims to identify and present the federal government actions that permeate the public policies for the development of the educational sport and to discuss about the partnerships with private institutions and their possible unfolding. It is characterized as a descriptive / exploratory study of a documentary nature, taking as a research source the laws and official documents that structure the programs and projects. The results show that it is possible to identify some programs at the federal level regarding the development of educational sport, and emphasizes the strong presence of non-governmental organizations (NGOs) in the dynamics of educational sport, especially since the entry of their agents into the political field, marked by the accumulation of symbolic and sports capital. It is also perceived that educational sport is loaded with different conceptions and understandings in which they result in actions and projects from different perspectives. The object analyzed is complex and multifaceted and new studies are suggested that seek to understand these dynamics and disputes within this field.

Keywords: Educational Sport. Public policy. Non-Governmental Organizations.

Introdução

O esporte educacional é tratado no Brasil a partir de diretrizes estabelecidas pela política pública nacional, acontece no âmbito escolar e está

definido pela lei n° 9615/98 (Art 3°, inciso I) como sendo uma das manifestações esportivas possíveis:

I - desporto educacional, praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, evitando-se a seletividade, a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer; (Brasil 2018).

Durante muito tempo há uma discussão acerca de sua presença na escola, apontando possíveis aspectos positivos e negativos. Tais reflexões buscam analisar diferentes perspectivas de se ensinar esporte na escola. Segundo a lei, essa manifestação do esporte deve basear-se em inclusão e educação, rompendo principalmente com a lógica competitiva e excludente. Neste contexto também se encontram as orientações das Organizações Unidas (resolução 58/5 de 2003), que buscam fomentar a educação através do esporte, no intuito de aumentar a participação dos alunos nas aulas esportivas e de Educação Física (Bailey et al., 2009).

Nesta perspectiva, o esporte educacional apresenta-se em diferentes agendas políticas e contextos nacionais e internacionais, principalmente quando está interligado as questões educacionais. Esse entendimento apresenta-se pois, o esporte integra elementos de importância a vida. Assim,

consideramos sempre haver um componente educacional (seja positivo ou negativo) nas práticas esportivas, dado que o esporte pressupõe a troca de informação e o relacionamento interpessoal, constituindo espaço de constantes processos de educação e coeducação, formal, não formal ou informal. (Machado; Galatti; Paes, 2015)

Queirós (2004), por sua vez aponta que o esporte desenvolve as potencialidades dos alunos, além de realizar uma integração com a vida e sociedade. Boas, *et al* (2000) e Gaya (2009) apontam a escola como um espaço inicial que aproxima os estudantes das realidades de práticas institucionalizadas, oportunizando o acesso e a prática de esportes. Sanches e Rubio (2011) salientam ainda que tais oportunidades podem repercutir positivamente em diversas instâncias da formação desses alunos.

Nessa perspectiva o esporte educacional pode estabelecer e encontrar inserções e aprendizagens junto aos agentes que forma. Pode-se indicar que o

mesmo transpassa diversas discussões relacionadas a políticas institucionais, políticas públicas, desdobramentos e efetivações de políticas de governo. O foco lançado sobre o esporte educacional pode apresentar-se por políticas institucionais, uma vez que diversas instituições como ONGs, projetos de inserção social, associações e cooperativas comunitárias desenvolvem práticas que inserem-se, educativa e socialmente, o esporte na vida das crianças (Machado et al., 2015). Quando se trata de políticas públicas há de destacar-se diversas instâncias governamentais, sejam elas federais, estaduais e/ou municípios que interpretam, aplicam ou manipulam a implantação da referida lei, sendo desenvolvido em diversas secretarias esportivas, fundações de esporte e secretarias de educação. No Brasil, o programa que se destaca nesta perspectiva é o Segundo Tempo⁴², do governo federal, que nos estados e municípios pode desenvolver-se com diferentes características e especificidades.

A partir da aplicabilidade desses programas federais, surgem as políticas de governo, que caracterizam e dão identidade para alguma gestão por realizar mais ou menos aplicabilidade e recursos para algumas propostas. Quando se trata de esporte educacional, desenvolve-se com mais profundidade quando estabelecido junto há secretarias municipais e com o apoio e subsídio financeiro de programas nacionais ou de parcerias e instituições privadas. Assim como aponta Sabatier (2007), tudo acontece segundo uma lógica de crenças individuais que adequam-se aos atores e se relacionam com o mundo a partir de filtros e percepções. Nessas relações há uma tendência em realizar coalizões internas que fortaleçam as aplicabilidades da crença indicada. Isto é, a elaboração, a construção e a aplicação de uma determinada política pública dependerá da articulação, do envolvimento e da capacidade de persuasão dos agentes envolvidos.

É nesta última instância, que se percebe que a política inserida junto ao esporte educacional é composta por uma diversidade de agentes que corroboram para uma dinâmica única organizacional no Brasil. Na maioria das vezes, as oportunidades de desenvolvimento das propostas educacionais

⁴² Site do Ministério do Esporte: <http://portal.esporte.gov.br/snee/segundotempo/objetivos.jsp> acesso em 16 de janeiro de 2018.

passam por visões de mundo diferenciadas e que se modificam a cada gestão, possuindo desdobramentos diretos também ao esporte. Diferentes concepções sejam elas de esporte, de educação física e papéis e funções do esporte inseridos no ambiente educacional se traduzem em diferentes políticas e ações governamentais. As janelas aparecem junto as escolhas políticas que se apresentam ao longo do tempo (Sabatier, 2007) e muitas vezes estão interligadas as formas e crenças desenvolvidas por uma vida e impactam socialmente através das imagens políticas a serem construídas ou preservadas.

Este estudo pretende identificar e apresentar ações governamentais federais que permeiam as políticas públicas para o desenvolvimento do esporte educacional e discutir acerca das parcerias com instituições privadas e seus possíveis desdobramentos.

Caminhos Metodológicos

O presente trabalho caracteriza-se como um estudo descritivo/exploratório de caráter documental, por meio de uma abordagem qualitativa, na qual buscou apresentar e discutir as relações de diferentes instituições e seus agentes no desenvolvimento das políticas públicas para o esporte educacional. A análise documental consiste em uma técnica para a obtenção de informações, pois são utilizados materiais que ainda não receberam tratamento analítico ou que ainda podem ser interpretados por meio de outros pontos de vista (Gil, 1996).

Como fontes de pesquisa foram utilizadas as leis relacionadas ao esporte educacional em vigência no país, bem como os documentos que expressavam as diretrizes, concepções e entendimentos de determinadas instituições, a partir de seus sítios eletrônicos, principalmente de Organizações Não-Governamentais (ONG's), nas quais atuam e desenvolvem projetos relacionadas ao desenvolvimento do esporte educacional.

A escolha das ONGs se deu de forma intencional de acordo com a influência da instituição, bem como pelo reconhecido destaque social das

instituições e de seus agentes (principalmente ex-atletas de diferentes modalidades). Esses documentos e informações, sejam elas leis ou diretrizes das ONG's possuem elevado grau de importância na medida que explicitam possíveis caminhos a serem trilhados na implantação de projetos ou até mesmo na influencia de políticas públicas voltados ao esporte educacional.

Compuseram o escopo de análise os programas desenvolvidos pelo Ministério de Esporte a saber: *Atleta na Escola*, *Segundo Tempo* e de algumas ONG's com trabalhos desenvolvidos relacionados ao esporte educacional, como o Instituto Compartilhar do ex-técnico da Seleção Brasileira de Voleibol Bernardinho; o Instituto Esporte & Educação da ex-atleta de voleibol da Seleção Brasileira Ana Moser; o Projeto Leões do Vôlei também dos ex-atletas Emanuel (Seleção Brasileira de Vôlei de Praia) e Giba ex-atleta da Seleção Brasileira de Voleibol, o Instituto Guga Kuerten do tenista reconhecido mundialmente Gustavo Kuerten e a Fundação Gol de Letra dos ex-atletas da Seleção Brasileira de Futebol Raí e Leonardo.

Os dados encontrados foram interpretados e refletidos a luz de teóricos que discutem as políticas públicas e seus possíveis desdobramentos para os diferentes campos, buscando traçar algumas reflexões sociológicas referente ao objeto.

O Esporte Educacional na agenda política nacional

São muitas as indicações de como o esporte educacional deve ser desenvolvido, a cada tempo e espaço há uma cultura e uma forma diferenciada de se definir o esporte e como ele de se inserir no espaço escolar. Historicamente o esporte surgiu como um fenômeno da modernidade e com a exigência de outros tipos de divertimento e de padrão corporal. Le Breton (2007) salienta que o corpo é uma construção simbólica e que sobre ele incide e incidiram diversas pedagogias formativas, buscando o gesto técnico mais elaborado possível e tangível. Assim, também é com o esporte, que se iniciou na ludicidade dos entremeios industriais da sociedade, e por intermédio dele esperava-se efeitos físicos e sociais. Foi forjado aos moldes das civilidades

exigidas e desenvolveu-se em suas técnicas até demonstrar a graça e elegância a cada gesto aceito (Vigarello, 2008).

Neste longo processo civilizacional, o esporte foi assumindo diferentes perspectivas, entendimentos e manifestações, perpassando pelo amadorismo e pelos processos de profissionalização, espetacularização e mercantilização. Sua presença é constante no dia-a-dia dos indivíduos e inclusive se traduz em um direito assegurado pela constituição brasileira.

O esporte educacional é definido pela Lei nº 9.615/98 e nesta perspectiva, é reconhecido como fenômeno sociocultural, cuja prática é considerada pelo artigo 217 da Constituição Federal (Brasil, 2002) “direito de todos”, tendo no jogo o seu vínculo cultural e na competição o seu elemento essencial, o qual deve contribuir para a formação e aproximação dos seres humanos ao reforçar o desenvolvimento de valores como a moral, a ética, a solidariedade, a fraternidade e a cooperação.

Corroborando Queirós (2004), indica que o esporte desenvolve as potencialidades dos alunos, além de realizar uma integração com a vida e sociedade. Boas, et al (2000) e Gaya (2009) apontam a escola como um espaço inicial que aproxima os estudantes das realidades de práticas institucionalizadas, oportunizando o acesso e a prática de esportes. Sanches e Rubio (2011) ainda destacam que essas oportunidades podem repercutir positivamente em diversas instâncias da formação desses alunos.

É preciso apontar que no esporte educacional não trata apenas de encontrar e aperfeiçoar atletas, mas de perceber que a inserção, a vivência e a aprendizagem desse esporte pode impactar na forma como o agente permanece, consome e pratica esse mesmo esporte ao longo de sua vida. Macphail et al (2008) apontam que há alguns motivos importantes para a participação no esporte como diversão e o prazer, âmbitos esses que são também associados a Educação Física e suas perspectivas extracurriculares. Fatores esses que acabam por serem reforçados por Goudas e Biddle (1993).

Essas indicações demonstram que o esporte educacional está ligado ao asseguramento dos processos e direitos sociais, uma vez que está dentro da premissa de autonomia e independência do sujeito, criando condições

fundamentais a todos os cidadãos de desenvolverem-se com qualidade, equidade e universalidade, esforçando-se para o crescimento do esporte no país. Por isso, muitos programas federais, representados pela SNE LIS (Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social do Ministério do Esporte) buscam democratizar o acesso à cultura e ao esporte, sempre com o enfoque no fator de formação da cidadania e melhoria da qualidade de vida, prioritariamente em áreas de vulnerabilidade social, atingindo crianças e jovens. Nesta perspectiva, buscam responder às demandas sociais geradas com a garantia de ampliação do conjunto dos direitos constitucionais; a fim de ampliar o acesso de escolares ao esporte e ao lazer, por meio dos programas Segundo Tempo⁴³, Atleta na Escola, e Esporte da Escola.

O Segundo Tempo é uma iniciativa do Ministério do Esporte destinada a democratizar o acesso à prática e à cultura do esporte educacional, promovendo o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens como fator de formação da cidadania e melhoria da qualidade de vida, prioritariamente daqueles que se encontram em áreas de vulnerabilidade social e regularmente matriculadas na rede pública de ensino. Destinado a crianças e adolescentes na faixa etária de 6 a 17 anos, expostas a riscos de vulnerabilidade social, além de ações destinadas ao paradesporto e ao ambiente universitário, sendo realizadas em escolas ou espaços comunitários desenvolvidos no contraturno escolar.

O Programa integra ações de desenvolvimento e apoio a projetos de esporte, educação, lazer e inclusão social cujo objetivo é:

implantar ações de esporte educacional para atender crianças, adolescentes e jovens, com a oferta de múltiplas vivências esportivas e outras ações para seu desenvolvimento integral, com ênfase nas áreas em situação de vulnerabilidade social, financiando e capacitando recursos humanos, adquirindo e distribuindo material didático e didático-esportivo e outras despesas, por meio da implantação de núcleos esportivos. (Brasil, 2018)

Já o programa Atleta na Escola, também insere em um grupo de ações nas quais o Governo Federal busca incentivaram o esporte educacional. Seu

⁴³ Dados retirados do site do Ministério do Esporte, acesso em maio de 2018.

objetivo é incentivar a prática esportiva nas escolas, democratizar o acesso ao esporte, desenvolver e difundir valores olímpicos e paralímpicos entre os estudantes da educação básica, estimular a formação do atleta escolar e identificar e orientar jovens talentos.

Estes objetivos buscam ser efetivados por meio de parcerias com os Estados, Distrito Federal, Municípios, em escolas públicas e privadas, Comitê Olímpico e Paralímpico e com algumas Confederações Esportivas. O programa é apoiado pelas Legislações, Lei 12.395 de 16 de Março de 2011, na qual versa sobre os recursos do Ministério do Esporte e de sua distribuição para os estados e municípios para a realização dos jogos escolares, e da Lei 10.264 de 16 de Julho de 2001 que assegura a distribuição de dois por cento da arrecadação bruta dos concursos e loterias federais para o Comitê Olímpico e Paralímpico. Outra ação estratégica do governo federal para o desenvolvimento do esporte educacional é o Esporte da Escola, na consiste na integração entre o Programa Segundo Tempo e do Programa Mais Educação a partir da parceria entre o Ministério do Esporte e o Ministério da Educação.

ONGS e afins, propostas concorrentes ou influentes?

Além das esferas públicas a nível federal, estadual e municipal, outra importante parcela para o desenvolvido do esporte educacional advém das organizações não governamentais (ONG'S). No caso específico do esporte, sua presença é bastante forte, bem como exerce influência na constituição, no entendimento e nas tomadas de decisão acerca do esporte educacional. Na maioria dos casos, estas instituições estão ligadas a ex-atletas de várias modalidades o que fornece maior prestígio e reconhecimento social para a instituição. Pode-se citar por exemplo o Instituto Compartilhar do ex-técnico da Seleção Brasileira de Voleibol; o Instituto Esporte & Educação da ex-atleta de voleibol da Seleção Brasileira Ana Moser; o Projeto Leões do Vôlei também dos ex-atletas Emanuel (Seleção Brasileira de Vôlei de Praia) e Giba ex-atleta da Seleção Brasileira de Voleibol. Destacam-se ainda o Instituto Guga Kuerten

número 1 do Tênis Mundial e a Fundação Gol de Letra dos ex-atletas da Seleção Brasileira de Futebol Raí e Leonardo⁴⁴.

O Instituto Compartilhar por exemplo, tem como objetivo oportunizar crianças e adolescentes, prioritariamente de escolas públicas, a prática do esporte de forma divertida ao mesmo tempo que aprendem valores essenciais para sua formação, sendo norteado pelos princípios: investimento em pessoas, transparência e ética no que se faz, excelência e efetividade nas ações e comprometimento de todos para uma sociedade melhor. Atualmente o Instituto está presente em vários estados brasileiros como Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte e divide-se em dois grandes Programas: o Socioesportivo e o Educacional.

O Projeto Socioesportivo é a principal atividade do Instituto, que por meio de parceiros públicos e privados buscam disseminar o ensino do vôlei a partir de sua metodologia própria sendo implantado no contraturno escolar, buscando oferecer prática esportiva de qualidade como elemento facilitador da educação das crianças e adolescentes. Dos 40 núcleos existentes e espalhados pelo Brasil, apenas três não são realizados em escolas públicas. Segundo documento disponível no sitio oficial do Instituto (2016), atualmente o Programa Socioeducativo contém três projetos: os núcleos de iniciação ao Voleibol no Paraná (parceria entre o Instituto, o Governo do Paraná, por meio das Secretaria de Esporte e Educação e a Empresa Unilever); o Esporte em Ação que atua nos Estados do Rio de Janeiro e também no Paraná promovendo a prática de outras modalidades esportivas; e o Vôlei em Rede.

Já o Programa Educacional busca apoiar as ações socioesportivas apresentando o esporte como possibilidade de melhora para uma vida mais saudável. Utiliza o Gibi Compartilhar e Programa Escolha Certa como estratégias de ação para disseminar os valores de cidadania e a melhora da qualidade de vida dos alunos. Por meio de clinicas o programa busca formar profissionais e acadêmicos do esporte a partir da metodologia própria do instituto, além de possuir parceria com o programa finlandês Muuvit atuando

⁴⁴ Todas as informações sobre os Institutos foram retiradas diretamente dos sítios eletrônicos das instituições, sendo estas as fontes primárias para as informações apontadas.

em escolas públicas e privadas que busca combater o sedentarismo em crianças e adolescentes.

Baseada no processo de iniciação da Federação Internacional de Voleibol a Metodologia Compartilhar busca a transmissão de valores do esporte e não a formação de atletas. Norteados pelos princípios da ludicidade, da adaptação do espaço e número de participantes, elaboração de atividades com recorte do jogo e inserção de valores em todos os momentos. Suas ações sustentam-se nas contribuições do mini esporte que busca simplificar as necessidades do jogo, alterando as dimensões do espaço, da bola, dos obstáculos e do objetivo do jogo. O documento que apresenta a metodologia é bastante objetivo, inclusive definindo a estrutura de uma aula. As atividades desenvolvidas pelo instituto acontecem a partir da relação entre o próprio instituto com a responsabilidade de capacitar os professores, supervisionar o projeto, fornecerem os materiais e estimular a promoção de eventos, os governos e prefeituras com a função de selecionar as escolas ou ginásios, bem como os professores que ministrarão as aulas, assumindo os encargos legais e financeiros e os parceiros privados com a responsabilidade de apoiar financeiramente o projeto.

Outra importante instituição que desenvolve ações no esporte educacional é o Instituto Esporte & Educação. Criado pela Ano Moser, ex-atleta olímpica, o instituto já atendeu mais de 1.000.000 milhão de crianças e jovens em eventos pelo país, além de formar mais de 40 mil professores. As ações do instituto têm como objetivo a formação do cidadão crítico e participativo por meio da educação física e o esporte através do atendimento direto das crianças e adolescentes e da formação de professores por meio de sua metodologia própria. O instituto possui vários projetos de ação como o Projeto Caravana do Esporte, o Projeto Jogadeira, o Projeto Vilas Olímpicas, o Projeto de Formação de Professores das Redes Públicas, dentre outros. Da mesma forma como o Instituto Compartilhar, o Instituto Esporte & Educação se organiza a partir da relação entre as parceiras com a iniciativa privada através de convênios com várias grandes empresas, e com os parceiros públicos como por exemplo o Governo de São Paulo, a Prefeitura do Rio de

Janeiro e o Ministério do Esporte. Atualmente o Instituto é contemplado pela Lei de Incentivo ao Esporte por meio do projeto Formação Continuada de Professores das Redes Públicas estando presente em estados como São Paulo, Pernambuco, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, Paraná, Goiás e Espírito Santo, contendo 16 polos de formação em 20 cidades, com 1200 professores em processo de formação contemplando 525 escolas.

A metodologia proposta pelo Instituto Esporte & Educação busca desenvolver valores como a solidariedade, respeito ao próximo e às regras, tolerância, sentido coletivo e cooperação na busca pelo desenvolvimento integral do indivíduo sustentadas nos quatro pilares da educação: saber, fazer, ser e conviver. Suas ações são estruturadas a partir dos princípios da pedagogia do esporte que procuram ensinar esporte para todos, ensinar bem esporte para todos e ensinar mais do esporte para todos e que buscam a inclusão de todos, a construção coletiva, o respeito a diversidade, a educação integral e o rumo à autonomia.

Destacam-se ainda a Fundação Gol de Letra dos ex-jogadores de futebol Raí e Leonardo na qual buscam promover a educação integral de crianças, adolescentes e jovens por meio de esporte, cultura e formação para o trabalho norteados pelos princípios de dignidade, fraternidade, perseverança e solidariedade através de parcerias com a iniciativa privada e com o poder público como o Governo do Estado de São Paulo e a Prefeitura de São Paulo e o Ministério do Esporte. A fundação também possui metodologia própria alicerçada no conceito de educação integral, seguindo os princípios educacionais de aprender, conviver e multiplicar e possui um projeto de formação de professores espalhados por todo o Brasil.

O que as instituições supracitadas possuem de similar, é que se tratam de organizações sem fins lucrativos e atuam no esporte educacional em frentes diferentes e são permeadas pela mesma perspectiva de esporte educacional - a descrita pela lei n° 9615/98 (Art 3°, inciso I), uma vez que está pressupõe uma compreensão ampla do esporte e possibilita que se transite entre várias teorias, entendimentos e compreensões. Cada uma delas possuem objetivos, estratégias, metodologias e entendimentos distintos acerca da

operacionalização do esporte educacional no Brasil, o que se traduz em diferentes ações e projetos de intervenção.

A partir das parcerias entre as organizações não governamentais, e os Governos Federais, Estaduais e Municipais, pode-se perceber que estes agentes (ONG'S) desenvolvem seus caminhos paralelamente e possuem entendimentos singulares sobre o esporte educacional. Estes, acabam por interferir decisivamente na elaboração, construção, idealização e desenvolvimento de políticas públicas destinadas ao esporte educacional, pois as ONG's inserem-se política e socialmente em diferentes âmbitos. Estas instituições possuem prestígio, reconhecimento esportivo e social, que advém dos agentes que compõem estas instituições; na maioria das vezes, ex-atletas que se inserem com certa facilidade na agenda política graças ao capital esportivo e simbólico que possuem. Neste sentido, a entrada no campo político na maioria das vezes é exitosa pois seus discursos possuem sentido, significado e relevância.

Como Sabatier (2007) salienta, as crenças fundamentais dos agentes compõem suas ações, assim as ONG's desenvolvem politicamente a perspectiva de cada agente que a governa. Como pode-se observar nos textos que descrevem o trabalho de cada instituição - há diferenças, divergências e convergências entre as mesmas, mas cada uma delas carregam no seu olhar a crença de seus agentes.

De forma geral, a agenda proposta pelo Ministério do Esporte (Brasil, 2017) propõem a seus programas encaminhamentos lúdicos, inseridos nas possibilidades das crianças, com o desenvolvimento de jogos e adaptações a faixa etária; prevê ainda atendimento a crianças em situação de risco e vulnerabilidade, buscando seu desenvolvimento integral e cidadão, considerando também os valores sociais que podem ser apresentados pelo esporte, como a solidariedade, tolerância, cooperação, etc. Ao analisar estas indicações percebe-se que os discursos apontados pelas instituições não governamentais estão em consonância, todos trabalham em prol de desenvolver o esporte no país - público ou privado, busca-se espaço diferenciado para um fazer semelhante. As crenças permeiam-se e confundem-

se. Principalmente porque no contexto atual o esporte acaba por ser entendido como um “fenômeno plural, complexo e heterogêneo” (MARQUES, 2015, p.150), no qual há uma diversidade de envolvimento, interesses e perspectivas.

A partir dessa compreensão, aponta-se que as políticas públicas são construídas a partir de processos conflituosos no campo, são fruto de muitas discussões entre agentes e concorrências de lutas e persuasões políticas. Assim pode-se afirmar que concepções de agentes sociais com amplo capital simbólico e esportivo podem ter contribuído para a elaboração do amplo encaminhamento do esporte educacional no Brasil? Ou ainda, as discussões sobre um esporte educacional mais próximo da realidade infantil podem ter colaborado para multifacetar o esporte que se pretende desenvolver?

No campo das políticas públicas para o esporte existem uma diversidade de agentes operando em diversos níveis para constituir suas marcas, projetos e planejamentos, entre eles: agentes do campo científico, esportivo, político e administrativo. Apresentam-se em estruturas modeladas e remodelantes que modificam-se baseadas em críticas (Sabatier e Jenkins, 1993). Cada um defende suas crenças fundamentais e cede paulatinamente nas suas crenças secundárias, colaborando para compor politicamente o campo esportivo brasileiro.

Entende-se por campo, espaços sociais hierarquicamente estruturados compostos por agentes e instituições que possuem determinados interesses específicos e em comum, que travam disputas para o acúmulo de capitais (econômico, social, cultural e simbólico) que fornecerão distinção neste espaço específico (Bourdieu, 1990; 1998). Para Bourdieu (1990), no campo político tem-se permissão para entrar apenas onde se conquistou e se adquiriu determinado tipo de capital para se legitimar. Assim, ex-atletas acabam por possuir maior capital simbólico do que outros agentes, uma vez que vivenciaram e operam o campo a mais tempo.

Há uma evidência na intenção política com técnicas e expressões específicas, pois são essas que constituem a existência do jogo, legitimando ou não discursos dentro de um campo. Politicamente, a competência social está

ligada a produção de discursos e atos políticos. Bourdieu (1983; 1990; 1998) reforça ainda que as proposições no campo sempre possuem mais força quando partem de quem possui mais capital cultural, econômico, simbólico, e que só isso não basta, há de se ter interesse dos dominantes do campo para a efetivação das ideias propostas.

A partir dessas reflexões, pode-se afirmar que instituições que permeiam o campo livremente possuem grande capital político baseado, principalmente, no capital simbólico e esportivo detido e somado pelos agentes que operacionalizam esse espaço. Além disso, Sabatier (1998) impulsiona uma outra discussão, sobre as imagens políticas que são constituídas e associadas ao sucesso do monopólio político. As ONG's detêm grande apelo emocional, pois estão imprimindo a marca do atleta e de seu sucesso nas ações junto ao esporte educacional. Assim é feita uma "cola" entre o sucesso do provedor e do provido, colaborando com as pontuações das imagens formadas pelas instituições, desempenhando papel fundamental na agenda da instituição, da sociedade e posteriormente, do governo. Portanto, neste percurso os atores precisam se reconhecer e se dedicar a essa imagem, pois é a fonte institucional que proporciona estabilidade ao processo.

Muitas vezes as ações dos agentes no campo político não são claras e objetivas como se pressupõe, há uma espécie de "bloqueio" existente no caminho, as perspectivas são colocadas em campo, mas a análise e efetivação da mesma passa por tantos outros agentes, que objetivamente não é possível apontar de onde todas as tensões vieram e como elas se comportam. Apenas é possível perceber que o jogo existe e que muitas possibilidades advêm das necessidades políticas apontadas no período existente. Essas necessidades podem ser de apelo emotivo, por eventos midiáticos, por algum descontrole ou espaço deixado no sistema, por pressão popular, e por ações requeridas e estruturadas por agentes detentores de maior capital econômico, social, social, simbólico e precisamente, neste caso de capital esportivo. As discrepâncias são muitas para se iniciar um processo ou para mantê-lo na agenda governamental. Mas uma diversidade de questões empíricas demonstra aquilo que Bourdieu já elucidou, no que concerne na luta interna

dentro dos campos, na qual aqueles com maiores capitais influenciam, controlam e desenvolvem mais rapidamente seus interesses no campo. Além disso, é necessário apontar que a criação de demandas e a inserção de pautas nas agendas políticas necessitam que determinadas “janelas de oportunidades” estejam abertas permitindo que as ações aconteçam.

Considerações Finais

O presente trabalho teve como objetivo identificar e apresentar as ações governamentais federais que permeiam as políticas públicas para o desenvolvimento do esporte educacional e discutir acerca das parcerias com instituições privadas e seus possíveis desdobramentos no Brasil.

Com a janela de oportunidade vivenciada pelo Brasil na última década, sendo sede de vários eventos esportivos internacionais como por exemplo: Jogos Panamericanos, Copa do Mundo de Futebol e Jogos Olímpicos é possível perceber a existência de algumas estratégias, a nível federal, para o desenvolvimento do esporte educacional e demais manifestações esportivas previstas na lei. Considerando a especificidade deste trabalho, podem ser citados o Programa Segundo Tempo e o Programa Esporte na Escola.

Uma das características importantes para o desenvolvimento do esporte educacional no Brasil, é a forte presença das ONG's, na maioria das vezes lideradas por ex-atletas estabelecendo, em várias instâncias, parceira com os órgãos públicos, exercendo o jogo político a partir do capital simbólico e esportivo acumulado durante anos. Neste percurso, observa-se que existe um financiamento e uma estrutura pública para que o esporte se delineie, mas a efetivação deste processo ocorre marcadamente nas esferas privadas. O Estado estabelece as políticas públicas e cria processos e programas de incentivo, mas as ONGs e outras instituições possuem os meios de concretização do esporte no país.

De forma sintética, percebe-se que esporte educacional é carregado de diferentes concepções e entendimentos nas quais resultam em ações e projetos de diferentes perspectivas. Destaca-se que essas diferenciações de

encaminhamentos são possíveis graças a configuração da lei, que regulamenta o esporte educacional no país, esta, possibilita e autoriza diferentes perspectivas de entendimento, constituindo diversas discussões e tensões neste campo. A compreensão do esporte enquanto objeto de estudo passível de análises sociológicas, perpassa pelo entendimento de que estas manifestações são multifacetadas e polissêmicas, nas quais diferentes instituições e agentes influenciam e atuam tencionando o campo. Sugere-se novos estudos que compreendam e analisem como determinadas políticas públicas relacionam-se com esporte educacional nas suas várias perspectivas.

Referências

BRASIL. (2018). Lei 9.615, de 24 de março de 1998. **Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 mar.

BOURDIEU, P. (1983). **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero.

BOURDIEU, P. (1990). **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense.

BOURDIEU, P. (1998). **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

LE BRETON, D. (2007). **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes.

MACHADO, G. V. ; GALATTI, L. R. ; PAES, R. R. (2015). Pedagogia do esporte e projetos sociais: interlocuções sobre a prática pedagógica. **Movimento** (Porto Alegre. Online), v. 21, p. 405-418.

MARQUES, R. F. R. (2015). O conceito de esporte como fenômeno globalizado: pluralidade e controvérsias. **Revista Observatorio del Deporte.**, v 1, n 1, p. 147 -185,.

SABATIER, P. A. (1988) An advocacy coalition framework of policy change and the role of policy-oriented learning therein. **Policy sciences**, v. 21, n. 2-3, p. 129-168.

SABATIER, P. A.; JENKINS-SMITH, H. C. **Policy Change and Learning. An Advocacy Coalition Approach**. Boulder, San Francisco, Oxford: Westview Press. 1993.

SABATIER, P. A.; JENKINS-SMITH, H. C. "The advocacy coalition framework: an assessment". In: SABATIER, P., (Ed.). **Theories of the policy process**. Boulder: Westview Press, 1999.

SABATIER, P. A. (2007). **Theories of the Policy Process**. Boulder: Westview Press.

SANCHES, S. M. ; RUBIO, K. (2011). A prática esportiva como ferramenta educacional: trabalhando valores e a resiliência. **Educação e pesquisa**, v. 37, n. 4, p. 825-841, 2011.

A TEORIA DA MODERNIZAÇÃO REFLEXIVA E SUAS APROXIMAÇÕES COM A ANÁLISE DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE ESPORTE NO BRASIL

Neidiana Braga da Silva Souza

Universidade Estadual de Maringá (Brasil)

Temistocles Damasceno Silva

Universidade Estadual de Maringá (Brasil)

Juliano de Souza

Universidade Estadual de Maringá (Brasil)

Resumo

Este ensaio pretende colaborar com o debate acerca da construção de um novo modelo teórico para a análise da política pública de esporte e lazer no Brasil. Ao levar em consideração o dogmatismo e o irrealismo científico que permeiam a produção do conhecimento correlato a área, evidencia-se possíveis passos para a materialização de novos caminhos a partir da teoria da modernização reflexiva.

Palavras-chave: Política Pública; Esporte; Lazer; Teoria da Modernização Reflexiva.

La teoría de la modernización reflexiva y sus aproximaciones con el análisis de las políticas públicas de deporte en brasil

Resumen

Este ensayo pretende colaborar con el debate sobre la construcción de un nuevo modelo teórico para el análisis de la política pública de deporte y ocio en Brasil. Al tomar en consideración el dogmatismo y el irrealismo científico que permean la producción del conocimiento correlato al área, se evidencian posibles pasos para la materialización de nuevos caminos a partir de la teoría de la modernización reflexiva.

Palabras clave: Política Pública; Deporte; Ocio; Teoría de la Modernización Reflexiva.

The theory of reflective modernization and its approaches to the analysis of public sports policies in brazil

Abstract

This essay intends to collaborate with the debate about the construction of a new theoretical model for the analysis of public politics of sports and leisure in Brazil. Taking into account the dogmatism and the scientific unrealism that permeate the production of related knowledge in the area, it is evident

possible steps for the materialization of new ways from the theory of reflexive modernization.

Keywords: Public Policy; Sport; Leisure; Theory of Reflexive Modernization.

Introdução

O campo científico oferece diversas possibilidades para a análise dos elementos que constituem as políticas públicas. De acordo com Arretche (2003: 7), é notório o aumento das pesquisas correlatas à temática enquanto reflexo das recentes mudanças na sociedade. Logo, a ampliação de programas e projetos governamentais dentre outros fatores incidem sobre este episódio. Paralelamente, emerge-se críticas aos procedimentos teórico-metodológicos utilizados. Na maioria dos modelos teóricos de análise da política, considera-se as ações governamentais e decisões do poder público enquanto premissas de explicação da realidade.

Nessa perspectiva, Souza (2003: 17) aborda que as bases teóricas utilizadas são de pouca aproximação com os modelos ou tipologias políticas e contém uma leveza metodológica exacerbada. Por outro lado, Faria (2003: 22) enfatiza que “[...] há hoje uma Babel de abordagens, teorizações incipientes e vertentes analíticas que buscam dar inteligibilidade à diversificação dos processos de formação e gestão das políticas públicas”.

No que se refere às políticas públicas de esporte e lazer, a ampliação da produção de conhecimento na área relaciona-se, dentre outras coisas, às modificações na estrutura administrativa governamental por meio da criação do Ministério do Esporte em 2003 e à realização dos megaeventos esportivos no país: jogos militares em 2011; Copa do Mundo da FIFA/2014; Jogos Olímpicos do Rio/2016; entre outros (Mezzadri, 2011). Entretanto, a incipiência dos usos teórico-metodológicos das pesquisas realizadas incide na limitação do olhar acerca do objeto, haja vista, que tais estudos se concentram na avaliação subjetiva da política ignorando aspectos cruciais que influenciam na estruturação das ações (Mendes, 2017). Segundo Starepravo (2011: 40), o setor apresenta um elevado número de análises que se constituem em relatos de experiências, com frágil embasamento teórico e “[...] privilegiam os efeitos

da macro-estrutura econômica e social sobre as políticas”, resultando assim, na explicação ineficaz do fenômeno, ou seja, inflexiona a uma vertente teórica que possivelmente não contempla a nova dinâmica social moderna.

Partindo desse pressuposto, o presente ensaio visa apresentar a teoria da modernização reflexiva enquanto ferramenta de análise das políticas públicas de esporte e lazer. Apesar de Starepravo, Souza e Marchi Júnior (2011: 234) pontuarem que tais políticas são “apenas a parte mais visível de todo o processo”, levanta-se a ideia que, estas também são resultados de processos implícitos na sociedade relacionados às interrelações e influências mundiais bem como à participação popular na tomada de decisão para além dos espaços institucionais.

A teoria da modernização reflexiva enquanto ferramenta de análise da política pública de esporte no Brasil

A teoria da modernização reflexiva gira em torno das novas formas em que a modernidade tem se manifestado na sociedade, no sentido de não centralizar a explicação da realidade apenas pelo viés econômico. Ao considerar o protagonismo do indivíduo acerca da utilização das diversas formas de conhecimento adquiridas na sua trajetória de vida e a consciência sobre a realidade com vistas ao delineamento de suas escolhas, Beck (2011) endossa a necessidade de repensar a premissa teórica alicerçada na narrativa que estabelece sujeitos revolucionários conduzidos por determinantes sociais.

Nesta lógica, é possível perceber vários traços das consequências da modernidade no cenário atual, tais como: a eminência de um conflito armado que envolva armamento nuclear de alta destruição entre os Estados Unidos e a Coreia do Norte; as tragédias naturais ocasionadas pelo aumento no buraco da camada de ozônio e as catástrofes oriundas da exploração irrestrita das riquezas da natureza. Além disso, verifica-se a possibilidade da utilização da política e da ciência como instrumentos de potencialização desta destruição ou superação da realidade apresentada. De acordo com Giddens (2005), o diagnóstico institucional da modernidade e as conexões entre o conhecimento

sociológico e as características da modernidade são elementos de compreensão da natureza deste fenômeno.

A abrangência do estudo sociológico é extremamente vasta, incluindo desde a análise de encontros ocasionais entre indivíduos na rua até a investigação de processos sociais globais. (...) A sociologia mostra a necessidade de assumir uma visão mais ampla sobre por que somos como somos e por que agimos como agimos. Ela nos ensina que aquilo que encaramos como natural, inevitável, bom ou verdadeiro, pode não ser bem assim e que os 'dados' de nossa vida são fortemente influenciados por forças históricas e sociais. Entender os modos sutis, porém complexos e profundos, pelos quais nossas vidas individuais refletem os contextos de nossa experiência social é fundamental para a abordagem sociológica (Giddens, 2005: 24).

A sociedade de risco se apresenta enquanto uma perspectiva contemporânea de explicação da nova dinâmica da vida social moderna “[...] não é uma opção que se pode escolher ou rejeitar no decorrer de disputas políticas. Ela surge na continuidade dos processos de modernização autônoma, que são cegos e surdos a seus próprios efeitos e ameaças” (Beck; Giddens; Lash, 1997: 160). Desta forma, é preciso considerar que os riscos são respostas das interações do homem com a natureza e do homem com a sociedade (Beck, 2011).

Devido aos divergentes níveis de intensidade em que a sociedade é atingida pela modernização reflexiva, torna-se notória as tensões entre a tradição e a destradicionalização, ou seja, existem situações em que as decisões são tomadas baseadas nos princípios da velha sociedade. Os estudos de Giddens (1997) permitem compreender que a conservação da tradição perpassa em parte por um projeto de radicalismo renovado e que o mundo social deve ser entendido como resultado de ações sociais inerentes ao indivíduo, descaracterizando assim, a influência de qualquer intervenção externa, seja de ordem teológica ou natural.

Viver na sociedade de risco significa adotar uma atitude calculada em relação as possibilidades de ações abertas, positivas ou negativas, enquanto indivíduos e globalmente, somos confrontados de modo contínuo na nossa existência social contemporânea (Giddens, 1997: 26).

Para o autor, a modernização reflexiva pressupõe uma dialética do esclarecimento situada nos novos movimentos sociais e alicerçada na política de democracia radical. Esse processo abre possibilidade para uma subjetividade autônoma por meio de uma individualização genuína no que se refere aos ambientes naturais, sociais e psíquicos. Ao mesmo tempo, as consequências da reflexividade são imensuráveis e induzem o indivíduo a se posicionar diante das diversas opções oferecidas pela vida social moderna. Neste contexto, a influência da tradição e moralidade passa a perder força perante a individualização, sendo que, a nova reflexividade sobre as regras e os recursos proporcionam a reorganização da macroestrutura institucional (Giddens, 1997).

No que se refere ao processo de destraditionalização acerca da política pública de esporte é possível considerar as mudanças ocorridas no cenário internacional a partir da década de 1960 e suas implicações em contexto sócio-políticos distintos. A constituição do Estado de Bem-Estar social após a segunda guerra corroborou para o estabelecimento de um novo panorama na relação entre o Estado e o fenômeno esportivo (Carzola; Pietro, 2013). Nesta perspectiva, diversas entidades à época (governamentais e não governamentais) propuseram documentos que endossavam a importância do esporte enquanto ferramenta de desenvolvimento social. Sendo assim, acredita-se que tal processo estimulou a reflexividade institucional, ou seja, a reorganização da macroestrutura administrativa destinada ao setor, fato este, determinante para a adoção de novos dispositivos legais, implementação de órgãos e alocação de recursos financeiros exclusivos ao fomento da política em questão, por parte de diversos países do mundo. Logo, a inserção do esporte enquanto direito na Constituição Federal de 1988, a implantação de estruturas administrativas e ampliação orçamentaria correlata ao setor esportivo se apresentam como um campo fértil de investigação e análise da política pública de esporte no Brasil a luz da teoria da modernização reflexiva.

Vale ressaltar que, segundo Beck, Giddens e Lash (1997: 16), o conceito de reflexividade “não implica (como pode sugerir o adjetivo "reflexivo") reflexão, mas (antes) autoconfrontação”. Sendo assim, tal conceito encontra-

se situado na relação “indivíduo e sociedade”, na medida em que a sociedade identifica alterações na forma dos indivíduos viverem e se organizarem, delineando assim, um processo de adaptação e dando origem a reflexividade institucional. Ao mesmo tempo, a situação inversa poderá ser materializada, dando origem a reflexividade privada, ou seja, o decurso em que o indivíduo se adapta à nova dinâmica da vida social moderna, calculando os riscos e os seus efeitos colaterais oriundos deste processo.

Para Beck (2011) o sistema político-administrativo já não pode ser o único espaço das decisões e ocorrências políticas. Neste ínterim, percebe-se a existência de um caminho que reacende o institucional não político caracterizado como a subpolítica. As redes de participação e acordo emergem a partir de novas formas de reinterpretação e negociação no âmbito político, inflexionando assim, modificações internas de intervenção, controle e resistência através da democratização. Vale ressaltar que nem sempre à subpolítica implicará na reorganização da macroestrutura, uma vez que a política que segue regras tem predominado no *modus operandi* de muitos Estados-Nação. Todavia, desconsiderar a existência e influência da subpolítica neste âmbito corresponde a ocultar um movimento importante incrustado não só à reinvenção da vida com também da política, em sentido estrito e amplo, sob o pano de fundo da segunda-modernidade.

No que se refere às políticas públicas de esporte e lazer, Starepravo e Marchi Júnior (2016: 44) pontuam que desde 1930 “observa-se uma efetiva autonomia da sociedade para se organizar esportivamente”, e ainda reforçam que tal forma de organização esportiva pela sociedade é uma característica central do desporto brasileiro. No entanto, constata-se uma lacuna no campo científico acerca da descrição e análise da subpolítica relacionada ao esporte e lazer. Desta forma, se faz necessário utilizar tal pressuposto na compreensão da dinâmica da participação dos movimentos da sociedade civil organizada na arena decisória dos fenômenos abordados, ao considerar que a política e as organizações de representatividade da sociedade civil são permeadas por conflitos e debates com raízes no dinamismo da nova sociedade (Beck; Giddens; Lash, 1997). O cenário brasileiro torna-se um campo promissor

dessas análises, levando-se em consideração a implantação da Lei nº 11.43/2006 denominada Lei de Incentivo ao Esporte, a qual possibilitou o apoio as ações esportivas do terceiro setor por meio de renúncia fiscal.

Em adição às reflexões sobre a sociedade de risco, Beck (2018) aprofunda o debate com um novo conceito denominado metamorfose mundial. Conforme o autor, este conceito vai além da observação do lado negativo dos efeitos colaterais da referida sociedade. Esse ideário de metamorfose do mundo perpassa pela compreensão de que a sociedade se reinventa constantemente e se transforma, não necessariamente de forma revolucionária, mas como um movimento na nova modernidade. Um exemplo correlato à metamorfose mundial seria a fertilização *in vitro*⁴⁵, a qual surge como meio de auxílio para a família tradicional conseguir a reprodução da sua espécie. No entanto, apesar “[...] dos objetivos estarem fixados na estrutura da velha visão de mundo de um conceito tradicional [...] no nível prático foram escancarados os portões [...]” para estender-se a outras possibilidades tendo em vista que surgem novas realidades (Beck, 2018: 41).

Outro ponto a ser considerado, relaciona-se ao fato que essas modificações de panoramas sociais, segundo Beck (2018: 59) “provocam ação gravitacional global”. Logo, não é possível ignorar os impactos da reflexividade na modernidade, as novas formas de família, as ações frente às mudanças climáticas no mundo, sem falar da inclusão desses e outros assuntos na agenda política. Nesse metajogo do poder⁴⁶, tornou-se um grande desafio compreender a relação de interdependência entre indivíduo e sociedade bem como, os aspectos que configuram a subpolítica e a reflexividade institucional das políticas públicas de esporte e de lazer no Brasil.

Neste sentido, o primeiro passo a ser dado é desconsiderar a concepção de um mundo alienante e opressor e compreender que a modernização pode

⁴⁵ Fertilização *in vitro*: “consiste em propiciar, em condições específicas determinadas para tal fim, em laboratório, a fecundação do óvulo pelo espermatozoide fora do corpo da mulher. Uma vez cumprida esta etapa o embrião é transferido ao útero da mãe, onde a expectativa é que ele se implante e continue se desenvolvendo”. (MAKUCH; FILLETO, 2010, p. 772)

⁴⁶ Meta jogo do poder: se trata de uma política de efeitos colaterais envolvida num conflito entre quem defende a ordem nacional e quem a contesta reescrevendo as regras de poder e da política (BECK, 2018)

ser unificadora e fragmentadora (Beck, 2010). Em adição, é preciso superar a ideia fora do lugar estabelecida por pesquisadores que se intitulam os guardiões da verdade formular, os quais, defendem a manutenção de um projeto ideológico sem conexão com a vida social moderna e que não consegue explicar a realidade para além da perspectiva econômica. Ao mesmo tempo, se faz necessário reconhecer que existe uma ordem pós-escassez que emerge da reestruturação ativa da vida profissional dos indivíduos a partir do momento em que a variável econômica deixa de ser o principal fio condutor das ações (Giddens, 2002).

A busca por novos horizontes sinaliza o uso da ótica do cosmopolitismo metodológico como forma de aprofundamento analítico em contraposição ao comumente utilizado viés do nacionalismo metodológico. Neste contexto, Beck (2018: 57) difere os termos com o seguinte apontamento: “[...] “nacionalismo metodológico” é a concepção de que o mundo gira em torno da nação, deve ser substituído pelo “cosmopolitismo metodológico”, a concepção de que a nação gira em torno do mundo em risco”. Além disso, Beck (2011) revela que uma nova roupagem científica se materializa como consequência da modernidade tendo em vista que, a ciência também sofre influência da modernidade, perdendo assim, o caráter simplista bem como a hegemonia do conhecimento (cientifização pela metade) e passa a ser reflexiva, momento em que ela se autoconfronta, colocando em cheque as suas bases e os seus efeitos externos. Para Beck (2018: 24) os “sociólogos que fazem pesquisa somente a partir de e sobre o contexto nacional bloqueiam suas carreiras e permanecem o que são: sociólogos nacionais”.

Tais profissionais precisam enxergar as novas facetas sociais e a quebra de fronteiras que ficam explícitas mas não são mencionados na história contada. Neste contexto, pensar a produção do conhecimento a partir do nacionalismo metodológico apenas com o olhar das instituições, não dá conta de problematizar tais movimentações. O cosmopolitismo encontra-se presente a todo instante nesse entrave e nas novas formas de se (re)fazer a sociedade moderna. A própria cientificidade simples quando migra para a reflexiva surge dessas incidentes colorações abarcadas pela abertura de

“novos mercados mundiais, novos padrões de inovação” frente aos riscos globais e seus efeitos colaterais, provocando assim, reflexividade profunda nas entranhas sociais (Beck, 2018: 67-68).

Ao elencar os Centros de Desenvolvimento de Pesquisas em Políticas de Esporte e Lazer vinculados ao Ministério do Esporte enquanto objeto de estudo cria-se uma possibilidade de investigação acerca da premissa da cientificação reflexiva no campo da política pública de esporte e lazer do Brasil. Por outro lado, é possível utilizar os pressupostos estabelecidos por Beck (2011) para compreender os discursos científicos que alicerçam as justificativas políticas na tomada de decisão dos agentes inseridos campo esportivo.

Além disso, pode-se pontuar o movimento do Esporte para Todos - EPT enquanto influência cosmopolita na década de 1970, haja vista que tal perspectiva é oriunda do contexto europeu no final da década de 60 com a intenção de massificar através de uma educação permanente o fenômeno esportivo. Período em que segundo Pazin (2004) o esporte estava emergindo enquanto uma tendência internacional e cultural constituindo-se como campo de conhecimento, a Ciência do Esporte.

No entanto, para além do cosmopolitismo o advento do EPT percebe-se que a subpolítica também contribuiu para a constituição do movimento na época. Assim, para Cavalcanti (1984) desde as práticas não formais de futebol de 1910 e 1920, a colônia de férias, e outras atividades desenvolvidas pela Escola de Educação Física do exército na década de 30, as Ruas de Lazer da década de 50 e a campanha MEXA-SE já na década de 70, são exemplos de ações tanto da sociedade civil quanto institucionais que possibilitaram em conjunto com as influências mundiais à estruturação do EPT no Brasil.

Outro elemento de destaque da teoria é o processo de individualização. Para Beck, Giddens e Lash (1997), a individualização é resultado da modernidade e não só modifica as relações como também redesenha os conflitos sociais. Nesta lógica, as demandas que eram superadas coletivamente, hoje, cada vez mais são percebidas, interpretadas e resolvidas pelos próprios indivíduos, sendo estes, influenciados pelos seus

conhecimentos e sua consciência. Sendo assim, a perspectiva *giddensiana* considera a ação humana como uma ferramenta primordial para o entendimento da mudança social, levando-se em conta os seus limites e possibilidades bem como, a existência de aspectos contingentes e ações não-intencionais que afetam os referidos processos de mudança (Gomes; Almeida; Vaz, 2009).

O surgimento de novas práticas corporais e a busca por atividades físico-esportivas na natureza retratam a emergência de análises sobre o comportamento do indivíduo perante a vida social moderna. Mais uma vez, considera-se a importância da teoria da modernização reflexiva na explicação de tais processos. De acordo com Beck (2010), torna-se salutar a utilização de uma teoria que estimule contrições objetivas com vistas a centralização da discussão sobre a ação científico-tecnológica. Neste panorama, o autor acredita que a ciência é capaz de transformar a si mesma, utilizando-se de uma teoria da empiria que possibilite o restabelecimento da força especulativa do pensamento com o contexto social vigente. Desta forma, será possível alcançar a consciência científica enquanto instrumento de capacidade crítica e aprendizado.

Considerações finais

As reflexões apresentadas neste ensaio visam contribuir para um aprimoramento na escolha dos modelos utilizados nas análises da política pública de esporte por parte dos pesquisadores que compõe o campo científico em questão. Desse modo, é possível considerar a teoria da modernização reflexiva como ferramenta significativa para análise da política pública de esporte no contexto brasileiro.

Diante do exposto, pode-se considerar que a teoria retrata o processo ambíguo da modernidade, evidenciando assim, a importância da subpolítica no processo de tomada de decisão dos agentes que compõem o campo político. Ao mesmo tempo, destaca-se o advento da tecnologia e a perda da hegemonia

do conhecimento do campo científico como partes preponderantes desta dinâmica.

Além disso, acredita-se que independente das colorações ideológicas que constituíram o cenário político brasileiro ao longo do tempo, a estruturação e reorganização da política pública de esporte no Brasil contou com elementos do processo cego e surdo de modernização reflexiva repercutido tanto no centro quanto na periferia do capitalismo. Sendo assim, a roupagem dada ao cenário esportivo nacional foi constituída através de novas formas correlatas a dinâmica cosmopolita da política esportiva local.

Por fim, espera-se que a teoria possa ser utilizada em futuras investigações relacionadas a produção do conhecimento na área, possibilitando a constituição de novos caminhos de explicação da realidade.

Referências

ARRETCHE, M. T. S. (2003). Dossiê agenda de pesquisas em políticas públicas. Revista brasileira de Ciências Sociais, vol. 18, nº 51, p. 07-10.

BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. (1997). Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna. Tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.

BECK, U. (2011). Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34. 2ª ed.

BECK, U. (2018). A metamorfose do mundo: novos conceitos para uma nova realidade. Rio de Janeiro: Zahar. 1ª ed.

CASTIEL, L. D. (1996). Vivendo entre as exposições e agravos: a teoria da relatividade do risco. Manguinhos, Rio de Janeiro, v.3 n.2, p.237-264.

CAVALCANTI, K. B. (1984). Esporte para todos: um discurso ideológico. São Paulo: IBRASA.

DOMINGUES, J. M. (2002). Reflexividade, individualismo e modernidade. Revista brasileira de ciências sociais - v.17 n. 49.

FARIA, C. A. P. (2003). Ideias, conhecimento e políticas públicas: um inventário sucinto das principais vertentes analíticas recentes. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 18, n. 51, p. 21-30.

FERREIRA, L. C. (2006). Idéias para uma sociologia da questão ambiental no Brasil. São Paulo: Annablume.

FERREIRA, L. C. et al. (2006). Environmental issues, interdisciplinarity, social theory and intellectual production in Latin America. Ambiente & Sociedade, Campinas, v.9, n.2, p.924.

GIDDENS, A. (2005). Sociologia. Porto Alegre, ArtMed p.24-28.

GIDDENS, A. (2002). Modernidade e identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

GOMES, I; ALMEIDA, F.; VAZ, A. (2009). Sobre corpo, reflexividade e poder: um diálogo entre Antony Giddens e Michel Foucault. *Política & Sociedade*, v. 8, n.15.

GUIVANT, J. S. (2016). O legado de Ulrich Beck. *Ambiente & Sociedade*. São Paulo v. XIX, n. 41 p. 229-240.

IANNI, A. (2010). Sobre a aplicabilidade da teoria de Ulrich Beck à realidade brasileira: situação de saúde e ação política. In: *Revista Estudos de Sociologia*, Araraquara, v. 15, n. 29, p. 471-490.

LUIS, O. C.; COHN, A. (2006). Sociedade de risco e risco epidemiológico. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.22, n.11, p.2339-2348.

MAKUCH, M. Y.; FILETTO, J. N. (2010). Procedimentos de fertilização in vitro: experiência de mulheres e homens. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 15, n. 4, p. 771-779.

MENDES, A. D. (2017). A “Bancada da Bola” contra o esporte brasileiro: uma análise da 54ª legislatura. Tese (Doutorado em Políticas Públicas) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

MEZZADRI, F. M. (2011). Políticas públicas para o esporte e lazer: teorias e conceitos. In. *Esporte, lazer e políticas públicas na Região dos Lagos*. MOTTA, A.; TERRA, R. (org), Rio de Janeiro, iVentura.

PORTO, M. F. S. (2007). Uma ecologia política dos riscos: princípios para integramos o local e o global na promoção da saúde e da justiça ambiental. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

SILVA, B. A. (2015). Uma análise sobre a modernidade reflexiva e a complexidade ambiental no estado socioambiental de direito para o compromisso do desenvolvimento sustentável. *Revista Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Direito/UFRGS*. Porto Alegre, p. 101-131.

SOUZA, C. (2003). “Estado do campo” da pesquisa em políticas públicas no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 18, n. 51, p. 15-20.

STAREPRAVO, F.A.; SOUZA, J.; MARCHI JR., W. (2011). Políticas públicas de esporte e lazer no Brasil: uma proposta teórico-metodológica de análise. *Movimento* (UFRGS. Impresso), v. 17, p. 233-251.

STAREPRAVO, F. A. (2011). Políticas Públicas de Esporte e Lazer no Brasil: Aproximações, Intersecções, Rupturas e Distanciamentos Entre os Subcampos Político/Burocrático E Científico/Acadêmico. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

STAREPRAVO, F. A.; MARCHI JR., W. (2016). (Re)pensando as políticas públicas de esporte e lazer: a sociogênese do subcampo político/burocrático do esporte e lazer no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. v. 38, n. 1, p.42-49.

IMPLEMENTACIÓN DE LA LEY DE DISCAPACIDAD Y POLÍTICA NACIONAL DE ACTIVIDAD FÍSICA Y DEPORTE 2016-2025: LA EXPERIENCIA DE DEPORTISTAS AMATEUR CON DISCAPACIDAD VISUAL EN CHILE

Pablo Bahamondes Valencia
Universidad de Playa Ancha (Chile)

Paloma Bustamante Garín
Universidad de Playa Ancha (Chile)

Resumen

Este artículo busca comprender la valoración que deportistas chilenos con discapacidad visual amateur tienen a cerca de la implementación del eje deportivo de la ley de discapacidad 20.422 y la política nacional de Actividad Física y Deporte. Esta ley tiene por objetivo establecer normas de igualdad de oportunidades e inclusión social de personas con discapacidad, siendo el objeto de este trabajo resaltar la experiencia de los beneficiarios directos en la implementación de esta ley. Para esto se realizará un análisis de la ley y de los ejes principales que involucran la inclusión deportiva y se comparará mediante un conjunto de entrevistas realizadas a deportistas amateur con discapacidad visual. Este artículo tiene un alcance exploratorio, cuya finalidad es visibilizar las deficiencias de la puesta en marcha de la ley y abrir una agenda de investigación en esta línea. Dentro de las principales conclusiones revelan que las experiencias e impresiones de los beneficiarios están asociados a problemas de infraestructura que conducen a la segregación en los espacios, a deficientes manejos a nivel de federación y una falta de profesionales especialistas en la discapacidad.

Palabras clave: Discapacidad, Inclusión, Ley de discapacidad.

Resumo

Este artigo procura compreender a avaliação que atletas chilenos cegos amadores possuem sobre a implementação do eixo esportivo da lei da deficiência 20,422 e a política nacional de Atividade Física e Esporte. O objetivo desta lei é estabelecer a igualdade de oportunidades e padrões de inclusão social para pessoas com deficiência, com o objetivo de destacar a experiência dos beneficiários diretos na implementação desta lei. Para isso, um análise da lei será feito e dos principais eixos que envolvem a inclusão esportiva e será comparada por meio de um conjunto de entrevistas feitas a atletas cegos amadores. Este artigo tem um escopo exploratório, cujo objetivo é mostrar as deficiências da implementação da lei e abrir uma agenda de pesquisa nesta linha. Entre as principais conclusões, destacam-se que as

experiências e impressões dos beneficiários estão associadas a problemas de infraestrutura que levam à segregação nos espaços, má gestão no nível da federação e falta de especialistas profissionais em incapacidade.

Palabras clave: Deficiência, Inclusão, Lei da deficiência.

Abstract

This article seeks to understand the assessment that Chilean blind amateur athletes have about the sports implementation of 20,422 or the disability law, and the national Physical Activity and Sport policy. The purpose of this law is to establish equal opportunities and social inclusion of people with disabilities, being the purpose of this article to highlight the experience from the direct beneficiaries on the implementation of this law. For this purpose, a law analysis will be made about the main axes that involve sports inclusion and will be compared by means to a set of interviews from amateur blind athletes. This article has an exploratory reach, which purpose is to make visible the law implementation deficiencies and to open a research agenda in this line. Among the main conclusions its reveal that the experiences and impressions of the beneficiaries are associated with infrastructure problems that lead to segregation on this spaces, poor federation management level and a lack of professional disability specialists.

Keywords: Disability, Inclusion, Disability law.

Antecedentes

Derecho a participación en la ley 20.422 y eje deporte inclusivo en la política nacional de actividad física y salud.

En la legislación chilena a contar del año 2010 entra en vigencia la ley 20.422 o ley de discapacidad, la cual busca establecer igualdad de oportunidades en todos los ámbitos de la vida cotidiana para las personas con discapacidad, y eliminando cualquier forma de discriminación fundada en la discapacidad. Obteniendo así plena inclusión social.

En su artículo cuarto la ley dice que es deber del estado promover la igualdad de oportunidades de las personas con discapacidad, mediante programas que tienen como objetivo “mejorar la calidad de vida de las personas a través de fortalecimiento y promoción de las relaciones interpersonales, su desarrollo personal, la autodeterminación, la inclusión social y el ejercicio de sus derechos”, dando preferencia a la participación de

las personas con discapacidad, familias y organizaciones priorizando el entorno próximo de este grupo determinado de personas (Ley 20.422, 2010).

En Chile el deporte se divide en dos grandes ramas, el área pública y privada. Desde el área pública existen diferentes espacios de participación deportiva que tienen la tarea de velar por el fomento, y la difusión del deporte en todos los niveles, recreativo, amateur y competitivo. Estos son regulados por el IND o instituto nacional de deportes, institución perteneciente al gobierno de Chile que se encarga de generar programas enfocados a promover, desarrollar y obtener logros deportivos e incentivar la adherencia a las prácticas deportivas.

A contar del año 2016 con la creación de la “política nacional de actividad física y deporte” es que se regula la normativa de participación en el deporte recreativo de las personas que viven con discapacidad, las cuales hasta ese momento habían tenido limitadas oportunidades en instancias deportivas dentro de todos sus niveles (IND, 2016).

En concordancia entre la legislación y política nacional de actividad física es que el instituto nacional de deporte y el ministerio del deporte genera el espacio de deporte inclusivo dentro de su programa de participación social, el cual busca desarrollar acciones inclusivas las que consisten en la participación de las personas con discapacidad en actividades con personas convencionales. Además del incentivo del deporte adaptado, este consiste en actividades deportivas que han sido modificadas para que puedan ser practicadas por una persona con discapacidad, dando preferencia a los sujetos en situación de discapacidad y movilidad reducida.

En resumen, esta ley debiese garantizar que la discapacidad no sea una condición que se superponga por sobre los derechos de un ciudadano común, por lo que el no cumplimiento de ley no solo representa una vulneración de una ley deportiva sino que discrimina al discapacitado como un sujeto igual el naturaleza y en derechos.

Metodología

Bajo enfoque cualitativo este trabajo es de tipo exploratorio, cuya finalidad es poder examinar un problema de investigación con poco (Hernández et. al, 2003), en este caso, destacar las perspectivas de los beneficiarios.

El trabajo se elaboró en dos etapas: La revisión de la ley de discapacidad 20.422 y Política Nacional de Actividad Física y Deporte 2016-2025 , a partir de las cuales se elaboraron 3 dimensiones de observación con algunos indicadores generales:

Gestión institucional: Está referida existencia o no de programas propuestos por el Instituto Nacional del Deporte (IND) para el acceso y sistematización de la práctica deportiva. Los indicadores concretos de esta dimensión se componen de talleres, competiciones y eventos.

Infraestructura: Referida a contar con un acceso igualitario a dependencias y recintos deportivos. Los indicadores que se buscan comprender son: La existencia o no de oportunidades igualitarias para acceder a la facilitación de espacios como polideportivos, estadios o gimnasios; y si en esos espacios se dispone de los medios físicos que faciliten el uso de estos a personas discapacitada

Apoyo humano: Referida al cumplimiento de ley en lo que respecta a contar con profesionales especialistas que permitan una participación inclusiva de las personas con discapacidad.

Diseño: En función de estas dimensiones se diseñó una entrevista semi estructurada. Cuyas propiedad es contar con una pauta flexible, contando con preguntas planificadas que permiten el ajuste a los entrevistados. (Taylor & Bodgan, 2010)

Pauta entrevistas

Estas fueron las preguntas o ejes guías con las que se contaba al inicio del trabajo

- ¿Podría referirse a sus posibilidades de acceso a programas deportivos del IND?

- ¿A que instancias propiciadas por el IND ha logrado acceder?
- ¿Con que continuidad practica el goalball? ¿En que medida esa instancia es facilitada por el IND?
- ¿Qué opinión tiene acerca del acceso a dependencias deportivas del IND?
- ¿Qué opina acerca del acceso a un uso inclusivo de las dependencias?
- ¿Cuentan con apoyo de profesionales especialistas en el trabajo con discapacidad?

Población

Fueron entrevistadas 5 personas con discapacidad visual que mantiene una participación activa en clubes de goalball (deporte paralímpico para personas con discapacidad visual). Esta población se conformó de 1 mujer y 4 hombres, residentes en la región de Antofagasta, Metropolitana y de Valparaíso y que presentan distintas tipologías de afiliación y apoyo (club, federaciones regionales, federación nacional).

Análisis

Con las entrevistas se realizó un análisis de discurso, del tipo análisis de conversación, permitiendo responder a la estructura propuesta por la entrevista y visibilizó nuevas categorías sobre las cuales profundizar.

En lo que respecta a la dimensión de gestión institucional, los deportistas mencionan como las instancias de participación solo los campeonatos de selección, no existiendo por parte del IND instancias de práctica de carácter formativo y recreativo.

Para estas instancias de competición, se menciona una convocatoria para la formación de un grupo de seleccionados para que representen al país, sobre la cual se insinúan sospechas de poca transparencia en el proceso. Intersectando la dimensión de infraestructura los deportistas mencionaron que frente a esas instancias el IND les facilita acceso a un polideportivo en donde pueden tener un proceso de concentración.

Dentro de esa misma dimensión, al consultar por la sistematización de la práctica, todos hablaron acerca de entrenamientos periódicos entre 2 y 3

veces por semana, los cuales son realizados por medio de sus clubes deportivos.

Una categoría relevante que surge dentro de las conversaciones es el financiamiento de las actividades, las cuales se categorizan en dos vías: el autofinanciamiento, es decir, rifas, aportes propios y eventos para recaudar fondos; y el segundo es mediante instrumentos de fomento como el fosis (fondo de solidaridad e inversión social) y el fondeporte.

Al detallar las experiencias narradas surgen diferencias relevantes para la práctica las diferencias entre los deportistas que conforman clubes locales y de selección, del mismo modo es mencionada una valoración de desigualdad en las gestiones a nivel regional.

Un factor importante que emerge de las entrevistas es el acceso a la colaboración y auspicio por parte de privados, el cual ha sido conseguido por deportistas que han logrado acceso a estudios y puestos laborales calificados. Esto abre un eje de análisis en torno al acceso a capital social y capital cultural, comprendido como el agregado de los actuales o potenciales recursos que están relacionados con la posesión de una red perdurable de relaciones más o menos institucionalizadas de conocimiento y reconocimiento mutuo (Bourdieu, 1986)

En el acceso a dependencias, se generan tres menciones relevantes. Quienes participan de selecciones y usan dependencias del IND evalúan positivamente el acceso a los recintos en lo que respecta a personas con movilidad restringida, pero no presenta adaptaciones específicas para la discapacidad. Por otra parte, en cuanto al uso inclusivo de los recintos, mencionan deficiencias en los accesos como galerías, baños y gimnasios entendido como la falta de rampas y baños adaptados. Por último, intersectando la dimensión de apoyo humano, mencionan restricciones importantes vinculadas al acceso, lo que se manifiesta en la exigencia impuesta a los clubes de personas con discapacidad visual de contar con una persona vidente como guía para el uso de gimnasios y salas de entrenamiento, no existiendo profesionales del recinto para el cumplimiento de esta función.

En lo que respecta a clubes, dicen no cuentan con apoyo del IND para llevar una práctica sistemática y que las dependencias utilizadas corresponden a gimnasios de colegios y de privados. Otra mención relevante es que esa condición de “uso por fuera del IND” responde a una negación de los espacios posterior a la reparación de los gimnasios, decisión que se fundamenta en que la instalación de cintas de papel (marcas táctiles utilizadas en goalball) estropea el piso.

Por otra parte, en un cruce de las dimensiones de gestión institucional y accesos, deportistas mencionan la dificultad de acceso a medios de fomento. El relato de algunos entrevistados destaca que el diseño de la página web es incompatible con los programas lectores adaptados (sonoros) para discapacitados visuales, lo cual genera dependencia de otras personas para poder postular a fondos o concursos como fondeporte.

Conclusiones

Dentro de las principales conclusiones que se desprenden de las experiencias e impresiones narradas por los deportistas, se pueden mencionar:

Existen problemas asociados a la infraestructura, conducente a la segregación en la utilización de los espacios, ya que las barreras arquitectónicas han sido superadas en el acceso pero no en una participación activa. También se menciona que estas consideración apuntan principalmente a personas con discapacidad motriz pero no responde a la especificidad de una discapacidad visual, lo cual específicamente se materializa en la falta señalética (braille) y una deficiente supervisión por personal especializado.

En lo que respecta a la gestión, no se reconoce una sistematización de instancias integradoras y de procesos formativos, sino solo apoyo en instancias competitivas las cuales también son considerados deficientes.

Desde los entrevistados emergen nuevos elementos de estudio, como lo son: la limitación en el acceso a plataformas como páginas web, medio por el cual se postulan a la adquisición de recursos económicos y el factor capital

cultural y capital social que presenta una gran ventaja en el fomento del deporte.

En resumen, desde los relatos no se reconoce el derecho fundamental del acceso a la practica en actividades deportivas y recreativas de forma igualitaria, existen falencias administrativas y de infraestructura que obligan a la dependencia de personas no discapacitada y no contribuyen a la autonomía de la personas con discapacidad visual.

Bibliografía

BOURDIEU, P. (1986). The forms of capital, Richardson, John, editor, Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education , NewYork, Greenwood Press.

GOBIERNO DE CHILE, MINISTERIO DEL DEPORTE. (2016). Política Nacional de Actividad física y deporte 2016-2025. Santiago, Chile

HERNANDEZ, R., FERNÁNDEZ, C., BAPTISTA.P. (2003). Metodología de la investigación. México. Ed. McGraw-Hill.

LEY N° 20. 422 (2010) Biblioteca del congreso nacional de Chile, Santiago de Chile

TAYLOR, S. , BODGAN,R. (2010). Introducción a los métodos cualitativos de investigación. España. Ed. Paidós.

EMENDAS INDIVIDUAIS E O ORÇAMENTO ESPORTIVO NO BRASIL

Fernando Marinho Mezzadri
Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Suélen Barboza Eiras de Castro
Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Resumo

Introdução: O Estado brasileiro instituiu a elaboração do orçamento público como uma ação obrigatória em todos os seus níveis federativos. Caracterizado como uma lei, o orçamento é elaborado mediante um processo de coparticipação entre os Poderes Executivo e Legislativo. Ao Executivo cabe a responsabilidade de iniciativa, sanção e execução da proposta e ao Legislativo a possibilidade de adequações por meio de emendas parlamentares (Brasil, 1988). A participação do Poder Legislativo é percebida como uma maneira de propiciar uma maior democratização na alocação dos recursos e também é compreendida como uma estratégia política das relações entre Executivo e Legislativo e entre parlamentares e suas bases (Baptista *et al.*, 2012). O setor esportivo é emblemático na mobilização dos parlamentares pelas emendas e o peso destas no orçamento do Ministério do Esporte (ME) já foi atestado (Castro, 2016). Considerando-se a relevância das emendas individuais no orçamento do ME, este estudo visa investigar o volume e as características das emendas individuais aprovadas no orçamento do ME de 2004 a 2015. Metodologia: Este estudo se caracteriza como uma pesquisa documental de natureza exploratória e descritiva. Os dados foram coletados do Portal SIGA Brasil. Neste portal, selecionamos os dados referentes ao atendimento das emendas no processo de elaboração dos orçamentos fiscal (OF) e da seguridade social (OSS) do ME alocados na função “Desporto e Lazer” de 2004 a 2015. Tabulamos os dados no *Microsoft Excel* e consideramos apenas as emendas do tipo “individual”. Atualizamos os valores orçamentários de acordo com o índice do IPCA de 2015 e eliminamos emendas

com dotações zeradas na etapa “Autógrafo”. Resultados e Discussão: No período de 2004 a 2015, o orçamento do ME contou com 8.268 emendas individuais aprovadas pelo Poder Legislativo que totalizaram R\$ 8,2 bilhões. A alocação de recursos privilegiou a dimensão “Recreativo, educacional e lazer” (R\$ 8 bilhões - 98,4%). Este achado está relacionado a possibilidade de viabilizar pequenas obras para implantação de infraestrutura esportiva tal como quadras, ginásios, etc. Esta preferência é corroborada por outros estudos (Bezerra, 1999; Castelan, 2011) e não se configura como uma exclusividade da área esportiva. Estados e municípios brasileiros foram os maiores beneficiários das emendas individuais, totalizando, respectivamente, R\$ 4,1 bilhões (51%) e R\$ 3,9 bilhões (48,2%). Esta característica reflete a mobilização por parte do parlamentar em atender localidades específicas, especialmente, porque quase a totalidade das emendas (99,7%) estava ligada às unidades aos quais o parlamentar estava vinculado. Mais do que uma ação esperada, este comportamento é compreendido como um dever e uma forma de avaliação da atuação parlamentar (Bezerra, 1999). Esta característica também reflete uma tendência de atendimento voltado mais para as demandas locais e individuais dos parlamentares, e menos para as demandas de uma política esportiva nacional planejada e coordenada pelo ME. A distribuição geográfica dos recursos é impactada, portanto, pela quantidade de representantes em cada unidade federativa, independentemente das diferenças sociais e regionais apontadas por quaisquer indicadores (Cabraia, 2011). Destacam-se os estados do Rio de Janeiro (R\$ 882,3 milhões), São Paulo (R\$ 844,8 milhões) e Minas Gerais (R\$ 812 milhões).

Palavras-chave: Financiamento esportivo, Bolsa-Atleta, Políticas Públicas para o Esporte.

Referências

BEZERRA, M. O. (1999). **Em nome das bases:** política, favor e dependência pessoal. Relume Dumara: Rio de Janeiro.

BRASIL (1988). Constituição da República Federativa do Brasil (1988). **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília.

BAPTISTA, T. W. F. *et al.* (2002). As emendas parlamentares no orçamento federal da saúde. *Cadernos da Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 28, n.12, p. 2267-2279.

CAMBRAIA, T. (2011). **Emendas ao projeto de lei orçamentária anual: algumas distorções.** Brasília: Câmara dos Deputados.

CASTELAN, L. P. (2011). **As Conferências Nacionais do Esporte na configuração da política esportiva e de lazer no governo Lula (2003-2010).** Dissertação de Mestrado em Educação Física. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.

CASTRO, S. B. E. (2016). **Políticas públicas para o esporte e lazer e o ciclo orçamentário brasileiro (2004-2011):** prioridades e distribuição de recursos durante os processos de elaboração e execução orçamentária. Tese de Doutorado em Educação Física. Curitiba: Universidade Federal do Paraná.

INFLUÊNCIA DAS ENTIDADES NA FORMAÇÃO DE ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO: CASO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA BRASILEIRA

Cristiano Israel Caetano

Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Hallyne Bergamini Silva Caetano

Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Faculdade Paranaense (Brasil)

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (Brasil)

Isabelle Plociniak Costa

Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Rafael Gomes

Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Fernando Renato Cavichioli

Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Resumo

Introdução: A prática esportiva se desenvolve em vários espaços, desde escolas, universidades, centros públicos, praças públicas, associações, clubes privados, vários são os locais destinados ao treinamento esportivo. Ao tratar de determinadas modalidades esportivas, a exemplo da ginástica artística, é dedutível que os exercícios dependem de uma estrutura física e material mínima. Segundo Kramer (2014) há correlação entre a prática de determinados esportes e os Clubes Esportivos por ser um ambiente seguro. Já Finnegan (2016) encontrou relação entre data de nascimento e local da prática como influentes na carreira de jovens talentos no futebol de elite. Objetivo: analisar se há correlação entre a prática de ginástica artística e a entidade em que é praticada. Método: Para avaliar a participação das entidades na promoção da ginástica artística brasileira, foram listados todos os atletas que competiram no ano de 2017 em duas grandes competições nacionais, a dizer: Campeonato Brasileiro de Ginástica Artística (adulto,

infantil e juvenil) e o Torneio Nacional de Ginástica Artística, indicando qual entidade representavam. Foi realizada a descrição das variáveis, por meio de frequências e proporções, estratificando-se pelo sexo e entidade utilizando teste de Qui-Quadrado (χ^2). Para avaliar a influência das entidades na prática da ginástica foi utilizado o teste de Qui-Quadrado ($\chi^2_{tendência}$), nível de significância adotado $p < 0,05$. As entidades de prática esportiva foram categorizadas em Clubes (incluindo as associações), Públicos (municípios, estados, centros esportivos e fundações públicas) e Diversos (Institutos, Colégios, ONGs, Universidades e Serviços Sociais). Discussão dos dados: dos 620 atletas, 29,2% são masculinos ($n=181$) e 70,8% femininos ($n=439$). Os dados demonstram 67,1% ($n=416$) são originários do clubes; 18,5% de entidades públicas ($n=115$); 6,9% academias ($n=43$); 2,4% e serviço social ($n=15$); 2,4% institutos ($n=15$); 1,5% colégios ($n=9$); 0,8% universidades ($n=5$); 0,3% ONG ($n=2$). Conclusão: Ao estratificar a amostra de acordo com o sexo e a entidade de origem, apesar de quase 70% dos ginastas serem oriundos de Clubes, o $p \geq 0,05$ segundo teste do Qui-Quadrado, não sendo possível determinar associação.

Palavras-chaves: Ginástica Artística; Correlação; Entidade.

Referências

FINNEGAN, L. et al. (2017). The influence of date and place of birth on youth player selection to a National Football Association elite development programme. **Science and Medicine in Football**, v. 1, n. 1, p. 30-39.

KRAMER, D. et al. (2015). Social neighborhood environment and sports participation among Dutch adults: Does sports location matter?. **Scandinavian journal of medicine & science in sports**, v. 25, n. 2, p. 273-279.

EFEITO RELATIVO DA IDADE EM ATLETAS BRASILEIROS DE TAEKWONDO: UMA ANÁLISE A PARTIR DO PROGRAMA BOLSA ATLETA

Ricardo João Sonoda-Nunes
Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Philippe Rocha de Camargo
Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Fernando Marinho Mezzadri
Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Resumo

Este resumo refere-se à um artigo em desenvolvimento, em que abordamos o processo de financiamento público brasileiro relacionado aos esportes de combate, especificamente o realizado pelo programa Bolsa-Atleta/PBA. Desde 2005, esse programa auxilia financeiramente a carreira esportiva de atletas praticantes de modalidades olímpicas, paraolímpicas, não olímpicas e não paraolímpicas (Brasil, 2005; Corrêa, 2012). Em relação às modalidades de combate presentes nos Jogos Olímpicos, várias são estruturadas por meio de categorias divididas em grupos etários (caso do Taekwondo). Tal aspecto tem sido objeto de estudos que abordam o efeito relativo da idade enquanto possível vantagem para os atletas que nascem mais próximo ao início do ano de seleção. Considerando o contexto brevemente relatado, sintetizamos a problemática do presente estudo na seguinte questão: existe diferença estatística significativa no quartil (trimestre) de nascimento de atletas brasileiros de Taekwondo beneficiados pelo programa Bolsa-Atleta? Nesse sentido esta pesquisa tem como objetivo avaliar se existe diferença estatística significativa no quartil (trimestre) de nascimento de atletas brasileiros de Taekwondo beneficiados pelo programa Bolsa-Atleta. Em termos metodológicos, foram considerados os seguintes critérios de inclusão da amostra: a) atletas do sexo masculino; b) bolsista da categoria “nacional” e/ou “internacional” e/ou “olímpica” entre os anos 2005 e 2016. A partir desses

critérios, a amostra foi composta por 322 indivíduos. Será realizada uma análise estatística desses dados, utilizando o teste de qui-quadrado a fim de verificar a existência de diferença significativa na distribuição dos quartis de nascimento do grupo avaliado. Ou seja, os 12 meses que integram o ano de nascimento são divididos em 4 trimestres (quartis) e posteriormente os dados serão submetidos à presente análise estatística, considerando ainda as categorias de peso.

Palavras-chave: Efeito Relativo da Idade; Programa Bolsa Atleta; Taekwondo; Financiamento Público para o Esporte; Brasil

Referências:

BRASIL. (2005). Decreto-Lei nº 5.342, de 14 de janeiro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.891, de 09 de Julho de 2004 que institui a Bolsa-Atleta. **Diário Oficial da União**. DF, p. 2, 17 jan. 2005. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5342.htm> Acesso em 22 de junho de 2016.

BRASIL. (2013). **Diagnóstico nacional do esporte/DIESPORTE**. Disponível em <<http://www.esporte.gov.br/diesporte/index.html>> Acesso em 15 de agosto de 2016.

CORRÊA. (2012). **Financiamento do esporte olímpico brasileiro: mapeamento inicial do programa "Bolsa-Atleta"**. Monografia em Educação Física. Curitiba, Universidade Federal do Paraná.

AS CARACTERÍSTICAS DE DISTRIBUIÇÃO DE BOLSAS POR IDADE NO PROGRAMA BOLSA-ATLETA

Fernando Mezzadri

Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Philippe Camargo

Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Thiago Santos

Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Resumo

Em todo o mundo, o desenvolvimento do esporte de elite tem sido foco de investigações que procuram compreender a sua ligação com as políticas públicas governamentais. Isto porque, em muitos países, uma quantidade considerável de dinheiro público tem sido investida na promoção e no desenvolvimento de organizações, atletas e agentes envolvidos com o esporte de elite (Brouwers; Sotiriadou; De Bosscher, 2015; Green; Houlihan, 2004). Alguns estudos têm buscado compreender quais seriam as estratégias utilizadas para se alcançar o sucesso no esporte (Bloyce; Smith, 2010; Green; Houlihan, 2005; Pitter, 1996; Shilbury; Sotiriadou; Green, 2008). Entre eles, pesquisas que buscam identificar a influência da idade no processo de seleção e formação de atletas (Delorme; Boiché; Raspaud, 2010; Hancock; Adler; Côté, 2013; Torres-Unda et al., 2016) e sua relação com o pico de idade de performance dos atletas (Allen; Hopkins, 2015; Knechtle et al., 2012; Longo et al., 2016; Tilinger; Kovář; Hlavatá, 2005) e que poderiam influenciar o processo de desenvolvimento do atleta (i.e., físico, técnico, cognitivo). Ao compreender o Programa Bolsa-Atleta como política para o esporte de elite, direcionada a um público abrangente (22.759 atletas, por meio de 57.271 bolsas) e heterogêneo (atletas entre 14 e 85 anos) e que tem como objetivo impulsionar o desenvolvimento do esporte brasileiro (Brasil, 2003), optou-se por considera-lo como nosso objeto de estudo. Assim, este estudo teve por objetivo identificar as características de distribuição de bolsas por idade,

entre os atletas das modalidades olímpicas e paraolímpicas, entre 2005 e 2016. Após o refinamento dos dados, um total de 16.200 atletas compuseram nossa amostra. Estes atletas foram categorizados em cinco categorias de idade, de acordo com a média de idade em que receberam a bolsa. Considerou-se não a quantidade de bolsas recebidas pelos atletas, mas o valor final do financiamento. A análise, a caracterização e tratamento estatístico foram realizados por meio do software IBM SPSS Statistics. Recorreu-se ao teste-T de amostras independentes, para avaliar diferenças do financiamento em relação ao sexo, e a ANOVA one-way, para identificar diferenças entre as categorias de idade e o financiamento recebido. Os resultados [$F(4, 16195)=676.92$ ($p<0.5$)] demonstraram que o financiamento recebido pelo atleta é diferente entre as categorias de idade. Identificou-se que o maior número de beneficiados está concentrado na categoria 1 (19 a 25 anos), mas o maior número de recursos foi direcionado aos grupos de atletas inseridos nas categorias 3 (25 a 35) e 4 (35 a 45), sem diferença significativa nos valores entre tais grupos. Os dados apontaram que a média de idade dos atletas beneficiados é de 21.8 anos para olímpicos, e de 25.6 anos para os paralímpicos. Os principais atletas de elite no Brasil (beneficiados pela maior categoria Bolsa Olímpica/Paralímpica) possuem média de idade de 30 (olímpicos) e 33 anos (paralímpicos). Embora existam modalidades (e.g ginástica e o BMX) em que a idade máxima para o pico de performance é de ~26 anos, os dados demonstram que a média das idades máximas dos atletas brasileiros é de 64.4 para olímpicos e 53.4 para os paralímpicos.

Palavras-chave: Financiamento esportivo, Bolsa-Atleta, Políticas Públicas para o Esporte.

Referências:

ALLEN, S. V.; HOPKINS, W. G. (2015). Age of Peak Competitive Performance of Elite Athletes: A Systematic Review. **Sports Medicine**, v. 45, n. 10, p. 1431-1441.

BLOYCE, D.; SMITH, A. (2010). **Sport Policy and Development: An Introduction**. Oxon: Routledge.

BRASIL. CÂMARA DOS DEPUTADOS. (2003). **Diário da Câmara dos Deputados**. Brasília, DF, Brasil: 02 de abril, v. 1.

BROUWERS, J.; SOTIRIADOU, P.; DE BOSSCHER, V. (2015). An examination of the stakeholders and elite athlete development pathways in tennis. **European Sport Management Quarterly**, v. 15, n. 4, p. 454-477. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/16184742.2015.1067239>>.

DELORME, N.; BOICHÉ, J.; RASPAUD, M. (2010). Relative age effect in female sport: A diachronic examination of soccer players. **Scandinavian Journal of Medicine and Science in Sports**, v. 20, n. 3, p. 509-515.

GREEN, M.; HOULIHAN, B. (2004). Advocacy Coalitions and Elite Sport Policy Change in Canada and the United Kingdom. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 39, n. 4, p. 387-403. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1012690204049066>>.

HANCOCK, D. J.; ADLER, A. L.; CÔTÉ, J. (2013). A proposed theoretical model to explain relative age effects in sport. **European Journal of Sport Science**, v. 13, n. 6, p. 630-637.

KNECHTLE, B. et al. (2012). Age of peak performance in elite male and female Ironman triathletes competing in Ironman Switzerland, a qualifier for the Ironman world championship, Ironman Hawaii, from 1995 to 2011. **Open Access Journal of Sports Medicine**, p. 175.

LONGO, A. F. et al. (2016). Age of peak performance in Olympic sports: A comparative research among disciplines. **Journal of Human Sport and Exercise**, v. 11, n. 1, p. 31-41.

PITTER, R. (1996). The state and sport development in Alberta: A struggle for public status. **Sociology of Sport Journal**, v. 13, n. 1983, p. 31-50. Disponível em: <<http://www.scopus.com/inward/record.url?eid=2-s2.0-0030306667&partnerID=tZOtx3y1>>.

SHILBURY, D.; SOTIRIADOU, K.; GREEN, B. C. (2008). Sport Development. Systems, Policies and Pathways: An Introduction to the Special Issue. **Sport Management Review**, v. 11, n. 3, p. 217-223. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1441352308701104>>.

TILINGER, P.; KOVÁŘ, K.; HLAVATÁ, P. (2005). A study on the dynamic progress of performances of prominent world-class athletes in selected track-and-field events. **Kinesiology**, v. 37, n. 1, p. 92-98.

TORRES-UNDA, J. et al. (2016). Basketball Performance Is Related to Maturity and Relative Age in Elite Adolescent Players. **Journal of Strength and Conditioning Research**, v. 30, n. 5, p. 1325-1332. Disponível em: <<http://insights.ovid.com/crossref?an=00124278-201605000-00018>>.

OS CLUBES ESPORTIVOS COMO PARCEIROS DO GOVERNO FEDERAL NO DESENVOLVIMENTO DA NATAÇÃO BRASILEIRA

Mayara Torres Ordonhes
Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Bruna Opieco Pereira
Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Camile Luciane da Silva
Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Fernando Renato Cavichioli
Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Resumo

Diversos são os fatores responsáveis para que os resultados esportivos sejam alcançados pelos países e suas respectivas entidades e atletas (Green, Houlihan, 2008; De Bosscher *et al.*, 2009; Truyens *et al.*, 2016). Considerando a importância da existência de uma estrutura política esportiva articulada em um país, torna-se importante compreender como ocorre o funcionamento das organizações esportivas, além de compreender o funcionamento das principais entidades que desenvolvem as modalidades esportivas no Brasil, visto que este fator apresenta grande impacto nos respectivos resultados esportivos de um país, além de influenciar na disposição dos demais fatores determinantes para modalidades esportivas na perspectiva de rendimento. Especificamente na modalidade de natação, diversos são os órgãos envolvidos no processo de desenvolvimento da modalidade, como por exemplo: o Ministério do Esporte, o Conselho Nacional do Esporte - CNE, o Comitê Olímpico Brasileiro - COB, o Comitê Paralímpico Brasileiro - CPB, o Comitê Brasileiro de Clubes - CBC, além da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos e as Federações estaduais. Compreendendo a importância da estrutura política esportiva no desenvolvimento de modalidades esportivas em

um país, o presente estudo tem por objetivo analisar como se estabelece a relação entre as principais entidades da modalidade de natação e a parceria com governo federal no desenvolvimento da natação brasileira. A presente pesquisa justifica-se, pois, auxilia na compreensão das principais estruturas esportivas promotoras desta modalidade no país e como se estabelece a parceria com governo federal. A metodologia se deu por meio de pesquisa documental, através do levantamento das entidades com maior número de resultados no *ranking* da modalidade e das relações estabelecidas entre estas entidades e o governo federal. Para identificar estas relações, serão identificadas as entidades que tiveram projetos aprovados da Lei de Incentivo ao Esporte e os clubes esportivos beneficiados com editais de descentralização de recursos do Comitê Brasileiro de Clubes - CBC, possibilitados por meio da Lei Pelé. Os resultados mostram que especificamente na modalidade de natação, entre os anos de 2013 a 2017 a partir da análise do *ranking* brasileiro da modalidade, foi possível identificar que mais de 50% das entidades que desenvolvem a natação no país, são clubes sociais, seguido por apenas 16% de associações, 9% academias, 6% institutos e 4% escolas, e um percentual menor que 3% dos demais tipos de entidades. Logo, torna-se evidente que a principal entidade promotora da natação brasileira, é representada pelos clubes sociais. Ao continuar a análise dos rankings brasileiros da modalidade, 8 entre as 10 entidades que apresentaram maior número de resultados neste recorte são clubes sociais. Sendo que 27,7% das entidades que apareceram no *ranking* brasileiro estão localizadas em São Paulo, seguidas do Rio de Janeiro (12,6%), Minas Gerais (10,2%), Paraná (7,8%) e Santa Catarina (7,5%). As demais cidades apresentaram um percentual menor que 5%. Foi possível identificar que as principais entidades que desenvolvem a modalidade de natação no Brasil apresentaram vínculos significativos com o governo federal no período analisado, vínculo este, fortificado após a inclusão do Comitê Brasileiro de Clubes (CBC) no Sistema Nacional do Desporto.

Palavras-chave: Esporte; Financiamento público; Natação.

Referências

DE BOSSCHER, V. et al. (2009). Explaining international sporting success: An international comparison of elite sport systems and policies in six countries. **Sport Management Review**, v. 12, n. 3, p. 113-136.

GREEN, M.; HOULIHAN, B. (2008). **Comparative Elite Sport Development: systems, structures and public policy**.

TRUYENS, J. et al. (2016). A method to evaluate countries' organisational capacity: A four country comparison in athletics Jasper. **Sport Management Review**, v. 19, n. 3, p. 279-292.

POLÍTICAS DE ESPORTE NO BRASIL: UMA REORIENTAÇÃO DO OLHAR AO FENÔMENO

Fernando Augusto Starepravo

Universidade Estadual de Maringá (Brasil)

Resumo

Em nossa trajetória acadêmica explicitamos por vezes a importância do uso de pressupostos da teoria sociológica de Pierre Bourdieu para pensar o fenômeno das políticas públicas de esporte e lazer (Starepravo; Mezzadri, 2007; Starepravo; Souza; Marchi Júnior, 2013. Starepravo; Marchi Júnior, 2015). Em vários outros momentos utilizamos tais pressupostos para a leitura social de tal fenômeno, podendo ser destacado nossa tese de doutorado (Starepravo, 2011) e dissertação de mestrado (Starepravo, 2005). Retomamos aqui o uso da teoria sociológica de Pierre Bourdieu para sugerir uma reorientação do olhar às políticas de esporte no Brasil. O objetivo aqui, portanto, é apresentar um programa de pesquisa na área de políticas de esporte, orientado por alguns pressupostos da teoria sociológica de Pierre Bourdieu, que nos possibilitem algumas rupturas em relação àquilo que o campo científico/acadêmico brasileiro vem desenvolvendo acerca das políticas de esporte. Com base na Sociologia Reflexiva defendida por Bourdieu, buscamos aqui colocar sob suspeição algumas das verdades impostas pelo campo científico/acadêmico e romper com a perpetuação de algumas impressões dos universos empíricos, no caso o campo político/burocrático. Buscamos na prática da “vigilância epistemológica” proposta pelo autor romper com algumas pré-noções que organizam o mundo social, tanto no contexto da produção de políticas de esporte quanto no contexto científico de reflexão sobre este fenômeno, para não recorrermos no erro de tomarmos falsas evidências e falsas certezas como se fossem verdadeiras. Tal equívoco, recorrente no campo científico/acadêmico, compromete sobremaneira as análises sobre as políticas de esporte no Brasil. Precisamos revisitar os pilares

que sustentam grande parte das análises com vistas a percebermos se esses são, de fato, robustos o bastante para sustentarem o desenvolvimento de uma subárea tão relevante de pesquisa. Recusar as certezas do saber definitivo da ciência recoloca a questão, levantada por Bourdieu, que ela só poderá progredir se colocarmos constantemente em questão os princípios de sua própria compreensão. Neste sentido, apontamos preliminarmente para a necessidade de revisitarmos algumas “certezas” que fundamentam o subcampo científico/acadêmico das políticas públicas de esporte e lazer, como: 1) o argumento científico, mas também empírico, de que a atuação do Estado brasileiro no esporte se justifica, primordialmente, pela condição de direito (social) atribuído a ele pela Constituição Federal de 1988; 2) o argumento recorrente de que o Estado deve ser o executor de políticas públicas de esporte, negligenciando seu papel regulador e o conceito ampliado de políticas públicas que extrapola a atuação estatal; 3) a crença, no sentido bourdieusiano, oriunda do campo empírico e incorporada pelo campo científico/acadêmico, de que o Estado brasileiro, em seus diferentes níveis, deve destinar um orçamento mínimo de 1% ao esporte; 4) e, outra gestada no contexto empírico que influencia o pensar sobre o fenômeno das políticas públicas, que é a necessidade de criação de pastas específicas de Esporte e Lazer nas esferas estaduais e municipais.

Palavras-chave: Política; Esporte; Reflexividade.

Referências

STAREPRAVO, F. A. (2005). **O esporte universitário paranaense e suas relações com o poder público**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Disponível em: <<https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/4975/O%20ESPORTE%20UNIVERSIT%C3%81RIO%20PARANAENSE%20E%20SUAS%20RELA%C3%87%C3%95ES%20COM%20O%20PODER?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 6 jun. 2018.

STAREPRAVO, F. A.; MEZZADRI, F. M. (2007). Algumas contribuições de Pierre Bourdieu e Norbert Elias à discussão de políticas públicas para o esporte e lazer. In: **X Simpósio Internacional Processo Civilizador**, 2007, Campinas. Anais do X Simpósio Internacional Processo Civilizador. v.

10. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais10/Artigos_PDF/Fernando_Augusto_Starepravo.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2018.

STAREPRAVO, F. A. (2011). **Políticas públicas de esporte e lazer:** aproximações, intersecções, rupturas, e distanciamentos entre os subcampos político/burocrático e científico/acadêmico. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/26132/POLITICAS+PUBLICAS+DE+ESPORTE+E+LAZER+NO+BRASIL.pdf;jsessionid=99ADA6B5433495A724D6011973B7FB44?sequence=1>>. Acesso em: 6 jun. 2018.

STAREPRAVO, F. A.; SOUZA, J. de; MARCHI JR., W. (2013). Análise sociológica das políticas públicas de esporte e lazer no Brasil: uma proposta inicial a partir da Teoria dos Campos de Pierre Bourdieu. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 35, p. 785-798. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbce/v35n3/18.pdf>>. Acesso em: 1 jun. 2018.

STAREPRAVO, F. A.; MARCHI JR., W. (2015). Políticas públicas de esporte no brasil: uma leitura a partir da noção de (sub) campo. **Pensar a Prática** (Online), v. 18, p. 959-970. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/viewFile/27450/19810>>. Acesso em: 1 jun. 2018.

DIAGNÓSTICO QUANTITATIVO E QUALITATIVO DOS PROJETOS DE INICIAÇÃO ESPORTIVA E TREINAMENTO ESPORTIVO OFERECIDOS PELO GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS DE 2011 A 2018.

Marco Antônio Alencar Moreira
Universidade Federal de Goiás (Brasil)

Resumo

O objetivo dessa pesquisa foi refletir criticamente sobre o planejamento, concretização e avaliação dos programas públicos de iniciação esportiva. Estudou-se os projetos de iniciação esportiva oferecidos pelo governo do Estado de Goiás, dos anos de 2011 a 2018. Realizou-se pesquisa documental nos registros dessas atividades e entrevista com um representante da gerência estadual responsável pelos projetos estudados. Os registros documentais indicaram uma considerável queda da quantidade núcleos esportivos ativos, no estado de Goiás, destacando-se a extinção de todos os núcleos esportivos, mantidos pelo governo estadual, nos municípios do interior. Atualmente, eles só estão ativos na capital do estado. Constatou-se, também, uma diminuição quase pela metade, da quantidade de cidadãos beneficiados pelos projetos. Foi possível perceber a desvalorização com que o governo do estado trata os programas de iniciação esportiva, pelo processo de sucateamento que vem sofrendo esse serviço, por meio da: desativação de núcleos esportivos, diminuição do número de beneficiários e não finalização de obras de reforma desses núcleos. Constatou-se também, que a avaliação dos programas esportivos, é feita apenas, a partir de aspectos quantitativos, o que limita o entendimento sobre do programa. A gerência de iniciação esportiva está trabalhando na construção de outro método avaliativo que leve em consideração os avanços narrados pelos alunos. Observou-se que o interesse do governo não se centra em garantir ao cidadão goiano o direito de

acesso ao esporte. Por isso, os projetos públicos estaduais de iniciação esportiva são negligenciados a parcela significativa da população.

Palavras-chave: esporte; lazer; iniciação esportiva; política pública.

AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE ESPORTE IMPLEMENTADAS EM GOVERNOS IDEOLOGICAMENTE DISTINTOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO ESTADO DA BAHIA (1991-2018)

Temistocles Damasceno Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Brasil)

Fernando Augusto Starepravo

Universidade estadual de Maringá (Brasil)

Resumo

A discussão sobre a distinção ideológica entre partidos ou governos não é recente. No entanto, a compreensão acerca da polarização política e as possíveis relações estabelecidas com o fenômeno esportivo se apresenta de maneira embrionária, tornando-se assim, um campo a ser explorado pelos pesquisadores da política pública de esporte. Nesta perspectiva, a presente pesquisa tem como objetivo analisar se existem diferenças entre as políticas públicas de esporte implementadas no estado da Bahia a partir de governos ideologicamente distintos, no que se refere ao período de 1991 a 2018. Este trabalho se caracteriza como exploratório e de natureza qualitativa (Gil, 2002). A pesquisa faz parte das investigações desenvolvidas no curso de doutorado do programa de pós graduação associado em Educação Física da Universidade Estadual de Maringá e Universidade Estadual de Londrina. Trata-se de uma pesquisa documental e de campo que irá selecionar diversos documentos com vistas à catalogação dos dados relevantes à investigação, tais como: Planos Plurianuais (PPAs); Leis Orçamentárias Anuais (LOAs); Relatórios Resumidos de Execução Orçamentária (RREOs); os relatórios anuais de avaliação das atividades desenvolvidas pela Superintendência de Desportos do Estado da Bahia (SUDESB), entre outros. Em adição, serão coletadas informações no Sistema Nacional de Informações Contábeis e Fiscais do Tesouro Brasileiro (SINCOFI) e nos sites oficiais e portais de transparência do governo do estado da Bahia e do governo federal. Além

disso, serão realizadas entrevistas com os gestores públicos responsáveis pela SUDESB nos diversos governos analisados. Desta maneira, destaca-se alguns aspectos importantes perante as inúmeras possibilidades teórico-metodológicas existentes. Algumas noções oriundas da filosofia política, sociologia e ciência política, serão fundamentais para o redirecionamento da análise da pesquisa, a saber: a Teoria dos Campos (Bourdieu, 1983), a díade partidária (Bobbio, 1995) e o modelo de análise política denominado Equilíbrio Pontuado (True; Baumgartner; Jones, 2007). Nesta lógica, tais pressupostos se apresentam como ferramentas de interlocução do debate sobre o processo de implementação da política analisada e fornecem subsídios para a compreensão da utilização dos diversos capitais por parte dos agentes inseridos na disputa de poder estabelecida no subcampo analisado bem como o entendimento sobre a relação entre o campo político e o esportivo através da análise do habitus constituído e das incidências das ideias e arranjos institucionais na tomada de decisão política. Logo, torna-se relevante analisar a possibilidade de recorrência nas ações esportivas desenvolvidas nos diversos governos abordados, caracterizando assim um processo incremental e/ou reflexo da influência de fatores externos que delinearão a mudança política. Sendo assim, acredita-se que apesar da distinção partidária entre os governos que administraram o poder público estadual, as políticas públicas de esporte implementadas no período investigado sinalizam similaridades no que diz respeito às ações orçamentárias desenvolvidas. Além disso, defende-se a ideia que as ideologias foram relegadas a segundo plano no processo de tomada de decisão sobre a política abordada. Entretanto, esta ainda é uma análise provisória que será aprofundada até a conclusão do processo de doutorado.

Palavras-chave: Política Pública; Esporte; Ideologia política.

Referências

BOBBIO, N. (1995). *Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política*. (1a ed.) São Paulo: UNESP.

BOURDIEU, P. (1983). Como ser esportivo? In: Questões de sociologia. Trad. Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Marco Zero, p. 136-153.

GIL, A. C. (2002). Como elaborar projetos de pesquisa. (4 ed.). São Paulo: Atlas.

TRUE, J. L.; JONES, B. D.; BAUMGARTNER, F. R. (2007). Punctuated-Equilibrium theory: explaining stability and change in public policymaking. In: SABATIER, P. A. (Ed.). Theories of the Policy Process. 2. ed. Boulder: Westview Press.

EIXO TEMÁTICO 10: ESPORTE E VIOLÊNCIA

VIGIAR E PUNIR O TORCEDOR: UMA REFLEXÃO SOBRE AS TECNOLOGIAS DISCIPLINARES NO CONTEXTO DO FUTEBOL BRASILEIRO E CHILENO

Fabio Perina Celia

Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

Felipe Tavares Paes Lopes

Universidade de Sorocaba (Brasil)

Resumo

Este artigo contrapõe as medidas atuais de segurança para os espetáculos futebolísticos no Brasil e no Chile e analisa suas tecnologias disciplinares contando com duas técnicas de pesquisa: a revisão bibliográfica e a análise documental. As informações obtidas por meio dessas técnicas foram discutidas à luz do referencial teórico proposto por Michel Foucault. O artigo conclui que, a despeito das diferenças entre os dois países, as medidas em questão buscam exercer um controle panóptico sobre os torcedores e docilizar seus corpos, tornando-os úteis economicamente e obedientes politicamente.

Palavras-chave: Segurança. Futebol. Foucault. Chile. Brasil.

Vigilar y castigar al hincha: una reflexión sobre las tecnologías disciplinarias en lo contexto del fútbol brasileño y chileno

Resumen

Este artículo contrapone las medidas actuales de seguridad para los espectáculos futbolísticos en Brasil y en Chile y analiza sus tecnologías disciplinares teniendo dos técnicas de investigación: la revisión bibliográfica y la análisis documental. Las informaciones obtenidas por medio de estas técnicas fueron discutidas a la luz del referencial teórico planteado por Michel Foucault. El artículo concluye que, aunque hayan diferencias entre los dos países, las medidas en cuestión buscan ejercer un control panoptico sobre los hinchas y docilizar sus cuerpos, haciendolos útiles economicamente y obedientes politicamente.

Palabras clave: Seguridad. Fútbol. Foucault. Chile. Brasil.

Discipline and punish the supporter: a reflection on disciplinary technologies in the context of brazilian and chilean football

Abstract

This article contrasts the current security measures for football spectacles in Brazil and Chile and analyzes their disciplinary technologies. It seeks to

contribute to the understanding of the tensions, conflicts and contradictions present in the regulation of violence in South American football. To do so, it uses two methodological techniques: the literature review and the documental analysis. The theoretical framework proposed by Michel Foucault was used to discuss the information obtained through these techniques. Among other things, the article concludes that, in spite of the differences between the two countries, those measures seek to put in place a panoptic control over the supporters and docilize their bodies, making them economically useful and politically obedient.

Keywords: Security. Football. Foucault. Chile. Brazil.

Introdução

Há mais ou menos duas décadas, a violência no futebol tem despertado a atenção de pesquisadores de diversos países da América Latina. Na Argentina, por exemplo, uma série de estudiosos (Zucal, 2010; Alabarces, 2012; Moreira, 2013; 2017) têm buscado explicar esse fenômeno por meio da lógica do *aguante*. Lógica que edifica fronteiras simbólicas, solidifica redes de solidariedade e constrói identidades grupais dentro do contexto das *barras* de futebol. O que se contrapõe à existência de um “fundo discursivo” comum, que estigmatiza e criminaliza as *barras* e as torcidas organizadas de futebol ao mesmo tempo em que oculta a responsabilidade de outros atores, como a polícia, na produção da violência (Lopes, 2013).

A opção por trabalhar com o Brasil e com o Chile deve-se que o futebol dos dois países tem passado por um processo de mercantilização acelerada nos últimos anos, tornando-se uns dos mais vigiados e controlados da América Latina, ou seja, são casos paradigmáticos daquilo que foi chamado por torcedores-militantes de “futebol moderno”. Consequentemente, consideramos que este trabalho pode ajudar a problematizar a lógica neoliberal e punitiva que sustenta esse modelo de futebol.

Desenho teórico-metodológico: procedimentos de produção e análise das informações

Buscamos produções científicas sobre a violência no futebol brasileiro e no chileno no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), no levantamento de Monografias, Dissertações e Teses do Laboratório de Educação e Patrimônio Cultural da Universidade Federal Fluminense (Laboep-UFF), no buscador virtual *Google Acadêmico*, no nosso arquivo particular e em bibliotecas de universidades públicas e privadas do estado de São Paulo. Também nos debruçamos sobre as principais leis e documentos de cada país voltados à regulação dessa violência, tais como: o Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT) e o Plano Estádio Seguro. O EDT é a legislação brasileira mais importante em termos de normas de proteção e defesa do torcedor. Por sua vez, o Plano Estádio Seguro (2011/12) é a legislação chilena análoga ao EDT ao estabelecer os direitos e deveres dos espectadores nos espetáculos de futebol profissional no Chile, indicando as sanções para aqueles que venham a infringir as regras estabelecidas.

O conjunto do material selecionado foi analisado à luz dos conceitos desenvolvidos por Michel Foucault em “Vigiar e Punir” (1975/ 2013) ao trazerem uma modificação na forma de compreender as relações de poder como uma rede de força penetrante e intangível. Já o Direito atual deve ser entendido como uma forma de sujeição coexistente e complementar a técnicas disciplinares. Técnicas que se corporificam nos indivíduos por meio de ramificações minuciosas (Foucault, 2013).

Em segundo lugar, a opção por trabalhar com o referencial foucaultiano deve-se ao fato de ele ainda ser subaproveitado pelos estudos sobre torcidas de futebol na América Latina, ainda que Foucault exerça, há anos, forte influência sobre o pensamento social latino-americano. Algumas exceções são o estudo de Gaffney e Mascarenhas (2006), que analisa os estádios como espaços disciplinares, e o de Lopes e Cordeiro (2015), que discute os vínculos entre poder e visibilidade na produção, transmissão e controle da violência no espetáculo futebolístico.

Violência e segurança no futebol chileno: contexto histórico, social e explicativo

O Chile foi a primeira experiência mundial do modelo econômico neoliberal, após o golpe de 1973 de Pinochet. O neoliberalismo incentivou a privatização tanto de setores estratégicos da economia quanto de direitos sociais, trazendo impactos profundos para a vida social do povo chileno, que são sentidos até hoje. Entre outras coisas, estimulou o individualismo exacerbado, amplificou a segregação educacional, destruiu os laços comunitários (Conejo, 2017) e hipertrofiou os aparelhos policiais e militares, fortalecendo a repressão, a disciplina e o controle social (Pincheira, 2009).

Tendo em mente as consequências trazidas pelo neoliberalismo, desde o final dos anos 1990, uma série de pesquisas tem buscado compreender a violência dentro e fora dos estádios chilenos (Abarca; Sepulveda, 2005). Entre outros temas, essas pesquisas têm abordado a identidade social dos *barristas* (membros das *barras*), enfocando suas representações sociais e a questão do pertencimento ao grupo e ao bairro. Elas também têm discutido a atitude política desses torcedores. Ainda que seja frequentemente interpretada pela mídia e autoridades públicas e do futebol somente como uma forma de desobediência civil e rebeldia, essa atitude é vista, por essas pesquisas, como um meio que tais torcedores possuem para expressarem seu anseio por participação popular. Participação que, cabe recordar, era totalmente vetada durante a ditadura de Pinochet (1973-1990).

Publicações recentes (Dueñas, 2013; Barraza; Abril, 2013; Marín, 2013; Retamal Soto; Pozo, 2014) têm aproveitado o debate acumulado anteriormente sobre a cultura e os valores tradicionais dos *barristas* para tentar compreender também os impasses que o processo de hipermercantilização do futebol impõe à identidade desses torcedores. Essas publicações têm valorizado as *barras* como espaço de mobilização social e política dentro desse processo hostil a elas.

Retamal Soto e Pozo (2014) afirmam que o tratamento da violência no futebol pelos meios de comunicação ocorre apenas no calor dos

acontecimentos, explora imagens espetaculares e cobra soluções imediatas, mas logo se retrai à espera de outro incidente. Também sustentam que, nesse ciclo, não são feitas reflexões aprofundadas nem contínuas.

O debate público sobre a violência no futebol chileno tem dado especial atenção aos confrontos entre *barristas* - principalmente dos grupos *Garra Blanca* (Colo Colo) e *Los de Abajo* (Universidade do Chile). De um modo geral, pode-se dizer que esses torcedores são adolescentes e adultos jovens, oriundos de um meio social, econômica, cultural e fisicamente desfavorecido, com falta de infra-estrutura, direitos sociais e planejamento urbano. Pessoas que encontram nas *barras* um local privilegiado para a construção de laços afetivos, espírito de equipe e reconhecimento mútuo (Conejo, 2017).

A fim de reduzir os confrontos violentos envolvendo *barristas*, em 1994, foi implementada a *Ley 19.327*. Ao analisá-la, Garcez e Gonzalez (2004) observam que, ao prever o cadastramento apenas para esse grupo de torcedores, essa lei revela-se preconceituosa. Afinal, delimita a violência como domínio exclusivo dele e, assim, levanta dúvidas se é capaz de garantir realmente o princípio constitucional da presunção da inocência, que busca evitar a aplicação apressada e irresponsável da legislação diante do clamor popular por punições imediatas e exemplares. Em certo sentido, essa lei segue a lógica das medidas de segurança adotadas na Europa (Inglaterra, Alemanha, França, Bélgica e Itália), onde um torcedor pode ser classificado como *hooligan* não por aquilo que ele fez, mas por aquilo que ele poderá fazer, ou seja, por apenas pertencer a um “grupo de risco” (Tsoukala, 2014).

De acordo com Garcez e Gonzalez (2004), o endurecimento dos sistemas penais chilenos é motivado por uma percepção generalizada de medo. Os autores denunciam os equívocos da (suposta) racionalidade e eficácia desses sistemas e interpretam a (grande) visibilidade dada ao fenômeno da violência e das *barras* de futebol como uma forma de dissimular problemas sociais mais graves e estruturais. Além disso, ressaltam que, contrariando a suposta racionalidade legal, nem todos os delitos são punidos com a mesma eficácia, dado que eles são, conforme acabamos de sugerir, influenciados pelo clamor e pela indignação popular.

Em relação ao conteúdo propriamente dito do “Estádio Plano Seguro”, conforme Retamal Soto e Pozo (2014), ele recomenda, entre outras medidas, que:

1) a *Intendencia de Carabineros* (policiaimento nacional) seja responsável pela liberação dos estádios;

2) a *Intendencia de Carabineros* vete a entrada, através do instrumento punitivo conhecido como *derecho de admisión*, nos estádios de *barristas* considerados de alto perigo mediante listas encaminhadas pelas SAD's;

3) o organizador do espetáculo seja o responsável por administrar a segurança privada, nomear um chefe da segurança, definir os meios de acesso, identificação e controle (câmeras, detectores de metal e portas giratórias para a entrada cadenciada dos torcedores, conhecidas como *torniquetes*);

4) seja proibido o financiamento de dirigentes e atletas aos *barristas*, caracterizando a responsabilidade jurídica objetiva do ato;

5) seja proibido, com pena de 6 meses a um ano de prisão, o consumo de drogas, a invasão de campo, o arremesso de objetos e a promoção de qualquer incidente que leve à interrupção da partida;

6) se outorgue aos *Carabineros* o poder de veto à entrada de torcedores que carreguem materiais que sejam interpretados como perigosos, ou seja, que possam ferir alguém, alterar a normalidade do evento ou dificultar sua identificação (abrindo, assim, precedente ao tão polêmico tema da proibição dos *bombos* e outros recursos da festa popular).

Essas recomendações e o “Plano Estádio Seguro” de uma forma geral ensejaram uma série de protestos por parte dos torcedores. Por exemplo: em 2014, *barristas* da *Los de Abajo* marcharam contra o plano que, segundo eles, não cumpriu com seus objetivos principais. Ao contrário, ele representaria um retrocesso. Assim, reivindicaram um plano que fosse construído conjuntamente com os torcedores, a fim de evitar “abusos”¹. Uma série de graves incidentes violentos – especialmente aqueles ocorridos no final de 2015 em Valparaíso, quando membros das *barras* do Colo-Colo e do Santiago Wanderers se enfrentaram nas ruas e dentro do estádio – fez com que

membros do próprio governo criticassem o plano. Segundo o ministro do Interior, Jorge Burgos, ele havia fracassado².

O “Plano Estádio Seguro” foi igualmente criticado por estudiosos. De acordo com Conejo (2017, p. 101),

[...] até o momento, a lei não tem conseguido conter a violência protagonizada pelos barristas, antes, durante e após os jogos. Pode-se afirmar que a referida legislação não é um fracasso, ou uma letra morta, mas se verifica que ainda não consegue chegar a um evento futebolístico e ser capaz de minimizar os danos da transgressão no esporte.

Marín (2013), por sua vez, sustenta que o “Plano Estádio Seguro” parte de um diagnóstico equivocado: o de que as *barras* são a origem da violência, e não sua manifestação mais visível. Além disso, o referido plano contribuiria para acabar com uma parte importante de um patrimônio cultural dos setores populares, as próprias *barras*, gerando mais violência do que aquela que alega combater.

Violência e segurança no futebol brasileiro: contexto histórico, social e explicativo

Apesar de o campo de estudos sobre o tema ter se consolidado apenas recentemente, a partir da segunda metade dos anos 1990, a violência no futebol brasileiro não é um fenômeno novo. A partir da década de 1970, esses confrontos entre torcedores passaram a ser menos “espontâneos” e mais “militarizados”, envolvendo, com certa frequência, o planejamento de emboscadas contra grupos rivais. Essa “militarização” pode ser atribuída, em parte, ao legado autoritário da ditadura civil-militar (1964-1985), quando o Brasil foi governado por diferentes governos que, “[...] embora diferenciados entre si, guardavam sempre o denominador comum da ilegitimidade, não-representatividade e arbítrio” (Pinheiro, Almeida, 2003, p. 30).

Os confrontos entre torcedores expandiram-se nos anos 1990 e levaram, assim como ocorreu na Inglaterra e em outros países, ao fortalecimento dos aparatos repressivos e ao desenvolvimento de novos mecanismos de

vigilância. Propostas muitas vezes por pessoas pouco habilitadas para dar respostas eficazes ao problema, as medidas implementadas não foram, contudo, capazes de conter o avanço da violência. Na verdade, o que aconteceu foi o deslocamento dos conflitos para zonas afastadas dos estádios e, até mesmo, para dias em que não há jogos, dificultando sua prevenção e ampliando os custos das operações (Tsoukala, 2014).

De um modo geral, todavia, pode-se afirmar que os torcedores organizados compartilham um modelo de “masculinidade agressiva” e têm suas ações pautadas no “ethos guerreiro”, que torna imperativo demonstrar capacidade de resistência à dor e às adversidades. Assim como ocorre no contexto das *barras* argentinas (Zucal, 2010) e chilenas, para esses torcedores, os embates corporais constituem uma forma privilegiada de demonstrar tal capacidade e, conseqüentemente, de adquirir prestígio e respeito dentro grupo.

No que diz respeito à legislação brasileira, o EDT (Lei n° 10.671/03) é o que há de mais importante em relação à proteção do espectador, conforme já antecipamos. Tal estatuto foi proposto, em 2002, pela Comissão de Educação Cultura e Desporto da Câmara dos Deputados como projeto de Lei n° 7.262/02. Depois, tramitou no Senado Federal como Projeto de Lei n° 1/03, sendo sancionado pelo então Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em 15/05/ 2003 (Reis, 2006). Em 2010, o EDT foi modificado pela Lei n° 12.299/2010 e, em 12/08/2013, atualizado.

O curioso é que tanto no primeiro quanto no segundo [estatuto], a elaboração não contou com a presença dos maiores interessados e envolvidos em suas implicações, ou seja, os próprios torcedores. As torcidas organizadas, enquanto agrupamentos que necessitam, devido à sua particularidade no cenário esportivo, não tiveram também sua parcela de contribuição na elaboração desta lei (PRAÇA Et al. 2010a, s/p).

Uma série de críticas por parte de pesquisadores brasileiros (Lopes; Reis, 2014) argumentaram que ele faz uma leitura acrítica das medidas de segurança adotadas na Inglaterra, negligencia o processo de elitização do futebol brasileiro e contribui para a estigmatização das torcidas organizadas.

Estigmatização que, conforme veremos a seguir, contribui para legitimar estratégias que visam vigiar e punir o torcedor.

Vigiar e punir o torcedor: disciplina, panoptismo e delinquência no futebol brasileiro e chileno

Ainda que possuam algumas diferenças que devem ser levadas em consideração, as medidas atuais de segurança para os espetáculos futebolísticos no Brasil e no Chile fazem uso de uma série de tecnologias disciplinares comuns, que visam controlar minuciosamente o corpo dos torcedores. De acordo com Foucault (2013), há muito tempo existem tecnologias que permitem esse tipo de controle dos corpos (nos conventos, quartéis, oficinas etc.). No entanto, a disciplina só se converteu concretamente em uma fórmula geral de dominação no decorrer dos séculos XVII e XVIII, quando se formou uma “[...] política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula, o recompõe” (p. 133).

Neste período, alguns legisladores começaram a se articular contra a principal forma de punição de então: o suplício. Afinal, este envolvia a produção de intenso sofrimento físico nos condenados (por meio, inclusive, de torturas públicas) – o que era visto como um excesso de violência e um abuso do poder soberano. A partir daí, passou-se a pensar e a elaborar novas formas de punição. Estas não objetivavam punir menos; mas, sim, punir “melhor”. Concretamente, isso significava que o exercício do poder deveria ser menos custoso, que seus efeitos deveriam ser intensificados ao máximo e que seu crescimento deveria estar ligado ao rendimento dos aparelhos em que ele estivesse inserido. A tecnologia que veio permitir isso foi, justamente, aquela que Foucault denominou de “disciplina” (Fonseca, 2003).

Esta diferencia-se de formas tradicionais de dominação, como o asceticismo, a vassalagem, a domesticidade e a escravidão. Afinal, a relação que se estabelece entre ela e aqueles que subjuga “[...] não é do tipo de uma

dominação que restringe, apropria e conduz, como ocorre com fórmulas históricas de dominação que foram citadas, mas da preservação de uma certa autonomia, do próprio corpo, para aqueles com que ela se relacionam” (Fonseca, 2003, p. 52). A disciplina não opera, portanto, por meio da coerção e intimidação ininterruptas, o que é dispendioso na economia das forças empregadas. Ela é, como diria Foucault (2013), uma “anatomia política do detalhe” por ser um “micro poder”. Um poder capilar e onipresente, que fabrica corpos submissos, “dóceis”, por meio do “[...] entrelaçamento de diversos procedimentos, arranjos e dispositivos sutis e detalhados” (Fonseca, 2003, p. 52).

Nos principais estádios brasileiros e chilenos, o exercício da disciplina é facilitado por meio de projetos arquitetônicos concebidos para ensejar o consumo passivo e contemplativo do espetáculo futebolístico. O que se busca em ambos os contextos é um público que assiste à partida sentado e acompanha o espetáculo que se desenrola diante de seus olhos de forma distanciada. A fim de garantir esse comportamento, esses estádios são equipados com câmeras de vigilância. O monitoramento por imagens é, inclusive, determinado pelo EDT. Não à toa, de acordo com Ziesemer (2012, p. 67), o espírito dessa lei “[...] é exercer controle sobre a exteriorização do sentimento, é essa mesma premissa que move o torcedor de forma apaixonada a ir ao estádio, e agora isso é alvo de censura, em razão de seu simples extravaso”.

Segundo Foucault (2013), a vigilância é um dos principais instrumentos disciplinares, pois trata-se de garantir que o produto da ação seja engendrado de tal modo que ele esteja sintonizado com seus objetivos. Por meio do monitoramento por imagens, as autoridades públicas e do futebol buscam, assim, fazer com os torcedores apliquem sobre si mesmos os códigos de conduta impostos, sem que necessitem recorrer à força bruta. Com isso, ainda que opere sobre a esfera individual de cada um deles, pode-se afirmar que tal monitoramento produz efeitos comuns, fazendo com que todos eles se pareçam, a partir de um padrão de “normalização”.

Além de monitorados por câmaras de vigilância, os torcedores brasileiros e chilenos são distribuídos em diferentes setores, delimitados por alambrados e muros de proteção. Tais setores são, em sua maioria, encadeirados e possuem lugares marcados. Não à toa, as chamadas “arenas” são concebidas (o que não quer dizer que isto ocorra na prática) para que todos os torcedores tenham o seu lugar e cada lugar tenha a sua devida destinação. Nesse sentido, pode-se afirmar que o poder disciplinar opera nesses espaços de forma celular.

Nossa hipótese é que essa tentativa deliberada de transformar os estádios de futebol em espaços celulares, ou em espaços disciplinares, para utilizarmos as palavras de Gaffney e Mascarenhas (2006), é motivada, de certo modo, pela percepção, por parte das autoridades públicas e do futebol, de que a aglomeração e a formação de massas compactas e fervilhantes constituem um perigo, pois, no meio da multidão, as pessoas fariam coisas que não fariam sozinhas, tornando-se irracionais e potencialmente violentas (Lopes;Cordeiro, 2015).

A multidão nos espetáculos futebolísticos foi um importante elemento explicativo na virada dos anos 1980/90 - o que pode ser percebido, inclusive, em ensaios literários, tais como os de Buford (1992) e Hornby (2013). O temor de que ela pudesse mobilizar novas tragédias influenciou fortemente o conteúdo das recomendações do Relatório Taylor, que, cabe recordar, serviu de inspiração para as legislações e políticas públicas brasileiras e chilenas. Não à toa, defende-se, em ambos os países, a individualização do torcedor por meio de medidas como o cadastramento - seja por meio da identificação do portador do ingresso; seja por meio do condicionamento da venda de ingressos a programas de sócio torcedores.

O cadastramento pode ser entendido aqui como um instrumento de exame, que desempenha um papel essencial em relação à disciplina (no caso, do torcedor). De acordo com Foucault (2013), com o exame, as relações de poder tornam-se ocultas, o que não significa que deixam de atuar. Na verdade, atuam conferindo visibilidade detalhada sobre o vigiado. Afinal, o exame faculta extrair o maior número de informações possíveis sobre ele.

Informações que, posteriormente, são documentadas. O indivíduo examinado transforma-se, então, num “caso”. Num “caso” a ser minuciosa e individualmente pesquisado, analisado e avaliado (Fonseca, 2003).

No entanto, o exame é seletivo tanto no Brasil quanto no Chile. Em primeiro lugar, porque foca os grupos sociais estigmatizados. Por exemplo, para que um torcedor organizado possa entrar nos estádios paulistas com elementos visuais que remetam à sua torcida, é preciso que se cadastre na Federação Paulista de Futebol (FPF). Recentemente, diversas torcidas organizadas de São Paulo também tiveram de assinar um Termo de Ajuste de Conduta (TAC) comprometendo-se a se comportar de forma “civilizada”. Os *barristas* também estão sujeitos a uma vigilância cotidiana do Estado chileno, já que o Plano Estádio Seguro busca adentrar no seu dia-a-dia. Já a vigilância dos torcedores ditos “comuns” é muito menos intensa: eles não têm que se cadastrar, assinar TACs nem têm seu cotidiano invadido pelo Estado.

A busca pela individualização do torcedor participa de uma estratégia mais ampla de controle panóptico, que busca garantir a disciplina por meio de um regime de visibilidade onde muitos são permanentemente vigiados (ou, ao menos, sentem-se vigiados) por poucos. Esse controle é uma marca das “sociedades disciplinares”, uma vez que, a partir do século XIX, os espaços sociais que formam a vida urbana (fábricas, hospitais, escolas, parques, avenidas, estabelecimentos comerciais etc.) passaram a ser projetados para que a disciplina penetrasse minuciosamente o cotidiano das pessoas.

Nas palavras de Foucault (2013, p. 193),

[...] atravessada inteira pela hierarquia, pela vigilância, pelo olhar, pela documentação, a cidade imobilizada no funcionamento de um poder extensivo que age de maneira diversa sobre todos os corpos individuais - é a utopia da cidade perfeitamente governada.

Em outras palavras, os corpos estão, cada vez mais, presos em uma rede de poderes que lhes impõe limitações e obrigações, exercendo sobre eles uma coerção disciplinar sem folga. Daí a ideia de que a disciplina produz corpos dóceis. “A disciplina ‘fabrica’ indivíduos: ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício” (Foucault, 2013, p 167). Um corpo dócil é um

corpo que deve ser, ao mesmo tempo, submetido, transformado e aperfeiçoado (do ponto de vista das forças dominantes). Logo, um torcedor dócil é um torcedor economicamente útil e politicamente obediente.

Não à toa, ao mesmo tempo em que os principais estádios chilenos e, sobretudo, brasileiros se assemelham a *shopping-centers*, as polícias de ambos os países seguem reprimindo duramente ações reivindicatórias. Com base no Art. 13-A do EDT, a polícia brasileira costuma justificar suas ações argumentando que é vetada a exibição de mensagens ofensivas em locais de eventos esportivos. Assim, como o termo “ofensivo” é amplo e genérico, com frequência, ela acaba se utilizando desse artigo para, deliberadamente, cercear a liberdade de expressão dos torcedores e proteger os interesses dos grupos dominantes – como ocorreu durante algumas manifestações, no primeiro semestre de 2016, contra a Rede Globo, a FPF, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e contra o presidente da Assembleia Legislativa de São Paulo, o deputado Fernando Capez. A falta de especificação desse e de outros artigos do EDT acaba, assim, conferindo “[...] força ao poder de polícia de traduzir sua ação em verdadeira censura, que foge ao controle de outras instituições” (Ziesemer, 2012, p. 59).

Neste contexto, os corpos indóceis e hostis ao poder disciplinar dos *barristas* e dos torcedores organizados são criminalizados. Ao abordar a questão da delinquência, Foucault (2013) entende que, a partir do século XVIII, houve uma mudança de alvo da ilegalidade popular, quando esta começou a ameaçar os considerados “direitos de propriedade” da burguesia. Com isso, criou-se toda uma forma de codificar e controlar continuamente as ilegalidades de bens (roubos). Ilegalidades sobre as quais recaem um rigor penal muito maior do que sobre as de direitos (fraudes, operações comerciais irregulares e evasões fiscais), que permitem uma série de atenuações (Fonseca, 2003). A delinquência nasce, então, como uma justificativa para tornar aceitável esse rigor maior, legitimando o conjunto dos controles judiciários e policiais que vigiam a sociedade (especialmente as classes populares).

Não à toa, a atuação dos torcedores organizados e dos *barristas* serve, com frequência, de “desculpa” para as legislações brasileira e chilena tipificarem delitos já previstos no código penal, porém com o agravante de se manifestarem no evento esportivo. Em outras palavras: amplia-se o rigor penal em relação aquelas práticas que (supostamente) prejudicam os “interesses” do capital e autoriza-se uma série de estratégias de controle sobre determinados grupos sociais (localizando-se seus membros, infiltrando-se nesses grupos, estimulando a delação mútua) com o argumento de que se estaria combatendo a “delinquência”. De maneira provocativa, poderíamos, então, nos perguntar: a quem interessa produzir e divulgar a violência no futebol?

Conforme já foi antecipado, a criminalização dos torcedores organizados e dos *barristas* pressupõe um investimento das forças dominantes em estratégias de individualização. No entanto, paradoxalmente, implica também a imposição de punições generalizantes. Trata-se do caráter ambivalente da disciplina, tantas vezes sublinhado por Foucault (2013). Caráter expresso, por exemplo, no Art. 39 - A do EDT, uma vez que

a pena de impedimento de comparecer a eventos esportivos é aplicada tanto ao ente coletivo, torcida organizada, quanto ao indivíduo, seus associados ou membros, independentemente de culpabilidade em um dos atos ilícitos ali descritos. Mais até, mesmo aquele associado que nem sequer esteve presente no evento esportivo é alcançado pela pena de afastamento (Guilhon, 2017, p. 94).

Esse caráter generalizante do Art. 39-A é criticado por diversos estudiosos (Guilhon, 2017; Gomes et al., 2011), que entendem que o artigo é inconstitucional, além de retirar o brilho do espetáculo futebolístico e atestar a incompetência do Estado, incapaz de fazer frente à violência. De modo similar, Garcez e Gonzalez (2004) alegam que a legislação chilena para eventos esportivos possui pontos inconstitucionais, ferindo os princípios da intervenção mínima, da proporcionalidade, da taxatividade e da individualização da pena. Diante das críticas feitas por esses autores e pelos autores supramencionados, podemos afirmar que as autoridades públicas e do

futebol, tanto do Brasil quanto do Chile, parecem não conseguir lidar adequadamente com o tema das torcidas de futebol.

Seguindo as reflexões de Toledo (2012), acreditamos que essa falta de compreensão está relacionada à dificuldade de lidar com a própria juventude. Para além dos estereótipos e preconceitos, o autor sustenta que o que se “despolitizou” não foram os jovens, mas as políticas sociais dirigidas a eles, cada vez mais orientadas por uma “fé cega” nos mecanismos repressivos e disciplinares. Mecanismos que carecem de uma compreensão mais ampla do corpo e de suas manifestações (tidas como) violentas, que “[...] por natureza ele é incapturável, transborda e resiste diante de qualquer tentativa de definição; é mais um contato de comunhão que de controle, mais adentrar numa vibração dinâmica impedindo qualquer fixação” (Coelho, 2017, p 38).

É possível que essa “fé cega” nos mecanismos repressivos e disciplinares esteja relacionada ao fato de o debate público em torno da violência no futebol brasileiro e chileno ter se “judicializado”. O que parece estar relacionada à sobre-expectativa – amplamente alimentada pelos meios de comunicação – em relação à força da lei, como se conflitos sociais pudessem ser magicamente resolvidos através do endurecimento da legislação e do fortalecimento das tecnologias disciplinares (Lopes; Reis, 2014). Ao mesmo tempo em que perde de vista outras formas de lidar com o problema da violência, essa sobre-expectativa passa por cima das críticas feitas por diversos especialistas e sociólogos ao paradigma da “Lei e Ordem”. Dunning (2014), por exemplo, nos recorda que as maiores tragédias do futebol britânico ocorreram durante o governo de Margaret Thatcher, nos anos 1980, justamente quando a repressão aos hooligans chegou ao seu ápice e quando os estádios ingleses já eram fortemente vigiados.

Considerações finais

Neste texto, contrapomos as medidas atuais de segurança para os espetáculos futebolísticos no Brasil e no Chile e analisamos suas tecnologias disciplinares. Ao realizar essa análise, argumentamos que, a despeito das

diferenças entre os dois países, essas medidas buscam exercer um controle panóptico sobre os torcedores e docilizar seus corpos, tornando-os úteis economicamente e obedientes politicamente. Também argumentamos que esse controle serve, em última instância, a um modelo neoliberal de sociedade, que busca ampliar os interesses privados dos setores dominantes e reduzir os direitos sociais.

A resistência, cabe recordar, é um tema central na obra foucaultiana. Afinal, ela é inseparável das relações de poder. Ela cria espaços de luta e agencia possibilidades de transformação. Dentro do contexto do futebol chileno e brasileiro, observam-se desde estratégias de resistência que são claramente articuladas como tais - como o uso (ilegal) de elementos pirotécnicos ou a exibição de faixas de protestos - até aquelas mais sutis - como o desrespeito aos lugares marcados ou à determinação de permanecer sentado durante o jogo.

Tampouco parece correto afirmar que existem formas fixas de resistência ou grupos intrinsecamente de resistência. A resistência, como o poder, é inventiva, móvel, produtiva e pode, inclusive, fundar novas relações de poder (Foucault, 2013). Por exemplo: como a resposta à transgressão das regras impostas, as autoridades públicas, com frequência, fortalecem os operativos de controle e vigilância.

Referências

ABARCA, H.; SEPÚLVEDA, M. (2005). "Barras Bravas, pasión guerrera. Territorio, masculinidad y violencia en el fútbol chileno". In: F. FERRÁNDIZ e C. FEIXA. Jóvenes sin tregua: Culturas y política de la violencia. Barcelona: Anthropos: 145-197.

ALABARCES, P. (2012). Crónicas del aguante: fútbol, violencia y política. Buenos Aires: Capital Intelectual.

BARRAZA, P. (2013). Abordajes desde le psicología comunitária a la inclusión de las Barras Bravas: la Garra Blanca en Chile. Tesis de Magister en Psicología, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Chile.

BRASIL. Lei n °10.671, de 15 de maio de 2003. (2013). Dispõe sobre o Estatuto do Torcedor e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.671.htm. Acesso em: 22 de janeiro 2011.

BRASIL. Lei nº 12.299, de 27 de julho de 2010. (2010). Dispõe sobre medidas de prevenção e repressão aos fenômenos de violência por ocasião de competições esportivas; altera a Lei no 10.671, de 15 de maio de 2003; e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12299.htm. Acesso em: 22 de janeiro 2011.

BUFORD, B. (1992). Entre os vândalos:multidão e sedução da violência.São Paulo: Cia das Letras.

CIFUENTES, M.; MOLINA, J. C. (2000). La Garra Blanca: entre la supervivencia y la transgresión, La otra cara de la participación juvenil.Tesis de Posgrado, Centro de Investigaciones Sociales, Universidad ARCIS, Santiago

COELHO, G. (2017). Torcedores organizados: enigma como contrapeso ao fantasma da razão esclarecida.PragMATIZES-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura. (12), 35-56.

CONEJO, M. (2017). As barras no futebol chileno: fenômeno social ou violência inata? In: B. B. B. Holanda e. O. R. Aguilar. Torcidas organizadas na América Latina: estudos contemporâneos. Rio de janeiro: 7 Letras: 101-122.

DUEÑAS, F. (2013). "Barras bravas: tensiones y convergencias desde una perspectiva híbrida". Revista de Ciencias Sociales (Universidad Arturo Pratt, Chile), 31: 61-85.

DUNNING, E. (2014). Sociologia do esporte e os processos civilizatórios. São Paulo: Annablume.

FONSECA, M. A. (2007) .Michel Foucault e a constituição do sujeito. São Paulo: EDUC.

FOUCAULT, M. (1975). Vigiar e punir: nascimento da prisão. 41 ed. Petrópolis: Vozes.

GAFFNEY, C.; MASCARENHAS, G. (2006). The soccer stadium as a disciplinary stadium. Esporte e Sociedade.(1): 1-16.

GARCÉS, J.; GONZÁLEZ, L. (2004). Violencia en los estadios: Una mirada crítica al" problema". Tesis de Magister en La Facultad de Derecho, Universidad de Chile.

GOMES, L. F. et al. (2011). Estatuto do Torcedor comentado. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais.

GUILHON, M. F. Sob a pena da lei: princípios constitucionais, o Estatuto do Torcedor e o cerco às torcidas organizadas no Brasil. In: B. B. B. Holanda e. O. R. Aguilar. Torcidas organizadas na América Latina: estudos contemporâneos. Rio de janeiro: 7 Letras: 76-100.

HOLLANDA, B. B. B. (2009). O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras.

HOLLANDA, B. B. B. (2017). Torcidas, hinchadas e barras: a problemática torcedora em escala continental. In: HOLLANDA, B. B. B. e AGUILAR. O. R. Torcidas organizadas na América Latina: estudos contemporâneos. Rio de janeiro: 7 Letras: 11-64.

HORNBY, N. (2013). Febre de bola. Editora. São Paulo: Companhia das Letras.

KLEIN, M. A. (2005/2006) Preservar o espetáculo garantindo a segurança e o direito à cidadania: relatório final da fase I da Comissão Paz no

Esporte. Brasília: Ministério do Esporte e Ministério da Justiça. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/arquivos/institucional/relatorioFinalPazEsporte.pdf>. Acesso em: 16 out. 2017.

LOPES, F. T. P. (2013). Dimensões ideológicas do debate público sobre a violência no futebol brasileiro. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 36, n. 4, p. 597-612.

LOPES, F. T. P.; CORDEIRO, M. P. (2015). Futebol, visibilidade e poder: lógicas da violência nos espetáculos futebolísticos. *Revista Comunicação Midiática*. v. 10, n. 3, p. 119-134.

LOPES, F. T. P.; REIS, H. H. B. (2014). Políticas de segurança ou de dominação? Dimensões ideológicas do relatório da Comissão Paz no Esporte. *Revista Brasileira de Ciências no Esporte*. v. 36, n. 2, p. 682-695.

MARÍN, I. (2013). "Plan Estadio Seguro: una intervención biopolítica a las barras Del futbol". *Revista de Ciencias Sociales (Chile)*, v. 31, p. 111-124.

MOREIRA, V. (2013). "Así cualquiera tiene aguante, de fierro tiene aguante todo el mundo": disputas morales sobre las prácticas violentas en el fútbol. In J. G. Zucal (Comp.), *Violencia en el fútbol: investigaciones sociales y fracasos políticos*. Buenos Aires: EGodot: 41-68.

MOREIRA, V. (2017). Interseções latino-americanas. In: HOLLANDA, B. B. B.; AGUILAR, O. R. *Torcidas organizadas na América Latina: estudos contemporâneos*. Rio de Janeiro: 7 Letras: 220-228.

PRAÇA, G. M. et al. (2010). Levantamento e análise das Torcidas Organizadas de Minas Gerais. Disponível em: <http://gefut.files.wordpress.com/2010/10/texto-levantamento-e-analyse-das-torcidas-organizadas-de-minas-gerais.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2011.

PINCHEIRA, I. (2009). Las políticas del cuerpo en el Chile de la post-dictadura: entre el (bio)poder y la resistencia. *Sociedad Hoy*, v. 16, p. 93-105.

PINHEIRO, P. S.; ALMEIDA, G. A. (2003). *Violência urbana*. São Paulo: Publifolha.

REIS, H. H. B. (2006). *Futebol e Violência*. Campinas: Armazém do Ipê/Autores Associados.

SOTO, P.; POZO, F. (2014). Plan estadio seguro un tratamiento pirotécnico. Los casos de El Mercurio y La Tercera. Tesis de Doctorado en Comunicación Social, Universidad Academia de Humanismo Cristiano.

TEIXEIRA, R. C. (2004). *Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas*. São Paulo, Annabulme.

TEIXEIRA, R. C. (2013). Futebol, emoção e sociabilidade: narrativas de fundadores e lideranças dos movimentos populares de torcedores no Rio de Janeiro. *Esporte e Sociedade*, v. 21.

TERÁN, R. (2014). "Desorden, victimización y temor: estudio exploratorio sobre la relación entre la percepción de desorden y delito en Chile". *Revista Criminalidad*, v. 56, n. 3, p. 25-43.

TOLEDO, L. H. (2012). Políticas da corporalidade: socialidade torcedora entre 1990-2010. In: B. B. B. de Holanda et al. *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras: 122-158.

TSOUKALA, A. (2014). Administrar a violência nos estádios da Europa: quais racionalidades? In: HOLLANDA, B. B. B; REIS, H. H. B.. Hooliganismo e Copa do Mundo de 2014. Rio de Janeiro: 7 Letras: 21-36.

ZIESEMER, H. R. (2012). Análise crítica sobre o estatuto do torcedor: do esvaziamento das políticas de segurança à expansão da judicialização da violência nos estádios. Dissertação de Mestrado em Fundamentos do Direito Positivo. Universidade do Vale do Itajaí.

ZUCAL, J. G. (2010). Nosotros nos peleamos: violencia e identidad de una hinchada de fútbol. Buenos Aires: Prometeo Libros.

Notas

Disponível em:
<<http://www.biobiochile.cl/noticias/2014/10/04/movilizacion-de-la-barra-de-universidad-de-chile-genera-corte-parcial-de-transito-en-concepcion.shtml>>.
Acesso em: 30 de março de 2017.

Disponível em: <<http://www.latercera.com/noticia/el-principio-del-fin-de-estadio-seguro/>>. Acesso em: 30 de março de 2017.

AGUANTE, FUTBOL Y RESILIENCIA

Raul M Cadaa

Universidad Nacional de La Plata (Argentina)

Resumen

El “aguante” es una palabra utilizada por los argentinos para destacar fortaleza anímica; tolerancia y resistencia al disgusto; capacidad para reprimir o contener reacciones negativas; paciencia y conformismo para soportar la adversidad o para el control del sufrimiento ante una pérdida. Durante las últimas décadas esta palabra ha estado muy ligada al léxico del fútbol, y particularmente al lenguaje de las barras bravas. Los medios masivos de comunicación han difundido, erróneamente, la idea de que el “aguante” es cosa de machos. Ha sido replicado por los propios barras bravas, políticos, managers, periodistas y público en general. Esto convirtió, de alguna manera, al “aguante” en justificador de la violencia dentro de los estadios de fútbol. En este trabajo intentamos analizar y demostrar que el “aguante” es una conducta resiliente; o bien una variedad dentro del campo de la resiliencia o una nueva categoría dentro de la misma. Entendemos que la resiliencia debe ser considerada como un proceso social por el cual determinados actores sociales utilizan estrategias, que son igualmente sociales, individuales, pero también grupales o colectivas, en un contexto social y relacional. Donde las estrategias desarrolladas tienen un resultado incierto, incluso pueden ser exitosas a corto, pero no a largo plazo, o viceversa, por lo que es necesario destacar el factor temporal e histórico de la resiliencia; comparable a la duración de un partido de fútbol, un campeonato o la propia historia del hincha y su club. Creemos que la confirmación de esta hipótesis, su utilización como política pública y su divulgación masiva; podrá ayudar a menguar la violencia en el fútbol. Es decir, la generación de un círculo virtuoso que nace en la investigación académica, se convierte en una política pública y ayuda a desarrollar la solución total o parcial de una problemática social que parece no tener solución.

Palabras claves: Aguante; Futbol; Resiliencia

EIXO TEMÁTICO 12: ESTUDOS OLÍMPICOS

A INFLUÊNCIA DOS JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016 NA PRÁTICA DA ATIVIDADE FÍSICA: O CASO DOS ESPECTADORES DOS JOGOS DE FUTEBOL DO ESTÁDIO MINEIRÃO EM BELO HORIZONTE

Ana Cláudia Porfírio Couto

Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil)

Kátia Moreira Lemos

Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil)

Karolini Rodrigues Teixeira

Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil)

Resumo

Os jogos Olímpicos Rio 2016 aconteceram na cidade do Rio de Janeiro, e em mais cinco capitais, cidades do futebol. Belo Horizonte - Minas Gerais foi uma das cidades do futebol, onde foram realizados 10 jogos, seis femininos e quatro masculinos. O estudo foi desenvolvido durante as partidas de futebol, com a coleta de dados sob o formato de questionário para os espectadores dos jogos no estádio em Belo Horizonte. Assim, objetivou-se conhecer a influência dos jogos olímpicos na prática da atividade física dos espectadores. Concluímos que a maioria dos espectadores era do sexo feminino, solteiro, brasileiro, residente em Minas Gerais, com nível de escolaridade superior, faixa etária entre 24 e 29 e da classe média. Quanto à saúde, a maioria se considera saudável e com atividade regular no caminho do trabalho e lazer e percebe que os jogos Rio 2016 influenciarão pouco no incremento da prática da atividade física.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos; Atividade Física; Saúde; Espectadores; Lazer.

La influencia de los Juegos Olímpicos Río 2016 en la práctica de la actividad física: el caso de los espectadores de los juegos de fútbol del Estadio Mineirão en Belo Horizonte

Resumen

Los Juegos Olímpicos Río 2016 se realizaron en la ciudad de Río de Janeiro, y en otras cinco capitales, llamadas ciudades del fútbol. Belo Horizonte - Minas Gerais fue una de esas, donde se realizaron 10 partidos, seis femeninos y

cuatro masculinos. El estudio fue desarrollado durante los partidos de fútbol, con la recolección de datos a través de un cuestionario para los espectadores de los partidos en el estadio en Belo Horizonte. Así, se objetivó conocer la influencia de los juegos olímpicos en la práctica de la actividad física de los espectadores. Concluimos que la mayoría de los espectadores era del sexo femenino, soltero, brasileño, residente en Minas Gerais, con nivel de escolaridad superior, grupo de edad entre 24 y 29 y de la clase media. En cuanto a la salud, la mayoría se considera saludable y con actividad regular en el camino del trabajo y del ocio y perciben que los juegos Río 2016 influenciarán poco en el incremento de la práctica de la actividad física, una vez que ya la practicaban.

Palabras clave: Juegos Olímpicos; Actividad física; salud; espectadores; Ocio.

The Olympic Games - Rio 2016's influence on the physical activity practice: the case of the soccer games' spectators at Mineirão Stadium at Belo Horizonte

Abstract

The Rio 2016 Olympic Games took place in the city of Rio de Janeiro, and in five other capitals, soccer cities. Belo Horizonte - Minas Gerais was one of the soccer cities, where 10 games were played, six women and four men. The study was developed during soccer matches, with data collection in the form of a questionnaire for spectators of the games at the stadium in Belo Horizonte. Thus, it was aimed to know the influence of the Olympic games in the practice of the physical activity of the spectators. We conclude that the majority of the spectators were female, single, Brazilian, resident in Minas Gerais, with a higher education level, age group between 24 and 29 and middle class. Regarding health, the majority consider themselves healthy and with regular activity in the way of work and leisure and realizes that the Rio 2016 games will influence little in the increase of the practice of the physical activity.

Keywords: Olympic Games; Physical activity; Health; Spectators; Leisure.

Introdução

Os jogos Olímpicos da era moderna tiveram início em 1896 e aconteceram em Atenas, marcando o começo da era Coubertiana. A reedição dos jogos dá início ao movimento chamado Olimpismo, o qual pode ser definido como uma filosofia de vida e que busca através dos jogos contribuir para a formação humana baseando-se na promoção dos valores olímpicos - “a busca pela excelência, o fair play, a justiça, o respeito” (Miragaya, 2008). Os jogos, assim, objetivam promover o ideal do Olimpismo, congregando os povos e

nações, além de deixar um legado social focado na educação em valores pelo esporte para aqueles que o promovem e para aqueles que vivenciam.

Os Jogos Olímpicos Rio 2016 se basearam quando do seu planejamento nos princípios e ideais do Olimpismo, focados na promoção dos valores e nos legados direcionados à melhoria e bem estar da população, sobretudo da cidade sede - Rio de Janeiro. Para tanto, o Comitê Organizador local⁴⁷ designado pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB) em parceria com o Ministério do Esporte apresentou em sua proposta inicial todo o processo de organização referente ao país sede e no que ofereceria quanto ao desenvolvimento dos jogos, como infraestrutura esportiva, segurança, turismo, saúde etc. Decorrente a este planejamento e paralelo a isto, foram propostos os legados olímpicos, fruto da Rio 2016.

Como órgão regulador e em parceria com o COB o Ministério do esporte apresentou três cadernos de legados para os Jogos Olímpicos Rio 2016⁴⁸ - a saber: Cadernos de Legados Brasil, Caderno de Legados Social e Caderno de Legados Urbano Ambiental que conforme a SNEAR (2008) o legado se consolidará em três frentes:

“A primeira é o chamado Legado Esportivo. Ela busca assegurar que, na vida posterior da cidade e do país, haja ampla disseminação da prática esportiva e da atividade física, notável avanço no desempenho olímpico brasileiro, eficiente qualificação de equipes técnicas, mais intercâmbio com outros países, pleno aproveitamento das grandes instalações esportivas que os Jogos requerem e forte incremento da cadeia produtiva do esporte. A segunda frente é a do Legado Social. Ela reúne projetos de inclusão e promoção das populações de menor renda, especialmente pela via do esporte educativo. Como um microcosmo do Brasil, a cidade tem parte expressiva de sua população nessas camadas mais vulneráveis. E o Rio 2016 prevê gerar oportunidades inéditas para esses setores. O foco principal está posto na juventude: na sua qualificação profissional e formação cidadã através dos valores universais do olimpismo. Por fim, há o eixo do Legado Urbano e Ambiental. Compreende-se essa dupla temática, aqui, como uma unidade indissociável. O ambiente do carioca é sua cidade, e a vida nos aglomerados urbanos é absolutamente dependente do acesso a recursos naturais sustentáveis. Também os Jogos Olímpicos são inviáveis sem mobilidade, segurança, serviços, qualidade do ar, transporte

⁴⁷ <http://www.brasil2016.gov.br/pt-br>

⁴⁸ <http://www2.esporte.gov.br/snear/rio2016/>

público etc. Se as necessidades são complementares, as obras e intervenções têm de ser sinérgicas, articulando o evento à regeneração estrutural do Rio com vistas ao futuro”.

Os legados são proposições, atos que devem perdurar e que serão analisados, diante da sua relevância e sua aplicabilidade durante os anos subsequentes à realização dos Jogos, nos dias atuais já podemos perceber que pesquisas acadêmicas já veem sendo desenvolvidas no intuito de se conhecer os impactos dos jogos nas frentes propostas pelo comitê organizador. Como destacado neste estudo, que busca relacionar o legado esportivo, ou seja o incentivo à prática na promoção da saúde, tendo os jogos olímpicos como influenciador para o incremento da prática.

Atividade Física e Saúde quase podem ser consideradas palavras sinônimas se formos rever os artigos publicados nos últimos anos que tratam deste tema. É cada vez maior o número de documentos e estudos que relatam comprovadamente os benefícios da atividade física para a saúde (Paffenbarger 1994; ACSM 1998). Segundo Araujo e Araujo (2000), “pesquisadores nas áreas de exercício físico, educação física e de medicina do exercício e do esporte, pelos métodos de pesquisa epidemiológica, já demonstraram que tanto a inatividade física como a baixa aptidão física são prejudiciais a saúde”.

Para avançarmos na abordagem deste tema precisamos conceituar saúde e atividade física. A muito que o conceito de saúde avançou de uma visão reducionista que entendia a saúde como ausência de doenças. A OMS (organização mundial de saúde) em 1946 já apresentava um conceito mais amplo onde saúde “significa o estado de normalidade de funcionamento do organismo humano, vivendo com disposição física e mental”. Para muitos autores o conceito da OMS já está ultrapassado. Portanto podemos considerar que um conceito mais atual para saúde deve considerar um bom condicionamento físico, bom relacionamento psicoemocional e entusiasmo para os relacionamentos emocionais.

Para a expressão atividade física encontramos uma diversidade de definições. Ela pode ser definida por alguns como qualquer movimento corporal com gasto energético acima dos níveis de repouso, ou seja, pode ser

uma atividade do dia a dia como se vestir ou tomar um banho; as atividades desenvolvidas no trabalho como caminhar, carregar uma caixa; e as atividades de lazer como praticar esportes, dançar, etc (Manifesto do cirurgião geral dos Estados Unidos 1996). Outros autores como (Caspersen et al., 1985; Shephard e Balady, 1999) definem atividade física como qualquer movimento corporal produzido pelos músculos esqueléticos que resultem em gasto energético. Para estes autores atividade física e exercício físico se diferenciam a partir da intencionalidade do exercício, ou seja, o exercício é um subgrupo da atividade física que tem como objetivo o condicionamento físico seja como manutenção ou otimização e, portanto trata-se de uma atividade planejada, estruturada e repetitiva. O conceito se avança na visão de Fahey et al. (1999) que consideram a diferenciação entre atividade física e exercício físico mas acrescenta mais um subgrupo nominado aptidão física que representaria a capacidade de adaptação do nosso corpo para esforços físicos em níveis moderados ou vigorosos sem levar a completa exaustão. Podemos então considerar que não existe o conceito perfeito e sim a sua capacidade de atingir os objetivos dos estudos propostos.

Ao considerarmos que existe uma relação científica comprovada entre atividade física e saúde justificamos o nosso estudo, pois o impacto do sedentarismo na saúde pública de um país deve ser alvo de preocupação de grandes dimensões. Não existe nada de novo ao afirmarmos que a vida cotidiana dos países desenvolvidos e industrializados com o seu grande progresso tecnológico gerou uma inatividade crônica em suas populações, seja pelo mundo do trabalho com suas formas de emprego que acabam por diminuir as horas de lazer ou seja pelas políticas de incentivo para as atividades físicas das pessoas em suas horas de lazer. Assim podemos concordar com Araujo e Araujo, 2000 imaginando uma sociedade ativa fisicamente, como aquela na qual crianças, jovens, adultos e idosos de diferentes gêneros, classe social, etnia, mantenham e possam realizar um hábito inerente ao ser humano que é exercitar-se.

Neste direcionamento, contextualizamos nosso estudo no que chamamos a década de ouro do esporte no Brasil, devido à exposição mundial do país no

campo esportivo e pelo fato do país estar envolto com a prática esportiva de alto nível de rendimento durante dez anos, iniciando com a realização da XV edição dos Jogos Pan Americanos, seguida pela 5ª edição dos Jogos Militares Mundiais, Copa das confederações em 2013, Copa do Mundo FIFA de futebol 2014 e culminando com os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016.

Autores como Roche (2000) e Rojek (2013), compreendem um megaevento como um evento de larga escala, que amplia a possibilidade de inter-relação entre os povos e as nações, podendo ser representado por ações culturais que tenham incentivo governamental ou não, mas concretizando a ideia de espetacularização, de modo que agregue grandes patrocinadores o apelo midiático. Entretanto, no Brasil os megaeventos tiveram um grande incremento financeiro oriundo dos órgãos governamentais.

Após a década de ouro culminando com a realização dos jogos olímpicos, fica a saudade, a vontade de viver novamente o momento de contato com pessoas de várias partes do mundo, de assistir a um espetáculo de superação, de transcendência de limites de corpos lutando bravamente pelos seus ideais. Além disso, fica também um tratado testemunhal, o que é designado ao povo após as grandes realizações, comumente conhecidos como legados.

Um dos aspectos observados quando tratamos dos legados são as influências que os megaeventos geram na população, de modo a promover e fomentar interesse das pessoas, independente de faixa etária, sexo ou condição social na prática esportiva, quer seja formal ou informal, partindo desta tese objetivou-se neste estudo conhecer a influencia dos jogos olímpicos na prática da atividade física dos espectadores, visto que pressupunhamos que poderiam os jogos em certa medida estimular, incentivar ou mesmo fomentar o interesse nas pessoas a praticarem alguma atividade física a partir da sua participação nos jogos, evidenciando, pois, a realização de um legado social e principalmente de fomento à promoção e prevenção à saúde da população.

O estudo⁴⁹ foi desenvolvido durante as partidas de futebol dos jogos olímpicos Rio 2016, na cidade de Belo Horizonte - estado de Minas Gerais, uma das cinco capitais onde foram realizadas as partidas de futebol, cidades chamadas Cidades do Futebol, onde aconteceram 10 jogos, seis femininos e quatro masculinos. A coleta de dados se deu sob o formato de questionário aplicado para os espectadores dos jogos no estádio do Mineirão em Belo Horizonte. Paralelo a esta pesquisa, foi desenvolvida uma pesquisa no Rio de Janeiro, sede dos Jogos Olímpicos 2016, na Arena Olímpica, como parte integrante do grupo de investigação, mas com instrumentos distintos⁵⁰.

Os questionários foram aplicados aleatoriamente aos espectadores caminhantes, uma vez que o acesso à região mais próxima do estádio somente foi permitida aos portadores de ingresso ou que estavam devidamente uniformizados (trabalhadores e voluntários), fazendo com que a amostra fosse baixa, mas conduzindo a uma possibilidade de uma análise, mesmo que pequena, acerca das representações sociais que as pessoas têm sobre suas intencionalidades diante das influências que possam ou não gerar os jogos na sua prática da atividade física. Neste sentido, este estudo objetivou conhecer a influência dos jogos olímpicos no interesse pela prática da atividade física.

O método utilizado para a coleta dos dados foi a aplicação de um questionário, para os espectadores caminhantes adultos, independentes de sexo e etnia, que deveriam se voluntariar à participar. A amostra foi composta por total de 79 respondentes:

Os dados coletados a partir da aplicação dos questionários foram digitados na plataforma SPSS e posteriormente analisados com base na

⁴⁹ A proposta deste estudo foi desenvolvida a partir do estabelecimento de uma relação com professores da Universidade de Nottingham - Inglaterra por ocasião de uma conferência sobre Ciência do esporte e Legado Olímpico, que acontecera na UFMG antes da realização dos Jogos Olímpicos de 2016, neste momento propôs-se então o desenvolvimento de um estudo focado na influência dos Jogos Olímpicos na melhoria da saúde das pessoas, tem do como amostra o espectador da Rio 2016, voltando a investigar as pessoas um ano após a realização do evento. A Universidade Federal Fluminense com sede na cidade de Niterói Rio de Janeiro e a Universidade Federal de Minas Gerais desenvolveram a pesquisa, com instrumentos e metodologias distintas, uma vez que este estudo dedicou-se apenas aos espectadores dos Jogos, sem a intenção de busca-los um ano mais tarde e tendo como participantes as pessoas que frequentaram jogos no Mineirão (estádio na cidade do futebol).

⁵⁰ O relatório final apontou dados referentes aos impactos econômicos, perfil sócio demográfico, e informações sobre a viagem, avaliação da saúde e prática da atividade física, avaliação da experiência turística.

frequência e posteriores cruzamentos, de modo a conhecermos o perfil dos investigados e a influência dos jogos no seu interesse na prática da atividade física, resguardando os cuidados éticos em pesquisa com seres humanos.

Interpretação dos dados

Os dados foram levantados com base na aplicação de questionários para os caminhantes espectadores dos jogos de futebol que foram realizados no estádio de futebol Mineirão na cidade de Belo Horizonte, estado de Minas Gerais.

As pessoas foram convidadas a participar, mas pelo fato de não estarem os pesquisadores na área reservada aos jogos, a maioria se recusou, por não ter interesse ou por alegarem que não participariam dos jogos, fazendo com que o número da amostra fosse pequena, mas que nos possibilitou de qualquer modo a ter uma inferência inicial acerca dos interesses e da influência dos jogos olímpicos na prática da atividade física. Foram então inquiridos 79 pessoas, sem distinção de sexo, faixa etária, etnia ou outros aspectos que poderiam excluir para a participação na pesquisa, o único pré-requisito foi ser espectador das partidas de futebol.

Trataremos esta interpretação em três categorias:

1. Perfil Social
2. Perfil de Saúde
3. Influência dos Jogos Rio 2016 na prática de atividade física dos espectadores.

Categoria 1 - Perfil social

Em relação ao perfil foi investigado o sexo, a faixa etária, o local de residência, a nacionalidade, a renda familiar mensal, o estado civil, o maior nível de escolaridade.

Em relação ao sexo, os dados nos mostraram que 61% são do sexo masculino, que muito podemos corroborar com a cultura do brasileiro, ou seja,

os estádios de futebol são majoritariamente frequentados por homens, apesar de ter uma frequência significativa de mulheres.

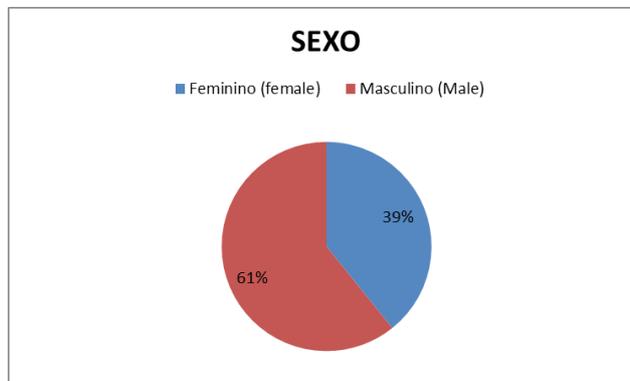


Gráfico 1: Sexo

Em relação à faixa etária os respondentes tinham idade compreendida entre 18 e 64 anos, com a maioria entre 18 e 30 anos. Podemos então destacar como uma faixa etária integrante do grupo de jovens, conforme os documentos e legislação brasileira.

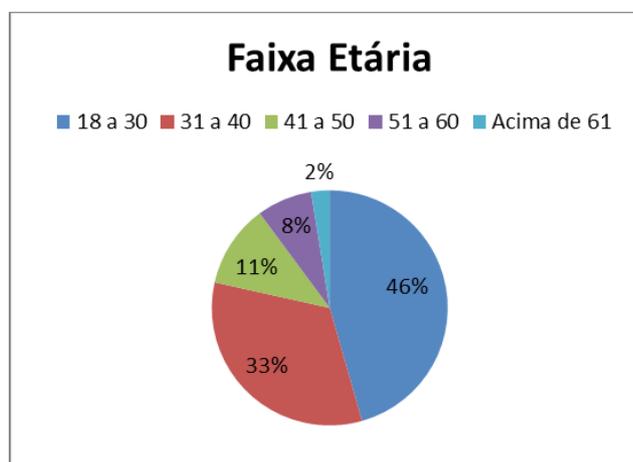


Gráfico 2: Faixa etária

Em relação ao local de residência e à nacionalidade, como se pode perceber no gráfico abaixo, a grande maioria reside no estado de Minas Gerais, especificamente em Belo Horizonte, e 97% brasileiros. Fato este que pode ser justificado pelos altos preços cobrados para as partidas e pelas

dificuldades de deslocamento, levando às pessoas a optarem por participar das partidas e eventos realizados na cidade olímpica.

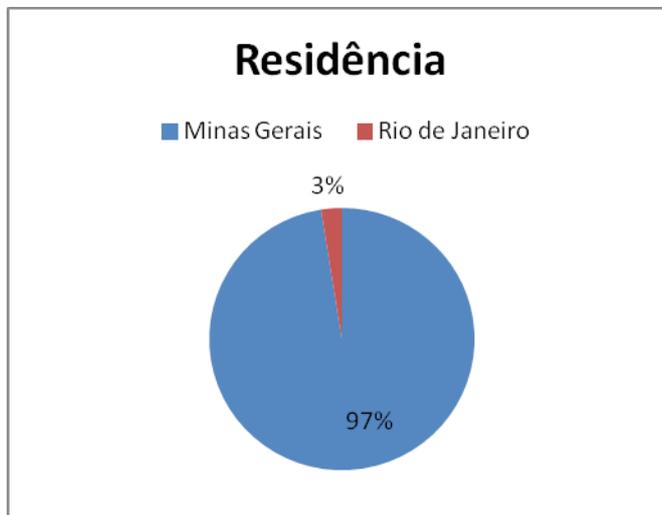


Gráfico 3: Residência

Em relação à renda familiar mensal, ao estado civil, e ao maior nível de escolaridade. Pudemos perceber que, a maioria tinha renda familiar mensal alta, girando em torno de 10 a 15 salários mínimos brasileiro (R\$ 954,00), podendo estas pessoas serem consideradas de classe média alta. O estado civil foi representado igualmente por casados e solteiros e com nível de escolaridade alto, com superior completo e pós-graduação representando a maioria da amostra.

Categoria 2 - Perfil de Saúde

Em relação ao perfil de saúde, os entrevistados foram questionados sobre o seu entendimento do que é atividade física, acerca da sua prática semanal e da relação dos jogos com o incentivo ou não à prática.

Conforme os respondentes, sobre o que eles entendiam por atividade física, conforme gráfico 4, pudemos perceber que a compreensão está direcionada à prática do exercício regular, por orientação médica ou não, demonstrando que são aquelas mais divulgadas pela mídia como também comercializadas e que são associadas a busca de uma vida mais saudável.

Muitas vezes os respondentes utilizam da terminologia que mais é utilizada no seu dia a dia e que mais facilita a sua compreensão e fala sobre o assunto.

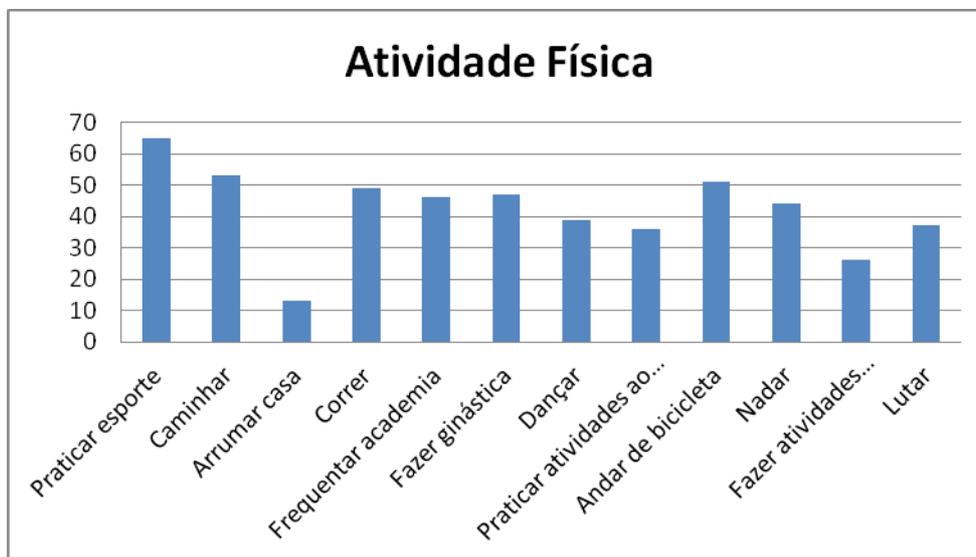


Gráfico 4: Atividade Física

Foram ainda questionados acerca da sua prática durante a semana regular de 07 dias se havia ou não a realização de atividades que proporcionassem o aumento dos batimentos cardíacos durante seu trajeto para o trabalho, bem como nos tempos de lazer.

A maioria dos pesquisados respondeu que as vezes/ raramente realizam atividades físicas suficientes para aumentar o seu batimento cardíaco durante o trajeto do trabalho para casa e de casa para o trabalho o que pode mostrar indícios de uma vida sedentária ou o não interesse pela melhoria da saúde ou ambos, entretanto durante o seu tempo de lazer 64% responderam que às vezes praticam atividade física, 8% responderam que nunca praticam nenhuma atividade física e 25% responderam que sempre praticam.

Questionamos ainda, como as pessoas veem sua saúde, ou seja, qual a percepção individual acerca da saúde, como podemos analisar no gráfico abaixo, os respondentes em sua maioria, 47% enxergam a sua saúde como muito boa, fatores estes que podemos relacionar ao padrão da Organização Mundial da Saúde quando se refere ao conceito de saúde como uma concepção de bem estar.

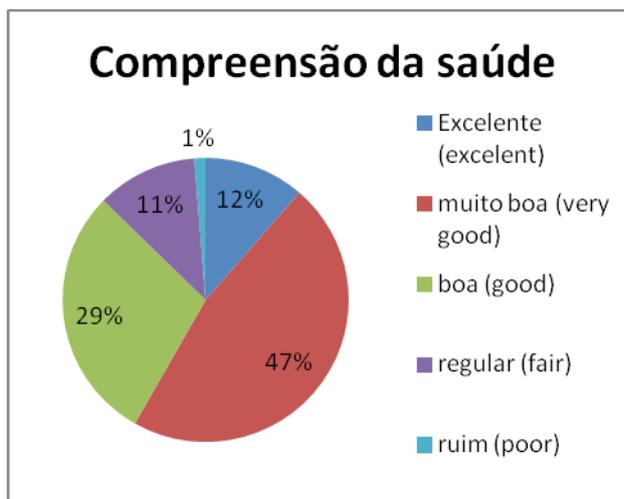


Gráfico 5: Compreensão da Saúde

Na possibilidade de relacionar os tempos e práticas de lazer, enquanto dimensão cultural, perguntamos aos investigados qual sua compreensão de lazer, e as respostas convergiram basicamente em três frentes, a saber: Diversão, fazer o que quer, ir a cinema, teatro etc e praticar esportes, neste sentido podemos perceber, que as pessoas, mesmo não tendo como frequência de atividade física a prática diária, há um desejo e uma compreensão da relação do tempo dedicado ao lazer ao componente promotor de saúde que é a prática de esportes.

Diferentes concepções de Lazer pelos sujeitos demonstram a sua subjetividade e a dificuldade por parte dos estudiosos da área de criar e aceitar um conceito único que atenda tamanha profundidade e complexidade. Entretanto, é interessante notar que a maioria dos sujeitos desta pesquisa compreendem o Lazer que se opõe as obrigações o que vai ao encontro com o conceito de Lazer segundo Dumazedier (2001): lazer é um conjunto de ocupações as quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

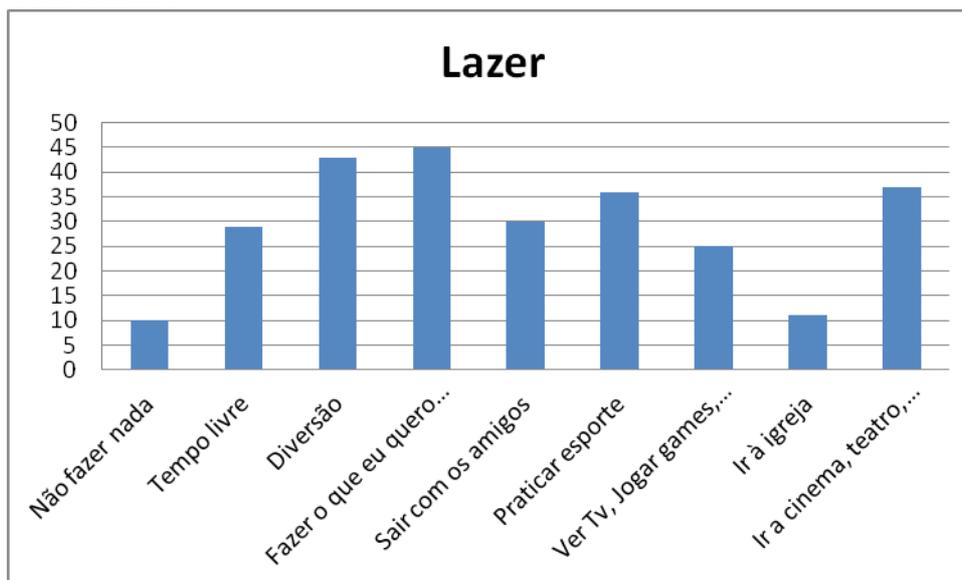


Gráfico 6: Lazer

Categoria 3 - Influência dos Jogos Rio 2016 na prática de atividade física dos espectadores.

Para discutir tal categoria investigamos com os voluntários acerca da compreensão dos mesmos diante da influência direta dos jogos Olímpicos Rio 2016 na alteração atual ou futura quanto ao seu desejo de fazer atividades físicas regulares.

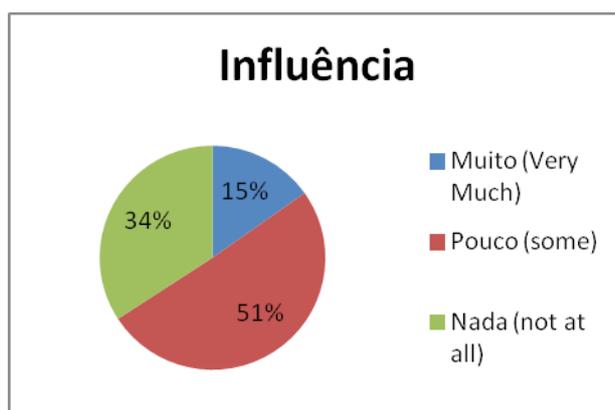


Gráfico 7: Influência

Pudemos perceber que não houve uma influência significativa dos Jogos na vontade/desejo das pessoas em praticarem a atividade física, visto que a

maioria dos entrevistados corroboram com a ideia que a influencia foi pequena. Quando comparamos com o relatório apresentado por ocasião da pesquisa realizada no Rio de Janeiro, percebemos que os resultados, oriundos de uma grande e uma pequena amostra em muito se assemelham, visto que os entrevistados no Parque Olímpico destacaram que os jogos pouco ou nada influenciarão no incremento da prática das atividades físicas.

Conclusão

O estudo objetivou conhecer a influencia dos jogos olímpicos na prática da atividade física dos espectadores, partindo do pressuposto que os Jogos realizados no Brasil poderiam deixar como grande legado social a influência na população no interesse da prática da atividade física. Investigando os espectadores de algumas partidas de futebol dos jogos Olímpicos - Rio 2016, realizados em Belo Horizonte - MG. Foi então mapeado o perfil de saúde destes e seu interesse/ ampliação de desejo de prática de atividade física, tendo como fator motivador os jogos olímpicos.

Como verificamos, as pessoas, apesar de pequena a amostra, justificada anteriormente pelos problemas enfrentados durante a coleta, tem uma relação pessoal e já determinada com a atividade física, que é praticada no seu tempo de lazer e que consideram como suficiente, visto que a maioria enxerga a sua condição de saúde como muito boa.

Com base em pesquisa recente do Ministério do Esporte (Diesporte, 2015), a população brasileira vem crescendo em relação ao sedentarismo, sobretudo em meio aos jovens, fato este preocupante, mais ainda quando investigamos nos resultados deste estudo temos destacado que a maioria dos investigados são jovens, que praticam atividade física às vezes e mesmo assim não se tem como desejo a ampliação do seu espectro de exercício diante de um fenômeno destacado pelo esporte. Além disso, a população investigada destaca que conhece os benefícios da prática da atividade física e os malefícios do sedentarismo, mas mesmo assim não se tornam fisicamente ativos.

De fato, nos causou tamanha estranheza o fato de um evento, como os Jogos Olímpicos não causarem um impacto e um desejo das pessoas ampliarem ou iniciarem uma prática de atividade física, uma vez que a mídia destacou em larga audiência a prática dos esportes e sua importância na vida da população. Além disso, o país veio de um período extenso de prática esportiva, como podemos ilustrar, em 2007 teve início a chamada década de ouro, com o Brasil sediando a XV edição dos Jogos Pan Americanos que aconteceram na cidade do Rio de Janeiro com a participação de 5662 atletas envolvendo 332 de 47 modalidades. Dando continuidade, no ano de 2011, também na cidade do Rio de Janeiro aconteceu a 5ª edição dos Jogos Militares Mundiais, com a participação de 4.218 atletas de 111 países. Em 2013, o Brasil sediou a Copa das confederações, torneio realizado pelo país sede da próxima Copa do Mundo Fifa de Futebol, imediatamente no ano que antecede o torneio, é um evento teste. No ano de 2014 o Brasil sediou a Copa do mundo Fifa de Futebol realizada em 12 cidades sede de norte a sul, contando com a participação de 32 nações, sendo a Alemanha a campeã e ficando o Brasil em 4º lugar. Encerrando o ciclo dos megaeventos esportivos no Brasil e fechando a chamada Década de Ouro, o Brasil sediou os Jogos Olímpicos e Paralímpicos a chamada carinhosamente por Rio 2016, uma alusão à cidade onde foi criada a cidade/vila olímpica. Nos jogos olímpicos foram disputadas 42 modalidades e nos paraolímpicos 23 modalidades.

Podemos aqui inferir algumas indagações que vão ou podem ir ao encontro dos resultados encontrados no levantamento dos dados acerca da prática da atividade física do brasileiro, apresentados no relatório da Diesporte (2015), e que podem ser fatores congruentes às respostas dos aqui investigados, uma vez que existem fatores que impedem ou dificultam a prática da atividade física, como distância, recursos financeiros e falta de tempo.

Já em 2017, o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) publicou um relatório de desenvolvimento humano, no qual o assunto foi exclusivamente a atividade física, intitulado Movimento é vida,

neste relatório foram destacadas as pesquisas mais atuais demonstrando a importância da prática da atividade física para a saúde.

Os Jogos Olímpicos devem dedicar legados, em todos os contextos, econômico, educacional, de infraestrutura e social, de modo que a população possa de fato se beneficiar de ter sediado um megaevento. O que nos apontou este estudo é que ficamos em defasagem em relação a um legado social que poderíamos usufruir diante dos jogos, qual seja, o incremento e o grande incentivo à prática da atividade física, mesmo por aquelas pessoas que já são ativas.

Neste sentido, torna-se nosso papel avançar no que diz respeito ao incentivo à prática, ao convencimento da população quanto à necessidade de uma vida saudável, que a atividade física pode e deve ser realizada durante toda a vida e em todos os tempos, mesmo que seja tratada e representada por meio de simples ações, como caminhar no trajeto do trabalho, subir escadas e até mesmo levantarem-se mais vezes durante o dia. Independente de tratarmos com pessoas fisicamente ativas ou com pessoas sedentárias, visto que as atividades físicas são uma ação relacionada ao desenvolvimento humano, quando praticadas livremente e sem que condições externas impeçam o seu desenrolar⁵¹.

Referencias

A.C.S.M. (1998). Position Stand the recommended quantity and quality of exercise for developing and maintaining cardiorespiratory and muscular fitness, and flexibility in healthy adults. **Med \sci Sports Exerc.** V. 30, N.6, p. 975-91.

ARAUJO, D.S. ; ARAUJO C.G.S. (2000). Aptidão Física, Saúde e qualidade de vida relacionada à saúde em adultos. **Revista Brasileira de medicina do Esporte.** V. 6, N.5, p.194 - 203.

BOUCHARD, C.; SHEPHARD, R.J.; STEPHENS, T.; SUTTON, J.R.; MCPHERSON, B.D. (1990). Exercise, fitness, and health: the consensus statement. In: BOUCHARD, C.; SHEPHARD, R.J.; STEPHENS, T.; SUTTON, J.R.; MCPHERSON, B.D (org.) **Exercise, Fitness, and Health: A Consensus of Current Knowledge.** Champaign, Human Kinetics. V. 47, P. 288-303.

CASPERSEN, C.J.; POWELL, K.F.; CHRISTENSON G.M. (1985). **Physical activity, exercise and physical fitness: definitions and distinctions for health-related research.** Public Health Rep. V. 100, N. 2, P. 126-31.

⁵¹ <http://movimentoevida.org/>

DIESPORTE - **Diagnóstico do Esporte**. (2015). Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/diesporte/>. Acesso em 24 de Março de 2017.

DUMAZEDIER, J. (2001). **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva.

FAHEY, T; INSEL, P.M.; ROTH, W.T.; FIT & WELL. (1999). **Core. Concepts and Labs in Physical Fitness and Wellness**. Mountain View: Mayfield, 3rd. Edition.

MIRAGAYA, A. (2008). **Youth Olympic Games and Brazilian Initiatives: The dissemination of Olympic Values**. Palestra proferida na 8TH INTERNATIONAL SESSION FOR EDUCATORS AND OFFICIALS OF HIGHER INSTITUTES OF PHYSICAL EDUCATION. 2008, Olímpia.

PAFFENBARGER, R.S. (1994). Forty years of progress: physical activity, health and fitness. In: **American college of Sports Medicine 40 th anniversary lectures**.

Pesquisa sobre o perfil e a experiência do turista nos Jogos Olímpicos Rio 2016 - Relatório - UFF - 2016. (Doc. Pessoal)

Portal da Copa 2014 - Site do Governo Federal, 2003. Disponível em: <http://www2.esporte.gov.br/snear/rio2016/> Acesso em 24 de Março de 2017.

Relatório de Desenvolvimento Humano do Brasil. Disponível em: <http://movimentoevida.org/> Acesso em 24 de Abril de 2018.

ROCHE, M. (2000) Mega-events modernity - Olympics and Expos in the Growth of Global Culture. London: ROUTLEDGE.

ROJEK, C. (2013). **Event Power. How Global Events Manage and Manipulate**. London: Sage,

SHEPHARD, R.J.; BALADY, G.(1999). Exercise as cardiovascular therapy. **Circulation**. V. 99, P. 963-72.

A INVISIBILIDADE DO HOMEM *TRANS* NOS ESPORTES DE ALTO RENDIMENTO

Waleska Vigo Francisco

Universidade de São Paulo (Brasil)

Katia Rubio

Universidade de São Paulo (Brasil)

Resumo

O objetivo deste artigo é discutir através dos documentos do Comitê Olímpico Internacional (COI), a falta de visibilidade do homem *trans* nos esportes de alto rendimento. Usando autores dos estudos socioculturais e das teorias *queer*, foi possível perceber que as normatividades sexuais e de gênero engessam os sujeitos em categorias. Dessa forma, mesmo que o homem *trans* já tenha passado pelos processos de transição, ele ainda é compreendido por sua identidade anterior. Como consequência disso, o desempenho esportivo do homem *trans* é ofuscado pelo pensamento de que uma "ex-mulher" será sempre inofensiva por possuir capacidades físicas inferiores ao do homem.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos; gênero; homem *trans*.

La invisibilidad del hombre *trans* en los deportes de alto rendimiento

Resumen

El objetivo de este artículo es discutir a través de los documentos del Comité Olímpico Internacional (COI), la falta de visibilidad del hombre *trans* en los deportes de alto rendimiento. Usando autores de los estudios socioculturales y de las teorías *queer*, fue posible percibir que las normatividades sexuales y de género ponen a los sujetos en categorías. De esta forma, aunque el hombre *trans* ya haya pasado por los procesos de transición, él todavía es comprendido por su identidad anterior. Como consecuencia de ello, el desempeño deportivo del hombre *trans* es ofuscado por el pensamiento de que una "ex-mujer" será siempre inofensiva por poseer capacidades físicas inferiores al del hombre.

Palabras clave: Juegos Olímpicos; género; hombre *trans*.

The invisibility of *trans* man in high-performance sports

Abstract

The purpose of this article is to discuss through the documents of the International Olympic Committee (IOC) the lack of visibility of *trans* man in high-performance sports. Using authors of sociocultural studies and *queer* theories, it was possible to perceive that sexual and gender norms put the subjects into categories. Thus, even though the *trans* man has already gone through the transitional processes, he is still understood by his earlier identity. As a consequence of this, the *trans* man's sporting performance is

overshadowed by the thought that an "ex-woman" will always be harmless because she has lower physical abilities than men.

Keywords: Olympic games; gender, trans man.

Introdução

Em 2003, o Comitê Olímpico Internacional (COI) reuniu especialistas para discutir as recomendações sobre a elegibilidade de atletas *trans* no esporte⁵². A equipe concluiu que os atletas pós-púberes deveriam ter: completado a cirurgia de redesignação sexual, incluindo mudanças genitais externas e a retirada das gônadas (sendo que só estaria elegível dois anos após a gonadectomia); passado por terapia hormonal de modo que fossem anuladas as vantagens esportivas relacionadas ao gênero; e deveriam ser reconhecidos legalmente no sexo pós-cirúrgico. Caso o gênero do atleta fosse questionado, a comissão médica teria autoridade para tomar as medidas necessárias para determinação do gênero do competidor.

Doze anos depois, em 2015, reconhecendo a importância da autonomia do indivíduo no processo de identidade de gênero e as dimensões que as discussões no campo da transexualidade haviam tomado, o COI emitia novo documento⁵³ reformulando as diretrizes de atletas *trans*. Compreendendo que a cirurgia se sobrepunha à noção de direitos humanos, a entidade optou por não mais torná-la obrigatória. Mais elaborado, este documento demarca a divisão das regras, ajustando-as ao sexo designado no nascimento dos atletas. Aqueles que passassem pela transição *homem-mulher* deveriam manter os níveis de testosterona abaixo de 10nmol/l nos últimos doze meses antes da primeira competição, e durante todo o período de elegibilidade. O não cumprimento dessa condição poderia suspender o atleta por 12 meses. Além

⁵² Desta reunião resultou o documento *Statement of the Stockholm consensus on sex reassignment in sports*.

⁵³ IOC Consensus Meeting on Sex Reassignment and Hyperandrogenism.

disso, todo atleta que declarasse uma identidade de gênero feminina, não poderia mudar sua declaração, por propósitos esportivos, por no mínimo 4 anos.

Entretanto, para atletas que passaram pela transição mulher-homem, a descrição é única e simplista: estão elegíveis para competir na categoria masculina sem restrições. As portas estavam abertas a participação.

Avaliando as últimas diretrizes do COI pela perspectiva foucaultiana, tentarei responder algumas questões. Em uma de suas obras, Foucault (2008) não está tão interessado no conteúdo dos discursos, documentos, mas em quem fala, de onde fala, e para quem fala. Uma de suas preocupações é compreender como ocorre a constituição, a disseminação e a assimilação dos discursos hierárquicos.

Formação do discurso hierárquico: o médico e as instituições

Verifica-se que dos vinte representantes presentes no encontro do COI, em 2015, catorze são médicos (sendo dois deles atletas olímpicos em pós-carreira), há quatro advogados, e duas atletas olímpicas também em período pós-carreira. Destes especialistas, catorze são homens, seis são mulheres. Podemos então sintetizar que a maioria é formada por homens e médicos.

De acordo com Foucault (2008), o médico ampliou sua influência social amparado pelo saber e pelas novas tecnologias do século XIX, que viabilizaram a mensuração do corpo do nível superficial às camadas mais profundas. Para ele, “o status do médico compreende critérios de competência e de saber; instituições, sistemas, normas pedagógicas; condições legais que dão direito - não sem antes lhe fixar limites - à prática e à experimentação do saber” (Foucault, 2008: 56).

As instituições médicas seriam, portanto, o local de formação e afirmação do discurso hierárquico, e produção de documentos como resíduo de suas ideias. Associado a isso, Foucault (2017: 156) diz que “a instituição judiciária se integra cada vez mais num contínuo de aparelhos (médicos,

administrativos etc.) cujas funções são sobretudo reguladoras”. Em outras palavras, Foucault atenta para o fato de que a medicina descreve e classifica o sujeito, enquanto o sistema judiciário regulariza e materializa as categorias.

Estes campos teóricos são maioria e estão em harmonia nos documentos do COI, conforme apresentado anteriormente. São eles os órgãos com potencial de categorização e normatização dos sujeitos atletas trans.

Definindo o sujeito *trans*

Com uma visão estritamente biológica, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) da Associação Americana de Psiquiatria, retirou a transexualidade da lista dos transtornos psiquiátricos somente em sua quinta edição, lançada em 2013. No entanto, o manual enuncia que pessoas *trans* apresentam *disforia de gênero*, isto é, “sofrimento que pode acompanhar a incongruência entre o gênero experimentado ou expresso e o gênero designado de uma pessoa” (American Psychiatric Association, 2014: 452). Em suas páginas, é possível perceber a constante reafirmação do sistema binário homem/mulher. Sexo é definido pelos cromossomos sexuais, gônadas, hormônios sexuais e genitália interna e externa. Estando em desacordo com o padrão normativo, o sujeito acaba ocupando um lugar de alteridade.

A bióloga e ativista social Fausto-Sterling (2006) acredita que os corpos não podem seguir um modelo único e absoluto e levanta a seguinte questão: se um bebê nasce com dois cromossomos X, ovário e útero, mas com pênis e testículos externos, é menino ou menina? Pelo seu potencial reprodutivo, é muito provável que seria designada menina. Com isso, a autora conclui que o sexo pode ser uma escolha médica, e, portanto, determinado socialmente, impossibilitando o desenvolvimento das inúmeras variedades de corpos.

Quanto ao gênero, o DSM-V descreve como sendo o papel social que o indivíduo exerce, e reitera que o gênero está fortemente relacionado ao sexo. Novamente, havendo incoerência na proposta biológica estanque e/ou no comportamento considerado normativo, o sujeito passa a ser denominado o

outro, o discrepante, o incongruente. São descritos no manual oito critérios para definir o diagnóstico de disforia de gênero em crianças pré-púberes, onde a criança deve apresentar no mínimo seis deles há pelo menos seis meses. Quase todos os critérios indicam comportamentos sociais inatos e ambíguos em relação aos meninos e meninas, como é visto neste trecho:

[as meninas com disforia de gênero] com frequência, [têm] preferência por esportes de contato, brincadeiras agressivas e competitivas, jogos tradicionalmente masculinos [...] elas demonstram pouco interesse por brinquedos (p. ex., bonecas) ou atividades (p.ex., usar vestidos ou desempenhar papéis femininos em brincadeiras) tipicamente femininos. (American Psychiatric Association, 2014: 453)

Assim, verificamos um pensamento antagônico e restritivo. Por que os esportes de contato, brincadeiras agressivas e competitivas não podem ser praticados por meninas? Diríamos que as atletas do boxe, rugby, basquete, futebol, e de todas as modalidades olímpicas que por natureza são competitivas, falharam durante seus processos inatos de constituição de gênero e que não são femininas?

De acordo com Butler (2003), o gênero é construído socialmente através de papéis performativos de feminilidade e masculinidade. Portanto, seríamos compulsoriamente encaminhados desde o nascimento a mimetizar o dualismo: feminino/masculino. Porém, se é uma imitação seria impossível que todos conseguissem praticar de forma absolutamente idêntica.

Falamos de leis e documentos, mas de modo bastante interessante, Butler (2006) convida-nos a pensar sobre as normas. Para ela, normas não são leis concretas e descritas em um documento, mas sim exigências culturais implícitas, turvas ou quase invisíveis. Difíceis de “ler” e identificar, as normas são perceptíveis através dos efeitos que causam. Exemplificando, podemos dizer que uma norma de gênero frequentemente adotada é de que meninos vestem azul e meninas cor-de-rosa. Está implícito que meninos devem usar azul, mas só notaremos por meio das correções e preconceitos direcionados ao menino que gostar de cor-de-rosa.

A carência da voz do sujeito trans na tomada de decisões, tem feito com que campanhas como a Stop Trans Pathologization (STP), sejam disseminadas

ao redor do mundo. Para o sociólogo e ativista trans Miquel Missé, um dos responsáveis pela campanha, houve um momento na história da redesignação sexual no qual os sujeitos trans perceberam a supressão de suas próprias autonomias para decidir sobre sua identidade:

o dia em que as pessoas trans quiseram ter algo a dizer sobre seus tratamentos, o critério para dizer quem é transexual e quem não é; o dia que quiseram explicar com suas próprias palavras o que sentiam, como viviam; aquele dia descobriram que haviam se tornado pacientes. Sem voz, nem voto. Somente pacientes. (Missé, 2013: 49)

Por mais que o DSM-V reconheça que nem todos com disforia de gênero sintam desconforto com o próprio corpo e queiram passar por uma reconstrução cirúrgica, Missé (2013) aponta que as primeiras buscas por ajuda dos indivíduos trans são solitárias e não se dirigem às equipes médicas. Para ele, o imaginário coletivo está enraizado no discurso científico da cirurgia como um processo natural e necessário da vida trans, levando ao estereótipo de que todo trans tem aversão ao corpo e necessita de uma intervenção cirúrgica para correção corpórea, o que poderia resultar numa massificação das intervenções.

No Irã, muitos processos cirúrgicos estão sendo aplicados como forma de “cura” da homossexualidade – considerada ilegal e punida com a morte – e manutenção da matriz heterossexual homem-mulher. Desta forma, a governo iraniano legalizou a cirurgia de redesignação sexual em 1983, custeia 50% do valor da operação e se tornou o segundo país que mais realiza esse tipo de intervenção. No documentário *Be Like Others (Transsexual In Iran)* uma das pacientes em espera pela cirurgia diz, “tenho que fazer isso para encontrar minha identidade. Isto foi algo que Deus fez. Não sei como é nos países ocidentais, mas fiquei sabendo que um homem pode se casar com outro”. Quando questionada se faria a cirurgia caso morasse em outro país, respondeu: “Não. Não sei como é no Ocidente, não sei o que fazem lá. Só sei que podem ser o que quiserem”. Através da narrativa, a paciente indica o potencial das normativas de gênero atravessada pelos interesses religiosos e políticos do país em que vive. No Brasil, a cartunista *trans* Laerte, revela

durante o documentário *Laerte-se*, uma linha muito sutil que separa a transexualidade do desejo de ser apenas homossexual, “eu desisti da minha homossexualidade por muito menos. O meu desejo por homens era pra mim algo tão chocante, provavelmente, que eu quis ser mulher [...] minha vontade era ser mulher pra ser normal, do que gostar de homem sendo homem”.

Não tenho a pretensão de retirar a importância e eficácia do trabalho médico, sabendo que, no momento o tratamento triádico - diagnóstico psiquiátrico, terapia hormonal e cirurgia de redesignação - é um dos recursos disponíveis capaz de oferecer outras possibilidades às pessoas trans. Mas, gostaria de cruzar os diálogos socioculturais e a voz do próprio sujeito como possibilidade de ampliação da discussão, pois acredito que esse entrecruzamento possui mais competência para tentar compreender a pluralidade e a diversidade humana.

O homem *trans* no cenário esportivo de alto rendimento

Uma das solicitações das pessoas trans têm sido a do respeito à nova identidade. Para muitos trans a curiosidade pelo período anterior à transição é uma questão inconveniente que traz desconforto. No entanto, para falar dos homens trans no esporte, terei que citar a história das mulheres no esporte, por identificar um forte reforço popular e por vezes científico de que homens trans são “ex-mulheres”. Com isso, o próprio documento do COI deixa claro que compreende as mulheres como tendo capacidades atléticas inferiores à dos homens, e que regras não seriam necessárias aos homens trans, porque as mulheres não têm vantagens sobre os homens.

É importante destacar que há uma representante LGBTT entre os nomes impressos no documento de 2015 do COI, é a atleta Maria José Martinez Patiño. Em 1988, durante os Jogos Olímpicos de Seul, Patiño foi reprovada no teste de verificação de gênero e identificada como a primeira atleta intersexual da história dos Jogos Olímpicos. Descobriu-se que Patiño não tinha ovários, nem útero; mas possuía um cromossomo Y, testículos internos, e alta produção de testosterona. Porém, suas células não eram responsivas ao

hormônio, caracterizando a chamada *insensibilidade aos androgênios*. Mesmo não resultando em vantagem no desempenho da atleta, pouco antes do início da competição Patiño foi advertida de que não poderia participar, e após o ocorrido, títulos e licenças federativas foram retirados da atleta (Fausto-Sterlin, 2006).

A pergunta a ser levantada aqui é: por que existe um limite estipulado às mulheres que não se sucede aos homens? Buscando a resposta na história das mulheres nos Jogos Olímpicos, na primeira edição em 1896, o Barão Pierre de Coubertin, proibiu a participação feminina por compreender que os esportes feriam a essência da mulher. Na visão de Coubertin, as mulheres sendo inferiores aos homens nunca teriam chances reais de alcançar as marcas masculinas, como pronuncia em 1912:

sejam quais forem as ambições atléticas femininas, não podem ter a pretensão de ganhar dos homens em corridas, em esgrima, em equitação...portanto, fazer que aqui interviesse o princípio da igualdade teórica dos sexos equivaleria a incorrer em uma manifestação platônica carente de sentido e de alcance". (Muller; Todt, 2015: 703-704)

Desde sua origem o esporte é um campo compreendido como adequado ao desenvolvimento das masculinidades. E o protagonista feminino, algo inesperado para Pierre de Coubertin, ainda é um lugar de discussões acaloradas na cena atual. Segundo Cavanagh e Sykes (2006), o desempenho das mulheres sempre passou por questionamentos quando elas atingiam importantes marcas. Nos Jogos de Berlim, em 1936, a corredora americana dos 100m, Helen Stephens, foi acusada de ser um homem quando atingiu a marca de 11.5 segundos. Surgiram rumores de que uma mulher não poderia correr tão rápido assim, mas Stephens foi aprovada no teste de verificação de gênero e seu recorde durou 19 anos.

Há quem discuta que o recorde olímpico nos 100m de Florence Griffith-Joyner (10.62), apenas um segundo atrás do recorde de Usain Bolt (9.63), é resultado de um doping. Muitas dúvidas rondam a carreira de Florence, e muitos chegam à conclusão de que realmente houve uso de substâncias, apesar de nunca comprovado pelos órgãos oficiais. A problemática é que não

incluem nos debates a performance dos homens que à mesma época de Florence também faziam uso de substâncias, como é o caso de Ben Johnson que chegou a perder medalhas e recordes. Na mesma edição olímpica Johnson atingiu a marca de 9.79.

Em estudo, Tatem et al. (2004) demonstra que o intervalo de tempo entre mulheres e homens nos 100m vem diminuindo ao longo do tempo. Pelas suas projeções as mulheres atingirão pela primeira vez um tempo abaixo dos homens nos Jogos Olímpicos de 2156. A previsão é de 8.079 para elas e 8.098 para eles.

Wackwitz (2003) defende que a ideia da mulher ser incapaz de atingir resultados eficientes como o dos homens é um engano. Restritas a vida doméstica por muitos anos e impossibilitadas das práticas esportivas, a suposta “inferioridade” teria relação direta com a falta de oportunidades para o desenvolvimento corporal. Durante os Jogos de 1928, ao atingirem a linha de chegada dos 800m, várias mulheres colapsaram devido ao extremo cansaço. Os oficiais da prova entenderam que a prova era perigosa para as mulheres e proibiram a participação delas até 1960.

Em pesquisa sobre as mulheres olímpicas brasileiras, Rubio (2011), tratou de descobrir o que causou uma longa distância entre início da participação das brasileiras nos Jogos Olímpicos em 1932 com a nadadora Maria Lenk, e a conquista das primeiras medalhas somente em 1996. Uma das possibilidades encontrada foi a de que as mulheres ficaram proibidas de praticar esportes durante o governo de Getúlio Vargas e, em alguns esportes, só foram liberadas 30 anos depois.

Conforme revela Maria Patiño, no documentário *She runs like a man*, “há uma linha muito fina, se alguma mulher sai dessa linha, desse padrão, é analisada, hostilizada, observada, criticada”. Enquanto para Cavanagh e Sykes (2006), a “muscularidade” da mulher não se enquadra nas definições convencionais de feminilidade e, por isso, é considerada inapropriada ou grotesca.

Neste contexto, que posição ocupa o atleta homem trans? Após a transição, não há qualquer restrição para sua inclusão nos esportes

masculinos, conforme já comentado. Isso indica que é impensável uma vantagem feminina sob os homens, em qualquer que seja a modalidade. Cavanagh e Sykes (2006) atentam para o fato de que os atletas homens transexuais quase não aparecem nas políticas do COI. E que é curioso como o uso de testosterona por eles não é considerado doping. Sua opinião é de que há uma recusa em considerar o homem trans como um “homem de verdade”, baseado na compreensão de que o gênero é resultado da natureza e, não pode ser construído, nem modificado pela interação social.

Uma história notável de um atleta trans é a de Erik Schinegger, austríaco do esqui alpino. Em 1968, quando eram implantados os testes cromossômicos para identificação de sexo, Erik foi reprovado. Nesta época, ele competia com as mulheres com seu nome de nascimento, Erika Schinegger. Ela havia sido campeã mundial. Designado menina ao nascer, Erik enfrentou a puberdade com modificações corporais que levaram à ambiguidade dos órgãos sexuais. Erik era mais um caso de atleta intersexo. Depois de passar por processos cirúrgicos, ele comenta no vídeo *Women's Skiing Champion Becomes a Man*, sua experiência como homem trans no esporte de alto rendimento:

com 18 anos [em 1966] ganhei a medalha de ouro na prova de descida e me tornei campeã mundial. Com 19 anos deixei de ser mulher. Aos 20, comecei a competir como um homem. Queria demonstrar meu valor e ganhei a Copa Europeia de Esqui Alpino. Mas, me expulsaram da equipe masculina, porque estava gerando muita polêmica.

A história esportiva de Erik não faz parte dos documentos oficiais. O site oficial da Federação Internacional de Esqui (FIS), encontra resultados apenas para Erika Schinegger. Ricoeur (2007:455) chamaria este fato de *memória manipulada*, onde “as estratégias do esquecimento enxertam-se diretamente nesse trabalho de configuração: pode-se sempre narrar de outro modo, suprimindo, deslocando as ênfases, refigurando diferentemente os protagonistas da ação assim como os contornos dela”.

No documentário já mencionado, Shinegger diz, apontando para um documento pendurado na parede de sua casa, “a Associação Austríaca de

Esqui não me aceitava mais. Esses resultados são a prova. Em primeiro, Erik Schinegger, em quinto Franz Klammer! Ele era o campeão olímpico. Por isso, eles não podiam continuar me aceitando como homem, porque eles estavam cientes que eu ainda poderia ser notícia. E eles estavam preocupados com sua reputação. Para eles, eu era uma notícia indesejada. Era muito mais fácil se eu estivesse fora do caminho”.

A maior parte das notícias sobre Schinegger reforça suas conquistas enquanto mulher, com frases como: a campeã mundial de esqui que se tornou homem, muitas vezes gerando a dúvida se Erik não seria uma fraude ou se Erik só foi campeão porque de forma “óbvia” tinha vantagens sob as adversárias. Em site pessoal, ele tenta manter viva sua história através de notícias, documentários, fotos, vídeos, etc. De forma interessante, um recorte de jornal demonstra que 7 anos após o processo cirúrgico, Erik acumulou mais 107 troféus em sua coleção, e que ele é um dos melhores esquiadores austríacos. Entretanto, não é essa a história que se conta com frequência.

Na atualidade, o atleta trans de maior destaque vem sendo Chris Mosier. Primeiro atleta trans a fazer parte do quadro da seleção dos Estados Unidos, é praticante de duatlo, modalidade não inclusa no programa olímpico. Chris foi um dos atletas responsáveis por questionar as políticas do COI para atletas trans, em relação a obrigatoriedade da cirurgia de redesignação sexual. Durante documentário⁵⁴ destaca, “eu sou um verdadeiro atleta que não está capacitado a competir? Por que vocês estão pedindo que eu modifique meu corpo de um jeito que eu não quero?”. A grande angústia em relação à transição para Chris era se poderia continuar competindo e se atingiria resultados satisfatórios, “não tinha certeza se seria capaz de competir com os homens. Alguns me disseram que isso seria impossível. Se eu tivesse dado ouvidos, se eu tivesse acreditado neles, não estaria aqui hoje”. A narrativa de Chris revela que ainda estamos entrelaçados pelo discurso de que a mulher é incapaz de vencer ou ter resultados semelhantes ao dos homens, e que a

⁵⁴ Team USA's Chris Mosier continues to break barriers for trans athletes, disponível no Olympic Channel.

história do homem trans se cruza com a história das mulheres no esporte no sentido de desencorajar a prática esportiva a essa população.

Concluo que há uma invisibilidade do atleta trans nos esportes de alto rendimento como efeito da crença de que uma “ex-mulher” não oferece riscos à hegemonia esportiva masculina. Deste modo, levanto as seguintes questões a serem observadas: o que acontecerá caso os homens trans comecem a vencer os homens *cis*? Neste caso, as políticas do COI serão revistas? Serão criadas restrições quanto ao uso de testosterona?

Enquanto isso, aparentemente, o que importa para o atleta é estruturar sua identidade de atleta e ser reconhecido como tal. Nas palavras de Chris Mosier, “se alguém pedisse para eu me identificar, eu diria que sou um atleta”.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. (2014). **Manual diagnóstico e estatístico dos transtornos mentais: DSM-V**. Trad. Maria Inês Corrêa Nascimento. Porto Alegre: Artmed.

BUTLER, J. P. (2003). **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.

BUTLER, J. P. (2006). **Deshacer el género**. Trad. Patricia Soley-Beltran. Barcelona: Paidós.

CAVANAGH, S.L; SYKES, H. (2006) Transsexual bodies at the olympics: the international olympic committee’s policy on transsexual athletes at the 2004 athens summer Games. **Body & Society**, v. 12, n.03, p.75-102

FAUSTO-STERLING, A. (2006). **Cuerpos sexuados: la política de género e la construcción de la sexualidade**. Trad. Ambrosio García Leal. Barcelona: Melusina.

FOUCAULT, M. (2017). **História da sexualidade: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra.

FOUCAULT, M. (2008). **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

MISSÉ, M. (2013). **Transexualidades: otras miradas posibles**. España: Egales.

MÜLLER, N; TODT, N. (2015). **Pierre de Coubertin (1863-1937): olimpismo, seleção de textos**. Porto Alegre: EdiPUCRS.

RICOEUR, P. (2007). **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François. Campinas: Unicamp, 2007.

RUBIO, K. (2011). **As mulheres e o esporte olímpico brasileiro**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

TATEM, A. J. et al. (2004). Momentous sprint at the 2156 Olympics? Women sprinters are closing the gap on men and may one day overtake them.

Nature.

WACKWITZ, L. A. (2003). Verifying the myth: olympic sex testing and the category "woman". **Women's Studies International Forum**, v. 26, n.06, p. 553 - 560.

DO QUE ESTAMOS FALANDO QUANDO FALAMOS EM EDUCAÇÃO OLÍMPICA?

Flavio Valdir Kirst

Universidade Federal do Espírito Santo (Brasil)

Otávio Guimarães Tavares da Silva

Universidade Federal do Espírito Santo (Brasil)

Resumo

Devemos reconhecer que a noção de que o esporte educa, aproxima as pessoas, promove bons comportamentos, ensina a trabalhar em equipe, a respeitar pessoas, decisões e prazos, estimula a disciplina, a resiliência e a meritocracia, entre outros feitos, está extensamente presente nas sociedades modernas. Menos claro para muitas pessoas, porém, é de que, em parte, tal relação é corolária da influência do Movimento Olímpico na definição das formas legítimas de se praticar esporte e dos valores que a ele atribuímos. O ideal da promoção da educação por meio da prática de esportes é o fundamento básico das proposições de Pierre de Coubertin, compondo a base central da chamada educação olímpica, que concebe o esporte enquanto uma metalinguagem axiológica. No presente artigo nos propomos a elucidar a questão “do que estamos falando quando falamos em educação olímpica?”, apresentando as bases sobre as quais se fundamenta o movimento olímpico, percorrendo a trajetória de seu criador, o educador⁵⁵ francês Pierre de Coubertin, descrevendo o percurso histórico do conceito de educação olímpica e apresentando as diferentes abordagens utilizadas nos programas de educação olímpica. A partir desta revisão, concluímos propondo uma nova conceituação para a chamada Educação Olímpica.

Palavras-chave: Educação Olímpica; Olimpismo; Esporte; Educação em Valores.

¿De qué estamos hablando cuando hablamos en educación olímpica?

Resumen

Debemos reconocer que la noción de que el deporte educa, acerca a las personas, promueve buenos comportamientos, enseña a trabajar en equipo, a respetar personas, decisiones y plazos, estimula la disciplina, la resiliencia y la meritocracia, entre otros hechos, está extensamente presente en las sociedades modernas. Menos claro para muchas personas, sin embargo, es que, en parte, tal relación es corolaria de la influencia del Movimiento Olímpico en la definición de las formas legítimas de practicar deporte y de los valores que a él atribuimos. El ideal de la promoción de la educación a través

⁵⁵ Apesar de não ser um educador *stricto-sensu*, Coubertin dedicou-se por toda a vida a esse empreendimento. Além disso, sua atuação se espraiava também para a política e a administração esportivas, além de obras de história geral.

de la práctica de deportes es el fundamento básico de las proposiciones de Pierre de Coubertin, componiendo la base central de la llamada educación olímpica, que concibe el deporte como un metalenguaje axiológico. En el presente artículo nos proponemos dilucidar la cuestión de lo que estamos hablando cuando hablamos en educación olímpica?, Presentando las bases sobre las cuales se fundamenta el movimiento olímpico, recorriendo la trayectoria de su creador, el educador francés Pierre de Coubertin, recorrido histórico del concepto de educación olímpica y presentando los diferentes enfoques utilizados en los programas de educación olímpica. A partir de esta revisión, concluimos proponiendo una nueva concepción para la llamada Educación Olímpica.

Palabras clave: Educación Olímpica; Olimpismo; deporte; Educación en Valores.

What are we speaking when we speak in olympic education?

Abstract

We must recognize that the notion that sport educates, brings people together, promotes good behavior, teaches teamwork, respects people, decisions and deadlines, encourages discipline, resilience and meritocracy, among other things, is widely present in modern societies. Less clear to many people, however, is that, in part, such a relationship is corollary to the influence of the Olympic Movement in defining the legitimate ways of practicing sport and the values that we attribute to it. The ideal of the promotion of education through the practice of sports is the basic foundation of the propositions of Pierre de Coubertin, composing the central base of the so-called Olympic education, which conceives the sport as an axiological meta-language. In this article we propose to elucidate the question "what are we talking about when we talk about Olympic education?", Laying the foundation on which the Olympic movement is based, tracing the trajectory of its creator, the French educator Pierre de Coubertin, describing the historical course of the concept of Olympic education and presenting the different approaches used in Olympic education programs. From this review, we conclude proposing a new conceptualization for the so-called Olympic Education.

Keywords: Olympic Education; Olympism; Sport; Education in Values.

Coubertin e as bases Do Olimpismo

Pierre de Frédy (1863 - 1937), mais conhecido como Pierre de Coubertin ou Barão de Coubertin, foi historicamente reconhecido como o criador dos Jogos Olímpicos da era moderna. No entanto, acima de tudo, Coubertin foi um "notável reformador pedagogo francês" (MÜLLER, 2015, p.24). Estudioso e entusiasta do modelo escolar inglês do final do século XIX, ele empreendeu inúmeras viagens à Inglaterra, e também aos Estados Unidos

e Canadá, com o intuito de observar os centros educacionais de ensino médio e superior, e paulatinamente tornar o ainda jovem *sport* sua bandeira. Grande admirador da obra de Thomas Arnold, diretor da escola de Rugby na Inglaterra do século XIX, para Coubertin, “duas coisas dominam o sistema [educacional] inglês, duas coisas que levam consigo ao mesmo tempo os meios para cumprir o programa: a liberdade e o esporte (COUBERTIN, 2015, p.100)⁵⁶”.

Durante as várias visitas que fez à Inglaterra, Coubertin aprendeu muito sobre o esporte moderno e sobre o sistema público de ensino inglês, em particular em Rugby, que a força moral da juventude pode ser desenvolvida através da experiência individual da prática esportiva e daí levada para a vida como um todo (MIRAGAYA, 2009, p. 42).

Extremamente crítico do sistema educacional francês, em conferência proferida em 1889, quando era secretário da Associação para a Reforma da Educação na França, Coubertin denuncia:

Sobre nossos colégios plana um sentimento geral que consideraria voluntariamente a origem de todo o mal: o tédio. As crianças se aborrecem e os professores também. Uns e outros sofrem por viver num lugar no qual a vida foi paralisada, substituída por uma espécie de movimento artificial feito de rotina, de obediência e de raciocínio. Qualquer coisa seria melhor que essa inércia da alma e do corpo (COUBERTIN, 2015, p.114)⁵⁷.

No contexto exposto, em sua compreensão, o autoritarismo e a falta de liberdade produzem estudantes apáticos, desinteressados e pouco criativos, o professor é visto como um inimigo e o resultado é a formação de especialistas em cumprir ordens. Como alternativa ao sistema educacional francês, Coubertin apresenta o modelo inglês, no qual destacará o papel fundamental do esporte como ferramenta educacional.

Enquanto os nossos estudantes franceses parecem mais se aborrecer, mais os britânicos parecem se divertir [...] Grandes ou

⁵⁶ Discurso proferido em Paris aos membros da *Société d'Économie Sociale*, no dia 18 de abril de 1887.

⁵⁷ Conferência proferida em 26 de janeiro de 1889, e publicada no informe da *Association française pour l'avancement des sciences*, no mesmo ano.

pequenas, ricas ou pobres, aristocráticas ou democráticas, as escolas são sempre as mesmas; em todos os lugares reina a felicidade e a confiança. Nada há de militar, nem de autoritário, mas algo indefinível que nos deixa perplexos e com inveja. Esta é a primeira impressão... E então topamos com essa prodigiosa e incompreensível ação que exerce o esporte. [...] os alunos mais ativos nos jogos são também os mais instruídos e mais avançados (COUBERTIN, 2015, p.117-118)⁵⁸.

Coubertin classifica a atração exercida pelo esporte como um “impulso irresistível”. Para ele, trata-se claramente de uma atividade que não prescinde de habituação sistemática ou obrigatoriedade para que se afirme, ao contrário, isso pode inclusive ofuscar essa necessidade natural de praticá-lo. Sua proposta é de que, assim como na Inglaterra, o sistema educacional francês fomente a prática do esporte em suas escolas, tornando o ambiente educacional mais agradável e aprazível. Os alunos praticantes de esportes, além do desenvolvimento físico, desenvolver-se-iam melhor intelectualmente, com uma conseqüente melhora em sua autonomia. Por fim, derrubando também a tese de que o esporte fosse um passatempo dos alunos preguiçosos e desleixados academicamente, observa que os alunos mais envolvidos em práticas esportivas são também os mais desenvolvidos intelectualmente.

Além disto, Coubertin era um estudioso da cultura grega, se considerando um filohelenista (MÜLLER, 2015). Tinha verdadeiro fascínio por tudo que cercava os jogos olímpicos da Grécia Antiga.

Assim era Olímpia: a beleza da paisagem que a rodeava, a riqueza de obras de arte, o surpreendente conglomerado de construções, a grande influência da instituição, da nobreza e da harmonia dos espetáculos, a intensidade nas rivalidades patrióticas, tudo concorria para fazer dela um dos centros mais comovedores e grandiosos da civilização antiga (COUBERTIN, 2015, p.245)⁵⁹.

Observando-se com atenção, percebe-se claramente no projeto educacional de Coubertin a tentativa de realizar, inicialmente no sistema educacional francês e posteriormente em seu projeto olímpico, um resgate do *ethos* perseguido pela sociedade grega na antiguidade, onde o atleta incorporava qualidades físicas, morais e intelectuais. Dois conceitos da

⁵⁸ *Ibid.*

⁵⁹ “Olympie”, em: *Revue pour les Français*, abril, 1906, p. 135-139..

antiguidade grega serão incorporados à sua filosofia esportiva: *Kalos Kagathia* (desenvolvimento físico, moral e intelectual do indivíduo) e *Arete* (excelência, busca pela perfeição). Segundo Tavares (1998, p. 45),

O Olimpismo deveria estar comprometido com o resgate da concepção grega de *Kalos Kagathia* - um conceito que denotava a perfeita integração entre as dimensões moral, artística, intelectual e física. Coubertin argumentava que a reunião de artistas e escritores em Olímpia não se dava por mero acaso, e ele buscava infundir os Jogos Olímpicos com o mesmo equilíbrio, a mesma euritimia entre corpo e mente.

A partir da percepção do encantamento exercido sobre os jovens e de sua natural predisposição para a prática do esporte, somando-se a isso a atração que a cultura e os Jogos da Grécia antiga exerciam sobre ele, Coubertin empreenderá uma campanha em defesa da capacidade do esporte enquanto veículo para o desenvolvimento físico, intelectual, emocional e moral da juventude.

A reforma educacional francesa, com a inserção do esporte na dinâmica escolar, foi só o primeiro passo para a concepção do esporte com elemento propagador de uma filosofia de alcance internacional. Não é possível precisar quando a ideia da restauração dos Jogos Olímpicos foi associada por Coubertin à sua intenção de internacionalização dos esportes, mas suas declarações ao longo da vida dão conta de que seu fascínio pelos Jogos Olímpicos iniciou-se ainda no colégio.

[...] as tentativas de reforma de Coubertin, que em 1883 acabara de completar vinte anos, orientaram-se inicialmente para a sua pátria. No momento, porém, em que ele buscou a internacionalização e a influência externa para a necessária popularização do esporte na França, passou a ser essencial para ele o ressurgimento de Olímpia, com sua importância política, atlética e religiosa derivada da história (MÜLLER, 2015, p.27).

De acordo com Müller (2015), as escavações do sítio arqueológico de Olímpia, entre 1875 e 1881, certamente realimentaram esse desejo. Graças ao contexto que se apresentava no final do século XIX, com as recentes descobertas arqueológicas gregas, lugar comum da cultura ocidental, os avanços tecnológicos da imprensa e do transporte a encurtar a distância entre

os povos e o internacionalismo proporcionado pelas exposições universais, “em novembro de 1892, Coubertin pode se atrever a pronunciar pela primeira vez em público a ideia de renovação dos Jogos Olímpicos (MÜLLER, 2015, p. 29)”.

Nos anos seguintes de 1893 e 1894, Coubertin desenvolveu uma grande campanha em busca de apoio a sua ideia, culminando com a aprovação da implantação dos Jogos Olímpicos no “*Congrés International de Paris pour le rétablissement des Jeux Olympiques*⁶⁰”, realizado de 16 a 21 de junho de 1894, ideia que contou com o apoio de 78 delegados de 9 países (MÜLLER, 2015, p. 30). Assim, os primeiros Jogos Olímpicos da era moderna tiveram lugar em Atenas, Grécia, dois anos mais tarde, no ano de 1896.

Os anos que se seguiram à primeira edição dos Jogos Olímpicos modernos foram de ajustes em sua concepção e programação, inicialmente condicionada à exposição internacional, e na mobilização das federações esportivas para o projeto em andamento. Após um início difícil, com vários percalços e descrédito, “os Jogos de Londres em 1908 trouxeram uma estabilização e os de 1912 em Estocolmo o impulso decisivo para a obra de Coubertin (MÜLLER, 2015, p. 33)”.

Observa-se em seus escritos que a partir de 1910, quando cunhou o neologismo “Olimpismo”, Coubertin volta-se prioritariamente para a promoção de sua ideia olímpica. Para ele a organização dos Jogos passa a ter uma importância secundária e sua maior dedicação volta-se à filosofia que dava embasamento para seu projeto.

Para o Barão de Coubertin, os Jogos representavam a institucionalização de uma concepção de prática de atividades físicas que transformava o esporte em um empreendimento educativo, moral e social, destinado a produzir reflexos no plano dos indivíduos, das sociedades e das nações. Este corpus de valores Pierre de Coubertin chamou de Olimpismo (TAVARES, 1998, p. 30-31).

É importante frisar que Coubertin não era um intelectual *stricto sensu*, e ao longo de sua obra “apresentou definições diversas de Olimpismo, qualificando-o variadamente como uma 'doutrina', uma 'filosofia', ou mesmo

⁶⁰ Congresso Internacional de Paris para a Restauração dos Jogos Olímpicos.

um 'estado de espírito' (TAVARES, 1998, p. 33)". Assim, é possível afirmarmos que, em Coubertin, esse conceito se apresenta como uma ideia em movimento, uma construção em processo, fruto de sua formação eclética.

De acordo com Müller (2015, p. 34) em 1918, ao ser perguntado sobre o que é o Olimpismo, Coubertin responde: "É a religião da energia, o cultivo de intensa vontade desenvolvido através da prática de esportes masculinos, com base na higiene adequada e espírito público, rodeado de arte e pensamento". Müller complementa afirmando que "o apaixonado pedagogo Coubertin estava convencido de que as diferentes condições sociais e técnico-civilizadoras do incipiente século XX exigiam um homem novo e, conseqüentemente, uma nova educação".

Isso é definido por Coubertin como *religio athletae*, a religião do esporte, um elo entre os Jogos Olímpicos da Grécia Antiga e os Jogos Olímpicos da Era Moderna.

A primeira característica essencial do Olimpismo antigo, como do moderno, é a de ser uma religião. Ao cinzelar seu corpo pelo exercício, como faz um escultor com uma estátua, o atleta antigo "honrava os deuses". Ao fazer o mesmo, o atleta moderno exalta a sua pátria, sua raça, sua bandeira. Penso, pois, que tenho tido razão ao restaurar, desde o princípio, juntamente com o Olimpismo renovado, um sentimento religioso, transformado e aumentado pelo Internacionalismo e a Democracia que caracterizam os tempos atuais, porém o mesmo, no entanto, que conduzia os jovens helenos, ambiciosos pelo triunfo de seus músculos, ao pé dos altares de Zeus. [...] A ideia religiosa desportiva, a *religio athletae*, penetrou muito lentamente no espírito dos competidores e muitos deles não a praticam ainda que de modo inconsciente; porém pouco a pouco aderirão a ela (COUBERTIN, 2015, p.572)⁶¹.

É importante que se diga que, apesar de Coubertin ter buscado um sentido 'religioso' para o esporte, essa religiosidade deve ser entendida em um sentido secular, sem qualquer relação mágica ou transcendental.

Conseqüentemente, as cerimônias e os símbolos olímpicos devem ser entendidos como elementos de função 'quase religiosa', destinados a criar um sentimento de envolvimento e compromisso que eleve os Jogos ao nível de uma experiência

⁶¹ Discurso radiofônico proferido por Coubertin em 4 de agosto de 1935.

singular para todos aqueles que dele participam (TAVARES, 1998, p. 53).

O atleta olímpico idealizado por Coubertin é o esportista moderno que, inspirado no atleta grego da antiguidade, concentra todas as virtudes caras a uma sociedade cosmopolita. Um ideal do desenvolvimento holístico e harmonioso do ser humano que almeja a perfeição, ao mesmo tempo em que nutre grande respeito e consideração por seu semelhante, independente de suas influências culturais e aspirações políticas, religiosas e ideológicas (NAUL, 2008).

Coubertin via no Olimpismo o meio para o desenvolvimento e consolidação de um comportamento social, ética e moralmente determinado. Neste contexto, nos Jogos Olímpicos atletas de todo o mundo poderiam apresentar os resultados desta “educação olímpica”.

O núcleo da ideia olímpica é, portanto, promover a educação olímpica, em vez de os Jogos Olímpicos. Para Pierre de Coubertin, os Jogos Olímpicos foram uma motivação externa, a cada quatro anos, para que os jovens do mundo apresentassem os resultados de sua educação no espírito dos ideais olímpicos. [...] Coubertin estava principalmente interessado nesse desenvolvimento e na consolidação duradoura dos comportamentos sociais e ético-morais. (NAUL, 2008, p. 20).

Definição e percurso da educação olímpica

Na busca por elucidar a questão proposta no título desse artigo, tomaremos como ponto de partida a definição de Tavares (2006), que concebe a Educação Olímpica como um conjunto de propostas educativas através do esporte que trazem o Movimento Olímpico, seus valores, símbolos, história, heróis e tradições como referências.

Inicialmente é importante esclarecer que a Educação Olímpica não se trata de um conteúdo de ensino, mas de atividades educativas transversais e multidisciplinares.

Trata-se não propriamente de um conteúdo definido mas, ajustando-se ao que preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96), um conjunto de atividades

educativas de caráter multidisciplinar e transversal tendo como eixo integrador o esporte olímpico (TAVARES et. al., 2006, p.18.).

Assumindo a ideia de uma relação de influência recíproca entre os valores mobilizados pelo esporte e a esfera mais ampliada da sociedade na qual ele é gerado, partimos do pressuposto básico de que o esporte, enquanto elemento socializador, é relacionado a valores.

[...] não podemos perder de vista que o esporte é uma prática corporal construída, vivenciada e modificada na interação dos homens na cultura, refletindo seus valores e gerando novos; [...] os valores não são essencialmente **do** esporte, mas se refletem **no** esporte e são também gerados a partir dos significados que os indivíduos e grupos sociais dão à prática esportiva⁶² (DA COSTA, 2007, p.15).

Em relação à forma como esses valores são mobilizados, Da Costa (2009) postula a prática de esportes e de exercícios físicos como uma metalinguagem axiológica historicamente legitimada. Isso significa que a educação em valores por meio do esporte é viabilizada através da vivência esportiva, independentemente, portanto, de sua verbalização, pois sua principal via de expressão/percepção é a experiência.

Quanto à qualidade dos valores mobilizados, o senso comum nutre a ideia de que o esporte educa e é naturalmente bom, e a ele são associados benefícios como inclusão social, opção às drogas e à violência, promoção de hábitos saudáveis, entre outros. Todavia, o próprio criador do Movimento Olímpico, Pierre de Coubertin, tinha clareza de que o esporte pode transmitir valores sociais positivos ou negativos.

Mas tanto hoje como ontem sua ação será benéfica ou prejudicial segundo o que se saiba tirar dele e a direção na qual se o estimule. O atletismo pode colocar em jogo as paixões mais nobres, assim como as mais vis; pode desenvolver o desinteresse e o sentido de honra, bem como o afã pelo lucro; pode ser cavalheiresco ou estar corrompido, ser viril ou bestial; cabe, finalmente, utilizá-lo para consolidar a paz quanto para preparar a guerra. (COUBERTIN, 2015, p.654)⁶³.

⁶² Grifos do autor.

⁶³ “Le caractere de notre entreprise”, em: *Bulletin du Comité International des Jeux Olympiques*, ano 1, outubro de 1894, n. 2, p. 1.

De acordo com COLL et. al. (1998), os valores são princípios éticos que orientam as atitudes e, como tal, precisam ser inseridos no processo de ensino-aprendizagem de maneira intencional e deliberada. Ao utilizar-se o esporte como meio para a educação em valores, cabe, portanto, reconhecer o caráter ambivalente do esporte, realizando a identificação, seleção e o controle dos valores a serem mobilizados, bem como a opção correta dos meios para o alcance de seus objetivos.

De acordo com Turini e Dacosta (2002), a Educação Olímpica apresenta um arranjo específico de valores do/no esporte pela tradição do Movimento Olímpico. Isto se deve ao fato que o Movimento Olímpico em sua trajetória definiu um conjunto de valores orientadores e uma missão para o esporte. De fato, a ideia de que o esporte educa, que aproxima os povos, que existe ou deve existir uma ética esportiva (o fair play) e que o atleta deve ser um modelo de comportamento possuem, grande medida, influência do desenvolvimento do próprio Movimento Olímpico⁶⁴.

Também deve-se à Coubertin a gênese da atribuição de valores ao esporte olímpico. Ao longo de sua obra, ele indicou sistematicamente uma gama de princípios morais e éticos que deveriam ser a base da formação e determinar a conduta dos atletas⁶⁵.

A esse conjunto de princípios filosóficos deu o nome de Olimpismo. De acordo com Tavares et. al. (2006),

Utilizado pela primeira vez apenas em 1911, o termo Olimpismo, criado por Pierre de Coubertin, fundador do Movimento Olímpico internacional, se refere ao conjunto de idéias e princípios, também chamados de 'Valores Olímpicos', que dá, ou deveria dar, base e justificativa aos Jogos Olímpicos e à ação do Movimento.

Esses princípios tomaram forma na Carta Olímpica, documento que apresenta um conjunto de diretrizes e orientações sobre a realização dos

⁶⁴ O Movimento Olímpico é a ação, concertada, organizada, universal e permanente, de todos os indivíduos e entidades que são inspirados pelos valores do Olimpismo, sob a autoridade suprema do COI (International Olympic Committee, 2015, p.13).

⁶⁵ Conforme apresentado anteriormente, Coubertin propôs a recriação dos Jogos Olímpicos com o objetivo maior de celebração da paz mundial, em um tempo-espço onde atletas, simbolizando os mais elevados níveis de desenvolvimento físico e moral, representando nações de todo o mundo, competem entre si em um ambiente de equidade e igualdade de regras, que propiciasse o aflorar dos méritos individuais.

Jogos Olímpicos e a organização do Movimento Olímpico. A Carta Olímpica assim apresenta seus princípios fundamentais e valores essenciais, além de esclarecer os objetivos do Olimpismo:

1. O Olimpismo é uma filosofia de vida que exalta e combina de forma equilibrada as qualidades do corpo, da vontade e da mente. Aliando o desporto à cultura e educação, o Olimpismo procura ser criador de um estilo de vida fundado no prazer do esforço, no valor educativo do bom exemplo, na responsabilidade social e no respeito pelos princípios éticos fundamentais universais.
2. O objetivo do Olimpismo é o de colocar o desporto ao serviço do desenvolvimento harmonioso da pessoa humana em vista de promover uma sociedade pacífica preocupada com a preservação da dignidade humana. (International Olympic Committee, 2015, p.13).

Assim, em termos genéricos, o Olimpismo visa à promoção do desenvolvimento harmonioso do indivíduo e da sociedade, tendo como objetivos a responsabilidade social, a conduta ética e a prevenção da paz e da dignidade humana, operacionalizados através do esporte, cultura e educação.

Desde que o termo foi criado, muitos foram os autores que buscaram definir e apresentar indicadores do Olimpismo. Ao constatar a ausência de um conceito *stricto sensu*, Tavares (1998) realizou um mapeamento da obra de autores que são referências na área⁶⁶, elencando os valores, aspirações e objetivos atribuídos por cada um deles ao Olimpismo. O resumo desse mapeamento é apresentado no quadro 1.

AUTORES	VALORES, ASPIRAÇÕES E OBJETIVOS DO OLIMPISMO
Coubertin "Philosophical Foundations"	Religião do esporte; Elite; Cavalheirismo; Trégua; Periodicidade; O Jovem masculino individual; Beleza; A paz e o respeito mútuo.
Coubertin "Philosophical Bases"	Senso religioso; Seleção; Honra e nobreza; Trégua; Cavalheirismo; Eugenia; Beleza espiritual.
Lenk	Função quase-religiosa; <i>Fair Play</i> ; Excelência; Desenvolvimento físico e intelectual; Tradição; Internacionalismo; Promoção do esporte.

⁶⁶ Tavares (1998) indica em sua revisão o trabalho de Pierre de Coubertin, Hans Lenk, Jeffrey Segrave, Jim Parry e Ommo Grupe.

Segrave	Cultura; Educação; <i>Fair Play</i> ; Excelência; Igualdade de oportunidades; Independência do Movimento Olímpico; Entendimento internacional.
Parry	Desenvolvimento harmonioso; Excelência; Esforço; Relações humanas; Respeito mútuo; Paz.
Grupe	Unidade corpo/mente; Desenvolvimento humano; Auto-disciplina; <i>Fair Play</i> ; Cavalheirismo e nobreza; Paz

QUADRO 1: Síntese dos valores, aspirações e objetivos do Olimpismo (Tavares, 1998, p.160).

A partir da análise desses autores, Tavares (1999) propõe que o Olimpismo comporta três dimensões: 1. Internacionalismo, entendimento e respeito mútuo; 2. Desenvolvimento harmonioso, físico e intelectual; e 3. *Fair play*.

O primeiro princípio, alicerçado em uma pedagogia esportiva, indica que “os Jogos deveriam realizar ‘o valor educativo do bom exemplo’, institucionalizando o livre encontro de atletas do mundo num plano de igualdade e respeito mútuo (Tavares, 1999, p. 38)”. Dessa forma, os Jogos Olímpicos são compreendidos como um tempo-espço de paz internacional, onde as diferenças culturais podem ser celebradas e respeitadas.

O segundo princípio é fruto da conjugação entre as qualidades físicas, intelectuais e éticas do atleta, idealizado por Coubertin a partir de suas referências helênicas e arnoldianas.

Deste modo, o atleta olímpico deve ser um cidadão que conjugue de maneira ótima as capacidades físicas e o desenvolvimento intelectual. Assim como os Jogos Olímpicos devem promover não só competições esportivas como também manifestações artísticas, em um ambiente de perfeita integração entre cultura física e cultura artística, dentro e fora da Vila Olímpica. Estimular e valorizar não só as capacidades psico-motoras como também a capacidade intelectual dos competidores deve ser uma característica do Movimento Olímpico (Tavares, 1999, p. 40).

O terceiro princípio, o *Fair-play*, refere-se a atitudes esportivas moralmente desejáveis, podendo ser ele formal (quando relacionado aos regulamentos próprios do esporte) ou não formal (baseado nos valores morais do praticante). Enquanto o primeiro é determinado pelas próprias regras do

jogo, o segundo refere-se a uma conduta cavalheiresca e honrada, envolvendo a recusa voluntária de vantagens indevidas.

Portanto, demonstrar que a vitória só deve ser alcançada através da honestidade e da justiça, aceitar a derrota, respeitar adversários e árbitros, torna-se uma obrigação moral do atleta olímpico. Assim, as relações humanas e o respeito à dignidade humana devem estar acima da busca da vitória a qualquer preço, dando um sentido ético a participação no esporte olímpico (Tavares, 1999, p. 44).

Neste contexto, conforme afirma Rúbio (2009, p. 97) “o Movimento Olímpico e o Olimpismo são mais do que os Jogos Olímpicos apenas. Eles representam história, educação, sociedade, valores morais, a cultura da paz e uma proposta de vida”. Apesar de romântico e utópico, esse é um ideal compartilhado por entusiastas do Movimento Olímpico em todo o mundo.

No ano de 2008, a partir de uma pesquisa dos termos mais comumente associados ao Olimpismo, o Comitê Olímpico Internacional (COI) toma a iniciativa de definir três valores, de forma a tornar o Olimpismo mais simples e compreensível à população em geral. Assim, os princípios do Olimpismo tomaram forma nos chamados Valores Olímpicos, definidos como: excelência, amizade e respeito. Desde então esses são os valores olímpicos oficiais, e tem composto todos os documentos e ações do COI.

Por ocasião da candidatura do Rio de Janeiro à sede dos Jogos Olímpicos 2016, o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) produziu uma cartilha destinada ao uso escolar, que assim apresenta os valores olímpicos:

Excelência: dar o melhor de si, no campo de jogo, na escola e em casa. Significa fazer o melhor não apenas para vencer, mas para participar sempre. Ter objetivos e crescer junto com eles.

Amizade: entender que todos - da turma, da escola, do país e do mundo - podem ser amigos e que as diferenças (econômicas, raciais, religiosas) não têm importância e devem ficar para trás.

Respeito: por si mesmo, pelo outro, pelas regras, pelo meio ambiente. Respeitar o fair play (jogo limpo) e lutar contra a utilização de doping no esporte (Comitê Olímpico Brasileiro, 2009).

Completando o ciclo olímpico, a cada quatro anos os Jogos Olímpicos reúnem os melhores atletas de todo o mundo, representando o auge do Movimento Olímpico. Segundo Miragaya (2009, p.41), “os Jogos Olímpicos

proporcionaram a visibilidade e o escopo internacional que o conceito de educação de Coubertin precisava”.

Observa-se, no entanto, que esta visão é totalmente antagônica à percepção de muitos críticos em relação aos Jogos Olímpicos, que constantemente são associados ao uso de doping, exploração financeira e corrupção, por exemplo. Por esse motivo, pensar os Jogos Olímpicos como um evento educativo é muitas vezes visto com ceticismo por pais, professores e treinadores.

Esta crítica justificada dos excessos dos Jogos Olímpicos é ocasionalmente citada como a razão pela qual, no mesmo sentido, o conceito de educação olímpica é inteiramente rejeitado pelos pais, professores de esportes e até mesmo treinadores de jovens, porque é mal interpretado e simplesmente identificado com os concomitantes negativos dos Jogos Olímpicos. (Naul, 2008, p. 18).

Certamente os Jogos Olímpicos não estão imunes à dinâmica social, e historicamente têm sido afetados por conflitos civis e guerras mundiais, interesses econômicos e busca da vitória a qualquer custo. Podemos afirmar, portanto, que os Jogos Olímpicos, conforme idealizados por Coubertin, têm algo de utópico. Sua celebração aponta para uma meta a ser alcançada, um ideal do desenvolvimento humano refletido no *religio athletae* (Naul, 2008, p.19).

Abordagens de ensino da educação olímpica

Após uma ampla pesquisa da história e evolução da Educação Olímpica pelo mundo, Naul (2008) identificou quatro abordagens didáticas distintas para o ensino da Educação Olímpica: a abordagem “orientada para o conhecimento”, a abordagem “orientada para a experiência”, a abordagem “orientada para a competição”, e a abordagem “orientada para o mundo da vida”.

A primeira abordagem, “orientada para o conhecimento”, foi elaborada a partir dos trabalhos desenvolvidos por Ommo Grupe e Norbert Müller (Naul, 2008). A abordagem “orientada para o conhecimento” é a abordagem mais comumente utilizada em todo o mundo, e busca explicar os princípios

olímpicos por meio de seu legado histórico e educacional, utilizando-se principalmente de livros didáticos e materiais de leitura diversos. Seu tema gerador são os Jogos Olímpicos da antiguidade e da modernidade, abordando nomes, datas e fatos, aspectos culturais, ideais, símbolos e cultura.

A abordagem “orientada para a experiência” enfatiza a participação em festivais, celebrações e competições, onde símbolos e rituais de tipo olímpico estão presentes emulando os Jogos Olímpicos e seus valores declarados. Esses ambientes devem promover os princípios olímpicos, como o respeito às regras, fair play, honestidade e equidade, respeito cultural e a promoção da paz. Em resumo, trata-se de promover um ambiente de experimentação das olimpíadas destinado exclusivamente à crianças e jovens, distanciando-se, muitas vezes, do seu aspecto competitivo.

A abordagem “orientada para a competição” centra-se na ideia de que o desenvolvimento individual e social ocorre através da realização da competição justa e respeito mútuo. De acordo com Naul (2008), esta abordagem foi formulada a partir do conceito pedagógico de Rolf Geßmann, que tem como base três princípios: conquista, justiça e respeito mútuo. Em outras palavras, orienta o indivíduo na busca pela auto-perfeição, adquirida em um ambiente de competição equânime e de mútuo respeito. O ambiente competitivo que preserva estas qualidades promove a luta pela perfeição no esporte. Este aprendizado será a base para o desenvolvimento de valores sociais na mesma direção, tais como a pré-disposição para ajudar companheiros em ações conjuntas e o respeito às realizações e esforços dos oponentes.

A quarta e última abordagem se baseia no conceito pedagógico elaborado por Deanna Binder (Naul, 2008). A abordagem “orientada para o mundo da vida” liga os princípios olímpicos e experiências vivenciadas no esporte com as experiências do indivíduo em outras áreas de sua vida. Projeta os ideais olímpicos para o contexto sociocultural em que a criança ou jovem está inserida, afetando diretamente suas atitudes e seu comportamento. Trata-se de uma proposição concreta de que a Educação Olímpica extrapole os

limites da prática esportiva e interfira positivamente na ação social dos indivíduos.

Todas quatro abordagens didáticas em si acentuam uma rota lógica para a educação olímpica e, assim, determinam o conteúdo e alcance da educação olímpica. A contribuição particular da abordagem "orientada para o mundo da vida" é que é, por assim dizer, "ortogonal" às outras três e, portanto, está em condições de complementar e expandir cada uma delas. Mas a abordagem "orientada para o mundo da vida" precisa de suplementação temática e contextual pelas outras três ênfases didáticas. Dessa forma, todas as quatro abordagens didáticas são necessárias para abranger inteiramente a totalidade da educação olímpica (Naul, 2008, p.121).

Assim, apesar das especificidades individuais em relação à forma, dinâmica e método, as quatro diferentes abordagens da educação olímpica são complementares e interdependentes, de forma que um programa de educação olímpica ideal deve contemplá-las em seu conjunto.

Considerações finais

Resumindo o que apresentamos até aqui, nas publicações e nos discursos proferidos por Coubertin ao longo de sua vida, fica clara sua busca pela promoção de uma filosofia de vida, o olimpismo, viabilizada através de uma atividade, o esporte, praticada por um ser humano virtuoso e dedicado à busca da perfeição, o atleta, sendo os Jogos Olímpicos o palco para a grande celebração desses valores a cada quatro anos.

A título de conclusões provisórias, podemos afirmar que:

1. No esporte, compreendido aqui como uma metalinguagem axiológica, é através de sua vivência prática que os valores são mobilizados. Sabendo-se serem estes valores oriundos de uma influência recíproca entre o esporte e a sociedade na qual é gerado, é essencial sua identificação e posterior seleção e controle no decorrer da ação empenhada.

2. A Educação Olímpica se apresenta como uma opção de educação em valores socialmente desejados, utilizando como meio a prática de esportes, mobilizando um conjunto de valores que utilizam os referenciais do Movimento Olímpico.
3. A Educação Olímpica, enquanto proposta de educação em valores, precisa ocorrer de maneira deliberada e intencional, através da transmissão, construção e prática de princípios, valores, normas e regras, buscando influenciar e modificar atitudes e condutas para a promoção da harmonia pessoal e social.
4. Nas iniciativas de Educação Olímpica, observam-se quatro abordagens distintas: orientada ao conhecimento, orientada à experiência, orientada à competição e orientada ao mundo da vida, abordagens estas que, no entanto, são complementares e interdependentes, de forma um programa de educação olímpica ideal deve contemplá-las em seu conjunto.
5. Enquanto ideal, na visão coubertiniana, os Jogos Olímpicos da era moderna foram constituídos para se tornarem a grande celebração mundial dos valores olímpicos, valores estes materializados em atletas, frutos de um amplo desenvolvimento holístico proporcionado pela dedicação ao esporte na perspectiva do Olimpismo.

Considerando o exposto, buscamos expandir a definição de Tavares (2008), propondo a seguinte definição.

A Educação Olímpica, enquanto modelo ideal, propõe (1) educar em valores (2) por meio da prática de esportes, (3) tendo como referência o Movimento Olímpico, seus valores declarados, seu simbolismo, sua história, seus heróis e suas tradições, (4) tendo como aspiração o atleta olímpico, que concentra a plenitude das virtudes do Olimpismo, (5) e os Jogos Olímpicos como palco para a celebração universal desses valores.

Referências

BINDER, D. L. (2000). **Be a champion in life**: International teacher's resource book . Athens: Foundation of Olympic.

BINDER, D. (2007). **Teaching values**: An Olympic education toolkit. Lausanne: International Olympic Committee.

BRASIL. (1997). **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF.

COLL, C. et al. (1998). **Os Conteúdos da Reforma**: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes. Porto Alegre: Artmed.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. (2009). **Olimpismo**: sua origem e ideais. COB, Rio de Janeiro.

COUBERTIN, P. (2015). **Olimpismo: seleção de textos**. Lausanne, Porto Alegre: Comitê Internacional Pierre de Coubertin, EdiPUCRS.

DACOSTA, L. (2009). **Educação Olímpica como metalinguagem axiológica: revisões pedagógicas e filosóficas de experiências internacionais e brasileiras**. In: REPPOLD FILHO, A. R., ENGELMAN, S.; RODRIGUES, R.P.; PINTO, L. M. S. M. (Orgs.). Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, v. 1, p. 17-28.

DA COSTA, L. P. et. al. (2007). **Manual Valores do Esporte - SESI**: fundamentos. Brasília: SESI - Departamento Nacional.

DA COSTA, L. P. et. al. (2008). **Legados de Megaeventos Esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. (2015). **Olympic Charter**. Lausanne, IOC.

MIRAGAYA, A. (2009). **Educação Olímpica**: o legado de Coubertin no Brasil. In: REPPOLD FILHO, A. R., ENGELMAN, S.; RODRIGUES, R.P.; PINTO, L. M. S. M. (Orgs.). Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, v. 1, p. 41-55,.

MÜLLER, N. (2015). **O Olimpismo de Coubertin**. In: COUBERTIN, Pierre de. Olimpismo: seleção de textos. Lausanne, Porto Alegre: Comitê Internacional Pierre de Coubertin, EdiPUCRS, p. 24-38.

NAUL, R. (2008). **Olympic Education**. Oxford: Meyer & Meyer.

RUBIO, K. (2009). **Alteridade e cidadania como caminhos para a compreensão da diversidade e do multiculturalismo na Educação Olímpica**. In: REPPOLD FILHO, A. R., ENGELMAN, S.; RODRIGUES, R.P.; PINTO, L. M. S. M. (Orgs.). Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, v. 1, p. 41-55.

TAVARES, O. (2003). **Esporte, Movimento Olímpico e Democracia**: o atleta como mediador. Tese (doutorado) Educação Física. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho.

TAVARES, O.; Da Costa, L. P. (1999). **Estudos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho.

TAVARES, O. et. al. (2006). **Estudos Olímpicos - Academia Olímpica - Educação Olímpica**. In DACOSTA, L. (org.) Atlas do Esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Confef, p. 751-753.

TAVARES, O. (1998). **Mens Fervida in Corpore Lacertoso?**: as atitudes dos atletas olímpicos brasileiros frente ao Olimpismo. Dissertação (Mestrado)-PPGEF/UFG, Rio de Janeiro.

TURINI, M.; DA COSTA, L. (2002). **Coletânea de textos em estudos olímpicos**, v. 1. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho.

SKATE RUMO AOS JOGOS OLÍMPICOS PELO OLHAR DE SANDRO DIAS

Tiago Brant de Carvalho Falcão
Universidade de São Paulo (Brasil)

Resumo

O Skate é um esporte relativamente novo, desenvolvido nos anos 1960, e conta com uma legião de jovens fãs e praticantes, atraindo o interesse do Comitê Olímpico Internacional (COI) que incluiu esta modalidade no programa dos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Este artigo tem como objetivo relacionar os primeiros estágios do skate como prática, como esporte e posteriormente como esporte olímpico, assim como, através de um relato oral, também identificado como história oral ou história de vida, apresentar a adesão à prática do skate por Sandro Dias, que se tornaria seis vezes Campeão Mundial na modalidade Vertical e posteriormente diretor da Confederação Brasileira de Skate (CBSK), revelando o amadurecimento do esporte, do estilo de vida e da prática esportiva rumo aos Jogos Olímpicos.

Palavras-chave: História Oral, Entrevista, Skate, Diversão, Jogos Olímpicos.

Resumen

El Skate es un deporte relativamente nuevo, desarrollado en los años 1960, y cuenta con una legión de jóvenes fans y practicantes, atrayendo el interés del Comité Olímpico Internacional (COI) que incluyó esta modalidad en el programa de los Juegos Olímpicos de Tokio 2020. Este artículo tiene como objetivo presentar las primeras etapas del skate como práctica, como deporte y posteriormente como deporte olímpico, así como, a través de un relato oral, también identificado como historia oral o historia de vida, la adhesión a la práctica del skate por Sandro Dias, que se convertiría en seis veces Campeón Mundial en la modalidad Vertical y posteriormente director de la Confederación Brasileña de Skate (CBSK), revelando la madurez del deporte, del estilo de vida y de la práctica deportiva hacia los Juegos Olímpicos.

Palabras clave: História Oral, Entrevista, Skate, Diversión, Juegos Olímpicos.

Abstract

Skateboarding is a relatively new sport, developed in the 1960s, and has a legion of young fans and practitioners, attracting the interest of the International Olympic Committee (IOC) that included this modality in the program of the Tokyo 2020 Olympic Games. This article aims to present the first stages of skateboarding as a practice, as a sport and later as an Olympic sport, as well as, through an oral report, also identified as oral history or life

history, the beginning of activities related to skateboarding, which would become the main occupation of Sandro Dias, six times World Champion in Vertical and current director of the Brazilian Skate Confederation (CBSK), revealing the maturation of sport, lifestyle and sports practice towards the Olympic Games.

Keywords: Oral History, Interview, Skateboarding, Fun, Olympic Games.

Introdução

Os Jogos Olímpicos de Tóquio, em 2020, marcarão a entrada dos chamados *esportes radicais*, ou *esportes californianos* como define Christian Pociello (1995), ao panteão olímpico. Tais esportes, entre eles o skate, evoluíram e se propagaram mundialmente durante os anos 1960 e 1970, décadas marcadas por uma forte “revolução cultural”, segundo Eric Hobsbawn (1995), desencadeada por uma emergente cultura juvenil, “a cultura jovem tornou-se a matriz da revolução cultural no sentido mais amplo de uma revolução nos modos e costumes, nos meios de gozar o lazer e nas artes comerciais, que formavam cada vez mais a atmosfera respirada por homens e mulheres urbanos” (Hobsbawn, 1995, p.323).

Para o historiador americano Rhyann Noll (2000), em seu livro *Skateboard Retrospective*, a primeira patente do skate se deu em 1939, enquanto Michael Brooke (1999), afirma que sua origem remete aos chamados *scooters*, caixas de laranja fixadas sobre uma tábua de madeira com eixos e rodas nos Estados Unidos do início do século passado, o que denota uma origem ainda mais antiga para o que se supunha apenas uma adaptação das pranchas de surf para uso no asfalto do final dos anos 1960. O skate, ou *surfinho*, como era chamado em sua introdução no Brasil, tinha inspiração no surf e foi inicialmente conhecido como surfe no asfalto, com manobras e atitudes próprias ao surf e aos surfistas, só que fora da água e, de preferência, em ladeiras que lembravam o ato de descer ondas. Como consta no livro A

Onda Dura: 3 Décadas de Skate no Brasil, de César Augusto Diniz Chaves Filho (2000), “o skate chegou ao Brasil através de alguns surfistas cariocas ainda no final da década de 60, que o descobriram em anúncios veiculados por uma revista norte-americana chamada *Surfer*.” Além da influência do surf, o skate carrega também a rebeldia e a transgressão do movimento punk como bem afirma o pesquisador brasileiro Leonardo Brandão (2008)

Todo esse espírito de contestação, irreverência e rebeldia (contra tudo e todos!) que vinha com a cultura punk importada de países da Europa, principalmente da Inglaterra - mas também dos Estados Unidos - dava o tom e o ritmo da prática do skate nos anos 80. Possivelmente, o entrelace entre ambas as culturas deu forças e coragem para que os skatistas deixassem de se aventurar somente por locais como ruas, ladeiras ou praças e passassem, numa apropriação que carrega um bom tom de transgressão, a utilizar outros aparelhos urbanos, tais como corrimãos, escadas e bancos. O que se procura colocar, portanto, é que existe uma semelhança entre a atitude do skatista de perambular por locais não projetados para sua prática com a atitude do movimento punk em negar qualquer tipo de imposição social. Em suas novas representações sobre os espaços urbanos, os skatistas carregavam também um pouco do espírito utópico desse movimento, pois ambos enxergavam a realidade como algo possível de ser questionado, negado e refeito a sua própria vontade (Brandão, 2008, p. 15).

Tal traço comportamental faz parte do estilo de vida que acompanha a prática esportiva e foi frequentemente usado como argumento, pelos próprios praticantes, para a não inclusão do skate entre as modalidades olímpicas, como evidencia a publicação da revista especializada *cemporcentoSKATE*:

Algumas coisas me fazem acreditar que 2012 será um ano bem interessante para o Skate. O primeiro motivo a ser comemorado: é ano olímpico [Londres], e mais uma vez o Skate está fora dessa. Como não sabemos até quando dura a resistência, vamos celebrando a manutenção de nossa liberdade e independência cada vez que tivermos motivo para isso (cemporcentoSKATE, fev.2012, p.22).

Nas próximas Olimpíadas, este tipo de celebração não terá lugar. Em Tóquio 2020, o skate entrará, ainda que não definitivamente, para os Jogos Olímpicos e o que era considerado por seus praticantes mais radicais como uma contestação ao sistema será incorporado ao próprio sistema.

Skate Olímpico

Os Jogos Olímpicos são a principal competição esportiva do planeta, ao lado da Copa do Mundo de Futebol, atraindo a atenção de bilhões de pessoas, e despertando enorme paixão ao apresentar para o grande público novos ídolos do esporte mundial, a cada edição realizada. Desde a Grécia antiga e as primeiras edições dos Jogos Olímpicos na Antiguidade, por volta de 776 a.C. (Godoy, 1996), o atletismo ocupa lugar de destaque nas competições olímpicas, assim como a natação, a ginástica artística e, mais recentemente, o futebol. Ser olímpica representa, portanto, uma gigantesca janela de oportunidade para que uma disciplina esportiva alcance popularidade em escala global.

Em assembleia realizada no dia três de outubro de 2016, na cidade do Rio de Janeiro, que acabara de realizar os Jogos Rio 2016, o Comitê Olímpico Internacional (COI) admitiu por unanimidade a entrada de cinco novos esportes no programa dos Jogos Olímpicos Tóquio 2020: surfe, skate, escalada, beisebol (softbol para as mulheres) e caratê. Tais esportes já haviam obtido o aval do Comitê Executivo da entidade e precisavam apenas da aprovação dos membros da assembleia do Comitê Olímpico Internacional para 2020.

O COI usou dois critérios para justificar a decisão de incluir as modalidades no programa olímpico: as que são extremamente populares no Japão (beisebol/softbol e caratê) e as que vão atrair atenção dos jovens (surfe, escalada e skate). “O beisebol é o esporte nacional do Japão. O caratê nasceu no país. Já os outros vão inspirar jovens a gostarem do esporte olímpico”, afirmou Yoshiro Mori, membro do comitê executivo dos Jogos de Tóquio. (Brasil, 2016)

Ainda que a inclusão não signifique a permanência destas modalidades em futuros Programas Olímpicos, com essa decisão unânime assistiremos à estreia do Skate em Tóquio 2020. Desde sempre reconhecido como esporte jovem, alternativo e contra o poder estabelecido, muitos fãs de skate ainda

relutam em admitir seu esporte nos Jogos Olímpicos, enquanto seus dirigentes entendem a inclusão nos Jogos como algo positivo para seu crescimento e popularização. Considerada por Thomas Bach, presidente do COI, como uma proposta histórica, o skate e o surf, assim como a escalada esportiva, se tornarão olímpicos em 2020. Tais modalidades, além de modernas e adoradas pelo público jovem, sugerem um desejo do Comitê Olímpico por renovação, abertura e juventude.

Queremos levar o esporte para a juventude. Com as muitas opções que os jovens têm, não podemos esperar que venham a nós. Temos que ir até eles. Isso faz parte das recomendações da Agenda Olímpica 2020. Os cinco esportes são uma combinação inovadora de eventos estabelecidos e emergentes, voltados para a juventude e que são populares no Japão, o que adicionará legado aos Jogos de Tóquio, afirmou o presidente do COI, Thomas Bach. (Cob, 2016)

Jovem como sua audiência, para muitos praticantes o Skate não é sequer considerado esporte de competição. A prática esportiva é sobretudo uma expressão pessoal, envolvendo manobras e desafios que importam mais ao praticante que ao espectador. Trata-se de uma modalidade largamente praticada durante o tempo livre de seus entusiastas e independe de placar, notas ou adversários. Por estas razões, o Skate se aproxima da definição de lazer proposta por Dumazedier (1973).

[...] conjunto de ocupações as quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se de suas obrigações profissionais, familiares e sociais. (Dumazedier, 1973, p.34)

Apesar da mencionada juventude, o Skate atingiu a maturidade em diversos aspectos, como a organização em ligas nacionais e internacionais, o alto rendimento e o profissionalismo, credenciando-o às mais altas esferas do esporte mundial, contando inclusive com campeões mundiais vindos do Brasil

em suas diversas especialidades, como é o caso de Pedro Barros, no Park, e Sandro Dias, no Vertical.

Metodologia

O relato oral a seguir transcrito, com base nas memórias de um atleta brasileiro, Sandro Dias, seis vezes campeão mundial de skate na categoria vertical (2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2011), além de embaixador do esporte em outros contextos, incluindo o olímpico, é um bom exemplo de história de vida transformada em documento, afim de elucidar os caminhos que conduziram uma criança despretensiosa ao auge do esporte de alta performance e além, já que, hoje, Sandro Dias representa os interesses de seus pares e do próprio esporte como dirigente da Confederação Brasileira de Skate (CBSK).

Gesto essencialmente humano por somar afetividade, cognição, historicidade e cultura, tendo como figura central a pessoa que narra o que recorda, na memória estão contidas as marcas do tempo e dos grupos sociais aos quais pertencemos (RUBIO, 2016, p. 13).

Como escreveu Halbwachs (2006), a memória humana é uma reprodução de experiências passadas, porém uma construção que se faz no presente a partir de um contexto proporcionado pela sociedade e pela cultura. Neste sentido, as memórias de Sandro Dias têm uma conexão evidente com seu momento presente, trazendo à tona lembranças ressignificadas e “domesticadas”, segundo Bruner (2014), pelo próprio narrador.

Não significa dizer que o texto exprime a verdade absoluta do que, de fato, aconteceu. Como escreve Burke (2002), “Faz-se necessário, no momento, levar em conta que historiadores e etnógrafos estão no ramo da ficção tanto quanto romancistas e poetas”. A história oral pode e deve ser amparada em documentos e outras formas de comprovação da realidade exprimida pelo relato, mas sem perder de vista a dimensão ficcional que envolve todo e qualquer relato histórico.

O que deveríamos estar discutindo (em vez da velha polêmica entre fato e ficção, ciência e arte) é, portanto, a compatibilidade ou o conflito existente entre esses critérios e diferentes formas de texto ou retórica. No entanto, essa zona intermediária, a de “ficções de representação factual” (a máscara da imparcialidade, a pretensão a conhecimentos de fontes internas, o uso de estatísticas para impressionar o leitor, etc.), está apenas começando a ser explorada de forma sistemática (Burke 2002, p. 180).

Para Paul Ricoeur (2011), é no entrecruzamento entre história e ficção que ocorre a “refiguração efetiva do tempo, tornando-se, assim, tempo humano”. Como exemplo, neste relato é sutil a fronteira entre realidade e ficção, lembranças afetivas e fatos concretos. Em última instância, o que deve prevalecer na história oral é o resultado da honestidade e do respeito entre os envolvidos, tanto entrevistado quanto entrevistador, na construção do conhecimento.

Nesse contexto, compromisso com a honestidade significa, para mim, respeito pessoal por aqueles com quem trabalhamos, bem como respeito intelectual pelo material que conseguimos: compromisso com a verdade, uma busca utópica e a vontade de saber “como as coisas realmente são,” equilibradas por uma atitude aberta às muitas variáveis de “como as coisas podem ser.” Por um lado, o reconhecimento da existência de múltiplas narrativas nos protege da crença farisaica e totalitária de que a “ciência” nos transforma e depositários de verdades únicas e incontestáveis. Por outro, a utópica busca da verdade protege-nos da premissa irresponsável de que todas as histórias são equivalentes e intercambiáveis e, em última análise, irrelevantes (Portelli, 1997, p. 15).

Em última instância, o que deve prevalecer na história oral é o resultado da honestidade e do respeito entre os envolvidos, tanto entrevistado quanto entrevistador, na construção do conhecimento.

Uma história (agora) Olímpica

Enquanto a criança, Sandro Dias, brincava de skate pelas ruas de Santo André, seu interesse passava muito longe dos Jogos Olímpicos. Por falta de informação ou interesse, Sandro mal prestava atenção naquele grande evento

mundial do esporte, que acontecia a cada quatro anos, mas que não envolvia competições de skate, bicicross ou surfe, suas principais atividades esportivas.

Quando começaram as primeiras conversas sobre a inclusão do skate nos Jogos Olímpicos, por volta de 2004, Sandro Dias já tinha títulos mundiais (foram seis no total), andava de skate a quase vinte anos e abraçou imediatamente a causa. Ele fez parte do comitê de skate para as Olimpíadas, sendo o representante dos skatistas da América do Sul, com a ideia de incluir o skate nos Jogos Rio 2016. Naquela época já havia um sonho olímpico por parte de Sandro e ele fez de tudo para que esse sonho se tornasse realidade. No entanto, por conta de questões burocráticas, confederações envolvidas e até mesmo falta de maturidade do projeto olímpico para o skate, a inclusão só foi anunciada durante os Jogos Rio 2016, apenas para os Jogos Tóquio 2020.

O anúncio animou Sandro porque, ao contrário de uma parcela importante de skatistas, ele sempre defendeu essa causa como algo vital para o skate, por questões de mercado, visibilidade e, sobretudo, de respeito, já que as Olimpíadas oferecem exatamente essa credibilidade aos esportes que a integram. Seria como transformar um passatempo marginal em esporte de elite, parte integrante e legítima dos Jogos Olímpicos, como afirma Sandro Dias, atualmente diretor da Confederação Brasileira de Skate (CBSK), “eu sempre defendi isso, com a preocupação de que as Olimpíadas não mudassem a essência do skate, que não é apenas um esporte, mas também um estilo de vida”.

As modalidades escolhidas para introduzir o skate nas Olimpíadas foram o Park e o Street, enquanto que a especialidade de Sandro Dias sempre foi o Vertical. Independente disso, só o fato de ver seu esporte nas olimpíadas, ainda que em outras especialidades e representado por outros atletas, já trouxe satisfação para este atleta ainda em atividade, que poderá assistir à estreia do skate nos Jogos Olímpicos desempenhando uma nova função, a de dirigente.

E tudo começou por aqui

Até o natal de 1985, Sandro ainda não tinha sido abduzido pela tribo do skate. Seu negócio continuava a ser aquela Caloicross azul e branca, com a qual desafiava as rampas da loja da Levis em Santo André e, eventualmente, também da pista de São Bernardo. Mas a manhã do dia 25 de Dezembro de 1985 trouxe um presente, em baixo da árvore de Natal, que mudaria, literalmente, a vida do pequeno Sandro Dias: um Skate! Ou melhor, uma tábua de madeira com dois eixos e quatro rodinhas que ele rapidamente incorporou como uma extensão de seu corpo.

No início a ideia era colocar um pneu velho em cima, sentar dentro com os pés no bico do skate, como um carrinho, e descer a rampa da garagem do prédio com a ajuda de seu companheiro de aventuras pré-adolescentes “Xan”, um amigo do prédio novo que ensinou a técnica para Sandro, usando o skate do irmão mais velho, que tinha o apelido de “Zóio”. Foram tardes inteiras andando no carrinho, ora empurrando, ora sendo empurrado por “Xan”, enquanto ainda não tinham coragem, ou interesse, por se equilibrar de pé em cima do skate. Como Sandro não largava o brinquedo, andar sentado foi ficando enfadonho e o menino começou a se arriscar, e gostar, de andar em pé. Foi quando um outro amigo mais velho da Vila Floresta, o “Tchicão”, passou na frente do prédio, chamando Sandro:

- Você está andando de skate agora? Passa lá na loja, que a gente está construindo uma rampa!

- Que loja? Perguntou Sandro.

- “Força Local”. Passa lá! Gritou “Tchicão” enquanto acelerava, já de carro a caminho da loja.

Curioso como sempre, Sandro não esperou muito para conhecer a loja e a rampa em formato de U, um “Half Pipe” (meio tubo) de madeira. Maravilhado com aquela rampa enorme e desafiadora nos fundos da loja, Sandro foi testando aos poucos sua habilidade em cima do skate, usando joelheiras, cotoveleiras e capacete, sempre assessorado pela turma mais velha e, assim, foi ampliando lentamente seus limites. Quando sua mãe podia, Sandro pedia uma carona para andar também na pista de São Bernardo, com suas amplas rampas de concreto e a companhia de uma turma mais

experiente que o ajudava a superar o medo e encarar desafios cada vez maiores em cima do skate.

Sandrinho gostava de fortes emoções e esse gosto por adrenalina casava perfeitamente com o skate vertical. Mas seu primeiro campeonato foi na modalidade street, em frente à prefeitura de Santo André, com apenas três meses de prática em cima do skate. A ficha de inscrição pedia o básico: Nome, idade, endereço, telefone e apelido.

- Mãe, eu não tenho apelido... ninguém me chama de nada, o que eu coloco?!

- Põe mineirinho. Seu pai é mineiro, seu tio já te chama de mineirinho... põe mineirinho!

Ele preencheu a ficha seguindo o conselho da mãe e foi competir feliz da vida acompanhado pelo som da banda Ira, com aquele clima intenso de competição, todo mundo olhando, um número na camiseta e o olhar vidrado nos pequenos obstáculos da pista improvisada no Paço de Santo André. Para surpresa de todos, menos de Sandro, o mineirinho ficou em oitavo lugar e não demorou para ganhar seu primeiro patrocínio, da própria loja “Foça Local”, que passou a frequentar com ainda mais assiduidade depois do sucesso no campeonato. Nascia assim um dos melhores competidores que o Brasil já teve, o mineirinho do skate, nascido em Santo André, que viria a conquistar seis títulos mundiais na categoria vertical, além de outras conquistas importantes mundo a fora.

Quando a moda do skate chegou à Santo André, entre 1985 e 1986, Sandro aderiu rapidamente e, apesar de nunca ter largado a bicicleta, começou a fazer tudo de skate, deslizando com o *shape* de madeira para onde fosse, inclusive para a praia, onde também aprendeu a surfar em pequenas pranchas de isopor, antes dos dez anos de idade. Nas férias, o destino era o litoral norte de São Paulo ou as praias do sul brasileiro, como Florianópolis, Garopaba ou o farol de Imbituba. O surfe continuou sendo um desejo e uma paixão por muitos anos, mas a água fria e as quatro rodinhas, aos poucos, foram afastando Sandro da praia e o levando para as pistas de skate do Brasil

e do mundo, onde o esporte deixou de ser apenas diversão para virar profissão.

Considerações finais

Apesar de jovem, o Skate, assim como outros *esportes californianos*, já se estabeleceu enquanto prática ao redor do mundo, conta com milhões de fãs e praticantes engajados, e recentemente recebeu a chancela olímpica para conquistar definitivamente o respeito e a admiração da sociedade. Seus fãs mais radicais insistem que os Jogos Olímpicos precisam mais do skate do que o inverso, mas a realidade mostra que a entrada deste esporte para o ambiente olímpico tende a trazer benefícios para todos os envolvidos. A trajetória de Sandro Dias enquanto atleta mostra estreita sintonia com o caminho traçado pelo próprio skate, que de brincadeira despreziosa e rebeldia contra o sistema, passa a ser admirado e desejado pelo próprio sistema, cuja a principal evidência é a inclusão desse esporte, antes marginal, ao panteão olímpico.

O relato de Sandro Dias, feito em fevereiro de 2018, mediante entrevista concedida livremente pelo atleta, com base em perguntas diretas feitas sobre o início de seu envolvimento com o esporte, se transforma em documento ao mesmo tempo em que sua paixão de criança se torna olímpica, valorizando a história de vida deste atleta e dirigente que representa o esporte, não apenas nas pistas, mas também em outras esferas públicas, simbolizando a maturidade e importância adquiridas pelo skate ao longo dos últimos 50 anos.

Referências

BRANDÃO, L. (2008). **Entre a Marginalização e a Esportivização: Elementos para uma História da Juventude Skatista no Brasil**. Dourados: UNES.

BRASIL, Ministério do Esporte. (2016). **Comitê Olímpico anuncia cinco novas modalidades para os Jogos de Tóquio**, Brasília: Portal Brasil. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/esporte/2016/08/comite-olimpico-anuncia-cinco-novas-modalidades-para-os-jogos-de-toquio>>. Acesso em: 10 Out. 2016

BROOKE, M. (1999). **The concrete wave: the history of skateboarding**. Warwick Publishing: Los Angeles.

BRUNER, J. (2014). **Fabricando histórias: Direito, literatura, vida**. São Paulo: Letra e Voz.

BURKE, P. (2002). **História e teoria social**. São Paulo: Editora UNESP.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. (2016). **COI admite cinco novos esportes no programa Olímpico**. Brasília: COB. Disponível em: <<https://www.cob.org.br/pt/noticia/coi-admite-cinco-novos-esportes-no-programa-olimpico>>. Acesso em: 10 out. 2016.

COUSINEAU, P. (2004). **O Ideal Olímpico e o Herói de Cada Dia**. São Paulo: Mercuryo.

DIAS, S. (2019). **Entrevista concedida a FALCÃO, T.B.C.** Arquivo pessoal.

FILHO, C. A. D. C. (2000). Anos 70. In: BRITTO, Eduardo (org.). **A Onda Dura: 3 Décadas de Skate no Brasil**. São Paulo: Parada Inglesa.

GODOY, L. (1996). **Os jogos olímpicos na Grécia antiga**. São Paulo: Nova Alexandria.

HALBWACHS, M. (1990). **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice.

HOBSBAWM, E. (1995). **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 - 1991**. São Paulo: Companhia das Letras.

HOWELL, R. (1976). **Skateboard: techniques, safety e maintenance**. Sydney: Ure Smith.

NOLL, R. (2000). **Skateboard retrospective**. Coatesville: Schiffer Book.

POCIELLO, C. (1995). **Os desafios da leveza: as práticas corporais em mutação**. In SANT'ANNA, D. B. (orga). **Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, p. 115 - 120.

PORTELLI, A. (1997). **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões obre a ética na História Oral**. Projeto História, São Paulo.

RICOEUR, P. (2011). **Tempo e Narrativa: O tempo narrado**. São Paulo: WMF Martins Fontes.

RUBIO, K. (2016). **Narrativas biográficas: Da busca à construção de um método**. São Paulo: Képos.

MEGAEVENTOS ESPORTIVOS E DIREITOS HUMANOS: COMO A COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO 2014 IMPACTOU AS COMUNIDADES ATINGIDAS PELAS OBRAS DO EVENTO EM PORTO ALEGRE?

Billy Graeff

Universidade Federal do Rio Grande (Brasil)
Loughborough University (United Kingdom)

Resumo

Este trabalho analisa como a Copa do Mundo de Futebol Masculino 2014 impactou as comunidades atingidas pelas obras do evento em Porto Alegre em relação a aspectos ligados aos direitos humanos. Para tanto, a região geográfica indicada pela Prefeitura de Porto Alegre como a área de impacto da obra de construção da Avenida Tronco foi considerada como a população do estudo. Esta pesquisa estimou 3465 residências na área, das quais 134 randomicamente selecionadas foram visitadas e um/a morador/a participou de uma survey com 50 diferentes elementos de informação. Os temas da survey são habitação, educação, segurança, saúde, economia/emprego, atuação da esfera pública e a Copa do Mundo 2014. Para este trabalho, foram selecionados os resultados mais importantes em relação à questão dos direitos humanos. Os resultados da pesquisa apontam que a Copa do Mundo 2014 teve desempenho negativo em referência aos direitos humanos na área de impacto da obra de construção da Avenida Tronco em Porto Alegre.

Palavras-chave: Copa do Mundo 2014; direitos humanos; sociologia do esporte; megaeventos esportivos; Porto Alegre.

Mega eventos deportivos y derechos humanos: cómo la Copa del Mundo de fútbol masculino 2014 impactó a las comunidades afectadas por las obras del evento en Porto Alegre?

Resumen

Este trabajo analiza cómo la Copa Mundial de Fútbol Masculino 2014 impactó a las comunidades afectadas por las obras relacionadas con el evento en Porto Alegre en relación con los derechos humanos. Para tanto, la región geográfica indicada por el Ayuntamiento de Porto Alegre como el área de impacto de la construcción de la Avenida Tronco se consideró como la población del estudio. Esta investigación estimó 3465 residencias en el área, de las cuales 134 fueron seleccionadas de forma aleatoria y un residente participó en una survey con 50 datos diferentes. Los temas de la survey son vivienda,

educación, seguridad, salud, economía/empleo, desempeño de la esfera pública y la Copa Mundial 2014. Para este artículo, los resultados más importantes fueron seleccionados. Los resultados de la investigación indican que la Copa Mundial 2014 tuvo un desempeño negativo en referencia a los derechos humanos en el área de impacto de la construcción de la Avenida Tronco en Porto Alegre.

Palabras clave: Copa del Mundo 2014; derechos humanos; sociología del deporte; mega eventos deportivos; Porto Alegre.

Sport mega events and human rights: how did the 2014 men's football World Cup impact the communities affected by the works of the event in Porto Alegre?

Abstract

This paper analyses how the 2014 Men's Football World Cup impacted the communities affected by the works linked the event in Porto Alegre in relation to human rights. Therefore, the geographic region indicated by the Porto Alegre City Hall as the impact area of the Tronco Avenue construction was considered as the study population. This research estimated 3465 residences in the area, of which 134 randomly selected were visited and one resident participated in a survey with 50 different pieces of information. The topics of the survey are housing, education, safety, health, economy/employment, public sphere performance and the 2014 World Cup. For this paper, the most important results were selected in relation to human rights issues. The results of the research indicate that the World Cup 2014 had negative performance in reference to human rights in the area of impact of the Avenida Tronco construction in Porto Alegre.

Keywords: 2014 World Cup; human rights; sociology of sport; sport mega events; Porto Alegre.

Introdução

Megaeventos esportivos vem sendo progressivamente associados a impactos relacionados aos direitos humanos (Cohre, 2007, 2008; Heerdt, 2018a; 2018b, Nclcpwco, 2012; Rolnik, 2009). Isso se dá sobretudo pelas relações que tais eventos estabelecem no contexto das cidades e da moradia adequada (Hammersc, 2012; Broudehoux, Sánchez, 2013; Schausteck De Almeida, Graeff, 2016). Um exemplo de como a necessidade do avanço neste campo se faz imperativa diz respeito ao fato de que durante a Copa do Mundo da África do Sul 2010, foram criados 'Tribunais da FIFA', os quais lidaram somente com crimes relacionados ao evento, aceitando acusações, julgando e

condenando seres humanos em questão de dias (Hyde, 2010), em flagrante desobediência a acordos internacionais na área dos direitos humanos⁶⁷.

Concomitantemente, há um crescente processo de avaliação de projetos associados a megaeventos esportivos, particularmente questionando se os moradores de suas sedes se beneficiam das transformações urbanas promovidas pelos eventos, ou se os benefícios são restritos a grupos de lideranças políticas, empresários e segmentos mais ricos da população (Giulianotti Et Al., 2015; Hall, 2006; Horne, 2015; Sánchez; Broudehoux, 2013). Essa crítica ficou evidente nos protestos populares no Brasil em 2013 (Singer, 2013) e é causa provável para a recusa em sediar os Jogos em referendos, como visto na Alemanha, Polônia, Áustria e Suíça, entre outras cidades/países (Könecke, Schubert; Preuss, 2016).

Seguindo estas linhas de raciocínio, a literatura acadêmica da área recentemente abordou extensivamente a segregação, as desigualdades e os conflitos gerados a partir de megaeventos esportivos (por exemplo, Hall, 2006; Hassan, 2014; Porter, 2009; Pavoni, 2015; Kennelly; Watt, 2012; Sadd, 2013; Smith, 2014).

Entretanto, o recente caso brasileiro, o qual envolveu a Copa do Mundo de Futebol Masculino (2014) e as Olimpíadas (2016), pode ter contribuído para a colocação da questão dos direitos humanos no contexto dos megaeventos esportivos em evidência. De tal forma que os relatórios dos Comitês Populares da Copa e das Olimpíadas (NCLCPWCO, 2012) têm sido referenciados como um importante passo a frente em relação ao tema. Outra evidência do crescimento da importância do tema no contexto da área é que as instituições responsáveis pelos dois maiores megaeventos esportivos, a Copa do Mundo de Futebol Masculino e as Olimpíadas, inauguraram iniciativas ligadas ao tema⁶⁸. A Fédération Internationale de Football

⁶⁷ Para saber mais, consultar <https://www.ohchr.org/EN/HRBodies/SC/Pages/SubCommission.aspx>

⁶⁸ <https://www.fifa.com/governance/news/y=2017/m=11/news=first-report-of-fifa-s-human-rights-advisory-board-published-2919234.html>
<https://img.fifa.com/image/upload/ab2ywftc8qle92nghiee.pdf>
<https://www.olympic.org/news/ioc-strengthens-its-stance-in-favour-of-human-rights-and-against-corruption-in-new-host-city-contract>
<https://www.hrw.org/news/2017/02/28/olympics-host-city-contract-requires-human-rights>

Association (FIFA) criou uma comissão para auxiliar a discussão da temática no contexto da entidade e o Comitê Olímpico Internacional (COI) incluiu um capítulo específico sobre direitos humanos em seu processo de seleção de sedes de Jogos.

Este artigo, por sua vez, examina como a Copa do Mundo de Futebol Masculino 2014 impactou as comunidades atingidas pelas obras do evento em Porto Alegre em relação a aspectos ligados aos direitos humanos.

Revisão de literatura

Neste artigo, se investigam questões atinentes a direitos humanos em relação a preparativos para sediar megaeventos esportivos, com foco na experiência dos moradores afetados pela Copa do Mundo Masculina de Futebol 2014 em Porto Alegre. Entretanto, parece ser produtivo inicialmente conhecermos um pouco mais sobre as aproximações entre o tópico esporte e os direitos humanos.

Em relação ao tema do esporte e dos direitos humanos, Kidd e Donnelly (2000) analisaram essa relação no 50º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Donnelly (2008) estendeu essa análise para considerar desenvolvimentos posteriores, como a criação dos Objetivos do Milênio, o direito de se tomar parte em esportes, a conquista dos direitos humanos por meio do esporte e a inserção do esporte como tema de direitos humanos para grupos específicos. Giulianotti (2004) refere-se a momentos específicos em que o esporte teve atenção especial nos debates sobre direitos humanos e na aparição de questões relacionadas ao esporte em diferentes casos. Estas abordagens mais amplas demonstram que o esporte vem sendo tratado de maneira positiva junto à agenda dos direitos humanos e também que sua inserção vem sendo avaliada positivamente quando se refere à sua utilização como ferramenta para o sucesso de políticas da área.

Embora o foco deste artigo seja sobre os megaeventos esportivos, três elementos importantes podem ser apropriados a partir dos trabalhos citados,

de acordo com um olhar mais preocupado com o desenvolvimento da área do esporte. Em primeiro lugar, fica claro que o esporte tem sido usado como uma ferramenta para lidar com questões ligadas aos direitos humanos, mas que tal abordagem de parte de organizações tende a ser acrítica e instrumental. Em segundo lugar, o esporte figura na área dos direitos humanos como externo às questões ligadas aos direitos humanos, não como parte delas, mas acessado apenas de forma, novamente, instrumental. Finalmente, preocupações com questões ligadas aos direitos humanos dentro do esporte têm sido pouco analisadas e são pouco conhecidas. Sendo assim, se coloca necessário um debate relativamente mais profundo em relação ao tema.

Assim, um aprofundamento acerca do tema dos direitos humanos revela que eles são fundamentalmente legais como um conceito, mas geram debates substantivos sobre as esferas social, política e filosófica (Donnelly, 2013; Freeman, 2011). Por exemplo, a proclamação da Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948 foi um marco, estabelecendo bases comuns internacionais sobre quais são os direitos básicos que todos os seres humanos têm direito (United Nations, 2016). Dois pactos internacionais (sobre direitos econômicos, sociais e culturais e sobre direitos civis e políticos) e dois protocolos opcionais compõem a “Declaração Internacional de Direitos Humanos” (United Nations, 1996). Consequentemente, a proclamação internacional e a consequente ratificação dos países originaram a adoção da maioria dos direitos constantes da Declaração Internacional em constituições nacionais, reforçando os compromissos internacionais dos governos nacionais (Elkins, Ginsburg & Simmons, 2013) e, em alguns casos, nos níveis regional e local (Donnelly, 2013).

Embora a maioria das situações criadas no âmbito dos direitos humanos seja reivindicada como sendo de governos contra indivíduos, mais recentemente é reconhecido que organizações não-governamentais também estão causando violações (Freeman, 2011). Assim, a extensão natural desses processos em relação aos megaeventos esportivos seria que governos, órgãos internacionais e patrocinadores seriam responsabilizados por ofensas aos direitos humanos. No entanto, ocorrências de questões de direitos humanos

no contexto de megaeventos esportivos provaram ser uma questão muito complicada.

Apesar de existirem menos publicações específicas sobre megaeventos esportivos e direitos humanos, Kidd (2010) já afirmou que “o Movimento Olímpico precisa de um debate aberto ... sobre seu compromisso com uma agenda humanitária, incluindo a realização dos direitos humanos” (p 908). Além disso, o crescente poder econômico e político do esporte sugere que seja necessária maior atenção em diversas esferas do desenvolvimento de iniciativas ligadas ao fenômeno. Ou seja, há expectativa de que órgãos governamentais e empreendimentos não-governamentais aumentem as perspectivas sociais de transparência e prestação de contas em várias esferas, inclusive em questões de direitos humanos relacionadas a seus negócios (Ruggie, 2016).

É importante também observar que minha análise leva em conta que as áreas pesquisadas já se constituíram em instrumentos de promoção dos direitos humanos no país. Para além de normativas e legislações específicas e/ou secundárias, a própria Constituição Federal (Brasil, 1988) aponta áreas como habitação, educação, segurança e emprego, as quais são objeto da análise aqui apresentada, como direitos sociais (artigos 5º e 6º da Constituição Federal).

A partir desta revisão da literatura da área do esporte em relação aos direitos humanos, foi delimitado o tema deste artigo, visando aprofundar o estudo das relações entre esporte e direitos humanos, com ênfase nos aspectos ligados ao acontecimento de megaeventos esportivos.

Metodologia

A metodologia deste trabalho é alinhada à perspectiva qualitativa da pesquisa, a qual é entendida como aquela que abriga diversas estratégias de pesquisa que visam obter uma compreensão das razões subjacentes, perspectivas e motivações de grupos sociais e/ou indivíduos acerca de temas e problemas (Smith, Caddick, 2012: 60; Bogdan; Taylor, 1975; Bogdan; Biklen,

1982). Esta pesquisa se desenvolveu como uma survey, tendo a pesquisa gerado 50 diferentes dados de informação. Por survey entendemos o uso de um formulário do tipo questionário com perguntas que gerem respostas diretas que, neste caso, foram anotadas pelo condutor da survey e não pelo respondente (Smith, Caddick, 2012; Schouten; Cobben; Bethlehem, 2009). Esta pesquisa se caracteriza como uma pesquisa *ex-post facto* e o trabalho de campo se desenvolveu entre período de 04 de maio de 2015 e 08 de agosto de 2015, contabilizando a preparação, a execução e a tabulação dos dados. A população da pesquisa foi escolhida arbitrariamente a partir da indicação da Prefeitura de Porto Alegre acerca da área de impacto das obras de construção da Avenida Tronco, principal obra da Copa de 2014 em Porto Alegre. Entretanto, a amostra da população foi escolhida de acordo com as formulações de Cochran e Chambers (1965), Cochran (1977; 2007) e Cruz (1978). Assim, a população desta pesquisa foi constituída a partir da estimativa de 3465 residências no contexto da área indicada pela Prefeitura de Porto Alegre. As perguntas da survey foram construídas de forma que o(a) respondente respondesse de acordo com as experiências dos(as) moradores(as) da residência, indiferentemente das características do(a) respondente. Dados como gênero e idade foram registrados para fim de tipificação da amostra, entretanto este trabalho não os apresenta por serem os resultados deste recorte não organizados para atender a tal análise.

A margem de erro aceita nesta pesquisa é de 5%, e o nível de confiança foi estabelecido em 95%. Uma proporção (p) da população que se acredita ter os atributos investigados foi estimada em 0,9 (90%), que é a hipótese conservadora tipicamente aceita quando essa variável não é conhecida (Cochran, 1977: 72). Assim, um complemento para (p) é inserido, sempre referente ao valor atribuído a (p), portanto neste caso (q) = 0,1. O valor do teste $Z_{\alpha/2}$ é um valor tabelado representando a distribuição normal e típica dos resultados das populações humanas, neste caso, 1,96. O nível de significância também é um valor tabelado de acordo com as decisões do pesquisador. Seu sinal é α e, no caso desta pesquisa, foi definido em 5% ou 0,05. (e) é um valor tabelado que representa o erro de amostragem. Segundo

pesquisas que testaram esse método de seleção de amostras, o pesquisador pode estabelecer um determinado padrão para sua pesquisa. No caso da pesquisa deste artigo, esse padrão foi estabelecido em 5%, ou seja, 0,05. (Cochran; Chambers, 1965; Cochran, 1977; 2007; Schouten; Cobben; Bethlehem, 2009). Então, aplicando a fórmula descrita acima a uma população (N) de 3465, foi gerado o resultado de 134 residências a serem envolvidas na survey.

$$n = \frac{Z_{\alpha/2}^2 \cdot \hat{p} \cdot \hat{q} \cdot N}{e^2 (N - 1) + Z_{\alpha/2}^2 \cdot \hat{p} \cdot \hat{q}}$$

Figura 1- Fórmula para o cálculo da amostra
Fonte: o autor (2018)

As 134 residências visitadas foram então escolhidas randomicamente a partir do 'sentido da caminhada'. Ou seja, à medida que percorri o mapa da região no aplicativo online Google Earth™, simulei uma caminhada e à cada 27 casas marquei uma a ser incluída na survey. Quando chegava a um beco sem saída, recomeçava a 'caminhada' de acordo com o sentido anti-horário, escolhido desde o início do processo. Adicionalmente, 7 (5%) respondentes à survey foram posteriormente entrevistados (entrevistas semi-estruturadas).

Resultados

As questões da survey com resultados mais importantes para a discussão da relação entre os direitos humanos e o impacto da Copa de 2014 em Porto Alegre são relacionados a habitação, educação, segurança, atuação da esfera pública e emprego/economia.

As tabelas abaixo apresentam os resultados da pesquisa. As questões da survey foram abreviadas para facilitar a apresentação.

Tabela 1 - habitação

Questão	Habitação	
	SIM (%)	NÃO (%)
1.1 Ameaça de remoção	31	69
1.2 Outras ameaças	22	78
1.3 Remoção de conhecidos	25	75
	Deixaram a comunidade?	94
1.4 Interrupção de serviços básicos	50	50
1.5 Participação em processos públicos	19	81

Fonte: o autor (2018)

Tabela 2 - educação

Questão	Educação	
	SIM (%)	NÃO (%)
2.5 mudanças na rotina escolar	48	52
Se sim, isso impactou na vida de outras pessoas?	61	39

Fonte: o autor (2018)

Tabela 3 - segurança

Questão	Segurança	
	SIM (%)	NÃO (%)
3.1 Sensação de segurança	48	52
melhorou	44	
Piorou	56	
3.2 Presença de forças policiais	51	49
Diminuiu	67	
Aumentou	23	
Não sei	7	
Somente em dias de jogo	3	
3.3 Segurança na presença de forças policiais	51	49
Mais segura	62	
Menos segura	24	
não sei	14	
3.6 Diálogo entre as forças policiais e a comunidade	10	90

Fonte: o autor (2018)

Tabela 4 - atuação da esfera pública

Questão	Atuação da esfera	
	SIM (%)	NÃO (%)
5.1 Contato direto com representantes de governos	8	92
Federal	9	
Estadual	9	
Municipal	55	
DEMHAB	18	
Grupo não identificado	9	
5.4 Consulta por parte do governo	4	96

Fonte: o autor (2018)

Tabela 5 - emprego/economia

Questão	Emprego/economia	
	SIM (%)	NÃO (%)
6.1 Treinamento profissional	7	93
6.2 Novos empregos	10	90
Temporário	46	
Formal	25	
Informal	21	
Permanente	8	
6.3 Mudança nas condições de trabalho na comunidade	22	78
Pioraram	57	
Melhoraram	43	

6.5	Mudanças nos preços em geral		48	52
		Equilibrados	17	
		Aumentaram	83	

Fonte: o autor (2018)

Discussão dos resultados

Os resultados sobre moradia revelaram que ameaças, desinformação, falta de debate público e políticas desconexas, desarticuladas e ineficazes foram os principais fatores que levaram a resultados negativos. Remoções forçadas e interrupções de serviços básicos são marcos na discussão de direitos humanos e moradia adequada e os resultados da pesquisa evidenciam que as obras da Copa do Mundo de Futebol Masculino FIFA 2014 em Porto Alegre contribuíram para a piora deste segmento, em desacordo com as orientações das Nações Unidas (United Nations, 2010, 2011a, 2011b, s.d.). Uma dimensão adicional a ser considerada foi o impacto causado pelas remoções, com os dados sugerindo uma interrupção significativa nas redes familiares e de trabalho.

Em relação ao conjunto de dados sobre educação, nenhum aspecto positivo foi encontrado. Além disso, as facetas negativas aparentemente tiveram efeitos em cascata que podem ser considerados como tendo agravado problemas educacionais e causado problemas em outras áreas. Por exemplo, um dos mais notáveis desses efeitos é como os pais dos alunos se sentiram em relação à liberação de seus filhos da escola nos dias de jogos. Essas ausências da escola supostamente tiveram repercussão negativa nas famílias dos trabalhadores porque os alunos que se ausentam da escola muitas vezes precisam ser cuidados por adultos.

De acordo com a pesquisa realizada, a sensação de segurança daqueles que foram diretamente afetados pelos projetos de desenvolvimento da Copa do Mundo de Futebol Masculino FIFA 2014 em Porto Alegre diminuiu ao longo do período em que os projetos relacionados ao evento aconteceram. Os dados

apresentados mostram que 49% dos entrevistados sentiram alterações relacionadas à segurança durante as obras da Copa do Mundo, e 56% deles acreditavam que a mudança foi para pior.

A falta de comunicação direta por parte dos atores públicos, particularmente da Prefeitura de Porto Alegre, submeteu as comunidades a um ambiente de dúvida e incerteza. Assim, por exemplo, 96% dos respondentes à survey consideraram nunca terem sido consultados sobre o evento. Adicionalmente, de acordo com os resultados desta pesquisa, a Copa do Mundo de Futebol Masculino FIFA 2014 não apenas ameaçou a tradição de políticas democráticas e participativas em Porto Alegre (Abers, 1998; Baiocchi, 2001; Santos, 1998; Novy & Leubolt, 2005), mas também influenciou a própria crença nas práticas eleitorais. Uma das entrevistadas, por exemplo, relatou que após a atuação dos políticos durante o período da Copa do Mundo de Futebol Masculino FIFA 2014 e projetos relacionados, ela decidiu não mais votar. Para ela, o desempenho da esfera pública relacionada à Copa do Mundo de Futebol Masculino FIFA 2014 foi “terrível”. Disse ela: “Eles só apareceram aqui ... para ganhar uma eleição ou para dizer que estavam mandando construir [prédios para pessoas removidas] porque eles iriam ter a Copa do Mundo ... No entanto, isso [era] uma fachada; eles escondem a parte feia e só mostram o que é bonito. Então, as coisas vão para a cidade dos ricos ... mas a comunidade eles deixaram [abandonada] ... quando as eleições começam, eles aparecem de novo ... eu vou te dizer, tenho 52 anos, e eu nunca deixei de votar. Eu não voto mais. Eu não acredito mais em ninguém...” (Anne, 20 de janeiro de 2018).

As percepções dos moradores da área de construção da Avenida Tronco em relação às áreas de economia e emprego foram também negativas. Em termos de emprego e formação profissional, os números foram particularmente preocupantes: apenas 7% dos entrevistados relataram acesso a treinamento e apenas 10% relataram acesso ao trabalho. No entanto, desses 10%, apenas 25% informaram acesso a empregos formais (2,5% da amostra). Além disso, 83% dos entrevistados que relataram ter percebido uma variação nos preços consideraram que houve um aumento geral de preços durante o

período das obras. Esse resultado pode ser considerado especialmente preocupante, pois as áreas de emprego e economia deveriam ser impactadas positivamente pela Copa do Mundo de Futebol Masculino FIFA 2014, segundo o discurso dos promotores e do governo brasileiro.

Conclusões

Os resultados desta pesquisa apresentam dados que apontam para um desempenho negativo da Copa do Mundo de Futebol Masculino FIFA 2014 em relação aos direitos humanos. Aspectos particularmente preocupantes vieram das áreas do direito à moradia adequada e da segurança. Entretanto, educação, atuação da esfera pública e economia/emprego foram áreas onde os direitos humanos também foram desrespeitados. Pesquisas futuras podem explorar o desempenho de megaeventos esportivos em relação aos direitos humanos para que o campo de estudos se aproprie mais organicamente desta discussão e, sobretudo, investigar se as iniciativas da FIFA e do COI na área dos direitos humanos se desenvolvem apropriadamente.

Referências

ABERS, R. (1998). From Clientelism to Cooperation: Local Government, Participatory Policy, and Civic Organizing in Porto Alegre, Brazil. **Politics & Society**, v. 26, n. 4, p. 511-537.

BAIOCCHI, G. (2001). Participation, Activism, and Politics: The Porto Alegre Experiment and Deliberative Democratic Theory. **Politics & Society**, v. 29, n. 1, p. 43-72.

BOGDAN, R.; TAYLOR, S. (1975). **Introduction to qualitative research method and A phenomenological approach to the social sciences**. New York, NY: Wiley.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. (1982). **Qualitative research for education: An introduction to theory and method**. Boston: Allyn & Bacon.

BRASIL, SENADO FEDERAL. (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. BRASÍLIA: SENADO FEDERAL, CENTRO GRÁFICO.

BROUDEHOX, A.; SÁNCHEZ, F. (2013). Mega-events and urban regeneration in Rio de Janeiro: planning in a state of emergency. **International Journal of Urban Sustainable Development**, v. 5, n. 2, p. 132-153.

COCHRAN, W. G.; CHAMBERS, S. P. (1965). The planning of observational studies of human populations. **Journal of the Royal Statistical Society, Series A (General)**, v. 128, n. 2, p. 234-266.

COCHRAN, W. G. (1977). **Sampling techniques**. New York: John Wiley & Sons.

COCHRAN, W. G. (2007). **Sampling techniques**. New York: John Wiley & Sons.

COHRE - Centre on Housing Rights and Evictions. (2007). **Fair Play for Housing Rights: Mega-Events, Olympic Games and Housing Rights**. Geneva: GIAN; COHRE.

COHRE - Centre on Housing Rights and Evictions. (2008). **One world, whose dream?** Housing rights violations and the Beijing Olympic Games. Geneva: COHRE. Available from : http://www.crin.org/en/docs/One_World_Whose_Dream_July08%5B1%5D.pdf >. Access on: 29 June 2018.

CRUZ, J. (1978). **Amostragem Estatística: Noções Básicas**. Aracaju: Editora da UFS.

DONNELLY, P. (2008). Sport and human rights. **Sport in Society**, v. 11, n. 4, p. 381-394.

DONNELLY, J. (2013). **Universal Human Rights in Theory and Practice**. 3rd ed. Ithaca: Cornell University Press.

ELKINS, Z.; GINSBURG, T.; SIMMONS, B. (2013). Getting to rights: treaty ratification, constitutional convergence and human rights practice. **Harvard International Law Journal**, v. 54, n. 1, p. 61-95.

FREEMAN, M. (2011). **Human rights: an interdisciplinary approach**. 2nd ed. Cambridge: Polity Press.

GIULIANOTTI, R. (2004). Human Rights, Globalization and Sentimental Education: The Case of Sport. **Sport in Society**, v. 7, n. 3, p. 355-369.

GIULIANOTTI, R et al. (2015). Sport mega-events and public opposition: A sociological study of the London 2012 Olympics. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 39, n. 2, p. 99-119.

GREENE, S. J. (2003). Staged Cities: Mega-events, Slum Clearance, and Global Capital. **Yale Human Rights & Development L.J.**, v. 6, n. 1961, p. 161-187.

HALL, C. M. (2006). Urban entrepreneurship, corporate interests and sports mega-events: The thin policies of competitiveness within the hard outcomes of neoliberalism. **Sociological Review**, v. 54, n. 2, p. 59-70.

HAMMERSC, C. (2012). London 2012: espacio de excepción. **Urbe Revista Brasileira De Gestão Urbana Brazilian Journal of Urban Management**, v. 3, n. 2, p. 179-190.

HASSAN, D. (2014). Securing the Olympics: at what price?. **Sport in Society**, v. 17, n. 5, p. 628-639.

HEERDT, D. (2018a). Tapping the potential of human rights provisions in mega-sporting events' bidding and hosting agreements. **The International Sports Law Journal**, p. 1-16.

HEERDT, D. (2018b). Winning at the World Cup. **Netherlands Quarterly of Human Rights**, v. 36, n. 2, p. 86-92.

HORNE, J. (2015). Assessing the sociology of sport: On sports mega-events and capitalist modernity. **International Review for the Sociology of sport**, v. 50, n. 4-5, p. 466-471.

HYDE, W. (2010). World Cup 2010: Fans, robbers and a marketing stunt face justice, Fifa style. **The Guardian**, 20 June 2010. Available from: <<https://www.theguardian.com/football/2010/jun/20/world-cup-2010-fans-marketing-justice-fifafchain>>. Access on: 30 June 2018.

KENNELLY, J.; WATT, P. (2012). Seeing Olympic effects through the eyes of marginally housed youth: changing places and the gentrification of East London. **Visual Studies**, v. 27, n. 2, p. 151-160.

KIDD, B.; DONNELLY, P. (2000). Human Rights in sports. **International Review for The Sociology of Sport**, v. 35, n. 2, p. 131-148.

KIDD, B. (2010). Human rights and the Olympic Movement after Beijing. **Sport In Society**, v. 13, n. 5, p. 901-910.

KÖNECKE, T.; SCHUBERT, M.; PREUSS, H. (2016). Olympia in Germany? An analysis of the referendum against Munich 2022. **Sportwissenschaft**, v. 46, n. 1, p. 15-24.

NCLCPWCO - National Coalition of Local Committees for a People's World Cup and Olympics. (2012). **Mega-Events and Human Rights Violations in Brazil: Executive Summary**. Rio de Janeiro. Available from: <<http://rioonwatch.org/wp-content/uploads/2013/05/2012-World-Cup-Olympics-Dossier-English.pdf>>. Access on: 12 June 2018.

NOVY, A.; LEUBOLT, B. (2005). Participatory budgeting in Porto Alegre: Social innovation and the dialectical relationship of state and civil society. **Urban Studies**, v. 42, p. 11, p. 2023-2036.

PAVONI, A. (2015). Resistant legacies. **Annals of Leisure Research**, v. 18, n. 4, p. 470-490.

PORTER, L. (2009). Planning displacement: The real legacy of major sporting events. **Planning Theory & Practice**, v.10, n. 3, p. 395-418.

ROLNIK, R. (2009). **Report of the Special Rapporteur on adequate housing as a component of the right to an adequate standard of living, and on the right to non-discrimination in this context**. Geneva: United Nations. Disponível em: <<http://www2.ohchr.org/english/bodies/hrcouncil/docs/13session/A-HRC-13-20.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2018.

RUGGIE, J. (2016). **For the Game. For the World.' FIFA and Human Rights**. Cambridge: Harvard University, 2016. Available from: <<https://www.hks.harvard.edu/centers/mrcbg/programs/cri/research/reports/report68>>. Access on: 13 June 2018.

SADD, D. (2013) **Protesting the Games**. In: GIRGINOV, V. (Ed.). **Handbook of the London 2012 Olympic and Paralympic Games**. v. 2: Celebrating the Games. London: Routledge.

SANTOS, B. S. (1998). Participatory Budgeting in Porto Alegre: Toward a Redistributive Democracy. **Politics & Society**, v. 26, n. 4, p. 461-510.

SCHAUSTECK DE ALMEIDA, A. B.; GRAEFF, B. (2016). Displacement and Gentrification in the "City of Exception": Rio de Janeiro Towards the 2016 Olympic Games. **Bulletin Journal of Sport Science and Physical Education**, v. 70, p. 54-61.

SCHOUTEN, B.; COBBEN, F.; BETHLEHEM, J. (2009). Indicators for the representativeness of survey response. **Survey Methodology**, v. 35, n. 1, p. 101-113.

SINGER, A. (2013). Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo, n. 97, p. 23-40. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002013000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 jun. 2018.

SMITH, B. ; CADDICK, N. (2012). Qualitative methods in sport: a concise overview for guiding social scientific sport research. **Asia Pacific Journal of Sport and Social Science**, v. 1, n. 1, p. 60-73.

SMITH, A. (2014). "De-risking" East London: Olympic regeneration planning 2000-2012. **European Planning Studies**, v. 22, n. 9, p. 1919-1939.

UN - United Nations. (1948). **Universal Declaration of Human Rights**. Available from: <http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/eng.pdf>. Access on: 17 June 2018.

UN - United Nations. (1996). **The International Bill of Human Rights**. Fact Sheet n. 2/ Rev. 1. Available from: <<http://www.ohchr.org/Documents/Publications/FactSheet2Rev.1en.pdf>>. Access on: 15 June 2018.

UN - United Nations. Human Rights Council. (2009). **Report of the Special Rapporteur on adequate housing as a component of the right to an adequate standard of living, and on the right to non-discrimination in this context, Raquel Rolnik**. United Nations. Available from: <<http://www2.ohchr.org/english/bodies/hrcouncil/docs/13session/A-HRC-13-20.pdf>>. Access on: 02 July 2018.

UN - United Nations. Office of the United Nations High Commissioner for Human Rights. (2010). **The Right to Adequate Housing**. Fact Sheet n. 21/v. 1. Available from: <http://www.ohchr.org/Documents/Publications/FS21_rev_1_Housing_en.pdf>. Access on: 21 June 2018.

UN - United Nations. Human Rights Council. (2011a). **Report of the Special Rapporteur on adequate housing as a component of the right to an adequate standard of living, and on the right to non-discrimination in this context, Raquel Rolnik**. United Nations. Available from: <http://www.ohchr.org/Documents/Issues/Housing/A-HRC-19-53_en.pdf>. Access on: 21 June 2018.

UN - United Nations. Human Rights Council. (2011b). **Basic principles and guidelines on development based evictions and displacement**. Annex 1 of the report of the Special Rapporteur on adequate housing as a component of the right to an adequate standard of living - A/HRC/4/18. Available from:

<http://www.ohchr.org/Documents/Issues/Housing/Guidelines_en.pdf>. Access on: 02 July 2018.

UN - United Nations (n.d.). **Office of the United Nations High Commissioner for Human Rights, The Right to Adequate Housing Toolkit.** Available from:

<<http://www.ohchr.org/EN/Issues/Housing/toolkit/Pages/RighttoAdequateHousingToolkit.aspx>>. Access on: 29 Jun. 2018.

UN - United Nations. (2016). **International Human Rights Law.** Available from:

<<http://www.ohchr.org/en/professionalinterest/Pages/InternationalLaw.aspx>>. Access on: 04 July 2018.

O IMAGINARIO ESPORTIVO E CULTURA CONTEMPORÂNEA

Raoni Perrucci Toledo Machado

Universidade Federal de Lavras (Brasil)

Resumo

O fenômeno esportivo está intimamente ligado as características socioculturais da sociedade a qual está inserido. Neste sentido, a compreensão de conceitos de cultura e imaginário se tornam fundamentais para que possamos olhar para seu tempo histórico e absorver aquilo que está em sua essência. Mesmo antes de sua formatação como o conhecemos na Grécia antiga, já podíamos encontrar símbolos cravados no imaginário humano que davam força e sustentação para que as práticas atléticas pudessem ir se desenhando em seu formato atual. O que vemos hoje, nada mais é do que essa transfiguração contextualizada com os valores da atualidade. De uma forma ou de outra, aqueles símbolos que deram origem às primeiras manifestações de cunho esportivo, ainda hoje permanecem vivas no imaginário coletivo fazendo com que o esporte faça sentido e nossa sociedade.

Palavras-chave: Esporte, Cultura, Imaginário.

El imaginario deportivo y cultura contemporánea

Resumen

El fenómeno deportivo está íntimamente ligado a las características socioculturales de la sociedad a la que está inserto. En este sentido, la comprensión de conceptos de cultura e imaginario se vuelven fundamentales para que podamos mirar a su tiempo histórico y absorber lo que está en su esencia. Incluso antes de su formato como lo conocemos en la Grecia antigua, ya podíamos encontrar símbolos clavados en el imaginario humano que daban fuerza y sustentación para que las prácticas atléticas pudieran ir dibujándose en su formato actual. Lo que vemos hoy, nada más es que esa transfiguración contextualizada con los valores de la actualidad. De una forma u otra, aquellos símbolos que dieron origen a las primeras manifestaciones de cuño deportivo, aún hoy permanecen vivas en el imaginario colectivo haciendo que el deporte tenga sentido y nuestra sociedad.

Palabras clave: Deporte, Cultura, Imaginario.

The sportive imaginary and contemporary culture

Abstract

The sport phenomenon is closely linked to the sociocultural characteristics of the society to which it is inserted. In this sense, the understanding of concepts of culture and imagery become fundamental so that we can look at their historical time and absorb what is in their essence. Even before its formatting as we know it in ancient Greece, we could already find symbols embedded in the human imagination that gave strength and sustenance so that the athletic practices could be designed in its current format. What we see today is

nothing more than this transfiguration contextualized with the values of today. In one way or another, those symbols that gave rise to the first manifestations of sports, are still alive today in the collective imagination making sport make sense and our society.

Keywords: Sport, Culture, Imaginary.

Introdução

Para a compreensão do imaginário esportivo na cultura contemporânea, torna-se necessária uma compreensão do próprio imaginário, que é historicamente formado e sociologicamente determinado. Com isso, entramos em mais dois fatores que não podem ser deixados de lado, as características da sociedade, neste caso, a contemporânea, e a história do esporte.

Analisando a história do esporte, e conseqüentemente da própria formação da sociedade, podemos entender que a prática desportiva é uma necessidade de todas as culturas, cada qual à sua forma, por se tratar de um confronto simbólico mal disfarçado (Sagan, 1988). Encontramos símbolos de grande riqueza, como a bola, o tempo, e o espaço, dando sentido especial ao esporte (Costa, 1991). Associado a isso, encontramos também a figura do herói, muito tempo identificado como um indivíduo que se sobressaía um sua sociedade, capaz de realizar grandes feitos que ultrapassavam suas condições de homem, o aproximando dos deuses. Eram vistos pelos habitantes de sua região como um semelhante, logo, em condições iguais, fazendo com que os tornasse um exemplo, uma referência aos mais jovens, e desde os tempos mais antigos já conseguia sua espaço no imaginário coletivo.

Com o surgimento dos grandes Jogos Públicos na antiga Grécia, a imagem do herói passou também ao ambiente desportivo de uma forma muito grande, até pela condição que o diferenciava das diversas formas de arte (Cordner, 1988). Até o final dos Jogos da Antigüidade, muitos heróis surgiram, depois ficaram marcados para sempre na história. E desde esse período até o século XIX, a prática desportiva estava proibida, não contribuindo em nada

neste campo, e com o surgimento da Revolução Industrial com conseqüente aparecimento do tempo livre, o esporte encontrava o espaço necessário para seu renascimento. Desde sua reimplantação, seus novos praticantes passaram a buscar esse papel, alcançavam grandes performances, e através dos meios de comunicação social muitas vezes conseguiam chegar ao posto de herói nacional.

Porém, a estrutura social não permite que esse caminho possa ser trilhado de forma de igualdade de condições, e alguns participantes muitas vezes possuem atalhos e formas de levar vantagem que não são consideradas justas, fatos que ajudaram a denegrir essa imagem. Passou a surgir um outro tipo de herói. Um outro tipo de esporte. A sociedade necessitava de escolher, o sufoco industrial e a falta de espaço precisava de um alívio, e encontrou na prática esportiva não competitiva uma boa forma.

Mas vamos ao trabalho, primeiro situo a modernidade, depois tento buscar uma definição de cultura, seguido do imaginário e por fim chego ao esporte. Com isso foi possível entender um pouco melhor o papel do imaginário na prática esportiva na atualidade.

Revisão de literatura

A Modernidade

A sociedade, como um sistema específico de relações sociais, iniciou sua história praticamente junto com o início da agricultura, onde os indivíduos e pequenos grupos deixaram de ser nômades para se fixarem em uma região, formando pequenos estados agrários, tendo sua evolução direcionada para o que vemos atualmente.

Alguns fatores contribuíram para a determinação desse modelo do nosso mundo moderno, dentre ele está o mapeamento da estrutura temporal, a criação de títulos para valores e serviços, e a inevitável especialização das diversas áreas de conhecimento. A primeira se refere ao relógio, que gerou uma grande organização do cotidiano, racionalizando os horários de trabalho, de tempo livre, de refeições, enfim, passou a existir ordem, e se há ordem,

pode começar a haver cobrança, mas guardamos isso por enquanto. Com o crescimento populacional e o aumento da complexidade da sociedade, começou a aparecer os especialistas, técnicos de conhecimento direcionados à realização de uma tarefa, com papel fundamental em uma estrutura social complexa, e foram chamados por Giddens (1991), de sistemas peritos. Esses indivíduos passaram a ser úteis à sociedade como um todo e não apenas a pequenos grupos particulares, sendo necessário haver algo para dar valor a seus serviços, acabando por surgir o que Giddens, chamou de fichas simbólicas, tendo o dinheiro como um bom exemplo. Agora, a troca e aquisição de bens e serviços passam a ter um caráter universal, o produto passa a ter um preço, e acaba dando margem para o acúmulo desse novo material, logo, produz-se mais para ganhar mais, é o surgimento do capitalismo, o carro chefe da nossa atual sociedade.

Após esse breve resumo histórico, ainda há a necessidade de entender como a identidade das diversas regiões são mantidas, mesmo com sua estrutura tendo mudado completamente.

Cultura

O sentido original da palavra latina cultura refere-se ao cultivo ou cuidado de algo, que com o passar do tempo deixou de ser físico passando a ser também cognitivo. Tylor, citado por Thompson (2000: 171), entende a cultura como *"o conjunto inter-relacionado de crenças, costumes, formas de conhecimento, arte, etc., que são adquiridos pelos indivíduos enquanto membros de uma sociedade particular e que podem ser estudados cientificamente. Estas crenças, costumes, etc., formam um "todo complexo" que é característico de uma determinada sociedade, diferenciando essa sociedade de outros lugares e épocas diferentes"*. De maneira geral, é a forma da "cara" de uma sociedade, modelado pelo tempo e passado através de padrões de formas simbólicas já incorporados, como ações, manifestações verbais, além de outros objetos de igual valor simbólico, onde se partilham concepções, experiências e crenças.

Essas formulas simbólicas foram caracterizadas por Thompson (2000), em cinco formas distintas, de acordo com seus aspectos "intencional", "convencional", "estrutural", "referencial", e "contextual". O primeiro refere-se as formas simbólicas como expressões de um sujeito e para um sujeito, através de formas e expressões produzidas. A segunda refere-se a aplicação de regras, códigos e convenções para a interpretação das formas simbólicas. O aspecto estrutural refere-se a características estruturadas das formas simbólicas. O aspecto referencial significa que cada uma das formas simbólicas representa algo e dizem algo a respeito de alguma coisa. O último aspecto quer dizer que as formas simbólicas sempre estarão contextualizadas nos padrões sócio-históricos das sociedades em que elas são produzidas, transmitidas e recebidas.

O que parecia ser único de cada sociedade começa a mudar com a chegada dos "tempos modernos". No início da era do industrialismo, a criação da máquina à vapor, a mudança da vida predominantemente agrícola para uma vida predominantemente urbana e a criação de uma nova classe de trabalhadores contribuíram para a perda de grande parte das características de cada região, pouco se mantinha, e o que restava, pouco a pouco não encontrava mais quem as repassasse, juntamente com a "falta de tempo" e falta de interesse dos receptores. Passado o boom industrial, os indivíduos voltaram a pensar em suas origens, até porque já havia uma ordem na nova estrutura social, já existia um total domínio do tempo, divisão de tarefas e procura de capital. A locomoção, comunicação e acesso a informação se tomavam muito mais fáceis, já começava a existir o carro, telefone e televisão, claro cada qual a seu tempo. O desenvolvimento desse período pós-industrial culminou no período da informação digitalizada, o qual vivemos hoje, onde há uma perda da originalidade, uma mistura de culturas e uma mudança no conceito de criatividade e das habilidades manuais, sendo necessário a sua compreensão (Archer, 1994).

Imaginário

É através do imaginário coletivo que as formas simbólicas ganham sentido, sendo o inverso também verdadeiro, onde os sentidos das formas simbólicas são entendidos através do imaginário coletivo, sendo único de cada sociedade.

Dessa forma a estrutura de uma sociedade é constituída por uma rede de símbolos, que através de seus significados para aquele determinado grupo social ganha sua existência e seu valor, sem o qual seria impossível haver uma organização estruturada. A própria evolução do sistema coletivo não permite que o simbolismo seja neutro e nem totalmente adequado, pela incapacidade de captação de novos signos, com o significante sempre ultrapassando sua ligação rígida a um significado preciso (Castoriadis, 1982).

No entanto, quando os símbolos e significantes já estão fixados em forma de linguagem e estrutura social, não podem ser entendidos pelo seu "conteúdo" que supostamente tinham que veicular, mas sim às estruturas ideais que lhes são próprias, inseridas em relações quase-rationais. Existe aí a necessidade de um manejo coerente de um sistema simbólico (Castoriadis, 1982; 1999). O mesmo autor (1982: 152), diz que *"a sociedade constitui seu simbolismo, mas não dentro de uma liberdade total. O simbolismo se crava no natural, e se crava ao histórico (ao que já estava lá); participa, enfim, do racional. Tudo isso faz com que surjam encadeamentos de significantes, relações entre significantes e significados, conexões e conseqüências, que não eram nem visadas e nem previstas. Nem livremente escolhidas, nem livremente impostas a sociedade considerada, (..) o simbolismo determina aspectos da vida da sociedade (..) cheio de interstícios e de graus de liberdade"*.

O imaginário corresponde a exatamente essa capacidade de abstração da rede simbólica.

Tanto a linguagem como a realidade de cada sociedade leva a formação de um imaginário social, que combinado com seu valor simbólico permite a manutenção de sua unidade cultural, moldada historicamente, e constantemente se adequando as novas situações estabelecidas, criadas ou não, mas sempre agindo como meio organizador do comportamento humano,

assim como suas relações sociais. Logo, o imaginário transcende valores simbólicos e situações real-rationais, ao mesmo tempo em que existe sua significação e possui uma funcionalidade, sem a qual não existiria nem sociedade e nem cultura (Castoriadis, 1982).

E além de proporcionar formas de pensamentos e ações, mostra ao homem moderno a significação de sua própria história e de se compreender como "ser-do-mundo", situação impossível de se traduzir com uma forma simples de linguagem (Costa, 1991).

O imaginário se mostrou como algo difícil de ser perdido depois de fixado, vemos isso hoje em dia, no período contemporâneo, onde se tende a racionalidade e desprezo por criações imaginárias do passado, no entanto essa racionalidade é apenas a forma das conexões externas, o homem tenta ser diferente de seus antecessores, mas inconscientemente conserva traços de seus comportamentos míticos, continuando dependente, como sempre foi, do imaginário (Castoriadis, 1982; Costa, 1991).

Esporte

Para alcançarmos nosso objetivo, de unir o imaginário ao esporte no período contemporâneo, necessitamos entender como houve a estruturação do próprio sistema desportivo ao longo de sua história, e incluí-lo aos poucos na cultura contemporânea.

Seu início provém da Grécia, como já é sabido, haja visto seus grandes Jogos Olímpicos. Mas porquê a Grécia?

Localizada em meio ao Mar Mediterrâneo, ficava em uma posição privilegiada entre as rotas comerciais marítimas, ao mesmo tempo em que seus territórios montanhosos dificultavam sua locomoção por terra. Constantemente em guerra pelo domínio territorial, cada vez mais crescia a necessidade de haver homens capazes de defender sua cidade, e com isso também passou a ser valorizada a imagem do homem guerreiro, bem visto nas esculturas de sua antigüidade. Associado a isso, a necessidade da prática da agricultura em um terreno acidentado, quase sem o auxílio de animais e instrumentos agrícolas, onde predominava a força humana, também

contribuiu para a construção dessa imagem corporal (Santos, 1997). Logo, a prática de atividade física nas escolas como meio de desenvolvimento corporal era bem importante, assim como as aulas de música, poesia, ética, enfim, uma boa formação para um cidadão. Além de defender sua cidade nas guerras, os cidadãos também tinham que defender sua cidade nos grandes Jogos Públicos, uma manifestação esportiva que pessoas de toda a Grécia se deslocavam para assistir, sendo então o principal encontro para intercâmbio cultural. Frequentemente, a arte e a música tinham como motivo batalhas e encontros esportivos, retratando vencedores como heróis, e imortalizando seus feitos (Godoy, 1996).

De início os jogos tinham um caráter estritamente religioso, sendo realizados para homenagear as divindades em troca de proteção, sua importância era tal, que se havia guerras, eram interrompidas até o término do período dos Jogos. Conseqüentemente, o atleta era motivo de orgulho para sua família e sua cidade, e isso levava a um cuidado extremo com esse "patrimônio", o corpo era muito bem cuidado, sendo lavado sempre antes e depois dos exercícios, besuntados com óleo para a pele não se danificar com a longa exposição ao sol, e os ginásios, estatais, eram lugares onde proporcionavam excelentes condições de treinamento e repouso para os atletas. Os jogos tiveram seu início como homenagem aos mortos, os Jogos Fúnebres, e depois passou a ser em homenagem aos deuses, com os Jogos Píticos, Jogos Nemeus, Jogos Ístmicos, as Panatéias e os Jogos Heranos, chegando finalmente aos Jogos Olímpicos, realizados a cada quatro anos na cidade de Olímpia, em homenagem ao Deus Zeus. Eram fechadas a estrangeiros, mulheres, escravos, delinqüentes e maus devedores do estado. Essa manifestação passou a marcar a existência de todo o povo Helênico, que ao menos uma vez na vida sonhavam em assistir os Jogos Olímpicos (Godoy, 1996).

Com o tempo, Macedônios e Romanos conquistaram o direito de participar dos Jogos através de conquistas territoriais. E enquanto os gregos continuavam com seus ideais de corpo perfeito e simétrico, além de honrar aos seus deuses, os romanos, em termos de propósitos e processos,

retrocediam em relação aos gregos, eram caracterizados por brutais e violentos, e aos poucos, seu sentido original foi se perdendo, deixando de ser de caráter religioso, para ser apenas de diversão (Barrow e Brown, 1988). Foi se tornando violento demais em virtude da constante especialização dos atletas, que estavam cada vez mais fortes e buscavam a vitória a qualquer custo, até que por sugestão de San Ambrósio, bispo de Milão, o Rei Teodósio, em 393 de nossa era, aboliu definitivamente a realização dos Jogos, considerado uma festa pagã. Ainda foi possível sua existência por mais 62 anos, quando o Rei Teodósio 11 mandou destruir todos os templos e edificios de Olímpia. Foi o fim de 12 séculos de realização de Jogos Olímpicos (Godoy, 1996).

Assim fica fácil entender como a cultura corporal foi valorizada, mostrando o porque do significado de corpo saudável e do domínio social de indivíduos com essas características na antigüidade (Elias e Dunning, 1995).

Como estavam proibidas a pratica de muitas modalidades esportivas, ainda haviam a grande influência das tendências belicosas por toda a Idade Média, e com isso as atividades físicas se concentravam em atividades de guerra e de caça, tal como arco-e-flecha, esgrima e cavalaria, e essa situação se manteve até o período da Revolução Industrial, onde se deu uma série de reformas sociais, entre elas a mudança da visão do esporte (Godoy, 1996).

Veio, então, o renascimento do desporto juntamente com a necessidade da ocupação do tempo livre recém criado, e da melhor produtividade na industria. A duração da jornada de trabalho, as condições de vida e os hábitos do cotidiano começaram a ser vistos cada vez mais como foco de perigo para a saúde da população e da nação, mas, acima de tudo, existia o trabalhador a menos, que se enfermo, não trabalhava, e a existência de pessoas que fora do horário de trabalho possuíam pensamentos que instigavam a revolução. Logo, ele renasceu como estratégia de controle do tempo livre, passando a um conteúdo de grande importância na formação escolar. Aos poucos, as diversas modalidades esportivas foram se institucionalizando, e havendo um padrão nas regras, passou a ser possível a disputa entre diversas escolas, posteriormente entre industrias. Os que não eram aptos a jogar, ao menos

conheciam as regras, e com o aumento do número de competições, assim como sua importância, passaram a assistir as disputas, surgindo o espectador, e dessa forma, além de entreter os próprios jogadores, o desporto passou a entreter um número infinitamente maior de pessoas, ocupando suas mentes e desviando suas preocupações (Gonzales, s/d). Com o tempo, iniciou-se a cobertura de rádio e televisão, levando a desporto para dentro dos lares, ajudando a torná-lo importante parte do meio cultural (Barrow e Brown, 1988).

Mas o desporto não podia ser só isso, tinha que ser mais, ou melhor, tinha que ser o que ele foi, e com esse propósito, o Barão francês Pierre de Coubertin se empenhou em reviver os Jogos Olímpicos, havendo uma grande confraternização entre atletas amadores de todo o planeta, sem restrições de raça, religião, classe social e riqueza. Ele acreditava que os Jogos eram "para altamente educar e indefinidamente estender" - educar os habitantes de todo o mundo a se respeitarem. Buscava a união entre o vigor físico e o vigor psíquico (Jable e Wiggins, 1996). E de 6 a 15 de abril de 1896, ele viu seu sonho concretizado em Atenas. Essa grande festa durou até 1936, onde o evento passou a ter um propósito político. Nova mentalidade veio apenas em 1988, onde já não existia mais guerra fria, os Jogos Olímpicos passaram a ser dominados por uma alta tecnologia, se tomando um grande evento de marketing (Godoy, 1996).

Esporte na Sociedade Contemporânea

Como podemos observar, o ressurgimento do esporte veio juntamente com a necessidade de ocupar o tempo livre, recém criado pelo surgimento das grandes indústrias e da racionalização do tempo, já que antes, e durante toda a Idade Média principalmente, os dias eram marcados por ações religiosas, que eram realizadas em períodos de tempo adequados a dinâmica social (Castillo e Barata, 1998).

E foi a partir deste momento em que começou a aparecer barreiras ao espaço temporal, delimitando fronteiras entre o trabalho e o não trabalho. Isso foi associado as delimitações do espaço físico dos jogos, assim como suas

regras passaram a ser completamente definidas, fazendo com que a ação motriz do ser humano passasse a ser ritmada exteriormente ao suporte neuromuscular do homem que executa a ação (Gebara, s/d).

Assim se tomou possível a invenção de novas modalidades desportivas e levando as outras já existentes a uma maior competitividade. As instalações passaram a ser racionais e regulamentadas por federações internacionais. E como não podia deixar de acontecer, o esporte estava sendo visto como ocupação do tempo livre, como uma forma de entretenimento, porém, dentro do sistema capitalista, onde tempo é dinheiro, sua perda é a negação do próprio sistema, logo começou a ser visto como objeto de política, economia e palco de reivindicações sociais, fazendo com que o esporte aos poucos se inserisse no sistema economicamente vigente, trabalhando ao mesmo tempo sob forma de produto e vitrine (Castillo e Barata, 1998; Gebara, s/d).

O que antes era passado através de música e poesias, hoje vemos diariamente nos jornais, a comunicação social foi se tomando o esporte cada vez mais atraente, tanto para o público quanto para os meios de consumo, fazendo vender mais jornais, por exemplo, e se adequando aos horários mais convenientes para sua transmissão ao vivo e alterando suas regras para facilitar o entendimento do telespectador (Constantino, 1992). Essa estrutura, ao mesmo tempo em que proporcionava ao esporte servir de meio econômico e político, o levou a uma forma de comunicação universal jamais vista, isenta de crenças, religião, classe social e riqueza (será que já não escrevi isso?). Constantino (1990: 169), escreveu que *"o estádio transformou-se no espaço mais comum de toda a humanidade: um lugar físico, mas, sobretudo um lugar de emoção coletiva. Com um tempo e um espaço originais: produzido e imediatamente apropriado pela enorme multidão de espectadores no estádio, ele pode ser, simultaneamente, no mesmo tempo, mas num outro espaço, ser fruído individualmente no sossego do lar. Da emoção partilhada, à emoção privada..."*. É isso que faz com que o esporte faça parte permanentemente do imaginário coletivo e individual. Veremos melhor isso.

Considerações finais: Imaginário e Esporte

Mediante a imagem dos Deuses, qual era o valor do homem comum, mortal, para os povos da Grécia na antigüidade? Os Deuses eram imortais, cada qual com uma característica especial que os tomavam únicos, e sem dúvida, mereciam ser admirados. Porém, as guerras e os jogos, de vital importância para aquela sociedade, começaram a expor algumas pessoas pelo seu vigor físico, feitos e inteligência. Começavam a surgir a figura do herói, um mortal, que realizava tarefas dignas de Deuses, associando em seus feitos a força com a coragem e astúcia, acabando por conquistar a admiração da sociedade em que viviam, não apenas no seu grupo local, do qual era motivo de orgulho, mas também pelos outros povos, sendo respeitados em campos de batalhas e encontros esportivos, e tratados com muita honra em caso de falecimento (Rublo, 2001).

O herói, como descrito por Campbell (s/d), segue uma forma padrão de separação-iniciação-retomo. Ou seja, ele se afasta do mundo cotidiano, se aventura em algum ambiente de incerteza, encontrando alguma fonte de poder e obtendo grandes vitórias, e retoma trazendo benefícios aos seus semelhantes, enriquecendo suas vidas. Torna-se freqüentemente honrado pela sua comunidade em virtude de seus feitos, e é passado através de contos populares, representados sob o ponto de vista moral ou físico, dependendo do objetivo.

E dessa forma ele se preserva, muitas vezes associado a um sentimento de sagrado, se opondo ao racional e melhor se expressando através do afetivo. É pelo imaginário que ele se identifica como o possível e o virtual, reconciliando o real e o irreal (Carvalho, 1998). A ligação com o herói pode estar associada ao relacionamento de valores, a identificação do "eu" interior com o mundo exterior, fazendo com que o indivíduo, longe do campo de batalha ou do ambiente esportivo, sintasse unido àquele que lhe é admirado, satisfazendo a necessidade condicionada de evitar o isolamento e a solidão moral (Fromm, 1977). Essa ligação imaginária de representações subjetivas são feitos através da história do indivíduo, assim como da história da própria sociedade em que está inserido, sendo resultado dos imperativos biopsíquicos moldados pelo meio em que vive (Durand, 2002).

O esporte consegue trazer essa ligação, ele representa a possibilidade do vir a ser, os atletas já consagrados tiveram que, inevitavelmente, percorrer um caminho comum, e assim como os heróis da antigüidade, realizavam feitos em um determinado momento que os elevavam a um nível acima dos outros, tomando-se exemplos para os mais jovens e objetos de admiração para os mais velhos, alcançando muitas vezes a posição de ídolo nacional (Rublo, 2001).

E é exatamente neste ponto que o indivíduo encontra um ponto de dúvida - ou parte na busca de tentar trilhar o árduo caminho que separa os mortais dos Semideuses, ou segue um caminho paralelo e mais cômodo.

Em relação ao primeiro caminho, há a necessidade de entender que os tempos mudaram, e o caminho que antes era traçado com naturalidade, essa calma já não existe mais, o início é precoce e a busca da performance é por um único resultado. No desporto de alto nível, vencer é a única alternativa, não há espaço para figurantes, o próprio sistema os exclui. É exatamente nesta sociedade em que a filosofia de rendimento, as idéias de progresso científico e tecnológico, de desenvolvimento econômico entrando em conflito com o ideal de bem estar social, mostrando as contradições inerentes dos outros sistemas e da sociedade (Marques, 2000). E embora as condições de treinamento desenvolvidas até os dias de hoje permitir resultados bastante elevados, Siff (1994), aponta como exatamente esse um dos pontos de falha dessa busca por heróis, pois os dados de lesões de quase todas as modalidades esportivas, principalmente as coletivas, mostram como principal causador o fato dos atletas de hoje estarem mais altos, mais fortes e mais rápidos do que seus antecessores. Talvez o ideal Olímpico precise ser revisto. Como pode ser visto, o caminho do herói tradicional parece estar sofrendo uma pequena modificação.

Mas ainda há o outro lado. Já faz tempo em que Sócrates defendia a idéia de alma e corpo unidos na busca de realização das tarefas (Gaarder, 1995). Com isso, o esporte passou a aparecer também como meio para o equilíbrio biopsicosocial, servindo para a saúde, educação, lazer, etc.. assim, o indivíduo passa a ter a oportunidade de se conhecer melhor, tanto individualmente, quanto em relação ao coletivo. Isso estava inerente ao ser

humano desde sempre, foi suprimido pela industrialização e falta de espaço para sua prática. hoje, se tenta dar a volta por cima, há a necessidade de se satisfazer moralmente, buscar uma melhor qualidade de vida e uma maior socialização, competindo com os outros e não contra os outros (Amado, 1991; Constantino, 1993; Lopes, 1989).

Se nos lembrarmos que o herói nasceu não só em virtude de sua força, mas também pela sua coragem e inteligência, devido as condições de vida de hoje, podemos ver que o herói não surge só no esporte de rendimento, mas também nos pequenos jogos e atividades lúdicas praticadas em todos os cantos do planeta. Enquanto o primeiro é consagrado pelos meios de comunicação social, o segundo muitas vezes só consegue ser visto pelo próprio herói, que dentro de suas condições, realizou feitos importantes tanto como o outro. Leonard (1999), diz que a busca do novo atleta interior passa de um ideal abstrato para uma presença viva, capaz de mudar nossa maneira de viver e de sentir.

Se tudo for feito direito, o esporte se torna algo maravilhoso, não se deixando influir por nenhuma forma tendenciosa, pode realizar feitos incríveis. De acordo com a filosofia de Espinosa, citado por Chauí (1995: 109), ele escreve em sua abertura do Tratado da Reforma do Intelecto: "*Tendo em vista que todas as causas de que me arreceava ou temia não continham em si nada de bom nem de mau senão enquanto o ânimo se deixava abalar por elas, resolvi, enfim, indagar se existia algo que fosse um bem verdadeiro e capaz de comunicar-se a todos e pelo qual unicamente, afastado tudo o mais, o ânimo fosse afetado,. mais ainda, se existia algo que, uma vez encontrado, me desse para sempre a fruição de uma alegria contínua e suprema*". E conclui em seu quinto livro de Ética: "*E com certeza há de ser árduo aquilo que raramente se encontra. Como seria possível, com efeito, se a salvação estivesse à mão e pudesse encontrar-se sem muito trabalho, que fosse negligenciado por quase todos? Mas tudo que é precioso é tão difícil quanto raro*".

Quero chegar com isso a uma historia que aconteceu em 1936, nas Olimpíadas que ficaram marcadas pelo seu lado político, da formação do Terceiro Reich de Adolf Hitler e da supremacia Ariana. Na prova do Salto em

distância, lesse Owens, um negro americano encontrava-se em dificuldades, e antes do seu terceiro e último salto da qualificação, ainda não havia atingido a marca necessária. Foi neste momento em que um alemão, loiro e ariano, chamado Luz Long, encostou no ombro de lesse e se apresentou. Na frente de Hitler, deu alguns conselhos do que ele deveria fazer em seu último salto. Owens ouviu e conseguiu sua qualificação, sendo Medalha de Ouro no dia seguinte. Se tornaram amigos antes do fim dos Jogos. Long lhe mostrou sua cidade, Berlim, e continuaram se correspondendo freqüentemente até que a Segunda Grande Guerra os separassem. Long serviu no norte da África e uma semana antes de morrer, escreveu para Jesse Owens: *"Meu coração diz que para lhe ser sincero, esta deve ser a última carta que escrevo. Se for, te peço que vá a Alemanha quando a Guerra acabar. Algum dia, procure meu filho, Karl, e conte-lhe sobre seu pai. Diga a ela, Jesse, sobre o tempo em que não fomos separados pela guerra. Diga a ele como as coisas podem ser feitas entre o homens neste planeta "*. Long nunca encontrou seu filho, mas Jesse foi a Berlim e se tomou amigo de Karl, e pagou por sua educação, aproximadamente 18 anos depois, os filhos de escravos e donos de escravos estavam andando juntos como irmãos, tal como o sonho de Martin Luther King (Mallon, 1996).

O herói transcende ao atleta.

Referências bibliográficas

- AMADO, L. B. N. (1991). Desporto e sociedade. **Horizonte**, V. 8, N. 45, p. 83-7.
- ARCHER, M. S. (1994). **Teoria, Cultura e Sociedade Pós-industrial**. In: FEA THERSTONE, M. (coord.) **Cultura Global: nacionalismo, globalização e modernidade**. Petrópolis, Vozes.
- BARATA, N. P.; CASTILLO, J. M. (1998). **Espacio y Tiempo en el Deporte**. In: FERRANDO, M. G.; BARATA, N. P.; OTERO, F. L. **Sociología dei Deporte**. Barcelona, Alianza Editorial.
- BARROW, H. M.; BROWN, J. P. (1988). **Man and Movement - Principles of Physical Education**. Philadelphia, Leo & Febiger.
- CAMPBELL, J. (s/d) **O Herói de Mil Faces**. São Paulo, Cultrix.
- CARVALHO, J. C. P. (1998). **Imaginário e Mitologia: hermenêutica dos símbolos e estórias da vida**. Londrina, UEL.
- CASTORIADIS, C. (1982). **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro, Paz e terra.

CASTORIADIS, C. (1999). **Feito e a Ser Feito: as Encruzilhadas do Labirinto** - V. Rio de Janeiro, DP&A.

CHAUÍ, M. (1995). **A alma idéia do corpo**. In: JUNQUEIRA F., L. C. U. (org.) **Corpo-Mente: uma fronteira móvel**. São Paulo, Casa do Psicólogo.

CONSTANTINO, J. M. (1990). Reflexões em torno do valor cultural e ético do espectáculo desportivo. **Horizonte**. V. 6, N. 35, p. 167-172.

CONSTANTINO, J. M. (1992). O desporto e a comunicação social. **Horizonte**. V. 8, N. 48, p. 203-8.

CONSTANTINO, J. M. (1993). O cidadão e o desporto - novas tendências no desporto actual. **Horizonte**. V. 9, N. 54, p. 205-210.

CORDNER, C. (1988). Differences between sport and art. **Journal of the Philosophy of Sport**. V. 15, p. 31-47.

COSTA, A. S. (1991). Corpo e Mito. **Horizonte**. V. 8, N. 43, p. 23-6.

DURAND, G. (2002). **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. São Paulo, Martins Fontes.

ELIAS, N. (1995). **La Gênese dei Deporte como Problema Sociológico**. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **Deporte y Ocio en el Proceso de la Civilización**. México, Fondo de Cultura Económica.

FROMM, E. (1977). **O Medo à Liberdade**. Rio de Janeiro, Zahar.

GAARDER, J. (1995). **O Mundo de Sofia**. São Paulo, Companhia das Letras.

GEBARA, A. (s/d). Tempo na construção do objeto de estudo da história do Esporte, do Lazer e da Educação Física. p. 175-189.

GIDDENS, A. (1991). **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo, Unesp.

GODOY, L. (1996). **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga**. São Paulo, Nova Alexandria.

GONZÁLEZ, J. I. B. (s/d). **Introducción**. In: BROHM, J. M.; BOURDIEU, P.; DUNNING, E.; HARGREAVES, J.; TODD, T.; YOUNG, K. **Materiales de Sociología dei Deporte**. La Piqueta.

JABLE, J. T.; WIGGINS, D. K. (1996). The modern Olympic Games: new interpretations and perspectives. **Research Quarterly for exercise and Sport**. V. 67, N. 2, p. 119-120.

LEONARD, G. (1999). **O Atleta dos Atletas**. São Paulo, Summus.

LOPES, V. P. (1989). O desporto na sociedade actual. **Horizonte**, V. 6, N. 34, p. 137- 142.

MALLON, W. (1996). Medical miracles of the Olympic Games. **The American Journal of Sports Medicine**. V. 24, N. 6, p. s-61-3.

MARQUES, A. (2000). O desporto contra o desporto. **Revista da Faculdade de Educação Física da Universidade do Amazonas**. V. 1, N. 1, p. 29-35.

RUBIO, K. (2001). **O Atleta e o Mito do Herói**. São Paulo, Casa do Psicólogo.

SAGAN, C. (1988). Da flecha à bola. **Superinteressante**. V. 2, N. 8.

SANTOS, L. C. T. (1997). A atividade física e a construção da corporeidade na Grécia antiga. **Revista da Educação Física/ UEM**. N. 8, V. 1, p. 73-7.

SIFF, M. C. (1994). Bigger, Faster, Stronger? **Fitness and Sports Review International**. V. 29. N. 1, p. 23-5.

THOMPSON, J. B. (2000). **Ideologia e Cultura Moderna**. Petrópolis, Vozes.

LEVEL UP DOS JOGOS OLÍMPICOS COM E-SPORTS

Gabriel Almeida Savonitti

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Brasil)

Katia Rubio

Universidade de São Paulo (Brasil)

Resumo

O esporte é um fenômeno humano que se manifesta em diferentes grupos sociais ao redor do planeta apresenta as especificidades de cada cultura. A inclusão e exclusão de modalidades passa por um intenso debate que levam em consideração a dispersão geográfica, a massificação e, mais recentemente, os interesses comerciais. Este trabalho tem por objetivo identificar a definição de E-sports seu entendimento como esporte, argumentos que definirão seu ingresso no programa olímpico. Para tanto foi realizada uma revisão da literatura com o intuito de mapear os argumentos a favor e contra e de sua inclusão no programa olímpico. A totalidade dos estudos indica a existência de semelhanças entre os esportes tradicionais e olímpicos e os E-sports, porém há ainda grandes barreiras a serem superadas, que passam pela conceituação do que é esporte, para a sua entrada no programa olímpico. O artigo conclui que há inúmeros indícios de que os E-sports entrem nos Jogos Olímpicos dada a sua grande aceitação pelo público e também os interesses comerciais que envolvem essa nova modalidade de jogo.

Palavras-chave: E-sport, olimpíadas, Games.

El imaginario deportivo y cultura contemporánea

Resumen

El deporte es un fenómeno humano que se manifiesta en diferentes grupos sociales alrededor del planeta presentando las especificidades de cada cultura. La inclusión y exclusión de modalidades pasa por un intenso debate que tiene en cuenta la dispersión geográfica, la masificación y, más recientemente, los intereses comerciales. Este trabajo tiene por objetivo identificar la definición de E-sports su entendimiento como deporte, argumentos que definir su ingreso en el programa olímpico. Para ello se realizó una revisión de la literatura con el propósito de mapear los argumentos a favor y en contra y de su inclusión en el programa olímpico. La totalidad de los estudios indica la existencia de similitudes entre los deportes tradicionales y olímpicos y los E-sports, pero todavía hay grandes barreras a ser superadas, que pasan por la conceptualización de lo que es deporte, para su entrada en el programa olímpico. El artículo concluye que hay innumerables indicios de que los E-sports entren en los Juegos Olímpicos dada su gran aceptación por el público y también los intereses comerciales que envuelven esa nueva modalidad de juego.

Palabras clave: E-sports, Juegos Olímpicos, Games.

The sportive imaginary and contemporary culture

Abstract

Sport is a human phenomenon manifested in different social groups around the planet presenting the specificities of each culture. The inclusion and exclusion of modalities is an intense debate that takes into account geographical dispersion, massification and, more recently, commercial interests. This work aims to identify the definition of E-sports its understanding as sport, arguments that will define its entry into the Olympic program. For this, a review of the literature was carried out in order to map the arguments for and against and their inclusion in the Olympic program. The totality of the studies indicates the existence of similarities between traditional and Olympic sports and E-sports, but there are still great barriers to be overcome, from conceptualizing what is sport to entering the Olympic program. The article concludes that there are numerous indications that E-sports enter the Olympic Games given their wide acceptance by the public and also the commercial interests involved in this new mode of play.

Keywords: E-sports, Olímpics, Games.

Introdução

O esporte contemporâneo é um fenômeno humano que se manifesta em diferentes grupos sociais ao redor do planeta e nele se apresentam as especificidades de cada cultura. Conforme Rubio (2001) O esporte moderno resultou de um processo de esportivização da cultura corporal de movimento das classes populares inglesas, cujos exemplos mais citados são os inúmeros jogos com bola, e também de elementos da cultura corporal de movimento, principalmente da sociedade inglesa.

Considerado um dos principais fenômenos sociais e uma das maiores instituições do planeta, o esporte reflete a forma como a sociedade se organiza, espelha diferenças e se tornou um dos principais elementos da indústria cultural contemporânea, foco dos meios de comunicação de massa (Rubio, 2002). Nessa mesma direção Michaluk (2012) afirma que o esporte é uma parte importante e integral da cultura moderna, assim as mudanças no esporte são um reflexo de mudanças sociais que ocorrem em um determinado momento histórico. Essa relação com o lugar e o contexto em que o esporte se manifesta aponta para possíveis e necessários avanços como as práticas para

peças com deficiências, a partir de um esforço consciente da sociedade moderna para proporcionar inclusão.

Entendido também como “uma atividade competitiva institucionalizada que envolve esforço físico vigoroso ou o uso de habilidades motoras relativamente complexas, por indivíduos, cuja participação é motivada por uma combinação de fatores intrínsecos e extrínsecos” (Barbanti, 2006, p. 57) o esporte é no entendimento de Lovisolo mais que técnica e busca pela vitória. O esporte “é também lugar de reconhecer que quando perdemos, aprendemos e crescemos se conversarmos, se formos compassivos, se tivermos piedade de nós e dos outros” (Lovisolo, 2011, p. 114). Na vertente pedagógica Rangel e Betti (1997) o esporte é uma ação social institucionalizada, convencionalmente regrada, que se desenvolve com base lúdica, em forma de competição entre duas ou mais partes oponentes ou contra a natureza, cujo objetivo é, através de uma comparação de desempenhos, designar o vencedor ou registrar o recorde, e pode ser um meio efetivo de educação, desde que o professor assim o transforme. Bezerra (2017) entende que o esporte passa pelo crivo do tempo, levando ao surgimento de algumas novas modalidades e à extinção de outras. E, da mesma forma que surgiram os esportes com bola na Inglaterra do Séc. XIX, o esporte contemporâneo se desenvolve junto com a tecnologia.

Utilizado como prática cultural, social ou pedagógica, fato é que o esporte suscitou organizações como clubes, federações esportivas e os Jogos Olímpicos.

O Movimento Olímpico moderno nasceu pautado no modelo grego e foi organizado com a preocupação de universalizar a prática esportiva, entendida por Pierre de Coubertin como um bem da humanidade. Educador, pensador e historiador Coubertin se empenhou na reorganização dos Jogos Olímpicos tentando valorizar os aspectos pedagógicos do esporte. Mais do que assistir a conquista de marcas e quebra de recordes pensava valorizar a competição leal e sadia, o culto ao corpo e à atividade física, entendendo que essa era uma forma de se buscar a paz. O que se observa ao longo do século XX é que os Jogos Olímpicos se tornaram um dos maiores eventos do planeta e sofreu

profundas transformações ao longo dos anos. De uma prática amadora a um fenômeno profissional complexo os Jogos Olímpicos são na atualidade um evento de visibilidade planetária capaz de promover tendências e valores. Para tanto, as modalidades disputadas tanto nos Jogos Olímpicos de Verão, como no de Inverno, são escolhidas em função de sua popularidade e interesses comerciais, bem como adequação aos meios de comunicação, uma vez que as competições estão diretamente associadas à visibilidade proporcionada pela televisão e às mídias recentes.

É nesse contexto que surge a discussão sobre a inclusão dos esportes eletrônicos nos Jogos Olímpicos. Conforme Savonitti e Nishida (2017) a popularização da abordagem competitiva e espetacularização dos videogames no século 21 levou a criação de uma discussão sobre se tal prática pode ser considerada um esporte e se seus praticantes são de fato atletas. O termo “E-sport” foi criado para se referir a modalidades competitivas de videogames e todo o conjunto do fenômeno que atrai milhões de espectadores e oferece recompensas milionárias anualmente. Os primeiros videogames registrados foram criados na década de 1950 como ferramentas para cálculos balísticos militares. Na década de 1980, com o lançamento do Nintendo Entertainment System, surgiram jogos com conotações mais afetivas, levando à criação de personagens como Mario Bros e, determinando a criação de personagens e histórias com contexto mais complexos sem interferir na dinâmica do jogo. Nessa mesma época foram lançados jogos categorizados como Role Playing Games (RPGs), nos quais o jogador vive a história sob a perspectiva do herói, mudando a interação gráfica com mapas, percursos e auxílio de textos cuja finalidade é contar uma história com começo, meio e fim. Com a crescente inserção de narrativa aos jogos, torna-se necessário o equilíbrio da dificuldade no momento em que pessoas com níveis de habilidade distintos precisam superar o mesmo desafio para progredir ainda que seus objetivos sejam diferentes, ou seja, a razão de ser de um jogo eletrônico está na competição consigo mesmo ou contra um adversário.

Sabe-se que para uma modalidade se tornar olímpica é necessário estar formalmente organizada em um sistema que envolve uma federação

internacional, que agrega as federações nacionais às quais os atletas estão afiliados. Precisa ser praticado em pelo menos 75 países de 4 continentes, para homens, e 40 países de 3 continentes para mulheres, ou seja, essa regra sugere que as competições realizadas em Jogos Olímpicos sejam praticadas e reconhecidas pelo público. Na atualidade, para que uma nova modalidade ingresse no programa olímpico é necessário que saia alguma já existente. Esse sistema estrutura e sustenta o Comitê Olímpico Internacional.

A popularidade alcançada com os jogos eletrônicos realizados em tempo real e a dedicação de seus jogadores tanto às estratégias de jogo como em sua preparação física pessoal para suportar as muitas horas de treino e competições desencadeou uma discussão no meio olímpico sobre a inclusão dessa modalidade no programa olímpico. A discussão caminha com velocidade, e em abril de 2018 várias competições de games foram incluídas na programação oficial dos Jogos Asiáticos de 2022, a serem realizados em Hangzhou (China).

Metodologia:

Foi realizada uma revisão de literatura para identificar os argumentos relacionados com a entrada dos E-sports nas olimpíadas. Para tanto foram utilizadas como fonte para a pesquisa o Google Acadêmico com o período da busca sendo entre 2012 e 2018. O critério geral de buscas foi: Jogos eletrônicos em competições e os esportes (E-sport olimpíadas). Nesse sentido, foi utilizada a seguinte querie: tudonotítulo: "E-sport" OR "E-sports" OR "Esporte Eletrônico" OR "Esportes Eletrônicos" OR "Electronic Sports" OR "Electronic Sport". Os critérios de exclusão utilizados foram: material sem foco na discussão sobre semelhanças e diferenças entre o esporte e E-sport e uso apenas de material com muitas referências. Foram utilizados apenas os estudos nas línguas inglesa, espanhola e portuguesa.

Foram encontrados 9 textos, um breve resumo foi feito separando as informações encontradas nos textos e agrupando os textos por pontos semelhantes ou divergentes encontrados entre os E-sports e os esportes tradicionais ou os problemas para classificação dos E-sports como um esporte.

Foi redigido um resumo dos argumentos a favor ou contra encontrados e suas falhas ou problemas. Estes resumos foram então comparados, resultando na discussão e conclusão do artigo.

Discussão:

Assim como a definição de esporte envolve controvérsia o entendimento dos E-sports como esporte também o é. Destacam-se da literatura 4 grandes questões, a saber: “Por que não é um esporte?”, “Por que não é parecido com esporte?”, “aspectos diferentes” e “problemas a serem solucionados” estes argumentos terão suas informações resumidas aqui:

- Por que não é um esporte?

Este primeiro aspecto foi dividido em dois pontos, para que possamos tratar diferentes argumentos em relação a aceitação dos E-sports como um esporte. Essa primeira trata da discussão dentro das definições do que é o esporte, e a dúvida de que o E-sport se assemelhe a esse, não podendo assim fazer parte de sua categoria. A partir das definições apresentadas, Barbanti (2006), Bezerra (2017) e Michaluk (2012) mostram, que o esporte sofre as mudanças causadas pela tecnologia e oferecem as bases para mostrar que o E-sport é muito mais do que apenas um jogo, que o jogador necessita de habilidade motoras refinadas e reflexos apurados.

Voltando as origens dos jogos e as mudanças ocorridas ao longo da historia Bezerra (2017) também faz uma análise de todo o contexto que cerca os esportes, em diferentes épocas (Grécia, Grécia + esporte moderno, esporte moderno + E-sport e E-sport) com esta, diz que: “o conceito geral do esporte se modifica junto a cultura, acompanhando a evolução tecnológica e se reinventando ao longo das eras (...)” alguns elementos são preservados no entanto; Cultura, competição, entretenimento e o espetáculo (que são encontrados no E-sport) sendo assim a de se considerar que as características semelhantes agregam os esportes já as condições divergentes podem ser retratadas como um “fenômeno esportivo” de cada época. Entre as definições de esporte, é possível também ver aspectos relacionados aos E-sports.

Jonasson e Thiborg (2012) baseiam-se no conceito de esporte de Guttmann (1978) para afirmar que os E-sports estão em um processo de amadurecimento, chegando cada vez mais perto dos esportes modernos, e já podem ser considerados conforme García e López (2016) *mind games*, como xadrez e go (considerados esportes) que já tem uma regulamentação esportiva. Os autores apontam ainda que outros E-sports precisam de uma regulamentação diferente, pois não podem ser tratados exatamente como os esportes tradicionais. Stefani (2017) apresenta o mesmo argumento da necessidade de sua diferenciação dos demais esportes, complementando que as listas dos esportes reconhecidos como olímpicos, tem mudado nos últimos anos, bem como esportes voltados à recreação como o skate, o surf e a escalada passaram a ser considerados olímpicos. O autor conclui apontando uma grande chance de inclusão dos E-sports nos Jogos Olímpicos nos próximos anos, pelos padrões vistos nos últimos anos. Na especulação sobre o futuro Miah (2016) acredita que ocorrerão grandes mudanças no futuro dos esportes e Jogos Olímpicos com a expansão dos E-sports e sua evolução tecnológica, dos próprios jogos, e também do modo como são transmitidos, vistos, e pesquisados/procurados.

- Por que não é parecido com esporte?

Diversos autores vêm similaridades entre o esporte e os E-sports (Kazuo, 2004; Miah, 2016; Stefani, 2017). Pela imaturidade do E-sport em relação ao esporte tradicional, vê-se que os números, não são próximos, mas o crescimento espetacular desse fenômeno ao longo dos últimos anos aponta para uma presença inegável dessa nova modalidade de competição, que passa pela necessária presença do atleta, a razão de ser do jogo.

A carreira competitiva tanto no esporte convencional ou no olímpico leva a atleta a buscar métodos de treinos, jogando e praticando jogadas, jogos amistosos contra outros times profissionais, acompanhamento de jogos dos adversários para estudo de suas estratégias e tempos de treino diário semelhantes. As grandes competições envolvem uma estrutura que se assemelha aos grandes eventos, e conta com equipes profissionais

competindo, times e marcas, patrocínios e venda de merchandising ao longo de semanas de duração e premiações milionárias. Observa-se no E-Sport a idolização dos astros, com milhares de fãs que vão aos estádios para torcer por seus times, além das transmissões em tempo real que somam mais de um bilhão de espectadores, com transmissão em massa via internet e tv. A mídia especializada já se ocupa de acompanhar o cotidiano de treinos, mostrando onde os jogadores moram e como são suas rotinas. A atividade física tornou-se parte dessa rotina pois ela condiciona o atleta para suportar a coordenação olho-mão e reflexos. O reconhecimento social dos atletas já os projetam à condição de celebridades e a resposta a essa situação pode ser observada nos contratos e em benefícios como bolsas de estudos por seus desempenhos. (Kazuo, 2014)

Na mesma linha de pensamento Lievetmursu (2018) apresenta as semelhanças entre ambos analisando o trabalho mental dos atletas para evitar perda de foco, negatividade e suportar a pressão das competições. Aponta que os salários variam conforme o sucesso do atleta, podendo chegar a negociações milionárias entre times. Na fase pós-carreira muitos desses atletas permanecem dentro do cenário esportivo como comentaristas, treinadores, etc. Ainda dentro das semelhanças Jeon, Lewis e Maurer (2012) com base nos estudos de Tyler (1973) e Engels, Granic e Lobel (2014) apresentam os benefícios físicos, mentais e sociais causados pelos E-sports a partir de um estudo que correlaciona horas jogando um videogame com melhora de catarata e um aumento na capacidade cognitiva, relacionada à capacidade espacial do jogador além de melhora nos comportamentos sociais aprendidos nos jogos e utilizados fora deles. Vale destacar que os jogos utilizados dentro destas pesquisas não são os mesmos jogos competitivos considerados E-sports de sucesso.

Um ponto sempre visto dentro da discussão de E-sports como esportes é sedentarismo. Bezerra (2017) com seu estudo mostra que não há como fazer uma separação entre corpo e mente para afirmar que não há movimento, para quem não conhece a atividade, algo que parece menor e mais “simples” pode ser algo grandioso como o drible de um jogador de futebol que necessita de

muito raciocínio para encontrar o melhor caminho e movimento para essa ação. O jogador de E-sport precisa de um olhar atento e uma interpretação visual rápida para ter a resposta manual veloz para o que está acontecendo no jogo.

Aspectos diferentes:

Uma questão central para o esporte convencional refere-se a lesões. Os dados de Kazuo (2014) apontam que existe uma diferença muito grande entre o número de lesões que atletas de esportes tradicionais e E-Sports. Usa como exemplo a liga de futebol inglesa apontando um total de 69 lesões em novembro de 2014, enquanto que entre os atletas de E-sport foram registradas apenas 2 lesões durante todo o tempo de sua pesquisa. Ainda assim Kazuo lembra que os dados do E-sports são todos muito novos, e seus atletas também, não tendo assim uma grande quantidade de dados para análise.

Ainda em relação aos aspectos físicos Lievetmurso (2018) destaca uma questão fundamental entre competições, uma vez que no E-sports não há a necessidade de presença física local, como ocorre nos esportes tradicionais. Porém, na atualidade, todas as grandes competições têm como obrigatória a presença física dos atletas competidores de cada equipe, uma vez que esse se tornou o momento maior do espetáculo. K. Jonasson e J. Thiborg (2012) apontam que para o E-sport também é usado como forma de desenvolver resiliência para grandes competições que exigem foco e atenção por longos períodos de tempo.

Problemas a serem solucionados:

Quais seriam então as dificuldades para a entrada dos E-sports nos Jogos Olímpicos? Abanazir (2018) apresenta 3 pontos importantes: o primeiro, é a inexistência de instituições aos moldes de confederações, que regulem o jogo e a prática dos atletas. As associações regulamentadoras são novas e a mais bem-sucedida é a KeSPA (Korea E-sports Association) da Coreia do Sul, que regulamenta times e campeonatos, porém restrita ao país. Isso

desencadeia o segundo problema (Kazuo, 2014), que é a regulamentação dos jogos, propriedade das produtoras que detêm os direitos autorais, que podem alterar sua dinâmica e regras conforme sua conveniência, interferindo diretamente na dinâmica dos jogadores e equipes que têm que se adequar às mudanças. O terceiro problema reside no fato dos jogos eletrônicos sofrerem com as flutuações da popularidade do jogo, fator determinante para a manutenção de patrocinadores e competições, como foi o caso de Starcraft, um dos primeiros E-sports. Essa instabilidade/liquidez dos E-sports dificulta sua aceitação como um esporte tradicional.

Considerações Finais

Esse mapeamento inicial da literatura sobre a inclusão dos E-sports no programa olímpico, indica que pelo crescimento nos últimos anos do fenômeno E-sports em todos os aspectos, sejam eles massificação, visibilidade, viabilidade econômica, público e jogadores, além de suas semelhanças com os esportes tradicionais, não são ainda suficientes para sua aceitação como modalidade olímpica. Mesmo o crescimento em escala global dos jogos e o entendimento de que o jogador de E-sports precisa de tanta dedicação quanto o atleta de esportes tradicionais não são argumentos suficientes para a inclusão dos esportes eletrônicos.

A mesma tecnologia utilizada na preparação de atletas e no desenvolvimento das modalidades tradicionais são a razão de ser dos E-sports, porém com outra roupagem e linguagem. As questões identificadas neste trabalho trazem com seus argumentos e informações, um outro olhar para as questões e definições já conhecidas pelos estudiosos da área, abrindo assim novos caminhos para as pesquisas futuras.

Referências

BARBANTI, V. J. (2006). O que é esporte? **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, v. 2, p. 54-58.

BEZERRA, T. M. (2017). **Esporte: do Olimpo até as telas**. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Educação Física. Natal, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

ABANAZIR, C. (2018). Institutionalisation in E-sports, Sport, Ethics and Philosophy, **Taylor & Francis Group**, 2018.

ENGELS, R. C. M. E.; GRANIC, I.; LOBEL, A. (2014). The Benefits of Playing Video Games. **American Psychological Association**. Disponível em: <https://www.apa.org/pubs/journals/releases/amp-a0034857.pdf>. Acesso em: 15/07/2018.

GARCÍA, E. G.; LÓPEZ, J. C. T. (2016). **E-sports como modalidade de deporte**. In: Congreso Español de Sociología, 12., 2016, Gijón, Espanha. 2016. Disponível em: <http://www.fes-sociologia.com/files/congress/12/papers/3984.pdf>. Acesso em: 15/07/2018

GUTTMANN, A. (1978). **From Ritual to Record**: The Nature of Modern Sports. New York: Columbia University Press

JEON, S. T.; LEWIS, T. L.; MAURER, D. (2012). The Effect of Video Game Training on the Vision of Adults with Bilateral Deprivation of Amblyopia. **Seeing and Perceiving**. Disponível em: http://psych.mcmaster.ca/maurerlab/Publications/Jeon_VideoGames.pdf. Acesso em: 15/07/2018.

JONASSON, K.; THIBORG, J. (2010). Eletronic sport and tis impacto in future sport. **Sport in Society**. Vol. 13, No. 2, mar. 2010, 287-299.

KARAKUS, E. C. (2015). **Comparing traditional sports and electronic sports**. tese de doutorado (Ciências da Computação) Departamento de Ciências da Computação. University of Illinois em Urbana-Champaign, 2015.

KAZUO S. P. O. (2014). **Videogame como esporte: Uma comparação entre esportes eletrônicos e esportes tradicionais**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação). Distrito Federal. Universidade de Brasília.

LIEVETMURSO, M. (2018). **A comparison between professional traditional sports and electronic sports**. Trabalho de Conclusão de Curso (Business Information Technology) - Oulu University of Applied Sciences, Oulu, Finlandia, 2018.

LOVISOLO, H. (2011). Mediação: esporte rendimento e esporte da escola. **Movimento**. P. 107-118.

MICHALUK, T. (2012). Changes in the meaning of physicality in modern sport - from disabled sports to E-sport. **Physiotherapy / Fizjoterapia**. Vol. 20, No. 1, p64-70. 2012.

RANGEL-BETTI, I. C. (1997). Reflexões a respeito da utilização do esporte como meio educativo na educação física escolar. **Revista Kinesis**, Santa Maria, n. 15, 37-43.

RUBIO, K. (2001). **O atleta e o mito do herói**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

RUBIO, K. (2002). Do olimpo ao pós-Olimpismo: Elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. **Revista paulista de Educação Física**, São Paulo, 16(2): 130-43, jul./dez.

SAVONITTI, G.; NISHIDA, T. (2017). O Mito e os Jogos eletrônicos. In.: K. Rubio (org.) **Esporte em mito**. São Paulo: Laços.

TYLER, S. (1973). **Adolescent Crisis: Sport Participation for the Female**. American Association for Health, Physical Education, and Recreation.

Disponível em: <http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED086687.pdf#page=32>.
Acesso em: 5 nov de 2018.

REVISITANDO A QUESTÃO DA RAÇA: POR UMA 'CRÍTICA DA RAZÃO NEGRA' NO ESPORTE BRASILEIRO

Neilton Ferreira Junior

Katia Rubio
Universidade de São Paulo (Brasil)

Resumo

A presença massiva e bem-sucedida dos negros no esporte é comumente concebida como evidência - ou pelo menos indicador - de uma "seleção natural" baseada em diferenças e especificidades fenotípicas que justificam assim a discriminação. Mas antes de se constituir um mecanismo orientador de racionalidades e hierarquias sociais, a *raça* é uma estrutura do imaginário humano, também compreendida por seus estudiosos contemporâneos como delírio coletivo: ponto de partida da substantivação do homem africano, da própria África e do confinamento de negros e brancos a uma relação baseada em predefinições do caráter biológico, cognitivo, moral e espiritual de ambos. Desconstruir tal estrutura não é tarefa simples, pois significa *descer* aos alicerces imagéticos, teológicos e pré-científicos mediante os quais o pensamento ocidental exerceu domínio sobre a alma e o corpo negro, determinando qual o seu lugar e destino no processo civilizatório, na democracia, bem como no esporte. A presente pesquisa tem por objetivo visitar a questão da raça e do "Negro" no esporte, partindo da *crítica da razão negra* proposta pelo filósofo camaronês Achille Mbembe e do diálogo com a trajetória de atletas negros e negras olímpicos. A *narrativa biográfica de atletas olímpicos brasileiros* compreende a base teórico-metodológica desta investigação e o caminho através do qual se propõe uma alternativa crítica à ciência das relações raciais no esporte que considere as subjetividades (o *que é ser e o que quer o homem Negro no e com o esporte*) como ponto de partida da construção do conhecimento. A presente contribuição se insere num plano

de ampliação das possibilidades de leitura do imaginário esportivo brasileiro contemporâneo que considera especialmente as dimensões antropológicas e sócio-históricas que o atravessam e que em grande medida determinam o estado das relações étnico-raciais no esporte brasileiro.

Palavras-chave: Raça, Negro, Narrativas de Atletas Olímpicos Brasileiros

Referências Bibliográficas

- MBEMBE, A. (2017). **Crítica da razão negra**. Ed. Antígona, Lisboa.
- FANON, F. (2008). **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA
- FERREIRA JUNIOR, N. S. (2017). O herói de rosto africano e o atleta olímpico negro. In: RUBIO, K. (Org.) **Esporte e Mito**. São Paulo: Laços.
- RUBIO, Kátia. (2007) **O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

EDUCAÇÃO OLÍMPICA - UMA PROPOSTA PARA SIGNIFICAR ESPORTE E EDUCAÇÃO

Maria Alice Zimmermann
Universidade de São Paulo (Brasil)

Natália Kohatsu Quintilio
Universidade de São Paulo (Brasil)

Julio Cezar Fetter
Universidade de São Paulo (Brasil)

Juliana Marconi
Universidade de São Paulo (Brasil)

Carlos Rey Perez
Universidade de São Paulo (Brasil)

Ivan Sant'Ana Rabelo
Universidade de São Paulo (Brasil)

Vinicius Souza
Universidade de São Paulo (Brasil)

Katia Rubio
Universidade de São Paulo (Brasil)

Resumo

Desde a sua criação, o esporte olímpico foi pensado e utilizado para além da mera promoção da competição. A idealização dos Jogos Olímpicos, por Pierre de Coubertin, propôs metas e atitudes que constituem o chamado "espírito olímpico", tratando não apenas da dimensão física, mas dos aspectos morais, emocionais e atitudinais, ligado aos valores e ao ideal do Olimpismo. Pierre de Coubertin enfatizou, desde o princípio do Movimento Olímpico, a dimensão espiritual e de valores, que constituem os alicerces do esporte moderno e da Educação Olímpica (EO). Para as instituições que cercam os Jogos Olímpicos, o desenvolvimento desses valores para a educação e, conseqüentemente, para a sociedade, é fundamental. Coubertin acreditava que a aproximação das

manifestações esportivas com um imaginário heroico impulsionaria a inserção do esporte como meio pedagógico. Desta maneira, a EO torna-se uma possibilidade pedagógica interdisciplinar ao apresentar os conteúdos do universo do Movimento Olímpico, como sua história e seus valores, os símbolos olímpicos, o multiculturalismo, o meio ambiente e a sustentabilidade, a igualdade de gênero e o doping, as histórias de vida dos atletas olímpicos brasileiros, a importância educacional, cultural e social. Sendo assim, o caminho a ser trilhado através da EO valoriza os aspectos pedagógicos do esporte e desconstrói a imagem de que o esporte é excludente. Essa proposta vai ao encontro com as bases filosóficas do Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que privilegia a educação integral dos estudantes com a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, cujas competências englobam a empatia e a cooperação, o pensamento crítico e criativo e a autonomia. Ao se compreender a avaliação como item fundamental nos processos pedagógicos, propõe-se a aplicação da Escala de Educação e Valores Olímpicos (EEVO-36), que avalia a percepção de alunos e professores a respeito da prática esportiva e, sobretudo dos valores humanos, não só no contexto olímpico mas, também, no contexto esportivo escolar e, no limite, no cotidiano dos alunos, buscando referendar algo que muitas vezes fica somente numa análise subjetiva. Conclui-se que, disseminar e discutir o significado dos valores olímpicos, esportivos e humanos no cotidiano dos atores do contexto escolar, tornou-se fundamental frente às questões do imaginário que estas práticas colocam, tornando-se objetivo, discussão e consumo de grande parcela dos estudantes. Reforça-se, ainda, o crescente número de instituições, governamentais ou não, preocupadas em fazer uso do esporte de alguma maneira, seja social, educativa, financeira etc., para a melhoria da qualidade de vida das crianças, jovens e de toda a comunidade.

Palavras-chave: Educação Olímpica; Base Nacional Comum Curricular; Escala de Educação e Valores Olímpicos.

EIXO TEMÁTICO 13: ESPORTE, ÓCIO E LAZER

O LAZER COMO FERRAMENTA PARA A SOCIALIZAÇÃO

Pedro Henrique Miranda

Universidade Estadual de Maringá (Brasil)

Resumo

O indivíduo é um ser sociável. Por essa razão, ao longo do seu desenvolvimento, passa por fases/estágios de socialização, que contribuem para o progresso do seu desenvolvimento cognitivo e inserção socio comunitária. Diversos agentes fazem parte do processo de socialização, dentre eles a família, escola, relacionamentos fraternos e meios de comunicação. Apesar da importância desses, a pesquisa em questão propõe a análise do lazer como agente e mecanismo eficaz no processo de socialização do indivíduo. Pode-se concluir, por via do método dedutivo crítico, com pesquisa bibliográfica, que o lazer auxilia no desenvolvimento da comunicação, aceitação do outro e apreensão de regras e princípios sociais.

Palavras-chave: Indivíduo; lazer; socialização.

El ocio como herramienta para la socialización

Resumen

El individuo es un ser sociable. Por esta razón, a lo largo de su desarrollo, pasa por fases/etapas de socialización, que contribuyen al progreso de su desarrollo cognitivo e inserción socio comunitaria. Diversos agentes forman parte del proceso de socialización, entre ellos la familia, escuela, relaciones fraternas y medios de comunicación. A pesar de su importancia, la investigación en cuestión propone el análisis del ocio como agente y mecanismo eficaz en el proceso de socialización del individuo. Se puede concluir, a través del método deductivo crítico, con investigación bibliográfica, que el ocio auxilia en el desarrollo de la comunicación, aceptación del otro y aprehensión de reglas y principios sociales.

Palabras clave: Individuo, ocio, socialización.

Leisure as a tool for socialization

Abstract

The individual is a social being. For this reason, throughout its development, it goes through stages of socialization, which contribute to the progress of its cognitive development and socio-community insertion. Several agents are part of the process of socialization, among them family, school, fraternal relationships and the media. Despite the importance of these, the research in question proposes the analysis of leisure as agent and effective mechanism in the process of socialization of the individual. One can conclude, through the

critical deductive method, with bibliographical research, that leisure helps in the development of communication, acceptance of the other and apprehension of social rules and principles.

Keywords: Individual; recreation; socialization.

Introdução

O desenvolvimento social e o progresso do capitalismo contribuíram para que o tempo dedicado ao descanso e ao prazer do indivíduo se tornassem cada vez breves. Nessa toada, o lazer perdeu espaço no cotidiano do indivíduo, passando a ser considerado fútil e desimportante. Equivocadamente assemelhado ao ócio, esse é ainda, por vezes, tido como um capricho do ser humano.

A análise e definição do lazer revelam, por sua vez, sua importância e as possibilidades de que esse seja utilizado não apenas com o fim em si mesmo, mas também como mecanismo para outros propósitos. Em destaque na pesquisa, o lazer será apresentado como ferramenta para a socialização do indivíduo, já que essa, apesar de ser uma tendência natural para viver em grupos, em sociedade, depende da difícil inserção social.

Diante da importância da socialização para o indivíduo e da possibilidade de utilizar o lazer como ferramenta para tanto, o trabalho apresentará, inicialmente, as concepções do lazer e suas funções tradicionais. Posteriormente, abordará questões relacionadas à socialização, apresentando concepções presentes na literatura sobre sua importância e forma de desenvolvimento. Por fim, apontará o lazer como mecanismo para a concretização da socialização do indivíduo, por meio da possibilidade desse auxiliar no desenvolvimento da comunicação humana, aceitação do outro e apreensão de regras.

A pesquisa se desenvolverá por meio do método dedutivo crítico e alcançará suas conclusões através da análise bibliográfica sobre os conceitos

de lazer a socialização. Posteriormente, após a concretização de tais concepções, concluirá sobre as contribuições do lazer para a socialização.

As funções do lazer

O conjunto de ocupações a que se submete, voluntariamente, o indivíduo, com o fito de descansar, divertir-se ou envolver-se socialmente é denominado, por Dumazedier (1974), prática de lazer. Ainda que ele adquira informações e conhecimentos por meio de tal conduta, não haverá mudança de perspectiva caso isso ocorra de maneira desinteressada. Isso decorre do fato de que o lazer está relacionado ao sentido de livre diversão, auto expressão e ao processo de recreação do indivíduo (PARKER, 1978).

O lazer é essencial para superar o apaziguamento social; afastar e curar estados de depressão e contribuir para uma sociedade menos apática. “O lazer se configura num remédio ou solução para a alienação, indicação para a harmonia social” (PADILHA, 2005, p. 03).

Para a análise das funções do lazer, a pesquisa selecionou como referencial teórico Dumazedier (1974), já que a tripartição de funções, proposta pelo autor, bem como as críticas a essa, contribui para o objeto do estudo.

A primeira das três funções estudadas pelo sociólogo é a função do descanso. O descanso seria, para o autor, a primeira forma efetiva de lazer, já que o tempo destinado à folga, ao repouso, é fundamental para a vida humana. Trata-se, ainda hoje, de um dos mecanismos para se recuperar as energias despendidas no trabalho. Sob tal perspectiva, o lazer é tratado como ócio, ou seja, a omissão no agir (DUMAZEDIER, 1974). Em profunda crítica à concepção apontada, destaca-se a impossibilidade de um lazer passivo, já que esse depende da escolha voluntária e ativa do sujeito.

Costumeiramente define-se o lazer como tempo livre, vagar ou ócio. Entretanto, mostra-se demasiadamente simplório denominar o lazer apenas com estas expressões. Cientificamente, o ócio é tido como um dos fenômenos culturais mais antigos e, conseqüentemente, dotado de diversas roupagens e

significados. Essas mudanças coincidem com os tempos, regiões e sociedades a qual ele se insere.

As primeiras menções históricas do ócio remetem a pesquisa à Grécia antiga, que o considera como originado na expressão *skholé*. A mesma expressão também origina o termo *escola*. Os gregos acreditavam que não havia outro modo de se dedicar completamente as atividades artísticas e intelectuais se não estivessem totalmente desprendidos de seus trabalhos, ou seja, nos seus momentos de ócio. O tempo destinado a essas atividades superavam aqueles destinados ao trabalho, afinal as mesmas eram tidas como tão ou até mais importantes para a vida do ser humano do que o trabalho (DE GRAZIA, 1966). Outro sentido de ócio que ganhou força foi o de folga e/ou preguiça. Esse significado desponta com a disseminação do ideal religioso e com ideias que apregoavam que o tempo não preenchido não seria bem utilizado. O não fazer nada passa a ser tratado como contra produtivo tanto espiritualmente quanto comercialmente, determinando ao ócio o sentido pejorativo que ainda se permeia fortemente entre as denominações atuais (MARCASSA, 2004).

O ócio, dentro da perspectiva de Elias e Dunning (1992), deve ser considerado como uma das utilizações do chamado tempo livre. O tempo livre é aquele dedicado às atividades que se opõem ao trabalho, mas não obrigatoriamente ao lazer. Assim, observa-se que esse tempo ainda não deve ser considerado como lazer, pois dispõe de demandas e obrigações, que ferem as premissas de liberdade e livre escolha que o lazer se enquadra (ELIAS; DUNNING, 1992).

Uma das principais características do tempo livre encontra-se no modo como o indivíduo se porta nas situações que o envolve. Há, nos momentos de trabalho, a necessidade de escolher condutas compatíveis com o grupo social que se está inserido (ELIAS; DUNNING, 1992). No tempo livre, por sua vez, as decisões são tomadas, inicialmente, de acordo com o instinto ou desejo do indivíduo, ainda que, conforme mencionam Elias e Dunning (1992), ainda haja a consideração acerca do outro, mantendo a escolha dentro de um nível socialmente aceito.

Para os autores, o lazer se demonstra como um componente do tempo livre, e este é composto de atividades de lazer e não lazer. Algumas atividades de não lazer têm características que se assemelham ao trabalho, como por exemplo, o indivíduo que tem interesse por hortas. Nesse caso ele necessita de entendimento e estudo a respeito do funcionamento, plantio e colheita e conseqüentemente desenvolve uma rotina para cuidado desta. Esta é uma situação que demonstra a categoria de não lazer que se assemelha ao trabalho, mas assim não deve ser considerado (ELIAS, DUNNING, 1992).

Outras atividades de não lazer que fazem parte do tempo livre são as atividades biológicas. Estas são caracterizadas pela vontade involuntária do corpo e pela necessidade de manter a saúde pessoal. Ainda que não se enquadrem como lazer, também não fazem parte do tempo dedicado ao trabalho (ELIAS, DUNNING, 1992).

A partir disto, pode-se concluir que o tempo livre é gênero que possui, dentre diversas espécies, o lazer e o ócio. Assim, todas as atividades de lazer são classificadas como de tempo livre, mas o contrário não é verdadeiro. Afirmar que as expressões tempo livre ou ócio são sinônimo de lazer não é correto.

Apesar de lazer e ócio não se confundirem e, conseqüentemente, não ser possível atribuir ao lazer a função de ócio, é plenamente coerente afirmar-se que o ser humano pode utilizar o lazer para o descanso. Isso porque esse último associa-se com o distanciamento do que é rotineiro e comum ao dia a dia do indivíduo. Em razão das atividades cotidianas não se relacionarem com a busca pela excitação,

A segunda função atribuída ao lazer é a do divertimento. Dumazedier (1974) analisando essa seara sugere que o lazer contribui para o divertimento, a recreação e o entretenimento. O lazer dessa forma pode ser visto como uma forma de se acabar com o tédio, a monotonia. Atividades que quando executadas e praticadas tiram as pessoas de suas preocupações profissionais, dão alívio e conferem sentimentos de liberdade, são consideradas como lazer. Esse sentido, dado por Dumazedier, traz a referência de uma busca constante pela complementação do dia-dia. A rotina exaustiva traz a necessidade de se

buscar formas paralelas de satisfação em um mundo diferente, fora do plano de trabalho diário.

Nesse viés, o lazer é compreendido como um mecanismo de alcance da excitação individual, de modo a trazer para o indivíduo prazer e satisfação. As atividades de lazer permitem que o indivíduo desfrute de sentimentos de maneira simulada que seriam desagradáveis em uma situação real. Tem-se como exemplo o medo sentido em brinquedos de parques de diversão, tristezas em filmes dramáticos e a euforia e ansiedade em partidas de futebol acirradas. Essas tensões e sentimentos são mecanismos de rompimento da rotina e das restrições que a sociedade atual impõe sobre as excitações (ELIAS; DUNNING, 1992).

A terceira função do lazer é a do desenvolvimento. O lazer pode se constituir em uma ferramenta para o integral desenvolvimento pessoal. Através do lazer é possível desenvolver aspectos do ser humano por meio da atividade lúdica, o que corrobora para o alcance do resultado. O lazer pode ser utilizado com o fim em si mesmo, mas também para o alcance de outros conhecimentos, como cultura, as habilidades motoras, habilidades cognitivas e também na promoção da socialização. O lazer tido nesse aspecto permite maior participação social e mais liberdade, já que se trata de uma prática mais despreocupada e desinteressada do corpo, da sensibilidade e da razão (DUMAZEDIER, 1974).

A função do lazer como colaborador do desenvolvimento integral do indivíduo é a que se destaca para a análise realizada na pesquisa em questão. Isso porque entende-se que esse pode ser utilizado como ferramenta contributiva para o processo de socialização do indivíduo, tema em destaque no trabalho.

A imprescindibilidade da socialização

A necessidade de relacionar-se é inerente ao ser humano. Nos primórdios, quando o cotidiano era marcado pela caça, pesca, colheita e trabalhos manuais, o homem se organizava em grupos para facilitar as

atividades diárias. Na defesa das suas tribos, assim como nas caças a grandes animais e no transporte de grandes cargas, eles também se mantinham unidos com o intuito de multiplicar a força. A ideia de se manter em grupos não derivava apenas da necessidade física. O homem percebeu, com o passar do tempo, que o companheiro era fundamental para o seu bem-estar e para a melhoria do cotidiano.

Nesse aspecto, Durkheim (1893), no estudo denominado “Consciência Coletiva”, afirma que, para tornar-se humano, as pessoas precisam se socializar, sendo capazes de aprender a cultura, os costumes e os hábitos do local onde vivem: a sua sociedade. O conceito de sociedade visto e estudado primeiramente entre os animais e plantas, teve sua introdução nas perspectivas humanas com as primeiras aglomerações humanas. Constituiu-se no grupo de indivíduos que, constatando as dificuldades da vida individual, optam por construir normas comuns que se aplicam de maneira geral e irrestrita a todos.

Uma sociedade pode ser vislumbrada em um conjunto de pessoas organizadas na forma de família, estudantes, amigos, vizinhos, moradores de uma determinada cidade, estado ou mesmo nação que compartilham propósitos, costumes, gostos ou preocupações em comum. Daí deriva a formação do homem, à medida em que ele convive com outros semelhantes. O caráter humano, a personalidade, a boa fé, os hábitos e mesmo a realização pessoal têm base na convivência, já que "em estado de isolamento social, o indivíduo não é capaz de desenvolver um comportamento humano, pois este deve ser aprendido ao longo de suas interações com os grupos sociais" (LEVY JUNIOR, 1973, p. 60).

O caminhar dos estudos a respeito do homem revela o indivíduo como insuficiente no sentido de sobrevivência, em razão da necessidade que este possui de conviver. Essa concepção refere-se ao convívio em sociedade e à necessidade do homem inserir-se no meio social por vias da socialização. Durkheim denomina “socialização” a assimilação de costumes, hábitos, linguagens e regras para que o indivíduo se torne membro de uma sociedade (DURKHEIM, 2002). Ou seja, compreende-se em um processo em que "os

indivíduos são preparados para participar dos sistemas sociais a partir da compreensão dos símbolos, dos sistemas de idéias, da linguagem e das relações que constituem os referidos sistemas" (JOHNSON, 1997, p. 169).

A socialização não é uma ação estanque, mas sim um encadeamento de eventos que permitem que o recém-nascido se torne uma pessoa autoconsciente e apta a conviver em sociedade. Esse processamento permite a multiplicação social e a formação de estruturas socio comunitárias que perduram por gerações. Ainda que transformações ocorram pelo decurso do tempo, a socialização conecta gerações, possibilitando novas experiências e novos conjuntos de relações (GIDDENS, 2012).

Todos esses fatores, hábitos, costumes e deveres, devem regular e construir a forma como o indivíduo deve agir no meio em que se insere, tornando-se apto a participar da cultura desse local. Para que isso ocorra, é necessário à ação dos agentes de socialização, ou seja, todos os grupos com os quais o indivíduo tem contato durante sua vida (JOHNSON, 1997).

A começar pela família, principal e mais influente agente socializador nos primeiros anos de vida do indivíduo, denota-se que a instrução que a pessoa adquire através do convívio familiar acaba por refletir nas outras pessoas, de modo a influenciar em todo o meio social. É através dos pais que a criança adquire a noção dos primeiros princípios da sociedade em que se insere. Apesar dessa costumeira versão social, devido ao aumento da necessidade dos pais trabalharem e pelo fato de que muitas crianças não são criadas necessariamente pela família, outro agente socializador tem ganhado destaque nesses primeiros anos da vida do indivíduo: a escola.

Em razão da ausência da família, a escola ganhou espaço como relevante agente socializador. Na escola, a criança recebe um novo conjunto de regras a serem seguidas, entra em contato com um número maior de pessoas e é incentivada a participar, conhecer, aprender e executar novas ações que na maioria das vezes não é vista no âmbito familiar. "É uma escola que ajuda as crianças a desenvolverem um conjunto de valores para toda a vida" (GIDDENS, 2012, p. 209).

Além dos agentes anteriormente citados, qualquer grupo que o ser humano tenha contato poderá ser considerado como um agente socializador. Os colegas de trabalho, os conviventes da igreja, os amigos do futebol, o companheiro(a) e todos os demais grupos sociais que fazem parte diariamente do cotidiano do indivíduo influenciam na socialização. Todos os grupos sociais possuem regras e condutas que os regem e que se tornam fundamentais para a inclusão de um novo indivíduo que pretende se inserir no grupo. A partir da integração da pessoa gera-se a socialização.

A literatura aponta a ocorrência da socialização por meio de fases ou estágios. Tais análises foram realizadas por diversos sociólogos, dentre eles Luckmann e Berger (1983) e Piaget (2003). De acordo com Luckmann e Berger (1983) a socialização pode ser didaticamente dividida entre primária e a secundária. A socialização primária ocorre quando a criança começa a assimilar idéias, regras e costumes para se viver na sociedade em que ela está inserida. Nessa fase a criança está mais propícia aos laços afetivos e devido a isso as relações formadas são unicamente sob esse aspecto. Dessa forma a família se torna o primeiro e principal agente socializador, predominando na infância do indivíduo. Durante esse período, a criança está mais sujeita aos valores e regras a ela apresentados pelas pessoas mais próximas, logo começa a criar a base de sua identidade e conseqüentemente passa a se socializar com o meio que está a sua volta.

Devido aos laços afetivos, e a confiança que a criança tem nas pessoas que lhe ensinam e lhe passam as instruções e modelos a serem seguidos em sua vida, as aprendizagens feitas nessa fase dificilmente são esquecidas ou mudadas. Crescendo em um determinado meio social e sendo influenciada cotidianamente por ele a tendência será crescer assimilando os conceitos sobre o mundo segundo a classe e o ambiente em que a criança está inserida. A visão da sociedade e do mundo de maneira geral está intimamente ligada as cargas informativas que se recebe durante a infância. Nessa fase da vida do indivíduo as idéias, crenças e opiniões estão sendo construídas e devido passasse a considerara as situações de acordo com os conceitos e princípios do local onde se está inserido (LUCKMANN; BERGER, 1983).

Já na fase secundária, de acordo com o autor, o indivíduo começa a interagir mais com outros grupos sociais e passa a receber conceitos diversos sob vários pontos de vista. A escola, a igreja, o grupo de amigos, os colegas de trabalho e o clube, todos eles são considerados grupos sociais e mostram ao indivíduo novas normas a serem seguidas naquele grupo (LUCKMANN; BERGER, 1983).

A diferença principal da socialização secundária para a primária é que os contatos afetivos na secundária são bem menores do que na primária. Os valores aprendidos são colocados em paralelo com os da fase primária. Nesse momento, esses se tornam relevantes ou não de acordo com a congruência com os aprendidos na fase anterior. Assim sendo, na fase secundária a pessoa pode variar consideravelmente de opinião e concepção com relação ao mundo ao seu redor, pois, por não serem ainda tão interiorizados e fixos, os aprendizados podem ser esquecidos ou deixados de lado com a chegada de um novo valor mais apropriado no momento (LUCKMANN; BERGER, 1983).

Piaget (2003), por sua vez, analisa a socialização por meio de estágios do desenvolvimento cognitivo infantil. Para o estudioso, esse deve ser verificado de acordo com o que as crianças aprendem a pensar sobre si mesmas e sobre o meio ambiente em que estão inseridas, sendo a passagem de um estágio para o outro dependente dos conhecimentos e conclusões do estágio de desenvolvimento cognitivo anterior.

O primeiro estágio, denominado pelo estudioso de estágio sensório-motor, compreende-se no período do nascimento até dois anos. Nesse, os bebês não conseguem interagir voluntariamente com o ambiente ao seu redor, pois ainda estão aprendendo a diferenciar suas ações e aquilo que vêem. A criança só tem por conhecimento normativo, nesse período, as regras que direcionam os seus próprios movimentos. Por isso, não são capazes, inicialmente, de identificar os sons de cada movimento que fazem nem mesmo de diferenciar objetos e pessoas. A conclusão dessa fase se solidifica com o entendimento das distintas propriedades de cada item ao seu redor (PIAGET, 2003).

O segundo estágio foi denominado de estágio pré-operacional. Nesse, que perdura dos dois aos sete anos, o indivíduo começa a identificar as funções de cada objeto, adquire o conhecimento da língua e passam a usar palavras e símbolos com finalidades específicas. As sistematizações ainda se confundem e não há percepção, por parte da criança, que outros indivíduos pensam e entendem o ambiente de modo diferente dela. A criança começa a entender algumas regras e conceitos, porém, de maneira geral, ela mantém ideias a princípio egoístas, pensando sempre em si mesma. Por essa razão, Piaget (2003) concluiu que nesse momento do desenvolvimento as crianças são egocêntricas, ou seja, observam e concluem opiniões de acordo apenas com o seu próprio eixo de visão.

Posteriormente, Piaget identificou o estágio operacional concreto, que dura entre os sete e onze anos de idade. Nesse período o indivíduo passa a compreender concepções abstratas e por isso se torna mais fácil realizar, por exemplo, operações matemáticas e verificações de preposições falsas e verdadeiras. Por essa razão, o egocentrismo é deixado de lado e a criança passa, efetivamente, a considerar e compreender o outro. A criança começa a valorizar as amizades, começa a sentir prazer nas ações com outras pessoas e passa a desenvolver um desejo de estar perto daqueles com os quais ela se identifica, trata-se do desejo de se socializar (PIAGET, 2003).

A partir dos onze anos até os quinze anos o indivíduo ingressa no estágio de desenvolvimento denominado operacional formal. Nesse, durante a adolescência, o jovem passa a entender questões complexas e consegue vislumbrar diversas respostas para um único problema. Identifica caminhos e opções e se coloca mais apto a conviver socialmente. A criança começa a criar sua identidade própria, começa a desenvolver e defender suas vontades e desejos e passa a ter a autonomia e a resolver questões e problemas por si só (PIAGET, 2003).

É certo que as fases de socialização ou estágios, como denominados pelos estudiosos, não são imunes aos fatores sociais. Em verdade, não há um desenvolvimento estanque e dividido sistematicamente, vez que o ambiente e aqueles que ali se encontram influenciam na socialização. Como estaque nessa

pesquisa, será abordado o lazer como mecanismo capaz de contribuir para a socialização do indivíduo e que certamente pode colaborar para o desenvolvimento humano pleno e formação da sua identidade.

Para Dubar (1997), a identidade é o que o homem tem de mais precioso, algo que não se é adquirido sem que haja a ação das pessoas ao redor. Os julgamentos, as opiniões e até mesmo as ações das outras pessoas moldam a identidade do indivíduo à medida que este interage com elas. A identidade de cada um é “produto de diversas socializações” (DUBAR, 1997).

Quando nasce, por exemplo, o indivíduo passa a incorporar hábitos e valores característicos da sua família e se torna integrante deste meio social. É a partir da socialização que o mesmo desenvolve sua personalidade que será base para seus comportamentos e atitudes e para a inserção desse indivíduo em diversos grupos sociais. Além de socializar-se, o indivíduo, a partir do momento em que vive e interage com determinada sociedade, passa também a ser um agente socializador. Por essa razão é perceptível que

A socialização é um processo dinâmico e é ferramenta de formação da personalidade e por sua vez o indivíduo também passa a ser ferramenta de manutenção e transformação da socialização, pois quem é o socializado é também um que socializa e tal interação e integração estará sempre presente, pois enquanto houver relação humana haverá socialização (BODART, 2009, p. 01).

De forma geral percebe-se a partir do estudo antecedente a necessidade que o indivíduo tem de se socializar. Diversas teorias são responsáveis pelo estudo desse fenômeno tão complexo e ao mesmo tempo tão importante para a vida do indivíduo. O que se torna evidente, entretanto, é que o ser humano não possui capacidade para viver solitariamente. A necessidade de socializar-se é inerente ao indivíduo, todavia, o mesmo pode encontrar diversas dificuldades em socializar-se durante sua vida.

Nesse sentido defende-se no estudo em questão a importância do lazer para a socialização do ser humano, por ser este uma espécie que necessita de convivência social. Entendidas as formas e relações de socialização e sociabilidade, pode-se aprofundar agora o estudo a respeito dos benefícios e facilidades que o lazer pode trazer para estas relações.

O lazer como ferramenta para a socialização

O conhecimento a respeito do surgimento do lazer, dos seus principais conceitos e da necessidade que o ser humano possui de se socializar são fundamentais para o desenvolvimento do estudo em questão. O estudo revela a importância que o lazer tem para a socialização do ser humano e como ele pode influenciar para uma melhor colocação do homem no âmbito social.

Ao inserirem-se no mercado de trabalho, na esfera da educação e mesmo no campo familiar, as pessoas devem possuir, necessariamente, capacidades de socialização. Essa socialização tão abordada, refere-se ao saber lidar com as diferenças humanas, à capacidade de comunicar-se, a compreender comportamentos e opiniões diferentes, a expor ideias e vontades sem que se tenha uma postura autoritária e, por outro lado, também receber orientações e consentir regras estabelecidas por outros. O lazer, em todos os seus segmentos é responsável pelo desenvolvimento das referidas capacidades.

Aspectos culturais, religiosos e físicos ressaltam a singularidade aparente em cada ser humano. A diversidade humana é responsável pela formação de grandes civilizações e pequenas células familiares. Entretanto, a dificuldade de se lidar com essas diferenças é evidente em qualquer agrupamento social. O lazer como meio socializador colabora para o rompimento dessas barreiras a medida em que se baseia, geralmente, em atividades que estimulam o convívio social independente de diferenças culturais.

Os esportes coletivos, de uma maneira geral, têm como característica a socialização dos indivíduos. A exemplo do futebol, vê-se a clara concepção do lazer como meio de se conciliar as diferenças humanas, trabalhando e exaltando-as. No esporte citado, para que aconteça o jogo é necessário número suficiente de jogadores interessados em alcançar os objetivos da equipe, independente de questões sociais ou credos. Além da necessidade de interação dos participantes, os jogos coletivos aproveitam as capacidades

específicas de diferentes jogadores para o melhor aproveitamento de cada posição em campo.

Ainda em se tratando do futebol, cada jogador possui uma posição específica em campo. Cada uma delas necessita que o indivíduo tenha uma característica particular que o difere dos outros, como força, velocidade, agilidade. Para que o time seja superior aos demais enfrentados por ele, é necessário que cada jogador procure aumentar o ápice de sua capacidade. Porém para o melhor desempenho, os jogadores precisam conhecer as capacidades dos outros jogadores e jogar de forma que eles saibam utilizar-se das suas capacidades em conjunto com as dos outros.

Nos jogos coletivos as diferenças são fundamentais para que a equipe alcance a sua plenitude. Nesse sentido, o lazer atua estimulando jogos e esportes cooperativos que façam das diferenças não motivos de discórdia, mas sim elementares para o sucesso. O rompimento das diferenças sociais não se encontra apenas na prática do futebol como esporte mas também entre as numerosas torcidas e dentro dos mais esplendorosos estádios. A torcida não entra em campo para jogar, mas em quantidade, dispensa clichês de classes sociais, raças e credos para vibrar pelo seu time dando motivação para a sua vitória. O ato de assistir a uma partida de futebol também é tido como uma prática de lazer que estimula o convívio com as diferenças sociais e corrobora para a socialização do indivíduo.

Além de o lazer atuar como educador ao fazer com que o ser humano aprenda a lidar com as diferenças humanas, ele também é responsável por melhorar a comunicação entre aqueles que o praticam. A comunicação é fator primordial para a socialização. Sem que haja comunicação é impossível haver sociedade, pois desde os primórdios o homem utiliza-se da comunicação, seja ela oral, corporal ou escrita, para expressar suas vontades, medos e ideias. As sociedades se constituem a partir do momento em que seus membros interagem, de forma a compartilhar princípios e conhecimentos. Para que isso ocorra é fundamental a comunicação entre eles.

Através do lazer, pode-se perceber que muitos indivíduos alcançam uma melhor comunicação com outros e vencem a tão temida timidez. A timidez é

responsável por inúmeros casos de crianças que, apesar de se interessarem por brincadeiras, trabalhos em grupos e esportes, não se desenvolvem socialmente por medo de se relacionar e se comunicar. Nesse momento o lazer pode e deve atuar como meio para quebrar as barreiras da vergonha e da timidez. Usando o lúdico, através de brincadeiras e jogos, crianças e adolescentes participam das referidas atividades sem ao menos se dar conta da suposta anterior dificuldade que possuía de relacionar-se. A comunicação, em todos os seus modos, se torna simples e divertida; o problema é vencido através do lazer.

A criança que passa a conhecer e interagir com outras crianças, por meio das atividades de lazer, tem a timidez superada e passa a ver como normal o momento de brincadeiras umas com as outras. As atividades se tornam tão fáceis e divertidas que outras, ainda mais difíceis de se encarar por uma pessoa tímida, se tornam metas possíveis de serem alcançadas.

Ainda no aspecto do desenvolvimento, através do lazer, de capacidades que colaboram para a socialização do indivíduo tem-se a necessidade de compreender o indivíduo como um ser dotado de comportamentos e ideias diversas. Sob essa visão, Morim (2000) trás a compreensão humana como um dos sete saberes necessários a educação do futuro:

A palavra compreender vem do latim, *compreendere*, que quer dizer: colocar junto todos os elementos de explicação, ou seja, não ter somente um elemento de explicação, mas diversos. Mas a compreensão humana vai além disso, porque, na realidade, ela comporta uma parte de empatia e identificação. O que faz com que se compreenda alguém que chora, por exemplo, não é analisar as lágrimas no microscópio, mas saber o significado da dor, da emoção. Por isso, é preciso compreender a compaixão, que significa sofrer junto. É isto que permite a verdadeira comunicação humana. (MORIM, 2000, p. 05)

O lazer também atua como educador, nesse sentido tem-se que ele se insere como responsável pelo estímulo à percepção dos indivíduos e por se embasar em atividades que trabalhem a compreensão das particularidades de cada um. A partir disso, a pessoa cria um respeito pelas diferenças e passa a entender que as particularidades de cada um definem quem eles são.

A necessidade da compreensão das particularidades de cada indivíduo é trabalhada em diversos setores do lazer, entre eles na tradicional gincana. Uma gincana é um tipo de competição onde as pessoas, organizadas em equipes, são estimuladas a realizarem tarefas dos mais diversos tipos em um tempo estipulado por uma equipe organizadora. O sucesso de uma gincana, entretanto, está não nesta definição literal, mas sim na emoção, companheirismo, cooperativismo e na dose de rivalidade que representam realmente as gincanas.

A princípio uma gincana tem por objetivo por à prova as habilidades físicas e mentais dos membros das equipes. Tarefas são realizadas com a finalidade de somar pontos. Ao final de todas as tarefas, a equipe que obtiver a maior soma de pontos conquistados durante a gincana, será proclamada campeã. Entretanto, sabemos que essa visão literal foi superada. Uma gincana tem por essência estimular o convívio em grupo e diminuir as barreiras das diferenças. Nas gincanas as individualidades representam a vitória. Os participantes, quando participam de uma atividade como esta, aprendem que as características específicas de cada participante são as que contribuem para o sucesso.

Ao se utilizar atividades que necessitam de trabalho em equipe, as pessoas passam a enxergar que o grupo só alcançara os objetivos se as diferenças forem respeitadas, o que no caso da gincana, é o intuito da atividade. Além de respeitar as diferenças, é preciso que os participantes tenham contatos com os membros de sua equipe. Quando se conhece o outro, as diferenças são facilmente deixadas de lado e começa-se a notar as semelhanças.

O lazer também tem sido utilizado por meio do turismo, ou seja, ação de conhecer lugares desconhecidos ou que, apesar de já visitados, continuam a promover o prazer. A prática do turismo insere os indivíduos em inúmeros lugares e culturas diferentes, colaborando para a socialização.

É muito comum que na prática do turismo pessoas de diferentes culturas se conheçam e passem a interagir. Em muitos casos, essa interação se deve ao fato da presença de monitores e recreadores dos hotéis, que

proporcionam atividades de lazer que facilitam essa interação. A socialização em locais turísticos não ocorre apenas para as crianças, mas também para adultos e idosos. A possibilidade de famílias de lugares tão diversos se conhecerem dentro do cotidiano em que vivem é quase ínfima, entretanto o lazer proposto nesses locais possibilita que novos laços de amizade sejam formados, levando para fora desse espaço novos amigos. Tem-se nesse caso, a ação do lazer de duas formas proporcionando a socialização destas pessoas: através do turismo e da recreação.

A socialização através da recreação em locais turísticos não é responsável apenas por colaborar para que indivíduos conheçam, através de outros, diversas culturas, aprendam a conviver com ela e formem novos laços de amizade. A partir das atividades propostas, pessoas de todas as faixas etárias aprendem também a ouvir e respeitar as orientações, dadas pelos recreadores, de modo a influir positivamente para a socialização do indivíduo.

Para a socialização do ser humano é fundamental que este não apenas aprenda a lidar com as diferenças humanas, desenvolva capacidade de se comunicar, compreenda comportamentos e opiniões diferentes, saiba expor ideias e vontades sem que se tenha uma postura autoritária, mas, por fim, também saiba receber ordens de comando e consentir com regras estabelecidas por outros. O lazer, como dito anteriormente, pode colaborar para o desenvolvimento de todas as capacidades mencionadas.

O lazer, inclusive através da recreação, pode proporcionar ao indivíduo uma compreensão da importância em se seguir regras e ordens determinadas por outros para a socialização. Normalmente, as atividades recreativas, são dirigidas e orientadas por monitores e recreadores e necessitam que a pessoa que está participando da atividade entenda e siga as regras para ter sucesso naquela atividade. O jogo e a brincadeira utilizam a importância de se seguir às regras para se alcançar objetivos e o respeito de outras pessoas. Quando não seguidas as regras, há falhas e os objetivos não são alcançados (MARCELLINO, 1990).

Quando se compreende o valor e a importância de se seguir regras, o indivíduo passa a incorporar isso no seu dia a dia e entender e respeitar

valores dispostos por outras pessoas. Para se socializar isso se torna de extrema importância. Quando não há um respeito por regras e valores alheios, além de não existir a socialização, o efeito se torna contrário, passando a haver antipatia entre os indivíduos.

Pode-se observar que através do lazer podemos trabalhar as capacidades acima referidas de diversas formas. Quando trabalhadas essas capacidades, o indivíduo passa a ter uma melhor interação e convívio social com o grupo no qual está inserido. O lazer pode ser uma forma simples de se trabalhar essas capacidades, contribuindo para a socialização do indivíduos.

Conclusões

Por meio da pesquisa buscou-se apresentar o lazer não apenas como forma para se adquirir a satisfação pessoal e a alegria individual, mas também como uma ferramenta importante para se trabalhar a socialização humana. Esta última é comprovadamente essencial para a manutenção da vida, pois o homem é um ser social. O lazer, como ferramenta para a socialização humana, colabora para a construção de valores essenciais para a boa convivência, como saber lidar com as diferenças humanas, capacidade de se comunicar, compreender comportamentos e opiniões diferentes, expor ideias e vontades sem que se tenha uma postura autoritária e, por outro lado, também receber orientações e consentir regras estabelecidas por outros.

Quando compreendidos estes valores pode-se utilizá-los de diversas formas e em inúmeras ocasiões. Seja na escola, no trabalho, em casa com a família, o lazer pode proporcionar a socialização onde quer que ele seja aplicado. Através do estudo, foi possível evidenciar os benefícios que o lazer tem para a socialização dos indivíduos. O lazer colabora para quebrar barreiras e fazer com que as pessoas se relacionem, conheçam outras pessoas, o que traz grande benefício pra vida do individuo e também para a sociedade onde ele está inserido. O lazer pode proporcionar uma grande mudança no ser humano em relação a sua socialização, ao seu convívio social. O estudo em

questão mostra o quanto o lazer traz benefícios sociais e melhora a vida como um todo.

Referências

- BODART, Cristiano. **Socialização**. 2009. Disponível em: <<https://cafecomsociologia.com/socializacao-2/>>. Acesso 15 jun. 2018.
- DE GRAZIA, Sebastian. **Tiempo, trabajo y ocio**. Madrid: Tecnos, 1966.
- DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Porto. Porto, 1997.
- DUMMAZEDIER, Joffre. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo, Ed. Martin Claret: 2002.
- ELIAS, Nobert; DUNNING, Erich. **Memória e Sociedade a Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2012. Tradução: Ronaldo Cataldo.
- JOHNSON, A. G. **Dicionário de sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- LEVY JUNIOR, M. Socialização. In: CARDOSO, F. H.; IANNI, O. (Org.). **Homem sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 1973.
- LUCKMANN, Thomas; BERGER, Peter L. **A construção social da realidade - antropologia**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- MARCASSA, L. Ócio. In: GOMES, C. L. **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. 2. ed. Campinas. Papyrus, 1990.
- MORIM, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo. Cortez; Brasília, DF. Unesco, 2000.
- PADILHA, Valquíria. **Entre o ócio e o negócio**: teses acerca da anatomia do lazer. 2005. 307f. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação Física - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- PARKER, Stanley. **A sociologia do Lazer**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

AL VAIVÉN DEL TEJO, ENTRE JUEGO Y DEPORTE: UNA APROXIMACIÓN ETNOGRÁFICA A LA PRÁCTICA DEL TEJO EN BOGOTÁ

Michael Fernando Espitia Torres

Universidad Nacional de Colombia (Colombia)

Andrés Felipe Bustos Cuestas

Universidad Nacional de Colombia (Colombia)

Resumen

En algunos barrios populares de Bogotá, el tejo parece ser una práctica de disfrute del tiempo libre para muchas personas que ven en él un mecanismo efectivo de entretenimiento y diversión. ¿Pero qué es el tejo, un juego o un deporte? Se busca considerar ambas categorías, debatirlas, teniendo en cuenta las posiciones de las personas que le practican con asiduidad. El presente artículo abordará la práctica del tejo en el “Campo de Tejo Los Molinos” a partir del concepto de *interacción social*. El documento se compone de tres partes: una revisión por las contribuciones ya realizadas sobre la práctica del tejo como fenómeno social; una rápida exposición de los conceptos que se articulan, y por último, una presentación sucinta de los hallazgos y el análisis del trabajo de campo realizado.

Palabras clave: Deporte, interacción social, juego, ocio, tejo.

Para o balanço do tejo, entre o jogo e o esporte: uma aproximação etnográfica da prática do tejo em Bogotá

Resumo

Em alguns bairros populares de Bogotá, o *tejo* parece ser uma prática fundamental no tempo livre de muitas pessoas que vêem nele um mecanismo efetivo de entretenimento e diversão. Mas o que é o *tejo*: um jogo ou um esporte? É uma questão de considerar ambas as categorias, discutindo-as no campo e considerando as posições das pessoas que praticam regularmente o tejo. Este artigo abordará a prática do *tejo* no "Campo do Tejo Los Molinos" a partir do conceito de interação social. É composto de três partes: uma revisão das contribuições já feitas sobre a prática do *tejo* como um fenômeno social; uma rápida exposição dos conceitos que são articulados e, finalmente, uma apresentação sucinta dos resultados e a análise do trabalho de campo realizado.

Palavras-chave: Interação social, jogo, lazer, esporte, *tejo*.

To the *tejo's* swing, between *game* and *sport*: an ethnographic approach to the *tejo's* practice in Bogotá

Abstract

In some traditional neighborhoods of Bogotá, the *tejo* seems to be a fundamental practice during the leisure time of many people who see in it an effective mechanism of entertainment and fun. What is the *tejo*, a game or a sport? It is a question of considering both categories, discussing them and taking into account the positions of the people who regularly practice it. This article will address the practice of *tejo* in the "Campo de Tejo Los Molinos" from the concept of *social interaction*. The document consists of three parts: a review of the contributions already made on the practice of the *tejo* as a social phenomenon; a quick exposition of the concepts that are articulated with and, finally, a succinct presentation of the findings and the analysis of the field work carried out.

Keywords: Game, leisure, social interaction, sport, *tejo*.

Introdução

El tejo es una práctica tradicional y cultural de herencia indígena en Colombia que aún se conserva en los campos y ciudades; arraigada especialmente en las regiones andinas pero extendida por buena parte del territorio colombiano. Esta práctica logra establecer un vínculo directo con la cultura, la idiosincrasia y la identidad campesina.

El tratamiento académico que ha suscitado el tejo desde el campo de las ciencias sociales es realmente exiguo. Abordar el tejo como deporte y como juego es el propósito de este trabajo investigativo y no pretendemos concentrarnos en esta práctica como un fenómeno exclusivamente rural. El problema sobre el que hemos decidido ocuparnos es la práctica del tejo que tiene lugar en las ciudades; allí, su contexto y dinámicas son muy diferentes y es preciso indagar acerca de las peculiaridades culturales que lo han llevado a establecerse en las urbes y, fundamentalmente, sobre las formas de interacción que se constituyen al practicarlo en la ciudad.

El rumbo de esta investigación nos llevó a discutir si el tejo es en realidad un deporte o adquiere la connotación de juego. No ha sido en vano esta aproximación inicial pues reveló que el tejo bien puede tomar un carácter dual en el que el *deporte* y el *juego* como categorías empíricas y analíticas se emplazan sin apelar a antagonismos.

La relación que se establece entre juego y deporte a la que nos referimos fue explorada a partir del concepto de *interacción social* y las dimensiones que manifiesta en la práctica del tejo. La pregunta inicial que marcó el rumbo investigativo se concentraba en descubrir las formas de interacción social que se configuran en la práctica del tejo. No obstante, el discurrir de la investigación nos reveló que este trabajo debía encaminarse a indagar la práctica del tejo como juego y como deporte, mas no precisamente sobre las formas de interacción que se generaban. En consecuencia, la pregunta final fue: ¿cuál es la relación que se establece entre juego y deporte en la práctica del tejo a partir del concepto de interacción social?

El espacio donde se desarrolló la investigación fue el Campo de Tejo Los Molinos⁶⁹, en Bogotá; y los actores que componen el objeto de estudio y la fuente de información fueron las personas que asistieron a este lugar, preferiblemente a practicar el tejo, y cuyo papel fue central en el ejercicio etnográfico que se sirvió principalmente de observaciones participantes y entrevistas semiestructuradas.

Las partidas anteriores

Estado de la cuestión

Si hablamos del auge que la sociología del deporte toma en la actualidad y su perspectiva especialmente urbana (Qutián, 2009), reconocemos el exiguo abordaje académico que el tejo ha encontrado desde los estudios sociales del deporte. Tal situación se acentúa por el carácter que esta práctica adquiere al ser predominantemente colombiana; hecho que contrasta con juegos y deportes tradicionales distintos que han sido examinados con detalle en otros países.

Por otro lado, bien podríamos determinar el análisis que los juegos tradicionales en su conjunto han suscitado desde la sociología rural al encontrar como punto originario las zonas rurales; no obstante, esta rama de

⁶⁹ El Campo de Tejo Los Molinos se encuentra ubicado en el barrio que lleva el mismo nombre, al suroriente de la ciudad de Bogotá.

la sociología se ha concentrado en las dinámicas económicas, sociales, políticas y culturales que tienen lugar en medio de la labranza de la tierra como actividad y labor genuina del campesinado.

Los primeros vestigios encontrados sobre el análisis del tejo desde una perspectiva sociológica los ubicamos en la obra insigne de la sociología en Colombia: *Campesinos de Los Andes*, escrita por Fals Borda (2017); en ella el autor describe sucintamente el juego del tejo que los campesinos practicaban en las tiendas de la vereda Saucío (Chocontá, Cundinamarca) destacando el consumo de cerveza en los encuentros que ocurrían los fines de semana. Con todo esto, la descripción que realiza Fals Borda resulta ser más anecdótica que otra cosa, ya que no determina las formas de interacción que se configuraban en torno al juego ni la significación cultural que posee.

Cabe señalar que desde las ciencias sociales y, particularmente desde la sociología, ya se han desarrollado algunas contribuciones cuyo objeto de análisis sitúa al tejo como fenómeno social. Abello (2013) indaga sobre el papel que el tejo desempeñó a finales de la década de 1920 y durante la década de 1930 en la ciudad de Bogotá al ser instrumentalizado para fortalecer el proyecto de nación y la identidad colombiana, instaurándolo como una herramienta civilizatoria de las clases populares. De igual forma, Díaz-Jaramillo (2013) analiza la forma en que las élites liberales adoptaron la práctica del tejo o turmequé bajo criterios y discursos propios de su *habitus*⁷⁰ durante la década de 1930. Asimismo, en el libro *“Tejo, Deporte y Cultura”*, García Sierra (2004) realiza una revisión histórica del tejo, analizando también sus dimensiones culturales en las diferentes regiones del país donde se práctica, acentuando la visión que los jugadores tienen sobre el deporte, desde la parte táctica y física, pasando por la psicología del juego, y resaltando siempre el carácter sociológico del fenómeno. Finalmente, Moreno (2008) desarrolla una reflexión epistemológica sobre los juegos tradicionales en Colombia, particularmente del tejo, y su relación con la cultura de áreas

⁷⁰ El *habitus* es un concepto central en la obra del sociólogo francés Pierre Bourdieu. En este trabajo se refiere al marco cognitivo y de sentido que se relaciona con determinada clase social fundamentalmente por sus condiciones objetivas de existencia (García, 2017: 03).

rurales y urbanas precisando un debate sobre la condición de tradicionalidad que estos juegos adquieren.

Pongan las mechas

Marco teórico

A través de la práctica del tejo se configuran formas de *interacción social* que determinan el rol que asumen quienes participan, su motivación y el sentido que le otorgan a ella, y las dinámicas espaciotemporales que la práctica misma involucra. Por esta razón, el concepto que marca el desarrollo del trabajo es el de *interacción social* en tanto determina los rasgos que la práctica del tejo manifiesta como *juego* o como *deporte* desde la concepción de los jugadores, las reglas que le rigen, el contexto en que tiene lugar, entre otros.

Aunque distintos teóricos de la sociología clásica y contemporánea han planteado implícita o explícitamente una noción de *interacción social* en sus contribuciones, tomaremos el planteamiento de Marc y Picard pues permite vislumbrar las dimensiones de la práctica del tejo desde el abordaje que hemos emprendido: “La interacción social es el campo donde las relaciones sociales se actualizan y se reproducen, constituye también un espacio de juego donde, [...] en cada instante, se funda de nuevo el vínculo social” (Marc, Picard, 1992: 16).

Otro rasgo importante que Marc y Picard analizan es el de la interacción social como un fenómeno social transversal a la cultura, situado dentro de un marco espaciotemporal —condición que conlleva establecer *códigos* y *rituales sociales*—. Es decir, la *interacción social* está mediada por su *contexto*, entendido como el campo social en el que se desarrolla y no solamente el entorno o espacio tangible en el que la interacción se da, este campo social posee *códigos* (conjunto de rituales que organizan las relaciones sociales) e impone *normas* y *reglas* de conducta que a su vez son elementos que regulan la interacción social en un sentido amplio y no solamente restrictivo o prohibitivo (1992). No obstante, la interacción no permanece aislada de otras

interacciones previas o futuras en lo absoluto; según Collins, éstas interacciones logran concatenarse a través de los rituales de interacción: “mecanismos que enfocan una emoción y una atención conjuntas, generando una realidad temporalmente compartida” (2009: 21).

Consideramos necesario aclarar algunas diferencias y semejanzas entre *deporte* y *juego*. A pesar de que no posean una definición categórica, sus significados involucran un amplio abanico de sentidos y lecturas. No pretendemos de ningún modo presentar un antagonismo conceptual forzado, sin embargo, en tanto el propósito del trabajo apela a esta disputa oscilante que el tejo manifiesta entre *juego* y *deporte*, se hace ineludible este repaso que, ante la falta de una definición exhaustiva y a riesgo de ser simplista, presenta solamente algunos de los aspectos principales de los conceptos de juego y deporte.

El *juego* es un fenómeno esencialmente social que revela la capacidad de establecer entre sus protagonistas todo un sistema de interacciones (Laveaga; Lagardera, 2006). Además, posee un fuerte carácter pedagógico y cultural como práctica innata de la condición humana, dado que el hombre racional [*Homo sapiens*] lo ha jugado desde siempre y como tal, es intemporal; incluso Huizinga (1972) plantea que el juego es inherente a la genética humana [*Homo ludens*]. Conjuntamente, el juego tiende a adquirir en la práctica condiciones de espontaneidad y libertad aun cuando algunas normas le rijan (García, 2006).

Marín repasa seis propiedades que establecen la naturaleza del juego propuestas por Caillois (1987):

- (i) El juego es libre, puesto que el jugador participa voluntariamente y no por obligación; (ii) es reglamentado, porque consiste en un sistema de reglas; (iii) improductivo, porque, como ya vimos, no crea cosas nuevas y solo produce desplazamiento de riquezas; (iv) separado de la vida real, porque se trata de una ocasión apartada de la rutina diaria de las personas; (v) incierto, porque nunca se conoce de antemano su resultado [...], y (vi) ficticio, porque supone un universo artificial donde lo que ocurre supuestamente no es serio ni trascendente. Esta última característica debe tomarse con reserva, especialmente si pensamos en el punto de vista de los jugadores (Marín, 2012: 179).

Por otra parte, el deporte ha logrado establecerse como uno de los fenómenos sociales más complejos y populares en la actualidad. Citando a Elias, “el deporte es una actividad organizada en grupo y centrada en el enfrentamiento de por lo menos dos partes. Requiere esfuerzo físico y se libra de acuerdo con reglas establecidas” (2014: 219). Su surgimiento se encuentra relacionado con la industrialización y urbanización del mundo moderno —y capitalista— que encontró en la actividad deportiva el método idóneo para potencializar el proceso de producción —dada su capacidad de subsanar, perfeccionar e incrementar la habilidad física de los obreros, a la vez que les brinda un espacio para sublimar sus tensiones a través de un pasatiempo— (Ruiz, 2009); pero también para cohibir la atención y el carácter crítico de la sociedad, desviando su energía revolucionaria frente a situaciones y problemáticas coyunturales, sociopolíticas y estatales (Vásquez, 1991). No se trata de un efecto inmediato de la modernidad; Elias llega a proponer que el deporte —como la modernidad y la sociedad de masas— tiene sus antecedentes en las sociedades europeas posfeudales que “sufrieron una transformación que imponía a sus miembros una reglamentación cada vez mayor de su conducta y sus sentimientos” (2014: 213) y con ello, de sus actividades recreativas.

Por lo anterior, el deporte ha sido analizado como fenómeno moderno desde dos perspectivas: (i) como práctica en sí misma y su carácter socializador puesto que en torno a él se configuran lazos y relaciones sociales, establece normas morales, posee un profundo carácter pedagógico y es capaz de liberar las tensiones sociales; y (ii) como espectáculo, resultado de la sociedad de masas (García, 2006). La primera revela la acción en el ámbito del *ocio* mientras que la segunda manifiesta, además, otras dimensiones como su masificación, mercantilización, mediatización y cosificación tanto de los espectadores como de los deportistas.

Luego de un breve acercamiento a las dimensiones más destacadas del juego y del deporte, encontramos que “en la práctica del tejo” la conexión que se ha establecido entre estos suele limitarse a la del juego como antecedente sociohistórico del deporte, en otros términos: el juego como fenómeno de

sociedades arcaicas y pretéritas a la edad moderna que precedió al deporte interpretado como un fenómeno propio de la modernidad (Quitíán, 2013); de acuerdo con esto, cuando el juego alcanza una etapa de “madurez y equilibrio”, entra en una nueva fase: la de *deporte* (Elias & Duning, 2014).

Otra de las formas en que suele asumirse la relación entre juego y deporte se concentra en la terminología derivada de la palabra *juego* para referirse a ciertas acciones relativas específicamente al “deporte”. Es, básicamente, un vínculo semántico o filológico (García, 2006) que refiere a “*jugar*” tejo, las “*jugadas*” de un partido, cotejo o “*juego*” de tejo y el “*jugador*” de tejo. Todas estas expresiones se emplean habitualmente en el argot deportivo, aunque existan deportes que, como tal, no puedan *jugarse* o no involucren *jugadores* como, por ejemplo, la natación o la gimnasia.

Tras esta revisión, el vínculo que descubrimos entre el deporte y el juego integra el concepto de *ocio*. Según Sue (1980) el ocio es una categoría polisémica que puede tratarse genéricamente como el tiempo libre o como el tiempo fuera del trabajo del que los sujetos disponen. Cabe aclarar que no cualquier actividad fuera del trabajo se incluye dentro de la categoría de ocio; de acuerdo con Sue, existen actividades que se encuentran fuera del periodo de tiempo de trabajo pero que se adscriben a éste como necesarias —por ejemplo, el tiempo de desplazamiento al sitio de trabajo—. Por tal razón, en este trabajo, el ocio fue entendido como las actividades realizadas durante el tiempo libre que representen el ejercicio de libertad del individuo siempre que le produzcan satisfacción; encontrarla a través de la práctica del tejo es aquí lo importante, ya si ocurre bajo el carácter de *juego* entre amigos o de *deporte* en un campeonato, indistintamente, incluso cuando ambas categorías se integren, como veremos.

¡A jugar tejo!

En medio de la agitada noche de la ciudad, del tránsito caótico y de transeúntes abrigados, existe un lugar en el que las rutinas y la monotonía urbana se quiebran al compás de música popular acompañada de licor, gritos

y estallidos estrepitosos: la cancha de tejo parece renunciar a las dinámicas urbanas para evocar la idiosincrasia campesina y la ancestralidad indígena que esta práctica lleva consigo. El Club de Tejo Los Molinos convoca a los mejores jugadores y bebedores del barrio Molinos y sus alrededores para disputar emocionantes —o aburridos— cotejos hasta que el establecimiento cierra sus puertas a las 11:00 de la noche.

El juego del tejo, también denominado turmequé en honor al cacique *ThurMeké*, a quien se le atribuye su invención, era practicado por los chibchas (Díaz-Jaramillo, 2013); puesto que sus orígenes se sitúan en el altiplano cundiboyacense, su nombre también se relaciona con el municipio de Turmequé (Boyacá) que para la época precolombina se situaba como uno de los territorios más importantes para el pueblo chibcha. En la actualidad el tejo es considerado como el deporte colombiano por excelencia: su legado indígena, así como su carácter autóctono y tradicional valieron para que en el año 2000 el Congreso le confiriera la categoría de deporte nacional⁷¹.

El tejo involucra reglas y movimientos sencillos en comparación con otros juegos y deportes. Su práctica consiste en el lanzamiento de un cono truncado de metal llamado “tejo” hacia una caja de greda en cuyo centro se ubica un anillo de acero o *bocín*, sobre su diámetro se disponen cuatro *mechas* triangulares de pólvora en puntos equidistantes. Dos cajas de greda componen un campo o cancha de tejo de tal manera que los lanzamientos de cada ronda se alternen. El objetivo del juego es conseguir la puntuación acordada al iniciar la partida contabilizando por *manos* (tejo más cercano al bocín), *mechas* (estallar una mecha), *embocinadas* (ensartar el tejo dentro del bocín) y *moñonas* (mecha y embocinada en el mismo lanzamiento), de igual forma, los puntos que suma cada jugada, así como los que se deben acumular para conseguir la victoria, se acuerdan al iniciar la partida⁷². El tejo, que puede jugarse por equipos o individualmente, contiene una serie de reglas detalladas, institucionalizadas o establecidas socialmente.

⁷¹ La Ley 613 del 07 de septiembre del año 2000 declaró la práctica del tejo como deporte nacional.

⁷² Ver más detalles en ANAYA, R. (19 de febrero de 2011). **El tejo, la mecha que estalla el júbilo**. El Heraldo. Disponible en <<https://www.elheraldo.co/deportes/el-tejo-la-mecha-que-estalla-el-jubilo-206515>>

Al ingresar al Campo de Tejo Los Molinos nos encontramos frente al mostrador del establecimiento; un buen número de personas permanecían sentadas alrededor de varias mesas mientras bebían sus cervezas y conversaban. Una pared separaba este espacio del área donde estaban las canchas de tejo, a su vez, una puerta estrecha los conectaba. Al fondo podía leerse “Bienvenidos a su Club de Tejo Los Molinos” en enormes letras cursivas de tono rojo. El sitio era abierto y amplio, como un gran salón, bien iluminado por una buena cantidad de bombillas que irradiaban luz blanca, pintado de amarillo desde el nivel del suelo hasta una altura de tres metros y desde ahí un tono blanco se extendía hasta el tejado ubicado a una altura considerable.

El área del lugar, rectangular, estaba dividida en tres pasillos demarcados por dos líneas paralelas, estos pasillos marcaban cada área de juego numeradas del 1 al 3. Cada cancha —o caja de greda— estaba acompañada por un tapete de unos dos metros y en la parte trasera llevaba una gran circunferencia de madera que protegía la pared en caso de desaciertos o “descaches” en el lanzamiento del tejo. Sobre las líneas laterales que demarcaban cada cancha había varios escaños donde la gente permanecía observando el juego mientras bebía y conversaba. Por su parte, los tres pasillos estaban divididos en seis secciones que marcaban puntos de lanzamiento dependiendo de la modalidad que se estuviese jugando.

El tejo como juego y como deporte

Comúnmente, el tejo se concibe como un juego tradicional, Lavega y Lagardera entienden los juegos tradicionales como “prácticas motrices lúdicas cuyas reglas contienen rasgos de cultura local que todavía se muestran alejados de la estandarización y los estereotipos tan presentes en otras manifestaciones internacionales” (2006: 85). El tejo adquiere esta denominación pues la práctica en sí misma y los sentidos que las personas le otorgan demuestran un relativo distanciamiento con las dinámicas que el deporte en su acepción moderna establece.

De igual manera, el juego revela un vínculo a través de las reglas que se establecen entre todos los jugadores: son una construcción social que manifiesta la intersubjetividad que llega a configurar. Dicha significación que le confiere este carácter al tejo no se reduce a sus reglas, los jugadores reconocen que a través del tejo encuentran amigos y discuten asuntos de distinta índole —personal, familiar, laboral, político, deportivo, cultural, económico, barrial, local o nacional.

Ante todo, el atributo que sitúa al tejo como juego, por muy hedonista que pueda parecer, es que su práctica está relacionada directamente con el propósito lúdico consumado a través de su inter-acción: la búsqueda de placer o diversión. Se trata de una acción no necesariamente racional cuyo sentido se encuentra orientado hacia la búsqueda de emociones perdurables, concatenadas, que resultan en solidaridad social (Collins, 2009).

No obstante, el tejo también ha configurado dinámicas y sentidos que le otorgan a su práctica el carácter de deporte a través del principio elemental de *competitividad* (Elias & Dunning, 2014). No se trata de la dimensión de deporte-masa o deporte-espectáculo con la que suele entenderse y abordarse; precisamente, el tejo no puede categorizarse como un resultado o efecto moderno, no solamente porque algunas etapas que transcurrieron previo a su consolidación como el deporte colombiano por excelencia se situaron antes del orden cronológico de la modernidad —adquiriendo cierto carácter de anacronismo—, sino porque sus dinámicas no incluyen el espectáculo deportivo al que ya aludimos. Una mirada decolonial nos diría que el tejo no se establece como deporte en su connotación moderna porque, más allá de sus antecedentes precolombinos y premodernos, su diacronía tuvo lugar en medio de un proceso sociohistórico colonial impuesto (Tabares, Molina, Escobar, 2008); a la suma, Colombia y su *modernidad postergada* (Jaramillo, 1998) consumaron una experiencia de modernidad sumamente forzada y malograda, de manera que los distintos ámbitos de la cultura y la sociedad colombiana no se pueden considerar estrictamente como un producto o efecto moderno, hecho del que el tejo no logra librarse. En resumen, no podríamos hablar del tejo como un deporte en el sentido del corolario moderno; al

arriesgarnos a hacerlo, es prudente aclarar que se trata de una manifestación diferente del “deporte” sobre la cual hemos arrojado nuestro interés y hemos venido descifrando.

Lo anterior no significa que el tejo no haya desarrollado un proceso de *deportificación*⁷³ en un sentido amplio —aunque la deportificación del tejo constituye un fenómeno bastante *sui generis*—. En el Campo de Tejo Los Molinos se organizan campeonatos a los que asisten jugadores y espectadores de toda la ciudad, en dichos campeonatos el bocín y el tejo, así como la distancia y la greda de la cancha son diferentes, se adaptan a los requerimientos de la competencia. Además, se destaca la presencia de un juez o arbitro que sanciona minuciosamente la validez de los lanzamientos y la conducta de los jugadores rigiéndose por el reglamento de juego que la Federación Colombiana de Tejo institucionalizó.

Asimismo, la participación en estos campeonatos, de forma individual o en parejas, solo se admite con el pago de una suma de dinero (inscripción) de la cual se lucran el dueño del establecimiento, el árbitro y los organizadores del campeonato; también se toma una parte para la premiación económica del ganador o ganadores. Este hecho revela la mercantilización que solamente concierne al tejo como deporte y, supone que su práctica ahora no tiene por fin único la diversión. Al insertarse en dinámicas relacionadas con el capital económico, muchas personas se vinculan a esta práctica para obtener dinero a través de la participación en torneos, apuestas en los partidos y, del trabajo “en el tejo” (e.g. organizadores, árbitros, administradores y propietarios de establecimientos). Esto no implica que la práctica no logre divertir a las personas, de hecho, la práctica puede acaparar mayor atención y emoción al involucrar la obtención de dinero.

Al tejo se le atribuye también el carácter de deporte por el sentido que los jugadores le dan a la práctica. Las personas entrevistadas se referían al tejo como un deporte “de los pobres”, de tal modo que su práctica es asociada

⁷³ Parlebas (2001: 131-146) expone que la *deportificación* es un proceso social que institucionaliza una actividad lúdica o juego [tradicional] con el propósito de establecerla como deporte a través de tres factores esenciales: (i) la creación de un reglamento, (ii) la adopción de un sistema competitivo, y (iii) la instauración de una institución que controle y rija los dos anteriores.

a un *habitus* de sectores bajos o populares. Por otro lado, la misma percepción del tejo como un deporte no manifiesta diferencias entre su práctica en las zonas rurales y urbanas, reflejando la condición genérica que el deporte adquiere apelando fundamentalmente a un reglamento que rige su práctica indistintamente del lugar donde ésta se desarrolle.

Existe otra peculiaridad que el tejo alcanza en tanto práctica deportiva: en cualquier otro deporte sería inadmisibles consumir alcohol o fumar mientras se juega, aquí parece que además de ser habitual, es necesario para que la calidad y destreza del juego lleguen a su máximo esplendor de forma progresiva *cerveza tras cerveza, cigarrillo tras cigarrillo*. Naturalmente, esto es contraproducente pues al llegar a un alto grado de embriaguez la torpeza del jugador hace que el lanzamiento del tejo resulte infructuoso; la pérdida de motricidad es inversamente proporcional a la efusividad en este caso. Algunos jugadores comentaron que consumir alcohol o fumar cigarrillos está prohibido en campeonatos de carácter oficial organizados en otros campos; no ocurre de esta forma en el Campo de Tejo Los Molinos. Además, en algunos torneos el árbitro procede con mayor condescendencia en la sanción de jugadas y la aplicación del reglamento, llegando incluso a referirse a los jugadores de manera jocosa o a alternar su labor con el consumo de cerveza y cigarrillos.

La triple significación del tejo: práctica, objeto y espacio

No se trata solamente de situar el juego y el deporte como incompatibles en la práctica del tejo, ya hemos visto cómo estas dos nociones logran configurarse dialécticamente en ésta y, por extensión, en su contexto. Lo anterior refleja interacciones intrínsecas al sentido que las personas y especialmente los jugadores le otorgan; dichas interacciones se dan en tres ámbitos relacionados:

En el marco de las acciones que rodean la práctica del tejo en sí misma, pues manifiesta rasgos como el *estatus adquirido*⁷⁴ de los “buenos”

⁷⁴ Carmona afirma que el *estatus social* se define como “la posición social que un individuo ocupa dentro de una sociedad, o el prestigio social que conceden a un determinado grupo o persona otros miembros de su sociedad, además permite saber el marco o conjunto de comportamientos que se espera en la interacción entre dos o más actores sociales” (s.f.: 04).

jugadores que los demás jugadores y los asistentes legitiman: desean jugar con ellos, les ofrecen cervezas, murmuran sobre sus jugadas y hablan sobre sus grandes partidos en este y en otros campos de tejo. También hay jugadores que llegaron a ser bastante buenos en el juego y gozaron de reconocimiento aunque actualmente su calidad de juego no despunta tanto o ya no juegan.

La práctica del tejo también evidencia un coto etario y de género. El primero, el de la edad, se debe fundamentalmente a que en Colombia está prohibido el ingreso de menores de edad a establecimientos que expendan bebidas alcohólicas⁷⁵. El segundo está relacionado con cierta naturalización del ideario social de que las mujeres no juegan al tejo, que su práctica corresponde solamente a los hombres; no obstante, algunas mujeres se reúnen para jugar solas, denotando diferencias en la práctica del tejo masculina (e.g. no consumen licor o al menos no tanto como los hombres, la distancia de lanzamiento se reduce y no acapara mayor atención por parte de las demás personas presentes en la cancha). Esta *masculinización* del tejo, que además atraviesa sus diferentes ámbitos y espacios, puede obedecer:

[...] en gran parte a siglos de dominación masculina y a una estructura social [...] que, en términos generales, continúa reflejando y reforzando esa dominación. Refleja asimismo la existencia de pautas de socialización que preparan a las mujeres principalmente para desenvolverse en la esfera del hogar y en ocupaciones secundarias, y que limitan sus horizontes no sólo en la esfera ocupacional sino también en la esfera del ocio (Elias y Duning, 2014: 360-361).

El vínculo que los jugadores establecen con el tejo. Dicha relación engloba el sentido que el jugador le otorga a poseer el tejo y, además, un sentido compartido con los demás jugadores. Los jugadores de tejo más habituales poseen un buen número de tejos que emplean de acuerdo con especificaciones técnicas de la práctica (el largo de la cancha en la que estén jugando, el tamaño del bocín, de la caja de greda, etc.) y, por supuesto, al

Según Fichter, el *estatus adquirido* está determinado por “la evaluación que socialmente se hace de los resultados obtenidos por los esfuerzos hechos por el individuo” durante su trayectoria de vida (1977: 60).

⁷⁵ Código de Infancia y Adolescencia (Ley 1098 de 2006), Artículo 30, Parágrafo 1°.

agrado de cada jugador pues los tejos pueden ser personalizados con una gama de tonos del acero con el que se les esculpe y sobre el cual se graban letras, nombres, fechas e incluso escudos de clubes de fútbol. Este hecho adquiere un profundo carácter simbólico al representar una forma de *estatus objetivo* entre los jugadores al tener, por ejemplo, un tejo de determinado valor económico, peso, volumen, material o con cierto tipo de *carriel*⁷⁶.

Asimismo, el tejo es el foco común de atención y de consonancia emocional alrededor del cual se desarrollan los rituales de interacción acaecidos mientras se juega⁷⁷; es un símbolo provisto, además, de emociones transitorias y también perdurables. En primera medida, mientras determinado jugador efectúa su lanzamiento, jugadores y asistentes se concentran en el tejo al tiempo que éste (el jugador) apunta, balancea y lanza; la trayectoria parabólica del tejo en el aire era atendida casi sin pestañear por todos los jugadores y el resultado de cada tiro, así como las emociones generadas, eran compartidas de acuerdo con el rol que las personas desempeñen. Tras los pocos instantes al lanzamiento del tejo, algunos jugadores se aferraban a dirigirlo con movimientos de su cadera o su cabeza.

En ocasiones la mecha no reventaba al contacto con el tejo, o este perdía firmeza después de embocinarse, motivando, al tiempo, un insulto del jugador en turno y las carcajadas de los demás participantes. Claramente las personas tenían distintas formas de lanzar el tejo pero lo importante era hacer un buen lanzamiento. De cualquier forma, había quienes bromeaban con la manera en que cada uno lanzaba y había quienes apoyaban con gritos como — ¡Buena, mi viejo!

Por otra parte, el valor simbólico del tejo que pertenece a cada jugador se traslada a espacios diferentes al de la cancha a los que el jugador-propietario decida llevarlo consigo (e.g. su casa o su lugar de trabajo). Al hacerlo, la energía emocional se materializa en el tejo instando a renovar y

⁷⁶ El *carriel* es un bolso pequeño de cuero o tela empleado para cargar el tejo.

⁷⁷ De entre todos estos rituales, se destacaba el de un señor de tez trigueña y notablemente ebrio quien tenía un particular protocolo de lanzamiento *cuasi-ceremonial*: mientras tomaba el tejo con su mano izquierda, untaba de saliva cada uno de sus dedos de la mano derecha tocándolos con la punta de su lengua, luego intercambiaba el tejo en sus manos y se disponía a lanzar. Aquello sucedía con todos sus lanzamientos.

perpetuar su carga emocional a través de la reiteración del juego (Collins, 2009).

El contexto que se genera en el espacio de la práctica del tejo, es decir en la cancha de tejo, pues bastantes interacciones no se involucran directamente a la práctica del tejo: los actores que intervienen acá pueden disputar un juego, estar al tanto de él o conversar sin prestar mayor atención. Lo anterior se comprobaba al estallar las mechas pues el estruendo solía sorprender a las personas que no se estaban percatando del juego, mientras que los jugadores y expectantes celebraban o renegaban, reían o refunfuñaban de acuerdo con la posición que asumían.

Todas las acciones suelen realizarse mientras se consume alcohol, normalmente cerveza; a algunos hombres ebrios parecía no importarles lo que acontecía a su alrededor, solo conversaban gesticulando con gracia y torpeza mientras permanecían sentados en los escaños paralelos a las canchas, pero sin percatarse de lo que acontecía en el juego. Viteri-Cañas (2014) plantea que las canchas de tejo son espacios de disputa entre las dinámicas de consumo, las lógicas del mercado y, la construcción de significados a partir de los vínculos que se tejen dentro de las canchas, entre las personas o entre éstas y los objetos. También manifiesta la idea de que los campos de tejo son escenarios que se han conformado por relaciones comunitarias y familiares, portando una amalgama de significaciones que emergen en los objetos configuradores del ambiente (2014).

Después del co-tejo

Consideraciones finales

La práctica del tejo es una curiosa interrelación entre juego y deporte que revela una tensión entre tradición y modernidad, entre localismo y globalización. ¿Cómo se da esta relación? Pues bien, no se trata de un vínculo permanente; desde luego, el juego y el deporte comparten determinados caracteres, sin embargo, también poseen diferencias notables. La práctica del tejo supone una oscilación entre juego y deporte, donde algunos elementos

son más evidentes y otros pasan casi desapercibidos. A pesar de esto, ambos se establecen como práctica de socialización en el ámbito del tiempo libre de quienes le practican, definido por la interacción social que tiene lugar en el espectro del ocio.

Como juego y como deporte el tejo se encuentra regido por normas o reglas; la distinción notable es que, como juego, estas normas han sido construidas socialmente —incluso, resultan ser situacionales y momentáneas— y en tanto deporte, el reglamento es el fiel resultado de la institucionalización de la práctica. Aunque se asemejan en algunas cosas, las construidas socialmente tienen un fin fáctico que no es más que mediar entre los jugadores y la práctica para que esta pueda llevarse a cabo, mas no pretende constreñir la conducta de los jugadores frente a acciones como el consumo de licor o cigarrillo, la práctica bajo un amplio abanico de modalidades o la forma en que se expresan y relacionan entre jugadores, como sí ocurre con la práctica institucionalizada.

Del mismo modo, se debe destacar el sentido que los jugadores le dan a la práctica del tejo. Sí, el tejo es juego y deporte de acuerdo con los atributos que su práctica pueda tener, pero también lo es debido a la significación que los jugadores le otorgan: la búsqueda de diversión o la interiorización de la competencia y la posible obtención de dinero.

Por todo esto debemos reconocer que el tejo, en la forma más tradicional que se conserva en la actualidad, es uno de los pocos deportes que ha resistido al común denominador propio de los deportes modernos que establecen dinámicas de profesionalización, mediatización o masificación; precisamente, en el tejo las formas de apropiación del espacio y de construcción de identidades y subjetividades sociales (con carácter predominantemente local) difieren de los deportes modernos en tanto dichos factores se construyen desde su tradicionalidad, son una cimentación cultural que trasciende lo lúdico, deportivo, recreativo u ocioso —sin dejarlo de lado— y adquiere mayor importancia la interacción de las personas como factor esencialmente socializador a través de emociones intensas y compartidas que se prolongan en el tiempo.

Probablemente lo anterior pueda resultar poco concluyente con respecto al problema que nos propusimos abordar, las preguntas suelen arrojar más interrogantes que respuestas y he ahí lo interesante; pese a todo —tal como Galeano diría refiriéndose al fútbol— el tejo:

Quiérase o no, créase o no, [...] sigue siendo una de las más importantes expresiones de identidad cultural colectiva, de esas que en plena era de la globalización obligatoria nos recuerdan que lo mejor del mundo está en la cantidad de mundos que el mundo contiene (2017: 206).

A modo de cierre, la cancha está abierta con greda y mechas dispuestas para profundizar sobre otros fenómenos relacionados con la práctica del tejo en próximos trabajos, por ejemplo, su origen y diacronía, la diáspora de su práctica hacia zonas rurales y urbanas de todo el país, el papel que las mujeres han llegado a desempeñar en su práctica o la significación que manifiesta ésta en clases sociales altas.

Referências

- ABELLO, G. (2013). El juego de Tejo ¿Un símbolo nacional o un proyecto inconcluso?. **Revista Historia & Memoria**, Tunja, v.1, n.7, p. 169-198.
- CAILLOIS, R. (1986). **Los juegos y los hombres: la máscara y el vértigo**. Bogotá: Fondo de Cultura Económica.
- CARMONA, C. (s.f.). **El poder y la agresividad. Una análisis teórico de la interrelación entre agresividad poder y estatus**. [S.I]. Disponible en: http://www.apsique.cl/blo_g/poder_y_al_agresividad. Fecha de acceso: 21 nov. 2017.
- COLLINS, R. (2009). **Cadenas de rituales de interacción**. Trad. Juan Manuel Iranzo. Barcelona: Anthropos.
- DÍAZ-JARAMILLO. A. (2013). Turmequé y élite en Bogotá: representaciones en torno al deporte chibcha en los años treinta del siglo XX. **Maguaré**, Bogotá, v.27, n.2, p. 127-165.
- ELIAS, N., & DUNNING, E. (2015). **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. Trad. Purificación Jiménez. Mexico: Fondo de Cultura Económica.
- FALS BORDA, O. (2017). **Campesinos de Los Andes. y otros escritos antológicos**. Bogotá: Editorial Universidad Nacional.
- FITCHER, J.(1977). **Sociología**. Barcelona: Herder
- GALEANO, E. (2017). **Cerrado por fútbol**. Bogotá: Siglo XXI Editores.
- GARCÍA, J. (2017). El habitus. Una revisión analítica. **Revista internacional de sociología**, [S.I], v.75, n.3. Disponible en:

<<http://revintsociologia.revistas.csic.es/index.php/revintsociologia/article/view/680/870>>. Fecha de acceso: 10 nov. 2017.

GARCÍA, S. (2004). **Tejo Deporte y Cultura**. Barranquilla: Editorial Mejoras.

GARCÍA, S. (2006). Juego y deporte: aproximación conceptual. **Apunts**, [S.I.], v.1, n.83, p. 82-89.

HUIZINGA, J. (1972). **Homo Ludens**. Madrid: Alianza Editorial.

JARAMILLO, R. (1998). **Colombia: la modernidad postergada**. Bogotá: Siglo del Hombre.

MARC, E., PICARD, D. (1992). **La interacción social: cultura, instituciones y comunicación**. Barcelona: Paidós Ibérica.

MORENO, G. (2008). Juego tradicional Colombiano: una expresión lúdica y cultural para el desarrollo humano. **Educación Física y Deporte**, [S.I.], v.2, n.27, p. 93-99.

PARLEBAS, P. (2001). **Juegos, deportes y sociedad. Léxico de praxiología motriz**. Barcelona: Editorial Paidotribo.

QUITIÁN, D. (2009). **Los estudios sociales del deporte en Colombia. Tensiones en juego para configurar un campo de estudios**. Memorias del X Congreso Nacional de Sociología. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia.

QUITIÁN, D. (2013). Deporte y modernidad: caso Colombia. Del deporte en sociedad a la deportivización de la sociedad. **Revista colombiana de Sociología**, Bogotá, v.36, n.1, p. 19-42.

RUIZ, J. (2009). **Los estudios sociales del deporte en Colombia. Historia y balance crítico**. Memorias del X Congreso Nacional de Sociología. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia.

SUE, R. (1980). **El ocio**. Trad. Beatriz Álvarez Klein. México: Fondo de Cultura Económica.

TABARES, F., MOLINA, V., & ESCOBAR, A. (2008). Notas para un juego-deporte insubordinado o del deporte desde la mirada de la modernidad/colonialidad. **Revista de História de Esporte**, [S.I.] ,v.1, n.2. Disponible: <<https://revistas.ufri.br/index.php/Record/article/view/779>>. Fecha de acceso: 15 jun. 2018.

VÁSQUEZ, A. (1991). **Deporte, política y comunicación**. México: Trillas.

VITERI-CAÑAS, G. (2014). **Templos capitalizados y lugares con alma. Objetos y consumo en la comunidad de práctica del juego de tejo y rana en Bogotá**. Tesis de Maestría en Estudios Culturales. Bogotá, Pontificia Universidad Javeriana.

O DESENVOLVIMENTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE ESPORTE E LAZER NO BRASIL: SEMINÁRIOS DO CENTRO MG DA REDE CEDES.

Ana Cláudia Porfírio Couto

Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil)

Luciano Pereira Silva

Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil)

Resumo

A REDE CEDES foi criada em 2003 e reúne Instituições de Ensino Superior, públicas e privadas sem fins lucrativos. No ano de 2015, o Ministério do Esporte, através de edital próprio buscou estimular o fomento e a ampliação da Rede através da criação de Centros Desenvolvimento de Pesquisas em Políticas de Esporte e de Lazer em todos os estados brasileiros e no Distrito Federal, objetivando produzir e socializar conhecimentos que contribuam com a qualificação das políticas públicas de esporte lazer e inclusão social. A UFMG criou o CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DE PESQUISAS EM POLÍTICAS DE ESPORTE E DE LAZER DA REDE CEDES DO ESTADO DE MINAS GERAIS - CENTRO - MG da REDE CEDES, conforme os criterios de elegibilidade do referido edital, integrando grupos de estudos da UFMG, PUC-MG e Universidade Federal de Uberlândia. O Centro MG objetiva estabelecer uma rede de conexão e saberes entre as instituições de ensino superior e grupos de estudos em Minas Gerais de modo a contribuir na formação de gestores críticos, atuantes no cenário das políticas de esporte e de lazer. Por meio do desenvolvimento de ações que venham contribuir para que o objetivo seja atingido, como oferta de disciplinas em cursos de graduação e pós-graduação, realização de seminários públicos com temas direcionados à gestão das políticas públicas de esporte e lazer, publicações e participação em eventos. Este trabalho tem por objetivo apresentar os resultados dos

seminários desenvolvidos no Centro MG da Rede Cedes desde sua criação que visaram promover ações de diferentes formas a fim de fomentar pesquisas em políticas públicas voltadas ao esporte e ao lazer. Os seminários aqui analisados foram as palestras: "Perspectivas sobre as Políticas Públicas de Financiamento de Pesquisa sobre Esporte e Lazer no Brasil" e "Legislação Esportiva Brasileira: a nova lei geral do esporte". Os seminários foram um importante instrumento de divulgação do Centro MG da Rede CEDES bem como fomento à problematização das atuais políticas públicas e incentivo para que novas sejam criadas, uma vez que se dedicaram a tratar de questões focadas na implantação e desenvolvimento das políticas, pois abordaram aspectos focados no financiamento e nas novas diretrizes para a legislação esportiva no Brasil. Os seminários aconteceram em 2017 na EEFFTO - UFMG, foram gratuitos e abertos ao público, com número limitado de participantes. Aos participantes foi distribuída uma ficha de avaliação na qual foi questionado acerca da importância da temática, e sobre a Rede Cedes. O público participante totalizou em 100 pessoas. Os dados nos mostraram que a maioria das pessoas 60% conhecem a Rede Cedes e seus objetivos. Em relação à importância da temática e aproveitamento da palestra, para a primeira questão 72% dos respondentes disseram que foi excelente e para a segunda 27% excelente e 36% muito bom. A realização dos seminários nos demonstrou a importância de que de fato a socialização e disseminação dos conhecimentos que estão sendo produzidos é essencial, a fim de que as pessoas se estimulem a discutir as questões que envolvem as políticas públicas de esporte e lazer no país.

CROSSFIT COMO UMA ALTERNATIVA DE LAZER E SOCIABILIDADE A PARTIR DAS TEORIAS SOCIAIS DE PIERRE BOURDIEU E GEORG SIMMEL

Danilo Lutiano Valerio

Centro Universitário Módulo (Brasil)

Giselle Paranhos de Salles Santos

Centro Universitário Módulo (Brasil)

Tatiele de Souza Lira

Centro Universitário Módulo (Brasil)

Resumo

O cenário do esporte e lazer no Brasil tem acompanhado nos últimos anos o crescimento de uma modalidade esportiva que tem conquistado cada vez mais adeptos, o Crossfit. Além dos aspectos físicos como melhora do condicionamento físico, emagrecimento e, ganho de massa muscular, este novo esporte que surge no final do século XX apresenta uma perspectiva social que se expressa a partir de uma comunidade dotada de agentes sociais específicos que exibem determinadas características. Nota-se a existência de uma sociabilidade entre os praticantes de crossfit, a qual se manifesta em diversos momentos, e não somente durante sua prática. Isto posto, o artigo tem como objetivo analisar a prática do crossfit como uma alternativa de lazer, e demonstrar que a sociabilidade por ele oferecida constitui um fator determinante para a o seu crescimento enquanto modalidade esportiva. Utilizar-se-á como ferramenta metodológica a teoria sociológica de habitus de Pierre Bourdieu, e o conceito social de sociabilidade de Georg Simmel. Diante do quadro exposto, buscar-se-á compreender o novo corpo social que surge a partir de uma modalidade esportiva sob a ótica teórica destes dois cientistas sociais. Defronte estas questões exibir-se-á o crossfit como uma possibilidade de lazer, interpretando-o consoante aos seus conteúdos culturais. Conclui-se que o crossfit pode se apresentar como uma alternativa de lazer que tem a

sociabilidade entre os seus praticantes como um componente motivacional importante para o aumento de sua prática. Elucida-se ainda que os agentes sociais presentes dentro deste incipiente campo esportivo manifestam um habitus específico. Destarte aclara-se a prática do crossfit como uma possibilidade de lazer que se estabelece dentro dos domínios culturais do lazer dentro do campo dos interesses físicos e dos interesses sociais.

Palavras-chave: Crossfit - Habitus - Sociabilidade - Lazer.

O LAZER NA EMPRESA E SEUS IMPACTOS NA QUALIDADE DE VIDA E PRODUTIVIDADE DO TRABALHADOR

Pedro Henrique Miranda

Universidade Estadual de Maringá (Brasil)

Resumo

O trabalho, analisado de maneira genérica, é a atividade realizada pelo indivíduo que se destina à produção de bens ou reprodução de serviços. Trata-se de um processo e não um desempenho estanque, vez que diariamente se transforma e altera aquele que o realiza. Para o trabalhador, é fonte de renda, referencial cognitivo, além de forma de obter reconhecimento social e valorização pessoal. A existência dele na vida do sujeito contribui para a humanização e emancipação social (ANTUNES, 2001). Apesar disso, o seu desempenho em excesso, sem garantir espaços de descanso e lazer, podem provocar danos à saúde do trabalhador. Através do lazer supera-se o apaziguamento social; afasta e cura estados de depressão e contribui para uma sociedade menos apática (PADILHA, 1992). Além disso, é mecanismo de alcance da excitação individual, de modo a trazer para o indivíduo prazer e satisfação. O lazer atua também como um agente socializador ao passo que muitas de suas atividades requerem a participação de dois ou mais agentes. Nesse sentido, diversas atividades de lazer impõem o convívio social fazendo com que o sujeito, de maneira involuntária, se relacione com outras pessoas. Ainda, barreiras pessoais, como a timidez, medo e preconceitos, são trabalhados e muitas vezes superados. Nesse sentido revela-se a importância do estudo em questão, na medida em que se pretende ampliar as discussões acerca das práticas do profissional do lazer na empresa e definir ações sólidas para o desenvolvimento especializado dessas interações. O lazer se coloca como mecanismo hábil a promover a saúde do trabalhador e melhorar a sua produtividade, logo a pesquisa pretende demonstrar que a empresa tem a necessidade de incluir atividades e políticas que promovam lazer para seus

trabalhadores durante a jornada de trabalho e dentro do ambiente empresarial. Verificar-se-á se em razão da prática cotidiana de atividades de lazer, o trabalhador tem melhoria no contentamento em relação ao seu ambiente de trabalho, melhora aspectos da sua saúde e aumenta a sua produtividade. Para o desenvolvimento do estudo pretende-se utilizar a combinação da pesquisa bibliográfica e empírica. Inicialmente, para a criação das atividades de recreação será necessária à investigação na doutrina clássica constante em livros, teses, dissertações e artigos científicos. Através da análise bibliográfica pretende-se concluir pela elaboração de diretrizes necessárias para aplicação de atividade recreativa na empresa. Após a definição dos parâmetros e do entendimento de qual deve ser a atuação do profissional de recreação pretende-se prosseguir para a pesquisa empírica, em que se analisará em campo o impacto que a utilização das ações destacadas no estudo causa no bem-estar de vida do empregado, e se afeta também de alguma maneira a empresa. Objetiva-se estabelecer uma amostra de campo juntamente com empresas atuantes na região norte do Paraná.

Palavras-chave: Lazer. Qualidade de vida. Trabalho.

Abstract

The work, analyzed in a generic way, is the activity performed by the individual that is destined to the production of goods or reproduction of services. It is a process and not a watertight performance, since it changes daily and changes the one that performs it. For the worker, it is a source of income, a cognitive reference, as well as a way of obtaining social recognition and personal valuation. His existence in the subject's life contributes to humanization and social emancipation (ANTUNES, 2001). In spite of this, their excess performance, without guaranteeing rest and leisure spaces, can cause damage to the health of the worker. Through leisure, we overcome social appeasement; distances and cures states of depression and contributes to a less apathetic society (PADILHA, 1992). Moreover, it is the mechanism of reaching individual excitement, so as to bring pleasure and satisfaction to the individual. Leisure also acts as a socializing agent while many of its activities

require the participation of two or more agents. In this sense, several leisure activities impose social interaction causing the subject to involuntarily relate to other people. Yet, personal barriers, such as shyness, fear and prejudice, are worked out and often overcome. In this sense, it is revealed the importance of the study in question, since it is intended to broaden the discussions about the practices of the leisure professional in the company and to define solid actions for the specialized development of these interactions. Leisure is a mechanism designed to promote workers' health and improve their productivity, so the research intends to demonstrate that the company has the need to include activities and policies that promote leisure for its workers during the work day and within the environment business. It will be verified that because of the daily practice of leisure activities, the worker has improved contentment in relation to his work environment, improves aspects of his health and increases his productivity. For the development of the study we intend to use the combination of bibliographical and empirical research. Initially, for the creation of recreation activities it will be necessary to research the classical doctrine contained in books, theses, dissertations and scientific articles. Through the bibliographic analysis we intend to conclude the elaboration of guidelines necessary for the application of recreational activity in the company. After defining the parameters and understanding of what should be the performance of the recreation professional, we intend to continue with the empirical research, in which we will analyze in the field the impact that the use of the actions highlighted in the study causes in the well-being of life of the employee, and also affects the company in some way. The objective is to establish a field sample together with companies operating in the northern region of Paraná.

Keywords: Leisure. Quality of life. Job.

Resumen

El trabajo, analizado de manera genérica, es la actividad realizada por el individuo que se destina a la producción de bienes o reproducción de servicios. Se trata de un proceso y no un rendimiento estanco, ya que a diario

se transforma y altera el que lo realiza. Para el trabajador, es fuente de ingresos, referencial cognitivo, además de forma de obtener reconocimiento social y valoración personal. La existencia de él en la vida del sujeto contribuye a la humanización y emancipación social (ANTUNES, 2001). A pesar de ello, su desempeño en exceso, sin garantizar espacios de descanso y de ocio, pueden provocar daños a la salud del trabajador. A través del ocio se supera el apaciguamiento social; (en el caso de las mujeres). Además, es mecanismo de alcance de la excitación individual, de modo a traer para el individuo placer y satisfacción. El ocio actúa también como un agente socializador mientras que muchas de sus actividades requieren la participación de dos o más agentes. En ese sentido, diversas actividades de ocio imponen la convivencia social haciendo que el sujeto, de manera involuntaria, se relacione con otras personas. Aún, las barreras personales, como la timidez, el miedo y los prejuicios, son trabajados y muchas veces superados. En ese sentido se revela la importancia del estudio en cuestión, en la medida en que se pretende ampliar las discusiones acerca de las prácticas del profesional del ocio en la empresa y definir acciones sólidas para el desarrollo especializado de esas interacciones. El ocio se plantea como mecanismo hábil para promover la salud del trabajador y mejorar su productividad, luego la investigación pretende demostrar que la empresa tiene la necesidad de incluir actividades y políticas que promuevan el ocio para sus trabajadores durante la jornada de trabajo y dentro del ambiente negocio. Se verificará si en razón de la práctica cotidiana de actividades de ocio, el trabajador tiene mejoría en el contentamiento en relación a su ambiente de trabajo, mejora aspectos de su salud y aumenta su productividad. Para el desarrollo del estudio se pretende utilizar la combinación de la investigación bibliográfica y empírica. Inicialmente, para la creación de las actividades de recreación será necesaria la investigación en la doctrina clásica constante en libros, tesis, disertaciones y artículos científicos. A través del análisis bibliográfico se pretende concluir por la elaboración de directrices necesarias para aplicación de actividad recreativa en la empresa. Después de la definición de los parámetros y del entendimiento de cuál debe ser la

actuación del profesional de recreación se pretende proseguir para la investigación empírica, en que se analizará en campo el impacto que la utilización de las acciones destacadas en el estudio causa en el bienestar de vida del empleado, y se afecta también de alguna manera a la empresa. Se pretende establecer una muestra de campo junto con empresas actuantes en la región norte de Paraná.

Palabras clave: Ocio. Calidad de vida. Trabajo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho:** ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 5. ed. São Paulo: Boitempo, 2001.

CAMARGO, Luiz Otávio de Lima. **Educação para o lazer.** 1 ed. São Paulo: Editora Moderna, 1998.

CARVALHO, A. Melo de. **Cultura física e desenvolvimento.** Lisboa: Compendium, 1977.

CORBIN, H. Dan; TAIT, William J. **Education for leisure.** Englewood Cliffs: Prentice-hall, 1973.

GOMES-WERNECK, Christianne. **Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas.** Belo Horizonte: CELAR-DEF/UFMG, 2000.

_____. **Lazer e mercado.** Belo Horizonte: CELAR-DEF/UFMG, 2001.

PADILHA, Valquíria. **Trabalho e lazer: reflexões sobre a abordagem funcionalista.** 1992. 60 f. Monografia. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

PARKER, Stanley. **A Sociologia do Lazer.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978

EIXO TEMÁTICO 14: ESPORTE E HISTÓRIA

FÚTBOL, BARRAS BRAVAS Y CONVIVENCIA EN COLOMBIA. INVESTIGACIONES ACADÉMICAS EN LOS ÚLTIMOS 15 AÑOS

Alejandro Villanueva Bustos

Universidad Nacional Abierta y a Distancia (Colombia)

Rafael Mendivelso Gómez

Universidad Nacional de Colombia (Colombia)

Definido como el fenómeno social más importante del siglo XX, el fútbol es el deporte que cuenta con mayor número de adeptos. Su práctica no conoce fronteras. El globo se mueve al ritmo del balón, desde los patios de la elite, hasta las polvorientas calles de barrios marginales. Aquellos estudiantes del siglo XIX que unificaron las reglas de lo que consideraron un simple juego de pelota, nunca podrían llegar a imaginarse las dimensiones que adquiriría su iniciativa. Hoy para bien o para mal el fútbol es sinónimo de pasión, sentimiento, odio, lucha, negocio e incluso hasta vida. (Whal; 1997)⁷⁸

Resumen

El presente artículo es el resultado de la investigación y consulta en Colombia durante los último 15 años de múltiples y variadas investigaciones académicas (monografías y tesis) de grado, correspondientes a temáticas tales como : barras bravas, tipologías de violencia en el fútbol y procesos de convivencia o políticas públicas en Colombia, se trata de un análisis de la producción académica realizada por autores colombianos y su búsqueda de alternativas para la solución de los conflictos asociados al fútbol

Palabras Clave: Fútbol, Barras Bravas, Barrismo, identidad, violencia.

⁷⁸ WHAL, Alfred. *Historia del Fútbol, del Juego al Deporte*. Grupo Zeta. Barcelona, 1997.

Abstract

This article is the result of a fifteen years deep research and consultation process of several academic documents (including monographs and thesis) in Colombia, regarding topics like soccer fans, violence typologies in soccer and wellbeing or public processes and policies in Colombia. It is an analysis of the Colombian authors academic production and their search for soccer conflicts solution alternatives.

Keywords: Soccer, hooligans, identity and violence.

Resumo

Este artigo é resultado de pesquisa e consulta na Colômbia durante os últimos 15 anos de múltiplas e variadas pesquisas acadêmicas (monografias e teses) de graduação, correspondendo a temas como: barras brancas, tipos de violência no futebol e processos de coexistência ou políticas públicas na Colômbia, é uma análise da produção acadêmica feita por autores colombianos e sua busca de alternativas para a solução de conflitos associados ao futebol

Palavras chaves: futebol, Identidade, violencia

Introducción

Pensar el fútbol solo como el espectáculo deportivo que se práctica en todo el mundo cada vez que se programan desde los órganos oficiales fechas futboleras en los estadios de las ciudades no es una concepción errada, si lo miramos como la manifestación lúdica de miles de personas en los barrios, calles, playas, potreros, canchas y demás espacios improvisados especialmente los domingos y fines de semana es otra mirada aceptada socialmente relacionada como este deporte.

Ahora bien, sin perder su esencia como juego y su transformación como el deporte más practicado en el mundo entero, el fútbol ha tomado nuevas significaciones, éste se ha convertido en un hecho social de grandes proporciones, desbordando su concepción lúdica idealista para ser uno de los fenómenos sociales con mayor número de seguidores y practicantes alrededor del mundo, tocado aspectos propios de la vida cotidiana de todos los actores que giran alrededor de éste.

En Colombia la masificación del fenómeno del futbol, generada paralelamente con la masificación de los medios de comunicación en las

últimas dos décadas del siglo XX, trajo consigo la posibilidad de mostrar a los miles de aficionados a este deporte las dinámicas individuales y colectivas que alrededor del espectáculo futbolístico se vivían en otras latitudes, dinámicas llenas de colorido, fiesta y carnaval, pero también de situaciones de violencia, vandalismo y actos contrarios a la filosofía lúdica del fútbol como manifestación deportiva.

Resulta pues difícil pensar que un espectáculo deportivo y familiar como el fútbol se permeara por situaciones que nada tenían que ver con la esencia del juego como tradicionalmente se vivía en nuestro país hasta finales de los años 80, sin embargo las experiencias evidenciadas de otras latitudes cercanas y lejanas a nuestro contexto mostraban que éste deporte se utilizaba como vehículo para la expresión y manifestación de otro tipo de acciones y dinámicas, si bien algunas bastante reprochables, propias de la relación hasta ese entonces subvalorada del fútbol, la cultura y la sociedad por parte de escenarios como el político y el académico.

Una de las principales nuevas dinámicas aprehendidas y permeada de otras latitudes a nuestro contexto, es la aparición de las denominadas “Barras Bravas” o como se han redefinido en los últimos años “Barras Populares”; esta manifestación nace en nuestro país a finales de los años 80, madura en la primera mitad de los años 90 y posteriormente toma su mayor auge desde la segunda mitad de los 90 hasta la actualidad donde se han convertido en grupos representativos del fútbol colombiano en su dinámica particular de vivir y sentir un partido de fútbol y como agrupaciones reconocidas de las dinámicas contextuales de las ciudades donde se juega el torneo nacional y del territorio nacional conexas en el que el espectáculo deportivo ha traspasado la frontera entre lo lúdico y lo social.

Tal representatividad de estas agrupaciones ha llevado a convertirlas en una fuerza social importante en el contexto nacional, fuerza que ha protagonizado acciones beligerantes y violentas alrededor del espectáculo deportivo en gran parte de las ciudades y carreteras del país en sus confrontaciones directas o con la fuerza pública, pero también acciones de valor agregado y balance positivo para sus integrantes, sus ciudades y sus

contextos particulares.

¿Por qué hacer un estado del arte?

Un estado del arte es uno de los géneros de escritura científica que por su misma estructura gramatical no es considerado un género que aporte investigaciones nuevas - a diferencia del artículo científico-, es más bien considerado un trabajo de revisión de producción académica a un determinado campo. Independiente de las discusiones sobre el estatus que tiene el estado del arte en la retórica de la ciencia, no deja de presentar consenso en la gran funcionalidad que un estado del arte genera para procesos de visibilización y validación de la producción del conocimiento científico. La socióloga Olga Restrepo desde una perspectiva reflexiva manifiesta: Los usos reconocidos de los estados del arte son múltiples: estos escritos definen cómo se ha conformado un campo, qué contribuciones y autores han contribuido en su creación y consolidación, qué problemas se han abordado y cuáles se han resuelto y cómo, o cuáles han generado polémicas y cuál es el estado en que éstas se encuentran, cuáles son los desarrollos futuros esperados y en qué dirección se podría consolidar el campo (Restrepo: 2008)

El fenómeno del barrismo, ha sido abordado tradicionalmente desde diferentes perspectivas: académica, políticas públicas, seguridad y convivencia, entre otras; sin embargo, se evidencia una tendencia más marcada hacia las acciones y manifestaciones asociadas a la violencia que desde una mirada integral del hecho futbolístico y del hecho barrístico. Los actos vandálicos y desmanes que se generan alrededor de los estadios con ocasión de los partidos de fútbol han sido el objetivo primario del acercamiento al análisis de la “problemática de las barras”, que desde una mirada integral es la “problemática del fútbol”, y si bien esto hace parte del análisis que debe hacerse del fenómeno a estudiar es una posición reduccionista pensar que es solo desde éste escenario desde el cual se deba abordar el estudio del hecho y manifestación social llamado fútbol, con todos

sus tiempos, espacios y personajes involucrados.

Es conocido en el mundo académico que en los últimos años la producción científica alrededor del fútbol como hecho trascendental desde una perspectiva social ha aumentado de manera importante, los anaqueles de las bibliotecas universitarias de los claustros más importantes del país cuentan en la actualidad con investigaciones, artículos, libros y especialmente tesis y nomografías de posgrado y posgrado que se han acercado al hecho futbolístico y al barrismo desde una perspectiva complementaria a la técnica y táctica del deporte, haciendo protagonistas a las Ciencias Sociales y Humanas, el Derecho, la Economía y la Comunicación Social principalmente, áreas en las que los jóvenes investigadores han encontrado en el fútbol desde una mirada amplia e integral un tema apropiado para sus investigaciones.

Esta realidad se complementa con el hecho de saber que en gran medida los análisis validados desde la reflexión académica, han sido producidos en su mayoría por investigadores y profesionales que hacen parte, han hecho parte o se han acercado de manera directa y vivencial a las barras de fútbol y al hecho futbolístico en su real dimensión, la que combina el juego y el deporte con las realidades económicas, políticas, sociales y culturales que se generan y dinamizan en nuestro contexto nacional, regional y local.

De acuerdo con lo anterior, y teniendo en cuenta la necesidad de validar desde la evidencia las acciones que desde las políticas públicas en sus diferentes niveles territoriales se delineen en torno al tema futbolístico, es importante hacer un balance y estado del arte de la producción científica que se ha generado en los últimos 15 años alrededor del tema en cuestión, está dinámica fundamentada en la academia permite no solo tener claridad sobre los conocimientos, reflexiones y análisis recientes del barrismo y el fútbol como hecho social que son fundamentales para la construcción de políticas públicas, sino también, permite identificar las debilidades y fortalezas que a nivel del sistema nacional de investigación se tengan para orientar líneas académicas alrededor de la temática desde los investigadores identificados y

las instituciones responsables.

Marco Conceptual

Según María Eumelia Galeano y Olga Lucía Vélez (2000): *un estado del arte es una investigación documental a partir de la cual se recupera y trasciende reflexivamente el conocimiento acumulado sobre un determinado objeto de estudio*, este acercamiento a las fuentes identificadas permite tener un panorama amplio sobre las dinámicas de tendencias a evaluar y analizar en la lectura e interpretación de las mismas, las cuales pueden variar desde diferentes ángulos como áreas disciplinares, tipos de producción, tendencias por años, instituciones educativas, entre otros.

Para Sonia Mejía de Camargo (1997), hacer un estado del arte *implica aproximarse a través de fuentes documentales a un verdadero laberinto de perspectivas epistemológicas, posturas ideológicas y supuesto implícitos y explícitos. Así como a una variedad de metodologías descriptivas y analíticas, afirmaciones y propuestas fundadas e infundadas que obscurecen el campo de la investigación haciéndolo intangible a simple vista*. Lo expresado por Mejía de Camargo, nos lleva a reflexionar sobre las posturas y particularidades que desde el ser del investigador se debe tener en cuenta frente a los títulos identificados para este estado del arte, si bien no en todos los casos es manifiesta la postura y filiación fáctica y emocional de los investigadores con el espectáculo del fútbol en general o por un equipo en particular al cual en ocasiones se le hace una carga emocional y racional clara en la monografía o tesis, es importante tener presente que en muchos casos estos títulos son producidos por profesionales que fueron activos o aún lo siguen siendo en el mundo futbolístico del país o de alguna barra en particular.

De igual manera, el posicionamiento externo al análisis del fenómeno del fútbol en nuestro país ha generado la reflexión de diversos profesionales que sin una afinidad definida por el fútbol o por alguna divisa del rentado nacional se han acercado de manera puntal al análisis e interpretación de las dinámicas que allí se suceden. Ambas posturas, cargadas de intenciones

claras de objetividad, o mejor, alejándose lo más posible de una subjetividad obtusa son totalmente válidas y claves para el análisis de las tendencias y proyecciones investigativas que se puedan generar posteriores a este estudio.

Finalmente, es importante hacer claridad que un estado del arte parte pero no se existe solo con la ubicación y referencia de los títulos u obras listadas por título, autor y año, estas deben complementarse con información clave como tipo de tesis, monografía o informe de práctica, área disciplinar, ciudad, biblioteca en la que se ubica, abstrac o resumen, e idealmente la signatura topográfica de la obra; esto con el propósito de dar un panorama inicial de lo encontrado en el proceso de búsqueda virtual y física.

Ahora bien, tal identificación inicial se complementa con el análisis de cuatro aspectos principales a abordar en los títulos⁷⁹:

1. Problema a tratar.
2. Metodología utilizada.
3. Marco teórico de referencia.
4. Principales hallazgos.

Es importante tener en cuenta que este es un primer punto de partida del cual posteriormente se podrán definir y hacer profundizaciones teóricas y metodológicas que se soporten en proyectos investigativos y operativos liderados por Universidades y diferentes entidades de los ordenes nacional, regional o local.

Metodología

Para la búsqueda y localización de los títulos que conforman el corpus de este estado del arte se definieron aspectos claves a tener en cuenta tales como: temporalidad, aéreas disciplinares y conceptos o palabras clave.

⁷⁹ Para los propósitos iniciales de este estudio en el marco del Plan Decenal de Seguridad, Comodidad y Convivencia en el Fútbol, se diseñó una matriz de identificación que contiene: Tipo de documento, Título del trabajo, Autor o autores, Lugar, Año, Área disciplinar, Ubicación y Resumen. Para el análisis de los títulos se hará una descripción general de los cuatro aspectos citados: Problema, Metodología, Marco teórico y Hallazgos

1. **Temporalidad:** con el propósito de planear las acciones a 10 años (2014 - 2024) se definió hacer una retrospectiva de mayor tiempo, por lo tanto los títulos de producción académica de pregrado y posgrado (tesis, monografías e informes de práctica) a buscar, localizar y analizar serían los comprendidos a los últimos quince años (2003 - 2018)

2. **Áreas disciplinares:** teniendo en cuenta que uno de los propósitos y reflexiones que se generan desde la construcción del Plan Decenal es que el fenómeno del fútbol ha desbordado su esencia técnica y deportiva y se viene estableciendo como un fenómeno social con implicaciones varias en la sociedad, las disciplinas de las que emanan los títulos deben corresponderse con estos nuevos enfoques y miradas del fútbol.

De acuerdo con lo anterior se define centrar el estudio en las diferentes disciplinas de las Ciencias Sociales y Humanas (antropología, filosofía, sicología, psicoanálisis, sociología y trabajo social), de igual manera se consideran los análisis que desde disciplinas como el derecho, la economía y la comunicación social se hayan producido en las fechas establecidas; sin embargo se deja abierta la puerta para la incorporación de otras disciplinas o trabajos de corte interdisciplinarios, que de manera directa hagan reflexión desde lo social del fenómeno del fútbol y lo que relaciona la seguridad, comodidad y convivencia en el mismo.

3. **Palabras clave:** con el fin de limitar y filtrar la búsqueda de los títulos en las diferentes bases de datos, bibliotecas universitarias y en especial en las herramientas de catálogo en línea de las mismas, se definieron 5 palabras clave de búsqueda:

- Barras Bravas
- Barras de Aficionados
- Futbol y Aspectos Sociales

- Violencia en el Fútbol
- Fútbol y Sociedad

Para los propósitos iniciales de este estudio enmarcado en la iniciativa investigativa de los autores, se diseñó una matriz de identificación que contiene: tipo de documento, título del trabajo, autor o autores, lugar, año, área disciplinar, ubicación y resumen. Para el análisis de los títulos se hará una descripción general de los cuatro aspectos citados anteriormente: problema, metodología, marco teórico y hallazgos.

Inicialmente, se filtró la información por cada una de las palabras clave definidas, identificando y clasificando la producción científica base de este estudio con la producción literaria existente en el tema, de igual manera se procedió con la clasificación temporal. Los datos encontrados en los catálogos en línea de las universidades se vació en la matriz destinada para ello, identificando los aspectos generales encontrados en las bases de datos de las bibliotecas y los repositorios digitales, posterior a esto se hizo un acercamiento físico a los documentos con el propósito de identificar y recopilar aquellos que se encontraran en medio digital para acopiarlos y los de medio físico extraer la información clave requerida para el estudio tanto para la matriz como para el análisis, los textos en físico tuvieron que ser consultados in situ ya que hacen parte de los textos de circulación restringida.

Bases de datos consultadas

Luego de identificar las principales universidades e instituciones de educación superior de Antioquia y Bogotá, se hizo el ingreso a las bibliotecas de las mismas y a sus catálogos en línea para proceder a hacer la búsqueda de información. Por último se realizó una búsqueda por las bases de datos Redalyc y la biblioteca digital Scielo. Algunas bases de datos arrojaron resultados según los criterios de información establecidos.

Catálogo en línea Bibliotecas Antioquia en las que se encontraron títulos según criterios:

- Universidad de Antioquia: <http://opac.udea.edu.co/cgi-olib/>
- Universidad Pontificia Bolivariana: http://editio.upb.edu.co/janium-bin/busqueda_rapida.pl?Id=20131015101337
- Universidad San Buenaventura Sede Medellín:
<http://ts.usbmed.edu.co/cgi-olib/>
- Politécnico Jaime Isaza Cadavid:
<http://200.38.75.90:8976/F/696RF68C8NEHTE1Y69UJ4M9RCF4X7R6524DUPAFJF7P7X6GEUC-30115> (se ingresa como invitado)
- Institución Universitaria de Envigado:
<http://biblioteca.iue.edu.co/biblioteca/consultaL.htm>
- Universidad Autónoma Latinoamericana:
<http://sai.unaula.edu.co/sinbad-ual/> (requiere usuario y contraseña)
- Universidad Católica de Oriente:
<http://app.uco.edu.co:8084/BibliotecaWebUco/index.jsp>
- Fundación Universitaria Luis Amigó: <http://200.24.4.141/cgi-bin/wxis.exe/iah/scripts/?IsisScript=iah.xis&lang=es&base=MARC>

Catálogo en línea Bibliotecas Antioquia consultadas sin resultados obtenidos según criterios:

- Universidad Nacional Sede Medellín: <http://168.176.5.96/F?RN=911688705>
- Universidad EAFIT: <http://bdigital.eafit.edu.co:8008/sinbad/>
- Universidad de Medellín:
<http://webapps.udem.edu.co:8080/bdng/query/index.html>
- Corporación Universitaria Minuto de Dios Sede Medellín:
http://200.38.75.90:8983/F/-/?func=file&file_name=login-session&local_base=unm01
- Corporación Universitaria Lasallista Sede Medellín:
<http://www.lasallista.edu.co/library/>

- Universidad Santo Tomas Sede Medellín:
<http://unicornio.usta.edu.co/uhtbin/cgisirsi/?ps=pmJsRmFipv/DB-USTA/116970051/60/1182/X>
- Fundación Universitaria San Martín Sede Medellín:
<http://www.sanmartin.edu.co/biblioteca/index.php>
- Institución Universitaria Colegio Mayor de Antioquia:
http://colmayor.janium.net/janium-bin/busqueda_rapida.pl?Id=20131015152637
- Instituto Tecnológico Metropolitano:
<http://biblioteca.itm.edu.co/index.php/biblioteca-digital/catalogo-en-linea.html>
- Institución Universitaria Tecnológico de Antioquia:
<http://sai.tdea.edu.co/catalogo-tdea/>
- Universidad Cooperativa de Colombia:
<http://www.ucc.edu.co/medellin/sede/Paginas/biblioteca.aspx>
- Corporación Universitaria de Sabaneta J.E. Valderrama:
<http://virtual.unisabaneta.edu.co:3129/biblioteca3/ConsultasLib.asp.htm>
- Corporación Politécnico Marco Fidel Suarez:
<http://www.pmfes.edu.co/index.php/servicios-biblioteca>
- Corporación Universitaria Remington:
<http://biblioteca.remington.edu.co/servicios/catalogo-en-linea>
- Corporación Universitaria Adventista:
<http://biblioteca.unac.edu.co/omegas.php> Fundación Universitaria Católica del Norte: <http://biblioteca.ucn.edu.co/Paginas/inicial3.aspx>
- CESDE:
<http://opaloconsultas.cesde.edu.co/ConsultasGenerales.aspx>
- Institución Universitaria ESUMER:
<http://esumer.tallerlibre.net/cgi-bin/wxis.exe/iah/scripts/?IsisScript=iah.xis&lang=es&base=MARC>
- CEIPA:
http://aplicaciones.ceipa.edu.co/biblioteca/biblio_digital/catalogo/catalogo.jsp

- Institución Universitaria Salazar y Herrera:

<http://ush2.tallerlibre.net/cgi-bin/wxis.exe/iah/scripts/?IsisScript=iah.xis&lang=es&base=MARC>

- Universidad Antonio Nariño Sede Medellín:

<http://www.uan.edu.co/biblioteca>

Catálogo en línea Bibliotecas Bogotá en las que se encontraron títulos según criterios:

- Universidad Nacional de Colombia sede Bogotá.
- Universidad Pedagógica Nacional.
- Universidad Distrital Francisco José de Caldas.
- Universidad de los Andes.
- Universidad Externado de Colombia.
- Fundación Universidad Autónoma.
- Universidad Santo Tomás.
- Universidad Antonio Nariño.
- Universidad La Gran Colombia.
- Universidad Colegio Mayor Nuestra Señora del Rosario.
- Pontificia Universidad Javeriana.
- Universidad de la Salle.
- Fundación Universitaria Monserrate.
- Universidad de Bogotá Jorge Tadeo Lozano.
- Universidad de Ciencias Aplicadas y Ambientales UDCA
- Instituto Caro y Cuervo.
- Instituto Colombiano de Antropología e Historia ICANH.
- Universidad Sergio Arboleda.
- Ministerio de Cultura de Colombia.
- Personería de Bogotá.

Matriz de documentos encontrados en (posgrado y pregrado)⁸⁰

⁸⁰ En la búsqueda se delimitó a instituciones académicas y estatales de la ciudad de Bogotá y la región de Antioquia por ser los territorios donde se localizan los centros académicos de mayor producción científica. Sin embargo en la búsqueda se rastrearon investigaciones donde su lugar de enunciación difiere de Bogotá y Antioquia.

	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBI CACIÓN
1	Cantar bajo la anaconda	Jairo Clavijo Poveda	Bogotá	2011	Sociología, sociedad y cultura	Pontificia Universidad Javeriana.
<p>RESUMEN: El barrismo que tiene lugar en el contexto de fútbol, se ha transformado para muchos jóvenes en una práctica social cuyas representaciones constituyen un lenguaje particular que les permite manifestar tanto su identidad y sentido de pertenencia, como sus conflictos y angustias sociales. Los partidos y los estadios ofrecen a los barristas un espacio de carácter ritual fuera de la cotidianidad para expresarse de manera vehemente y emotiva, gracias a un sentido de legitimidad que posee el fútbol frente a la sociedad.</p>						
	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBI CACIÓN
2	"Prácticas sociales y construcción de la identidad urbana : estudio de barras de fútbol de Bogotá : los Comandos Azules"	Jairo Clavijo Poveda	Bogotá	2004	Sociología	Revisita Universidades Humanística Universidad Javeriana.
<p>RESUMEN:</p>						
3	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBI CACIÓN

	De Millos y algo más. Estudio sobre la barra brava Blue Rain en Bogotá	Fabio Camilo Perozzo Ramírez,	Bogotá	2013	Sociología.	Pregrado en Sociología Universidad Colegio Mayor de Nuestra Señora del Rosario
	RESUMEN: El proyecto está orientado al estudio de las agrupaciones denominadas barras bravas. A través de la etnografía, se explora la cotidianidad de las personas que integran estos grupos. Por tanto, a partir del enfoque en las prácticas individuales y grupales, así como las trayectorias y posiciones de los integrantes de estos grupos en los diferentes espacios sociales, se establece un debate ante las miradas particulares y académicas que condenan o rehabilitan moralmente a las barras bravas					
4	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN

	Alcances y limitaciones de la implementación de políticas públicas en materia de convivencia ciudadana en la ciudad de Bogotá. Estudio de caso Programa Goles en Paz. Periodo de estudio	Emanuel Puerto Ortiz	Bogotá	2012	Politólogo	FACULTAD DE CIENCIA POLITICA Y GOBIERNO Universidad Colegio Mayor de nuestra señora del Rosario.
	RESUMEN: Este Trabajo de Grado se refiere al análisis de los alcances y limitaciones de una de las políticas públicas más interesantes que ha adelantado las autoridades de Bogotá en materia de convivencia ciudadana: El Programa Goles en Paz durante el periodo 1999-2011.					
5	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	AREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN

			Bogotá	2011	Maestría en Sociología.	Universidad Nacional de Colombia - Sede Bogotá > Facultad de Ciencias Humanas > Departamento de Sociología
	Fútbol y afición. Proceso de las figuraciones en la manera de alentar a los equipos profesionales capitalinos (Santa Fe y Millonarios): la época de "El Dorado" y los años 80-90 -	Nelson Fabián Rodríguez Melendro.				
RESUMEN: El presente documento explora el proceso de las figuraciones en la manera de alentar a los equipos profesionales capitalinos (Santa Fe y Los Millonarios), en El Dorado y los años 80-90, para encontrar los antecedentes de las denominadas barras bravas, y más concretamente cambios en los comportamientos de los hinchas, que ayudaron a que nuevas actitudes en la manera de alentar "al equipo del alma" emergieran, sobre todo aquéllas relacionadas con las manifestaciones agresivas.						
6	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBI CACIÓN
	El fenómeno de las barras : Una observación desde la sociolingüística.	Nino Rodríguez, Miguel Ángel Pulido Rodríguez, Oscar Fabián Bejarano, Camilo Andrés	Bogotá	2006	Licenciado en Lengua Castellana, Inglés y Francés	Universidad de La Salle
RESUMEN: Este trabajo de grado busca analizar desde las categorías de la sociolingüística, los nuevos códigos comunicativos que van construyendo los jóvenes pertenecientes a una barra brava.						

	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
7	Constitución de la subjetividad en los jóvenes barristas escolarizados	Ruiz Posada, Maritza Rodríguez Méndez, Jeimy Serrato Méndez, Andrea Paola	Bogotá	2011	Trabajo Social.	Universidad de La Salle
RESUMEN: Esta tesis busca indagar y acercarse a las diversas subjetividades de los jóvenes escolarizados y sus formas de ver o pertenecer a los consumos culturales que genera la misma barra.						

	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
8	Violencia escolar relacionada con barras bravas en Bogotá	luz Stella Cañón Cueca	Bogotá	2009	Doctorado: Historia de la Educación, Pedagogía y Educación	Universidad Distrital Francisco José de Caldas
RESUMEN: El estudio, es una aproximación a la comprensión y análisis del fenómeno de las barras bravas y la violencia ligada al deporte especialmente el fútbol y a las repercusiones que este puede estar teniendo en el surgimiento de expresiones violentas en escuelas de Bogotá						
9	Estudio de Caso sobre el Fenómeno de Barras Bravas: una Mirada desde la Escuela	Bárbara García Sánchez Luz Stella Cañón Cueca	Bogotá	2007	Educación.	Universidad Distrital Francisco José de Caldas

	<p>RESUMEN: presenta un reporte de la investigación realizada en la modalidad de estudio de caso en una institución educativa de Bogotá que buscaba indagar por la presencia activa del fenómeno de las barras bravas en la escuela y a la vez establecer si algunas manifestaciones de violencia que se presentan en el entorno escolar están relacionadas con la participación de estudiantes en grupos de fanáticos, que están azolando las calles de la ciudad y con la excusa de la pasión cometen actos de vandalismo y generan intranquilidad tanto en los alrededores del estadio como en los barrios.</p> <p>Abordando la participación en los conflictos en el estadio a través de pequeñas incursiones en situaciones como el ataque a los símbolos de otros equipos, la persecución de hinchas y el aprovechamiento de cualquier situación que brinde la oportunidad de agredir a un contrario; los chicos más pequeños cantan y se expresan como los grandes, repitiendo los ademanes de acuerdo con la situación (cantan y saltan; se despojan de la camiseta, entre otros). Es importante saber que la confrontación mayor en Bogotá se produce entre los seguidores de Millonarios y Santafé.</p>					
10	<p>TITULO DEL TRABAJO</p>	<p>AUTOR</p>	<p>LUGAR</p>	<p>AÑO</p>	<p>ÁREA DISCIPLINAR</p>	<p>UBICACIÓN</p>
	<p>Incidencia de la dinámica familiar en el comportamiento violento de los jóvenes pertenecientes a la barra " los del sur Bogotá" del equipo atlético nacional.</p>	<p>D. Díaz. F. Rodríguez.</p>	<p>Bogotá</p>	<p>2007</p>	<p>Trabajo Social</p>	<p>Fundación Universitaria Monserrate</p>
	<p>RESUMEN: En esta monografía se busca investigar las causas de la violencia, manifestada por los integrantes de esta barra desde la perspectiva del análisis de las posibles problemáticas familiares, específicamente la reproducción de la violencia intrafamiliar en otros ámbitos o formas juveniles de socialización.</p>					
11	<p>TITULO DEL TRABAJO</p>	<p>AUTOR</p>	<p>LUGAR</p>	<p>AÑO</p>	<p>ÁREA DISCIPLINAR</p>	<p>UBICACIÓN</p>
	<p>Los territorios invisibles del ritual en la ciudad: comandos azules de millonarios.</p>	<p>E. Arias.</p>	<p>Bogotá</p>	<p>2003</p>	<p>Comunicación Social.</p>	<p>Universidad Externado de Colombia.</p>
	<p>RESUMEN: Se busca comprender los recorridos urbanos y las apropiaciones urbanas que hace este colectivo juvenil a principios de la década del 2000 y como se van relacionando por medio de distintos rituales.</p>					

	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
12	Barras bravas en el fútbol profesional bogotano: Comandos Azules Distrito Capital, entre la pasión y la violencia.	J. Arbeláez.	Bogotá	2004	Comunicación social.	Universidad Externado de Colombia.
	RESUMEN: El objetivo de esta tesis es conocer de primera mano a través de entrevistas, como es la estructura de la barra de futbol comandos azules hinchas de equipo los Millonarios, y su participación en distintos hechos violentos en nuestra ciudad.					
13	Barras bravas y violencia en el fútbol colombiano	Londoño Aguirre Jhon Jairo	Bogotá	2009	Facultad de Sociología	Universidad Nacional de Colombia Biblioteca Central
	RESUMEN: ESTE LIBRO TRAE CONSIGO UNA COMPLETA RADIOGRAFÍA DE LOS FANÁTICOS DEL FÚTBOL EN EL LIBRO SE ESTABLECE UNA CONTEXTUALIZACIÓN DEL FENÓMENO Y LO SITÚA EN EL CONTEXTO COLOMBIANO, ANALIZANDO LOS PROCESOS DE ORGANIZACIÓN DE LA BARRA DESDE LA PERSPECTIVA DE LA VIOLENCIA Y EL ESTUDIO DE CASO LA FORMA COMO SE PRESENTA EL FENÓMENO EN EL PAÍS.					
14	Manifestaciones violentas de los aficionados al fútbol profesional en Bogotá D.C	Héctor Hernando Lambuley García	Bogotá	2006	Deporte social.	Universidad de Ciencias Aplicadas y Ambientales. UDCA.

	<p>Resumen: La presente obra es el resultado del esfuerzo que desde la experiencia universitaria y desde el espíritu investigativo, se aborda el tema de las "barras en el fútbol". Es un análisis y una reflexión sobre las manifestaciones violentas en los aficionados al fútbol y el desarrollo de una pedagogía de la convivencia, pretendiendo presentar un modelo de la más sana expresión de lo que puede llegar a ser una nueva cultura de barras, en orden de promover el regreso de la familia al estadio y hacer posible que la comprensión del fútbol, en nuestros jóvenes, sea la valoración del único medio que nos queda para ser artesanos de la paz y del respeto a la vida y no cómplices de esta guerra que estamos librando actualmente.</p>					
15	<p>TITULO DEL TRABAJO</p>	<p>AUTOR</p>	<p>LUGAR</p>	<p>AÑO</p>	<p>ÁREA DISCIPLINAR</p>	<p>UBICACIÓN</p>
	<p>Hinchas en camino, bienvenidos ha llegado el momento de ajustar cuentas</p>	<p>Bogotá Instituto Distrital de Cultura y Turismo 2003</p>	<p>Bogotá</p>	<p>2003</p>	<p>Bogotá Instituto Distrital de Cultura y Turismo 2003</p>	<p>Universidad Nacional de Colombia Biblioteca Central</p>
	<p>RESUMEN: Este documento presenta algunos antecedentes sobre hechos relacionados a las barras futboleras y la forma como su influencia afecta el escenario deportivo y el espectáculo que genera el fútbol, en este caso como han cambiado las configuración de las tribunas y la participación de los hinchas en la fiesta y espectáculo.</p>					
16	<p>TITULO DEL TRABAJO</p>	<p>AUTOR</p>	<p>LUGAR</p>	<p>AÑO</p>	<p>ÁREA DISCIPLINAR</p>	<p>UBICACIÓN</p>
	<p>Barras de futbol conflictos y culturas de paz.</p>	<p>Karen Franco.</p>	<p>Bogotá.</p>	<p>2010</p>	<p>Licenciatura en Ciencias Sociales</p>	<p>Universidad Distrital Francisco José de Caldas.</p>
	<p>RESUMEN: Esta tesis busca no solo hacer una análisis de las distintas formas violentas en se relacionan los barristas de la ciudad de Bogotá, sino que también se hace una propuesta pedagógica de paz para contribuir a la solución de esta problemática.</p>					
17	<p>TITULO DEL TRABAJO</p>	<p>AUTOR</p>	<p>LUGAR</p>	<p>AÑO</p>	<p>ÁREA DISCIPLINAR</p>	<p>UBICACIÓN</p>
	<p>Violencia, género y lúdica en el fútbol Investigación etnográfica en dos escenarios en la ciudad de Neiva</p>	<p>Carlos Bolívar Bonilla B., Josué Manchola Bello, Fabio Enrique Barbosa M.</p>	<p>Neiva Huila.</p>	<p>2008</p>	<p>Educación</p>	<p>Universidad Sur Colombiana Biblioteca Central</p>

	RESUMEN: Se establecen análisis comparativos desde una perspectiva etnográfica sobre la relación de género y violencia del fútbol como deporte colectivo y la relación de este tipo de manifestaciones en la construcción de prácticas culturales que implican contradicciones y fricciones.					
	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	AREA DISCIPLINA R	UBICACIÓN
	Entre el juego y violenciaUn estudio de caso sobre la agresión entre los jóvenes de las “barras bravas” de Bogotá (Colombia)	Nurys Esperanza Silva Cantillo.	Universidad Nacional de Colombia.	2010	Antropología	Biblioteca Universidad Nacional de Colombia.
18	<p>RESUMEN:</p> <p>Esta ponencia fue presentada al VI Congreso del CEISAL en el simposio Memoria, Nación y Juventudes. En el texto se presentan algunos de los resultados de la tesis de grado en Antropología de la Universidad Nacional de Colombia titulada Juventud, violencia y deporte en las barras.</p> <p>Por otro lado, este artículo se basa en el trabajo etnográfico desarrollado con los jóvenes hinchas de los equipos de futbol de Bogotá (Colombia) durante los años 2005 y 2006; inspirado en un caso judicial cuyos hechos de violencia encendieron las alarmas de la opinión pública sobre el conflicto en los estadios.</p> <p>Donde se concluye que existen contradicciones entre estos estudios y los testimonios de los jóvenes; entendiendo ahora que la violencia en el caso de las “barras bravas” de Bogotá, no depende de las condiciones socioeconómicas de quienes participan en ella, sino que está profundamente vinculada a la configuración cultural de la masculinidad y la incorporación de modelos foráneos de identidad, donde los hooligans, los rude boys y los skinhead se han convertido en un ideal de expresión juvenil. Así como, las formas de agresión simbólica, las cuales se caracterizan por los cantos y consignas que tienden a demasculinizar a los oponentes y afirmar la masculinidad del propio grupo. Por último, las agresiones sobrepasan el escenario deportivo y convierten las ciudades en los espacios de los enfrentamientos. De acuerdo a lo enunciado anteriormente, esta forma la violencia empieza entonces a ganar una relevancia simbólica que media la interacción social y se mantiene a través de ella.</p>					
19	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	AREA DISCIPLINA R	UBICACIÓN

	Formación de elementos identitarios a partir de las prácticas sociales utilizadas por las barras futboleras de Bogotá.	Sarmiento Alejandra y Hartmann Diego.	Bogotá.	2009	Sociología.	Universidad Santo Tomas de Aquino.
	RESUMEN: Este tesis de Sociología hace un análisis sobre las diversas prácticas sociales, culturales y estéticas a través de una etnografía de la identidad de los dos más importantes colectivos de barras futboleras de la ciudad de Bogotá durante los años 2005 a 2010.					
	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
20	Las barras de fútbol en Colombia: Balance de la producción Académica y algunas reflexiones sobre su cubrimiento periodístico, programas y normatividad (2000-2008).	David Aponte, Diana Carolina Pinzón Paz, Diego Rodríguez y Andrés R. Vargas (Politólogos)	Colombia: CERAC.	2009	Ciencia Política	Biblioteca El Tunal Bogotá D.C

RESUMEN:

En este documento se expone un estado del arte de la investigación realizada en ciencias sociales sobre las barras de fútbol en Colombia entre el año 2000 y el mes de septiembre de 2008. Así mismo, y con el fin de completar el ejercicio de evaluación de la producción de conocimiento en torno al tema de las barras de fútbol, el documento incluye una aproximación inicial a los principales programas y normas que han surgido desde autoridades locales y nacionales frente al fenómeno, así como a algunas de las iniciativas y proyectos de las barras.

No obstante estos desarrollos, existen temas que pueden llegar a ser fundamentales en el desarrollo de un trabajo investigativo sobre las barras de fútbol, pero que en Colombia no han sido explorados. El regionalismo, las cuestiones de género, las relaciones con otros grupos juveniles o tribus urbanas y los factores socioeconómicos requieren estudios que permitan comprender la relevancia de estos temas en las dinámicas que caracterizan a las barras de fútbol. Igualmente, pese a que muchas investigaciones se han centrado en tratar de explicar y comprender los fenómenos de conflictos violentos producidos por las barras, todavía se carece de un mapeo general de la violencia producida por dichos grupos; buena parte de esta es aún invisible.

Así mismo, se identificaron tres nociones, la primera que el fenómeno de las barras de fútbol tiene su rasgo distintivo en la agresividad y la violencia; como segundo, que existe una relación entre el conflicto violento barrista y problemáticas sociales más amplias; y finalmente, que hay una intencionalidad de aportar a la resolución del conflicto, con todo lo que ello implica.

Seguidamente, se aprecia que sobre las barras de fútbol existe una percepción generalizada de que estas siempre están asociadas a hechos de violencia, los cuales nublan la totalidad del fenómeno y no permiten verlo en sus dimensiones de identidades, falta de inclusión social, falta de oportunidades educativas y laborales, y en dimensión de organización urbana; es decir, sus dimensiones sociales, económicas, culturales y políticas.

Finalmente, se presentan algunos apuntes sobre el cubrimiento en medios del fenómeno, pues desde estos se ejerce una influencia determinante en la forma como se enfoca y define el fenómeno. El estudio concluye con unas reflexiones finales sobre los hallazgos principales y el planteamiento de algunos posibles espacios para continuar los estudios sobre el tema.

21	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	Estudio de Caso sobre el Fenómeno de Barras Bravas: una Mirada desde la Escuela	Luz Stella Cañón, M.Sc. & Bárbara Yadira García.	Universidad Católica & Universidad Distrital Francisco José de Caldas, Bogotá (Colombia)	2007	Educación.	Biblioteca Universidad Distrital Francisco José de Caldas.

RESUMEN:

Este estudio, es una aproximación a la violencia escolar ejercida por jóvenes que están relacionados con el fenómeno de las barras bravas en un intento por establecer si las violencias que se viven al interior de la escuela pueden asociarse con ésta problemática. Por lo anterior, la violencia es entendida entonces como un acto que a nivel social causa estupor, cuestiona e impacta. Si bien se entiende que la desigualdad, el abandono, la falta de oportunidades, la exclusión, la deserción escolar, el desempleo, la incertidumbre, los modelos inadecuados, el maltrato en todas sus formas, entre otros, que interrelacionados van conformando una trama que puede conducir a la violencia.

Posteriormente, se identificaron formas de conflicto al interior de la escuela, entre esas se encuentra el bullying o maltrato entre iguales, indisciplina, disrupción, objetores escolares, ausentismo escolar, delincuencia, entre otros factores.

Finalmente, en lo que respecta a la institución educativa, la violencia tiene sus principales motivaciones en los grupos de barristas que deambulan por el barrio demarcando la zona por la cual transitan solo ellos; las paredes son evidencia de esto, llenas de graffitis de equipos en donde los jóvenes están enviando un mensaje con el que delimitan metro a metro el territorio; lo problemático aquí es que los grupos son aún más beligerantes debido a que permiten la vinculación de jóvenes pandilleros del sector que asechan y participan en los ataques.

22	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBI CACIÓN
	Prácticas sociales y construcción de la identidad urbana	Fecha de Recepción: abril 12 de 2004 Fecha de Aceptación: abril 23 de 2004	Bogotá.	Fecha de Recepción: abril 12 de 2004 Fecha de Aceptación: abril 23 de 2004	Comunicación.	Biblioteca central Pontificia Universidad Javeriana. Bogotá.

	<p>RESUMEN: El caso colombiano y de sus regiones, no tiene los mismos matices que los casos Argentino, brasilero o mexicano. En Colombia, recientemente se ha despertado un interés por analizar este fenómeno desde diferentes perspectivas. Las aproximaciones de Andrés Dávila (1994, 2000) y Germán Ferro (2000) se han centrado en una comprensión del fútbol como un fenómeno de cultura e Identidad nacional, donde el surgimiento de ídolos del fútbol, por ejemplo, ha sido analizado en relación con una identidad nacional. En estos estudios se focaliza la selección nacional de fútbol como un factor de unidad nacional en torno a una identidad nacional, pero bajo el condicionamiento de los resultados positivos del equipo</p>				
	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR
23	La incidencia de los medios de comunicación y la publicidad en la violencia que se vive en el futbol.	S. Silva.	Bogotá.	2006	Administración de empresas
	<p>RESUMEN: Esta monografía hace una análisis económico y administrativo de los costos sociales y monetarios que trae la violencia en el futbol, deteniéndose en hacer una crítica a quienes la utilizan para su propio beneficio en este caso los anunciantes, algunos periodistas y la publicidad.</p>				

U
B
I
C
A
C
I
O
N
U
n
i
v
e
r
s
i
d
a
d
e
l
o
s
A
n
d
e
s

	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
24	"Pido la revancha"	Andrés Felipe Ortiz Rodríguez.	Bogotá, Colombia	2009	Facultad de artes	Facultad de Artes Universidad Pedagógica Nacional
	<p>RESUMEN: En la actualidad, la violencia se manifiesta en cualquier nivel social de nuestra sociedad y ha tomado un rol protagónico hasta el punto de encontrarla a la vuelta de la esquina. Hoy en día es común leer día tras día en la mayoría de medios de comunicación titular sobre alguna problemática social. En mi caso no tuve que dejar el campo para huir a la mole de concreto por sentirme amenazado por la guerrilla, pero fue suficiente sentir de niño el ambiente hostil a mi alrededor por la fiebre del fútbol para entender que ser víctima de la violencia también se vive en las calles de la capital.</p>					
25	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	La popular como espacio de construcción de identidad	Juan David Fernández	Bogotá	2006	Facultad de Periodismo y comunicación	Universidad de Bogotá Jorge Tadeo Lozano.
<p>RESUMEN: La pertenencia social también implica la inclusión de la personalidad individual en una colectividad hacia la cual se experimenta un sentimiento de lealtad; sobre todo mediante la apropiación e interiorización del complejo simbólico-cultural de ese grupo (Barra Brava). Ahora bien, es importante resaltar que de dicha tesis solamente podremos rescatar algunos conceptos claves (Comunicación, Organización, Identidad, Fútbol, Espacio, Planificación, entre otros) que nos serán útiles para ejemplificar y fundamentar aún mejor nuestro objetivo principal.</p>						
26	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN

	BARRAS BRAVAS: PASION, AGRESION, REPRESION.	Germán Eliecer Gómez Eslava	Ponencia congreso ALAS. Brasil 30, 31/10 e 01/11/200 8	2008	2001 - 2004 . Se crea a través del decreto 164 de 2004 el programa Goles en Paz, como la alternativa institucional para controlar los brotes de violencia dentro y fuera de los Estadios.	Institución: Universida d Nacional de Colombia Sede Bogotá (REDRE).
<p>RESUMEN: Se realizo como trabajo de tesis, de tipo descriptivo, intentando comprender sus dinámicas. Se trabajó con cuatro de las barras de mayor presencia dentro de Bogotá; dos de estas apoyan a equipos profesionales de Bogotá (Millonarios y Santa Fe) y dos apoyan a Equipos foráneos (Nacional de Medellín y América de Cali).</p> <p>Se realizaron 20 entrevistas a profundidad, estas se aplicaron a los actores relevantes dentro de esta dinámica. Estos fueron:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Líderes de las barras. • Directivos de los equipos. • Autoridades institucionales y policiales. • Periodistas deportivos. <p>Se puntualizo en la necesidad de comprender el sentido que estos actores determinantes le daban al naciente fenómeno desde sus prácticas cotidianas, intentando poner a conversar las realidades definidas por los espacios sociales ocupados por estos actores, tales, como por ejemplo, la percepción que de este fenómeno tuviera un policía con respecto a un barrista.</p>						
	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
27	La violencia en el Fútbol, una mirada desde los discursos televisivos.	P. Romero.	Bogotá.	2007.	Periodismo.	Universidad Santo Tomás de Aquino.
<p>RESUMEN: En este trabajo de grado se hace un análisis a profundidad del papel de los periodistas en las formas de ejercer violencia en contra de los jugadores, técnicos e hinchas desde los micrófonos y las estaciones de radio durante y después de los respectivos encuentros futboleros en la ciudad de Bogotá.</p>						

	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
28	Orden social y legitimador: una aproximación a las prácticas sociales de los Comandos Azules Distrito Capital. CADC	A. Ramírez.	Bogotá.	2007.	Ciencia Política.	Pontificia Universidad Javeriana.
RESUMEN: Tomando como referencia las metodologías propias de las ciencias sociales , se hace un estudio de inmersión al interior de las prácticas sociales, cotidianas, culturales y económicas de la barra de futbol Comandos Azules seguidores del Club deportivos los Millonarios.						
	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
29	LAS BARRAS BRAVAS Y LAS REPRESENTACIONES SOCIALES EN EL CASO DE ESTUDIO DEL FRV PASION DE UN PUEBLO REPRESENTADA EN UN EQUIPO		Santiago de Cali.	2012	CIENCIA POLITICA Y RELACIONES INTERNACIONALES	Universidad Santiago de Cali.
Resumen: Cada grupo social presenta ciertas características que los identifica en la sociedad; como es el caso de las barras bravas de un equipo; en donde ese amor y pasión es lo que los une como un grupo fuerte, sin importar su propia vida, lleva con orgullo diferentes símbolos ganados al demostrar su fidelidad al Equipo según corresponda. Sin embargo esa afición actualmente no está siendo bien orientada hacia el respeto por el otro es decir, al contrincante lo cual genera violencia siendo esta una de las problemáticas más de nuestra sociedad.						
30	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN

	La ciudad de los fanáticos Aproximación al fenómeno de las barras de fútbol locales Barón rojo sur y Frente radical verdiblanco entre los años 1999-2001	Harold Pardey Becerra, Juan Paulo Galeano Yunda, Andrés Alberto Blanco Sánchez.	Cali	2003	Universidad del Valle /Facultad de Artes Integradas, Escuela de Ciencias de la Comunicación Social, Facultad Humanidades	Biblioteca universidad de Valle.
	RESUMEN: Es un estudio sobre la apropiación de los hinchas del Disturbio Rojo en la Ciudad de Cali a partir de sus formas de interacción y organización, en la preparación de la fiesta y la forma como se ha ido constituyendo esta agrupación en la ciudad y encontrando su némesis en los hinchas del deportivo Cali. Se explica el fenómeno desde una perspectiva regional y sus implicaciones en otros centros urbanos del país.					
31	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	Las barras de fútbol : prácticas comunicativas, identidad y cultura de los comandos azules y la guardia albirroja	William Ricardo Zambrano Ayala, María Concepción Salazar.	Bogotá	2004	Educación física	Universidad U.D.C.A.
	RESUMEN: La identidad es el concepto clave para reconocer las prácticas comunicativas de los hinchas y la forma como se perciben y socialización como agrupación, a partir de observación se evidencian canales de comunicación entre los hinchas en cada uno de sus parches o barra para establecer códigos simbólicos que generan lenguajes compartidos.					
32	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	El fútbol en los titulares deportivos de prensa y su impacto en la sociedad colombiana	Jair Leonardo Vera Bernal	Bogotá	2006	Comunicación Social	Universidad de Bogotá Jorge Tadeo Lozano.
	RESUMEN: Se realiza un recorrido desde los titulares de prensa sobre el impacto del fútbol en la vida cotidiana y en la historia del país y la forma como se han establecido continuidades y rupturas entre los hinchas.					
33	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN

	Violencia, delito y deporte	Ricardo Levene (Compilador)	Bogotá.	2003	DERECHO	Universidad de Bogotá Jorge Tadeo Lozano.
	RESUMEN: El libro recoge una serie de conferencias elaboradas en el año 1989 por la u externado y el colegio de abogados y penalistas de Cundinamarca y Bogotá debido a los secuestros de árbitros, tráfico de divisas, intromisión de organizaciones delictivas (Narcotráfico) en el futbol profesional colombiano. Todo esto desde la perspectiva del código penal.					
	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
34	Mitos, ritos y símbolos que estructuran los rasgos de personalidad de un barrista perteneciente a "Los del sur"	J. Palacios	Bogotá.	2004	Psicología	Pontificia Universidad Javeriana.
	RESUMEN: Partiendo de los preceptos más reconocidos en psicología se pretende hacer un análisis de personalidad a partir de un estudio de caso de la personalidad de un integrante de la barra del Club Atlético Nacional Los de sur Bogotá.					
	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
35	Determinación de los principales aspectos socio-comunicativos de las barras bravas bogotanas	Eder García Dussán	Bogotá	2003	Tesis Maestría en Lingüística Española.	Instituto Caro y Cuervo.
	RESUMEN: Desde la perspectiva lingüística se evidencian procesos comunicativos que vinculan a los hinchas de las barras futboleras en la construcción de lenguajes y relatos que se evidencian en el lenguaje oral y escrito.					
36	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN

	La polémica televisiva del fútbol: análisis crítico del discurso acerca de la violencia reproducida por los periodistas.	A. Neira.	Bogotá.	2003	Lingüística.	Pontificia Universidad Javeriana.
RESUMEN:						
37	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	Fútbol : tradiciones y pasiones en fanáticos	Diego Fernando Bolaños	Cali Valle del Cauca	2011	Educación	Biblioteca Universidad de Valle.
	RESUMEN: Este libro se centra en una forma particular de cultura juvenil, los grupos (o barras) de jóvenes que al entregarse apasionadamente como hinchas a un equipo de fútbol encuentran la autoestima y el protagonismo, los sueños y aspiraciones que no se les ofrece en ningún otro lugar. Cabe decir que ese plus no deriva exclusiva ni predominantemente de los éxitos del equipo sino del ingenio cultural de los barristas (cánticos, banderas, graffitis, fuegos artificiales, performances, vestimenta, etc.) y las formas de solidaridad grupal que practican.					
38	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	La transferencia de futbolistas VS el derecho al trabajo.	Miguel Andrés Fierro Pinto y Herber Rodríguez.	Bogotá	2008	Derecho	Fundación Universidad Autónoma de Colombia
	RESUMEN: En el marco normativo que regula las contrataciones de jugadores de fútbol en Colombia, no se encuentran propuestas que permitan la defensa o reivindicación del derecho al trabajo y a la seguridad social de los trabajadores o jugadores protagonistas de este espectáculo.					
39	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN

	Juventud sin oportunidades: los barras ultras, un ejemplo paradigmático.	Jhon Jairo Londoño Aguirre	Bogotá	2013	Doctorado en Sociología	Bogotá-Santiago de Compostela España. Universidad de Santiago de Compostela
RESUMEN: Catalogada como la primera tesis para optar al título de Doctor en Sociología en Colombia, el autor se posiciona como uno de los investigadores pioneros en la investigación a profundidad sobre el fenómeno del barrismo en la ciudad de Bogotá haciendo un análisis socioeconómico y cultural de la barra Comandos Azules, seguidores del Club deportivo los Millonarios.						
40	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	Barras bravas y violencia en el fútbol colombiano	Jhon Jairo Londoño Aguirre	Bogotá	2008	Sociología	Biblioteca Luis Ángel Arango.
RESUMEN: Las barras bravas en Colombia rivalidad y violencia cuando termina la fiesta del fútbol en los estadios.						
41	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	Etnografía de hinchadas en el fútbol.	Jhon Alexander castro lozano	Bogotá		Universidad Nacional de Colombia.	Revista Maguaré. Bogotá
RESUMEN: Esta organizada por tres temáticas; identidad, practica ritual y “aguante”. Presenta una visión amplia del fenómeno de las barras bravas en el fútbol. Palabra clave “aguante” hinchas del fútbol, identidad, ritual deportivo.						
42	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	Pasión Fútbol: el fenómeno social.	C. Hernandez.	Bogotá	2004	Comunicación social.	Universidad Externado de Colombia.

RESUMEN: Este trabajo de grado plantea que la pasión por el futbol que sienten muchos colombianos va más allá y ya es posible interpretarla como un fenómeno social en el contexto de la exhortación continua que se hace en los medios masivos de comunicación.						
	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
43	El futbol en la enseñanza critica sobre las ideologías y los nacionalismos en el contexto de las ciencias sociales.	Edgar Felipa Amaya.	Bogotá	2012	Licenciatura en ciencias sociales.	Universidad La Gran Colombia. Facultad de ciencias de la educación.
	RESUMEN: Actualmente el fútbol ha abarcado todas las esferas de la sociedad (la política, la economía, la cultura, etc.) por lo que su estudio socio-cultural permite ser abordado como un eje transversal en la enseñanza critica de las ciencias sociales. Este trabajo propone la utilización pedagógica de anécdotas, relatos y crónicas futboleras en el estudio crítico sobre los nacionalismos y las ideologías en la historia del siglo XX, permitiéndole a los estudiantes dinámicas diferentes y recursivas en los procesos de aprendizaje socio-critico de los saberes. En otras palabras, la consolidación del fútbol a lo largo del siglo XX facilita su relación con temáticas de enseñanza escolar como las guerras mundiales, la guerra fría entre otros.					
	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
44	Violencia en la subcultura del futbol	Hugo Alfredo Tabares	Bogotá	2008	Comunicación social.	Universidad Externado de Colombia.
	RESUMEN: Esta tesis de comunicación social está enfocada desde la descripción de la barra como subcultura y generadora de violencia, presenta el fenómeno desde una perspectiva descriptiva desde los actos de violencia.					
45	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN

	Carnaval en la tribuna: futbol, academia y convivencia	Mauricio Aranda	Bogotá	2006	Educación Física.	Biblioteca central Universidad Pedagógica Nacional.
	<p>RESUMEN: Este proyecto es una propuesta educativa el cual busca incidir en la convivencia social de los estudiantes aficionados al futbol profesional, en Bogotá D.C; a través de una didáctica que favorece la reflexión y participación, generando dinámicas de interacción diferentes a las experiencias tradicionales en el área de la educación física que permite complementar la perspectiva individual con el trabajo grupal, fortaleciendo el compromiso social del docente.</p> <p>Como objetivo se tuvo el diseñar y desarrollar una propuesta educativa que promueva en los estudiantes barristas e hinchas la reflexión sobre las expresiones de violencias, conflictos, desacuerdos y otras problemáticas que presentan las barras futboleras más intensas del distrito, para desde una lectura pedagógica alternativa, construir mejores relaciones entre las barras y de estas con la sociedad como aporte a una mejor convivencia en Bogotá</p>					
	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
46	“Una puerta mas... recreación y barras futboleras”	Jhon Alexander Roncancio López	Bogotá	2012	Licenciatura en Recreación	Biblioteca central Universidad Pedagógica Nacional.
	<p>RESUMEN: Esta tesis tuvo como población las Barras futboleras del América de Cali desde la mira de la localidad Ciudad Bolivar. Identificando así las percepciones que tienen las personas sobre ellos y como por medio de la recreación se generan cambios significativos en cuanto al imaginario de la población.</p>					
	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
47	Opio en las redes: futbol, juventud y violencia en Bogotá.	Andrés Geovanny castro moreno Omar Fabián Rivera Ruiz Luis Alejandro Vargas Mora	Bogotá	2003	Licenciatura en Ciencias Sociales	Biblioteca central Universidad Pedagógica Nacional.

	<p>RESUMEN: En este proyecto tuvo como objetivo el identificar factores que influyeron en la constitución de las barras bravas como fenómeno social en Bogotá y analizar el fenómeno de la violencia, teniendo en cuenta los diferentes referentes históricos tanto en lo local, nacional e internacional.</p> <p>Así como determinar si al interior de las barras hay alguna dinámica organizativa: jerárquica, mecanismos de ascenso y funciones específicas de sus miembros. Así mismo, intentar establecer los símbolos, los ritos y el manejo de la territorialidad.</p> <p>Para lo anterior, se asumió un tipo de investigación cualitativo interpretativo de la temática; en el cual el método etnográfico fue una herramienta fundamental al momento de la recolección de la información e interpretación de la misma.</p>					
	<p>TITULO DEL TRABAJO</p>	<p>AUTOR</p>	<p>LUGAR</p>	<p>AÑO</p>	<p>ÁREA DISCIPLINAR</p>	<p>UBICACIÓN</p>
<p>48</p>	<p>Los hinchas de la hinchada un acercamiento social, cultural, histórico y educativo</p>	<p>Villanueva Bustos Alejandro Amaya Alirio</p>	<p>Bogotá</p>	<p>2010</p>	<p>Maestría en Educación</p>	<p>Biblioteca central Universidad Pedagógica Nacional.</p>
<p>RESUMEN: Este trabajo pionero en posgrados en la UPN enmarcado bajo la investigación cualitativa y cuantitativa, la cual tenía como objetivo el describir históricamente a partir de qué año se funda la barra Comandos Azules, quienes fueron sus fundadores y cuáles fueron las causas que organizaron la crisis de la barra entre 2005 y 2009, e indagar por las acciones pedagógicas desarrolladas por la Administración Distrital por medio del Programa Goles en Paz, es este mismo periodo.</p> <p>Con lo anterior, se diò paso a la consolidación de un libro titulado “Hasta que el cuerpo aguante, un análisis de las barras de futbol capitalinas”; dividiendo su libro en dos grandes partes, la primera, titulada “antecedentes de una nueva manera de alentar: la cultura del aguante”, y una segunda parte, titulada “los hinchas de las hinchadas: conociendo los comandos azules”.</p> <p>Concluyendo que el fenómeno de las barras futboleras debe ser abordado desde el conocimiento no sólo experimental o empírico, sino desde las herramientas conceptuales que brindan las ciencias sociales, así como las ciencias de la educación. Finalmente se afirma que la definición académica de la barra CADC va más allá del concepto de tribu urbana, ya que este es reduccionista frente a todos los fenómenos sociales, culturales, económicos, históricos y afectivos observados durante cuatro años, de los diecisiete que lleva la barra.</p>						

	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
49	“Vinculo de las relaciones de poder con las identidades masculinas en una barra de Futbol”	Jimmy Fernando Velasco	Bogotá	2012	Licenciatura en Deporte	Biblioteca central Universidad Pedagógica Nacional.
	RESUMEN: En esta tesis, se propuso identificar: la estructura de una barra, su base funcional principal y el rol que juegan los géneros en éste ámbito.					
	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
50	Libro: Emoción, Control e identidad: Las Barras de Fútbol en Bogotá;	María Teresa Salcedo & Omar Rivera	Bogotá	2007	Antropología urbana.	ICANH. Instituto Colombiano de Antropología e Historia.
	RESUMEN: Es una investigación de corte etnográfico que pretende caracterizar el espacio local de los jóvenes barristas a partir del estudio de caso de informantes que permanecen o han dejado de permanecer en la barra. Se caracterizan las formas de organización y las representaciones simbólicas de los hinchas en la construcción de territorios que están presentes en el barrio las localidades y el espacio público					
51	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN

	Diplomado sobre construcción de estrategias pedagógicas y de convivencia para la comprensión del fenómeno de las barras futboleras como escenario para la paz.	Alejandro Villanueva Omar Rivera Edwin Vargas	Bogotá	2013	Educación.	División de Bienestar Universitario. Universidad Pedagógica Nacional.
RESUMEN: El diplomado es un escenario académico que de forma conjunta con Defensoría del pueblo seccional Bogotá, Personería de Bogotá e Idipron establecen procesos de comprensión del fenómeno desde una perspectiva interdisciplinar y con la propuesta del diseño de líneas y proyectos de investigación que emergen desde esta experiencia.						
	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	AREA DISCIPLINA	UBICACIÓN
52	Diplomado. "Barras de futbol, comunidad universitaria y estrategias de convivencia".	Alejandro Villanueva. Jhon Jairo Londoño	Bogotá	2013	Educación.	Facultad de educación. Universidad Antonio Nariño
RESUMEN: Este es el primer Diplomado con intensidad de 120 horas y certificación que ofrece una universidad privada en Colombia y cuyo objetivo es capacitar a estudiantes, padres de familia, funcionarios públicos, barristas y educadores sobre las nuevas realidades de un fenómeno social-juvenil como lo es el de las barras futboleras populares y su incidencia en la sociedad.						
	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	AREA DISCIPLINA	UBICACIÓN
53	Sin amarillo, azul y rojo. Hacia una construcción de identidad en las barras bravas CADC Y GARS	Cesar Augusto Mendoza	Bogotá	2003	Sociología	Universidad Nacional de Colombia.
RESUMEN: Este documento pionero toma los elementos sociológicos como los de juventud e identidad para hacer una contextualización y descripción de las dos principales barras bravas de Bogotá Comandos Azules y Guardia Albi Roja Sur.						

	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
54	Ciudad y Fútbol: expresiones de identidad y violencia en las barras de Bogotá.	Andrés Carpona.	Bogotá	2004	Antropología.	Universidad de los Andes
	RESUMEN: Este documento pionero toma los elementos cualitativos de la etnografía para reconocer las practicas de socialización, las territorialidades y las expresiones urbanas de los integrantes de las barras futboleras de Bogotá					
	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
55	El lenguaje del futbol en la radio y su incidencia en la hinchada.	William Díaz Evan	Bogotá	2003	Periodismo	Universidad Sergio Arboleda.
	RESUMEN: Esa tesis hace una explicación crítica sobre el papel que desempeñan los narradores deportivos radiales, en Bogotá y los comportamientos violentos de los hinchas de las barras populares como reacción a las continuas agresiones verbales y mediáticas de dicho periodistas.					
	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
56	Como una sombra o alentando y peleando, se tiene aguante en una barra brava de millonarios F.C	John Alexander Castro Lozano.	Bogotá	2012	Maestría en Estudios Sociales	Universidad Pedagógica Nacional.
	RESUMEN: Esta tesis es producto de la investigación del autor como etnógrafo, buscando descubrir las distintas formas de socialización de los integrantes de la barra Blue Rain fanáticos seguidores del Club deportivo los Millonarios, En el último lustro.					
	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
57	Pido la revancha.	Andrés Felipe Ortiz Rodríguez.	Bogotá	2009	Artes Visuales.	Pontificia Universidad Javeriana.
	RESUMEN: Esta tesis explora las distintas prácticas y percepciones de los hinchas de Millonarios en un barrio del occidente de Bogotá y la apropiación artística o estética que estos hacen de los espacios públicos urbanos.					

	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
58	La influencia del discurso del periodismo deportivo en los aficionados al futbol.	Diego Mauricio Morales Ojeda.	Bogotá	2010	Periodismo	Universidad Sergio Arboleda.
	RESUMEN: Esta investigación es un análisis del discurso periodístico deportivo y su influencia en los aficionados al futbol, haciendo una fuerte crítica al programa de radio "El pulso del Futbol".					
59	Documento poblacional sobre el barrismo en Colombia.	Ministerio de Cultura de Colombia. Luis Felipe Garcés (consultor)	Bogotá	2011	Consultoría	Ministerio de Cultura de Colombia.
	RESUMEN: Esta documento tiene como objeto hacer una conceptualización y contextualización del fenómeno del da las barras futboleras en Colombia como población juvenil y sujetos de derechos.					
60	Hacia el análisis de los usos lingüísticos de la comunidad Lobo Sur, y su incidencia en los comportamientos socioculturales.	Diego Armando López Parra.	Pereira	2010	Maestría en Lingüística	Universidad Tecnológica de Pereira.
	RESUMEN: Esta investigación de posgrado busca indagar por los análisis sociolingüísticos sobre violencia verbal presentes en la barra brava Lobo Sur seguidores del Deportivo Pereira.					
61	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	VEEDURÍA TEMÁTICA DE "BARRAS DE FÚTBOL"	Personería de Bogotá.	Bogotá.	2011	Documento de control o veeduría.	Personería de Bogotá.

	RESUMEN: Esta veeduría hace control social y político de las acciones llevadas a cabo por la secretaría de gobierno de Bogotá, con respecto al control de la violencia así como las acciones preventivas ejecutadas por el programa “Goles en Paz”.					
	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	Escenario social de la práctica del fútbol femenino	Jorge Mario Ortiz Correa Astrid Elena Zapata Arango	Medellín	2011	Especialización en Gerencia de Mercadeo	Biblioteca Central Universidad Pontificia Bolivariana T658.8 O775
62	RESUMEN: La monografía “Escenario social de la práctica del fútbol femenino” expone la percepción de periodistas del fútbol, directores, asistentes técnicos, futbolistas y profesionales del deporte del Valle de Aburrá sobre el fútbol femenino en Medellín. Asimismo, el análisis de sus puntos de vista, permite identificar los siguientes elementos en el escenario deportivo: aceptar el fútbol más allá de los géneros, el fútbol femenino: de lo local a lo global, la futbolista: un modelo de valores, la mujer fuera y dentro de las canchas. Dicha investigación surge como una propuesta para identificar la percepción del fútbol femenino en la ciudad de Medellín y reconocer el escenario social de dicha práctica deportiva, a partir de la labor investigativa realizada previamente, con soporte bibliográfico y entrevistas al grupo objeto de estudio. La creación de una liga de fútbol femenino a nivel nacional, como factor común de los puntos de vista de los entrevistados, deja entrever la aceptación que ha adquirido en los últimos años este deporte.					
63	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	Los clubes de fútbol profesional en Colombia como sociedades anónimas deportivas.	Andrés Hernando Molina Sanchez	Medellín	2006	Especialización en Administración Deportiva	Biblioteca Instituto de Educación Física Universidad de Antioquia GV943.2/M 6c

	<p>RESUMEN: El Derecho como ciencia, es uno de los medios que las personas tienen para alcanzar cierto grado de desarrollo. Su carácter organizador y pacificador se hace necesario continuamente, pues sería imposible pensar en una sociedad donde no existieran normas tendientes a preservar una mínima convivencia, aunque sean justas o injustas, de libertad o de dominio.</p> <p>Esta monografía ahonda en el estudio de las Sociedades Anónimas Deportivas (S.A.D), debate que se propone con varios años de retardo en relación con algunos países de Europa, en donde ya han surgido con verdadera fuerza legal como personas jurídicas de naturaleza privada. La problemática, además de actual, es compleja y urgente, porque está en juego el futuro laboral de los jugadores y el de los clubes como empresa. Estamos frente a un gran negocio que a finales del anterior milenio y comienzos del actual ha venido experimentando un constante desarrollo, pero que hasta el momento no se le ha controlado en debida forma.</p>					
64	<p>TITULO DEL TRABAJO</p>	<p>AUTOR</p>	<p>LUGAR</p>	<p>AÑO</p>	<p>ÁREA DISCIPLINAR</p>	<p>UBICACIÓN</p>
	<p>El Deporte: ¿es un factor protector para el consumo de sustancias psicoactivas?</p>	<p>María Camila Arango Botero</p>	<p>Medellín</p>	<p>2013</p>	<p>Sicología</p>	<p>Biblioteca San Benito Universidad San Buenaventura Sede Medellín CD-2735t</p>
	<p>RESUMEN: El presente artículo es una reflexión social generada a partir de los datos obtenidos en la aplicación del cuestionario perfil de estrés en estudiantes universitarios de una institución ubicada en la ciudad de Medellín, con respecto al consumo de sustancias psicoactivas y la realización de deportes y/o actividades físicas, en contraste con la revisión de antecedentes alrededor del tema; a través de un enfoque metodológico mixto que parte del análisis cuantitativo para dar lugar en un segundo momento a una mirada fenomenológica del asunto en cuestión. Pasando por diferentes teorías que permiten abordajes distintos, con los que se pretende ampliar el panorama para la inclusión de una mirada psicosocial al fenómeno del consumo de sustancias psicoactivas y su relación con la práctica del deporte o la actividad física.</p>					
	<p>TITULO DEL TRABAJO</p>	<p>AUTOR</p>	<p>LUGAR</p>	<p>AÑO</p>	<p>ÁREA DISCIPLINAR</p>	<p>UBICACIÓN</p>

	"De diversión a trabajo" : relatos de vida de el paso del fútbol como ocio al fútbol como profesión en tres futbolistas o exfutbolistas de clubes antioqueños	Daniel Alexander Urrea Muñoz	Medellín	2012	Comunicación Social - Periodismo	Biblioteca Central Universidad de Antioquia 070.44/U81d
65	<p>RESUMEN: Desde los años 30, cuando el futbolista comenzó a recibir un salario por jugar, la sociedad ha manifestado inconformidades porque una persona reciba altos sueldos por hacer deporte, inconformidades que hablan de injusticia porque llevan una vida aparentemente fácil. Por eso nació este proyecto investigativo. Para mostrar una parte de la vida de estos personajes, se narra cómo el futbolista de la actualidad vive su paso de la práctica del fútbol como ocio al fútbol como profesión. A partir de tres relatos de vida radiales, se describen el contexto y los fenómenos que han hecho que la profesionalización del fútbol influya en el fútbol como deporte y lo haya convertido en negocio. También se indagó sobre la vida del futbolista antes de jugar al fútbol como profesión y durante su desempeño como profesional del fútbol. Y finalmente se aporta periodísticamente a la contextualización del conflicto entre fútbol como profesión y como ocio.</p>					
66	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	Cuatro goles con sabor a mujer	Johanna Lucila Ramírez Gil	Medellín	2012	Comunicación Social - Periodismo	Biblioteca Central Universidad de Antioquia 070.44/R177

	<p>RESUMEN: Relato de vida de cuatro mujeres antioqueñas que sobresalen por su dedicación, pasión y consagración al fútbol como jugadora, árbitro, hincha y periodista deportiva. Mujeres que rompieron los paradigmas de una sociedad machista y conservadora que les asignó un rol pasivo en este deporte que, históricamente, ha estado vinculado con el género masculino. Todas ellas asumieron las consecuencias de llevar un estilo de vida diferente a las demás mujeres, cargando con el estigma de ser consideradas poco femeninas y siendo objeto de burlas, críticas y discriminación. Las historias de estas cuatro mujeres simbolizan los relatos de muchas otras que también son futbolistas, árbitros, hinchas y periodistas o que apenas emprenden el camino para serlo. Liliana María Zapata Sierra le da vida a una futbolista que nació con el balón debajo del brazo y que luego de su retiro se dedicó a ser la entrenadora y fundadora del Club Deportivo Formas Íntimas. Andrea Patricia Chavarría Guerra, luego de esquivar la violencia en su natal Ituango, llegó a Medellín donde se formó como árbitro, hasta llegar a ser la primera y única mujer en pitar la final del Festival Ponyfútbol. Clara Giraldo Agredo es una ingeniera civil que no ejerce su profesión por culpa de su afición a Atlético Nacional. Desde 1999 colecciona las boletas de los partidos a los que ha asistido y usa las redes sociales para interactuar con miles de hinchas. Y Fanny Julieth Valencia Zea es la periodista y presentadora de la sección deportiva de Hora 13 Noticias, del canal regional Teleantioquia, una mujer multifacética que nació con una estrella que la ilumina en cada objetivo que se traza, como que también llegó a ser trompetista, barrista y hasta reina de belleza.</p>					
	TÍTULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
67	La cuentística de Roberto Fontanarrosa como herramienta para ironizar la sociedad	Víctor Hugo Giraldo Úsuga	Medellín	2012	Filología Hispánica	Biblioteca Central Universidad de Antioquia A863.08/G5 16
	<p>RESUMEN: El presente trabajo es una aproximación a la ironía en la cuentística de Roberto Fontanarrosa y como a través de este recurso literario, recrea la sociedad latinoamericana actual, sociedad que a través del tiempo ha tenido cambios importantes en su estructura; problemas políticos, económicos, sociales, entre otros, han percutido en la manera de pensar y de vivir de sus habitantes, en la manera de actuar y de sentir de las clases menos favorecidas de la región. Roberto Fontanarrosa, como un gran observador de la sociedad latinoamericana de las décadas de los 80, 90 y 2000, ha recogido los fenómenos culturales más frecuentes de nuestra comunidad, ha penetrado en el fondo de los barrios, para extraer de allí, los sueños y las ilusiones de una clase subvalorada y alejada de los roles protagónicos de la sociedad.</p>					
68	TÍTULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN

	El lugar del psicólogo en la adaptación y rendimiento profesional deportivo futbolístico, en un grupo de adolescentes de procedencia rural que llegan al Envigado Fútbol Club en el año 2011	Andrés Felipe García Montoya	Envigado	2012	Sicología	Biblioteca Jorge Franco Vélez Institución Universitaria de Envigado T/155.24/G 21672012
	<p>RESUMEN: El deporte en Colombia exige el encontrar talentos, lo cual se realiza por medio de la selección deportiva, es así como se implica una serie de factores que van desde un cambio de vida, que comienza en el traslado de la zona geográfica de la cual pertenecen, como la alimentación, choque cultural y ganas de salir adelante, en individuos dotados de cualidades no solo a nivel físico y funcional sino también psicológico. Ante lo anterior la actividad deportiva se ha incrementado, en todas sus etapas, desde la práctica amateur como en el ámbito del alto rendimiento y de la competición, trayendo consigo un incremento en el número de personas que como formadores se dedican a enseñar para la obtención de mayores rendimientos deportivos y a su vez necesitan del apoyo de otros teóricos como lo son los psicólogos en un mundo que interesa económicamente promover, impulsar y potenciar cualquier encuentro o competición deportiva.</p>					
69	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINA R	UBICACIÓN
	Sistema electrónico de seguridad en los estadios de futbol en Antioquia	Lady Milena Rodríguez Arias Daniel Acevedo Rave Sebastián Lugo Ramírez	Envigado	2012	Ingeniería Electrónica	Biblioteca Jorge Franco Vélez Institución Universitaria de Envigado T/621.3892 8/R696/2012

	<p>RESUMEN: En este proyecto se presenta un sistema de seguridad electrónico en los estadios de fútbol de Medellín, Itagüí y Envigado. Dicho sistema se realizó con el fin de que en cada uno de los escenarios deportivos se pudiera mejorar y garantizar la seguridad en el interior de estos estadios de futbol mencionados anteriormente. Las bases para el desarrollo del proyecto fueron tomadas principalmente de la realización de un análisis de información encontrada en diarios nacionales e internacionales, comunicados, reseñas históricas. También se utilizó la formulación de encuestas a entes como los barras de los equipos (Atlético Nacional, Medellín, Itagüí y Envigado) y la policía. Tomados dichos datos y con una idea clara del aspecto social y futbolístico que se vive en los estadios de futbol, se diseñó una base de datos en la cual tenemos control permanente de cada uno de los asistentes a los estadios, contando con información como: nombre personal, número de documento de identidad (cédula o tarjeta de identidad), huella dactilar, si el asistente posee orden de captura o ha cometido algún delito dentro del estadio y el estado de su boletería ya sea una persona abonada o una persona que compre una boleta para un partido.</p>					
70	<p>TITULO DEL TRABAJO</p> <p>Las barras populares de futbol, el consumo de drogas y sus comportamientos violentos El caso de la ciudad de Medellín</p>	<p>AUTOR</p> <p>José Andrés Gómez Marín</p>	<p>LUGAR</p> <p>Medellín</p>	<p>AÑO</p> <p>2012</p>	<p>ÁREA DISCIPLINAR</p> <p>—</p>	<p>UBICACIÓN</p> <p>Biblioteca Fundación Universitaria a Luís Amigó Sede Medellín CD-T362.29 G633 2012</p>
	<p>RESUMEN: Pendiente</p>					
71	<p>TITULO DEL TRABAJO</p> <p>Fútbol : Élite e industria en Medellín</p>	<p>AUTOR</p> <p>Juan Camilo Gallego Castro</p>	<p>LUGAR</p> <p>Medellín</p>	<p>AÑO</p> <p>2011</p>	<p>ÁREA DISCIPLINAR</p> <p>Comunicación Social - Periodismo</p>	<p>UBICACIÓN</p> <p>Biblioteca Central Universidad de Antioquia 796.334/G1 66</p>

	<p>RESUMEN: Bajo los pies de los suizos el balón rodo por el Valle de Aburrá. Antioqueños de clase alta impusieron su competencia y popularizaron el fútbol en el departamento. El balompié creció a pasos agigantados y disminuyó la hípica a la mínima expresión. De las iglesias, los adeptos salían para su otro templo, el hipódromo, a ver los partidos de fútbol. La familia del ex presidente Carlos E. Restrepo y la sociedad de Mejoras públicas decidieron la creación de Medellín F. B. C., y unos jóvenes de clase media fundaron el Unión, que luego sería el Atlético Nacional. Futbol, élite e industria en Medellín. 1913-2010, relata cómo la empresa privada antioqueña contribuyó con la aparición, desarrollo y apoyo a los clubes de Antioquia a través del siglo XX y la primera década del nuevo siglo, consolidando un espacio de cohesión social, integrador de clases y canal de identidad. He aquí el resultado de esa historia, de los primeros golpes de balón que rodaba y de los personajes que se enamoraron de ese movimiento perfecto. De la élite que se apasionó y aportó su dinero, y de la industria que entendió que sus equipos de futbol popularizaban sus marcas, pero que identificaban al pueblo que buscaban. Desde el recuerdo de dirigentes, entrenadores, periodistas, historiadores y futbolistas, esta investigación recoge la vida de Atlético Nacional e Independiente Medellín desde su relación con la industria y la élite que invirtió el dinero y su vida por consolidar un proyecto deportivo.</p>					
	<p>TITULO DEL TRABAJO</p>	<p>AUTOR</p>	<p>LUGAR</p>	<p>AÑO</p>	<p>ÁREA DISCIPLINAR</p>	<p>UBICACIÓN</p>
<p>72</p>	<p>El fútbol femenino en el club paranaense del municipio de Rionegro, un agente de cambio para la construcción de competencias ciudadanas</p>	<p>Bianey de Jesus Castro Herrera</p>	<p>Rionegro</p>	<p>2011</p>	<p>Educación Física, Recreación y Deporte</p>	<p>Biblioteca Universidad Católica de Oriente CDTES 1106</p>
	<p>RESUMEN: El futbol como herramienta de construcción de tejido social, ha permitido la inserción a la cultura de un sin número de actitudes y valores presentes en sus practicantes, con la inclusión de la mujer en las practicas futbolísticas se abre más el panorama abarcando elementos básicos como la inclusión de género, la participación, la toma de decisiones y la sana convivencia. Con este trabajo se quiere resaltar el papel que juega la práctica del futbol en el equipo femenino del club paranaense del municipio de Rionegro en la promoción, desarrollo y práctica de competencias ciudadanas tanto dentro de las canchas como fuera de ellas. A demás se quiere dar a conocer algunos aspectos en la formación de la mujer futbolista del club paranaense. Las fuentes de consultas abarcan la historia del futbol femenino en diferentes contextos, empezando por lo global hasta llegar a lo local, sus incidencias e implicaciones, las competencias ciudadanas y su aporte en la construcción de tejido social, y el tema de género y deporte como una herramienta para la participación e inclusión de la mujer dentro de las prácticas deportivas en este caso el futbol.</p>					

	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
73	Estilo de juego y aguante: la cultura del futbol en la ciudad de Medellín	Juan Camilo Domínguez Cardona	Medellín	2010	Sociología	Biblioteca Central Universidad de Antioquia 306.483/D6 71
	<p>RESUMEN: En los estudios sociales sobre el fútbol pocas veces se diferencia entre las distintas formas en que se presenta el deporte rey. Se entiende por fútbol al fútbol profesional, y en esos términos ha de ser entendido acá. Tanto el fútbol como las actividades que se derivan de él han sido de interés para un grupo de investigadores cada vez mayor en América Latina, que han centrado sus estudios principalmente en los hinchas. En sociología y antropología varias posturas teóricas han dirigido los avances en la interpretación, pero entre todas ellas hay una línea teórica que se destaca: la teoría de Pierre Bourdieu. A pesar de la reiterada insistencia de Bourdieu en que su teoría ha de ser usada como sistema teórico en la cual cada uno de los conceptos existe y tiene sentido en tanto se relaciona con el resto del sistema, los investigadores han usado especialmente el concepto de capital, pero siempre separado del sistema que le da coherencia a su existencia. Este trabajo de grado que es a su vez informe de práctica y monografía, presenta un estudio sociológico de la cultura del futbol en la ciudad de Medellín. El documento se ha dividido en tres partes. La primera gira en torno a los equipos profesionales y el estilo de juego de cada uno de estos. La segunda se centra en la influencia de las probabilidades de obtener un título y su relación con el habitus de clase de cada una de las hinchadas. La tercera parte da cuenta de las barras populares, su origen, organización y disputas, además de sus diferencias estructurales con las barras bravas o hinchadas argentinas.</p>					
74	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	Sistematización de la acción vamos al estadio - hinchas por la paz del INDER de Medellín, años 2004 a 2009	Luis Alejandro Gómez Montoya	Medellín	2010	Sociología	Biblioteca Central Universidad de Antioquia 306.483/G6 33

	<p>RESUMEN: El presente trabajo está dividido, en cuatro grandes segmentos, el primero de ellos, son los antecedentes de la acción vamos al estadio- hinchas por la paz, del Instituto de Deporte y recreación, de la ciudad de Medellín, en dichos antecedentes se podrá observar que la acción hinchas por la paz, toma sus bases filosóficas de un programa del cual es heredera directa. Dicho programa se llamaba fútbol por la paz. El segundo segmento del presente trabajo, revisa los orígenes históricos del deporte rey, como es llamado el fútbol, presenta algunas definiciones de lo que es el futbol, y también hace un análisis de las principales características del juego futbolístico y como dichas características, adquieren ciertos matices dentro del sistema de la sociedad. El tercer gran fragmento del texto, se refiere a la festividad que significa el espectáculo del fútbol en las sociedades modernas. Entonces, si el fútbol es concebido como toda una fiesta, toda celebración necesita de un público asistente, y dicho publico son los hinchas que van a ver jugar a sus equipos de fútbol en el estadio, sin embargo, la mirada se concentrara en un tipo de hincha muy particular, el hincha Barrista, y se tratara de hacer una caracterización de estos hinchas, que llaman poderosamente la atención por el amor que profesan a sus equipos y por sus prácticas que los distinguen del resto de hinchas asistentes. El cuarto fragmento del texto, es el enfoque metodológico que se empleo para poder aprehender de manera integral la acción de hinchas por la paz, dicho enfoque fue la sistematización, para lograr reconstruir la historia de la acción del INDER, y a su vez, poder hacer una reflexión analítica de la experiencia, con el fin de comprenderla mejor y poder mejorarla a futuro.</p>					
75	<p>TITULO DEL TRABAJO</p>	<p>AUTOR</p>	<p>LUGAR</p>	<p>AÑO</p>	<p>ÁREA DISCIPLINAR</p>	<p>UBICACIÓN</p>
	<p>Conducta ejecutiva y representación de enemigo en hinchas, de los equipos de fútbol profesional de la ciudad de Medellín</p>	<p>Herleyn Beatriz Villalba Montes Ricardo Andrés Sánchez Peláez</p>	<p>Medellín</p>	<p>2010</p>	<p>Sicología</p>	<p>Biblioteca San Benito Universidad San Buenaventura Sede Medellín CD-1727t</p>

RESUMEN: Este artículo es un aporte a la investigación, sobre las relaciones que existen entre conducta ejecutiva y representación de enemigo, en hinchas de los equipos de fútbol profesional de la ciudad de Medellín: Atlético Nacional y Deportivo Independiente Medellín. Este estudio ofrece información teórica y empírica, además de reflexiones propositivas, desde dos saberes tradicionalmente distanciados: la psicología social y la neuropsicología. De esta forma, se pretende un abordaje complejo y multidimensional del fenómeno objeto de estudio; abriendo la posibilidad de nuevos debates, que a futuro redunden en políticas públicas eficaces y eficientes en torno a las dinámicas de convivencia en el ámbito futbolero. El fútbol es un deporte que tiene una amplia convocatoria, especialmente masculina, en todos los ámbitos sociales; y es el mayor fenómeno de la comunicación de masas en el mundo. Siguiendo a González-Anleo (1996) citado por Abruzzesel (2003) las masas se caracterizan, por su irracionalidad y su falta de autonomía histórica, lo cual las hace presa fácil de todo tipo de manipulación. De acuerdo a lo expuesto por Moreira (2007) el fútbol es una lucha a muerte entre dos equipos, no obstante entre los espectadores, la búsqueda de victoria se escenifica bajo otro tipo de "performance". El estado recurrente de hostilidad que caracteriza la participación de los hinchas en el fútbol de la ciudad de Medellín es el marco dentro del cual se hacen notorias las acciones violentas de un sector particular de simpatizantes agrupados en lo que se hace llamar nativamente la hinchada o la barra (Moreira, 2006). Es así, como se ha ido forjando un hábito que consiste entre otras cosas, en la elaboración de cantos que se entonan en las tribunas de los estadios, cantos impregnados de lenguaje y representaciones acerca del propio club y el contrario.

76	TÍTULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	Propuesta de un programa de formación deportiva para el Barrio La Yesquita en el municipio de Quibdó	Eduar Samir Valencia Mosquera.	Medellín	2010	Profesional en Deporte	Biblioteca Politécnico Jaime Isaza Cadavid Sede Poblado TPDE 110

	<p>RESUMEN: Las necesidades de un país, departamento, ciudad o pueblo, se deben suplir de una forma dirigida a la problemática que presente. El crecer y convivir con la problemática, me permitió de acuerdo a mis estudios académicos contribuir a tratar de suplir unas de las necesidades que se presentan en el barrio la Yesquita. En su efecto la creación de un centro de inicialización y formación en fútbol para el barrio la Yesquita. El desarrollo del barrio la Yesquita a aumentado culturalmente mas no en el campo deportivo, este proyecto permitirá que los niños adquieran una cultura deportiva, un mejoramiento un su condición motriz, disciplina, un aumento de sus capacidades condicionales entre otras. Todos estos aspectos garantizan un crecimiento y un desarrollo integral en los niños. El proyecto deportivo que se realizara en el barrio, consiste en un programa de formación deportiva en fútbol. Seria pionero en la población ya que tiene unas unidades temáticas especificas en el fútbol que permitirán un progreso deportivo en este deporte. Este proyecto también cuenta con unos contenidos que sirven como medio para alimentar unos aspectos morales y de la personalidad, son contenidos que permiten el manejo de valores como lo son el respeto, responsabilidad, compromiso y una conducta disciplinaria positiva, que permitirá un buen desarrollo integral.</p>
--	--

	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINA R	UBICACIÓN
	El fútbol como herramienta educativa	Santiago Cano	Medellín	2010	Comunicación social	Biblioteca Fundación Universitaria a Luís Amigó Sede Medellín CD-T302.23 C227 2010
77	<p>RESUMEN: Los deportes, las actividades físicas, atléticas y recreativas, están dentro de la vida cotidiana de la sociedad; estos “han evolucionado hasta su reconocimiento como un fenómeno social, con una dimensión cultural, histórica, política y tecnológica”. Jesús Castañón. Lo que se pretende con este trabajo de investigación es observar como el fútbol ha tenido gran acogida en esta época y como es capaz de movilizar multitudes por las emociones que genera. Son muchas las personas interesadas en aprender técnicas de esta disciplina deportiva, entre estas se encuentra niños entre los 4 y los 8 años. Por consiguiente este proyecto se puede desarrollar desde el ámbito comunicación, educación y escuela, mostrando así, como las escuelas de iniciación deportiva, educan desde edades tan cortas, queriendo proyectar un ser responsable y con valores, tanto en la parte deportiva como en la parte social. Este planteamiento surge a través de numerosos intentos por tratar de mezclar de cierta forma la comunicación-educación con el fútbol. Por consiguiente, lo que se pretende realizar con la escuela de Belén Rincón, es una propuesta que le ofrezca no solo herramientas deportivas, sino también educativas para los jugadores técnicos y familiares. También se observará cuales son las dificultades comunicativas que existe en estas escuelas y las frustraciones que pueden tener los deportistas para así mediante un seguimiento estricto poder intervenir y brindar pautas para una mejor comunicación.</p>					

	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	Imaginarios que construyen los barristas de los del sur y la resistencia norte en la ciudad de Medellín.	Jorge Alejandro García Zorrilla	Medellín	2009	Antropología	Biblioteca Central Universidad de Antioquia 306.483/G2 16
78	<p>RESUMEN: La investigación está orientada a descripción y análisis de los imaginarios y las percepciones que construyen los barristas de Los del Sur y la Rexixtenxia Norte, en torno al juego- deporte del futbol; haciendo énfasis en la cotidianidad, las prácticas sociales, los ritos, los símbolos y la construcción de identidad de los barristas. En el primer capítulo, El Imaginario y El Simbolismo del Fútbol, se aborda el concepto del interaccionismo simbólico como eje fundamental para interpretación de la cotidianidad de los grupos, especialmente de las barras de la ciudad, a partir de el uso de rituales y el establecimiento de iconografías que permiten a los hinchas identificarse con un equipo y diferenciarse de los otros. En el segundo capítulo, Amor Por un Equipo, se hace énfasis en el modo en que los hinchas viven el futbol como juego y fiesta, haciendo una categorización de los distintos hinchas y las prácticas sociales que establecen antes, durante y después del encuentro futbolístico. En el tercer capítulo, El fenómeno de las Barras Bravas, se hace un recorrido histórico por los continentes, del surgimiento de estas agrupaciones que se asocian con el propósito de alentar a un equipo de futbol, creando alianzas entre clanes o combos y adoptando una filosofía de vida individual y colectiva. En el cuarto Capítulo, Territorio y Construcción de Identidad, se hace alusión a la construcción, reconstrucción del espacio público y de la vida privada, a través de los vínculos de solidaridad, de las prácticas sociales y los estilos de vida de las tribus urbanas de la modernidad, especialmente de aquellas que se dan en torno a este deporte.</p>					
79	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	Fútbol como religión de un pueblo	Elizabeth Arteaga Orduz	Medellín	2009	Sociología	Biblioteca Central Universidad de Antioquia 306.483/A7 86

	<p>RESUMEN: El presente es un trabajo de investigación social, que busca llamar la atención de los científicos y académicos sociales, específicamente desde la sociología para que vuelvan sus miradas al contexto de la realidad social, enmarcado en problemas y situaciones de la cotidianidad y que por ende a veces pasan inadvertidos. Es pertinente tocar el tema de la religión como concepto de la relación del individuo con ese ser supremo al que le confiere todas sus creencias y como el espacio de cohesión social en la estructura de las sociedades modernas, que aunque obnubiladas por el secularismo, el capitalismo y la globalización; y con el convencimiento de todos los sectores de la ciencia de su inminente desaparición, ha salido airoso a equilibrar su presencia en la esfera social frente a otras corrientes de menor concentración de valores y procesos dogmáticos. Por otro lado el fútbol como movimiento social y entidad cohesionadora de las nuevas y expectantes masas y colectivos, ávidos de conocimientos nuevos que refresquen sus vidas estereotipadas por la sociedad de consumo. El fútbol es un elemento que surge de las composiciones sociales de jóvenes principalmente que rechazan la norma como imposición social de pertenencia y en el deporte hallan la estructura que les otorga la posibilidad de hacer parte de un conjunto bajo normas que ellos mismos crean y respeta. Las acciones simbólicas, el mito, el rito y el culto como elementos de formación y consolidación cultural, que le han otorgado a la religión el poder de subsistir y al fútbol el vigor para surgir y establecerse como institución social siendo una actividad que hasta hace muy poco tiempo era considerada como ocio y juego.</p>					
	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
80	Plan de negocios, cultura futbol radio web: proyecto de grado modalidad emprendimiento.	Juan Carlos Aristizabal Ángel	Medellín	2008	Comunicación Audiovisual	Biblioteca Politécnico Jaime Isaza Cadavid Sede Poblado TCOA 0001 5-CD
	RESUMEN: Pendiente.					

81	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
-----------	---------------------------	--------------	--------------	------------	-------------------------	------------------

	La tolerancia a la frustración en futbolistas de 12-13 años de la Escuela de Fútbol de Interés Social de la Alcaldía de Envigado. EFISAE	Jessica Lopera Franco Juliana Ivette Tabares	Envigado	2008	Sicología	Biblioteca Jorge Franco Vélez Institución Universitaria de Envigado T/1 52. 47/ L86 4/2 008
<p>RESUMEN: El presente trabajo se basó en una investigación teórico-práctica realizada con jóvenes en su pre adolescencia, deportistas –futbolistas – de la Escuela de Fútbol de Interés Social de la Alcaldía de Envigado (EFISAE); en el cual se observaron ítems importantes, por medio de los cuales se realizó un trabajo enfocado en el refuerzo de la tolerancia a la frustración en los jóvenes de esta escuela deportiva, trabajo que se llevó a cabo en varios años y en el que se pudieron dar a conocer, socializar e interiorizar en los deportistas los términos referentes a la tolerancia a la frustración. El objetivo principal del trabajo de frustración ha sido el que ellos y sus padres entiendan que en el fútbol al igual que en la vida se gana y se pierde repetidas veces, y que si ellos fracasan en algo sus padres deben entender y no se decepcionen, sino que al contrario se sientan orgullosos por el esfuerzo que estos han hecho, y los apoyen en competencias futuras y refuercen esa tolerancia a la frustración tanto en su hijos, como en ellos mismos al igual que los jóvenes crecerán reforzándola y tomando de la vida lo bueno de los fracasos, el aprendizaje que estos les dejan.</p>						
82	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	AREA DISCIPLINA R	UBICACIÓN

	Estudio de las barras del fútbol, la banda de homero sur Rionegro Club Atlético Nacional y Rionegro pueblo indigente Deportivo Independiente Medellín entre los años 2006-2007	Juan Antonio Ceballos Zuluaga Juan Camilo Gálvez García Dany Alcides Otálvaro Mejía Natalia Eugenia Salazar Zuluaga	Rionegro	2007	Sicología	Biblioteca Universidad Católica de Oriente T30 2.4, C38 7
	<p>RESUMEN: En Latinoamérica se originan las barras bravas inicialmente en Argentina, Brasil y Chile; todo debido a la influencia británica. Colombia no fue inmune a este fenómeno, en Antioquia esta actividad comenzó a tomar fuerza en 1997, cuando las barras de los equipos Atlético Nacional y Deportivo Independiente Medellín, se trasladan a las tribunas populares norte y sur del estadio Atanasio Girardot. Las barras bravas tienen una característica en común y es el exacerbado fanatismo por su equipo, el cual lleva a los barristas a transformar su energía y emoción en desorden, problemas públicos y violencia. La presente investigación es un estudio descriptivo, es decir cómo es y se manifiesta determinado fenómeno, en este caso, el conjunto de factores psicológicos implícitos en la conducta agresiva de los individuos pertenecientes a las barras bravas, “La Banda de Homero Sur Rionegro” del Atlético Nacional y “Rionegro Pueblo Indigente” del Deportivo Independiente Medellín. Para llevar a cabo la investigación, se utilizaron técnicas para la recolección de la información, como la observación, la observación participante y la entrevista estructurada, con el fin de introducir el análisis de los resultados para dicho trabajo. Se trató de integrar un análisis hermenéutico a un análisis crítico, se analizaron los relatos de vida e impresiones utilizando respaldos bibliográficos, haciendo un contraste y comparación de los comportamientos agresivos de los integrantes de ambas barras para poder determinar los factores psicológicos implícitos en estos.</p>					
83	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN

	Análisis sobre cuatro sitios web de barras bravas de Fútbol de Suramérica	Harvey Combariza García	Medellín	2007	Comunicación Audiovisual	Biblioteca Politécnico Jaime Isaza Cadavid Sede Poblado TCO A 40
	<p>RESUMEN: EN ESTE TRABAJO SE DAN A CONOCER UNAS ORGANIZACIONES RECONOCIDAS SOCIALMENTE COMO BARRAS BRAVAS DE FÚTBOL, EN ESTE CASO CUATRO DE LAS BARRAS MÁS REPRESENTATIVAS EN SURAMÉRICA, COMO LO SON: EN ARGENTINA LA 12 DE BOCA JUNIORS, CHILE LA GARRA BLANCA DEL COLO COLO, COLOMBIA LOS DEL SUR DEL ATLÉTICO NACIONAL Y EN PERÚ LA TRINCHERA NORTE DE UNIVERSITARIO DE DEPORTES. EL ANÁLISIS SE HARÁ EN LOS SITIOS WEB DE CADA UNA DE LAS BARRAS MENCIONADAS. ADEMÁS SE DETERMINA LA IMPORTANCIA DE ESTA HERRAMIENTA AUDIOVISUAL PARA LA COMUNICACIÓN CON LOS HINCHAS Y SIMPATIZANTES DE SUS EQUIPOS MOSTRANDO COMO SON LOS CONTENIDOS DE LOS SITIOS WEB Y TODO LO CORRESPONDIENTE A SU DISEÑO, POR MEDIO DE UN ANÁLISIS DETALLADO EL CUAL INCLUIRÁ DETENERSE EN: LOS CONTENIDOS, LA IMAGEN CORPORATIVA, LA INTERACTIVIDAD Y LA ACTUALIZACIÓN DE CADA SITIO WEB ENTRE OTRAS, SE ANALIZARÁ Y SE DETERMINARÁ SI ESTOS SITIOS WEB CUMPLEN SU FUNCIÓN COMO MEDIOS DE COMUNICACIÓN, BAJO LA MIRADA AUDIOVISUAL, PARA ASÍ CONFRONTARLO CON LA MEDIACIÓN QUE LOS CONTENIDOS DE LOS SITIOS WEB TRANSMITEN A LA GENTE LOS ALCANCES QUE TIENE ESTE TRABAJO SON LOS DE MOSTRAR A LA SOCIEDAD EN LA ACTUALIDAD QUE LAS BARRAS DE FÚTBOL NO SON UN CONGLOMERADO DE JÓVENES VIOLENTOS, SINO QUE POR EL CONTRARIO, SON GRUPOS SOCIALES QUE BUSCAN SER RECONOCIDOS COMO GENERADORES DE ALTERNATIVAS DIFERENTES A LA VIOLENCIA RELACIONADA CON EL FÚTBOL, ES POR ESTO QUE A TRAVÉS DEL SITIO WEB DAN A CONOCER ESTAS ALTERNATIVAS PARA ASÍ MOSTRAR LA OTRA CARA DE LA MONEDA Y DAR UN APOORTE POSITIVO PARA LA SOCIEDAD APARTE DE MOSTRAR SU AFICIÓN Y APOYO INCONDICIONAL A CADA UNO DE LOS EQUIPOS.</p>					
84	TÍTULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN

	<p>Análisis del apego y el desarrollo de pautas interpersonales de relación en niños entre 6 y 10 años de edad que asisten a la Escuela de Fútbol de Interés Social Alcaldía de Envigado. EFISAE, que por su comportamiento fueron clasificados como agresivos o dependientes</p>	<p>María Libia Blandón Rojas Marta Luz Botero Garces Luz Angelica Nieto Sampedro Carolina Valencia Henao Sandra Eugenia Velásquez Estrada</p>	<p>Envigado</p>	<p>2006</p>	<p>Sicología</p>	<p>Biblioteca Jorge Franco Vélez Institución Universitaria de Envigado T/1 58. 2/B 982 /20 06</p>
<p>RESUMEN: Retomando las teorizaciones sobre el apego y la vinculación afectiva, se realizó esta investigación de tipo hipotético deductivo que se propone caracterizar y evaluar el tipo de vínculo afectivo en los niños entre los 6 y 10 años de edad que asisten a la Escuela de Fútbol de Interés Social Alcaldía de Envigado EFISAE, para determinar el patrón de comportamiento interpersonal y el tipo de apego y así caracterizarlo dentro de los rangos dependiente o agresivo. Los resultados arrojados por los instrumentos utilizados para la recolección de la información en esta investigación, muestran en la escala de agresión del BASC diligenciada por los padres que la muestra de participantes no tiene comportamiento agresivo, sin embargo, los puntajes más elevados en esta escala corresponden a los ítems como: si el niño es mal perdedor, discute si no le siguen la corriente, culpa a los demás ante dificultades, lo cual indica que los niños presentan poca tolerancia ante la frustración, producto de influencias en sus interacciones tempranas produciendo como consecuencia comportamientos agresivos de tipo verbal, los puntajes que reflejan comportamiento agresivo obtuvieron medias bajas, los cuales indican que los niveles de agresión en estos niños es bajo.</p>						

	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
85	Evaluación de la motivación hacia la disciplina deportiva del fútbol dirigido a niños adolescentes entre 10 y 13 años de edad que asisten a la Escuela de Fútbol de Interés Social Alcaldía de Envigado. EFISAE	Jaime Campillo Molina	Envigado	2006	Sicología	Biblioteca Jorge Franco Vélez Institución Universitaria de Envigado T/153.8/C196/2006
<p>RESUMEN: El propósito de este estudio fue realizar una evaluación de la motivación de los niños y adolescentes que asisten a la Escuela de Fútbol de Interés Social Alcaldía de Envigado EFISAE, con el fin de conocer las variables intrínsecas y extrínsecas que influyen en la adherencia a la práctica deportiva del fútbol. El estudio, a la vez permite que los entrenadores tengan un insumo basado en la investigación, para que orienten las estrategias de entrenamiento hacia las motivaciones de la población que hace parte de EFISAE. Los resultados mostraron una gran tendencia hacia el logro y el esfuerzo para obtenerlo, además de señalar la importancia que tiene la lúdica en la motivación de los deportistas que hicieron parte de la investigación. Al tratarse de una muestra significativa, estos hallazgos pueden ser generalizados a la población de referencia que asiste a la Escuela de Fútbol.</p>						

86	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	Pasión y fanatismo: acercamiento al fenómeno de las barras bravas de la ciudad de Medellín en el estadio Atanasio Girardot y sus alrededores	Xiomara Acosta Sánchez Andrés Uribe Arango	Medellín	2006	Comunicación Social	Biblioteca Fundación Universitaria Luís Amigó Sede Medellín T30 2.23 A18 5 2006

	<p>RESUMEN: La idea de este trabajo de grado surgió a principios del año 2003, debido al incremento de seguidores jóvenes hacia las denominadas barras bravas de la ciudad de Medellín, conocidas como: Los del Sur (Atlético Nacional) y Rexixtenxia Norte (Independiente Medellín, los cuales desde sus inicios en el año 1998 hasta entonces, desbordaban todo su fanatismo desde las tribunas hacia las afueras del estadio Atanasio Girardot, colmando los alrededores de la unidad deportiva de violencia, hasta el punto de dejar nuestros, heridos y daños materiales, entre otros, lo que llamó nuestra atención para indagar sobre este tema. La violencia de las barras bravas del fútbol no puede haber venido para quedarse. Sería una desgracia que este fanatismo se nos vuelva crónico y habitual como todas las demás violencias que padecemos: la intra familiar; la de la corrupción de los políticos y funcionarios públicos; la económica, la del conflicto armado; la de los medios masivos de comunicación que hacen de la muerte un espectáculo y de la mentira y la omisión informativas una estrategia para mantener en el poder a quienes estructuran este “orden” que produce desórdenes sociales cada vez mayores. La violencia en el estadio Atanasio Girardot de Medellín y sus alrededores se da por diferentes razones que enmarcan la vida de muchas personas en las sociedades contemporáneas, en este libro profundizamos sobre las “barras bravas” en Medellín, desde que se crearon y los espacios que tienen en el estadio y sus alrededores, ya que estas abarcaron un rumbo colmado de violencia en la ciudad.</p>					
87	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN

	Fútbol, hinchas e identidades	Julián Esteban López Aguirre Lina Marcela Cardona Mejía	Medellín	2006	Comunicación Social	Biblioteca Fundación Universitaria Luís Amigó Sede Medellín T30 2.2 3 L86 4 200 6
<p>RESUMEN: En Medellín el fútbol es un deporte el cual se vive como una pasión entre los hinchas, además está asociado con el espectáculo y el entretenimiento de estos, quienes al entrar al estadio olvidan su cotidianidad para sumergirse en un mundo de cánticos, gritos, colores, banderas y jugadores, los cuales hacen que el espectador experimente diversas emociones y sensaciones, en especial cuando asisten al estadio Atanasio Girardot para ver al Atlético Nacional. Por esta razón, el trabajo está basado en una investigación realizada a los hinchas del Atlético Nacional que asisten al estadio Atanasio Girardot cada que juega el equipo como local; para dicho trabajo se tuvo en cuenta diversas teorías basadas en el comportamiento de masas de fútbol, su influencia en los hinchas y la identidad que asume el seguidor al ingresar al estadio. Así mismo, se hizo un seguimiento a cada partido que jugó Atlético Nacional, para observar el actuar del hincha antes, durante y después del juego. De esta forma, la identidad del hincha, el actuar, las emociones, las actitudes, los sentimientos masivos, los rituales y todo lo relacionado con el espectáculo del fútbol dentro del estadio hace parte del trabajo que se comenzó a comienzos del años 2004 y el cual hace un recorrido por el mundo de tres personajes que asisten al estadio a diferentes tribunas, y así pasar por los momentos más representativos de ellos: su formación como hincha, rituales, gustos, sentimientos, entre otros; características que hacen parte de cada uno y ayudan a la investigación y conformación del libro como historias de vida.</p>						

	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
88	El fútbol como referente comunicacional en Medellín	José Luis Puerta Fabian Puerta Jonatan Villa	Medellín	2006	Comunicación Social	Biblioteca Fundación Universitaria Luís Amigó Sede Medellín T30 2.23 P97 7 2006
<p>RESUMEN: El fútbol es un tema que casi siempre se trata en cualquier reunión entre amigos, familias, en las calles o en los pasillos de las universidades y de las empresas, pues los días previos a los encuentros futboleros es muy común escuchar en cualquier espacio de Medellín, sea público o privado, conversaciones acerca de las expectativas que se tienen del partido, además de la alineación y las posibles nóminas que debería utilizar el Director Técnico. Y posterior al partido se toma el diálogo a lo que fue y lo que pudo haber sido el “cotejo” si el encargado de dirigir el equipo de sus amores hubiera hecho lo que cada uno de los aficionados pensaba que era lo mejor para su equipo durante los 90 minutos de la disputa entre los dos oncenos. El libro aparte de hacer una breve reseña histórica del fútbol en Medellín, muestra cómo influye este deporte en diferentes ámbitos de la sociedad, tanto en la moda como en la educación de los seguidores y de los mismos futbolistas, al igual que en el estilo de vida y la forma de comportarse de cada uno de los actores involucrados en el tema de esta actividad física que ha sido investigada y analizada por varios especialistas del área de las ciencias sociales.</p>						

89	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	Tras las huellas de los hinchas del Deportivo Independiente Medellín :investigación socio-cultural y etnográfica	Johan Emerito Rentería Cordoba Luis Felipe Sierra Velásquez	Medellín	2005	Comunicación Social	Biblioteca Fundación Universitaria Luís Amigó Sede Medellín T30 2.2 3 R42 2 200 5

	<p>RESUMEN: Con este trabajo de investigación, se profundiza sobre el conflicto que frecuente los estadios, el porqué de los enfrentamientos de las fanaticadas, además nos da a conocer por medio de encuestas las influencias y causas de tal problemática. Esta es una manera de educar y crear conciencia para que las personas aprendan a visitar los estadios y disfrutar del fútbol en paz, todos sabemos los problemas que causan las barras y tratamos de averiguar cuáles son las influencias que manejan los conflictos internos y externos. Principalmente daremos a conocer el origen de este conflicto, cómo llegan las barras bravas a este territorio y finalmente cómo transcurre este conflicto en la actualidad. Se han tenido en cuenta tres tipos de corpus de análisis: el primero de ellos está conformado por cánticos, debido a que éstos se han constituido en una forma de representación de las significaciones creadas por esta comunidad; ellos reproducen vivencias, amenazas, expectativas, protestas, etc. El segundo está integrado por correos electrónicos, gracias a que estos se han instituido en una forma de comunicación “escrita” entre los miembros de la comunidad; en este caso es importante dilucidar los plexos de significación que los sujetos construyen a través de internet. El tercero está compuesto por grafitis vistos como unidades de sentido que ponen de relieve formas características de las prácticas sociales de tales sujetos que no solamente ocurren en el escenario mismo del encuentro futbolístico, revelando elementos discursivos significativos de la comunidad estudiada.</p>					
90	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN

	La onda de la manipulación	Cristian Daniel Cartagena González Juan Guillermo López	Medellín	2005	Comunicación Social	Biblioteca Fundación Universitaria Luís Amigó Sede Medellín T30 2.2 3 C32 2 200 5
	<p>RESUMEN: Los medios de comunicación, específicamente la radio, tiene cierta influencia en la imagen del jugador ante los aficionados. Lo primero es aclarar que la influencia comienza dependiendo del rendimiento futbolístico que estos tengan. Este libro analiza la influencia de la radio deportiva antioqueña en la imagen de los jugadores del Atlético Nacional y el Deportivo Independiente Medellín desde el año 2004, igualmente, identifica si la participación de la radiodifusión y sus componentes benefician o perjudican la imagen del jugador, ya que el auge de los medios de comunicación especialmente la radio en Antioquia es cada vez mayor al igual que su público; así mismo, la radio es clave para estudiar el fenómeno, pues ella es el medio masivo que pasa más tiempo y vive mas de cerca la actividad futbolera en Medellín. De igual manera, el problema de la influencia radial en la imagen del jugador deriva en sus protagonistas: los periodistas, sean profesionales o experimentales, éstos son los que tienen el poder de subir o bajar a determinado jugador, por tanto, el análisis de los profesionales de la información y su influencia en la imagen del deportista ante sus aficionados es pertinente, debido a que no todos los periodistas son buenos o malos.</p>					
91	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	AREA DISCIPLINA R	UBICACIÓN

	Ponyfútbol : ilusión de niños, interés de grandes.	Aurora Virginia Vizcaíno Cassalins Selene Judith Ortega Morales.	Medellín	2005	Trabajo Social	Biblioteca Central Universidad de Antioquia 796.33/077
	<p>RESUMEN: En los capítulos contenidos en este trabajo investigativo "Ponyfútbol: Ilusión de niños Interés de grandes", se abordan los distintos actores que forman partes de éste espectáculo deportivo, en su realización y sostenimiento; sean éstos, patrocinadores, escuelas de iniciación deportivas, padres de familia, técnicos, venteros, público asistente, etc.; y los diferentes intereses por los cuales son motivados. Ante ello, se pretende generar reflexión crítica sobre las dinámicas que estos generan, mostrando la complejidad de las interacciones en el mundo del ponyfútbol; el cual, no es sólo un espectáculo de pequeños gigantes del balón con sueños; sino también, un mar de ganancias económicas y oportunidades para quienes así lo conciben. Ésta investigación, "Ponyfútbol: "Ilusión de niños, interés de grandes" evidencia la otra realidad del ponyfútbol, la que han ido construyendo los sujetos desde sus propios significados y que se aleja de la concepción inicialmente planteada por sus primeros gestores para quienes la competencia no era lo principal. Finalmente desde Trabajo Social se realizan recomendaciones a tener en cuenta por las escuelas de iniciación deportiva cuya mayor población son niños y las relaciones de estos con los padres de familia; así mismo, que los trabajadores sociales visualicen el potencial laboral existente en el ámbito deportivo y exploren otras áreas de la vida cotidiana de la sociedad, aportando desde el conocimiento adquirido en la academia posibilidades de mejoramiento.</p>					
92	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN

	Entre barras: socialidad en verde y rojo: consideraciones sociológicas sobre las barras de hinchas de futbol de la ciudad de Medellín : Los Del Sur y Rexixtenxia Norte	Jorge Alberto Chica Vasco	Medellí n	200 4	Sociología	Bibl iote ca Cen tral Uni ver sida d de Anti oqu ia 306 .48 3/C 532
	<p>RESUMEN: El presente trabajo monográfico está concentrado en los jóvenes y en la manera en que asumen un lugar en el plexo relacional de la ciudad de Medellín, a través del fútbol, deporte de alto impacto en las sociedades modernas, que se convierte en el creador de espacios de interacción permanente entre los actores sociales, lo que se denomina Socialidad. El primer capítulo "Su majestad" esboza los comienzos de la nueva pasión que envolvió a Colombia en el albor del siglo XIX, el deporte, al compás de las patadas, los puños, los goles, pedalazos y problemas políticos circundantes. En el segundo capítulo "Agítese bien antes de ser comprendida" se plantea el concepto de Muchachada Altamente Sobrecargada de Adrenalina (M.A.S.A) para hacer alusión a un tipo de masa diferente a los ya planteados desde Freud y Le Bon, con el fin de aclarar la situación que atraviesan los jóvenes. En el tercer capítulo "El asunto de vivir sin centro" se presenta al lector la forma como los jóvenes afrontan su transitoriedad identitaria en medio de un ambiente hostil a sus propios intereses, dadas las diferencias entre lo que la sociedad brinda y lo que ellos están generando no solo a nivel individual sino colectivo. En el cuarto capítulo "Blanda por dentro, dura por fuera" se elaboran una serie de tipologías concernientes a los grupos e hinchas que se forman alrededor del fútbol como lo son las barras de hinchas. El quinto capítulo "Los de adentro y los de afuera" versa sobre aquello concerniente a las fuerzas o poderes que de una o de otra forma atraviesan a las hinchadas (barras) por medio de diferentes estrategias, ya sean estas de carácter legal o ilegal. Por ultimo en el sexto capítulo "¿Arena o reflejo?" realiza un análisis detallado de las dinámicas interaccionales que se dan entre los hinchas que pertenecen a una barra en el contexto de su cotidianidad.</p>					
93	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN

	Mitos y símbolos que estructuran los rasgos de personalidad, de un barrista perteneciente a los del sur.	Juan Esteban Palacio Ríos. Ana Raquel Ruiz Giraldo	Medellín	2004	Sicología	Biblioteca Central Universidad Pontificia Bolivariana T79 6.3 34 P15
<p>RESUMEN: Este trabajo constituye un intento de contribuir al estudio del comportamiento de los individuos en los estadios deportivos, en especial el fútbol, que aglutina a la mayor parte de los fanáticos del deporte en la ciudad. Se parte de una conceptualización del fútbol como rito secular para luego intentar develar los significados que conllevan las prácticas corporales de los barristas pertenecientes a la barra Los Del Sur. Por ende lo que busca el trabajo de grado es describir, explicar y comprender lo que hace el barrista de Los Del Sur, como se comporta, que ritualizaciones realiza, que simbologías asume, que mitos crea, los valores que demuestra dentro del espacio ritual de los estadios, y de que manera todas estas “tareas” estructuran su personalidad. El fútbol como ritual secular, se convierte en una actividad repetitiva, que posee un alto contenido dramático y que genera fuertes sentidos de pertenencia entre sus participantes. En la ciudad de Medellín se manifiestan diferentes movimientos socioculturales, que interactúan entre lo religioso, lo político, el rock y el deporte, más puntualmente el fútbol. Dichos movimientos poseen aspectos psicosociales que se convierten en matrices de investigación para el área de psicología.</p>						
94	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN

	Colombia y su cuarto de hora : participación de Colombia en los mundiales de fútbol	Paula Andrea Bustamante Jaramillo	Medellín	2004	Comunicación Social - Periodismo	Biblioteca Central Universidad Pontificia Bolivariana T07 0.4 497 96 B87
	<p>RESUMEN: Este trabajo de grado relata la participación de Colombia en los mundiales de fútbol, a través de historias periodísticas que narrarán los instantes y los personajes que se grabaron en la mente de los colombianos. Para tener un orden coherente que se ajuste a los parámetros de la historia periodística, los capítulos se dividen en relatos. El capítulo, “en un país desconocido también se sufría de fútbol”, habla del nacimiento del fútbol profesional colombiano; la clasificación y participación en Chile 62. El capítulo cuarto, “Era Maturana y sigue siendo Maturana” se adelanta de manera cronológica hasta 1987, en el Suramericano de Bolivia, luego avanza a “Italia 90”, el 5 a 0 con Argentina en las eliminatorias a USA 94, los futbolistas que se convirtieron en ídolos y en referentes de patria y el mundial de Bolillo Gómez. El quinto capítulo da cuenta de la renovación para enfrentar las eliminatorias a Corea-Japón 2002, y Alemania 2006. El Capítulo final “otra vez desde cero” hace un análisis de la actual crisis del fútbol colombiano. Algunos relatos se acogen a los archivos de periódicos, revistas y libros, para reconstruir esa etapa del fútbol colombiano. En los capítulos 4 y 5 hay más riqueza de información porque se nutre de archivos, de entrevistas y de una experiencia propia de la autora en el Mundial Italia 90. Y el último capítulo que deja abierta la discusión sobre el futuro del fútbol colombiano, es una apreciación desde el punto de vista periodístico.</p>					
95	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN

	Responsabilidad social y pedagógica del periodista deportivo en Medellín	Lorena Ossa Ramírez Marie Elizabeth Chica Arcila Catalina Múnera Gallego	Medellín	2004	Comunicación Social	Biblioteca Fundación Universitaria Luís Amigó Sede Medellín T30 2.2 3 084 200 4
	<p>RESUMEN: En la sociedad contemporánea es indudable que el deporte es uno de los fenómenos sociales más importantes, por lo que el periodismo deportivo se ha convertido en uno de los más seguidos de la información periodística; sin embargo, el periodista deportivo actual no es consciente de su responsabilidad social y pedagógica frente a la sociedad, puesto que se dedica a informar un resultado y no va más allá de la noticia para presentar a sus receptores el porqué, el cómo y las consecuencias que puede acarrear un acontecimiento. Por esta razón, y centrándonos en el periodismo deportivo en Medellín, es importante analizar cómo los especialistas de este género están desarrollando su labor a la hora de entretener, educar e informar desde los medios masivos de comunicación. Es así como esta investigación pretende generar en el periodista de este género conciencia de la responsabilidad que tienen sus escritos o palabras en el comportamiento de una colectividad y de que su labor va más allá de la simple información.</p>					
96	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN

	Hacia un análisis sobre la construcción de identidad cultural, en las barras bravas Los del Sur y Rexixtenxia Norte 1999-2002 /	Edwin Andrés Escobar Zapata Maritza Catalina Escobar Zapata Isabel Cristina Pérez Pérez	Medellín	2004	Sociología	Biblioteca Justino Turizo Sierra Universidad Autónoma Latinoamericana T30 6.4 83/E74
<p>RESUMEN: Este trabajo se centra en indagar sobre los procesos de construcción de identidad al interior de las barras Rexixtenxia Norte y Los del Sur, ambas originarias de la ciudad de Medellín, más específicamente la relación entre asignación de sentido y proceso de construcción de identidad. Para abordar la relación se ha recurrido a una descripción del contexto y la historia de las “barras bravas” mentadas y las principales características de las prácticas y dinámicas de estos grupos; tras esta descripción, se hace un análisis sobre las principales asignaciones de sentido en la construcción de identidad y que funcionan como características concretas de las relaciones en las barras bravas, de igual manera se identifican otras asignaciones de sentido mas subjetivas expresadas en términos de afectividad entre los integrantes de la colectividad hacia el grupo y sus miembros. La Discusión se centra en la identidad y no en otros elementos ya que este es un concepto que está mediado por relaciones de poder, violencia, conflicto y territorialidad, entre otras identificadas principalmente en las dinámicas de la juventud como actor principal de estas agrupaciones.</p>						

	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
97	La violencia de las barras en el fútbol profesional de Medellín en 2002.	Juan José Correa Molina Ana Isabel Ruiz Ospina	Medellín	2003	Sociología	Biblioteca Justino Turiso Sierra Universidad Autónoma Latinoamericana T30 6.4 83/ C82 4

	<p>RESUMEN: La violencia que ha acompañado el espectáculo del fútbol en la ciudad de Medellín durante los últimos años, es un fenómeno que se muestra “interesante” como objeto de estudio, no solo por la trascendencia del tema para la sociedad sino también por la pertinencia que observa para el análisis sociológico. La agudización de éste fenómeno coincide con el escalonamiento del conflicto urbano en la ciudad en el año 2002, en el cual se preveía que el tratamiento de esa problemática podría tener una mayor riqueza de investigación para el quehacer de la sociología. Teniendo en cuenta que este fenómeno es relativamente reciente en la ciudad, se encontró más conveniente plantear algunas preguntas claves que pudieran servir como referentes de orientación para el análisis y la investigación, estas preguntas que se abordan y analizan en el documento son: ¿Es la violencia en el fútbol la continuación de las otras violencias que suceden en la ciudad?, ¿La violencia en el fútbol responde exclusivamente al ambiente de hostilidad entre las barras de fanáticos?, ¿Será la manifestación de la crisis del fútbol en la ciudad la que ocasiona la violencia en este?.</p>					
98	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	Causas y expresiones de la violencia en el futbol	Artenio Hidalgo Escobar	Medellín	2003	Sociología	Biblioteca Central Universidad de Antioquia 303 .62/ H63 2

	<p>RESUMEN: El Fenómeno de la violencia en los estadios es tratado en este trabajo de investigación cualitativa, a partir de los derroteros que marca la conducta de unos adolescentes que dentro y fuera del estadio Atanasio Girardot de Medellín, buscan sus reivindicaciones por medio de acciones de vandalismo antes, en y después de los partidos de fútbol que allí se juegan. Los referentes simbólicos que juegan en el instinto del aficionado al fútbol en la ciudad de Medellín están asociados ligeramente en unos casos, ampliamente en otros, a la incapacidad de las autoridades para frenar el deseo reprimido de acciones violentas que maneja la sociedad desde tiempo atrás, referenciada esta vez en el espectáculo del fútbol; en donde se vuelve casi un imposible -desde lo estatal- generar acciones socializadoras, especialmente en la población juvenil que es la más recurrente a este tipo de actividades. Este trabajo aborda tres componentes claves: el primero relacionado con el fútbol, la violencia y las representaciones simbólicas que allí se suceden, especialmente por parte de los hinchas; el segundo "Medellín, jóvenes y violencia", intenta dar explicaciones precisas sobre el papel que juegan los individuos en la sociedad y como ésta lo empuja a actos disfuncionales de la sociedad misma en su crisis funcional interna mas allá del futbol; finalmente el tercer aspecto o capítulo hace un análisis sociológico de la situación identificada caracterizando la violencia en el estadio entre los hinchas como manifestación del odio social que inspira a los adolescentes a imitar.</p>
--	--

99	TÍTULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	Gol eterno : el partido de futbol : mas que noventa minutos, toda una vida de pasión y etnografía	Juan Fernando Rivera Gómez	Medellín	2003	Antropología	Biblioteca Central Universidad de Antioquia 572.7/ R621

	<p>RESUMEN: Este trabajo se divide en tres partes, la primera denominada "La Autoridad Etnográfica" hace una relación de las razones, motivaciones y realidades de un antropólogo incursionando en el mundo del fútbol desde su experiencia vital de barrista retirado e investigador en la materia. El segundo capítulo "Personajes, Lugares y Tiempos" hace una relación entre las denominaciones oficiales y complementarias de los actores oficiales y complementarios que hacen el partido de fútbol, los lugares donde este se juega y los tiempos de los mismos, combinando la mirada de los 90 minutos, el estadio y los personajes de la cancha y su relación con los otros personajes de la tribuna, la calle, el barrio, la ciudad y su interlocución con el terreno de juego oficial, denotando así la dimensión social del fútbol. El tercer capítulo "El partido de Fútbol como Ritual", toma como referencia 5 aspectos propios de un ritual según Taylor y Van Gennep que se pueden identificar alrededor de un partido de fútbol por parte de los actores oficiales y complementarios, en los contextos y tiempos oficiales y complementarios: la ruptura de la cotidianidad, un marco espacial y temporal definido, una programación o repetición en un tiempo cíclico, palabras proferidas y gestos complementarios, y finalmente una configuración simbólica o mítica. .</p>					
100	TÍTULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	Fútbol y barra brava: análisis de un fenómeno urbano	Rafael Jaramillo Racines u otros	Bogotá	2018	Ciencias Humanas y Sociales	Producción editorial, Universidad Nacional, Facultad de Ciencias Humanas
<p>RESUMEN: Para quienes les encanta el fútbol, para aquellos que lo viven, para los que lo estudian, para los que lo critican...el libro Fútbol y barras bravas :análisis de un fenómeno urbano les permitirá adentrarse en diferentes visiones del deporte más popular del mundo. El lector encontrará una serie de ensayos de tres autores que abordan el fenómeno del desarrollo del fútbol y la afición "brava" desde las diferentes perspectivas : la primera nos cuenta sobre los inicios del fútbol en Colombia; la segunda analiza el fenómeno del surgimiento y la consolidación de las barras bravas y, finalmente, la tercera debido a la doble connotación de su autor (profesor universitario de sociología y, al mismo tiempo , parte activa de una barra brava), nos sumerge en su experiencia editor</p>						

	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
101	Violencia escolar relacionada con barras de fútbol en Bogotá	Luz Cañón Cueca	Bogotá	2017	Doctorado Interinstitucional en Educación	Tesis Doctoral, Universidad Distrital Francisco José de Caldas
	RESUMEN:					
	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
102	Barras bravas en el fútbol: Consumo de drogas y violencia	Guillermo Alonso Castaño Pérez ; Sandra Milena Restrepo Escobar & Nicolas Uribe Aramburo .	Medellín	2014		Biblioteca Fundación Universitaria Luís Amigó Sede Medellín
	RESUMEN:					
	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
103	Mi segunda piel	Alejandro Villanueva Bustos	Bogotá	2014	Licenciatura en Ciencias Sociales	Biblioteca Universidad Pedagógica Nacional
	RESUMEN:					

	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
104	Tras las barras bravas: prácticas comunicativas, identidad y cultura de los comandos azules y la guardia albi-roja en Bogotá	William Ricardo Zambrano Ayala	Bogotá	2014	Estudios Sociales	Eco Ediciones- Unipan americana Biblioteca Universidad Pedagógica Nacional
	<p>RESUMEN: Se hizo acompañamiento a los barristas de Los Comandos Azules de Millonarios y La Guardia Albi-Roja de Santa Fe, a través del método etnográfico, con entrevistas de profundidad, observación directa y participante. Durante once meses de seguimiento a los barristas en 30 partidos en los tres posibles resultados: victoria, derrota y empate, se vivió el fútbol con ellos, se conversó y se escucharon sus confidencias, lo que permitió la recopilación documental para identificar lugares y contextos comunes de cada barra. Se halló una gran variedad de relatos, de narraciones y de voces que hablaban de riesgos, de vida urbana y de multiplicidad de sentimientos, emociones, reacciones y violencia callejera.</p>					
105	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN

	<p>Dominio Aurinegro, más que una pasión".</p> <p>Aproximación al grupo de barristas, "Dominio Aurinegro la Banda de los Anarkas" barristas del equipo Alianza Petrolera de la ciudad de Barrancabermeja, sobre su conformación y prácticas de acción social</p>	<p>César Augusto Vargas Hernández</p>	<p>Bogotá</p>	<p>2017</p>	<p>Licenciatura en Deporte</p>	<p>Tesis digital e. Biblioteca Universidad Pedagógica Nacional</p>
RESUMEN:						
106	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINA R	UBICACIÓN
	<p>Imaginario sociales de lo ñero : entre redes, empleo, escuela, hinchadas y rumba.</p>	<p>Kevin Daniel Rozo Rondón</p>	<p>Bogotá</p>	<p>2106</p>	<p>Licenciatura en Educación Básica con énfasis en Ciencias Sociales</p>	<p>Tesis digital e. Biblioteca Universidad Pedagógica Nacional</p>
RESUMEN:						
107	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINA R	UBICACIÓN

	La instrumentalización política del fútbol y los diálogos de paz con las FARC-EP	Juan Carlos Rojas Hurtado	Bogotá	2017	Licenciatura en Educación Básica con énfasis en Ciencias Sociales	Tesis digital e. Biblioteca Universidad Pedagógica Nacional
RESUMEN:						
108	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	El futbol como una producción deseante: una apuesta desde la pedagogía y la didáctica	Isaac Rafael Pinedo Pérez	Bogotá	2015	Licenciatura en Educación Básica con énfasis en Ciencias Sociales	Tesis digital e. Biblioteca Universidad Pedagógica Nacional
RESUMEN:						
109	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	Futbol para la convivencia	Héctor Daniel Navarrete Arenales u otros.	Bogotá	2015	Licenciatura en Deporte	Tesis digital e. Biblioteca Universidad Pedagógica Nacional

	<p>RESUMEN: Trabajo de grado que se propone Bajo el desarrollo de la propuesta presentada desde Secretaría de Gobierno, desde la Facultad de Educación Física de la Universidad Pedagógica Nacional se planteó una estrategia o proyecto llamado “FÚTBOL PARA LA CONVIVENCIA”, el cual planteaba una iniciativa de intervención para atender las localidades del sur de la ciudad , en su desarrollo se propuso algunos aspectos a considerar sobre el deporte en las comunidades; Existe en la sociedad un supuesto acerca del deporte que es necesario reflexionar, y es el siguiente: “El deporte es una actividad que potencia la construcción de un modelo adecuado de sociedad”, en tal sentido, el proyecto de “Fútbol para la Convivencia” de la Secretaría de Gobierno, es un proceso expedito para evidenciar que la práctica del deporte en contextos urbanos que puede convertirse en un factor importante para la generación de dinámicas de convivencia</p>					
	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
110	Identidad y acción colectiva en Blue Rain de Millonarios F.C.	Fabio Andrés Alarcón Ramírez	Bogotá	2016	Licenciatura en Educación Básica con énfasis en Ciencias Sociales	Tesis digital e. Biblioteca Universidad Pedagógica Nacional
	<p>RESUMEN: Trabajo de grado que se propone, Busca el análisis de la construcción de identidades y las prácticas del Aguante que se generan en los jóvenes, como eje central del problema, así como la descripción del papel que ha tenido la acción colectiva dentro de estas prácticas de identificación, que conforman una organización como lo es una barra popular de un equipo de fútbol. En este sentido, la identidad no solo reconoce similitudes entre los sujetos, sino su articulación con las prácticas, en este caso relacionadas con el aguante, que en el campo que investigaré, constituye una construcción de éstas junto con otras diferentes posiciones, que garantizan una unicidad alimentada por elementos materiales y simbólicos que determinan su sostenimiento y organización como grupo, actuando a través de la diferenciación al establecer límites simbólicos y tener al otro, (la hinchada rival) como referencia de identificación, y a sí mismos como referencia para establecer la acción colectiva.</p>					
111	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN

	El futbolazo práctica de deportiva promotora de convivencia e inclusión social	Yorby Luiz Gómez Valencia	Bogotá	2014	Licenciatura en Deporte	Tesis digital e. Biblioteca Universidad Pedagógica Nacional
	<p>RESUMEN: Trabajo de grado en que se evidencia en las personas con discapacidad física una necesidad de aprecio por parte de los demás en los diferentes entornos que se desenvuelven como lo son el ámbito familiar, escolar, social y cultural, esto sin duda da punto de partida para sentar la intención del P C P, que trata de potencializar la autoestima en este tipo de población, de la Fundación Arcángeles. Utilizando la educación física como herramienta, y planteando actividades para dicho fin desde las situaciones motrices que están inmersas en una teoría como la sociomotricidad, que le permitirá a las los individuos interrelacionarse con los demás creando relaciones de afecto, amistad, cariño, confianza, respeto por sí mismos y por el otro.</p>					
	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINA R	UBICACIÓN
112	Fiesta en la popular. Manifestaciones festivas de la barra de fútbol; Los del Sur Bogotá, simbolización del sentimiento nacional	Diego Armando Morales Arango & Sebastián Marín Basallo	Bogotá	2017	Licenciatura en Recreación y Turismo	Tesis digital e. Biblioteca Universidad Pedagógica Nacional
	RESUMEN:					
113	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINA R	UBICACIÓN

	De la ternura al ensordecedor grito en el contexto de las barras futboleras de un parche perteneciente a los millonarios "Comandos Azules"	Yeimy Helena Giraldo Torres	Bogotá	2017	Maestría en Desarrollo Educativo y Social	Tesis digital e. Biblioteca Universidad Pedagógica Nacional
	<p>RESUMEN: Tesis de grado donde la autora propende por comprender la constitución del status de lo femenino, en el contexto de las prácticas barristas del parche de Ciudad Gallina, perteneciente a la barra Comandos Azules-Millonarios. La investigación tiene un carácter interpretativo, se fundamenta en la construcción de categorías analíticas derivadas de la relación entre el marco teórico y la indagación. Dentro de Los principales logros alcanzados en este proceso investigativo, la argumentación teórica se encuentra fundamentada en propuestas como: el Psicoanálisis, Estudios de Género, algunos postulados desde la Antropología y la Sociología que robustecen el documento.</p>					
114	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	Mirada sobre el joven barrista y la convivencia ciudadana	Víctor Hugo Durán, Ramiro Andrés Alzate, Sergio Martínez	Bogotá	2016		Revista Lúdica Pedagógica; Vol. 1, Núm. 23 (2016) : Ocio y jóvenes

	<p>RESUMEN: El presente escrito socializa los resultados de la intervención realizada por los autores en la ciudad de Bogotá, financiada por la alcaldía local de Bosa en el marco del proyecto denominado Prevención de los Conflictos Urbanos, la Violencia y el Delito. Este trabajo da cuenta de la situación actual de la juventud barrista en esta zona de la capital colombiana, y describe de manera global lo que significa ser barrista y su relación con el interior del colectivo y del entorno social. Los datos se recogieron a partir de encuestas semiestructuradas, talleres de reconocimiento, acompañamiento a la intervención de espacios comunitarios y revisión documental relacionada con el fenómeno del barrismo a nivel distrital. De igual forma, se contó con el apoyo de barristas, miembros de la comunidad y gestores de la localidad, quienes sirvieron de enlace con el grupo de jóvenes barristas. El proceso hizo evidente la poca información que se tiene con respecto a la juventud barrista desde ópticas diversas, positivas e incluyentes, que den apertura al reconocimiento del otro y a generar procesos de participación verdadera en la comunidad, que transforme la visión estigmatizada sobre el joven y sus prácticas así como la postura asistencialista de los gobiernos locales.</p>					
115	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	La Construcción de la Identidad Musical en un Parche de la Barra de los Comandos Azules de Bogotá.	Angela Bibiana Barragán Amaya	Bogotá	2016	Maestría en Estudios Artísticos.	Tesis. Repositorio Universidad Distrital Francisco José de Caldas

	<p>RESUMEN: Esta investigación se interesó en observar cómo construye su identidad musical un 'parche' de los Comandos Azules de Bogotá, una de las barras de Millonarios Fútbol Club. Fue realizada como trabajo para optar al título otorgado en la Maestría de estudios artísticos de la Facultad de Artes - ASAB de la Universidad Distrital Francisco José de Caldas en Bogotá Colombia y relaciona los intereses propios de la línea de estudios culturales de las artes y de la psicología de la música. La metodología de carácter etnográfico utilizó principalmente la observación participante durante más de dos años, en los que la investigadora se acercó a la polémica experiencia del 'going native', a partir de la cual plantea el conocimiento sensible como producto de su transformación interna. La narración etnográfica es fundamental dentro del informe de investigación; se apoya además en algunos textos literarios que aluden a las emociones y sentimientos de quienes viven esta pasión. Sus aportes se centran en el reconocimiento de la importancia del conocimiento sensible, en cómo éste puede acercarnos a una comprensión compleja del fenómeno del barrismo, desde los usos de la música en su conflictiva construcción identitaria. Abre preguntas para los estudios artísticos, el campo de la estética, los estudios culturales y la psicología de la música.</p>					
116	<p>TITULO DEL TRABAJO</p>	<p>AUTOR</p>	<p>LUGAR</p>	<p>AÑO</p>	<p>ÁREA DISCIPLINAR</p>	<p>UBICACIÓN</p>
	<p>Imaginarios Sociales del Ídolo Futbolista en Busca del Héroe Colombiano</p>	<p>Francisco Javier Rodríguez García</p>	<p>Bogotá</p>	<p>2016</p>	<p>Maestría en Investigación Social Interdisciplinaria</p>	<p>Tesis. Repositorio Universidad Distrital al Francisco José de Caldas</p>
	<p>RESUMEN: Esta investigación es una clara respuesta a la importancia y la necesidad de conocer los imaginarios que puede tener un adolescente desde el deporte, específicamente desde el fútbol, para el caso de la investigación, estudiantes entre 12 y 15 años que están en proceso formativo con permanente acceso a medios de comunicación que influyen de diversas formas en sus aprendizajes. La influencia dada por los medios de información ofrece historias donde se muestran personajes destacados que se encuentran entre las categorías de ídolos y héroes, con ello todo su desarrollo y entorno, en donde en conjunto con sus características se reitera no solo son vistos como futbolistas sino como imagen y/o modelo a seguir. Se tiene como fin inicial afirmar o no la existencia del héroe, así como el identificar sus características e impacto, para lograrlo se tuvo como método la recolección de datos a través de una encuesta en dos grupos de adolescentes entre 12 y 15 años, uno de un colegio ubicado en la ciudad de Bogotá y el segundo perteneciente a la escuela de Fútbol de una caja de compensación ubicada en la misma ciudad.</p>					

	TÍTULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
117	Identidades proscritas: El caso de miembros de barras bravas en conflicto con la Ley.	Diego Armando Hartmann Aguilera	Bogotá	2016	Maestría en Investigación Social Interdisciplinaria	Tesis. Repositorio Universidad Distrital Francisco José de Caldas
<p>RESUMEN: La tendencia al aumento en el número de jóvenes que se vinculan a las barras de fútbol, el creciente impacto de estas sobre la seguridad y la convivencia en entornos urbanos y su carácter de fenómeno sintetizador, y a la vez catalizador, de las problemáticas de la juventud urbana, hacen pertinente preguntarse por aquellos modos de identificación no afirmativos y que se encuentran inmersos en conflicto con la normatividad vigente, de algunos de los jóvenes que pertenecen a estos grupos.</p>						
118	Fútbol, Identidad, Violencia y Tejido Social, el Caso de las Barras Capitalinas	Héctor Andrés Carrillo Fraile	Bogotá	2017	Licenciatura en Educación Básica con énfasis en Ciencias Sociales	Tesis. Repositorio Universidad Distrital Francisco José de Caldas
<p>RESUMEN: Este trabajo es el resultado de la indagación alrededor del fútbol y su impacto social en tres ejes fundamentales que son: la violencia, la identidad y el mercado. En este análisis se tuvieron en cuenta como ejes transversales de la investigación: la construcción de identidad, la violencia como representación de la misma y el estudio de estos grupos de hinchas como manifestaciones culturales enmarcadas en la construcción de nuevos tipos de tribus urbanas, que manifiestan a través de la violencia una disputa por una identidad, un imaginario, unos símbolos y un territorio.</p>						
119	TÍTULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN

	Barras de fútbol, consumo de drogas y violencia	Guillermo Alonso Castaño Pérez & Nicolás Ignacio Uribe Aramburo	Barranquilla	2014	Psicología	Revistas Psicología desde el Caribe v31 n2: 243-279. Universidad del Norte
<p>RESUMEN: A partir de una investigación descriptiva y analítica, con un diseño metodológico cualitativo, se describen y analizan la coocurrencia entre el consumo de sustancias psicoactivas y los comportamientos agresivos y violentos en miembros de algunas de las barras de fútbol de la ciudad de Medellín, Colombia. Mediante la técnica de observación participante se muestra que el consumo de drogas, junto con los fenómenos de la identificación, la sugestión y el contagio social, pueden promover la alteración de la conciencia y la abolición temporal de los patrones de pensamiento y comportamiento típicos de los individuos, así como de los preceptos morales y éticos que regulan la actuación en sociedad. Se explica por qué los individuos de la masa (barra de fútbol) se vuelven irreflexivos, impulsivos, iracundos y violentos, desde perspectivas de la psicología social, el psicoanálisis y la etología.</p>						
120	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	Encrucijada de la violencia asociada al fútbol: entre el desagrado y la complacencia	Natalia Andrea Salinas Arango	Bogotá	2018	Trabajo Social	Revista. Trabajo Social. , Volumen 20, Número 1, p. 49 - 68

	<p>RESUMEN: Este artículo es resultado de una investigación que tuvo como objetivo identificar las representaciones sociales sobre la violencia asociada al fútbol en el barrio Florida Nueva, de Medellín. Se realizó una investigación cualitativa, con la modalidad de estudio de caso y con alcance exploratorio-descriptivo, basada en el enfoque metodológico del interaccionismo simbólico —que evidencia las dimensiones relacional, comunicacional y situacional del fenómeno—. Para la generación de información en el barrio, la comunidad y los actores asociados al fútbol, se utilizaron las técnicas de observación, entrevistas semiestructuradas, mapeo, grupo focal, conversatorio con expertos y revisión de prensa.</p>					
	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	La identidad como categoría teórica para el estudio de la violencia en el fútbol	Natalia Andrea Salinas Arango & Luz Andrea Suárez Álvarez	Pasto-Nariño	2016	Trabajo Social	Revista Criterios- 23 (1)- pp. 335-349.
121	<p>RESUMEN: Este artículo está basado en la investigación que tuvo como objetivo reconocer el tratamiento teórico que se ha realizado en las investigaciones sobre la violencia en el fútbol en los últimos diez años. Se efectuó un estudio exploratorio de las fuentes documentales, así como un proceso interpretativo de las mismas y un análisis inferencial del contenido explícito e implícito. Se destaca la identidad como categoría teórica central para la comprensión del fenómeno de la violencia asociada al fútbol, frente a la cual, a partir del abordaje que los autores le han dado a la temática, se plantea las subcategorías relacionales: nacionalismo e identidad nacional, identidad local y regional, microidentidades, aguante y corporalidad. De este modo, a partir de la reflexión que se hace del material documental, se concluye que la identidad, en tanto forma de construcción social real y simbólica, configura formas de relaciones de poder, territorialidad, microidentidades y expresiones de los grupos de aficionados al fútbol.</p>					
122	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN

	Construcción de la violencia en el fútbol: la psicologización del hincha	Juan Carlos Arboleda-Ariza & Margarita María Vélez Maya	Bogotá	2016	Psicología	Catálogo Universidad Andes. Revista Cuadernos de Psicología 2016, Vol. 18, No 2, 71-81. Barcelona
<p>RESUMEN: El fenómeno de la violencia asociada al fútbol no está desarticulado de las formas como los grupos sociales elaboran y reproducen significados, lo cual plantea la necesidad de producir comprensiones sobre los procesos discursivos que generan y mantienen la violencia. Abordamos el estudio por medio de la metodología cualitativa en especial a través del Análisis del Discurso. Tomamos como muestra 188 artículos periodísticos del diario El Colombiano en el periodo comprendido entre los años 2010 y 2015. Encontramos que la prensa sitúa al “hincha” como eje central a la hora de referirse al fenómeno de la violencia en el fútbol, apelando a la psicologización y criminalización de este para explicar la violencia en el contexto del fútbol.</p>						
123	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	Violencia en el fútbol. Investigaciones sociales y fracasos políticos	José Garriga Zucal (compilador)	Bogotá	2013	Antropología	Catálogo Universidad Andes. Editorial EGodot Argentina

	<p>RESUMEN: En Violencia en el fútbol, José Garriga Zucal compila una serie de ensayos que intentan explicar y comprender el fenómeno de la violencia en el fútbol desde una mirada distinta del sentido común. A partir de ciertas experiencias de su grupo de investigación, en Violencia en el fútbol queda claro cómo, desde un intento antropológico por abordar la cuestión, un equipo de investigadores del CONICET vieron cómo desde las decisiones estatales les cerraban las puertas a los resultados de sus trabajos de campo. "La eficacia simbólica de las leyes que persiguen los delitos violentos en el fútbol es nula, ya que puede con éxito encarcelar a quienes cometen delitos pero no modifica la validez que estos hechos poseen. Por ello, una política de prevención de la violencia que se recuesta solo en nociones judiciales está destinada al fracaso. Una vez más damos cuenta de que la irracionalidad nada tiene que ver con estos actores y sus acciones. Se vuelve ahora obligatorio mencionar que si nuestro deseo es modificar los sentidos de pertenencia sustentados en la violencia es necesario construir grupalidades que alberguen a estos actores eliminando la violencia como moneda de intercambio.</p>					
124	<p>TITULO DEL TRABAJO</p>	<p>AUTOR</p>	<p>LUGAR</p>	<p>AÑO</p>	<p>ÁREA DISCIPLINAR</p>	<p>UBICACIÓN</p>
	<p>La violencia en las barras de fútbol. Una aproximación desde la etología y el psicoanálisis</p>	<p>Nicolás Ignacio Uribe & Guillermo Castaño</p>	<p>Medellín</p>	<p>2013</p>	<p>Comunicación Social</p>	<p>Fundación Universitaria Luís Amigó Sede Medellín Revista Electrónica de Psicología Social «Poiesis» N° 25.</p>

	<p>RESUMEN: En pasadas ocasiones hemos dicho que para estudiar los fenómenos de violencia entre los miembros de las barras del fútbol en Colombia utilizamos algunos conceptos y teorías de los autores que han abordado los fenómenos de violencia, desde el vasto campo de la Psicología de las masas. Sin embargo, en esta ocasión vamos a retomar conceptos y teorías de la Etología, para articularlos con algunos que hemos tomado de nuestro recorrido por la psicología de las masas, y así establecer correspondencias teóricas (semejanzas pero también diferencias) que permitan triangular datos con la información que hemos obtenido de forma directa en la investigación de los fenómenos de violencia ya indicados</p>					
125	<p>TITULO DEL TRABAJO</p>	<p>AUTOR</p>	<p>LUGAR</p>	<p>AÑO</p>	<p>AREA DISCIPLINAR</p>	<p>UBICACIÓN</p>
	<p>Memoria social y violencia en el fútbol, recuerdos institucionalizados en la prensa de la ciudad de Medellín</p>	<p>Margarita María Vélez-Maya & Juan Carlos Arboleda-Ariza</p>	<p>Medellín</p>	<p>2016</p>	<p>Psicología</p>	<p>Universidad Cooperativa de Colombia. Revista Pensando Psicología, 12(20), 53-63. doi:https://doi.org/10.16925/pe.v12i20.1563</p>

	<p>RESUMEN: Introducción: el presente artículo es producto de la investigación “Construcciones de memoria social en torno a la violencia asociada al fútbol: análisis del discurso en el diario El Colombiano de la ciudad de Medellín”. Objetivo: el propósito de la investigación fue comprender las construcciones de memoria social de la violencia en el fútbol en la prensa. Metodología: este estudio se desarrolló desde un enfoque cualitativo, a través del análisis del discurso, mediante el cual se exploraron estrategias discursivas y funciones de las narraciones que se emplean para referirse al fenómeno. Se llevó a cabo el análisis de 188 artículos periodísticos producidos en el diario El Colombiano en el periodo comprendido entre el 2010 y el 2015. Resultados: se presentan las memorias cristalizadas de la violencia en el fútbol, que son narraciones históricas como el recuerdo de un pasado ideal sin violencia; los inicios de la violencia: el 5-0 de Colombia contra Argentina y la muerte de Andrés Escobar; y el establecimiento de la violencia: la relación del narcotráfico con el fútbol y la influencia de los hooligans y las barras bravas. Conclusiones: es posible plantear que la prensa tiene un lugar privilegiado en la institucionalización y la circulación de memorias en relación con el fútbol y la violencia.</p>					
	<p>TITULO DEL TRABAJO</p>	<p>AUTOR</p>	<p>LUGAR</p>	<p>AÑO</p>	<p>AREA DISCIPLINA R</p>	<p>UBICACIÓN</p>
126	<p>Violencia en el fútbol como amenaza: ¿Y después del Mundial Brasil 2014, Qué? Lecturas, atrevimientos y discusiones proyectados hacia Chile 2015 y Rusia 2018</p>	<p>Nelson Rodríguez-Melendro & Alejandro Villanueva Bustos</p>	<p>Bogotá</p>	<p>2014</p>	<p>Escuela de Ciencias Sociales, Artes y Humanidades</p>	<p>Revista Desbordes Volumen 5. UNAD</p>
	<p>RESUMEN: Sin lugar a dudas, y más claramente desde hace un par de décadas, cada cuatro años el mundo empeña casi un mes entero de su tiempo (sin contar los análisis previos y los posteriores) para entregarlo al deporte más popular, el cual es administrado y vendido por la multinacional más poderosa del planeta: la FIFA. Este texto expone algunas consideraciones y reflexiones de lo que se vivió en el mundial pasado y lo que podría suceder en la Copa América que se celebrará en Chile, así como en el próximo Mundial (Rusia 2018), y su relación con uno de los fenómenos que más han llamado la atención, y que al parecer contradice los principios que giran alrededor del fútbol, a saber: la violencia.</p>					
127	<p>TITULO DEL TRABAJO</p>	<p>AUTOR</p>	<p>LUGAR</p>	<p>AÑO</p>	<p>AREA DISCIPLINA R</p>	<p>UBICACIÓN</p>

	Fútbol, radio y nación (1946-1974): una visión antropológica de la violencia en Colombia.	Roldán, David Quitán & Beltrán, Olga Urrea	Bogotá	2016	Antropología	Catálogo Universida d Externado de Colombia. Cuaderno Venezolan o de Sociología. , Vol. 25 Issue 2.
	<p>RESUMEN: El artículo intenta una comprensión de la actual globalización del fútbol y su estatus como asunto de Estado, expresado en acontecimientos como las protestas del 2013 en Brasil. Para ello, propone una lectura de caso: el de la historia colombiana del periodo conocido como La Violencia, hasta el fin del Frente Nacional (1946-1974); apelando a la interpretación antropológica. Para ello se vale del examen del deporte, especialmente del fútbol (con alusiones al ciclismo), donde la radiodifusión jugó un papel preponderante: creó la ilusión de lo nacional que la política no había logrado por su incentivo a la violencia bipartidista. Así, uno de los hallazgos es la manera atípica de inserción del deporte en el proceso civilizador y modernizante: lo hace en medio del conflicto y no como fruto de la pacificación, como lo afirma Norbert Elias. De igual manera, el texto explica la constitución de identidades/alteridades a través del periodo futbolístico denominado El Dorado, en el que la violencia y la radio son contexto y potenciador de narrativas, respectivamente.</p>					
128	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	Caracterización de las prácticas de consumo cultural que se relacionan con el fútbol como evento deportivo en jóvenes seguidores de los niveles socio económicos 2,3,4 de un sector de Bogotá	Dayana Hibeth Amaya Vargas	Bogotá	2016	Mercadeo	Repositorio Institucional. Universidad Santo Tomas

	<p>RESUMEN: Esta investigación tuvo como objetivo comprender las prácticas de consumo cultural que se relacionan con el fútbol como evento deportivo en jóvenes seguidores de los niveles socioeconómicos 2, 3,4 de un sector de Bogotá, por medio de un estudio descriptivo que permitió caracterizar un perfil de consumo. Esto implicó indagar variables como el estilo de vida, las prácticas de consumo, el consumo cultural y la percepción del futbol como evento deportivo en la población objeto de estudio. Al indagar en el segmento de los seguidores de fútbol se encontraron varios resultados, entre los más destacados están: que no existe una relación directa entre las variables estudiadas ya que al intentar aplicar el método estadístico Chi Cuadrado no se logró establecer ninguna relación entre variables. También se halló que las personas prefieren asistir a los eventos deportivos de fútbol en vivo y en directo, pero encuentran muy costosas las boletas, razón por la cual dejan de asistir, además la mayoría de los seguidores destinan menos de 50 mil pesos al seguimiento de eventos deportivos de fútbol. Finalmente, de encontró que el elemento más usado para asistir al estadio es la camiseta del equipo y, que las personas se convierten en hinchas o seguidores de un equipo por la historia que tenga este, por tradición familiar y regionalismo</p>					
	<p>TITULO DEL TRABAJO</p>	<p>AUTOR</p>	<p>LUGAR</p>	<p>AÑO</p>	<p>AREA DISCIPLINA R</p>	<p>UBICACIÓN</p>
129	<p>Ultras red guards united: hinchada organizada en el fútbol colombiano, escenario alternativo de apuesta política.</p>	<p>Carlos Alberto Ortiz Herrera</p>	<p>Bogotá</p>	<p>2017</p>	<p>Sociología</p>	<p>Repositorio Institucional. Universidad Santo Tomas</p>
	<p>RESUMEN: Este trabajo investigativo explora cómo se configura en el fútbol un escenario de participación, acción y manifestación política a través de las hinchadas organizadas (Ultras). Se toma el caso específico de Ultras Red Guards United. Esta organización genera una participación política informal por medio de una posición antifascista, en esta medida, se consideró analizar su proceso de participación política en la ciudad de Bogotá durante el 2015-2016, haciendo una aproximación a sus mecanismos, acción colectiva, agenda política, formas de manifestación política y a sus espacios de incidencia. La hinchada organizada Ultras Red Guards United, está afiliada a la barra Guardia Albi-Roja Sur del Independiente Santa Fe creada en el año de 1997. Los integrantes de esta hinchada organizada pasan de ser simples espectadores a asumirse como sujetos políticos, a partir de una práctica antifascista y contracultural que expresan dentro y fuera el estadio, comprenden el fútbol como un espacio en el que se puede declarar y manifestar sus causas políticas, y gestar una participación política consecuente por fuera de los mecanismos de participación tradicional.</p>					
130	<p>TITULO DEL TRABAJO</p>	<p>AUTOR</p>	<p>LUGAR</p>	<p>AÑO</p>	<p>AREA DISCIPLINA R</p>	<p>UBICACIÓN</p>

	Entre Gallinas y leones, un análisis de las practicas rituales de los hinchas de Millonarios y Santa Fe en el estadio El Campin	Nicolás Parra Herrera	Bogotá	2017	Sociología	Repositorio Institucional. Universidad Santo Tomas
	<p>RESUMEN: La presente investigación busca analizar las prácticas rituales dentro del estadio de los hinchas de Millonarios F.C. e Independiente Santa Fe, antes, durante y después del partido de futbol. Para esto se planteó, primero, caracterizar a los hinchas y posteriormente identificar elementos materiales y simbólicos de las prácticas rituales de los hinchas. Para esto se parte de un enfoque etnográfico, con técnicas de recolección de información pasando por observaciones participantes, entrevistas y encuestas. Los resultados se presentan en dos bloques, el primero, la caracterización de la hinchada encontrando elementos comunes, el segundo la descripción de los elementos identificados, sonoros, los objetos y los gestos. Por último se evidencia como la hinchada es un grupo de preeminencia joven y estudiante, donde la familia es un factor relevante en la decisión de ser hincha, además de la relación directa entre prácticas rituales e identidad como parte de una identificación diferenciada.</p>					
131	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	Los roles de las y los integrantes de la barra futbolera la corte sur de la localidad de ciudad bolívar en la ciudad de Bogotá	Jessica Lorena Rincón Escudero	Bogotá	2016	Sociología	Repositorio Institucional. Universidad Santo Tomas

	<p>RESUMEN: Este trabajo de grado es el resultado de aproximadamente cuatro años de acercamiento y convivencia con la barra La Corte Sur del equipo de fútbol Club Atlético Nacional, cuya sede está en la localidad de Ciudad Bolívar en Bogotá. El objetivo principal es comprender las relaciones de género que tienen lugar en la organización interna de la barra para dar cuenta de los roles sociales que los hombres y las mujeres asumen dentro de este fenómeno futbolístico. Durante estos años se realizó una investigación participante desde los diferentes eventos que la barra organiza, asistiendo a algunos partidos y lugares de socialización, de tal manera que las y los barristas de la Corte Sur se familiarizaran con mi situación de investigadora. Este reconocimiento social de la barra fue posible gracias a la relación cercana con la localidad de Ciudad Bolívar, lo cual permitió estar cerca de las experiencias de la barra y entrevistar a sus integrantes. Esta familiaridad y cercanía facilitaron un acercamiento a la comprensión de la afición por un equipo futbol y las prácticas que este genera. En un inicio, la investigación pretendía analizar y visibilizar la manera cómo las mujeres habían logrado un protagonismo dentro de La Corte Sur. Sin embargo, a medida que pasaba el tiempo y se trabajaba más de cerca con la barra, se pudo identificar que son los hombres quienes tienen todo el manejo organizativo en el grupo, aunque la presencia de mujeres fuera considerable. En consecuencia, la investigación cambió de rumbo, y finalmente se explican algunas características del fenómeno del barrismo centradas en los roles de hombres y mujeres al interior de La Corte Sur</p>					
132	<p>TITULO DEL TRABAJO</p>	<p>AUTOR</p>	<p>LUGAR</p>	<p>AÑO</p>	<p>ÁREA DISCIPLINAR</p>	<p>UBICACIÓN</p>
	<p>Influencia de la barra de Millonarios en las conductas agresivas del individuo</p>	<p>Andrés Javier Lombana Márquez</p>	<p>Bogotá</p>	<p>2013</p>	<p>Ciencias Sociales, cultura física, deporte y recreación</p>	<p>Repositorio Institucional. Universidad Santo Tomas</p>
<p>RESUMEN: Esta investigación tiene como fin indagar sobre el fenómeno de las Barras Bravas, desde una perspectiva interpretativa y social. En Colombia, éste tipo de colectivo no se está investigando desde el campo deportivo y social, sino fundamentalmente desde la relación judicial y como grupo “delincuencial”. Por ende, este tema en particular requiere una apreciación profunda para entender la esencia del conflicto y la relación que se establece entre el colectivo y el individuo. En el contexto académico colombiano, no ha sido ofrecida una explicación a la relación que se establece entre el colectivo, denominado “Barra Brava” y la agresividad que se manifiesta en forma individual por algunos de sus integrantes, especialmente desde la perspectiva de los actores, lo que permite comprender estos actos de agresividad en contra de otros seguidores o hinchas, desde la perspectiva de quienes lo efectúan: jóvenes hinchas. Teóricamente esta propuesta se sustenta en los postulados de la sociología figuracional de Norbert Elias.</p>						

	TÍTULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
133	Construcción de identidad en jóvenes de Manizales vinculados a barras de fútbol.	Nataly Giraldo Higueta & Jaime Alberto Restrepo Soto	Manizales	2017	Ciencias Sociales	Revista Ánfora ; 2017, Vol. 23 Issue 42, p165- 187, 23p. Univer sidad Autón oma de Maniza les
	<p>RESUMEN: Describir el proceso de construcción de la identidad de jóvenes adscritos a barras de del fútbol, a través de las categorías de identidades, vinculaciones, rituales y símbolos que emergen de sus prácticas individuales y colectivas. Metodología: investigación cualitativa de orden descriptivo y etnográfico, en la que se implementaron técnicas de grupo focal y entrevista. La información se registró en diarios de campo, cuya unidad de análisis se operó en las categorías de género, cuerpos, subjetividades y movimientos, identidades y vinculaciones, estigmas y emblemas, territorialidades, rituales y simbología. El análisis de la información se realizó a través de la construcción de matrices (agregados, iterativos y hallazgos). Resultados: se evidenció un índice alto de filiación de los jóvenes a las barras y que la fidelidad y la violencia son sus principales características. También se verificó la construcción de su identidad individual y colectiva en torno a la ideología y los componentes de la cultura barrista; además, se constató el fervor y la pasión que provoca un partido de fútbol en las barras. Conclusiones: existen particularidades, en concordancia con aportes de otras investigaciones, que permitieron notar la importancia y los lazos afectivos que construyen los jóvenes de las barras de fútbol al compartir ideologías, rituales y símbolos alusivos a sus equipos.</p>					
134	TÍTULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN

	Fútbol y racismo: estudio exploratorio en la hinchada del América de Cali	Juan Sebastian Castillo; Alejandra Zuluaga & Juan José Serrano Rojas	Valle del Cauca	201 6	Derecho y Ciencias Sociales	Revista a Trans- pasan do Fronte- ras, Núm. 10, pp. 57-66. Cali, Colom- bia: Centro de Estudi- os Interdi- sciplin- arios, Jurídic- os, Social es y Huma- nistas (CIES), Facult- ad de Derec- ho y Cienci- as Social- es, Univer- sidad Icesi.
--	---	---	-----------------------	----------	-----------------------------------	---

	RESUMEN: Este artículo rastrea la idea del estadio de fútbol como un espacio en el cual las personas impulsivamente se refieren al "Otro", naturalizando el uso de la violencia verbal hacia los adversarios, e incluso contra los mismos jugadores de la hinchada local. Para ello, se propone describir cómo se enmarcan las prácticas y discursos racistas en este escenario deportivo a partir de la observación participativa de seis partidos del América de Cali, tres de ellos jugando de visitante y tres de local.					
	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
135	Barra brava, cultura, violencia y sociedad: el mundo barrista como representación.	Luisa Fernanda Miranda Bastidas; Ingrid Vanessa Urrego Sáenz & Diana Carolina Vera Erazo	Valle del Cauca	2015	Trabajo Social	Prospectiva. Revista de Trabajo Social e Intervención Social No. 20, pp. 163-191
	RESUMEN: El presente artículo tiene como objetivo central mostrar las representaciones sociales que sobre la barra brava Barón Rojo Sur construyen tanto sus miembros como los actores comunitarios (habitantes del sector, comerciantes, medios de comunicación) e institucionales (policía, educación, alcaldía, Iglesia) representativos de la ciudad de Santiago de Cali. Para ello se hará énfasis en las representaciones sociales que relacionan a la violencia con esta subcultura juvenil, teniendo como ejes de discusión la dinámica organizativa, los elementos de expresión simbólica que imperan dentro de la misma y sus manifestaciones sociales, donde se reflejan los referentes culturales por los que se moviliza la agrupación. En la investigación se encontró que, mediante un discurso compartido, gran parte de los actores comunitarios e institucionales homogeniza a los integrantes de la barra brava por sus prácticas transgresoras, mientras que una minoría de actores externos y los miembros del Barón Rojo Sur la reconocen como un espacio de socialización que permite la configuración de una identidad colectiva.					
136	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN

	Naciones en campo: fútbol, identidades y nacionalismos en América Latina	David Leonardo Quitián, Efraín Serna, Guillermo Humberto Montoya y Jorge Alejandro Villanueva (editores-compiladores).	Bogotá	2014	Sociología y Deporte.	Universidad Nacional Abierta y a Distancia-UNAD, Universidad de los Llanos, Universidad de Guajuato, Instituto de Altos Estudios sobre Deporte, Cultura y Sociedad de México
RESUMEN:						
137	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN

	La reconfiguración de la Seguridad Ciudadana: El caso de la seguridad y la convivencia del fútbol en Colombia	Diego Felipe Puentes Sánchez	Granada-España	2015	Ciencias Sociales	Revista de Paz y Conflictos. Vol. 8. Nº 1
	<p>RESUMEN: Las políticas de seguridad atraviesan un momento crucial en el que las estrategias concentradas en la gestión del delito, el uso de la fuerza y el aumento de las medidas drásticas en materia penal, se muestran ineficientes ante un escenario que promueve un espectro normativo vinculado a los Derechos Humanos que pretende insertar la seguridad en la construcción universal de condiciones de dignidad, en lo que Naciones Unidas ha llamado la Seguridad Humana. Este artículo se inserta en los debates actuales sobre las políticas de seguridad y convivencia ciudadana para evidenciar como la Cultura Ciudadana y la Cultura de paz son un enfoque indispensable para la transformación hacia una Seguridad Humana, cuestión que pasa inexorablemente por la posibilidad de promover dicho cambio a partir de perspectivas que entiendan los conflictos de una manera más amplia e interdisciplinar. Para ello se analizará el caso de la política de seguridad y convivencia en el fútbol en Colombia; de esta manera se tendrá un ejemplo práctico y concreto que permitirá evidenciar los planteamientos teóricos expresados, partiendo además de que el fútbol cobra gran importancia social (económica, política y cultural) en Colombia.</p>					
	TÍTULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
138	Nación, fútbol e imagen publicitaria: los significados de la Copa América del 2001 en Colombia	Marlon Steve Celis Hernández	Costa Rica	2017	Ciencias Sociales	Rev. Ciencias Sociales 158
	<p>RESUMEN: En este artículo se aborda la construcción de la idea de nación a partir de la imagen publicitaria en el contexto de la Copa América del 2001. Este certamen deportivo realizado en Colombia en paralelo con un proceso de paz fue denominado como la "Copa de la Paz". Se entiende así como un signo expresado en la imagen por medio del mensaje lingüístico, una imagen denotada y otra connotada. La metodología empleada fue revisión documental desde la Sociología y Semiología.</p>					
139	TÍTULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN

	Nación e imagen: sobre los significados en el Centenario de la Independencia de 1910 y la Copa América del 2001	Marlon Steve Celis Hernández	Bogotá	201 5	Sociología	Monog raffa. Univer sidad Santo Tomas
RESUMEN:						
	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑ O	ÁREA DISCIPLINA R	UBIC ACIÓ N
140	Barrismo social y colectivo barrista colombiano: los antecedentes del diseño de una política pública	Claudia Viviana Arroyo Chicaiza	Cali	201 4	Estudios Políticos y Resolución de Conflictos	Monog raffa. Univer sidad del Valle
	RESUMEN: En esta tesis se reconstruyen los antecedentes del diseño de la política pública de Barrismo Social, a partir de la participación e incidencia de los barristas de fútbol en los procesos de decisión de las autoridades públicas y de su organización formal como un grupo de interés en el Colectivo Barrista Colombiano. En este orden de ideas, se reconstruye el proceso de surgimiento y formación del Colectivo Barrista Colombiano, los móviles que llevaron a algunos líderes de las barras de fútbol del país a organizarse en un grupo de interés; y el proceso mediante el cual su propuesta político-social, llamada Barrismo Social, fue acogida por las autoridades políticas del orden nacional para ser formulada en una política pública en el país, que trate integralmente el problema de la violencia generada por algunos jóvenes barristas y aficionados al fútbol de este deporte.					
141	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑ O	ÁREA DISCIPLINA R	UBIC ACIÓ N

	De ficciones y aficiones: mitos y realidades del barrismo en la ciudad y sus implicaciones en la seguridad ciudadana en Bogotá	Sayra Guinette Aldana Hernández	Bogotá	2015	Estudios Políticos y Relaciones Internacionales	Repositorio Universidad Nacional de Colombia. Tesis de Maestría
	<p>RESUMEN: En los últimos 20 años el fenómeno de las barras de fútbol ha cobrado relevancia en los medios de comunicación por sus espectaculares presentaciones en los estadios además de los incidentes violentos protagonizados por integrantes de estos grupos dentro y fuera de los mismos. Esta investigación pretende revisar las implicaciones que tienen las barras de fútbol para la seguridad ciudadana de Bogotá a partir del análisis de noticias emitidas por uno de los canales de televisión local (City Tv) entre los años 2008 a 2011; entrevistas realizadas a fuentes institucionales, ciudadanos del común y barristas, además de la revisión de estadísticas delictivas de la ciudad. Ese trabajo permite concluir que el discurso elaborado por los medios de comunicación respecto al barrismo propician la creación de un imaginario del barrista como un delincuente potencia y esto incide en la percepción negativa generalizada en la ciudadanía, obviando otros elementos sociológicos que son una apuesta de construcción de ciudadanía juvenil en Bogotá</p>					
142	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	Agresividad, consumo de drogas y "barras bravas" en el fútbol	Castaño Pérez, G. A. & Restrepo Escobar, S. M.	Medellín	2014	Ciencias Sociales	Revista Virtual Universidad Católica del Norte

	<p>RESUMEN: La violencia y sus formas de expresión hacen parte de la sociedad y los diferentes escenarios de socialización de los sujetos. Los encuentros deportivos, en especial los partidos de fútbol, no son la excepción, y esto asociado a las barras bravas que acompañan esta actividad. El artículo presenta los resultados obtenidos de la investigación realizada en Medellín con miembros de las barras bravas de dos equipos de fútbol de la ciudad, en la cual se buscó determinar la relación entre los comportamientos violentos y el consumo de sustancias psicoactivas por parte de este grupo poblacional a través de un estudio descriptivo y correlacional de diseño transversal, lo que permitió evidenciar una alta significancia entre los comportamientos agresivos y el consumo de sustancias como el alcohol, la marihuana y la cocaína.</p>					
	TÍTULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
143	Niveles de impulsividad y riesgo de alcoholismo en personas pertenecientes a barras bravas en la ciudad de Ibagué - Colombia	José Alonso Andrade Salazar, Andrés Felipe Ahumada González, Ana María Borja Acosta, Jennifer Andrea Soto Cardona, Juan Sebastián Villarreal Moreno	Medellín	2014	Ciencias Sociales	Revista Colombiana de Ciencias Sociales, vol. 5, Núm. 1. Universidad Católica de Luis Amigó
	<p>RESUMEN: El objetivo de este trabajo es determinar la relación entre niveles de impulsividad y riesgo de alcoholismo en adultos pertenecientes a "barras bravas" en la ciudad de Ibagué (Tolima) a partir de la aplicación del test de CAGE, la Escala de Impulsividad de Plutchik (EI) y una ficha de caracterización sociodemográfica. Se utilizó un modelo correlacional de corte transversal. Los hallazgos evidencian niveles bajos (78%) y promedios de impulsividad (20%). El 28% no presenta problemas relacionados con el alcohol, mientras que el 36% tiene indicios de consumo y el restante 36% dependencia alcohólica. Se hallaron correlaciones bajas entre las puntuaciones, la correlación significativa fue de tipo directamente proporcional entre edad y riesgo de alcoholismo ($r=0,287$; $p=0,43$), lo que indica que a mayor edad mayor es el riesgo de alcoholismo. © Revista Colombiana de Ciencias Sociales.</p>					
144	TÍTULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN

	Estudio comparativo entre las políticas públicas dirigidas al control de la violencia directa en los escenarios deportivos futbolísticos en Inglaterra y Colombia	Juan Pablo Cobo Rebolledo	Bogotá	2016	Ciencias Políticas	Monografía. Pontificia Universidad Javeriana
	<p>RESUMEN: El problema de las barras bravas colombianas se ha convertido en una crisis a nivel nacional, donde hoy, a 2016, está en el centro de la agenda política. Por otro lado, en Inglaterra, el mismo problema se vio solucionado (en términos de violencia directa) mediante una serie de políticas dirigidas al control de la violencia. ¿Qué similitudes y qué diferencias tienen las políticas de Estado dirigidas al control de la violencia en los escenarios futbolísticos en Inglaterra y Colombia, y qué aprendizajes se pueden extraer del caso inglés? A partir del método comparativo se busca descubrir las semejanzas y diferencias cualitativas de ambos casos, lo que permitirá indagar y generar una serie de reflexiones del porqué las medidas tomadas en Colombia no han sido suficientes, usando como punto de comparación el caso inglés.</p>					
145	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN

	Fútbol, desarrollo social y patria: la violencia como factor de lo nacional en clave de gol	David Leonardo Quitián Roldán & Olga Lucia Urrea Beltrán	Ecuador	2016	Ciencias Sociales	Revista San Gregorio. Número Especial sobre Desarrollo Local. Universidad San Gregorio de Portoviejo
<p>RESUMEN: El sociólogo alemán Norbert Elias propone un modelo analítico para comprender la historia: los procesos civilizatorios en los que el deporte juega un papel preponderante (1990 y 1992). En síntesis, este autor explica la parlamentarización de la sociedad mediante su deportivización. Esta perspectiva ofrece para Colombia herramientas hermenéuticas para entender el conflicto interno y otras formas violentas que se han desatado en el país. Esta ponencia examinará este problema a la luz de cuatro variables: el desarrollo de nuestro balompié, sus correlatos de modernidad, los discursos de nación y las expresiones de violencia política.</p>						
146	TITULO DEL TRABAJO	AUTOR	LUGAR	AÑO	ÁREA DISCIPLINAR	UBICACIÓN
	Intervención educativa orientada a contrarrestar la violencia en el Estadio Metropolitano "Roberto Meléndez" en Barranquilla, Colombia	Yudys Alexandra López Gutiérrez; , David Libreros Ortega; Zoilo Asprilla Lara; Maritza Turizo Arzuza	Barranquilla	2014	Ciencias Sociales	Revista Escenarios, Vol.12, Núm. 2. Universidad Autónoma del Caribe

	<p>RESUMEN: Este artículo presenta una síntesis de la investigación institucional del Grupo - Institución: ESANA - DINA E, Escuela de Policía Antonio Nariño (ESANA), 2012: Propuesta de intervención para contrarrestar hechos de violencia en el Estadio Metropolitano “Roberto Meléndez” de la ciudad de Barranquilla, la cual fue desarrollada entre el 1 de febrero y el 30 de noviembre de 2012, y cuya implementación se llevó a cabo del 11 de febrero al 10 de noviembre de 2013, en Soledad, Atlántico. La estructurar de la propuesta de intervención educativa, estuvo encaminada a contrarrestar las agresiones y actos vandálicos protagonizados por las Barras Bravas en el Estadio Metropolitano “Roberto Meléndez”, cuya aplicación sirva de principio rector y modelo para erradicar la violencia de los estadios de fútbol. Bajo un diseño Investigación Acción Participación, la muestra poblacional estuvo configurada por aquellos colectivos de barristas con personería jurídica, quienes conforman además, la hinchada más representativa del Junior de Barranquilla. Luego de describir el origen y comportamiento de las barras desde una perspectiva sociológica; la Policía Nacional se sumó a una alianza estratégica liderada por los gobiernos distrital y departamental, con participación de distintos sectores sociales. El resultado fue la creación de microempresas gestadas por los barristas, que se espera aporte e impacte a la solución de esta problemática socio - educativa.</p>					
147	<p>TITULO DEL TRABAJO</p>	<p>AUTOR</p>	<p>LUGAR</p>	<p>AÑO</p>	<p>ÁREA DISCIPLINAR</p>	<p>UBICACIÓN</p>
	<p>Análisis de las causas de crecimiento y desarrollo de las barras bravas en el fútbol.</p>	<p>Niver Janey Méndez Parra & Liana Carolina Ovalles Pabón</p>	<p>Cúcuta</p>	<p>2017</p>	<p>Ciencias Sociales</p>	<p>Revista Convicciones Vol. 4, Núm.7 Fundación de Estudios Superiores Comf norte</p>

	<p>RESUMEN: Las barras bravas en el fútbol, en los últimos años han venido tomando más fuerza y poder, revelan varias investigaciones que fueron abordadas para la realización de este artículo. Uno de los temas que vamos a resaltar, es el estudio y análisis de las barras bravas, donde se resalta la pasión, euforia y entrega que tienen los hinchas por sus equipos, considerando que es un fenómeno que no conoce de límites, ni fronteras ya que es como una fiesta que viven ellos en los estadios en el momento del juego. La mayoría de los jóvenes van adquiriendo una identidad como expresiones y actitudes relevantes, hasta el punto de defenderlas con violencia, ya que adquieren una personalidad agresiva e impulsiva, que los lleva a enfrentamientos y riñas con otras barras de los otros equipos, convirtiéndose en una lucha por disputar o defender a su equipo. En estos grupos de jóvenes se presenta también el consumo de drogas, antes, durante y después de los eventos, sustancia que los lleva a comporta mentos, violentos y conductas agresivas y delictivas. Estos jóvenes que se hacen llamar hinchas siguen a su equipo preferido hasta el punto de emprender viajes, que hacen llamar, viajes de aguante, donde muestran su lealtad y capacidad para pertenecer a ellos por medio de su resistencia, ya que ellos no cuentan con el apoyo de ningún ente administrativo para desplazarse a los lugares donde van a jugar sus equipos, por lo tanto, se ven obligados a hacerlo por sus propios medios, optando por pedir que los lleven gratis o por costos muy bajos, en los buses, para poder llegar al lugar de destino donde apoyaran a su equipo del alma sin importar si gana o pierden. Se dice que las barras bravas son un riesgo para la sociedad creado por el fútbol.</p>					
148	<p>TITULO DEL TRABAJO</p>	<p>AUTOR</p>	<p>LUGAR</p>	<p>AÑO</p>	<p>ÁREA DISCIPLINAR</p>	<p>UBICACIÓN</p>
	<p>Barras futboleras: más allá de una pasión por el fútbol estudio de caso barra comandos azules - la banda azurra</p>	<p>William Roberto Herrera Hernández</p>	<p>Bogotá</p>	<p>2017</p>	<p>Maestría en Política Social</p>	<p>Repositorio. Pontificia Universidad Javeriana</p>
	<p>RESUMEN: El fenómeno del Barrismo ha venido desarrollándose en un entorno social complejo, en donde se conjugan la desigualdad, la falta de oportunidades, la violencia y la conflictividad juvenil, aunque para el caso de esta investigación, se logró identificar que el barrismo en la ciudad de Bogotá específicamente, no obedece a los patrones juveniles en los cuales está enmarcado en las demás ciudades del país. Esta investigación busca identificar las vivencias, que muestran como es el actuar de las Barras Futboleras fuera del estadio, resaltando los aspectos positivos que se encuentran y contextualizándolos dentro de la realidad social que viven a diario los integrantes de estos grupos sociales.</p>					

Tabla de caracterización analítica de trabajos (monografías, tesis, artículos, libros) sobre fútbol, violencia y “barras bravas” del periodo 2003- 2018

Tabla 1. Caracterización analítica de trabajos (monografías, tesis, artículos, libros) sobre fútbol, violencia y "barras Bravas" del periodo 2003-2018

Por entidades territoriales	Bogotá	Antioquia	Cali	Neiva	Pereira	Barranquilla	Pasto	Manizales	Cúcuta	Internacional	Total	
	90	42	6	1	1	2	1	1	1	3	148	
Universidad Pública	50	12	4	1	1	0	0	0	0	2	70	
Universidad Privada	40	30	2	0	0	2	1	1	1	1	78	
Por nivel académico	Pregrado											
	53	34	4	1	0	0	0	0	0	0	92	
	Especialización											
	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2	
	Maestría											
	11	0	0	0	1	0	0	0	0	0	12	
	Doctorado											
	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	
Obra institucional/Libro independiente												
8	2	0	0	0	0	0	0	0	0	10		
Otros: informes, ponencias artículos, diplomado												
14	4	2	0	0	2	1	1	1	1	3	28	
Por disciplinas de conocimiento	Antropología											
	5	2	0	0	0	0	0	0	0	0	7	
	Sociología											
	17	7	0	0	0	0	0	0	0	0	24	
	Trabajo Social											
	3	1	1	0	0	0	1	0	0	0	6	
	Educación (Diplomado-pregrado-posgrado)											
	8	0	1	1	0	0	0	0	0	0	10	
	Licenciatura en Ciencias Sociales/Estudios Sociales / Estudios Interdisciplinarios											
	15	2	0	0	0	1	0	1	1	1	3	23
	Ciencia Política/Estudios Políticos											
	8	0	2	0	0	0	0	0	0	0	10	
	Educación Física-Licenciatura en Deporte- Licenciatura en Recreación											
	10	2	0	0	0	0	0	0	0	0	12	
Comunicación Social/Periodismo												
10	15	1	0	0	0	0	0	0	0	26		
Gerencia de Mercadeo-Administración Deportiva												
2	2	0	0	0	0	0	0	0	0	4		
Psicología												
2	9	0	0	0	1	0	0	0	0	12		
Otros (Artes, Derecho, Ingenierías)												
5	1	1	0	0	0	0	0	0	0	7		

Tabla de relación de trabajos/Número de autores/Género de los autores

Tabla 2. Relación de trabajos/Número de autores/Género de los autores												
	Número de trabajos										Total	
	Bogotá	Antioquia	Cali	Neiva	Pereira	Barranquilla	Pasto	Manizales	Cúcuta	Internacional		
	90	42	6	1	1	2	1	1	1	3	148	
No. De autores	121	73	10	3	1	6	2	2	2	4	224	%
Mujeres	29	27	5	0	0	3	2	1	2	1	70	31.25
Hombres	92	46	5	3	1	3	0	1	0	3	154	68.75

Caracterización de la producción científica relacionada con fútbol, violencia y “barras bravas” años 2003 a 2018

En las siguientes líneas encontrarán un análisis detallado de la documentación bibliográfica, procurada en la ciudad de Bogotá y en el departamento de Antioquia. Apenas como un referente, habrá alusiones trabajos emblemáticos de las diferentes ciudades Cali, Pereira, Neiva, Barranquilla, Pasto, Manizales y Cúcuta; no obstante –y esa es una primera recomendación derivada del presente estudio- se precisa un mapa más exhaustivo del problema, un estado del arte que incluya ciudades del circuito académico nacional donde hayan examinado esa confluencia de fenómenos (fútbol, violencia, barras bravas) que, la experiencia empírica permite afirmar, caza como plantilla de zapato en el circuito nacional futbolero. En otras palabras: en aquellas poblaciones dónde existen expresiones más vehementes de animación futbolera, también se han registrado estudios tendientes a describir y comprender esa manifestación que es casi una marca identitaria de las ciudades contemporáneas.

Que el fútbol llegó con la modernidad (Galvis, 2008) o que contribuyó a su implementación (Jaramillo 2009; Quitián, 2010) es una discusión aun no saldada, pero que es un fenómeno urbano y –por tanto- moderno no tiene discusión. Por ello es que se presenta coincidencia en su ejercicio profesional y en el escrutinio del que es objeto por parte del estamento académico,

especialmente de las universidades. Así, tenemos que es en las ciudades medianas y grandes dónde está la mejor oferta de fútbol profesional y de instituciones educativas (o gubernamentales) dispuestas a estudiarlo.

Esto se entiende mejor si consentimos en que el fútbol de élite en Colombia es concentrado: es fundamentalmente andino, siendo su principal foco las ciudades de cordillera como Bogotá, Tunja, Medellín, Manizales, Armenia, Pereira, Pasto que son, enfatizamos en ello, distrito y municipios de la región natural del país de mayor cantidad y densidad demográfica⁸¹. Por esa razón, este primer avance de escáner documental en materia de producción científica sobre las barras futboleras, se focaliza en dos entidades territoriales de esta región, que son los de mayor poder económico, demográfico y político; la capital y el departamento de Antioquia.

Dos entidades circunscritas a dos ciudades: Bogotá y Medellín (con sus áreas metropolitanas). Primera y segunda capital nacional. Dos metrópolis que cuentan con cuatro de los equipos emblemáticos del balompié patrio: Millonarios, Santa Fe, Nacional y Medellín. Clubes fundadores de la División Mayor de Fútbol Colombiano-Dimayor y que cosechan un porcentaje importante de títulos y -quizá por ello- suman un número tal de seguidores que no sería descabellado caracterizarlos como “naciones de hinchas” (Buarque de Holanda, 2010).

No está demás dejar la nota aclaratoria que el circuito futbolero colombiano se completa con los dos litorales: el Pacífico (fundamentalmente, la ciudad de Cali) y el Caribe (con Barranquilla a la cabeza); amén del Oriente con Cúcuta más Bucaramanga y el “Tolima grande” con Ibagué y Neiva como principales exponentes. Así las cosas, una de las tareas urgentes para tener un mapa más cierto del fútbol en su forma de expresión social y de las pasiones que desencadena es completar con exhaustividad el presente estado del arte que aquí apenas inauguramos. Y hacerlo no sólo con foco en el llamado fútbol de primera y segunda división (la A y la B); sino también con especial atención a la Categoría “C” y torneos aficionados de tradición como - por ejemplo- “El Hexagonal del Olaya”, Tabora y Servitá (en Bogotá), así como

⁸¹ Ver Censo 2006 de la región andina en contraste con el país.

el Pony Fútbol en Medellín, los campeonatos del Barrio Pescaíto en Santa Marta y la Copa La Patria en Manizales.

Fútbol, medios y política

Por esa presencia demográfica tan notoria y por la conquista que el fútbol, y dentro de él, las barras futboleras hicieron de la massmedia, resulta inevitable que ese ámbito no se convierta en un tema de agenda pública: tema noticioso y de discursividad política. Periodistas y políticos han sido caja de resonancia del fútbol y las barras. Unas veces para explotar la retórica de la pasión que es susceptible de ser narrada con suceso y en otras ocasiones para demonizar electoralmente o para exprimir con réditos de rating, los actos violentos que frecuentemente se presentan. Pasión y violencia (Villanueva, Amaya, Rodríguez, 2011) y “carnaval y combate” (Castro, 2013) son elementos de tanta potencia retórica, que la lógica de los medios de comunicación y la élite política no dudan en aprovechar.

Convengamos, entonces, que el fútbol es un asunto de alta susceptibilidad pública; de hecho, investigadores como David Quitián y Miguel Cornejo (2013) han señalado con suficiencia que es un asunto de Estado. Por ello la academia y otros entes de investigación en ciencias sociales han detenido su mirada en el fútbol como práctica y discurso social; no obstante, es el zoom en las barras futboleras (conocidas mediáticamente como barras bravas) el que más ha llamado la atención en la comunidad. Allí están los dos tópicos que más han interesado a investigadores internacionales y colombianos: el fútbol, las identidades y nacionalismos y el asunto de las barras bravas (Alabarces, 2012; Martínez, 2012, Quitián, 2012). De hecho, puede decirse que “el campo de estudios” -en términos de Pierre Bourdieu (2009)- se crea a partir de estas dos preocupaciones. Genéricamente ese campo es llamado de “estudios socioculturales del deporte” y, más específicamente, del fútbol.

Una aclaración necesaria es la que advierte que el rótulo de “barras bravas” es una expresión nativa propia de la Argentina, que fue replicada por

los medios de comunicación colombianos (y latinoamericanos), convirtiéndose en una marca registrada de uso social para toda la región. Aquí la empleamos en ese sentido (para denominarla) y no en el del estigma social que tiende a su estigmatización y a la redundancia obtusa del estereotipo.

El “aguante” es otra categoría nativa exitosa en el medio barrista argentino: fue dada a conocer por autores como Pablo Alabarces y José Garriga Zucal (ver bibliografía) y acogida por la massmedia latinoamericana. Su aceptación radica en la precisión con que describe el “ethos” del ‘barrabrava’: el no doblarse ante la autoridad, la sociedad, ni el adversario en el propósito de seguir al equipo a donde fuere. Sinónimo mexicano es “el desmadre” y colombiano “la berraquera”.

El fútbol entra al campo académico

Ese campo de estudios, tuvo que luchar contra la resistencia de los intelectuales de izquierda a ver el fútbol como un fenómeno digno de estudiarse. Guiados por la tendencia marxista europea, germinada en los sindicatos y potenciada por el comunismo y sus vertientes socialistas de las décadas del 60 y 70, el fútbol –especialmente- fue satanizado y autores como Gerhard Vinnai (2003) y Jean Marie Brohm fueron artífices del traslapamiento de *la religión como opio del pueblo* (Marx, 1844) por la del “fútbol como opio del pueblo”. Esa corriente impactó exitosamente en América Latina, con sociólogos como Juan José Sebreli (1998) y con prestigiosos pensadores como Jorge Luis Borges que decía que “el fútbol es tan universal como la estupidez”, que la región vivió una especie de Medioevo investigativo, en dónde se “presumía de buen tono intelectual el desconocer de fútbol” (Galeano, 2007).

Ese divorcio del fútbol con la intelectualidad es patentizado con ironía por uno de los baluartes en la superación de esa resistencia: Eduardo Galeano, autor del célebre *El fútbol a sol y sombra* (2006). Considerado como un progresista y un símbolo de la izquierda latinoamericana, este uruguayo preguntaba con mordacidad ¿en qué se parecen el fútbol y Dios? En que ambos son populares y negados por los intelectuales. Sin embargo, antes de

él, deben ser nombrados como fundacionales los trabajos de Roberto Da Matta (1982) y de Eduardo Archetti (1985). No podía ser de otra manera: las consideradas patrias del fútbol (Argentina, Brasil y Uruguay) fueron, también, las pioneras de la región en la ruptura del celofán de los estudios socioculturales sobre ese ramo.

Origen e irrupción de los estudios sobre barras

Ese cambio diametral de la concepción del fútbol de ser un elemento de alienación (en clave marxista) a ser “una arena privilegiada de escrutinio social”, ya había presentado avances significativos en Europa, con autoridades de la sociología como Giddens (cita), Bourdieu (1978) y Elias & Dunning (2002). Mudanza que tardó años en ser asimilada en Colombia, donde instituciones de relieve académico como la Universidad Nacional (y su Departamento de Sociología) seguía cautiva de la visión del “pan y circo para el pueblo” como se puede cotejar en el relato que hace Quitián (2008) de los disturbios estudiantiles que hubo en la universidad, luego de la presentación del libro de fútbol de Eduardo Galeano que hace Orlando Fals Borda en el año 2006.

Ese mismo 2006, se celebró en la Universidad Nacional, en Bogotá, el IX Congreso Nacional de Sociología y como logro se programa un panel de “Deporte y sociedad” que tuvo nutrida participación y que podría considerarse el evento fundacional del campo (de allí nacieron entidades como Redre y Ascienze)⁸²; con todo y que antes de ese congreso ya había trabajos como los de la antropóloga Zandra Pedraza (1989), el sociólogo Alberto Mayor (1985) y el del estudiante de sociología Germán Gómez Eslava (2002) que es el primero en trabajar el tema de barras en el país.

De allá para acá el campo se ha ido ensanchando en número de interesados y en estudios realizados. No ha pasado lo mismo con los deportes examinados: en Colombia el fútbol es hegemónico como práctica y por ello mismo en investigaciones sobre el mismo. Pero la arista de mayor magnetismo

⁸² REDRE es la Red de Estudios en Deporte y Recreación de la que surgió la actual ASCIENDE (Asociación Colombiana de Investigación en Estudios Sociales del deporte).

para los estudiosos ha sido la del barrismo y sus conexiones con la violencia. Tenemos, entonces, un grueso de productos académicos (que han derivado en programas de reconocido impacto social como el bogotano “Goles en paz”) que amén de indagar sobre el “ethos” de los barristas (el ‘aguante’ que es una expresión nativa acuñada en Argentina y acogida en el país), también pregunta sobre las condiciones contextuales de su expresión: la pobreza, la marginación y las posibilidades de la violencia para contrarrestarlas e interpelarlas (Alabarces, 2008 Garriga, 2009; Moreira, 2009).

La apertura se puede leer en el marco de la globalización: la endogamia de nuestra academia nacional (que bebía de manera atrasada de la fuente europea y luego también de la estadounidense) fue permeada gracias a la revolución telemática y de las comunicaciones; permitiéndonos conocer no sólo autores de África y Asia, sino también de América Latina e -incluso- pensadores y teorías alternativas de la metrópoli misma. Del parroquialismo, entramos en un proceso de interconexión con otros “mercados académicos”. La paradoja del mercado liberal (que produce excesos como el neoliberalismo que privilegia monopolios) es que vehicula resistencias como el decolonialismo de pensamiento.

Lo mismo pasó con el fútbol que en virtud de su expedita oferta por la inaugurada televisión por cable (y después por la satelital) fue llamado por el ecuatoriano Fernando Carrión como la “Foxbolización” (2009) y por el boliviano- costarricense Sergio Villena (2003b) como la “Golbalización”.

Pasamos así del exotismo, la precariedad y la timidez a la explosión de un tema de alta presencia social (Quitián, 2012). De ser un tema “simpático, pero oscuro al boom de un objeto de estudios con potencial” (Alabarces, 2012).

Nuevos interrogantes académicos: usos y formas, textos y contextos

Fue la Educación física y afines (Cultura física, administración deportiva) la primera disciplina que -saliéndose del cauce ortodoxo de la pedagogía y la fisiología- propuso análisis de preocupación sociológica del deporte (Quitián, Hoyos, Chavarro, 2009). Ese camino no es nuevo: el mismo

fundador de los Juegos Olímpicos de la modernidad, el barón Pierre Fredey de Coubertin, había transitado ese camino con su manifiesto *Pedagogía Esportiva*. Gran parte de ese caudal de publicaciones de licenciados en educación física recreación y deportes, puede encontrarse en la Revista *Kinesis*, surgida a finales de la década de 1980 y que hoy día es una editorial; la única especializada en el campo.

Otra fuente son las propias publicaciones internas (en revistas de programa y/o estudiantiles) de sociología, antropología, licenciatura en ciencias sociales, psicología y comunicación social- periodismo dónde se hallan textos que tangencialmente trataron el fútbol y distintas expresiones del mismo como la animación social de barristas.

Sin embargo, es desde el 2003 cuándo el tema dejó de ser periférico y exótico e ingresó en el listado de los aceptables tanto por las instituciones (universidades, centros de estudio), como por sus agentes (directivas académicas, profesorado, estudiantes). Por ello el presente recorte documental lo hacemos desde ese año que -lo dicen los datos- es el de incremento significativo en tesis de pregrado en las dos regiones examinadas.

Vemos como de uno o dos trabajos en 2002, se pasa a 18 trabajos en 2003 (ver tabla de datos) y de ahí la cuota se ha mantenido al alza hasta el año 2013. Puede haber otro elemento para ese abrazo del tema, además de la globalización y la derrota de la resistencia de la ortodoxia académica, y ese es el de ser un tema cercano a los investigadores. Especialmente a los jóvenes graduandos de pregrado que -especulamos con cierta convicción- han vivido dentro de una sociedad mediáticamente futbolizada, que aumentó su oferta con el fútbol internacional (ligas inglesa, italiana y española; más la argentina) a través de la modalidad P.P.V (Pague por ver).

Ese condicionante idiosincrático: de ser antes de un equipo, que de un partido político (como ocurría antes) o de una religión, deriva en trabajos estudiantiles que -desde una lectura psico- antropológica- tienen mucho de biográfico y auto-etnográfico. Varios de ellos, escritos con un lenguaje intimista y descriptivo que relata el entorno natural, inmediato, que han experimentado como escenario cotidiano de sus vidas.

El universo de textos hallado (se entenderá que la *forma escrita* ha sido desde la Edad Media el medio privilegiado por la comunidad académica) está integrado por tesis- monografías para optar al título disciplinar/ profesional, por artículos de investigación, por obras temáticas (compilaciones), por proyectos escritos con intencionalidad de oferta académica (como diplomados y cursos libres) y por obras institucionales (para el caso, de carácter gubernamental). Ese universo de Bogotá, Medellín y los dieciséis casos citados de Cali (6), Pereira (1) y Neiva (1), Barranquilla (2), Pasto (1), Manizales (1), Cúcuta (1) y publicación internacional (3) suma 148 productos.

Un rasgo llamativo de este punto es la relativa paridad entre estudios de la empresa privada y la pública. La primera registra una oferta de 53% y la otra del 47%. Como hecho contrastante de da el caso de que en Bogotá la batuta la han llevado universidades estatales como la Nacional, la Distrital y Pedagógica; mientras que en Medellín la única pública que aparece con fortaleza es la de Antioquia, acompañada en la oferta con privadas como la Fundación Luis Amigó, la Universidad Pontificia Bolivariana, la Institución Universitaria de Envigado y el Politécnico Jaime Isaza Cadavid.

El poder histórico del pregrado en Colombia

Tenemos así, en los últimos 15 años, más de una centena de esfuerzos individuales e institucionales de examinar una realidad concreta. Eso da un promedio de 10 textos por año. Todavía sigue siendo -en términos estadísticos- una “desviación estándar” (tal como acontece con el número de posgraduados en el país) el número de trabajos de especialización (2), maestría (12) y de doctorado (4 casos).

Son en total noventa y dos (92) tesis de pregrado; distribuidas así: 53 en Bogotá, 34 en Antioquia, 4 en Cali y una en Neiva. Más 15 posgraduales en las que las de maestría y doctorado son de Bogotá y una en Pereira. A esos hallazgos bibliográficos, habría que agregarle las producciones institucionales (10) y los textos académicos que dieron origen a la oferta académica -especialmente de artículos científicos- (28). Números que pueden leerse con

estos porcentajes: 62% de trabajos de pregrado, 12% de posgrado y un 25% de otras expresiones.

De hecho, al momento de contrastar el desarrollo de este sub-campo en Colombia con el vecindario continental, ratificamos una característica nuestra: la preponderancia del pregrado. Esto se comprueba al ver como en academias como la argentina y la brasilera el grueso de trabajos al respecto se halla en el nivel de las maestrías y doctorados que son escenarios estrictamente para la investigación.

Una conclusión que salta a la vista es que el campo “se comporta” como lo hace el país: es centralista y su concentración es en el primer peldaño de educación superior: el pregradual.

Metodología, disciplinas y temas

¿Dónde buscar los trabajos existentes? ¿Cómo rastrear los textos publicados? ¿Qué criterio emplear para el tamiz de los que serían considerados? Como ya se explicó al comienzo de este estado del arte, se usaron como carnada unas palabras clave (unos descriptores) y se lanzó el anzuelo en las bases de datos “online” de las universidades de Antioquia y – para el caso de Bogotá- se consultó en las bases de datos de la Biblioteca Luis Ángel Arango, la Biblioteca Nacional, la Red de Bibliotecas Distritales (Bibliored) y Universidades como la Nacional, Pedagógica, Andes, Javeriana y Externado. No obstante –para el caso de la Capital- dado lo pequeño del campo, gran parte de los hallazgos no eran más que la corroboración de la noticia que ya se tenía del trabajo y posterior presentación del mismo ante jurados académicos y su inserción a las bibliotecas universitarias y públicas de la ciudad.

Por ello, todos los textos relacionados son productos terminados y con certificada validez académica; al fin y al cabo –para el medio universitario- toda tesis de pregrado que se lleve a la biblioteca es porque ya aprobó los requisitos mínimos de formalidad y fondo para ser socializada. Lo mismo

acontece con las obras institucionales o los textos de proyecto de diplomado: ya cuentan con avales de expertos que viabilizan su publicación y despliegue.

Ese nicho académico revela otros detalles: la juventud de los investigadores y el alcance de sus estudios. La mayoría de los trabajos de tesis no sobrepasan las 100 páginas (especialmente desde la reforma educativa de 2005 en el que las universidades pasaron al sistema de créditos), siendo su carácter más descriptivo, más panorámico y apenas propositivo, lo que no invalida sus observaciones. Esto se explica también por la poca experiencia investigativa de sus autores, que recién se enfrentan a un desafío de envergadura como requisito para recibirse profesionalmente.

Un detalle que resulta sintomático del pregrado es que esta puede ser una obra en colaboración (a varios manos/ de varios autores); lo mismo pasa con la obras gubernamentales que contratan un coordinador- editor, pero en la que participan varios autores- investigadores. Tenemos así 101 obras, para un total de 143 autores; casi 1 ¹/₂ por texto. Lo otro es la predominancia de género. Así como socialmente el fútbol fue un espacio de socialización masculina y de reafirmación de la virilidad, de igual manera es -aun- un campo de investigación masculina: “machos investigando machos” como dice Zambaglione (2011). El porcentaje es de casi dos hombres (68,5%) por cada mujer (31.2%) que acomete una tarea en este sector. Sin embargo, esa tendencia está dejando de serlo y la participación femenina va en ascenso; pero se registra en ambientes esencialmente colonizados por la mujer como la psicología.

Otras características de los hallazgos documentales es la preponderancia de dos ámbitos disciplinares: la comunicación social/periodismo y la sociología y afines (antropología, licenciatura en sociales, politología y trabajo social). Entre ambos suman el 62% de la oferta académica disponible. Una conclusión a priori se halla en el ascendiente público del fútbol y de las barras: es un tema que siempre está expuesto, en la vitrina del día a día. Un tema susceptible de volverse noticioso y de objetivarse como tema de estudio por su fuerte presencia en las agendas vitales de las personas.

Los estudiosos sociales produjeron en Bogotá y Antioquia 52 trabajos (37%) y los comunicadores sociales- periodistas 26 trabajos (18.4%) del total. Le siguen los estudios de educación física y afines (gerencia y administración deportiva) con 8.5%; los de la psique (8.5%), de educación (7%) y lingüística (4%). Campos que se antojan complementarios y pertenecientes a un espectro natural del deporte porque entrañan sus rutas de aprendizaje, socialización y asimilación.

Se extraña sí, la presencia de la antropología que se advierte en Argentina y Brasil. Las etnografías de aquí no tienen la fortaleza numérica ni hermenéutica de las de allá. Un intento de explicación es el interés tardío por el tema (acompañado de las dificultades propias del campo en hacerse un espacio dentro de la “tradicición” de las disciplinas) y la obsesión de los antropólogos del país por los asuntos indígenas que sólo en los últimos años ha cedido lugar a otros abordajes menos ortodoxos.

Fútbol, barras; convivencia y posconflicto

¿Puede el fútbol promover procesos de reconciliación y sana convivencia? Ejemplos históricos (nacionales e internacionales) permiten responder afirmativamente la pregunta. No hay que olvidar que los Juegos Olímpicos de la Antigüedad demandaban de todo el mundo griego el cese de hostilidades, conocido como tregua sagrada (la etchekaira): lo que hoy conocemos como deporte deriva de un intento de pacificación y en su expresión moderna -con todas las imperfecciones que entraña- es un esfuerzo de hermandad internacional. Fruto de ello, la historia reciente cuenta con muchos ejemplos en los que el deporte ha jugado un papel preponderante en eventos de aclimatación de animosidades y guerras; citemos dos africanos: la suspensión bélica de dos tribus subsaharianas (en los 80's) producido por la presencia de Pelé y la célebre iniciativa de Mandela (a través del rugby) en la reconciliación de Sudáfrica, que estaba presa del odio y la violencia entre blancos y negros por causa del Apartheid.

También se dirá que el deporte ha sido excusas de sucesos teñidos de sangre: la Guerra del fútbol entre El Salvador y Honduras en 1969 (magistralmente documentada por Kapushinski) y en virtud de su manifestación más reciente: la violencia entre hinchas. Eso nos lleva a considerar que la actividad *per se* no es causa de los excesos y más bien hace parte de un contexto que, al ser comprendido, da mejores luces de los orígenes y motivaciones que inducen los hechos violentos.

Una posible línea de abordaje hermenéutico de la violencia dentro del fútbol es la propuesta por la antropóloga brasilera Simoni Lahud Guedes quien en su tesis de maestría (1979), propone que el fútbol es “institución cero”, eso quiere decir que tiene la capacidad de vaciarse de contenido y ser nuevamente llenado por cosmogonías, ideologías, políticas por más opuestas que ellas sean. Así, el fútbol puede servir (y ha servido) para regímenes de extrema derecha (dictaduras europeas y sudamericanas) e izquierda (comunismos soviético). En otras palabras y -parafraseando a Tolstoi- para la guerra y la paz. Es un vehículo; un medio y no un fin.

Primeras conclusiones y recomendaciones

Un examen minucioso de la bibliografía encontrada y consultada (como se ve, la metodología de este estado del arte prevé la elaboración de una ficha técnica de cada obra relacionada), arrojó las siguientes consideraciones:

1. Aunque significativo, el estado del arte actual es incompleto, porque el circuito futbolero (y por extensión de las barras) se completa y complementa con las otras ciudades andinas de tradición clubística (como el eje cafetero); además de las regiones Caribe, Pacífica, del Oriente y del Tolima Grande; sin desmedro de atención en categorías diferentes a la primera división (la A), como la B y C y de torneos aficionados como el Olaya, Tabora y Servitá (Bogotá), el PonyFútbol (Medellín), del barrio Pescaito (Santa Marta) y de la Copa La Patria (Manizales).

2. El fútbol es un fenómeno moderno y urbano y las barras son una expresión posmoderna de la contemporaneidad citadina, que tienen un

sustrato común: la espectacularización de la sociedad y la injusticia social (exclusión, pobreza, marginalidad) propia de la crisis del modelo económico.

3. Por su alta sensibilidad pública y su fuerte presencia en la agenda vital de las personas, el fútbol y las barras bravas son objeto de interés de dos ámbitos: el de los estudios sociales (sociología, antropología, licenciatura en sociales, trabajo social) y el de la comunicación social/periodismo.

4. El rótulo de “barras bravas” es una expresión nativa propia de la Argentina, que fue replicada por los medios de comunicación colombianos (y latinoamericanos), convirtiéndose en una marca registrada de uso social. Aquí la empleamos en ese sentido (para denominarla) y no en el del estigma social que tiende a su estigmatización y a la redundancia obtusa del estereotipo.

5. El “aguante” es otra categoría nativa exitosa en el medio barrista argentino: fue dada a conocer por autores como Pablo Alabarces y José Garriga Zucal (ver bibliografía) y acogida por la massmedia latinoamericana. Su aceptación radica en la precisión con que describe el “ethos” del ‘barrabrava’: el no doblarse ante la autoridad, la sociedad, ni el adversario en el propósito de seguir al equipo a donde fuere. Sinónimo mexicano es “el desmadre” y colombiano “la berraquera”.

6. El fútbol (como el barrismo) es coto femenino. Es espacio privilegiado para la masculinidad. Eduardo Archetti es su texto celebre de “Masculinidades. Tango polo y fútbol en la Argentina” (2004), hizo el mejor retrato de ese escenario de transacción simbólica y real de la virilidad. Eso se expresa social y académicamente: todavía la mayoría de los que lo juegan y estudian son hombres. Dos tercios de los estudios son hechos por hombres y el crecimiento de la presencia femenina es en áreas de tradición de la mujer como la psicología y el trabajo social.

7. Los equipos más estudiados son, también, los más populares que actúan en las principales ciudades. Y las barras más examinadas, así mismo, son las más grandes y de mayor tradición para el aguante, en clave

de “barra brava”: las de clubes como Millonarios, Santa Fe; Nacional, Medellín; América y Cali.

8. El mayor porcentaje (62%) de los trabajos encontrados en el presente estado del arte corresponden al pregrado y sólo el 12% al posgrado (de hecho, dos de los cuatro doctorados fueron hechos en el exterior); esto marca un contraste con América Latina (Argentina, Brasil y México), donde la fuerza de las producciones se halla en el posgrado (maestrías y doctorados) lo que habla de un nivel de mayor profundidad en la investigación que trasciende el nivel descriptivo de los trabajos del país.

9. En ese sentido, se extraña en Colombia -en contraste con la dinámica del campo en las naciones señaladas- la presencia de la antropología; más específicamente de la etnografía de las barras que han sido un insumo preponderante para entender el universo de códigos que constituyen en acervo de las barras bravas.

10. El campo en el país, de manera tardía, superó el estigma marxista que los intelectuales de izquierda (como una herencia europea) habían tendido en torno al fútbol “como opio del pueblo”. Esa aparición del fútbol como tema de estudio se dio a principios de los 90’s con los trabajos de Zandra Pedraza y Alberto Mayor, pero fue desde el primer trabajo en pregrado en Sociología (de Germán Gómez) en 2002, que el tema se disparó en las universidades colombianas.

11. La oferta de trabajos entre universidad pública y privada es de 47% para la primera y 53% para la segunda. En Bogotá predomina lo público (en U’s como la Nacional, Distrital y Pedagógica); mientras que en Antioquia además de la U del mismo nombre están las privadas (Luis Amigó, Pontificia Bolivariana, Institución Universitaria de Envigado, Politécnico Jaime Isaza Cadavid).

12. En ese orden de ideas, de florecimiento del campo y de necesidad de estudios que lo complejicen (profundizándolo) se hace plausible que ofertas como las del diplomado de barras que actualmente se efectúan en la Universidad Pedagógica Nacional y la Universidad Antonio

Nariño, se extienda no sólo a otras universidades, sino también regiones del país.

13. Como “Institución cero” el fútbol puede ser contributivo de políticas, programas, planes e iniciativas tendientes a buscar la paz, promover la reconciliación y optimizar la sana convivencia. Existen registros documentales en Colombia y el mundo que atestiguan su poder de convocatoria y persuasión. Es una metáfora (un discurso) y una práctica que puede ser elemento importante para el pos-conflicto.

Bibliografía

ALABARCES, P. (2002). **Fútbol y patria: el fútbol y las narrativas de la nación argentina**. Buenos Aires: Prometeo Libros.

ALABARCES, P. (2012). Veinte años de ciencias sociales y deportes, diez años después, en **Revista da Alesde**, Vol. 1, No 1, 2011. También disponible en D, Quitián: “Estudios socioculturales del deporte” (2012), Armenia, Kinesis, pps 160-175.

ARCHETTI, E. (1985) **Fútbol y ethos**. Buenos Aires, FLACSO.

ARCHETTI, E. (2003). **Masculinidades. Fútbol, tango y polo en la Argentina**. Buenos Aires: Antropofagia.

AMAYA, A; VILLANUEVA, A; RODRÍGUEZ, N.(2009) **Goles en paz. Crónica de una década**. Bogotá: Alcaldía Mayor.

BENNIGHOF F. (2001): **¿Cuánta tierra civilizada hay en Colombia? Guerras, fútbol y élites en Bogotá, 1850-1910**. Trabajo de grado, Universidad Nacional de Colombia, Departamento de Historia.

BOURDIEU, P. (1978) Sport and social class. **Social Science Information sur les Sciences Sociales**, Paris, v. 17, n. 6, p. 819-940.

BROHM, J *et al* [1972] (1978) **Deporte, Cultura y Represión**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA.

CASTRO, J. (2010). “El carnaval y el combate hacen el aguante: algunas explicaciones” [revista electrónica]. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, 140, 1. Consultado el 12 de febrero de 2010 en www.efdeportes.com/efd140/el-carnaval-y-el-combate-hacen-el-aguante.htm

CARRIÓN, F. (2009). **Vivimos la foxbolización**
Available at: http://works.bepress.com/fernando_carrion/324/

DA MATTA, R. (1983) [1979]. **Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro**. Zahar: Rio de Janeiro.

DA MATTA, R (Comp.) 1982. **O universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke.

DÍAZ, L *et al*. **El fútbol se lee. Edición especial Libro al viento**. Bogotá: Alcaldía Mayor.

ELIAS, N; DUNNING, E (1992). **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. México: FCE.

- ESPINOSA, J. (2010). **Deporte, ideología y hegemonía de la sociedad de control a la Biosociedad**. Trabajo de Maestría, Pontificia Universidad Javeriana, Maestría en Estudios Políticos.
- GALEANO, E (1995). **El fútbol a sol y sombra**. Buenos Aires: Catálogos.
- GALEANO, M; VÉLEZ, O (2000). **Estado del arte sobre fuentes documentales en investigación cualitativa**. Universidad de Antioquia, Medellín.
- GÓMEZ, G. (2001). **La violencia en el fútbol vista a través de las barras bravas**. Tesis pregrado sociología. Bogotá, Universidad Nacional de Colombia.
- GUEDES, S. (1998). **O Brasil no campo de futebol. Estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro**, EDUFF, Rio de Janeiro.
- HERNÁNDEZ, A. (2010). **Deporte y política: Berlín 1936, la primera participación de Colombia en una Olimpiada**, Trabajo de Grado, Universidad Nacional de Colombia, Departamento de Historia.
- JARAMILLO, R. (2009). **El fútbol de El Dorado: El giro de tuerca que marcó la rápida evolución de la inocencia a la edad adulta**, Mimeo.
- LÓPEZ, L. (2004) **Detrás del balón. Historia del fútbol en Medellín 1910-1952**, Medellín, La Carreta Editores.
- MAYOR, A. (1985). **Ética, trabajo y productividad en Antioquia**. Bogotá, Tercer Mundo.
- MARTÍNEZ, S. (Comp.) (2010). **Fútbol-espectáculo, Cultura y Sociedad**. México: Afinita Editorial.
- MEJÍA DE CAMARGO, S. (investigadora principal) (1997). **Investigación sobre el maltrato infantil en Colombia 1985 - 1996**. Estado del arte. ICFES - FES.
- MENDOZA, C. (2004). **Sin amarillo, azul y rojo. Construcción de identidad de las barras CADC Y LGARS**. Tesis de grado de Sociología. Inédita. Bogotá, Universidad Nacional..
- PEDRAZA, Z. (1989). **En cuerpo y alma: visiones del progreso y de la felicidad**. Bogotá, Universidad de los Andes.
- QUITIÁN, D. (2006). **Fútbol sin barrera: reseñas y semblanzas de protagonistas emblemáticos del balompié mundial**. Armenia, Editorial Kinesis.
- QUITIÁN, D (2007) "Fals Borda, los intelectuales y el fútbol". En: **Revista Aquelarre**. No. 11, p. 65-74.
- QUITIÁN, D. (2009). **La sobrecogedora experiencia de ser boxeador en Bogotá: un ejercicio etnográfico en el mundo de las narices chatas**. Maestría en Antropología. Bogotá, Universidad Nacional de Colombia.
- QUITIÁN, D. (Comp.) (2012). **Estudios socioculturales del deporte: desarrollos, tránsitos y miradas**. Armenia, Kinesis.
- RESTREPO, O. (2008). ¿Cómo hablar de campos sin estados del arte? (Dadme un estado del arte y te daré un campo). Congreso VII Jornadas Latino-Americanas de Estudios Sociales das Ciências e das Tecnologias. Rio de Janeiro, Brasil.
- RIVERA, J. (2003). **Gol eterno. El partido de fútbol: más que noventa minutos, toda una vida de pasión y etnografía**. Tesis de maestría en antropología. Medellín: Universidad de Antioquia.

- RUIZ PATIÑO, J. (2010). **La política del sport: élites y deporte en la construcción de la nación colombiana, 1903-1925**. Bogotá, La Carreta Editores/Editorial Pontificia Universidad Javeriana.
- SEBRELI, J. (1998). **La era del fútbol**. Buenos Aires: Sudamericana.
- TOLEDO De, L. (2002). **Logicas do futebol**, ANPOCS, Campinas.
- VILLANUEVA, A.; AMAYA, A.; RODRÍGUEZ, N. (2011). **Hasta que el cuerpo aguante: un análisis de las barras de fútbol capitalinas**. Bogotá: Uniediciones.
- VILLANUEVA, A.; QUITIÁN, D (2014). **Mi Segunda Piel, memoria visual de los hinchas capitalinos entre 2003 y 2013**, Bogotá: Fondo Editorial Universidad Pedagógica Nacional.
- VILLENA, S. (2003a). Globalización, identidades nacionales y fútbol. En Alabarces, Pablo (comp) **Futbologías. Fútbol, identidad y violencia en América Latina**, Buenos Aires, Clacso, pp. 257-271.
- VINNAI, G. [1974] (2003) **El fútbol como ideología**. México, siglo veintiuno editores.
- WHAL, A. (1997) **Historia del Fútbol, del Juego al Deporte**. Grupo Zeta. Barcelona.

AUTOMOBILISMO ESPORTIVO E IDENTIDADE NACIONAL NO MÉXICO DO SÉCULO XX

Hugo Alejandro Avendaño Santoyo

Universidade Nacional Autonoma de Mexico (Mexico)

Resumo.

O desenvolvimento do século XX no México foi marcado, entre outras coisas, pela busca da consolidação do Estado-Nação, bem como pelo florescimento das expressões nacionalistas com as quais os movimentos políticos, sociais e culturais que procuraram pelo da integração da país com capitalismo internacional. No campo do esporte, o desenvolvimento, consolidação e institucionalização dessas atividades no país abriu novos espaços onde as identidades nacionais e o discurso de modernização fortaleceu-se.

A conjunção desses elementos é expressada nas celebrações de eventos esportivos do período. A Carrera Panamericana e o Grande Prêmio do México, uma das primeiras a ter lugar, manifestam-se como síntese do passado, presente e futuro do país. O tamanho dos eventos mostra-os como cartas de apresentação do processo de modernização promovido pelo regime, bem como das realizações particulares da nova sociedade mexicana.

As narrativas desenvolvidas ao redor desses eventos podem nos dar pistas sobre a construção identitária do mexicano durante o século XX. Sua análise permitirá compreender os fatores que propiciaram o desenvolvimento do *motorsport* mexicano, bem como as implicações políticas, econômicas e socioculturais entre 1950 e 1970.

Palavras chave: desportivização, nacionalismo, identidades, modernização, corridas de carros esportivos, esporte moderno.

Automovilismo deportivo e identidad nacional en el México del siglo XX

Resumen.

El desarrollo del siglo XX en México estuvo marcado, entre otras cosas, por la búsqueda de la consolidación del Estado-Nación, así como el florecimiento de las expresiones nacionalistas con las cuales se guiarían los movimientos políticos, sociales y culturales que buscaron la integración del país con el capitalismo internacional. En el campo deportivo, el desarrollo, consolidación e institucionalización de estas actividades dentro del país, abrió nuevos espacios donde se fortalecieron identidades nacionales y el discurso modernizador.

La conjunción de estos elementos se expresa en las celebraciones de los eventos deportivos del periodo. La Carrera Panamericana y el Gran Premio de México, unos de los primeros en llevarse a cabo, se expresaron como la síntesis del pasado, el presente y el futuro del país. El tamaño de los eventos

los mostró como cartas de presentación del proceso modernizador promovido por el régimen, así como de los logros particulares de la nueva sociedad mexicana.

Las narrativas desarrolladas alrededor de estos eventos nos pueden brindar pistas acerca de la construcción identitaria del mexicano durante el siglo XX. Su análisis permitirá entender los factores que propiciaron el desarrollo del deporte motor mexicano, así como las implicaciones políticas, económicas y socioculturales entre 1950 y 1970.

Palabras clave: deportización, nacionalismo, identidades, modernización, automovilismo deportivo, deporte moderno.

Motorsports and national identity in twentieth-century Mexico

Abstract.

The Twentieth century development in Mexico was marked, among other things, by the search for the consolidation of the Nation-State, as well as the flourishing of nationalist expressions with which the political, social and cultural movements looked for the country's integration with international capitalism. In the sports field, the development, consolidation and institutionalization of these activities within the country, opened new spaces where national identities and modernizing discourse were solidified.

The conjunction of these elements is expressed in the sporting events celebrations during the period. The Carrera Panamericana and the Mexican Grand Prix, the first to take place, were expressed as the synthesis of the past, the present and the future of the country. The size of this events shows it as a presentation of the modernizing process promoted by the regime, as well as of the achievements of the new Mexican society.

The narratives developed around these events can give us clues about the identity construction of the Mexican during the 20th century. Its analysis will allow to understand the factors that propitiated the development of Mexican motorsport, as well as the political, economic and sociocultural implications between 1950 and 1970.

Keywords: sportization, nationalism, identities, modernization, sports car racing, modern sport.

Introducción.

El presente texto deriva de una investigación de corte sociohistórico acerca del desarrollo del automovilismo deportivo en México y su interacción con los procesos de construcción de identidades nacionales y de modernización, entre 1950 y 1970. Para ello, el texto desarrolla a lo largo de sus apartados las bases teóricas y metodológicas de la investigación, así como una interpretación sociohistórica del proceso de institucionalización del automovilismo deportivo en México y dos de los eventos más importantes del

periodo: La Carrera Panamericana y el Gran Premio de México, para finalizar con una recapitulación que dé cuenta de las relaciones entre el desarrollo del deporte motor y los procesos identitarios y modernizadores de la época.

La aparición del deporte en las sociedades occidentales es un proceso que se acompaña por una serie de transformaciones profundas en las estructuras sociales. Sus valores e ideales de pretensión universal se arraigaron con suficiente fuerza en las sociedades como para convertirlo en un movimiento de alcance mundial. Sin embargo, es posible encontrar diferencias sustanciales entre los diferentes países y regiones en el que se desarrolló, debido a las estructuras políticas, económicas, sociales y culturales que condicionaron históricamente a cada caso.

El proceso de deportización mexicano, es decir, aquel proceso social de largo alcance en el cual se integró la práctica deportiva a la sociedad mexicana y que incluye, aunque no de manera exclusiva su institucionalización, dista mucho de parecerse al que se presentó en otras partes del mundo, a pesar de que se nutre del contexto internacional. El caso mexicano estuvo permeado por los proyectos políticos de modernización que emprendieron los gobiernos posrevolucionarios, enfocados en una transformación de fondo de la sociedad mexicana. Desde la escena deportiva internacional, el movimiento deportivo mexicano también se vio influenciado por pugnas de carácter ideológico que terminarían por definir la esencia de la actividad deportiva, así como de su dirección futura.

La que podría considerarse como una de las primeras fases de este proceso se identifica con la inclusión de las actividades físicas y deportivas como parte del esquema de bienestar social promovido desde las instituciones estatales. La difusión de las disciplinas deportivas, derivada también desde la construcción infraestructura, contribuyó en el cambio de la distribución del tiempo social, y especialmente de la estructuración del tiempo de ocio en la sociedad mexicana, particularmente en las clases medias. Asimismo, la profesionalización de los atletas mexicanos aceleró la institucionalización de la práctica deportiva, atrayendo la atención de las administraciones federales, dado su interés por encontrar actividades que fortalecieran el sentido cívico

de los habitantes. La celebración de eventos deportivos de carácter masivo obedece no sólo a la popularidad de las actividades deportivas, sino también a una serie de procesos de identificación gestados alrededor de sus expresiones, así como de una narrativa simbólica del proceso modernizador que se hallaba en pleno desarrollo en la segunda mitad del siglo XX.

El automovilismo deportivo en México no escapó a esta lógica. Su práctica, registrada desde el siglo XIX, había sido interrumpida por el conflicto armado de 1910 que derrocó al presidente Porfirio Díaz. Si bien el automóvil siguió presente en la vida cotidiana nacional con la suficiente intensidad como para integrar el modelo de recuperación económica propuesto por las administraciones federales posrevolucionarias, así como para acabar con la industria ferrocarrilera nacional, su uso recreativo en realidad se recuperó de forma escueta hacia las décadas finales de la primera mitad del siglo XX.

Así, la consolidación institucional del automovilismo deportivo mexicano a través de las asociaciones locales y estatales que se dedicaban a la organización de competencias, el crecimiento de su popularidad y de un público especializado, así como el surgimiento de pilotos talentosos que destacaron positivamente dentro y fuera del país, le dio al deporte motor mexicano un lugar importante dentro del imaginario popular, en relación con el proceso de modernización del país. De esta manera, las imágenes fundacionales del automovilismo deportivo mexicano se enlazaron, entonces, en un proceso sociocultural de índole dialógica con los procesos de construcción de identidades fraccionadas y que, a la larga, aportarían discursivamente a las identidades deportivas nacionales.

El pilar teórico del análisis es la figuración, un concepto que se deriva de la sociología desarrollada por Norbert Elias. Este concepto analiza los fenómenos sociales a través de las relaciones de interdependencia que observa entre los actores individuales y colectivos, y las estructuras comunes que les rodean. En otras palabras, la figuración eliasiana se constituye como un puente entre lo micro y lo macro, representando los tejidos sociales

surgidas de las interacciones entre los individuos y los espacios en los que (re)crean a la sociedad.

Estos procesos, a su vez, contribuyen a la reproducción cultural de la sociedad, así como su transformación material mediante su incorporación (y posterior expresión) dentro de las estructuras bio-psico-sociales de los individuos (Elias, 1989). De esta manera, se pueden observar los procesos de deportización, identificación y modernización como figuraciones entrelazadas dentro del escenario cotidiano de la vida social como formaciones sociales abstractas compuestas por actores individuales y colectivos que comparten marcos estructurales y se vinculan a través de uno o varios elementos de significación, formando un equilibrio de interdependencia entre ellos.

Aunque no fueron determinantes entre ellos, sí existe una importante interacción que puede ser explorada y comprendida sociológicamente y que determinó parte de su devenir histórico. Dichas figuraciones se encontrarían reflejadas en la propia construcción psico-social de los individuos participantes, expresándose a través de los componentes del imaginario colectivo, sus adscripciones identitarias, la historia particular de los grupos sociales, sus (des)equilibrios de tensiones, conflictos, representaciones simbólicas, códigos de comunicación, marcos normativos, etc.

El enfoque figuracional toma la dimensión histórica como la base del desarrollo de los fenómenos sociales. En esta base se erigen las estructuras políticas, económicas y culturales que forman un marco común a las dinámicas sociales surgidas a partir de la interacción entre actores individuales y colectivos. El análisis histórico trata de entender las posiciones que toman cada uno de los participantes en el desarrollo de la figuración, un proceso continuo que no tiene un sentido específico más allá de las significaciones otorgadas por los actores involucrados en el ejercicio de su cotidianidad.

La figuración, entonces, es un concepto que analiza los fenómenos sociales a través de relaciones de interdependencias que pueden ser observadas entre actores individuales y colectivos; al mismo tiempo, añade a su análisis una dimensión macro, a través del reconocimiento de estructuras

comunes, también interdependientes. En otras palabras, la figuración “representa los diferentes tejidos sociales que crean los individuos con sus interacciones en todos y cada uno de los espacios que forman a una sociedad” (Montesinos, en Leyva, Vera y Zabudovsky, 2002:116).

Sobre el deporte, Norbert Elias emprende una serie de estudios sociohistóricos de largo alcance centrados en la comprensión de la formación de las sociedades europeas modernas mediante las actividades de ocio. De entre estas investigaciones, es importante retomar, como complemento teórico para el análisis el concepto “deportización”, que trata de explicar el surgimiento y desarrollo del deporte en su forma moderna, así como su inserción dentro del fenómeno capitalista en las sociedades occidentales. Se concibe al deporte, entonces, como un proceso inacabado, de orden multidimensional en sus causas y efectos, caracterizado por una estructura normativa robusta, la incorporación de la medición sistemática de resultados, el fortalecimiento de cánones de formación del cuerpo y mente, que resultan, en última instancia, en una especialización de los mismos, así como una marcada influencia en los procesos de democratización a través de las sociedades civiles y el surgimiento de un sector de producción enfocado en la satisfacción de nuevas necesidades de ocio.

La práctica deportiva, en tanto que puede entenderse como una figuración, entra en contacto con múltiples figuraciones adicionales. Hacia su interior, cada una de las disciplinas deportivas pueden representar perfectamente figuraciones de interés sociológico, las cuales se vuelven factores a considerar para el estudio del proceso en su conjunto. Al mismo tiempo, las relaciones de interdependencia que establezca con cada una de ellas dependerán de su posición en el entramado que configuran, así como de los cursos de acción (inconscientes) que toman los actores involucrados. Por ello, el interés de abordar el automovilismo deportivo mexicano de los años 50 y 60, así como su relación con el proceso de modernización del país y el fortalecimiento de la identidad nacional, dos elementos con los que estableció una importante relación.

Deportización del automovilismo en México.

Nuevos mecanismos de movilidad social, crecimiento de un esquema de bienestar social promovido desde el gobierno, introducción de nuevas tecnologías para casi todas las áreas de la vida humana, ensanchamiento de la matrícula universitaria, introducción y desarrollo de ideales democráticos en la sociedad civil, liberación sexual, pero sobre todo, la consolidación de las ideas que fundamentaron las características “lo mexicano”, fueron procesos cuyos cursos se vieron afectados por las nuevas reglas y estructuras de la economía mexicana, introduciendo en la sociedad mexicana elementos que habrían de interiorizarse para poder expresarse en sus instituciones. En este proceso, el deporte fue precisamente una de estas expresiones.

Si bien la actividad deportiva en México ya tenía un largo recorrido proveniente de la primera mitad del siglo XX, el factor que lo diferenció de esta etapa anterior fue su masificación y expansión, a través de nuevas políticas públicas desarrolladas dentro del Estado de bienestar. Asimismo, su institucionalización se consolidó a través de la creación del Comité Olímpico Mexicano (formalizado en 1923) y de la Confederación Deportiva Mexicana (nacida en 1933), órganos rectores y representativos del deporte mexicano a nivel amateur y profesional, importantes gestores ante el Estado mexicano.

El automovilismo mexicano se organizó institucionalmente a través de múltiples clubes locales y estatales, que promovieron su práctica en espacios improvisados como caminos, carreteras, hipódromos y aeródromos en todo el territorio nacional. La organización de La Carrera Panamericana fortaleció la actividad automovilística, vinculándola con los gobiernos de diferentes niveles, así como con la comunidad internacional. Fue, finalmente, la construcción de una pista especializada, así como la organización del Gran Premio de Fórmula 1, los elementos que terminarían, simbólicamente, la institucionalización del deporte en el país.

Los deportistas profesionales empezaron a ganar prestigio entre la sociedad a medida que sus actividades les permitían sostener niveles de vida aspiracionales para la gran mayoría de la población. De la misma manera, a

través de las narrativas reproducidas por la mayoría de los involucrados en el fenómeno deportivo, se puede dar cuenta de cómo los atletas mexicanos comenzaron a encarnar a través de sus cuerpos y sus movimientos dentro de los terrenos de juego, nuevos discursos que los acercaban a la modernidad de la posguerra. Al mismo tiempo, las oportunidades de salir del país a través de las competencias deportivas, les convertían en “embajadores de México ante el mundo”, lo que abrió una nueva narrativa de carácter nacionalista que los acompañaría a partir de ese momento.

Son precisamente los eventos automovilísticos escenarios donde se pueden observar las redes de interdependencia que se tejieron entre los diferentes procesos figuracionales que alimentaron la práctica del automovilismo deportivo mexicano. Al mismo tiempo, es posible rastrear dentro de estos eventos una serie de significaciones que no sólo otorgan sentido a las acciones de los actores involucrados, sino que también enlazan con la construcción identitaria nacional y el proceso de modernización del país. El proceso puede dividirse en dos etapas, una primera en la que el deporte absorbe narrativas de carácter nacionalista, para posteriormente reformularlas y reforzarlas a través de sus propias expresiones simbólicas.

La Carrera Panamericana 1950-1954.

La segunda mitad del siglo XX en México estuvo marcada por la consolidación de los logros del modelo estabilizador. El sostenido crecimiento económico y la dinamización de la población fueron las bases de legitimidad de un régimen político enfocado en consolidar la paz social. Asimismo, el crecimiento demográfico, la industrialización y la urbanización fueron otros procesos que transformaron el ritmo de la vida diaria en la sociedad mexicana. Imágenes de las promesas de la modernidad llenaban el imaginario colectivo, y las narrativas emanadas de los medios de comunicación magnificaban los avances y minimizaban los retrocesos.

Las obras de ingeniería también ocuparon un espacio en la dimensión simbólica de la modernidad mexicana. De entre este tipo de proyectos, quizá

uno de los más importantes fue el de la Carretera Panamericana, un camino transcontinental cuyo objetivo era la integración terrestre de América. Para la fase a realizar en México, la conclusión exitosa del trayecto se significó como una muestra del desarrollo económico, la voluntad política y el potencial que la sociedad mexicana había alcanzado en las últimas décadas.

El orgullo por la conclusión de la Carretera Panamericana era tal que se propuso un evento automovilístico para celebrar la conclusión de las obras, que, además, habían sido las primeras en ser terminadas de entre los países involucrados (Hernández, 2014). La competencia, promovida por el Club Roda, además de otros personajes de la época como Martín Moreno, el general Beteta, Rómulo O´Farrill y Agustín García, logró también un amplio apoyo gubernamental para las maniobras logísticas, facilidades aduanales y fiscales y una atractiva bolsa de premios en efectivo con la que se trató de convocar a una mayor cantidad de pilotos, pues, a pesar de que ya se organizaban carreras de automóviles con regularidad, la práctica del automovilismo aún no se había extendido lo suficiente.

De esta manera, el 5 de mayo de 1950, arrancó en Ciudad Juárez la primera edición de La Carrera Panamericana. La competencia, que recorrería el país utilizando la Carretera Panamericana, cruzando en su recorrido Ciudad Juárez, Chihuahua, Parral, Durango, León, México, Puebla, Oaxaca, Tuxtla Gutiérrez y Ciudad Cuauhtémoc, fue todo un acontecimiento para la sociedad mexicana, que se volcaba en las orillas de los caminos para seguir atentamente el paso de los autos. 126 autos de 136 inscritos lograron iniciar la competencia, finalizando la primera etapa, en la entrada de la ciudad de Chihuahua, sólo 113, debido a fallas mecánicas y accidentes, prueba de la dureza de los caminos mexicanos (Hernández, 2014).

Después de 6 días de competencia, el contingente, reducido a 47 autos, llegó a Ciudad Cuauhtémoc, Chiapas, el 10 de mayo de 1950. El ganador absoluto fue el piloto estadounidense Hersel McGriff y su copiloto Ray Elliot, quienes pararon los cronómetros en 27 horas, 34 minutos y 25 segundos. De entre los pilotos mexicanos que concluyeron, el mejor posicionado fue Luis

Leal Solares, quien junto con su copiloto Dámaso de la Concha, lograron el séptimo sitio general (Hernández, 2014).

La prueba dejó satisfechos a aficionados, competidores y organizadores, por lo que se comenzó a preparar la segunda edición del evento de inmediato. Se hizo una revisión general del reglamento, añadiendo reglas para asegurar la equidad entre las máquinas participantes. Al mismo tiempo, se aumentaron los premios económicos para los competidores y se registró el evento ante la Federación Internacional del Automóvil (FIA), el órgano regulador del deporte motor a nivel mundial, la cual, con su aval, le daría un respaldo y reconocimiento al interior de la comunidad automovilística.

A pesar de la merma en el apoyo gubernamental directo, el 20 de noviembre de 1951 se lleva a cabo nuevamente La Carrera Panamericana. A partir de la segunda edición se corrió de sur a norte, para así facilitar el traslado de máquinas y pilotos a sus respectivos hogares, aprovechando la cercanía con Estados Unidos y su mejor infraestructura aeroportuaria. Recorrer la fecha de la carrera, de mayo a noviembre, fue una propuesta de la FIA para asegurar buenas condiciones climáticas, acatada por el comité organizador que pensó a su vez en aprovechar el día inhábil marcado por la celebración del aniversario de la Revolución mexicana.

Si bien ya se sabía que los accidentes mortales eran parte de la cotidianeidad de las competencias automovilísticas, el accidente mortal del piloto mexicano José “el Che” Estrada Menocal en el tramo con dirección a la ciudad de Oaxaca tuvo un impacto particular en los espectadores y los sectores conservadores de la sociedad mexicana. Los ecos del acontecimiento resonaron al ser Estrada Menocal uno de los mejores pilotos del país, y porque el sector conservador consideraba al automovilismo una actividad poco refinada, llena de peligros y muertes innecesarias. Las protestas alrededor de la competencia también fueron ganando terreno, alimentándose de la muerte del piloto italiano Felice Bonetto, quien estrelló su auto contra una ventana mientras cruzaba el poblado de Silao, en Guanajuato, durante la edición del año 1953.

La presión de las protestas finalmente hizo efecto en 1955, año en el que el gobierno de Adolfo Ruiz Cortines prohibió las competencias automovilísticas en los caminos federales, justo después del accidente de Pierre Levegh en la edición de ese mismo año de las 24 horas de Le Mans, donde fallecieron 83 personas, incluido el piloto francés. Las 27 víctimas de La Carrera Panamericana (Hernández, 2014) y el accidente antes referido, fueron suficiente motivo para concluir tajantemente como uno de los periodos más exitosos del deporte mexicano hasta el momento.

La celebración de La Carrera Panamericana fue resultado de diferentes procesos que crearon un escenario indicado, en el que los actores hicieron los movimientos indicados. Esto fue también la expresión de una larga transformación social gestada desde décadas atrás por procesos económicos, políticos y socioculturales. El evento significó también un punto de inflexión para el automovilismo deportivo mexicano. El potencial de la disciplina como promotora de la imagen del país llamó la atención del gobierno mexicano, que apoyó ampliamente al deporte motor a través de las asociaciones civiles que surgieron en el mismo periodo, además de considerar las competencias automovilísticas como un polo de desarrollo para la (naciente) industria turística. La consolidación institucional contribuyó a la aparición de los primeros héroes del deporte nacional, encarnaciones de los ideales de la modernidad y de una nueva identidad de lo mexicano, que trataba de encontrar a través del deporte (entre otras expresiones), su lugar en el mundo.

Gran Premio de México 1962-1970.

La inercia de las estructuras económicas y políticas detrás del desarrollo estabilizador, así como de la celebración de La Carrera Panamericana, continuaron durante las décadas de los años 60 y 70. La fuerza ideológica del régimen de Adolfo Ruiz Cortines se perfeccionó durante la gestión de su sucesor, Adolfo López Mateos, las ideas de modernización y el sentimiento patriótico en cada proyecto de su administración. De entre los empresarios más cercanos al presidente por el cobijo y beneficio directo que el gobierno

federal les brindaba, destacaba don Pedro Rodríguez Quijada, gran entusiasta del automovilismo deportivo (al igual que López Mateos) y padre de Pedro y Ricardo Rodríguez de la Vega, jóvenes pilotos cuyo talento deslumbrante los había puesto en la mira de propios y extraños. Don Pedro convenció al presidente de la construcción de un autódromo donde se pudieran celebrar las competencias que a ambos les gustaba tanto, que también sirviera como lugar de entrenamiento para sus hijos, quienes ya se habían consolidado como estrellas reconocidas en la sociedad mexicana.

Algunos meses antes, Aldofo Ruiz Cortines había inaugurado la Ciudad Deportiva de la Magdalena Mixhuca, un proyecto basado en la visión del comediante Jesús “Palillo” Martínez, que buscó acercar la actividad deportiva a las masas. A la estructura, ya en funcionamiento, se le añadió la pista de carreras, una condición que, posteriormente, complicaría la operación de la pista, aunque no fue un factor considerado por los encargados de la obra.

La inauguración de la nueva pista se efectuó el 20 de diciembre de 1959 con una carrera de 500 kilómetros de duración. El evento reunió a diferentes personalidades y a los mejores pilotos mexicanos de la época, convocando a 100 mil espectadores. La competencia fue ganada por Pedro Rodríguez, seguido de Moisés Solana y Ricardo Rodríguez (Hernández, 2015), la “santísima trinidad” de aquella época. El presidente pudo hacer gala de su carisma, y el público disfrutó de una competencia que incluso fue televisada a nivel nacional, en una fiesta que celebraba el progreso de México.

La entrada de Ricardo Rodríguez a Fórmula 1 llevó a un grupo de inversionistas, entusiasmados por la recepción de las carreras de autos por el gran público, a buscar la celebración de un Gran Premio en el país. El apoyo político de López Mateos pudo concretar en 1962 la celebración de una carrera de exhibición, evento que permitiría a la FIA evaluar las capacidades logísticas de los organizadores mexicanos y decidir si incluir la prueba o no al calendario oficial del año siguiente.

La celebración del Gran Premio de México se convirtió en una fiesta nacional. La elección del primer fin de semana de noviembre como fecha del evento, coincidiendo con las fiestas del Día de Muertos es una de las primeras

muestras del orgullo patriótico que llenó al evento. Además de Ricardo, su hermano Pedro y Moisés Solana fueron invitados a participar. La visita de los mejores pilotos del mundo, aunque con un aire mucho más elitista, sirvió como promocional de México y la gente agotó en poco tiempo el boletaje, obligando a la transmisión televisiva del evento para los aficionados que quedaron fuera.

Sin embargo, la fiesta duró poco, pues durante las pruebas preliminares, utilizadas para reconocer la pista y ajustar la configuración mecánica del auto, Ricardo Rodríguez tuvo un accidente fatal. Se acercaba el final de la sesión cuando el joven piloto, intentando quedarse con el mejor tiempo de la jornada, rompe la suspensión de su auto y se impacta con el riel de aluminio de la última curva del circuito, saliendo con heridas muy graves que le costaron la vida. La pérdida de uno de “los hijos de México”, que encarnaba los valores más deseados por la sociedad mexicana fue un acontecimiento que detuvo momentáneamente la vida nacional y deprimió la actividad automovilística en el país. Su muerte estimuló nuevamente a los mismos censores que en su momento se manifestaron en contra de La Carrera Panamericana, argumentando un salvajismo innecesario para una sociedad en desarrollo como la mexicana. A pesar de ello, se celebró la primera edición del Gran Premio, resultando ganador Jim Clark y sin la participación de Pedro Rodríguez y Moisés Solana, en señal de luto (Rosas, 2015).

La primera carrera de Fórmula 1 celebrada en el país resultó un éxito en todos los sentidos. FIA quedó completamente satisfecha con los organizadores y acordó incluir a la carrera como una prueba oficial a partir de la temporada 1963. El buen momento continuó cuando, a mediados de ese año, la ciudad de México presentaba oficialmente su candidatura para albergar los Juegos Olímpicos de 1968, “curiosamente, en los días en que se corrió el II Gran Premio, el Comité Olímpico Internacional anunció que los XIX Juegos Olímpicos se realizarían en México” (Rosas, 2015: 55). Los discursos políticos empezaron a inundar el escenario deportivo, pues habían descubierto en él, una efectiva herramienta propagandística.

Durante los 8 años que se corrió el Gran Premio de México, la asistencia al evento poco varió. Cada año se repetía aquella experiencia multicolor para todos los participantes dentro y fuera de la Fórmula 1. Su lugar al final de la temporada añadía interés al evento, pues en varias ocasiones se convirtió en la decisora del campeonato mundial. La llegada a la presidencia de Gustavo Díaz Ordaz, un personaje con mucho menor arraigo popular que su antecesor tampoco disminuyó el entusiasmo de la gente por la carrera, mucho menos cuando dejó de asistir a la carrera después de la edición de 1965.

El año 1968 marcó profundamente a la sociedad mexicana en todas sus dimensiones. El empuje de los nuevos actores políticos y sociales, que demandaban un lugar dentro del orden nacional ya había desencadenado una serie de importantes transformaciones que acercaban al país a su democratización, a pesar de los desesperados esfuerzos en contra de las élites gobernantes. El movimiento olímpico traspasó las barreras de lo deportivo para convertirse en un acontecimiento cultural sin comparación. A partir de México 68, el fenómeno deportivo comenzó a dibujar en su propio horizonte las formas características con las que hoy en día lo conocemos.

La séptima edición del Gran Premio de México también pareció verse afectado por los ecos de estas profundas transformaciones. La carrera se celebró un mes y un día después de la matanza de Tlatelolco y una semana posterior a la clausura de los Juegos Olímpicos “y la gente se encontraba como si nada hubiera pasado. Se dejaba llevar por su propia cotidianidad (...) en menos de un mes, todo había concluido y todo parecía olvidado” (Rosas, 2015: 76). Sin embargo, algo pareció avisar que las cosas estaban por cambiar.

Durante la carrera de una categoría menor que acompañó a la estelar durante ese fin de semana, un perro cruzó por toda la pista. Aunque nadie, incluido el can, sufrió daño alguno, fue un hecho insólito. Poco después, al final de la carrera, “la gente estalló en una euforia inusitada, como si se hubiera contenido durante días” (Rosas, 2015: 76), derribando todos los obstáculos que se interpusieron entre ella y el ganador, también nuevo campeón del mundo, Graham Hill, algo que poco agradó a las autoridades.

Para la edición 1969 del Gran Premio de México, el público resentía la muerte de Moisés Solana, quien era el consentido de Gustavo Díaz Ordaz por su cercanía política, y de quien recibió apoyo su carrera deportiva en el automovilismo y el jai-alai, fallecido el 27 de julio de ese año en una carrera disputada en Valle de Bravo. El sábado anterior al Gran Premio de ese año, el piloto Juan Carlos Bolaño sufrió un accidente durante una de las carreras coestelares, hiriendo a 4 personas y perdiendo la vida el propio piloto y 1 persona más. La jornada negra se completó con el peor resultado de Pedro Rodríguez en México, sumando un 7° lugar gracias a un auto que sufrió de problemas todo el fin de semana.

El IX Gran Premio de México, celebrado en 1970, fue quizá la peor carrera en la historia de la Fórmula 1. El inicio de la carrera coincidió con la celebración de una competencia ciclista, que estableció su meta final en el velódromo olímpico, a escasos metros del Autódromo. Los asistentes, que deseaban extender su domingo de esparcimiento, pronto se encontraron en las puertas de entrada, tratando de ingresar a un recinto que había agotado su boletaje, aunque ello tampoco los detuvo. Al mediodía había 200 mil personas dentro, 2 veces la capacidad máxima del lugar. La falta de lugares, limitados por la inexistencia de gradas y las zonas limitadas para ver la carrera motivó a la turba a invadir por completo la pista.

La gente, ubicada en las zonas más peligrosas, ebria y ya incontrolable, lanzaba objetos al paso de los vehículos. Los pilotos se negaron a correr, pues las condiciones eran ya inaceptables; Pedro Rodríguez, Emerson Fittipaldi, entre otros pilotos, salieron a convencer a la multitud de colocarse en zonas más seguras y así poder correr con mayores garantías, con poco éxito. El inicio de la competencia se retrasó más de una hora y el temor a una escalada de violencia convenció a los organizadores de correr. Los autos rozaban a las personas que se encontraban en pista, y de repente, a la mitad de la competencia, Jackie Stewart detuvo su auto; furioso, gritaba que acababa de golpear a un perro.

Los cuerpos de seguridad fueron inexistentes durante aquella jornada. Desde los acontecimientos de Tlatelolco en 1968, el gobierno había dejado de

apoyar con elementos del ejército a los organizadores de eventos masivos, incluido el Gran Premio. Los organizadores, abrumados por las cada vez mayores dificultades económicas que imponía la naciente crisis económica mexicana, fueron incapaces de contratar cuerpos privados de seguridad que compensaran a la deficiente policía de la ciudad.

Aunque la carrera terminó con saldo blanco, el disturbio generalizado, los daños a la pista provocados por la muchedumbre, el retraso de la carrera, la amenaza a la seguridad de los competidores y el incidente con el perro que determinó el resultado de uno de ellos fueron razones suficientes para que la FIA decidiera eliminar al Gran Premio de México del calendario de pruebas del año siguiente. La crisis económica que inició en ese mismo año y la muerte de Pedro Rodríguez en 1971, terminaron por pausar la actividad automovilística internacional en México por al menos 15 años.

La década de los años 60 se caracterizó por ser un periodo donde “termina por conformarse el esquema del desarrollo estabilizador. En este tiempo, a la estabilidad cambiaria y de precios (...), se adiciona la credibilidad de los empresarios el control de los movimientos [sociales]” (Gracida, 2004). Esta armonía se vio favorecida también por las políticas económicas de carácter proteccionista que estimularon el crecimiento de los mercados internos. En el sector automotriz, las medidas se enfocaron en el sector productor de autopartes, encargando la producción y el desarrollo de tecnología automotriz a las marcas extranjeras que ya se habían establecido años atrás en el país, quienes expandieron su volumen de producción a través de la construcción de nuevas plantas en las ciudades que conformaron nuevos polos industriales, alejados de la capital.

Sin embargo, la constante manipulación de la estructura económica nacional terminó por debilitar las bases del modelo. La falta de estrategias correctivas, la creciente dependencia de capitales extranjeros y el fortalecimiento del poder de la clase empresarial nacional con intereses a veces contrarios a los del Estado regulador y sus deseos por formar parte de la cúpula encargada de tomar decisiones de interés general fueron factores que acentuaron la degradación del sistema económico, cuya crisis se

generalizó apenas entrada la década de los años 70, por lo que se preparó su sustitución inmediata por un nuevo paradigma.

Deporte y modernización en México.

El automovilismo deportivo mexicano entre 1950 y 1970, concebido dentro de un análisis figuracional, cuyos miembros activos encuentran en las carreras de autos organizadas, una forma socialmente aceptada de acercamiento al peligro y las emociones generadas por dicha actividad, así como una serie de ideas, valoraciones, significaciones y narrativas de orden pedagógico y de ocio que los individuos imprimen en sus acciones, actúa como un proceso social inacabado, capaz de transformar las estructuras que le dieron lugar. Esta condición posibilita la expansión del análisis sociológico hacia la exploración de nuevas explicaciones causales de los fenómenos sociales, así como la integración de determinadas tendencias estructurales en flujos procesuales, inexistentes en la realidad, por la falta de conciencia y racionalidad en el sentido de la acción social a largo plazo, pero distinguibles analíticamente.

El proceso modernizador en México fue parte de la expansión que el capital internacional inició una vez terminada la industrialización de Europa. Después de la Revolución mexicana, el desarrollo de una burguesía nacional, que trabajaba por desprenderse de los capitales extranjeros, formó parte de una tendencia generalizada en la economía mexicana, un proceso que se apoyó en la política económica proteccionista del Estado de bienestar de los años 50 y 60. La nueva burguesía nacional, así como las clases medias creadas por las políticas de bienestar social, se convirtieron con el paso de las décadas, en nuevos actores que pronto reclamaron un lugar en los círculos políticos y económicos de la sociedad mexicana, protagonizando las crisis venideras, así como los procesos de liberalización y democratización con las que cerraría el siglo XX.

La transformación de las condiciones materiales y de producción de la sociedad mexicana, trajeron consigo una serie de cambios de orden ideológico

en su vida cotidiana. Entre ellos, uno de los más importantes para el recorrido histórico del objeto de estudio fue la ampliación de la esfera del ocio dentro del tiempo social, así como la generación y atención de necesidades secundarias relacionadas con el consumo de productos dentro del esquema de producción capitalista. En estas actividades, la recreación de los valores de una sociedad liberal sería un elemento importante para la generación de sus dinámicas y discursivas internas.

Al mismo tiempo, la consolidación de una identidad nacional se convirtió en una necesidad imperante luego de los periodos conflictivos del pasado inmediato, así como para la estabilización del Estado que patrocinaba el nuevo proyecto nacional. La suma de nuevos actores políticos, económicos y sociales surgidos de la Revolución mexicana transformó las discursivas identitarias, adicionando a estos sectores en un proceso más bien caracterizado por una continua tensión y en el cual siguieron existiendo grupos marginados. En esta identificación el pasado indígena sirvió como base estructural de todo el discurso y estética nacional, sin embargo, su contraposición (más bien ideológica) con las lógicas capitalistas llevaron a lo indígena a convertirse en un elemento ornamental y su desaparición, junto con otros grupos minoritarios, de la escena pública. El crecimiento y diferenciación de la sociedad civil, aunque llenos de símbolos comunes, llevaron a la fragmentación de discursos identitarios superpuestos y muchas veces en contradicción, un proceso inacabado que reflejó la complejidad de las problemáticas que enfrenta el país desde que estableció su autodeterminación.

De esta manera, el automovilismo deportivo mexicano entre 1950 y 1970 puede explicarse en un primer momento principalmente por las condiciones que posibilitaron, en primer lugar, el renacimiento de la práctica de este deporte en México, su desarrollo institucional, así como la articulación de su sentido particular dentro de un aparato ideológico enfocado al fortalecimiento de la sociedad del momento. La consolidación de la práctica automovilística en el país, así como la creación de una red de interdependencias de poder respecto a un conjunto de actores individuales y

colectivos dentro de las estructuras políticas y económicas del país, insertó a la disciplina en las dinámicas estructurales que estaban formando a la sociedad mexicana.

Específicamente, los procesos figuracionales de identificación nacional y modernización en México, articularon distintas escenas de la vida social y cultural a través de la reproducción de ideas y valores comunes que les significaban como parte de un todo: la idea general de un México unido y moderno. De esta manera, los procesos históricos de modernización e identificación empezaron a nutrirse de este y otros escenarios, fortaleciéndolos al mismo tiempo a través de sus propias lógicas, expresadas en las narrativas deportivas desarrolladas los participantes, donde portan valores modernizadores y nacionalistas.

La Carrera Panamericana y el Gran Premio de México fueron escenarios donde se expresaron las tendencias de los factores antes descritos. Al mismo tiempo, pueden visualizarse como puntos de inflexión muy importantes, generadores de nuevas dinámicas que contribuyeron a la construcción del México del siglo XX. Por una parte, la consolidación institucional del automovilismo deportivo generó nuevos símbolos populares, encarnaciones de los ideales de la modernidad y de una nueva identidad de lo mexicano, que trataba de encontrar a través del deporte su lugar en el mundo.

Estas expresiones simbólicas se posibilitan por la dimensión discursiva del deporte. La racionalización del cuerpo humano y de su accionar sobre el mundo genera una dimensión discursiva que reproduce no sólo los valores e ideales que conforman la estructura y esencia del deporte moderno, sino aquellos que imprimen los actores de la figuración deportiva consciente o inconscientemente. Dicha expresión, de carácter diferenciador, tiene lugar en su acción dentro del campo de juego, generando un discurso corporal, racionalizado y matizado con elementos distintivos de sus colectividades, consolidando sus propias representaciones. Al mismo tiempo, en la organización de eventos deportivos de carácter masivo, se encuentran estructuras simbólicas y de significado donde se reproducen discursos

identitarios, exaltando las cualidades, fortalezas y características esenciales de la sociedad mexicana y aquello que representa a “lo mexicano”.

El automovilismo deportivo mexicano durante la segunda mitad del siglo XX se convirtió en un importante foro de expresión y diferenciación de la sociedad mexicana frente al proceso de integración del capital internacional. La valentía, el ingenio y la tenacidad fueron algunos de los valores que vistieron a los volantes nacionales en su búsqueda por demostrar que “los mexicanos podían ser tan buenos como el resto del mundo”. Al mismo tiempo, la organización de los eventos masivos de la época se centró en resaltar los valores, las fortalezas y la estética de la sociedad mexicana y la mexicanidad, creando nuevas narrativas cercanas a la modernidad capitalista, aunque en contradicción con la realidad material del país.

Fuentes

Alfaro, A. (2015) Selenopolitanos, hijos de la Malinche... Afluente. Revista Estudiantil de la Facultad de Ciencias Políticas y Sociales, No. 4. México.

Ampudia de Haro, F. & Sánchez García, R. (2013) Tras la estela de Norbert Elias, Política y sociedad, Vol. 50, No. 2. España.

Angelucci, E. (1965) Automóviles ayer, hoy y mañana. España: Librería Editorial Argos.

Archetti, E. (2001) El potrero, la pista y el ring. Las patrias del deporte argentino. Argentina: Fondo de Cultura Económica.

Avendaño, A. (2016) Configuración de la afición al automovilismo deportivo en la Ciudad de México: 2011-2013, Tesis de Licenciatura. México: UNAM.

----- (2017) Deporte, modernidad y desarrollo. El impacto del automovilismo deportivo en México, Materiales para la Historia del Deporte, 15, España.

Basáñez, M. (1988) La lucha por la hegemonía en México 1968-1980. México: Siglo XXI Editores.

Béjar, H. (1994) Norbert Elias, retrato de un marginado, Revista Española de Investigaciones Sociológicas, No. 65, España.

Béjar, R. & Rosales, H. (coord.) (1999) La identidad nacional mexicana como problema político y cultural. México: Siglo XXI Editores/Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades-UNAM.

Bouza, F. (1994) Debatiendo con Norbert Elias: Entre el yo y el nosotros, R Española de Investigaciones Sociológicas, No 64, España.

- Brohm, J. (1982) Sociología política del deporte. México: Fondo de Cultura Económica.
- Chihu Amparán, A. (2002) Sociología de la identidad. México, Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Iztapalapa.
- Clío TV/Televisa (Productor) (2010) Hazaña. El deporte vive. Pilotos de acero. México.
- Córdova, A. (1974) La formación del poder político en México. México: Ediciones Era.
- Corona, L. (2004) La tecnología, siglos XVI al XX, en Semo, E. (coord.) Historia Económica de México. México: UNAM/Océano.
- Covarrubias, C. (2015) El automovilismo deportivo en México, 1950-1960. México: Editorial Memorias de El Buitre.
- De la Peña, S. & Aguirre, T. (2004) De la Revolución a la industrialización, en Semo, E. (coord.) Historia Económica de México. México: UNAM/Océano.
- Dunning, E. & Mennell, S. (Comps.) (2003) Norbert Elias. Gran Bretaña: SAGE Publications.
- Elias, N. (1982a) La sociedad cortesana. México: Fondo de Cultura Económica.
- (1982b) Sociología fundamental. España: Gedisa.
- (1989) El proceso de civilización. Investigaciones sociogenéticas y psicogenéticas. México: Fondo de Cultura Económica.
- Elias, N. & Dunning, E. (1996) Deporte y ocio en el proceso de civilización. México: Fondo de Cultura Económica.
- Florescano, E. (comp.) (1979) Ensayos sobre el desarrollo económico de México y América Latina (1500-1975). México: Fondo de Cultura Económica.
- Font Mezquita, J. & Dols Ruiz, J. (2001) Tratado sobre automóviles. España: Alfaomega Editorial/Universidad Politécnica de Valencia.
- Freeman, J. B. (2011) "La Carrera de la Muerte": Death, driving and rituals of modernization in 1950s Mexico, Studies in Latin American Popular Culture, Vol. 29, Estados Unidos.
- Gallegos, J. (2015) El laberinto de nuestra identidad. Afluente. Revista Estudiantil de la Facultad de Ciencias Políticas y Sociales, No. 4. México.
- García Avendaño, P. (2002) Aspectos socio-antropológicos del deporte. Historia y tendencias. Venezuela: Ediciones del Instituto Nacional de Deportes.
- García Fernando, M. (1990) Aspectos sociales del deporte. Una reflexión sociológica. España: Consejo Superior de Deportes.
- Giménez, G. (2007) Estudios sobre la cultura y las identidades sociales. México: Secretaría de Cultura/Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Occidente/ Universidad de Guadaluajara/Universidad Iberoamericana/Universidad Veracruzana.
- González Casanova, P. (1975) La democracia en México. México: Ediciones Era.
- Goudsblom, J. (1992) Fuego y civilización. Chile: Editorial Andrés Bello.
- Gracida, E. (2004) El desarrollismo, en Semo, E. (coord.) Historia Económica de México. México: UNAM/Océano.

Gutiérrez Martínez, D. & Bodek, C. (coord.) (2010) *Identidades colectivas y diversidad. Hacia el conocimiento de los procesos de diferenciación e identificación.* México: UNAM.

Heinich, N. (1997) *Norbert Elias. Historia y cultura en Occidente.* Argentina: Ediciones Nueva Visión.

Hernández, J. (2014) *Así fue... La Carrera Panamericana.* México: Multilibros.

Jalife Villalón, C. (2015) *Los Hermanos Rodríguez.* México: Scudería Editores.

Jáuregui, L. (2004) *Los transportes, siglos XVI al XX*, en Semo, E. (coord.) *Historia Económica de México.* México: UNAM/Océano.

Krauze, E. (2014) *La presidencia imperial. De Manuel Ávila Camacho a Carlos Salinas de Gortari.* México: Tusquets Editores.

Kuntz, S. (2012) *Historia mínima de la economía mexicana 1519-2010.* México: El Colegio de México.

Larraya, J. (1963) *Historia del auto.* España: Vergara.

León-Portilla, M. (2013) *Historia documental de México. Vol. 2.* México: UNAM/Instituto de Investigaciones Históricas.

Leyva, G., Vera, H. y Zabludovsky, G. (Coord.) (2002) *Norbert Elias. Legado y perspectivas.* México: Universidad Iberoamericana Puebla, UAM-I, UNAM.

Mandell, R. (1986) *Historia cultural del deporte.* España: Ediciones Bellatierra.

Meynaud, J. (1972) *El deporte y la política.* España: Editorial Hispano Europea.

Monsiváis, C. (2013) *Entrada libre. Crónicas de la sociedad que se organiza.* México: Ediciones Era.

Muñoz, H. & Rodríguez, R. (ed.) (2002) *La sociedad mexicana frente al tercer milenio. Vol. III.* México: Grupo Editorial Miguel Ángel Porrúa/Coordinación de Humanidades-UNAM.

Navarra, A. (2016) *Antiguo... Una herencia en 4 ruedas.* México: Alberto Navarra Llamas.

Paz, O. (2010) *El laberinto de la soledad. Postdata. Vuelta a El laberinto de la soledad.* México: Fondo de Cultura Económica.

Plana, M. (2004) *Las industrias, siglos XVI al XX*, en Semo, E. (coord.) *Historia Económica de México.* México: UNAM/Océano.

Prado Galán, G. (2011) *Sobre héroes y hazañas. Fama y gloria del deporte.* México: Ediciones Cal y Arena.

Proyecto 40 (Productor) (2014) *Leyenda urbana. Los hermanos Rodríguez.* México.

Quitán, D. (2010) *Estudios socioculturales del deporte. Desarrollo, tránsitos y miradas.* Editorial Kinesis: Colombia.

Ortiz Wadgymar, A. (1996) *México: Pasado, presente y futuro. Del proteccionismo a la integración. Apertura y crisis de la economía.* México: Siglo XXI Editores/Instituto de Investigaciones Económicas-UNAM.

Ramírez, J. (2015) *Mi vida en la Fórmula Uno.* México: Scudería Editores.

Rodríguez Kuri, A. (2003) *Hacia México 68. Pedro Ramírez Vázquez y el proyecto olímpico*. Secuencia. Revista de historia y ciencias sociales. No. 56, México.

Rodríguez López, J. (2000) *Historia del deporte*. España: INDE Publicaciones.

Rosas, A. (2015) *Héroes al volante. La Fórmula 1 en México*. México: Planeta.

Rubio, I. (1998) *Aportes al conocimiento del riesgo desde la sociología de los desastres*. Acta Sociológica, No. 22. México.

Tello, C. (1979) *La política económica en México 1970-1976*. México: Siglo XXI Editores.

Valencia, A. (2017) *El descarrilamiento de un sueño. Historia de Ferrocarriles Nacionales de México, 1919-1949*. México: Secretaría de Cultura/Centro Nacional para la Preservación del Patrimonio Cultural Ferrocarrilero/El Colegio de México.

Velásquez, E. [et al.] (2010) *Nueva Historia General de México*. México: El Colegio de México.

Weiler, V. (1998) *Figuraciones en proceso*. Colombia: Fundación Social.

Zabludovsky, G. (1999) *Por una psicología sociohistórica: Norbert Elias y las críticas a las teorías de la racionalidad y la acción social*. Sociológica, Año 14, No. 40, México.

Zabludovsky, G. (2007) *Norbert Elias y los problemas actuales de la Sociología*. México: Fondo de Cultura Económica.

LA IDENTIDAD LIMEÑA POPULAR DEL CLUB ALIANZA LIMA. LIMA, 1927-1936⁸³

Axel Sanchez Fano

Universidad Nacional Federico Villarreal (Peru)

Resumen

El presente artículo tiene como objetivo el análisis de la evolución identitaria del Club Alianza Lima en la ciudad de Lima, dentro del marco temporal de 1927, época en la cual Alejandro Villanueva es incorporado al club aliancista tras su destacable actuación con la selección de Lima que enfrentó en un match al Real Madrid. Y, la extendemos hasta 1936, año en que tres jugadores afrodescendientes del equipo íntimo (Alejandro Villanueva, José María Lavelle y Juan Valdivieso) participaron con la selección peruana en las Olimpiadas de Berlín. Así mismo, se aborda el concepto teórico de la popularización del Club Alianza Lima en este contexto, a partir de sus consecutivos triunfos en el Campeonato de Primera División de la Liga Peruana de Fútbol y su evolución de ser un equipo de barrio a un equipo popular dentro de la sociedad limeña.

Palabras clave: Club Alianza Lima, identidad, popularización, afrodescendientes, fútbol.

Abstract

In this present investigation we analyze the evolution of the Alianza Lima Club in the city of Lima, within the time frame of 1927, at that time Alejandro Villanueva was incorporated into Alianza club after his remarkable performance with the Lima team that he faced in a match against Real Madrid. And we extend until 1936, the year in which three Afro-descendant players of the intimate team (Alejandro Villanueva, José Maria Lavelle and Juan Valdivieso) participated with the Peruvian team at the Berlin Olympics. Likewise, we will approach the theoretical concept of the popularization of the Club Alianza Lima in this context, from its consecutive victories in the First Division Championship of the Peruvian Football League and its evolution from being a neighborhood team to a popular team within of Lima society.

⁸³ Primeros resultados de mi Tesis *Identidad y Popularización del Club Alianza Lima. Lima, 1927-1936*. Presentados para el curso de Seminario de Tesis I y II (2017) dictado por el profesor Lic. Carlos Flores y Julio Quintanilla a quienes agradezco por su constante asesoría. Fue expuesto en el XX Coloquio Internacional de Historia, *PERÚ 200 AÑOS DE REPÚBLICA: Etnias, clases y Nación* en la Universidad Nacional Federico Villarreal el 13 de noviembre del 2015. Obtuvo el Segundo puesto en el XIV Encuentro Inter-facultades de Estudiantes Investigadores, realizado el 7 de Diciembre del 2017 por el Vicerrectorado de Investigaciones de la Universidad Nacional Federico Villarreal. Tema expuesto en el XXV Coloquio de Lima en su Historia organizado por la UNMSM. Así mismo agradezco a la profesora Mg. María Inés Valdivia por su apoyo.

Keywords: Alianza Lima Club, identity, popularization, afrodescendants, soccer.

La evolución del balompié en las capitales del Atlántico y del Pacífico a inicios del Siglo XX: Modernidad, difusión y cultural

El fútbol como otras actividades deportivas es el producto del proceso de Industrialización que surgió a mediados del Siglo XIX y a su vez la racionalización del tiempo de ocio que esta demandaba. América Latina no fue ajena a este asunto, en la cual las disciplinas deportivas se impulsaron en la sociedad desde arriba como parte de un proyecto modernizador para la urbe. Las capitales eran las ciudades más desarrolladas de los países latinoamericanos y su evolución socioeconómica, arquitectónica y cultural era importante para el ejemplo sobre las demás regiones. Grandes ejemplos fueron: Buenos Aires, la Ciudad de México, Montevideo y Sao Paulo, metrópolis demográficamente de alta densidad.

La entrada del fútbol a las ciudades llegó desde los puertos cuyo común denominador fue un deporte traído por los británicos e incorporado por las élites de las ciudades convirtiéndolo en su deporte de confrontación colectiva favorito junto al cricket, el rugby, y el básquet.

En esta coyuntura difusora del balompié los países del litoral atlántico como Brasil y los de la cuenca del Río de la Plata: Uruguay y Argentina, tuvieron mayor competitividad a partir de la cantidad de pobladores que vivían en ciudades como Rio, y los vecinos Montevideo y Buenos Aires. Brasil recién se había independizado en 1889 y sus principales lazos sociales en un primer momento no estaban vinculados al fútbol; a diferencia de las capitales rioplatenses que para inicios del siglo XX el fútbol era la actividad deportiva más popular y las ligas contaban con numerosos equipos en sus ligas. Así mismo, el vínculo que unía a Europa con el oriente sudamericano estaba ligado al fútbol por las giras que realizaron los equipos acoplando estilos de juego y ganando mayor competitividad.

Este aspecto, comparado con los países del Pacífico, la Guerra del Guano y del Salitre (1879-1884) paralizó toda clase de actividad en Lima, que esperó ocho años para que se jugara oficialmente el primer duelo de fútbol (1892), como lo argumenta Basadre. El fútbol recién se convertiría en un deporte popular en la década de los veinte cuando Leguía utilizó las festividades deportivas como baño de popularidad y medio de control social.

Muñoz en *Diversiones públicas en Lima, 1890 -1920. La experiencia de la modernidad* (2001) sintetiza que el fútbol fue un deporte incorporado por la élite modernizadora de Lima como parte del proyecto de modernización para alejar a la sociedad limeña de las antiguas costumbres coloniales como las corridas de toros y las peleas de gallos, aspecto que para los viajeros europeos que visitaban la Ciudad de los Reyes, hacían incivilizados al poblador de la capital. Además, se buscaba erradicar con los desenfrenos provocados por el consumo de alcohol, los fumaderos de opio y los juegos de azar que aquejaron a la juventud de aquel entonces. Este ideal modernizador de progreso se inculcó en los centros educativos a través de la incorporación de la educación física, y así el balompié empezó a difundirse en todos los sectores de la población. Con referente a ello menciona acerca del balompié:

El fútbol personificó el ideal de este nuevo hombre de acción y con iniciativa al que se aspiraba para que el país progresara. En el siguiente número de la revista *El Sport* publicaba que las reglas de juego de este deporte constituían un verdadero sistema educativo” que produce hombres muy amantes de la libertad, muy respetuosos de la autoridad y las leyes, que se bastan a sí mismos y que poseen en alto grado espíritu de asociación”. El fútbol personificó el poder de cambio de los deportes en las costumbres de los hombres. Juego de competencia por excelencia, el fútbol se convirtió en el prototipo del ideal masculino. (Muñoz 2001: 229)

Alex Bellos en *FUTEBOL Brasil y el deporte que le da vida* (2010) sostiene que el fútbol llegó a Brasil, primero en la región de Sao Paulo en 1894, y años más tarde en 1901 llegaría a la ciudad de Rio de Janeiro, donde Oscar Cox fue el personaje quien introdujo el balompié en la región carioca: Con referencia a este tema el autor nos puntualiza, lo siguiente:

En Río, 350 kilómetros arriba y en la costa, la llegada del fútbol fue de igual de poco llamativa. Oscar Cox, otro anglo-brasileño, regresó de sus estudios en Lausana, Suiza. En 1901 organizó un encuentro entre miembros de la Asociación Atlética y de Cricket de Río y jóvenes locales acomodados. Fue la primera vez que el fútbol se extendió por Río más allá de los británicos. El acontecimiento paso casi desapercibido. Los espectadores eran el padre, la hermana de un jugador, dos amigos y once jugadores de tenis que se encontraron con el partido de casualidad. (Bellos 2010; 35)

El fútbol llegó a Rio de Janeiro después de Sao Paulo, cuya razón se encuentra explicada en la ubicación latitudinal los barcos ingleses que cruzaban el atlántico llegaban primero a la región paulista que se encontraba en la parte boreal del país amazónico, y luego a la región carioca. En Río, a inicios del siglo XX, se fundó el primer club impulsado por Oscar Cox, el Fluminense cuyo equipo estaba conformado por la juventud profesional de la élite blanca.

En Lima, Santiago y Buenos Aires, realizaron entre 1927 y 1941 cinco sudamericanos consecutivos a diferencia de otras capitales. En Montevideo se organizó el primer Campeonato Mundial organizado por la Federación Internacional de Fútbol Asociado (FIFA), como el país oriental atravesaba por una aceptable coyuntura económica.

Para recordar, las ligas de fútbol de Lima y Santiago de Chile representaron la competencia nacional en general, porque, sus instituciones representacionales (la Federación Peruana de Fútbol y la Federación de Fútbol de Chile) se ubicaban en las capitales de los países. Los viajes para los equipos de provincias se les hacían más complicado, ya que estos cuadros no tenían el sustento económico para realizar los viajes tan constantes. Esto, obligó a que se jueguen ligas departamentales de menor escala en las regiones peruanas y chilenas.

No obstante, en el caso de Buenos Aires y Rio de Janeiro, eran las ligas principales de primera división, y también había ligas y campeonatos estatales de primera categoría en las provincias de Argentina y Brasil. Recordemos que, durante la segunda mitad del siglo XIX se moldeó una política federalista en la cual cada región contaba con una cierta autonomía.

La presencia europea, principalmente la italiana, en tierras gauchas superaba a la cantidad de personas que eran argentinas.

Tabla 1: Cuadro comparativo en la que nos detalla la cantidad de equipos participantes en las ligas nacionales. (Elaboración propia)⁸⁴

Ciudad	Censo/Año	Población	Nro. de equipos	Mundiales	Año de su profesionalización
Lima	1930	300 000 Aprox.	12	2	1951
Santiago	1930	967 603	8	2	1933
Buenos Aires	1936	2 415 142	36	3	1931
Rio de Janeiro	1940	1 764 141	11	3	1941
Montevideo	1930	655 389	20	3	1932

En el siguiente cuadro plasmamos el peso demográfico de las metrópolis latinoamericanas y su nexos con los campeonatos de primera división de fútbol. Buenos Aires contó con 36 equipos para 1931 año en que se profesionalizó el balompié gauchos y sirvió como vínculo entre la política y la sociedad. Mientras que para el caso uruguayo contaba con 20 representaciones, que había ganado competencia y prestigio internacional tras el bicampeonato olímpico en París y Ámsterdam, y el primer mundial de fútbol organizado en su país en 1930. Otro factor que interviene en este desarrollo del balompié y su competitividad esta con la construcción de estadios de futbol como un nuevo espacio público de espectáculo.

Los campos deportivos, fue una cuestión moderna donde el estadio más grande para la cantidad de personas de una metrópoli representaba para la sociedad un aspecto moderno. Para el caso de Lima, Santa Beatriz; Santiago de Chile, el campo de Ñuñoa, construyéndose el Estadio Nacional en 1937 con

⁸⁴ Para el caso de Lima los datos fueron extraídos de Steven Stein (1983) Lima Obrera 1900-1930

Más detalle del censo de Santiago en <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-86204.html> revisado el 14 de septiembre del 2017.

Para el caso de Rio de Janeiro la información la extrajimos de https://es.wikipedia.org/wiki/R%C3%ADO_de_Janeiro#Demograf.C3.ADA

Para Montevideo, información extraída de <http://www.ine.gub.uy/documents/10181/35704/Variables+Estadísticas+Relevantes+Durante+el+Siglo+XX+-+1+Población.pdf/ac906a54-7873-4d0a-becf-5cf0ef7d8cc5> consultado el martes 13 de febrero del 2017.

capacidad para albergar más de 50 mil espectadores. Los primeros estadios en Rio se diversificaron a lo largo de la región carioca. Como detalla Gerardo Álvarez (2001) las políticas públicas de los políticos se centraron en la concentración de las masas en los estadios para el mejor control de la sociedad y esto se vio reflejado en los años veinte a partir de la importancia de las actividades deportivas.

El contagio futbolístico en la capital como diversión saludable y su interacción con la sociedad

En el Perú, las actividades futbolísticas junto al cine son los eventos de masas más importantes que marcaron en el siglo XX. Este deporte ha sido estudiado, mayoritariamente, por sociólogos como Aldo Panfichi y Martín Benavides. Sin embargo, no ha recibido el mismo interés desde el campo historiográfico, apenas contamos con los estudios precursores como el de Steven Stein en *Lima Obrera, 1900-1930* (1986), Gerardo Álvarez (2001), se le suma el aporte desde la cuestión sociocultural a David Wood (2005) y Jaime Pulgar Vidal (2016) pese a que resulta llamativamente su atención en todo el mundo, en casi todos los países donde se ha incorporado este deporte. Se ha convertido en el deporte más importante de cada nación, creando identidades, expresiones tan únicas, y rivalidades entre los clubes por circunstancias políticas, económicas, culturales, regionales, etc.

Según Muñoz en *Diversiones públicas en Lima* (2001) y en la Tesis de Gerardo Álvarez sobre la difusión del fútbol en Lima concuerdan el tema del discurso higienista modernizador y su relación con el impulso de las actividades durante la coyuntura de inicios del siglo XX

Basadre en *Historia de la República del Perú* (1963) sostiene que el fútbol fue un deporte traído por los inmigrantes ingleses al Perú, otros que estaban de pasada por el puerto del Callao y en concordancia con lo que menciona Muñoz (2001), algunos jóvenes pertenecientes a la elite modernizadora que habían estado en Europa por temas de estudio y/o labores al retornar al país incorporaron este nuevo deporte en la Ciudad Capital.

Según Basadre, el primer encuentro de fútbol se dio el 7 de agosto de 1892 durante el gobierno de Remigio Morales Bermúdez. El siguiente compromiso se llevó a cabo para las Fiestas Patrias: se enfrentaron un equipo formado por peruanos contra otro integrado por ingleses; siendo vencedores estos últimos. El tercer desafío de football fue el mismo año y significó un gran acontecimiento, pues acudieron 3 000 personas como lo detalla Gálvez. También, en 1896 hubo un partido entre un combinado de Barranco y el Callao contra uno de Lima y existen noticias de que en 1897 se jugó un encuentro entre Barranco y Chorrillos.⁸⁵

Stein, en *Lima Obrera 1900-1930* (1986) teoriza que el fútbol fue una expresión de relación social en la ciudad a comienzos del siglo XX, siendo esta actividad deportiva un escape de la jornada laboral de los obreros que trabajaban en las fábricas de Lima y Vitarte, y se relacionaba con la búsqueda de la libertad en sociedad a través del sindicalismo, la asistencia al teatro, las óperas y la práctica del balompié. Además el autor hace hincapié que los juegos de fútbol era una forma de enfrentar a la polaridad clasista en Lima por temas objetivos como el color de piel, la condición socioeconómica, la clase política, en igualdad de condiciones, aquella democracia que hizo falta en la colectividad social del Perú, pero, hasta cierto punto en un nivel simbólico. Esto se expresó en los partidos que jugaron los obreros frente a los dueños aristocráticos de las fábricas de Lima.

Según Jaime Pulgar Vidal (2014), el análisis de este deporte tiene que partir desde su definición, como un deporte colectivo de confrontación, con una determinada cantidad de jugadores, en igualdad de condiciones, que se desenvuelven llevando un balón con los pies, el objetivo es introducirlo en un arco rectangular, esto se da en un terreno de juego con un rango de espacio, con un reglamento de juego a cumplir. El fútbol, dentro del contexto de fines del siglo decimonónico e inicios del siglo siguiente. Además, servía para ejercitar a los hombres, hacerlos jugar colectivamente bajo los principios burgueses de disciplina.⁸⁶

⁸⁵ Véase en *Historia de la República del Perú*, 8va edición de la Editorial de la Universidad Ricardo Palma

⁸⁶ Fórum: Historia de una pasión: El fútbol en el Perú. Realizado en la Universidad Nacional Federico Villarreal el 27 de Junio del 2014 por la Comisión Organizadora de Estudiantes del

Pulgar (2014), hace referencia que la primera gran rivalidad fue los enfrentamientos entre seleccionados de Lima y Callao, aspecto que para Álvarez (2001) no concuerda puesto que para el autor plantea que la rivalidad entre los peruanos y los ingleses fue la rivalidad inicial que describió nuestro balompié. Los enfrentamientos entre el Sport Alianza y el Atlético Chalaco eran muy reñidos y casi siempre terminaban en serios pugilatos. Este enfrentamiento se puede interpretar desde el punto de vista de la rivalidad entre el orgullo del puerto y la jerarquía de la ciudad, para este caso la ciudad capital, dentro de un contexto en la cual el estado era centralizado.

David Wood en *De sabor nacional. El impacto de la cultura popular en el Perú* (2005) analiza al fútbol dentro de los esquemas literarios (como artículos en revistas y simbolismos de obras literarias) como parte de las nuevas prácticas culturales de la sociedad peruana, esta cultura popular es expresada en la narrativa publicada y difundida en el cine, la TV, música y los medios de comunicación. Wood, además, enfatiza que el balompié fue un mecanismo de prejuicio racial y social como representación de las controversias psicosociales.

A diferencia de Fanni Muñoz (2001), Wood plantea que el fútbol fue el nuevo opio de la población peruana integrando a las clases populares y a su vez distrayendo el carácter revolucionario de las masas. Esta rivalidad lo interpreta en *Los Ríos Profundos* de José María Arguedas:

El fútbol sirve, entonces a los futbolistas negros (y de otros sectores marginados) como manera de salir de su posición de inferioridad socioeconómica y político-cultural para imponerse frente a los que se consideran superiores. (Wood 2005: 132)

Gerardo Álvarez, en la mesa redonda *La historia del fútbol peruano* (2015) la identidad se puede construir a partir del rechazo hacia una identidad contraria. Esta premisa nos traslada a lo que ocurrió en septiembre del año 1928, fecha en que se enfrentaron el Club Alianza Lima frente a la Federación Universitaria de Fútbol (hoy Universitario de Deportes). Un

Coloquio, donde participaron el Dr. Germán Peralta, el Dr. Efraín Trelles, el Dr. Aldo Panfichi y el Mg. Jaime Pulgar.

partido que enfrentó a dos distintas maneras de concebir al fútbol como lo detalla Jaime Pulgar en *El Clásico, La Historia de una rivalidad* (2014), el estilo de Alianza un estilo pícaro de juego, cuyos jugadores veían al fútbol como diversión, como pasatiempo después de las jornadas laborales, el equipo del pueblo, de los obreros, de los afro-descendientes; contra el estilo estudiantil, el de los principios de valores burgueses, el del juego con respeto al rival, el de los trabajadores con un empleo digno para la sociedad, el de la élite.

Alianza Lima atravesó por cuatro generaciones de afroperuanos que formaron parte de la plantilla del club íntimo la del treinta al que se le denominaron el Primer Rodillo negro quienes eran jugadores de clase obrera principalmente de los barrios de Lince y La Victoria como lo apreciamos en el capítulo anterior. La segunda generación fue la de la década de los 40' y mitad del cincuenta en la cual futbolistas que migraron de Chíncha y Cañete llegaron al club íntimo a esta generación se le conocieron como Los Bombones, según el Libro de Oro del Club Aliancista. Seguidamente, la generación de fines de los sesenta y la década del 70 quienes pertenecían a los distritos que recién se estaban formando por la ola migratoria a la capital dentro de sus principales nombres destacó Teófilo Cubillas y José Velásquez. La última generación fue la de los ochenta la "generación perdida" por el accidente aéreo del Fockler en 1987 donde murieron el 90% del plantel blanquiazul.⁸⁷

El Perú es Lima y el fútbol es el Stadium Nacional: Los match de antaño y la Identidad perenne de los jugadores aliancistas

Desde que el fútbol llegó al Perú gracias a los marineros ingleses quienes arribaron al puerto del Callao a finales del siglo XIX y según el poeta José Gálvez, fue Alejandro Garland quien en 1872 trae el balompié al Perú.⁸⁸ El fútbol pasó a formar parte de las actividades recreativas en los clubes de la

⁸⁷ Véase en el *Libro de Oro* del Club Alianza Lima publicado por El Comercio con motivo del Centenario del Club íntimo de La Victoria.

⁸⁸ Véase en el programa A la vuelta de la Esquina de Gonzalo Torres del Pino. Capítulo: Una pelota de trapo.

sociedad limeña, que eran espacios destinados para el ocio de la aristocracia de aquel entonces.

Sin embargo, durante la década del veinte el fútbol no era el único deporte que captaba la atención del poblador limeño, lo era también deportes conformacionales como el vóley, el básquet, la natación, esto se explica a partir de la presencia de Augusto B. Leguía en los festivales deportivos. Sin embargo, el fin principal del Estadio Nacional fue el del balompié como puntualiza Pulgar Vidal (2014) esto lo explica a partir de la presencia de Leguía en un partido del representativo peruano en el sudamericano organizado en Lima en 1927. El deporte tanto política como socialmente se centralizó en la ciudad de Lima.

Lima en 1930 ya contaba con aproximadamente 300 000 personas, pero menos del 5% de la población de Lima podía ingresar al Coloso del José Díaz. Su organización espacial circundaba el viejo casco urbano colonial con algunos distritos que se fueron creando en la periferia como: Lince, La Victoria y Jesús María. Sin embargo, sus fronteras naturales eran las haciendas agrícolas, limitaban el espacio costero, cuyo litoral estaba poblada por las clases adineradas y extranjeros quienes vivían en los balnearios de Barranco y Miraflores. Hacia el oeste se crearon los distritos de San Miguel (1920) y Pueblo Libre (1940) al descomponerse jurisdiccionalmente el pueblo de Magdalena. Estos distritos, formaban otros ambientes que eran aptos para la salud.



Imagen 1: Fotografía del Estadio Nacional en 1927 extraída del Libro Memorias de Lima Tomo IV de Günther y Henry Mitrani

El Estadio Nacional de Lima fue un obsequio al gobierno peruano por parte de la colonia inglesa por las Celebraciones del Centenario de la Independencia del Perú (1921). Pulgar en *El clásico* argumenta que el Estadio Nacional fue un nexo que facilitó al presidente Leguía a relacionarse con las masas. Así mismo, Jaime Pulgar hace referencia que:

...en la ciudad de Lima de la tercera década del siglo XX, el espacio ideal para que los pobladores se encuentren y demuestren sus pasiones, sin mucho control, fue el estadio de fútbol. A él llegaban aficionados procedentes de todos los sectores sociales, sobretodo porque los equipos que participaban de los partidos habían sido fundados por la elite, por los obreros, por los estudiantes y por los pobladores de los vecindarios. El estadio tiene una de las características de todo espacio público: en él se encuentran los iguales y los diferentes que, durante su permanencia en las tribunas, pueden ejercer esa igualdad o esa diferencia con relativa libertad, pese a las limitaciones arquitectónicas. (2014; 123)

El autor nos señala que el estadio democratizaba el aspecto social, racial y económico de los fanáticos que acudían al escenario deportivo puesto que, la acción de seguir a un equipo y compartir pasiones y emociones hacían iguales a todos frente a un mismo hecho. Sin embargo, las comodidades y los diferentes precios que se daban por entrar a una parte de la tribuna sea lejos, cerca, con asientos, con escalones, con sombra o al aire libre marcaban siempre un estatus.

Gerardo Álvarez (2013) en su tesis para obtener el grado de doctor *Espectáculo deportivo y formación de identidades*, sostiene que dos fueron los estadios principales en Lima durante la década de los veinte en Víctor Manuel III escenario del Circolo Italiano y el Nacional el primero llevando el lema “la casa de todos los deportistas” en la practica los dos estadios fueron escenarios de los distintos deportes como se puede ver en las fotografías que nos muestra la Revista *Mundial y Variedades* desde 1924 cuando se dan espacios para la información de las actividades deportivas. El estadio se convirtió en el nuevo

espacio donde el público asistía en grupos para la diversión y el ocio. (2013; 154 y 155)

Los primeros lugares donde el Alianza se mostraba ante la sociedad fueron justamente estos dos escenarios que señaló Álvarez (2013). El fútbol fue el vínculo que atrajo al poblador limeño para seguir al cuadro aliancista. Los nombres más resaltantes que el individuo de la calle opinaba y que los diarios de la época hacían mención eran Alejandro Villanueva, Juan Valdivieso, José María Lavalle, Montellanos y los hermanos García. Estos jugadores como enumera Jaime Pulgar fueron: adoberos, choferes, albañiles y obreros quienes laboraban en jornadas breves de trabajo. Se identificaron con el Club Alianza a partir de compartir y convivir similares experiencias desde lo interno, lo que justifica el planteamiento de Martín Benavides (2001) sobre la identidad íntima barrial.

Entre 1927 año en que Villanueva accede al cuadro blanquiazul hasta 1936 época donde “Manguera” y el arquero Valdivieso formaron parte del equipo peruano que jugó las Olimpiadas de Berlín, surgiría una identidad macro, que simplifica la identidad barrial de la Victoria, de un equipo de obreros, o de una representación afro. Es en esta época que el equipo aliancista se conocía de memoria, en 1927 la Selección de Lima jugó frente a un representativo español, donde participaron la mayoría de jugadores aliancistas entre ellos Villanueva, empatando ante los españoles, como narra Guillermo Thorndike.

¿Lima o La Victoria?; ¿Los negros o Los obreros?: La identidad del Club Alianza Lima desde el equipo a la sociedad y de la sociedad al equipo

Simón Gunn en *Historia y teoría cultural* (2011) la identidad es un asunto psicológico mutuo, que se entiende desde el binomio del yo a lo social. La identificación teóricamente es compleja de entender como resultado de los múltiples procesos históricos a diferentes escalas. Además, el autor hace referencia que el aspecto identitario está adherido a la estructura de la

cotidianidad, que tuvo gran valor durante el siglo XX. Gunn categoriza la identidad en una trinidad propia del hombre en toda sociedad que son los aspectos del género (lo masculino o lo femenino), la raza (lo blanco, lo negro, lo indio, lo chino) y la clase (aristócratas u obreros). Contrastando esta primera premisa con lo que nos plantea Lawrence Kohlberg en *Theory of moral development* sobre el tema de la identidad social, él lo interpreta desde el punto de vista, del como percibimos y nos interrelacionamos con el mundo a partir de nuestro desarrollo humano a través del aspecto de la cognición en seis niveles ordinales que son: el yo; el yo y la familia nuclear; el yo y la familia; el yo y el entorno; el yo y la sociedad; y el yo con el mundo.

Alianza Lima durante la década de los años veinte y treinta era una institución deportiva que participó todos los años a excepción del 29, en la Liga Peruana de Fútbol. Este club era integrado por jóvenes varones que practicaron el fútbol y ganaron la expectativa por ser un deporte que a veces se tornó violento por cuestiones del honor y la victoria competitiva como lo detalla Elías (1995). Muchachos que en su mayoría eran afroperuanos que pertenecieron a los sectores populares, por los oficios que ejercieron como: choferes, adoberos, albañiles, taxistas, etc. (Libro de Oro, 2001) Benavides describe a este equipo desde la intimidad relacional de sus miembros identificándose el equipo desde su entorno cotidiano y la amistad que unía a los jugadores aliancistas.

Gunn detalla que la identidad se entiende desde sus significados paradójicamente opuestos. El primero que indica los rasgos en común de un colectivo social, para el caso de los jugadores de Alianza Lima durante los años 20, eran afro-descendientes en su mayoría y en su totalidad pertenecían a los sectores económicos bajos, practicaban el mismo deporte que era el fútbol, vivían en el barrio de La Victoria en una cotidianidad similar para todos estos personajes. Eran bohemios, se divertían juntos en jaranas y eran muy religiosos. El segundo aspecto contradictorio al primero es lo que diferencia a un individuo o colectivo frente a los demás. Este aspecto tiene su explicación teórica desde el carácter racista de la sociedad peruana desde la instauración de la colonia (1542) con la dicotomía opuesta entre lo blanco europeizado; y,

lo andino/afro, el primero propio y natural de estas tierras y lo segundo como migración obligada en condición de esclavitud hasta 1854.

Relacionado con lo anterior también el autor hace hincapié en el aspecto externo de la identificación social del colectivo social en una determinada región o nación, en la cual las instituciones arbitran los parámetros identitarios dentro de un colectivo social.

La identidad se define desde la cualidad de lo semejante o similar entre dos o más, personas u objetos. Además, se puede entender desde el conjunto de rasgos propios de un individuo o de una colectividad que los caracterizan frente a los demás, para este estudio entendemos como la colectividad aliancista de las décadas del veinte y treinta forjaron una identidad desde el club blanquiazul hacia gran parte de la fanaticada limeña. Y estos rasgos propios de sus costumbres como, la jarana, la devoción por el Señor de los Milagros, la intimidad amical como lo detalla Benavides (2000), el placer por jugar al fútbol.

Benavides (2001) enfatiza que la identidad del club aliancista empieza desde lo interno de sus jugadores, identificándose ellos como una familia, por la cuestión de los gustos comunes, misma condición social y haber sido vecinos de La Victoria en aquel tiempo. La identificación del club blanquiazul nace desde el equipo, la convivencia, la cotidianidad y sus costumbres como por ejemplo las jaranas y la devoción al señor de los Milagros como lo contrasta el Libro de Oro. Benavides detalla sobre las relaciones sociales lo siguiente:

¿Pero qué contenido tiene las relaciones de intimidad? Se puede entender, en nuestro contexto urbano, a la intimidad como una categoría que describe un sistema de normas, valores, y relaciones sociales en torno a la amistad masculina. Así, son relaciones de amistad diferentes de la amistad a secas. En esta última, las relaciones las relaciones no tienen mayor contenido emocional ni tampoco implica necesariamente un grado de confianza suficiente para acercarse a pedir un favor. En cambio la intimidad, está cargada de mucha emotividad y define una serie de obligaciones mutuas. La intimidad define, por ejemplo, relaciones de solidaridad entre amigos que se consideran iguales.

Gilberto Giménez en *La cultura como identidad y la identidad como cultura* (2012) sostiene la relación binomial que existe entre los conceptos de cultura e identidad;

...los conceptos de cultura e identidad son conceptos estrechamente interrelacionados e indisolubles en sociología y antropología. En efecto, nuestra identidad solo puede consistir en la apropiación distintiva de ciertos repertorios culturales que se encuentran en nuestro entorno social, en nuestro grupo o en nuestra sociedad. Lo cual resulta más claro todavía si se considera que la primera función de la identidad es marcar fronteras entre un nosotros y los "otros", y no se ve de qué otra manera podríamos diferenciarnos de los demás si no es a través de una constelación de rasgos culturales distintivos. Por eso suelo repetir siempre que la identidad no es más que el lado subjetivo (o, mejor, intersubjetivo) de la cultura, la cultura interiorizada en forma específica, distintiva y contrastiva por los actores sociales en relación con otros actores.

Este concepto, lo podemos contrastar en el entorno aliancista de inicios del siglo XX, cuyo entorno social fue un grupo de muchachos del mismo barrio, de los equitativos problemas y aspiraciones cotidianas, y considerados una familia como nos describe el Libro de Oro (2001). Del carácter grupal, pertenecieron a un club de fútbol con 25 años de fundación y 15 años de jugar en el campeonato de la liga peruana, la cual ya habían pasado jugadores entre ellos jugadores cholos, inmigrantes italianos, afro-descendientes y criollos que por tradición oral compacta le dejaron un legado futbolístico a la generación aliancista que Panfichi y Armando Leveau categorizan como el equipo de oro al cuadro íntimo de (1927-1940). Y su respectiva sociedad, se puede entender desde la cultura popular, las diversiones, las jaranas, las procesiones, sus oficios o empleos que identificaban a estos jugadores que pertenecían a los sectores populares.

Stein en *Lima Obrera 1900-1930* (1986) sostiene que la identificación de los grupos afro-descendientes en Lima radicaba en el culto al Cristo Morado y el seguimiento al club Alianza Lima, a esto se le puede sumar lo que menciona Muñoz acerca de las fiestas carnavalescas estudiado por Sonke Hansen (2014) con relativo a esto Stein nos menciona:

Hasta ahora hemos buscado la imagen y la auto-imagen del afroperuano en las referencias de individuos que expresan una ideología ambivalente acerca del negro en el Perú. Se trataba, pues, de una ideología con una corriente dominante de desprecio, temor, desconfianza y auto-negación, y otra contra-ideología algo subversiva y conflictiva que valorizaba ciertas características negroides. Pero para rescatar esta imagen compleja y ambigua del significado de ser negro en el Perú se requiere una metodología supra-individualista; se necesita comprender lo negroide como expansión de la colectividad, Esta historia colectiva que nos proponemos a reconstruir aquí, enfatiza sobretodo en dos instituciones negroides centrales; el culto religioso al Señor de los Milagros y el club de fútbol Alianza Lima. (Stein, 1986b; 219)

El autor, además, detalla el tema de la polaridad racial, una problemática de la herencia colonial, donde las bases del virreinato establecieron a los africanos incorporados al nuevo territorio americano, una condición de esclavitud por la mano de obra que suplantó a los indígenas. Stein, hace hincapié que este aspecto, detallado al inicio, se perdió en la memoria colectiva de la etnia afrodescendiente en Lima para el siglo XX, ya que, sus agrupaciones eran pequeñas y estaban dispersos en todo el territorio nacional, principalmente en la costa. Así mismo, Stein realizó un estudio sociodemográfico de la composición negroide en Lima durante los primeros años del siglo XX, en la cual plantea, la cuestión racial que fue netamente biológico y lo étnico que representó la mistura racial y su concentración en una determinada localidad, para este estudio, Lima.

Aproximadamente, el 30% de la población afro en el Perú radicaba en la capital; sin embargo, se notó un aparente descenso demográfico de la población negra, esto fue la respuesta que se acostumbró a que los negros se autodenominen como mestizos, en las cuestiones censales, donde perdieron su identidad afro, pero que en la práctica conservaron aun sus manifestaciones culturales, a lo que el autor menciona como la fluidez racial.

En la configuración urbana de la Ciudad de los Reyes que abarcó los primeros treinta años del siglo XX, se notó que la concentración mayoritaria de los afro-descendientes estuvo en los distritos rurales-agrícolas. Sin embargo, el 82% de los negros en Lima estaban en las localidades urbanas como La Victoria, el Rímac y Lince. Esto explicó el proceso migratorio que se

dio en la ciudad de Lima, en aquel entonces, por la cuestión de la pequeña industrialización que atravesó y las mayores oportunidades laborales.

Según examina Stein, las oportunidades de trabajo de los grupos negroides, se dieron en los oficios como obreros, agricultores, taxistas y en el campo de las construcciones. Este último aspecto ligado a las obras públicas del gobierno del Oncenio y la modernización de la ciudad. Para los afrodescendientes las ocasiones laborales se daban por herencia o lazo de parentesco y por redes de amistad, dentro de una sociedad en la cual el nivel económico, favoreció a los blancos, donde impusieron los prejuicios raciales para establecer la decencia del trabajo. El 20% de la población afro, fueron obreros que trabajaron en las principales fábricas de Lima.

Otro aspecto importante que se puntualiza en *Lima Obrera* (1986) es la condición del adobero, ejemplificando el caso de Miguel Rostaing, jugador de Alianza Lima en aquel entonces, por la exigencia física que representó, pero las mínimas reposiciones salariales, estos trabajos que para la elite no represento un estatus en la sociedad, estuvo al margen del desarrollo que atravesó en otros contextos. Con referente a esto, el discurso de los pensadores de la época fue importante para determinación racista y discriminatoria de aquel entonces, en la cual se valoró más a lo andino que a lo afro. Que paradójicamente creó una atmosfera sentimental en los ideólogos del veinte por la culpa de la marginación social a lo afro. Que se representó en un artículo del diario El Comercio, en 1900, como cita, Stein "que la piel oscura tiene un carácter arbitrario de la oscuridad moral asignada está inserto al alma pura de victimización de lo afrodescendiente.

Néstor Canclini en *La Cultura Popular en el capitalismo* (1998) define a las prácticas culturales como eje de la cultura popular en una sociedad determinada, en su estudio para el caso mexicano, en la cual detalla que lo popular es una creación espontánea del pueblo a partir de su memoria que es convertida en mercancía o en un espectáculo exótico que se va reduciendo por la curiosidad de los turistas. En este ámbito el fútbol fue un deporte inglés que se difundió en todos los sectores de la población limeña, polarizada socialmente y fue acogido en los sectores populares como parte de una

práctica cotidiana en el aspecto de la recreación, el ocio, además de la competencia masculina. Nosotros interpretamos “lo popular” como el seguimiento a las mayorías, para el caso de Lima entre 1927 y 1936 los sectores económicos poblaciones mayoritarios eran los pobres y la clase media. Sin embargo, el fútbol, una práctica de la élite se masificó. Esto contrasta con el texto de Nolbert Elías (1983) quien diserta que a práctica deportiva es producto de las sociedades industriales como pasatiempos a la rutina laboral diaria. El balompié es el resultado del capitalismo inglés, en su etapa imperialista a fines de la época decimonónica.

Siguiendo con lo anterior, el autor hace énfasis, que la cultura sirve como un elemento para comprender, reproducir y transformar el sistema social, para construir y elaborar la hegemonía de cada clase. Este último aspecto para la absorción de la ideología dominante. David Parker en *Mundo Interiores Lima 1850-1950* lo ejemplifica con el caso de los “huachafos” quienes eran indígenas de la época estudiada quienes se enriquecían informalmente y se acoplaban al estilo de vida decente arbitrario por la élite o tal vez el caso que nos argumenta Stein (1983) con el caso de los negros que se autodenominaban mestizos para ganar un estatus más en la sociedad de la capital.

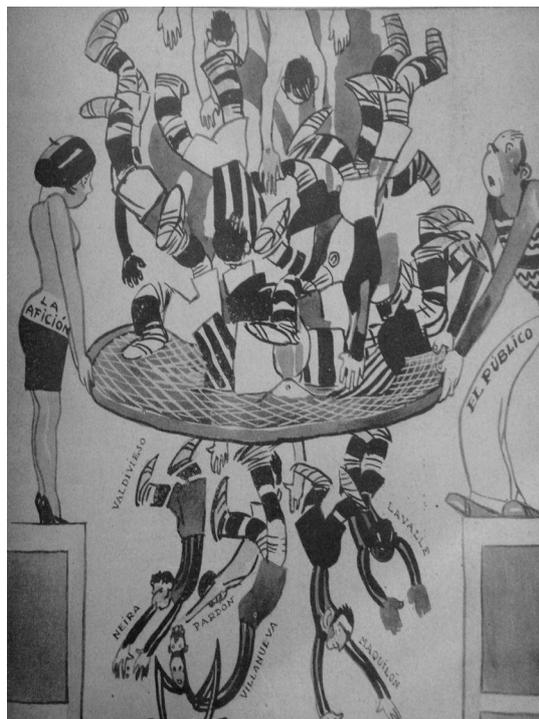
El capitalismo reestructura el significado de las creencias y prácticas cotidianas a fin de integrar a las clases populares en el desarrollo capitalista, como infiere el autor. Mencionada cuestión podemos refutarlo en nuestro contexto debido a que los ideólogos de los 900 como Francisco García Calderón y Clemente Palma plantearon que la problemática del Perú radicaba en la multiciplidad de sus razas, puesto que representaban la mayoría y los cambios desde arriba no se pudieron dar a corto plazo. El capitalismo se relaciona con la expansión de la cultura materialista de occidente impuesta en nuestro contexto, desde la llegada de los españoles, hasta la incorporación del Perú dentro del desarrollo económico mundial.

En contraste a esta cuestión Ginzburg en la introducción del libro *El queso y los gusanos* (1999) introduce la definición de la cultura popular como

un concepto ambiguo, por la controversia entre las clases dominantes y subalternas. Con relación a esta temática el autor argumenta que:

La existencia de diferencias culturales dentro de las denominadas sociedades civilizadas, constituye la base de la disciplina que paulatinamente se ha autodefinido como folklore, demología, historia de las tradiciones populares y etnología europea. Pero el empleo del término «cultura» como definición del conjunto de actitudes, creencias, patrones de comportamiento, etc., propios de las clases subalternas en un determinado período histórico... (Ginzburg 1999, 3)

En la *Revista Mundial* del 23 de agosto de 1929, plasmó una caricatura donde la afición o el público de entonces reclamaban por los jugadores aliancistas que habían sido desafiliados y la importancia que ellos tenían para el nivel competitivo de la selección peruana. En 1930 durante mayo, mes previo a la participación mundialista del representativo peruano en Uruguay, el diario *El Comercio* realizó una encuesta de quien debía ser el equipo titular que nos representaría. Donde se refleja la preferencia de jugadores del Alianza Lima y de la Federación Universitaria como De las Casas. No obstante, el 100% de los encuestados planteaban en su listados al arquero Valdivieso y a Alejandro Villanueva como delantero.⁸⁹



⁸⁹ *El Comercio* Mayo de 1930: Biblioteca Nacional del Perú

Imagen 2: Portada caricatural de la Revista Mundial del 23 de agosto de 1929.

El Club Alianza desde lo sociocultural por su carácter externo de festividades, jaranas, diversión con el fútbol, se identifica con lo limeño popular de la época. Políticamente, es en estos años que por su juego y por su popularidad se agrega al nombre original Sport Alianza, el concepto Lima; y “Sport” nomenclatura inglesa que tenían la mayoría de los equipos en la liga de ese entonces desapareció. Tuvo que ver mucho la influencia de Juan Bromley dirigente del cuadro aliancista y ligado a la Municipalidad de Lima por 1928-1929, en representar en el escudo de Alianza las tres coronas del emblema de la Ciudad de Lima.

Cuenta José María Lavalle en una entrevista que le hicieron para la Revista Equipo, en setiembre 1949, *Esta es mi vida*, que casi toda su vida jugó en Lima y los duelos esperados eran ante los de la Universidad, y fueron esos duelos los más esperados por parte de la población. Según Pulgar (2014) la rivalidad entre obreros y estudiantes representados en los cuadros de Alianza Lima y la Federación Universitaria de Fútbol fue la manera antagónica de representar la rivalidad social de estos grupos y el fútbol democratizaba estos aspectos, borrando jerarquías externas. Estos enfrentamientos marcaron una identidad dentro el imaginario limeño desde esta época.

Reflexiones finales

- Los factores que influyeron en la construcción de una identidad fue que los jugadores aliancistas de los años veinte pertenecieron a los sectores populares de la sociedad limeña y la evolución de su popularidad se debió al boom triunfalista de los años treinta y la presencia de jugadores afrodescendientes en la Selección Peruana de Fútbol.
- El contexto en la cual se construyó una identidad del Club Alianza Lima fue durante el Oncenio de Leguía coyuntura en la cual los

espectáculos deportivos primaban como medio de control de la sociedad. Identidad ligada a lo limeño popular tanto política como socioculturalmente.

- La importancia del factor étnico se debió a la adquisición de jugadores afrodescendientes de Cañete y Chincha. Así mismo, las expresiones Afroperuanas de los novecientos relacionadas con el boom triunfalista en los deportes. Los íntimos de La Victoria: Identidad de familia La cultura popular del equipo blanquiazul El fútbol aliancista de los veinte: Del juego a la sociedad y de la sociedad al equipo.

Referências

Aguirre, C y Panfichi, A. (2014). *Lima Siglo XX: Cultura, socialización y cambio*, Lima: Editorial de la Universidad Católica del Perú.

Álvarez, Gerardo (2013) *Espectáculo deportivo y formación de identidades. Lima primera mitad del siglo XX*. Tesis para obtener el grado de Doctor en el Colegio de México.

Basadre, J. (1983). *Historia de la República del Perú*, Lima: Editorial Universitaria, Séptima edición

Benavides, M. (2000). *Una pelota de trapo, un corazón blanquiazul: Tradición e Identidad en Alianza Lima 1901-1996*, Lima: Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú.

Burga, M y Flores A. (1987). *Apogeo y Crisis de la Republica Aristocrática*, Lima: Ediciones Rikchay Perú

Contreras, C & Cueto, M. (2013). *Historia del Perú Contemporáneo*, Lima: Editorial del Instituto de Estudios Peruanos y la Universidad del Pacífico.

Del Águila, A. (1997) *Callejones y mansiones: Espacios de opinión pública y redes sociales y políticas en la Lima de los 900*, Lima: Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú.

Drinot, P. (2016) *La seducción de la clase obrera: Trabajadores, raza y la formulación del estado peruano*, Lima: Editorial del Instituto de Estudios Peruanos y el Ministerio de Cultura.

Eslava, J. (2011). *Letras y pasión en el futbol peruano bien jugado: Las patadas de una ilusión*. Lima: Editorial Aguilar.

Di Giano, R. (2007) *Futbol y discriminación social*, Buenos Aires: Editorial Leviatán.

Garriga, J. (2013) *Violencia en el Fútbol: Investigaciones sociales y fracasos políticos*, Buenos Aires: Ediciones Godot.

Ginzburg, C. (1981). *El queso y los gusanos*. Barcelona: Muchnik Editores, S.A.

Gonzales, O. (2015). *Perú; La apertura al mundo 1880-1930*, Madrid: Editorial de la Fundación MAFRE

Klarén, P. (2013) *Nación y sociedad en la Historia del Perú*, Lima: Editorial del Instituto de Estudios Peruanos.

Muñoz, F. (2001) *Diversiones públicas en Lima 1890-1920 la experiencia de la modernidad*, Lima: Editorial de la Pontificia Universidad del Perú, Universidad del Pacífico y el Instituto de Estudios Peruanos.

Panfichi, A. (2016) *Ese gol Existe: Una mirada al Perú a través del Fútbol*, Lima: Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú

Panfichi, A y Portocarrero, F. (1995). *Mundos Interiores Lima 1850-1950*, Lima: Editorial de la Universidad del Pacifico.

Pulgar, J. (2014). *El Clásico: El inicio de una rivalidad*. Lima: Grupo Editorial Mesa Redonda.

Ruiz, A. (2001). *La multitud, las subsistencias y el trabajo Lima de 1890 a 1920*, Lima: Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú.

Stein, S. (1983). *Lima Obrera 1900-1930* (Tomo II), Lima: Ediciones El Virrey

Thorndike, G. (2001). *Alejandro Villanueva una vez y nunca más*, Lima: Editorial de la Universidad San Martín de Porres.

Fuentes primarias:

Revista Mundial

Años: 1928, 1929 y 1930.

El Comercio

Mayo 1930

DUALISMO CORPO-MENTE NO ESPORTE

Leonardo Fernandes Coelho

Universidade Estadual de São Paulo (Brasil)

Resumo

Corpo-mente são concepções discutidas desde a antiguidade e que apresentam contínua construção em todos os períodos posteriores. Dentre os diferentes aspectos possíveis de discussão dentro desse pensamento, destacam-se a influência de Platão, subjugando o corpo ao tratá-lo como prisão da alma (mente), e a ideia cartesiana de corpo como máquina, usado de forma a extrair o maior rendimento possível em uma dada circunstância. Inserido nesse contexto está o esporte, moldado pela sociedade ao longo do tempo sob forte influência desses dois pensamentos. A pedagogia atual, no âmbito esportivo, trata e visualiza o atleta como um corpo que precisa alcançar grandes objetivos, sem se preocupar com aspectos inerentes ao ser, desmerecendo questões sociais, psicológicas e da saúde do atleta. O presente estudo tem por finalidade discutir sobre o modo de se ver o corpo no esporte a partir de uma revisão da concepção de corpo e mente ao longo da história.

Palavras-chave: Corpo; dualismo; esporte.

Dualismo cuerpo-mente em el deporte

Resumen

Cuerpo-mente son ideas discutido desde la antigüedad y que presenta una construcción en todos períodos posteriores. Entre las facetas posibles de esta discusión, se destaca la influencia de Platón, subjugando el cuerpo a tratarlo como una prisión del alma (la mente), y la idea cartesiana del cuerpo como una máquina, utilizada para extraer el máximo posible en una circunstancia determinada. Inserta en este contexto esta el deporte, moldeado pela sociedad a lo largo del tiempo la influencia de estos dos pensamientos. La pedagogía actual, dentro del ámbito deportivo, trata y visualiza el atleta como un cuerpo que necesita alcanzar grandes metas, sin preocuparse por los aspectos inherentes del ser humano, despreciando los problemas sociales, psicológicos y la salud del atleta. El presente estudio apunta a discutir sobre cómo ver el cuerpo en el deporte através del una revisión del concepción de cuerpo y mente a lo largo de la historia.

Palabras clave: Cuerpo; dualismo; deporte.

Dualism bory-mind in sport

Abstract

The concepts of mind and body have been debated since antiquity and present a continuous development in the past years. Within all the different aspects that can be discussed about this issue, one of the main insights in the field has been provided by Plato's work, who underestimated the body by treating it as a prison of the mind. In addition to that, the Cartesian view of the body as a

machine points to the same direction and has been used to obtain the highest performance possible in a given moment. Sport can be included in this context, which can be molded over time by society, under a strong influence of both Platonic and Cartesian thoughts. The current pedagogy, in the context of sport, treats the athlete as a body that is supposed to achieve great objectives, disregarding the inherent aspects of the human being, such as the athlete's social, psychological and health issues. This study aims at discussing the way as the body is regarded in sport, by means of a review of the conception of body and mind over throughout history.

Keywords: Body; dualism; sport.

Introdução

A concepção do corpo no esporte é amplamente estudada, e provém de embasamento filosófico e sociológico a respeito do papel do corpo e da mente do indivíduo perante a prática esportiva. Diferentes autores influenciaram as sociedades, que, por sua vez, formularam o esporte contemporâneo.

A concepção mente-corpo é relatada desde a época de Platão (na Grécia antiga, entre 427 - 347 A.C.), o qual, influenciado pelos pensamentos do seu mestre Sócrates, é o pioneiro da ideia de mente-corpo distintos. Já o termo dualismo foi primeiramente sistematizado pelo filósofo e matemático francês René Descartes, nascido em 1596. Uma das maiores preocupações desse pensador eram as incertezas daquilo que considerava fonte de seu conhecimento, visto em diversas passagens de seus trabalhos, como nos livros Discurso do Método, e a apresentação das Meditações. Atualmente, a visão de corpo no esporte é formulada principalmente sob a ótica desses dois pensadores, refletindo sobre o dualismo mente-corpo.

A necessidade da compreensão do corpo no esporte é cada vez mais debatida, principalmente na área pedagógica. Um dos objetivos principais de tal discussão visa encontrar a melhor forma de tratar o atleta, e para tanto é necessário entender o ser humano; utilizando das palavras de Ross (1986, pg.16): "Enquanto não se entender claramente o que é uma pessoa, não se pode ser realmente efetivo como educador.". Entretanto, para entender o indivíduo é necessário compreendê-lo por inteiro, corpo e mente. Nesse contexto está inserido o esporte, o qual só pode ser entendido se houver

também clara a compreensão dos papéis do corpo e da mente na atividade desenvolvida. Diante desse cenário, é emergente a questão de se compreender o corpo no esporte, e, para tanto, é necessário entender a construção histórica que fez com que a atual concepção de corpo fosse formulada.

Mente-corpo para Platão

Platão inicia a tradição dicotômica quando relaciona o idealismo e o materialismo, dois conceitos opostos a priori. Parmênides influencia Platão no seu pensamento racionalista, no qual sustenta que as essências são imutáveis. Segundo Rintala, na Teoria da Linha Dividida (1991), Platão concebe o Cosmos, onde existem dois mundos: o Mundo do Ser e o Mundo do Tornar-se.

Mundo do **SER**: fixo, eterno e imutável.

Mundo do **TORNAR-SE**: mutável e das aparências.

Teoria platônica da linha dividida de Rintala, 1.991, p. 262.

O mundo do Tornar-se (sensível) seria o das aparências, onde a sociedade existe, lugar dos homens corruptos. Na parte de baixo da linha se encontra o mundo de ilusões e de realidades aparentes. A única maneira de se encontrar a realidade de fato seria no mundo do Ser, das ideias inteligíveis (RINTALA, 1991). O mundo do Ser (inteligível) é considerado fixo e imutável, onde o trabalho da mente é responsável pelo conhecimento e pela razão. Isso que permite alcançar a realidade última. Para Platão, o mundo da verdade nos permitiria adentrar até as ideias inteligíveis, objetivas, eternas e não sensíveis. As ideias matemáticas seriam um exemplo de algo que está no mundo inteligível (RINTALA, 1991).

Com Platão podemos ver uma concepção de dualidade, quando ele coloca "eternidade x mudança", depois os trocando pelos universais e os particulares. Ele sugere uma explicação para se conhecer o mundo, onde se tem a dimensão física-sensorial (mundo temporal) e uma dimensão mental-

conceitual (formas eternas e universais). Porém, somente nos universais é que se chegaria ao conhecimento pleno. A ordem só poderia ser alcançada por meio da razão, pois ordem enquanto tal pertenceria ao reino das ideias e não ao mundo dos sentidos (DUTRA, 1996).

O dualismo de Platão, então, possuía dois mundos como a formação do Cosmos, o Mundo do Ser e o do Tornar-se. O primeiro seria o mundo das essências imutáveis, onde ideias, conceitos e formas seriam eternas. No outro, o homem viveria somente de aparências e ilusões. Assim o corpo era visto como uma prisão para a alma, que seria algo superior ao corpo.

Cogito, ergo sum

René Descartes foi um filósofo francês, nascido em 1596. Foi o precursor na formulação do termo dualismo. Tinha como uma das suas maiores preocupações as incertezas daquilo que considerava fonte de seu conhecimento. Descartes chegou a duvidar do próprio ato de pensar; porém, mesmo que o sujeito se engane, não é possível discordar que deve existir um alguém enganado, enquanto ser que duvida. O pensamento "cogito, ergo sum" (penso, logo existo) então toma forma, já que enquanto pensamos, sabemos que existimos (DESCARTES, 1649). A partir dessa ideia, pode-se duvidar da existência alheia, porém da sua própria não. É o princípio fundamental que podemos afirmar, antes de qualquer outro. Todo ser que pensa, duvida, se possui conhecimento, existe.

Através do Cogito, Descartes estabelece a existência de algo que não é outra coisa senão pensamento. Temos então a alma (mente), que independe de qualquer outra coisa material, logo, independe do corpo. Assim, podemos dizer que a distinção corpo e mente começa para Descartes nesse momento.

Mente-corpo cartesiano

René Descartes, na Segunda Meditação, tem então a certeza da própria existência, através do Cogito, defendendo também que a alma pode ser

entendida melhor do que o corpo. Tal ideia é fundamental para entendermos as razões pelas quais o levaram a defender a supremacia da alma perante o corpo. Na Sexta Meditação é onde o autor distingue a mente do corpo, utilizando-se de vários argumentos para defender a acorporeidade da alma, porém é no Cogito que ele se debruça para explicar o dualismo.

Na Sexta Meditação de Descartes, ele estabelece que a alma é completamente diferente do corpo, sendo duas coisas totalmente diferentes. Segundo "Dutra 1996", Descartes define sob o conceito de "pensamento" as atividades intelectuais e as conecta como pertencentes a uma substância que é inteiramente separada do corpo:

"...já que, de um lado, tenho uma ideia clara e distinta de mim mesmo, na medida em que sou apenas uma coisa pensante e inextensa, e que, de outro, tenho uma ideia distinta do corpo, na medida em que é apenas uma coisa extensa e que não pensa, é certo que este eu, isto é, minha alma, pela qual eu sou o que eu sou, é inteira e verdadeiramente distinta de meu corpo, e que ela pode ser ou existir sem ele". (Descartes, Sexta Meditação)

Algo que deve ser mencionado é que mesmo diante de tais pensamentos, expostos principalmente na Sexta Meditação, Descartes tem momentos em que flerta com o corpo, onde regride na defesa da alma como sendo totalmente distinta do corpo. Contudo, tais ideias já não são mais da obra *Meditações*, mas sim do livro *"Paixões da alma"*, no qual são sugeridas duas ideias sobre uma interação entre alma e corpo. A primeira diz respeito aos poderes causais da mente sobre o corpo, fazendo o corpo se movimentar, por exemplo. A segunda seria o oposto, onde o corpo teria poderes causais sobre a mente, quando as paixões e sentimentos são estimulados pelos acontecimentos corpóreos.

Art. 43. Como a alma pode imaginar, estar atenta e mover o corpo... quando se quer andar ou mover o próprio corpo de alguma maneira, essa vontade faz com que a glândula impila os espíritos para os músculos que servem para tal efeito (Descartes, 1649).

Art. 212. De resto, a alma pode ter os seus prazeres à parte; mas, quanto aos que lhe são comuns com o corpo, dependem inteiramente das paixões: de modo que os homens que elas

podem mais emocionar são capazes de apreciar mais doçura nesta vida (Descartes, 1649).

Mesmo que Descartes tenha dedicado boa parte de suas obras tentando explicar como a alma seria distinta do corpo, ele não explica como se daria a divisão mente-corpo, e como elas eram interligadas. Apesar disso, suas ideias sobre mente-corpo foram suficientes para explicar importantes questões da época, e mantêm forte influência na atualidade, principalmente na concepção de corpo como máquina (tal concepção termológica surge com De La Mettrie, no livro “O homem-máquina” de 1747).

Em resumo, Descartes mostra a superioridade da alma em relação ao corpo através da razão. Entretanto, isso não justifica que o corpo deva ser inferiorizado, pois sem o corpo a alma não teria motivo de existência física; tal sentido só está completo com a junção corpo-mente. Além disso, o corpo como máquina possui uma concepção pejorativa, sendo menosprezado. Dentro desse contexto está inserido o próximo tópico, que abordará a influência da concepção cartesiana de corpo-mente para com o corpo, em especial na prática de esportes.

Corpo e esporte

Para John Dewey (1959), filósofo norte-americano, as percepções platônicas sobre mente-corpo foram elaboradas dentro dos limites e das necessidades da sua época. Para Dewey existia um antagonismo entre as formas de se educar na Grécia antiga, uma voltada para o trabalho útil e outra para uma vida de lazeres, onde a gênese é localizada na dualidade de interesses que “coincide com a divisão em uma classe superior e outra inferior”. Para Dewey, a educação sofre, em sua trajetória histórica, uma oposição entre o modo de pensar e o saber fazer, isso através dessa divisão classicista (CUNHA; SACRAMENTO, 2007).

A já citada separação entre o saber e o fazer platônico é análoga ao dualismo cartesiano. Mesmo em épocas distintas, essa separação do saber (mente) e do fazer (corpo) aparece para Descartes intrinsecamente ligado ao

momento histórico que ele vivia na modernidade. Como já visto, esse modo de pensar sobre corpo-mente tem origem na antiguidade e se perdura até a sociedade atual, inserido também no modo de ver o esporte. Como dito por Dewey (1959): “Se a concepção de Aristóteles representasse unicamente a opinião de Aristóteles, seria ela apenas uma curiosidade histórica mais ou menos interessante”. O esporte, é também um reflexo de nossa sociedade, assim sofre influencia dos pensamentos das já citadas ideias sobre corpo, concepções que vem de pensadores das antiguidade, que auxiliaram o modo de se ver o corpo na sociedade. Contudo, é importante discutir se a permanência de tais influências são benéficas ou não para o modo de se ver corpo-mente no esporte contemporâneo, bem como analisar se há possíveis concepções que poderiam ser sobrepostas a esse paradigma.

Maier (1975) enxerga o esporte como uma habilidade humana fantástica, capaz de despertar estados afetivos e significativos. Sob essa perspectiva, atletas se mostram abertos a experienciar por completo a atividade física, e entender o seu corpo não como um objeto a ser manipulado, internamente ou externamente, mas sim como uma consciência incorporada, algo único. Maier (1975, p.69.) coloca que “A rejeição da concepção cartesiana do corpo objetivado, permite ao homem alcançar uma consciência com maior profundidade e riqueza de seu corpo vivido e abordá-lo como uma realidade diversa e dinâmica.”

O corpo revela a essência da unidade do ser, a qual é caracterizada pela corporeidade. Este enfoque se difere do corpo-máquina, influenciado pelo paradigma cartesiano. Somos corpos que habitam o espaço e o tempo, nos existencializando a partir do movimento (MORREIRA, W. SOMÕES, R. 2016). Na concepção de corporeidade, as antigas concepções corpo-mente são deixadas para trás. Passa-se a ser utilizada a concepção de corpo como sendo algo único, indivisível, não existindo mais a mente e o corpo físico separados, mas sim algo unitário. A partir dessa ótica, não seriam mais aceitas as violências físicas e psicológicas cometidas por treinadores que exacerbam o rendimento físico às custas da saúde do atleta. Essa metodologia de “alto rendimento esportivo” é intrínseca ao corpo-mente cartesiano, focando apenas

no corpo do atleta. Entretanto, com a concepção de corporeidade, é abandonada essa visão, e o atleta não é mais só uma máquina, e sim a combinação de um ser emocional, social e que necessita de treino físico e mental, pois são coisas inseparáveis. Um atleta que tem o corpo treinado e o psicológico afetado possuiria um rendimento abaixo de um atleta com ambas as condições equilibradas.

Para Maier (1988), a questão mente-corpo é um tema no qual é deveras dificultoso. Entretanto, Maier se debruça em estudos fenomenológicos para tentar formar sua visão. O objeto de estudo é o homem, através da filosofia fenomenológica de Merleau-Ponty. Pois como sugere Maier (1975): “As percepções e informações derivadas do trabalho de Merleau-Ponty, incluindo sua crítica significativa à antropologia mecanicista e cartesiana subsequente, fornecerão uma alternativa filosófica contemporânea para a resolução do problema mente-corpo.”. O homem seria possuidor de um fundamento no mundo, enquanto é, também, aberto a si mesmo para este mundo. Então o homem, que está inserido nesse mundo, para ele surge o sentindo, que é criado pela interação do homem corpóreo com o mundo, que provém da capacidade de expressão do corpo. Expressões essas em que o esporte se insere, como proposto por Bento (2006), o esporte proporciona a criatividade e a inovação. A técnica serve para a leveza, a elegância e a simplicidade dos movimentos, já a mente plena tem papel fundamental para a realização de tais técnicas. Essa concepção auxilia a evitar a polaridade mente e corpo, uma vez que para se realizar as técnicas com maestria é necessário possuir uma mente saudável.

Pode ser debatido por muito tempo se corpo-mente são coisas distintas ou unitárias. A visão de corpo como máquina, principalmente no século XX, influenciou importantes escolas a serem grandes tecnicistas, porém, com métodos pedagógicos que podem e devem ser questionados. Um grande exemplo é a violência que atletas de ginástica artística sofrem desde a infância em escolas que consideram o corpo uma máquina, não respeitando aspectos emocionais e psicológicos infantis importantes para o amadurecimento do indivíduo, vendo-os apenas como potenciais grandes

atletas. Em contrapartida, a adoção da corporeidade como método de se ver e fazer esporte é algo mais humanizado, podendo ser utilizado para instaurar práticas esportivas saudáveis e equilibradas, bem como para melhor interligar atleta, aluno, técnico, e consumidores de esporte em geral.

Theodor Adorno é um dos principais críticos filosóficos da modernidade, e, nesse contexto, faz importantes observações à maquinação do corpo, inclusive no que tange o esporte. Para esse autor, o esporte seria um momento de incentivo à violência, a qual é glamourizada contando com o culto ao autoritarismo, à obediência e ao sofrimento, tendo aí a presença de um aspecto masoquista. “Ao esporte pertence não apenas o impulso à violência, mas também o de suportá-la e tolerá-la.” (ADORNO, 1997).

Funda-se aí a paixão pelo esporte, na qual os senhores de cultura de massa farejam o verdadeiro substrato para sua ditadura. É possível arvorar-se de senhor na medida em que a dor do ancestral, violentamente repetida, mais uma vez é provocada a si mesmo e nos outros. (ADORNO, 1997)

O esporte tenta igualar o corpo a uma máquina, com uma adaptação do “sempre igual” disfarçado de “novo”. Aquilo que a máquina tirou do homem, o esporte tenta recuperar, fazendo-se uma própria extensão da máquina (ADORNO, 1997). Mas ao buscar se assemelhar com a máquina, os seres humanos acabam se confundindo com ela, perdendo a noção do orgânico. Para Virilio (1998), a lei de que o menor esforço humano e maior rendimento é um dos motivos para se criar máquinas, a visão de corpo-máquina sustenta a ideia de que é necessário elevar cada vez mais o esforço. Deve-se no esporte, então, realizar o maior desgaste possível, desde que isso leve ao máximo rendimento.

O esporte visto com esse olhar cartesiano de divisão, acaba por deixar a prática algo mais mecânico e metódico. A beleza do esporte pode sim ser alcançada com esse método de se ver o corpo; entretanto, é uma concepção que deixa o esporte - para quem o pratica - em uma atividade quase desumana. O atleta de basquete poderá realizar dribles belos aos olhos de quem assiste, poderá levar a torcida ao fascínio com o jogo, mas o esporte para o próprio atleta será belo e prazeroso? No momento em que o atleta é visto como máquina, o indivíduo é dividido entre mente e corpo, e somente o

físico é priorizado, tratando o corpo como máquina. O corpo e a máquina misturam-se, assemelham-se e se igualam. O prazeroso e saudável para quem o pratica fica em segundo plano. O fundamental é o rendimento, deixando de lado aspectos da saúde física e psicológica do atleta. Nesse sentido, está a necessidade da adesão de uma nova perspectiva de corpo, não como algo separado da mente, mas sim unificado. É nesse contexto que a corporeidade é fundamental para o indivíduo que pratica esporte, pois ao ver o atleta de maneira unificada, estará sendo levada em consideração todas as suas capacidades, respeitando-se seus limites e trabalhando suas habilidades. Desta forma, será possível extrair seu rendimento máximo e contribuir, ao mesmo tempo, com o equilíbrio de seus componentes psicológicos, sociais e emocionais, enxergando-o como mais do que uma máquina que deve realizar uma função.

Considerações finais

Gallo (2006) nos mostra a contradição de Platão, que enquanto atleta, sofria influência dos pensamentos socráticos, o que levou à construção da concepção de separação corpo e alma, que eram, até então, coisas complementares. O mundo inteligível é perfeito, não sendo possível a manifestação de transformação. Já o mundo material, composto pela matéria corpo, é sujeito à corrupção. Nessa esfera, o corpo se torna cada vez mais defeituoso com o passar do tempo e, por isso, é finito. Mesmo sendo um adepto a atividades físicas, Platão separa corpo e mente, influenciando o modo de pensar o corpo, que teve, ao decorrer da história, acréscimo de ideias de outros pensadores, até chegar ao esporte contemporâneo, onde o esporte é visto como algo intrinsecamente físico. O esporte sendo reflexo da sociedade, não teria como não sofrer influência das concepções filosóficas, que vêm desde Platão, mas que se tornam consolidadas nos escritos de Descartes.

Baker e Morris (2002) trazem a relação de Descartes na construção da visão dualista e o modo que o dualismo cartesiano foi entendido e compreendido. Os escritores tentam elucidar que Descartes entendia a

existência da união mente-corpo e suas relações, contudo, não conseguia explicar tais relações. As explicações só poderiam ser demonstradas se a mente e o corpo fossem tidos como distintos. Assim, os autores dizem: “Não pode haver alguma coisa tal como uma afirmação ou uma teoria que faça a relação entre corpo e alma inteligível” (BAKER e MORRIS, 2002, p.147). Como dito no tópico “Mente-corpo cartesiano”, Descartes tenta demonstrar relações entre o corpo e a mente, porém não consegue explanar muito sobre tal assunto. Em alguns momentos demonstra a relação entre ambos, mas nada tão contundente, que tenha influenciado o pensamento moderno e contemporâneo sobre o como se vê o corpo. O pensamento de Descartes que foi símbolo é o do corpo separado da mente.

A concepção de corpo como máquina gera um esporte no qual questões psicológicas, sociais e sentimentais do atleta sejam deixado para segundo plano, onde o treino é o mais importante, pois a concepção de um atleta com características de corporeidade não é levada em conta. Tais pensamentos são carregados de influências históricas desde a Grécia antiga. Porém é necessário deixar tais concepções, pois além de ser o mais humano a se fazer, seria também algo mais efetivo no esporte. Quando atletas forem mais motivados, como seres unificados, e não divididos como uma máquina que deve realizar determinada função, o atleta irá estar mais motivado e melhor psicologicamente e emocionalmente. A importância de se entender a história da concepção de corpo é determinante para se entender o modo de se fazer esporte, além de ser fundamental para se mudar o fazer esporte.

A concepção de corporeidade é uma maneira que está modificando a abordagem para com os atletas, pois foi percebido com o passar do tempo, que mesmo que a abordagem cartesiana de divisão corpo e mente gerasse resultado, com atletas com alto rendimento, não era o correto a se fazer. Primeiramente por uma questão ética, pois o esporte é feito por pessoas, que devem ser entendidas como seres que sentem, sofrem e necessitam ser consideradas como um todo, não fragmentadas. Além de que no momento que os atletas se sentem melhor internamente, eles podem se sentirem melhor com a prática esportiva, diminuindo assim o número de desistências,

umentando a possibilidade de grandes nomes nos esportes, pois quando jovens não forem tratados como uma máquina que necessitam cumprir uma meta, provavelmente eles se sintam mais motivos a praticar e se dedicar a prática esportiva. Diante do exposto, nota-se a dificuldade de definir os limites entre a corporeidade e o dualismo, subjetivando-se aspectos importantes do atleta como indivíduo. Assim, o mais humanamente adequado pode ser a adoção da corporeidade como o modo de ver o corpo no esporte, abrindo mão da concepção cartesiana de corpo nesta questão.

Referências

- ADORNO, T. (1997) **Veblens angriff auf die kultur**. Frankfurt am Main: Suhrkam. vol 10-1.
- BAKER, G.; MORRIS, K. J. (2002) **Descartes' Dualism**. London and New York: Routledge.
- BENTO, J. O. (2004) **Desporto discurso e substância**. Porto: Campos das Letras.
- CUNHA, M. V.; SACRAMENTO, L. F. (2007) **Os gregos nas estratégias argumentativas de Jonh Dewey**. Revista Brasileira de Educação.v. 12, n. 35, maio/agosto.
- DESCARTES, R. (1637) **Discurso do método**. Leida.
- DESCARTES, R.(1649) **Meditações**. Paris.
- DESCARTES, R (1649). **Paixões da alma**. Amsterdam.
- DEWEY, J. (1959) **Democracia e educação: introdução à filosofia da educação**. 3. ed. Trad. Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional.
- DUTRA, L, V. (1996) **O Dualismo Mente-Corpo: Implicações Para a Prática da Atividade Física**. Rio Claro, SP: CopyMarket.
- GALLO, S. (2006) **Corpo ativo e a filosofia**. Século XXI: A era do corpo ativo, Campinas: Papyrus, p. 9-30.
- MEIER, K.V.(1975) **Cartesian and phenomenological anthropology: The radical shift and its meaning for sport**. Journal of the Philosophy of Sport. 51-73.
- MEIER, K.V. (1988.) **Philosophic Inquiry in Sport**. Human Kinetics Publishers. p. 93-101.
- MOREIRA, W,W. SIMÕES, R. (2016) **Corporeidade e formação profissional na área da educação física e dos esportes**. UFGD p. 41-56.
- ROOS, S. (1986) **Cartesian dualism and physical education: Epistemological incompatibility**. Mind and Body. Champaign, Illinois: Human Kinetics Publishers. p. 15-24.
- RINTALA, J. (1991) **The Mind-Body Revisited**. Quest, 43, 260-279.
- VIRILIO, O. (1998) Os motores da história. In: de ARAÚJO, H, R. **Tecnociência e cultura** - ensaios sobre o tempo presente. São Paulo, Estação Liberdade.

A GINÁSTICA E AS SUAS RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA

Igor Massari Correia

Universidade de São Paulo (Brasil)

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise histórica e sociopolítica da ginástica na educação brasileira, esclarecendo os métodos ginásticos e as suas relações com a história da Educação Física no país. Observa-se uma relação recíproca entre a estrutura social e o método educacional, visto que, ela varia de acordo com o contexto histórico em que está inserida. A ginástica foi uma das primeiras práticas sistematizadas de exercício físico que foram utilizadas como ferramenta educacional. Evidenciou-se a sua hegemonia nas escolas como disciplina obrigatória em certos momentos da história. No contexto de esporte contemporâneo, a especialização precoce; a mercantilização dos produtos e dos atletas; e a espetacularização feita pela mídia são características do âmbito mercadológico. Os movimentos e métodos a favor da acessibilidade e democratização da ginástica fornecem novos meios de se trabalhar com ela e outras práticas de cultura corporal.

Palavras-chave: história da ginástica, história da educação física, métodos ginásticos, revisão literária.

La gimnasia y sus relaciones con la educación física brasileña

Resumen

Este trabajo es un análisis crítico y sociopolítico de la gimnasia en la educación brasileña, especificando los métodos gimnéticos y sus relaciones con la historia de la Educación Física en el país. Usted está aquí y usted encontrará una relación entre la estructura social y el método educativo, ya que es de acuerdo con el contexto histórico en el que está inserta. La gimnasia fue una de las primeras etapas sistematizadas de ejercicio físico que fue utilizada como herramienta educativa. Se evidenció su hegemonía en las siguientes disciplinas: disciplina obligatoria en ciertos momentos de la historia. En el contexto del deporte contemporáneo, una especialización precoz; una mercantilización de los productos y de los atletas; y una espectacularización hecha por los medios son características del ámbito mercadológico. Los movimientos y los métodos de accesibilidad y de democratización de la movilidad son los medios de trabajo y otras prácticas de la cultura corporal.

Palabras clave: historia de la gimnasia, historia de la educación física, métodos gimnéticos, revisión literaria.

Gymnastics and its relations with Brazilian Physical Education

Abstract

This work is a critical and sociopolitical analysis of gymnastics in Brazilian education, specifying the gymnastic methods and their relations with the history of physical education in the country. You are here and you will find a relationship between the social structure and the educational method, since it is according to the historical context in which it is inserted. Gymnastics was one of the first systematized steps of physical exercise that was used as an educational tool. Its hegemony was evidenced in the following disciplines: compulsory discipline at certain moments in history. In the context of contemporary sports, an early specialization; a commodification of products and athletes; and a spectacularization made by the media are characteristics of the marketing sphere. Movements and methods of accessibility and democratization of mobility are the means of working and other practices of body culture.

Keywords: history of gymnastics, history of physical education, gymnastic methods, literary review.

Método

O presente estudo é uma revisão literária de caráter analítico com o objetivo de investigar e relacionar as literaturas para uma compreensão geral da ginástica na educação física brasileira. Os artigos foram levantados a partir dos bancos de dados do Google Acadêmico e do sistema SibiUsp. Também foi feito uma busca manual a partir das referências dos artigos selecionados e dos livros obtidos na USP de Ribeirão Preto, considerando aqueles que foram relevantes para a compreensão da discussão. Os critérios de inclusão foram: artigos e livros que discutem a história da ginástica e da educação física no Brasil, os seus meios educacionais na sociedade, os seus usos políticos ideológicos e as suas características no esporte contemporâneo.

Introdução

Os exercícios físicos e a ginástica se desenvolveram em paralelo à história do homem, suas diversas formas se adequaram ao contexto histórico em que estavam inseridos. De acordo com Ramos (1982: 15):

[...] acompanhando a marcha ascensional do homem, documentada sobretudo no mundo ocidental, somos levados a

afirmar que a ginástica, compreendida como prática dos exercícios físicos, vem da pré-história, afirma-se na antiguidade, estaciona na idade média, fundamenta-se na idade moderna e sistematiza-se nos primórdios da idade contemporânea. Torna-se mais desportiva e universaliza seus conceitos [...]

Segundo Wiseman (1978) a ginástica pode ser definida como: tipos de exercícios físicos utilizados para causar efeitos particulares no corpo, na qual segundo Oliveira e Nunomura (2012) a construção de seu corpus teórico sofreu contínuas transformações, das quais expressam mudanças que se operam nos sistemas de organização social. Transformações essas que provocam modificações nas formas de elaboração, transmissão e apropriação dos conhecimentos produzidos nesse campo específico.

O Brasil sofreu influência europeia tanto no âmbito político, como nos âmbitos educacionais, sociais e culturais. A ideologia burguesa europeia do século XIX enraizou-se no país, utilizando-se de diversos mecanismos e instituições. O Movimento Ginástico Europeu (1800) foi o fornecedor dos métodos ginásticos utilizados na educação física escolar, civil e militar.

A Educação Física e a ginástica tiveram diferentes objetivos e métodos ao decorrer da história, nos quais trouxe consigo características das ciências hegemônicas no período de industrialização, dentre elas estão o higienismo, o eugenismo e o positivismo.

Este artigo visa esclarecer os métodos ginásticos utilizados no Brasil como meios de educar o físico e delimitar, manter, ou modificar a estrutura social de cada período histórico. A educação física teve um papel fundamental para inserir esses métodos nas escolas. Para isso, observaremos uma análise histórica da sociedade, da cultura e da política para uma melhor compreensão sobre o tema abordado.

O Movimento Ginástico Europeu (1800)

Segundo Oliveira e Nunomura (2012), na Idade Moderna houve avanços a cerca do conhecimento científico. Obras sobre pedagogia, fisiologia e técnicas de execução de exercício começaram a emergir, o que trouxe o

caráter educacional dos exercícios em pauta. Assim, autores como J.H. Pestalozzi, J. B. Basedow e J. Rousseau influenciaram nos meios pedagógicos e higiênicos da ginástica. O que será a base para a sistematização de suas práticas na Idade Contemporânea.

No século XIX, em um cenário de precariedade nos centros urbanos, onde vivia a classe proletária europeia, surgem ameaças à classe burguesa. Embora as epidemias que nasciam nos cortiços já começavam a atingir os ricos, a maior ameaça em questão, para a burguesia, era a consciência de classe por parte dos operários que, em decorrência disto, começavam também a ter ambições, as quais punham em risco os possíveis privilégios adquiridos com a exploração da força de trabalho (Soares, 2007). A classe burguesa, que estava no poder, encontrou medidas para conter seus avanços e desenvolver ideias e valores capazes de determinar cientificamente o lugar de cada um.

O Movimento Ginástico Europeu surge com o intuito de atender as necessidades dos donos dos meios de produção e as particularidades de cada nação, nas quais apresentavam objetivos semelhantes entre si, sendo eles:

[...] regenerar a raça (não nos esqueçamos do grande número de mortes e doenças); promover a saúde (sem alterar as condições de vida); desenvolver a vontade, a coragem, a força, a energia de viver (para servir a pátria nas guerras e na indústria) e, finalmente, desenvolver a moral (que nada mais é do que uma intervenção nas tradições e nos costumes dos povos). (Soares, 2007: 52)

Os métodos: alemão, sueco, francês e inglês foram os precursores desse momento histórico. Esses métodos entraram no Brasil junto aos ideais burgueses, que estavam em ascensão, o que definirá a construção de uma nova sociedade brasileira no lugar da sociedade colonial presente.

Brasil Império (1822-1889)

No Brasil do século XIX, em um cenário tomado pela falta de saneamento básico a propagação de doenças infecto contagiosas era inevitável, o que causava altas taxas de mortalidade infantil e condições de

saúde precárias. As preocupações com o corpo e a disseminação de práticas corporais tornaram-se pauta nas discussões sobre a saúde da população. Visando reabilitar a imagem insalubre do império perante as nações europeias, várias sociedades no Rio de Janeiro postularam necessidades de se incrementarem pesquisas sobre esses males (Junior, 2013). O que será o marco inicial para se incluir os métodos ginásticos no país.

Destaca-se o papel dos movimentos eugênicos e higienistas na saúde pública, os quais tiveram influência na metodologia dos exercícios físicos. O primeiro considerava que existiam raças diferentes de humanos, e teve foco em comprovar cientificamente a superioridade da raça branca em relação à raça negra, assim como a do homem sobre a mulher, e a do rico sobre o pobre. O segundo estabeleceu hábitos saudáveis que deveriam ser seguidos para se ter uma boa saúde, sem que haja mudanças nas condições sociais dos indivíduos (Filho, 2013).

No início do movimento higienista do país, os médicos estabeleceram uma política familiar direcionada às elites, buscando o melhoramento da raça humana por meio da aplicação de hábitos que as tornavam fortes e saudáveis para representar a humanidade. Soares (2007) cita que a ginástica foi um dos métodos utilizados pelo Higienismo e pelo Eugenismo para responder a necessidade de uma construção anatômica que pudesse representar a classe dominante, pois mostraria a população escrava, que era a maioria no Império, o motivo de sua subordinação em relação aos brancos da elite.

Segundo Soares (2007), a delimitação das mulheres na sociedade toma caráter científico por meio do higienismo e eugenismo, na qual elas foram responsabilizadas por cuidar da família e por gerar filhos saudáveis à pátria, sendo educadas através da puericultura e da ginástica. Os movimentos de ginástica eram feitos, para elas, com a finalidade de fortalecer a região pélvica (útil para o parto), e para ensiná-las a se comportarem na sociedade. Se um membro da família morresse, ou se ele tornasse insubordinável à hierarquia, a culpa caíria sobre elas.

Em paralelo a esses fatores, o país sofria mudanças políticas após a independência, o que evidenciou a necessidade de fomentar o nacionalismo

nos cidadãos e de desenvolver um exército nacional forte e disciplinado, para isso, era preciso formar um cidadão pronto para defender a pátria. De acordo com Silva e Melo (2011), desde 1823 já se falava de Educação Física, todavia, foi em 1860 que o inspetor-geral de instrução pública da Corte atentou para os exercícios do método alemão e, desse modo, a Educação Física receberá maior atenção no plano militar e civil.

O método alemão teve caráter principalmente nacionalista, disciplinador e patriótico, visto que, foi utilizado para construir uma unidade territorial. Na sua criação, a Alemanha estava em processo de unificação e precisava de uma identidade nacional, assim como o Brasil nesse momento. Seus exercícios eram para preparar o cidadão para a guerra e defesa do território, desenvolvendo o nacionalismo e a disciplina (Soares, 2007). Esse método será requisitado para construção da identidade nacional da população e de um exército forte e nacionalista no país.

Com as imigrações europeias, alguns alemães trouxeram ao Brasil o seu método como estilo de vida, disseminando-o no país. Primeiro foi utilizado pela Academia Real Militar (1810), tornando-se método oficial do exército nos anos de 1860 até 1912. Logo no início da sua implantação na sociedade civil, houve resistência da elite por afirmarem que eram práticas manuais parecidas ao trabalho escravo, e, além disso, masculinizaria as suas filhas (Filho, 2013). Com a popularidade do status médico e distintivo da Educação Física, essas barreiras feitas pela elite, começam a ser modificadas.

Na segunda metade do século XIX, o governo estava sendo pressionado contra o uso de escravos em decorrência da ascensão burguesa na Europa; a população urbana era de apenas 10%; e, no total, era composta majoritariamente por negros e mestiços. A política de embranquecimento trouxe diversos imigrantes de origem europeia para regenerar a raça, conforme a eugenia, e para urbanizar o país, dispondo de mais operários nas indústrias que se desenvolviam nesse período. De acordo com Soares (2007) e Filho (2013), os imigrantes começaram a trabalhar nas indústrias, porém, nesse período, ainda não havia muitos cidadãos aptos para o exército, ou aptos para o serviço, devido às condições precárias de trabalho e moradia nas

ciudades. Nas minas e nas indústrias têxteis, por exemplo, as crianças já começavam a trabalhar, e as que chegavam à fase adulta já estavam com a saúde prejudicada.

Segundo Soares (2007), a burguesia e o Estado tomaram consciência de que abusos poderiam causar revoluções contra eles, e baixa produtividade para as indústrias. As leis trabalhistas e as organizações de sindicatos foram maneiras de inibir esses fatores. Ao mesmo tempo, os médicos higienistas outorgaram no Estado medidas para implantar hábitos saudáveis para população, como melhorias sanitárias e de qualidade de vida, para se conseguir mais trabalhadores fortes, dispostos e vivos para trabalhar.

Na República que será instaurada em 1889, a escola primária e o serviço de saúde serão estratégias para incentivar a ascensão do novo regime capitalista, que se consagrará entre o fim do século XIX e o começo do século XX.

Brasil República Velha (1889-1930)

Até as últimas décadas do século XIX as escolas e os hábitos de saúde se aplicavam somente as elites para o desenvolvimento de suas habilidades intelectuais e físicas, se uma pessoa não fosse considerada como parte da sociedade, a sua educação seria comprometida, dentre estas, estavam os escravos, os capoeiras e os ciganos. De acordo com Soares (2007: 35), a instituição escolar: “[...] integra de modo orgânico as formas de difusão de uma determinada mentalidade, homogeneizando as vontades, os hábitos e criando uma certa coesão social”. A democratização escolar começa a ser interessante para difundir o liberalismo e para manter a ordem social do país. Com a ajuda de Rui Barbosa, o Estado, os médicos, a burguesia e a instituição escolar, agora, estão em conjunto para construção de uma nova sociedade.

Em 1882, Rui Barbosa relatou medidas que modificaram o modo de ensino. Eram medidas mais democráticas do que o período anterior, todavia, diferenciavam a educação que se dava entre homens e mulheres, ricos e pobres. Diferenciação essa influenciada pela eugenia, positivismo e

higienismo, sendo ciências hegemonicamente aceitas pelos intelectuais da época (Filho, 2013). Os homens ricos precisavam ser ensinados para administrar o país e as indústrias; os homens pobres, por sua vez, deveriam ser fortes e disciplinados para obedecer e produzir para o futuro patrão e para nação; e as mulheres cuidariam da família e gerariam filhos para a pátria. Nessas ciências, considerava-se que o ser humano era a-histórico, que a sua genética determinava a sua posição na sociedade e que o higienismo iria melhorar a raça humana.

Rui Barbosa foi defensor das bases científicas provenientes dos médicos, que tinham popularidade e status na sociedade. O higienismo estava presente nas suas medidas educacionais, no qual os exercícios físicos eram indicados para manutenção da saúde populacional. A Educação Física se tornou disciplina obrigatória para homens e, até certo modo, para as mulheres, tendo como base o método sueco. Este método foi valorizado por Rui, pelo seu caráter pedagógico, científico e higienista, o que ganhará força na educação civil no lugar do método alemão, que ia se restringindo para práticas militares (Filho, 2013).

Os exercícios eram sistematizados para desenvolver os corpos no sentido anatomofisiológico sem modificar as condições sociais do indivíduo, o que segundo Filho (2013: 43):

Destinava-se, portanto, à Educação Física, nessa questão da eugenia da raça, um papel preponderante. O raciocínio era simples: mulheres fortes e sadias teriam mais condições de gerarem filhos saudáveis, os quais, por sua vez, estariam mais aptos a defenderem e construir a Pátria, no caso dos homens, e de se tornarem mães robustas, no caso das mulheres.

Em paralelo a isso, a Guerra do Paraguai (1864-1870) causou inquietações nas autoridades científicas e governamentais, o que explicitou os limites do desenvolvimento do Brasil e fomentou novas discussões para os intelectuais resolverem. Buscou-se a sintonia das instituições militares e médicas para trazer um caráter mais científico nos treinamentos militares e nas aulas de Educação física das escolas. Em vista disso, era necessário forjar um novo homem brasileiro, universal, combatente e cidadão, disposto a cuidar

da sociedade para desenvolver a nação (Silva; Melo, 2011). O método francês foi o que se encaixou nesse cenário por ter características equivalentes ao que estava sendo pedido pela comunidade intelectual, sendo incluso na educação escolar e militar no início do século XX.

O método francês teve influência das ideias de Rousseau e dos métodos alemão e suíço. Ele tinha o objetivo de desenvolver socialmente homens completos e universais por meio do aprimoramento das forças físicas, psíquicas e morais. Considerava-se, primordialmente, a melhoria da ordem política, econômica e social, aumentando a força e a riqueza dos indivíduos e do Estado (Soares, 2007). Nele, a perspectiva social de ensino neutro não foi mudada, pois a visão crítica e autônoma sobre a política poderia modificar a ordem social presente, servindo de base para os períodos seguintes da educação física.

Em 1907, a missão militar francesa veio com o objetivo de ministrar instruções militares e civis à força pública do estado de São Paulo, o que deu origem, mais tarde, a escola de Educação Física do estado de São Paulo. Em 1921, tornou-se ginástica civil e, em 1929, sua prática passou a ser utilizada em todos os ensinos: primário, médio e superior (Filho, 2013).

A partir de 1920, os médicos começam a considerar as condições de trabalho maléficas aos trabalhadores, o que fez com que o ensino médico higienista encontrasse formas sutis de propor hábitos nas escolas para recompensar os problemas causados nas indústrias. Para isso, segundo Soares (2007), tivemos alguns ícones importantes:

ABE (Associação Brasileira de Educação), o I Congresso Brasileiro de Hygiene e o Pelotão da Saúde tiveram o objetivo de propor técnicas corporais e fiscalizações que faziam as crianças desenvolverem, desde cedo, hábitos saudáveis. Além disso, a Associação Cristã dos Moços (ACM) propõe, junto ao II Congresso Brasileiro de Hygiene, a necessidade de inserir o ideal patriota no método de ensino dos exercícios.

Fernando Azevedo propõe a educação eugênica para as escolas de Educação Física no ensino superior. Concomitante a isso, o I Congresso Brasileiro de Eugenia de 1929 incentivava a busca do melhoramento da raça

humana, estudando as capacidades raciais e hereditárias, definindo o que as melhora, ou o que as degenera. Uma das propostas era o controle populacional dos pobres e dos negros, e a outra era a procriação acelerada dos brancos da elite burguesa.

O status médico e biológico estava em primeiro plano enquanto os professores de Educação Física ficaram em segundo plano no ensino dos exercícios. Os médicos prescreviam as aulas para os professores, cabendo a eles ensinar de forma mecânica e sistematizada de acordo com o que os médicos indicavam.

Esses fatores ajudaram no fortalecimento do status médico e científico da Educação Física, assim como Rui Barbosa tinha proposto em 1882. A ginástica foi ensinada como um conteúdo médico e militar para melhoria da saúde e da disciplina com uma pedagogia limitada a desenvolver o físico biologicamente. A sua prática será utilizada nos próximos governos como uma ferramenta política do Estado.

Governos ditatoriais do Brasil (1937-1945/1964-1985)

No Estado Novo de Vargas (1937-1945), foram instituídos modos de disciplinar as massas populares para que não houvesse revoltas contra as condições sociais e políticas, nos quais a Educação Física estava presente. “Surgem, portanto, a Educação Física e a Educação Moral e Cívica como elos de uma mesma corrente, articuladas no sentido de darem à prática educacional a conotação almejada e ditada pelos responsáveis pela definição política de governo” (Filho, 2013: 66). As ideias de autoritarismo, de hierarquia e de disciplina são ensinadas nas escolas, o que caracterizará os métodos de ensino na ginástica. Estes fatores serão maneiras de desligar os cidadãos dos problemas políticos para manutenção da ordem nacional.

Após a Revolução Russa, o ideal socialista começou a ganhar força no mundo enquanto o capitalismo estava em desordem, na década de trinta, com a crise da bolsa de valores de Nova York em 1929. Em 1950, ocorre um intenso processo de modernização, transformando o país de agro exportador

para urbano industrial. Segundo Filho (2013), a intensa exploração das indústrias fica em pauta nas discussões de consciência de classe dos ideais socialistas, o que ameaçou o governo e a burguesia de possíveis revoltas. Para manter a ordem capitalista, eles combateram a ameaça comunista e utilizaram-se da educação para reger valores, diretrizes e morais políticas e econômicas que defendiam os interesses do Estado.

Na ditadura militar (1964-1985), a doutrina de segurança nacional fazia parte da diretriz estatal, e o uso político dos esportes era canalizado na alienação política.

No que diz respeito ao Esporte, sua capacidade de catarse, de canalizar em torno de si, para seu universo mágico, os anseios, esperanças e frustrações dos brasileiros, foi imensamente explorada. A lembrança do “ ... Noventa milhões em ação, prá frente Brasil, salve a Seleção!” [...] foi na esteira desses hinos ufanistas-apologistas de uma postura cívica exacerbadamente alienada, patológica-que vieram os odientos crimes políticos cometidos, voluptuosamente, pelos aparelhos repressivos-estatais e paraestatais[...] (Filho, 2013: 91)

Observa-se que os estudantes, principalmente, os universitários estavam entre os que se opunham as condições de governo presentes, organizando movimentos de resistência nas faculdades e nas ruas. Em meados de 1969, a Educação Física tornou-se matéria obrigatória no ensino superior, o que, de acordo com Filho (2013), foi um meio de barrar os movimentos universitários, uma vez que tiravam o foco da política para canalizar o caráter lúdico dos esportes. Clubes esportivos universitários, professores de Educação Física como monitores civis, ídolos no esporte e a dissolução de organizações estudantis, como a UNE, ajudavam a assegurar a ordem político-social vigente.

Nos governos ditatoriais, dificilmente encontrava-se um desportista ligado ativamente à política, pois muitas vezes o treinamento absorvia a totalidade da vida pessoal, a professora Maria Lenk, por exemplo, foi uma das desportistas que foi utilizada pelo governo para fazer parte da política de modo neutro, sem questionar a ordem. Suas posições no ensino universitário ajudaram nos objetivos estatais, as quais ela discorre em sua entrevista,

primeiramente na sua atuação na educação física do ensino superior, e, na segunda citação, ela fala sobre a sua interação e participação com a greve estudantil na Escola Nacional de Educação Física:

Na época, nós da Educação Física, estávamos defendendo a tese de que viesse a existir, na Universidade, a ginástica obrigatória, quer dizer, o preparo físico e a preocupação com a saúde de todos os estudantes, mas também que se continuasse a cultivar o esporte universitário. (Lenk, 1943 apud Filho, 2013:134)

Eu posso dizer que não me envolvi naquilo. Na época, eu era titular da Cadeira de Natação, e nós não tínhamos lugar na congregação. Isso foi uma conquista posterior, de maneira que nós estávamos realmente em segundo plano, e eu nunca me meti em política de espécie alguma em toda a minha vida. Eu sou lançada, às vezes, em postos políticos. Agora, recentemente, por exemplo, acabei assumindo, na condição de interventora, a Confederação Brasileira de Natação, que estava com problemas. Mas quando se precisa de uma pessoa totalmente neutra, lá estou eu, sabe. Neutra por um lado, no assunto político, e por outro, em evidência no Esporte. Então, aí, escolhem pessoas assim... (Lenk, 1943 apud Filho, 2013: 135,136)

Em 1971, os exercícios físicos começaram a ser ensinados de modo tecnicista. Os movimentos repetitivos e mecânicos eram compostos por técnicas acríticas e irreflexivas para alcançar melhor rendimento esportivo e encontrar novos talentos, que poderiam ser os próximos ídolos para o país, considerando o indivíduo como a-histórico e um ser apenas anatomofisiológico (Filho, 2013). Esse método irá excluir, ou segregar indivíduos que serão considerados como incapacitados de uma determinada prática esportiva, e será a base do treino dos atletas para o alto rendimento no esporte contemporâneo.

Dentre os aparelhos alienatórios, estava presente a construção de ídolos através da mídia. Utilizou-se para atingir ideais como os de meritocracia, dramatizando e idealizando o esforço nas trajetórias dos ídolos de origem humilde. João do Pulo, Pelé e Sócrates são exemplos dessa utilização estatal e midiática. O que segundo Filho (2013), mascarava a estratificação de classes sociais e ocultava os conflitos políticos, era o que estava na mídia para comover a população, no lugar dos conflitos políticos existentes.

No fim da Guerra Fria os esportes, incluindo a ginástica, deixam de ter caráter primordialmente político, passando a incorporar características mercadológicas do liberalismo.

Esporte Contemporâneo

Da Primeira Guerra Mundial até o fim da Guerra Fria o esporte e a sua espetacularização eram utilizados com objetivos políticos de comparação de desempenhos entre as nações. Segundo Proni (2008: 19), a sua transição para o esporte contemporâneo era um fator evidente, no qual:

Não há como contestar que, no início dos anos 1990, superados os desentendimentos políticos e ideológicos (que em edições anteriores haviam causado uma série de ausências) e minimizados os impedimentos quanto à participação de atletas profissionais, os Jogos de Barcelona selaram a definitiva transformação das Olimpíadas num mega espetáculo dirigido pela lógica do mercado e segundo os interesses do mundo dos negócios.

O esporte contemporâneo se insere em um contexto neoliberal que transmite valores ligados à meritocracia e a competitividade mercadológica. A mercantilização das práticas, dos produtos e dos espetáculos; a espetacularização dos eventos esportivos; e a criação de ídolos como produtos do mercado são características desse momento (Marques; Gutierrez; Montagner, 2009). De acordo com os autores, as instituições que não se adequam a perspectiva de mercado são distanciadas do ambiente de alto rendimento, ou são fechadas. A democratização dos esportes e da ginástica fica restrita no contexto mercadológico brasileiro.

O crescimento do esporte de alto rendimento provém da sua espetacularização, o que influencia na sua massificação e promove a comercialização das práticas esportivas e dos produtos, tidos como imprescindíveis para as práticas. No futebol, por exemplo, diminuiu-se o número de campos de várzea, e aumentou-se a quantidade de escolinhas de futebol (Marques; Gutierrez; Montagner, 2009). Escolinhas essas que

forneem, de acordo com o mercado, os produtos e técnicas necessárias para o desempenho esportivo.

O método tecnicista, utilizado na ditadura militar, entra no treinamento esportivo com a finalidade de buscar novos talentos para a os esportes, em uma visão, agora, mais mercadológica, segregando pessoas, consideradas como não aptas para o alto rendimento. Segundo Marques, Gutierrez, e Montagner (2009). Esses atletas serão usados por patrocinadores e pela mídia para venda de seus produtos, o que esclarece o objetivo de lucrar com eles. Outdoors nas competições, marcas estampadas nos materiais esportivos e propagandas com os nomes dos atletas na mídia são meios de utilizar o esporte e os atletas para o lucro.

De acordo com Oliveira e Nunomura (2012), a ginástica atual possui grande abrangência, que passa por objetivos estéticos, competitivos, demonstrativos, educacionais e reabilitadores. Esses tipos de ginástica serão compostos para atender as necessidades socioculturais, sendo vinculados às relações de trabalho, de competição, de saúde e de estética.

A indústria cultural fornece padrões de beleza a serem seguidos através da mídia, sendo corpos relacionados à saúde e a beleza: “o músculo se tornou um rótulo de vigor no qual o invólucro corporal transparece saúde” (Oliveira; Nunomura, 2012: 10). Suplementos, academias e dietas fazem parte do mercado ao redor do meio cultural da ginástica.

A vertente esportiva olímpica da ginástica competitiva é pautada na perfeição dos movimentos e nos recordes, sendo necessário desenvolver atletas específicos o mais cedo possível para se ganhar títulos e desenvolver técnicas que atrairão a atenção do público. Tsukamoto e Nunomura (2005) esclarecem esse cenário, pesquisando sobre os métodos de ensino da ginástica artística que são utilizados nos clubes. De acordo com as respostas de alguns clubes, é observado que as práticas recomendadas pelos autores na iniciação esportiva da ginástica, como a multivariada e os programas gerais, por exemplo, não são utilizados em virtude da impopularidade pelos pais dos alunos e pela pressão, por estes, de práticas mais específicas.

Observa-se que a cultura de especialização precoce, e a cultura de corpo belo e saudável se enraizaram no país. Esses fatores determinaram a adequação dos clubes ao mercado, em uma lógica de demanda e oferta. Existem movimentos de ginástica e meios educacionais, paralelos ao campo mercadológico, que proporcionam meios acessíveis e democratizados para a sua prática, como exemplo, Oliveira e Nunomura (2012) citam o movimento de Ginástica Para Todos e Nunomura (1998) esclarece o método educacional da ginástica. Ambos possuem elementos que disponibilizam o prazer da vivência na ginástica para qualquer faixa etária, etnia, condição social, condição biológica e gênero.

Podemos perceber que a ginástica teve influencia na educação física brasileira e nos seus métodos de ensino. Atualmente, a ginástica abrange diversas manifestações na sociedade, o que em grande parte estão ligadas ao mercado. As vertentes de democratização da ginástica aparecem como uma forma de possibilitar a vivência de sua prática.

Considerações Finais

Observamos que a ginástica se adaptou a cada momento histórico do Brasil e foi utilizada como uma arma político-ideológica em situações diferentes, para o Estado e para os donos dos meios de produção. A sua prática sistematizada tomou formas especiais após o período de urbanização e industrialização. Os seus métodos, decorrentes do Movimento Ginástico Europeu, serviram de base para a implantação da ginástica nas escolas, no exército e na sociedade civil.

Estereotipou-se o comportamento social e étnico, masculino e feminino por meio de ideais Higienistas e Eugenistas. Os quais delimitaram o papel da mulher na sociedade, e o lugar de algumas etnias no país. O que pode ser uma das influencias para os conflitos atuais de gênero e de etnia nos esportes e na sociedade.

O ensino neutro, irreflexivo, voltado ao desenvolvimento biológico do humano em seu caráter a-histórico se enraizou no país, o que serviu de base

para a Educação Física ao longo da história, encontrando seus vestígios na contemporaneidade em ensinamentos tecnicistas, por exemplo. .

Atualmente, a ginástica seguiu, em grande parte, a ordem mercadológica e competitiva. A adequação dos clubes, academias, atletas, produtos, competições e escolas ao mercado pode ser um fator que influenciou o seu caráter adaptado ao capital. Os ensinamentos que especializam precocemente as crianças na ginástica competitiva são restritos ao mundo das vitórias e do sucesso, os quais são relacionados à ascensão e prestígio social por meio do esporte.

No contexto de especialização e mercantilização, o acesso à ginástica fica restrito às pessoas que podem pagar por uma academia, clube, ou produto, e às crianças que têm idade potencial para especialização. Por isso, ambos os fatores podem se tornar barreiras para sua democratização.

Em paralelo a isso, existem movimentos e meios de se educar que fomentam a acessibilidade e a democratização da ginástica. Vale ressaltar que, além da democratização, a vivência da prática educacional da ginástica pode proporcionar um aumento no desempenho motor, psíquico e social da pessoa, como citado em Nunomura (1998). São movimentos e métodos interessantes para se trabalhar com a ginástica, tanto no campo mercadológico, como nas esferas governamentais e filantrópicas.

O caráter militar e médico da Educação Física e da ginástica no Brasil foi impulsionado através das relações com essas instituições na sua gênese. Primeiro, com o Higienismo, com características científicas e médicas, e depois com o seu uso para o fortalecimento do exército nacional.

Por fim, a Educação física se relacionou com a ginástica em seus diferentes contextos, no Brasil, desde o Império até a contemporaneidade. Os métodos ginásticos foram utilizados por ela em seus diferentes períodos históricos, se moldando nas escolas de acordo com a estrutura social e política.

Agradecimentos

À prof. Dr. Myrian Nunomura e ao prof. Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques, por me orientar e fornecer referências importantes para o artigo.

Referências

- FILHO, L. C. (2013). Educação física no Brasil: A história que não se conta. Campinas, SP: Papirus.
- GUTIERREZ, G.L.; MARQUES, R. F. R.; MONTAGNER, P. C. (2009). Novas configurações socioeconômicas do esporte contemporâneo. *Revista da Educação Física/UEM, Maringá*, v. 20, n. 4, p. 637-648, 4. trim. 2009.
- JÚNIOR, E. G. (2013). Ginástica, higiene e eugenia no projeto de nação brasileira: Rio de Janeiro, século XIX e início do século XX. *Revista Movimento*, vol. 19, núm. 1, janeiro-março, 2013, pp. 139-159.
- NUNOMURA, M. (1998). Ginástica educacional ou ginástica olímpica. *Revista Motriz - Volume 4, Número 1, Junho/1998*
- NUNOMURA, M.; OLIVEIRA, M. S. (2012). A produção histórica em ginástica. *Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas*, c. 10, n. Especial, p.80-97, dez. 2012.
- NUNOMURA, M.; TSUKAMOTO, M. H. C. (2005). Iniciação esportiva e infância: um olhar sobre a ginástica artística. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas*, v. 26, n. 3, p. 159-176, maio 2005.
- PRONI, M. W. (2008). A Reinvenção dos Jogos Olímpicos: um projeto de marketing. *Revista Esporte e Sociedade*, ano 3, n9, Jul.2008/Out.2008.
- RAMOS, J. J. (1983). Os exercícios físicos na história e na arte: Do homem primitivo aos nossos dias. São Paulo, SP: Ibrasa.
- SILVA, C. L. B; MELO, V. A. (2011). Fabricando o soldado, forjando o cidadão: o doutor Eduardo Augusto Pereira de Abreu, a Guerra do Paraguai e a educação física no Brasil. *Revista História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, vol. 18, núm. 2, abril-junho, 2011, pp. 337-353.
- SOARES, C. L. (2007). Educação física: raízes europeias e Brasil. Campinas, SP: Autores Associados.
- WISEMAN, E. (1978). The process of learning in Gymnastics. In: *Journal of Physical Education and Recreation*, v. 49, n. 7, p. 44-47, 1978.

COMPRENDIENDO EL SURGIMIENTO DE LOS CLUBES DEPORTIVOS CHILENOS DESDE UNA PERSPECTIVA SOCIO- HISTÓRICA

Carlos Matus Castillo

Universidad Católica de la Santísima Concepción (Chile)

Anna Vilanova Soler

Universitat de Barcelona (España)

Núria Puig Barata

Universitat de Barcelona (España)

Jorge Vidal Bueno

Universidad Academia de Humanismo Cristiano (Chile)

Resumen

Introducción: Una manera de entender el deporte moderno y su tejido social, como un sistema abierto (Puig y Heinemann, 1991), es conociendo su asociatividad, desde una perspectiva histórica, social y cultural (Pujadas, Santacana, 2003). Existe evidencia de que las organizaciones deportivas reflejan las características de cada época (Moreno, 1993; Puig, García, López, 1999; Secretaria General de l'Esport, 2010; Oviedo, Zarpellon, 2012; Koski, 2012; Kay, 2013; Krüger, 2013; Frydenberg, Daskal, Torres, 2013). En Chile, existen pocas evidencias que hayan estudiado a estas organizaciones desde dimensiones históricas y/o sociales. En este marco surge este trabajo, que contiene enfoques cuantitativos y cualitativos que confluyen e intentan explicar cómo el surgimiento de los clubes se ha visto influenciado por el desarrollo de la sociedad de dicho país. El objetivo de la investigación fue identificar y describir las fases de la asociatividad deportiva chilena a través de sus clubes deportivos, desde una perspectiva histórico-social. Método: Este trabajo surge de un estudio realizado el año 2013 en la región del Biobío, Chile (Matus, 2015). Participaron 150 clubes deportivos no profesionales,

seleccionados aleatoriamente (margen de error 5.9% y nivel de confianza 95.0%). Muestreo proporcional, por estratos (provincia) y con afijación proporcional. Se aplicó un cuestionario estandarizado a los presidentes de los clubes. Para el estudio se empleó el año de fundación del club. Para el análisis de datos se utilizaron como técnicas: la frecuencias (años de fundación) y el análisis documental, lo cual permitió establecer un correlato entre el surgimiento de los clubes y los contextos socio-históricos de ese país. Ello derivó en una propuesta de etapas del asociacionismo deportivo chileno. Resultados: la relación entre el año de fundación de los clubes y los contextos socio-históricos, permitió identificar y describir seis etapas, las cuales abarcan desde los orígenes de estas organizaciones hasta nuestros tiempos. Las etapas identificadas fueron: 1) Influencia inglesa y los primeros clubes (3,5% hasta el año 1924): caracterizada por la llegada de inmigrantes y la aparición de clubes; 2) Surgimiento de otras organizaciones y diversificación (0,7% desde 1925 a 1938): emergen las asociaciones y federaciones; aparecen otros deportes; surge el nivel competitivo; se populariza el deporte; 3) Crecimiento del número de clubes (14,8% desde 1939 a 1973): apoyo estatal al deporte; creación de instituciones públicas deportivas; consolidación democrática; 4) Limitaciones y control (2,8% desde 1974 a 1990): reducción del número de clubes; intervenciones y pérdida de autonomía en organizaciones de la sociedad civil; dictadura de Pinochet; 5) Reconstrucción de la sociedad civil (10,6% desde 1991 a 2000): iniciativas para fortalecer la sociedad civil; se fortifica la institucionalidad pública deportiva; aumenta el gasto fiscal para deporte; 6) La consolidación (67,6% desde 2001 a 2012): nuevas normativas y políticas para el deporte y sus organizaciones; aumentan las subvenciones; se crea un registro nacional de organizaciones deportivas. Conclusiones: El contexto en el que surgen los clubes deportivos chilenos, se relaciona con la dinámica social de cada época. Esto coincide con elementos propios de la sociedad imperante en aquellos periodos, siendo estos, influyentes en el desarrollo del asociacionismo deportivo.

Palabras clave: Club deportivo; sociedad; Chile; historia; asociatividad

Referencias:

FRYDENBERG, J., DASKAL, R., TORRES, C. (2013). Sports Clubs with Football in Argentina: Conflicts, Debates and Continuities. **The International Journal of the History of Sport**, 14(30), 1670-1686. <https://doi.org/10.1080/09523367.2013.831840>

KAY, J. (2013). 'Maintaining the Traditions of British Sport'? The Private Sports Club in the Twentieth Century. **The International Journal of the History of Sport**, 14(30), 1655-1669. <https://doi.org/10.1080/09523367.2013.831839>

KOSKI, P. (2012). Finnish sports club as a mirror of society. **International Journal of Sport Policy and Politics**, 2(4), 257-275. <https://doi.org/10.1080/19406940.2012.656852>

KRÜGER, M. (2013). The History of German Sports Clubs: Between Integration and Emigration. **The International Journal of the History of Sport**, 14(30), 1586-1603. <https://doi.org/10.1080/09523367.2013.822862>

MATUS, C. (2015). **La situación de los clubes deportivos chilenos. El caso de la región del Biobío**. Tesis doctoral. Barcelona: Universidad de Barcelona - INEFC Barcelona.

MORENO, A. (1993). El asociacionismo deportivo en España. **Revista Apunts. Educación Física y Deportes**, 33, 58-63.

OVIEDO, T., ZARPELLON, J. (2012). O abrasileiramento do clube de remo dos italianos em Porto Alegre nas décadas de 1930-1940. **Revista Movimento**, 3(18), 51-71

PUIG, N., GARCÍA, O., LÓPEZ, C. (1999). Clubs deportivos en España. En **Participación deportiva: perspectiva ambiental y organizacional** (pp. 53-81). Madrid: Consejo Superior de Deportes.

PUIG, N., HEINEMANN, K. (1991). El deporte en la perspectiva del año 2000. **Papers. Revista de Sociología**, (38), 123-141. <https://doi.org/10.5565/rev/papers/v38n0.1613>

PUJADAS, X., SANTACANA, C. (2003). El club deportivo como marco de sociabilidad en España. Una visión histórica (1850-1975). **Revista Española de Historia. Hispania**, 214(63), 505-522. <https://doi.org/10.3989/hispania.2003.v63.i214.222>

SECRETARIA GENERAL DE L'ESPORT. (2010). **Els clubs esportius a Catalunya**. Barcelona.

**ENTRE AS BRINCADEIRAS E OS ESPORTES:
DIVERTIMENTOS NOS RIOS DA CIDADE DE SÃO PAULO
(1899-1940)**

Daniele Medeiros
Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

Resumo

Os rios do Estado de São Paulo, no período aqui recortado, foram palco de inúmeros divertimentos que se realizavam ao lado de outras práticas. Esta pesquisa tem como objetivo analisar as transformações ocorridas no âmbito dos divertimentos que culminaram na consolidação do esporte moderno, sobretudo, a partir do surgimento de clubes e competições esportivas à beira dos rios. Nossa pesquisa examina os clubes paulistas que foram construídos às margens dos rios Pinheiros e Tietê.

As primeiras décadas do século XX marcaram um período de intensas transformações na cidade de São Paulo, que buscava se modernizar (SEVCENKO, 1992). Esta modernização não se deu só no âmbito da malha urbana: um sem número de costumes e modos de divertimentos foram importados da Europa e incorporados ao cotidiano paulistano. Em meio a estes elementos, encontrava-se o esporte.

Símbolo de um modo de vida urbano e republicano, o esporte serviria bem aos intentos de uma sociedade brasileira que pretendia se inserir na modernidade. Em países como Inglaterra, França e Estados Unidos, a estruturação do esporte moderno se ligou a elementos como a nova dinâmica dos tempos sociais, o crescimento das cidades, as relações com o corpo, as novas formas de lidar com o tempo (GUTMANN, 2004). Guardando algumas dessas características, os esportes foram incorporados ao cenário das cidades brasileiras desde fins do século XIX, assegurando-se, é claro, as tensões provenientes dos novos sentidos e significados atrelados a esta prática (GOIS JR, 2013).

Nesse ínterim, diversos clubes foram nascendo nas margens dos rios aqui estudados, permitindo a difusão dos esportes. Em 1899 foi fundado o “Clube Espéria”, o primeiro às margens do rio Tietê. Depois disso, ao longo das primeiras décadas do século XX, inúmeros clubes foram se instalando às margens desses rios, especialmente ligados à prática do remo e da natação. Assim, práticas outrora realizadas, como piqueniques, festas, passeios, nado, transporte, tiveram seus sentidos alterados e redimensionados.

É desse universo, dos divertimentos, clubes e práticas esportivas nos rios que se ocupa essa pesquisa, tomando como fontes principais: Atas, documentos e registros dos clubes esportivos; Legislação sobre os rios; Jornais “Gazeta Esportiva” e “Correio Paulistano”; Revistas “Educação Physica”; “Sports”, além de imagens tais como fotografias, pinturas e publicidade presentes nos acervos pesquisados, especialmente os acervos dos clubes aqui analisados.

Palavras-chave: *história do esporte; rios paulistanos; natureza; divertimentos; clubes esportivos.*

Referências:

GÓIS JUNIOR, Edivaldo. O Esporte e a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX. **Movimento** (UFRGS. Impresso), v. 19, p. 95-117, 2013.

GUTTMANN, Allen. **From ritual to record**. New York: Columbia University Press, 2004.

SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metropole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1992.

PRODUÇÃO HISTÓRICA NA REVISTA DA EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE MARINGÁ (UEM)

João Gabriel Alvarenga da Silva
Instituto Federal do Sul de Minas Gerais (Brasil)

Amanda Cristina de Castro
Instituto Federal do Sul de Minas Gerais (Brasil)

Mateus Camargo Pereira
Instituto Federal do Sul de Minas Gerais (Brasil)

Resumo

A Revista da Educação Física (UEM) é uma das mais antigas revistas da área, e um dos principais meios de divulgação científica da área, obtendo a qualificação Qualis B1 na última avaliação realizada pela CAPES (2013-2016). A publicação é feita de forma contínua pelo Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá-UEM e contempla artigos das áreas sociocultural, biodinâmica, comportamental e pedagógica. Dada a importância e escopo da revista buscou-se, por meio deste estudo, identificar as características dos artigos sobre História da Educação Física e Esporte publicados na UEM durante os anos de 2010 e 2018, considerando a quantidade de artigos por ano, autores e instituições de origem e recortes temáticos. Espera-se analisar a produção da comunidade disciplinar (GOODSON, 1993) a partir do periódico selecionado, compreendendo como tem ocupado o espaço no interior da Revista. Trata-se de uma pesquisa exploratória e bibliográfica (GIL, 2007). Foram encontrados os seguintes resultados: 1) Entre 2010 e 2018 foram publicados 24 artigos sobre a História da Educação Física e Esporte, sendo 4 em 2010, 4 em 2011, 3 em 2012, 2 em 2013, 2 em 2014, 2 em 2015, 2 em 2016, 4 em 2017 e 1 em 2018 (somente 1ª edição do ano); 2) Os autores e co-autores mais publicados foram Mazo (UFRGS) com 7 artigos; Schneider, Santos e Ferreira Neto (UFES), com 4 artigos; Eller e Bruschi (UFES), com 3 artigos; Silva, Pereira e Assmann

(UFRGS), Góis Junior (UNICAMP), Capraro (UFPR) e Costa (UGF-RJ), com 2 artigos publicados. Outros 33 autores/co-autores possuem textos na Revista; 3) As instituições de origem dos autores/co-autores são: UFRGS (8 artigos, sendo 1 com a IACS), UFES (5 artigos, sendo 1 em parceria com UFSC), UFRJ (3 artigos, sendo 1 em parceria com UNINOVE), UFPR (3 artigos), UGf-RJ (2 artigos, sendo 1 com a UCB-RJ), Unicamp (1 artigo), Faculdade de SINOP-MT (1 artigo, sendo com UFMT) e USP (1 artigo, sendo em parceria com UFS). 4) Os temas são: a) Educação Física escolar, com 8 artigos; b) Origem e institucionalização do Esporte e História de modalidades, com 3 publicações; c) Futebol, com duas publicações; c) Esporte e construção de identidades, Kung Fu, Lazer, Trabalho Teórico, Eugenia, Esporte e Pan-americanismo, Esporte e mulheres, Esporte e Nacionalismo, com uma publicação cada. Conclui-se que mesmo deixando a desejar pela sua quantidade, os artigos da temática marcam presença na Revista de Educação Física da UEM; em contrapartida, a autoria dos textos tem se concentrado em pouquíssimas instituições e autores, ainda que apresentem alguma diversidade temática; tal constatação indica que os estudos históricos ainda são restritos no interior da educação física considerando a Revista como termômetro. Sua pouca aplicabilidade no mundo do trabalho é uma hipótese explicativa a ser considerada. Cabe a sua comunidade disciplinar a constante divulgação dos seus trabalhos, bem como da sua importância para a qualificação profissional, conforme argumentam Melo (1999) e Goellner (2012).

Palavras-chave: História da Educação Física; Produção Histórica.

Referências:

- GOODSON, I. F. **A Construção Social do Currículo**. Lisboa: Educa, 1997.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GOELLNER, S. V. A importância do conhecimento histórico na formação de professores de educação física e a desconstrução da história no singular. CEFD, Santa Maria. **Kinesis**, v.30, n.1, Jan/Jun 2012. p.37-55.
- MELO, V. A. De. Porque devemos estudar história da educação física/esportes nos cursos de graduação? In Melo, V.A de: **História da educação física e do esporte no brasil: panoramas, perspectivas e propostas**. São Paulo,SP, Ibrasa, 1999.

O TURNEN E A TRAJETÓRIA DE UM GINÁSTA - DEPOIMENTO

Leomar Tesche

Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte

Resumo

Os estudos sobre o desenvolvimento e a organização dos esportes, das Ligas e dos Clubes no RS, não foram estudados na sua totalidade inclusive o Turnen, mas há alguns desses estudos demonstram o interesse dos imigrantes e teuto-brasileiros sobre sua prática. Apresentamos ao longo dos anos pesquisas sobre o mundo imaginário ou não da prática do Turnen e nos eventos da ALESDE socializamos os resultados. Na proposta atual do estudo objetivamos discutir o Turnen e o olhar sobre o mesmo através de depoimento de um ex-atleta o qual relata sua trajetória de vida em torno do Turnen/ginástica. A história oral, como metodologia da pesquisa, nos auxiliou a responder a problemática, ou seja: Como o grupo teuto-brasileiro no sul do Brasil proporciona este olhar social e cultural através dos esportes? Deixamos o entrevistado responde-la na sua memória de vida em torno da prática do Turnen/ginástica entendendo que muitos ao praticaram a modalidade não sabiam do seu significado nacionalista, ideológico e de preservação da identidade e cultura alemã RS. Os autores que dão suporte ao estudo são Meihy (2005), Tesche (1996, 2001, 2011).

Palavras Chave: Turnen, Ginástica, Sociedade, identidade, competição.

BAISEBOL E SOFTBOL: REFLEXÕES SOBRE O RETORNO OLÍMPICO

Gustavo Elias Zaniol

Universidade Federal do Paraná (Brasil)

André Mendes Capraro

Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Resumo

O processo de inclusão do Baisebol e do Softbol no programa olímpico possui uma especificidade que o diferencia do modo como ocorreu a inserção de outras modalidades: ambos já haviam sido esportes olímpicos e fracassaram, por não evidenciarem os seus potenciais globais. Para poder retornar aos Jogos Olímpicos, essas modalidades buscaram algumas reformulações desde esta circunstância, com isso, este estudo tem como objetivo evidenciar possíveis fatores que auxiliaram com que essas modalidades novamente fossem inclusas no programa. Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, por envolver a coleta de informações sobre pessoas, conteúdos midiáticos, eventos, e mundos sociais; documental, por se utilizar de diversas fontes *online*, como notícias, documentos oficiais, e *sites* de confederações; e descritiva, porque buscou identificar padrões e prioridades, condensando as informações em um texto, evidenciando as informações a partir da própria percepção dos pesquisadores. Autores como Bourdieu (1983); Noll (2003); Sauerbronn, e Ayrosa (2004); e Souza e Marchi Junior (2010), foram utilizados

na discussão dos fatores identificados. Concluiu-se que a nova estruturação destas modalidades, juntas em uma única Confederação, a sua popularização no Japão, país que sediará as Olimpíadas de 2020, e sua influência sobre diversos produtos esportivos, como a venda de ingressos, concessões, transmissões, direitos de nomeação de estádios, entre outros tipos de fontes de receitas para as equipes, podem ter exercido forte influência neste retorno.

Palavras-chave: *Baseball, Softball, Olimpíadas.*

Referências

AYROSA, Eduardo AT; SAUERBRONN, João Felipe R. Uma introdução ao uso de métodos qualitativos de pesquisa em comportamento do consumidor. **Pesquisa qualitativa em Administração**, v. 2, 2004.

BOURDIEU, Pierre. The field of cultural production, or: The economic world reversed. **Poetics**, v. 12, n. 4-5, p. 311-356, 1983.

COAKLEY, Jay. *Sports in Society: Issues and Controversies (Eleventh Edition)*. **New York: McGraw-Hill Education**, 2014, 697 str.

NOLL, Roger G. The economics of baseball contraction. **Journal of Sports Economics**, v. 4, n. 4, p. 367-388, 2003.

SOUZA, Juliano de; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Por uma sociologia reflexiva do esporte: considerações teórico-metodológicas a partir da obra de Pierre Bourdieu. **Movimento**, v. 16, n. 1, 2010.

O CICLISMO DE ESTRADA COMO UMA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: UM OLHAR SOBRE O TOUR DE FRANCE

Priscila Lessa

Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Marcelo Moraes e Silva

Universidade Federal do Paraná (Brasil)

Resumo

A bicicleta surgiu no contexto europeu do século XIX. No início do século XX o andar de bicicleta adquiriu um significado que transcendeu o conceito de passeio e divertimento. O ciclismo transformou-se também em uma atividade competitiva e desafiadora. Para consolidar o ciclismo de estrada como um dos esportes mais exigentes do mundo uma grande corrida foi criada na França, o Tour de France, que uniu em um único evento o ciclismo e a cultura nacionalista e patriótica dos franceses. Assim, o presente trabalho lançou um olhar sobre a beleza estética do ciclismo e de seus pilotos inseridos no contexto do Tour de France. O material selecionado para a construção do presente trabalho se baseia em documentos sobre o ciclismo de estrada. Num primeiro bloco se encontram materiais bibliográficos sobre a história do ciclismo de estrada. Já o segundo grupo refere-se às obras, especialmente da literatura francesa, que discutem sobre a importância histórica e sobre o simbolismo do Tour de France para a constituição da França moderna. Por fim foi utilizado um material ilustrado sobre os mais de cem anos da corrida que reforçam a perspectiva estética da análise. Ainda, a literatura francesa sobre o Tour de France explora o enaltecimento do território francês a partir da construção das rotas das corridas desde sua origem, em 1903. Assim, as narrativas sobre os caminhos do Tour se transformam também em importantes elementos estéticos. Uma seleção de vídeo profissionais e amadores das etapas do Tour de France completou o conjunto de fontes. Todas as descrições feitas nas obras bibliográficas e biográficas foram cruzadas com as fontes áudio visuais e iconográficas. Para desenvolver a argumentação do

tema retoma-se a importância histórica e cultural do Tour de France para os franceses e as simbologias criadas em torno do evento e dos seus corredores ao longo do século XX. Toma-se como de grande importância os eventos que marcaram a história da França, notadamente a partir Terceira República, e tiveram peso determinante na construção do nacionalismo francês e da valorização cultural e histórica do seu território. A título de conclusão a pesquisa aponta que a constituição histórica ligada ao nacionalismo francês, relacionado ao interesse sobre a construção da história cultural da França pelo Tour de France foram os elementos significativos na construção de uma representação estética no desse evento esportivo.

Palavras-chave: Tour de France; Ciclismo de Estrada; Estética.

Referências:

- GUMBRECHT, H. U. (2005). Elogio da beleza atlética. São Paulo: Companhia das Letras.
- HOBSBAWM, E. J. (1990). Nações e nacionalismo desde 1870: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- LE BRETON, D. (2013). Antropologia da dor. São Paulo: Fap-Unifest.
- VIGARELLO, G. (2005). Corrigir el Cuerpo. Historia de un Poder Pedagógico. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión.

COPA DO MUNDO DE 1938: UMA HISTÓRIA DE IDENTIDADE

Harian Pires Braga

Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

Heloisa Helena Baldy dos Reis

Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

Resumo

As Copas do Mundo FIFA são promissoras na construção de discursos identitários l, especialmente no Brasil, em que há ideia disseminada de que a prática desse esporte é singular ao país. Assim, elementos como “futebol arte”, malandragem e mestiçagem aparecem na história do futebol brasileiro como baluartes intocáveis. Apesar de uma possível interpretação imemorial dessas práticas, de certa naturalidade intrínseca, deve-se pensar a historicidade da prática e seus conteúdos simbólicos, com atenção especial às dinâmicas próprias, nas palavras de Bourdieu, do Campo Esportivo. Este trabalho, decorrente da dissertação de mestrado defendida na FEF/UNICAMP, traz a discussão identitária sob a participação brasileira na Copa do Mundo FIFA de 1938, na França, em que a Seleção Nacional obtém o inédito terceiro lugar no mundial. Além do resultado esportivo, extremamente significativo, evidencia-se o momento histórico de forte nacionalismo, com o Estado Novo e a construção imagética de unidade nacional, bem como a efervescência de novas análises sociais, especialmente de Gilberto Freire, em que a mestiçagem, outrora vista como negativa, passa a ser tratada como positivamente. Ao trabalhar com os jornais do Grupo Folha da época é possível perceber a grande atenção dada ao evento, com cobertura diária na incipiente seção de esportes. Essa cobertura, diferente do que ocorrerá em outras edições, é por informações estrangeiras, especialmente pelos canais de

notícias franceses, que não se cansam de elogiar o estilo plástico do jogo brasileiro, evidenciando uma história contada sobre Nós a partir do olhar do Outro. A leitura dos jornais nos dois meses que antecederam ao evento e durante a realização trazem também uma informação importante: a imagem do talento inato, da magia natural de jogar futebol, discurso recorrente ao falar do esporte no Brasil, convivia com rotinas de treinamento, denotando atenção especial a uma materialidade não condizente ao local comum de talento inato. A leitura dessas fontes primárias permitiu vislumbrar uma construção identitária em que há espaços de esquecimento, gerando tensões sobre a memória, o que por vezes coloca em cheque o discurso de um futebol arte intrínseco ao Brasil, bem como denota grande riqueza no processo de construção identitária

Palavras chaves: futebol - identidade nacional - Copa do Mundo

Referencias:

- ANDERSON, B.(2008). **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Cia das Letras.
- BOURDIEU, P. (1983). Como se pode ser esportivo? In: **Questões de Sociologia**. Trad. Jeni Avantesma. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- DAMO, A. S.(2007). **Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed. ANPOCS.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. (1992). **A busca da excitação**. Tradução: Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel.
- HALL, S. (2006) **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora.
- HOBSBAWM, E. & RANGER, T. (2012). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- LEITE, D. M. (1983). **O caráter nacional brasileiro**. São Paulo: Pioneira.
- RODRIGUES FILHO, M (2003). **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad.
- SOARES, A. J. (1999). História e a invenção das tradições no futebol brasileiro. **Revista Estudos Históricos**, São Paulo, n. 23, v. 13, p 119-146.

RAÇA, CLASSE E PODER: O FUTEBOL EM SÃO PAULO E RIO CLARO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.

Pedro de Castro Picelli

Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

Gabriela Marta Marques de Oliveira

Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

Resumo

No início do século XX as elites paulistanas tentavam novas formas de ampliação de seu poder para além do econômico, e buscaram nos clubes de futebol a expansão das relações patronais que tinham com as classes populares. Nos clubes do interior do estado de São Paulo, a forma mais visível de tentativa de concentração de poder foi a seleção de atletas a partir do critério racial pelos times. Em ambos os casos, a maneira como isso se deu assemelhava-se às relações escravistas, uma vez que se criava dependência entre jogador e clube/dirigentes e se livrar dessa relação poderia ser difícil para o atleta dos clubes da capital, pois ele estava vinculado ao clube pelo

“passe”. No interior, a situação era outra, pois as equipes não executavam o exercício de “compra” da atividade do jogador. A proposta de trabalho consiste na discussão comparativa a partir de alguns clubes de São Paulo e Rio Claro-SP sobre as formas sociais e estratégias de confinamento do poder segundo a prática do futebol no início do século XX. Nossa hipótese é que após a popularização do jogo houve uma preferência dos membros das classes dominantes em ocuparem postos de administração nos clubes, ao passo que os membros das classes baixas estiveram nos postos de jogadores. A argumentação partirá da análise da origem de representantes de alguns times da capital paulista e de Rio Claro entre as décadas de 1930-1960, apontando diferenças e similitudes nos processos, sendo centrais os critérios de raça e classe.

Palavras chave: Futebol; São Paulo; Rio Claro

Referências Bibliográficas:

BILAC, M.B. Bianchini. (2011). **As elites políticas de Rio Claro**. Piracicaba; Campinas, SP: UNIMEP: UNICAMP.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. (1987). **A vida fora das fábricas: Cotidiano Operário em São Paulo (1920/1934)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GAMBETA, Wilson. (2015). **A bola rolou: O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol 1895-1916**. São Paulo: SESI -SP editora.

GARCIA, Liliana B.R. (1992). **Rio Claro e as oficinas da Companhia Paulista de Estrada de Ferro: trabalho e vida operária, 1930-1940**. Tese de Doutorado em História. Campinas, UNICAMP.

GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Morais (Org.). (2015). **Olhares para a profissionalização do futebol: Análises Plurais**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco

MATTOS, Hebe. (2013) **Das cores do silêncio**; Campinas,SP: Editora Unicamp;

PEREIRA, Flavia A. de Souza. (2008). **Organizações e espaços da raça no oeste paulista: movimento negro e poder local em Rio Claro**. Tese de Doutorado em Sociologia. São Carlos, UFSCAR.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (2000). **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**.

SILVA, Diana Mendes Machado da. (2016). **Futebol de Várzea em São Paulo: A Associação Atlética Anhanguera (1928-1940)**. São Paulo: Alameda.

STREAPCO, João Paulo França. (2016). **Cego é aquele que só vê a bola: o futebol Paulistano e a Formação de Corinthians, Palmeiras e São Paulo.** São Paulo: Edusp.

OLHAR SÓCIO CULTURAL DAS APRESENTAÇÕES DE GINÁSTICA DE GRANDE ÁREA REALIZADAS NO SLET 2018.

Fabiano Bragantini Mastrodi
Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

Resumo

O Slet é um festival de ginástica de grande área que acontece desde 1918 na República Tcheca e é organizado por uma instituição chamada Sokol (SITE DO EVENTO) que estimula a prática de atividades físicas e participação de seus integrantes, possui mais de 1200 unidades espalhadas por diferentes países ao redor do mundo e em julho de 2018 foi realizada a comemoração do centenário do Slet. Existe no país uma cultura esportiva, em especial ao Esporte para Todos (EPT), no qual a Ginástica para Todos (GPT) (PAOLIELLO, 2008) se inclui. Nesse sentido, a participação popular, incluindo a iniciativa privada e o poder público é muito presente e perceptível aos olhos de todos, pois restaurantes, museus, hotéis e hostels ofereceram descontos para os participantes inscritos no evento e os transportes públicos de ônibus e metrô eram gratuitos para os participantes do evento ao apresentar a credencial de inscrição. Nesse ano o evento contou com aproximadamente 12.000 ginastas inscritos (SITE DO EVENTO) e que tiveram oportunidade de se apresentar em diferentes espaços. Algumas apresentações de ginástica, com grupos menores, foram distribuídas pela cidade de Praga em dois palcos montados em diferentes praças públicas e também em um palco montado no shopping da cidade. O evento teve duração de 7 dias e a população pode ter contato com grupos nacionais e internacionais. Pude observar que a população local se apropriou do evento e no primeiro dia foi realizado um desfile pelas principais ruas de Praga e todos os ginastas se apresentaram para um palco montado na praça principal da cidade para as autoridades públicas locais e representantes da organização. As apresentações de grande área aconteceram em dois dias e foram distribuídas em dois períodos, um dia no período da

tarde e no outro dia no período da noite. Muitos dos pequenos grupos que se apresentaram nos pequenos palcos espalhados pela cidade fizeram parte da coreografia de grande área. E assim aconteceu com muitos pequenos grupos independentes que receberam um vídeo com os movimentos coreográficos da coreografia de grande área. Ensaïaram separadamente durante aproximadamente um ano e na semana do festival os grupos se encontraram para a montagem final da coreografia. Algumas coreográficas contaram com mais de 4500 ginastas que se apresentaram em um grande campo de futebol. Preciso destacar que os movimentos coreográficos eram simples e o efeito coreográfico só era perceptível enquanto inserido no conjunto e observado a distância. Isso implica em o ginasta não ter a percepção do todo e apenas de seu próprio movimento. Nesse sentido acredito que o prazer da prática da ginástica e o sentimento de pertencimento no grupo é o fator estimulante e determinante para a dedicação no processo de construção coreográfica de grande área.

Palavras Chaves: Ginástica, Grupo, Grande área.

Referências Bibliográficas:

História sobre festival Slet 2018 de ginástica de grande área. Visto em 15/07/2018 <https://american-sokol.org/about-us/>

OLIVEIRA, Michelle Ferreira de; TOLEDO, Eliana de. (Orgs.) **Ginástica para Todos -Possibilidades de formação e intervenção**, Editora UEG, Anápolis, 2016.

PAOLIELLO, Elizabeth (Org.), et al. **Ginástica Geral: experiências e reflexões**. 1 ed. Editora Phorte. São Paulo, 2008.

PAOLIELLO, Elizabeth; TOLEDO Eliana; AYOUB Eliana; et al. **Grupo Ginástico Unicamp: 25 Anos**. 1 ed. Editora da Unicamp, Campinas SP, 2014.

TOLEDO, Eliana; TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz; CARBINATTO, Michele Viviene. **Fundamentos da ginástica para todos**. In: NUNOMURA, Mirian. (Org.). Fundamentos da ginástica. 2. ed. Jundiaí: Fontoura, 2016. p. 12-40.

FUTEBOL DE BOTÃO COMO EXPERIÊNCIA DE SUBLIMAÇÃO CIVILIZADORA EM TEMPOS DE COPA DO MUNDO

Osmar Moreira de Souza Júnior

Universidade Federal de São Carlos (Brasil)

Claudinei Chelles

Universidade Federal de São Carlos (Brasil)

Resumo

No dia da abertura da Copa do Mundo de 2018, realizamos na UFSCar uma reprodução em escala reduzida da competição organizada pela FIFA. Em tempos de licenciamentos de marcas, cada um dos 22 participantes da IV Copa ProFut de Futebol de Botão assumiu o protagonismo por meio da representação de uma das seleções do mundial, exercendo papéis de jogadores, treinadores, locutores e tantos outros que a cultura do futebol de botão possibilita. Tal experiência, revela discursos latentes que mereceriam análises mais cuidadosas e criteriosas pautadas por referenciais psicanalíticos, bem como permitem uma aproximação a partir das teorias sociológicas - que em alguns casos encontram-se imbricados com os ditos referenciais - como é o caso da Teoria do Processo Civilizador de Norbert Elias. Partindo das bases dessa teoria, Elias e Dunning (1992) revelam que o ser humano encontra no esporte uma oportunidade de superar a tendência pacificadora (e rotinizada) experimentada pelas sociedades ocidentais modernas, marcada pelos processos sociais de controle da violência, em especial de suas manifestações públicas. A “tríade dos controles básicos” estabelece o controle sobre os acontecimentos da natureza, sobre as relações sociais e o autocontrole como referências para se medir o grau de civilidade de uma dada sociedade, nesse sentido temos as competições esportivas em formato altamente regulamentado, chegando a se configurar como uma representação simbólica do modo não violento e não militar de competição

entre as nações. Nesse cenário, cabe ainda destacar a importância das regras sociais de caráter civilizatório que se ajustam ao circuito esportivo-competitivo, bem como o autocontrole de seus participantes. Nessa configuração, a prática esportiva assume a condição de uma experiência de sublimação tanto para os praticantes como para os espectadores pois não seriam aceitos publicamente em sociedades (especialmente ocidentais) com os contornos civilizatórios contemporâneos. Uma aproximação dessa perspectiva de análise nos permitiu identificar que o futebol de botão se revela para esses participantes como uma experiência de uma espécie de “sublimação da sublimação”, na medida em que além de trazer o futebol como objeto de sublimação das pulsões, traz sua representação pelo jogo de botões. Sobre os motivos que os levariam a gostar de jogar futebol de botão, um dos jogadores afirma “eu jogo futebol de botão pois me lembra da infância!”. Já outro participante demonstra o distanciamento dos significados do jogo para os níveis de consciência ao admitir: “não sei! Acho que é porque eu gosto!”. Assim, a sensação de prazer associada ao jogo e à participação no torneio escapam à consciência e às explicações racionais e pode ser apreendida pelo inconsciente. Consideramos que o futebol de botão potencialmente constitui-se como uma experiência de sublimação de pulsões de morte, no que se refere à agressividade inerente ao sujeito, em especial daquelas ligadas às experiências e sensações de prazer vividas na infância, bem como se configura como uma vivência genuína de exercício do autocontrole em uma situação competitiva com regras de controle social.

Palavras chave: futebol de botão; sublimação; teoria do processo civilizador